

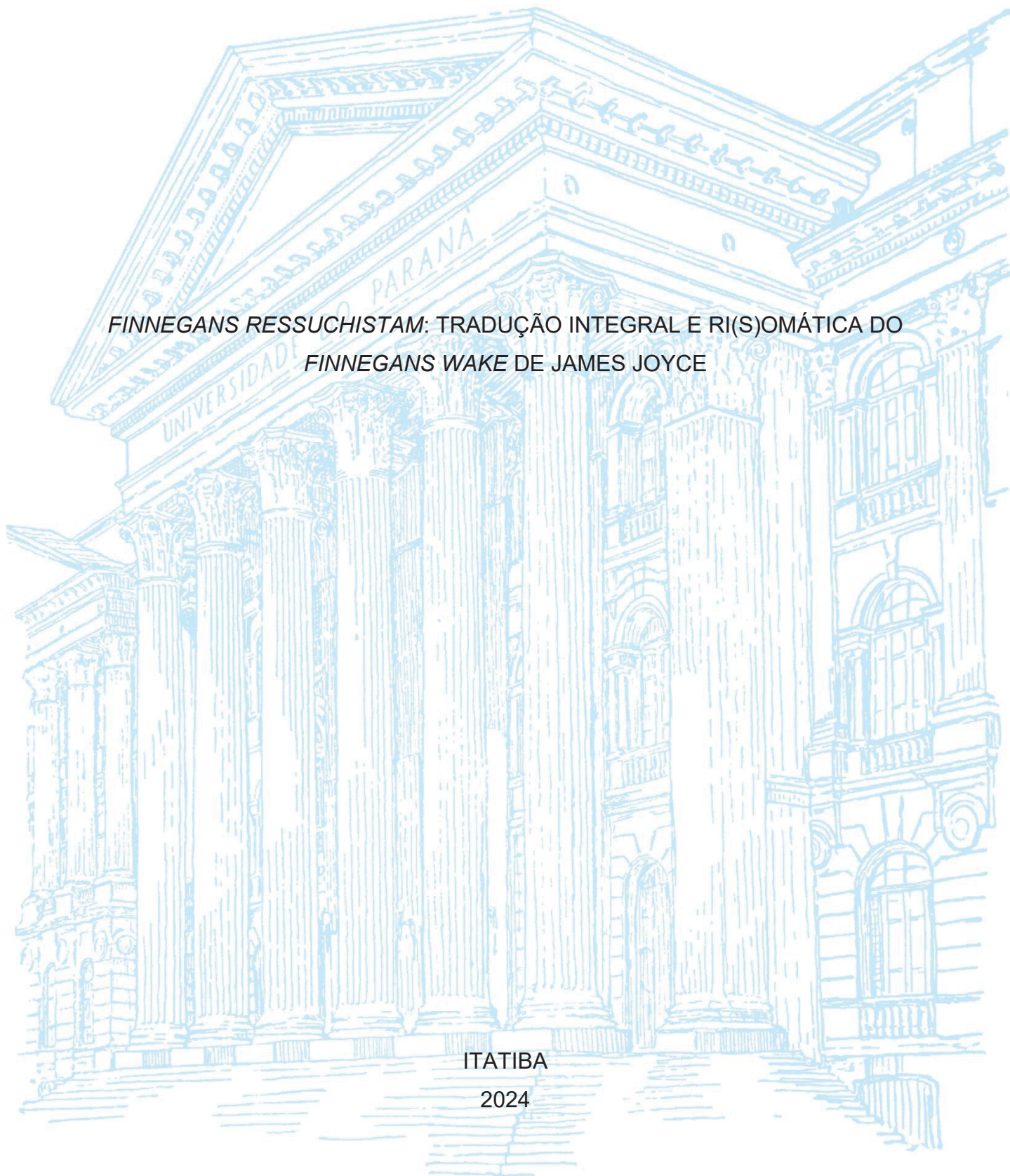
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIS HENRIQUE GARCIA FERREIRA

*FINNEGANS RESSUCHISTAM: TRADUÇÃO INTEGRAL E RI(S)OMÁTICA DO
FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE*

ITATIBA

2024



LUIS HENRIQUE GARCIA FERREIRA

*FINNEGANS RESSUCHISTAM: TRADUÇÃO INTEGRAL E RI(S)OMÁTICA DO
FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE*

Tese de Doutorado apresentada à
Universidade Federal do Paraná, área de
concentração em Estudos Literários,
Programa de Pós-graduação em Letras,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
como requisito parcial à obtenção do título de
Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Caetano Waldrigues
Galindo

ITATIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Ferreira, Luis Henrique Garcia

Finnegans Ressuchistam : tradução integral e ri(s)omática do
Finnegans Wake de James Joyce. / Luis Henrique Garcia Ferreira. –
Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Caetano Waldrigues Galindo.

1. Joyce, James, 1882-1941. 2. Tradução e interpretação.
3. Literatura inglesa. I. Galindo, Caetano Waldrigues, 1973-
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

ATA Nº1303

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE DOUTOR EM LETRAS**

No dia vinte e nove de novembro de dois mil e vinte e quatro às 14:00 horas, na sala Virtual, canal Pós Letras do You Tube - UFPR, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese do doutorando **LUIS HENRIQUE GARCIA FERREIRA**, intitulada: **FINNEGANS RESSUCHISTAM: TRADUÇÃO INTEGRAL E RI(S)OMÁTICA DO FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE**, sob orientação do Prof. Dr. CAETANO WALDRIGUES GALINDO. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: CAETANO WALDRIGUES GALINDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), DIRCE WALTRICK DO AMARANTE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), TARSO DO AMARAL DE SOUZA CRUZ (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO), SÉRGIO LUIZ RODRIGUES MEDEIROS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, CAETANO WALDRIGUES GALINDO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 29 de Novembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

09/12/2024 14:43:00.0

CAETANO WALDRIGUES GALINDO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/12/2024 18:08:33.0

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

09/12/2024 13:09:29.0

TARSO DO AMARAL DE SOUZA CRUZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

17/12/2024 19:49:46.0

SÉRGIO LUIZ RODRIGUES MEDEIROS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LUIS HENRIQUE GARCIA FERREIRA** intitulada: **FINNEGANS RESSUCHISTAM: TRADUÇÃO INTEGRAL E RI(S)OMÁTICA DO FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE**, sob orientação do Prof. Dr. CAETANO WALDRIGUES GALINDO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Novembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

09/12/2024 14:43:00.0

CAETANO WALDRIGUES GALINDO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/12/2024 18:08:33.0

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

09/12/2024 13:09:29.0

TARSO DO AMARAL DE SOUZA CRUZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

17/12/2024 19:49:46.0

SÉRGIO LUIZ RODRIGUES MEDEIROS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

À Música, chave do musicaosmos wakeano, e ao Delta da
(re)transcrição:

riverrun

riotornello correorrio

fluminente riocorrente

rolarriuanna riverão sussuarana

fluidofiume corso del fiume filafiume

río que discurre riverrante correrrio

erre-revie courrive cours de la rivière recouran

AGRADECIMENTOS-TROVÃO

A James Augustine Joyce,
quemedeixoupobre&parangolélédacucamasmuitofelix&semculpa.

À Dirce Waltrick do Amarante, a
AnnaLiviaPluralle&terceiramargemdoRioLiffeynoBrasilcujoinsecávelfluxocriativo
desaguaenriquecedoramentenaságuasdapesquisa&dacriação&datraduçãodoW
akenonossopaís.

A Caetano Waldrigues Galindo,
nossoquerido**HagáCemEgomúltiplo**comoafunção masculinadoWaketantoemsua
smáscarastradutóriasquantoemseustextoscíticosquantoemsuasteatralizaçõesw
akenas&sabesseláoquemaisquiesselaitmotivomidideustápreparandopranoises.

A Mauricio Cardoso Filho,
tradutor&teóricodatraduçãodobalacobacoquiéotipodegentequetodomundosonha
sserquandocrescer.

A Sérgio Medeiros,
umcaragenteboa&criativoquiéfilhodoAPE/ape&paidojardineirodoudo&doenrique
flor&dosexovegetal&dotriopagão&dodesencontrodoscanibais&doscaminhos&do
rio&doAVisualFinnegansWakeontheIslandofBreasil.

A Tarso do Amaral,
umadasmelhorespessoasqueconhecinomeiocriativodacademia&quetraduz&poe
maFinnegansWakecumabaitassencihabilidade.

A Florivaldo Menezes Filho,
quiéotransgressormaisestruturalmenteordeiroqueconheçoalémdefalasserumgra
ndecompositorjoyceano&diestarumaporradadierasàfrentedosseutempo.

A Fabio Akcelrud Durão,
gigantescocríticoliterário&socialquiémaioratéquiaspalavrastrovãodoWake:Fabio

akcelruduradornianomarxistajoyceanallanposcarwideanomusikarlindorientadord
omeumestradodotextoàobra.

À Luana Signorelli Faria da Costa,
minhamelhoramigameuamorminhabaixinhaminhaparceiradecopodevidadeviage
nsdeliteraturadeCorinthiansmeuexemplodecompetência&deinteligênciameupres
ente&meufuturo.

À Minha mãe Maria Emília Garcia,
queliahistóriasdoSidoDistraídoquieomeuprimeroheróiliterário&quandoaspágina
sacabavameupedia mais&elaimprovisavapuxandopr*nonsense*ondieumessentia
feliz&emcasadesdiosmeustemposdepequerruchofuçafuça.

A José Vanderlei Garcia,
meuvelhinhotioquepossuiidadeintelectualdeumacriança&emváriosentidoselié
umfilhocomquemconversotodososdiassobreosmesmosassuntosnuma compulsiv
arrepetiçãon*onsense*bemwakeana.

À Minha falecida avó Maria Aparecida Garcia,
meugrandepilaremocionaldequemganheimuitocafuné&comquemaprendimineirê
snaveia&quessempresteve&aindestácomigo&foiacoesiamaislindaquejáexistiu.

Ao Coletivo Finnegans,
grupodetradutoresdoqualtiveahonradeparticiparnatraduçãocoletivade*Finnegans*
*Wake*intitulada*FinnegansRivolta*quefoivencedoradoprêmiojabutidetraduçãomd
ois mil&vintetrês.

À minha lesão neurológica periférica que,
emboratenhadeixadoaminhamãoesquerdameiobobametornouoficialmenteinapt
oparaotrabalhopelotemponecessárioparaleraobradeJoyce.

À bebida, quemeajudouasseguraessabarraquiégostardevocê, *Wake*.

Ao meu grande amigo **Guilherme Bassi de Melo**,
que me incentivou a fazer o que me tornava feliz & portanto foi fundamental para mim há
o brezar material & riqueza material.

Ao **Lobo-Rena**, *persona* do **Renato Fabbri**,
o mais brilhante & também o mais louco dos meus amigos com quem partilhou mais
o desdém ecológico & quem me parcou de bobagens & de projetos artísticos & acadêmicos
se pifanizados entre um gole & outro da vida.

Aos meus **agenciamentos** **críticos**,
uma mão amiga à beira do desfiladeiro nórdico do *Wake* & especialmente aos fodões **Marshall McLuhan**, **Umberto Eco**, **Roland McHugh**, **Jacques Lacan**, **Gilles Deleuze**, **Jacques Derrida**, **Augusto & Haroldo de Campos**, **Donald Schüler**, **Patrick O'Neill**.

À **Camila Hespanhol Peruchi**, **Kleber Kurowsky**, **João Felipe Gremki**, **Erivon de Barros**, **Olivia Scarpari**, **Ana Karla Carvalho Canarinos** = bons amigos que academiaram de mim.

Aos geniais tradutores wakeanos que gentilmente encararam as minhas entrevistas-valorise. Além de rizomar o *Finnegans Wake* às suas *línguas*, eles enriqueceram esta pesquisa, tornando-se parte central dela:
Afonso Teixeira Filho, **Ágota Bozai**, **Aurora Fornoni Bernardini**, **Caetano Waldrigues**, **Galindo Dai Congrong**, **Dirce Waltrick do Amarante**, **Eleftherios Anevlavis**, **Enrico Terrinoni**, **Erik Bindervoelt**, **Fuat Sevimay**, **Juan Diaz Victoria**, **Krzysztof Bartnicki**, **Leide Daiane de Almeida Oliveira**, **Leif Høghaug**, **Michel Hervé**, **Patrick O'Neill**, **Roberto Zabaloy**, **Sérgio Medeiros**, **Tamar Ra**, **Tarsodo Amaral**, **Vinícius Alves**.

À **Universidade Federal do Paraná**, essa baita instituição,
uma **grande** referência na área de tradução que me abriu as portas & forneceu
a estrutura & inspiração necessárias para o desenvolvimento deste projeto.

À CAPES/PROEX, pela concessão da bolsa de estudos sem a qual
essapesquisanãoteriassidopossível&Finnegansnãoteriaressuchistado!

A arte não é o caos, mas uma composição do caos, que dá a visão ou sensação, de modo que constitui um caosmos (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 241)

RESUMO

Finnegans Ressuchistam é um rizoma de muitas raízes interconectadas e em contínua expansão. Este trabalho apresenta a tradução integral de *Finnegans Wake* em (e como) tese. Além disso, possui um abrangente *corpus* de entrevistas com tradutores de várias partes do mundo, que é ramificado em um rizoma dialógico sobre métodos, conceitos (e não conceitos), problemas e soluções aplicados por cada tradutor do “livro intraduzível” em seu contexto idiomático-cultural. Ademais, o trabalho realiza uma atualização da recepção de *Finnegans Wake* no Brasil, tanto no platô tradutório, quanto nos platôs da arte e da crítica. A proposta tradutória de *Finnegans Ressuchistam* também é explicitada, mostrando as escolhas que foram feitas no processo tradutório com o objetivo de (re)transcriar a poética do original, principalmente dos dispositivos da repetição, da simultaneidade e da multiplicidade. Assim, em conjunto com os demais platôs desta *work in progress* acadêmica, *Finnegans Ressuchistam* visa rizomar – ou ri(s)omar – o babelizante arquivo musiscritural de Joyce ao *panaroma* linguístico-cultural do Brasil.

Palavras-chave: Tradução; *Finnegans Wake*; *Finnegans Ressuchistam*; Recepção; (Re)transcrição.

ABSTRACT

Finnegans Ressuchistam is a rhizome of many interconnected and continually expanding roots. This work presents the complete translation of *Finnegans Wake* in (and as) a thesis. In addition, it has a wide *corpus* of interviews with translators from various parts of the world, which is branched into a dialogical rhizome about methods, concepts (and non-concepts), problems and solutions applied by each translator of the “untranslatable book” in its idiomatic-cultural context. Furthermore, an update is made on the reception of *Finnegans Wake* in Brazil, both on the translation *plateau* and on the *plateaux* of art and criticism. The translation proposal of *Finnegans Ressuchistam* is also explained, showing the choices that were made in the translation process with the goal of (re)transcreating the poetics of the original, mainly the devices of repetition, simultaneity and multiplicity. Thus, together with the other *plateaux* of this academic *work in progress*, *Finnegans Ressuchistam* aims to rhizome – or rhiz☺me – Joyce’s babelizing musiscritural archive into the linguistic-cultural *panaroma* of Brazil.

Keywords: Translation; *Finnegans Wake*; *Finnegans Ressuchistam*; Reception; (Re)transcreation.

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1 – RECORTE DE IDEIAS LACANIANAS.....	46
ESQUEMA 2 – RECORTE DE IDEIAS DERRIDIANAS.....	48
ESQUEMA 3 – RECORTE DE IDEIAS DELEUZIANAS	49
ESQUEMA 4 – NÓ BORROMEANO DA TRADUÇÃO.....	92
ESQUEMA 5 – NÓ BORRAMEUÂNUS DA TRADUÇÃO DO <i>WAKE</i>	93
ESQUEMA 6 – MARCAS ESTRUTURAIS DO ORIGINAL.....	95
ESQUEMA 7 – O INCONSCIENTE E SEUS TRADUTORES	105

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PARTITURA 1 DE <i>WORDS IN TRANSGRESS</i>	24
FIGURA 2 – EMARANHADO E CONDENSAMENTO TEXTUAL DO <i>WAKE</i> ..	25
FIGURA 3 – INSTALAÇÃO SONORA DO <i>WAKE</i> POR HAYNES	26
FIGURA 4 – RUPTURA E REDOBRAMENTO.....	28
FIGURA 5 – CAPA DA PARTITURA DA ALP DE FELMAN.....	44
FIGURA 6 – TARADUÇÃO POR JOYCE.....	54
FIGURA 7 – <i>PANAROMA DO FINNEGANS WAKE</i>	55
FIGURA 8 – <i>FINNICIUS REVÉM</i>	58
FIGURA 9 – NOVA EDIÇÃO DE <i>FINNICIUS REVÉM</i>	58
FIGURA 10 – <i>PARA LER FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE</i>	59
FIGURA 11 – <i>FINNEGANS WAKE</i> (POR UM FIO).....	60
FIGURA 12 – TRADUÇÃO VISUAL DE MEDEIROS	62
FIGURA 13 – ROLODEX.....	63
FIGURA 14 – <i>RIVOLTA</i> E SEUS TRADUTORES.....	64
FIGURA 15 – BANNER DE DIVULGAÇÃO DO CURSO	66
FIGURA 16 – BANNER DE DIVULGAÇÃO DA PALESTRA.....	66
FIGURA 17 – ALP DE VINÍCIUS	68
FIGURA 18 – LIVRO I, CAPÍTULOS I-VII NA TRADUÇÃO DE VINÍCIUS.....	69
FIGURA 19 – <i>JUÍZO FINN ANNAL</i>	78
FIGURA 20 – ESBOÇO DE <i>#PALAVRATROVÃO1</i>	79
FIGURA 21 – ESBOÇO DE <i>#PALAVRATROVÃO2</i>	80
FIGURA 22 – PARTITURA DE <i>PAN</i>	81
FIGURA 23 – SURFANDO NO ESBOÇO DE <i>ULISSES EM COPACABANA</i> ..	82
FIGURA 24 – ENCENAÇÃO DE <i>MINHA PEQUENA IRLANDA</i>	83
FIGURA 25 – LIVRO <i>MINHA PEQUENA IRLANDA</i>	83
FIGURA 26 – BANNER/CENA DA PEÇA <i>ANA LÍVIA</i>	84
FIGURA 27 – RETRATO DA ARTISTA QUANDO <i>WAKEANA</i>	85
FIGURA 28 – PRINT DO <i>SITE</i> DE HERVÉ MICHEL	103
FIGURA 29 – PARTITURA DE PARÇA ZOREIA.....	124
FIGURA 30 – MAPA-MÚNDI DAS ENTREVISTAS.....	151

LISTA DE LINHAS DO TEMPO

LINHA DO TEMPO 1 – MOVIMENTOS DA SINFONIA LITERÁRIA DE JOYCE	42
LINHA DO TEMPO 2 – RIZOMA JOYCEANO DE BERIO	47
LINHA DO TEMPO 3 – TRADUÇÕES PARCIAIS.....	52
LINHA DO TEMPO 4 – TRABALHOS ACADÊMICOS COM TRADUÇÕES	52
LINHA DO TEMPO 5 – TRADUÇÕES INTEGRAIS	53
LINHA DO TEMPO 6 – LIVROS BRASILEIROS QUE ABORDAM O <i>WAKE</i> ...	73
LINHA DO TEMPO 7 – LIVROS TRADUZIDOS QUE ABORDAM O <i>WAKE</i> ...	74

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ASSEMIA DA PALAVRA WAKEANA.....	27

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – TÉCNICAS E VANGUARDAS ALUDIDAS NO <i>WAKE</i>	33
QUADRO 2 – PERFORMANCES WAKEANAS DE ANA FERRO	85
QUADRO 3 – LE SINTHOMESCRITA VERBIVO(COCÔ)VISUAL.....	93
QUADRO 4 – NO PRINCÍPIO ERA O FIM.....	99
QUADRO 5 – ALUSÕES A FREUD E JUNG	107
QUADRO 6 – ENXERTOS LACANIANOS	108
QUADRO 7 – ENXERTOS DELEUZIANOS.....	110
QUADRO 8 – NEOLOGISMOS CUNILALINGUÍSTICOS	111
QUADRO 9 – ALUSÕES A SCHOENBERG NO <i>WAKE</i>	114
QUADRO 10 – ALUSÕES A BERG NO <i>WAKE</i>	114
QUADRO 11 – ALUSÕES A DEBUSSY NO <i>WAKE</i>	114
QUADRO 12 – ALUSÕES A STRAVINSKI NO <i>WAKE</i>	115
QUADRO 13 – AMPLIAÇÃO REFERENCIAL.....	117
QUADRO 14 – LEIA O SOM.....	118
QUADRO 15 – EFEITOS DE SONORIDADE	119
QUADRO 16 – ALUSÕES A DUBLINENSES	121
QUADRO 17 – ESCRITORES ALUDIDOS OU ENXERTADOS	122
QUADRO 18 – A ARTE IMITA A VIDA E VICE-VERSA	123
QUADRO 19 – ALGUNS COMPOSITORES ERUDITOS ALUDIDOS	124
QUADRO 20 – ENXERTO DE COMPOSITORES ERUDITOS.....	126
QUADRO 21 – ENXERTO DE COMPOSITORES CONTEMPORÂNEOS	127
QUADRO 22 – ENXERTOS ALUSIVOS A DERRIDA.....	128
QUADRO 23 – TROVÕES NO <i>WAKE</i>	130
QUADRO 24 – DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA.....	132
QUADRO 25 – LÍNGUAS E DIALETOS DO BRASILEIRÊS ENXERTADOS	133
QUADRO 26 – ENXERTOS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS	135
QUADRO 27 – OUTRAS LÍNGUAS ENXERTADAS.....	137
QUADRO 28 – RECORTE DO PORTUGUÊS NO <i>WAKE</i> (ORIGINAL).....	138
QUADRO 29 – ENXERTOS LITERÁRIOS E MUSICAIS	139
QUADRO 30 – ENXERTOS DE RIOS BRASILEIROS	140
QUADRO 31 – OUVEJA A MESTIÇAGEM DO LIVRO.....	141
QUADRO 32 – ANACRONISMOS E ALUSÃO ROSIANA	141

QUADRO 33 – ENXERTANDO O BUMBUM TAMTAM	142
QUADRO 34 – ENXERTOS LITERÁRIOS E DITADOS POPULARES.....	142
QUADRO 35 – OUTROS ENXERTOS LITERÁRIOS E MUSICAIS	142
QUADRO 36 – ENXERTOS DE PRÁTICAS LINGUAGEIRAS	143
QUADRO 37 – ENXERTOS DE MINEIRÊS, SÔ.....	144
QUADRO 38 – ALGUNS PERSONAGENS MESTIÇADOS.....	145
QUADRO 39 – MITOS BRASILEIROS ENXERTADOS	145
QUADRO 40 – ROUBABELIZAÇÕES DA LITERATURA BRASILEIRA	146
QUADRO 41 – MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA	148
QUADRO 42 – MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.....	148
QUADRO 43 – INDÚSTRIA CULTURAL BRASILEIRA	149
QUADRO 44 – ARTES VISUAIS E CINEMA DO BRASIL	149
QUADRO 45 – TRADUTORES DE JOYCE ENXERTADOS.....	152
QUADRO 46 – ESTUDIOSOS DO <i>WAKE</i> ENXERTADOS.....	155

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

FW - *Finnegans Wake*

HCE - *Here Comes Everybody*

ALP - Anna Livia Plurabelle

Wake - *Finnegans Wake*

LISTA DE SÍMBOLOS

Δ - Delta

SUMÁRIO

INTERMEZZO	23
MINHA HISTÓRIA DE HUMOR COM O WAKE	23
ESTRUTURA DO TRABALHO	29
1 PLATÔ 1 – O QUE HCÉ O QUE HCÉ?	32
1.1 UM RETRATO FALHADO DE <i>FINNEGANS WAKE</i>	32
1.2 RITORNELLO TRADUTÓRIO DO <i>FINNEGANS WAKE</i> NO BRASIL .	51
1.2.1 Antônio Houaiss.....	54
1.2.2 Irmãos Campos	55
1.2.3 Paulo Leminski	56
1.2.4 Arthur Nastrovski	56
1.2.5 Donaldo Schüller	57
1.2.6 Dirce Waltrick do Amarante	59
1.2.7 Sérgio Medeiros.....	61
1.2.8 Coletivo Finnegans Wake.....	63
1.2.9 Luis Henrique Garcia Ferreira.....	65
1.2.10 Traduções integrais em andamento	67
1.2.10.1 Caetano Waldrigues Galindo	67
1.2.10.2 Vinícius Alves	68
1.2.10.3 Afonso Teixeira Filho	69
1.3 TESES SOBRE A TRADUÇÃO DE <i>FINNEGANS WAKE</i>	70
1.3.1 Lenita Maria Rimoli Esteves	70
1.3.2 Dirce Waltrick do Amarante	70
1.3.3 Afonso Teixeira Fliho	71
1.3.4 Leide Daiane de Almeida Oliveira.....	71
1.3.5 Andrea Buch Bohrer	72
1.4 OUTRAS PRODUÇÕES DE <i>FINNEGANS WAKE</i>	72
1.4.1 Acadêmicas/Críticas	74
1.4.2 Psicanalíticas	76
1.4.3 Crítica da música	76
1.4.4 Artísticas	77
1.4.4.1 Música	78
1.4.4.2 Teatro	82

1.4.4.3	Literatura	85
2	PLATÔ 2 – <i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i> ATRAVÉS DO ESPELHO: A (RE)TRANSICRIAÇÃO DO <i>WAKE</i> A PARTIR DOS REFLEXOS DA SUA POÉTICA	88
2.1	POR QUE <i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i> ?	97
2.2	DUAS PALAVRAS ^{N-1} PELO PRIMEIRO PARÁGRAFO	99
2.3	AS TRADUÇÕES DE <i>RIVERRUN</i> E O CARÁTER ABERTO DO SIGNO WAKEANO	101
2.4	A LINGUAGEM DESESTRUTURADA COMO INCONSCIENTE: A TRADUÇÃO DO INCONSCIENTE	104
2.5	O INCONSCIENTE MUSICAL WAKEANO	113
2.6	MUSICALIDADE INTRÍNSECA	116
2.6.1	Oralidade	117
2.6.2	A sinfonia rizomática da obra joyceana: intertextualidade	119
2.7	MUSICALIDADE EXTRÍNSECA	123
2.8	AGRAMATICIDADE	127
2.9	“QUE TIRO FOI ESSE?!” A MULTIVETORIALIDADE DA PALAVRA-VALISE TROCADILHESCA	129
3	PLATÔ 3 – ENTREVISTAS	151
3.1	MARCELO ZABALOY (ARGENTINA)	159
3.1.1	Introdução	159
3.1.2	Entrevista traduzida para o português	160
3.1.3	Diálogo tradutório	179
3.2	HERVÉ MICHEL (FRANÇA)	180
3.2.1	Introdução	180
3.2.2	Entrevista traduzida para o português	181
3.2.3	Diálogo tradutório	192
3.3	JUAN DÍAZ VICTORIA (MÉXICO)	193
3.3.1	Introdução	193
3.3.2	Entrevista traduzida para o português	194
3.3.3	Diálogo tradutório	210
3.4	TAMAR GELASHVILI (GEÓRGIA)	211
3.4.1	Introdução	211
3.4.2	Entrevista traduzida para o português	212

3.4.3	Diálogo tradutório	229
3.5	KRZYSZTOF BARTNICKI (POLÔNIA)	230
3.5.1	Introdução.....	230
3.5.2	Entrevista traduzida para o português	231
3.5.3	Diálogo tradutório	243
3.6	FUAT SEVIMAY (TURQUIA)	244
3.6.1	Introdução.....	244
3.6.2	Entrevista traduzida para o português	245
3.6.3	Diálogo tradutório	256
3.7	DAI CONGRONG (CHINA).....	257
3.7.1	Introdução.....	257
3.7.2	Entrevista traduzida para o português	258
3.7.3	Diálogo tradutório	266
3.8	ERIK BINDERVOET (HOLANDA)	267
3.8.1	Introdução.....	267
3.8.2	Entrevista traduzida para o português	267
3.8.3	Diálogo tradutório	283
3.9	PATRICK O'NEILL (IRLANDA/CANADÁ).....	284
3.9.1	Introdução.....	284
3.9.2	Entrevista traduzida para o português	284
3.9.3	Diálogo tradutório	292
3.10	ELEFThERIOS ANEVLAVIS (GRÉCIA).....	293
3.10.1	Introdução.....	293
3.10.2	Entrevista traduzida para o português	294
3.10.3	Diálogo tradutório	303
3.11	ÁGOTA BOZAI (HUNGRIA)	305
3.11.1	Introdução.....	305
3.11.2	Entrevista traduzida para o português	306
3.11.3	Diálogo tradutório	312
3.12	ENRICO TERRINONI (ITÁLIA).....	313
3.12.1	Introdução.....	313
3.12.2	Entrevista traduzida para o português	314
3.12.3	Diálogo tradutório	318
3.13	LEIF HØGHAUG (NORUEGA).....	319

3.13.1	Introdução.....	319
3.13.2	Entrevista traduzida para o português	319
3.13.3	Diálogo tradutório	329
3.14	CAETANO WALDRIGUES GALINDO (BRASIL)	331
3.14.1	Introdução.....	331
3.14.2	Entrevista no original em português	332
3.14.3	Diálogo tradutório	343
3.15	COLETIVO FINNEGANS WAKE (BRASIL)	344
3.15.1	Sérgio Medeiros.....	344
3.15.1.1	Introdução.....	344
3.15.1.2	Entrevista no original em português.....	345
3.15.1.3	Diálogo tradutório.....	362
3.15.2	Dirce Waltrick do Amarante	364
3.15.2.1	Introdução.....	364
3.15.2.2	Entrevista no original em português.....	365
3.15.2.3	Diálogo tradutório.....	379
3.15.3	Aurora Bernardini.....	380
3.15.3.1	Introdução.....	380
3.15.3.2	Entrevista no original em português.....	381
3.15.3.3	Diálogo tradutório.....	385
3.15.4	Afonso Teixeira Filho	386
3.15.4.1	Introdução.....	386
3.15.4.2	Entrevista no original em português.....	387
3.15.4.3	Diálogo tradutório.....	398
3.15.5	Vinícius Alves	399
3.15.5.1	Introdução.....	399
3.15.5.2	Entrevista no original em português.....	400
3.15.5.3	Diálogo tradutório.....	406
3.15.6	Tarso do Amaral	407
3.15.6.1	Introdução.....	407
3.15.6.2	Entrevista no original em português.....	408
3.15.6.3	Diálogo tradutório.....	419
3.15.7	Leide Daiane de Almeida Oliveira.....	420
3.15.7.1	Introdução.....	420

3.15.7.2 Entrevista no original em português.....	421
3.15.7.3 Diálogo tradutório.....	429
4 PLATÔ 4 – (RE)TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DE FINNEGANS	
WAKE: FINNEGANS RESSUCHISTAM.....	430
4.1 LIVRO I.....	431
4.1.1 Capítulo I	432
4.1.2 Capítulo II	460
4.1.3 Capítulo III	480
4.1.4 Capítulo IV.....	508
4.1.5 Capítulo V.....	537
4.1.6 Capítulo VI.....	559
4.1.7 Capítulo VII.....	604
4.1.8 Capítulo VIII.....	631
4.2 LIVRO II.....	652
4.2.1 Capítulo I	653
4.2.2 Capítulo II	695
4.2.3 Capítulo III	748
4.2.4 Capítulo IV.....	830
4.3 LIVRO III.....	848
4.3.1 Capítulo I	849
4.3.2 Capítulo II	877
4.3.3 Capítulo III	927
4.3.4 Capítulo IV.....	1016
4.4 LIVRO IV	1058
4.4.1 Capítulo I	1059
5 PLATÔ 5 – CONSIDERAÇÕES (JAMAIS!) FINAIS	1096
REFERÊNCIAS.....	1101
APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	1127
APÊNDICE 1.1 – ENTREVISTAS NOS ORIGINAIS.....	1127
APÊNDICE 1.1.1 – Inglês.....	1127
APÊNDICE 1.1.1.1 – Tamar Gelashvili (Geórgia).....	1128
APÊNDICE 1.1.1.2 – Krzysztof Bartnicki (Polônia).....	1146
APÊNDICE 1.1.1.3 – Fuat Sevimay (Turquia).....	1159
APÊNDICE 1.1.1.4 – Dai Congrong (China).....	1171

APÊNDICE 1.1.1.5 – Erik Bindervoet (Holanda).....	1180
APÊNDICE 1.1.1.6 – Patrick O'Neill (Irlanda/Canadá).....	1196
APÊNDICE 1.1.1.7 – Ágota Bozai (Hungria).....	1204
APÊNDICE 1.1.1.8 – Enrico Terrinoni (Itália).....	1211
APÊNDICE 1.1.1.9 – Leif Høghaug (Noruega).....	1216
APÊNDICE 1.1.2 – Francês.....	1227
APÊNDICE 1.1.2.1 – Hervé Michel (França).....	1227
APÊNDICE 1.1.3 – Espanhol.....	1239
APÊNDICE 1.1.3.1 – Juan Díaz Victoria (México).....	1239
APÊNDICE 1.1.4 – Castelhana.....	1256
APÊNDICE 1.1.4.1 – Marcelo Zabaloy (Argentina).....	1256
APÊNDICE 1.1.5 – Grego.....	1276
APÊNDICE 1.1.5.1 – Eleftherios Anevlavis (Grécia).....	1276
APÊNDICE 1.2 – ENTREVISTAS TRADUZIDAS PARA O INGLÊS.....	1292
APÊNDICE 1.2.1 – Caetano Waldrigues Galindo (Brasil).....	1292
APÊNDICE 1.2.2 – Sérgio Medeiros (Brasil).....	1303
APÊNDICE 1.2.3 – Dirce Waltrick do Amarante (Brasil).....	1322
APÊNDICE 1.2.4 – Aurora Bernardini (Brasil).....	1338
APÊNDICE 1.2.5 – Afonso Teixeira Filho (Brasil).....	1343
APÊNDICE 1.2.6 – Vinícius Alves (Brasil).....	1355
APÊNDICE 1.2.7 – Tarso do Amaral (Brasil).....	1363
APÊNDICE 1.2.8 – Leide Daiane de Almeida Oliveira (Brasil).....	1375
APÊNDICE 1.2.9 – Marcelo Zabaloy (Argentina).....	1385
APÊNDICE 1.2.10 – Juan Díaz Victoria (México).....	1406
APÊNDICE 1.2.11 – Hervé Michel (França).....	1423
APÊNDICE 1.2.12 – Eleftherios Anevlavis (Grécia).....	1435
ANEXOS	1446
ANEXO 1 – <i>Wake in progress 1930s to 2020s</i>	1446
ANEXO 2 – <i>Translations announced as forthcoming in the 2020s</i>	1459

INTERMEZZO

MINHA HISTÓRIA DE HUMOR COM O WAKE

O *Finnegans Wake*, ou apenas *Wake* para aqueles que o chamam de meu humor, é o meu objeto de pesquisa no doutorado e me acompanha na vida acadêmica desde o mestrado. Entretanto, a minha relação com o *Wake* vem de outros carnavais, remontando à época da minha graduação em Jornalismo, no início dos anos 2000, quando eu estudava de tudo, menos Jornalismo. Lembro de ler sobre o *Wake* pela primeira vez em *A galáxia de Gutenberg*, de Marshall McLuhan, uns dos meus *crushs* intelectuais do período. A admiração do meu admirado McLuhan por um tal Joyce e seu tal *Finnegans Wake* despertou a minha curiosidade sobre esses então desconhecidos, principalmente quando eu lia trechos como os abaixo:

Joyce faz, em *Wake*, seus próprios desenhos da caverna de Altamira, configurando toda a história da mente humana, em termos de suas atitudes e ações fundamentais no curso de todas as fases da cultura e da tecnologia. Joyce não via vantagem em ficarmos fechados em cada ciclo de cultura (...). Descobriu os meios de viver simultaneamente em todos os modos de cultura ao mesmo tempo e completamente consciente (...).

Joyce, como ele próprio o diz na última página desse livro, havia inventado para o homem ocidental chaves-mestras individuais para poderem os homens penetrar na consciência coletiva. Ele sabia que havia resolvido o dilema do homem ocidental frente às consequências coletivas ou tribais de suas tecnologias, primeiro com o advento da tecnologia de Gutenberg e depois com a de Marconi (...). (MCLUHAN, 1972, p. 115; 357).

Lembro também que os exemplos wakeanos de palavras-valise plurilíngues trazidos por McLuhan jogaram um balde de água fria na minha inculta curiosidade. Um pouco depois, comecei a ler Umberto Eco, que analisava a obra aberta wakeana com a mesma admiração. Mais uma vez os exemplos até então ininteligíveis me desanimaram. Mas o *Wake* voltou a (Eco)ar por meio da música erudita eletroacústica, notadamente pela composição *Phanton-Wortquelle; Words in Transgress*, de Flo Menezes. A composição de Menezes foi inspirada no *Finnegans Wake* o qual, antes de receber esse título por ocasião de seu lançamento em 1939, era conhecido como *Work in Progress*. Como Menezes explica, *Words in Transgress* “é uma paráfrase da

expressão *Work in Progress* de Joyce referente à escrita-processo de *Finnegans Wake*, deslocada para o nível da transgressão verbal” (MENEZES, 1996, p. 214).

FIGURA 1 – PARTITURA 1 DE *WORDS IN TRANSGRESS*

Forma-Pronúncia de } "Phantom-Wortquelle ; Words in Transgress"
Aussprache-Form von }
Forme-Prononciation de

(11/86 - 09/87)

Florivaldo MENEZES Filho (1962)

voix (ca. 5'50")

Text 1:	Moment [v] 45"	Moment [w] 2'20"	Moment [a] 2'45"
"Daß sich alles in Gesang bringen läßt, was gesprochen wird" (Guido d'Arezzo) 14"	Text 2: "La voix... le seul instrument commun à toutes les civilisations musicales" (Pierre Schaeffer)	Formant-bereich 1 ↓ ←12"→ ←48"→ ←35"→ ←25"→ ←20"→	Formant-bereich 3 / 4 ↓ ←1'30"→ ←1'08"→ ←7"→ Text 3: ↓ = pause "On ne transgresse un système qu'en le démolissant. On en cherche un autre à travers de longues et confuses évolutions" (P. Schaeffer)

árvores (ca. 10'53")

Moment [a] 2'30"	Moment [r] 25"	Moment [v] 45"	Moment [o] 2'	Moment [r] 10"	Moment [l] 2'03"	Moment → Moment [s] 3'
Form. 5 / 6 ↓ ←1'10"→ ←1"→ ←20"→ ↓ Text 4: "Presença de palavras que ontem se chamaram de árvores ..."			Form. 7 Form. 8 ↓ ↓ ←15"→ ←50"→ ←15"→ ←20"→ ↓ .. hoje não são nem a sombra ...		Form. 9 Form. 10 ↓ ↓ ←5"→ ←18"→ ←1'25"→ ←15"→ ←2"→ ←1"→ ↓ o sol da palavra brilha pela ausência" (Hector Olea)	Text 5: "Einziges, ewiges, allgegenwärtiges, unsichtbares und unvorstellbares ..."

Wort (ca. 6'30")

Moment [v] 45"	Moment [o] offen 2'45"	Moment [r] 1'	Moment [t] 2'
2" = PAUSE ↓ (Text 5) "... Wort"	Form. 11 Form. 12 ↓ ↓ ←25"→ ←25"→ ←1'15"→ ←20"→ ←20"→ ↓ Text 6: "Eine wahrscheinliche langue musical. Der langage puro. Eine musique impure"	↓ Text 7: "O Wort, du Wort, das mir fehlt" (Arnold Schönberg)	Dauer: ca. 23'45"

FONTE: MENEZES, 2011, *Phanton-Wortquelle; Words in Transgress; Forma-Pronúncia / Pronunciation-Form* (Poster 3).

Mas, mesmo com a “insistência” dos meus autores favoritos, o *Finnegans Wake* ainda era muito assustador e jornalistei por muitos anos até criar coragem para lê-lo. Quando tentei, me perdi numa imensa e densa selva onírica de palavras-valise e

trocadilhos plurilíngues, sem a mão amiga das categorias canônicas da literatura, como narradores ou personagens convencionais. Fiquei ainda mais assustado ao dar de cara logo na primeira página com esse monstrengo liberto das jaulas do dicionário: “bababadalgharaghtakamminarronnkonnbronntonnerronntuonnthunn**trovarrhounawn** skawntoohoochoordenen**thurnuk**” (JOYCE, 1992, p. 3, grifos meus). Esse palavrão é uma das 10 palavras-valise de 100 letras encontradas no *Wake*. Essa palavra-valise (junção de duas ou mais palavras para formar uma única), que representa um trovão e deve ser lida onomatopeicamente como tal, empacota o vocábulo “trovão” de diversas línguas e deuses do trovão de variadas culturas em um único termo plurilíngue, a exemplo de trovar (português) e thur (Thor, deus nórdico do trovão), grifados acima. Me senti, ou nonsensenti, um pouco como a artista intersemiótica Nicci Haynes, que expressou verbivocovisualmente sua experiência inicial com o *Wake*.

FIGURA 2 – EMARANHADO E CONDENSAMENTO TEXTUAL DO WAKE



FONTE: HAYNES, Nicci. *Finnegans Wake read by James Joyce, arranged for 20-note paperstrip musical movement*. Fonte: Blog Drawing. Disponível em: <https://tinyurl.com/54uszy26>. Acesso em: 21 set. 2023.

Como Haynes comenta,

*These works are both A3 size and contain the entire text of James Joyce's *Finnegans Wake*. On the left the text is shredded and reassembled in a chaotic tangled mass of words reflecting my sensation when I encountered *Finnegans Wake*. On the right the text is condensed and screen-printed on paper (HAYNES, [s. d.], n. p.).¹*

Wakeana raiz, Haynes valorizou a dimensão sonora do livro de Joyce criando uma espécie de pianola para musicar uma tira de 10 metros de comprimento. A tira foi perfurada de acordo com os pontos indicados por um programa computacional, que converteu em dados a voz de Joyce da sua leitura do capítulo 8 do *Wake*.

FIGURA 3 – INSTALAÇÃO SONORA DO WAKE POR HAYNES

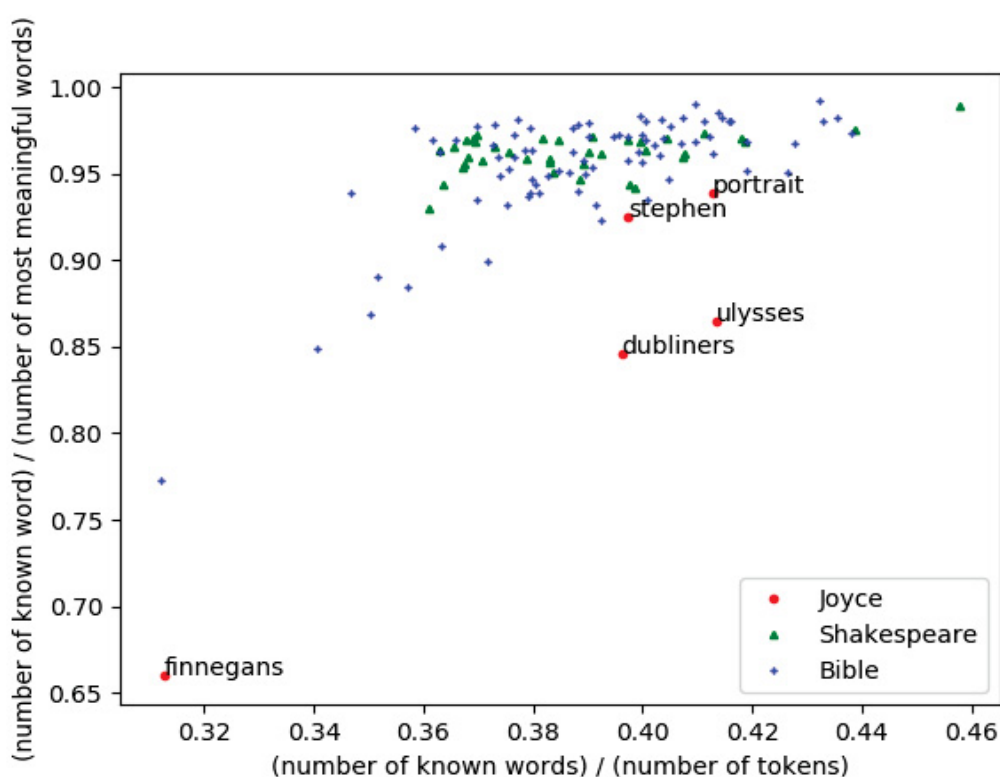


FONTE: HAYNES, Nicci. ***Finnegans Wake read by James Joyce, arranged for 20-note paper strip musical movement***. Fonte: *Blog Drawing*. Disponível em: <https://tinyurl.com/54uszy26>. Acesso em: 21 set. 2023.

¹ “à esquerda, o texto está fragmentado e remontado em uma massa caótica e emaranhada de palavras que refletem minha sensação quando encontrei *Finnegans Wake*. À direita, o texto está condensado e serigrafado em papel (...)” (HAYNES, [s. d.], n. p., nossa tradução).

Rizomas artísticos do *Wake* à parte, esse procedimento de escrita densificada das palavras-trovão, com palavras-valise multivetoriais, é encontrado em praticamente todas as linhas (pobre tradutor!) do livro. Naturalmente, as demais palavras multirreferentes condensam menos termos do que as gigantescas palavras-trovão. Essa mestiçagem linguístico-referencial leva a um efeito frutivo de assemia devido ao deslizamento referencial, tal como ilustra um dos gráficos do estudo que realizei em 2018 com o pesquisador Renato Fabbri.

GRÁFICO 1 – ASSEMIA DA PALAVRA WAKEANA



FONTE: FABBRI; FERREIRA (2018).

O gráfico mostra o número de palavras não reconhecidas nas 4 obras em prosa de Joyce em comparação com Shakespeare e a Bíblia e prova a necessidade emancipatória do intérprete (tradutor/leitor) de *Finnegans Wake* ao demonstrar que quanto menor for o número de palavras dicionarizadas maior será o nível coconstrutivo (ou transcriador) que o tradutor deve assumir no original. O *Wake*, isoladinho no canto esquerdo inferior do gráfico, deixa a palavra de Deus, o bardo

inglês e a obra restante de Joyce comendo poeira no quesito da ininteligibilidade dicionarária.

Depois do “trauma” com a dita cuja palavra-trovão de cem letras, sofri um trauma físico que me afastou do trabalho por um bom tempo (4 cirurgias).

FIGURA 4 – RUPTURA E REDOBRAMENTO



FONTE: arquivo pessoal.

Enquanto os médicos tentavam puxar os fios neurais que se desconectaram entre a minha mão e o meu cérebro, resolvi deixar de ser cabaço e mergulhar de cabeça no livro, tentando, por Finn, puxar os fios wakeanos que sempre me escapavam. Lembro que enquanto aguardava na maca pela última cirurgia, tinha em mão (no singular mesmo) *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*, de Dirce Waltrick do Amarante, a minha fada madrinha dos estudos joyceanos. A partir das explicações e fios deixados por Amarante, fui encontrando meus próprios fios no *Wake* e agenciando novas influências, como Caetano Galindo, os irmãos Campos, Donaldo Schüller, Lacan, Deleuze, O'Neill etc. Porém, quanto mais eu me entregava ao livro que Joyce levou 17 anos para escrever, mais o dominatrix do *Wake* pedia de mim e percebi que para explicar o “inexplicável” o melhor caminho era traduzir o “intraduzível”.² A oportunidade foi dada por Dirce Waltrick do Amarante. A estudiosa e tradutora do autor me convidou para traduzir os capítulos 6 e 7 para uma tradução

² Não obstante as recorrentes traduções de *Finnegans Wake*, durante muito tempo a crítica foi quase unânime sobre a sua intraduzibilidade. Falaremos sobre isso no platô 1.

integral da obra, feita por um coletivo de tradutores coordenado por ela.³ A tradução, que é o segundo “traslado” integral do *Wake* para língua portuguesa, é intitulada *Finnegans Rivolta* e foi publicada em 2022. Emaranhado a este rizoma, migrei do jornalismo para a teoria da literatura em um mestrado na Unicamp, onde o professor Fabio Durão acolheu o meu encucamento com a musicalidade latente do *Wake*. Da minha relação com o Durão, nasceu a dissertação *A inelutável modalidade do ouvível: o diálogo de formas entre o Finnegans Wake de James Joyce e a música erudita contemporânea*. Paralelamente, o professor Caetano Galindo abriu as portas da UFPR para a minha tradução integral do *Wake* no doutorado. E aqui estou, mais pobre, mais feio e mais louco, mas muito feliz por trocatrilhar o *vicus of recirculation* do livro que eu amo e também pelo privilégio de aprender com pessoas tão inspiradoras.

Bom, chegou a hora de sair da primeira pessoa do singular e entregar o trabalho para a primeira pessoa do plural. Já peço desculpas de antemão (chega de falar de mão, rapaz!) por eventuais interferências⁴ do Eu liriacadêmico na tese em primeira pessoa da multiplicidade por vir, pois ele é meio metido a arranjador e não larga o pé do ouvido deste pesquisador desde *A inelutável modalidade do ouvível*.

ESTRUTURA DO TRABALHO

No platô 1, trazemos uma introdução ao *Wake* com o objetivo de aproximar desta pesquisa leitores e estudiosos não necessariamente especialistas na última obra de Joyce. Após situar o leitor no universo wakeano, apresentamos o expansivo contexto tradutório, crítico e artístico do livro no Brasil, corroborando a natureza rizomática do livro. Deleuzianamente, o rizoma pode ser entendido como um “emaranhado de linhas em constante interação (fluxos), sem início e nem fim definidos” (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLLI, 2020, p. 48) e, conforme Deleuze e Guattari,

³ O Coletivo *Finnegans Wake* é composto por André Cechinel, Afonso Teixeira Filho, Aurora Bernardini, Daiane Oliveira, Dirce Waltrick do Amarante, Fedra Rodríguez, Luis Henrique Garcia Ferreira, Sérgio Medeiros, Tarso do Amaral, Vinícius Alves e Vitor Alevato do Amaral.

⁴ Esse sujeito, entre tontos outros absurdos, cria neologismos e proíbe o pesquisador de acorrentá-los nas aspas.

uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (...). Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 43).

No platô 2, apresentamos as particularidades desta proposta de tradução, como a valorização da repetição, da simultaneidade e da multiplicidade, importantes marcas do macrotexto-fonte. Abordamos as especificidades que materializam os aspectos práticos do projeto tradutório *Finnegans Ressuchistam*, tais quais as características da musiscritura onírica wakeana e os procedimentos utilizados para rizomar esse inconsciente musical à tradução. Também defendemos a ideia de (re)transcrição (retradução + transcrição) e demonstramos a sua aplicação tradutória por meio de diversos exemplos.

No platô 3, em uma babel de línguas bem ao estilo do *Wake*, dialogamos com mais de vinte tradutores do livro pelo mundo. Primeiramente, é feita uma apresentação do entrevistado, depois o bate-papo rola solto em (e sobre) nossas foficonstruções wakeanas e, por fim, colocamos as proposições do tradutor em diálogo com *Finnegans Ressuchistam*. A ideia das entrevistas é estabelecer uma ponte dialógica sobre métodos, conceitos (e não conceitos), problemas e soluções aplicados por cada tradutor etc. Neste platô, as entrevistas estão em português brasileiro. Todavia, visando partilhar os resultados de forma ampla, todas possuem uma versão em inglês que pode ser encontrada nos apêndices. Nos anexos, o leitor tem acesso a um panorama global da história tradutória do *Wake* que foi feito Patrick O'Neill (vale a pena ler os livros do homem, ele é o cara dos estudos tradutórios do *Wake*) e esquematizado malemolentemente por nós.

“Um rizoma é feito de platôs (...), uma região contínua de intensidades vibrando sobre ela mesma”, e que “se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 44). Assim, no platô 4, materializamos esta tese em *Finnegans Ressuchistam*,

tradução integral do *Wake* que agencia as questões e as influências abordadas nos platôs anteriores. A ideia é que nesta tese, assim como acontece no *Wake* e nos *Mil platôs*, o leitor possa ter uma experiência rizomática e entrar pelo platô que bem entender sem a tradicional “ordem e progresso” de início, meio e fim. Flomenezianamente, sugerimos uma “ordem em transgresso” (MENEZES, 1996).

1 PLATÔ 1 – O QUE HCE O QUE HCE?

1.1 UM RETRATO FALHADO DO *FINNEGANS WAKE*

Nome completo: *Finnegans Wake*

Pai: James Augustine Aloysius Joyce

Pais de (re)transcrição: Beckett, Laverne, Campos, Schöler, Zabaloy, Terrinoni, Hervé, Victoria, Bindervoet, Bartnicki, Sevimay, Galindo *et.al.*

Mãe: Harriet Shaw Weaver

Mães de (re)transcrição: Amarante, Congrong, Tamar Ra, Bernardini, Oliveira, Bozai *et.al.*

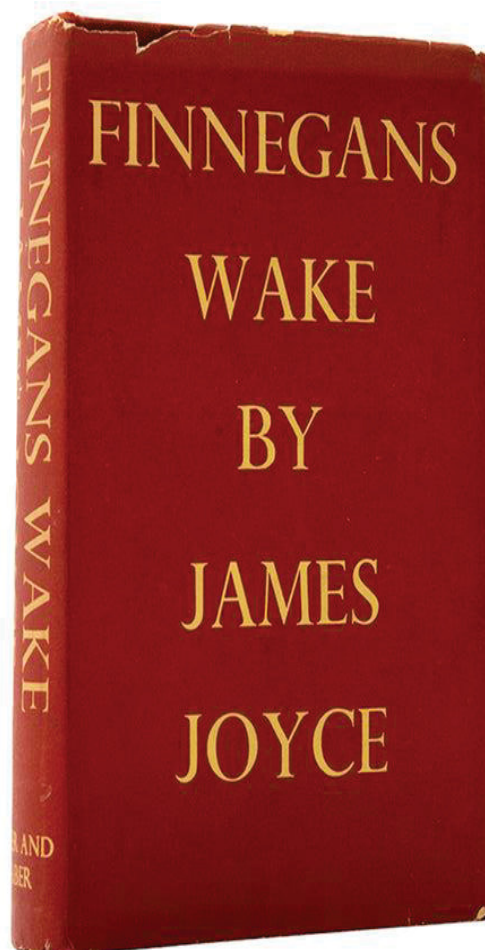
Data de nascimento: 1939

Gestação: 17 anos

Nacionalidade: Um montão

Órgão emissor: Faber & Faber

Ascendência: Inconsciente, Giambattista Vico, Giordano Bruno, música, humor, cocô, xixi, poetaria *et.al.*



Ao estilo questionário, utilizado por Joyce tanto em *Ulysses* quanto no *Wake*, apresentamos sumariamente a “criação” acima por meio de 12 questões.

1 Quando e onde o livro foi escrito?

O *Wake* foi publicado integralmente em 1939, pela Faber & Faber. Suas primeiras palavras vieram à luz logo após o parto editorial de *Ulysses*, tirado a fórceps em 1922. O sucesso de *Ulysses* deu a Joyce o reconhecimento necessário para que ele pudesse se dedicar nos próximos 17 anos a um babelizante e caleidoscópico

projeto literário, que foi concebido em um delicado momento da história mundial e também da história pessoal do escritor.

Durante a escrita da *Work in progress*, a civilização ainda tateava no campo minado deixado pela Primeira Guerra Mundial e já sentia o bafo fétido da Segunda Guerra Mundial. De difícil compreensão por sua nebulosidade onírica multivetorial, o *Wake* teve a sua recepção ainda mais prejudicada por ter sido publicado no ano inicial de um conflito dessa magnitude. No ano da morte de Joyce, em 1941, quando Paris estava tomada pela Alemanha, Sylvia Beach, que foi amiga do escritor irlandês e editora do *Ulysses*, bateu o pé contra os invasores e se negou a vender o *Wake* a um nazista do alto escalão. A proprietária da lendária *Shakespeare and Company*

manteve a livraria aberta até um dia, em 1941, em que um oficial alemão quis comprar a cópia de *Finnegans Wake* que estava exposta na vitrine e, quando ela se recusou a vendê-la, ameaçou confiscar todos os seus bens. Em questão de horas, Sylvia e seus amigos transferiram todo o conteúdo da loja para um apartamento no andar de cima e o nome foi escondido com tinta. A *Shakespeare and Company* deixara de existir (LAUGHLIN in BEACH, 2004, p. 24).

Não obstante o ambiente desumanizador da guerra, durante a escrita Joyce teve o apoio financeiro de Harriet Shaw Weaver, sua mecenas, e acompanhou de camarote vários eventos artístico-intelectuais que reverberaram direta ou indiretamente na escrita do livro, como a descentralização tonal do dodecafonismo; o deslizamento do sujeito racional para o inconsciente do freudianismo; a fragmentação do cubismo; a maximalização de elementos mínimos pela ciência moderna etc.

QUADRO 1 – TÉCNICAS E VANGUARDAS ALUDIDAS NO WAKE

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Dodecafonismo	
"Entrancings: gads, a scrub; the quality, one large shilling. Newly billed for each wickeday perfumance. Somndoze massinees " (219.01-03, grifo nosso)	"Entrada: propovo, um hell all; prozabastados, um generoso xelim. Reajustada a cada dia de perfumance. Dodecassonhismos " Matinês com
Série retrógrada do dodecafonismo	
"of some deretane denudation with intent to excitation, caused by his retrogradation " (557.22-23, grifo nosso)	"dialguma desnudassom a compositeriori com intensom di excitassom, causada por sua retrogradassom "
Simultaneidade	
"while the caught and dodged exarx seems himmulteemiously to beem (he wins her hend! he falls to tail!) the ersed ladest mand3 and (uhu	"enquanto o patriarcat gapturado e esquivadog parece ser simultamiosamente (ele conquista a mão dela! ele cai de buddha!) o primeirúltimo

<i>and uhud!) the losed farce on errorroots</i> " (283.9-13, grifo nosso)	hômin e (uhu e uhud!) a farsa perdida nas raízesdozerros"
Fusão de melodias	
<i>"Accidental music providentially arranged by L'Archet and Laccorde. Melodiotiosities in purefusion by the score."</i> (222.01-03, grifos nossos)	"Música acidental providencialmente arranjada por L'Archet e Laccorde. Milhoudias em purafusão pela partitura. "
Colagem	
<i>"Rolando the Lasso, and flaunt on the flimsyfilmsies for to grig my collage"</i> (279. Nota, linha 14, grifos nossos)	"Rorlando di Lasso, e exhibe os fragmentosfílmicos pra provocoralizar minha colagem "
Justaposição	
<i>"in juxtaposition to say it is not a nice production"</i> (419.30-31, grifos nossos)	"em justaposição a dizer que não é uma produção agradável"
Futurismo	
<i>"stick to futuerism"</i> (130.1, grifo nosso)	"aderem ao futurismo "
Cubismo	
<i>"the zulugical zealot prefer it, a congorool teal. The hatboxes which composed Rhomba, lady Trabezond, (...) these modes carrying us back to the superimposed claylayers of eocene and pleastoseen formation and the gradual morphological changes"</i> (165.21-27, grifos nossos)	"se o malucu zulúgicubista preferir, um canguru boxecaidor. As picachapelarias que formavam Losango , princesa Trabezond , (...) modinhas que nos levam de volta às camadas diargila sobrepostas na formação do eosseno e do paleocosseno e às mudanças morfológicas graduais "

FONTE: O autor (2023).

No horizonte pessoal, os crescentes problemas oftalmológicos de Joyce foram escurecendo a vida do escritor que, cada vez mais, foi se voltando para um mundo oral, refletido com nitidez em sua escrita. As dançantes palavras *nonsense* do *Wake* também acompanharam a dança alucinada de sua querida filha Lucia, talentosa bailarina de estilo contemporâneo que foi diagnosticada como esquizofrênica por Jung. Assim, entre guerras pessoais e mundiais, Joyce musiscreveu o ba(bélico) *Wake*.

2 Por que a obra era (e ainda é) conhecida como *Work in progress*?

Inicialmente, capítulos do *Wake*, como "Anna Livia Plurabelle", foram publicados parceladamente sob o título *Work in progress*, dando pílulas de sua musiscritura onírica aos fãs (e críticos) de Joyce e, também, indicando a escrita em progresso da obra. Todavia, mais do que um título provisório, esse caráter de obra em andamento faz parte da própria poética do *Wake*, cuja abertura interpretativa (mais do que isso, coconstrutiva!) faz com que o livro se rizome a cada nova leitura, trabalho

crítico, artístico ou tradutório. A comparação da poética *Work in progress* do *Wake* é compatível com o conceito de rizoma deleuziano, pois

o rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 43).

3 Quem são os personagens?

Os conceitos canônicos da literatura foram dilacerados no *Wake*, a começar pelos personagens. Assim, o leitor não encontra personagens estáveis, mas sim diferentes figuras em constante intercâmbio. Como Glasheen observou, “*Who is Who when Everybody is Somebody Else*” (GLASHEEN, 1963, p. 9).⁵ Nesse jogo de multiplicidades, em um momento os personagens-rizoma podem ser rios, montanhas, pedras, árvores, espelhos e em outro eles se metamorfoseiam em personagens históricos, personagens bíblicos, cidades, escritores, carteiros, crianças, galinhas, donos de bar ou até mesmo se rizomam a siglas, como HCE, HEC, ECH, EHC, CEH e CHE ou ALP, APL, PAL, PLA, LAP e LPA. Como diz Durão,

Finnegans Wake dispensa comentários, porque aqui os personagens já desapareceram por completo. HCE e ALP não são exatamente pessoas, nem Jerry e Kevin, ou Shem e Shaun. Se eles resistem à organicidade que se espera de algo antropomórfico, o que dizer então de tantas outras figuras que vão e vêm por todo o livro? (DURÃO, 2019, p. 170).

Não obstante os esfacelamentos do conceito tradicional de personagem, podemos dizer que há uma “família ‘tradicional’ irlandesa” composta pelo papai HCE, pela mamãe ALP, pelos gêmeos rivais Shaun e Shem e pela filha Issy. Esse núcleo implode em diversos outros núcleos que se multiplicam quase que indefinidamente.

O pai HCE é o cara, na verdade simboliza as muitas caras (ou máscaras) do livro. Ele é uma montanha, mas também é o dono de um boteco, um forasteiro, um

⁵ “Quem é Quem quando Cada Um é Alguém Mais” (GLASHEEN, 1963, p. 9, nossa tradução).

pecador, um pescador, um peixe, um capitão norueguês, um costureiro, todos os papas, imperadores, czares, Jesus, Noé, Adão, Jonathan Swift, o mar etc. Como um de seus nomes indica, **Here Comes Everybody**, ele é todo mundo e, inclusive, aqueles que ainda estão por vir.

A mãe ALP é o rio, o fluxo que movimenta as caudalosas palavras-valise do texto, ela também é a chuva, a galinha bisbilhoteira, a pura, a puta, a apaixonada, a abandonada, Eva, Santa Brígida, Malinche, e a personificação da circularidade da obra.

Reencenando o arquetípico entrevero mano a mano e também todas as guerras do mundo, os gêmeos Shaun e Shem podem ser identificados sempre que houver o conflito entre dois homens (há exceções, como quanto Shem é uma árvore e Shaun uma pedra ou quando são as margens opostas de um rio). Vemos no *Wake* o próprio Joyce, como Shem, enfrentando o irmão Stanislaus, como Shaun. Outras máscaras desse conflito são Caim x Abel, Napoleão x Wellington, Romano x Cristão, General Russo x Buckley, Formiga x Cigarra, Escritor x Plagiador, Artista x Demagogo, Bárbaro x Romano, Jutt x Mutt, Raposa x Uvas e eteceteras x eteceteras.

A menina Issy é a nuvem, é o espelho, é uma das cores do arco-íris, é a tentação, é a energia propulsora do pecado e, portanto, compulsora e repetidora dos enredos. O pai e os irmãos a desejam e a mãe se sente subjugada por ela.

Outros “personagens” recorrentes são os doze: fregueses do bar, jurados, apóstolos, tons do dodecafonismo etc.

Não podemos esquecer Mamalujo, que vira e mexe dá (ou dão) as caras na politrama. Mamalujo é a fusão dos 4 evangelistas: Marcos, Mateus, Lucas e João.

4 Qual é o enredo?

Como uma espécie de conto de fadas, o enredo compulsiona em torno do pecado e se repete (ou se reatraliza) com alteração sob uma infinidade de máscaras. O pecado é o suposto desejo do pai HCE pela filha Issy, mas também é o pecado de Adão e Eva, de Tristão e Isolda e múltiplos outros. Embora seja mais coerente falar sobre uma entrecruzada malha rizomática de enredos, a crítica “estabilizou” um enredo arquetípico a partir do qual se fragmentam todos os outros. Para Deleuze,

aparecem, assim, as condições pelas quais um livro é um cosmo e o cosmo é um livro. Através de técnicas muito diversas, desenvolve-se a identidade joyciana última, reencontrada em Borges ou em Gombrowicz, caos = cosmo. Cada série forma uma história: não pontos de vista diferentes sobre uma mesma história, como os pontos de vista sobre a cidade, segundo Leibniz, mas histórias totalmente distintas que se desenvolvem simultaneamente. As séries de base são divergentes. Não relativamente, no sentido em que bastaria retroceder para encontrar um ponto de convergência, mas absolutamente divergentes, no sentido em que o ponto de convergência, o horizonte de convergência está num caos, sempre deslocado nesse caos. Esse caos é o mais positivo, ao mesmo tempo que a divergência é objeto de afirmação. Ele se confunde com a grande obra, que mantém todas as séries *complicadas*, que afirma e complica todas as séries simultâneas (DELEUZE, 2018, p. 163-164).

Nesse labirinto enredístico, ora se fala sobre a história dessa família, ora se fala sobre a história geológica, ora se bate um papo sobre a história astrológica, ora se fofoca sobre as estórias bíblicas, ora se proseia sobre tramas míticas e folclóricas, ora se reencenam fábulas, ora se ora etc. A fofoca, aliás, colore os múltiplos tons narrativos, nas muitas desafinações (ou deformações) das informações em seus deslocamentos, retornos e sobreposicionamentos ao longo da obra.

5 Qual é o espaço narrativo?

Mais uma vez o princípio da multiplicidade se faz valer a partir da implosão fragmentária de um modelo arquetípico que, no caso, é a Irlanda, mais precisamente a cidade de Dublin, um espaço-rizoma que se metamorfoseia em um sem número de cidades reais e imaginárias. Tomando Dublin como ponto de partida,

a representação infinita pode multiplicar os pontos de vista e organizá-los em séries; nem por isso estas séries são menos submetidas à condição de convergir sobre um mesmo objeto, sobre um mesmo mundo. A representação infinita pode multiplicar as figuras e os momentos, organizá-los em círculos dotados de um automovimento (...) (DELEUZE, 2018, p. 86)

Nessa multiplicidade espacial, a Irlanda troca tanto de roupa que chega até a vestir o Brasil algumas vezes, como em “*High Brazil Brandan’s Deferred, midden Erse clare language, Noughtnoughtnought nein*” (FW 488.24-26). Para Deleuze, a obra de

Joyce pode ser uma sucessão de séries em constante deslocamento, na qual o que conta

é a divergência das séries, o descentramento dos círculos, o “monstro”. O conjunto dos círculos e das séries é, pois, um caos informal, *a-fundado*, que só tem por “lei” sua própria repetição, sua reprodução no desenvolvimento do que diverge e descentra (DELEUZE, 2006, p. 98).

6 Qual é o tempo narrativo?

Embora seja uma obra que reflita o espírito da sua época sobre vários aspectos, o *Wake* circula viconianamente por um labirinto de períodos, haja vista que, para além de refletir o tempo presente da escrita, Joyce embaralha a sua época aos tempos dos deuses, dos homens e da natureza, ao ocaso da Pré-História, à epifânica Grécia Antiga, à desterritorialização e reterritorialização dos mais diversos impérios, às trevas da Idade Média europeia, às luzes do Renascimento, às Américas pré- e pós-Colombo e Cabral e etecéteras vezes etecéteras. De acordo com Vico, haveria 3 eras, a dos Deuses, a dos Heróis e a dos Homens. Depois desses 3 momentos ocorreria o *ricorso*, um período mais breve, que ignicionaria o movimento circular de retorno às eras passadas. Inspirado nessa divisão, os 17 capítulos do *Wake* são divididos em 4 livros, sendo 3 partes maiores e 1 parte, o último livro, mais conciso à semelhança do *ricorso*. Entretanto, a circularidade do *Wake* é mais móvel do que a de Vico, sendo que as eras não se sucedem necessariamente em uma ordem preestabelecida, podendo haver uma mistura, permuta ou sobreposição de eras. O traço mais importante dessa circularidade é o princípio estrutural da repetição que, no *Wake*, é o eterno retorno da diferença.

Eis por que o eterno retorno não surge em segundo lugar, nem vem depois, mas já está presente em toda metamorfose, é contemporâneo do que ele faz retornar. O eterno retorno reporta-se a um mundo de diferenças implicadas umas nas outras, a um mundo complicado, *sem identidade*, propriamente caótico. Joyce apresenta o *vicus of recirculation* como aquilo que faz girar um *caosmos*; e Nietzsche já dizia que o caos e o eterno retorno não eram duas coisas distintas, mas uma mesma *afirmação* (DELEUZE, 2018, p. 87).

7 Qual é a língua de origem?

O inglês é a principal estrutura linguística a qual, porém, é violada em sua gramática pela parataxe joyceana e, também, perde a sua pureza semântica diante da invasão enxertiva de dezenas de línguas e dialetos.

Finnegans Wake é um meta-romance que, ao mesmo tempo, utiliza a narração, a questiona, e leva ao paroxismo a hibridação da língua. Seria melhor dizer línguas, visto que Joyce utiliza sessenta e cinco para produzir uma espécie de babelismo lúdico. Ele assume a posição de um demiurgo que assurimia todas as perspectivas e todos os signos verbais que poderiam lhes servir de suporte. Mas o multilinguismo de Joyce, que ele chama de “puntomine”, dissolve a identidade dos personagens e das línguas. (...) Ele engole o dialogismo de maneira a tal ponto radical que, em definitivo, “ouvesse” em suas obras todas as línguas, mas praticamente mais nenhuma (KRYNSKI, 2012, p. 240).

Complementando a reflexão de Krynski, Lacan coloca o *Wake* como cume da criação de Joyce, pois no “progresso de certo modo contínuo que sua arte constituiu, é difícil não ver que uma certa relação com a fala lhe é cada vez mais imposta” e ainda reforça o fato de “essa fala que, ao ser quebrada, desmantelada, acaba por ser escrita –, a ponto de ele acabar por dissolver a própria linguagem” (LACAN, 2007, p. 93). Assim, nesse movimento descolonizador do inglês, ou ao menos deformador, a língua é um tanto quanto nem-nem, nem estável gramaticalmente, nem estável semanticamente como veremos no próximo platô.

8 Qual é a linguagem da obra?

É a linguagem do inconsciente, predominantemente do sonho, portanto, reflete a nebulosidade *nonsense* do multiverso onírico por meio de recursos transgressores, a exemplo das neo(i)logísticas, falhantes e chistosas palavras-valise multilíngues. Para Colette Soler,

Finnegans Wake, esse sonho acordado que gira em círculos da última à primeira palavra, é em si um grange enigma. A quebra da linguagem aí está em seu máximo, e o equívoco está muito descontrolado para emitir uma mensagem. Consequentemente, (...) cada vez que o vazio da significação é colmatado, um outro enigma se impõe (...) (SOLER, 2018, p.160-161).

Joyce procurou transcriar musiscrituralmente a natureza do inconsciente e comentou que “grande parte da existência humana se passa num estado que não pode ser explicado de maneira sensata com o uso de linguagem alerta, gramática breve e seca e trama de vá-em-frente” (ELLMANN, 1989, p. 722). Na mesma linha de fuga contrária à racionalização do sujeito, Freud argumentou que

o abandono da superestimação concedida à faculdade da consciência torna-se pressuposto indispensável para qualquer compreensão correta do desenvolvimento do psíquico. (...) O inconsciente deve ser tomado como base universal da vida psíquica, é o círculo maior que abrange em si o círculo menor da consciência; tudo o que é consciente tem um estágio prévio inconsciente (...) (FREUD, 2017, p. 639-640).

Na polifonia do sonho wakeano, também “ouvemos” a repetição com alteração da música, a mobilidade da ciclicidade de Giambattista Vico e a coincidência dos opostos de Nicolau de Cusa e, principalmente, a de Giordano Bruno. Como disse o tradutor grego Anevlavis, “a linguagem do sonho é (...) uma espiral em desenvolvimento, cheia de contrastes e contradições, na qual cada nova interpretação cria um novo contexto, que proporciona uma nova possibilidade de interpretação”. Ele complementa dizendo que “o ciclo recorrente de Vico é repetitivo e variado, como *Agrypnia (o Wake)*”.⁶

9 Qual é o desfecho da trama?

Boa pergunta. Será que há um desfecho?

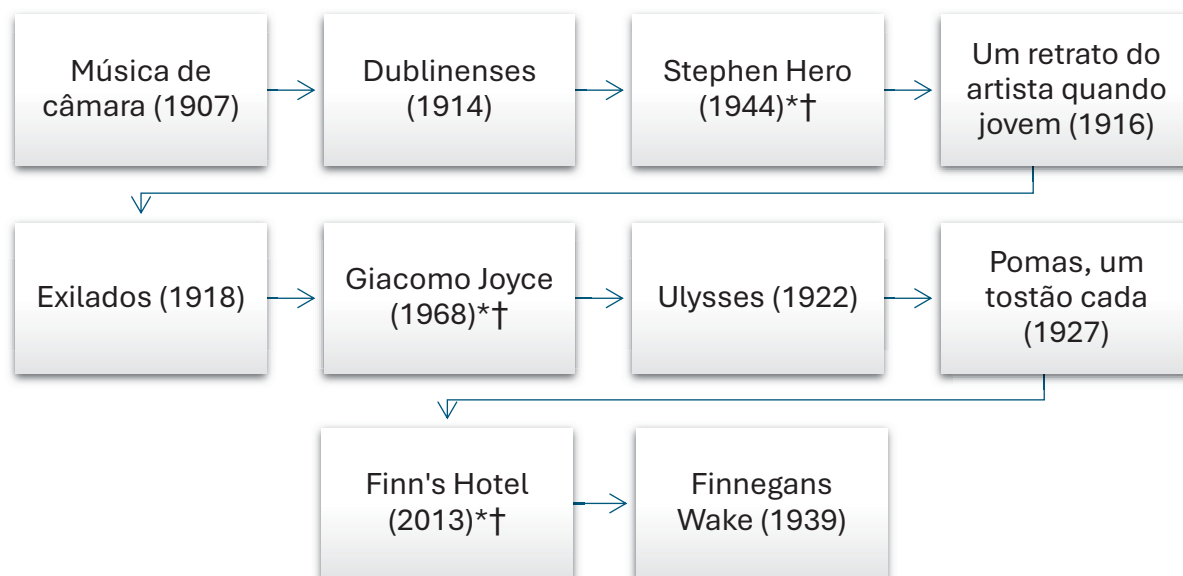
Nas três últimas páginas do *Wake* (FW 626.30 – 628.16), a personagem-rio Anna Livia Plurabelle (ALP) apresenta um amargurado monólogo de despedida, motivado pelo abandono da família e pela suposta traição do marido-montanha Humphrey Chimpden Earwicker (HCE) com sua filha-nuvem, a jovem Issy. Enquanto relembra o passado, ALP se sente velha, sozinha e sem forças para continuar, desintegrando-se de um mundo no qual não se encaixa mais. Ela, que monologa ao mesmo tempo em que sua família dorme, vai ao encontro do pai-mar em um desaguar que encerra a última página da obra com o trecho “*A way a lone a last a loved a long*

⁶ Vide a entrevista de Eleftherios Anevlavis no platô 3.

the” (sem ponto final). Todavia, essa ausência de pontuação provoca um movimento circular que leva o leitor novamente à página inicial, a qual começa com a palavra *riverrun*, em minúsculas, que se conecta com a frase incompleta “*A way a lone a last a loved a long the*” da página 628. Dessa forma, o que parecia ser o fim da personagem e também do livro logo se converte no recomeço de ambos. É como se a mulher-rio que desaparece no mar evaporasse e ressurgisse na primeira página após chover de sua filha-nuvem, renascendo vigorosamente por meio de sua rival. Ou seja, concluímos que não há conclusão!

10 Qual é a posição de *Finnegans Wake* na obra de Joyce?

O *Wake* retoma vários elementos de obras anteriores de Joyce, como a epifânica fusão prosa-poética de *Giacomo Joyce*; a alusividade, a repetição, a ambiguidade e a mobilidade interpretativa de *Ulysses*; a trocadilhesca poetaria escatológica de *Chamber Music* – muito bem captada na tradução *Récita Privada*, de Galindo –; o furor decolonial de *Stephen Hero*, *A portrait of the artist as a young man* e *Ulysses* etecéteras etecéteras. Como veremos no próximo platô, a obra de Joyce retoma-se, interpreta-se, funde-se e renova-se em um incessante movimento musical.

LINHA DO TEMPO 1 – MOVIMENTOS DA SINFONIA LITERÁRIA DE JOYCE⁷

FONTE: O autor (2024).

11 Senhor pesquisador, você pode falar um cadinho sobre a recepção crítica e artística do livro?

Claro! Por mais doidofista que possa parecer, a crítica também não demorou a realizar achados importantes nesse “*chaosmos*” (FW 118.21). Um dos trabalhos fundadores da crítica wakeana foi lançado em 1929, ainda no período *Work in progress* da obra. De natureza coletiva, recebeu o título de *Our Exagmination Round His Factification for Incamination of Work in Progress*, com Joyce como um possível arranjador (ou Deus) dos 12 apóstolos que assinam os ensaios.

Outros interessantes textos críticos, mas de extensão menor, foram publicados depois, até que em 1947 Joseph Campbell e Henry Morton Robinson publicaram *A skeleton key to Finnegans Wake*, livro que realizou uma esquematização dos capítulos do *Wake*, roteirizando a leitura. Bonzinhos demais da conta com leitores desnorteados, Campbell e Robinson de certa forma procuraram preencher parte do

⁷ As obras não estão em sua sequência de publicação, e sim de elaboração, pois livros não publicados em vida por Joyce, como *Giacomo Joyce* e *Stephen Hero*, ressoaram temática e formalmente na composição de outros, como *Ulysses* e *Um retrato do artista quando jovem*.

vazio narrativo deixado após o narraticídio de Joyce. Na esteira do *Skeleton*, que até hoje reverbera entre estudiosos e leitores do *Wake*, vieram importantes trabalhos pra segurar a mãozinha trêmula do leitor órfão da estabilidade narrativa.

- Roteiros de leitura como: *A reader's guide to Finnegans Wake* (1996), de Tindall; *Finnegans Wake: a plot summary* (1986), de John Gordon e *Joyce's allmaziful plurabilities* (2018), de vários autores;
- *Annotations* como o de McHugh (2016) e estudos alusivos como *The Books at the Wake* (1974), de James S. Atherton; e *Joyce's Grand Operorar* (1997), de Hodgart e Bauerle;
- Estudos da tradução como os de Patrick O'Neill: *Impossible Joyce* (2013); *Trilingual Joyce* (2018); e *Finnegans Wakes* (2022);
- Estudos genéticos, como o *How Joyce Wrote Finnegans Wake* (2007), de Crispi e Slote;
- Entre trabalhos dedicados aos mais variados temas, como música, filosofia, psicanálise, pós-colonialismo, feminismo etc.

A tal fala de Joyce de que os críticos se debruçariam por séculos sobre a sua obra (ELLMANN, 1989), para *Além do bem e do mal* de seu efeito lacrador, indica que Joyce incluiu na proposta poética do *Wake* uma coconstrução sempre *in progress* pelo “tagarelismo crítico”⁸ ou, dito de uma forma politicamente correta, uma terceira via narrativa. E o tagarela que vos falha não escapa disso.

Enquanto potência estética, o livro rizomou-se principalmente para a música, nas obras de compositores que o utilizaram tanto como inspiração temática, quanto como modelo estrutural para as suas composições. Pierre Boulez, empolgado com a mobilidade cíclica do *Wake*, comentou que as

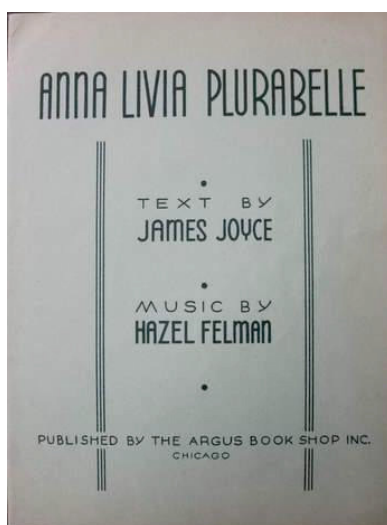
reflexões sobre a composição da obra musical nos fazem esperar uma nova poética, uma nova maneira de ouvir. É neste ponto exato que a música manifesta, talvez, seu maior atraso em relação à poesia, por exemplo. Nem Mallarmé – de *Un Coup de dés* – nem Joyce têm equivalentes na música de sua época (...).

⁸ Em *Ulysses e o monólogo interior: consequências e origens* (PERUCHI, 2022), Camila Peruchi fala de uma “crítica tagarela” que procura preencher os vazios narrativos do *Ulysses*. No *Wake*, que possui uma instabilidade narrativa muito maior, esse “tagarelismo” é intensificado.

Sem querer recorrer muito estreitamente às investigações desses escritores, uma vez que elas têm a ver com a linguagem, não é ilusório adotá-las como referência na procura de uma nova poética musical (BOULEZ, 1995, p. 34).

Tomando apenas a música erudita como exemplo, ainda em 1935, antes da publicação integral do *Wake*, o capítulo 8 do livro 1 foi musicado para voz e piano pela compositora estadunidense Hazel Felman (1892-1974).

FIGURA 5 – CAPA DA PARTITURA DA ALP DE FELMAN



FONTE: FELMAN, Hazel. ***Anna Livia Plurabelle***. Chicago: Published by the Argus Book Shop Inc, 1935.

Depois de Felman, as palavras ou a estrutura do *Wake* foram trasladadas às composições de nomes como Arthur Lourié (1892-1966), Elliott Carter (1908-2012), Samuel Barber (1910-1981), Humphrey Searle (1915-1982), Pierre Boulez (1925-2016), John Cage (1912-1992), Luciano Berio (1925-2003), John Buller (1927-2004), Stephen Albert (1941-1992), Toru Takemitsu (1930-1996), Tod Machover, Richard Emsley, Ryszard Szeremeta, Martin Pearlman, Barry Truax, Alfred Lerdahl, Joel Thome, Roger Marsh, Flo Menezes, Rodolfo Valente e muitos outros.

Fruto do espírito da época de escrita do livro, a psicanálise que, como veremos no próximo platô desta tese, aduba as páginas wakeanas, também foi porosa ao livro. Isso pode ser notado na mobilidade do estruturalismo desconstruído de Jacques Lacan, que dedicou um seminário inteiro a Joyce, *O sinthoma*, com destaque para o *Wake*.

Picado pela moscazart do trocadilho, Lacan também se tornou um neologistaradão. Palavravaliseaneamente, “*sinthome*” fusiona *sin* (pecado) + *homme* (homem) + *home* (lar) + *saint thomas* (São Thomas de Aquino) etc. De acordo com Roudinesco, depois do seu seminário wakeano, Lacan comicomeçou a sua *condansation* (condanção = condensação + dança) com as palavras e, portanto,

se pôs a escrever e a falar no estilo de *Finnegans Wake*. Era como se, após ter buscado nessa obra a fonte secreta da loucura humana, o próprio Lacan cedesse a um exercício languageiro da psicose [...]. Assim como Lacan sempre havia imitado, com sua fala, o discurso do inconsciente, assim também, a partir de 1975, ele se apodera da escrita joyciana a ponto de dissolver seu ensino numa língua feita quase que exclusivamente de trocadilhos, alógrafos, palavras-valise e neologismos que não deixavam de lembrar os significantes fundamentais de sua doutrina e de sua história (ROUDINESCO, 1994, p. 374).

Embora estruturalista de carteirinha, ele sempre deixou furos (ou fendas) em suas teorias, mantendo-as abertas a diálogos e refazimentos. E por falar no Lacan, que condençou Saussure, Lévi-Strauss, Freud, Marx, grafologia e Joyce no mesmo balaio psicanalítico (nossa, que mistureba à la *Wake*), segue um esquema com algumas proposições lacanianas que aparecem neste trabalho e que também foram rizomadas à (re)transcrição *Finnegans Ressuchistam*.

ESQUEMA 1 – RECORTE DE IDEIAS LACANIANAS

Repetição	• “A repetição revela os desejos e traumas inconscientes do sujeito” (O Seminário de Jacques Lacan, Livro XVII).
La língua	• É a língua materna do sujeito, composta por uma multiplicidade de agenciamentos do mesmo. “Conforme a maneira como a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual sujeito em sua particularidade, algo em seguida sairá em seus sonhos, em todo tipo de tropeço, em todo tipo de dizer. Eis o materialismo em que reside a apreensão do inconsciente” (LACAN, 1985, p. 12).
Nó borromeano	• “O nó mostra o que distingue as dimensões do Imaginário, do Simbólico e do Real.” (O Seminário de Jacques Lacan, Livro XXIII). “O nó em si não é nada. É o sujeito que faz o nó” (O Seminário de Jacques Lacan, Livro XX).
Inconsciente estruturado como uma linguagem	• “O inconsciente está estruturado como uma linguagem e tem a fecundidade da linguagem” (O Seminário de Jacques Lacan, Livro XX).
Grande Outro	• “O Outro é o reino dos significados e normas compartilhados” (O Seminário de Jacques Lacan, Livro XVII).

FONTE: Seminários de Lacan (adaptados).

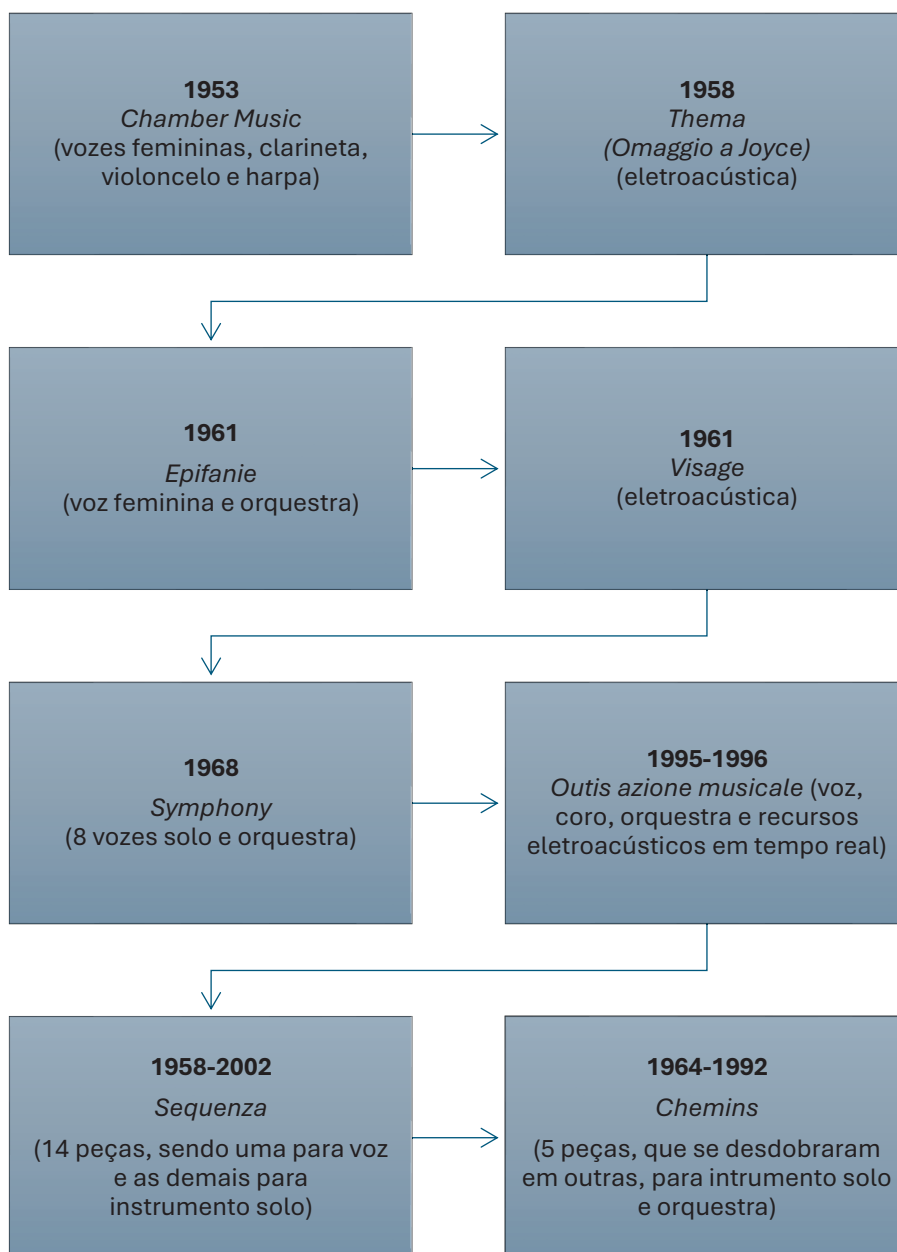
Outro teórico com fundamentos estruturalistas fortemente influenciado pelo *Wake* foi Umberto Eco, que refletiu sobre a obra aberta wakeana. Como o semiólogo italiano demonstra, essa abertura e a aparente desestrutura de efeitos frutivos caóticos foram meticulosamente calculadas por Joyce. Eco diz que

o autor oferece, em suma, ao fruidor uma obra *a acabar*: não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a sua obra, não outra, e que ao terminar o diálogo interpretativo ter-se-á concretizado uma forma que é a sua forma, ainda que organizada por outra de um modo que não podia prever completamente: pois ele, substancialmente, havia proposto algumas possibilidades já racionalmente organizadas e dotadas de exigências orgânicas de desenvolvimento (ECO, 2000, p. 62).

Os principais textos de Umberto que (Eco)aram o *Wake* foram: *Obra aberta* (2007), *Vertigine della lista* (2009), *Las poéticas de Joyce* (2011) etc. Ele também foi a (Eco)nexão rizomática entre a obra joyceana e a música beriana a qual, um dia, será objeto de um estudo pormenorizado deste pesquisador *in progress*. Além da amizade,

Luciano Berio possuía uma parceria criativa com Eco, que o apresentou ao labirinto estético de Joyce, do qual Berio (graçazadeus!) nunca saiu.

LINHA DO TEMPO 2 – RIZOMA JOYCEANO DE BERIO



FONTE: O autor (2023).

O pós-estruturalismo também teve o *Wake* como um de seus totens, a exemplo da desconstrução derridiana. A mobilidade acêntrica do *Wake* rizomou-se ao pensamento de Jacques Derrida e trocatrilhou toda a sua obra, com destaque para o

ensaio “Duas palavras por Joyce”, que mostra a potência amplificadora da escrita wakeana por meio da análise da multiplicidade significativa de duas meras palavrinhas: “*he war*”. Derridando um pouco,

direi apenas duas palavras, a supor que se possam contar palavras em *Finnegans Wake*. Uma das grandes gargalhadas de Joyce ressoa através deste desafio: tentem contar as palavras e as línguas que consumo! Ponham à prova esse princípio de identificação e de enumeração! O que é *uma* palavra? (DERRIDA in NESTROVSKI, p. 17).

Abaixo, alguns conceitos da filosofia derridiana que dialogam com o *Wake*.

ESQUEMA 2 – RECORTE DE IDEIAS DERRIDIANAS

Descentramento	A partir de uma leitura desconstrutora do texto artístico, observamos que o significado não possui mais um lugar fixo(centro), mas, sim, passa a existir enquanto construção substitutiva que, na ausência de centro ou de origem, faz com que tudo se torne discurso e a produção da significação se estabeleça mediante uma operação de diferenças (p. 16).
Intertextualidade	Sistema constituído a partir das operações entre os elementos ou significantes de uma cadeia, que se remetem (<i>renvoient</i>) simultaneamente uns aos outros. A reconstrução do campo textual será delimitada a partir dessas operações, ou da remissão sem fim dos traços aos traços, isto é, dos significantes aos significantes (p. 52).
Dobra	O texto, como tecido de traços, mascara outro texto, a princípio oculto: é a “tela que envolve a tela”, mas que deixa esta última emergir quando se desfaz a dobra (ou a prega, ou a ruga). A dobra — disposição de fios encobrendo outra disposição que, à mostra, suplementa a primeira — é a ausência que tece (p. 26).
Enxerto	“Violência apoiada e discreta de uma incisão inaparente na espessura do texto; inseminação calculada do alógeno em proliferação pela qual dois textos se transformam, se deformam um pelo outro, se contaminam no seu conteúdo, tendem todavia a se rejeitar, passam elipticamente um no outro e se regeneram na repetição de um ponto de luva (<i>surjet</i>)” (p. 29).
Polissemia	Possibilidade ampla de significação de uma palavra e de um texto, de jogo nunca marcado, de significado aberto. Acúmulo de sentido, remetendo simultaneamente a toda uma pluralidade de suas significações (p. 69).

FONTE: SANTIAGO, 1976 (adaptado).

Deleuze, amigo de Guattari e também deste trabalho, foi outro pós-estruturalista influenciado pela acentralidade rizomática do *Wake*. Desde a sua tese de doutorado, *Diferença e repetição* (2018), passando pelos trabalhos *Lógica do sentido* (2009), *Mil platôs* (2011-2012) entre outros, ele colocou suas teorias em diálogo coconstrutivo com Joyce. Este trabalho, tanto em seu platô teórico, quanto no platô dialógico e no tradutório, faz uma tabelinha ao estilo Pelé e Coutinho (o Pelé é Deleuze, claro) com várias dessas teorias de *animus wakeano*, como as ideias de rizoma, ritornelo, linha de fuga, máquina (em ampliação à ideia de estrutura), desterritorialização, corpo sem órgãos etc. Para não quebrar o nosso clima durante a leitura explicando esses conceitos, segue um quadro deles.

ESQUEMA 3 – RECORTE DE IDEIAS DELEUZIANAS

Rizoma	• “Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. (...) Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades” (MP, 31).
Ritornelo	• “Num sentido genérico, chama-se ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (há ritornelos motrizes, gestuais, ópticos etc.). Num sentido restrito, fala-se de ritornelo quando o agenciamento é sonoro ou dominado pelo som (...)” (MP, 397).
Multiplicidade	• “A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema.” (DR, 236).
Desterritorialização	• “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual 'se' deixa o território” (MP, 634).
Linha de fuga	• “A linha de fuga é uma desterritorialização (...). Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (D, 47).

FONTE: ZOURABICHVILI, 2004 (adaptado).

12 *Finnegans Wake* é intraduzível?

Para ser preciso: sim e não!

Um defensor da intraduzibilidade poderia dizer que “nem que a vaca tussa, ou melhor, nem que o boi suba no telhado o *Wake* é traduzível, como parte da crítica sempre defendeu”. Mas alguém que afirma o oposto poderia lançar ao acaso um “peraí... o boi subiu no telhado na polirrítmica peça musical *Le boeuf sur le toit*, do amigo de Joyce, o modernista francês Darius Milhaud. Sendo assim, com esse baita fundamento e com a corroboração de um enorme boom tradutório, *Sim, eu digo sim* à traduzibilidade do *Wake*, mas com alguns sins, uns não e outros tantos senões”.

A dimensão intraduzível do *Wake* habita principalmente a multivetorialidade significativa da palavra-valise, visto que esta característica da escrita inviabiliza uma tradução semântica direta da maior parte do livro que seja “fiel” à pluralidade significativa da palavra. Desse modo, essa categoria de palavras, mais do que traduzidas diretamente, precisa ser recriada, ou transcriada, pois obras como o *Wake*, “tanto como a poesia (e mais do que muita poesia), postulariam a impossibilidade da tradução, donde parecer-nos mais exato, para este e outros efeitos, substituir os conceitos de prosa e poesia pelo de texto” (CAMPOS, 2011, p. 34). Haroldo complementa que,

admitida a tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos. Teremos, como quer Bense, em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema (*idem*).

Já o plano da traduzibilidade é corroborado a cada nova tradução. O próprio Joyce, inclusive, foi tradutor (ou transcriador) do *Wake*. Entendemos que, de maneira mais estável do que a palavra, a estrutura e a poética do livro podem ser trasladadas às traduções, que podem buscar um equilíbrio de elementos ou hierarquizar um ou outro aspecto da obra original, como a nebulosidade onírica, a musicalidade, a repetição, a simultaneidade, a referencialidade megalomaníaca etc. No próximo platô, exploraremos essas questões na prática.

O fato é que o “livro intraduzível” foi ganhando traduções parciais, inclusive com participação do próprio Joyce na versão francesa e na italiana do capítulo 8 do livro 1 (ELLMANN, 1989). Em que pese a intraduzibilidade direta da maior parte das palavras do livro, leituras rizomáticas (críticas, tradutórias e artísticas) foram ampliando o babelizante projeto literário de Joyce a inúmeras línguas,⁹ inclusive para o português brasileiro, como veremos adiante.

1.2 RITORNELLO TRADUTÓRIO DO *FINNEGANS WAKE* NO BRASIL

“O *Ritornelo* é uma espécie de ‘motivo’, aquilo que se repete e se transforma, que sempre retorna e traça um ‘território’ que é já expressão do ritmo de uma variação criadora, de um agenciamento” (MUNIZ, 2015, p.199). Nesse sentido, o *Wake* ritornela no Brasil, ou seja, repete-se com novas roupagens críticas e, principalmente tradutórias, haja vista que essa repetição do original se dá por meio das alterações territoriais da *lalíngua* do tradutor. A *lalíngua*, neologístico conceito do joyceano Lacan, “remete ao caráter único, contingente, que a língua assume para cada sujeito em cujo corpo *uns* significantes se assentaram (...)” (TENENBAUM, 2023, p. 70). Portanto, não obstante esse caráter único, a *lalíngua* do sujeito é uma construção que encapsula no corpo do enunciador – no nosso caso, do lalinguistradutor – todo o emaranhado de influências que o constituiu. A *lalíngua* de Joyce, por exemplo, mais precisamente aquela que fala no *Wake*, é a *lalíngua* materna de Dublin mestiçada ao múltiplo agenciamento linguístico-cultural do mundo.

O *riverrun* do *Wake* desaguou em nossa *Terra Papagalli* na década de 50 pelas transcriadoras mentes dos irmãos Campos e, desde então, tem se rizomado a inúmeras traduções que, nesse “ritornello” tradutório, não deixam o rio de palavras-valise do original secar e, como Joyce gostaria, ampliam a sua poética babélica em uma repetição do original que, graças aos timbres da *lalíngua* brasileira e à criatividade dos tradutores, sempre traz alterações enriquecedoras, pois

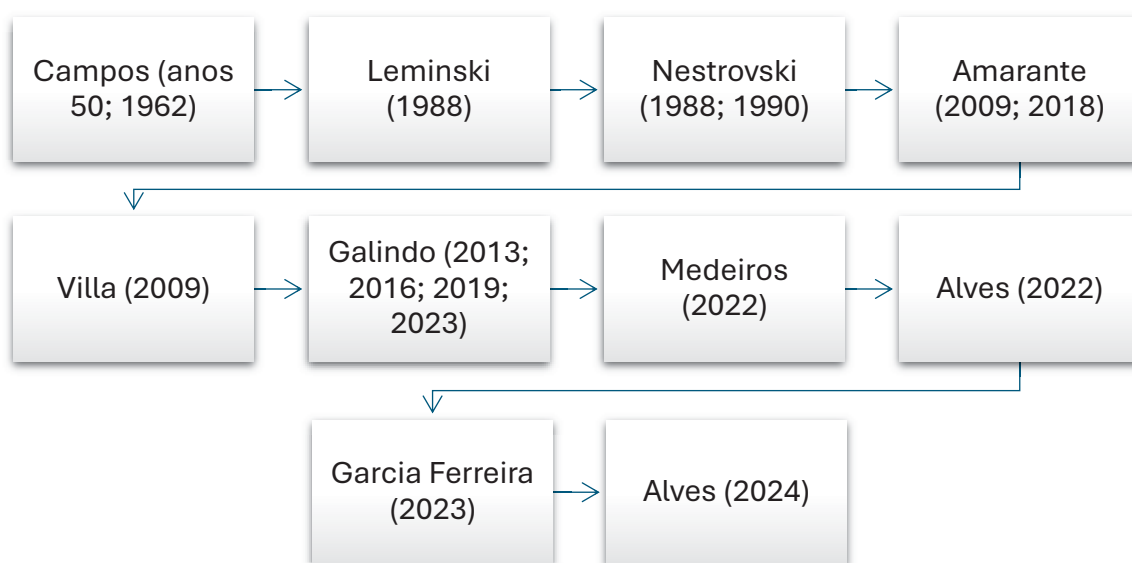
Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio
Nem ama duas vezes a mesma mulher.

⁹ Nos anexos, por meio de uma meticulosa catalogação realizada por Patrick O’Neill no livro *Finnegans Wakes* (2022), podemos ter noção do boom tradutório wakeano ao redor do mundo.

Deus de onde tudo deriva
É a circulação e o movimento infinito (MENDES, 2014, n.p.).

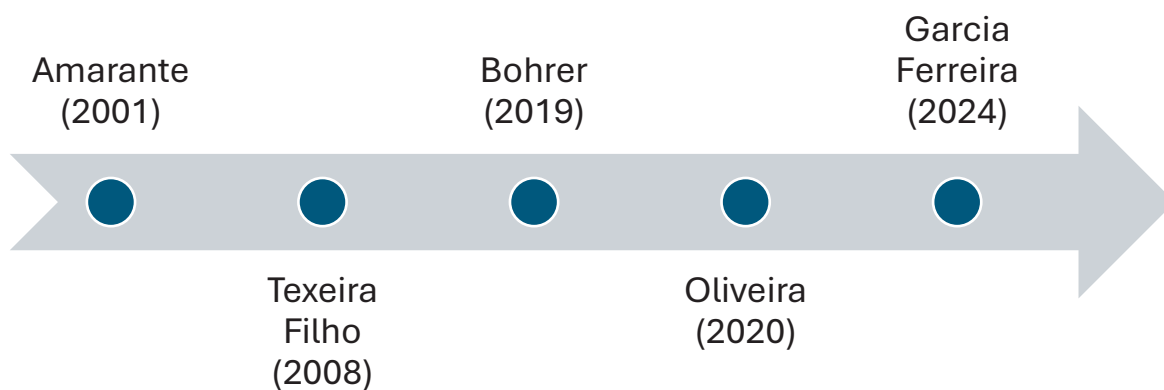
A seguir, esquematizamos temporalmente as traduções parciais; as que foram realizadas em teses e dissertações; e as integrais.

LINHA DO TEMPO 3 – TRADUÇÕES PARCIAIS



FONTE: O autor (2024).

LINHA DO TEMPO 4 – TRABALHOS ACADÊMICOS COM TRADUÇÕES



FONTE: O autor (2024).

LINHA DO TEMPO 5 – TRADUÇÕES INTEGRAIS



FONTE: O autor (2024).

As linhas do tempo comprovam a traduzibilidade para o português brasileiro e o interesse do mercado editorial nacional no *Wake*. Esse interesse é demonstrado não só pela nova edição da Ateliê Editorial de *Finnicius Revém* (2022a), traduzido por Schüller, como também por *Finnegans Rivolta* (2022b), tradução integral do Coletivo *Finnegans Wake*, que a editora Iluminuras lançou em 2022. Como “um é pouco e dois é bom”, ambas as edições venceram o Prêmio Jabuti de melhor tradução.

Também existem publicações editoriais de recentes versões parciais, a exemplo de *Finnegans Wake* (por um fio) de Amarante (2018a) e *Anna Livia Plurabelle* de Alves (2022c). Já o *Panaroma do Finnegans Wake* (2001) e *Para ler Finnegans Wake* (2009) são títulos que circulam há vários anos no mercado editorial, trazendo traduções parciais acompanhadas de fortunas críticas que dão uma mãozona ao leitor.

Entre as traduções apresentadas em trabalhos acadêmicos, merecem destaque a dissertação de Dirce W. do Amarante (2001) e as teses de Leide Daiane de Almeida Oliveira (2020) e de Afonso Teixeira Filho (2008), as quais apresentaram a tradução de um capítulo completo do livro I de *Finnegans Wake*, o VIII, o V e o I, respectivamente. Em sua tese de 2019, Andrea Buch Bohrer traduziu o monólogo de ALP, que é um recorte do último capítulo. Fechando, por enquanto, o “bonde dos

tesões sem freio”, este trabalho apresenta *Finnegans Ressuchistam*, uma (re)transcrição integral do *Wake*.

Ademais, há traduções integrais *in progress*, como as de Galindo, Teixeira Filho e Alves. Assim, o Brasil se tornará o país com o maior número de traduções integrais do “livro intraduzível” e, se não se tornou “o celeiro do mundo”, ao menos está em vias de ser o celeiro das traduções wakeanas, o que autoriza o meme abaixo.

FIGURA 6 – TARADUÇÃO POR JOYCE



FONTE: O autor (2021).

Como O'Neill comentou, “o *Wake*, da primeira à última linha, é um intrigante quebra-cabeça linguístico que exige urgentemente que seja resolvido – e desafia qualquer aspirante a tradutor a responder a essa procura”.¹⁰ Agora, falemos um pouco sobre aqueles que tentam montar o quebra-cabeça, que são os personagens desse rizoma tradutório cada vez mais denso.

1.2.1 Antônio Houaiss

O filólogo carioca Antônio Houaiss (1915-1999) foi o primeiro tradutor de *Ulysses* para a língua portuguesa, o que ocorreu em 1966. Mas você, pobre leitor desta tese, pode se perguntar: “Ora Boylans, se o hñmi verteu o *Ulysses* e não o *Wake*, por que diabos ele está elencado como tradutor da última obra?” A explicação está na pegada wakeana – ou neologística – do dicionário tradutor, que optou por aplicar uma poética joyceana em sentido amplo, por meio de uma radicalidade

¹⁰ Vide a entrevista de Patrick O'Neill no platô 3.

neológica – inclusive com o uso de palavras-valise – mais próxima do *Wake* do que do *Ulysses*. Augusto de Campos observa que,

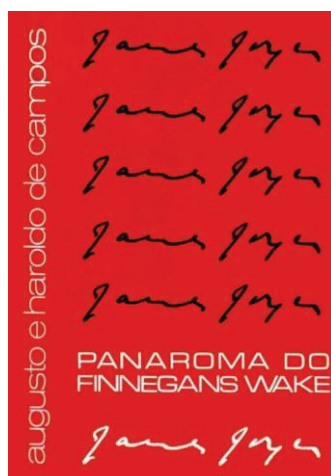
contagiado pela paixão joyceana da composição de palavras, Antônio Houaiss, por vezes, toma a iniciativa de montar vocábulos à margem do texto, simples palavras como “*puzzling*” ou “*frowning*” podem converter-se em “manimisturando” ou frontipregueando” (CAMPOS, 2001, p.180).

Provavelmente, este foi um dos recursos que ele encontrou para trazer à luz a ambiguidade do original, muito mais presente na odisseia de estilos e nos jogos alusivos do livro do que propriamente no referente linguístico. E ficou ótimo! Tanto que o metempisicótico Eu liriacadêmico adoraria agradecer ao Houaiss em uma eventual transmigração das almas bem à moda wake-ulyssseana.

1.2.2 Irmãos Campos

Os irmãos à obra aberta Haroldo de Campos (1929-2003) e Augusto de Campos foram os primeiros a ressuchistar o original para o português brasileiro. Na década de 50, os paulistanos colocaram a mão na massa macrotextual e transcriam diversos trechos do livro no *Jornal do Brasil*. Em 1962, esses fragmentos retornaram em uma edição que intitularam *Panaroma de Finnegans Wake*. “*Panaroma*” é uma palavra-valise do próprio *Wake* que pode apontar para Pan, panorama, aroma ou para tudo ao mesmo tempo.

FIGURA 7 – PANAROMA DO FINNEGANS WAKE



CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Panaroma do Finnegans Wake**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Em versões futuras, eles enriqueceram a edição com instrumentos críticos e, inclusive, com a retradução, ou (re)transcrição de um dos trechos traduzido na publicação finnicial, mostrando a mobilidade rizomática do signo wakeano. Assim, fundaram tanto a base prática quanto sedimentaram os alicerces teóricos da transcrição wakeana para as futuras traduções parciais e integrais da obra.

1.2.3 Paulo Leminski

O multifacetado curitibano Paulo Leminski (1944-1989), além de ser um escritor de destaque na história literária brasileira, também traduziu diversos autores, como os experimentalistas Beckett e Ionesco. Neologista dos Blooms, em 1988 o “polilíngue paroquiano cósmico” se aventurou na densa selva de ambiguidades joyceanas, traduzindo um fragmento da complexa musiscritura de trocadilhos plurilíngues do *Wake*. Para o faixa-preta da palavra, “*Finnegans Wake* (O despertar de *Finnegans*) é a mais alta realização literária deste século! talvez de todos os séculos” (LEMINSKI, 2010a).

Leitor e tradutor de Joyce, Leminski contribuiu para a divulgação e para a nutrição linguístico-poética da obra do irlandês no português brasileiro. Na mão dupla dessa via, ou desse “*vicus of recirculation*” (FW, 03.02), ele foi poroso à influência do irlandês, principalmente de *Finnegans Wake*, no denso fluxo de palavras-valise que é o *Catatau* (2010b). Ao ler as obras plurais dos dois escritores, uma das raras certezas que se pode ter é a de que elas não se fecham e, pela potência da forma e por suas ambiguidades latentes, mantêm-se abertas a uma rizomática coconstrução em comum com leitores e tradutores.

1.2.4 Arthur Nestrovski

O escritor e musicólogo porto-alegrense Arthur Nestrovski traduziu um trecho da musiscritura wakeana (FW 193.31–195.06) e, complementarmente, escreveu um ensaio crítico sobre a experiência tradutória. A primeira publicação de “*Mercius* (de seu mesmo): *Notes on a Brazilian Translation of Finnegans Wake*” se deu em 1990, na *James Joyce Quarterly*. Posteriormente, em 2010, houve uma nova publicação no número 8 da revista *Scientia Translationis*, incluindo a tradução para o português do excerto crítico originalmente em inglês. Ele comenta que

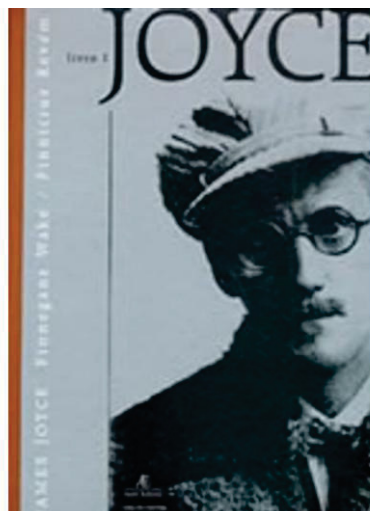
para um tradutor brasileiro, é revigorante ter que lutar pelo livro de Joyce, e talvez também seja uma revitalização do próprio livro. Traduzir *Finnegans Wake* significa efetuar uma apropriação (ou expropriação) do artificial, e isso quer dizer, entre outras coisas, que a tradução deve criar suas próprias referências e distorções, seu próprio jogo de alusões timbrísticos (NESTROVSKI, p. 97, 2010).

Nestrovski também possui um importante papel fundacional na crítica wakeana, haja vista que organizou a obra *riverrun*, uma coletânea de ensaios críticos sobre a obra de Joyce, com artigos de alguns dos principais estudiosos do *Wake* à época, como Derrida, Attridge e Norris, que assinaram, na ordem: “Duas palavras por Joyce”; “Desfazendo as palavras-valise, ou quem tem medo do *Finnegans Wake*?”; e “A estrutura narrativa”. Para *riverrun*, título que remete à primeira e/ou última palavra do *Wake*, Nestrovski também escreveu “James Joyce: a crítica da música”, texto que ainda hoje é uma das principais referências em língua portuguesa sobre a relação estrutural do *Wake* com a música.

1.2.5 Donaldo Schüller

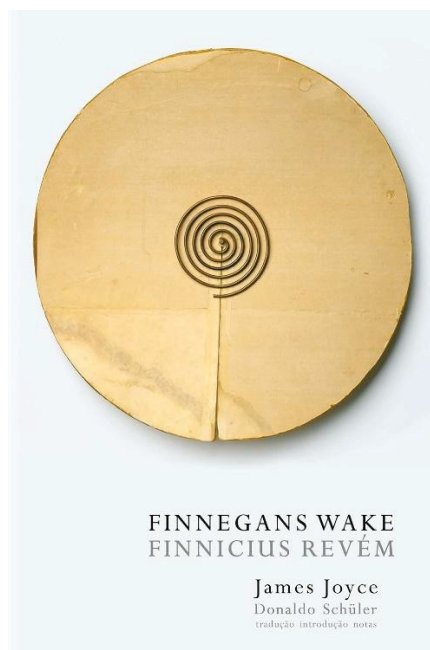
O escritor catarinense Donaldo Schüller foi o primeiro a encarar a tradução do caosmo wakenano de ponta a ponta. Inspirado nos irmãos Campos e atendendo a pedidos de colegas psicanalistas, o tradutor realizou uma tradução *sui generis*, intitulada *Finnicius Revém* – que homenageia o *Panaroma* dos Campos ao replicar a tradução do título proposta por eles – repleta de transculturação e humor (Joyce certamente gargalharia). Entre 1999 e 2003, o trabalho foi publicado parceladamente em 5 volumes pela Ateliê Editorial, em uma edição que é ricamente anotada e que traz a tradução pareada pelo macrotexto¹¹ original.

¹¹ Segundo Patrick O'Neill, o *Wake* é um macrotexto pois é “constituído pelo texto original e, em princípio, por *todas* as suas traduções” (vide a entrevista de O'Neill no platô 3).

FIGURA 8 – *FINNICIUS REVÉM*

JOYCE, James. Finnicius Revém. Trad. Donaldo Schüler.
São Paulo, Ateliê, 1999-2003 (5 vols.).

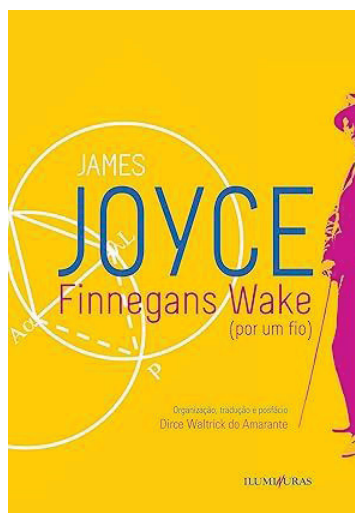
Em 2022, a Ateliê lançou uma nova edição, em volume único e sem o texto original espelhando a tradução.

FIGURA 9 – NOVA EDIÇÃO DE *FINNICIUS REVÉM*

SCHÜLER, Finnicius Revém. Trad. Donaldo Schüler. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022a.

uma aventura leitora bem-sucedida. Em 2018, ela publicou, novamente pela Iluminuras, o premiado *Finnegans Wake* (por um fio), no qual traduziu recortes de todos os capítulos do livro.

FIGURA 11 – *FINNEGANS WAKE* (POR UM FIO)



AMARANTE, Dirce Waltrick do. *Finnegans Wake (por um fio)*. São Paulo: Iluminuras, 2018.

A camisa 10 dos estudos joyceanos no Brasil fez mais um golaço com a Iluminuras em 2022, e o Dirce-me-Dirce wakeano ganhou um novo capítulo, ou melhor, ganhou a tradução integral dos 17 capítulos do *Wake* com a jabutizada edição *Finnegans Rivalta*, concebida e coordenada por Amarante. Ela reflete que

quase todos os textos criativos, em diferentes níveis, são, a meu ver, intraduzíveis, ou seja, são aqueles que não cessam de ser traduzidos, como a história da tradução nos mostra. Um exemplo de texto intraduzível é *Finnegans Wake*, de James Joyce, que, paradoxalmente, já foi traduzido na íntegra para várias línguas, inclusive o português do Brasil, e não apenas uma vez, mas duas, sem falar que novas traduções do mesmo romance já estão anunciadas (...). Por isso mesmo, os textos mais importantes, acrescento eu, precisam ser retraduzidos numerosas vezes – eles estão sempre circulando em novas versões (...).¹²

¹² Vide entrevista de Amarante no platô 3.

Uma usina de ideias e projetos, ela pretende musicar a tradução *Finnegans Wake* (por um fio) e também publicar um *Finnegans Wake* em quadrinhos (que já está pronto!). O céu não é o limite para a Super-Girltrick.

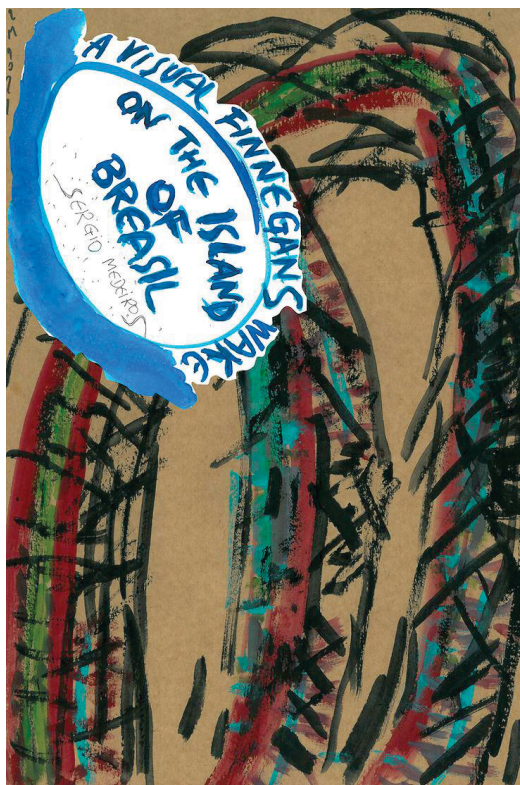
1.2.7 Sérgio Medeiros

O poeta, artista visual e ensaísta sul-mato-grossense Sérgio Medeiros ilustrou a edição *Finnegans Rivolta* e, paralelamente, realizou uma tradução visual integral da obra: *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* (2022). A intersemiótica transcriação é pioneira e vai ao âmago da poética wakeana, visando poetizar visualmente o original (se é que existe original, como vocês podem ler na entrevista-ensaio de Medeiros no platô 3). Na sua rizoimagética tradução, ele criou uma língua mestiça, que chamou de “breasileiro”,

uma língua verbo-visual que bebeu do português e do brasileiro (o português do Brasil), mas também das escritas indígenas dos dois hemisférios, e também das escritas imaginárias de Hy Breasil, ilha que é anterior à “descoberta” do nosso país pelos viajantes europeus. Na minha tradução visual de *Finnegans Wake* fiz questão de enfatizar essa concepção de uma língua “breasileira” na qual me expressaria, por isso publiquei esse trabalho sob o título *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil*.¹³

¹³ Quem não for ao platô 3 para ler a inspirada entrevista-ensaio do “jardineiro doudo” que aduba a palavra para colher a imagem é mulher do padre.

FIGURA 12 – TRADUÇÃO VISUAL DE MEDEIROS



MEDEIROS, Sérgio. *A visual Finnegans Wake on the Islands of Breasil* [Recurso eletrônico online. São Paulo: Iluminuras, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/3w2ksxny>. Acesso em: 1º out. 2024.

Mesmo mundialmente, há poucas traduções visuais do *Wake*, uma das exceções é o *Finnegans Meet* (2015), dos poloneses Krzysztof Bartnicki e Marcin Szmandra que, como é natural à natureza múltipla do *Wake*, possui outra abordagem, como veremos na entrevista com Bartnicki no platô 3.

FIGURA 13 – ROLODEX



FONTE: Finnegans Meet. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc2v43z4>.
Acesso em: 18 out. 2024.

Ligado às vanguardas europeias, mas também às *Raízes do Brasil*, em 1999 Medeiros traduziu um trecho do *Wake* para o Guarani. Tradução que, “até” onde este pesquisador sabe, é a única para um idioma indígena. Inclusive, a performance do sonho de determinadas culturas indígenas dialoga com o *Wake* em vários pontos, como o da partilha coletiva da experiência do sonhador com a comunidade, que passa a coconstruir o sonho coletivamente em uma mistura do presente com o passado que se reporta a arquétipos ancestrais. Além de sua poética Tupi-Guattari, Medeiros também possui os seguintes trabalhos poecríticos: *Here Comes Everybody* (1996); *Cage-Joyce: Ruidoratório* (1999); *A máquina de sonhar: Finnegans Wake* (2000); *Finnegans Wake: uma orelha* (2001) e *Imagem e restauração: ilustrações para Finnegans Rivalta* (2022).

1.2.8 Coletivo Finnegans Wake

Grupo formado por 12 tradutores, responsável pelo premiado *Finnegans Rivalta*, tradução integral do *Wake* que venceu do Prêmio Jabuti de melhor tradução em 2023. O projeto, idealizado e capitaneado pela Super-Girltrick do Amarante, foi levado a cabo por tradutores de perfis variados, com liberdade para imprimir suas marcas tradutórias sem a submissão a uma proposta unificadora. O sucesso dessa *Rivalta* demonstra o caráter múltiplo do *Wake* e a sua abertura a variadas leituras tradutórias. Ao final da tradução, há uma reunião de breves textos críticos, nos quais cada tradutor aborda a sua tradução. Conforme Amarante,

para todo tradutor de textos muito inventivos, é importante mostrar para o leitor da tradução, que ele (ainda que tenha falhado) sabe o que fez e porque tomou determinadas decisões. É importante deixar claro que as escolhas, por mais arbitrárias que possam parecer, têm um motivo. Além disso, os textos podem dar dicas aos leitores, as quais eles podem seguir ou não.¹⁴

FIGURA 14 – *RIVOLTA* E SEUS TRADUTORES



FONTE: editora Iluminuras (2022).

O Coletivo *Finnegans Wake* é formado por Afonso Teixeira Filho (responsável pelos capítulos I, II e III do livro I), Andrea Buch Bohrer (pelo capítulos I do livro IV, em parceria com Amarante), André Cechinel (responsável pelos capítulos III e IV do livro II), Aurora Bernardini (responsável pelos capítulos I e II do livro III), Daiane Oliveira (responsável pelo capítulo V do livro I), Dirce Waltrick do Amarante (responsável pelos capítulo IV do livro I e capítulo I do livro IV, em parceria com Bohrer), Fedra Rodríguez (responsável pelo capítulo I do livro II), Luis Henrique Garcia Ferreira (responsável

¹⁴ Vide a entrevista de Amarante no platô 3.

pelos capítulos VI e VII do livro I), Sérgio Medeiros (responsável pela ilustração poético-visual do livro), Tarso do Amaral (responsável pelos capítulo II do livro II e capítulo IV do livro III), Vinícius Alves (responsável pelo capítulo IV do livro I), e Vitor Alevato do Amaral (responsável pelo capítulo III do livro III).

As múltiplas visões (ou raízes) tradutórias dão a esse projeto um caráter rizomático que se harmoniza com a pluralidade da obra original. Como Amarante observa, “essa multiplicidade de vozes revela também as diferentes leituras que se pode fazer do livro, que na verdade é sisudo e cômico, erótico e pornográfico, que conta a história da Irlanda, que simboliza os muitos países colonizados”.¹⁵

1.2.9 Luis Henrique Garcia Ferreira

Com a tradução-tese *Finnegans Ressuchistam*, o olheirudo itatibense “finaliza” o seu processo tradutório do *Wake*, que começou com a tradução de dois capítulos de *Finnegans Rivolta*. A materialidade alcançada pelo academicômico é fruto, entre outros agenciamentos, de reflexões compartilhadas em trabalhos como a sua dissertação *A inelutável modalidade do ouvível: o diálogo de formas entre o Finnegans Wake de James Joyce e a música erudita contemporânea*. De orelhas abertas ao *Wake*, Garcia Ferreira sempre valorizou a música como instrumento interpretativo, como na palestra *A musiscritura babélica de Finnegans Wake* e no curso *Inter-relações entre música e literatura*, no qual explorou a relação biográfica e literária de Joyce com a música, enquanto o mahlerdicente Gremski (brincadeira, João) abordou a relação da obra mahleriana com a literatura.

¹⁵ Vide a entrevista de Amarante no platô 3.

FIGURA 15 – BANNER DE DIVULGAÇÃO DO CURSO



FONTE: O autor (2022).

FIGURA 16 – BANNER DE DIVULGAÇÃO DA PALESTRA



FONTE: Casa Guilherme de Almeida (2022).

Outras publicações wakeanas de Garcia Ferreira são: *A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible*, de 2018; *A emancipação do sujeito em Ulysses e em Finnegans Wake*, de 2018; *Entrevista com Marcelo Zabaloy, tradutor de Joyce al Castellano*, de 2019; *A linguagem em Finnegans Wake como tentativa de emancipação a Shakespeare*, de 2020; *Finnegans Wake, de James Joyce, é musiscritura*, de 2021; *Joyce, Freud e a descentralização do racionalismo*, em 2021; *Poética, política e intersemiótica em Picasso, Joyce e Mann*, de 2021; *Entrevista com*

Hervé Michel, de 2022; *Entrevista con Juan Díaz Victoria, traductor de Joyce al castellano*, de 2022; *Ressuchistando o Finnegans Wake*, de 2023, e esta tese que vos *habla*.

1.2.10 Traduções integrais em andamento

1.2.10.1 Caetano Waldrigues Galindo

O escritor e jabutizado tradutor Caetano Ga(lindo!) é um baita de um rizhomem joyceano. Tradutor de *Ulysses*, *Dubliners*, *A Portrait*, *Giacomo Joyce*, *Finns Hotel*, *Exilers* e dos poemas do seu muso irlandês, ele tem uma tradussom integral em andamento do *Wake* que, fiel ao estilo da *Work in progress* original, já teve vários trechos publicados em veículos acadêmicos e também de maior circulação, como a *Folha de São Paulo*. Em sua proposta tradutória, ele diz “que o que mais vale seria uma ‘performance’, uma ‘interpretação’ do livro, diferente do que eu normalmente faria em ‘tradução’”.¹⁶ Buscando mais “fidelidade” a uma “atmosfera” geral da obra do que a multiplicidade no nível da palavra, Galindo comenta que

Tem uma coisa de confiar no Joyce aí. De que mesmo que eu perca milhares de pequenos possíveis sentidos, uma apreensão global do efeito é possível. (...) Na real acho que é isso. Eu estou tentando pensar numa maneira de traduzir o *Wake* mais “de longe”, mais preocupado com o macro do que com o micro.¹⁷

A primeira vez do Eu liriacadêmico (em uma disciplina wakeana) que borromeia esta tese foi com ele, em “O *Finnegans Wake* e os limites do romance” (2018 na USP). Como a coesia foi boa, rolou um flashback com o hõmi três vezes no ciclo de palestras “Eliot e Joyce” (2018 na USP).

Além dos seus cursos, palestras e traduções, Galindo, que é *Pound* pra toda obra aberta, também rizomou o *Wake* ao teatro, como veremos depois, e a diversos trabalhos acadêmicos, como *O Finnegans Wake e as coisas como são* (2008); *The Finnecies of music wed poetry* (2010a); *Sobre a possibilidade de que o Finnegans Wake, de James Joyce, represente uma espécie de síntese literária em moldes*

¹⁶ Vide a entrevista de Galindo no platô 3.

¹⁷ Vide a entrevista de Galindo no platô 3.

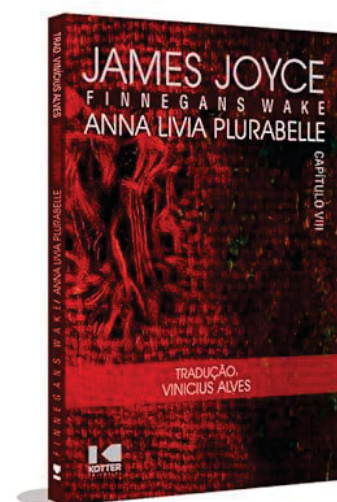
bakhtinianos (2010); *Traduzir o Finnegans Wake, paradoxos e liberdades* (2017) e *Kintsugi: refazer o Finnegans Wake* (2020).

1.2.10.2 Vinícius Alves

Membro do Coletivo Finnegans, Vinícius Alves traduziu um capítulo para o projeto *Finnegans Rivalta*. O catarinense também traduziu o capítulo 8 do livro I do *Wake*, o qual foi publicado pela Kotter editorial em 2022. Segundo ele,

a decisão de traduzir Joyce é culpa da Dircinha. Ela me convidou pro Coletivo. (...) De modo que, depois de traduzir o cap. 4 pro Coletivo, me enchi de coragem e resolvi traduzir todo o livro. ALP é um capítulo especial do *Finnegans*. (...) Tenho um carinho especial por esse capítulo pois ele fala das lavadeiras e aqui onde hoje vivo e no lugar em que passava minhas férias de menino, havia lavadeiras. Tanto que dediquei esse capítulo a elas.¹⁸

FIGURA 17 – ALP DE VINÍCIUS

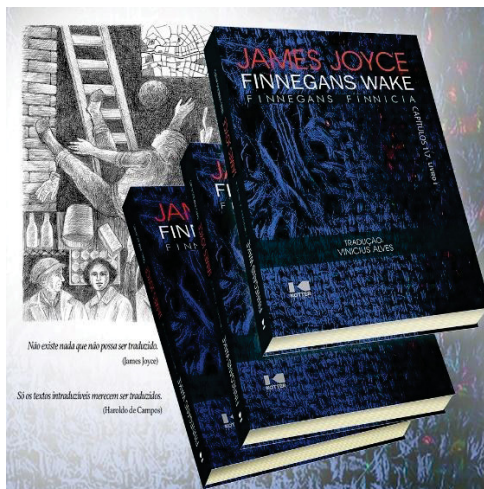


FONTE: Kotter Editorial (2022c).

Além da edição de ALP, a Kotter editorial já anunciou a publicação da tradução vinicianiana dos capítulos restantes do livro I para 2024.

¹⁸ Vide a entrevista de Vinícius Alves no platô 3.

FIGURA 18 – LIVRO I, CAPÍTULOS I-VII NA TRADUÇÃO DE VINÍCIUS



FONTE: Kotter Editorial (2024).

Como Vinícius (quase Finnícius!) disse,

me propus a brincar, a me divertir, a me jogar dentro desse rio até minha última célula estar completamente encharcada de linguagens. Espero que essa minha experiência contribua para que nossa língua se enriqueça com toda nova informação que o texto nos traz.¹⁹

A sua tradução integral deve ser finalizada em 2025 e promete enriquecer a recepção do *Wake* com um rosianismo amanezado repleto de chiste.

1.2.10.3 Afonso Teixeira Filho

Outro membro do Coletivo Finnegans, Teixeira Filho publicou a sua primeira tradução de um capítulo do *Wake* em 2008, em sua tese de doutorado. Em 2022, ele traduziu os 3 primeiros capítulos da tradução *Finnegans Rivalta*. Como ele comentou em sua entrevista do platô 3, “ouvimos a música, sentimos o som das palavras e vamos, aos poucos buscando apagar os ruídos que o texto, o nosso texto, a nossa tradução, produz”. Em outro trecho do diálogo, ele expõe os seus critérios tradutórios.

¹⁹ Vide a entrevista de Vinícius Alves no platô 3.

A tradução que já se completou, dos três primeiros capítulos do FW, já revela seu estilo e nele vou perseverar. Os critérios são: aproximação sonora da língua de chegada; utilização de formação de palavras e neologismos, próprios da língua portuguesa; aproximação a línguas próximas do português, quando o original se aproximar de línguas próximas ao inglês – e trabalhar no mesmo sentido os trocadilhos e as palavras-valise.²⁰

1. 3 TESES SOBRE A TRADUÇÃO DO *FINNEGANS WAKE*

1.3.1 Lenita Maria Rimoli Esteves

Doutora em 1999 com a tese *A (im)possível tradução de Finnegans Wake: uma investigação psicanalítica*, Esteves defende que a intraduzibilidade do livro é devida, principalmente, por sua agramaticidade a qual, de acordo com a pesquisadora, gera mais instabilidade tradutória do que a ambiguidade trocadilhesca. Outros trabalhos da profícua pesquisadora são: *Finnegans Wake: Joyce nas fronteiras do sentido*, de 1997; *O paradoxo de traduzir Finnegans Wake*, de 1999; *Finnegans Wake: a (des)leitura imposta por Joyce e seus desdobramentos para a teoria da tradução*, de 2002; *Finnegans Wake, experiência inesquecível de leitura*, de 2006; *O que significa traduzir Finnegans Wake?*, de 2010; e *Finnegans Wake e o chiste: o riso do outro lado*, de 2013.

1.3.2 Dirce Waltrick do Amarante

Em sua Dircetação de 2001, *A terceira margem do Liffey: uma aproximação ao Finnegans Wake*, ela abriu alas para a tradução “acadêmica” do livro ao traduzir o capítulo conhecido como “Anna Livia Plurabelle”.

Um recorte de seus textos inclui: *A tradução da língua de Finnegans Wake* (2002a); *Finnegans Wake pós-colonial* (2002b); *A tradução antropofágica de Finnegans Wake* (2003a); *The Language and the Translation of Finnegans Wake* (2002c); *O nonsense em Finnegans Wake* (2014a); *Livro inédito de James Joyce revela origens do clássico Finnegans Wake* (2014b); *Finnegans Wake, a nova*

²⁰ Vide a entrevista de Teixeira Filho no platô 3.

tradução (2017); *A letra! O lixo!?: os desafios de traduzir James Joyce* (2022) e *Finnegans Wake de James Joyce: possibilidades de leitura* (2024).

Onipresente no rizoma acadêmico do *Wake* no Brasil, ela orientou dois dos quatro trabalhos com traduções da “obra intraduzível”. Nos outros dois, de Teixeira Filho e de Garcia Ferreira, atuou colaborativamente na banca.

1.3.3 Afonso Teixeira Filho

Responsável pela tradução de três capítulos para o projeto *Finnegans Rivalta*, Teixeira Filho foi titulado doutor em 2008 pela tese *A noite e as vidas de Renatos Avelar: Considerações sobre a tradução do primeiro capítulo de Finnegans Wake de James Joyce*. Em seu percurso doutoral, procurou

ler a maioria das obras a que Joyce faz referência no *Finnegans*: Sterne, Vico, Levy Bruhl, Dante, Twain e até mesmo o Anel do Nibelungo, de Wagner. Posteriormente, embrenhei-me pela Estética de Hegel e de Lukács, para estudar a evolução do romance, acreditando que o *Finnegans Wake* não podia mais ser chamado de romance. Era o esgotamento do gênero, o epítome da linguagem narrativa, levando-a de volta às formas primitivas de linguagem, a linguagem simbólica e a linguagem poética.²¹

Na tese, ele traduziu o primeiro capítulo do *Wake*, trouxe um glossário sobre as soluções propostas pela tradução e defendeu a ideia do tradutor como autor. Como ele disse, “creio mais em autoria do que em coautoria. É como se o tradutor pintasse um quadro novo usando as mesmas tintas do autor”.²²

1.3.4 Leide Daiane de Almeida Oliveira

Também integrante do Coletivo Finnegans, Oliveira obteve o seu título de doutora em 2020, com a tese *A teoria da epifania e seus ecos em Finnegans Wake: A palavra em latência e o gesto da tradução*. Além de problematizar a manifestação da epifania na escrita wakeana, a pesquisadora refletiu sobre diversas questões

²¹ Vide a entrevista de Teixeira Filho no platô 3.

²² Vide a entrevista de Teixeira Filho no platô 3.

tradutórias do livro. Como cereja do bolo, traduziu integralmente o capítulo V do livro I. Valorizando a multiplicidade de significados, ela diz que passou

mais tempo na tradução do que na escrita da tese. É difícil contabilizar o tempo exato porque houve pausas e, muitas vezes, intercalei a escrita da tese, a parte mais teórica, com a tradução. Eu estimaria um ano e meio. Tinha à minha disposição as traduções para o português, espanhol e francês, mas acho que elas só ajudam em questões muito pontuais. Usei também alguns sites como o Fweet.org e Finwake.com. Mas, em um livro como *Finnegans Wake*, é preciso encontrar nosso próprio caminho tradutório e contar com nossa criatividade.²³

Também contribuiu criticamente com diversos trabalhos, entre os quais o artigo *De Stephen Hero a Finnegans Wake: James Joyce e seu projeto estético*, de 2019, e o capítulo de livro *A publicação e recepção de Dubliners e Finnegans Wake de James Joyce*, de 2017.

1.3.5 Andrea Buch Bohrer

Integrante do Coletivo Finnegans, Bohrer começou seu percurso tradutório com o *Wake* em sua tese *O fluir de Anna Livia Plurabelle: quando o fim volta ao início: tradução do monólogo final de Finnegans Wake*. Além do excerto tradutório, a pesquisa, que foi defendida em 2019, traz reflexões sobre o processo de tradução e aborda a representação da personagem feminina ALP no contexto da obra.

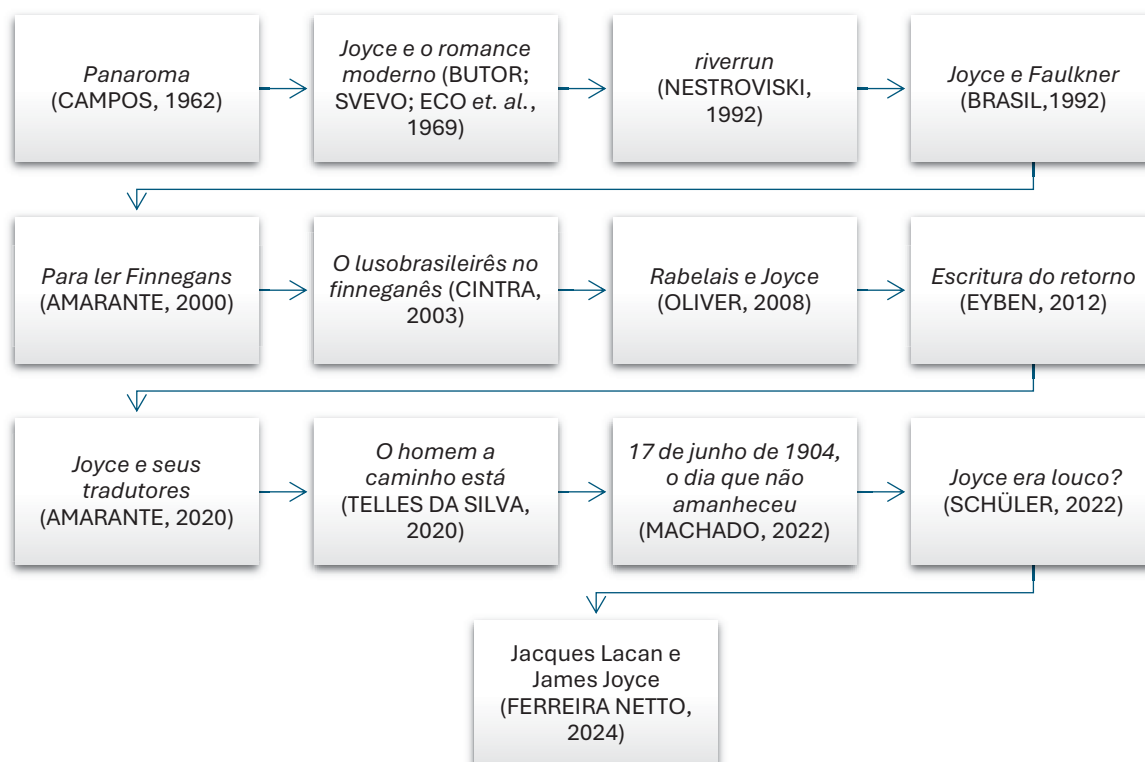
1.4 OUTRAS PRODUÇÕES DE FINNEGANS WAKE

Convém ressaltar que a produção joyceana tem crescido, entre outros fatores, devido aos eventos organizados por diversas instituições, como a Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI) e a Casa Guilherme de Almeida. Outra organização de destaque é o grupo de pesquisa Estudos Joyceanos no Brasil, que promoveu 3 edições do evento *Workshop in Progress*, as quais resultaram em números da revista *Qorpus* inteiramente dedicados a Joyce. Outro grupo que merece destaque é o *Here Comes Every Joyce*, que realiza encontros virtuais periódicos para dialogar sobre a obra do irlandês, notadamente sobre tradução. Quanto a obras

²³ Vide a entrevista de Oliveira no platô 3.

críticas de pesquisadores brasileiros que foram editadas como livro, poucas se dedicam exclusivamente ao *Wake*, como é o caso de *Para ler o Finnegans Wake de James Joyce*. Ainda assim, outros livros de autores (ou organizadores brasileiros) abordaram o *Wake*, como notamos no esquema seguinte.

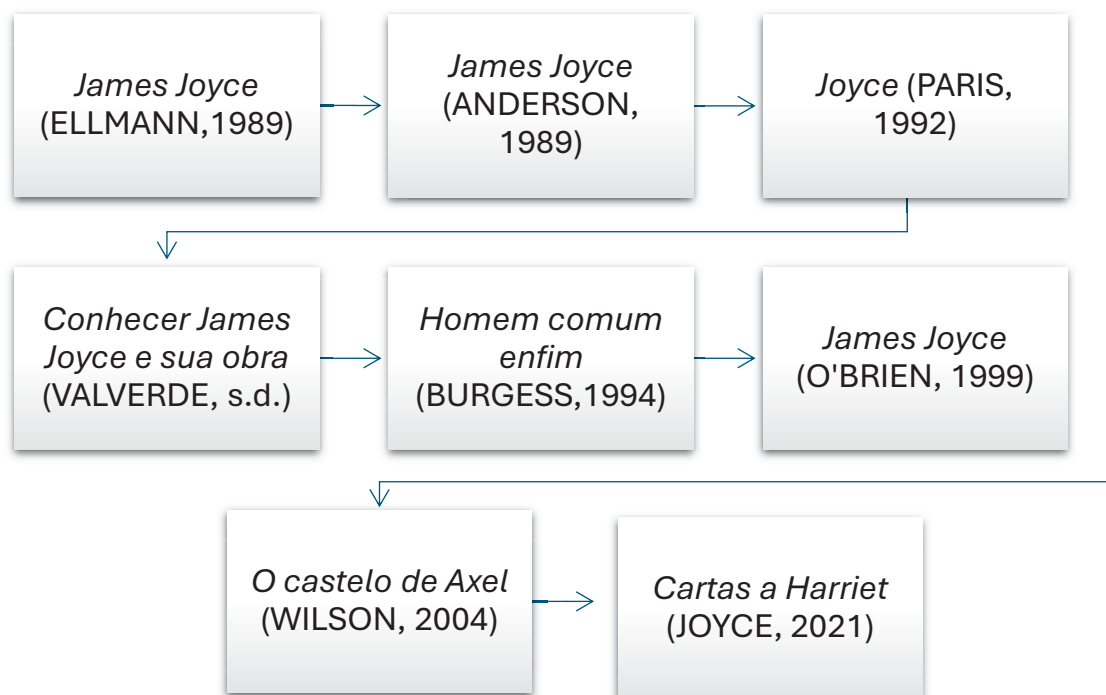
LINHA DO TEMPO 6 – LIVROS BRASILEIROS QUE ABORDAM O WAKE



FONTE: O autor (2024).

Do mesmo modo, traduções de livros críticos, de biografias e de cartas que abordam o *Wake*, mesmo que não de uma maneira central, colaboraram para a recepção da obra no Brasil.

LINHA DO TEMPO 7 – LIVROS TRADUZIDOS QUE ABORDAM O WAKE



FONTE: O autor (2024).

Além das contribuições críticas das obras esquematizadas, diversos trabalhos críticos, principalmente no âmbito acadêmico, acolchoaram a queda de HCE em nosso país.

1.4.1 Acadêmicas/Críticas

Integrante do grupo Estudos Joycianos no Brasil e do grupo *Here Comes Every Joyce*, a pesquisadora Luísa Freitas defendeu a dissertação *O fluir-ricorso e os tempos de Finnegans Wake* em 2014. No mesmo ano, publicou o capítulo de livro *O elíptico-escritural em Finnegans Wake*. Mantendo-se nessa linha, defendeu em 2019 a tese *Uma leitura no escuro: o tempo em Finnegans Wake e a hospitalidade da literatura*. Em 2024, mais uma vez a pesquisadora refletiu sobre o tempo no artigo *Ler e rememorar em Finnegans Wake*.

Tradutor das *Epifanias* de Joyce, o poeta e pesquisador Piero Eyben possui 2 publicações que abordam o *Wake*, uma delas é o artigo *Joy, c'est Freud(e)!*, de 2011. A outra é o livro *a Escritura do retorno: Mallarmé, Joyce e meta-signo*, de 2012.

Abraçando o mundo em seu caosmo, em suas veredas e em suas galáxias, o pesquisador Pedro Alaim Martins Garcia Júnior defendeu, em 2018, a tese *Processologia: multiplicidade, descentramento e organização em Finnegans Wake*, Grande sertão: veredas e Galáxias.

Olívia Vicente Pithan Burzlaff defendeu a dissertação *Oniropaisagens sonoras: entrelaces hipogramáticos no Finnegans Wake de James Joyce* em 2021. Doutoranda, sua pesquisa atual (no momento desta tese) é *Humor e riso no Finnegans Wake de James Joyce*.

Líder do grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil e membro do *Here Comes Every Joyce*, Vitor Alevato do Amaral divulga a obra de Joyce por meio de traduções, cursos, edições de periódicos e diversos eventos. Tradutor de um capítulo de *Finnegans Rivilta*, ele publicou os seguintes artigos dedicados ao *Wake*: *A Bahia se Revém: Considerações sobre a Tradução de Finnegans Wake* (2019a) e *Finnegans Wake is now 80: can we finally read it?* (2020).

O pesquisador Tarso do Amaral de Souza Cruz traduziu 2 capítulos de *Finnegans Rivilta* e ajuda a manter a circularidade da obra no grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil e no grupo *Here Comes Every Joyce*. Publicou: *Do rio-romance à literatura dramática and back again - navegando o Finnegans Wake* (2019); *Finnegans Rivilta*, 'O centenário de Charles Dickens' e 'Um encontro': *considerações sobre traduzir Joyce* (2022a) e *Fininguém Vivelório* (2022b). Também poeta, Tarso comentou sobre a conexão de sua poesia com o *Wake*.

Em se tratando de Joyce e do *Wake* especificamente, sempre me fascinou a liberdade com que ele lida com a(s) língua(s). Sua mistura e consequente desestabilização de conceitos, ideias, sentidos ao criar suas fantásticas palavras-valise, o modo como desestrutura ou reestrutura a sintaxe, seu evidente fascínio pela sonoridade, musicalidade e até pelo aspecto visual das letras e palavras, tudo isso imbricado a uma aguda percepção política também engendrada em e por sua subversão da linguagem, para além do interesse que despertam em mim, são constantes fontes de inspiração para o que eu concebo ser o tipo de poesia que produzo.²⁴

²⁴ Vide entrevista de Tarso do Amaral no platô 3.

1.4.2 Psicanalíticas

Além das obras de Lenita já citadas, o *Wake* rizomou-se ao campo psicanalítico brasileiro nos textos de:

- Gustavo Capobianco Volaco: *A textualidade do inconsciente: do Bereshit ao Finnegans Wake* (2016); *O que Finnegans Wake tem a ensinar aos psicanalistas?* (2020) e *Certas re-generações e encarnações e emanações e aparentações do Finnegans Wake: um pequeno guia para a derradeira obra de James Joyce* (2021);
- Luiz-Olyntho Telles da Silva: *O homem a caminho está* (2020);
- Mario Jorge Pereira Reis: *O fracasso da psicanálise sacralizada* (2012);
- Ram Mandil: *Os efeitos da letra* (2003).

Além dos trabalhos críticos destes pesquisadores brasileiros, também há a tradução para o português brasileiro do seminário 23 de Lacan, *O sinthoma*. Ademais, existem traduções de livros de neolacanianos que abordam esse seminário, como os de:

- Roberto Harari: *Como se chama James Joyce?* (2002).
- Colette Soler: *Lacan, leitor de Joyce* (2018).
- Jacques-Alain Miller: *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma* (2009).

1.4.3 Crítica da música

- Luis Henrique Garcia Ferreira – *A inelutável modalidade do ouvível: o diálogo de formas entre o Finnegans Wake de James Joyce e a música erudita contemporânea* (2023)

Dissertação de mestrado que apresenta o lado de vanguardista musical pouco conhecido de Joyce. Além disso, faz uma problematização da poética wakeana em contraponto com a música erudita moderna e contemporânea.

- Arthur Nestrovski – *riverrun* (1992)

O livro, organizado por Arthur Nestrovski, é uma reunião de ensaios de diversos autores sobre várias obras de Joyce. Destaca-se o artigo do próprio Nestrovski, que explora as relações do *Wake* com a música.

- Caetano Waldrigues Galindo – *The Finnecies of music wed poetry: a música e o Finnegans Wake* (2010)

Artigo acadêmico que sustenta que a escrita e a estrutura do *Wake* possuem aspectos musicais tão marcantes que derrubam as barreiras interartes.

- Luis Henrique Garcia Ferreira e Renato Fabbri – *Finnegans Wake* de James Joyce é musiscritura (2021)

Trata-se de um artigo acadêmico que defende a simbiose da escrita wakeana com a forma musical (“musiscritura”) e, também, aborda potenciais conexões com a música de vanguarda.

- Sérgio Medeiros – Cage – Joyce: Ruidoratório (1999)

Ensaio que aborda a poética wakeana da música *Roaratorio*, de Cage.

- Yuri Amaury Pires Molinari: Traduzir o inefável: *Roaratorio* e *Finnegans Wake* (2018)

Outro texto acadêmico dedicado à relação intersemiótica *Wake* ↔ *Roaratorio*.

- Magda Velloso Fernandes de Tolentino – Música e cultura na Irlanda de James Joyce (2018)

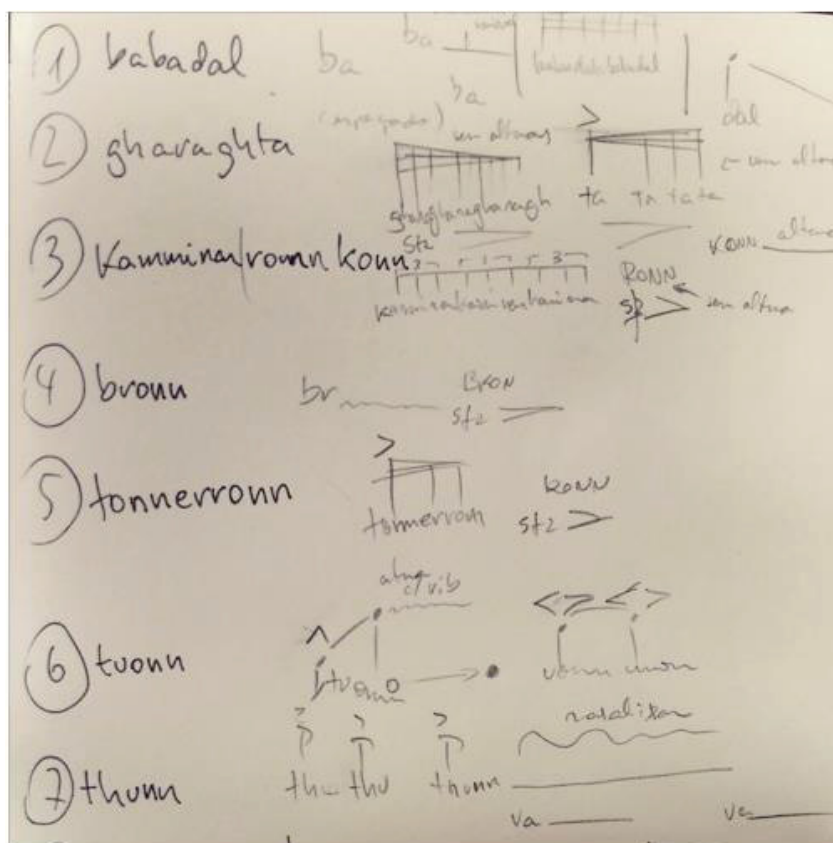
Livro que aborda a influência do ambiente cultural e da música irlandesa na obra joyceana, com algumas entradas sobre o *Wake*.

1.4.4 Artísticas

Para além do epitexto crítico, o rizoma wakeano lançou suas raízes a diversas manifestações artísticas, pois

Mas nem só de aforismos e projetos se faz música com o *Wake*. Um exemplo é Rodolfo Valente, que já encarou duas palavras-trovão de cem letras em seu rizoma composicional joyceano. A primeira encarada do Valente Rodolfo aconteceu em 2018, na primeira versão de *palavratrovão#1*, uma peça que utilizou “bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohohoordenenthurnuk” (FW 03.15) como matéria compositiva. Em 2019, ele fez uma revisão da obra e detalhou o processo compositivo na tese de doutorado que defendeu em 2020.

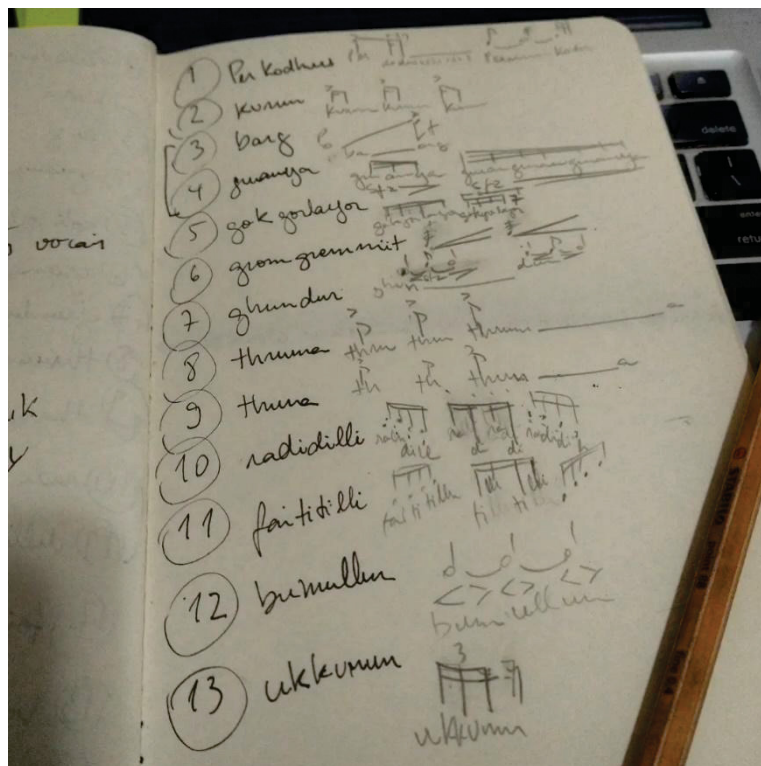
FIGURA 20 – ESBOÇO DE PALAVRATROVÃO#1



FONTE: VALENTE, 2020, p. 160.

Recentemente, ele voltou a ficar cara a cara com outra palavra-monstro e compôs *palavratrovão#2*, baseada em “Perkodhuskurunbarggruauyagokgorlayorgromgremmitghundhurthrumathunaradidillifaititillibumullunukkunun” (FW 23.5). A peça estreou em 2024 com execução do grupo Ensemble Musikfabrik no concerto de encerramento da Virtual Brass Academy, na cidade alemã de Colônia.

FIGURA 21 – ESBOÇO DE PALAVRATROVÃO#2



FONTE: VALENTE, 2024, Facebook do próprio autor. Disponível em:
<https://www.facebook.com/rodolfo.valente.3576>. Acesso em: 4 out. 2024.

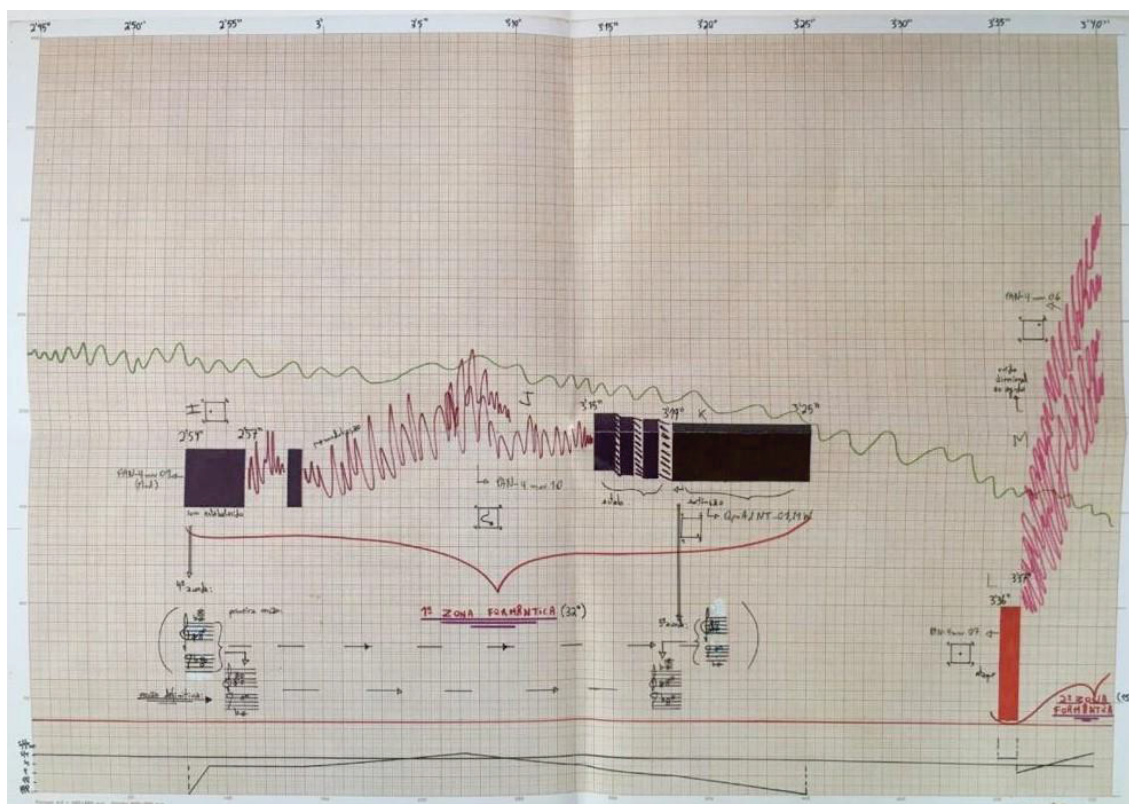
Enquanto aguardamos ouvidosos por novas tropejadas de Valente (ainda faltam 8 palavrões, Rodolfo, contamos com você!), vamos dar um pulinho no rizoma wakeano de Flo Menezes, *crush* musiscritural do Eu liriacadêmico.

Se Lacan teorizou sobre o Nome-do-Pai, aqui falaremos brevemente sobre o percurso wakeano do Nome-do-Pan da música erudita brasileira. O compositor Flo Menezes fundou um dos espaços precursores da música eletroacústica no Brasil, o Studio PANaroma, nome que alude ao famoso neologismo “*panaroma*”, que está no capítulo VI, livro I, do *Wake*.

Tendo feito um doutorado sobre o joyceano Luciano Berio, Flo também dialogou com a poética de Joyce. Ainda na década de 80, Dono Flo e suas duas formas-pronúncia (trocadilho meio brabo, mas não resisti), compôs 2 peças de inspiração wakeana: *Phanton-Wortquelle*; *Words in Transgress* e *PAN: Laceramento della parola (Omaggio a Trotskij)* (MENEZES, 2011). Explicando a forma-pronúncia, método compositivo destas músicas, ele comenta que

nesse procedimento ao mesmo tempo formal, musical e verbal, uma determinada palavra, cujo significado demonstra ser importante para a concepção geral da obra, é radicalmente estendida no tempo, de modo concreto (com a extensão da matéria verbal) ou imaginária (com a simulação de tal extensão através de outros sons, não necessariamente derivados da voz). Seus **momentos fonológicos**, tais como são definidos em fonologia estrutural, são consequentemente dilacerados, determinando com isso, essencialmente, a sucessão das texturas sonoras que constituem a forma musical. Nesse processo, tanto as proporções de durações quanto as características sonoras dos fonemas na pronúncia padrão da palavra em questão são levadas em consideração para a elaboração da forma musical, de modo que, a título de exemplo, um fonema oclusivo (como o /p/ da palavra **Pan**) não perca sua identidade, apesar de sua extensão no tempo. Nesse caso, a extensão verte-se em ressonância. No que se refere às vogais, caracterizadas acima de tudo pelas suas duas primeiras regiões formânticas, levar-se-ão em conta ambos esses formantes e, de acordo com sua localização frequencial no espectro da vogal, procurar-se-ão projetar tais regiões formânticas no tempo cronológico, enquanto estruturas contrastantes, protuberantes da forma musical (MENEZES, 2013, p. 122, grifos nossos).

FIGURA 22 – PARTITURA DE PAN



FONTE: MENEZES, 2011, *PAN: Laceramento della Parola (Omaggio a Trotskij; partitura de realização / realization score (Pôster 1).*

Outro compositor erudito que se deixou influenciar pela escrita joyceana foi Gilberto Mendes (1922-2016). Embora a peça *Ulisses em Copacabana surfando com James Joyce e Dorothy Lamour* faça um claro paralelo intertextual com o *Ulysses* de Joyce, a obra dialoga estruturalmente com o *Wake*, destacadamente por seu caráter híbrido, que é visto na mestiçagem de elementos temáticos da indústria cultural, como a hollywoodiana atriz Dorothy Lamour, a qual é misturada a elementos “cult”, como o *Ulysses* joyceano e o *Ulysses* homérico. Tecnicamente, há uma sobreposição de técnicas e estilos musicais em um caldeirão que condensa a Bossa Nova, o Barroco, o atonalismo, o tonalismo etc.

FIGURA 23 – SURFANDO NO ESBOÇO DE *ULYSSES EM COPACABANA...*



FONTE: ZAGO, 2000.

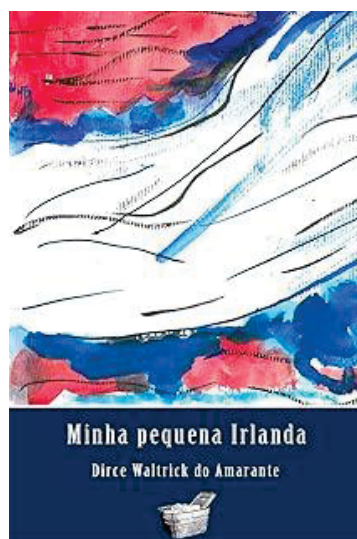
1.4.4.2 Teatro

O inconsciente teatral do *Wake* não se recalcou e, pelo contrário, extravasou para a cena brasileira. Utilizando as suas traduções de excertos textuais do capítulo 8 e das cartas de Joyce à esposa Nora, Amarante – tecelã da palavra das boas – puxou os fios que se materializaram na peça *Minha pequena Irlanda*, a qual estreou no *I Workshop in Progress*, em Florianópolis.

FIGURA 24 – ENCENAÇÃO DE *MINHA PEQUENA IRLANDA*

FONTE: Facebook de *Minha pequena Irlanda* (2019). Disponível em: <https://www.facebook.com/minhapequenairlanda>. Acesso em: 4 out. 2024.

Amarante também publicou o resultado textual da peça como livro.

FIGURA 25 – LIVRO *MINHA PEQUENA IRLANDA*

Fonte: AMARANTE, Dirce Waltrick. **Minha pequena Irlanda**. Ilustrador: Sérgio Medeiros. Rio de Janeiro: Cultura e Barbárie, 2021.

Ga(lindo!), em um texto de mestiçagem bem à wakeana, mesclou alguns de seus recortes tradutórios do *Wake* a influências beckettianas e contemporâneas. Mais uma vez grávido de Joyce, deu à luz dos holofotes cênicos a tragicomédia *Ana Lívia*, que estreou em 2023 e se rizomou por apresentações em várias cidades.

FIGURA 26 – BANNER/CENA DA PEÇA ANA LÍVIA



FONTE: Blog Eu Já Estive Em. Disponível em: <https://tinyurl.com/55bhp9xd>. Acesso em: 4 out. 2024.

Se Galindo é pau pra toda obra aberta, Ana Caroline Ferreira Costa é ferro. Os trabalhos acadêmicos de Ana de Ferro, seu avatar artístico, sempre deslizaram para a performance verbivococorporal. Em 2014, a atriz e pesquisadora defendeu a dissertação *Estabilidade e instabilidade no Finnegans Wake de James Joyce*. Já no doutorado, sua tese foi *A matéria da cena e o Finnegans Wake: palavras rolantes sobre as origens* (2022a). Outras publicações problematizando o *Wake* foram: *Finnegans Wake e o outro humanismo* (2013); *Indivíduo e cultura no romance Finnegans Wake de James Joyce* (2015); *Dando origem a uma obra em Progresso* (2017) e *Renata de novo* (2022b).

FIGURA 27 – RETRATO DA ARTISTA QUANDO WAKEANA



FONTE: Site Oficial (<https://anadeferro.art/>). Acesso em: 15 out. 2024.

Na imagem, Ana de Ferro nos remete ao personagem Shem, que escreveu sua obra (o *Wake*) no próprio corpo. Como diz em seu site, ela “se dedica ao projeto Obra em Progresso, que dialoga com o livro *Finnegans Wake* (1939) de James Joyce para investigar modos de desestabilização de noções de origem” (Site Oficial).

QUADRO 2 – PERFORMANCES WAKEANAS DE ANA DE FERRO

<i>Streaming</i> (2017)	Performance virtual solo criada e produzida por Ana de Ferro. Uma realização do Agora Coletivo e um fragmento da Obra em Progresso.
<i>Sobreposição</i> (2017)	Performance criada e produzida por Ana de Ferro e apresentada na Airez Galeria (Curitiba). Uma realização do Agora Coletivo e um fragmento da Obra em Progresso.
<i>Cartografia</i> (2018)	Acontecimento artístico criado e produzido por Ana de Ferro e apresentado na Bienal Internacional de Curitiba (Circuito de Galerias) – Teatro Guaíra (Curitiba). Uma realização do Agora Coletivo e um fragmento da Obra em Progresso.

FONTE: Site Oficial (<https://anadeferro.art/>). Acesso em: 15 out. 2024.

1.4.4.3 Literatura

As *Galáxias* do *Wake* deslizaram dos augustos campos do *Panaroma* para o Concretismo brasileiro, passando pelas neologísticas veredas rosianas, descendo até

a boquinha da garrafa de Guinness no Desbunde e sendo material de Descartes na prosa de um poeta marginal de Curitiba.

Dois dos livros mais próximos ao *Wake* na literatura brasileira são o trocadilhescartesiano *Catatau* (1975) de Paulo Leminski e o livro de viagem (em sentido amplo) *Galáxias* (1984) de Haroldo de Campos. Ambos trabalham com palavras-valise e multilinguismo (mesmo que em um nível muito menos *hardcore*), além de gerar um efeito de entorpecimento significativa na leitura. O multilinguismo também navega a todo vapor no *Mar Paraguayo* (1992) de Wilson Bueno e dá tchauzinho para *Bye bye Babel* (2022) de Patrícia Lavelle.

Mas outros autores também se deixaram influenciar, a exemplo de alguns desbundados. Waly Salomão trocadilhou como se não houvesse amanhã em *Me segura qu'eu vou dar um troço* (1972). Já José Agrippino, em *PanAmérica* (1967), possível alusão a *panaroma*, metamorfoseou enredos, personagens e culturas com uma intensidade *nonsense* que deixaria Joyce orgulhoso. Em sua coluna *Geleia Geral*, o vampiro brasileiro Torquato Neto vez ou outra escrevia algo na pegada do *Wake*. Em uma carta enviada de um sanatório a Hélio Oiticica em 1971, a qual foi publicada em sua coluna posteriormente, Torquato deu as wakeanizadas a seguir.

Espaço — fumaceado corpos girando: **tudo ao mesmo tempo no mesmo vazio-tempo nas áreas de simultaneidade de ação:** espetáculos ambulantes no mesmo lugar e tempo: **Dunrivarum joeceano** entre o concreto armado e o mar — **Finicius Devém**. Físico mais Malievitch (branco sobre branco) mais Chacrinha mais atabaques mais guitarras mais o fogo saindo da boca (vide Apocalipse). Apocalipopótesis (lembrança). Mais ou menos sem nenhum suporte material mais projeto mais o **finício** e o fim dos conceitos (NETO, 2004, p. 322, grifos nossos).

Usando a cabeça de Riobaldo e o mineirês de sua terra, Guimarães Rosa, que nunca admitiu a influência de Joyce, criou um *Grande Sertão* (1956) de neologismos e sonoridades. Possivelmente comendo a poética wakeana pelas beiradas, “a despeito dos protestos do próprio, a escritura do maior prosador brasileiro, Guimarães Rosa, é devedora da experiência joyciana” (LEMINSKI, 2010, p. 283).

Se Leminski era do fã-clubes de Joyce, Glauber Rocha seguiu os rastros languageiros das botas sertanistas de Rosa em *Riverão Sussuarana*, visto que ele “considerava Guimarães superior a Joyce” (AMARANTE, 2015, p. 74). Mesmo assim,

mesclando elementos do *Grande Sertão* a características do *Wake*, podemos dizer que “*Riverão Sussuarana* e *Finnegans Wake* possuem muitos pontos em comum, certamente buscados conscientemente por Glauber, que parece à vontade para avaliar o legado do mestre de Dublin” (AMARANTE, 2015, p. 74).

Vários poetas fizeram sua ode ao *Wake*. “A poesia concreta assumiu a palavra-ideograma, o microcosmo ‘verbivocovisual’, utilizado por Joyce como célula compositiva do *Finnegans Wake*” (CAMPOS in JOYCE, 2001, p. 202). O exemplo mais notório é o palavrão-valise *Cidade* que Augusto de Campos trovejocou em 1963:

“atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorganiperiodip
lastipublirapareciprorustisagasimplitenaveloveravivaunivoracidade

city

city” (CAMPOS, 2014, p. 144).

Joyce também sempre apronta das suas nas poesias de Sérgio Medeiros, Ricardo Domeneck, Tarso do Amaral e até do poeta Eu liriacadêmico, quando ele fez *Um breve cálculo do musicaosmos*. O estilo fragmentário do romance *Lia*, de Caetano Galindo, também dialoga indiretamente com o *Wake*. Bom, certamente temos muitos outros exemplos desse deslizamento rizomático à nossa literatura e, caso você tenha alguma sugestão, mande um e-mail para henriquegarcia.pesquisa@gmail.com ou preencha o formulário a seguir:

Autor_____Obra_____Ano____Influência recebida_____

Autor_____Obra_____Ano____Influência recebida_____

Autor_____Obra_____Ano____Influência recebida_____

Autor_____Obra_____Ano____Influência recebida_____

Antes de partirmos para o próximo platô, comprovamos com as páginas escritas até aqui a potência rizomática do *Wake*, seja pelo recorte de suas amplificadoras raízes artísticas, seja por meio da apresentação de algumas das suas coconstrutivas raízes tradutórias e críticas.

2 PLATÔ 2 – *FINNEGANS RESSUCHISTAM* ATRAVÉS DO ESPELHO: A (RE)TRANSCRIÇÃO DO *WAKE* A PARTIR DOS REFLEXOS DA SUA POÉTICA

Acreditamos que o *Wake* não possa ser encaixotado em uma teoria preexistente, mas que a sua tradução é possível, principalmente, a partir da (re)transcrição de seus mecanismos estéticos. Como disse o tradutor italiano Enrico Terrinoni,

o *Wake* é uma singularidade fractal, o que significa que é uma singularidade feita de singularidades. Cada nova palavra (ou trocadilho) precisa ser vista de uma forma específica e idiossincrática, mas ao mesmo tempo você precisa saber o que Joyce estava fazendo em um sentido geral (...). Então, quando você traduz o *Wake* você tem que agir como um pesquisador, tendo feito primeiro a sua lição de casa, mas no papel de tradutor você precisa empregar as técnicas que Joyce inventou. Isso não significa que você precise imitá-lo, mas uma tradução respeitosa do *Wake* é aquela, como disse o próprio Joyce, em que os tradutores sentem que têm tanto a liberdade de criar novas palavras quanto o dever de poetizá-las “com o máximo grau de liberdade”.²⁶

Assim, se a natureza selvagem do livro não deve ser domesticada na tradução (um tiquinho – ou um ticão – é impossível, não tem jeito), a mesma natureza se mostra um campo fértil para a crítica e o diálogo tradutório, desde que sob uma perspectiva plural, consiente de que se está mexendo no vespeiro de uma obra que igniciona o macrocosmo no nível da palavra.

Todavia, como estamos falando de tradução em uma tese, é de bom tom colocar uma roupinha na “crianção” de Joyce para não deixá-la nua academicamente. Há teorias tradutórias que não apertam o colarinho da roupoesia de “crianções” tão *sui generis* como o *Wake*. Alguns exemplos são a tradução-total de Jerome Rothenberg, a retradução de Antoine Berman e a transcrição de Haroldo de Campos. Rothenberg defende uma tradução para além da semântica, que englobe a recriação de onomatopeias, sons e aspectos performáticos do original. Para ele,

²⁶ Vide a entrevista de Enrico Terrinoni, xará do Eu liriacadêmico, no platô 3.

de uma maneira ou de outra, a tradução cria um poema neste lugar que é análogo, no todo ou em parte, a um poema num outro lugar. Quanto mais o tradutor consegue perceber do original – não apenas o idioma, mas talvez mais basicamente, a **situação cumulativa** da qual ele surge & assim boa parte da voz viva do cantor – mais ele deveria ser capaz de oferecer em relação a um todo. No mesmo processo ele estará apresentando algo – i.e., **tornando algo presente, ou tornando algo como um presente – para seu próprio tempo & lugar**” (ROTHENBERG, 2006, p. 61, grifos nossos).

Por sua vez, Berman trabalha a ideia de retradução como a

distinção de dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das primeiras traduções e o das retraduições. A distinção entre estas duas categorias de tradução é um dos momentos de base de uma reflexão sobre a temporalidade do traduzir (...). **Aquele que retraduz não está mais frente a um só texto, o original, mas a dois, ou mais**, o que desenha um espaço específico (BERMAN, 2012, p. 137, grifos nossos).

Já de acordo com o conceito de transcrição de Haroldo de Campos, a

tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. **Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo**, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 2011, p. 34, grifos nossos).

Sem desprezar a tradução-total, que casa muito bem com a poética do *Wake* ao valorizar a recriação da sonoridade do original, optamos neste trabalho pela fusão de retradução e transcrição. Afinal, como já há outras traduções do *Wake*, silogisticamente *Finnegans Ressuchistam* é uma retradução. Por outro lado, como a transcrição defende a recriação de palavras e dispositivos estéticos em sua intrínsecidade, e é isso o que procuramos fazer, nossa tradução pode ser entendida como uma transcrição. Assim, aglutinando essas duas visões, defendemos que *Finnegans Ressuchistam* é uma (re)transcrição. De outro ponto de vista, já que interpretamos o matrottexto de origem como a transcrição de um sonho, qualquer tradução dessa “transcrição original” passa a ser uma (re)transcrição.

Essa (re)transcrição para o português brasileiro partiu de algumas questões: Se o *Wake* é um texto plurilíngue, ou, para usar um termo de Patrick O'Neill, é um macrotexto, então por qual razão deveríamos reduzir a sua pluralidade de línguas ao monolinguismo? Do mesmo modo, se entendemos que o *Wake* é musical, por que amordaçá-lo? Se é cômico, por que não passar a piada para frente? Se é movente, por que estabilizá-lo? Se é safadão, por que castrá-lo? Se é politicamente incorreto, por que dar-lhe uma cartilha de boas maneiras? Se é mestiço culturalmente, por que purificá-lo? Se é paratático, por que enclausurá-lo na gramática? Se é de fruição assêmica em vários pontos, por que semantizá-lo? Se é obscuro, por que trazê-lo à luz? Se é um livro da experiência, por que limitá-lo em um tubo de ensaio teórico?

Concordamos com Erik Bindervoet o qual, juntamente com Robbert-Jan Henkes, traduziu o *Wake* para o holandês. Segundo comentou,

o nosso objetivo principal, o critério mais importante para nós, era que fosse uma tradução e não uma explicação. A experiência de leitura deveria ser reduplicada, tanto em inglês como em holandês. Nosso objetivo era muito prático: queríamos transmitir o significado das palavras, as intenções do texto, na medida do possível, da mesma maneira complicada, multifacetada, multiplurilíngue, agramatical, multitranscultural, musical, onírica e *nonsense* do original. A tradução como versão, como performance.²⁷

De olhos e ouvidos bem abertos à materialidade do *Wake*, na proposta tradutória *Finnegans Ressuchistam* procuramos ressuchistar a poética do original no *Latim em pó* (2022) do brasileiro. Atentos aos questionamentos acima, buscamos respeitar a estrutura e os efeitos frutivos que Joyce demorou 17 anos para construir. Côncios de que “trabalhar com perdas e ganhos, ou mais com perdas do que ganhos, é a realidade do tradutor de *Finnegans Wake*” (AMARANTE, 2019, p. 80), também entendemos que

(...) nenhum *projeto de tradução*, por mais que o entendamos como princípio fundador, matriz ou diretriz crítica, é capaz de prever, controlar ou garantir uma tomada plenamente consciente e consistente de decisões ao longo de todo o processo de tradução. Em outras palavras, a noção de *projeto de tradução* convive, aqui, com o pressuposto de que nenhum processo tradutório abolirá o acaso, nem eximirá o tradutor das dimensões imponderáveis de uma prática

²⁷ Vide a entrevista de Bindervoet no platô 3.

discursiva que se inscreve dentro dos limites e das possibilidades de sua condição humana (CARDOZO, 2009, p. 108).

Ou, como o tradutor argentino Zabaloy, vestindo-se de HCE, disse sobre a sua travessia tradutória no *Wake*,

*He Cometido Excesos, es verdad, He Cometido Errores, sin duda, pero me pregunto si Habrá Castigos Excesivos por mi osadía. Hoy Creo Esto, mañana aquello, Hice Cuanto Estimé necesario para traducir lo intraducible; He Crecido Equivocado; no lo niego. Todos Hemos Caído Engañados (...).*²⁸

Ainda assim, para (re)transcriar tanto quanto possível os efeitos do macrotexto-fonte, procuramos aplicar alguns dos mesmos métodos de composição que Joyce utilizou no *Wake*, como o de adensamento do texto por aglutinação e sobreposição referencial, enxertando referências que vão além do original, desde que de alguma forma dialoguem com o trecho ou ecoem temática ou estruturalmente no contexto do macrotexto-fonte. Topicalizando o projeto tradutório, trabalhamos com:

- 1) (Re)transcrição dos principais dispositivos formais responsáveis pelas marcas do original hierarquizadas na proposta tradutória²⁹;
- 2) Mestiçagem³⁰ e aglutinação cultural, linguística e temporal;
- 3) Revisão por releitura oral;
- 4) Comparação com outras traduções;
- 5) Cotejamento a posteriori com a crítica;
- 6) Realização de entrevistas, feitas durante a maturação do projeto.

Como já abordamos no platô anterior, também entendemos que a tradução e o epitexto crítico são elementos coconstrutores e, portanto, rizomáticos dessa poética

²⁸ Vide a entrevista de Zabaloy no platô 3.

²⁹ A edição de *Finnegans Wake* utilizada como referência foi a da Oxford Word's Classics, editada por Robert-Jan Henkes, Erik Bindervoet (meu parça!) e Finn Fordham.

³⁰ Concebemos que “misturar, mesclar, amalgamar, cruzar, interpenetrar, superpor, justapor, interpor, imbricar, colar, fundir etc., são muitas palavras que se aplicam à mestiçagem” (GRUZINSKI, 2001, p. 42). Optamos pelo termo mestiçagem, portanto, pelo diálogo estrutural estabelecido com o *Wake* tanto em seus dispositivos macroestruturais (sonho, mito, ciclo viconiano, coincidência dos opostos etc.) quanto pelas conexões estabelecidas no nível microestrutural, que é o da composição multilinguística e plurirreferencial da palavra.

da multiplicidade. Bartnicki, por exemplo, funde a ideia de crítica à de tradução, visto que, para ele,

a tradução mais impressionante (quantitativamente) de FW é aquela para o inglês. Acho que não conseguiria fazer muita coisa sem ela. 'A tradução inglesa de FW' eu chamo a totalidade de todos os livros, trabalhos acadêmicos, artigos, entradas de blog, etc., sobre FW.³¹

Essa multiplicidade intrínseca do original, e também estendida rizomaticamente pela crítica, é complementada por mais 2 dispositivos: a repetição e a simultaneidade. Se utilizarmos o nó borromeano de três arcos como metáfora de um projeto tradutório, os três elementos do nó borromeano do tradutor do *Wake* seriam a multiplicidade, a repetição e a simultaneidade.

ESQUEMA 4 – NÓ BORROMEANO DA TRADUÇÃO DO WAKE



FONTE: O autor (2024).

Roubabelizando as ideias lacanianas do seminário 23, *O sinthoma*, para que os arcos não desatem e dessa forma desestabilizem e (des)formem o projeto tradutório, é necessário um quarto elemento para entrelaçar os arcos estruturais da repetição, da simultaneidade e da multiplicidade. O quarto registro desse entrelaçamento é o *sinthome* tradutório, que é a tinta verbivo(cocô)visual deixada pelo próprio Joyce (o Nome-do-Pai do tradutor). Essa tinta musiscatológica é descrita no capítulo 7 como produto do excremento do personagem Shem.

³¹ Vide a entrevista de Bartnicki no platô 3.

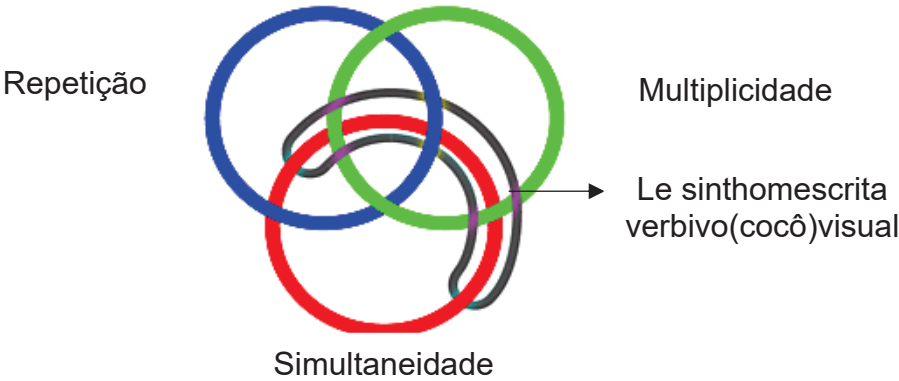
QUADRO 3 – LE SINTHOMESCRITA VERBIVO(COCÔ)VISUAL

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
he shall produce nichthemerically from his unheavenly body a no uncertain quantity of obscene matter not protected by copiright in the United Stars of Ourania or bedeed and bedood and bedang and bedung to him, with this double dye, brought to blood heat, gallic acid on iron ore, through the bowels of his misery, flashly, faithly, nastily, appropriately, this Esuan Menschavik and the first till last alshemist wrote over every square inch of the only foolscap available, his own body, till by its corrosive sublimation one continuous present tense integument slowly unfolded all marryvoising moodmoulded cyclewheeling history (thereby, he said, reflecting from his own individual person life unlivable, transaccidentated through the slow fires of consciousness into a dividual chaos, perilous, potent, common to allflesh, human only, mortal) but with each word that would not pass away the squidself which he had squirtscreened from the crystalline world (FW 185.28-185.07)	ele terá que produzir nietzschenonihomericamente de seu corpítcho incelestial uma quantidade não incerta de matéria obscena não protegida por direitos autorais nas Estrelas Unidas da Ourania ou merdeed e merdood e merdang e merdung pra ele, com esta tintura dupla, elevada à temperatura do sangue, ácido gálico em minério de fezesro , através das entranhas de sua miséria, reluzente, fiel, intragável, apropriada, este Menchevique Esaúatico e o primeiro czá o último alshemista escreveu sobre cada polegada quadrada do suínico papel ofísico disponível, seu próprio corpítcho , até que por sua sublimação corrosiva um tegumento do tempo presente contínuo se desdobrou lentamente em toda palavralize da humordaçada história ciclorrodante (assim, ele disse, refletindo a partir de sua própria vida individual, inabitável, transacidesdentada através dos mornos fogos da consciência em um caos dividual, perigoso, potente, comum a toda carne, só humana, mortal) mas com cada palavra não putrificada desse moluscritor ele esguichara tinta negra no mundo cristolino (...)” (grifos nossos)

FONTE: O autor (2024).

A tinta de Shem – *alter ego* de Joyce – é o “shemtoma” que o modernista irlandês deixou aos coconstrutores da sua obra ou, simplificando, é a poética do *Wake* à qual o tradutor não pode se furtar sob risco de desenlace e, conseqüentemente, insucesso tradutório. Dessa forma, podemos falar de um nó borrameuânus atado pela escrita de cocô na tradução do *Wake*.

ESQUEMA 5 – NÓ BORRAMEUÂNUS DA TRADUÇÃO DO WAKE



FONTE: O autor (2024).

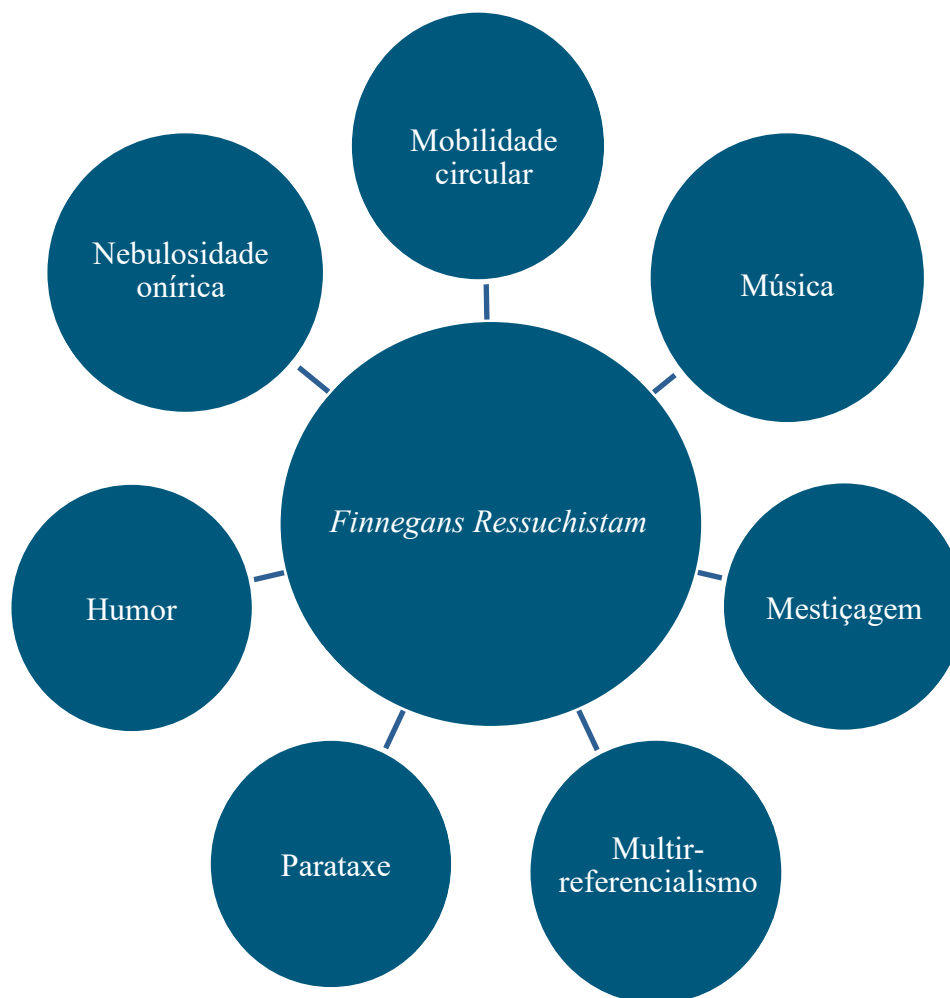
A simultaneidade, a repetição e a multiplicidade, como já vimos no platô anterior, podem ser encontradas em diversos mecanismos da máquina wakeana: espaço-rizoma; enredo-rizoma; personagem-rizoma; tempo-rizoma; palavra-rizoma; língua-rizoma; interpretação-rizoma etc. Há simultaneidade, por exemplo, na música intrínseca do livro, haja vista que a palavra-valise é polifônica na multivetorialidade sonora das diferentes línguas/pronúncias que condensa. Resultado da transcrição do sonho feita por Joyce na escrita do *Wake*, a polifonia sonhora se manifesta na simultaneidade, na repetição (com alteração) e na multiplicidade de tempos, enredos, línguas, culturas, personagens, geografias e significantes que deslocam-se, entrecruzam-se e sobrepõem-se fragmentariamente e deformadamente em um rizomático labirinto onírico.

O tradutor, portanto, deve arregalar os ouvidos para não chegar a um resultado disjuntivo, pois a junção desses mecanismos gera multiplicidade estrutural e fruitiva, desencadeando rizomas interpretativos que não podem ser podados em um projeto tradutório que vise (re)transcriar os efeitos do original. Buscando deixar os ossos da poética wakeana à mostra, traduzimos o nome do “personagem” – e *alter ego* de Joyce – “*Shem the Penman*” (FW 125.23) para “Shem le Sinthomescritor”.

Entre os elementos que marcam o original com le sinthomescrita verbivo(cocô)visual de Joyce, em *Finnegans Ressuchistam* há a valorização da (re)transcrição da comicidade, da sonoridade, da agramaticidade, da multirreferencialidade do trocadilho plurilíngue, do hibridismo de culturas e de línguas e a “estranheza” característica da recepção do livro (ELLMANN, 1989). Afinal, a “tradução de um texto considerado difícil, espinhoso, idiossincrático e estranho em sua cultura de origem deve ser um texto que provoque as mesmas reações de perplexidade e estranhamento no público da cultura para o qual foi traduzido” (BRITTO, 2020, p. 39). Para a húngara Ágota Bozai, “o tradutor dispõe de ferramentas linguísticas para isso. Por exemplo, palavras intencionalmente borradas, frases *nonsense*, repetições, inversões de frases, combinações estranhas de palavras etc.”³²

³² Vide a entrevista de Ágota Bozai no platô 3.

ESQUEMA 6 – MARCAS ESTRURAIS DO ORIGINAL



FONTE: O autor (2024).

Assim, por mais aberta que a obra seja (ECO, 2007), não pretendemos apagar a *persona* poética do original em um projeto tradutório parricida do Nome-do-Pai joyceano, pois objetivamos que o leitor tenha a impressão de estar lendo James Joyce, e não um tradutor que buscou superá-lo, sobrepondo pirotecnias tradutórias à materialidade do *Wake* e às pistas deixadas por Joyce e sedimentadas por seus tradutores e críticos com a argamassa verbivo(cocô)visual.

Não obstante, a própria poética de Joyce nega a “invisibilidade do tradutor” (VENUTTI, 2021) o qual, mesmo que queira, não consegue se manter em uma posição subalterna, colonizado pelo macrotexto-fonte. Essa postura copartícipe do tradutor é corroborada pelo estudo de modelagem computacional de Fabbri e Ferreira (2018), o qual aponta que aproximadamente 75% das palavras wakenas não estão

dicionarizadas. Como disse Oliveira, “a tradução do *Wake* demanda tanta criatividade e inventividade que transforma o tradutor também em criador”.³³ Nesse “*Bound a way in his frey*” (JOYCE, 2012a, p. 3), ou “bonde do timgrão sem freyo” (*FINNEGANS RESSUCHISTAM*), o tradutor

se torna copartícipe desse mesmo fazer-se, e não mais o profeta prostado ao pé do monte – a obra – a aguardar, humilde e humilhado, que o Deus-autor se digne outorgar-lhe as luzes que lhe deem acesso às tábuas da lei e da verdade (BARTHES *apud* LARANJEIRA, 2003, p. 35).

Desse modo, ainda que o tradutor ambicione a lendária fidelidade e pretenda ser “noventa e nove por cento anjo e **(só)** um por cento vagabundo” (WESLEY SAFADÃO, 2016, grifo nosso), ele precisa pular a cerca do dicionário e reinventar o vocabulário na língua de chegada, caso não queira assumir uma postura eunuca, domando o trocadilho ou emudecendo a sonoridade do texto. Entendemos que tais resultados tornariam a tradução infértil. Procuramos em *Finnegans Ressuchistam*, portanto, não fazer um cabo de guerra com o original, os outros tradutores e o instrumental teórico, mas sim um jogo de equilíbrio, uma espécie de leitura-tradução plural e de agenciamentos coletivos para orquestrar a poética wakeana com os timbres da *lalíngua* brasileira. Como o tradutor norueguês Leif (quase Liffey) Høghaug observa,

é precisamente neste contexto que temos de falar de uma dimensão coletiva: não é possível ser um “leitor solitário” de *Finnegans Wake*; quem tenta ler este livro entra em diálogo com outros leitores – é precisamente o que acontece cada vez que consulto as fontes secundárias e cada vez que comparo a minha versão com outras traduções: opto por manter o diálogo com os resultados a que os outros leitores já chegaram.³⁴

³³ Vide a entrevista de Oliveira no platô 3.

³⁴ Vide a entrevista de Leif Høghaug no platô 3.

2.1 POR QUE *FINNEGANS RESSUCHISTAM*?

Concebemos o título como a semente da qual o texto é o fruto, ou como um *lead*, na acepção jornalística do termo, que antecipa procedimentos e questões desenvolvidas no livro, fornecendo uma amostra do processo tradutório. *Finnegans Wake* é um título inspirado na canção folclórica *Finnegan's Wake* (com apóstrofe), cujo enredo traz a queda, a morte, o velório e o renascimento do pedreiro Tim Finnegan, que é uma das muitas máscaras de HCE (sigla que sintetiza os personagens masculinos do livro e que se repete centenas de vezes, normalmente disfarçada em frases). Esta história está parodiada desde a primeira página do livro e é reencenada em vários momentos, sob roupagens diferentes.

O Eu liriacadêmico traduziu o título *Finnegans Wake* para *Finnegans Ressuchistam*. Embora ele lamente o enfraquecimento da alusão musical à *Finnegan's Wake*, todavia, optou pela valorização de outros elementos, pois “na impossibilidade de recriar na sua tradução todos os elementos do original, cabe ao tradutor hierarquizá-los e escolher quais deles deverão ser privilegiados” (BRITTO, 2020, p. 37). Como disse O'Neill, “aqueles que traduzem o título têm de enfrentar a inevitável perda de certos significados originais, ao mesmo tempo que contribuem com novos significados de maior ou menor relevância e ressonância globais na obra”.³⁵

O Eu liriacadêmico preservou a agramaticidade ao manter a ausência da apóstrofe. A agramaticidade é uma marca importante do texto e causa um desconforto nos leitores acostumados à linearidade da gramática normativa.

O plural também foi mantido, visando remeter à infinidade de avatares do personagem (ou princípio masculino) do livro, HCE, que no título se veste de *Finnegans*, ou seja, Tim Finnegan e muitos outros Finnegans. Pluralidade esta que é uma máxima da obra tanto no plano da macroestrutura quanto no da microestrutura e no da interpretação. Anevlavis comenta que

Finnegans Wake foi, portanto, um título escolhido como uma representação da obra para indicar a multiplicidade e a natureza multifacetada dos protagonistas, que são muitos em um, e um em muitos. Heráclito já sabia disso há milhares de anos: “é sábio escutar não a mim, mas sim ao meu discurso, e confessar que todas as coisas são Um”.³⁶

³⁵ Vide a entrevista de Patrick O'Neill no platô 3.

³⁶ Vide a entrevista de Eleftherios Anevlavis no platô 3.

Essa reflexão também nos remete à fórmula deleuziana do rizoma: $n-1$. Sendo “ n ” (*Finnegans*) a multiplicidade da qual se extrai a unidade “1” (*Finnegan*). Portanto, ao manter *Finnegans* em seu plural agramatical, o Eu liriacadêmico buscou

fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída, escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 21).

Outra ideia do título que permanece é a do *wake*, do despertar, presente no ressuscitar. O título proposto também traz outra marca estilística do livro, a palavra-valise multivetorial, pois *ressuchistam* é a fusão de *ressuscitam* com *chistam*.

O chiste, por sua vez, remete à comicidade do livro e dá o ar da graça em quase todas as páginas. Afinal, o chiste é uma “composição poética com referências espirituosas” (HOUAISS, 2009, p. 455). Mas também alude às formações do inconsciente, como teorizado por Freud em *O chiste e as formações do inconsciente* (1969), quando o pai da psicanálise adverte que o chiste pode ir além do mero gracejo e assumir um caráter tendencioso, motivado por instintos viscerais, como o sexual. E, como é consenso na crítica wakeana, o signo e os enredos do *Wake* possuem uma enorme carga libidinosa. Tal qual Aurora Bernardini corrobora, “isso se prende a como achei que o texto de Joyce devia ser compreendido, com forte carga sexual e poética”.³⁷ Assim, com *Finnegans Ressuchistam*, é estabelecido um diálogo produtivo com a integralidade da obra.

O Eu liriacadêmico pensou em *O Ressuchistar de Finnegan*, mantendo a palavra-valise multirreferencial, mas acomodando o enunciado na gramática. Embora mais simpático, o título seria por demais desleal à poética de desconstrução gramatical do livro. *Finnegans Ritornellam* foi outra possibilidade, a qual manteria vários dos aspectos, como a alusão à música, a ideia de retorno, a mestiçagem linguística, a agramaticidade, a pluralidade etc. Todavia, como já se utilizou o termo *ritornello* na tradução da primeira (e última) palavra do livro, “*riverrun*”, para “*riotornello*”, a opção foi por *Finnegans Ressuchistam*.

³⁷ Vide a entrevista de Aurora Bernardini no platô 3.

Ademais, ressuchistam também se conecta com a ideia de que “as novas leituras e as traduções são as guardiãs da perenidade do texto” (LARANJEIRA, 2003, p. 109), haja vista o ressuchistar – o renascimento chistoso – do original no brasileirês.

2.2 DUAS PALAVRASⁿ⁻¹ PELO PRIMEIRO PARÁGRAFO

Já sabemos que Joyce não foi muito bonzinho com o leitor do *Wake* ao sepultar elementos narrativos canônicos e ao deformar a linguagem. Entretanto, ele mostrou que tem coração ao deixar meio escondidinhas várias pistas estruturais sobre o livro. O primeiro parágrafo é um exemplo disso e, por isso, vamos comentar sobre ele e a respeito da sua tradução.

QUADRO 4 – NO PRINCÍPIO ERA O FIM

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“ <i>riverrun</i> , past <i>Eve</i> and Adam’s, from serve of shore to bend of <i>bay</i> , brings us <i>by a commodius vicus of recirculation</i> back to <i>Howth Castle and Environs</i> ” (3.1-3, grifos nossos)	“ <i>riotornello</i> , passando por Adão e <i>EvΔ</i> , do desvio da costa <i>aeté</i> a curva da <i>yorubaía</i> , nos leva <i>porum caosmmodius vicus de recirculassom</i> de volta a <i>Howth Castle Erriodondezas</i> .”

FONTE: O autor (2024).

Começemos pelo finnício, “*riverrun*”. No próximo item, abordaremos mais detalhadamente esta palavra. Por hora, focaremos em sua tradução para “*riotornello*”. *Ritornello*, entre outras acepções, é um termo italiano, simbolizado por “:||”, que indica a ideia de retorno na música. Dessa forma, com a palavra-valise *riotornello* (rio+*ritornello*), mantivemos a ideia de rio que retorna, que é uma constante de toda a obra. E, como vimos, *ritornello* também é uma alusão à música e um estrangeirismo, ambos elementos de destaque na estrutura wakeana. Dialogicamente com Deleuze, Ferraz diz que

o ritornelo caracteriza-se pelo movimento de eleger um eixo, de traçar um espaço em volta deste eixo, de deixar com que alguns elementos se estratifiquem e se crie a consistência necessária para tornar expressivos três elementos, quando então encontra uma linha vertiginosa que quase desfaz tudo: um corte, um acidente, uma sensação qualquer que não estava ali antes. O acidente não é uma projeção do passado (por exemplo, um tempo que se projeta ao longo de uma peça e que garante um primeiro chão), nem recai sobre um presente permanente (reiteração contínua), mas a possibilidade de

conexões com o “futuro”, **com linhas de conexões que não estavam previstas no modelo original, e que por sinal desfazem a ideia de original de referência – visto que cada momento passa a ser um espaço de conexões originais, mas de originais transitórios** (FERRAZ, 2004, p. 63, grifos nossos).

Assim, ao trazer conexões não previstas (mas potencialmente desejadas) no modelo original, o “riotornello” de *Finnegans Ressuchistam* continua adensando circularmente o matrotexto-fonte em um macrotexto-alvo (re)transcriador.

“*Eve and Adam’s*” faz referência tanto ao mito bíblico quanto a uma catedral irlandesa. Vemos 3 chaves de leitura importantes: a Irlanda enquanto elemento geográfico fundante do livro, a religião e o pecado original. Todos eles vão se fragmentar, deslocar, sobrepor, repetir e se mestiçar a milhares de novas referências que orbitam essas questões. A tradução “Adão e EvΔ”, embora semanticamente conservadora, traz um delta. Em substituição ao “a”, esse delta se repete muitas vezes na tradução quando identificamos máscaras da personagem Anna Livia Plurabelle. No primeiro parágrafo, além de se vestir de Eva, a mulher-rio ALP também se mascara em *riverrun*. Desse modo, dialogicamente com a *persona* aquosa da principal “personagem” feminina do livro, o “Δ” é um enxerto que dialoga com o original, fazendo imergir, das turvas águas do enigmático riomance, alguns escombros da sua estrutura.

Em “*to bend bay*”, optamos por “aeté a curva da yorubaía”. A escolha do fusionamento de yoruba+baía, além de manter o sentido original de “baía”, indica o *animus* de mestiçagem linguística da tradução, que passa pela baía de Dublin, mas também margeia muitos dos idiomas constitutivos do português brasileiro, como o yorubá. Outros idiomas roçados foram o tupi antigo e o nheengatu em “aeté” (fineza), cuja semelhança sonora com “até” facilitou a substituição dentro da mesma filosofia tradutória aplicada em “yorubaía” e ao longo de *Finnegans Ressuchistam*.

Em “porum”, tradução de “*by a*”, revelamos nossa opção tradutória por uma escrita oral, refletindo mais a forma como a nossa língua é falada do que aquela como ela é escrita: “por um”. Essa também é uma maneira de fazer um dueto com a poética oral da obra.

Em “*commodius vicus of recirculation*” mais uma vez o livro alerta o leitor sobre sua natureza cíclica em vicus (Vico) e em “*recirculation*”, que traduzimos por “recirculassom”, mantendo recirculação e enxertando som. A recirculação do som conversa com a poética wakeana e com a opção tradutória *riotornello*. No mesmo

excerto, traduzimos “*commodius*” (alusão ao imperador romano Cômodo) por “caosmmodius”, mantendo a referência romana e incluindo o “caos”, uma das principais marcas frutivas do livro.

Por Finn, “*Howth Castle and Environs*” traz a sigla HCE, indicando ao leitor que o principal “personagem” masculino do livro está presente neste disfarce referencial de um castelo irlandês. HCE e ALP vão se repetir (com alteração) centenas de vezes sobre múltiplos avatares.

Com o exemplo do primeiro parágrafo, um dos mais dentro da casinha gramatical e semântica em todo o livro, vemos como o *Wake* dá pás interpretativas para ser arqueologizado em suas camadas estruturais pelo leitor/tradutor. Neste parágrafo, também nos deparamos com o entrelace borrameuânos que o tradutor não pode romper, pois vimos personagens se disfarçarem de rios, castelos, imperadores e viajamos pela Irlanda, pela Bíblia e por Roma. Isso mostra o efeito de simultaneidade e de multiplicidade que percorre a obra, a qual também explicita a ideia de repetição em pelo menos 3 momentos do trecho: “*riverrun*”, “*vicus*” e “*recirculation*”. Como Terrinoni destaca, “a repetição é crucial. O *Wake* é um texto que se repete *ad infinitum*. Não apenas palavras, temas, frases, ditados e canções se repetem, mas também estruturas e técnicas de construção de significado”.³⁸

Ademais, foram apresentados alguns dos principais pontos de *Finnegans Ressuchistam*, demonstrando o respeito desta (re)transcrição à estrutura e às principais referências do original e, não obstante, babelizando a multiplicidade do macrotexto-fonte pela mestiçagem linguístico-referencial ao *panaroma* brasileiro. Agora, falaremos um pouco sobre o *riverrun* de outras traduções.

2.3 AS TRADUÇÕES DE *riverrun* E O CARÁTER ABERTO DO SIGNO WAKEANO

A primeira palavra do livro, *riverrun*, também pode ser entendida como a última, pois está em minúsculo e é seguida por um ponto final. Essa palavra, que embaralha “rio” a “correr” e a “runas”, complementa a última sentença do livro, ligando-o numa estrutura circular, numa espécie de eterno retorno, mas nunca um eterno retorno ao mesmo, visto que as leituras e as traduções costumam se instalar no plano da diferença. Abaixo, segue uma reunião de algumas traduções da primeira palavra de

³⁸ Vide a entrevista de Terrinoni no platô 3.

Finnegans Wake. Com base na importância do símbolo Δ para o livro, que representa a personagem-rio (e o princípio feminino) Anna Livia Plurabelle, as traduções de *riverrun* foram dispostas em delta. A intitulação “Delta da (re)transcrição” e sua organização também foram inspiradas na teoria da transcrição, desenvolvida por Haroldo de Campos. Em “(re)”, a teoria da retradução, alcunhada por Antoine Berman (2017) e atualizada por Vitor Alevato do Amaral (2019) ao incorporar a ideia de macrotexto poliglota, trabalhada por Patrick O’Neill (2013), também estão refletidas.

Delta da (re)transcrição

riverrun

riotornello correorrio

fluminente riocorrente

rolarriuanna riverão sussuarana

fluidofiume corso del fiume filafiume

río que discurre riverrante correrrío

erre-revie courrive cours de la rivière recouran

Abaixo, uma feiosa versão do “Delta da (re)transcrição” assoreada pelas respectivas fontes.

riverrun (JOYCE, 2012a)

riotornello (*FINNEGANS RESSUCHISTAM*) correorrio (JOYCE, 2018a)

fluminente (TEIXEIRA FILHO, 2008) riocorrente (CAMPOS; CAMPOS, 2001)

rolarriuanna (JOYCE, 1999) riverão sussuarana (ROCHA, 2012)

fluidofiume (JOYCE, 2017b) corso del fiume (JOYCE, 2016c) filafiume (BURGESS, 1975)

río que discurre (JOYCE, 1993) riverrante (JOYCE, 2016 a) correrrío (JOYCE, 2017a)

erre-revie (JOYCE, 1982) courrive (JOYCE, 1962) cours de la rivière (BUTOR, 1948) recouran
(JOYCE, 2005b)

Observamos neste delta o constante deslizamento da palavra wakeana, que se altera a cada projeto tradutório, mesmo que para a mesma língua, como vemos nas linhas 2, 3 e 4, frutos de traduções brasileiras, reafirmando seu caráter de *Work in progress*, de macrotexto em constante enriquecimento. Mostra também as inúmeras traduções parciais e integrais de uma obra por muito tempo considerada intraduzível (O'NEILL, 2013), o que questiona a praticidade da ideia de intraduzibilidade, todavia não esgota a produtividade dessa hipótese como potencializadora de debates construtivos para a (a)teoria da tradução de *Finnegans Wake*.

Esta abertura também é referendada pela tradução integral para o francês de Hervé Michel, intitulada *Veillée Pinouilles*, a qual foi publicada pelo tradutor em formato *online*, permitindo ao mesmo que realize constantes alterações de acordo com o movimento de suas interpretações, conforme a imagem abaixo.

FIGURA 28 – PRINT DO SITE DE HERVÉ MICHEL

Veillée Pinouilles																																									
Rechercher dans ce site																																									
Traduction française de Finnegans Wake de James Joyce <> Accueil	Activité récente sur le site																																								
- Veillée Pinouilles : Contraduction de FINNEGANS WAKE (I) chapitre 1 : 3-29 - chapitre 2 : 30-47 - chapitre 3 : 48-74 - chapitre 4 : 75-103 - chapitre 5 : 104-125 - chapitre 6 : 126-168 - chapitre 7 : 169-195 - chapitre 8 : 196-216 (II) chapitre 9 : 219-259 - chapitre 10 : 260-308 - chapitre 11 : 309-382 - chapitre 12 : 383-399 (III) chapitre 13 : 403-428 - chapitre 14 : 429-473 - chapitre 15 : 474-554 - chapitre 16 : 555-590 (IV) chapitre 17 : 593-628 - Abrégé (au 14è) - INTRODUCTION (keepsake) - Ondix vibriographique - Fouillages éclairteurs - FAQ à FWAKE - L'illu	<table> <tr><td>5 mars 2021, 07:58</td><td>Hervé MICHEL a modifié Repasé sous l'échelle</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 15:36</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 15:20</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 15:08</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 14 : 429-473</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 15:02</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 13:21</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 13:03</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:56</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:53</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:49</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:48</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:42</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:39</td><td>Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:38</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 12 : 383-399</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:31</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 11 : 309-382</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:30</td><td>Hervé MICHEL a modifié (II) chapitre 9 : 219-259</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:25</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:14</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:12</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216</td></tr> <tr><td>3 mars 2021, 12:05</td><td>Hervé MICHEL a modifié chapitre 7 : 169-195</td></tr> </table>	5 mars 2021, 07:58	Hervé MICHEL a modifié Repasé sous l'échelle	3 mars 2021, 15:36	Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554	3 mars 2021, 15:20	Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554	3 mars 2021, 15:08	Hervé MICHEL a modifié chapitre 14 : 429-473	3 mars 2021, 15:02	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 13:21	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 13:03	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:56	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:53	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:49	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:48	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:42	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:39	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428	3 mars 2021, 12:38	Hervé MICHEL a modifié chapitre 12 : 383-399	3 mars 2021, 12:31	Hervé MICHEL a modifié chapitre 11 : 309-382	3 mars 2021, 12:30	Hervé MICHEL a modifié (II) chapitre 9 : 219-259	3 mars 2021, 12:25	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216	3 mars 2021, 12:14	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216	3 mars 2021, 12:12	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216	3 mars 2021, 12:05	Hervé MICHEL a modifié chapitre 7 : 169-195
5 mars 2021, 07:58	Hervé MICHEL a modifié Repasé sous l'échelle																																								
3 mars 2021, 15:36	Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554																																								
3 mars 2021, 15:20	Hervé MICHEL a modifié chapitre 15 : 474-554																																								
3 mars 2021, 15:08	Hervé MICHEL a modifié chapitre 14 : 429-473																																								
3 mars 2021, 15:02	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 13:21	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 13:03	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:56	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:53	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:49	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:48	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:42	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:39	Hervé MICHEL a modifié (III) chapitre 13 : 403-428																																								
3 mars 2021, 12:38	Hervé MICHEL a modifié chapitre 12 : 383-399																																								
3 mars 2021, 12:31	Hervé MICHEL a modifié chapitre 11 : 309-382																																								
3 mars 2021, 12:30	Hervé MICHEL a modifié (II) chapitre 9 : 219-259																																								
3 mars 2021, 12:25	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216																																								
3 mars 2021, 12:14	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216																																								
3 mars 2021, 12:12	Hervé MICHEL a modifié chapitre 8 : 196-216																																								
3 mars 2021, 12:05	Hervé MICHEL a modifié chapitre 7 : 169-195																																								

FONTE: *Veillée Pinouilles* (site de Michel Hervé).

Disponível em: <https://tinyurl.com/9mc9kaa6>. Acesso em: 06 out. 2021.

Outro exemplo corroborativo é dado por Augusto de Campos, que no *Panaroma* (2001) traduziu “*The great fall of the offwall entailed at such short notice the pftjschute of Finnegan, erse solid man (...)*” (JOYCE, 2012a, p. 3) para “A grande queda do ovalto do muro acarretou em tão pouco lapso o pftjschute de Finnegan, outrora sólido ovarão (...)” (CAMPOS; CAMPOS, 2001, p. 41). Quinze anos depois ele retraduziu o mesmo

trecho para “A grande queda do primovo muro prepucitou de tal forte a pftjsqueda de Finnegan, dantes excéltico ferrabraço [...]” (*idem*, p. 113).

Assim, a multirreferencialidade da escritura wakena promove o constante movimento (com alteração) das interpretações e traduções desta obra (estruturada para ser) aberta.

O deslocamento, a multiplicidade, a sobreposição e mestiçagem de camadas, a deformação, a pulsão pecaminosa, a repetição, as dobras e falhas linguísticas do finneganês são marcas que encontram o seu lugar (à sombra) nas diferentes manifestações do inconsciente. Afinal, como já observamos, o livro de Joyce (re)transcriu o inconsciente. Se o *Wake* é a ficcionalização de um sonho coletivo, de todas as pessoas (inclusives das que ainda estão por vir), culturas e nacionalidades, ele também pode ser o sonho do tradutor, que deve colocar os timbres da sua língua e, nos locais em que a poética do original der brecha, os cromatismos da sua cultura na (re)transcrição dessa polifonia onírica. Como sonhar não custa nada, agora deslizaremos um pouco até essa linguagem do inconsciente.

2.4 A LINGUAGEM DESESTRUTURADA COMO INCONSCIENTE: A TRADUÇÃO DO INCONSCIENTE

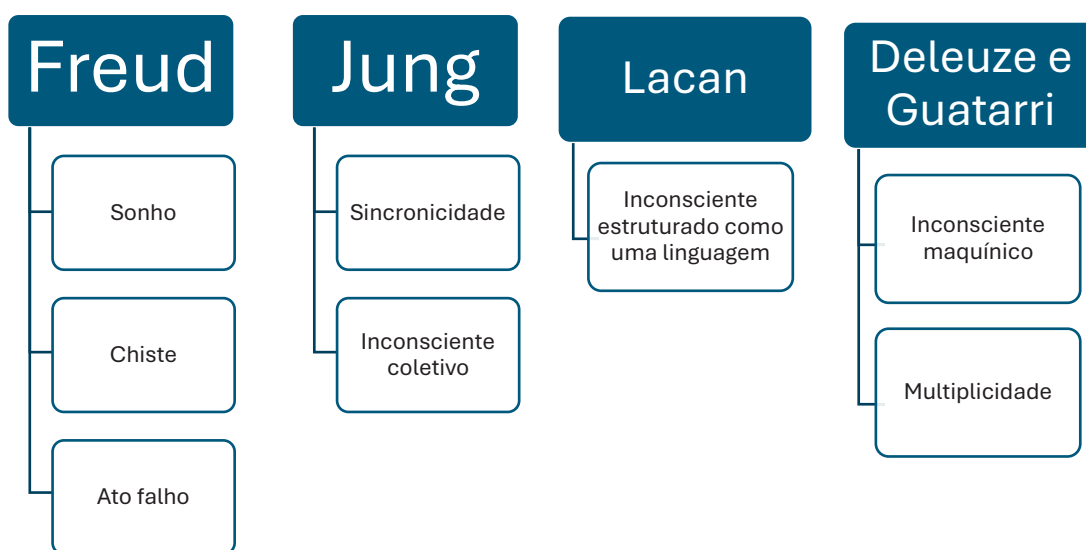
O inconsciente é o multiverso no qual o sonho faz as suas estrepolias. O sonho, por sua vez, tem várias características que vimos na oniriscritura musical *Finnegans Wake*, a exemplo de:

- Dramatização;
- Condensação;
- Desdobramento ou multiplicação;
- Inversão e embaralhamento cronológico;
- Representação pelo oposto;
- Representação simbólica etc.

Vemos essas característcas (e muito mais!) no *Wake*. Todavia, se Joyce transcriu o inconsciente ficcionalizando a sua nebulosidade paratática, antes e

depois do nosso “pequerrucho fuça-fuça” (JOYCE, 1971, p. 9) de labirintos, psicanalistas e esquizoanalistas direcionaram suas luzes interpretativas a esse íntimo desconhecido do ser humano.

ESQUEMA 7 – O INCONSCIENTE E SEUS TRADUTORES



FONTE: O autor (2024).

Quando o *Wake* foi escrito, Freud já estava bombando com a sua *Interpretação dos sonhos*, de 1899. Com esta obra, o psicanalista alemão começou um processo de descentralização do sujeito racional ocidental, teorizando sobre uma obscura e escanteada área do ser humano, o inconsciente. Além do sonho, o inconsciente freudiano também é composto pelo chiste e pelo ato falho. Para o precursor da psicanálise, no ato falho “a formação de substituições e contaminações nos lapsos da fala constitui-se (...) num principiar para todo trabalho de condensação, que desempenha parte tão ativa na construção dos sonhos” (FREUD, s.d, p. 66).

Mesmo que Joyce se fingisse de bobo minimizando as descobertas da ciência do *Humano, demasiado humano*, sua obra final é uma transcrição do inconsciente, uma tentativa de materialização ficcional da nebulosidade onírica, do riso chistoso e

das errâncias do ato falho. Em certo sentido – ou melhor, nonsensemente, o *Wake* dá um passinho *Além do bem e do mal* do nível interpretativo do inconsciente, trazido à ciência por Freud.

Além do pai da psicanálise, o seu príncipe, Jung, também fez parte do espírito de época da produção do *Wake*. Podemos inferir que há um diálogo qualitativo no macrotexto wakeano com os conceitos de inconsciente coletivo e de sincronicidade. Ampliando o que considerava como um recorte exclusivamente pessoal do inconsciente freudiano e, portanto, reducionista, Jung controversa que, além dos

conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provêm das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral [...]. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração históricas. Denomino esses conteúdos de inconsciente coletivo (JUNG, 2015 a § 851)

Se entendermos que o *Wake* é um sonho de todas as épocas, épicas, mitos, línguas e pessoas, não há como negar a proximidade do inconsciente musiscritural wakeano com a noção de inconsciente coletivo, a qual é complementada pela ideia de sincronicidade. Para Jung,

os fenômenos sincronísticos são a prova da presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal; em outros termos, eles provam que um conteúdo percebido pelo observador pode ser representado, ao mesmo tempo, por um acontecimento exterior, sem nenhuma conexão causal. Daí se conclui: ou que a psique pode não ser localizada espacialmente, ou que o espaço é psiquicamente relativo. O mesmo vale para a determinação temporal da psique ou a relatividade do tempo (JUNG, 2005, p. 94).

Essa aglutinação do aparentemente inconciliável, que gera a simultaneidade e a complementariedade do causal-acausal, dialoga com o sonho wakeano habitado pela coincidência dos opostos bruno-joyceana. Isso pode ser constatado no encapsulamento verbal da palavra-valise e na dinâmica plurienredística do livro, que ficcionaliza a fragmentariedade onírica e as suas conexões acausais com os fatos sempre hipotéticos dessa politrama (GARCIA FERREIRA, 2023). Também podemos ver sincronismo no ato tradutório, que sincroniza o tempo presente da tradução ao tempo de produção da obra traduzida.

Tanto Freud quanto Jung são aludidos inúmeras vezes ao longo do livro, inclusive em uma alusão que funde os dois bem ao estilo da condensação onírica em “*m’m’ry’s leaves are falling deeply on my Jungfraud’s Messonge*” (460.20, grifos nossos), que traduzimos como “*m’m’m’nemônicas folhas oniricaem in mia Mensonhagem de Jungfraud*”. A seguir, um pequeno recorte de alusões psicanalíticas.

QUADRO 5 – ALUSÕES A FREUD E JUNG

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
versts and versts from true civilisation, not where his dreams top their traums halt (FW 81.15-16)	a versos e multiversos da verdoideira cibilização, não onde seus sonhos superam seus bloqueios traumáticos
nicely asking: whyre have you been so grace a mauling and where were you chaste me child? Be who, farther potential? and so wider but we grisly old Sykos who have done our unsmiling bit on 'alices, when they were yung and easily freudened, in the penumbra of the procuring room and what oracular comepression we have had apply to them! (FW 115.19-24)	perguntar gentilmente: por que tu és abusada com tanta graça e cadê tua castidade infantil ? Quién eres, potente Nome-do-Pai ? e amplificando a não ser que nós os borromeados velhos Sykos ann’alicemos as maravilhas à parte, quandueram jungadas e facilmente freudulentas , na penumbra da sala dinvestigação e que caospreensão oracular aplicamos a eles!
fi rst called this kind of paddygoeas partnership the ulykkhean or tetrachiric or quadrumane or ducks and drakes or debts and dishes perplex (v. <i>Some Forestallings over that Studium of Sexophonologistic Schizophrenesis</i> , vol. xxiv, pp. 2-555) after the wellinformed observation, made miles apart from the Master by Tung-Toyd (cf. <i>Later Frustrations amengst the Neomugglian Teachings abaft the Semiunconscience</i> , passim) (FW 123.15-22)	primeiro chamou este tipo de parcecia públicânone-na-privada de perplexo ulykkeano ou quatromãos ou quadrumane ou pato e páthos ou débitos e créditos (v. <i>Algumas Antecipações sobriaquele Studium de Esquizofrenese Sexofonológica</i> , vol. xxiv, pp. 2–555) após a bem informada observação, feita a milhas de distância do Mestre por Tung-Troyd (cf. <i>Frustrações Ulteriores entrios Ensinaamentos Neomugglianos sobria Semênconsciência</i> , passim)
to thickly thyself attach with thine eft eased ensuer, ondrawer of our unconscionable, flickerfl apper fore our unterdrugged (FW 266.30-31)	pra te atar borromeanalmente ateu persseguidor maisgozador, engavetadora do nosso inconsciencionável , topdastops diante do nosso teseu reprimido
And may he be too an intrepidation of our dreams which we foregot at wiking when the morn hath razed out limpalove and the bleakfrost chilled our ravery! Pook (FW 338.29-32)	E quiele também cerveja uma intrepidassom dos sonhos que uísquecemos no primevo acorde quandoo eressom da manhã jah arrasou o amor puro e o gélido rilke-shake do caos fé da mainhã jazz arrefeceu nosso delírio. Édipook.
her <i>totam in tutu</i> , final buff noonmeal edition, in the regatta covers, uptenable from the orther, for to regul their reves by incubation (FW 397.32-34)	seu totam in tutu , edição final do buffet do meio-dia, nas capas das regatas, insustentáveis duo autor, pra regular seus sonhos por incubação
You never made a more freudful mistake, excuse yourself! (FW 411.35-36)	Tu jungmais teve um erro mais freudento , desculpsicanalíse-se!

FONTE: O autor (2024).

Se a psicanálise se rizomou ao *Wake*, o inverso também é verdade, e aconteceu principalmente na figura multifacetada de Lacan. Fisgando ideias de peixões como Freud, Marx, Lévi-Strauss, Saussure e Joyce, o francês construiu um percurso teórico que dá muito pano pra manga até hoje. Dedicando um seminário inteiro a Joyce e trocadilhando a torto e à esquerda, ele chegou a conceitos como “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” ([1954] 2008, p. 27). E qual seria a linguagem do inconsciente senão a da obscuridade, a da sobreposição, a do deslocamento, a da libidinosidade, a dos fragmentos e a dos vazios, tal qual já havia sido estruturada ficcionalmente no *Wake*? O fato é que Lacan, que disse ter conhecido Joyce na *Shakespeare & Company*,³⁹ foi enriquecido pela linguagem estruturada como inconsciente do *Wake* e, na via de mão-dupla, enriqueceu a leitura da obra do irlandês, ampliando os ângulos interpretativos. Os agenciamentos lacanianos do Eu liriacadêmico deslizaram para a *lalíngua* do tradutor e, dada a pertinência temático-estrutural com o *Wake*, caíram humptydumptymente e se fragmentaram pelas páginas da nossa (re)transcrição.

QUADRO 6 – ENXERTOS LACANIANOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA AUTOR OU CONCEITO
Earwicker (FW 70.35)	Jaquiouvez Lacraian (FW 70)	Jacquez Lacan
Tis the bells of scandal that gave tune to grumble over im and someone between me and thee (FW 483.06-07)	São os sinos do escândalo que deram o tom pras más lalínguas hablabrem sobriêe e alguém entre mim e usted (FW 483)	Lalíngua
as hereinafter must they chirrywill immediately suant on my safe return to ignorance and bliss in my horseless Coppal Poor, through suirland and noreland, kings country and queens, with my ropes of pearls for gamey girls the way ye'll hardly. Knowme. (FW 446.23-26)	como o furo no real é maizenbaixo elas devem borromiar tão logos eu retorne em segurança à ignorância e ex-chistência feliz em minha Pobre Simbolicarroça de cavalos imaginários , através dos reinos do hill gandhi do suir e do nore ego de reis e rainhas, cumeus colares de pérolas pra garotas que brincam dum jeito que você dificilmente brincarã. Laconheça-me .	Real; Simbólico; Imaginário; Nó borromeano; Ex-sistência

³⁹ Lacan diz que essa trombada com Joyce “ocorreu-me, aos 17 anos, graças ao fato de que frequentava a livraria de Adrienne Monnier (...). Também assisti, quando tinha 20 anos, à primeira leitura da tradução francesa de *Ulisses* que estava sendo lançada” (LACAN, 2007, p. 158). Narrador não muito confiável, Lacan teve a versão do primeiro encontro contradita por Jacques Albert, segundo o qual Joyce nem estava em Paris quando Lacan tinha 17 anos (AUBERT in LACAN, 2007, p. 196).

— Friends! First if yu don't mind. Name yur historical gouns. (FW 446.35)	— Amigos! Primeiro se vosmecê nun simporta. Dê um nome à sua lituraterra histórica.	Lituraterra
Shem the Penman. (FW 125.23)	Shem le Sinthomescritor	<i>Le Sinthome</i>
— As you sing it it's a study. Th at letter selfpenned to one's other, that neverperfect everplanned? (FW. 489.33-34)	— Cumé quiocê canta esse estudo. Aquela carta autobibliográfica escrita dosseu pequeno eu pro grande Outro , aquela nuncaperfeita nuncaplanejada?	Pequeno eu; grande Outro

FONTE: O autor (2024).

Depois de ficar de mau com o mentor Lacan, principalmente por discordar do que entendia como um engessante rigor estruturalista, o ex-pupilo Guattari se juntou a Deleuze e com ele construiu o conceito de inconsciente maquínico, ou inconsciente-multiplicidade. No conceito de máquina, diferentemente do de estrutura, cabe literalmente tudo (junto e misturado) e não há universalizações restritas a um modelo estrutural. Para Guattari,

o pensamento universalista esconde-se sempre em temores reverenciais face uma ordem estabelecida (...). Inversamente, o pensamento dos agenciamentos e dos maquinismos moleculares deveria conduzir à colocação em relação de práticas de toda natureza que se situem na perspectiva de mutações e de transformações das ordens existentes e à multiplicação da sua potência (GUATTARI, 1988, p. 16).

Wakeano desde que nasceu academicamente com a tese *Diferença e repetição*, Deleuze refletiu em diversos trabalhos solo e em coautoria com Guattari sobre a multiplicidade, a simultaneidade e a repetição do *Wake*. Entendemos que esse inconsciente-multiplicidade dialoga qualitativamente com a natuzera wakeana e veste como uma luva o corpo (aparentemente) sem órgãos do livro. Para Deleuze, a questão “não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar (...). A questão é *produzir inconsciente* e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é essa produção de inconsciente” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 38). É por essa e por outras que *Finnegans Ressuchistam* também fez o *Wake* circular no tempo da crítica pós-estruturalista.

QUADRO 7 – ENXERTOS DELEUZIANOS

ORIGINAL	<i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i>	OBRA, AUTOR OU CONCEITO
they all of them then each in his different way of saying calling on the one in the same time hibernian knights underthaner that was having, half for the laugh of the bliss (FW 335. 24-26)	todozeles cadum cum sua mineira um tiquim different de proseá clamano pelo uno ao mesmo mil platêmpo cavaleiros irlandeleuzianos da noite se corvavam ao que tava teno, metade pelo risoma da felicidade	Mil Platôs; Deleuze; rizoma
— A being again in becomings again. (FW 491.23)	— Um ser que ritornella no constante devir do ritornello .	Ritornelo; devir
in the rere of them on the run (FW 475.30)	na retaguarda deules em linha de fuga	Linha de fuga
is the poeta, still more learned, who discovered the raiding there originally. (FW 482.31-33)	é o poeta, ainda mais culto, que descobriu a desterritorialização originária lá.	Desterritorialização
the pacifettes made their armpacts widdershins (FW 470.36)	pacifiquetes faziam o xuxuxuvaco xauxauxaubeludo no sentido anti-ediporário	Anti-édipo

FONTE: O autor (2024).

Para a tradução, além de fazer o original circular por outros tempos da crítica (a terceira via narrativa do livro), é fundamental (re)transcriar o inconsciente ficcional do *Wake* replicando sua obscuridade onírica, seus deslocamentos, seus condensamentos, sua chistosidade, sua falhosidade, sua falosidade, sua sincronicidade, sua coletividade e sua multiplicidade rizomática.

Na máquina desejante do *Wake*, na qual o desejo recalcado compulsiona o emaranhado narrativo, a tradução da poesia se faz necessária para não apagar uma das principais marcas do original. Como a carga sexual do significante pulsa por toda a escrita, muitas vezes esse rastro poético pode ser apagado na tradução. Dessa forma, em busca da poesia perdida, podemos compensar a impotência das perdas tradutórias gozando trocadilhescamente em outras partes do texto. O tradutor, portanto, pode se valer do cartesiano jogo de palavras de Lacan “penso, logo go(s)zou” (LACAN, 2021, p. 13).

QUADRO 8 – NEOLOGISMOS CUNILALINGUÍSTICOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	POETARIA ENXERTADA
Bussing was before the blood and bissing will behind the curtain. (FW 467.06-07)	La Cunilalingua laconteceu antes do dilúvio monstual e do desejo de Cunilalinguar atrás da cortina .	Cunilíngua; menstruação; cu
Hwoorledes har Dee det? (FW 54.11)	Como bocê tá?	Comer boceta
Was it supposedly in connection with a girls, Myramy Huey or Colores Archer (FW 63.12-13)	Supunheta-se quiele tava in conexão cumas minas, Admierrável Bunda Nova ou Álcoor Eires	Punheta
By earth and the cloudy but I badly want a brandnew bankside, bedamp and I do, and a plumper at that! (FW 200.05-06)	Pela terra e pelas nuvenzinhas pero que muero de tezão poruma popol vuhlva novinha em folha, eu quero e bed úmida , e cheia de humor pra dar!	Tesão; vulva
And he has pipettishly bespilled himself from his foundingpen as illspent from inkinghorn. (FW 563.05-06)	E ele espermolhou pipetosamente sua pirocaneta fundadora espalhando o mal que vazou do tinteiro.	Esperma; piroca
I give to me alone I trouble give! I may have no mind to lamagnage the forte bits like the pianage but you can't cadge me off the key. (FW 450.22-24)	Só dô a ré pra mi sentir um falasser menos só quando dô agudos! Posso não ter a pavatottintenção de alterar o trânsuforte como o pionanista mas mesmo apóizumas carreras você não pode me acusar de sair do tom.	Dar o cu; ânus; onanista
And there she was, Anna Livia, she darent catch a winkle of sleep, purling around like a chit of a child Wendawanda, a fingerthick, in a Lapsummer skirt (FW 199.11-13)	E lá stava ela, Anna Livia, que nana nina não ousava pegar no sono, thomas mannsturbando-se comuma meninoca, Wendawanda, cum belle dedo , numa Mini saia de verão	Masturbação
Its segnet yores, the strake of a hin (FW 377.28-29)	Sua assonhatura, o troca-trocadilho duma pirocaneta.	Troca-troca
moist moonful date man aver held dimsdzey death (FW 347.07-08)	úmidadata de lua cheia na karl o fumomem villou-lobo no dia do juízo finn annal	Anal
Lights out now (bouf!), tight and sleep on it. And that's how I'll bottle your greedypuss beautibus for ye, me bullin heifer, for 'tis I that have the peer of arrams that carry a wallop. (FW 445.22-25)	Apaguias luizes agora (bouf!), seaconchegue e durma. E é assim que vou te dar mamadeira de leitinhomotiv no seu anti-edipoposão guloso , minha bezerra novilhinha da silva, pois sou eu que tenho o par de braços cum vontade de putência duma socada .	Esperma; bumbum guloso; potência sexual; socada
those imputations of fornicolopulation with two of his albowcrural correlations on whom he was said to have enjoyed by anticipation when schooling them in amown (FW 557.16-19)	daquelas imputações de fornicolopulação com duas de suas correlações com imaculadas pernoconas nas quais dizem quiele esaújacólou precocemente ao ensiná-las a pedagorgia do gozoprimido	Copulação; cona; ejaculação; orgia; gozo

FONTE: O autor (2024).

“Se o leitor fica fascinado é porque Joyce (...) tem uma relação com *joy*, o gozo (*jouissance*), tal como ele é escrito na *lalíngua* que é a inglesa –, por ser essa gozação (...) a única coisa que do seu texto podemos pegar” (LACAN, 2007 p. 162-163). Na esteira do (*joy*)ceano Lacan, podemos entender essa gozação da escrita wakeana tanto no plano sexual quanto no do riso. Assim, também há a multiplicidade ri(s)omática da obra, que são as piadas que o tradutor deve passar para frente, mesmo que deformadas pela cultura de chegada. Portanto, em *Finnegans Ressuchistam* preservamos a marca do humor, amigo íntimo do trocadilho. Muitas vezes, seguimos o conselho de Rónai, que afirma que quando o tradutor não consegue traduzir os chistes

pode tentar compensá-los, colocando jogos de palavras eventualmente noutros trechos, onde o espírito da sua própria língua o ajudar. Este é um dos casos em que se pode aproveitar a imaginação de que todo profissional tem que possuir uma boa dose (RÓNAI, 1976, p. 23).

Para o autor de *A tradução vivida*, “em geral, porém, o trocadilho é intraduzível por definição ou, noutras palavras, perde todo o chiste na tradução” (RÓNAI, 1976, p. 22). Todavia, no bate-boylan entre o original e a tradução, mesmo que com muitas perdas compensadas no decorrer do macrotexto-alvo, verificamos em boa parte da escritura-fonte a possibilidade da tradução – ou (re)transcrição – do trocadilho e, consequentemente, da manutenção do chiste. Afinal, levando-se em conta que o trocadilho é a alma do negócio chamado *Finnegans Wake*, deixá-lo de lado no projeto tradutório seria o mesmo que humordaçá-lo. Até Derrida se kkkonekkkitava a esse aspecto wakeano.

O que eu estava dizendo? Sim, não tenho certeza se gosto de Joyce... Não tenho certeza que alguém goste... salvo quando ri... ele está sempre rindo... então tudo se passa na diferença entre as várias tonalidades do riso... (DERRIDA in NESTROVISKI, 1992, p. 36).

Nas primeiras leituras do Eu liriacadêmico, o *Wake* pareceu-lhe um caos incompreensível, mas mesmo assim as gargalhadas sempre estiveram presentes, até porque

uma formação do inconsciente como o chiste, por exemplo, não tem, em termos estritos, uma significação. Ela vem justamente como a quebra de uma significação antecipada, causando estranhamente, riso, ou ainda constrangimento, no caso mais específico do lapso (ESTEVEZ, 1999, p. 93).

“O pensamento que, com a intenção de construir um chiste, mergulha no inconsciente está meramente procurando lá a antiga pátria de seu primitivo jogo com as palavras” (FREUD, 1996, 168-169). *Finnegans Ressuchistam*, portanto, mergulha na linguagem estruturada como inconsciente do *Wake* e propõe essa experiência chistosa ao leitor, materializando-a como uma das principais marcas da poética joyceana, esse ri(s)oma, ou riso rizomático que deve estender suas raízes trocadilhescas a cada nova tradução, sob pena de violar um dos principais totens do original ao cometer o crime da sem-graceza. Afinal, repetindo (com alteração) o trocadilho cartesiano, o tradutor do *Wake* pode dizer: penso, logo eu chisto!

2.5 O INCONSCIENTE MUSICAL WAKEANO

Como Joyce afirmava, “*Finnegans Wake* é pura música” (ELLMANN, 1989). E essa música se manifesta de várias formas, inclusive no inconsciente. Embasado na ideia lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Quinet diz que

o inconsciente se interessa muito mais pelo significante do que pelo significado, pelo som das palavras e não pelo que elas significam. Ele é constituído por cadeias de significantes, que são os encadeamentos sonoros das palavras – ou seja, um fraseado de sons que faz com que possamos afirmar que o inconsciente é musical (QUINET, 2023, p. 202).

Na elasticidade do inconsciente musical wakeano, a música apresenta múltiplas facetas. Em *A inelutável modalidade do ouvível: o diálogo de formas entre o Finnegans Wake de James Joyce e a música erudita contemporânea* (2023), mostramos que no aspecto qualitativo-estrutural existe um diálogo formal com técnicas e estéticas musicais.

A escrita agramatical ou paratática, para dar apenas um exemplo, dialoga com as poéticas do período aforístico da Segunda Escola de Viena, de Debussy, de

Stravinski e muitos outros compositores contemporâneos a Joyce. Por outro lado, quantitativamente, há um vertiginoso diálogo temático e alusivo com os mais variados estilos e períodos, tanto da música erudita, quanto da folclórica e também da indústria cultural. Ficando apenas no recorte dos nomes citados, seguem alguns exemplos dessa máquina alusiva.

QUADRO 9 – ALUSÕES A SCHOENBERG NO WAKE

COMPOSITOR	OBRA	TRECHO NO WAKE
Arnold Schoenberg	<i>Erwartung</i> (1909) – Monodrama operático	“ <i>Expectungpelick</i> ” (20.22)
Arnold Schoenberg	<i>Gurrelieder</i> (1907)	“ <i>gurgle gurgle</i> ” (206.17)
Arnold Schoenberg	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>schouwburgst</i> ” (257.31)
Arnold Schoenberg	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>Schoen! Shoan! Scoon the Puzt!</i> ” (603.4)
Arnold Schoenberg	<i>Pierrot Lunaire</i> (1912)	“ <i>pianutunar</i> ” (327.21)
Arnold Schoenberg	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>she bergened</i> ” (206.9)
Richard Wagner e Arnold Schoenberg	<i>Götterdämmerung</i> (1874) e <i>Gurrelieder</i> (1907)	“ <i>Gwds with gurs are gttrdmmrng</i> ” (258.2) e “ <i>Gurragrunch! Gurragrunch!</i> ” (342.17)

FONTE: O autor (2022).

QUADRO 10 – ALUSÕES A BERG NO WAKE

COMPOSITOR	OBRA	TRECHO NO WAKE
Alban Berg	Referência a <i>Lulu</i> (1935)	“ <i>Lalia Lelia Lilia Lulia and lively lovely Lola Montez</i> ” (525.14)
Alban Berg	Referência a <i>Wozzeck</i> (1922)	“ <i>Watsy Lyke</i> ” (245.33)
Alban Berg	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>bergened</i> ” (266.09)

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 11 – ALUSÕES A DEBUSSY NO WAKE

COMPOSITOR	OBRA	TRECHO NO WAKE
Claude Debussy	<i>Pelléas et Mélisande</i> (1902)	“ <i>bachspilled</i> ” (526.30)
Claude Debussy	<i>La Mer</i> (1905)	“ <i>beaushelled à la Mer</i> ” (292.19)
Claude Debussy	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>Debuzzled</i> ” (234.3)
Claude Debussy	Referência ao próprio nome do compositor	“ <i>noobibusses</i> ” (006.1)

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 12 – ALUSÕES A STRAVINSKI NO WAKE

COMPOSITOR	OBRA	TRECHO NO WAKE
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“a stray whizzer” (178.20)
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“straphanger” (444.19)
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“strave” (569.34)
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“Slavansky” (355.11)
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“Straorbinaire” (295.17)
Igor Stravinski	Referência ao próprio nome do compositor	“strabisma” (189.8)
Igor Stravinski	<i>Mavra</i> (1922)	“Mavrue mavrone” (291.3); “Mavro” e “mavrone” (203.29)
Igor Stravinski	<i>Le Sacre du Printemps</i> (1913) – A sagração da primavera	“keepsacre” (080.7)
Igor Stravinski	<i>Petrushka</i> (1911)	“Podushka” (333.28)
Igor Stravinski	<i>Oedipus Rex</i> (1927)	“Oropos Roxy” (513.21)

FONTE: O autor (2022).

No nível da palavra-valise, defendemos que existe uma polifonia latente, haja vista as múltiplas vozes linguísticas encapsularem diversas sonoridades idiomáticas. Há também a voz do leitor/tradutor, que executa, interpreta e improvisa essa música. A imensa referencialidade da palavra wakeana, paradoxalmente, leva a uma fruição assêmica, tal qual pode ocorrer na música erudita instrumental e eletroacústica, o que torna o livro uma musiscritura. Afinal,

se Joyce pôde nos mostrar certo tipo de manejo de *lalíngua*, que nos remete ao Inconsciente real e à interpretação do psicanalista como poética, é por ele, como artista, ter feito a opção pela musicalidade das palavras em detrimento do sentido (QUINET, 2023, p. 211).

Dito de outro modo, o livro de Joyce “não está escrito de forma alguma. Nem é para ser lido – ou antes não para ser lido e só. É para ser contemplado e ouvido. Essa escrita não é sobre alguma coisa; **é a coisa em si**” (BECKETT, 1992, p. 331, grifos nossos).

2.6 MUSICALIDADE INTRÍNSECA

O aludido na seção anterior, destacadamente a ideia da assemia frutiva decorrente da sobreposição trocadilhesca, leva à concepção da musicalidade intrínseca do livro, que é a que está emaranhada às palavras e à estrutura macrotextual, fazendo do *Wake* uma musiscritura (FERREIRA; FABBRI, 2021). Embora, via de regra, o signo musical instrumental tenda a ser organizado com regras formais rígidas, ele possui características que tornam difícil uma estabilização do seu significado, tornando-o assêmico, em processo semelhante ao do signo wakeano. Luciano Berio comenta que

una traducción de Le Livre de Mallarmé o de Finnegans Wake de Joyce es una tarea extremadamente difícil, por no decir imposible o, todavía más, carente de sentido. Las razones de esta dificultad tienen algo en común con la experiencia musical. En Finnegans Wake las imágenes, la dimensión sintáctica, fonética, icónica y gestual crean una serie de cortocircuitos semánticos, una polifonía de asociaciones que no permiten expresiones ni enunciados alternativos. Además, Joyce desarrolla y exhibe un lenguaje que parece querer asimilar las moléculas de todos los lenguajes. En este complejo y agitado paisaje, los viejos significantes y significados de saussuriana memoria tienden a convertirse en una única e indivisible cosa. Lo mismo sucede en la mayor parte de la música del siglo XX (...) (BERIO, 2019, p. 46).⁴⁰

Assim, ao multirreferencializar as palavras do *Wake*, Joyce se aproxima da música também nesse sentido (ou nessa “falta” de sentido). Dessa forma, ao buscar uma tradução mais literal, que desembrolhe as palavras-valise em um processo que prive o leitor dos múltiplos pontos de vista inerentes a elas para entregar um “produto” de referencialidade direta, acreditamos que o tradutor amordace essa musicalidade estrutural do texto (GARCIA FERREIRA, 2023). Por isso, procuramos manter e até adensar a multirreferencialidade, como no exemplo abaixo.

⁴⁰ “Uma tradução de *Le Livre*, de Mallarmé, ou de *Finnegans Wake*, de Joyce, é uma tarefa extremamente difícil, se não impossível ou, mais ainda, sem sentido. As razões desta dificuldade têm algo em comum com a experiência musical. Em *Finnegans Wake* as imagens, a dimensão sintática, fonética, icônica e gestual criam uma série de curtos-circuitos semânticos, uma polifonia de associações que não permitem expressões ou enunciados alternativos. Além disso, Joyce desenvolve e exhibe uma linguagem que parece querer assimilar as moléculas de todas as línguas. Nesta paisagem complexa e agitada, os antigos significantes e significados da memória saussuriana tendem a tornar-se uma coisa única e indivisível. O mesmo acontece na maior parte da música do século XX (...)” (BERIO, 2019, p. 46, nossa tradução).

QUADRO 13 – AMPLIAÇÃO REFERENCIAL

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	NOVAS REFERÊNCIAS
“We know romp through a period of pure lyricism of shame-bred music (technologically, let me say, the appetising entry of this subject on a fool chest of vialds is plumply pudding the carp before doevre hors) evidenced by such words in distress (...)” (JOYCE, 2012a, p. 164.15-18).	“Agora brincosmos cum período de puro lirismo de músic age de caosmara (tecnog györgy ligeticamente, deixe-me dizer, quia aperitiva entrada desse semjeito numa dodecafona viola caospira é um pudim chopin pa servido à la carpa no 1º pr’ ato) evidenchiado por palavras desconstrouvidas (...)” (grifos nossos).	John Cage; Música de câmara; György Liget; Entrada [musical]; Dodecafonismo; Viola caipira e Primeiro ato.

FONTE: O autor (2021).

2.6.1 Oralidade

No *Finnegans Wake*, a oralidade é tão importante que o próprio Joyce, que pensou em abandonar a literatura para seguir a carreira musical como tenor (ELLMANN, 1989), referiu-se ao livro como uma escrita para o ouvido, o que evidencia a importância de “ouvir” a obra, como sugerem os irmãos Campos no *Panaroma do Finnegans Wake* (2001). Ademais, ao seguir a orientação de Joyce para ler o texto em voz alta, o leitor assume um nível de subjetividade que o coloca na condição de instrumento, na concepção schaefferiana do termo, mas também na de enunciador (GARCIA FERREIRA, 2023).

Na condição múltipla de instrumento e de instrumentista, tanto leitor quanto tradutor são responsáveis por complementar e executar a composição wakeana com o seu timbre específico. Pois, de acordo com Schaeffer, “é apenas através do instrumento que o código musical pode estabelecer-se” (MENEZES, 1996, p. 24).

“Todo ouvidos” ao *animus* de escrita partitizada para a voz do original, aplicamos em *Finnegans Ressuchistam* o método de revisão oral da (re)transcrição, pois

a voz é a via pela qual a língua transita, é tomada como instrumento que reúne executante e meio de execução num mesmo corpo (...). Mais do que as palavras que são pronunciadas, mais do que a qualidade do som que vocalmente emitimos, é o corpo inteiro – usina de experiências, afetos e pensamentos imbricados, energia e potência ressoando – que fala (CASTRO, 2020, p. 67).

A voz da tradução, dessa forma, é a voz do Outro (musiscritura original) e também é a sua própria voz, haja vista os agenciamentos encapsulados no ato tradutório. Como Leif Høghaug comenta,

a voz que fala em *Finnegans Wake* é uma voz coletiva, ou seja, uma voz que consiste em muitas vozes – um coro, como o som das vozes que você ouve no pub tarde da noite ou o som das vozes que chamamos de História da humanidade... Então, ao insistir que tudo é “sobre” ritmo e música, considero-me capaz de dar continuidade ao processo mimético. Ouço a língua norueguesa, em mim, ao meu redor, e ouço algo que possa se parecer com a linguagem rítmica e musical que Joyce construiu e deu ao mundo.⁴¹

O próprio *Wake* muitas vezes puxa a orelha do leitor e deixa rastros sobre sua construção musiscritural, como se “ouvê” no excerto a seguir.

QUADRO 14 – LEIA O SOM

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“Comsy see! Het wis if ee newt. Lissom! lissom! I am doing it. Hark, the corne entreats! And the larprnotes prittle.” (21.2-4).	“Co mar sim! Ele já som bia. Leia o som! Leia o som! To fazendo ouvisso. Houça, a caiposição ecoar! E as notas de rondó pé mitomorfoseiann-sim.”

FONTE: O autor (2024).

Buscamos respeitar (mesmo que reelaborando) o aspecto sonoro do livro, tão caro ao tenor Joyce que, como já vimos, batia no peito sobre a natureza musical do *Wake* (ELLMANN, 1989). Assim, a tradução *Finnegans Ressuchistam*, por meio de sua *lalíngua*, insere-se em um movimento de repetição (com alteração) do original como mecanismo copartícipe do inconsciente musical wakeano, pois

a *variação musical*, como uma repetição de forma alterada de um mesmo tema, corresponde à própria definição de repetição inconsciente. A polifonia do sintoma, em suas variações, revela que o Inconsciente se alinha em diversas pautas de uma partitura musical – essa partitura é *lalíngua* (QUINET, 2023, p. 338).

Visando a esse resultado, muitas vezes deformamos palavras em prol das sonoridades decorrentes de aliterações, assonâncias, onomatopeias, paronomásias,

⁴¹ Vide a entrevista de Leif Høghaug no platô 3.

rimas internas e externas etc. No exemplo a seguir, trabalhou-se a aliteração, repetindo-se a consoante “b”, preferencialmente no encontro consonantal “br”:

QUADRO 15 – EFEITOS DE SONORIDADE

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“JUSTIUS (to himother): Brawn is my name and broad is my nature and I’ve breit on my brow and all’s right with every feature and I’ll brune this bird or Brown Bess’s bung’s gone bandy.” (FW 187.24-26).	JUSTIUS (parodialo): B rawno é meu nome e br uit é minha br utura e tenho br umarca de br uscença na br utesta e tudo bem com cada traço e eu vou br uninar essa br on-trê-vida ou o belo bartúck bardo de B rownu Bessias. Eu sou o br oycuri br esuntado e br isado. B runoparte! (grifos nossos).

FONTE: O autor (2021).

Portanto, reconhecendo-se que “*In Finnegans Wake, we are invited not only to see and hear but also to feel the depth of its texture*” (DEVLIN, 2018, p. 6),⁴² a sonoridade e outros aspectos da musicalidade do texto se fazem presentes entre os elementos hierarquizados nessa (re)transcrição.

2.6.2 A sinfonia rizomática da obra joyceana: intetextualidade

Por sua intercambialidade temático-estrutural entre si e, também, com a música, a obra de Joyce pode ser entendida como um todo musical, haja vista

Joyce interweaves images and motives in all of his works so that they become one work. It is not only the appearance of music that he uses but also its forms and techniques. Comparable to a professional composer his music moves from the lyrically simple to the very complex. By means of theme and variation he applies augmentation, diminution, repetition, resumption and other musical techniques to language and consequently makes music out of rhetoric (BERLIN, 2007, n. p).⁴³

⁴² “Em *Finnegans Wake* nós somos convidados não apenas a ver, mas a ouvir e também sentir a profundidade de sua textura” (DEVLIN, 2018, p. 6, nossa tradução).

⁴³ “O entrelaçamento de imagens e motivos em todas as obras (de Joyce) cria o efeito de uma única obra. Não é apenas a aparência que ele toma de empréstimo da música, mas também suas formas e técnicas. Comparável a um compositor, sua música passa do liricamente simples para o muito complexo. Utilizando tema e variação, ele chega a aumento, diminuição, repetição, retomada e outras técnicas tipicamente musicais. Consequentemente, faz música a partir da retórica” (BERLIN, 2007, n. p., nossa tradução).

Essa retomada leitmotívica de motivos, técnicas e demais elementos de livros anteriores revela o caráter intertextual da sua obra. E essa intertextualidade é essencial para o jogo alusivo de *Finnegans Wake* que, entre outras coisas, pretende contar e deformar a história da literatura, que já é problematizada por Joyce desde os seus primeiros escritos, mas que tem maior destaque em *Stephen Hero*, *Um retrato do artista quando jovem* e *Ulysses*.

Na máquina intertextual wakena, os anotadores ainda precisam comer muito arroz com feijão para catalogar por completo (háháhá!) as vertiginosas referências a obras e escritores. Entre os mais aludidos, estão a Bíblia, Shakespeare, Dante, Swift e o próprio autor do livro, que autorreferencia sua vida e obra por todo o *Wake*, mas em especial no capítulo 7, que pode ser entendido como uma “pornochistada verbivo(cocô)visual de Shem” (GARCIA FERREIRA in JOYCE, 2022).

Esse capítulo é dedicado ao escriba Shem, mas também ao escritor Joyce. O “mensugeiro” Shaun faz uma caricatura do seu criativo irmão apontando, exagerando e inventando defeitos. A leitura, embora enigmática, é quase tão fluida quanto a do capítulo que o sucede, o aquoso Anna Livia Plurabelle, e é uma encenação do arquetípico conflito entre irmãos, no caso Shaun x Shem. Até por isso, o texto foi estruturado utilizando-se muito mais do conceito de consciência dos opostos de Giordano Bruno do que do tempo cíclico de Giambattista Vico, teorias já apontadas como basilares para a estrutura de *Finnegans Wake*. Como o capítulo também é um simulacro autobiográfico de Joyce, todas as suas obras estão citadas nele, reforçando a já conhecida intertextualidade presente em todo o seu projeto literário (GARCIA FERREIRA in JOYCE, 2022).

O *Ulysses* foi aludido como o “*usylessly unreadable Blue Book of Eccles, édition de ténèbres* (JOYCE, 2012a, p. 179)”,⁴⁴ enquanto *Dublinenses* teve todos os seus contos referenciados na passagem a seguir.

⁴⁴ “Ilegível e inútil Livro Azul de Eccles, *édition de ténèbres*” (*Finnegans Ressuchistam*).

QUADRO 16 – ALUSÕES A DUBLINENSES

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Petty constable Sistersen of the Kruis-Kroon-Kraal it was, the parochial watch, big the dog the dig the bog the bagger the dugger the begadag degabug, who had been detailed from pollute stories to save him, this the quemquem, that the quum, from the ligatureliablous effects of foul clay in little clots and mobmauling on looks, that wrongcountered the tenderfoot an eveling near the livingsmeansuniumgetherum, Knockmaree, Comty Mea, reeling more to the right than he lurched to the left, on his way from a protopstitute (he would always have a (stp!) little pigeoness somewhure with his arch girl, Arcoiris, smockname of Mergyt) just as he was butting in rand the coyner of bad times under a hideful between the rival doors of warm bethels of worship through his boardelhouse fongster, greeting for grazious oras as usual: Where lathies have they that a dog meansort herring? Sergo, search me, the incapable reparteed with a selfevitant subtlety so obviously spurious and, raising his hair, after the grace, with the christmas under his clutcharm, for Portsymasser and Purtsymessus and Pertsymiss and Partsymasters, like a prance of findingos, with a shillto shallto slipny stripny in he skittled. Swikey! The allwhite poors guardiant, pulpably of balltossic stummung, was literally astundished over the painful sake, how he burstteself, which he was gone to, where he intent to did he, whether you think will, wherend the whole current of the afternoon whats the souch of a surch hads of hits of hims, urged and staggered thereto in his countryports at the caledosian capacity for Lieutuvisky of the caftan's wineskin and even more so during, looking his bigmost astonishments, it was said him, aschu, fun the concerned outgift of the dead med dirt, how that arrahbejibbers, conspuent to the dominical order and exking noblish permish, he was namely coon at bringer at home two gallonts as per royal full poultry till his murder. Nip up and nab it! Polthergeistkotchdondherhoploits! Kick? What mother? Whose porter? Which pair? Why namely coon? (FW 186.19-187.17, grifos nossos).	Foi o pequeno policialto Sistersen do Kruis-Kroon-Kraal, o santinela paroquial, o althor o cãothor o cavathor o atolathor o ensacathor o escavathor o madrugathor sonhathor, que fora detalhado de histórias poluídas pra salvá-lo, esse o quemquem, esse o quum, dos efeitos ligabólicos da argila suja em pequenos coágulos e burrânimes naparência, que recontra o pé movediço de evelinda afundando no meio-termo frank-existencial, Knockmareenheiro, Comty Mearda, tintubeando mais pra direita do que balançou presquerda, a caminho de uma protoproustituta (ele sempre teria uma (stp!) pombinha nalguma parte com sua arquiminina, Arcoíris, vestinome de Mergyt) justo quanduele deu um encontrón em manos na esquina dos maupassantes tempos sob a nuvem da noite entre as portas riwaisgners de casas dipensão infernais através de seu bordel lar privê, saudação pra horais graziosos como costumameiro: Donde nostrasdamas domadoras d'significãotes descamam arenques? Sergo, apalpe-me, o incapaz replica com altevitante sutileza tão obviaementespúria e, de caibelo em pé, depois da graça, com o natal sob seu braço, pra Masser Portalisty e Messus Purteiry e Miss Pertubady e Master Parteiry, como príncipe da esfingida, com um shillto shallto scorregaperu stripernu, o espeloteado. Whiskey! O albinão guardião dos pobres, apalpante de texticos de humor tóxico, foi literalmente surpreendido por um saco doloroso, como ele sexplodiu, pro qual ele foi, onde intentava a si mesmo, se você acha que vai, onde a corrida brisa da tarde é o êxito da cabeça que é buscado pelas tocantes mãos dele, insistiu e vacilou nisso em contrapartida com sua capacidade caledonianna pra Whiskynglês ver de odre cafetã pra vinho e ainda mais durante, olhando seus monstruosos assombros, foi-lhe dito, por exu, divertido presente preocupado com os mortos sujos de med, comuaquele beijo em arábia, conformiordem dominical e expressa do snobre rei, ele era primata nomeadamente portador de dois galões te rivers em casa, até o seu rinhosamente completo galindonicídio. Pica pico e nabo nele! Paranormalvômituondestepheroplotina! Surra? Que mãe? Porteiro di ckens? Qual par sifal? Por que rotuladamente macoolco?" (grifos nossos).

FONTE: O autor (2021).

Portanto, por meio da repetição de seus livros anteriores no *Wake*, Joyce instaura um nível de circularidade que permite reflexões músico-literárias como a seguinte.

Repetition and recurrence, which define musical forms, contradict the form of the novel. Joyce's choice of circles within circles not only points to Vico, but also gives at least a nod toward the writing of Finnegans Wake as a musical text. Circular forms are common in music (SHOCKLEY, 2009, p. 93).⁴⁵

Além de sua obra, Joyce também trouxe a sua construtiva “rivalidade” com o cânone literário, outra constante que se repete compulsivamente desde as suas primeiras obras, mas que atinge a apoteose citacional e deformatória no *Wake*.

QUADRO 17 – ESCRITORES ALUDIDOS OU ENXERTADOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“(…) his Ballade Imaginaire which was to be dubbed <i>Wine, Woman and Waterclocks</i> , or <i>How a Guy Finks and Fawkes When He Is Going Batty</i> , by Maistre Sheames de la Plume, some most dreadful stuff in a murderous mirrorhand) that he was avoopf (parn me!) aware of no other shaggspick , other Shakhisbeard , either prexactly unlike his polar andthisishis or procisely the seem as woops (parn!) as what he fancied or guessed the sames as he was himself and that, greet scoot, duckings and thuggery , though he was foxed fux to fux like a bunnyboy rodder with all the teashop lionses of Lumdrum hivanhoesed up gagaingst him, being a lapsis linquo with a ruvidubb shortartempa (…)” (FW 177.27-178.02, grifos nossos).	(…) sua Balada do ente Imaginário que deveria ser apelidada de <i>Vinhuva, Mulhiere e Águarelógios</i> , ou <i>Como um Cara Fodido e Chifreud Fica Enquanto Enlouquece</i> , por Maestro Sheames de la Pluma, algumas das coisas maizaterrorizantes em assassinato à mão espelhada) quiele steinva porfawoolfpf (parnelle me!) ciente de nenhum outro shapicareta , outro Shakebarbardo , ou pré-textualmente diferente de seu polo contrário ou precisamente siamesmadox como balbúrdia (perdão!) do jeito que desejava ou imaginava os henrygêmeos como ele próprio e que, grande whiscott, reidickens e thurggêryneve , embora ele fosse raposamente caçado fuxico a fuxico como um coelhinho carroll’deado por todos os mall te leões de Enfadonhos ivanhoés gagás thranckeirays contra ele, sendo duma língua lapsa com violenta dublinagem minimartística, (…)

Fonte: O autor (2024).

⁴⁵ “A repetição e a recorrência, que definem as formas musicais, contradizem a forma do romance. A escolha de Joyce por círculos dentro de círculos não apenas aponta para Vico, mas também dá pelo menos um aceno para a escrita de *Finnegans Wake* como um texto musical. Formas circulares são comuns na música” (SHOCKLEY, 2009, p. 93, nossa tradução).

As acusações de alcoolismo, loucura e consumo de drogas que recebeu da sociedade e da crítica também adornam aliterativamente a caricatura de seu *alter ego* Shem, le Sinthomescritor.

QUADRO 18 – A ARTE IMITA A VIDA E VICE-VERSA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“ bad cad dad fad sad mad nad vanhaty bear , the consciquenchers of casualty prepestered crusswords in postposition, scruff, scruffer, scrufferumurraimost andallthatsortofthing, if reams stood to reason and his lankalivline lasted he would wipe alley english spooker, multaphoniaksically spuking, off the face of the erse. ” (FW 177.02-07, grifos nossos).	“ daninho desgraçadico diapaizão decapolar deprê doido dodecaфона drinkpsomaniaco , as consequências da casualidade pré-importunaram palavras-cruzezadas em posposição, desajeitoso, desajeitoso mesmo, desajeitozão da porra contodascoisas, se sonhos de papel dreamspertassem a razão e sua subletrada linha durasse ele limparia o assustador pesabeco inglês, prosando multifonestesicamente, pra fora da face da métrica. ” (grifos nossos).

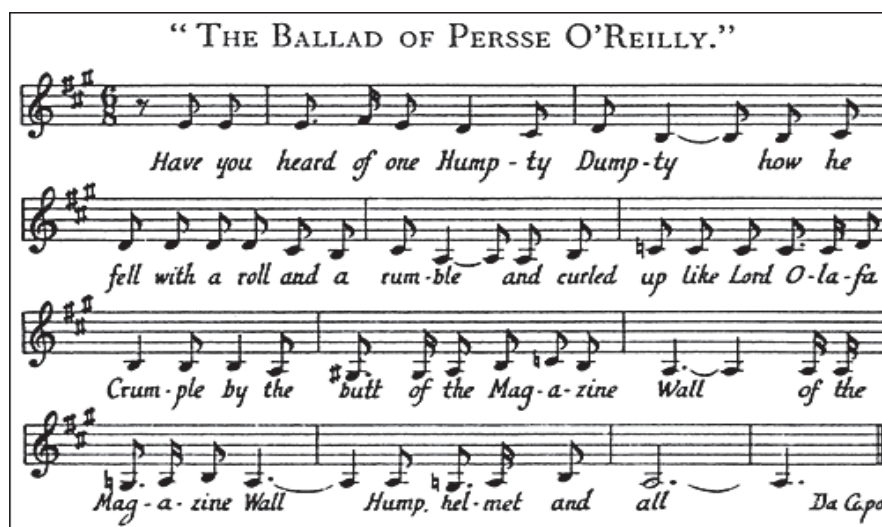
FONTE: O autor (2021).

Para Leminski, “a máquina material com que se expressa a alma de James Joyce só tem paralelo nos poderes sinfônicos de um Beethoven, de um Wagner, de um Stravinski (...)” (LEMINSKI *in* JOYCE, 1985, p. 90). Visando manter a orquestração da obra de Joyce como um *continuum* musical, que se retroalimenta leitmotivicamente da vida, da obra e dos agenciamentos literários de seu autor, esta proposta tradutória visou à manutenção e, quando possível, ao adensamento dessa malha intertextual pela já referida composição enxertiva das palavras (re)transcritas para o brasileiro. Dessa maneira, se a totalidade da obra de Joyce pode ser entendida como uma grande música, é possível tomar o tradutor/leitor como instrumento e, ao mesmo tempo, como intérprete responsável por executar e (re)transcrever essa musiscritura nos timbres da sua *lalíngua*.

2.7 MUSICALIDADE EXTRÍNSECA

Mas *Finnegans Wake* também trabalha com a música no aspecto extrínseco, que é aquele que se percebe na superfície do texto, como a alusão à canção folclórica *Finnegan's Wake*. Além desta, há milhares de alusões tanto à música erudita (tabela 9) quanto a outras canções populares, seja aludindo a nomes, seja camuflando trechos de canções pela escrita sobreposta ou incluindo elementos inusitados, como a partitura da folclórica “Balada de Persse O'Reilly” no capítulo 2, livro I:

FIGURA 29 – PARTITURA DE PARÇA ZOREIA



FONTE: JOYCE, 2012a, p. 44.

QUADRO 19 – ALGUNS COMPOSITORES ERUDITOS ALUDIDOS

Nome do compositor	Original (JOYCE)	Português (SCHÜLER)	Espanhol (ZABALOY)	Francês (LAVERGNE)	FINNEGANS RESSUCHIS TAM
Rossini	Rosescenery (359.33)	Roscênio	rosines cenários	Rossignol	Rossinários
Haydn	Haydyng (359.33)	Coberto	Haydendidos	Suédois	Haydnscobscuros
Pergolesi	You pere Golazy (360.07)	Loubado seja Villa-Lobos o pai	Tu pere Golazy	Pergolèse	Ucê saci-pèrerêscuta Golazyzy possi
Meyerbeer	mere Bare (360.07)	Bernar a mãe	tú mere Bare	Meyerbee	ucê mèreci Beyerbeer
Bellini	Bill Heeny (360.07)	-----	Bill Heeny	Bellini	Kill Bill Linini
Mercadante	Smirky Dainty (360.08)	Merca Dante	Smirky Dainty	Mercadante	Mercácacá Dantêtêretê
Beethoven	Beethoken (360.08)	Bet'Ouvem	Beethoken	Beethoven	Beethoven kant quieu tô ferveno

Wagner	wheckfoolthe- nairyans (360.08)	Ricárduo Vá-Guinar	-----	Wagnerines	Vá pra putópera quio wagner pariu
Bach	badchthumpere d peanas (360.09)	bem temperados pianos	peanas de mal bacho aporreador	toute la malcantante de Bach	cravosjorgebe ntemperados
Glück	gluck-glucky (360.09)	Gluckglurios os	gluc gluconsortes	Gluck	gluckgluckem ociomamados
Glinka	Clinkars (360.12)	Glinka	clinquineos	-----	Glinkaymmi
John Field	Nocturnefield (360.12)	Fieldorado noturno	foldenarias	John Field	Field da puccini
Mozart	Sweetmozthear t (360.12)	musgos anoitecidos de Moz art	dulce mozarazón	doux Mozart	Doce mozartaradão

FONTE: O autor (2024).

Referências bibliográficas: JOYCE (2012a); SCHÜLER (1999-2003); ZABALOY (2016); LAVERGNE (1982); GARCIA FERREIRA (2024).

As palavras aludem aos nomes dos músicos, mas também se fundem a outros termos, ampliando as possibilidades interpretativas. Em “*You pere Golazy*”, o leitor já desvirginado nos jogos wakeanos pode identificar o nome do compositor barroco Pergolesi apenas pelo efeito sonoro resultante da leitura do trecho em voz alta. Todavia, o quebra-cabeça não acaba aí, como mostram os tradutores. O francês Philippe Lavergne optou por semantizar o trecho e entregar Pergolesi de bandeja aos leitores em “*Pergolèse*”. Diferentemente, o argentino Marcelo Zabalozy seguiu a literalidade e promoveu alterações mínimas, como a tradução do pronome “*You*” por “*Tu*”. O gaúcho Donaldo Schüler deu o seu “jeitinho brasileiro” transculturando o trecho para “Loubado seja Villa-Lobos o pai”, no qual, além da troca de compositores, foi dado o *status* de papai ao compositor de *O trenzinho caipira* (1930), possivelmente pela quase identidade de “pere” com o francês “*père*”, cuja tradução literal para o português é “pai”. *Finnegans Ressuchistam*, em “Ucê saci-pèrerêscuta Golazyzy possi”, condançou com o multilinguismo “*père*”, com o languageirismo “ucê”, com o folclórico saci-pererê, com o erudito Pergolesi e com a cantora da MPB Zizi Possi. Questões tradutórias à parte, esse quadro ilustra tanto o uso extrínseco quanto o intrínseco que Joyce deu à música em *Finnegans Wake*. O extrínseco está nos nomes

dos compositores, enquanto o intrínseco se manifesta na fusão de significantes em direção à desestabilização semântica.

A seguir, alguns exemplos de compositores enxertados anacronicamente, ampliando a rede alusiva e adensando a multirreferencialidade de efeitos assêmicos.

QUADRO 20 – ENXERTOS DE COMPOSITORES ERUDITOS

ORIGINAL	<i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i>	COMPOSITORES ALUDIDOS
(...) just a lilt, let us trillt, of the oldest song in the wooded woodworld,” (189.23-24)	(...) só uma palhinha, vamos cantar, da tradicional música desse char mozart mundolssohn paulera (...)	Wolfgang von Mozart e Felix Mendelssohn Bartholdy
godmothers’ garters (173.28)	madrinhas sindical iszts	Franz Liszt
Eire-whiggs raille! (175.25-26)	zom beethoven no Ouvidovos	Ludwig van Beethoven
squince in his suil, the rot in his eater, the ycho in his earer (180.24-25)	(...) o strauss bismo em seu olho, a gonorreia de seu comedor, o by chopin em seu ouv ivaldi (...)	Richard Strauss Friedrich Chopin Antonio Vivaldi
tattered (180.17-18)	Mahler trapilha	Gustav Mahler
the buzz in his braintree (180.17-22)	o farfalhar de sua árvore cere bralhms	Johannes Brahms
wind-blasted tree of the knowledge (194.14-15)	o villão-lobos soprou a árvore do conhecimento	Heitor Villa-Lobos
broken wafers (183.34)	berliózt ias estilhaçadas	Hector Berlioz
chucking chub and ducking dace (141.03)	peis schubert e peis schönberg	Franz Schubert e Arnold Schönberg
twinsome bibs but handsome ates (161.30)	gêmeos bach bões mas pagãoninis lindos	Johann Sebastian Bach e Niccolò Paganini

FONTE: O autor (2021).

A seguir, ilustra-se que, na (re)transcriassom *Finnegans Ressuchistam*, a máscara tradutória do Eu liriacadêmico trouxe ao jogo alusivo do *Wake* referências a vários compositores que foram tocados pelas raízes poéticas do rizoma wakeano. Sem perder o tom e sem cessar o ritornelo, demos continuidade à vertiginosa poética de sobreposição citacional do original e mantivemos o diálogo qualitativo e quantitativo do livro com a estética musical.

QUADRO 21 – ENXERTOS DE COMPOSITORES CONTEMPORÂNEOS

COMPOSITOR	OBRA OU TÉCNICA	ORIGINAL	<i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i>
Flo Menezes	<i>Palavras em Transgresso</i> , Studio PANaroma e nome do compositor	<i>“radiolumin lines to the wustworts of a Finntown’s generous poet’s office.” (265.27-28)</i>	“linhas radioluminosas in diressom às plavrazentransgresso do studio panarômico dium compoetositor de Flonnópolis ” (grifos nossos)
John Cage	Piano preparado	<i>“as had the brief thot but fell in till his head like a bass dropt neck fust in till a bung crate (cogged!)” (49.31-32)</i>	“como se sua epifonia tivesse caído da cabeça com uma orquestrauss sanfônica gaga com um π ânus preparado (cage!) ” (grifos nossos)
Gilberto Mendes	Piano antropofágico e nome do compositor	<i>(the compositor of the farce of dustiny however makes a thunpledram mistake by letting off this pienofarte eff ect as his furst act as</i>	“(o antropofagico compositor da farsa de inês poeira comete todavaia um gilbertrompoético erro ao deixar mendes capar esse efeito de pianoforte como seu ato (grifos nossos)

FONTE: O autor (2024).

2.8 AGRAMATICIDADE

Como já vimos, um dos desafios tradutórios do *Wake* é a agramaticidade, com frases longas, ausência de pontuação, inversões sintáticas, interpolações, digressões, protelações etc. A tradutora chinesa Dai Congrong procurou recriar os efeitos decorrentes dessa escrita paratática. Para ela,

neste universo onírico e *nonsense* existe uma linguagem onírica e *nonsense*. Assim como o original, a minha tradução também não é muito gramatical (...). Acredito que minhas frases agramaticais em chinês podem dar a impressão de sonho e *nonsense*.⁴⁶

O leitor tem o sentimento de regra violada nos muitos desvios da norma padrão que desestabilizam a linearidade na maior parte da obra. Um exemplo elucidativo é o trecho final do monólogo de ALP, quando a mulher-rio, antes de partir, dá as chaves do livro, para que o intérprete dê continuidade à circularidade da obra, que “acaba”

⁴⁶ Vide a entrevista de Dai Congrong no platô 3.

sem pontuação, como se lê em “*The keys to. Given! A way a lone a last a loved a long the*” (FW 628.15). Além da falta de complemento em “*The keys to*”, a agramaticidade deste trecho se dá pela falta de pontuação da “última” sentença “*a long the*”. A opção foi por traduzir este recorte como “As chaves para. **Derridadas!** Um caosminho um só um final um amor um recurso a”.

(A)final, “escrever é retirar-se. Não para a sua tenda para escrever, mas da sua própria escritura. Cair longe da linguagem, emancipá-la ou desampará-la, deixá-la caminhar sozinha e desmunida. Abandonar a palavra” (DERRIDA, 2009, p. 98). O enxerto derridiano na (re)transcrição visa dialogar com a poética de desconstrução de centralidades do *Wake*: narrativa, linguística, cultural e gramatical. Para um livro que segue uma “ordem em transgresso” (FLO MENEZES, 1986), o acentral Derrida é uma dialógica chave de leitura e, por isso, enxertamo-lo em alguns pontos.

QUADRO 22 – ENXERTOS ALUSIVOS A DERRIDA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA, AUTOR OU CONCEITO ROUBABELIZADO
Somebody may perhaps hint at an aughtier impression of I was wrong. No such a thing! (FW 411.34-35)	Alguém pode derridar duas palavras sugerindo quieu tava errado. Não war tal poesiabilidade!	Duas palavras por Joyce; nome do autor
Whet the bee as to defl owret greendy grassies yellowhorse. (FW 360.29-30)	Cutucar a abelha cu vara culta pra deflorar as gramatologírias verdis do jacquavalo derridamarelo	Gramatologia; nome do autor
jake, jack and little sousoucic (the babes that mean too) (FW 308.30-31)	jake, jack e a espelhirmãzinha (os bebês que também querem guguderridadá)	Nome do autor
Ogrowdnyk's beyond herbata tay, wort of the drogist. Bulk him no bulkis. And let him rest (FW 102.19-21)	O Jardineiro stay além do chay, erva da farmácia de plantão . Não o ayahuascuse. E quiele descanse em chás	Farmácia de Platão
He fell for my lips, for my lisp, for my lewd speaker. (FW 459.28)	Ele se apaixonou por meus lábios, por minha língua desconstruída, por meu alto-falhante de libidinoises .	Desconstrução

FONTE: O autor (2024).

Todavia, como o *Wake* é o livro da coincidência dos opostos de Giordao Bruno e de Nicolau de Cusa, no capítulo VI, lado a lado com essa agramaticidade, caminha uma sobregramaticalidade com o uso excessivo de sinais de pontuação, principalmente do ponto-e-vírgula, o que demonstra que cada capítulo (e às vezes

diferentes trechos no mesmo capítulo) traz diferentes exigências. Ou seja, mesmo com uma agramaticidade, ou parataxe, predominante, o *Wake* insiste em se mostrar como um livro da sincronidade dos contrários. Sobre essa característica, Deleuze comenta que

há realmente uma unidade das séries divergentes enquanto divergentes, mas é um caos sempre ex-centrado que se confunde ele próprio com a Grande Obra. Este caos informal, a grande letra de *Finnegan's Wake* não é qualquer caos: é potência de afirmação, potência de afirmar todas as séries heterogêneas, ele “complica” em si todas as séries (de onde vem o interesse que Joyce tem por Bruno, como teórico da *complicatio*). Entre estas séries de base se produz uma espécie de *ressonância interna*; esta ressonância induz um *movimento forrado*, que transborda das próprias séries (DELEUZE, 2009, p. 266).

Já Esteves (1999) julga que a agramaticidade é o elemento mais desconcertante do texto e o que mais atíça tradutores à domesticação. Ela complementa afirmando que

essa obra tem sim um traço de singularidade que resiste à abordagem que costumamos fazer dos textos em geral, e mesmo dos textos literários. E essa singularidade se escreve na obra, nos pontos em que a sintaxe é detonada, pulverizada (ESTEVES, 1999, p. 168).

Não é raro encontrar tradutores que deixem a marca de batom da gramatização, autodenunciando sua infidelidade no nível linguístico-estrutural. Não obstante, a esse flagra a resposta “não é o que parece”, dependendo do caso, pode ser aceitável, pois o uso das vírgulas tem o potencial de gerar efeitos rítmicos e de sonoridade compatíveis com a poética joyceana. Mesmo reconhecendo essa possibilidade, procuramos manter a agramaticidade e o consequente aspecto de estranhamento em *Finnegans Ressuchistam*.

2.9 “QUE TIRO FOI ESSE?!” A MULTIVETORIALIDADE DA PALAVRA-VALISE TROCADILHESCA

Como já comentamos, a microestrutura – a palavra do *Wake* – é um multiverso que abriga vários mundos. Via de regra, embora a palavra seja um instrumento monódico, no caso da obra final de Joyce ela encerra uma polifonia latente, que

explode na multivetorialidade sonora, significante e linguística da palavra-valise trocadilhesca. Para Deleuze,

Lewis Carroll, Joyce, inventavam “palavras-valises” ou, mais geralmente, palavras esotéricas, para assegurar a coincidência de séries verbais sonoras e a simultaneidade de séries de histórias associadas. Em *Finnegan’s Wake*, é ainda uma *carta* que é Cosmo, e que reúne todas as series do mundo (DELEUZE, 2000, p. 123).

Só para sedimentar o conceito, redundamos que a palavra-valise é a junção de duas ou mais palavras em uma só. Sonhoro, por exemplo é o empacotamento de “sonho” com “sonoro”. No *Wake*, as palavras-valise mais notórias são as onomatopaicas e multilinguísticas palavras-trovão de 100 letras.

QUADRO 23 – TROVÕES NO WAKE

bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonnerronntuonnthunnt trovar rhounawnskawntoohoo oordenent hurnuk (3.15)
Perkodhuskurunbarggruauyagokgorlayorgromgremmitghundhurthrumathunaradidillifaititilibumullun ukkunun (23.5)
klikkaklakkaklaskaklopatzklatschabattacreppycrottygraddaghsemmihsammihnouithappluddyappladd ypkonpkot (44.20)
Bladyughfoulmoecklenburgwhurawhorascortastrumpapornanennykocksapastippatappatupperstripp uckputtanach (90.31)
Thingcrooklyexineverypasturesixdixlikencehimaroundhersthemaggerbykinkinkankanwithdownmindl ookingated (113.9)
Lukkedoerendunandurraskewdylooshoofermoypuertooryzoosphalnabortansporthaokansakroidver jkapakkapuk (257.27)
Bothallchoractorschumminaroundgansumuminarumdrumstrumtruminahumptadumpwaultopoofooloo deramaunsturnup (314.8)
Pappappapparrassannuaragheallachnatullaghmonganmacmacmacwhackfalltherdebblenonthedubbl andaddydoodled (332.5)
husstenhasstencaffincoffintussemtoossemadamandamnacosaghcusaghghobixhatouxpeswchbechosca shlcarcarcaract (414.19)
Ullhodturdenweirmudgaardgringnirurdrmolnirfenrirlukkilokkibaugimandodrrerinsurtkrinmgernrackinar ockar! (424.20)

Fonte: O autor (2020).

Como Garcia Ferreira comentou,

O primeiro trovão brada retumbante já na linha 15 da página de abertura e, além da função narrativa de representar a primeira das milhares de quedas da obra, também prenuncia ao leitor uma escrita que condensa línguas e signos pela deformação (ou síntese) multirreferencial das palavras, a qual também lembra uma representação degenerada, tal qual uma gravação eletroacústica com

microfones. Não bastasse o efeito onomatopaico, o termo faz a junção da palavra “trovão” em vários idiomas, como inglês, japonês, hindi, italiano, sueco, francês, gaélico, norueguês e até em português, como em “trovar”, negritado na primeira linha da tabela 34. Tudo isso e mais um pouco embaralhado ao nome de deuses do trovão, como Thor, “thur”, e à torre de babel, “bababadal” (GARCIA FERREIRA, 2023, p. 155).

Fuat Sevimay, tradutor turco do *Wake*, ressalta a importância estrutural das palavras-valise enquanto dispositivos da multiplicidade, da repetição e da simultaneidade. Para ele,

os motivos ou aquelas palavras-valise são extremamente importantes para o FW e a função deles não é ser apenas trocadilhos. Eles criam uma teia de palavras dentro de todo o romance que reúne diferentes páginas na mente dos leitores e eu nunca poderia perder uma porque, a repetição delas em páginas diferentes, na verdade combina os casos e sentimentos dentro dessas páginas. É como se algo acontecendo no século V a. C. afetasse outro evento no século X e ambos têm um efeito em nossa vida contemporânea.⁴⁷

Como vimos anteriormente, o trocadilho é o borogodó chistoso dos palavrões wakeanos. Além de fungar no cangote do inconsciente, ele é um conceito próximo à paronomásia, a qual “designa uma figura de linguagem que consiste no emprego de vocábulos semelhantes na forma ou na prosódia, mas opostos ou aparentados no sentido” (MOISÉS, 2013, p. 352). Para Moisés, “quando empregada com objetivos cômicos ou a fim de ridicularizar, a paronomásia torna-se trocadilho” (*idem*), e, como já sabemos, o riso é um dos principais efeitos nos leitores-tradutores que trocatrilham os caosminhos do *Wake*.

“Galindo galinzé” exemplifica isso, pois vemos uma semelhança sonora com galinho galinzé, mas também percebemos um chiste com o jabutizado Caetano Galindo que, nas suas bem-sucedidas rinhas transcriativas com as palavras, é tão bom de briga quanto um galinzé.

Outro bom exemplo pode ser tirado do início do capítulo 6, conhecido por sua divisão em perguntas e respostas, no qual há o seguinte enunciado: “*Who do you no tonigh, **lazy** and gentleman?*” (JOYCE, 2012a, p. 126, grifo nosso).

Pelo contexto da frase, inferimos que “*lazy*”, além de “preguiça”, também remete à “senhora”. Por isso, inicialmente traduzimos o termo para “sem hora”,

⁴⁷ Vide a entrevista de Fuat Sevimay no platô 3.

buscando-se mesclar os dois sentidos. Todavia, no cotejamento posterior com outras traduções, o Eu liriacadêmico percebeu que Amarante (2018a) já havia encontrado essa solução em *Finnegans Wake* (por um fio). Ao invés de uma “angústia da influência” (BLOOM, 2002) ele sentiu um orgulho da influência, mas visando não “plagiar” a tradutora, optou por “**mademoilleza**”, sincretizando moleza a mademoiselle. Segue o trecho completo da tradução: “Quem ser ou conhum ser nuestra nuoite, **mademoilleza** e sonhor?” (*Finnegans Ressuchistam*).

Portanto, entre os muitos desafios da tradução talvez o mais difícil e relevante deles seja trabalhar com a “apoteose do trocadilho” (GALINDO, 2010). Uma das formas de trocatrilharmos o livro na tradução é pela derivação imprópria. Na morfologia, no processo de formação de palavras, a derivação imprópria ocorre quando se muda a classe morfológica original da palavra.

QUADRO 24 – DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	PERSONAGEM OU AUTOR ROUBABELIZADO
Afeared themselves were to wonder at the class of a crossroads puzzler he would likely be, (FW 475. 03-05)	Recalcados no próprio medo eles sherlockhomavam sobre o enigmágico caosmo sobreposto quiele probabelmente seria,	Sherlock Holmes
I gave one dobblenotch and I ups with my crozzier. (FW 353. 19-20)	Dei um boa noietzsche cinderela e tive eressom com meu cajadó-ré-mi	Nietzsche
shipshaped phrase of buglooking words with a form like the easing moments of a graminivorous (FW 128.06-07)	embarcração frasal de escreverrante olhar musiscritural pros momentos di alívio dium dvořákdor de gramas'ticas	Dvořák
celescalating the himals and all, hierarchitectitiptitoploftical, with a burning bush abob off its baubletop and with larrons o'toolers clittering up and tombles a'buckets clottering down. (FW 05-01-04)	celestescalando o himalattes e picos, hierarquitetaritiptitoploftical, cuma arverbore em chamás coroando o topo de baubel e com ferramantras musicaos roncando e tumbando duma beethoveneira .	Beethoven
and (peep!) meeting waters most improper (peepette!) ballround the garden, trickle trickle trickle triss, please, miman, may I go fl irting? (FW 96-13-15)	e (espipia!) encontrando águas mui impróprias (fazendopipi!) rolando no jardim, goethejando gota a gota porum triss, por favor, mamã, posso ir parkerar?	Goethe
So now be hushy, little pukers! Side here roohish, cleany fuglers! (FW 250. 111-12)	Então agora fechem a matracona, perigoethes ! Deem uma rodadinha, molières da veddah!	Goethe; Molière

FONTE: O autor (2024).

Algumas marcas da trocadilhesca palavra-valise wakeana são o seu multilinguismo e a multirreferencialidade cultural, significante e sonora. Naturalmente, com tantos vetores atirando para todos os lados, o leitor acaba caindo em um paradoxal vazio referencial em decorrência dessa hiper-referencialidade. É praticamente impossível para o tradutor reproduzir fielmente todas essas balas semânticas, mas defendemos que propostas tradutórias que valorizem a poética original não devem domesticar excessivamente esse efeito de labirinto assêmico (tradutores, deixem isso para a terceira via narrativa do livro, o epitexto crítico) e, dentro do possível, procurar replicar essas multiplicidades.

Ao (re)transcriar o multilinguismo, priorizamos línguas e dialetos que dialogam com o *Latim em pó* do brasileiro, criando, de certo modo, um multidialetês, haja vista que

para o coração materno da língua materna, todas as línguas são próximas e parentes. Trabalhando o mais perto deste coração, o tradutor (da letra) descobre o parentesco não filológico, não linguístico das línguas. Uma outra grande tradução do século XIX poderia ensinar-nos exemplarmente; é a que James Joyce fez em italiano semi-dialetal, semi-dantesco, de um fragmento do seu *Finnegans Wake*. Procurando com paixão e quase com mania o coração materno da língua, Joyce sabia — por instinto — que a única maneira radical de prolongar (de cumprir) a *polifonia das coínés* da sua grande obra era convertê-la em *polifonia dialetal*, de submeter o conjunto de coínés entrelaçadas no espaço materno dos dialetos. Tal é a dimensão que se teria de explorar ao final desse percurso (BERMAN, 2012, p. 190).

QUADRO 25 – LÍNGUAS E DIALETOS DO BRASILEIRÊS ENXERTADOS

LÍNGUA OU DIALETO ENXERTADO	ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Iorubá	Aunt as unclish ams they make oom. But Nichtia you bound not to loose's gone on Neffin since she clapped her charmer on him at Gormagareen. (FW 376.16-18)	Tia tão sã quanto Tio lansã speak iorubê-a-bá . Mas iwocê não deve perder Nichtia que partiu pro Neffin do umbundo desde quiela lançou seu encanto sobrinhele em Gormaareen
Guarani	And they poured em behoiled on the fi re. Scaald! (FW 324.17) You talker dunsker's brogue men we our souls speech obstruct hostery. (FW 378.31-32)	E eles derramaram vin roşu eĵe sânge no fogo. Scald rehegua! Vossa mercê irlandesliza com sotaque de falhante tupi-guattari foi de biga no rodeio arrumar in triga cow o carro-de- mboi sem rheda

	with their biga triga rheda rodeo (FW 469.34)	
Quimbundo	(O pity) (FW 570.29) importunes our <i>Mitleid</i> for in accornish (FW 151.19) We must spy a half a hind on honeysuckler (FW 588.03-04)	(Ó quimbundo cruel) abrem nossa <i>Piadosa mbumbuceta</i> de pandora Temos que espiar uma meia polpa duma mbunda sob o chilrear das charles aves melodiosas
Curitibanês	You is feeling like you was lost in the bush, boy? You says: It is a puling sample jungle of woods. (FW 112.03-04)	Tu tá sessentindo perdido no mato, piá ? Dizes: Isso exemplificciona esse literaturarvoredado emaranhado.
Gauchês	and that's how half the gels in town has got their bottom drars while grumpapar he's trying to hitch his braces on to his trars. (FW 65.18-20)	e é purissu que metade das gurias da cidade ajeitam a calcinha quando grumpapar se masturba debaixo das calças.
Manezinho	my dear! (FW 102.01) is into overlusting fear (FW 222.30)	mô quiridu! tenham puta cagaçu de poetaria
Nordestinês	Should the zulugical zealot prefer (FW 165.21) What about it? says I. I will confess to his sins and blush me further. (FW 494.30-31)	se o abilolado do zulúgico preferir E o kiko eu tenho a ouver kum isso? eu digo. Vou confessar os seus pecados e me avexarei inda mais.
Tabatinga	Shaun the fiery boy shouted (FW 412.14) so when you pet the rollingpin (FW 441.17)	gritou o fegoso camoninho Shaun então quando você acariciar seu caxipau de MacCoolrão
Pajubá	Gaij beutel of staub? To feel, you? (FW 565.11)	Ké uma catuababel selvaij? Pra animá adéfuntó , usted?

FONTE: O autor (2024).

Adensamos a camada desse *Latim em pó* wakeanizado com o enxerto de línguas latinas para “proteger” o multilinguismo – uma das principais marcas do original –, pois “a superposição das línguas é ameaçada pela tradução. Esta relação de tensão e de integração existente no original entre o vernacular e a coiné, a língua subjacente e a língua de superfície etc., tende a apagar-se” (BERMAN, 2012, p. 85).

Ao utilizar línguas mais familiares à nossa, entendemos que *hay que retranscrearse multilingüismo, pero sin perder toda la ternura con el lector brasileño jamás*. Esse recurso que, assim como outros já comentados, visa não apagar o

multilinguismo do original, (re)transcribando o caráter macrotextual do original ao contexto leitor brasileiro, pode ser visto no quadro a seguir.

QUADRO 26 – ENXERTOS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS

LÍNGUA OU DIALETO ENXERTADO	ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Espanhol	Th ere is a strong suspicion on counterfeit Kevin and we all remember ye in childhood's reverye. Tis the bells of scandal that gave tune to grumble over im and someone between me and thee (FW 483.04-07)	Hay uma fuerte sospecha de falsificação ideológica sobre Kevin y todos nós nos lembramos diocê em devaneios dinfância. São os sinos do escândalo que deram o tom pras más lalínguas hablares sobriê e alguém entre mim e usted .
Catalão	mating pontine of their engagement, synnbildising graters and things, eke ysendt? O nilly, not all, here's the first cataraction! (FW 332.04-07)	acoisando o ponto de seu noivado, sinnbuildizando raladores e coesias, això no és cert? Ó mininilo, naum totto, aquí teniu la primera cataratação!
Galego	And no more of your maimed acts after this with your kowtoros and criados to every tome, thick and heavy, and our onliness of his revelance to your ultitude. Th e illfollowable staying in wait for you with the winning word put into his mouth or be the hooley tabell (FW 325.33-326.01)	E não máis de seus escritatos mutilidos despois diso co teus kowstoros e criados pra cada tomo, voluminoso e pesado, e nosso amornoteísmo pela revelância de sua ultitude. O infalininteligível tá esperando por ti co a palavróstia consagrada posta in sua boca ou seja a santabla ceia
Romeno	Th e aged crafty nummifeed confusionary overinsured everlapsing accentuated katekattershin clopped, clopped, clopped, darsey dobrey, back and along the danzing corridor (FW 333.06.08)	A sagazranna véia mumificapitalista confusionária supersegurada acentuadamente biscacatarina caduca eternégüinha pocotó, pocotó, pocotó, păstrându-se mui bine, danzigzaguiando inté o chão no funkorredor polonês
Italiano	While the cit was leaking asphalt like a suburbiaurealis in his rure was tucking to him like (FW 332.33-34)	Enquantua città transbordava asfalto come un suburbiaurealis nella sua zona rural haveria um lance de dedo di prosa cuê
Sardo	and that they did overlive the hot air of Montybunkum (FW 316.13-14)	e que sobreviveram à kalentura do ar quente do Dedodideus
Romanche	Then riding the ricka and roya romanche (FW 199.33-34)	Entonces cavalgando rickas valkírias e il romanche de la mancha
Francês	Is that a faith? (FW 199.33) You must proach near near for at is dark. (FW 297.14-15)	Je suis é fiel? Cê deve seaprochegar de moazinho poizestá escurinho

	— How? C'est mal prononsable, tartagliano, perfrances. Vous n'avez pas d'o dans votre boche provenciale, mousoo. Je m'incline mais <i>Moy jay trouvay la clee dang les champs</i> . Hay sham nap poddy velour, come on! (FW 478.19-22)	— Como? C'est errado pronunsibilar tartagliano, perfrancês . Vous n'avez pas d'o in votre bouquinha provincial, monsinhô . Je m'curvo mais <i>Moy jay trouvay la clee dang les champs</i> . Dar merci beaucouchilada na moita é deusmoralizant, bora lá!
Provençal	The wararrow went round, so it did, (a nation wants a gaze) and the ballad, in the felibrine trancoped metre affectioned by Taiocebo in his Casudas de Poulichinello Artahut, stumpstampaded on to a slip (FW 43.21-24)	O bumerangue da guerra deu a volta, assim foi, (uma nação carece dium olhar) y a balada, na compassada métrica provençal camposta por Taiocebo em suas <i>Casudas de Pouichinello Artahut</i> , peutetestampada numa partiture
Friulano	we all know you dote on her even unto date! (FW 395.32-33)	todos nós sabemos que a idolatráirá até a muart!
Occitano	Seeds and Weeds Act (FW 447.36)	Lei de Sementes e Ērbas Daninhas
Latim	were herberged for him poteen and tea and praties and baccy and wine width woman wordth warbling (FW 56.26-27)	tinha whisky pra ele et chá et batata et maccoolnha et vinho, mulier et berimbau verbalizado

FONTE: O autor (2024).

Como estrangeirismo pouco é bobagem, e sabemos que o *Wake* beira (quem sabe não passa) a um disjunto conjunto de 70 línguas e dialetos mestiçados, os neoenxertos linguísticos da tradução precisaram ser adensados por estrangeirismos nem sempre mui amigos do fruidor brasileiro. Ressalta-se que muitos dos estrangeirismos trazidos no original em itálico foram mantidos em *Finnegans Ressuchistam*, como “*Mas blanca que la blanca hermana and Amarilla, muy bien*” (FW 184.19-20).

QUADRO 27 – OUTRAS LÍNGUAS ENXERTADAS

LÍNGUA OU DIALETO ENXERTADO	ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Tétum	Laid bare his breastpaps to give suck, to suckle me. Ecce Hagios Chrisman! (FW 480.13-15) who has papertreated him into captivities (FW 364.16)	Expôs seu tétum pra me derridar de mamar, pra me mamamentar. Ecce Hagios Crismamado! quio papertratou em masmorrartigo akadémiku
Nheengatu	<i>Puzzly, puzzly, I smell a cat.</i> (FW 275.01, note on the left) even remembrance (FW 318.07)	<i>Nossa, que bosta, farejum nheengatu de botas.</i> aeté mesmo nas ricouerdações
Inglês	ly waount yiou! (FW 446.02) — Me no angly mo, me speakee Yellman's lingas. Nicey Doc Mistel Lu, please! Me no pige yudiments all same numpa one Topside Tellmastoly fella. Me pige savvy a singasong anothel time. (FW 485.29-32)	Eu tou esperanto youcê! Mim nun parla selvagenglish , mi speakula las línguas do Homem Amarelo. Legal, Doc Mistel Lu, por favor! Mim naun saber rudimentos do pidgin todoziguais the numpero um cômuo fella da poeta do Contadôdistólias Topíssimas. Mim cantar uma canção pidgin noutra épica.
Alemão	They were precisely the twelves of clocks, noon minutes, none seconds. At someseat of Oldanelang's Konguerig, by dawnybreak in Aira. (FW 353.29-32) Packen paper paineth whomto is sacred scripted sign. Who straps it scraps it that might, if ashed, have healped. (FW 356.24-26)	Eram precisamente as doze schoenberghoras , minutadas meio-dia, sem segundos. Ao pôr do som do Gurre-Lieder da Renovassom da Tradissom, ao desvirginar do dia em Aira. O papel embala dores pra queen é o signotário da sagrada whiskrytura. Quem o empacota o picota em pedaços que poderiam, se queimados, ter bücherverbrennungajudado . (FW 356)
Esperanto	Yass, zotnyzor, I don't think I did not, poj. (FW 343.19) Cant ear! Her doters ofe? Whofe? Her eskmeno daughters hope? Whope? Ellme, elmme, elskmestoon! Soon! (FW 572.16-17)	Sim, meu sinjoro , não acho que não ache, lordul meu. (FW 343) Não posso ouvir! Suas filosofilhas da noiva música? Villa-lóbulo di cken? Suas filhas esquimócinhas esperam? Quiquiélas tão esperanto ? Ellmanno Brown, ellmanna uara, ellmannem tuas questões pedregosas! Em breve!)
Checo	Check or slowback. Dvershen (332.36)	Check ou slowvaque . Dveřeção

FONTE: O autor (2024).

E, pasmem, quaaaaaase sempre que o português⁴⁸ (possivelmente fruto de enxertos dicionários de Joyce) deu as caras nós o mantivemos.

QUADRO 28 – RECORTE DO PORTUGUÊS NO *WAKE* (ORIGINAL)

d'amores (FW 03.04)	por (FW 54.17)	Padre (FW 194.35)
trovar (FW 03.15)	agora (FW 62.16)	Arcoíris (FW 186.28)
bom (FW 03.34)	vigilantes (FW 78.19)	rima (FW 200.33)
salve (FW 12.34)	moscas (FW 84.01)	Grande (FW 217.12)
um (FW 13.24)	boa (FW 102.11)	Real (FW 217.12)
pastor (FW 14.32)	flores (FW 143.04)	Blasil (FW 316.28)
orangotangos (FW 19.05)	sim (FW 162.27)	jantar (FW 316.36)
dor (FW 20.18)	Deus (FW 162.36)	tomate (FW 423.30)
pudor (FW 23.33)	mesa (FW 179.11)	Santos (FW 451.36)
novo (FW 24.01)	redonda (FW 179.12)	Porca (FW 463.06)
pia (FW 27.16)	Alfaiate (FW 180.12)	Tempos (FW 468.29)
demasiada (FW 54.17)	azul (FW 180.12)	poeta (FW 482.32)

FONTE: O autor (2024).

No macromundo encapsulado nesse micromundo que é o da palavra multivetorial no *Wake*, outro desafio tradutório é aproximar o macrotexto-fonte do leitor brasileiro operando a mestiçagem linguístico-cultural de um dos textos mais complexos da história da literatura com a língua e a cultura brasileiras. Essa mescla do “finneganês” (a mistura de dezenas de idiomas e dialetos) com o português brasileiro possui várias camadas (das práticas languageiras atuais às anacrônicas), incluindo uma infinidade de ditados e canções populares, a exemplo de “vaca amarela cagou na panela”, “cu de bêbado não tem dono”, “quem não se comunica se trumbica”, “beijinho beijinho tchau tchau”, “nana neném que a cuca vem pegar” etc. Por mais anômalo que possa parecer, ao enxertar ditados populares, trechos e nomes de músicas, personagens literários, gírias e demais eteceteras da cultura popular de chegada, o tradutor está recriando o que Joyce realizou com a cultura popular irlandesa e muitas outras que ele “infundiu” no original. Como comenta Franca Neto,

⁴⁸ Um estudo detalhado da língua portuguesa no *Wake* pode ser visto em *O lusobrasileirês no finneganês* (CINTRA, 2003).

O *Finnegans Wake* e muitos poemas de Celan, por exemplo, ao levar a linguagem ao limite do “dizível” ou “traduzível”, só fizeram, e fazem, incitar e justificar novas versões. Desse ângulo, mesmo no caso de textos que apresentem uma dicção social ou histórica sem uma contraparte em nossa língua, nada impede que um tradutor, utilizando coloquialismos, regionalismos, neologismos ou coisa que o valha possa “traduzir” aspectos da “quididade” desse texto (FRANCA NETO, 2012. p. 150).

Assim, além do traslado ao contexto brasileiro, foi respeitado o *animus* joyceano de enxertar canções e ditados populares na escrita wakeana. Outra faceta desse hibridismo do macrotexto-fonte com elementos populares da língua de chegada é a junção de palavras, tais quais normalmente são faladas em contextos informais, como “quieu” em vez de “que eu”, “maizeu”/“mas eu”, “kikoisa”/“que coisa”, “mesmum”/“mesmo um”, “todozoz”/“todos os”, “nossozamigos”/“nossos amigos”, “quiacontecem”/“que acontecem” etc. Com essa aglutinação natural à comunicação oral do dia a dia, o objetivo é recriar a oralidade do original, adequando-a ao contexto oral do leitor brasileiro. Práticas languageiras atuais, como “é noix”, “o pai tá on”, “séloko”, “cumékié” entre muitas outras também abrasilaram o texto, bem como pronomes de tratamento anacrônicos, entre os quais “vassuncê”, “vossa mercê”, “vosmecê” etc.

Como não podia ser diferente, em uma obra tão apote(caoticamente) trocadilhesca como o *Wake*, a tradução procurou ressuchistar no português brasileiro a comicidade dos jogos de palavra joyceanos. Assim, encontram-se embaralhados às práticas languageiras diversos trocadilhos plurivetoriais, como demonstrado na tabela a seguir.

QUADRO 29 – ENXERTOS LITERÁRIOS E MUSICAIS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
And you were the pantymammy's Vulkig Corsergoth. The invision of Indelond. And, by Thorrer, you looked it! My lips went livid for from the joy of fear. Like almost now. How? How you said how you'd give me the keys of me heart. And we'd be married till delth to uspart. And though dev do espart. O mine! Only, no, now it's me who's got to give. As duv herself div. Inn this linn. And can it be it's nnow fforvell? Illas! (...) (JOYCE, 1992, p. 626).	Ocê era o Vikingaceiro Corsário da pantomina. A invisão da Indelôndia. E, por Thorrer, era isso quicô parecia! Meus lábios ficaram lívidos de alegria e medo. Quase como agora. Como? Comousou dizer que me daria as chaves do coração. E ficariamos caosados até que Δ mortu nos se/pare. E vá pra rayuela qui nos par/ta. O meu! Só, não, agora sou eu quem quer dar. Como du e blin é dublin. Inn van linns. E aagora pode ser nosso aadeus? Ulalau! (...)
(...) if they all were afloat in a dreamlifeboat, hugging two by two in his zoo-doo-you-doo, a tofftoff for thee, missymissy for me and	(...) se todos estivessem à deriva num baco salva-vidas dos sonhos, abraçando-se doizadois em sua balsa-nova-de-noix-é , um coffeecoffee pra ti,

howcameyou-e'enso for Farber, in his tippy, upindown dippy, tiptoptippy canoodle, can you? Finny. (FW 65).	chácháchá pra mim e camus qui hocê caiu n'êça homi Faber, em sua malemolência , amalucado na sofrência , gagoboy que faz carícia na carência, você pode? Finny.

FONTE: O autor (2023).

“E vá pra rayuela qui nos par/ta”, além de aludir anacronicamente ao romance homônimo de Julio Cortázar, embute o ditado popular “vá pro raio que o parta” e “parte” concretisticamente a última palavra. “Balsa-nova-de-noix-é” contém a Arca de Noé, a Bossa nova, e a prática languageira “noix é”, a qual, como bom corinthiano, o Eu liriacadêmico usa e abusa diariamente. O uso de anacronismos, por mais que pareça violentar o original, dialoga com a poética do trocadilho wakeano e foi abençoado pelo próprio Joyce que, ao colaborar com a tradução do capítulo 8, conhecido como Anna Livia Plurabelle, endossou que o original fosse alterado em benefício do acomodamento de práticas languageiras italianas e de enxertos culturais e fluviais do país de Dante. Como disse Afonso Teixeira Filho, a “tradução italiana (...) procurou uma linguagem própria, compondo um texto verdadeiramente italiano, com sonoridade italiana, com ar italiano, com a musicalidade mediterrânea”.⁴⁹

Seguindo suas pistas, o método de composição por camadas foi aplicado em toda a tradução. Esse método também se justifica pelo fato de que muitas alusões são perdidas ou ficam distantes do leitor brasileiro. Dessa forma, propomos adensar palavras e trechos por meio de enxertos alusivos, pois “a compensação por vezes justifica um acréscimo: como foi impossível recriar um determinado efeito, o tradutor cria um outro, que não está no original, para compensar a perda” (BRITTO, 2020, p. 146). No capítulo Anna Livia Plurabelle, por exemplo, procuramos manter a maior parte dos rios da versão original, contudo, como naturalmente há uma estiagem semântica ao verter o original para o português e alguns rios secam, incluímos nomes de rios brasileiros, como o quadro abaixo ilustra:

QUADRO 30 – ENXERTOS DE RIOS BRASILEIROS

ORIGINAL	<i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i>	NOME DO RIO
water black (FW 196.12)	rionegreceu	Negro

⁴⁹ Vide a entrevista concedida por Teixeira Filho no platô 3.

As you spring so shall you neap (FW 196.23)	Tal como trombetas escaudaloso também poderá secar	Trombetas
O, the roughy old rappe! (FW 196.24)	Oh, o azedo rap dazantiga é só limões	Solimões
the famous eld duke alien (FW 197.3)	el famoso duque estrangeiro de pindaré	Pindaré
And call a spate a spate. (FW 198.19)	E flui numa fala tietê-à-tietê	Tietê
aimai moe (FW 202.6)	aimai moré	Aimoré/Mamoré
oso sweet (FW 203.20)	oso doce de roer	Doce

FONTE: O autor (2021).

Em sequência, seguem outros quadros do método de composição por camadas por meio da mestiçagem cultural. Propomos uma transculturação mestiça, incluindo o eu cultural brasileiro sem apagar o *grande Outro* multicultural do *Wake*. Afinal, o próprio Joyce nos alertou para a miscigenação do livro.

QUADRO 31 – OUEJA A MESTIÇAGEM DO LIVRO

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“(Stoop) if you are abcedminded, to this claybook, what curios of signs (please stoop), in this all allaphbed! Can you rede (since We and Thou had it out already) its world? It is the same told of all. Many. Miscegenations on miscegenations. Tieckle.” (FW 18.16-20).	“(Ajuolhe-se), se você está abcdispunsto, a argiler esse livro, quãos caosriosos signos (por fervor, ajuolhe-se) neste allalphababeldo! Você deve sibiler (jacques Nós e Tu já o borromeamos) seu mundoral? É o mesmo dito de todos. Mitos. Miscigenações sobre miscigenações. Vicócegas.”

FONTE: O autor (2024).

QUADRO 32 – ANACRONISMOS E ALUSÃO ROSIANA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
O tell me all about Anna Livia! I want to hear all about Anna Livia. Well, you know Anna Livia? Yes, of course, we all know Anna Livia. Tell me all. Tell me now. You'll die when you hear. Well, you know, when the old cheb went futt and did what you know. Yes, I know, go on. Wash quit and don't be dabbling. Tuck up your sleeves and loosen your talktapes. And don't butt me – hike! – when you bend. Or whatever it was they threed to make out he thried to two in the Fiendish park. (FW 196.01-11).	O canta-me tudo sobre Δnna Livia! Eu quero ouvir tutto di Δnna Livia. Bem, vassuncê conhece Δnna Livia? Sim, claro, todos nós conhecemos Δnna Livia. Canta-me tudo. Canta-me agüora. Vaissuncê cai rirás dura quando ouvir. Bem, ocê sabe, quando o véio safado fez que não fez e fez o que o cê sabe. Sim, eu sei, cantenua. Lava livia leve solta e não ó minta nonada . Arragazza as mangas e solta la língua. E não beabáta nimim - camimimie! - quando se curva. Ou o que quer que tenham tantrado decifreud o que os doisdos tantraram no park Fiendish.

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 33 – ENXERTANDO O BUMBUM TAMTAM

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Bum! <i>At Island Bridge she met her tide. Attabom, attabom, attabombomboom! The Fin had a flux and his Ebba a ride. Attabom, attabom, attabombomboom! We're all up to the years in hues and cribies. That's what she's done for wee! Woe! (FW 103.01-07).</i>	Bum! <i>Na Ilha de Iansanta Brígida ela encontrou seu mar. Attabom, attabom, attabombomboom tātā! O Fin teve um fluxo e as vidas suecas de Ebba um recurso. Attabom, attabom, attabombomboom tātā! Todos sabemos da juventude perdida em tons e presepiadas. Isso é o que a pequeninha fez por noises! Tadinha!</i>

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 34 – ENXERTOS LITERÁRIOS E DITADOS POPULARES

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Shize? I should shee! Macool, Macool, orra why deed ye diie? of a trying thirstay mourmin? (...) (FW 06.13).	Ele se judeu? Eu devia revivelalo! Macoolnaíma, Macoolnaíma, orra por que cê sim foi? bem sede na quinta-farra? (...)
And I can signal you all flint and fern are rasstling as we go by. And you'll sing thumb a bit and then wise your selmon on it. It is all so often and still the same to me. (...) (FW 625.14-17).	E posso sinalizar que tudo quíé pau ié pedra ié matinta-pereira sorri quando passamos. E queimarás o polegar cantarolando e então escreverás teu salmão. É tanta repetissom e esse eterno ritornello continua novo pra mim. (...)
(...) for there is in fact no use in putting a tooth in a snipery of that sort and the amount of all those sort of things which has been going on onceaday in and twiceaday out every other nachtistag among all kinds of promiscuous individuals at all ages in private homes and reeboos (...) (FW 66.01-05).	(...) pois de fato não adianta colo'car o dente na frente dos boiatos dessa spéce e da kantidade de todazessas classes de coisas quiacontecem uma ou duas vezes ao dia konkáda leva-e-traz entre todozos tipos dindivíduos promíscuos de todazas idades em casas privadas e reboliços (...)
(...) Yeasome priestomes (...) (FW. 613.04).	(...) tomas quio tomo é teu (...)

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 35 – OUTROS ENXERTOS LITERÁRIOS E MUSICAIS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
It is not even yet the engine of the load with haled monies full of crates, you mattinmummur, for dombell dumbs? Sure and 'tis not then. The greek Sideral Reulthway, as it hawents, will soon be starting a smooth with its first single hastencraft. Danny buzzers instead of the vialact coloured milk train on the fartykktet plan run with its endless gallaxion of rotatorattlers and the smooltroon our elderens rememberem as the scream of the service, Strubry Bess. (FW 604.12-17).	Não é nem sinhô dingelho ou dom caixote com o rocinante na sombra, suas oraisção metutinas, por la belle de judas? Claro enigma então. As Ferrovivavaias Siderais das gregaláxias, como de caostume, em breve começarão os suarvizaços com sua primeira cavalgada das valquírias. Danny toca siriricampainha em vez de pegar o trem com leitinho colorido pra viaelectra na bilheteria à beira-mar com taxixi pra estação lunar e pra galáxia infinita de rodarrodaevira e

	soltarrodaevem que nossos velhinhos lembram como o grito da banda, Morangos Assassinos .

FONTE: O autor (2023).

QUADRO 36 – ENXERTOS DE PRÁTICAS LINGUAGEIRAS

ORIGINAL	<i>FINNEGANS RESSUCHISTAM</i>
You spigotty anglease? Nnn. You phonio saxo? Nnnn. Clear all sol! 'Tis a Jute. Let us swop hats and excheck a few strong verbs weak oach eather yapyazzard abast the bloody creeks.	Tu falha ingulês? Nnn. Tu saxo ufanna? Nnnn. Tudo tão claro! É um Jute. Vamos trocar de chapéu e cambiar alguns verbos fortes e fracos acideltando-nos sobre córregregros escorregregadios.
Jute. — Yutah!	Juta. — Yutah!
Mutt. — Mukk's pleasurad.	Mutt. — Mukk prazer.
Jute. — Are you jeff?	Juta. — Tu whiskuta?
Mutt. — Somehards.	Mutt. — Hardsvezes.
Jute. — But you are not jeffmute?	Juta. — Mas tu noé somdomudo?
Mutt. — Noho. Only an utterer.	Mutt. — Nananinanão . À penas um falhador (lokithor).
Jute. — Whoa? Whoat is the mutter with you?	Juta. — Uai sô? O Qui quiocê balbuchista?
Mutt. — I became a stun a stummer.	Mutt. — Eu mimi tornei um van um van gago.
Jute. — What a hauhauhauhaudibble thing, to be cause! How, Mutt?	Juta. — Kikoisa hauhauhauhaudívil, ser causáudio! Cumékié , Mutt?
Mutt. — Aput the buttle, surd.	Mutt. — Bebouça pela gunrafa, surd.
Jute. — Whose poddle? Wherein?	Juta. — Bundaça di ckens? Em que sei lá que sei lá?
Mutt. — The Inns of Dungtarf where Used awe to be he.	Mutt. — O Risca Funk de Bacharia onde Bartokava e biritalhava pra ser ele.
Jute. — You that side your voise are almost inedible to me. Become a bitskin more wiseable, as if I were you. (FW 16.10-25).	Juta. — Tutameio dium lado que tua voiz é quase cage straussgado pra mim. Roda roda e vira solta a roda e ouvem, como sieu fosse tu.

FONTE: O autor (2023).

Ainda quanto aos coloquialismos orais e à aglutinação de palavras, um recurso tradutório já visto em quadros anteriores e utilizado sem moderação é o mineirês, ou, em outras palavras, as práticas languageiras de Minas Gerais. O espelho é o próprio *Wake*, que tem o alemão como a segunda língua mais recorrente, atrás apenas do inglês. Isso talvez se justifique, entre outros motivos, pela capacidade aglutinativa da língua alemã, repleta de palavras-valise originárias. Embora o mineirês, que é a maneira como muitos mineiros (inclusive da família do Eu liriacadêmico) falam, não seja uma segunda língua, mas sim uma variação linguística oral do português brasileiro, ele é um dos melhores amigos de *Finnegans Ressuchistam* quando é preciso condensar palavras e oralizá-las coloquialmente. Afinal, no mineirês uma frase como “pode pôr o pó” cabe em “pópôpó” ou “por causa de quê” se aperta em “cadiquê”.

QUADRO 37 – ENXERTOS DE MINEIRÊS, “SÔ”

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
It is a mere mienerism of this vague of visibilities, mark you, as accorded to by moisturologist of the Brehons Assorceration for the advauncement of scayence because, my dear, mentioning of it under the breath, as in pure (what bunkum!) essenese, there have been disselving forenenst you just the draeper, the two drawpers assisters and the three droopers assessors confraternitisers. Who are, of course, Uncle Arth, your two cozes from Niece and (kunject a bit now!) our own familiars, Billyhealy, Ballyhooly and Bullyhowley, surprised in an indecorous position by the Sigurd Sigerson Sphygmomanometer Society for bled-prusshers. Knightsmore. Haventyne? Ha ha! This Mister Ireland? And a live? Ay, ay. Aye, aye, baas. The cry of Stena chills the vitals of slumbring off the motther has been pleased into the harms of old salaciters, meassurers soon and soon, but the voice of Alina gladdens the cocklyhearted dreamerish for that magic moning with its ching chang chap (...) Sawyest? Nodt? (FW 608.01-21).	“É um mero mineirismo desta onda de visibilidades, óia só, conforme dedo di prosa do meteurologista da Assochiação Brehons pro avanço da ciêncintriga a modi que, meu quiridu, fofocando dele em voz baixa, como em pura (ê lasquera!) essência, cadiquê o trapeiro tava dissolvende-se justo na frente docê, os dois traparceiros assistentes e os três trapaiaados assessores confraternizadores. Quênquissão, Tio Zecarthur, teus dois primu da Sobrinha e (um cadinho de konjecaturas agurinha!) nossus próprio familiar, Billyhealy, Ballyhooly e Bullyhowley, pegos furunfando numa posição indecorosa (...) Cavaleirapocalípticos. Engastaiou? Ha ha! Este é Mister Irlanda? E unna lívia? Uai, Uai. Sô, sô, cumpadi. O grito de Pedrita dá calafrios nozórgãos vitais do sono fora da mãetéria agradável aos mahlerfícios de velhas lisztbertinagens, celtanejos precoce & rapidinho, maiza voz de Alina alegre a bachtida do coração sonhador praquela montanha mágica com seu ching chang brahms chopin (...). Viu yesto? Nonada?

FONTE: O autor (2023).

Como pôde ser observado pelos exemplos, *Finnegans Ressuchistam* valoriza a transculturalidade, todavia não pretende substituir uma cultura por outra, e sim mestiçá-las, para trazer o livro traduzido ao tempo presente da tradução e, desse modo, fazer circular – ou ritornelar – o original. Acreditamos que “a tradução pode produzir um efeito de contemporaneidade”,

ou seja, a tradução pode produzir (e se produzir como) um efeito de contemporaneidade (de um texto traduzido que se apresenta fazendo as vezes de um original), mas se inscreve necessariamente numa condição de extemporaneidade (toda tradução é extemporânea à obra que toma por origem) (...)” (CARDOZO; VERAS, 2017, p. 5).

“Eça” mestiçagem é materializada pela junção de importantes personagens da literatura brasileira ao macrotexto-fonte.

QUADRO 38 – ALGUNS PERSONAGENS MESTIÇADOS

Personagens transculturados	
ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
Finn MacCool (139.14)	Finn MacCoolnaíma
Jarl van Hoothe (21.10)	Dom Cai Muro
The Gripes (152.15)	O UI▼I▼▲▼▲I▲

FONTE: O autor (2021).

Na tabela, o lendário gigante Finn MacCool, uma das muitas máscaras de HCE, tornou-se “Finn MacCoolnaíma”, enquanto a famosa paródia da fábula de Esopo sobre a Raposa e as Uvas se tornou o diálogo entre Raposudo e UI▼I▼▲▼▲I▲. Então, ampliamos a referencialidade do texto, trazendo a cultura brasileira e homenageando Mário de Andrade e Augusto de Campos, autores de *Macunaíma* (2013) e de *Vivavaia* (2014).

Nesse bate-bola entre macrotexto-fonte e macrotexto-alvo, o folclore brasileiro também entrou em campo, como pode ser notado a seguir.

QUADRO 39 – MITOS BRASILEIROS ENXERTADOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM
“Conn and Otto, to tell them overagait, Vol, Pov and Dev, that fishabed ghoatsory of the haardly creditable edventyres of the Haberdasher, the two Curchies and the three Enkelchums in their Bearskin ghoats! Girles and jongers, but he has changed alok syne Thorskill's time!” (FW 51.12-16).	Posso e Devo, pra fofocar em cima dele, Vol, Pov e Dev, aquela stória funtasma pra boitatá dormir dos contos de fodas do Homem-lacraia, dos dois Curupiras e dos três Enemigos do Onça d'Queiroz fantasiados de Gilgamesh! Molly-sem-cabaço e Boylan-da-cara-puta , mazele teve mil faces desdios tempos do dj alok Turgesius!

FONTE: O autor (2021).

No exemplo, houve o enxerto referencial da Mula sem cabeça, do Boi da cara preta, do Curupira e do Boitatá, os quais povoam o folclore brasileiro, recriando a fantasmagoria do original e, ainda, embutindo alusões aos personagens Molly e Boylan do *Ulysses* (1922) de Joyce. O escritor irlandês, não custa lembrar, aludiu a toda sua obra no *Wake*. Portanto, buscamos um diálogo, uma troca com o macrotexto-fonte e a sua poética em uma relação mais mestiça do que antropofágica, sem

estabelecer uma identidade “puramente” brasileira. Assim como Cardozo, entendemos que

se por um lado podemos continuar operando com a ideia de que a tradução diz a obra original de novo, tal ruptura com a *condição de infância* nos leva a considerar, por outro lado, que não está dada, à tradução, a possibilidade de dizer o outro de novo sem dizer também, nesse mesmo gesto, alguma coisa *sobre* esse outro e sobre *si mesma*. A tradução também tem voz. A tradução diz muitas coisas. E é no modo particular com que vocaliza seus dizeres que se constitui sua singularidade.

Diante disso, é imperativo considerar que, para além de *representar* uma forma de vida para a obra original, o texto traduzido *constitui*, ele mesmo, *em sua* e *por sua* singularidade, uma forma própria de vida. E se não podemos ficar indiferentes a essa singularidade vital da tradução – que a projeta para além de uma mera expressão da vida de outrem –, tampouco podemos ignorar que isso implique sua inscrição na ordem do tempo, no plano da história (CARDOZO, 2017, p. 54-54).

Nos quadros abaixo, damos um recorte dessa singularidade vital que buscamos. Todavia, como já observamos, essa inscrição no presente vem acompanhada de um diálogo como o grande Outro *Finnegans Wake*, que estruturalmente é uma vertiginosa espiral de culturas. Trazemos apenas mais um rastro cultural ao caldeirão multiculturalista da obra, de forma análoga ao que já feito por Joyce na primeira edição italiana de ALP, algo que foi captado por diversos tradutores wakeanos, a exemplo da georgiana Tamar Ra, a qual inseriu

alguns dialetos georgianos, aforismos, trechos de poemas, romances ou contos de escritores georgianos. É discutível, se eu tinha o direito ou não, mas tenho certeza de que o próprio Joyce teria gostado de todo “jogo de mundo” (*world-play*) que se encaixasse naturalmente e não criasse uma sensação de artificialidade.⁵⁰

QUADRO 40 – ROUBABELIZAÇÕES DA LITERATURA BRASILEIRA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA, PERSONAGEM OU AUTOR ENXERTADO
Egg Laid by Former Cock and With Flageolettes in Send Fanciesland. Chiefl y girls. Trip over sacramental tea into the long lives of our saints and	<i>Ovo Posto pelo Galindo Originário e com Flagelomeletters Enderessaussureados à Phantasuslândia. Especialmente às lias. Viaje com o chá sacramental pelas</i>	Caetano Galindo: <i>Lia; Sobre os canibais; Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses; Onze poemas</i>

⁵⁰ Vide a entrevista de Tamar Ra no platô 3.

saucerdotes, with vignettes, cut short into instructual primers by those in authority for the bittermint of your soughts. Forfet not the palsied.(FW 440.20-24)	longas vidas de nossos santos e chaucerdotes, com vinhetas, abreviadas em canibe-a-bais instruturais poraqueles que têm autorizados pra visita guiada ao amargo diçuas buscas. Não farsa poco caos dos paralizantonzepeomas .	
O coolun dearast! (FW493.35) And lo, mescemed somewhat came of the noise and somewho might amove allmurk (FW 404.09-10)	Ó extraordin'ária Luci The Coolin! E eis, pareceu-me a palavra algo vinda do ruído e algum quem capaz de remover todescuridão	Luci Collin: Palavra algo
Esch so eschess, doul's a doulse! (FW 588.28)	Da cinzábêcê ao carvão::capim , do latim em pó ao pótuquês!	Guilherme Gontijo: <i>carvão::capim</i> + Caetano Galindo: <i>Latim em pó</i>
(thunderburst, ravishment, dissolution and providentiality) (FW 362.30-31)	(trovarclaro , violassom, dissolussom e providencialidade)	Paulo Henriques Britto: <i>Trovar claro</i>
the poorest commononguardiant waste of time. (FW 151.20-21)	o jardineiro doudo do tempoesia perdido.	Jardineiro Doudo, personagem de Sérgio Medeiros
Gruff Gunne may blow, Gam Gonna fl ow, the gossans eye the jennings aye. (FW 271.17-19)	Miguel Falo Belo pode atirar, Tora Toralina pode torar, os aborrescentes óiam pras aborressantas nozóios.	Cora Coralina
and I mean it too, (thy gape to my gazing I'll bind and makeleash)	y eu plurissignifico isso, (boquiaberto aos meuzolhos de sem grana dissimulada te amarrarei e colocarei na coleira)	Machado de Assis: <i>Dom Casmurro</i>
with a posse of tossing hankerwaves to his windward like seraph's summonses on the air and a tempest of good things in packetshape teeming from all accounts into the funnel	num tōru takemitsunami desejante mezzo-sopranado ao barlavento como convocassons de serafinn pinto gandhi deixadas no ar e uma tempestade de coisias boas em forma de pacotes pós-tonais de todazas narrativariações pra caixa postonal de cartas	Oswald de Andrade: <i>Serafim Ponte Grande</i> Coisia, neologismo de Philadelpho Menezes
thwaites and thorpes, withes, tofts and fosses, fells, haughs and shaws, lunds, garths and dales, mensuring the megnominous as so will is the littlest, the myrioheartzed with toroidal coil, eira area round wantanajocky, fi n above wave after duckydowndivvy, trader arm aslung beauty belt (FW 331.20-25)	antero de quintais e torto arados , terras sonâmbulas, lares e foças, cortiços, casas de pensão e quartos de despejo , bosques, jardins e vales, mensurando funes o magnanimemoriosso assim camus o desejo é a casa de bonecas, o mallarméga-hertz com bobina toroidal, área na eira do hill vantaanjoki, lá vem o pato sôbria onda após pataquipatacolá, braço mercantil aslonga o ganges cintão belezas	Antero de Quental; Itamar Vieira Junior: <i>Torto arado</i> ; Aluísio Azevedo: <i>O cortiço</i> e <i>Casa de pensão</i> ; Carolina Maria de Jesus: <i>Quarto de despejo</i> ; Guimarães Rosa: <i>Grande sertão: veredas</i>
For onced I squeaked by twyst I'll squelch him. (FW 424.05-06)	Pois só uma vez me segureipranãourrarumtroço waly mesmo e silenciá-lo.	Waly Salomão: <i>Me segura qu'eu vou dar um troço</i>
Slim ye, come slum with me and rally rats' roundup! (FW 446.27)	Dyonelinda magrinha, venha pra alphavela comigo e pegue o machado pra caçar os ratos	Dyonélio Machado: Os ratos Alphavela, neologismo de Waly Salomão.

with the joy of lifi ng in my forty wingers (FW 495.21-22)	cum a alegria de viver in meus quarenta wintervernos	wintervernos, neologismo de Paulo Leminski

FONTE: O autor (2024).

QUADRO 41 – MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA OU AUTOR ENXERTADO
The Mime of Mick, <i>Nick and the Maggies</i> , adopted from the Ballymooney Bloodriddon Murther by Bluechin Blackdillain (authorways 'Big Storey') (FW 219.30-33)	A Mímica de <i>Mickjegue</i> , <i>Nickapeta</i> e as Magicats, adoptada do Balletmecanique de Villa-Lobo Mautner por Chiquinha Glosada (autoria de 'Pé Gandhi')	Villa-Lobos e Chiquinha Gonzaga
Anglicey: <i>Eggs squawfi sh lean yoe nun feed marecurious</i> . (FW 484.36)	In Portinglês: <i>Eggovos with guerra-peixe ao barbecue nun alimentam mercuriosos</i> .	Guerra-Peixe
to wind up and to tells of all befells after that to Mocked Majesty in the Malincurrred Mansion. (FW 380.04-05)	pra mezzo-soprar e cantar tutti o qui álcoonteceu dipois disso pra Majestade KaKaKarlos Gomes na Mansão Mullinguarnieri.	Carlos Gomes e Camargo Guarnieri
The misery billyboots I used to lend him (FW 467.01-02)	As miserereráveis botas do willy quieu costumava emprestar a ele	Willy Corrêa: <i>Miserere</i>

FONTE: O autor (2024).

QUADRO 42 – MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (MPB)

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA, TRECHO OU AUTOR
Garnd ond mand! (FW 146.35)	Guardai-nos do lobo Mautner!	Jorge Mautner
Ishallassoboundbewilsothoutoosezit (FW 154.33)	Caitombovelhoso&giljácaiu.	Caetano Veloso e Gilberto Gil
— Sot! sod the tailors opsits from their gabbalots, change all that whole set. Shut down and shet up. Our set, our set's allohn. And they poured em behoiled on the fire. Scaald! (FW 324.14-17)	— Ditadores! bradaram os alfaiatartistas opus citores dosseus cálices , mudem todesse set. Afast dimin esse cálice e cale-se . Nosso set, nosso set tá sem chorado . E eles derramaram vin roşu eĵe sânge no fogo. Scald rehegua!	Chico Buarque: <i>Cálice</i>
And the Bullingdong caught the wind up. (FW 333.17-18)	Y o Wellington Zé surfou o furacãoplexo de épico.	Tom Zé
nowells and brownings, dumm, sneak and curry (FW 351.01-02)	nowells rosas diroshima e browningarruchas, tom jobobin, dick farney e harry barroso	Noel Rosa; Tom Jobim; Dick Farney; Ari Barroso
Minxy was a Manxmaid when Murry wor a Man. (FW 433.19-20)	<i>Fazer Chichiste era um emprego Markchista quando Ney Meteogrosso era um Homem com H.</i>	Ney Matogrosso: <i>Homem com H</i>
Garnd ond mand! (FW 146.35)	Guardai-nos do lobo Mautner!	Jorge Mautner

FONTE: O autor (2024).

QUADRO 43 – INDÚSTRIA CULTURAL BRASILEIRA

Original	FINNEGANS RESSUCHISTAM	Obra, trecho ou autor enxertado
(Bott's trousend, hore a man uff!) (FW 268.26-27)	(Valescalça Poposuda, assim cê mata o papai!)	Valesca Popozuda
O june of eves the jenniest, thou who fl eeest fl icklesome the fond fervid frondeur to thickly thyself attach with thine efteased ensuer (FW 266.27-30)	Ó junho das vésperas de genovulva, tu que fluiges cheia de gretchinha riobolando conga la conga pra te atar borromeanalmente ateu perseguidor maisgozador	Gretchen: <i>Conga la conga</i>
—Xanthos! Xanthos! Xanthos! (FW 235.09)	— Silvio Xantos! Xantos! Xantos!	Silvio Santos
spear me Doyne! Fat prize the bonafi de peachumpidgeonlover, eh, eh, eh, esquire earwugs, escusado, of Jenkins' Area, with his l've Ivy under his tangué and the hohallo to his dullaphone, before there was a sound in the world? (FW 485.19-23)	lance-me a Dadeus! Prêmio kurt y grosso ao genuíno gay amante da ruydópera do malandro, glu-glu, ié, ié , escudeiro chico buarquearwig, escusado, da Área de Jenkins, com a ária da Hera de l'ves na sua lalíngua subterrânea y o alôalô dosseu michel teló phone, antes quiouvesse um som no mundo?	Sérgio Malandro: <i>Glu-glu ié-ié</i> ; Michel Teló

FONTE: O autor (2024).

QUADRO 44 – ARTES VISUAIS E CINEMA DO BRASIL

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	OBRA OU AUTOR ENXERTADO
Ah how starring! but Heng's got a bit of Horsa's nose and Jeff 's got the signs of Ham round his mouth and the beau that spun beautiful pales as it palls, what roserude and oragious grows gelb and greem, blue out the ind of it! Violet's dyed! then what would that fargazer seem to seemself to seem seeming of, dimm it all? (FW 143.22-27)	Ah que star'recedor! mas Heng puxou o noériz saxão de Horsa e Jafé tem traços de Cam em volta da boca e o beaunitão que resplandece beleza pálida cai morto, que rosar-segall e lyarangia-clark oiticiquem tarsila-duamarelo e verdi-cavalcanti, azul-ophake e anil-malfatti! Nuvioleta deflorada! então o que aquele demiurgo parece parecer parecendo parecildo, foda-se tudo?	Lasar Segall; Lygia Clark; Hélio Oiticica; Tarsila do Amaral; Di Cavalcanti; Tomie Ohtake; Anita Malfatti
Lelong Awaindhoo's a selverbourne enrouted to Rochelle Lane and liberties those Mullinguard minstrelsers are marshalsing, par tunepiped road (FW 371.33-35)	Ao Lelongo de Awaindhoo é um riverão sussuarana fluindo a Rochelle Lane e liberdades quiaqueles menestréis de Mullinglauber tão cinemarchando , poruma estrada de terra em transe tonal	Glauber Rocha: <i>Terra em transe</i> e <i>Riverão sussuarana</i> .

FONTE: O autor (2024).

Neste platô, procuramos mostrar le sinthomescrita verbivo(cocô)visual com a qual atamos os arcos da repetição, da simultaneidade e da multiplicidade em *Finnegans Ressuchistam*. Em um livro como o *Wake*, no qual “todo acontecimento, toda palavra encontra-se numa relação possível com todos os outros” (ECO, 2000, p. 48), outra metáfora possível para a tradução é a figura do tradutor-parangolé.

Oiticiquianamente, o parangolé é uma vestimenta que se funde ao sujeito que a colocou, tornando-o executante e, mais do que isso, parte da obra. De forma similar, o lalinguistradutor de *Finnegans Ressuchistam* – com uma caneta verbivo(cocô)visual na mão – vestiu performativamente o parangolé da música; do humor; da alusividade vertiginosa; do efeito de assemia decorrente da plurissignificação; da agramaticidade; do onirismo *nonsense*; da nebulosidade narrativa; das multiplicidades linguísticas, culturais, significantes, enredísticas, de personagens, de tempos, das trocadilhescas palavras-valise etc. Como Medeiros ectoplasmou, “quem escreve *Wake*, quem traduz *Wake* deve estar em transe, pois só assim expele um ectoplasma literário único, raro, nunca banal ou habitual – um ectoplasma experimental”.⁵¹

Após essa condenção da tradução-parangolé em uma performance corpo a corpo com les sinthomáticos elementos fundantes da proposta (re)transcriatória do Eu liriacadêmico, vamos ri(s)omar ao próximo platô desta tese. Lá, entraremos em uma torre de babel da tradução wakeana e, também, colocaremos as marcas (re)transcriatórias de *Finnegans Ressuchistam* em diálogo com as múltiplas propostas de tradutores das mais variadas partes do mundo, que rizomam o macrotexto-fonte às suas línguas e culturas, ampliando ainda mais esse macrotexto.

⁵¹ Vide a entrevista de Medeiros no platô 3.

3 PLATÔ 3 – ENTREVISTAS

FIGURA 30 – MAPA-MÚNDI DAS ENTREVISTAS



FONTE: O autor pelo Canva (2024).

LEGENDA: entrevistas elaboradas em 14 países / 4 continentes

*Patrick O'Neill é irlandês, mas reside no Canadá.

Gentilmente, tradutores de várias partes do multiverso wakeano concederam entrevistas nas quais expuseram visões tradutórias que se afastam geograficamente, mas que se alinham, chocam-se ou entrecruzam-se quanto à forma de interpretar e traduzir o *Wake*. Há raízes do rizoma tradutório que se tocam com propostas linearizantes e semantizadoras, assim como existem raízes (em maior quantidade) que procuram recriar os enodamentos frutivos típicos da leitura da obra. O'Neill, que também foi entrevistado, comentou que “o fato de os resultados poderem diferir – e de fato diferirem – extraordinariamente é mais uma prova da inesgotabilidade do *Wake*”.⁵² Diferenças e semelhanças à parte, todos os tradutores entrevistados apresentam suas ideias e seus procedimentos tradutórios com consistência. Nós, que somos O'Neillistas desde criancinha, defendemos a ideia do *Wake* matrotextual. Seguindo nessa linha, acreditamos no livro como um sonho-leitura coletivo e, portanto,

⁵² Vide a entrevista de Patrick O'Neill neste platô.

coconstruído por seus personagens da crítica, da arte e, principalmente, da tradução. Assim, no macrotexto *Finnegans Ressuchistam* – resultado de agenciamentos coletivos –, vários HCEs e ALPs da coconstrução crítica e tradutória foram rizomadaluídos, pois entendemos que, de certo modo, todos são coautores desta tradução.

QUADRO 45 – TRADUTORES DE JOYCE ENXERTADOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	TRADUTORES
Hospitals (176.09)	Houaisspitais	Antônio Houaiss
Battle of Waterloo (176.10)	Batalha de Waltrirckerloo	Dirce Waltrick do Amarante
zinnzabar (182.09)	Zinnzabaloy	Marcelo Zabalo
terrian (185.28) she seem she seen Ericoricori coricome huntsome with his three poach dogs aleashing him. (623.01-02)	Terrenoni ela parece ter visto Enricoterrinoni cocoricó caçar com seus três cães caçadores o caçoando.	Enrico Terrenoni
nichthemerically (185.29)	Nietzschenonihomericamente	Luigi Schenoni
he was namely coon at bringer at home two fallont,as per royal,full poultry till his murder. Nip up and nab it! (187.13)	“ele era primata nomeadamente portador de dois galões te rivers em casa, até o seu rinhosamente completo galindonicídio . Pica pico e nabo nele!”	Caetano Waldrigues Galindo
damned cheek (185.13)	Maldieter	Dieter H. Stündel
Victory (188.27) And the stellas were shinings. (427.10)	Victoria E as Stellas de finnegan brilhavam.	Juan Díaz Victoria; <i>Estela de Finnegan</i>
but he combed the grass against the stride (190.29-30)	(...) mas ele aroudo o campo contra compassando (...)	Haroldo de Campos
bis Mabbot's Mall as far as Green Patch beyond the brickfields (174.26-27)	(...) aquém de Mabbot's bien e du Mall até o Trecho Verde além dos augustos campos tijolíseos (...)	Augusto de Campos
earps brupper to let him tome to Tindertarten, pease, and bing his scooter 'long and 'tend They were all real brohers in the big justright home where Dodd lives (191.20- 23)	(...) deixá-lo ouvirar tomos confúcios de Kinkergarden, ervelho, e acelerar sua bibliocicleta até todos serem irmãos kamaradovis na justiceira casa grande onde Donaldodd seinzola (...)	Donaldo Schüler

a nogger among the blankards of this dastard century, you have become of twosome twiminds forenenst gods, hidden and discovered, nay, condemned fool, anarch, egoarch, hiresiararch, you have reared your disunited kingdom on the vacuum of your own most intensely doubtful soul (188.13-17).	(...) um laverne entre os brancorados desse século bastardo, te tornaste mente gêmea dos deuses acusadores, ocultos e descobertos, não, tolstolo condenado, anarca, egoarca, hervé resiarca, você criou o seu reino desunido no vazio de sua própria alma intensamente duvidosa (...)	Philippe Lavergne e Hervé Michel
same as piccaninnies play all day, those old (none of your honeys and rubbers!) games for fun and elemento we used to play with Dina (175.33-35).	(...) como as crianças jogam todos os dias, aqueles velhos (nada de seus méis e camusinhas albertas!) jogozos pra diwebersão e elemento que brincarlvamos ao máximo com Bernardina (...)	Bernardina da Silveira Pinheiro
Adam and Eve's or were him and her but captain spliced? (197.12)	Os proclamas dos bannidos nunca foram permitidos em Adão e Hervé ou ele y ela foram matrimoniados pelo capitão? (197)	Hervé Michel
<i>Docetism and Didicism, Maya-Thaya. Tamas-Rajas-Sattvas.</i> (294, nota da lateral esquerda) Next, upon due reflotation, up started four hurrikan gales to smithereen his plateglass housewalls (589.29-31)	Docetismo e didicismo, Maya-Thaya. Tamar-Ra-Sattvas. Em seguida, após devida reflutuação, os quatro estassons do furacãooposição sopranados por tamar gelashvilli -lobos vivaldespedaçaram as paredes de vidro da sua casa	Tamar Gelashvili (Tamar Rá)
(Fuss his farther was the norse norse east and Muss his mother was a gluepot) (329.07-08) jupetbackagain from tham Let Rise till Hum Lit. (114.19)	(Fuat era seu pai ausente do nórdico leste nórdico e sua mãe Sevimay é um recipiente de melão) reencarnam ham'Let Humano Uyanmasi ado Humano e Letrado.	Fuat Sevimay; <i>Finnegans Uyanmasi</i>
Sickerson, the lizzyboy! Seckersen, magnon of Errick. Sackerson! Hookup! (530.21)	Ricorde-se de Sickerson, o olindês voadô! Seckersen, magnamigão de Errick Bindervoet .	Erik Bindervoet
Serge Mee, suit! sazd he, tersey kersey. And when Tersse had sazd this Kersse stood them the whole koursse of training how the whole blazy raze acurraghed, from lambkinsback to sliving board and from spark to phoenish. And he tassed him tartly (322.17-21)	Sergio Medeiros , poetrága-me o terno! Dirce ele, musicosturey kersey. E quando Tarso dissy issy essy Karso fabulou-lhes o curso de treinamento como toda a devastradução curraghoriginada por revoltosas chamas, do cordeiro de chiste à mesa de Leminskorte &costura e do relâmpark ao fênix. E ele viu dele num Alevato 'm de sarcasmo	Sérgio Medeiros; Dirce Waltrick do Amarante; Tarso do Amaral; <i>Finnegans Rivilta</i> ; Paulo Leminski; Vitor Alevato do Amaral

and Lawdy Dawe a perch behind (554.04-05)	e Leide Dai Congrong traduzolhando tutti do banco de trás	Dai Congrong e Leide Daiane
Finn his park has been much the admiration of all the stranger ones, grekish and romanos, who arrive to here. (564.08-10)	O parque do Finn tem sido agrýpni admirado pra caralho por todos os anevlav estrangeiros, el grecos e romanos, que aqui chegam.	Eleftherios Anevlavis; / <i>agrýpnia ton Finnegan</i>
— Crashedafar Corumbas! A Czardanser indeed! (513.16) What was thaas? Fog was whaas? Too mult sleepth. Let sleepth. (555.01-02)	— Krzysztof Corumbas! Um Bartnick zar cheio de gingado! O quié qui foi esse finneganów tren doido? A neboulezidade era fuga dream quê? Tão multuosa sonhata. Liberai a polissonhia.	Krzysztof Bartnicki; <i>Finneganów Tren</i>
And letting on hoon var daft about the warbly sangs from over holmen: High hellskirt saw ladies hensmoker lilyhung pigger: and soay and soan and so fi rth and so forth in a tone sonora and Oom Bothar below like Bheri-Bheri in his sandy cloak (200.09-15)	E cantando em vários toons malucos sobre a fuga per canonem do holmen: <i>Amo tanto as piggarotas de ipanema do hell de jazzneiro</i> : e soay e soan e assim por diante num Johanssonoro tom e Oom Bothar no baixo tal qualvaquinho Bheri- Bheri com sandy&jung dó-ré-mí-fá- sol- Lars -si bronzeando na praia	Lars Johansson
big to bog, back to bach. (287.06)	bebach aeté babar, de Blumenbach em Bach.	Ulrich Blumenbach
— Weepin Lorcans! Th ey must have put in some wonderful work, ecad, on the quiet like, during this arms' parley, meatierities forces vegateareans. Dost thou not think so? (518.11-13)	— Sãom Jacques Lorcán éum choräum! Eles devem ter feituma obra maravilhosa, mamamia, cumeno pelas beiradas, durante essa negociaçãum de armas, o prazer Karnal versus o Sexo Vegetal. Vassuncê nãum Aixàs ?	Marissa Aixàs
Yet they wend it back, qual his leif (580.13)	No entretanto eles riotornellaram, tal karl leif høgghaug (580)	Leif Høgghaug
I liked his Gothamm chic! (538.33)	Achei muito chic o bê-à- Bozai da muié-gato de Ágotham City!	Ágota Bozai
Beara Tolearis (255.15)	Baurora Bernardineal	Aurora Bernardini
Hohohoho, Mister Finn, you're going to be Mister Finnagain! (05.09-10)	Hohohoho, Misto Finn, ceará you cê o Mister Finnícius Alves ! (5)	Vinícius Alves

has excisively large rings and is uncustomarily perfumed (138.09)	tem o Cechianel nibelungamente largo e que cheira à valquíria	André Cechinel

FONTE: O autor (2024).

Além dos tradutores, principais babelizadores da pan-escritura legada pelo ri(s)oma *Finnegans Wake*, vários estudiosos que se dedicaram à obra e, portanto, mantiveram a sua ciclicidade pela incessante movimentação do epitexto crítico foram aludidos em *Finnegans Ressuchistam*.

QUADRO 46 – ESTUDIOSOS DO WAKE ENXERTADOS

ORIGINAL	FINNEGANS RESSUCHISTAM	NOMES
Touchole Fitz Tuomush (8.26)	Cutoque Fritz senn Tom-calo	Fritz Senn
fash and chapes (137.11)	peixe fritz senn batata	Fritz Senn
The pining peeever! (154.17) even ventured so far as to loan or beg copies of D. Blayncy's trilingual triweekly, catterbrains' Aftening Posht (99.33-35)	Patrick O'Neillista pervertido! qui aeté mesmo ficaram polyglot entandos ao ponto diemprestar ou pedir cópias do trilingual joyce manário de D. Blayncy, Impossible edição Noturna da Folha de São Patrick	Patrick O'Neill; <i>Impossible Joyce</i> ; <i>Trilingual Joyce</i> ; <i>Polyglot Joyce</i>
Of course I believe you, my own dear doting liest (148.25)	É claro quiacredito em ti, minha queri' dirce 'ma ídola	Dirce Waltrick do Amarante
(...) she said. Whose head? Mutter snores? Deataceas! (213.29-30)	(...) ela dirce . Quem dirce ? Dirce roncando? Bem Delta sejam!	Dirce Waltrick do Amarante
heelers (210.3)	galindos galinzés	Caetano Waldrigues Rodrigues
merest of bantlings observed a cold fowl behaviourising strangely on that fatal midden of chip factory or comicalbottomed copsjure (dump for short) (110.24-25)	um galindo galinzizek observulvavuma broxante galinha se comportando estranhamente naquele funéreo monte de psicocôlogíria ou húmus faber ou montanha verbivococôvisual (bosta, em porcas palavras)	Caetano Waldrigues Rodrigues
<i>Entered as the Lastest Pigtarial and My Pooridiocal at Stitchioner's Hall</i> (106.11-12)	<i>Entrou como Novidoudade Pictórica no Meu Pooriódico Finnews Hallvolta</i>	Alusão à tradução visual de <i>Finnegans Wake</i> por Sérgio Medeiros
hearsomeness of the burger felicitates the whole of the polis (23. 14-15)	escraouvidão do burgess felicita toda a polis	Anthony Burgess
Somebody may perhaps hint at an aughter impression of I was wrong. No such a thing! (411.34-35)	Alguém pode derridar duas palavras sugerindo quieu tava errado. Não war tal poesiabilidade!	"Duas palavras por Joyce" de Jacques Derrida
The keys to. Given! (628.15)	As chaves para. Derridadas!	Jacques Derrida
lightthrowers knickered (192.30-31)	jatos deleuzes reluziram	Gilles Deleuze

A glass of Danu U'Dunnell's famous olde Dobbelin ayle. (7.12)	Uma taça ao lendário Cornnollizador islâdeus Donaldublin O'Xumler .	Donaldo Schüler
the evidencegivers by legpoll too untrustworthily irreperible where his adjugers are semmingly freak threes but his judicandess plainly minus twos (57.17-19)	as evindecências falosofadas por sher lacan hume são muito park confiáveis como a lacan lização dos seus três álcoolsadores aparentemente suspeitos mas suas jung'adoras são claramente duas minas.	Jacques Lacan
one nearer him (101.31)	atada por nó borrameuânus a ele	Nó borromeano de Jacques Lacan
Earwicker (70.35)	Jaquiouves lacraian	Jacques Lacan
the inexusshaushible wassailhorn tot of iskybaush the hailth up the wailth (91.27-28)	o inexaurível berrante celtane john cagen charcado de whisky brindando à glória	John Cage
You must shouts out: Bethicket me for a stump of a beech if I have the poultiest notions what the farest he all means (112.4-6)	Gritais: Beckett escalarei o topo da arvore sieu tiver a galinácea noção do que eça papagaiedda significa.	Samuel Beckett
Lord Hugh (388.33)	Rolord MC'Hugh	Roland McHugh
Bugley Captain (422.25)	Capitão Bishop -grilo	John Bishop
open letter (410.22)	cart obra aberta	"Obra aberta" de Umberto Eco
The alum (423.23)	richard elmo	Richard Ellmann
Hurricane Hartigan (210.16)	Furacão Clive Hartigan	Clive Hart
the campbells acoming with a fork lance of lightning (22.31)	os campbell neses vieram com a foice e o martelo de raios (22)	Joseph Campbell
Belling him up and filling him down. He's stiff but he's steady is Priam Olim! 'Twas he was the dacent gaylabouring youth (6.22)	Ele é durão , mas rud mesmo há kcer Brian de Oi linnda! Livre dacente jovem trabailador gay.	Fabio Akcelrud Durão
larger than life, doughtier than death (132.28-29).	"maior quia vida, há kcer mais rud e durão quia morte" (p. 132)	Fabio Akcelrud Durão
pierrotettes (594.34)	pierrot lunaireyben	Piero Eyben
to the Ford of Fyne on Delvin (622.35)	até o Finn de Fordham em Delvin	Finn Fordham
Pump Court (40.4)	Suprema McCourte	John McCourt
The coolskittle is Philip deblinite (160.27-28)	O balde de philiphenix glassheen transborda carvão dubionense	Adaline Glasheen

FONTE: O autor (2024).

Mesmo com a colaboração de tantos tradutores, em um mundo no qual "uma rosa é uma rosa é uma rosa" nem tudo são flores e várias das entrevistas desejadas não gozaram de concretização. Alguns tradutores se comprometeram, mas ainda não conseguiram responder o wakestionário: Donaldo Schüler, Vitor Alevato do Amaral⁵³,

⁵³ Depois da defesa da tese, Vitor Alevato participou da entrevista, a qual será publicada em novos projetos.

André Cechinel, Fedra Rodríguez e Andrea Buch Bohrer. Sabemos que o futuro Ateus pertence, todavia ainda pegaremos no π os colegas mencionados para realizar as entrevistas e utilizá-las em projetos futuros. Por outro lado, outros tradutores não responderam nossas inúmeras tentativas de diálogo:

- ❖ Andrey Rene (tradução russa);
- ❖ Marissa Aixàs (tradução catalã);
- ❖ Mircea Mihaies (tradução romena);
- ❖ Augusto de Campos – 🇧🇷 esse doeu, viu – (tradução brasileira);
- ❖ Tatsuo Hamada (tradução japonesa);
- ❖ Eishiro Ito (como Hamada não nos deu bola, procuramos a opinião de Ito, mas também ficamos no vácuo);
- ❖ Fritz Senn (o procuramos para ouvir suas opiniões sobre as traduções alemãs).

Nos ocassos acima, a esperança já foi pro beleléu. Também tentamos conversar com o tradutor sueco Bertil Falk (1933-2023), mas ele veio a falecer pouco tempo depois. Recentemente, iniciamos contatos com outro tradutor sueco, Lars Johansson⁵⁴, com quem pretendemos dialogar em breve. Não conseguimos o contato do tradutor alemão Ulrich Blumenbach, mas existe uma entrevista prontinha esperando por ele. Também não tivemos acesso a: Siniša Stojaković (tradução sérvia), Chong-Keo Kim (tradução coreana) e Adam Roberts (tradução para o latim). Todos eles continuam em nossa mira.

Bom, depois de quebrar o clima com tanta sofrência e desejos frustrados, que tal um pouco de música?!

Na ópera wagneriana⁵⁵ *O ouro do Reno*, o personagem Alberich rouba o tesouro mais precioso do mundo, o ouro que está no fundo do rio Reno. Ambicioso, ele forja um anel com poderes mágicos para se colocar acima de tudo e de todos, fazendo valer a máxima do “tá dominado, tá tudo dominado”. O leitor que mergulhar a fundo nas entrevistas deste platô também vai encontrar um material valioso, que é a

⁵⁴ Após a defesa da tese, tanto Lars Johansson quanto Ulrich Blumenbach responderam às perguntas enviadas. As entrevistas de ambos serão publicadas em trabalhos futuros.

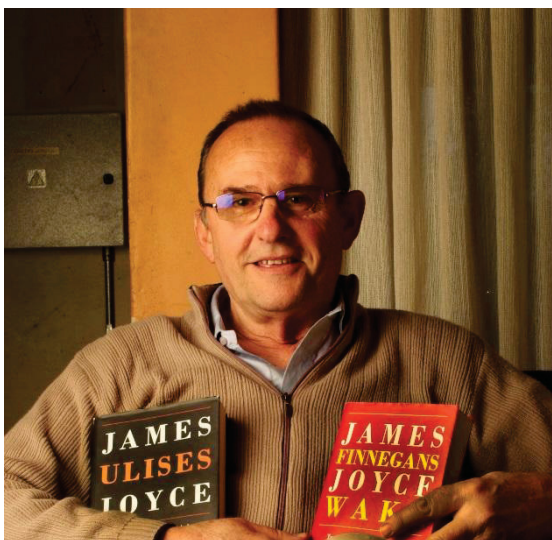
⁵⁵ Wagner é a referência da música erudita mais aludida no *Wake*. Ademais, é uma inspiração que dialoga estruturalmente com o livro, como pode ser estudado em *Joyce and Wagner: a study of influence* (MARTIN, 2009).

poética wakeana, a qual, das águas do rio Liffey, riotornellou para a terceira margem da tradução de rios argentinos, brasileiros, chineses, mexicanos, georgianos, noruegueses, húngaros, gregos etc. Mas, diferentemente do que fez o Wesley Saf'anão de *O ouro do Reno*, esse tesouro pode (e deve) ser roubabelizado de forma inspiradora, tanto para a prática tradutória do *Wake* e de outras obras "intraduzíveis", quanto para a reflexão literária em sentido amplo. Aproveitem!

3.1 MARCELO ZABALOY (ARGENTINA)

3.1.1 Introdução

Marcelo Zabalo, tradutor argentino⁵⁶



Fotografia de Zabalo fornecida pelo próprio tradutor (2019).

O argentino Marcelo Zabalo é tradutor de *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939) para o castelhano, sendo o único a traduzir integralmente os dois épicos modernistas do escritor irlandês James Joyce. Se já existiam outras traduções de *Ulysses* para a língua de Gabriel Garcia Márquez e Jorge Luis Borges, a primeira tradução completa de *Finnegans Wake* foi a de Zabalo, publicada em 2016 pela editora *El Cuenco de Plata*. Na entrevista, que foi realizada com o tradutor por e-mail entre o final de agosto e o início de setembro de 2019, o argentino fala sobre sua relação com a literatura e conta detalhes dos caminhos hercúleos que percorreu para traduzir dois dos livros mais labirínticos e importantes do século XX.

⁵⁶ A versão em castelhano desta entrevista foi publicada no Especial James Joyce da Revista *Qorpus* em 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/2s3e2zhd>. Acesso em 29 jan. 2025.

3.1.2 Entrevista traduzida para o português

Você pode falar sobre você e sua trajetória na literatura até chegar a Joyce?

Nasci em Bahía Blanca, em 10 de setembro de 1956, em uma família de classe média. Eu fui para a Escola nº 4, bem perto de minha casa, e aos seis anos minha mãe me levou para estudar inglês na *Southlands School*. Gostei do idioma e continuei estudando-o até os dezoito anos. Meus pais não eram grandes leitores, mas quando eu tinha dez anos, minha mãe me deu um romance que me entusiasmou, *O Príncipe Valente*.⁵⁷ A leitura desse livro deu início à minha história como leitor. Fiz o ensino médio no Ciclo Básico e na Escola Normal, ligados à Universidade Nacional do Sul. Tudo isso na escola pública, que é um dos poucos orgulhos do meu país, com educação gratuita, gratuita e laica, do jardim de infância à universidade. Enfim, fiz dois anos de Direito na Universidade Católica Argentina, período da minha vida que prefiro esquecer. Foi durante os anos da ditadura militar de 76.

Casei-me muito jovem, aos vinte e um, e em sete anos tive seis filhos, por isso não pude continuar os estudos, graças a Deus, pois poderia ter me tornado um advogado. Herdei um negócio de máquinas de escritório do meu pai e sobrevivi vendendo e consertando calculadoras, máquinas de escrever e computadores. Então eu evolui um pouco e me dediquei à instalação de redes de dados. Desde que me lembro, eu leio. Contos, romances, poesia. Tudo o que posso ler no meu tempo livre. Seria tedioso listar os livros lidos, mas há referências, livros emblemáticos, como você diz: *Martín Fierro* [de José Hernández], que era o livro de cabeceira do meu pai (e não sei se ele leu tantos outros), *Dom Quixote* [de Miguel de Cervantes], *O jogo da amarelinha* [de Julio Cortázar], *Cem anos de solidão* [de Gabriel García Márquez], *A vida modo de usar* [de Georges Perec]. Sempre continuei lendo livros em inglês para aumentar o vocabulário. Eu li contos de Poe, as obras de Shakespeare, Mark Twain, Dickens, enfim, os clássicos.

Minha primeira leitura de um texto de Joyce foi no *Southlands College*. Recebemos um conto de *Dublinenses* chamado “Contrapartida” para ler. Gostei muito.

⁵⁷ É o nome de uma série de quadrinhos ambientada na época da lenda do Rei Arthur, criada pelo quadrinista Hal Foster em 1937. [Nota do entrevistador]

Eu o reli quarenta anos depois, quando li todos os contos de *Dublinenses*, e então decidi me aventurar no *Ulysses*, lendo-o em inglês.

O que o levou desse primeiro contato com a obra do modernista irlandês à tradução de *Ulysses*?

O azar. Uma necessidade irresistível de traduzir um parágrafo – a comparação entre a lua e a mulher, que Bloom faz mentalmente em “Ítaca”. Eu queria mostrar à minha esposa do que se tratava e decidi ler para ela em castelhano enquanto eu lia em inglês. Não funcionou e eu disse a ela que em breve iria traduzir e ler para ela novamente. Levei a tarde toda para traduzir vinte linhas. Mas o processo me deu uma satisfação enorme. E então não pude mais parar. Continuei com o outro parágrafo e assim por diante, por quatro anos.

Você é um dos únicos tradutores que realizam a tarefa de traduzir as duas obras – *Ulysses*⁵⁸ e *Finnegans Wake*⁵⁹ – integralmente no mundo. Como dimensiona isso?

É algo incomum. São dois livros difíceis. Eu não poderia ter feito por obrigação, nem se qualquer pessoa tivesse me pedido. Mas, uma vez feito, não posso dizer muito sobre isso. Às vezes recebo um elogio, uma crítica ou um amigo me envia um artigo de um jornal. Parece-me que ambas as traduções foram consideradas decentes e isso é suficiente para mim.

A ausência de formação acadêmica em literatura foi um aspecto limitante ou libertador de sua tradução, uma vez que não se restringiu a fórmulas acadêmicas? Visto que *Ulysses*, entre outras coisas, é um livro que faz uma paródia da história da literatura e dos estilos literários, você já fez algum estudo sobre ele?

⁵⁸ As citações de *Ulysses* utilizadas nesta entrevista referem-se à tradução de Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. *Ulises*. 2. ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2017. [Nota do entrevistador]

⁵⁹ As citações de *Finnegans Wake* utilizadas nesta entrevista referem-se à tradução de Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. 2. ed. *Finnegans Wake*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2016. [Nota do entrevistador]

Não tinha a responsabilidade de um tradutor profissional e isso é muito importante. Não sofri mais pressão do que a que eu colocava em mim mesmo, o que tornava a tarefa muito mais agradável. Nunca considerei isso um trabalho, muito pelo contrário, as duas traduções foram as minhas melhores férias. Por outro lado, não pertencer ao mundo acadêmico tem suas vantagens e desvantagens. Li muito, muito a sério, durante as duas traduções. Li para entender e traduzi para entender o que estava lendo; digamos que foi um processo circular, como a *Odisseia*. Eu não poderia escrever um ensaio, um estudo ou um tratado sobre o *Ulysses* ou o processo de tradução; não tenho os requisitos necessários para isso.

Tentei emular as paródias literárias de Joyce recorrendo a escritores de diferentes períodos da literatura castelhana; é daí que veio o meu conhecimento.

Você pode contar como foi o processo de tradução?

Comecei a ler *Ulysses* em 2004 e a traduzi-lo em 2005. Terminei a primeira versão em 2009, portanto, algo em torno de quatro anos. Mas então continuei revisando e corrigindo por mais seis anos, até que foi publicado. Acho que em média eu me dediquei pelo menos quatro horas por dia, de segunda a segunda, sempre que possível, é claro. O método foi simples: eu lia um parágrafo, tentava entendê-lo, procurava nos livros de apoio – *Ulysses Annotated* [de Don Gifford e Robert J. Seidman] e muitos outros livros – e reescrevia-o em castelhano. Em seguida, lia os dois textos em voz alta. Com o *Finnegans* usei o mesmo método, consultando outros livros, é claro.

Com Edgardo Russo, editor de *El Cuenco de Plata*, e com o professor Eugenio Conchez, trabalhamos três ou quatro anos lendo e relendo os capítulos no *Skype*, até que finalmente os aceitamos como bons. Outros tradutores também participaram do processo de revisão, como Teresa Arijón e Anne Gatschet. Eugenio Conchez editou as notas e contribuiu muito para as revisões do texto. Não li as outras traduções, mas Edgardo Russo sim. Sua referência sempre foi a tradução de Salas Subirat.⁶⁰ Minha

⁶⁰ José Salas Subirat foi o primeiro tradutor para o castelhano do *Ulysses* de Joyce (1945). [Nota do entrevistador]

principal referência foi a tradução francesa de Valey Larbaud,⁶¹ porque Joyce participou dela.

Diferentemente, a tradução de *Finnegans Wake* foi solo. Feito isso – levei sete anos – revi com Eugenio Conchez que fez um trabalho formidável detectando erros nos milhares de nomes que precisavam ser verificados, além de erros expressos de ortografia, erros reais ou fictícios, os milhares de neologismos que eu tive que forjar, etc etc etc.

Até chegar à cama de “Penélope”, como sobreviveu ao “Gado do Sol”, e qual foi o episódio que mais exigiu de você, seja em tempo ou esforço intelectual?

Intitulei esse episódio de “*Los bueyes del sol*” e foi sem dúvida o que mais me custou. A reação de Edgardo colocou a publicação em risco. Ele insistiu que, da forma que estava, não poderia ser lido. Já eu, defendia que não devemos endireitar o texto, mas sim reproduzir as distorções (torções, dobras, do útero onde nasceu uma língua). Acho que esse foi o argumento que o convenceu. Vai-se de uma prosa elementar a outra cada vez mais elaborada, conforme o capítulo evolui. Enfim, para se ter uma ideia, quando Edgardo o considerou satisfatório, o episódio “*Los bueyes del sol*” estava na oitava versão. Aí Edgardo falou: “Agora já está maduro”.

Desconheço a teoria da tradução porque nunca estudei tradução literária. Teria sido maravilhoso ter esse respaldo acadêmico, mas não o fiz. Foi assim que as coisas aconteceram; puro acaso.

O mais próximo a um “estudo” foi o tempo que passei em Paris, lendo na BNF⁶² tudo o que pude sobre o processo de composição de *Finnegans Wake*. Mas fui apenas ler e nada mais. Fiz algumas anotações, comprei dezenas de livros que depois li em casa. E foi isso. Eu me dei o prazer de viver por um mês e meio a boêmia que todo escritor quer viver. Sinto muito a falta dessa época.

⁶¹ A tradução francesa de 1929 indicava na capa uma hierarquia na qual Auguste Morel aparecia como tradutor, auxiliado por Stuart Gilbert, Valery Labaud e o próprio Joyce. Foi a segunda tradução de *Ulysses*, que iniciou sua odisseia de tradução em 1927 pela tradução alemã de Georg Goyert. [Nota do entrevistador]

⁶² Biblioteca Nacional da França.

Cada capítulo requer soluções diferentes. Você poderia exemplificar algumas diferenças procedimentais solicitadas pelos monólogos interiores dos personagens principais, Bloom, Stephen e Molly?

O monólogo de Molly Bloom é encantador. Devido à falta de pontuação, é muito difícil interpretar a que se refere; a certa altura, encontrei um CD com o monólogo inteiro editado pela NAXOS e lido numa voz encantadora pela atriz irlandesa Marcella Riordan (Sra. Riordan!).⁶³ Então coloquei os fones de ouvido e ouvi com atenção absoluta, ouvindo o ritmo, a respiração, as pausas de pensamento e as mudanças repentinas de um assunto para outro (que é como todos nós pensamos, aos trancos e barrancos). No texto original, eu marcava os pontos, as vírgulas, as pausas. Então eu verifiquei minha primeira tradução para coincidir com as vírgulas não escritas, mas faladas por Molly.

Os monólogos de Stephen são, segundo todos os relatos, os de um jovem Joyce, portanto, ter lido e traduzido *Um retrato do artista quando jovem*⁶⁴ e lido a biografia de Ellmann⁶⁵ com grande prazer simplificou muito a tarefa. O conhecimento e a admiração pela obra de Shakespeare também ajudaram. Tudo corroborado por *Ulysses Annotated*.

Os monólogos de Leopold Bloom são de uma simplicidade comovente. Como diz o seu criador, na boca de um dos clientes de “Ciclope”, “o velho Bloom tem algo de artista”. O que Bloom pensa é o que se pensa ao caminhar, ao deitar, ao conversar com alguém apenas por conversar.

Como foi recebida sua tradução de *Ulysses*?

A de *Ulysses* foi bem recebida; eu diria que houve simpatia geral um pouco por seus supostos méritos e um pouco, suponho, por minha condição de – meu querido amigo Lil Sclavo ficará bravo com o que direi, mas direi mesmo assim – forasteiro que

⁶³ A Sra. Riordan é uma das personagens secundárias de *Ulysses*, que no passado supostamente flertou com o personagem central Leopold Bloom. [nota do entrevistador]

⁶⁴ *Um retrato do artista quando jovem* é um romance publicado pela primeira vez em 1916. Foi a segunda obra em prosa de Joyce publicada, logo após o livro de contos *Dublinenses* (1914) e antes de *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939). [Nota do entrevistador]

⁶⁵ Até hoje, *James Joyce* de Richard Ellmann é considerada a principal biografia sobre o escritor irlandês. [Nota do entrevistador]

adiciona um toque de romance à figura rígida do tradutor profissional. Duas edições estão esgotadas e estou revisando o texto para uma terceira edição pela enésima vez. É um bom sinal.

Com o *Finnegans Wake* a imagem muda muito. Na Argentina houve uma primeira crítica feita por um jornalista da revista Ñ [revista semanal de cultura do jornal argentino *Clarín*] logo após o lançamento do livro, sem tê-lo lido. Foi muito desagradável, mas logo surgiram defensores, até mesmo na própria revista, que o deixaram em uma posição bastante incômoda.

As críticas mais fundamentadas, geralmente favoráveis, vieram de jornais e revistas do Uruguai, Espanha e México. Os leitores de Joyce costumam ter um bloqueio no *Finnegans Wake* e só posso dizer que os entendo. Os amigos de Joyce fizeram o mesmo, com algumas exceções. Ezra Pound,⁶⁶ que tanto o ajudou a promover o *Ulysses*, disse que *Finnegans Wake* foi um erro. Ler e traduzir *Finnegans Wake* me deu um enorme prazer e um vício em distorções verbais das quais não consigo me recuperar. *Finnegans Wake* é um jogo sem regras, basta ler com uma dose extra de paciência. É uma fonte inesgotável de surpresas e diversão genuína.

Sabemos que, até a publicação de *Ulysses*, Joyce sempre teve dificuldade em publicar seus livros. Como você chegou ao selo *El Cuenco de Plata*? Como era o relacionamento com os revisores e o editor?

Quando terminei a primeira versão do *Ulysses*, no dia 16 de junho de 2009,⁶⁷ coincidência que tive que forçar um pouco para escrever o último YES!, resolvi tornar a tradução de conhecimento público. Escrevi *e-mails* para quase todos os agentes literários da Espanha e do México e para as editoras mais renomadas do meu país. Uma semana depois, a Sra. Laure Merle d'Aubigny, dona de uma agência espanhola, respondeu dizendo que sua agência não se dedicava a traduções, mas que eu poderia tentar contato com *El Cuenco de Plata*, o que eu fiz. Mandeí um *e-mail* com um anexo, "Ítaca". Eles não responderam e eu esqueci. Depois de dois ou três meses, Edgardo

⁶⁶ A relação entre Pound e Joyce pode ser conhecida por biografias, mas principalmente pelo livro *Pound-Joyce: as cartas de Ezra Pound a James Joyce*, os ensaios críticos de Pound e os artigos sobre Joyce. [Nota do entrevistador]

⁶⁷ *Bloomsday* se refere ao dia em que *Ulysses* é narrado, 16 de junho. É celebrado em várias partes do mundo e é o segundo maior festival turístico irlandês depois do Dia de São Patrício. [Nota do entrevistador]

Russo me ligou e disse que gostou do que leu. Então, entramos em acordo e assinamos um contrato. Ficamos muito amigos; rimos muito e gostamos das longas sessões de revisão pelo *Skype*; ele me deixava ler e de vez em quando fazia observações sobre uma palavra. Nunca discutimos porque ele geralmente aceitava minhas justificativas. Lembro-me que a princípio ele ficou surpreso com meu uso da palavra “*propinquidad*” (em “*Ítaca*”), mas eu disse a ele que embora “proximidade” ou “cercania” fossem sinônimos, Joyce escolheu “*propinquity*” em vez de “*proximity*”, e, por outro lado, disse eu, a palavra era rara e, por isso, era elegante e bonita. Eu o convenci. Sua morte foi uma grande perda. Eu e Eugenio Conchez nos tornamos bons amigos graças a *Ulysses* e *Finnegans Wake*.

Quais são as suas passagens favoritas na tradução de *Ulysses*?

Todo o capítulo “*Ítaca*” e em particular a enumeração das propriedades da água que passam pela mente de Bloom enquanto ele prepara uma infusão para Stephen. Por quê? Porque acho que não há mais nada que possa ser dito sobre a água, a não ser uma descrição físico-química.

¿Qué era lo que en el agua Bloom, aguamante, extractor de agua, acarreador de agua, al volver a la cocina admiraba?

Su universalidad: su democrática igualdad y la constancia con su naturaleza al buscar su propio nivel: su vastedad en el océano de la Proyección de Mercator: su profundidad inexplorada en la hendidura Sundam del Pacífico excediendo las 8000 brazas: el infatigable movimiento de sus olas y las partículas de su superficie, visitando a su turno todos los puntos de su litoral: la independencia de sus unidades: la variabilidad de los estados del mar: su quiescencia hidrostática en calma: su turgencia hidrocínética en las mareas muertas y vivas: su apaciguamiento luego de la devastación: su esterilidad en las capas de hielo circumpolar, ártico y antártico: su significación climática y comercial: su preponderancia de 3 a 1 sobre la tierra seca del Globo: su indisputable hegemonía extendiéndose en leguas cuadradas sobre toda la región por debajo del trópico sub ecuatorial de Capricornio: la multiseccular estabilidad de su cuenca primitiva: su lecho color pardo: su capacidad de disolver y contener en solución todas las sustancias solubles incluyendo millones de toneladas de los metales más preciados: su lenta erosión de islas y penínsulas, su persistente

formación de islas homotéticas y promontorios en declive: sus depósitos aluviales: su peso, volumen y densidad: su imperturbable quietud en lagunas y estanques en las tierras altas: la variación de sus colores en las zonas tórridas, templadas y frías: sus ramificaciones vehiculares en corrientes continentales lagocontenidas y confluentes ríosquefluyenhaciaelmar con sus tributarios y corrientes transoceánicas, corriente del golfo, cursos ecuatoriales norte y sur: su violencia en los maremotos, surgentes, pozos artesianos, erupciones, torrentes, crecientes, inundaciones, chaparrones, manantiales, marejadas, vertientes, partidores, géiseres, cataratas, remolinos, vórtices, desbordes, diluvios, aguaceros: su vasta curva ahorizontal circunterrestre: su sigilo en los manantiales y su humedad latente, revelada por instrumentos rabdománticos o higrométricos ejemplificada por el pozo junto al hueco de la pared en Ashtown Gate, la saturación del aire, la destilación del rocío: la simpleza de su composición, dos partes constituyentes de hidrógeno y una parte constituyente de oxígeno: sus virtudes curativas: la flotabilidad en las aguas del mar muerto: su perseverante permeabilidad en túneles, barrancas, diques inadecuados, filtraciones en paneles marinos: sus propiedades de limpieza, de apagar la sed y el fuego, de nutrir la vegetación: su infalibilidad como paradigma y modelo: sus metamorfosis como vapor, niebla, nube, lluvia, escarcha, nieve y granizo: su potencia en hidrantes rígidos: la variedad de formas en lagos y bahías y golfos y meandros y estrechos y lagunas y atolones y archipiélagos y pasos y fiordos y pasajes y estuarios de marea y brazos de mar: su solidez en glaciares, icebergs, témpanos: su docilidad para hacer andar ruedas de molinos hidráulicos, turbinas, dínamos, usinas eléctricas, líneas de teñido, curtiembres, molinos de cáñamo: su utilidad en canales, ríos, si son navegables, dársenas flotantes: su potencialidad derivable de mareas controladas o cursos de agua cayendo de un nivel a otro: su flora y fauna submarina (anacústica y fotofóbica), numéricamente, sino literalmente, los verdaderos dueños del globo: su ubicuidad como constituyente del 90% del cuerpo humano: la nocividad de sus efluvios en los pantanos lacustres, los marjales pestilentes, el agua podrida de los floreros, los charcos estancados en luna menguante. (U 626-627) [edición 2017].

A comparação que Bloom faz entre a lua e a mulher, também em “Ítaca”, porque é a mais bela que se pode fazer dos dois mistérios e porque foi meu primeiro parágrafo nesta deliciosa aventura.

¿Qué afinidades especiales le parecía que existían entre la luna y la mujer?

Su antigüedad en preceder y sobrevivir sucesivas generaciones telúricas; su predominio nocturno; su dependencia satelital; su reflexión luminar; su constancia en todas las fases, saliendo y poniéndose en los horarios establecidos, creciendo y menguando; la obligada invariabilidad de su aspecto; su respuesta indeterminada a una interrogación no afirmativa; su influjo sobre las aguas afluentes y refluentes; su poder de enamorar, de mortificar, de revestir de belleza, de enloquecer, de incitar y de ayudar a la delincuencia; la tranquila impenetrabilidad de su rostro; lo terrible de su aislada dominante implacable resplandeciente propincuidad; sus presagios de tempestad y de calma; el estímulo de su luz, su movimiento y su presencia; la admonición de sus cráteres, sus mares áridos, su silencio; su esplendor, cuando es visible; su atracción cuando es invisible. (U 655) [edición 2017].

Depois de traduzir o último “SIM” do monólogo de Molly Bloom, o que o levou a dizer sim à tradução de *Finnegans Wake*?

Depois de escrever o último SIM de Molly, fiquei num estado de profundo desassossego,⁶⁸ como diria Pessoa. Fiquei sem motivação porque havia dedicado anos a uma tarefa muito gratificante e agora me via sozinho. Como preencher aquele espaço que eu inventei? Então, comecei a ler *Finnegans Wake*. Comprei-o, comecei a lê-lo com curiosidade e fiquei perplexo. Insisti como se tivesse a obrigação de lê-lo, mas na página 240 parei. Não havia sentido em continuar assim. E então me ocorreu que, se eu tentasse traduzi-lo enquanto o lia, poderia compreendê-lo bem melhor. Novamente traduzi para a leitura, como fiz com o *Ulysses*. E imediatamente fui cativado pelo que estava lendo e traduzindo; eu me descobri novamente com um *hobby* glorioso. Comprei todos os livros sobre *Finnegans Wake* que pude e os li avidamente. Nesse processo, conheci Hervé Michel, um gênio que traduziu *Finnegans Wake* para o francês. Seu *Veillée Pinouilles*⁶⁹ é de uma genialidade absoluta e nada tem a ver com a tradução de Philippe Lavergne.⁷⁰ Hervé sugeriu que eu usasse o site FWEET (*Finnegans Wake Extensible Elucidation Treasury*), criado por Raphael

⁶⁸ Alusão ao *Livro do Desassossego* do escritor português Fernando Pessoa. [Nota do entrevistador]

⁶⁹ Michel Hervé começou sua tradução em 1997 e publicou-a em 2004 com o nome de *Veillée Pinouilles* em formato digital, no qual ele pode revisar e atualizar continuamente. [Nota do entrevistador]

⁷⁰ A tradução francesa de Philippe Lavergne é de 1982. Foi a primeira tradução integral de *Finnegans Wake*. [Nota do entrevistador]

Slepon. A paginação exata do original e da tradução, ou seja, cada página do *Finnegans Wake* original corresponde a uma de minha tradução, foi uma ideia que copiei de Hervé Michel. Que eu saiba, não existe uma única tradução de um idioma para outro que reproduza o livro original como se fosse um espelho. Foi uma ideia do Hervé que felizmente copiei. A utilidade que oferece para quem deseja fazer um estudo aprofundado da tradução é enorme. Até mesmo cada página começa e termina quase com a mesma palavra (quando possível). Isso fazia parte do jogo. A fantástica tarefa de edição foi obra de Pablo Hernández, de *El Cuenco de Plata*.

Em *Ulysses*, Stephen quer se libertar do pesadelo da história. Foi esse pesadelo, os fios formais, que *Finnegans Wake* rompeu?

Finnegans Wake ambiciona ser uma história universal. Acho que foi o que Joyce disse ao seu amigo Budgen quando este perguntou o que ele faria depois de *Ulysses*.⁷¹ Não sei se ele conseguiu. Não é um livro didático com o qual um jovem estudante universitário possa estudar História. Mas encadeia os temas e personagens emblemáticos da *História* em itálico. Repetidamente Napoleão, Nelson, Wellington, Adão e Eva, Guilherme o Conquistador, Cromwell, Victoria e milhares de outros personagens aparecem. Existem livros que listam os personagens que entram e saem de *Finnegans Wake* como se estivessem em uma peça. Em *Finnegans Wake* não há uma única declaração, uma única moral, ensino ou mensagem. Tudo é escrito de forma humorística. Joyce disse que era o mundo dos sonhos que ele queria representar. E esse é *Finnegans Wake*, muito parecido com os sonhos que tentamos lembrar ao acordar e que fogem assim que queremos expressá-los em palavras. Tem um gosto de pesadelo, mas no geral é mais um sonho doce e louco. Não há crueldade no trabalho de Joyce.

Você pode detalhar como foi o processo de tradução de *Finnegans Wake*?

⁷¹ Após repetidas conversas em Zurique com o amigo Joyce, o pintor inglês Frank Budgen escreveu o livro *James Joyce e a criação de Ulysses*, no qual fala sobre os detalhes da concepção e feitura do livro do escritor irlandês. [Nota do entrevistador]

Como disse, comecei em 2009 e o livro foi publicado em 2016; ou seja, todo o processo durou sete anos. Nos primeiros quatro anos, passei em média quatro horas por dia, mas os últimos três foram em tempo integral. Graças ao fato de não ter mais problemas financeiros e por já ter criado meus filhos, eu era dono do meu tempo. Os dias voaram porque li e traduzi entre dez e doze horas por dia. Não sabia se era segunda ou domingo, se fazia calor ou frio. A imersão nessa tarefa foi absoluta, exceto nos períodos em que viajei com um grupo de rúgbi ao redor do mundo.⁷² E nessas viagens eu comprava livros que devorava como um possesso. Como fiz com o *Ulysses*, não li nenhuma tradução em espanhol dos fragmentos ou capítulos traduzidos. A certa altura, acreditei que havia uma tradução abrangente para o francês, que poderia servir de guia como aconteceu com a tradução de Larbaud e Morel, mas não. Joyce participou apenas da tradução do capítulo conhecido como Anna Livia Plurabelle, junto com Jolas, Beckett e Péron (não confundir com o nosso Perón).⁷³ Nessa busca que fiz na BNF, encontrei Hervé Michel e solicitei-lhe uma conversa na sua casa em Montrouge. Ficamos amigos imediatamente e a colaboração dele foi inestimável para minha tradução. Porque percebi que ele fazia a mesma coisa que eu, não queríamos colocar notas porque parecia um trabalho inútil e sem fim. Nessa época, eu já havia traduzido e anotado os primeiros oito capítulos.

Em uma análise de modelagem computacional⁷⁴ do trabalho de Joyce em comparação com Shakespeare e a Bíblia, descobriu-se que menos de trinta por cento das palavras do texto original são dicionarizadas. Como você trabalhou com isso? Você tem ideia de quantas palavras teve que criar para completar a tarefa?

⁷² Joguei rúgbi quando jovem, me aposentei aos 36 anos; então meus quatro filhos começaram a jogar e eu os acompanhei. Fui treinador e durante muitos anos dirigi um clube na minha cidade chamado *Club El Nacional*. Além disso, sou secretário da *Southern Rugby Union*. Fora isso eu trabalho com meu filho Joaquín em uma agência de viagens onde organizamos *tours* de rúgbi na Europa e Oceania, principalmente no Reino Unido, Irlanda, França, Nova Zelândia e Austrália. Duas ou três vezes por ano vou com um desses grupos como coordenador [nota própria do tradutor].

⁷³ Juan Domingo Perón foi um presidente argentino de origem militar, que governou seu país por três períodos. O primeiro de 1946 a 1952, o segundo de 1952 a 1955 e o último de 1973 a 1974. [Nota do entrevistador]

⁷⁴ O estudo utilizado como referência é *A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible* (2018), de Renato Fabbri e Luis Henrique Garcia Ferreira. [Nota do entrevistador]

O Capítulo 8 (ALP) em minha tradução tem 11.549 palavras. A execução da verificação ortográfica do Word na página 197 detecta 80 palavras desconhecidas. Digamos que em média existam 60 palavras inexistentes no dicionário da língua espanhola; multiplique por 628 (número de páginas) e o resultado será 37.680, que pode ser o número aproximado de neologismos ou palavras inventadas. O livro todo contém 237.821 palavras. É impossível saber quantas palavras não possuem correspondentes no dicionário.

***Finnegans Wake* é um livro de quedas e renascimentos. Você, como HCE, que representa as muitas reencarnações do herói do livro, caiu e renasceu várias vezes durante a tradução?**

He Cometido Excesos, es verdad, He Cometido Errores, sin duda, pero me pregunto si Habrá Castigos Excesivos por mi osadía. Hoy Creo Esto, mañana aquello, Hice Cuanto Estimé necesario para traducir lo intraducible; He Crecido Equivocado; no lo niego. Todos Hemos Caído Engañados y el que no se equivocó nunca es que nunca hizo nada. Como HCE, niego todos los cargos de los que se me acusa, porque el delito es difuso y los testigos no vieron lo que dicen que vieron. Durante las traducciones de *Ulysses* y *Finnegans Wake* sufrí tres infartos. Si bien nunca me morí no puedo negar que en tres ocasiones He Cometido El dudoso pecado de revivir.⁷⁵

Existem várias linhas que podem ser seguidas ou destacadas na tradução de *Finnegans Wake*, como sonoridade, transculturação, paralelo biográfico, neologismos, alusões etc. Você buscou um equilíbrio entre esses elementos ou optou por destacar alguns?

Enquanto traduzi *Finnegans Wake*, li em voz alta cada parágrafo que terminava. No geral fiquei satisfeito com o som e a cadência, que eram bastante semelhantes ao original. Os neologismos acabaram sendo minha especialidade, tomei

⁷⁵ Um dos muitos jogos de *Finnegans Wake* se refere ao disfarce do personagem Humphrey Chimpden Earwicker que o leitor deve descobrir. Esse disfarce é dado pelas letras iniciais de seu nome (HCE), que se repetem centenas de vezes nas 628 páginas do livro, como no final do primeiro parágrafo da primeira página em “Howth Castle and Environs”. Nesta resposta, Zabaloy também nos propõe este jogo. [Nota do entrevistador]

muito cuidado em cada um deles tentando agregar o máximo de significados possível sempre dentro do contexto. A chave é a multiplicidade de significados possíveis. Não é fácil, mas foi muito divertido. Um verdadeiro quebra-cabeça. A distorção das palavras produz resultados surpreendentes e paralelos geográficos e biográficos intencionais ou não. O que é uma piada em Dublin pode ser uma grande estupidez no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires; por isso, sempre que pude, e sem alterar o sentido do texto original, substituí piadas ou alusões incompreensíveis ao leitor da região do Rio da Prata. É um artifício inocente que tem o efeito inverso da piada de Dublin. Uma piada de Buenos Aires pode ser sem graça no Rio ou em Dublin. Isso me rendeu algumas críticas, mas foi minha culpa apontar ao jornalista onde estavam aquelas piadas ou alusões. O pobre coitado nunca poderia tê-los encontrado porque critica a “não leitura” ou a infame “leitura diagonal”. Apontar. Não voltarei a fazer isso.

No começo eu não tinha nenhuma estratégia ou projeto estabelecido sobre como traduzir *Finnegans Wake*; eu estava construindo como quem edifica uma obra, como HCE. Se não cair, significa que tem um certo equilíbrio.

É importante ler a tradução comparando-a com o original?

Tudo o que um tradutor pode fazer é aproximar o original. Uma reprodução, uma falsificação e uma fraude têm a ver com o original na medida em que o imitam, mas ainda são uma armadilha para os olhos. Você pode admirar uma pintura comparando-a com sua cópia? Isso pode e não pode ser feito ao mesmo tempo. Depende dos motivos do seu olhar. Se for um jogo de encontrar as diferenças, o olhar (ou a leitura, neste caso) não será muito apreciado, mas haverá defeitos e acertos, o que é divertido em si. O leitor que conseguir ler *Finnegans Wake* no original terá um guia de tradução que pode ajudar a preencher uma lacuna em sua compreensão daquilo que aparentemente é incompreensível. Acho que esta tradução tem correspondência com o original. Seria pedantismo da minha parte dizer o quanto. Isso é deixado ao critério dos leitores insones que querem se dar ao trabalho de comparar. Foi o que fiz quando comparei o original com a maravilhosa tradução de Hervé Michel. Em todas as dúvidas estruturais, fundamentais, consultei-o. E, claro, com a bibliografia fornecida pelo FWEET, *Annotations to Finnegans Wake* e muitos outros livros de apoio.

Desde *Ulysses*, a indústria crítica joyceana é crescente, talvez procurando as respostas que os leitores tem dificuldade de achar. Ao contrário da sua, muitas traduções de *Finnegans Wake* vêm acompanhadas de textos críticos e notas explicativas, como a para o português de Donaldo Schüller, a para o italiano de Schenoni e Terrinoni, e a para o castelhano do mexicano de J.D Victoria, que tem mais de mil notas apenas no primeiro capítulo. Qual é a sua opinião sobre as traduções comentadas?

Acho que é um trabalho louvável que faz você se sentir uma espécie de Sísifo. Hoje há uma quantidade enorme e desproporcional de informações on-line sobre o trabalho de Joyce e, particularmente, sobre *Ulysses* e *Finnegans Wake*. No *Ulysses* colocamos um mínimo de notas no final do livro; foram as notas que considerei essenciais para o leitor médio. Poderia ter aumentado o número dez vezes, mas seria uma enciclopédia e não um romance. *Finnegans Wake* é um livro infinito; no FWEET existem mais de 85.000 notas e cada uma delas tem pelo menos quatro ou cinco significados possíveis. Em ALP Joyce colocou mais de 1.500 rios de todo o mundo, segundo os estudiosos. Detectei quase 900, eu acho, e os anotei, mas então removi as anotações. Ainda assim, guardei o arquivo com as notas. Qual seria o sentido de publicar um livro com, digamos, 20.000 notas? Falei várias vezes sobre isso com Juan Díaz Victoria. Ele está realizando uma tarefa monumental que merece todo o apoio que pode ser dado. Ele é jovem e tem tempo. Não é o meu caso. Sem dúvida, a versão de Juan Díaz Victoria melhorará muito esta primeira tradução. E então o melhor virá. Durante séculos e séculos.

Até a sua tradução havia apenas traduções parciais para o castelhano, como as de Pozanco e Tortosa, e alguns pesquisadores comentaram que uma tradução completa não seria possível ou, se fosse, deveria ser uma obra coletiva. Como foi derrubar esse mito? E qual foi a recepção dos leitores, imprensa e crítica?

Não quero parecer desrespeitoso, muito menos parecer um pedante. Posto isto, acrescento que um mito desmorona quando fica mais ou menos provado, com maior ou menor grau de verossimilhança, que não o era. A dificuldade é frequentemente confundida com impossibilidade. Se uma editora tivesse investido o dinheiro necessário, teria sido traduzido há sessenta ou setenta anos, mas como o

deram como intraduzível, assim permaneceu. Torne-se famoso e vá dormir. Há toda uma teoria, por exemplo, que decretou que é impossível escrever em castelhano sem usar a letra “A”, ou que é o mais difícil de fazer. Ainda que em espanhol, como em francês, o difícil mesmo seja escrever sem usar a letra “E”. É por isso que Georges Perec escreveu *La Disparition*, que traduzi (sem usar a letra “E”) como *La D su aparición*. Um grupo de tradutores catalães o traduziu nos anos 1990 como *El secuestro* sob o pretexto de que o difícil mesmo, a grande proeza, seria escrever um romance em castelhano sem a letra “A”, ou seja, um lipograma em “A” ao invés de um em “E”. Como esse raciocínio me irritou, traduzi *La Disparition* novamente como lipograma em “A” e chamei-o de “*El de ese Perec ido o el Dese perecido*”. Talvez um dia os dois romances sejam publicados. Mitos são apenas isso, mitos.

A imprensa até agora tem sido benevolente, senão generosa. Pelo menos consegui inspirar respeito e isso me dá um orgulho que procuro esconder.

Algumas críticas foram feitas à sua transculturação, o que supostamente teria argentinizado o original. O próprio Joyce, quando participou das primeiras traduções do Capítulo 8 do Livro I para o italiano e o espanhol, conhecido como “Anna Livia Plurabelle”, encorajou a alteração semântica em prol do ritmo e do som. Qual é a sua posição sobre isso?

Acho que Joyce teria aceitado os localismos, muito poucos, que usei. Mimamos Edgardo e demos a ele uma espécie de assinatura quase invisível. O que eu disse antes sobre a piada em Dublin e a estupidez no Rio ou em Buenos Aires pode ser aplicado aqui. Trago o caso do *Ulysses* quando em “Circe” há uma cena na pista de corrida; a multidão grita:

¡Programa de las carreras! ¡Programa de carrera!
¡Diez a uno a placé!
¡La salvación al galope por acá! ¡Leguisamo solo nomás!
¡Diez a uno menos uno! ¡Diez a uno menos uno!
*¡Pruebe suerte a las patas del Spinning Jenny!*⁷⁶

⁷⁶ **Spinning Jenny**: um dispositivo de jogo, semelhante à roleta, com cavalos em miniatura movendo-se em velocidades aleatórias. [nota do próprio tradutor]

¡Diez a uno menos uno!

¡A vender el mono, muchachos! ¡A vender el mono! ¡Pago diez a uno!

Isso tudo é um alarido com o anúncio de um jóquei no jargão irlandês das corridas de cavalo. Nenhum jovem argentino hoje em dia saberia o que *¡Leguisamo solo nomás!* significa! Mas as pessoas da minha idade sim, porque ele era um jóquei muito famoso dos anos 1940. Se for uma violação, peço desculpas.

No Brasil temos a tradução completa de Donaldo Schüller e três parciais, uma dos irmãos Campos e duas de Dirce Waltrick do Amarante. Há também duas traduções completas em andamento, uma coletiva e outra de Caetano Galindo, que também traduziu *Ulysses*. Você incentiva novas traduções, até mesmo para o espanhol, como a de J. D. Victoria?

Juan Díaz Victoria está fazendo um trabalho colossal e será o próximo *Finnegans Wake* em castelhano. Acredito que qualquer tradução é bem-vinda e muito necessária.

Umberto Eco classifica *Finnegans Wake* como um excelente exemplo de um livro aberto para coconstrução.⁷⁷ Você acha que *Finnegans Wake* compartilha a autoria com tradutores e leitores?

Uma em cada quatro palavras do *Finnegans Wake* é pelo menos discutível, discutível. Cada leitor é um potencial tradutor que pode contribuir com suas sugestões para o site FWEET. Este é um site dinâmico que cresce, se constrói a cada contribuição que passa pelo filtro de seu criador, Raphael Slepon.

Para as edições mais recentes do *Panaroma do Finnegans Wake*,⁷⁸ Augusto de Campos retraduziu o mesmo fragmento do *Finnegans Wake* após um intervalo

⁷⁷ Alusão ao livro *Opera aperta* do escritor italiano Umberto Eco. [Nota do entrevistador]

⁷⁸ Esta é a primeira tradução para o português de trechos de *Finnegans Wake* pelos irmãos Campos em 1962. Em seguida, foram publicadas uma tradução completa de Donaldo Schüller (1999-2003) e duas de Dirce W. do Amarante, para ler *Finnegans Wake* (2009) e *Finnegans Wake* (por um fio) (2018). [Nota do entrevistador]

de 15 anos, obtendo resultados diferentes. Você aceitaria o desafio de escolher um pequeno trecho de sua tradução e retraduzi-lo? Seria uma boa maneira de ver o postulado de que o texto e o tradutor (ou leitor) se movem continuamente.

Poderia ser. Não sei se mudaria muitas coisas hoje porque não faz muito tempo que o livro foi publicado. Teve uma segunda edição na qual revisei e mudei muitas coisas, embora nada substancial. Na verdade, uma das críticas do crítico que me criticou sem ler é que substituí “macri” por “machree” (uma semelhança sonora entre o nosso presidente Macri e o afetuoso “mi querida” em irlandês ou a “ma chérie” em francês). Isso não mudaria, por exemplo. Só um argentino entenderia piadas, piscadelas ou alusões. Em quinze anos, se for, com muito prazer. Apresento aqui a lista completa de alusões a coisas, pessoas ou situações que só um argentino pode captar:

Nomes emergentes da Argentina em *Finnegans Wake*

- menem
- macri
- massa
- saer
- mujica
- insaurralde
- wanda nara
- berni
- nismann
- suris
- horangel
- fariña
- jorge urso
- bellande
- tusam
- donda
- alak
- rial
- aira
- macalister

- elaaskart
- discepolino
- sabattini
- fontanarrosa
- magneto
- kicillof
- nuncio

Outros

- La refalosa
- Twitter
- Quark
- Griesa
- Bahiense
- Calafate
- Reñaca

Frases

- ¡A ti nos debemos, Cris! ¡Realeza en cucullas!
- Chiquilín de Bachín
- Billetera mata galán
- ¡Lilita bolero, burlas la ley!

Se *Finnegans Wake* foi o seu desafio ao concluir a tradução de *Ulysses*, o que pode motivá-lo agora? Parece que você também traduziu *Um Retrato do Artista como Jovem*. Pretende publicá-lo? Tem novos projetos literários?

Traduzi *Retrato* a pedido de Edgardo, mas depois Edgardo decidiu não o publicar porque a tradução existente era, para ele, imbatível. *Um retrato* me ajudou muito nas outras traduções. O texto está disponível e caso haja interesse poderá ser publicado um dia.

Depois de traduzir *Finnegans Wake*, continuei com um trabalho de Raymond Queneau chamado *Le chiendent*, depois traduzi *The Sinking of The Odradek Stadium*,

de Harry Mathews, *La Disparition*, de Georges Perec (sem “A” e sem “E”) e *Old Angel Midnight* de Jack Kerouac. Todas essas traduções aguardam autorização dos respectivos agentes literários e herdeiros. É uma pena, mas você tem que ter paciência. Também escrevo romances e contos. Um de meus romances, *Rapsódia*, será publicado pela *El Cuenco de Plata* em novembro. Então virá um romance lipogramático chamado *Cartas amargas*.

Para encerrar, você pode citar suas passagens favoritas da tradução de *Finnegans Wake* e explicar por quê?

Existem muitas, mas listarei estes dois de *Finnegans Wake*:

Ante una sugerencia semejante la única respuesta respetable es afirmar que hay ciertas aseveraciones que no tendrían que existir, y uno quisiera tener la esperanza de que le fuera posible añadir, que no tendría que estar permitido que fueran hechas. (FW 33.20-23).

Por quê? Porque, na vida cotidiana, costumo usar isso como uma resposta a qualquer coisa que me divirta e costumo deixar meu interlocutor ocasional perplexo. Use você mesmo e verá como é prático.

E este outro fragmento, do qual gosto muito:

No, así que oyúdame Petault, no se trata de una ineficaz blanjacintinosa disputa de manchas y borrones y barras y balones y aros y serpenteos y notas yuxtapuestas vinculadas por arranques de aceleraciones: sólo que se le parece tanto como el mismo demonio; y, seguro, tenemos realmente que estar agradecidos de que en esta hora deletérea del alba de las moscas bosteras tengamos siquiera un trozo de papel escrito con tinta seca para mostrarnos al menos a nosotros mismos, tálalo o lífalo, (y nos abandonaron a nuestra suerte como el pescador de almas cuando sacó el gato del bote) después de todo lo que perdimos y lo que saqueamos de aquello incluso en los más hidimulados rincógnitos de la tierra y todo lo que ha atravesado y por todos los medios, después de un gran beso al suelo en Terracussa y para guerra suerte con nuestras sobras echadas alhom al homeplato, aferrarnos a eso con manos de ahogado, esperando contra toda esperanza que, por la luz de la filosofía, (¡y ojalá que ella nunca nos folsage!) las cosas empezarán a aclararse un poco de una manera u otra dentro de la próxima querella de un ahora y a la horca con ellos como que diez a

uno lo serán también, si el cerdos place, como deberían categóricamente además, ya que, estrictamente entre nosotros hay un límite para todas las cosas así que esto nunca servirá. (FW 118-119.31-10).

Por quê? Porque toda vez que leio isso fico emocionado. Claro, esses trechos, como todo *Finnegans Wake*, devem ser lidos em voz alta e com um sorriso. Não há uma única palavra séria em todo o *Finnegans Wake*, como disse Joyce.

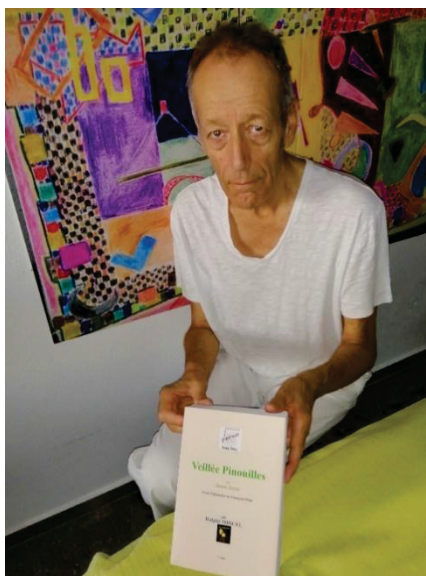
3.1.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam dialoga de várias formas o *Wake* de Zabaloy, principalmente no que se refere à tentativa de manutenção do humor, da multiplicidade de significantes dos neologismos, da mestiçagem cultural (sem perder a amizade com o original), a oralidade e o diálogo coconstrutivo com outros tradutores que, no caso de Zabaloy se deu com JD Victoria e, principalmente com Hervé Michel.

3.2 HERVÉ MICHEL (FRANÇA)

3.2.1 Introdução

Hervé Michel, tradutor francês⁷⁹



Fonte: arquivo pessoal do tradutor (2021).

Hervé Michel é o responsável pela última das duas traduções integrais de *Finnegans Wake* para o francês, a qual ele intitulou de *Veillée Pinouilles*. Filho de pais franceses, nasceu em Casablanca, Marrocos, nos anos 1950. Embora sempre estivesse em contato com a literatura, construiu sua carreira na administração pública francesa. Em 1998, após viajar a várias partes do mundo e formar um conhecimento linguístico variado (árabe, grego, latim, francês, inglês, espanhol etc.), começou a tradução da plurilíngue obra final do modernista James Joyce. Em 2005, publicou a sua tradução em formato *on-line*, o que lhe permite fazer alterações constantes, dando ao texto um caráter aberto, sempre em movimento, de acordo com as soluções que surgem de novas leituras e do diálogo com a crítica e outras traduções. Nessa entrevista, realizada por e-mail entre o final de julho e o início de agosto de 2021, Michel

⁷⁹ As versões em português e francês foram publicadas em uma versão conjunta pela revista *Qorpus*. Disponível em: <https://tinyurl.com/39hccrjw>. Acesso em: 29 jan. 2025.

apresenta *Veillée Pinouilles*, abordando aspectos e processos da sua tradução em uma linguagem que mescla informação, análise e literatura.

3.2.2 Entrevista traduzida para o português

Hervé Michel, você pode falar sobre você e a respeito da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Eu nasci em Casablanca, no Marrocos, na época do protetorado francês, em 1950, porque meu pai, um jovem oficial administrativo, tinha acabado de conseguir uma vaga lá. A adesão de Marrocos à independência em 1956 logo levou ao nosso retorno à França em 1962. Assim, vivi minha infância com a despreocupação de minha época quanto à sociedade colonial em que vivia e quanto ao *apartheid* que regia as relações sociais entre os chamados europeus e os chamados árabes. Mas mesmo na escola católica dos Irmãos de Lasalle, o avanço gradual da descolonização foi sentido quando nos pediram para abrir nossos cadernos para escrever nossos exercícios em língua árabe. É claro que aprendi a ler em francês, sendo que fiz minhas primeiras explorações com romances de aventura, em particular *Vinte Mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne, ou *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, ou a *Viagem de Nils Holgersson* de Selma Lagerlöf. Minha família logo descobriu meu lado leitor quando minha mãe me pegou em lágrimas na biblioteca enquanto eu lia a *Chanson de Roland*. Esse tropismo literário foi reforçado pelos estudos clássicos do latim e do grego (com as alegrias da *Odisséia*). No entanto, a minha orientação profissional centrou-se em estudos mais prosaicos e envolvi-me em economia e ciência política, especialmente ao ser admitido na Escola de Ciências Políticas de Paris, tendo concluído um estágio de um ano de técnico em finanças em Nova York, o que consolidou significativamente minha compreensão da língua inglesa.

A desordem da juventude fez com que eu saísse da universidade e partisse ao acaso para as estradas do mundo, de acordo com uma jornada que descrevi na em meu *site*.⁸⁰ Nesta fase, li mais filosofia (Deleuze e Derrida) ou teoria (Guy Debord), até misticismo (Castaneda), do que literatura. Esse período culminou no encontro com

⁸⁰ Michel, Hervé. “Á Pâllir!” *Veillé Pinouilles*. Web. 9 ago 2021 <<https://tinyurl.com/nh2m3hn3>> [nota do entrevistado].

minha esposa, Constance Hélène, com quem, aos 30 anos, voltei a morar em Casablanca. Passei muito tempo lendo o Alcorão e teóricos muçulmanos, como Sayyid Qutb; trabalho exigente, mas solitário e mal pago, o que me levou a regressar à França no setor administrativo do Ministério das Finanças, onde a obra de Joyce começou a ocupar o meu tempo livre.

Les infaits donc, les posséderions-nous, sont trop imprécisément peu pour garantir notre certitude. Néanmoins, la muse égrevine acire largement plus viesemblable et notre galeurrie notionale est maintenant complètement complaisante, un exégieux monument, aéré pérennieux (VP, p. 57).⁸¹

Como você chegou à obra de Joyce e à tradução de *Finnegans Wake*?

Na verdade, foi apenas na época do meu retorno de Marrocos que conheci *Finnegans Wake*, porque minha reflexão por analogia com o Alcorão apontou esta obra profética como a manifestação mais distinta da onda criativa / dialética de partícula no material linguístico, e também o contato da criação por uma incrível aproximação da ousadia do caos original, mesclando a cultura com uma erudição notável, ou, como diz o próprio texto, *Un oiseau de parodie, postprophétique*. (VP, p. 11). *Poufpouf*. (VP, p. 12)⁸²

Como, entretanto, passei em todos os exames internos para a administração, até o nível mais alto da Escola Nacional de Administração, entrei na carreira de administrador civil no Ministério da Defesa. Consegui, assim, a segurança financeira que me permitiu embarcar nos empreendimentos de pesquisa em escrita criativa, começando com *Finnegans Wake*.

Pensou em publicar no formato impresso ou a ideia sempre foi uma versão digital?

⁸¹ As citações nas quais o entrevistado traz trechos da sua tradução, *Veillé Pinouilles* (VP), são seguidas da página traduzida. O entrevistador trouxe trechos da sua tradução brasileira em andamento, *Finnegans Ressuchistam* (FR), correspondentes aos mesmos trechos de *Finnegans Wake* traduzidos por Michel Hervé nas notas de rodapé. “Assim os não-fatos, caso os possuíssemos, são um tanto imprecisamente insuficientes pra garantir nossa certitude (...). Todavia os Bonecos de cera de Madame Tussaud ganham vivavida (...) e nossa guleria nocional é agora completamente complacente, um monumento exegioso, aereamente perene” (FR) [nota do entrevistador].

⁸² “uma papagaia de paródias, uma ceci tiva mãe peri quita,”. “Poffpoff.” (FR) [nota do entrevistador].

Publicar na internet tem se mostrado uma ferramenta de fácil comunicação, que me permitiu moldar um objeto literário e fazê-lo interagir com grupos e indivíduos que possam ter interesse nele.

Naturalmente, sugeri a cerca de quinze editoras a publicação de um livro impresso. Não obtive acordo sobre esta ideia. Apenas algumas revistas responderam às minhas cartas, publicando resenhas (*L'atelier du roman*, *Viridis Candela* etc.).

É possível acompanhar no seu *síte* as alterações que você realiza na tradução. A versão digital seria mais adequada ao signo mutante de *Finnegans Wake*, haja vista a possibilidade de mudá-la constantemente?

Sim, também seria bom implementar um *Wikiwake* on-line no qual pudéssemos alterar o texto, de acordo com as mais diversas opiniões, o que permite ir além das anotações palavra por palavra do *FWEET*.⁸³

A respeito do processo tradutório, quais foram as etapas e o tempo despendido?

Foram três estágios principais:

- Primeira leitura e tradução palavra por palavra com base nas anotações de McHugh: 1998-2005;
- Segunda leitura e revisão das soluções encontradas por comparação com os elementos de interpretação de John Bishop e seu *Book of the Dark*, bem como com a tradução de Marcelo Zabaloy: 2005-2012;
- Leituras aleatórias por meio da revisão de estudos críticos.

Na “intradução”⁸⁴ à sua tradução, entre outros autores, você cita Derrida e Lacan. De que forma eles te influenciaram, assim como visões não atreladas à teoria da tradução?

⁸³ *FWEET* é um *síte* de pesquisa sobre *Finnegans Wake* disponível em: <http://www.fweet.org/> [nota do entrevistador].

⁸⁴ “Intradução” é a junção de “tradução”, “intraduzível” e “introdução”.

Jacques Derrida é quem retoma Walter Benjamin sobre a teoria da tradução, em particular ao dizer que “as línguas não são estranhas umas às outras. (...), estão todas (...) relacionadas [por] uma relação íntima, (...) que atesta a traduzibilidade dos textos. Neste relatório esconde-se a língua verdadeira ou *pura*”.

A respeito de James Joyce, Derrida conseguiu lançar luz sobre o dispositivo de fermentação de uma massa textual em *Finnegans Wake*, desafiando a erudição acadêmica, concebida como uma máquina de produção e reprodução, que afoga o conhecimento em sua univocidade. O texto só pode ser apreendido por um aniquilamento da impossibilidade de decifrar, da confusão, da intraduzibilidade, aliada ao convite à tradução sem fim. Isso corresponde a uma demanda exorbitante por parte autor no que diz respeito a um leitor (ideal?) por atenção exclusiva. O monumento vai além do sujeito que o descobre, mas ao mesmo tempo marca-o com um eco de prazer em meio ao caos.

Derrida me fez sentir como Joyce, “com um gesto, assina e sinaliza o nome de Deus”.⁸⁵ Por meio de seu trabalho inapreensível, para lê-lo, é preciso se distanciar do que está lendo, com uma explosão de risos.

Da fenomenologia da escrita de caráter bíblico ao sinthoma psiquiátrico, Lacan traduziu a “necessidade de ser” como aquilo “que não cessa as letras”.

Quais foram os principais recursos e fontes nos quais se apoiou?

Já citei a obra *Annotations* de McHugh, o site *FWEET Elucidation Treasury*, e o *Book of the Dark* de John Bishop, de quem acompanhei a maior parte das interpretações. Este não foi o caso com o guia de leitura de Tindall, que sobrecarrega o livro nos aspectos narrativos enquanto ignora suas inconsistências.

Também é muito inspirador e brilhante o *Shorter Finnegans Wake* de Anthony Burgess. Entre os incontáveis trabalhos de crítica, citarei *Eternal Geometer* de Margaret Solomon, que ajuda a compreender por que ouviam James Joyce rindo enquanto ele trabalhava em sua *work in progress*. É claro que li a tradução de Philippe Lavergne, mas sem começar por ela. E eu o consultava cada vez menos à medida

⁸⁵ Derrida, Jacques. *Ulysse gramophone, Deux mots pour Joyce*. Paris: Galilée, 1987 [nota do entrevistado].

que minha tradução avançava e conforme eu me voltava mais para a versão castelhana de Marcelo Zabaloy.

Você seguiu alguma teoria da tradução? *Finnegans Wake* pode ser encaixotado por teorias da tradução?

Pode-se dizer no que diz respeito à linguagem que existem diferentes tipos de discurso, específicos para cada pessoa e para grupos mais ou menos extensos, e que, entre eles, esses discursos são compreendidos em graus diversos e segundo restituições com fidelidade aleatória. A padronização das relações humanas e a agilidade das memórias eletrônicas permitem que campos cada vez mais vastos troquem sintetizações cada vez mais exatas. Os tradutores, portanto, têm o imenso campo de trabalho de consertar correspondências semiológicas, na medida em que são biunívocos e úteis em uma dada rede de relações linguísticas. Eles existem para sancionar a relevância das equivalências. A conformidade da inteligibilidade depende da localização dos textos (fonte ou alvo) no mapeamento de possíveis enunciados, ou mesmo apenas admissíveis. Os erros, as ambiguidades, os jargões, as aproximações e os trocadilhos são endossados pelos sinais da ironia do autor. Mas quando o texto é transposto, é o leitor que vai decidir se, afinal, ele entendeu. E é nesse sentido que, para mim, traduzir *Finnegans Wake* é a única forma de lê-lo. A profusão (em inglês) de notas marginais e comunicações dos círculos joyceanos atesta a liberdade que reina nessas páginas.

Alguns tradutores mantêm *Finnegans Wake* no título, enquanto outros “traduzem”. Você optou pela segunda escolha. Pode falar sobre ela?

Eu recomendo o excelente artigo que Patrick O’Neill produziu sobre este assunto na revista *Qorpus*.⁸⁶ Para mim, isso é claramente uma apropriação pela minha leitura do texto traduzido. Acrescentaria que achei interessante dar-lhe esse aspecto nada sério, como quando falamos em francês de “caramboustouilles”, deixando em aberto o enigma de sua riqueza textual, que é como uma “pirueta”.

⁸⁶ A entrevista foi publicada em uma edição especial da Revista *Qorpus* (volume 9, dezembro de 2019) sobre James Joyce, que está disponível em: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [nota do entrevistador].

Pode citar trechos e abordar as respectivas questões que encontrou, assim como as soluções que deu a elas?

Eu descreveria como um viés que eu adotei:

- transposição formal: alcançar um texto visualmente semelhante ao original, conforme recebido pelo leitor que fala inglês, se não irlandês;
- imanência de significado: ao contrário de um exercício de tradução convencional, isso é feito palavra por palavra, uma vez que a intenção do autor de ser fielmente traduzido é mascarada pela mistura de idiomas;
- fisicalidade da linguagem escrita: corresponde à oralidade e à musicalidade, garantindo que o resultado tenha um forte impacto estético.

Escolherei o seguinte trecho que diz: “Por quê?”:

Par l'antar de Yasas ! Les intiretés de vivre la vie étant la seule substance d'un devenir flux. Totalisé dans le contérecompté et racontécompté dans le can dit racompte. Pourquoi ? Parce qu'il y a deux signes vers quoi toumer, le post et l'ist, le côté du rect et le côté direc tort. Pourquoi ? Sur la vie sourde nous avons le Moskiosk Djinp alast avec ses adjacences jumelles, la maison de bains et le bazar, allahallahallah, et sur la vie sponde c'est l'alcovan et le jardin de roses, bonie nulleté, tout puraputhrie. Pourquoi ? T'une fois ronron patapon l'histoire de la fince et des petits jeunets. Pourquoi ? Tout dire aboie demeurer, vidnis Shavarsanjivana, et tout-en-rêves peutétrant ondre chanceloupe sont enfin au travers. Pourquoi ? C'est une sotté de secsac, systome dystome.

Il y a quelque chose de supernoctural peu importe ce que vous l'appellez. (VP, p. 596-598)⁸⁷

⁸⁷ “Pelo antar de Yesus! A totemlidade da vivavida é a única substrância dium riocorrente. (...) Cantabilizado em cantocontado e contocantado em contradiz-que-me-diz cochichado. Por quê? Porque (...) há dois signos pros quais riocorrer, o ontem e o hoje, o lado urrado e o lado anjusticado (...). Por quê? No lado sourdo temos o Moskiosk Djinp alast com suas adjacências gêmeas, o balneário e o bazar, allahallahallah, e na terceira mallarmagem fica o alcovão e o jardim do edda, boony noughty, tudo purapoetaria. Por quê? Erra uma voz uma história sobre cama e cufedemanhã (...) Por quê? Cada hablabla tem seu espasom-templo, testemunhe Shavarsanjivana, e todos-os-sonhos sob o ruído de

E para o português brasileiro:

*Qu'est-ce que, **para** Saom Plaom, au nom de Deucalion et Pyrrha, et des dieux incensés du foyer et licenciés des pénates et Stator et Victor et Kupela et Brisela et toute la **mesa redonda** de Lorenção Otulass en **convocação**, faisait réellement ce type humain bassement inintéressant, cette Colonne Calomnieuse de Cloaxité, cette Balise de Bengale de Biliosité, cet Aper Annamite d'Atroxité, il sera précise de le quarifier, car il semble au bas de bas comme cas?* (VP, p. 179)⁸⁸

Como a sua tradução foi recebida pelo público francês e pela academia francesa?

Próxima de zero.

Pas d'action, peu de sauce. (VP, p. 274, nota do lado esquerdo)⁸⁹

Donaldo Schüler realizou uma tradução transcultural, levando *Finnegans Wake* para o contexto brasileiro. Além da língua, ou da lalingua,⁹⁰ você também levou a cultura francesa para *Veillée Pinouilles*?

Muito pouco além do título e do nome de Pinot e as variantes de Shem-Shaun, na maioria das vezes trata-se de trazer elementos da cultura irlandesa-britânica para o leitor francês.

– *Hep là ! Commonng, sa na pa de valure?* (VP, p. 478)⁹¹

assonhâncias terão um finn. Por quê? É um don quer chote de bebatilhas bébicas, sistomia distomia (...)

Há algo supernoitural em tudo o que cê falhou dele.” (FR) [nota do entrevistador].

⁸⁸ “O que, pra Saom Plaom, em nome de Deucalião e Pirra, e do penico perfumado e dos deuses copeiros licenciados e Stator e Victor e Kútis e Rugas e toda mesa redonda de Lourenção Otomina em convocação desse tipinhumano desinteressantemente baixo, essa Caluniosa Coluna de Cloaxidade, essa Baliza Bengalesa de Biloxidade, esse Apelão Annamita de Atrotskyidade, realmente, será preciso clarificar, pois ele parece estarlim em condição leninstimável?” (FR) [nota do entrevistador].

⁸⁹ *Pas d'action, peu de sauce.* [nota do entrevistador].

⁹⁰ “Lalanguê” (no francês) ou “Lalingua” (no português) é um termo de Jacques Lacan, que dedicou o seminário “O Sinthoma” à análise da obra de Joyce [nota do entrevistador].

⁹¹ “Epa lelê! Camus é, éça porra nuntem valure?” (FR) [nota do entrevistador].

A tradução de Philippe Lavergne recebeu algumas críticas, entre as quais domesticar o trocadilho multirreferente de *Finnegans Wake*. Qual é a sua opinião esta tradução de *Finnegans Wake*?

A tradução de Philippe Lavergne ocupa um lugar pioneiro na história da tradução do *Finnegans Wake*. Foi a primeira tradução completa, concluída já em 1978, e foi reconhecida pelo Prêmio da Academia Francesa (*Prix de l'Académie Française*). Do ponto de vista da tradução, Tim Conley destacou com maestria,⁹² por meio de um exame implacável das notas de rodapé na tradução de *Finnegans Wake* de Lavergne, a indiferença e as negligências com as quais o tradutor parece lidar sem se preocupar com a sombra fria que projeta sobre o texto, com a censura latente dirigida à sua ambiguidade fundamental. Ele assume o lado tímido e triste para quem o trocadilho é “o esterco do espírito voador”, como dizia Victor Hugo, e que não pode ser traduzido. Há resolução de ambiguidades constantes no texto por escolhas arbitrárias que congelam o significante. A magnífica oferta de trabalho para o tradutor é desvalorizada.

Para mim, que li *Finnegans Wake* antes de abordar a tradução de Lavergne, não encontrei o que entendi no texto-fonte e, portanto, cedi ao chamado para mergulhar inteiramente na contemplação dessa joia “escriturística”.

Logo na primeira linha, Lavergne levou a tradução para Notre Dame, enquanto você manteve a sua na catedral irlandesa de Adão e Eva, tal qual o original. Quais são as principais diferenças entre a sua tradução e a dele?

Lavergne tomou a maior das liberdades com os múltiplos raios de significado que tecem esta primeira frase que, como se sabe, é a continuação da última. Começa com uma palavra “erre”, da qual não há nenhuma ideia no texto original. Para ficar com a primeira palavra, “riverrun” é estritamente em inglês “the flow of water”, “current”; sem dúvida é isso que nos conduz na vida, em uma repetição incessante ou renovação permanente, portanto “re ...” em um movimento que vai além da história de Adão e Eva cujas posições relativas se restabelecem, desde que vamos primeiro à

⁹² Conley, Tim. “Avec hésitation”: Lavergne’s footnotes and translations of *Finnegans Wake*. *Scientia Traductionis*, n. 12, 2012 [nota do entrevistado].

Eva. A ideia de “re-corrente” é retomada no restante da tradução deste primeiro parágrafo, embora traduzir *comodius vicus* por “*recourante via Vico par chaise perece*”, seja desnecessariamente escabroso.

Como analisa as traduções parciais ao francês, como a de Samuel Beckett?

Há um foco no capítulo 8 dessas traduções, incluindo aquela de que o próprio James Joyce participou (juntamente com Samuel Beckett). Dito isso, Beckett me parece ser o mais relacionado ao original, embora Patrick O’Neill tenha demonstrado em *Trilingual Joyce*⁹³ que o próprio Joyce não o endossou.

Exemplos comparativos de traduções:

Mesa redonda sobre o tema “Traduzível? Intraduzível?” realizada no Instituto de Estudos do Islã e Sociedades do Mundo Muçulmano da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais. Paris, 14 de março de 2014.

Paper apresentado por Hervé Michel “A experiência da tradução de *Finnegans Wake*”.

⁹³ O’Neill, Patrick. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018 [nota do entrevistado].

FW 201.7⁹⁴

Chapitre Anna Livia Plurabelle : p.201	Andre Peron et Samuel Beckett :	James Joyce, Philippe Soupault, P.L. Leon, Eugene Jolas et Adrienne Monnier :	Philippe Lavergne :	Halphé Mihcel :	Michel Chassaing	Traduction d'un traducteur automatique (http://trans.voila.fr/volla)
For the putty affair I have is wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer, my life in death companion, my frugal key of our larder, my much-altered camel's hump, my jointspoiler, my maymoon's honey, my fool to the last Decemberer, to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to.	Car le trou vaseux que je possède est tout use, ah oui, a force d'etre assise a beailler et a attendre que mon vieux baiseur et adodderateur Danois, mon compagnon a la vie a la mort, le sobre quaidenas de mon gardmanger, ma bosse de chameau bien abimee, mon briseur de jointures, le miel de ma lune de mai, mon bouffon jusqu'au dernier jour de Desambre, s'eveille de son somme d'hiver et m'enfile comme il en avait coutume !	Car l'aroumastique que j'icy possède est tout troue, y a pas a dire, seante et beaillante et guettante mon vieux Danois d'addoderateur, mon compagnon a la vie dans la mort, quaidenas de careme de mon garde manger, ma bosse de chameau renversee, mon briseur a plat de ma jointe resistance, le miel de mai lune mon grand fou jusqu'au bout de Desambre qui s'eveille enfin de son somme d'hiver et m'enquiquine comme au temps de ses rixes.	Car le petit machin que j'ai est bien use, ca c'est vrai, a force d'attendre et crier Noel qu'il vienne, mon compagnon de vie et de mort, la cle frugale de mes bardes, la bosse camelique du renouveau qui desaltere, ma panacee renversee, Mon miel de Maynooth, mon fou de la 31 decembre, pour s'eveiller de son Conte d'Hiver et me devorser tout comme il le faisait naguere.	Car l'affaire founette que j'ai est toute trouee y a pas a dire, assise beante et attendant mon vieux Danois addoderateur, mon compagnon de vie dans la mort, ma frugale de notre lardier, ma bosse de chameau tresaltérée, mon turbule jointure, miel de lune de mon mai, mon fou jusqu'au dernier Decembrier, pour qu'il se reveille de son roupillon d'hiver et me deperce l'ennui comme il faisait susuellement.	Car le putti trouc que j'ai est tout use, que j'vous dis, assise, abaillant et attendant mon vieux Danois hodeur dadoreur, le compagnon de ma vie dans la mort, ma frugale cle de notre frigardeur, ma bosse de chameau bien alteree, mon dejointeur, Mon mielou de mailune, mon pleinfou de fin decembre, se veille de sa somme d'hiver et m'ennuie un bas coup comme d'antant.	Pour l'affaire de mastic que j'ai est a porte dehors, ainsi elle est, se reposant, jacassant et attendant mon vieux dodderer de hodder de Danois, Ma vie dans le compagnon de la mort, mon clef economie de notre gardemanger, la bosse de mon chameau beaucoup-change, mon jointspoiler, le miel de mes maymoon, mon imbecile au dernier Decemberer, pour se reveiller hors de son hiver somnolez-et ennuyez-moi vers le bas comme il employait a.

Várias traduções do Monólogo no final do livro

O tradutor de *Ulysses* e *Finnegans Wake* para o castelhano, Marcelo Zabaloy,⁹⁵ é um admirador declarado da sua tradução. O que pensa sobre a tradução que ele realizou de *Finnegans Wake*, a primeira integral para o castelhano?

Marcelo Zabaloy tem todas as habilidades que o levaram ao sucesso em sua façanha titânica de traduzir *Ulysses* e *Finnegans Wake* em uma linguagem moderna e fluida. Me sinto endividado com ele pela consideração e disposição ao me conceder momentos de puro prazer em nossos diálogos sobre a tradução e os contornos obscuros da linguagem ao redor do texto.

Há um texto crítico que antecipa a sua tradução, a “intradução”, e algumas tabelas, informações e reflexões sobre possibilidades de enredo em seu *site*.

⁹⁴ Tradução da primeira coluna, na cor salmão: “Pois o mesquinho rumor quescrevo está desgastado, assim é, sentado, latindo e esperando meu velho Godane holdden dodder cafona, meu companheiro de morte e vida secassual, minha chave frugal de nossa despensa, meu corcovado de camelo alá poundiaçucar, meu exterminador de futuro, meu mallarmel da lua de mel, π tolo meu até o último dezembro, pracondar de seu cochilo de inverno e me dar um tratrotsky camus costumava fazer.” (FR) [nota do entrevistador].

⁹⁵ Uma entrevista com Marcelo Zabaloy foi publicada em uma edição especial da Revista *Qorpus* (volume 9, dezembro de 2019) sobre James Joyce, que está disponível em: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [nota do entrevistador].

Algumas traduções, como as de Schüler (português), Victoria (castelhano) e a de Schenoni e Terrinoni (italiano) são vastamente anotadas. Qual é seu ponto de vista sobre essas edições críticas? A crítica abafa ou potencializa o texto?

Todos devem ser convidados para a festa.

Dito isso, minha “intradução” não é um texto crítico, mas um dispositivo de escrita destinado a coletar sentimentos literários, filosóficos ou poéticos no fluxo da ação de tradução.

O Brasil tem a tradução integral de Donaldo Schüler e traduções parciais, entre as quais duas de Dirce W. do Amarante e uma dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Além disso, está prestes a publicar uma tradução integral, feita por um coletivo coordenado por Dirce W. do Amarante,⁹⁶ e também possui pelo menos mais duas traduções completas *in progress*.⁹⁷ Você acredita que uma obra como *Finnegans Wake* é sempre aberta a novas traduções ou “um é pouco, dois é bom e três é demais”?

A verdade de *Finnegans Wake* está em sua tradução. É também o futuro literário das línguas que se dedicam a este trabalho. Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki, Fuat Sevimay⁹⁸ e outros abrirão novos mundos para nós.

Leitor e tradutor são coconstrutores da obra ou há como se fazer leituras e traduções conservadoras?

O leitor e o tradutor são coconstrutores da obra, assim como o espectador de Marcel Duchamp pinta o quadro. Vamos beber na fonte!

É preciso um livro que manifeste não os impasses, mas os “imposses” do Logos

[não chega a lugar nenhum, porque dá uma volta no final
fala apenas de si mesmo, autorreferencial, forma formas

⁹⁶ A tradução coordenada por Amarante foi publicada em 2023 com o título *Finnegans Rivolta*.

⁹⁷ Além de *Finnicius Revém* e *Finnegans Rivolta*, traduções completas, há quatro traduções integrais em andamento: a de Caetano W. Galindo, a de Vinícius Alves, a de Afonso Teixeira Filho e a de Luis Henrique Garcia Ferreira [nota do entrevistador].

⁹⁸ Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki e Fuat Sevimay são tradutores de *Finnegans Wake* para os idiomas, respectivamente, chinês, polonês e turco [nota do entrevistador].

Risos, ruínas e ressurreição
 Fluxo de consciência hiper-realista
 Virtuosi da virtualidade sexual
 Truque de cartas, prestidigitação e omissão]

*Pas de coupahurlantes ni d'abucalises ni aucun de jodelles de punchons ni aucun rien.
 C'est notre vie crasse, hairsute, éternelle et nulle.* (VP, p. 455)⁹⁹

- *C'est des réponses, ça ?*
- *Ce suis quiéieux !*
- *Crashedafar Corumbas ! Un Czardanseur en réalité ! Dervilisglade aussi. Ortovito semi ricordo ?*
- *Ça ne sangnifie rien !* (VP, p. 513-14)¹⁰⁰

3.2.3 Diálogo tradutório

Assim como *Finnegans Ressuchistam*, o *Veillée Pinouilles* de Hervé Michel é uma ode à ambiguidade, à musicalidade, ao humor, à multiplicidade, à rizomática conconstrução do leitor e do tradutor e, portanto, à contínua movimentação do texto.

⁹⁹ “Sem lances copulados nem beijabocalipses minto menos Sacha e Ponch nem nonada (...). Essa é nossa vida sem crassa, hirsuta e eterna (...)” (FR) [nota do entrevistador].

¹⁰⁰ “- Essassão as raspotas?

- Essessoul euterrogação!

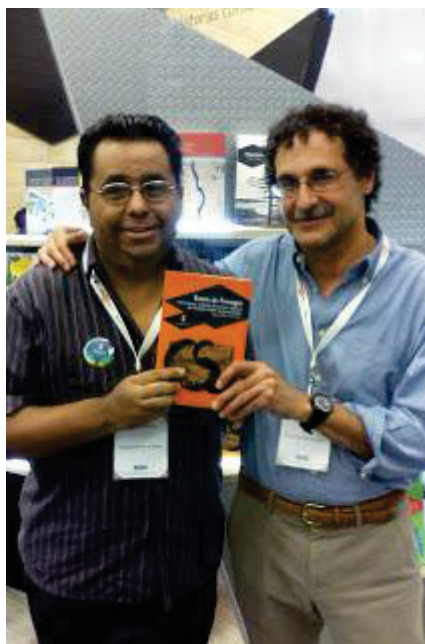
- Cristo em vão Corumbas! Um Czar czumba! Diabolicomicamente dervixeio de vitta. Ortovito semi ricordo (...)

- Sanguinificando o nada!” (FR) [nota do entrevistador].

3.3 JUAN DÍAZ VICTORIA (MÉXICO)

3.3.1 Introdução

Juan Díaz Victoria, tradutor mexicano¹⁰¹



J.D. Victoria, de camisa escura, ao lado de Fabio Morábito, poeta e narrador ítalo-mexicano. Fotografia fornecida pelo tradutor (2021).

Juan Díaz Victoria (JD Victoria) nasceu em Cuernavaca, Morelos, em 20 de outubro de 1969. Graduiu-se em Ciências da Comunicação pelo Instituto de Tecnologia e Ensino Superior de Monterrey (ITESM), Campus de Morelos. Poeta e contador de histórias, tem colaborado com artigos, resenhas, entrevistas e obras de criação literária para diversas publicações e antologias no México, Espanha e América do Sul. Atualmente, está preparando a tradução comentada para o castelhano de *Finnegans Wake*, de James Joyce.

¹⁰¹ As versões em português e em espanhol foram publicadas pela *Qorpus*. Em português: <https://tinyurl.com/5n6b49eu>. Em espanhol: <https://tinyurl.com/5daysd6s>. Acesso em: 29 jan. 2025.

3.3.2 Entrevista traduzida para o português

Você pode falar sobre você e sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Sou mexicano e nasci em Quauhnáhuac, que Lowry cita em seu *Bajo el Volcán*, então desde a faculdade (quando li esse romance por conta própria) tive a impressão de viver em um ambiente literário, como Macondo ou Comala, o que é outra realidade, já que a cidade do texto é uma ponte fantástica entre partes do estado de Oaxaca e o estado de Morelos, onde ainda hoje resido. Algo como a Dublin de Joyce para nós estrangeiros, embora James Joyce fosse muito pontual na descrição de seus cenários, mesmo quando já estava no exílio.

Minha infância foi feliz, sem conflitos, com leituras iniciais nada precoces, mas que fizeram meus parentes pensarem que eu era um leitor ávido, então eles me equiparam com clássicos juvenis que jamais toquei, embora tenha lido milhares de quadrinhos de super-heróis estadunidenses (*Superman*, *Batman*, *Homem-Aranha*, *Hulk*) e mexicanos (*Chanoc*, *Kalimán*, *Santo el Enmascarado de Plata*), personagens de desenhos animados (*Pernalonga e seus amigos*, *A Pantera Cor-de-Rosa*) e, para uma irmã mais nova com apenas um ano de diferença, repassava *Archie*, *Periquita*, *A Pequena Lulu*, semana após semana, publicado em enormes tiragens que eram vendidas nas bancas por meio dólar na época, ou até mais barato. Também havia versões de Joias da Literatura que li pela primeira vez em “revistas de *monitos*”, como *A Tentação de Santo Antônio* (Flaubert) e semelhantes, bem como desastres recentes contados com ilustrações em edições do jornal mais popular, mas bem desenvolvidos em suas tramas e estruturas. Eu era um leitor muito visual entre os 12 e 16 anos, até comprar *Crônica de uma Morte Anunciada*, de García Márquez, em capa dura. E não é que eu achasse excepcional, mas comecei a adquirir livros como um louco, então quando entrei na universidade aos 18 anos já tinha lido o suficiente e me tornei uma referência para ajudar os colegas nas aulas de literatura.

Por outro lado, fui precoce na escrita de contos e rimas de qualidade, que ainda hoje me surpreendem; eram escritos cívicos e ligados a acontecimentos históricos, que pediam que eu e minha irmã fizéssemos na escola. Os professores não acreditavam que um menino de 9 ou 10 anos tivesse escrito aquilo, mas desde então senti o prazer de saborear as palavras, influenciado pelo fato de que em dias de chuva minha mãe nos lia os poemas de uma antologia antiga, que não podia faltar nas casas

mexicanas, chamada *El Declamador sin Maestro*. Naturalmente, no ensino fundamental também me fizeram declamar até o Hino Nacional, do qual houve até um concurso, que eu não ganhei, mas ao menos me permitiu analisar as imagens daquelas rimas patrióticas, que nos garantiam que pertenciam ao hino mais bonito do mundo, depois do francês. Também parei de escrever durante minha puberdade e adolescência, pois eu preferia sair para jogar futebol, andar de bicicleta ou de patins e conversar com amigos do bairro.

Como passou dessas experiências aos escritos de Joyce?

Na faculdade, me deparei com o *Ulysses* na versão de José María Valverde, e desde os primeiros versos senti que havia algo de superior naquela prosa, como uma cena vista de vários pontos de vista ao mesmo tempo, na qual ação e pensamento eram representados tal como são, com imensa beleza, um fraseado em cascata que mesmo nos momentos mais confusos me deixou com uma impressão de perfeição, tal como se tivesse sido talhado na página desde tempos imemoriais. Encontrei o mesmo na prosa de Borges, Juan José Arreola e Rulfo, a mais sublime da língua, mas que era estática, enquanto em Joyce a linguagem fluía como uma escultura de fumaça ou água. Também apreciei esse dinamismo nos primeiros romances de Carlos Fuentes ou Vargas Llosa, e em Cortázar, mas vinculei mais o irlandês à marca que a poesia me deixou, à qual me aficionei participando de um curso com bons amigos durante anos. Fui um imitador de Paz, por achá-lo cerebral, mas gostava de imagens retumbantes que de mais de dez estrofes. Desde então fui caçador destas, por isso em Joyce (mesmo que traduzido) encontrei uma boa fonte. Mais tarde conheci *Dublinenses* e *Um retrato do artista quando jovem* e valorizei-os como alta literatura, mas não na escala de *Ulysses*. Talvez, porém, *O jogo da Amarelinha* de Cortázar tenha me satisfeito de forma semelhante, e o defini como *O Terceiro Ulysses* ao propor um ensaio que nunca escrevi.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E por que você decidiu traduzi-lo?

Primeiro, nos anos 90, encontrei na livraria de Zócalo (praça cívica no centro da cidade) um exemplar solitário da editora Lumen com o terrível compêndio traduzido por Pozanco, que desde o início caiu das minhas mãos. Senti que James Joyce foi

traído, mesmo sem haver lido o texto original. Eu trabalhava em 2005 como editor em uma editora de livros didáticos quando a *internet* me trouxe a primeira página de *Finnegans Wake* (FW), e mais uma vez provei a prosa de seu autor. Saboreei-a. Percebi o erro grosseiro de Pozanco pela própria abordagem que ele assumiu, pensando que se ninguém entendesse o texto “de qualquer forma”, ele se daria licença para destruir o romance e picotar o que encontrou em um inglês relativamente padrão. Aquela história de tradutor profissional de espanhol (trabalhando, basicamente, por empreitada e remunerado) resultou em um linguajar disparatado de mais de 230 páginas, um terço do texto joyceano, mas como se fosse pronunciado por um deficiente mental no dialeto do jardim de infância. Então adentrei a obra, intuindo muitos dos significados considerados difíceis para tradutores estrangeiros não familiarizados com as línguas românicas, já que o texto era salpicado de raízes latinas e gregas. Obviamente, já à primeira vista detectei a “intenção” daqueles parágrafos da página inicial, percebendo o que estava sendo contado e como o irlandês o fazia, e não fiquei nem um pouco desapontado.

Meu inglês não era excepcional nem erudito, nem o é agora, mas os dicionários multilíngues, tanto físicos quanto *online*, foram de grande ajuda, e captei o “espírito” do tom e dos recursos, as cascas de banana (armadilhas de estilo) que o autor joga ao longo de sua criação, além disso, os resumos disponíveis na rede deram uma valiosa orientação. Porque a história é narrada de forma bastante coerente em uma primeira versão de menos de duzentas páginas e, claro, há partes inteiras de acréscimos, mas UM ENREDO é definido desde então. Em suma, comecei a traduzi-lo por curiosidade e porque vi que podia, como um exercício de empatia com Joyce, até chegar a um nível em que sentia que estava praticamente lendo a mente daquele gênio da(s) língua(s), mas assumindo o compromisso de respeitá-lo ao pé da letra, sem tomar “muitas” licenças, a não ser aquelas que ele mesmo endossaria como condizentes com seu projeto, que somarão não mais do que seis ou dez no em todo o primeiro capítulo.

Mesmo sem conhecer a “aclamada” tradução dos anos 60 que o reverenciado escritor mexicano Salvador Elizondo fez do mesmo início de FW que traduzi, a qual continha anotações, presumi que o adequado seria utilizar essas digressões esclarecedoras em minha versão, em um romance que em seu fluxo original não estava isento deste recurso de desviar-se à menor provocação, como acontece em algumas de suas referências (Sterne, Rabelais), mas me enriqueceu muito como leitor

aprender NECESSARIAMENTE de onde veio uma certa alusão obscura, sendo que acessei grupos internacionais de leitura e, claro, vali-me do trabalho titânico de Roland McHugh a esse respeito, estruturado com anotações linha por linha, que pretendem ser exaustivas, mas às quais agora ele poderia adicionar centenas de dados não incorporados em sua proposta (que está na quarta edição) visto que, traduzindo a obra de todas as línguas que identifico com meu método e relacionando uma referência à outra, as chaves nos levam a novos caminhos, que o próprio autor se encarrega de comprovar a partir do recurso de “redundância”, que Umberto Eco já intuía para obras abertas, especialmente como esta.

Quanto à sua tradução: é total ou parcial, quais capítulos foram traduzidos e publicados, qual foi a circulação e como foi concebido o projeto gráfico?

Publiquei uma primeira versão do capítulo inicial, mais experimental e ainda sem notas (embora eu tenha trabalhado nelas desde o início do projeto), por conta própria nas plataformas *lulu* (para a América) e *bubok* (para a Espanha) ainda em 2009. Todavia ela está lá, e tem jogos de palavras e variações que não incorporei depois, no esforço de tornar o texto AINDA mais legível e “didático”. A essa altura, eu também havia concluído o segundo capítulo, mais curto e “simples” que o primeiro. Marcelo Zabaloy, com quem tive uma relação epistolar a partir de então, da qual falarei mais tarde, me convidou em 2016 a colaborar com ele em sua versão para *El Cuenco de Plata*, e me ofereceu como desafio revisar o capítulo 10 (FW II.2), considerado pelo próprio Joyce o mais difícil de desvendar, basicamente por sua estrutura de notas nas margens e no rodapé da página, além do jogo entre as diferentes narrativas dos irmãos gêmeos (esquerda e direita, sendo que eles mudam de lugar ao mesmo tempo), da ninfeta Issy (abaixo) e do narrador (meio), mas meu método de dialogar com TODAS as línguas acessíveis, ao contrário das orientações de Zabaloy baseadas (quase) exclusivamente em inglês, embora ele também seja fluente em francês, impediu que essa colaboração rendesse frutos, pois, como sublinhou o tradutor argentino, o FW não se presta a critérios de consenso, pelo menos em nosso caso, embora as traduções de ambos apresentem um texto mais “legível”, sendo praticamente variações do mesmo; mas onde Zabaloy mantém a confusão inicial por se tratar de uma polissêmica obra em mais de sessenta línguas e dialetos aparentemente diferentes e irreconciliáveis (do que deriva a genialidade da proposta

do FW do meu ponto de vista), eu aposto no esclarecimento de cada afirmação e referência na medida em que minha versão pode ser lida como se as distorções não existissem, exceto por alguns trocadilhos e jogos de palavras que fui capaz de adaptar com clareza suficiente para não obscurecer os significados.

De qualquer forma, interessado em publicar minha versão anotada e retrabalhada do primeiro capítulo até que este fosse totalmente compreensível, levantei meu projeto em uma plataforma de *crowdfunding* e obtive recursos para fazê-lo, mas uma editora independente de Guadalajara (*Ediciones Arlequín*) se interessou e propôs entregar aos meus doadores uma edição de luxo em capa dura, e produzir outra em brochura, além de uma edição digital posterior. Foram distribuídos cem exemplares em capa dura entre os participantes do financiamento, em brochura a tiragem foi aberta, e com relação ao livro eletrônico também. Foi um trabalho muito profissional, e a capa, baseada em um conceito meu, estava impecável. Agradeço muito a eles porque optaram por “resgatar” Joyce ao estrato literário contemporâneo no castelhano do México, visto que o texto foi bem recebido em seu nicho de mercado acadêmico e literário. Foi apresentado na Feira Internacional do Livro de Guadalajara (FIL) em dezembro de 2016.

Já para a FIL 2021, com o Peru como Convidado de Honra, a editora *Colmena* lançou quatro capítulos em versão comentada, com ensaios e sinopses introdutórias, além da colaboração acadêmica de um destacado especialista mexicano. O apoio foi obtido da *Irish Literature*, agência de promoção cultural do governo irlandês, e o volume terá cerca de quinhentas páginas. Incluirá os dois primeiros capítulos, *Finnegan’s Wake* e *Earwicker’s Ballad*, e o capítulo 8, popularizado com o nome de *Anna Livia Plurabelle*, o mais trabalhado em traduções (e apesar disso, mal interpretado); bem como o já citado FW II.2 em formato de caderno escolar, conhecido como *Los Estudios*.

Sua tradução conta com as versões impressa e *Kindle*. Quais são as principais vantagens e desvantagens de cada versão?

Não interferei na adaptação para livro digital, e percebo que o texto ali flui sem tantos entraves VISUAIS, enquanto os *links* para as notas podem ser vistos à parte, ou evitados. Recomendo várias leituras por parágrafo: a primeira, sem buscar as anotações; a segunda, revisando as notas de rodapé nos diversos contextos em que

surtem as afirmações e as alusões; a terceira, espelhando o original em inglês, para apreciar o método joyceano de usar recursos mínimos para evocar na mesma frase significados múltiplos que reafirmam, negam, sublimam ou frivlizam a mensagem primária e mais clara. Por exemplo, o famoso ícone de vitral de uma catedral inglesa onde a crucificação é retratada torna-se “cruci/ficção”; ou seja, sua própria paródia pela variação, inclusão ou elisão de alguns signos, devido a suas possibilidades polissêmicas em OUTRAS línguas diferentes, que se encaixam quase milagrosamente! Para o exposto, prefiro a edição impressa que, embora seja visualmente densa, é mais prática.

Você tem um *blog* e uma comunidade no *Facebook* dedicados a *Finnegans Wake*. Qual foi a motivação para criá-los e como foi o *feedback* das redes sociais?

O verdadeiro desafio desta tarefa não foi a tradução em si, para a qual estruturei intuitivamente um método cuja eficácia testo e comprovo desde 2005. O que ainda é realmente complexo é revelar e convencer gregos e troianos de que os preconceitos quanto à ilegibilidade do texto são inteiramente falsos, e se *Ulysses* foi uma revolução das formas, *Finnegans Wake* é dos conteúdos; isto é, o autor estava convencido (como eu) de que qualquer variação, por mínima que seja, consciente ou inconsciente, lança um referente que é incorporado com sorte ao corpus da trama. Diz-se que o irlandês acolheu com agrado os acidentes e erros de transcrição cometidos por seus colaboradores, mas devemos levar em conta que durante a gestação de FW ele já estava praticamente cego devido ao glaucoma, além de apresentar diversas enfermidades gástricas e dentárias que minavam seu humor. Os exemplos que conheço a esse respeito são apócrifos, uma vez que não se refletem em nenhum lugar do romance, como o de Samuel Beckett digitando um ditado e incorporando a resposta espontânea de James Joyce à batida de uma porta; mas identifico referências estranhas que são incorporadas ao texto de maneira feliz, embora não possa afirmar que Joyce as tivesse em mente. Basta mencionar, na primeira página:

Shen brewed by arclight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aquaface.

À primeira vista, pode evocar-nos uma ponte que atravessa o rio Liffey em Dublin, apelidada de Rory O'More; com a ressalva de que foi inaugurada com esse nome em 1939, mesmo ano da publicação do FW.

Assim, as redes sociais têm me ajudado a quebrar a barreira, envolvendo (pelo menos) todos os intelectuais que tenho cadastrados no *Facebook*, os quais ainda são reticentes em público, mas se entusiasmam com este trabalho no privado. Os espanhóis Enrique Vila-Matas, o argentino Patricio Pron, os mexicanos José Emilio Pacheco (+), Gustavo Sainz (+), Juan Villoro, Pedro Ángel Palou, Bernardo Ruiz, Julián Herbert e Antonio Ortuño, entre outros, desfrutaram da última obra de Joyce a partir do meu trabalho. Em meu *blog*, há colaborações na mídia impressa e em *sites* especializados, entrevistas publicadas e o *site* da Academia, essa versão também encontrou eco internacional, que goteja como umidade nas paredes para romper a resistência do prédio construído há noventa anos pelos detratores do FW. Pelas redes sociais consegui minhas duas editoras, *Harlequín* e *Colmena*, o que já é um lucro.

Já apresentou sua tradução em eventos acadêmicos? Qual foi a recepção neles, em outros setores da academia e pelo público em geral?

Por um lado, entusiasmo; por outro, censura, ao menos no México. Abriram-se portas no Peru e na Espanha para a apresentação de meus *papers*, mesmo na minha ausência, lidos por promotores de eventos locais (Lima, Bilbao). Obtive um apoio especial da *International James Joyce Foundation* para participar no congresso anual realizado na Antuérpia (Bélgica) em 2018, embora não tenha podido aproveitar por motivos pessoais; mas a porta se abriu para que na edição subsequente, por acaso realizada no México, eu me responsabilizasse por um painel em castelhano do qual participou o peruano Ricardo Silva Santisteban, tradutor de elite e acadêmico da língua, além do mexicano Alejandro Toledo, reconhecido especialista neste autor e em outros “especiais”. Organizado pela Universidade Autônoma Metropolitana (UAM) e pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), fui citado em algumas apresentações exteriores, mas visto com desconfiança pelos renomados acadêmicos de institutos nacionais e estrangeiros que participaram, na medida que confrontei (em particular) John Gordon, que presumiu que eu pediria sua ajuda, e esclareci que, ao contrário, Finn McCool estava acordando e falando espanhol. Por outro lado, Fritz Senn apreciou minhas notas e a sinopse de FW II.2, utilizando-as em um seminário

sobre o assunto em agosto de 2019. Os diretores de Humanidades da UNAM escolheram então “me apagar do mapa” e não me integrar ao encontro sobre Joyce que organizaram este ano (2021), nem aceitaram a minha contribuição para a edição especial de Novas Poligrafias dedicadas ao irlandês que saiu em agosto, apesar de, no artigo principal do evento, comentarem o meu trabalho ao lado de especialistas estrangeiros.

Em suma, as reações que recebo quando menciono que traduzo FW para o castelhano em uma versão anotada vão da descrença total ao espanto ao vê-lo impresso, e até ao entusiasmo ao ler e ENTENDER a obra. Em muitas ocasiões as três reações ao mesmo tempo.

O primeiro capítulo apresenta uma sinopse, um texto introdutório e mais de 1000 notas, que se expandem quase como uma obra à parte. Você pode falar sobre esse projeto crítico que acompanha a tradução e sobre a importância de uma tradução anotada para o leitor?

As principais fontes são os sucessivos rascunhos da *Work in Progress*, resgatados e postados *online* por Clive Hart e outros especialistas; as conversas em grupos de estudo estrangeiros virtuais e o trabalho de anotações de Roland McHugh; mas, à medida que avançamos, outras chaves para a leitura são reveladas pelo contexto. Centenas deles, até agora. Que privilégio é a empatia por Joyce, tentando ver o que ele poderia considerar naquele momento e as circunstâncias da composição de seu romance mais exigente, tanto para ele quanto para seus leitores insones. *Ulysses* foi escrito em sete anos e FW exigiu dezesseis, com a saúde debilitada e recebendo o escárnio de seus promotores mais entusiasmados. “Por que você insistiu em fazer algo assim nos últimos anos de sua vida?” Ele mencionou que esse trabalho NÃO era literatura na época, mas que um dia seria. É precisamente agora, na era do hipertexto, ele se torna a representação mais precisa de seu projeto final.

Para mim, como leitor, o esclarecimento das referências abre o panorama de um outro universo de conhecimento ao qual eu não teria acesso pelos meios convencionais, por falta de interesse, foco ou oportunidade de descobri-lo. Por exemplo, as mitologias nórdicas, as antigas culturas egípcia e chinesa, episódios da história da Europa, uma abordagem de obras literárias e textos diversos que eu desconhecia e todo um corpo de dados que enriqueceu minha perspectiva da cultura

mundial, abordando povos distantes no tempo e no espaço. O mesmo será encontrado por qualquer leitor curioso e atento.

<https://youtu.be/eztagn69sfo>

Como foi a busca e o relacionamento com as editoras?

Em ambos os casos, os editores vieram sozinhos por meio das redes sociais. O relacionamento com os dois tem sido bom, pois meu interesse é mais divulgação do que lucro, e sinto que movo uma enorme pedra de relutância, desprezo e esquecimento com apenas uma minúscula alavanca, que é o meu computador.

Pode falar sobre o processo de tradução?

Comecei com a primeira página em 2005 e demorei duas semanas para completar uma versão inicial com anotações satisfatórias, versão que mais tarde foi publicada em um jornal de circulação nacional. Entre junho de 2007 e o mesmo mês de 2008, concluí o primeiro capítulo, e imediatamente iniciei o segundo, que terminei um ano depois, em 2009. Em 2016, instigado pelo desafio de Marcelo Zabaloy, iniciei o FW II.2, e terminei em 2018. Comecei então Anna Livia Plurabelle, que finalizei em 2019. Nessa ocasião apareceu a segunda editora peruana, que fez os trâmites para solicitar o apoio da *Irish Literature*, cuja resolução veio em novembro de 2020, devido à pandemia. Este livro foi lançado em novembro de 2021.

Se eu continuar por conta própria, será um projeto ao qual voltarei de tempos em tempos, enquanto desenvolvo minha própria narrativa e obra poética; mas os avanços de FW não veriam mais a luz do dia como um livro até que estivesse completamente concluído, com todos os 17 capítulos totalmente legíveis e anotados; todavia, se um projeto for realizado com o apoio financeiro e humano de instituições educacionais ou culturais, e pelo menos uma editora com poderio econômico, eu reuniria uma equipe internacional que se encontraria virtualmente para trabalhar simultaneamente em todas as seções, individualmente ou em pares, após a transmissão de meu método a eles, e uma edição completa poderia ser finalizada em um período de três a cinco anos, pronta para publicação. E, ainda assim, continuaria a retrabalhar aquele texto pelo resto da minha vida, pois a cada releitura surgem novos aspectos que me interessam.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que utilizou?

Desenvolvi meu próprio método para identificar as línguas com as quais Joyce enxertou o texto em inglês, mas principalmente a paciência e o entusiasmo para revelar (primeiro para mim) tanto estas fontes quanto as referências explícitas e implícitas. Trabalho frase a frase, até ficar satisfeito em pelo menos noventa e cinco por cento; eu avanço e volto para revisar e comparar com o que encontrei depois. Procuro dicionários e documentos *online* ou impressos que confirmem a primeira impressão do trecho em que estou trabalhando.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalismo, ritmo etc.?

Obviamente, como se viu, priorizo os significados, a coerência do texto, o surgimento da trama “linear e inter-relacionada”, como afirmou James Joyce em entrevista publicada. Com o ouvido de poeta, busco também o ritmo e a cadência, a riqueza das imagens e da linguagem, a estrutura original, inclusive a pontuação um tanto arbitrária que costuma caracterizar o autor irlandês, ainda que seja funcional para sua mensagem.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Pode citá-la e comentar sobre suas opções de tradução?

Na verdade, sinto que o texto INTEIRO é equilibrado, como em qualquer exercício narrativo, embora goste particularmente de um segmento na página 287 que parodia uma exortação latina:

—venid sin dilación, hombres pretéritos, mientras un pedacito de papiro imperial de segundo grado, relativo a los que nacerán después, se exhibe con mayor propiedad en la lengua romana de los muertos. Déjennos, sentados gozosamente sobre ollas de carne (Éxodo 16:3) y viendo de hecho el sitio de París de donde surgirá una gran progenie humana, volver en nuestras mentes a la sabiduría más antigua de ambos sacerdotes Giordano y Giambattista: al hecho de que todo en el río fluye de manera segura, con una clara corriente, y que esas cosas que habrían estado en la ribera

estarían después en el lecho; finalmente, que todo se reconoce a sí mismo a través de algo opuesto y que la corriente es abrazada por orillas rivales—

Por exemplo, neste caso excepcional, acrescentei no texto uma alusão bíblica que parece desmotivada, que contextualiza o que se refere ao acesso dos escravos à opulência de seus senhores: *y les decían los hijos de Israel: Ojalá hubiéramos muerto por mano de Jehová en la tierra de Egipto, cuando nos sentábamos a las ollas de carne, cuando comíamos pan hasta saciarnos; pues nos habéis sacado a este desierto para matar de hambre a toda esta multitud.*

Este é um exemplo de como as notas contribuem para que o texto foque nossa atenção em motivos novos que enriquecem o discurso original.

O pesquisador Patrick O'Neill elogiou a tradução de seu título em artigo publicado na revista *Qorpus*. Você pode explicar a escolha por *Estela de Finnegan*?

Como explicou o pesquisador, escolhi esse título perfeitamente aplicável ao primeiro capítulo porque é uma das traduções possíveis, que tem sido muito discutida, e que talvez seja a menos óbvia, por isso é também uma provocação. Mas, realmente, este trecho aborda a origem do romance com um personagem emblemático da primeira página, o pedreiro Tim Finnegan, que cai de um muro supostamente “morto”, personificando a divindade em todas as suas manifestações, principalmente Cristo, o próprio Deus se fez homem, e que será revelado por seu novo avatar, HCE, que no final de FW I.1 aparece entrando em Dublin pelo rio Liffey a bordo de um barco, o que gera um rastro que inclui a história, o presente e suas consequências futuras, previsíveis desde então, pois já são abordadas neste texto, que é cíclico, com diferentes eras se repetindo no tempo, segundo Giambattista Vico e outros autores.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução?

Não tenho nenhuma relação formal com teorias de tradução. Não abordei o texto a partir de qualquer preconceito, antes o enfrentei como leitor interessado e curioso, apelando para o que seu autor havia declarado sobre ele e com enorme respeito pelo fluxo de sua prosa. Não tive nenhum preconceito, mas indignação com o que havia sido construído em torno de FW durante décadas, rebaixando-o pela

flagrante incompetência de seus detratores, embora entre eles houvesse nomes de enorme estatura, como o do confuso Samuel Beckett, bem como de T.S. Eliot; as birras do nosso querido Borges (em castelhano) ou a incompreensão do gênio cubano Guillermo Cabrera Infante, um espírito de outra ilha prodigiosa aparentado com Joyce. Respeito o esforço de quem buscou uma abordagem leal e real do romance, como os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Dr. Ricardo Silva Santisteban e justamente Marcelo Zabaloy, que é apaixonado como poucos por textos complicados e exigentes para o leitor e para os tradutores.

Você acha que o *Wake* se encaixa em alguma teoria de tradução?

Não sei e, nesse caso, é um desafio para os próprios teóricos, e se não se enquadra em seus preconceitos, é problema deles, não de seu autor. Não é meu.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado um coautor do livro?

Não me considero coautor de Joyce, nem o faria por ego ou pedantismo, que nunca são demais nesta tarefa, mas o que ele diz não são imagens que surgem naturalmente do meu processo mental diário. A organização de ideias dele não é minha, embora eu tenha conseguido me juntar a elas, então DEFINITIVAMENTE o rótulo de tradutor parece suficiente para validar este trabalho; mas eu nem preciso, antes me considero um “leitor atento” que investiga e divulga suas descobertas. É por isso que chamo minhas contribuições de “Uma leitura anotada”. E estou satisfeito em ser o primeiro ou o segundo leitor (alheio ao seu criador) que COMPREENDE esta obra em essência, depois (talvez) de James Stephens, um amigo próximo de Joyce, a quem ele revelou seu método de composição e foi encarregado de continuar o romance caso Joyce morresse no processo. Ele seria seu coautor, já que os respectivos créditos apareceriam na capa como JJ & Stephens, emulando a marca de uísque *JJ & S, John Jameson and Son*.

Alguns tradutores do livro trocam referências do original por referências a elementos de seus países. Você concorda com este processo transcultural? Onde seu projeto está localizado neste contexto?

Nada me parece mais chocante do que ler isso, que é exatamente como García Tortosa apresenta suas lavadeiras no capítulo VIII, publicado pela editora Cátedra: como se fossem esfregonas sevilhanas. Além disso, tenho o aparato das notas para, se a referência original for importante, apontá-la no contexto. Jamais apresentaria a Virgem de Guadalupe (simbolicamente tão importante no México) ou figuras históricas de meu país que não se assemelham a nada, embora nas colônias sempre tenhamos nosso próprio Libertador. Por outro lado, Joyce apresenta os astecas por conta própria em FW, o vulcão Popocatepetl como uma representação de HCE em sua “encarnação” de montanha e alguns rios de meu país no capítulo “Anna Livia Plurabelle”.

Quais são as principais diferenças entre a sua tradução e as demais traduções para o espanhol, como a completa de Zabaloy, e as parciais, como as de Pozanco, Lago e Tortosa?

Respeito o trabalho de Zabaloy, que traz ao castelhano uma versão “integral” que um leitor médio captaria em sua língua original, o inglês, e ele o faz comprometido, sem pretensão e alegremente, no que diz respeito ao prazer em compreender algumas passagens e transcrevê-las com dignidade. A “coisa” do Pozanco foi um trabalho fragmentado, sem valor para mim. A de García Tortosa retrata plenamente a posição da academia, com um texto preliminar de 150 páginas onde o FW é contextualizado com solvência, o que é apreciado, mas como tradução é inteiramente indigesto. Eduardo Lago conseguiu dar a ALP um corpo pelo menos delineado, mas ele próprio se perdeu e saltou várias páginas, as quais teve que recuperar no final do seu projeto publicado no *blog* de Vila-Matas. Deste trabalho, ele também resgatou as introduções, mas faltando um terço de sua missão já havia perdido o impulso inicial e reclamava como se fosse um martírio insuportável. Destaco também as abordagens fragmentárias de Ricardo Silva Santisteban às obras joyceanas, especialmente ao FW. Existem duas outras versões argentinas bastante solventes, embora ainda ilegíveis enquanto texto literário coerente e agradável: a de Chitarroni e a de Lamborghini.

Considero que minhas versões dos quatro capítulos já concluídos são coerentes, agradáveis como literatura, que recuperam a alegria de Joyce ao escrever, como quando ele se trancava em seu quarto para rir, para espanto de Nora, sua

esposa. Identifico nelas a prosa e o estilo encontrados nas traduções do *Ulysses*, com os mesmos obstáculos atribuíveis ao estilo e às abordagens do seu autor, mas que são agradavelmente contornados, também pelo sentido de humor que (enfim!) pude transmitir claramente na minha língua materna, conforme as sugestões do autor. As notas abrem o panorama para surpreendentes universos de conhecimento que nos incitam a continuar investigando e apreendendo as diferentes “realidades” do homem ao longo do tempo, até tocar nos mais elevados conceitos de espiritualidade através do Alcorão, da Bíblia, da Cabala, de vários textos religiosos ou herméticos, e até mesmo a visão esotérica do poeta WB Yeats, que eu não conhecia.

Além dessas traduções, o que você tem a dizer sobre as realizadas para outras línguas?

Não as entendo ou aprecio como literatura. Mais divertidas são as glosas e “explicações” de vários especialistas, que também se perdem em um mato sem cachorro, inventando suas próprias narrativas sem um apoio fidedigno no texto, mas vejo-as como obras de ficção acadêmica puramente especulativa. Na verdade, há uma espinha dorsal da trama que é compartilhada, relativamente clara, cuja exposição dividida por capítulos não ultrapassa algumas páginas. No geral, são como “cachorro correndo atrás do próprio rabo”.

O que o tradutor de *Finnegans Wake* deve procurar para ter sucesso? Quais são as liberdades e limites deste trabalho?

O tradutor de FW deve buscar EXATAMENTE o mesmo que se busca em qualquer outro texto: entregá-lo de forma *íntegra* em seu idioma de destino, da melhor maneira possível para sua fruição, sem concessões. Tão legível e coerente quanto o texto permite que seja e mereça sua tradução para outro idioma. Se eu considerasse que o esforço não valia a pena, não o faria. Como vou traduzir o que eu mesmo não entendo ou não gosto? Se minha compreensão e interesse em fazê-lo são nulos ou parciais, não faz sentido nem aceitar o *slogan*.

Há liberdade absoluta para obter todas as ferramentas que contribuam para a tradução eficaz do texto: biografias do escritor e seus parentes (irmãos, pais, filhos, cônjuges), outras versões traduzidas de FW ou de outras obras do autor, livros de

história ou guias de leitura e do lugar onde se desenrola a trama, estudos críticos e resenhas. Conversas e consultas com especialistas. Se necessário, para ter empatia com o autor, até mesmo receber conselhos de um médium, antes mesmo de começar a fazê-lo, deixando lacunas na compreensão das palavras ou do objetivo da obra, o que também poderia levantar a questão da confusão como meta, como *Os Cantos* de Pound, experimentos narrativos surrealistas, dadaístas ou similares; certos tipos de poesia, monólogos interiores ou fluxos de consciência, narrativas do absurdo e assim por diante.

Não dar um passo no vazio sem vislumbrar a meta, algum motivo forte e a paixão para correr aquele risco que pode levar tanto a se encontrar quanto a se faltar. E saber parar no tempo, não trocar gato por lebre, como costuma acontecer com FW e outros textos complexos, que tendem a nos convocar e seduzir aos poucos, tanto para ler como para traduzir, se necessário.

Você pode falar sobre os jogos de palavras multilíngues do *Finnegans Wake* e como você trabalhou com eles em sua tradução?

Eu os abordei em partes. Primeiro, elucidar o significado no contexto; veja de onde vem e antecipe para onde a frase pode ir. Já com as chaves gráficas ou fonéticas (como soa?) tem-se uma base em inglês. Ouça em sua mente e repita em voz alta. Várias vezes. Em seguida, preste atenção às variações na grafia: o uso de uma letra intercalada ou ausente em uma palavra reconhecível (*commodius*) indica que há algo adicional ali. O aparecimento de um apóstrofo ou a mudança incomum na sintaxe de uma frase comum e coloquial também são pistas (*Eve and Adam's*) a serem levadas em consideração. Construções incomuns em palavras de portfólio que revelam significados adicionais (*riverrun*), conceitos polissêmicos (*back*) ou obscuros (*vicus*) que podem vir de diferentes idiomas, mas dialogam com certos significados pelo contexto no original (*recirculation*). O parágrafo divide uma palavra em dois ou mais significados implícitos. Uso aparentemente arbitrário de maiúsculas (*Environs*) ou minúsculas:

*riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to
Howth Castle and Environs.*

Muitas partes do livro escapam da forja da gramática normativa. Qual é a importância dessa agramaticalidade para a poética do livro e como você lidou com isso?

FW responde à sua própria gramática e, para compreendê-la, basta elucidar suas recaídas, e não as normas, que foram antecipadas principalmente em *Ulysses*. Não deve ser surpresa que a mesma palavra tenha dois significados e arranjos diferentes em frases semelhantes, separadas por várias linhas ou páginas, mas você deve sempre se apoiar no contexto: veja se é válido, ou mesmo se os significados opostos “se encaixam” (ou não) na coerência interna do discurso, pois também é frequente que uma frase seja reafirmada ou negada na seguinte. Ou nessa mesma construção gramatical. Dizer que alguém aparece em um baile de gala elegantemente vestido com seu traje de nascimento alude a estar nu, por exemplo. Para isso, foi necessário ensaiar, experimentar, descobrir e avançar no texto para reafirmar os truques não explícitos ou reincidências que mencionei anteriormente.

***Finnegans Wake* passou muitas décadas apenas com traduções parciais, mas hoje também existem várias traduções completas. O que você acha das constantes retraduições? O espaço para elas é ilimitado?**

É ilimitado enquanto não houver pelo menos um texto canônico e estabilizado para erguer com fundamento suficiente as construções de variações, interpretações e especulações acadêmicas. Analisamos *Dom Quixote*, que é um texto já fixado no tempo, que não requer o acréscimo de uma vírgula, e ainda podemos abordar teorias e criar especulações em torno dele. É a isso que meu trabalho aspira, a poder ser retraduzido sem (muitos) problemas para qualquer idioma; mas estou convencido de que foi isso que Joyce ofereceu aos leitores e que minha proposta tradutória está bem próxima do que ele mesmo compreendeu e apreciou ao compor e reler seu texto. Pelo menos, gosto disso como algo original, exuberante, extremamente lindo e inédito.

O que você tem a dizer aos teóricos que rotulam *Finnegans Wake* de intraduzível?

Finnegans Wake é a obra mais ambiciosa de um gênio literário do século XX, o qual é incomparável em sua plenitude criativa. O maior exemplo de seu talento. E devemos nos aproximar desta obra monumental que aspira integrar a história do mundo e da literatura em um único volume, cujos significados se desdobram profusamente, dando a impressão de ser o autêntico livro sem fim ao qual Borges aspirava.

3.3.3 Diálogo tradutório

Contrário a transculturações, JD Victoria propõe uma tradução hierarquizando a clareza enredística, a estabilidade semântica e a linearidade da leitura. Dialogamos com Victoria, principalmente, na valorização da oralidade, do ritmo e do humor. O hercúleo trabalho de pesquisa do tradutor mexicano, além de oferecer um texto mais acessível aos leitores, oferece um rico material explicativo por meio de inúmeras notas que, apenas no primeiro capítulo da tradução, passam de 1000. Tradutores que busquem uma tradução com foco em uma experiência frutiva menos nebulosa ao leitor também podem se servir dos métodos tradutórios de Victoria.

3.4 TAMAR GELASHVILI (GEÓRGIA)

3.4.1 Introdução

Tamar Gelashvili, tradutora georgiana¹⁰²



FONTE: Arquivo pessoal da tradutora (2024).

A pesquisadora Tamar Gelashvili, que integra o corpo docente da Universidade Estadual de Tbilisi, na Geórgia, foi a primeira a traduzir capítulos de *Finnegans Wake* para o georgiano. Nessa conversa, iniciada em julho de 2021 pelo Facebook e finalizada em agosto de 2022, ela fala sobre a sua experiência tradutória com o livro, o qual está vertendo integralmente ao seu idioma. Ao abordar o processo tradutório e editorial dos capítulos já publicados, Tamar problematiza as dificuldades

¹⁰² A versão em inglês da entrevista foi publicada pela revista *Qorpus*. Disponível em: <https://tinyurl.com/b9d5mw32>. Acesso em: 29 jan. 2025.

e soluções do tradutor no enfrentamento das peculiaridades do livro de Joyce e nas especificidades da língua da Geórgia.

3.4.2 Entrevista traduzida para o português

Tamar, você pode nos contar sobre você e sobre sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Nasci em um dos momentos mais difíceis da história moderna da Geórgia: a década de 1990. O colapso da União Soviética levou a inúmeras agitações civis e guerras em todos os países pós-soviéticos. Apesar da turbulência e de passar toda a minha infância cercada de tanques e tiros, e memórias da guerra civil, minha infância ainda foi uma das melhores épocas da Geórgia pós-soviética. Tendo acabado de conquistar a independência, as pessoas tinham a ilusão de que poderíamos realmente ser independentes e neutros como a Suíça (sem levar em conta a nossa localização geográfica e estarmos cercados por esses países) e construímos um grande país.

Venho de uma família que tem fortes laços com a literatura, meu tataravô Ioseb Kipshidze foi um dos fundadores da Universidade Estadual de Tbilisi. Meu bisavô – David Chkheidze – era um escritor famoso e chefe do Sindicato dos Escritores em Kutaisi, que foi capturado e executado durante os expurgos de 1937 junto com outras figuras importantes da cultura georgiana. Meu avô paterno era escritor e hoje é considerado um clássico georgiano, e meu pai é ensaísta e prosador documental. Meu tio-avô (irmão da minha avó) por parte de mãe – Revaz Chkheidze – foi um diretor de cinema mundialmente famoso, o qual se tornou o primeiro soviético a ganhar o prêmio Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes em 1957. Minha mãe é professora de inglês, a Chefe do Instituto de Línguas e Literatura da Europa Ocidental e Diretora do Centro de Estudos Shakespearianos na Geórgia. Assim, literatura, arte e cultura sempre fizeram parte de nossa família por gerações.

Eu estudei em uma escola alemã, onde aprendi não apenas a língua alemã, mas também a literatura e a cultura alemãs. Ademais, tive um professor particular de russo, que novamente me ensinou não só a língua, mas também a literatura. Por isso, desde os meus primeiros anos, a literatura fez parte da minha vida. Especialmente porque tínhamos uma enorme e grande biblioteca tanto em Tbilisi quanto em nossa

casa na montanha; e poder ler em quatro idiomas (georgiano, russo, inglês e alemão) me permitiu conhecer muitos escritores ao redor do mundo.

Os livros que mais me influenciaram foram ***Der Steppenwolf*** (O lobo da estepe) de Hermann Hesse, porque sempre me identifiquei com o personagem Harry Haller, e tive a sensação de ser uma daquelas pessoas que vivem no limite e, no entanto, não conseguem lidar com sua estupidez e incivilidade. ***Der Zauberberg*** (A montanha mágica) de Thomas Mann, com o desenvolvimento e crescimento espiritual do mediano Hans Castorp no início e Nafta, que detestava o Estado burguês e seu amor pela segurança. ***To the lighthouse*** (Ao farol) de Virginia Woolf, porque matar o personagem principal no meio do livro e depois conseguir continuar desenvolvendo o enredo foi um verdadeiro choque e com a Sra. Ramsey como personagem principal, sempre me identifiquei com Lily Briscoe, a pintora, rodeada de senhores Tansley sussurrando ao ouvido: “Mulheres não podem pintar, mulheres não podem escrever...”. ***As I lay Dying***, (Enquanto agonizo) de William Faulkner, com seus múltiplos narradores e capítulos das mais variadas dimensões, a história da morte de Addie Bundren e a busca e motivações de sua empobrecida família rural – nobres ou orgulhosos – para honrar o desejo da matriarca de ser enterrada em sua cidade natal, Jefferson, no Missisipi, é ao mesmo tempo um romance sombrio e bem-humorado. Addie, com seus pecados, erros e falhas sempre me lembrou que você tem que viver, não importa quantos céus tenham desabado e que “Para pessoas para as quais o pecado é apenas uma questão de palavras, a salvação também não passa de uma mera palavra”. ***The God of Small Things*** (O Deus das pequenas coisas) de Arundhati Roy, que mostra como coisas pequenas e aparentemente insignificantes moldam o comportamento das pessoas e suas vidas. Mas o que mais me inspirou como escritora foi que “Não importava se a história tivesse começado, pois Kathakali já havia descoberto há muito tempo que o segredo das Grandes Histórias é que elas não têm segredos. As Grandes Histórias são aquelas que você já ouviu e quer ouvir novamente. Aquelas nas quais você pode entrar em qualquer lugar e habitar confortavelmente. Elas não te enganam com emoções e finais enganosos”.

Na universidade, estudei Relações Internacionais e fiz meu bacharelado em Estudos de Segurança. Então passei no Mestrado em Estudos de Conflito e presumivelmente eu teria ido por esse caminho, se não tivesse recebido uma ligação do chefe do centro de idiomas da Universidade Estadual de Tbilisi, o professor Rusudan Dolidze, que me disse que havia uma vaga no Instituto Shota Rustaveli de

Literatura Georgiana, para realizar algumas traduções. Tendo alunos particulares em inglês e nenhum emprego oficial naquela época, me candidatei lá e foi assim que tudo começou. Abandonei minha pesquisa de Mestrado, pois naquele ano foi criado o primeiro programa independente de Mestrado em Literatura Inglesa e enxerguei uma oportunidade. Depois, mudei do Instituto de Literatura Georgiana para a Universidade Estadual de Tbilisi, traduzindo para suas publicações e conferências bilíngues.

Enfim, posso dizer que Deus trabalha de maneiras misteriosas e foi assim que acabei fazendo meu Doutorado em Literatura Inglesa.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que a levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Joyce e eu compartilhamos um aniversário e de mesmo que inconscientemente, ainda quando eu era pequena demais para ler ou entender Joyce, ele já fazia parte da minha vida. Durante o Mestrado, eu trabalhava na Faculdade de Humanidades realizando traduções para vários jornais, conferências e outros objetos acadêmicos. Eu não sabia o que iria fazer depois, até que o reitor da faculdade, o professor Darejan Tvaltvadze, propôs que eu realizasse meu Doutorado lá. Foi também ele escreveu uma carta de referência para a Trieste Summer School, o que me rendeu uma bolsa de estudos e possibilitou que eu fosse para Trieste em 2015. Como eu queria fazer algo impactante, do qual todo mundoalaria por anos, decidi fazer meu Doutorado em *Finnegans Wake*, o livro, que foi a única obra intocável em Estudos e Traduções Georgianas de Joyce. Foi assim que *Finnegans Wake* se tornou parte da minha vida.

Em sua rede social você se chama Anna Livia Plurabelle. Conte-nos um pouco sobre sua identificação com essa personagem de *Finnegans Wake*. Você também nomeou outros membros de sua família com os personagens do livro?

Anna Livia, o rio, o sempre em movimento e sempre em mudança sempre foi alguém com quem eu poderia me identificar. No início da minha infância, mesmo sem nenhum conhecimento de *Finnegans Wake*, sempre imaginei minha vida como a de Anna Livia: um marido idoso, filhos gêmeos e uma filha. Mas a vida não imitou a arte e me casei com um homem mais novo do que eu (a quem posso chamar de Shem, o

Historiador, porque ele é um historiador), e dei à luz duas meninas, mas ainda assim o caráter de constante mudança de Anna Livia Plurabelle é algo de que não posso fugir. Ela foi a personagem que mais gostei de pintar, nas cores azul e verde e nas curvas e movimentos.

Não nomeei outros membros da família com o nome de outros personagens, porque não os identifico nem com esse nem com aquele personagem. Sou apenas eu, sendo Anna Livia e meu marido, Shem, o Historiador.

Como foi seu primeiro contato com o *Finnegans Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo?

Na terceira prateleira da biblioteca de nossa casa, havia um livro preto com letras verdes, e toda a minha infância eu costumava ouvir minha mãe dizer que este era o único livro de Joyce com o qual ela não conseguia lidar. Ela também gostava de recontar a famosa história retratada na biografia de Joyce, escrita por Ellmann, de como uma ou duas vezes Joyce ditou trechos de *Finnegans Wake* para Beckett registrar, embora o ditado não funcionasse muito bem para ele; no meio de uma dessas sessões houve uma batida na porta que Beckett não pôde ouvir. Joyce disse, “Entre”, e Beckett escreveu essa palavra. Depois, ele leu o que havia escrito e Joyce disse: “O que é aquele ‘Entre’?” “Sim, você disse isso,” respondeu Beckett. Joyce pensou por um momento e depois concluiu: “Deixe para lá”. Ele estava bastante disposto a aceitar a coincidência como sua colaboradora. Essa história, verdadeira ou não, foi meu primeiro contato com o *Wake*.

As razões que me levaram a traduzir foram simples: quase todas as principais obras de Joyce foram traduzidas para o georgiano (exceto o seu último romance, *Finnegans Wake*); há inclusive duas traduções diferentes de *Dublinenses* e *Giacomo Joyce*, feitas em um intervalo de 40 anos. Assim, tendo lido e escrito minha tese de Doutorado sobre *Finnegans Wake*, considerei meu dever traduzi-lo; caso contrário, teria permanecido intocável por sabe-se lá quantos anos.

Em relação à tradução e ao processo de tradução: a sua tradução é total ou parcial? Quanto tempo levou? Se for parcial, você vai continuar?

Atualmente minha tradução é uma *Work in Progress*. O primeiro livro de *Finnegans Wake* foi publicado pela PrintGeo e atualmente estamos trabalhando na edição revisada do Livro I, que será lançado ainda este ano por Artanuji. No próximo ano, estou planejando continuar trabalhando no Livro II. O primeiro livro me levou duas gestações, ou seja, cerca de 18 meses. Eu tive dois filhos enquanto trabalhava no Livro I e minha mãe até brinca que se eu continuar traduzindo, terei mais três filhos antes que a tradução termine.

Você pode falar sobre o projeto editorial do livro? Foi você quem desenhou a capa e concebeu o projeto gráfico? Existem outras especificidades visuais? O texto em inglês acompanha a tradução? Você seguiu a paginação original? A edição tem textos críticos ou notas? Qual foi o número de exemplares impressos? Existe uma versão Kindle? Outras pessoas participaram? Você pode falar sobre a editora, editores e outros profissionais envolvidos?

Muito antes de começar a traduzir o *Wake*, comecei a ilustrá-lo. Sempre gostei de desenhar, desenhava durante as aulas, em livros, cadernos, paredes, mesas, ou qualquer coisa que tivesse à mão, e desenhar sempre me ajudava a manter o foco e, portanto, ilustrar o livro me ajudava de várias maneiras: era um bom passatempo, bem como me auxiliou na compreensão do livro. Assim, a capa foi de minha autoria. Também fui contra comentários no final do livro, pois acho que não é prático e conveniente ler o livro e pular de um lado para o outro. Enquanto eu buscava uma solução, meu marido trouxe para casa um livro recém-publicado de um historiador de história medieval, que tinham notas laterais e, a partir desse exemplo, minha mãe sugeriu que eu fizesse o mesmo com o *Finnegans Wake* e foi o que aconteceu. Coloquei pequenos comentários ou dicas nas laterais e a continuação deles ou as explicações mais longas foram transferidas para o final, o que foi ótimo, porque todos que leram o livro sempre enfatizaram o lado visual e disseram o quão úteis foram as notas laterais.

A tradução não vem acompanhada do original em inglês, mas quem sabe um dia seja feita uma edição bilíngue. A tradução não segue a paginação original: essa era uma tarefa impossível, por causa da língua georgiana, notadamente da complexidade e flexibilidade do **verbo georgiano**, que pode incluir nele tantas coisas, de tal modo que o que precisa de cinco ou seis palavras em inglês, pode ser dito em

uma única palavra em georgiano. Assim, seguir a paginação original significaria que o texto georgiano ficaria estranho e incomum. Mas se um dia houver uma edição bilíngue, seguirei a paginação original e isso também mostraria a diferença de idiomas. Imprimimos 100 exemplares e distribuímos em um círculo muito estreito. A Editora Artanuji planeja agora imprimir 500 exemplares. Infelizmente, não há uma versão *Kindle* da tradução. Outras pessoas que participaram da tradução, indiretamente, mas ainda assim tiveram grande influência, foram meus alunos. Havia sempre pessoas ansiosas e interessadas em ouvir algo sobre o livro ou sobre minha tradução, para saber como ela estava progredindo. Essas pessoas sempre foram uma grande motivação para mim. Quando nos dias escuros e sombrios eu pensava comigo mesmo: “Ok, levando em conta que os georgianos são apenas três milhões, quantos vão ler Joyce? Vale a pena o problema?” meus alunos e seus olhos brilhantes querendo saber mais sobre *Finnegans Wake* foram um lembrete de que eu não estava fazendo algo em vão e que sempre haveria alguém, mesmo que uma única pessoa, para quem isso mudaria o mundo.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Como Fritz Senn sabiamente disse “As traduções devem ser admiradas, não confiáveis” e essas palavras sempre me inspiraram e estiveram em minha mente durante a tradução. Acredito que não existam métodos de tradução ou instrumentos de pesquisa quando se trata de um texto como *Finnegans Wake*. Você só precisa seguir o fluxo e reformulá-lo de acordo com o idioma de destino. Se você pensar demais ou exagerar, perderá seu charme e fluidez. Como ressaltou Fritz Senn: “Na verdade, como sempre digo, tive uma grande desvantagem: nunca fiz um curso sobre Joyce. E eu tinha uma grande vantagem: nunca fiz um curso sobre Joyce”, e isso de alguma forma se aplica a mim também. Tendo feito meu bacharelado em Relações Internacionais e depois passado para Estudos de Transformação e Conflitos no Cáucaso Sul no Mestrado, Joyce acabou entrando na minha vida de forma espontânea e, ao lê-lo, não me sobrecarreguei com muitos artigos/livros acadêmicos dizendo o que estava por trás desta ou daquela palavra ou frase. De alguma forma eu mesma me direcionei. Pesquisas e estudos vieram depois, mas novamente de acordo com os meus interesses. Assim, eu também não estava ciente de métodos tradutórios

e, no entanto, quando você está trabalhando com um texto como *Finnegans Wake*, nenhum método pode ser aplicado.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Como o próprio Joyce disse: “Você não é irlandês, então o significado de algumas passagens talvez lhe escape. Mas você é católico, então reconhecerá esta ou aquela alusão. Você não joga críquete; esta palavra pode não significar nada para você. Mas você é um músico, então se sentirá à vontade nesta passagem. Quando meus amigos irlandeses vêm me visitar em Paris, não são as sutilezas filosóficas do livro que os divertem, mas minhas lembranças da cartola de O’Connell.” Assim, nunca destaquei nenhum elemento. Sempre tentei tornar o texto mais acessível para o leitor georgiano e, com isso, agregar valor à língua e cultura georgianas também.

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que você percorre no *Finnegans Wake* em sua tradução?

Do ponto de vista do tradutor, presumivelmente, um dos maiores obstáculos técnicos são os vários tipos de jogos de palavras: brincar com uma palavra em múltiplos sentidos; com palavras de sentidos diferentes e formas semelhantes; com os trocadilhos multilíngues; com a ligeira mudança nos provérbios e outras frases fixas; características prosódicas envolvendo metro, rima, aliteração, assonância e similares. Algumas dessas dificuldades são exemplificadas em um artigo que escrevi. Assim, para começar desde o início do Capítulo 7, que à primeira vista parece uma frase relativamente simples e compreensível, em comparação com muitas outras bem mais complexas que temos que enfrentar ao trabalhar com o *Book of the Dark* de Joyce:

Shem is as short for Shemus as Jem is joky for Jacob.

Apesar de quatro das doze palavras serem nomes, traduzi-las para o georgiano cria uma série de dificuldades: em primeiro lugar, a aliteração que está no original. A primeira parte “Shem is as short for Shemus” pode ser processada inalterada porque

“short” em georgiano é (შემოკლებით), encaixando perfeitamente com “Shem” e “Shemus” e criando uma sensação de aliteração “*Shemi shemoklebit igive shemusia*” (შემი შემოკლებით იგივე შემუსია). No entanto, a tradução georgiana não traz a noção de “shame” (vergonha), que é inferível no texto original. A segunda parte da frase torna-se bastante complicada porque “joky” é “xumrobit” (ხუმრობით) em georgiano e o equivalente georgiano de “Jacob” é “Iakobi” (იაკობი). Assim, surge a questão de deixar “Jacob” como está ou na versão georgiana, e mesmo se deixarmos “Jacob” intocado, é difícil saber o que fazer com “joky” cujo equivalente georgiano apaga o sentido aliterativo do original. Assim, depois de várias tentativas (e noites sem dormir) outra palavra me veio à cabeça para “joky”, mesmo que não seja exatamente a mesma coisa, mas ainda dá ao leitor a essência de “joke” (brincadeira), mas um pouco mais no sentido de “clownish” (palhaçada). Esta palavra é *jambazi* (coringa/palhaço). Portanto, a frase na última versão da minha tradução soa assim:

შემი შემოკლებით იგივე შემუსია, როგორც ჯემია ჯამბაზურად ჯეიკობი.

(*shemi shemoklebit igive shemusia, rogorc jemia jambazurad jeikobi*)

Como se pode notar na frase acima, a escrita georgiana não faz distinção entre maiúsculas e minúsculas. No entanto, algumas fontes georgianas incluem maiúsculas, que são apenas versões maiores das letras, e alguns escritores modernos experimentaram usar as obsoletas letras *Asomtavruli* como maiúsculas. Assim, ao traduzir esta passagem de *Finnegans Wake*, a decisão de mudar a fonte veio instantaneamente à mente:

“Feel his lambs! Ex! Feel how sheap! Exex! His liver too is great value, a spatiality! Exexex! COMMUNICATED.]” (FW 172:8-10)

აძოენ კრავნი ჩემნი! ეპეი! დამწყსენ ცხოვარნი ჩემნი! ეპეპეი!
მისი ღვიძლი დიდად ფასობს, როგორი განსასივრცელია!
ეპეპეპეპეი! განკვეთილია.

Embora o alfabeto atual seja *Mkhedruli*, várias pessoas estão familiarizadas com as letras *Asomtavruli*. Outra razão pela qual a mudança na fonte pode ser

justificada é que a passagem é uma alusão a João 21:15-17: “Apascenta meus cordeiros... Apascenta minhas ovelhas” e como a língua georgiana não permitiria transferir todos os “possíveis” significados que Joyce quis dizer, haja vista que o “jogo de palavras” em georgiano não teria funcionado corretamente neste caso, pois “ovelha” é (ცხვარი) e barato – *iapi* (იაფი), então decidi usar “Alimente meus cordeiros... Alimente minhas ovelhas” como aparece na tradução georgiana da Bíblia. Outra dificuldade faz com que o prefixo “ex-” seja mencionado várias vezes, o qual é duplicado e triplicado após sua primeira aparição. O “ex-” está preparando o leitor para a última palavra da passagem “communicated” (comunicado), dando-lhe uma conotação negativa, mas em georgiano “excommunicate” (excomungado) é *gankvetilia* (განკვეთილია) e escrever “gan”, “gangan”, “gangangan” não faria absolutamente nenhum sentido, por isso usei “ehei” (ეჰეი), uma exclamação usada pelos pastores, que combina bem com a alusão de “alimentar os cordeiros e ovelhas”. E usando as letras *Asomtavruli* no final da passagem é mantido o sentido geral de antiguidade que prevalece na tradução.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma?

Por não ter formação filológica, não tenho nenhum tipo de relação com as teorias da tradução. Elas simplesmente não existem para mim. Nunca me foram ensinadas e sempre pensei que a tradução é um tipo de arte e ofício. É algo que você pode fazer ou não. É por isso que nunca tive qualquer tipo de interesse pelas teorias da tradução. Eu sei como fazer o trabalho, e isso é o que mais importa.

Alguma teoria de tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Como Fritz Senn colocou em uma de suas entrevistas: “De alguma forma estranha, acho que [*Finnegans Wake*] é mais fácil de traduzir porque os tipos tradicionais de... critérios não se aplicam. É inútil dizer ‘mas há um significado que você não entendeu’. Isso é óbvio, há muitos significados que você não entendeu.” Portanto, não acho que alguma teoria de tradução possa ser aplicável ao *Wake*. É um livro além de todo tipo de lógica ou regras. Quando eu era pequena, eu frequentava

uma escola de pintura e meu professor me dizia o tempo todo “Você não pode colocar o lápis dessa maneira”, “Você não pode combinar cores e gráficos”, “Não coloque a mão na pintura ou vai estragar” e muitas outras regras, e eu nunca fui boa em desenhar, até que um dia mandei todas as regras para o inferno e comecei a pintar do jeito que eu queria. Eu tenho a mesma sensação sobre Joyce e o *Wake*. É como se Joyce sempre tivesse ouvido as regras para escrever romances e um dia ele simplesmente descartou todas essas regras e escreveu o *Wake*. Portanto, nenhuma teoria pode ser aplicável ao *Wake*.

Você considera que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Como Fritz Senn sugeriu: “As traduções devem ser admiradas, não confiáveis”, o que significa que todo e qualquer texto literário é uma mera interpretação do tradutor. Ele enfatiza a mesma ideia em *Transmutation in Disgress*, sugerindo que “a tradução é inevitavelmente baseada na interpretação preliminar: é preciso determinar de antemão o que uma passagem ‘significa’ mesmo que o ‘significado’ nunca possa ser definido. A questão então se torna – qual das múltiplas interpretações será priorizada?”. Assim, cada nova tradução é, de certa forma, uma nova abordagem do texto. Portanto, a tarefa do tradutor não é apenas converter palavras de um idioma para outro, mas ao mesmo tempo transmitir o significado por trás de cada palavra, o que se torna bastante complicado na tradução de *Finnegans Wake* e, principalmente, ao traduzi-lo para o idioma georgiano.

A ideia sobre a importância da interpretação pode ser traçada no livro de Finn Fordham, *Lots of Fun at Finnegans Wake* (Oxford University Press, 2007), onde Fordham argumenta que “*Finnegans Wake*, segundo Fritz Senn, é o que fazemos com ele. Mas também é o que ele faz conosco. Produzimos um *Wake* pela forma como o dirigimos, mas também somos guiados pelo *Wake* que produzimos”.

Embora seja discutível se o tradutor deve interpretar ou apenas traduzir as frases de uma língua para outra, vem à mente Salman Rushdie e sua obra *Pátrias imaginárias*, onde Rushdie sugere que “A palavra ‘tradução’ vem, etimologicamente, do latim para ‘atravessando’. Tendo atravessado o mundo, somos homens transladados. Normalmente se supõe que algo sempre se perde na tradução; eu me agarro, obstinadamente, à noção de que algo também pode ser ganho.”

Assim, o tradutor torna-se de alguma forma o coautor do *Wake*. Você perde alguma coisa, mas ao mesmo tempo a língua, a cultura e a literatura de chegada ganham muito com isso.

Você pode falar sobre as características inerentes à língua georgiana e como foi o encontro entre a língua wakeana e a georgiana?

Traduzir a “*édition de ténèbres*” de Joyce para o georgiano é uma tarefa bastante difícil e complicada. Vamos dar uma olhada em vários exemplos: uma frase “dentro dos padrões” na página 485 diz: “*Are we speechin d’anglas landadge or are you sprakin sea Djoytsch?*” (FW 485:12-13). Mesmo com um conhecimento básico de francês e alemão, o leitor pode entender o que Joyce está insinuando e, assim, ao traduzir em francês ou alemão, é possível manter o jogo de palavras. No entanto, esse jogo de palavras se perde em georgiano, por mais criativo e inventivo que o tradutor seja. Em georgiano “speechin/sprakin” é *saubi/laparaki* (საუბარი, ლაპარაკი), “d’anglas” *inglisuri* (ინგლისური), “landadge” (terra, idioma) *mitsa/ena* (მიწა, ენა), “Djoytsch” *germanuli* (გერმანული). O que é “sea” por um lado é “Sea” e por outro se refere à palavra alemã “Sie”. Para mostrar outro exemplo, na palavra “grandsumer” (FW 152:21), “sumer” pode ser entendido tanto como “sumérios” quanto como “verão”, enquanto no sumério georgiano é *shumeri* (შუმერი) e verão *zapkhuli* (ზაფხული), e, portanto, a tarefa dos tradutores é encontrar uma solução tradutória adequada – ou seja, inventar uma nova palavra que se encaixe na língua georgiana. Estes são apenas dois exemplos, ao passo que *Finnegans Wake* está cheio dessas palavras, criando um verdadeiro pesadelo para o tradutor georgiano.

O fato é que a língua georgiana pertence às línguas *kartvelianas*, que não pertencem à família indo-europeia. A família linguística *kartveliana* consiste em quatro línguas intimamente relacionadas – georgiano, svan, megreliano (falado principalmente no noroeste da Geórgia) e laz (falado principalmente ao longo da costa do Mar Negro da Turquia, de Melyat, Rize, indo até a fronteira da Geórgia) –, que formam um dialeto *continuum*. Assim, não é de admirar que a gramática georgiana seja notavelmente diferente das gramáticas das demais línguas europeias e possua muitas características distintas, como uma ergatividade dividida e um sistema de

concordância verbal polipessoal, o que faz da tradução de *Finnegans Wake* um nebuloso labirinto de “*Catchecatche and couchamed!*” (FW 502:28).

O que torna a tradução linguisticamente difícil para o georgiano são os seguintes tópicos:

1. A gramática georgiana é notavelmente diferente das gramáticas das demais línguas europeias, tendo muitas características distintas, como uma ergatividade dividida e um sistema de concordância verbal polipessoal;

2. A escrita georgiana não faz distinção entre maiúsculas e minúsculas;

3. No caso dos pronomes pessoais *he/she/it*, em georgiano tem-se apenas um equivalente – *is* (ის), sem especificar o gênero, sendo que o mesmo acontece no caso dos pronomes possessivos, em que *his/her/its* equivalem a *misi* (მისი).

Todos os tópicos mencionados acima desempenham um papel importante em *Finnegans Wake* e é preciso ser bastante criativo para encontrar uma saída nesse labirinto. Os vários exemplos a seguir em inglês e georgiano ilustram melhor os problemas mencionados acima:

1. He lifts the lifewand and the dumb speak (FW 195:5)

ბიჭი ხელში იღებს სიცოცხლის კვერთხს და მუნჯი ლაპარაკს იწყებს.

O georgiano é incapaz de especificar o gênero, então em vez de “he” (ele) eu tive que escrever “lad” (rapaz), para que o leitor georgiano percebesse que é um “he” (ele) que “lifts the lifewand” (levanta a varinhadavida).

2. The Mookse and The Gripes. (FW 152:15)

ამბავი მელიისა და ყურძნის შესახებ.

მელია კუდაგრძელია სივრცეში დაკარგულია, თითქოს რომ ქვად ნაქცევია, ალბოელი ნიკოლაუსი პაპანდრიად მოჰდა ვატიკანში, ლათინურად ქადაგებს, ქადაგებს და ღაღადებს, უინდემ ლუისი მარჯვნიდან აშკარად მისი მტერია და ყურძენუშკა დროში გაბნეული, ხეზე მიბნეული, ერეტიკული აზრებით, ბერძნულად რაღაც ბჟუტურობს, დუბლიდან გარბის, მარცნიდან თუ შეხედავ ჯიმი არის მარდი.

A clássica fábula de Esopo “A Raposa e as Uvas” é recontada no capítulo VI de *Finnegans Wake*, mas tanto a raposa quanto as uvas são carregadas de alusões: a) *Mookse*: raposa, espaço, pedra, batina de bispo, latim/romano, margem direita, Papa Adriano IV, Londres, surdo, papa; Moscou, rato; b) *Gripes* – pegada, aperto, apreensão, segurar rápido + agarrões – beliscões e dores espasmódicas nos intestinos + cólicas estomacais espasmódicas, constipação e diarreia, possivelmente o resultado de tensão nervosa, foram a maldição de Hitler desde a infância e ficaram mais graves à medida que ele envelhecia + uvas, tempo, árvore, lenço, grego/russo, margem esquerda, Barbarossa, Dublin, cego, herege.

A tradução georgiana não se poderia simplesmente colocar *Melia da Kurdzeni* (მელია და ყურძენი) e, portanto, ela precisava ser acompanhada de um pequeno parágrafo transmitindo todo o significado pretendido por Joyce.

3. all **her** rillringlets shaking, rocks drops in **her** tachie, tramtokens in **her** hair, all waived to a point and then all inuendation.... (FW 194:30-32)

მდინარესავით დატალღული თმები აეწეწა, ჩანთა მხარზე ჩამოუკონწიალებია, აბრეშუმის ძაფები ჩაუმაგრებია თმებში, ყველა ერთ წერტილშია შეერთებული და შემდეგ იშლება....

Joyce usa extensivamente a repetição de “her” nesta frase, termo que omiti na tradução, visto que a descrição de “curled lock or tress of hair” já dá ao leitor a sensação de que o autor está falando de uma mulher e isso não precisa ser destacado (pelo menos quando não se pode compensar “her”, é melhor não complicar a frase).

4. Shyr **she's** nearly as bad**her** as **him herself**” (FW 198:9)

რა თქმა უნდა ისიც ისეთივე ცუდია, როგორც ეს თავის თავად

Esta frase foi muito mais difícil de traduzir do que o exemplo anterior, porque é baseada principalmente nos pronomes *she* (feminino), *her* (feminino), *him* (masculino) e *her* (feminino), os quais não podem ser meramente transpostos ao georgiano, assim minha escolha neste caso foi traduzir o conteúdo da frase e o que Joyce quis dizer (ou presumivelmente aquilo que eu acho que Joyce quis dizer).

Você tentou trazer a cultura georgiana em sua tradução? Pode dar exemplos?

Em uma palestra realizada na Universidade de Cornell, em 4 de março de 1983, sobre “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, Paul de Man argumentou que “A tradução não pertence à vida do original, o original já está morto, mas a tradução pertence à vida após a morte do original, assumindo e confirmando assim a morte do original [...] a tradução também revela a morte do original”. A ideia de “morte do original” à primeira vista parece bastante plausível, porque às vezes as traduções são incapazes de transmitir o estilo ou a profundidade da obra original, mas ao mesmo tempo uma boa tradução se torna “uma vida após a morte” do original, enriquecendo a cultura do país tradutor. Vakhtang Chelidze, crítico literário e tradutor georgiano, em seu artigo “*About Translation*” argumenta que “a obra traduzida se torna um pouco ‘propriedade’ da língua-alvo, porque se torna uma parte inseparável de sua literatura”. A mesma ideia é explorada por Walter Benjamin, para quem a tarefa do tradutor consistia em “encontrar a intenção em relação à língua para a qual a obra deve ser traduzida, a partir da qual um eco do original pode ser despertado”.

Assim, minha resposta é SIM. Tentei trazer a cultura georgiana para a minha tradução, porque isso tornaria o texto mais acessível para os leitores georgianos. Minha tarefa como tradutora não era apenas escrever um novo capítulo na história da tradução de Joyce, mas também aprimorar a língua, a cultura e a literatura georgianas. Além disso, ao traduzir *Finnegans Wake*, o tradutor não deve ter como objetivo transmitir todos os significados possíveis que Joyce possa ter pretendido, mas interpretar o texto de forma que se torne compreensível para os leitores na língua-alvo. Como o próprio Joyce destacou “Não se deve prestar atenção especial às alusões a nomes de lugares, eventos históricos, acontecimentos literários e personalidades, mas deixar que o fenômeno linguístico afete a pessoa como tal”.

Por exemplo, inseri alguns dialetos georgianos, aforismos, trechos de poemas, romances ou contos de escritores georgianos. É discutível, se eu tinha o direito ou não, mas tenho certeza de que o próprio Joyce teria gostado de todo “jogo de mundo” (*world-play*) que se encaixasse naturalmente e não criasse uma sensação de artificialidade.

Você tem uma parte favorita do trabalho?

É uma pergunta bastante difícil. Eu diria o Capítulo VIII, pela sua musicalidade e fluidez. Outra razão pela qual eu amo esta parte é por causa das ilustrações que fiz para este capítulo. Além disso, foi o primeiro capítulo que traduzi e imprimi como um livro separado.

Como foi a recepção da sua tradução pelo grande público e pela academia?

Inacreditavelmente boa. Durante todo o processo de trabalho, eu costumava fazer leituras públicas de vários trechos em que vinha trabalhando. Lembro-me que na primeira vez que anunciei tal leitura, eu estava bastante cética e minha mãe até brincou que só haveria nós três lá: você, eu e a tradução. Mas, para nossa surpresa, muitas pessoas apareceram: estudantes de várias faculdades, professores, escritores, tradutores e até clérigos. Eles ouviram, tiveram reações absolutamente sinceras e adequadas, e foi quando eu pensei que estava fazendo algo certo, quando pessoas “normais” de repente começaram a entender *Finnegans Wake* em georgiano. Fiz muitas dessas leituras depois e todas sempre foram recebidas com muito interesse. É claro que nem todos eram favoráveis a mim ou à minha tradução, alguns críticos e figuras literárias “estabelecidas” foram contra “uma jovem” traduzindo *Finnegans Wake* e, inclusive, tive duros debates com eles, mas ao longo de todo o processo de tradução houve muito mais apoiadores e incentivadores do que homenzinhos ciumentos, raivosos e mesquinhos.

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só de *Finnegans Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (*Bloomsday*, incentivos, etc.)?

Todas as obras de Joyce foram traduzidas para o georgiano, algumas até duas vezes (*Dublinenses*, *Giacomo Joyce*). Há um Grupo de leitura de Joyce na Universidade Estadual de Kutaisi sob a supervisão do professor Eliso Pantskahava e um Grupo de Leitura Joyceano na Universidade de Tbilisi sob minha supervisão. Existe uma Associação Georgiana James Joyce, presidida pelo Professor Irakli Tskhvediani.

Realizamos as celebrações do *Bloomsday* há mais de 5 anos e esperamos continuar no futuro.

Existem outras traduções do *Finnegans Wake* (trechos, capítulos etc.) para o georgiano? Existem projetos? Quais livros de Joyce são traduzidos?

Não há outras traduções do *Wake*, mas pretendo continuar traduzindo.

Agora podemos dizer com orgulho que quase todas as obras de Joyce foram traduzidas para o georgiano, algumas até duas vezes (*Dublinenses*, *Giacomo Joyce*) e *Finnegans Wake* é uma *Work in Progress*, a qual espero continuar assim que conseguir um financiamento ou uma bolsa de estudos.

Você conhece as traduções do *Finnegans Wake* para outros idiomas? Quais e o que você acha delas?

Sim. Em primeiro lugar, Fritz Senn tem a maioria delas na Fundação James Joyce de Zurique e é sempre um prazer ver traduções em vários idiomas, mesmo que você não entenda a língua, acho muito importante.

A minha favorita é a tradução italiana de *Finnegans Wake* de Enrico Terrinoni, que encontrei muitas vezes em Roma e com quem tive a oportunidade de conversar sobre Joyce, tradução e outros assuntos.

Também gosto muito da Dirce Waltrick do Amarante, li muitos artigos dela sobre Joyce e traduções. Apesar de não conhecer a língua, sempre tive a sensação de que a tradução dela é muito agradável de se ler.

A tradução turca de *Finnegans Wake* também parece bastante interessante, no sentido de que há muitas referências ou alusões à Turquia, o que de certa forma facilitaria um pouco a tarefa do tradutor turco.

Estou realmente interessada na tradução chinesa de *Finnegans Wake*, em que o tradutor, para recriar alguns dos sons do romance, foi obrigado a criar novos caracteres chineses – um arco notável para ultrapassar, considerando que o chinês já tem dezenas de milhares de caracteres.

Pessoalmente, acho que todas essas traduções e o interesse pelo *Finnegans Wake* ao redor do mundo mostram que todas as pessoas e nações podem encontrar algo com o que se identificar no livro.

Além disso, como disse Dirce Waltrick Do Amarante “A tradução sempre faz emergir algo novo do texto e traz à tona aspectos da interpretação, pois não podemos traduzir sem interpretar. Traduzir *Finnegans Wake* significa trabalhar com interpretações. Escolhendo uma interpretação e fazendo-a emergir, muitas vezes acabamos obscurecendo outras. A tradução também faz o texto emergir como uma miragem, porque o texto original está e não está lá”.

Qual a sua opinião sobre a tradução do próprio *Finnegans Wake*, que por muito tempo foi considerada pela crítica como intraduzível?

George Steiner fala em *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* sobre a “pluralidade das línguas” e sugere que a língua: “incorpora um afastamento do uníssono e da aceitação – o homofônico gregoriano – para o fascínio polifônico e divergente da especificidade múltipla. Cada língua oferece sua própria negação do determinismo. O mundo diz, pode ser outro. Ambiguidade, polissemia, opacidade, violação de sequências gramaticais e lógicas, incompreensões recíprocas, capacidade de mentir – não são patologias da linguagem, mas as raízes de seu gênio” (STEINER, 1988, p. 234). Essa pluralidade de idiomas torna a tradução de *Finnegans Wake* ao mesmo tempo uma tarefa bastante difícil e complicada. A noção de que *Finnegans Wake* é “intraduzível” tornou-se uma espécie de clichê nos estudos de Joyce. Umberto Eco chegou a afirmar que *Finnegans Wake* é “inútil de traduzir” porque, por virtude (ou vício) de seu multilinguismo, já está traduzido. No entanto, *Finnegans Wake* foi traduzido para vários idiomas.

Tradutores de Joyce em geral e, em particular, de *Finnegans Wake* precisam lutar contra duas tendências no processo de tradução:

a) a tendência de homogeneizar o texto de partida, especialmente quando a língua de chegada está presente como uma linguagem incorporada no texto de partida (GRUTMAN, 1988, p. 160);

b) a tendência a corrigir “erros” no texto fonte.

Como observa Fritz Senn, “falhas aparentes são eliminadas nas traduções; arranjos tornam-se mais ordenados. [...] Erros estão propensos a serem corrigidos inertemente” (SENN, 2010, p. 537). Portanto, podemos argumentar que corrigir é homogeneizar.

Depois de dar vida a HCE e ALP na Geórgia, quais serão seus próximos passos no caos joyceano?

Atualmente, solicitei uma bolsa na Fundação Nacional de Ciência Shota Rustaveli intitulada Discurso Político na Literatura Modernista e Pós-Modernista Irlandesa (James Joyce, Flann O'Brien, Frank McGuinness), e, se conseguir, poderei realizar uma pesquisa sobre o tema, ir a vários centros de pesquisa e publicar uma monografia. Então, vamos ver o que o futuro reserva.

3.4.3 Diálogo tradutório

Por meio da entrevista com Tamar Ra, *Finnegans Ressuchistam* dialogou com um simpático *Finnegans Wake* georgiano, que também utiliza dialetos locais para recriar o multilinguismo; valoriza o multiculturalismo aplicando mestiçagem cultural; procura não perder a multiplicidade, o trocadilho e a oralidade. Ademais, enxerga um papel criativo no ato tradutório e vê a tradução como uma forma de enriquecer – e ser enriquecida pela – a cultura local.

3.5 KRZYSZTOF BARTNICKI (POLÔNIA)

3.5.1 Introdução

Bartnicki, o maquinistradutor polonês de *Finneganów tren*



FONTE: WIKIPEDIA. **Krzysztof Bartnicki (tłumacz)**.
Disponível em: <https://tinyurl.com/2p8ja3ee>. Acesso em: 17 out. 2024.

O polonês Krzysztof Bartnicki possui várias facetas: é escritor, compositor, tradutor etc. Além de realizar um doutorado sobre *Finnegans Wake*, ele traduziu o livro várias vezes e para diferentes suportes. Primeiro, em 2012, veio *Finneganów tren*, a tradução literária do texto integral. No mesmo ano, publicou a tradução musical *Da Capo al Finne*, a qual foi sucedida em 2014 por um novo *Wake* musical, *Finnegans Ake*. Depois, em 2015, em coautoria com Marcin Szmandra, publicou *Finnegans Meet*, uma tradução verbovisual de *Finnegans Wake*.

Na entrevista realizada em 2024 por e-mail, Bartnicki fala sobre as suas traduções e defende diversas teses sobre *Finnegans Wake*. Optamos por manter os *links* que o tradutor colocou na entrevista para preservar o seu caráter hipertextual.

3.5.2 Entrevista traduzida para o português

Krzysztof Bartnicki, você pode nos falar de você e sobre a sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Você encontra alguma informação básica [aqui](#) e mais [aqui](#).

Na academia, eu era o receptor – isto é, um estudante – nunca um funcionário:

- 1989-1995, Polônia: MA (estudos de inglês),
- 1995-1996, Polônia: escola de pós-graduação (banco e finanças)
- 2015-2021, Alemanha: Doutorado.
- Em 2022, passei nos exames de nível A (incluindo língua russa, nível bilíngue).

Posso estar entre as poucas pessoas que fizeram os exames de nível A depois de obterem o doutorado. :D

Eu costumava ler muito quando jovem, mas duvido que qualquer título desses anos tenha sido formativo. Hoje em dia, como estou desempregado, suponho que conseguirei encontrar tempo para acompanhar os vários clássicos que devo ter perdido durante os anos que passei em *Finnegans Wake*. Leio sempre que posso, embora opte pela não-ficção e não pela ficção. Além disso, pode parecer que escrevo literatura com mais frequência do que a *leio*.

Meus últimos textos são:

- Romance [MYŚLIWICE, MYŚLIWICE](#), premiado como a melhor Prosa Polonesa de 2021.
- Em 2022, eu escrevi [GARUTKO SOBOTNIEJ ROPY](#), uma reescritura rap, hardcore e punk da poesia de [Jan Kochanowski](#), um poeta polonês do século XVI. [Spotify aqui](#), se você se interessar. Aliás, encontra-se Sepultura (#199) [nesta lista – mais – detalhada](#).
- Em dezembro de 2023, eu apresentei [SAD ZAPIETY](#), uma antologia de tradução (de diversas línguas, autores do século XIII ao XX, poesia e prosa).

Há mais um texto que gostaria de ver publicado: Uma **ficção policial, em que é o leitor quem finalmente se revela como o assassino**. Não creio que alguém tenha inventado como escrever algo assim, e acho uma ótima ideia. Depois desse texto, vou esperar (e possivelmente aproveitar) que a IA assuma o controle do reino da literatura.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Sem epifanias aqui. Nem mesmo livre-arbítrio. A leitura do texto de Joyce era exigida de um estudante de filologia inglesa (o que eu era na década de 1990).

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Então, quando eu era um aluno, nossa turma foi obrigada a ler um título de Joyce. Mas não havia livros suficientes para todos na nossa biblioteca. Recém-chegado à biblioteca, não encontrei nenhum texto de Joyce – exceto um exemplar de *Finnegans Wake*. Então eu o peguei, tentei ler um pouco e entrei em desespero porque aparentemente não conseguia entender inglês.

Finneganów tren

Você pode falar sobre o projeto de tradução desde o seu início?

Eu costumo dizer que eu levei 10 anos para traduzir FW para o polonês.

Foram cerca de 4-5 anos se traduzirmos o tempo de trabalho para o regime “8 horas por dia, 6 dias por semana sem parar”.

Mas também pode ser mais de 10 anos – se incluirmos os anos em que eu ainda não estava traduzindo, mas estava me preparando, lendo muita literatura externa sobre FW.

A tradução foi concluída em 2010, se bem me lembro, mas teve que esperar até que James Joyce entrasse em domínio público (o que aconteceu em 2012).

Em algum momento do processo, apareceu uma editora interessada em meu trabalho. Mas eu não sabia que seria assim. Comecei meu trabalho sem me perguntar se alguém iria lê-lo e muito menos se iria publicá-lo. (Sim, fui imprudente.)

O design visual não foi minha responsabilidade e não é muito do meu agrado, mas também não estou desesperado com isso.

Foi publicado em volume único, em 2012. Contrato de dez anos com a editora. Não estou pensando em republicá-lo.

Está acompanhado do texto original? A sua tradução é anotada? Você tem algum suporte crítico?

Não, não é uma tradução confrontada com o original, apenas a minha polonização.

Depois de *Finneganów tren*, minha editora lançou dois outros títulos:

- [Finneganów bdyn](#): que é uma coleção de variantes tradutórias;
- [Fu wojny](#) [Português: um [Fu](#) de guerra]: uma coleção de antigos tratados chineses sobre a arte da tradução, que traduzi para o polonês e acrescentei muitos, muitos exemplos de minhas decisões tradutórias. Começa com uma declaração pós-Clausewitz: “A tradução é a continuação da guerra com outros meios”. Um trabalho e tanto do qual eu me orgulho muito. Veja mais [aqui](#).

Em relação ao encontro das línguas de *Wake* com a língua polonesa, quais são as especificidades de cada língua e quais os maiores problemas encontrados e as soluções que lhes foram dadas? Você pode dar um exemplo, por favor?

Ah, eu tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima). Certamente, não poderia resumir aqui.

Você pode explicar a tradução do título para *Finneganów tren*?

Sim, eu posso. Mas em vez de fazer isso, enviarei alguns PDFs em inglês sobre meu trabalho. Para saber o título, consulte Patrick O’Neill (2022).

Você comparou outras traduções? Você acha que esse processo é válido?

Eu costumava ter algumas traduções em minha coleção (ainda tenho, só que com muitas novas), mas isso foi de pouca ou nenhuma ajuda. Gostei e certamente me beneficiei das trocas com Robbert-Jan Henkes e Erik Bindervoet, os holandesizadores do FW (que conheci na Polônia num Bloomsday há muito tempo). Penso também com carinho nos tradutores italianos que também tive o privilégio de conhecer: Fabio Pedone e Enrico Terrinoni (através das boas agências de Edoardo Camurri). Correspondi-me um pouco com Andrey Rene (que traduziu FW para o

russo) e com Hervé Michel (que fez o mesmo, para o francês – mas com mais autenticidade e entusiasmo do que o velho Lavergne (se o meu domínio aniquilado do francês se atrever a avaliá-lo).

Em teoria, mais úteis para um tradutor polonês seriam traduções para (outras) línguas eslavas – mas estas (traduções) são/eram muito escassas, difíceis de obter e/ou com fragmentos do texto em vez de tudo integralmente. Li atentamente meus antecessores poloneses: **Maciej Słomczyński** (que traduziu mais de uma dúzia de páginas do FW) e **Tomasz Mirkowicz** (que traduziu os 6 parágrafos iniciais). Não muito, você vê.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Novamente, tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que atravessam o *Wake* na sua tradução?

Novamente, tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Novamente, tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Intencionalmente, não inclui assemia. Mas muitas pessoas me diriam que o maldito texto é desprovido de qualquer significado e completamente ilegível.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Desculpa, de novo: tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

Você já trabalhou com transculturação? Se sim, em que nível? Você pode trazer exemplos? O que você acha das propostas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Desculpa, de novo: tenho um livro inteiro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

Como traduzir a música encapsulada nas palavras do livro?

Mas por que presumir que *Finnegans Wake* é um “livro”? Por que não uma partitura musical? Se FW é pura música, não é necessário traduzir em música.

Como manter o universo onírico e nonsense da obra?

Não concordo com a ideia de FW ser uma apresentação/representação literária de uma realidade onírica. Ou se for, é bastante mal executado. Para mais detalhes ver [minha tese de doutorado online](#): seção 2.5.2.

Quanto ao absurdo em FW, ver a mesma tese de doutorado, seção 1.6.1 – mas também em outras partes. (Afirmo que o idioma do FW não é o inglês. Acho que é um idioma desconhecido, que perdeu seu único usuário competente em Joyce, em 1941. Como não conhecemos esse idioma desconhecido, não poderíamos realmente dizer se existe *algum absurdo* nessa língua.)

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Quanto mais próximo do texto (nível de palavras isoladas, às vezes letras, morfemas etc.), melhor. Minha tradução poderia ter sido muito mais fácil para o olho leitor e concluída em menos tempo se eu tivesse decidido focar no nível das frases, por exemplo.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma delas? Por quê?

Acho que fui o autor de uma linha de pensamento que poderia ser chamada de uma espécie de teoria da tradução. Ou uma postura? De qualquer forma. Baseia-se no pressuposto de que o autor do texto original não é necessariamente um amigo do tradutor, nem o tradutor precisa ser um embaixador do original, uma alma gêmea benevolente, etc. *Tradução é uma guerra*, um pega pra capar. Mas há um livro sobre isso (**Fu wojny**, veja acima).

Você acha que alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Sim. Mas isso realmente não importa. O principal problema com a tradução de FW não é que seu tradutor careça de teorias, mas que falte a ele/ela (gravemente) tempo e força de vontade, especialmente antecipando que todo o trabalho é fútil (no sentido de que muitas pessoas não darão a mínima, muito menos uma análise).

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

A crítica é, na minha opinião, um epitexto (termo de Genette) ao que Joyce escreveu. Acho que o epitexto é (tornou-se) o *texto principal* do FW. Ou seja, à medida que se lê textos *sobre* FW, e não o texto do FW *em si* – a crítica conseguiu substituir o texto propriamente dito.

- Além disso, não creio que o *Finnegans Wake* exista (em vez disso, existem muitos *Finnegans Wakes* [plural] diferentes; entre eles, nenhuma versão privilegiada ou padrão).
- E mesmo que pudéssemos concordar que o texto publicado em 1939 é *Finnegans Wake*, digo que não é de James Joyce.
- E mesmo que seja de Joyce, *não* está em inglês.

[Estas são as três preocupações mais importantes discutidas no meu doutorado.]

Você acha que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

FW não é diferente de **nenhum** outro livro. Um tradutor sueco de Haroldo de Campos seria coautor? Um tradutor húngaro de Paulo Coelho seria coautor? Se você disser “sim”, então o tradutor da obra de Joyce não é diferente. Se “não”, então não.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Você pode comentar o motivo e citá-lo?

Sim, as páginas 1-2 e 217-218 e 400-402 e 591-592 (na verdade eram as mais fáceis). Mais o final na página 628 (“Paris/1922-1939”). Veja bem, se você fizer a contagem corretamente, verá que, *em primeiro lugar*, a narração de FW não é circular (como muitas vezes se afirma) e, em segundo lugar, nenhuma edição de FW tem 628 páginas (apesar de muitas afirmações de que tem 628 páginas).

Eu demonstrei isso em meu doutorado, seção 1.3.1.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Entusiasmado por um mês ou cinco. Geralmente focado mais em mim – do que no texto. Um tanto superficial, se me permite julgar. Eventualmente diminuindo para um punhado de trabalhos acadêmicos ocasionais. (Como seria de esperar.)

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só do *Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (Bloomsday, incentivos etc.) em seu país?

Eu não moro em uma cidade – muito menos em uma cidade acadêmica – então não saberia realmente. Participei de alguns Bloomsdays faz algum tempo no milênio anterior. Vi mais entusiasmo em alguns outros países – mas também conheço países ainda menos atenciosos do que a Polônia. (*Suspeito que parte desse entusiasmo de Joyce no Ocidente, incluindo o Bloomsday, seja mais um interesse de marketing / mercantil do que um interesse genuíno pela literatura. Não é de todo surpreendente, mas ainda assim me faz responsável/em resposta*).

Você conhece traduções do *Wake* para outras línguas? Quais e o que você acha deles?

A tradução mais impressionante (quantitativamente) de FW é aquela para o inglês. Acho que não conseguiria fazer muita coisa sem ela. 'A tradução inglesa de FW' eu chamo a totalidade de todos os livros, trabalhos acadêmicos, artigos, entradas de blog, etc., sobre FW.

Qual é a sua opinião sobre a tradução do próprio *Finnegans Wake*, que durante muito tempo foi considerada intraduzível pela crítica?

A minha posição inicial é: ou todos os textos do mundo são intraduzíveis ou todos os textos do mundo são traduzíveis. Novamente, não há nada muito único no FW. (Ou talvez exista? veja meu doutorado, páginas 10-14).

Da Capo al Finne

Você pode falar sobre a tradução musical *Da Capo al Finne* (concepção, projeto, execução, tempo gasto, é uma tradução completa, tem apoio crítico, editora, data de publicação etc.)?

Por favor veja os arquivos em anexo (especialmente Kearns, e então O'Neill, menos Czarnecki porque ele comete erros). Também veja [este artigo](#) [arquivado] [aqui](#) [desarquivado]: tem um exemplo de como o texto do FW se transforma em música *par excellence*.

Você pode explicar o título *Da Capo al Finne*?

É o termo musical "da capo al fine", mas com uma letra adicional "n" para torná-lo mais parecido com *Finnegansy*.

Você acha que o texto original pode ser uma partitura musical, uma espécie de musiscritura?

Claro. A questão seguinte, no entanto, seria: por que alguém procura uma "musicritura" em *Finnegans Wake*, mas não com tanta frequência nos chamados livros típicos?

Quais parâmetros você usou para descriptografar a música das palavras?

Transformei o texto do FW em um bloco de ca. 400.000 letras [AaBbCcDdEeFfGgHh] que podem representar 8 notas musicais relevantes. Eu escrevi um algoritmo que ajuda meu editor de texto a procurar sequências/sequências de letras em todo o bloco, que – quando transformadas em uma peça musical – *se assemelhariam a uma melodia já existente*.

Um dos meus exemplos favoritos é como eu transformaria sequências de letras de FW em música semelhante a *Star Wars* de John Williams. Isto levanta uma questão interessante: quem é o autor de tais remakes? É John Williams? É James Joyce? Ou sou eu?

Gostaria de mencionar aqui que representantes da Disney (que possuem os direitos autorais da franquia *Star Wars* com sua música) me abordaram uma vez, exigindo que eu removesse o material de *Star Wars* da minha página privada do Soundcloud. Eu respondi que *não* é material de *Star Wars*, pois é material de *FW*. Eles não ficaram muito convencidos. Foi divertido. Foi também uma pena que eventualmente não me tenham levado ao tribunal – o que prometeria um debate muito interessante sobre a categoria de **autoria** (para não mencionar que proporcionaria alguma publicidade bem-vinda).

Os exemplos de **Star Wars estão aqui**.

Você pode trazer exemplos da tradução e explicá-los, por favor?

Se o exemplo de *Star Wars* acima não for suficiente, [veja este vídeo](#) [a música vem do meu retrabalho em FW junto com *Da Capo al Finne*].

É possível musicalizar na tradução elementos como o plurilinguismo, o multiculturalismo, a palavra-valise, o trocadilho, o ciclo viconiano, o sonho etc.?

É sim. De modo geral, muitas coisas são possíveis! [Desculpe, sou tão conciso, mas esta é realmente uma pergunta que implora por um livro].

Você conhece outras traduções musicais? Que abordagens musicais podem ser feitas em traduções futuras?

Sim eu faço. Eu mesmo tenho outra tradução musical publicada: *Finnegans ake*. (Sem o “W”). [Aqui está a capa](#). Veja Kearns e O’Neill para mais detalhes.

Sua tradução já foi musicada por outros compositores?

Sim.

Como o leitor participa dessa tradução?

Do jeito que eles quiserem.

Como você avalia os resultados alcançados?

Fiz as pessoas pensarem? Sorrirem? Ambos? Se sim, isso é ótimo.

O pessoal [daqui, por exemplo](#), gostou do espetáculo (apresentei uma composição de notas de 1941 do FW transformadas em algo que tenta se assemelhar a [esta](#) peça) [parte das comemorações oficiais do Ano [Lutosławski](#) 2013].

Finnegans Meet

Você pode falar sobre a tradução visual do *Finnegans Meet* (concepção, design, execução, tempo gasto, parceria, é uma tradução completa, tem suporte crítico, editora, data de publicação etc.)?

FM foi preparado por uma dupla: [Marcin Szmandra](#), um grande artista responsável pelos gráficos, e eu, responsável pela concepção de toda a obra e páginas individuais. Fisicamente, a obra existe em dois protótipos (um para Marcin, outro para mim).

Você pode explicar e demonstrar o formato Rolodex, que faz da sua tradução visual uma instalação artística? Como esta proposta se relaciona com o receptor/intérprete?

O rolodex – que é uma exibição rotativa de cartões de visita (hoje obsoletos, é claro) – reforça a ideia de uma leitura não linear (e possivelmente aleatória). Também reforça o conceito de que a narração em FW é circular – rotativa (mas note, por favor, que me oponho a que este conceito de ‘narração circular’ seja real [explicações: **meu doutorado, secção 2.5.2.**]).

A tradução do rolodex foi em parte uma homenagem ou um agradecimento aos artistas visuais do mundo interessados em FW. (Penso que, em geral, há mais músicos e artistas gráficos interessados em FW do que leitores de FW como literatura. O que é uma observação reveladora: se um texto não é o que o autor declara, mas o que o público diz que é, então FW não é literatura – não antes de ser música ou arte).

Por último e de menor importância, continuando com o rolodex, pensei que seria **a única pessoa no universo a traduzir *Finnegans Wake* mais de duas vezes**. Não me pergunte por que eu queria isso. Aconteceu.

Você pode explicar o título *Finnegans Meet*?

Eu estava procurando um título que aludisse a *Finnegans Wake*. Além disso, “reunião” é o que os cartões de visita permitem (ou costumavam permitir). Ademais, como “meet” parece quase “meat” (carne) [e o próprio Joyce menciona “turkey meet” em FW], pode-se dizer que FM tenta se tornar o texto em carne – um objeto em vez de uma ideia, pelo menos mais do que uma narrativa literária.

Assim como há música criptografada no original, podemos falar de uma visualidade encapsulada?

Ah, naturalmente. O ditado “uma imagem vale mais que 1000 palavras” não é à toa!

Quais parâmetros você usou para descriptografar a visualidade das palavras?

Página por página, tentei encontrar no texto do FW, um motivo importante para cada página, de preferência com alguma indicação de linha de endereço, número de residência etc.

Você pode trazer exemplos da tradução e explicá-los, por favor?

Eu não acho que posso. Não sem mostrar fisicamente o rolodex para você.

É possível na tradução visual transpor elementos como o plurilinguismo, o multiculturalismo, a palavra-valise, o trocadilho, o ciclo viconiano, o sonho etc.?

Novamente, sim. [Mas a pergunta que sempre me faço é: para quê? Como em: qual é o propósito de lermos *FW*? De nós lendo *qualquer coisa*?]

Como o leitor participa dessa tradução?

Novamente, da maneira que quiser.

Você conhece outras traduções visuais, como a brasileira de Sérgio Medeiros? Que abordagens visuais podem ser feitas em traduções futuras?

Acho que li sobre o trabalho do Medeiros em algum lugar. (De qualquer forma, tenho meus alertas do Google configurados para qualquer nova informação sobre FW). Mas, se não me engano, este é um trabalho bastante recente, não? Nesse caso, posso não saber muitos detalhes. Sou um tanto indiferente ao FW desde que concluí minha aventura no FW com meu doutorado.

Mas eu tenho uma extensa coleção de tudo que pude encontrar na internet, sobre FW, toneladas de coisas de artistas visuais, artistas sonoros, cinema e assim por diante. São cerca de 40-50 GB de dados, sem mencionar as coisas na minha sala fora do computador. (Novamente, se você quiser assistir este vídeo – você verá as fotos dos itens da minha coleção doméstica.)

Como você avalia os resultados alcançados?

As pessoas estariam interessadas em FM?

Muitas vezes sim. A tradução rolodex de FW (ou uma “tradução verbovisual”, como eu a chamo) foi exibida em vários locais de prestígio. Por exemplo, tive a honra de apresentar FM (junto com *Da Capo al Finne*) na [Galeria Zachęta](#). Além disso, no [Festival Internacional Conrad](#). Grande coisa!

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

Não, apenas mais dos antigos.

- [Este filme](#), por exemplo, é um trabalho maravilhoso, na minha humilde opinião (com o meu texto polonês em uso).
- [Este material em CD /Bandcamp](#): fui o organizador e líder do projeto. Além disso, uma das peças ali é minha.
- Eu também fiz [audiobooking](#).
- Derek Pyle, me convidou para [compilar isto](#), e fiquei feliz que pude ajudar.

Há muito mais e há muito mais. Demais e demais para um cara (que quer permanecer um tanto são), se você me perguntar.

Algumas pessoas sérias na Polônia dizem que minha própria literatura se inspira muito em Joyce, mas acho que eles são simplesmente cruéis ;)

Obrigado por suas perguntas!

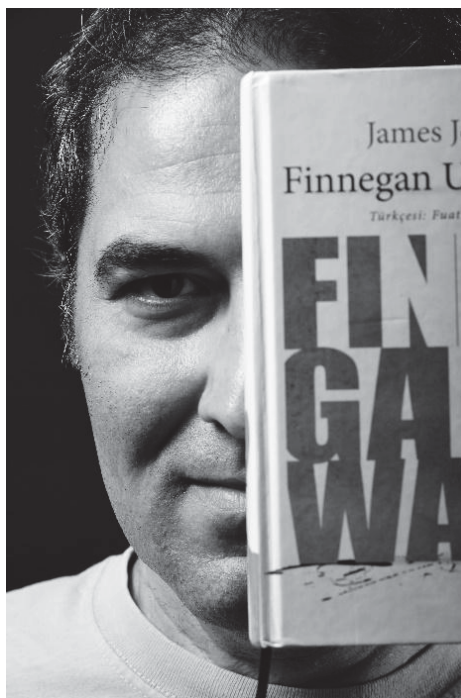
3.5.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam pega uma carona do *Finneganów tren* de Bartnicki em vários pontos, como no SIM à musicalidade encapsulada – inclusive na partituração da escrita –; no SIM à visualidade encapsulada; no SIM à inexistência de um único *Finnegans Wake* e, portanto, no SIM a *Finnegans Wakes* múltiplos; no SIM à coconstrução crítica do livro; no SIM à pluralidade leitora. Bartnicki é uma locomotiva de ideias e pretendemos manter o diálogo com ele para discussões e projetos futuros.

3.6 FUAT SEVIMAY (TURQUIA)

3.6.1 Introdução

Fuat Sevimay, tradutor turco¹⁰³



FONTE: arquivo pessoal do tradutor Fuat Sevimay (2024).

Fuat Sevimay traduziu *Finnegans Wake* na íntegra para o idioma turco sob o título *Finnegan Uyanması*. A hercúlea tarefa foi iniciada em 2012 e finalizada em 2016, quando foi publicada pela editora Sel Yayıncılık em uma edição de capa dura com 663 páginas. Ademais, a premiada versão turca do plurivetorial macrotexto de Joyce é acompanhada de um guia de leitura.

A tradução do último livro de Joyce coroou um percurso tradutório que contemplou quase toda a obra do irlandês, desde a poesia até o teatro e a prosa. Sevimay, que além de tradutor é autor de vários contos e romances, antes de adentrar nas questões relativas a *Finnegans Wake*, fala sobre o seu percurso na literatura. Favorecido pela aglutinatividade e sonoridade (duas das principais características do

¹⁰³ A entrevista foi publicada em inglês e em português na Revista Letras. Disponível em: <https://tinyurl.com/3n98zhvt>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Finnegans Wake) da língua turca, Sevimay fala sobre o processo tradutório, comentando estratégias e elementos valorizados em sua tradução, como os neologismos, a musicalidade, a multiculturalidade, o onirismo etc. A entrevista, feita em inglês, foi realizada por e-mail entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2024.

3.6.2 Entrevista traduzida para o português

Fuat Sevimay, você pode nos falar sobre si (infância, escola, educação, trabalho, relação com a universidade etc.) e sobre a sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce (primeiras leituras, livros que mais o influenciaram etc.)?

Falar sobre mim pode ser mais difícil do que traduzir *Finnegans Wake*. Deixe-me tentar. Nasci 90 anos depois do Sr. Joyce, em 1972. Na infância não ouvi ninguém chamado Joyce, por isso era um cara feliz. No ensino médio, algumas páginas de *Retrato* tomaram lugar em nossa aula de inglês, então a catástrofe começou. Estudei administração de empresas na universidade e graças a isso deveria ter trabalhado em algumas empresas financeiras, mas nunca gostei de coisas monetárias, de forma que decidi trabalhar em diversos setores como automotivo, logística, lubrificantes. Pessoas que conheci, coisas que observei durante toda aquela vida empresarial foram muito proveitosas para mim depois, quer dizer, quando comecei a escrever e traduzir.

Antes da tradução, escrevi meus próprios romances e contos. Eles foram traduzidos para mais de dez idiomas e receberam alguns prêmios importantes na Turquia e no exterior.

E como leitor, além de Joyce, sou um grande fã de Marquez, Fuentes e Orhan Pamuk. Eu poderia chamar “Terra Nostra” e “Livro Negro” como os meus favoritos e os que mais me influenciam.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Como eu disse, o *Retrato* fazia parte da nossa aula de inglês no ensino médio. Naquela época, lembro que nossa professora havia contado que o escritor do livro era um irlandês chamado James Joyce e ele havia escrito outro romance chamado

Ulisses que é tão difícil de ler e outra coisa que ela não conseguia lembrar o título (FW) que nem é legível.

Então, eu não prestei muita atenção nisso uma vez que era adolescente, provavelmente estava pensando totalmente e só em meninas ou em futebol. Porém, mais tarde, quando cresci e me tornei um bom leitor, lembrei-me daquela conversa e comecei a pensar, como é que um livro não pode ser compreendido ou mesmo não lido.

Ainda gosto de meninas/mulheres, mas não gosto mais de futebol. Em vez disso, assisto vôlei. No entanto, li, compreendi e traduzi com alegria todo o volume de Joyce e isso é muito melhor do que qualquer outra coisa na vida. Ah! Não. Velejar pode ser melhor do que ler Joyce.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

O primeiro livro que traduzi de Joyce foi *Escritos Ocasionais e Críticos*, que não tinha sido traduzido para o turco. Depois traduzi *Retrato*. Nós o tínhamos em turco, mas não gostei da tradução anterior. Por outro lado, meu primeiro contato com FW foi basicamente para ler ou tentar ler com a ajuda de diversos guias e anotações. Mas sendo um tradutor, me peguei pensando nos duplos sentidos, em palavras que combinam, em fazer algumas preferências para a tradução. Depois falei sobre minha tentativa (não poderia chamá-la ainda de tradução) com dois amigos meus da academia. Eles me encorajaram dizendo que minha percepção e alcance eram muito bons e me disseram para continuar.

Então, pensei muito mais no processo. Pedi demissão do meu trabalho naquela época. E me adotei totalmente para a tradução.

Depois traduzi *Ulisses*, *Música de Câmara*, *Dublinenses*, então cumpri todo o volume.

Você pode falar sobre o projeto de tradução desde o seu início?

Começou no final de 2012 e foi concluído no final de 2016. Fui convidado para o Trinity College em Dublin por 5 meses durante a tradução pela Literature Ireland e foi muito proveitoso para o processo. Perto do final da minha tosca tradução,

começamos a trabalhar com meu editor Bülent Dogan e sua contribuição para a tradução foi muito importante. Desde então foram publicados mais de 5.000 exemplares. Este ano meu primeiro contrato expirará com a nova editora; FW em turco com sorte terá um novo começo.

Para a primeira publicação, priorizei ser fiel ao número de páginas e à tipografia semelhante do texto fonte, principalmente nos capítulos em que temos a Balada de Persse O Reilly ou onde as crianças fazem a lição de casa e assim por diante.

Está acompanhado do texto original? A sua tradução é anotada? Você tem algum suporte crítico?

Não. Temos apenas a tradução em turco e um guia de 50 páginas dentro do texto. Porém, no prólogo, tentei lembrar ao leitor que o FW é algo totalmente diferente de todas as coisas que eles leram e contar-lhes o objetivo de James Joyce, usando o subconsciente da história junto com a família de HCE.

Finalmente, a partir de um epílogo, temos guia de aproximadamente 50 páginas, nas quais primeiro menciono o que está acontecendo em geral no FW, como personagens, eventos, cenários e assim por diante, e depois uma nota explicativa para cada capítulo. Muitos leitores me disseram isso, este guia foi muito útil. Dentro do texto eles estão totalmente com seus próprios sentimentos e compreensão. E com o guia eles têm o significado se quiserem.

Em relação ao encontro das línguas de *Wake* com a língua turca, quais são as especificidades de cada língua e quais os maiores problemas encontrados e as soluções que lhes foram dadas? Você pode dar um exemplo, por favor?

Cada idioma tem suas especificações fortes e fracas e um tradutor deve estar ciente delas. O turco é uma língua aglutinativa, o que é uma vantagem para a tradução, em comparação com outras línguas europeias. Porque você pode criar muitas palavras novas em turco, pois essas palavras podem renascer dentro de si mesmas. Isso foi extremamente útil na tradução de um texto divertido como FW. Outro ponto foi a fonética do turco. Temos consoantes em turco, de forma que a língua tem sua musicalidade própria. Quando se trata de um escritor como Joyce, que está muito concentrado no som do livro, é uma grande vantagem.

Por outro lado, a sintaxe e o vocabulário do turco não são semelhantes aos do inglês ou de outras línguas europeias. Assim, você tem que ter mais cuidado com isso e encontrar suas soluções pessoais. Deixe-me dar um exemplo;

“Kaç gün’ahçıkartan, kaç baş’tançıkartanı günaha buğuladı kim bilir!”

Agora, dentro desta frase turca que você normalmente não entende (o original dela está na segunda página do FW; “*What bidimetoloves sinduced by what tegotetabsolvers*”), podemos ler “párocos, incências e confissão” ou “prostitutas, suor, pecados e potes de carne” assim como a frase original. Não há necessidade de explicar cada palavra uma por uma; vamos dar uma olhada naquele “Kaç”. Em turco, isso pode significar *quanto* ou *fugir*. Então você (ou talvez o HCE) pode contar quantas prostitutas/párocos existem ou pode fugir deles. Depende da sua preferência.

Uma última coisa; concentre-se nas vogais da frase turca. Você notará principalmente a-a-a-a’s. Isso é algo sobre fonética.

Você pode explicar a tradução do título para *Finnegan Uyanması*?

Como você sabe, em inglês o último “s” de Finnegans refere-se ao plural ou ao singular + sufixo possessivo. No entanto, em turco, um sobrenome singular pode soar tanto no plural quanto no singular e também pode se referir ao apóstrofo invisível. Assim, apenas dizer Finnegan foi o suficiente.

Já com “*Wake*” minha preferência “*Uyanma*” refere-se a acordar. No entanto, se você ler como uy’anma, torna-se algo como “Ah! Comemoração” ou “Ah! O funeral”.

A última coisa em “*Wake*” é o rastro do navio sobre o mar, como as memórias deixadas para trás. Infelizmente, não consegui encontrar algo que correspondesse a este último.

Quando FW é traduzido para alguns outros idiomas europeus, coisas como *Wegh* em alemão, *Sveglia* em italiano podem facilmente corresponder a *Wake*. No entanto, o turco é uma língua Ural-Altaica e o nosso vocabulário não é semelhante. Assim, começando pelo título, poderia ser mais difícil.

Você comparou outras traduções? Você acha que esse processo é válido?

Minha tradução é a única em turco. Em turco, temos outro teste de tradução para FW, mas não é algo confiável e a editora acabou de publicar metade dela e desistiu da minha. Infelizmente foi uma tentativa; ninguém conseguia ler e entender o FW, então até então eles poderiam ganhar algum dinheiro. Então, não pude comparar com o turco.

Quando se trata de outros idiomas, tenho uma coleção de traduções de FW, mas só conheço italiano além do inglês, então só pude comparar minha tradução com ela. Porém, a tradução do meu querido amigo italiano Enrico Terroni veio depois da minha. Então, foi só uma comparação para respeitar e ver como o FW soava em italiano.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Quando se trata de oralidade em FW, temos uma profunda tradição encomiástica em turco. Então, tentei refletir isso o máximo que pude. Quanto ao neologismo, como já contei, a forma aglutinativa do turco foi uma grande vantagem para isso e eu criei tantas palavras novas com combinações, duplo sentido ou ambos.

A literalidade é um aspecto importante para a tradução em geral e especificamente para o FW. Quando se fala em criação de novas palavras ou estrutura geral do FW, alguns leitores pensam que dentro da tradução temos comentários ou iniciativas próprios. Não! Nunca. Eu nunca poderia mudar nenhum significado dado por Joyce.

E do ritmo, eu acredito fortemente que um dos principais objetivos de Joyce era dar o ritmo da humanidade na história. Você pode sentir isso no FW quando o lê em voz alta. Então, manter esse ritmo foi um dos meus objetivos mais importantes.

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que atravessam o *Wake* na sua tradução?

Acho que os motivos ou aquelas palavras-valise são extremamente importantes para o FW e a função deles não é ser apenas trocadilhos. Eles criam uma teia de

palavras dentro de todo o romance que reúne diferentes páginas na mente dos leitores e eu nunca poderia perder uma porque, a repetição delas em páginas diferentes, na verdade combina os casos e sentimentos dentro dessas páginas. É como se algo acontecendo no século V a. C. afetasse outro evento no século X e ambos têm um efeito em nossa vida contemporânea.

Assim, prestei muita atenção para não perder nenhum deles.

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Na verdade, a única especialidade à qual não prestei muita atenção durante a tradução do FW foi o plurilinguismo. Para ser mais preciso, até evitei. Porque, depois de todos os outros aspectos como duplo sentido, fonética, motivos e assim por diante, tentar usar outras línguas criaria uma cacofonia. Dentro do idioma de origem você tem uma palavra em inglês com trocadilhos joyceanos e que na verdade também se refere a algo em húngaro, digamos, e quando você descobre algo para esse duplo sentido e além disso tenta manter também o húngaro, é quase algo impossível e não significaria nada para o leitor. Porém, no meu diretório, sempre lembrei que aquele parágrafo ou parte se relacionava com o húngaro.

E apenas mantive o plurilinguismo em algumas partes específicas. Por exemplo; em relação às conhecidas palavras de trovão de cem letras do FW, onde na verdade lemos “trovão” de diferentes línguas, usei trovões da geografia turca, como curdo, grego, armênio, persa, eslavo, árabe e assim por diante.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Bem, este é um grande ponto para discutir. Quando lembramos que a psicanálise, as palavras subliminares da noite, o escopo freudiano e junguiano por baixo dos acontecimentos, quero dizer quando pensamos em todos aqueles que têm um efeito nas vidas pessoal (HCE, ALP e crianças), nacional (Irlanda) e histórica (mundo e humanidade), FW tem algo novo a dizer sobre a literatura. Isso pode ser; esqueça o idioma e sua gramática, vamos criar um novo. Assim, esta discussão pode levar a Lacan, Derrida e assim por diante.

Na Turquia, em simpósios ou sessões, sempre digo que Joyce subiu ao cume do Everest por *Ulisses* e depois criou seu próprio cume por FW. Isso não pode ser explicado pela geografia ou pela literatura que conhecemos e com as quais estamos familiarizados. Portanto, ser assêmico ou agramatical não era com o objetivo de negligenciá-los. Em vez disso, como eram as palavras conscientes para a nossa vida diária, Joyce teve que derrubá-las. Acho que essa percepção poderia ser muito adequada para o FW.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Mais uma vez, os motivos e *Leitmotive* são muito importantes dentro do FW, uma vez que se referem a diferentes culturas que se inter-relacionam. Assim, quando se trata de tradução, não temos chance de perder um trocadilho ou palavra Joyceana criada que de fato tenha relação com outro ambiente cultural no próximo parágrafo ou cem páginas depois.

Você já trabalhou com transculturação? Se sim, em que nível? Você pode trazer exemplos? O que você acha das propostas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Em geral, ser um tradutor está mais relacionado a ser um intelectual do que saber inglês (ou qualquer idioma de onde você traduz). Pessoalmente, ser um escritor, ser um bom leitor, gostar muito de história, arqueologia, filosofia, antropologia etc. me ajudou muito durante a tradução. Você tem que saber quem é Parnell e porque Joyce se refere tanto a ele, mais que o Google. E é preciso ficar atento que Genesis, Genghis e Guinness podem ter algo relacionado dentro do FW.

Havia um parágrafo que eu estava tentando traduzir (não me lembro da página agora), e coisas estavam acontecendo perto do rio Liffey, em Dublin. Mas senti que havia algo mais e descobri que as mesmas frases tinham uma grande referência aos Dardanelos, passando por Aquiles, Tróia, Galípoli, Leandros e assim por diante. Assim, quando você traduz o FW, você traduz literalmente muitas coisas e culturas, não apenas um livro.

Como manter o universo onírico e disparatado da obra?

Na verdade, quando você leva em consideração o estilo subliminar de FW, esse universo onírico é a parte mais apropriada para brincar com as palavras. Foi muito divertido para mim sonhar história junto com a família do HCE. Ou talvez devêssemos chamar de pesadelo que o Dedalus deseja acordar. De outra forma, morremos todos nós.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Primeiro, os dicionários clássicos, dicionários de gírias etc. E então, principalmente anotações de McHugh, *How Joyce Wrote FW* de Crispi&Slote, *Skeleton Key to FW* de Campbell, *Reader's Guide to FW* de Tindall, *Finnegans Wake Gazette*. E, além disso, muitas fontes, guias e livros que eu tinha na maravilhosa biblioteca do Trinity College. E, finalmente, um pouco de raki turco, chá ou uísque irlandês (principalmente Bushmills), conforme meu humor.

Como você avalia os resultados alcançados?

Estou muito feliz que FW esteja em turco, seja o nome do tradutor Fuat ou outra pessoa. Porém, infelizmente, por causa de outra tradução (não confiável e inacabada como mencionei antes), por alguns anos não conseguimos ter uma base saudável para falar sobre o assunto. De qualquer forma, leitores e acadêmicos conhecem a situação agora. Então, estou muito satisfeito com o resultado, mesmo que tenha sido difícil de consegui-lo.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma delas? Por quê?

As teorias da tradução são basicamente algo relacionado à academia. Eu não sou um acadêmico. Tento entendê-las, mas isso é tudo. Outros comentários meus sobre este tópico seriam excedentes.

Você acha que alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Não e sim.

Sim, porque as teorias da tradução são importantes e determinam disciplina.

Não, porque FW é algo totalmente diferente de todas as coisas escritas anteriormente. Por essa razão, as teorias atuais que se baseiam em “romances normais” em grande parte não são aplicáveis à tradução de FW. Você tem que determinar sua própria teoria específica para essa tradução e criar seu próprio caminho.

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Um crítico em geral deve ter uma percepção e compreensão da literatura mais do que o leitor comum e talvez até mais ainda do que os escritores ou tradutores. Portanto, os verdadeiros críticos são tão raros e valiosos. Quando se trata de FW, primeiro devemos encontrar um crítico “real” que possa comentar sobre ele. Então? É muito difícil comentar sobre isso. Não temos um Sam Slote na Turquia e provavelmente você também não tem um no Brasil.

Você acha que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Bem, se compararmos com outras traduções e tivermos em mente que o FW é algo totalmente diferente, sim, o tradutor pode ser chamado de coautor em relação ao seu idioma. No entanto, tal comentário às vezes é mal compreendido. Eu não escrevo nada de minha autoria. Assim, posso me chamar de coautor, apenas e somente dentro do sentido criado por James Joyce. Não posso usar nenhuma palavra independente do texto. Acabei de pensar durante a tradução: e se Joyce soubesse turco, como ele poderia lidar com essa frase nesse caso? E isso realmente funciona.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Você pode comentar o motivo e citá-lo?

Gosto das páginas *Butt and Taff* e *Grasshopper and the Ant*. Eu realmente não sei o motivo. Mas talvez só porque, no conflito sem fim da humanidade e do mal-entendido, cada um é mencionado de maneira perfeita e engraçada. É provável que todos nós (especialmente a masculinidade) sejamos Shems ou Shauns em todo o mundo e em todos os tempos.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Na Turquia, temos dois grandes prêmios para tradução, com um passado e um júri respeitáveis. Minha tradução de FW foi a única que recebeu esses dois prêmios em 2017. Por outro lado, participei de alguns simpósios em várias universidades, tanto na Turquia como no exterior, desde então. Mas quando se trata do público leitor, devemos aceitar que o FW pode ser compreendido com o tempo. Este não é um romance comum. Mesmo assim, tem muitos leitores dedicados na Turquia e eles frequentemente entram em contato comigo para alguns comentários e etc.

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só do *Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (Bloomsday, incentivos etc.) em seu país?

Turquia e o turco são muito bons em tradução, de vários idiomas e com grande número de títulos. Também temos experienciado departamentos de tradução em universidades e tradutores talentosos. Assim, Joyce é um grande escopo no mundo acadêmico. Alguns simpósios são organizados e palestras são realizadas com frequência. Por outro lado, não temos muito para o público. No ano passado, o “Bloomsday İstanbul” foi realizado por alguns acadêmicos e também fiz alguns discursos. Acho que continuará com algumas atividades mais alegres nos próximos anos.

Você conhece traduções do *Wake* para outras línguas? Quais e o que você acha deles?

Como disse antes, tenho uma coleção de traduções FW incluindo francês, alemão, italiano, coreano etc. Todas elas são com certeza um trabalho respeitoso e

só poderia comentar sobre a tradução italiana que é um ótimo trabalho graças ao Enrico Terroni (Forza Totti 😊) porém me pergunto especialmente sobre a tradução chinesa porque a configuração da língua chinesa que se baseia em figuras é totalmente diferente da dos alfabetos latinos. Deve ser fantástico e alucinante, eu acho, trabalhar em algo assim.

Qual é a sua opinião sobre a tradução do próprio *Finnegans Wake*, que durante muito tempo foi considerada intraduzível pela crítica?

Apenas tiro sarro dessa crítica “intraduzível”, porque, esqueça a minha, a sua ou a opinião de outra pessoa sobre o assunto, Joyce, o próprio escritor auxiliou no início da tradução francesa de FW antes de sua morte. Ele também contribuiu para as traduções alemã e italiana de *Ulisses*. Além disso, ele diz “Até a loucura pode ser traduzida” especialmente em relação às obras de Antonin Artaud.

É um absurdo argumentar tal coisa. Você entende a abordagem do escritor, então determina o escopo da tradução (quando é alguém especial como Joyce), entende o significado do texto e segue em frente. Isso é tudo.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

Na verdade, não é novidade, mas fiz algo interessante depois de concluir a tradução de todo o volume de Joyce em turco, incluindo FW, *Ulisses*, *Retrato*, *Dublinenses* e outros.

Muitos leitores exigiram de mim algo como um dicionário, anotações ou coisas assim para explicar os livros de Joyce. Mas, pessoalmente, preferi outra coisa e decidi escrever um romance em que James Joyce e o tradutor são os protagonistas.

Neste meu romance, “Benden'iz James Joyce” e que poderíamos traduzir para o inglês como “Yours Tru'lie James Joyce”, lembrando tanto “verdadeiramente” quanto “a mentira verdadeira”, Joyce está entediado de se deitar sob seu pecado em Zurique, se pergunta sobre Istambul e a nova era, e acorda e chega à Istambul contemporânea; exatamente em 16/06/2013, quando a “Resistência Gezi” insurgiu na Turquia contra a crueldade do governo. Então, ele luta contra a polícia, depois se apaixona por uma turca, conversa com vagabundos e conversa com alguns intelectuais, perambula por Istambul e curte o Bósforo. Além de tudo isso, ele fala sobre sua literatura, incluindo

Ulisses, FW e outros, tanto com o tradutor quanto com muitas outras pessoas, comuns ou literatas. Ele conta quem é Bloom, Anna Livia Plurabella ou Lily, o que ele expressa neste capítulo ou o que pretende fazer em outro. E dois capítulos desse romance focam principalmente no FW e também algumas páginas poderiam ser chamadas de julgamento do FW em turco.

3.6.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam e *Finnegan Uyanması*, traduzido pelo gente Finnícima Fuat Sevimay, são atentos a elementos como a simultaneidade, a repetição, a multiplicidade, a oralidade, o ritmo, os neologismos e a ideia da tradução do *Wake* como um processo mais da experiência do que da teoria. Sevimay também utiliza o multilinguismo ao enxertar dialetos locais nas palavras-trovão.

3.7 DAI CONGRONG (CHINA)

3.7.1 Introdução

Dai Congrong, tradutora chinesa



FONTE: COMMAPRESS. **Dai Congrong**. Disponível em: <https://commapress.co.uk/authors/dai-congrong>. Acesso em: 17 out. 2024.

Dai Congrong é professora de Literatura Comparada e Literatura Mundial na Faculdade de Língua e Literatura Chinesa, Universidade Fudan, Xangai, China. Ocupa o cargo de Diretora no Centro Fudan de Tradução e Estudos Literários. Também é membro do conselho da Associação de Escritores de Xangai, da Associação de Tradutores de Xangai e da Associação de Literatura Comparada de Xangai. Publicou cinco livros em chinês, com destaque para a literatura inglesa, e traduziu cinco livros do inglês. Também publicou mais de 70 artigos no *James Joyce Quarterly*, *Neohelicon* e outros periódicos chineses famosos.

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Congrong comenta a estrutura de *Finnegans Wake* e fala sobre os efeitos que pretende conseguir na tradução chinesa iniciada em 2006. Publicado parceladamente em uma tradução anotada, o *Wake* chinês de Congrong deve ter os seus últimos volumes publicados ainda em 2024.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Informações no site: <https://commapress.co.uk/authors/dai-congrong>. Acesso em: 29 jan. 2025.

3.7.2 Entrevista traduzida para o português

Dai Congrong, você pode nos contar sobre você e sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Nasci no norte da China e mudei-me com meus pais para Suzhou, uma cidade do sul que falava um dialeto especial, quando tinha 11 anos. Nesta nova cidade, eu tinha poucos amigos e tinha dificuldade de comunicação com outras pessoas. Por exemplo, eu não conseguia entender nem uma frase da minha avó, que viveu todo o tempo em Suzhou e só conseguia falar esse dialeto de Suzhou em vez do mandarim comum. Eu tinha poucos amigos e me senti muito sozinha naquela época. Fiquei com meu tio então. Ele adorava literatura e tinha muitos livros literários em casa. Na solidão, li esses livros para matar o tempo. Aos poucos, fui atraída pelo mundo literário.

Li muitas obras literárias antes de ir para a faculdade. Todas as férias eu aproveitava meu tempo lendo ficções. No começo, eu lia literatura chinesa. O livro que mais me influenciou é *O sonho da câmara de leitura (honglou meng)*. Eu o li 8 vezes do começo ao fim quando estava no Ensino Médio. Atraí-me não apenas pela sua história de amor, mas também por retratar a complicada natureza humana e a sociedade. Acho que é este o livro que me faz desfrutar não só de uma história, mas da complicada sociedade que uma ficção pode representar.

Um dia encontrei em um dicionário uma lista de literatura clássica universal, principalmente literatura europeia. Eu o peguei emprestado e li as obras da lista, uma por uma, de Homero a Balzac. Isso me preparou para meu estudo de literatura universal na faculdade.

Estudei literatura chinesa quando estava na Universidade de Nanjing para obter meu bacharelado, literatura comparada para meu mestrado e literatura mundial para meu doutorado, tudo na Universidade de Nanjing. Em 2002, vim para a Universidade Fudan para fazer uma pesquisa de pós-doutorado sobre *Finnegans Wake*. Depois disso, em 2004, tornei-me professora no Departamento de Língua e Literatura Chinesa da Universidade Fudan. No ano passado, fui transferida para a Universidade de Nanjing como professora de literatura comparada e mundial no Instituto de Humanidades Globais da Universidade de Nanjing.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que a levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Vim para Joyce quando estava fazendo mestrado na Universidade de Nanjing. Naquela época, duas traduções chinesas de *Ulysses* competiam para ser a melhor e há muitos estudos a respeito disso. Fiquei curiosa, comprei um e li.

Ainda me lembro da noite em que estava lendo a tradução chinesa na cama do dormitório. Nosso dormitório era um pouco abafado, com quatro estudantes dividindo um quarto. A luz não era muito brilhante. Lembrei-me da epifania que tive uma noite quando estava lendo *Ulysses*, de repente as figuras e cenas descritas em *Ulysses* começaram a aparecer em minha mente todas juntas; aglomeradas, mas vívidas. Eu podia até sentir o cheiro delas. Então, percebi que este era um livro diferente da maioria das obras que já havia lido. Não há história, mas há vida. Uma vida semelhante à vida real que temos todos os dias.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo?

Entrei em contato com *Finnegans Wake* porque decidi escrever minha dissertação de doutorado sobre James Joyce, o que significa que deveria ler todas as suas obras, incluindo *Finnegans Wake*. Passei um mês com um dicionário para terminar esse livro, mas só consegui absorver e entender pouca coisa até então. Por isso, decidi dedicar completamente a minha pesquisa de pós-doutorado a *Finnegans Wake*. Devo agradecer ao meu orientador Chen Sihe por me permitir ler apenas um livro durante dois anos de pesquisa intensa. Desta vez li *Finnegans Wake* com vários dicionários específicos sobre o *Wake*, bem como com estudos de anotadores. Eles são muito úteis. Terminei minha pesquisa de pós-doutorado com um livro intitulado “*Livro da liberdade: lendo Finnegans Wake*”. Quando discuti o meu livro com o meu editor Ni Weiguo, ele incentivou-me a traduzir o *Wake* e assinou comigo um contrato de tradução. De acordo com este contrato, eu poderia terminar minha tradução em qualquer momento. Este contrato flexível me deu coragem para fazer esta tradução.

Você pode falar sobre o projeto de tradução desde o seu início?

Comecei a tradução em 2006, levando 2 anos para fazer a preparação, comparando as palavras decodificadas dos dicionários *wakeanos* com o original. Eu mesma fiz esses procedimentos até que dois alunos se ofereceram para me ajudar nessa preparação. Quanto à tradução, eu a fiz sem auxílio financeiro e, apenas, com incentivo dos editores e de pessoas que conhecia pessoalmente ou *on-line*.

Serão 3 volumes, sendo o Livro 3 e o Livro 4 como um só volume. O primeiro volume foi publicado em 2013. Os outros dois volumes serão publicados em agosto deste ano.

Quanto ao design visual, uma vez escrevi um artigo para *James Joyce Broadsheet*, explicando o formato da minha tradução. Essas informações podem ser encontradas no documento “*The Chinese Giant Wakes to Finnegans*”.

Está acompanhada do texto original? A tradução é anotada? Tem algum suporte crítico?

Não poderia ser acompanhado do texto original porque na página esquerda está o texto principal da tradução e, na página direita, há uma página inteira de anotações. Assim, é uma tradução anotada. Existem dois artigos publicados sobre meu método de tradução.

Relativamente ao encontro das línguas de *Wake* com a língua chinesa, quais as especificidades de cada língua e quais foram os maiores problemas encontrados e as soluções que lhes foram dadas? Você pode dar um exemplo, por favor?

A linguagem de *Wake* é uma linguagem sonora, a semelhança na pronúncia é uma regra importante na decodificação da palavra wakeana. A língua chinesa é uma linguagem ilustrada, e a semelhança nos radicais é muito importante. O maior problema que encontro é traduzir os poemas em FW. No início, planejei traduzir com o ritmo do poema tradicional chinês, finalmente decidi traduzir em verso livre. O exemplo é “*Três quarks para Muster Mark!*”, poema que fica no início do capítulo IV, livro II. Eu o traduzi em duas versões, uma em verso rimado e outra em verso livre.

Mostrei os dois ao meu editor Gu Gang, que também é poeta, e ele me sugeriu a tradução em verso livre.

Você pode explicar a tradução do título para *Fēnnígēn de shǒulíng yè*?

Eu mesma traduzi de forma diferente em artigos antes de minha tradução ser publicada. É uma decisão difícil. Traduzir como “*Finnegans Wake Up*” (*Fēnnígēn mēn sūxǐng*) é muito político, perderá o longo sentido histórico deste livro. Traduzir como *Fēnnígēn de shǒulíng* ou *Fēnnígēn shǒulíng yè* é compatível, mas não é rítmico. Espero criar um título bonito e memorável, como uma respiração saindo naturalmente da boca. *Fēnnígēn de shǒulíng yè* com 3 pés cada no lado esquerdo e no lado direito de “de”, uma pausa, é o que atende a essa expectativa.

Você comparou outras traduções? Você acha que esse processo é válido?

Não há outra tradução chinesa do *Wake* para comparar. Eu não conhecia outra língua estrangeira além do inglês. Com tantos dicionários do *Wake* e livros como *The Skeleton Key to Finnegans Wake*, acho que existem decodificações suficientes. Além de as traduções em francês ou alemão também serem de línguas mais sonoras, seguirão um método de tradução diferente do da tradução em chinês. Tenho traduções para japonês e coreano, mas não as consulto com frequência.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você hierarquizou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Na minha tradução do livro I, todos os neologismos são colocados acima das traduções chinesas. Porém, isso é muito exigente para a impressão, e não usaremos este método para os Livros II e III. Todavia, coloco toda a oralidade e os neologismos em minhas anotações. Eu uso notas para explicar quaisquer técnicas literárias.

Quais são os desafios do rio de palavras-chave e trocadilhos multirreferenciais que percorre *Wake* em sua tradução?

Minha tradução é uma tradução comentada. A parte anotada na página direita e a parte traduzida na página esquerda. Você pode imaginar quantas notas coloquei

acompanhando a tradução. Com anotações tão detalhadas, as palavras-valise e os trocadilhos multirreferenciais foram explicados na parte anotada. Escolherei um significado entre os múltiplos significados para colocar na parte traduzida, tentando dar uma narrativa lógica.

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Expliquei em notas.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Existem tantas frases agramaticais no livro. Tentei o meu melhor para traduzi-lo em frases agramaticais, mas sem omitir nenhum significado. Assim, minha tradução tende a ser um pouco agramatical, embora ainda assim legível.

Quanto às palavras assêmicas, como as palavras de 100 letras, juntei todos os significados decodificados de forma não gramatical.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Expliquei em notas.

Você já trabalhou com transculturação? Se sim, em que nível? Você pode trazer exemplos? O que você acha das posturas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Sou professora de literatura comparada, o que significa que sempre trabalho com posturas transculturais. Por exemplo, escrevi um artigo sobre a cultura chinesa em *Finnegans Wake*.

Como traduzir a música encapsulada nas palavras do livro?

Tentei traduzir com palavras chinesas rimadas. Nos anexos do *e-mail* que te enviei, encontre “*Traduzindo FW*” para ver meu método usado.

Como manter o universo onírico e *nonsense* da obra?

Neste universo onírico e *nonsense* existe uma linguagem onírica e *nonsense*. Assim como o original, a minha tradução também não é muito gramatical, principalmente no primeiro volume. Acredito que minhas frases agramaticais em chinês podem dar a impressão de sonho e *nonsense*.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Busquei traduzir literalmente, tento manter o estilo do texto original. Fui ajudada pelo <https://finwake.com>, bem como por muitos resultados de pesquisas, incluindo Roland McHugh. *Annotations to Finnegans Wake* (Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1982); Clive Hart & John Deedy. *A Concordance to Finnegans Wake* (New York: Paul P Appel, 1993); Brendan O Hehir & John M.Dillon. *A classical lexicon for Finnegans wake* (Berkeley: University of California Press, 1977); Helmut Bonheim. *A Lexicon of the German in Finnegans Wake* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967); Brendan O Hehir. *A Gaelic Lexicon for Finnegans Wake, and Glossary for Joyce's Other Works* (Berkeley: University of California Press, 1967); D.B.Christiani. *Scandinavian Elements of 'Finnegans Wake'* (Evanston: Northwestern University Press, 1965.); Adaline Glasheen. *Third Census of Finnegans Wake* (Berkeley: University of California Press, 1977); Louis O. Mink. *A Finnegans Wake Gazetteer* (Bloomington and London: Indiana University Press, 1987); Joseph Campbell & Henry Morton Robinson. *A Skeleton Key to Finnegans Wake* (New York: Harcourt, Brace and Cop., 1944) William York Tindall. *A Reader's Guide to Finnegans Wake* (New York: Noonday Press, 1959).

Como você avalia os resultados alcançados?

Dou a todos os outros possíveis tradutores e leitores chineses um passo abrangente para compreender *Finnegans Wake*. Com a minha tradução, *Finnegans Wake* agora pode ser lido.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma?

Escrevi um artigo sobre a minha teoria da tradução. Nos anexos do *e-mail* que te enviei, está o “*Avanço da compreensão intercultural por meio da tradução literária experimental: tradução chinesa de Finnegans Wake na China*”.

Você acha que alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Também pode ser encontrado em “*Avanço da compreensão intercultural por meio da tradução literária experimental: tradução chinesa de Finnegans Wake na China*”.

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Sem o trabalho dos críticos, especialmente daqueles que codificam *Finnegans Wake*, o livro seria ilegível. É também por isso que a maioria das versões de *Finnegans Wake* mantém o mesmo número de página e formato, haja vista que todos os trabalhos críticos compartilharão o mesmo número de papel e número de linha em seus trabalhos críticos. Qualquer mudança de formato significaria um abandono dessa tradição crítica. Esse tipo de abandono é inimaginável na leitura de *Finnegans Wake*, pois é um livro que requer auxílio crítico.

Você acha que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Não. Por mais esforços que o tradutor dedique, sempre é o autor quem tem a ideia. Os tradutores colocam seu próprio entendimento em sua tradução, mas esse entendimento vem do que já está implícito nas palavras originais. O autor é o criador, enquanto os tradutores são os decodificadores.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Você pode comentar o motivo e citá-lo?

Eu gosto do livro, especialmente perto do final. É mais como uma música triste, com amor e solidão. A última frase é especialmente linda, “*Um caminho solitário, último, amado, longo*”, você pode sentir o eterno fluxo do rio, é leve e gracioso, sem fim.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Não prestei mais atenção na recepção. Sei que muitas pessoas estão ansiosas para que eu termine a tradução integral do livro. Há dois artigos publicados para discutir meu método de tradução por acadêmicos.

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só do *Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (*Bloomsday*, incentivos etc.) em seu país?

Eu moro em Xangai. Lá, o consulado irlandês organiza atividades todos os anos para celebrar o Bloomsday. *Ulysses* é mais popular na China e *Os Dublinenses* são leitura obrigatória para os alunos da graduação em inglês.

Você conhece traduções do *Wake* para outras línguas? Quais e o que você acha delas?

Eu sei que há muitas traduções e tenho cópias da tradução coreana e da tradução japonesa. Porém, não leio coreano e nem japonês, portanto não sei se são boas ou não. Só notei que eles não colocaram tantas notas quanto eu.

Qual a sua opinião sobre a tradução do próprio *Finnegans Wake*, que durante muito tempo foi considerado intraduzível pela crítica?

Nada permanece igual após a tradução, apenas o grau de mudança é diferente. A versão traduzida de *Finnegans Wake* está fadada a não ser igual à versão original, mas sua tradução ainda é útil. No meu artigo “*Advancing Cross-Cultural Understanding Through Experimental Literary Translation: Chinese Translation of Finnegans Wake in China*” penso que a tradução de *Finnegans Wake* pode não só ajudar na compreensão deste livro, mas também pode enriquecer a literatura de chegada.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

A tradução completa de *Finnegans Wake* será publicada este ano. Pode haver muitas atividades para comemorar. Sugeri um projeto de pesquisa sobre *Finnegans Wake*, mas esta proposta não ganhou financiamento. Portanto, eu mesma não tenho novos projetos envolvendo *Finnegans Wake* no momento.

3.7.3 Diálogo tradutório

Dai Congrong propõe uma tradução que prioriza um entre os vários significados possíveis dos trocadilhos. Para compensar as perdas, a tradução é ricamente anotada. Ela busca uma narrativa lógica, acessível ao leitor chinês. Como *Finnegans Ressuchistam*, a sua tradução trabalha com a agramaticidade e valoriza a musicalidade latente do original. Além disso, Congrong também acredita que a tradução é uma raiz com potencial de rizomar o *Wake* à literatura local. Defensora das teorias tradutórias, ela possui vários trabalhos acadêmicos com os quais pretendemos dialogar em trabalhos futuros.

3.8 ERIK BINDERVOET (HOLANDA)

3.8.1 Introdução

Erik Bindervoet, tradutor holandês



FONTE: BINDERVOET, Erik. **Foto de perfil do Facebook do próprio tradutor.** Disponível em: <https://tinyurl.com/4rh4xm2z>. Acesso em: 17 out. 2024.

Escritor, artista plástico e tradutor, o holandês Erik Bindervoet traduziu em coautoria com Robbert-Jan Henkes diversas obras, entre as quais Beatles, Bob Dylan, Shakespeare e James Joyce, com destaque para *Finnegans Wake*.

Na entrevista realizada em 2024 por e-mail, Bindervoet reflete sobre a potência plural do *Wake* e detalha os métodos utilizados na tradução integral da obra final de Joyce.

3.8.2 Entrevista traduzida para o português

Erik, você pode nos contar sobre você e sobre sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Nasci em 1962 em Oostzaan, criado no que hoje é Amsterdã Kadoelen e Hoorn, na axila da Holanda do Norte. Comecei a publicar aos 11 anos, histórias em quadrinhos, mensalmente entre os vizinhos. Estudei História na Universidade de Amsterdã, onde conheci meu futuro ex-colega Robbert-Jan Henkes. Naquela memorável primeira ocasião, nós imediatamente começamos a trabalhar juntos, o que

resultou em panfletos, ensaios, poesia, desenhos e a nossa própria revista *Platform*, muitas vezes para desgosto de nossos professores e colegas estudantes. Por causa dessa relação um tanto tensa com a nossa *Alma Mater*, decidimos abandonar os estudos, na verdade um pouco antes da linha de chegada, antes de terminarmos nossa tese final sobre Arthur Schopenhauer e o valor da História (que saiu mais tarde como um livro, *Arthur Schopenhauer: Uma Declaração de Guerra à História*, Wereldbibliotheek, 1996). Minhas primeiras leituras inspiradoras, depois da literatura infantil e dos quadrinhos e antes de Joyce me impressionar: os habituais poetas e autores holandeses/flamengos (Kloos, Multatuli, van Ostaijen, Slauerhoff, Nijhoff, Lucebert, Nescio, Vestdijk, Bordewijk, Carmiggelt, Hermans, Reve) e depois Baudelaire, Shelley, Keats, Blake, Donne, Zola, Sartre, Salinger. E não esqueçamos os Beatles e Bob Dylan, cujas músicas falaram muito para mim (e ainda falam).

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Joyce foi mencionado pela primeira vez por minha professora de latim e grego, quando ela falava de Homero e sua influência na literatura mundial. Eu queria ler *Ulysses* imediatamente, mas infelizmente minha professora de inglês me dissuadiu. Até hoje não sei por qual motivo – por que ela me dissuadiu e por que me deixei dissuadir. Felizmente havia outro professor, de História, numa galáxia muito, muito distante (a província da Holanda do Sul), o Sr. Leen Stout, o pai do meu melhor amigo de infância: ele me emprestou o seu exemplar de *Ulisses*, o estudo de Stuart Gilbert e *Um retrato do artista quando jovem*. Logo após a formatura, eu comecei a ler e nunca mais parei. Essa foi a epifania: se isso fosse possível na linguagem, então talvez valesse a pena viver a vida, afinal. (Eu estava bastante triste na época).

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Depois, ou melhor, durante a leitura de *Ulisses*, eu queria ler cada palavra que esse homem, Joyce, escreveu. Então comecei a colecionar todas as suas obras, algumas traduções (holandês, francês, alemão) e alguns livros sobre ele, entre eles a

biografia escrita por Ellmann, claro, e *Finnegans Wake*, que decidi ler ‘de uma só vez’, sem pausa ou tempo para pensar ou me distrair com muita interpretação. Duas semanas de intoxicação, seguidas da inevitável dor de cabeça e ressaca: o que foi isso?!? Parecia que havia ainda mais possibilidades na linguagem, tanto que dava a impressão de abranger até o impossível. E ali o “Livro da Noite” ficou por um tempo, envolto em névoa, cercado pela escuridão, esperando. Então Robbert-Jan e eu tivemos a ideia de escrever um romance sobre um museu imaginário, localizado por razões óbvias e muito reais em Zurique, o Museu Spoelbergh. Deveria conter todos os objetos mais bonitos do mundo, e também objetos que se perderam, desapareceram ou que eram desejáveis. Um desses objetos era, obviamente, uma tradução holandesa do famoso e intraduzível *Finnegans Wake*. Decidimos experimentar uma página, só para ver até onde chegaríamos, fazendo-o principalmente de ouvido, numa espécie de associação fluida, sem nos preocuparmos muito com possíveis significados: como podemos obter o som do *Wake* em holandês? Isso já foi um grande passo: a chave estava na música, no ritmo da linguagem. O próximo grande passo foi a descoberta do *Annotations* de Roland McHugh: indicações muito úteis, resumidas e sucintas de onde vinham essas palavras extremamente estranhas, até mesmo esdrúxulas. Isso aliado à epifania musical nos fez pensar que uma tradução *seria* possível. Pois é isso que lemos e ouvimos em todo o lado: uma tradução de *Finnegans Wake* é impossível. Mas não éramos estranhos a um toque daquele velho ‘bem, vamos ver se é mesmo’ e simplesmente mergulhamos. Embora tenha sido de cabeça para baixo, depois da tentativa de ter cautela em águas desconhecidas.

Pode falar sobre o projeto de tradução?

Então começamos a traduzir o livro de verdade, por volta de 1995, sem financiamento ou contrato. Loucura! Mas começamos a trabalhar e gradualmente abrimos caminho através dessa selva, armados com nossos fiéis facões: dicionários de todas as línguas do mundo, a Bíblia, Huckleberry Finn, Shakespeare, literatura secundária sobre o *Wake*: McHugh, Atherton, Tindall, Campbell & Robinsoup (como sempre os chamamos carinhosamente), o *Wake Newslitter*, as cartas e outras obras de Joyce, a edição Garland de manuscritos e textos tipográficos, *A First-Draft Version of Finnegans Wake* de Hayman e muito mais. No total, demoramos cerca de sete

anos. No final, conseguimos até encontrar algum financiamento, do *Amsterdamse Fonds voor de Kunst* e do *Bert Schierbeekfonds* (uma subdivisão do Fundo Literário Holandês, para projetos especiais direcionados a pessoas que não são consideradas suficientemente experientes, em outras palavras, novatos, desastrados, *moonlighters*, como nós na época). No início, também foi difícil encontrar uma editora. O editor de Joyce na Holanda, de Bezige Bij, disse ‘tudo bem, rapazes, faremos isso, voltem quando terminarem’, o que obviamente não era bom (sem contrato, sem adiantamento, sem possibilidade de solicitar financiamento, um ciclo vicioso). Através do autor Toon Tellegen, um grande fã de Joyce (ele nos doou metade de sua biblioteca de Joyce, porque ele “não a suportava mais”), entramos em contato com sua editora, Athenaeum, Polak & Van Gennep. Isso realmente deu o pontapé inicial, e a nossa tradução apareceu com eles em abril de 2002, logo após o 40º aniversário do RJ (Robbert-Jan) e pouco antes do meu 40º aniversário. Apareceu no chamado ‘Gouden Reeks’, em volume único, capa dura, com marcador de livro, em caixa, com os famosos retratos de Joyce de Augustus John e Césaire Abin na capa, conforme estipulado pelo neto, Sr. Stephen Joyce, que também nos proibiu de chamar este livro de “uma tradução”. Porque não foi possível traduzir *Finnegans Wake*, quantas vezes teremos que repeti-lo, ‘*godverdomme*’! (A palavra holandesa que o neto dominou incrivelmente rápido). E, sim, era extremamente impossível, mas lá estava, aí está, bem na sua frente, em uma linda maleta, com marcador de página (Ha!) Nós vimos surgir o termo ‘*vernederlandsing*’, holanderização, com um leve toque de humilhação (‘*vernederling*’).

Fornecemos assistência editorial e apoio crítico uns aos outros. No início, dois joyceanos flamengos, Liesbeth van Gool e Jan Asaert, leram junto. Assim que terminamos um capítulo, nós o enviamos para eles e recebemos deles muitos comentários e *insights* úteis. Numa fase muito avançada, a eminente poetisa e tradutora de Beckett, Anneke Brassinga, leu a tradução em nome da editora e forneceu-nos algumas sugestões editoriais úteis e amigáveis. Publicamos trechos da tradução em nossa própria revista *Platform* e escrevemos sobre alguns dos problemas de tradução na publicação joyceana *Gnantwerp Gazette*, editada por Geert Lernhout. Também discutimos essas questões em transmissões da rádio VPRO. Posteriormente, saiu uma edição separada do capítulo *Anna Livia*, na editora Rainbow. Na chamada *Slapeloze Nacht* (“Noite Sem Dormir”), de 17 a 18 de janeiro de 2004, toda a tradução foi lida na sala de concertos Vredenburg, em Utrecht, por

dezenas de atores, poetas, filósofos, cantores e outros voluntários, com a nossa presença para prestar primeiros socorros.

Está acompanhada do texto original? A tradução está anotada? Tem algum suporte crítico?

Sim, é acompanhada pelo texto original, conforme solicitado por Stephen Joyce. Foi chamada de ‘bilíngue’, mas isso era obviamente uma piada – deveria ter sido ‘multibilíngue’ ou algo paradoxal assim. A segunda edição, lançada em 2020, não continha o texto original (e se diferenciava da primeira edição em cerca de 6.000 lugares). Não anotamos a tradução, apenas adicionamos uma lista das chamadas ‘partidas de transmissão’, lugares onde o texto ficou comprovadamente errado, que poderíamos ‘corrigir’ na tradução (mas não era tradução, lembre-se, e Stephen nos proibiu, no texto original). Em 2005 publicamos nossa *Finnegancyclopédie*, uma colossal nota de rodapé para a nossa tradução, também com Athenaeum, Polak & Van Gennepe, onde discutimos o *Wake* e o nosso processo de tradução de A a Z.

A tradução, que é integral, foi compartilhada com Robbert-Jan Henkes. Quais capítulos foram traduzidos por você e quais foram feitos por Henkes? Padronizaram os processos de tradução?

Para criar as primeiras versões acho que dividimos os capítulos maiores entre nós. Da parte I e II fiz os capítulos ímpares e RJ os pares, logo no início, se bem me lembro, meritíssimo. Mas isso realmente não importa: repassamos tantas e tantas vezes o texto inteiro, sozinhos e juntos, que agora é impossível decidir quem fez o quê. Quanto à padronização: tínhamos apenas uma regra – se um de nós estava apegado a algum aspecto, deixamos. Sem debate ou argumentos, por favor. E depois: na dúvida, escolhíamos a solução que parecia a melhor.

Relativamente ao encontro das línguas de *Wake* com a língua holandesa, quais são as especificidades de cada uma e quais foram os maiores problemas encontrados e as soluções que lhes foram dadas? Você pode dar um exemplo, por favor?

Veja a lista de métodos.

Por que você optou por manter o título original? O que você acha dos tradutores que o traduzem?

Nós não fizemos isso. Nós traduzimos, como se deveria. Ser tradutor faz parte do território. Por que você deixaria isso em paz? (*Ulysses* traduzimos como *Ulixes*, e *Dubliners* como *Dublinezen*.) ‘*Wake*’ é uma palavra holandesa perfeita, com tantos significados múltiplos quanto o original, apenas pronunciada de forma um pouco diferente (duas sílabas, a primeira com um longo som de “a” e um som – uh cortado no final: Waa-kuh). E ‘*Finnegans*’ seria ‘*Finnegans*’ também em holandês, com todas as conexões e conotações (e talvez até mais).

Você comparou outras traduções? Acha que esse processo é válido?

É claro que fizemos e fazemos isso: traduzir *Finnegans Wake* significa que você tem que devorar tantos textos relevantes quanto puder, incluindo outras tentativas de traduzi-lo. Você só pode lucrar com isso, nem que seja para ter Certeza do que não quer. Por exemplo, não queríamos recontá-lo e resumi-lo, com alguns jogos de palavras obrigatórios aqui e ali, como uma pequena chuva local, como fez o tradutor francês Philippe Lavergne (mais ou menos admitindo que o livro é intraduzível), mas também não queríamos encher cada palavra com tantos trocadilhos quanto podíamos imaginar, sem qualquer conexão com o texto geral, como fez o tradutor alemão Stündel (tornando o livro uma espécie de *übertraduzível*, ver método 28).

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

O nosso objetivo principal, o critério mais importante para nós, era que fosse uma tradução e não uma explicação. A experiência de leitura deveria ser reduplicada, tanto em inglês como em holandês. Nossa intenção era muito prático: queríamos transmitir o significado das palavras, as intenções do texto, na medida do possível, da mesma maneira complicada, multifacetada, multiplurilíngue, agramatical, multitranscultural, musical, onírica e *nonsense* do original. A tradução como versão,

como performance. Esse nosso estratagema funcionou: um crítico reclamou que, em vez de um *Wake* incompreensível, agora tínhamos dois. Missão cumprida.

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que percorre *Wake* em sua tradução?

Para citar Pokémon: você tem que pegar todos! Pelo menos você tenta – é claro que perdemos algumas, ou muitas, mas isso faz parte da beleza do livro: as pessoas continuam encontrando novas referências todos os dias. Na prática, tivemos que desmontar cada *portmanteau*, ou farejar as partes em inglês e depois montá-las novamente, com tantas peças em holandês quanto pudéssemos encontrar, mantendo sempre os olhos abertos para os outros idiomas que poderíamos usar (incluindo o inglês).

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Trabalhando também com o plurilinguismo.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Quando algo era “não gramatical”, geralmente era um sinal de que algo havia dado errado durante a transmissão de um estágio do texto para outro. Se descobríssemos o que aconteceu, nós ‘corrigíamos’ na tradução. Caso contrário, assumíamos que isso tinha sido feito de propósito e então teríamos que respeitar a agramaticidade em holandês. Eu não sabia o quão assêmica a escrita era até pesquisar, mas não acho que se aplique ao *Wake*. Não se trata de uma *écriture automatique*, nem de uma dispersão aleatória de sinais de palavras na página: Joyce não precisaria de dezessete anos para fazer isso.

O que você acha das posturas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Não sei exatamente o que você quer dizer com isso. Foi respondido nos métodos 2, 8, 9? Ou tem a ver com apropriação cultural? Somos todos a favor disso, desde que ninguém se machuque.

Como manter o universo onírico e *nonsense* da obra?

Seja o mais fiel possível ao texto, ao mesmo tempo em que percebe que uma tradução é sempre “no espírito”, nunca “literal” ou “um a um”. Possivelmente como nenhum outro livro da literatura mundial, o *Wake* força o tradutor a tomar liberdades inéditas, muito no espírito da antiga máxima: Poesia é o que se ganha na tradução! E como eu já disse: a música, o ritmo foi o nosso ponto de partida.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Aí está:

1. **o método aproximado.** Este é um tipo de método abrangente. A maioria das soluções, em qualquer método, acabam sendo aproximações. Contanto que você permaneça ciente disso e mantenha o controle, não há nada de errado com isso. Fizemos a partir de ‘*teargarten*’ do FW 75.01 ‘*deergaarde*’: não uma mudança completa dos componentes linguísticos nem uma preservação completa de todos os significados e conotações joyceanas. Mas tem o seu encanto e pertinência e por isso o mantivemos.

2. **o método dar e receber.** Uma simples troca dos componentes linguísticos de uma palavra, como mudar o ‘*tiergarden*’ alemão-inglês para o ‘*teargarten*’ inglês-alemão. Ou fazendo exatamente o mesmo malabarismo linguístico que Joyce faz. Por exemplo, em ‘*raindrips*’ (FW 74.17), ele cria um novo verbo a partir de “gotas de chuva”. O equivalente holandês seria “*regendruppelt*” ou “*regendropt*”, tomando “*regendruppels*” (gotas de chuva) como ponto de partida. Se funcionar, tudo bem. Se não funcionar, restam 28 outros métodos.

3. **o método combinatório.** Uma combinação de um ou mais métodos. Por exemplo, se fizéssemos ‘teergaarde’ a partir de ‘teargarten’ (FW 75.01), com ‘taar’ dinamarquês para ‘tear’, mas também o ‘tear’ inglês escondido e o chá das casas de chá de Lyon, seria uma combinação do método aproximativo (1) e do método dar e receber (2). Às vezes fornece palavras muito complexas e depois gradualmente se transforma no método de enterrar (4).

4. **o método de sepultamento.** Isso acontece quando você deseja inserir muitos significados e conotações na tradução. Assim você enterra a ideia original. Não é um bom método, mas ainda assim legítimo, por exemplo, quando existe um anacronismo ou uma referência holandesa demasiado óbvia para ser escondida (ver 18, o método anacrônico e 19, o método equivalente ou geográfico).

5. **o método do dicionário.** Um método útil, desde que usado com cautela e moderação: consultar o dicionário. Descobrimos que muitas palavras que pensávamos serem invenções do próprio Joyce realmente existem. Infelizmente os dicionários não dizem em que sentido Joyce emprega a palavra. E como a maioria das palavras *Wake* são compostas. Desideratum: um dicionário Wakeese-Plain Words/Plain Words-Wakeese.

6. **o método etimológico.** Por exemplo, fazendo ‘ninufar’ de ‘nenuphar’ (FW 75.01), porque é originalmente uma palavra persa. Em sânscrito é nilufar, com ‘nila’ para ‘azul’ e talvez também relacionado ao Nilo. Joyce sabia de cor o dicionário etimológico de Skeat. Este método pode ser aplicado quando você sentir que não pode deixar a palavra totalmente inalterada.

7. **o método contabilístico.** Quando se leva em conta o conhecimento que o leitor pode obter nos *Annotations for Finnegans Wake*, de Roland McHugh. Por exemplo, se tivéssemos deixado ‘nenuphar’ como ‘nenuphar’, contando com o conhecimento do leitor de que significa ‘nenúfar, lótus’ e deriva do sânscrito nil: azul, como observa McHugh. Na página 3, deixamos ‘commodius vicus’ como ‘commodius vicus’, levando assim em conta que o leitor holandês ainda poderia ver o inglês ‘commodious’ e saber o que era. Vimos o latim “commodius vicus” como uma noção básica, que é melhor não ser perturbada.

8. **o método de inglês como língua estrangeira.** Os tradutores do inglês não podem usar palavras inglesas em suas traduções. Mas, sendo este *Finnegans Wake*, as exceções são a regra. Usávamos o inglês, embora com moderação, da mesma forma que Joyce usava o sueco, o polonês ou o holandês. E deixamos um pouco de inglês (por exemplo, commodious em ‘commodius’ no FW 3.02).

9. **o inglês como método de linguagem de objeto invertido.** Destinados a traduzir o holandês mutilado de Joyce para um inglês mutilado. Nem sempre funciona e não pode ser usado metodologicamente (veja o caso de ‘Wacht even’). Em FW 75.09, ‘*we moest ons hasten selves te declareer it’ became ‘we must hurry uszelven het toe declareren’*’.

10. **o método conservador.** Manter-se conservadoramente próximo do som original do inglês, especialmente quando a palavra wakeana é de origem estrangeira. Por exemplo, FW 75.02 ‘*baregams*’, derivado do armênio ‘*paregam*’ (amigo), mas com conotação imediata e imediata de pernas nuas (*jambes*). O “*barregamben*” holandês resolve o problema: permanece próximo de “*paregam*” e de “*baregams*”, enquanto ainda é compreensível como “pernas nuas” aos olhos e ouvidos holandeses (ver também 23, o método um-para-um).

11. **o método acumulativo.** De ‘*Marmeniere*’ (FW 75.03) fizemos ‘*Marmentiere*’, com o ‘t’ adicionado para um som extra holandês, aludindo ao mesmo tempo à pobreza (armetierig), a um famoso piloto de avião holandês do Uiver (Koene Dirk Parmentier) e a uma conhecida revista literária flamenga (Parmentier). Devido às alusões extras aos Países Baixos, este método está intimamente relacionado com o 19, o equivalente, ou método geográfico.

12. **o método compensatório.** O ‘t’ adicionado em ‘*Marmentiere*’ tinha outra vantagem: compensou a perda de Tiere, animais, na nossa tradução de ‘*teargarten*’ na linha 1 da mesma página. Este é um método que aplicamos com frequência, mas cuidados devem ser tomados para que a compensação não se afaste muito da

referência, para que permaneça significativa no contexto e para que não obscureça demasiado a palavra original.

13. **o método do tapa nas orelhas.** Depois de muitas noites sem dormir, traduzimos o holandês '*Wacht even!*' (FW 76.23) com uma frase autêntica de wakeanês, '*Bussave a sec*', de FW 17.17. Dessa forma, poderíamos empregar Joyce como ajudante e, ao mesmo tempo, dar-lhe um tapa nas orelhas, fazendo com ele o que ele faz conosco. Traduzir o *Wake* com o *Wake* não ajuda muito o leitor, mas aqui foi o único método correto.

14. **o método de virar a outra face.** E então, virando a outra face, voltamos para '*bussave a sec*' e traduzimos com uma distorção da tradução literal em inglês de '*Wacht even*', '*weet een minuut*'.

15. **o método errado, ou idiomático.** Em todos os livros da literatura mundial, seria um erro terrível traduzir expressões idiomáticas e provérbios literalmente, mas em *Finnegans Wake* você pode traduzir “quarenta piscadelas” não como uma soneca, mas literalmente como quarenta piscadas de olho. Nesse caso, você leva em consideração a expressão em inglês (veja também o método 7), além de incluir a expressão em inglês também figurativamente, traduzindo-a literalmente.

16. **o método dos ossos.** Quando você vê os ossos salientes. Isso torna a tradução mais compreensível do que o original. E isso não é uma coisa tão ruim de vez em quando. Por exemplo, a frase obscura em FW 76.18-20, '*as a forescut, so you maateskippey might to you cuttinrunner on a neuw pack of klerds*', conseguimos entender como se referindo à história de Kersse, o alfaiate, e do capitão norueguês mais adiante no livro. E abrimos nossos *insights* na tradução, deixando mais claro para o leitor holandês o que a frase alude do que em inglês para um leitor de inglês.

17. **a transsonância associativa e/ou assonância transsociativa.** Um método que Joyce também aplica, quando translitera os sons de palavras estrangeiras para palavras inglesas. Ele faz isso principalmente com palavras francesas e irlandesas. Em FW 16.04-05, Jute pergunta a Mutt: '*Come on, fool porterfull, hosiered women blown monk sewer?*', o que é uma assonância transsociativa do francês '*Comment*

vous portez-vous aujourd'hui, mon blond monsieur?'. A grande vantagem deste método é que todos os significados aparentes e ocultos da frase original permanecem lá, porque a frase original ainda está lá, embora empurrada para segundo plano. A desvantagem é que a tradução, na maioria das vezes, significa algo completamente diferente do que se pretende. A primeira palavra, '*rivierein*' para '*riverrun*' também tem uma espécie de assonância transsociativa.

18. o método anacrônico. O *Wake* foi finalmente publicado em 4 de maio de 1939. Isso significa que não deveria haver alusões na tradução a eventos posteriores? Na verdade, sim. Nada de John F. Kennedy, nada de reencontro polaco com o velho Yurp (UE). Nós só usamos eventos posteriores, músicas, por exemplo, de uma data posterior, mesmo que não sejam percebidos. Mas nos permitimos um anacronismo flagrante por capítulo. No primeiro capítulo traduzimos “onda de paz” como se fosse “processo de paz” (FW 23.13).

19. o método equivalente ou geográfico. Uma história da Alemanha traduzida para o francês não deve tornar-se uma história da França. *Finnegans Wake* é firmemente irlandês e está situado no subúrbio de Dublin, Chapelizod. Mas, ao mesmo tempo, é *Finnegans Wake*, e o mundo inteiro e toda a história mundial estão nele. Sentimos que, para fazer soar mais sinos nos ouvidos dos leitores holandeses, teríamos que recorrer de vez em quando a acontecimentos típicos holandeses, a factos bem conhecidos e especialmente a canções de ninar, tomando cuidado para que não parecesse que a história se passava nos Países Baixos. Portanto, era importante esconder as típicas alusões holandesas. O próprio Joyce, quando ofereceu ajuda a Louis Gillet, que estava escrevendo um artigo sobre a *Work in Progress* e ao mesmo tempo traduzindo algumas frases para o francês, mudou as palavras do Cardeal Newman, '*lead, kindly light*' (em FW '*lead, kindly fowl*', no que se refere à Galinha encontrando a Carta), nas palavras de um apóstata francês, Ernest Renan (ver Cartas I, 305, 15 de julho de 1931). Sentimo-nos obrigados a procurar um escritor apóstata holandês e o encontramos em um dos melhores poetas holandeses, Herman Gorter, convertido do esteticismo ao socialismo. Da mesma forma, poderíamos de vez em quando transformar o Castelo Howth em *Hoofts Kasteel*, ou no castelo do historiador e poeta holandês P. C. Hooft, o Castelo de Muiden, foco da literatura do século XVII

nos Países Baixos. *Hoofd* = cabeça em holandês, tornando a semelhança ainda mais próxima.

20. **o método anagramático.** Se uma palavra que você precisa não servir, às vezes você pode tentar contrabandear a palavra misturando as letras. Precisávamos absolutamente do nome Shaw e da palavra '*struikgewas*' (arbustos) em FW 41.08. Daí '*struikgewash*'. De forma alguma uma solução ideal, mas nenhum desses métodos é. Eles também poderiam ser nomeados 29 improvisos.

21. **o método genético.** Depois que decidimos que não iríamos traduzir erros tipográficos, poderíamos deixar as coisas muito mais claras do que estavam no texto publicado em inglês. Poderíamos traduzir o incompreensível de outra maneira '*scareyss*' em FW 292.24 com um equivalente holandês de '*soareyss*', como Joyce pretendia (referindo-se a 'um colírio para os olhos' e 'subindo'). Em FW 394.07, o adjetivo solitário '*svvollovving*' nós traduzimos como se o substantivo que o acompanha '*stickers*' – e com ele a alusão aos jogos suecos Swallow Tandstickor – não tivessem sido tristemente perdidos nas provas de cozinha. Dessa forma, conseguimos esclarecer uma boa quantidade de problemas textuais. Listamos as 2.231 “variantes” (emendabilia) e suas fontes no fac-símile *James Joyce Archives*, em um apêndice à nossa tradução.

22. **o método deixe como está.** As palavras estrangeiras que Joyce coloca em itálico nós as deixamos (ao contrário de Stündel, ver método 28). Outras palavras estrangeiras sem nenhum componente óbvio de inglês, sempre tentamos primeiro recriar em outra coisa, porque nunca podemos ter certeza de que não há inglês nelas: é basicamente um livro em inglês. (Compare, por exemplo, o holandês '*Wacht even!*' em FW 76.23). Em FW 55.28, traduzimos '*blomsterbohm*' como '*blomsterbohm*', que é exatamente tão não-holandês quanto não-inglês. Variantes rejeitadas incluíam, no entanto: *blomsterboom*, *boomvolblomsters*, *blomsterbau*, *blotzerbaum*, *woutereus* etc. Então, na verdade, além das palavras em itálico, traduzimos tudo.

23. **o método um-para-um.** Muitas palavras de *Wake* já são, por si mesmas, mais ou menos multilíngues: '*his patriarchal shamana*' (FW 75.14) provavelmente permanecerá a mesma em todas as línguas. Além disso, o inglês e o holandês não

estão tão distantes. Na época de Chaucer, as duas línguas ainda eram meros dialetos uma da outra. Um ‘wake’ em inglês também é um ‘wake’ em holandês igualmente. E ‘baregams’ em FW 75.02 contém ‘bare’ = nu, ao passo que o holandês ‘bar’ significa o mesmo em antigas palavras compostas como ‘barrevoets’ = com os pés descalços (ver também 10, o método conservador).

24. o método do duplo mais. Em casos muito raros decidimos aderir às nossas sugestões. O *Wake* é rico o suficiente para acomodar alguns extras que, estritamente falando, não estão no texto. Em FW 621.35-36, também colocamos *A viagem sentimental*, de Laurence Sterne, onde Joyce menciona apenas *Tristram Shandy*. ‘*Or the birds start their tristern shindy.*’ ‘*Of de vogeltjes hun triestern shantie beginnen met zangtimentale krijs.*’

25. o método pessoal. Quando existem fortes razões pessoais ou sentimentais para deixar prevalecer uma determinada tradução, embora esta possa não ser a mais precisa. O ‘*prankquean*’ traduzimos tudo no início provisoriamente como ‘*loersloerie*’ e embora talvez um pensamento posterior, ‘*poetskween*’, fosse melhor, por estar mais próximo do inglês, decidimos manter ‘*loersloerie*’. Já havia leitores apegados e até devotados a ele, então já não havia conserto.

26. o método cara ou coroa. Quando realmente não podíamos escolher entre possíveis traduções, tivemos que recorrer ao acaso. Já poderíamos preencher quatro *Finnegans Wakes* com os restos, as palavras deixadas na sala de edição.

27. o método do corretor ortográfico. É um método que não usamos. Mas se você precisar de uma variante de uma palavra e não conseguir encontrar uma boa palavra que pareça e soe como ela, pode ser útil. O corretor ortográfico geralmente dá sugestões completamente idiotas. *Finnegans Wake* contém 234.567 palavras, das quais 57.868 ocorrem apenas uma vez, certamente um recorde mundial. Destas, 51.098 foram rotuladas pelo corretor ortográfico como ‘*suspeitas*’, o que também deve ser um recorde mundial.

28. o método Stündel. O tradutor alemão Dieter Stündel tornou alemã cada palavra, também as passagens em latim e francês. Além disso, ele enchia suas palavras de

trocadilhos, mesmo quando não havia trocadilhos em inglês. Muito raramente traduzíamos palavras que não fossem do inglês, e muito raramente também não conseguíamos resistir à tentação de fazer trocadilhos onde Joyce mantinha seu inglês incontaminado. Mas só se houvesse razões logopoéticas muito boas.

29. Deixe que outros façam o método de trabalho. Joyce é um grande reciclador. Nada é jogado fora. Há muitos ecos e citações distorcidas de *Dublinenses*, *Um retrato* e *Ulisses*. A Bíblia, *Hamlet* e *Huckleberry Finn* também aparecem muitas vezes. Às vezes, acontecia que poderíamos usar as traduções existentes dessas obras. Vale a pena tentar.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma? Por quê?

Inexistente. A tradução é uma atividade prática, mãos à massa. E *Finnegans Wake* é *par excellence* um livro que escapa a todas as redes de teoria.

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Mantendo viva a atenção para o livro. A descoberta de possíveis novas fontes. Pesquisa sobre a gênese do texto.

Você acha que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Não. Somos apenas tradutores humildes e simples. Já é um milagre podermos colocar algo próximo ao original.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Você pode comentar o motivo e citá-lo?

Não, adoro tudo, mas tenho boas lembranças do capítulo “Shem the Penman”, o retrato mais desavergonhado, hilário e ao mesmo tempo trágico e impiedoso de um artista que conheço. ‘*Shem é zo sjofel voor Shemus e Jem jockig é voor Jacob...*’

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Não sei exatamente o que você quer dizer com “o público em geral”, mas a primeira edição bastante cara de 4.500 exemplares esgotou, se esse for um critério. Os revisores ficaram perplexos em geral, mas alguns também foram muito solidários e entusiasmados, como os nossos amigos na Bélgica Dirk van Hulle e Geert Lernout, e o nosso colega tradutor e poeta Hafid Bouazza na Holanda. Com algumas exceções notáveis (os Estudos de Tradução em Utrecht, por exemplo), a Academia é principalmente uma instalação para ronco, no que diz respeito aos assuntos joyceanos na Holanda. Mas participamos de alguns eventos maravilhosos do Bloomsday (por exemplo, em Vlissingen, em 2005, organizado pelo pai do meu amigo, o grande Leen Stout, já falecido).

Como artista visual, o que você acha das traduções intersemióticas de *Finnegans Wake*, como a tradução visual criada pelo brasileiro Sérgio Medeiros?

Não conheço o trabalho de Sérgio Medeiros, mas digo que quanto mais melhor. Tudo pode lançar uma nova luz sobre os cantos escuros deste livro.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*, talvez uma tradução visual?

Ainda não, usei algumas das falas do *Wake* na minha série *Men of Minsk*.

Qual é a função da repetição no *Wake* e como o tradutor deve trabalhar com ela?

Veja acima. Todos os ecos devem ser respeitados, por mais profundamente que estejam enterrados.

3.8.3 Diálogo tradutório

Se existe alma gêmea tradutória, *Finnegans Ressuchistam* encontrou a sua no *Finnegans Wake* holandês (que, todavia, ainda não lemos). Ambos ouvêm a música como a principal chave do livro e bebem na fonte da repetição; da simultaneidade; da multiplicidade; dos trocadilhos; do multilinguismo; da abertura criativa ao tradutor; da tradução como prática do corpo a corpo macrotextual; e do diálogo com outros tradutores. No multilinguismo, a estratégia adotada foi utilizar o inglês (próximo do holandês) e manter as expressões em francês e latim do original. Entre os muitos métodos tradutórios desenvolvidos pelos tradutores holandeses, *Finnegans Ressuchistam* aplicou principalmente o “aproximativo”, o “dar e receber”, o “acumulativo”, o “compensatório”, o “anacrônico” e o do “dicionário”.

3.9 PATRICK O'NEILL (IRLANDA/CANADÁ)

3.9.1 Introdução

Patrick O'Neill, especialista no macrotexto wakeano



FONTE: QUEEN'S UNIVERSITY. **Patrick O'Neill**. Disponível em: <https://www.queensu.ca/llcu/people-search/patrick-o%27neill>. Acesso em: 17 out. 2024.

O irlandês Patrick O'Neill é professor emérito do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Queen's University no Canadá. É autor de inúmeros estudos narratológicos, literatura alemã, de língua inglesa, literatura comparada e estudos de tradução.¹⁰⁵

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, ele comenta sobre os vários livros que escreveu com foco nos estudos da tradução de *Finnegans Wake*. Também comenta sobre a inoperância prática de teorias tradutórias para a tradução desta obra. Ademais, ressalta o caráter macrotextual do *Wake* enquanto um texto em constante crescimento pela tradução.

3.9.2 Entrevista traduzida para o português

Prezado Patrick O'Neill, você pode nos falar de você e sobre sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

¹⁰⁵ Informações no site: <https://www.queensu.ca/llcu/people-search/patrick-o%27neill>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Nasci e cresci na Irlanda, na zona rural do condado de Wicklow, alguns quilômetros ao sul de Dublin. Fui educado localmente e na *University College Dublin* (UCD), a própria universidade de Joyce. Desde menino já era fascinado por línguas. O irlandês era uma língua obrigatória em todos os níveis escolares e fiquei intrigado com isso desde o início. Como coroinha da igreja, adquiri certa familiaridade com o latim inicialmente aprendido mecanicamente, que ainda era a língua litúrgica no início dos anos 60. Flertei com várias línguas (francês, espanhol, italiano, grego) naqueles primeiros anos, antes de descobrir acidentalmente, aos quinze anos, uma revista em outra língua estrangeira e decidir aprender sozinho aquela língua, seja ela qual fosse. Acontece que era alemão, língua que inicialmente aprendi sozinho, depois estudei na UCD, obtendo um bacharelado e um mestrado na Irlanda e mais tarde, mais uma vez mais ou menos por acidente, um doutorado na *Queen's University*, no Canadá. Assim começou uma carreira canadense de 40 anos como germanista, embora sempre preservando um interesse contínuo pela literatura irlandesa, incluindo, é claro, Joyce.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando Joyce?

Li *Dublinenses* e *Um retrato do artista quando jovem* quando era estudante e *Ulisses* em 1963, no meu primeiro ano de universidade. Não creio que possa falar de nenhuma “epifania” em particular, exceto que a UCD foi, claro, onde o próprio Joyce estudou francês e italiano. Optei por estudar alemão e espanhol, com cursos ocasionais de sueco e russo, bem como de latim e irlandês.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a estudar profundamente esse *work in progress*?

Já não tenho a certeza de quando encontrei o *Wake* pela primeira vez, mas fiquei certamente fascinado desde o início pelo seu extraordinário uso da linguagem e das línguas – e também, claro, por sua utilização totalmente irreverente do humor. Percebendo que enfrentar qualquer tipo de problema com isso, a qualquer nível, seria um empreendimento a longuíssimo prazo, deixei-o de lado durante várias décadas, voltando a ele de forma mais séria apenas no início dos anos 90 – e no contexto especificamente de como uma obra tão notoriamente intraduzível poderia ser

traduzida e de que forma as várias traduções poderiam ser comparadas. Isso levou à noção de um *Wake* “macrotextual”, teoricamente constituído pelo texto original e, em princípio, por *todas* as suas traduções. Na prática, é claro, qualquer investigador está limitado àquelas línguas das quais ele ou ela possui algum grau de compreensão.

Alguns dos tradutores do *Finnegans Wake* não são “tradutores profissionais” ou pesquisadores de literatura. A que você atribui esse fenômeno?

Em grande parte, que o *Wake*, da primeira à última linha, é um quebra-cabeça linguístico intrigante que exige urgentemente que seja resolvido – e desafia qualquer aspirante a tradutor a responder a essa procura.

Aliás, existem também vários trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) que estudam a tradução de *Finnegans Wake*, incluindo alguns que vêm acompanhados de traduções. Por que a academia não abre mão de Joyce e, principalmente, do *Wake*?

Joyce é sem dúvida o escritor mais importante e influente do século XX. O *Wake* é igualmente, sem dúvida, uma das obras mais desafiadoras de qualquer século e (certamente) em qualquer idioma.

Você percebe uma atitude diferente entre tradutores acadêmicos e não acadêmicos?

Não, não posso dizer que alguma vez tenha percebido isso no que diz respeito à tradução resultante. Introduções acadêmicas, como a introdução de 150 páginas de García Tortosa à sua interpretação de “Anna Livia Plurabelle”, certamente proporcionam aos leitores uma compreensão muito mais profunda das questões tradutórias potencialmente envolvidas.

O que você acha (ganhos e perdas) das traduções coletivas, como *Finnegans Rivolta*? Vários procedimentos de tradução podem caber no mesmo projeto?

Um ganho óbvio é claramente que cerca de uma dúzia de tradutores ou mais tem muito maiores probabilidades do que um único tradutor de completar a enorme tarefa em um número razoável de anos. A heroica versão italiana do *Wake* de Luigi Schenoni o ocupou por mais de trinta anos antes de sua morte prematura – ponto em que a tradução ainda estava a dois capítulos de terminar. Entretanto, múltiplos procedimentos de tradução produzem dois resultados separados, embora curiosamente relacionados: por um lado, há todo o *Wake* em uma nova língua, traduzido multiplicadamente como um esforço coletivo; por outro lado, existem as representações individuais de partes específicas do todo, comparáveis às representações das mesmas partes por outros tradutores.

Que tipo de tradução você mais gosta? Por que razão? Você pode citar uma tradução específica?

Pessoalmente, meus interesses tendem a ser principalmente filológicos. Fico, portanto, muito impressionado com traduções que tentam permanecer o mais próximo possível do texto original em termos linguísticos ou, quando isso não é possível, concebem soluções que refletem, ainda que obliquamente, o estilo particular da passagem traduzida – que pode, claro, consistir em apenas algumas palavras ou várias páginas. As traduções de “Anna Livia Plurabelle” que tenderam a revelar mais nesse sentido são, por exemplo, aquelas de André du Bouchet em francês e de Orlando Mezzabotta em italiano.

E qual estilo de tradução você desaprova? Por que razão?

O exemplo mais óbvio aqui é certamente a suposta versão alemã do *Wake* de Dieter Stündel, na qual ele emprega uma variedade de pretensos efeitos complexificadores inteiramente arbitrários, resultando em uma versão que é nada menos que embaraçosa de ler. A aproximação espanhola de Pozanco erra na direção oposta devido a um programa consistente de simplificação excessiva. A versão de Lavergne também cai nesta última armadilha em diversas ocasiões, mas foi, claro, produzida mais de uma década antes de Stündel ou Pozanco.

Ainda neste contexto, quais são os pontos que um tradutor de *Finnegans Wake* não pode perder? Qual é a liberdade do tradutor neste trabalho e que pecados o tradutor não pode cometer?

Acho que minhas duas respostas anteriores respondem a essa pergunta ...

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Há um sentido óbvio em que qualquer tradutor de um texto literário pode, até certo ponto, ser considerado um coautor: afinal, as palavras na página traduzida são as do tradutor. No caso do essencialmente intraduzível *Finnegans Wake*, o *status* do tradutor como coautor é ainda mais claro.

O que você acha dos procedimentos de tradução que propõem a domesticação semântica ou gramatical do livro?

Na situação específica do *Wake*, estes procedimentos tendem a produzir interpretações daquilo que os tradutores acreditam que Joyce *realmente* quis dizer – como se qualquer linha de *Finnegans Wake* pudesse ser reduzida a um único significado. O *Wake* Francês de Lavergne e o *Wake* Espanhol de Pozanco, como já mencionado, sofrem com esta atitude.

Você aprova procedimentos de tradução transcultural como os de Schüller?

Particularmente em relação à tradução de Schüller, estes procedimentos frequentemente produzem versões que realçam bastante o humor – e o alcance macrotextual – da obra.

Como o tradutor deve trabalhar com os elementos abaixo?

Multilinguismo

Multiculturalismo

Oralidade

Trocadilhos

Palavras-valise

Nebulosidade onírica da escrita

Repetição

Simultaneidade referencial

Musicalidade

Etc.

As respostas a estas perguntas dependem, obviamente, em cada caso, de cada tradutor. O fato de os resultados poderem e diferirem de forma extraordinária é mais uma prova da inesgotabilidade do *Wake*.

Você tem um artigo (*Translators, Titles, Texts: Reading the First Two Words of Finnegans Wake*), no qual analisa títulos das traduções de *Wake*. O que você acha dos procedimentos de tradução que mantêm o título original e dos que decidem traduzi-lo? O que você diria sobre *Finnegans Ressuchistam*, título que dei à minha tradução?

As traduções que mantêm o título *Finnegans Wake*, ao não conseguirem traduzir nem mesmo as duas primeiras palavras do texto, destacam graficamente o ponto de que o texto é de fato intraduzível. Aqueles que traduzem o título têm de enfrentar a inevitável perda de certos significados originais, ao mesmo tempo que contribuem com novos significados de maior ou menor relevância e ressonância globais na obra. No momento, estou mantendo a mente aberta sobre *Finnegans Ressusichistam*...

O epitexto crítico, do qual você é um dos representantes mais notáveis, é uma forma de tradução do *Wake*? De certa forma, toda essa produção tem uma função narrativa e está incorporada à poética da obra?

A resposta em ambos os casos, acredito, é sim. Cheguei a esta conclusão, embora não especificamente no contexto do *Wake*, já há alguns anos no meu livro anterior *Fictions of Discourse: Reading Narrative Theory* (1994).

Nesses termos, quais são os ganhos e perdas de uma tradução anotada/comentada, como as traduções de Schüller, Schenoni e Terrinoni, Andrey Rene, JD Victoria e outros?

Os ganhos, claramente, são que tais comentários e anotações podem, em muitos casos, ajudar a aproximar o leitor de uma maior compreensão do texto de Joyce, tanto no original como na tradução relevante. As perdas, igualmente evidentes, são que, em alguns casos, os comentários e anotações podem ser em grande parte, ou até totalmente, enganosos. Isso é verdade para muitos dos comentários na tradução francesa de Lavergne de 1982, por exemplo. Os anotadores mais recentes, naturalmente, terão o benefício de cerca de 40 anos de pesquisas joyceanas subsequentes. Tem sido observado de várias maneiras que os leitores de primeira viagem são aconselhados a simplesmente ignorar as anotações, recorrendo a elas apenas durante leituras posteriores. É claro que poucos leitores de primeira viagem levarão esse conselho a sério...

Ó, conte-me tudo sobre *Polyglot Joyce: Fictions of Translation; Impossible Joyce: Finnegans Wakes; Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations; Finnegans Wakes: Tales of Translation*.

Você morrerá quando ouvir. A série é, em certo sentido, apenas uma prova da minha falta de imaginação. Já que comecei, continuei seguindo a mesma linha por trinta anos ou mais. *Polyglot Joyce* não se limitou a *Finnegans Wake*, que rapidamente tomou conta de todo o *show*, como em *Impossible Joyce* e *Finnegans Wakes*. *Anna Livia*, por sua vez, roubou a cena com *Trilingual Joyce* – e, devo acrescentar, com um quinto volume, *Anna Livia Plurilingual: Exploring a Joycean Macrotext*, que está para ser lançado em 2025.

A sua forma de ver *Finnegans Wake* e a tradução mudou entre uma obra e outra?

Não, não creio que possa dizer isso – a não ser pelo fato de a metodologia ter se tornado gradualmente mais sofisticada.

Como você vê a história das traduções do *Wake*? Você consegue traçar uma linha do tempo de momentos e procedimentos de tradução?

Procurei fazer isso longamente em *Finnegans Wakes: Tales of Translation*, então não vou me repetir aqui ¹⁰⁶.

Existe algum idioma que acomode mais adequadamente o texto original de *Finnegans Wake* em uma tradução? Por quais motivos?

Vários tradutores afirmaram, ironicamente ou não, que a sua língua particular teria proporcionado a Joyce um alcance muito maior do que o mero inglês pudesse ser capaz de empregar na execução do projeto *Finnegans Wake*. Os idiomas sugeridos especificamente incluem polonês e japonês.

Você acredita que esse rizoma tradutório, que expande indefinidamente a obra, é um pressuposto inerente à estrutura original do livro? Como você analisa esse movimento/crescimento incessante ou, como você diz, o “universo em expansão de *Finnegans Wake*”?

Eu realmente acredito que o conceito de macrotexto, o de universo em expansão, é, como você diz, um pressuposto inerente ao DNA literário de *Finnegans Wake*.

Tive a oportunidade de entrevistar alguns tradutores de *Finnegans Wake* e quase todos eles não estão apegados às teorias da tradução como suporte tradutório para este trabalho. A que você atribui isso?

Ao fato de *Finnegans Wake* transcender e exceder qualquer teoria da tradução?

Qual a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por algum deles? Por quê?

¹⁰⁶ Trouxemos a linha do tempo de O'Neill nos anexos.

Meu trabalho em *Finnegans Wake* nos últimos 30 anos curou-me de qualquer envolvimento adicional com a teoria da tradução.

O que você tem a dizer sobre a ideia de *Finnegans Wake* como um livro intraduzível?

Como já foi observado muitas vezes, *Finnegans Wake* é, obviamente, totalmente intraduzível – mas ao mesmo tempo exige absolutamente ser traduzido (e continuamente retraduzido).

Você tem algum novo projeto envolvendo *Finnegans Wake*? (diga sim, por favor, sim, eu quero sim).

Obrigado pelo voto implícito de confiança. Mas quando *Anna Livia Plurilingual* aparecer, acho que já terei dito quase tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. E afinal, será que o mundo, mesmo o mundo dos entusiastas de *Finnegans Wake*, precisa de mais uma análise macrotextual? Ainda assim, pode ser divertido...

E, se um dia eu publicar minha tradução *Finnegans Ressuschistam* em livro, me sentiria honrado se pudesse contar com um de seus textos na edição.

Eu ficaria feliz em contribuir, desde que você possa me explicar seu título primeiro...

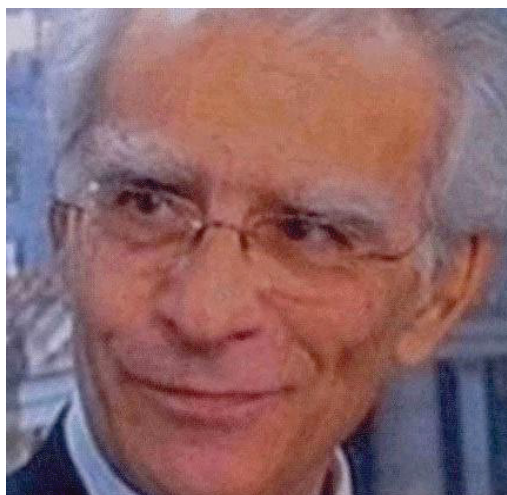
3.9.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam, além de implorar por uma análise de Patrick O'Neill, bebe da sua ideia do *Wake* como um macrotexto, ou seja, um texto múltiplo que está sempre por se construir. Dessa forma, o *Wake* é um macrotexto em constante coconstrução por meio dos rizomas da tradução e da crítica. Brigadão pela noção de macrotexto, O'Neill. Como nós, ele também vê o *Wake* como um objeto arredo à teoria da tradução e acredita em traduções que não busquem semantizar ou complicar demais o original. O'Neill também acredita na crítica como uma terceira via narrativa.

3.10 ELEFTHERIOS ANEVLAVIS (GRÉCIA)

3.10.1 Introdução

Eleftherios Anevlavis, tradutor grego



FONTE: ANEVLAVIS, Eleftherios. **Foto de perfil do Facebook do tradutor.** Disponível em: <https://tinyurl.com/4bs3886e>. Acesso em: 17 out. 2024.

Eleftherios Anevlavis verteu integralmente o *Finnegans Wake* para a língua grega sob o título *I agrýpnia ton Fínnegan*. O trabalho, que levou 7 anos e foi publicado em 2012 pela editora Kaktos, vem acompanhado de vasto material crítico, a exemplo de inúmeras notas e introdução. Primeira tradução completa para o grego, *I agrýpnia ton Fínnegan* contém 1.608 páginas.

Anevlavis, que é médico com inúmeras publicações na área, afirma que a medicina é a sua esposa e que a literatura é a sua amante. Nesta entrevista, realizada entre fevereiro e abril de 2024 por meio de mensagens trocadas nos nossos perfis do site academia.edu, o “Livre e Implacável” (tradução do seu nome para o português) tradutor grego optou por não responder às perguntas de forma linear e parcelada, abordando ensaisticamente em uma colagem que unificou os questionamentos. Judiando do entrevistador e da sua poliglota noiva, o tradutor grego respondeu em sua língua nativa às perguntas feitas em inglês.

No texto, após um primeiro momento ensaístico no qual traz trechos de sua introdução de *I agrýpnia ton Fínnegan*, Anevlavis, ele realiza um pot-pourri com

diversos comentários que críticos realizaram à sua obra, os quais são mesclados a algumas falas que ele próprio deu em entrevistas anteriores. A entrevista-ensaio de Anevlavis traz vários aspectos do “enredo” do *Wake* e aborda as questões referente ao multilinguismo, ao multiculturalismo, ao efeito *nonsense*, à pluralidade da palavra-valise trocadilhesca etc.

3.10.2 Entrevista traduzida para o português

***Finnegans Wake*, duas palavras sobre a tradução, por Eleftherios Anevlavis.¹⁰⁷**

Clara e honestamente, deve ser dito ao leitor que o livro de James Joyce, *Finnegans Wake*, não é lido como um romance, ou uma novela, ou um conto de fadas. O livro geralmente não é lido. O próprio Joyce percebe isso ao escrever: Confusão, emaranhamento, perplexidade, ambivalência, o brilho no rosto do leitor. (Cartas, I, 222). O livro, baseado nas alusões e trocadilhos de Joyce, deveria ser “reescrito” pelo leitor ao lê-lo. Joyce não escreve em inglês. Ele escreve em sua própria língua, incompreensível para quem não conhece seus segredos. Ele escreve em wakeanês.

Em *Agrypnia* (tradução de *Wake*), a linguagem é a protagonista, ela é o meio através do qual a mensagem é expressa que, por sua vez, é a própria linguagem, ou seja, o mundo que através dela criamos, compreendemos e expressamos. A linguagem de *Agrypnia* parece contraditória e travada em um círculo vicioso, o que impede o leitor de se acostumar com o fluxo linear da narração dos livros tradicionais, e inicialmente o repele, fazendo-o desistir. Porém, ao conseguir vislumbrar pela língua o cosmos (joia) de *Agrypnia*, ficará fascinado pelas cores, pelo ritmo e pelos enigmas. Ele ficará preso no encanto da pergunta, do trocadilho, da oposição e da contradição dos heróis que são muitos, todos nós e cada um individualmente, portadores de um pecado, uma culpa ancestral. Vendo a bíblia no topo da torre Eiffel e de uma multiplicidade de lugares, o leitor terá caído na armadilha da repetição contínua do livro. Porque cada retorno ilumina suas faces e personagens com uma luz diferente.

Deve ficar claro que *Agrypnia* não é traduzível para outro idioma. Porque a tradução aqui é impossível e leva à transformação da obra em outra coisa que não ela

¹⁰⁷ Introdução de *I agrypnia ton Finnegan* - Tradução e Comentários de Eleftherios Anevlavis KAKTOS Volume I, 2013.

mesma. Manto Aravantinou¹⁰⁸ traduziu quatro passagens curtas. A língua grega foi utilizada de forma bela, compreensível e encantadora. Mas este tipo de abordagem é apenas uma representação para compreender o texto e leva o leitor a uma leitura unidimensional e familiar. Mas, como sabemos, este não é o *Finnegans Wake*, com a sua estrutura e função multifacetadas; com a sua polissemia e amálgamas de palavras. Talvez a única maneira, se houver, de “traduzir” o *Wake* seja fazer com que a obra seja reescrita pelo “tradutor” em seu próprio “Grego Agrypno”. Busquei reescrevê-lo com a estrutura e a função da linguagem de Joyce em *Finnegans Wake*, o *wakeanês*, que pressupõe um trabalho incalculável. Caso contrário, todo o empreendimento conduzirá à mutilação, à paralisia poética da obra. Yiannis Kalioris aborda as dificuldades da tradução *Agrypnia* em seu artigo *Finnegans Wake: um teste de tradução*.¹⁰⁹

James Joyce levou dezessete anos, removendo o apóstrofo da balada irlandesa *Finnegan's Wake* para criar *Finnegans Wake*, a joia sombria, obscura e *sui generis* da literatura mundial. Nas 628 páginas da obra tudo acontece em uma noite. O mundo é quebrado e feito novamente em uma noite e no estado de sonho dos heróis e do autor. Como Joyce disse: “Dizem que o livro é obscuro. Naturalmente o comparam a *Ulysses*, mas a ação em *Ulysses* ocorreu principalmente durante o dia, e a ação em *Finnegans Wake* é notadamente à noite. É natural que as coisas não pareçam tão claras à noite. Não é”.¹¹⁰ Mais ainda, as coisas ficam confusas e livres no sonho, onde tudo é permitido, mas também tudo está escondido, porque a culpa (do pai pecador) fica à espreita para abocanhá-lo. E é assim que surgem os disfarces. O incesto torna-se um inseto, para que a liberdade e a culpa sobrevivam – disfarçadas – no sonho. E na escrita.

Essa escuridão noturna que impede a visão precisa e a imprecisão sonhadora, a liberdade e a polissemia é o *Wake (Agrypnia)* que não pode perder esse efeito. Parafraseando Gertrude Stein, *Agrypnia é Agrypnia é Agrypnia*. Já no título, o autor lança o véu da noite sobre nós e sobre a sua obra. E começam os enigmas e trocadilhos. Remove o apóstrofo do nome da balada irlandesa: *Finnegan's Wake*, que

¹⁰⁸ Poeta grego.

¹⁰⁹ Conforme a edição 893, de 20 de abril de 2007.

¹¹⁰ Richard Ellman. James Joyce. Traduzido por Athina Dimitriadou. Editado por Aris Berlis. Scripta Publishing, 2005.

é o núcleo de *Agrypnia* e nos mergulha na escuridão da interpretação e da polissemia. *Finnegans Wake* se torna o título.

Sem o apóstrofo, que tornaria *Finnegan* singular, *Finnegans* é obviamente plural. Não se refere a uma pessoa. (A tradução do título de Manto Aravantinou como *O Despertar de Finnegan* aceita essencialmente o singular – *Finnegan's Wake* – que, no entanto, não respeita a pluralidade de *Finnegans* do título. Porém, os protagonistas da obra são muitos e se condensam em um só, que é aquele que encapsula todos. Um holograma onde cada parte contém o todo e está contida nele. Ao remover o apóstrofo, o jogo de palavras, Joyce cria um holograma humano.

Finnegans Wake foi, portanto, um título escolhido como uma representação da obra para indicar a multiplicidade e a natureza multifacetada dos protagonistas, que são muitos em um, e um em muitos. Heráclito já sabia disso há milhares de anos: “é sábio escutar não a mim, mas sim ao meu discurso, e confessar que todas as coisas são Um”.

Para evitar o problema dos apóstrofes e levar as palavras em sua sintaxe original no título da obra, o tradutor deve focar no substantivo *Finnegans* (nominativo plural) e considerar *Wake* como um verbo. *Finnegans* (todos vocês) *Wake* (despertem). Poderia, por que não? O *Wake* fornece infinitas possibilidades, e cada uma delas pode ser realizada de forma diferente a depender do intérprete.

Como no experimento de Erwin Schrödinger com o gato, no qual até que a observação seja feita o gato é um morto-vivo. O observador, abrindo a caixa estanque à informação (relativamente bloqueada) em que o gato se encontra, decide naquele momento, ao receber a informação (do gato), se o gato está vivo ou morto. Até então ele é morto-vivo em superposição de fases. Só que em *Agrypnia* o gato não é um, mas também sofre da síndrome de “Todo mundo”.

Então aqui está outra versão: *Finnegans* como um composto de Finn (fim) de novo (*again*), sugere um fim e um começo. E os *Finnegans* (ou seja, todos e tudo) recomeçam, acordados, assim como o livro termina e recomeça. Anna Livia (a forma feminina multifacetada da obra) ao final, transformada no Rio Liffey, o rio da vida, ao fluir, enquanto morre no mar, grita: “Finn, de novo!” (Finalmente, de novo!). E a obra encerra localmente (na última página) com a frase incompleta “*A way a lone a last a love a long the*” para continuar ao reiniciar a narração na primeira página “*riverrun*”...Portanto, o título *Finnegans Wake* (*finn again*) poderia ser traduzido como *The End Wake Again*, novamente pairando entre o Fim e o Despertar (porque mesmo

depois do despertar virá o fim mais uma vez e assim por diante, recorrentemente, a partir do começo, ou então *Finnegans Wake Up*.

Heráclito brada: “Somos e não somos”, até que haja alguém para confessar isso, até que haja alguém para ouvir o estalo que a árvore faz na floresta ao cair. Caso contrário, silêncio! *Agrypnia* é composto de trocadilhos e palavras compostas, palavras-valise – dois ou mais significados agrupados em uma palavra (é como uma mala de viagem – dois significados agrupados em uma palavra), como diz Humpty Dumpty para Alice em *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll. A heterossíntese, assim como o jogo de palavras, derruba o entendimento tradicional de que cada palavra, numa situação específica, tem apenas um significado determinado. Os signos são utilizados como substitutos do significado, ou mais especificamente como a totalidade significante da escrita, da sonoridade da palavra, isto é, forma-significado (significado contido e expresso por esta forma) na linguagem wakeana. O tradutor/leitor tradicional, habituado ao fluxo linear da narrativa, ignorando as armadilhas que escondem as palavras-valise da obra, escolhe apenas uma via de interpretação, enquanto há duas e três embutidas na mesma palavra; e tenta encontrar o enquadramento contextual mais lógico (cuidado, estamos falando do *Wake!*), que semantize o texto. Isso é um erro, “Culpa da Fênix!”. Porque aqui a “lógica” é aluvial! E pode ser visto por qualquer pessoa que tenha os olhos atentos à alma linguística da obra. O pecador do Parque Fênix esconde dentro dele a *Felix Culpa* (latim, erro feliz, de Santo Agostinho), mas também Phoenix, que se refere ao Phoenix Park de Dublin, o renascido Phoenix e Felix (latim para feliz) – tudo isso em uma palavra-valise, bem como a culpa que se refere ao pecado: todo o *Wake* gira em torno de um suposto pecado cometido por HCE: Here Come Everybody (todos nós), no Phoenix Park. “Se Deus não existe, tudo é permitido”, escreve Dostoiévski em *Os Demônios*. E quando, porém, Deus se torna o ponto principal, como acontece em *Agrypnia*, tudo também é permitido.

“Penisolado” = caneta + pênis + isolado. Quantas palavras e, por extensão, possibilidades de conceitos-significados podem caber em uma palavra joyceana? As mesmas palavras em um novo contexto assumem um novo significado. A linguagem do sonho é como, ou melhor, é uma espiral em desenvolvimento, cheia de contrastes e contradições, onde cada nova interpretação cria um novo contexto, que proporciona uma nova possibilidade de interpretação, que cria outro novo contexto, e assim por diante. O ciclo recorrente de Vico é repetitivo e variado, como *Agrypnia*. Uma

Herakletia, “harmonia reclinada de arco e lira”. “Quando uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty, “ela significa o que eu escolho que signifique, nada mais nada menos”. “A questão é”, disse Alice, “se é possível fazer com que as palavras signifiquem coisas diferentes”. “A questão é”, disse Humpty Dumpty, “quem será o mestre, isso é tudo”.¹¹¹

As regras convencionais determinam que, para que um texto seja compreendido, ele deve ter uma única interpretação. Joyce, criador de horizontes abertos, quebra essas regras. Mestre da língua, ele estabelece a regra de que em *Agrypnia* não existe regra, ou, o que dá no mesmo, todas as regras imagináveis se aplicam. Portanto, todas as regras e leis podem ser utilizadas, mas também quebradas, desde que não haja legislação. Aqui a exceção não confirma a regra. É a norma.

A função da definição em *Agrypnia* está corrompida, e assume tantos valores quanto a indefinição permitir. Ou seja, é ilimitada. Ao organizar e reorganizar perpetuamente as milhares de palavras-valise, Joyce cria um vasto universo obscuriforme (escuro e belo) do discurso do *Wake*.

As palavras em *Agrypnia* são esticadas ao ponto de ruptura. “Estique-me mesmo que eu quebre”, diz Kazantzakis. Joyce parece ouvir esse apelo sem forçar as palavras ao limite. As palavras não se rompem, mas chegando aos seus limites, abrem-se para um novo universo de significados, diante do olhar surpreso do leitor atento, que se vê refletindo sobre duas ideias ao mesmo tempo. As palavras, trocadilhos e pantomimas são pontuadas, absurdas, filológicas e cômicas ao mesmo tempo. Cuidado com a explosão semântica: *puntomine* = *pun* (trocadilho) + *to* (para) + *mine* (meu, minar). Também: *puntomine* = *pun*: trocadilho + (continua com) *pan*: *pan* + *to* (para, em) + *mine*: meu eu em sua totalidade ou tudo meu. Os opostos e as contradições, também repelidos, são forçados a uma condensação potencialmente explosiva, que ao ser explodida proporciona imagens encantadoras, que ao seduzirem o pensamento fazem com que ele não seja repelido pela contradição, mas fascinado por ela. *Alcoholan* = *Alcohol* (álcool) + *Coran* (Alcorão), significados incompatíveis, que ocorrem na mesma palavra. A condensação da palavra ao tamanho de um átomo resulta, com sua desintegração, em energia explosiva.

¹¹¹ Lewis Carroll. *Alices Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass*. St Martin's Press. Nova York. 1971.

Mestre dos magos, Joyce manipula milhares de trocadilhos nas 628 páginas de *Finnegans Wake*, ao mesmo tempo, brincando, fazendo trocadilhos com tudo, em todos os lugares, sempre, ou seja, com todos e com tudo, em todos os espaços, em todas as épocas, ao mesmo tempo. Este é o ponto principal de *Agrypnia*, em que todas as possibilidades estão presentes, coexistindo. Quais e quantas serão realizadas, fica à imaginação, ao instinto e ao esforço do tradutor, que ao traduzir livre das amarras do sentido dominante, mas atento, procura se aproximar da essência que jamais conquistará. Ele se aproximará na Ítaca de *Agrypnia*, mas nunca chegará lá. E se ele se virar e olhar para ela, ela desaparecerá. Se ele tentar pegá-la, ela será uma sombra. A própria vida.

Agrypnia é a história do homem, mas também da comédia humana. O jogo encantador, divertido, que, no entanto, como todo jogo, é ao mesmo tempo uma coisa muito séria, a própria vida e a morte com a qual, enquanto vivermos, brincamos, sem que ela ao menos exista. Mas *Agrypnia* existe sozinho, sem ninguém para brincar. Existe! Na harmonia de Deus, todos os seres, conflitantes ou harmoniosos, contraditórios e contrários existem e coexistem.

Agora, Anevlavis faz uma colagem de excertos críticos sobre a sua tradução. Temos uma ideia da recepção da tradução e das características da edição, a exemplo do imenso volume de notas explicativas.

A obra mais *nonsense* da prosa mundial traduzida do inglês para o grego, pela primeira vez, por um médico amante da literatura. Trata-se do *Finnegans Wake* do irlandês James Joyce, publicada pela Kaktos, em uma fiel tradução de Eleftherios Anevlavis. A edição foi publicada em dois volumes, o primeiro com 755 páginas e o segundo com 844 – um total de 1.599 páginas, com mais de 20.000 notas de rodapé, para permitir ao leitor grego aproximar-se do que tem sido caracterizado como o nebuloso diamante da literatura – mais complexo linguisticamente do que o famoso *Ulysses* de Joyce. Ao lê-lo, você está diante do livro mais colorido, satírico, lúdico, libertador, subversivo, enigmático, irônico, excêntrico, alegórico, incompreensível e inclassificável do universo da escrita.

É um livro de ficção, mas não apenas ficção. É um estudo de teologia, mas não apenas de teologia. É um livro didático de filosofia, mas não apenas de filosofia. Ele resume a história, mas não apenas a história. É um ensaio de sociologia, mas não

apenas de sociologia. É tudo isso junto. E ao mesmo tempo é astrologia, alquimia, mistério, sexualidade, antropologia.

Do ponto de vista morfológico e estilístico é um delírio de palavras e conceitos complexos. É um sonho onde tudo é permitido e tudo é frustrado. Tudo acontece na intersecção da realidade e do sonho. Onde, o que o homem esconde à luz do dia, extravasa sem culpa aproveitando a liberdade provocante da noite. Onde a alma eterna confronta o culto do corpo, mostrando o homem em toda a sua glória e em toda a sua degradação.

O tradutor, na sua extensa introdução, explica-nos que, sim, os personagens são dois protagonistas, mas ao mesmo tempo são um e muitos: HCE e a sua esposa ALP. HCE, o grande *Pan*, é dono de um bar e às vezes é Here Comes Everybody, às vezes é um ovo, às vezes é um Inseto e sempre é um Pesadelo. Suas personificações correspondem a Adão, Cristo, César, Gengis Khan, Cromwell, Wellington e Finnegan.

Quem foi Finnegan? Foi o herói de uma canção irlandesa, Tim Finnegan, que, estando, como sempre, bêbado, aventurou-se a subir uma escada e caiu para a morte. Seus parentes e amigos, em sinal de honra a esse grande bebedor, em seu velório, colocaram garrafas de uísque – que em irlandês significa “água da vida” – em seu leito de morte. Mas, durante o velório, começou uma briga. Um jogou uma garrafa de uísque no outro e uma gota caiu nos lábios do morto, gota essa que foi suficiente para ressuscitá-lo. O principal escritor irlandês – bebedor, folião, dançarino e cantor também – pegou essa balada-mito e deu ao seu herói o tipo do ressuscitado e desperto, comparando-o a uma palmeira em chamas e regenerando-se de suas cinzas, enquanto de seus restos mortais nascem crianças, cidades e livros.

A esposa do protagonista, Anna Livia Plurabelle, é a Grande Mãe da Criação, o rio da vida e do tempo, ela é Eva, Maria, Issy, uma prostituta e uma galinha. Eles têm três filhos, dois filhos gêmeos e uma filha, que são tão multifacetados quanto seus pais. Os filhos, chamados Shem e Shaun, aparecem em vários momentos como Mutt e Jut, como Jerry e Kevin, como Butt e Taff, personificando todas as guerras e conflitos no curso da desumana história humana. A filha, ora como Issy, ora como Isabell, é toda mulher que se sente no espelho e se admira, assim como os irmãos a admiram por serem “incestos-insetos”, como o pai (incesto-inseto). As rixas familiares lembram todas as rupturas da história e os amores de todas as pessoas. É a humanidade com pecados e arrependimento, com morte e ressurreição, com grandeza e desolação.

Ao longo da narrativa é espalhada a fofoca de que algo obscuro aconteceu em um parque de Dublin entre um pai e uma menina, testemunhado por três soldados, mas nunca se sabe o que foi: uma bobagem ou algo mais sério? Sua esposa o defende, mas levanta novas suspeitas contra ele.

Abaixo, informações do processo tradutório e da forma como Anevlavis encarou a tradução.

Eleftherios Anevlavis, na “confissão do tradutor”, declara que não é um tradutor profissional: “Sou médico e me considero um tradutor amador (amante da arte tradutória)”. E ressalta: “A ambição e a ganância imensuráveis, o desejo e o amor estranhos me levaram a tentar a tradução, a lutar para encontrar e criar as palavras de Joyce e sua carga histórica, política, filosófica e humana por meio de neologismos na língua grega”.

Quanto anos toda a aventura levou? “A batalha tradutória com o livro durou sete anos e continua tendo a derrota como resultado final, mas com a crença de que as únicas batalhas que você perdeu são aquelas que você não travou.” Ele sublinha ainda que não omitiu uma única palavra ou frase do original, por mais difícil ou mesmo impossível que parecesse a sua tradução. Ele não recorreu a uma paráfrase própria, mas construiu palavras heterocompostas correspondentes, institucionalizando uma expressão idiomática, o “Grego-Finnegânico”. Ressalta-se que o texto contém significados e palavras de 60 idiomas!

Em sua abrangente introdução, ele lista informações e comentários sobre a obra, que Joyce levou dezessete anos para escrever o livro e completou em 1939. Dezessete anos para contar em 628 páginas os acontecimentos de uma noite, em que o mundo se rompe e se faz novamente, em um estado de sonho tanto dos heróis do livro quanto do autor. A princípio – avisa o tradutor – palavras complexas repelem o leitor, fazendo-o desistir do livro. Mas quando o leitor se entrega à magia do mundo linguístico wakeano e compreende as alegorias e condensações, fica fascinado pelas contradições dos heróis: “a leitura de *Agrypnia*, caro leitor, só é possível se você compreender com os olhos atentos da sua alma”. Com profundo conhecimento do inglês, o tradutor entrega ao público grego uma obra que muitos caracterizaram como impossível de traduzir para o grego. Como escreve o editor Odysseas Hatzopoulos em seu prefácio, “Anevlavis é uma pessoa difícil e por isso consegue traduzir obras

diffíceis”. Estamos falando de uma obra monumental que deveria estar em toda biblioteca, mesmo que nos irrite com seus trava-línguas, que constituem um divertido jogo de conhecimentos linguísticos e do planeta Terra. Aqui está o primeiro parágrafo da tradução histórica: “Ποταμορροή, πίσω από την εκκλησία της Εύας και του Αδάμ, από το σκέρτσο της ακτής στον μυχό του κόλπου, μας γυρίζει με κόμοδο βικόκυκλο επανακύκλησης πίσω στο Κάστρο του Χοθ και τα Περίχωρα. Ο σερ Τρίστραμ, τραγουδότης της αγάπης, πέρα από την κυματοχτυπούσα θάλασσα, δεν είχε ακόμη ξαναφτάσει από τη Βόρεια Αρμορική σ’αυτή τη μεριά του λιπόσαρκου ισθμού της Μικρής Ευρώπης για να ξαναγριοπολεμήσει τον πεοπεναπομονωμένο του πόλεμο (...) φουσούριζε εγώ είμαι, εγώ είμαι και σε βαφτίζω συειπετροπατρικιοκατεργαροτυρφοθημωνιά”.

Abaixo, algumas informações sobre a recepção do projeto na Grécia e sobre a figura de Anevlavis.

Eleftherios Anevlavis traduziu para o grego a obra mais ambígua de James Joyce, o famoso *Finnegans Wake*. É a primeira vez que se publica uma tradução completa do livro em nossa língua (trechos dos quais outros, como o poeta Manto Aravantinou, tentaram traduzir no passado). Anevlavis, que a maioria de nós conheceu através de algumas aparições polêmicas na televisão, explica: “Não sou tradutor profissional. Sou um médico. Mas me declaro um tradutor amador (amante da arte tradutória). A medicina é minha esposa e a literatura minha amante. Este trabalho me fascinou pela sua dimensão semiológica. A sua função semiológica, para ser mais claro, estende-se ao infinito, qualquer um pode dar quantas interpretações quiser”, enfatizou sobre a sua primeira tentativa de traduzir um texto literário de dificuldade monumental.

“Este trabalho não é essencialmente lido nem traduzido. Além disso, nem mesmo o original foi muito lido, só que muita gente o comprou”, explicou, que dedicou sete anos de trabalho árduo “com muito esforço e amor” para “traduzi-lo” para a língua grega e dialogar tanto quanto possível ao nosso contexto cultural. Ele se armou com a “bibliografia infinita” que leu sobre a obra, os antigos filósofos gregos e eminentes teóricos literários como George Steiner.

Seu primeiro contato com o texto foi em 1975, quando ainda estava na América. Ele já havia lido *Ulysses*. “A linguagem do texto é idiossincrática, peculiar, única. O

Finnegans fala o finneganês de Joyce. Uma linguagem inventada, feita de palavras compostas, portmanteaus: ‘dois significados reunidos em uma palavra’, como diz Humpty Dumpty. Uma linguagem construída com anagramas, trocadilhos, permutações, lipogramas, onomatopeias, sínopes, permutações, neologismos”, enfatizou o tradutor sobre a linguagem caótica do original. Como escreveu Umberto Eco, é uma linguagem “além das fronteiras do perceptível, além das possibilidades de comunicação. O mundo de *Agrypnia*, multilíngue, multissignificante e ambíguo, adquire tantos significados quanto as línguas que o falam. E há mais de 60 idiomas no texto de Joyce” continuou Eleftherios Anevlavis que já havia publicado trechos traduzidos da obra na revista literária “Nea Estia”. “O livro é extremamente obsceno, é irreverente com muitas coisas, mas mais especificamente com o clericalismo, pois Joyce (assim como em *Ulysses*) mexeu com o próprio catolicismo”.

A seguir, e entrevista-colagem é finalizada com reflexões de Anevlavis sobre a dificuldade e os riscos do seu empreendimento tradutório.

“Foi uma alternância de momentos bons e ruins. Os melhores foram quando consegui entender o que Joyce estava escrevendo e os piores foram quando tentei fazer isso”. “A tradução é um risco. É claro que as críticas serão aceitas, mas receio que possam existir críticos que não tenham compreendido suficientemente o trabalho deste projeto. Todos deveriam pensar sobre isso antes de rejeitá-lo completamente, caso o rejeitem”.

Aqueles de vocês que ainda têm dúvidas devem saber que “a tradução de *Finnegans Wake*, minhas aparições na televisão e minha presença enquanto figura pública, digamos, são contraditórias, mas me inventam”.

3.10.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam conversa com *I agrýpnia ton Finnegan* em diversos pontos, como o da importância de um posicionamento tradutório que mantenha a nebulosidade onírica da politrama joyceana; o da participação plural do leitor; o da imprescindibilidade de manter a plurissignificância e o pluriculturalismo etc. Outra conexão com o “Finnegans Greek” acontece pela valorização da criação neologismos

que deem conta dessa pluralidade sem perder de vista o produto literário mestiço que é fruto do cruzamento do original com a língua e com a cultura de chegada.

3.11 ÁGOTA BOZAI (HUNGRIA)

3.11.1 Introdução

Ágota Bozai, tradutora húngara



FONTE: BOZAI, Ágota. **Facebook da própria tradutora**. Disponível em: <https://www.facebook.com/agota.bozai>. Acesso em: 17 out. 2024.

A húngara Ágota Bozai é escritora e tradutora. Possui mestrado em filologia pela Universidade de Kolozsvár (Klausenburg/Cluj) e doutorado em literatura inglesa pela ELTE (Universidade Eötvös Loránd) de Budapeste, onde leciona escrita criativa. Escreveu e traduziu várias obras, entre as quais *Finnegans Wake*, projeto de tradução integral que ela iniciou em 2008.

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Bozai aborda a tradução como um processo mais ligado à arte do que à teoria e aponta os efeitos do original que procura replicar em sua tradução.

3.11.2 Entrevista traduzida para o português

Ágota Bozai, você pode nos contar sobre você e a sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

É uma longa história. Resumidamente, a minha mãe veio da Transilvânia para a Hungria com a minha avó, na Primavera de 1956. Elas nunca se adaptaram realmente, pois as pessoas aqui sempre as consideraram estranhas, embora o húngaro fosse a sua língua materna. Consequentemente, também tive problemas com colegas de classe quando criança. Além disso, a família do meu pai era de origem judaica. O tipo. Eu era uma estudante do ensino médio em 1982, quando o líder do partido soviético Breznev morreu e não fiquei muito triste em anunciar isso na rádio da escola. Houve um caso policial e, consequentemente, fui banida de todas as universidades da Hungria. Assim, com um pequeno desvio, acabei na Transilvânia, na Universidade de Kolozsvár (Klausenburg/Cluj) para estudar língua e literatura inglesa e húngara. Era um ambiente multicultural com estudantes gregos, árabes e iranianos. Tive que aprender romeno e aprendi farsi. Claro que eu lia muito.

Minhas primeiras leituras favoritas incluem *Kalevala* e *Gilgames* e romances de Sinclair Lewis e G.G. Márquez, tudo o que encontrei na estante da minha mãe. Minha primeira experiência “wow” aha veio de um livro então banido, *Os versos satânicos*, de Salman Rushdie. Um estudante de medicina da Alemanha Ocidental, amigo meu, trouxe-o para mim em 1988, no ano da publicação. O realismo mágico está entre os favoritos desde então. Pela graça da fé traduzi a primeira edição húngara dessa obra.

Formei-me em 1989 e comecei a trabalhar para a Cruz Vermelha Húngara como secretária de relações exteriores. Casei-me com um iraniano em 1990 e por um curto período morei no Irã. Depois de voltar para casa, fui professora de inglês na escola secundária local e jornalista freelancer. Escrevi meu primeiro romance, *Tranzit glória* em 1999. (Foi publicado em inglês pela Counterpoint, NY *Errar é divino*, traduzido por David Kramer).

Meu editor húngaro gostou do meu estilo e me deu trabalhos de tradução. Sou tradutora desde então.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e qual foi a epifania que a levou continuar lendo e estudando Joyce?

Em 2004, por motivos de otimização fiscal, matriculei-me em estudos de doutoramento na ELTE, a universidade mais prestigiada de Budapeste, onde na aula do professor Sarbu I encontrei Joyce pela segunda vez. (A primeira vez em Kolozsvár tivemos que discutir *Ulysses* em romeno, o que consumiu muita energia para apreciar o original.) O professor Sarbu também discutiu *Finnegans Wake*, leu *A way, a lone, a last a loved a long* etc. e disse que era impossível traduzi-lo com qualidade literária. No seminário seguinte, encontrei uma solução.

Então, no outro semestre me matriculei no seminário de FW do professor Takacs. Ele me incentivou a continuar a tradução.

Como foi o seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo?

Meu primeiro contato com o *Wake* foi um comentário paralelo no seminário sobre o *Ulysses* do professor Sarbu. As razões para traduzi-lo? Penso o mesmo que o motivo de Edmund Hillary para escalar o Monte Everest: “Porque ele está lá”.

Você pode falar sobre o projeto de tradução desde o seu início (quando começou, quanto tempo demorou, houve assistência financeira e editorial, seu design visual, a tradução está completa, quantos volumes, data de publicação, os pontos priorizados, etc.)?

O projeto de tradução começou em 2008 e é um *work in progress*. A primeira parte está pronta. Não tive assistência financeira para o projeto, roubo tempo das minhas tarefas remuneradas para realizá-lo. Será autopublicado na Internet, porque não creio que haja demanda para uma versão impressa. Publiquei algumas partes do texto em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100066460753688>.

Quanto à data de publicação? Daqui a 5 anos estarei aposentada e não precisarei traduzir para viver. Então poderei terminar de traduzir FW.

É acompanhada do texto original? É uma tradução anotada? Você tem um suporte crítico?

Sim, pretendo que seja acompanhada do texto original. Não pretendo fazer anotações na tradução. Acho que isso desviaria a atenção do leitor do conteúdo e da musicalidade do próprio texto.

Considerando o encontro das línguas de *Wake* com a língua húngara, quais são as especificidades de cada língua e quais foram os maiores problemas encontrados e as soluções que foram dadas a eles? Você pode dar um exemplo, por favor?

O húngaro não é uma língua indo-europeia, mas temos muitas palavras emprestadas das línguas que Joyce usa no FW, especialmente do latim, alemão e francês. O público mais instruído conhece essas palavras. Não me lembro de nenhum problema desse tipo na tradução. Além disso, perguntei-me como, por exemplo, *dorauma* também veio tão naturalmente em húngaro que eu poderia deixá-la assim.

Você comparou outras traduções? Você acha que esse processo é válido?

Não, não estudei esse aspecto. Basicamente sou uma escritora, não uma pesquisadora. Estou muito distraída compondo textos para analisá-los.

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destaca algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Meu foco principal é criar um texto funcionalmente equivalente ao FW em húngaro que seja inteligível e musical o suficiente para ser apreciado pelo leitor.

Qual é a função da repetição no *Wake* e como o tradutor deve trabalhar com ela?

O tradutor encontra dificuldades com repetições em FW porque elas devem ser consideradas de forma coerente com a intenção do autor.

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que percorre *Wake* em sua tradução?

Bem, o desafio é encontrar o equivalente adequado. Na verdade, não consigo explicar isso. Isso é arte e eu atrapalho o processo criativo se fizer autópsia das frases individuais.

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Se eu tiver sorte, então os elementos do termo plurilíngue do FW também serão conhecidos em húngaro. Se forem diferentes, terei dificuldades. Ou mudo elementos menos conhecidos por outros mais assimilados ou o efeito se perde na tradução. (O que não vai ser o caso, espero).

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Sim. Considerando que se trata de um texto onírico, tento distorcer palavras inteligíveis com consoantes borradas (vozes para surdas, etc.) ou uso textos duplos holandeses (uma tradição literária aqui).

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Felizmente, o multiculturalismo não é um fenômeno estranho aos húngaros, expostos a influências latinas, alemãs, judaicas e eslavas. Na verdade, Trieste fazia parte do Império Austro-Húngaro. Então, com sorte, o multiculturalismo no *Wake* é familiar aos leitores húngaros.

Como traduzir a música encapsulada nas palavras do livro?

É arte. Explicar é arruinar a inspiração.

Como manter o universo onírico e *nonsense* da obra?

O tradutor dispõe de ferramentas linguísticas para isso. Por exemplo, palavras intencionalmente borradas, frases sem sentido, repetições, inversões de frases, combinações estranhas de palavras etc.

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa que você utilizou?

Posso não ser um exemplo adequado de uso de métodos de tradução. Depois de ter completado meus 3 anos de doutorado em Literatura Inglesa, por razões adicionais de otimização fiscal, matriculei-me em outro doutorado, treinando em estudos de tradução. Aprendi sobre métodos de tradução. Aprendi sobre instrumentos de pesquisa. Fiz meus exames. Tirei minhas boas notas. Mas não posso usá-los conscientemente. Também não penso em métodos de tradução ou tradução. No meu caso, a teoria mata a prática, pelo menos no nível consciente. Saí do programa no segundo ano porque achei que era prejudicial para minhas habilidades de tradução e inspiração. Deixe que os teóricos examinem os textos traduzidos, isso não é para mim.

Como você avalia os resultados alcançados?

Tradução literária é arte. Não creio que haja resultado a alcançar. Durante os últimos 25 anos traduzi quase 400 livros ingleses para o húngaro. Tradução não é 'trabalho' para mim, porque gosto disso. Então, resulta em algo que alguém gosta? Bem, se sim isso traz felicidade.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Você tem preferência por alguma? Por quê?

Como dito acima. FW é um texto no qual o tradutor deve alternar livremente entre qualquer equivalência dinâmica funcional, implícita e explícita etc., então acho que teria problemas se me ativesse a um único método. O texto em si não é homogêneo e a tradução deve seguir o exemplo.

Você acha que alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Todas elas. Dinamicamente. Aqui uma teoria, ali uma outra teoria aplicada. Como o estado quântico das partículas dentro de um átomo. Você sabe que eles existem, mas não sabe exatamente onde. (Desculpe).

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Bem, minha tradução ainda não foi publicada. Os trechos que publiquei em revistas foram muito bem recebidos, mas realmente não me importo com a crítica.

Você acha que o tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

De acordo com os direitos de propriedade literária o tradutor é coautor. Para FW eu não me consideraria uma coautora. No máximo uma intérprete.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Você pode comentar o motivo e citá-lo?

Sim. As lavadeiras da ALP. Pela musicalidade.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Ainda não foi publicado. A recepção acadêmica é positiva, principalmente por parte dos colegas.

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só do *Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (Bloomsday, incentivos etc.) em seu país?

Há uma Sociedade Joyceana que celebra o Bloomsday em Szombathely (o pai de Leopold Bloom, Rudolf Virág – Bloom – é de Szombathely e na verdade há uma

casa Bloom na cidade). A pesquisa é generalizada. O professor Takács é o centro de todas as atividades da Joyce.

Qual a sua opinião sobre a tradução do próprio *Finnegans Wake*, que durante muito tempo foi considerado intraduzível por críticos?

É divertido. E alegre.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

Não. Gostaria de terminar este meu projeto.

3.11.3 Diálogo tradutório

Tal qual *Finnegans Ressuchistam*, o *Finnegans Wake* de Bozai busca recriar a musicalidade e o multilinguismo (utilizando línguas mais próximas ao seu idioma). Acreditando na tradução como um ofício da arte e não da teoria, ela defende que o *Wake*, por sua natureza múltipla, não pode ser reduzido a um método tradutório único.

3.12 ENRICO TERRINONI (ITÁLIA)

3.12.1 Introdução

Enrico Terrinoni, tradutor italiano



FONTE: Facebook do tradutor (2024).

Enrico Terrinoni é professor titular de Literatura Inglesa no Departamento de Língua Italiana, Cultura e Artes no Mundo da Universidade para Estrangeiros de Perugia. Em 2004, obteve um PhD pela University College Dublin com uma tese sobre Joyce e Neoplatonismo com Declan Kiberd. Ele deu palestras em mais de vinte e cinco países e foi pesquisador visitante na Universidade de Notre Dame, Universidade de Indiana, Marsh's Library, Irlanda. Ele pesquisa literaturas de língua inglesa, com foco na Irlanda e Escócia, e teoria e prática da tradução. Suas publicações incluem *Occult Joyce. The Hidden in Ulysses* (Cambridge, 2008), *James Joyce e la fine del romanzo* (Carocci, 2015), *Oltre abita il silenzio, tradurre la letteratura* (Il Saggiatore 2019), *Su tutti i vivi e i morti. Joyce a Roma* (Feltrinelli, 2022). Ele traduziu e editou o *Ulysses* de Joyce para a Bompiani em 2021 (edição bilíngue, com variantes filológicas, anotações, mapas, introduções aos episódios, correspondências homéricas, biografia). Entre 2017 e 2019, ele concluiu com Fabio Pedone para a Mondadori a tradução italiana anotada de *Finnegans Wake* de Joyce. Por suas traduções, ele

ganhou o Prêmio Napoli (2012), o Prêmio Annibal Caro (2017) e o Prêmio Von Rezzori/Città di Firenze (2019). Ele também editou obras de Orwell, Wilde, Hawthorne, Gray e muitos outros. Ele é coordenador do projeto Global Ulysses para a Universidade de Notre Dame e Delegado Reitoral para Relações Internacionais na Universidade para Estrangeiros de Perugia.¹¹²

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Terrinoni faz uma reflexão sobre os principais aspectos estruturais e tradutórios de *Finnegans Wake*, tais quais a repetição, a simultaneidade e a multiplicidade.

3.12.2 Entrevista traduzida para o português

Sua tradução é ricamente anotada, praticamente criando outra obra em si. Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Em um mundo ideal, obras-primas da literatura não deveriam sair em edições ricamente comentadas. Elas devem ser lidas como são, quero dizer, como seus autores as escreveram, e os leitores são responsáveis por encontrar ecos, significados ocultos, conexões e assim por diante. Eles não deveriam precisar de pesquisadores que atuassem como sacerdotes da interpretação literária. Dito isto, existem certos textos que estão agora em risco de extinção, tal como as espécies animais. Correm o risco de extinção por diferentes razões: porque já não estão mais em circulação, o que significa que já não são mais lidos, ou porque são considerados demasiado difíceis e não valem o tempo necessário para uma leitura mais profunda. Esta segunda razão é aquela que tentamos enfrentar, na nossa edição comentada em dois idiomas. Havia poucos leitores de *Finnegans Wake* na Itália há alguns anos. Precisávamos fazer alguma coisa. Por isso, foi necessário fornecer ajuda para mergulhar no oceano de Joyce. As anotações eram a chave. Mas nossas anotações não são pedantes, são pequenas histórias focadas no que acontece com uma palavra quando ela é submetida a transmutações joyceanas: tentamos explicar o que acontecia nas palavras que Joyce criou, mas também explicamos o que estávamos recriando por sua vez. Não pensamos em mais nada além disso, na verdade.

¹¹² Informações do site: <https://tinyurl.com/2an6s82j>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Como trabalhar o plurilinguismo de trocadilhos e palavras-valise? O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

A resposta a esta pergunta exigiria um estudo do tamanho de um livro, e temo que não existam respostas únicas. O *Wake* é uma singularidade fractal, o que significa que é uma singularidade feita de singularidades. Cada nova palavra (ou trocadilho) precisa ser vista de uma forma específica e idiossincrática, mas ao mesmo tempo você precisa saber o que Joyce estava fazendo em um sentido geral. Ele cria palavras sempre de maneiras novas, mas essas formas fazem parte de uma estratégia geral que pode ser resumida no lema “revolucionar a linguagem” e capturada na intenção política de dar a oportunidade de nos emanciparmos “linguisticamente”, por assim dizer. Então, quando você traduz o *Wake* você tem que agir como um pesquisador, tendo feito primeiro sua lição de casa, mas como tradutor você precisa empregar as técnicas que Joyce inventou. Isso não significa que você precise imitá-lo, mas uma tradução respeitosa de *Wake* é aquela, como disse o próprio Joyce, em que os tradutores sentem que têm tanto a liberdade de criar novas palavras quanto o dever de poetizá-las “com o máximo grau” da liberdade”. No nosso caso, ter um texto paralelo, isto é, o *Wake* original na página esquerda e a tradução na direita, além de anotações massivas, ajudou a entender o que Joyce fez, pois o que ele fez foi criar um texto que é ele mesmo uma permanente tradução.

Como trabalhar com o multiculturalismo? O que você acha das posturas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Língua e cultura são sinónimos na minha maneira de pensar, mas esta é também a opinião de muitos grandes linguistas. Não há cultura sem língua e não há língua sem cultura. Dito isto, o *Wake* é como uma árvore que tem as suas raízes na cultura irlandesa, mas as suas folhas são culturas mundiais. Raízes e folhas estão conectadas e uma deriva da outra. É por isso que podemos chamá-lo de texto “pós-babélico”, pois visa reconectar as culturas através das línguas, visando uma unidade que não está localizada no passado, mas no futuro, e o futuro é o futuro da imaginação. É por isso que o *Wake* é tanto um texto irlandês quanto italiano, português, espanhol, francês, russo, chinês e até inglês. Joyce era um cidadão

irlandês do mundo, e nunca devemos esquecer o velho ditado irlandês que diz “somos todos irlandeses aos olhos de Deus”.

Qual é a função da repetição no *Wake* e como o tradutor deve trabalhar com ela?

A repetição é crucial. O *Wake* é um texto que se repete *ad infinitum*. Não apenas palavras, temas, frases, ditados e canções se repetem, mas também estruturas e técnicas de construção de significado. É por isso que é preciso fazer o dever de casa e, antes de tudo, ser um pesquisador e aí então atuar como tradutor. No nosso caso, quando Fabio Pedone e eu começamos a trabalhar no *Wake*, estávamos partindo do Livro III, pois o Livro I e o Livro II haviam sido feitos por outro tradutor e pesquisador, Luigi Schenoni, que havia falecido nesse meio-tempo. Quando encontramos casos em que era possível identificar uma repetição de algo já presente nos livros anteriores, tivemos que fazer outra coisa que marcasse essa conexão. Dito isto, no *Wake* as palavras são repetidas frequentemente de maneiras diferentes e, se não o são, é o contexto que as muda. Portanto, você precisa lidar com a necessidade de manter a mesma coisa e com a necessidade de mudá-la. É como a vida: nada acontece duas vezes como aconteceu antes. Traduzir o *Wake* neste sentido é erguer o espelho para a própria vida.

Como traduzir a música encapsulada nas palavras do livro?

Não existe receita para isso, ou para qualquer outra coisa, na verdade. Pensar que podemos criar uma espécie de manual sobre “como traduzir” o *Wake* é uma ilusão. E, no que diz respeito à música, isso é ainda mais verdadeiro. Todos nós temos percepções musicais diferentes. Algo que alguém acha musical, outro pode achar perturbador. Mas a música é uma das principais bases de trabalho de Joyce, sendo ele próprio músico. Você pode tentar muitas coisas, mas o teste é a leitura em voz alta. Quando você traduz algo que era musical você precisa manter a musicalidade, mas a música quase nunca é silenciosa. Leia em voz alta para alguém e veja qual é a sua reação. Foi isso que fizemos, pois foi isso que Joyce fez.

Como manter o universo onírico e *nonsense* da obra?

Não concordo com o uso do rótulo “*nonsense*” aqui. Prefiro pensar no *Wake* e no universo como cheios de sentido. O fato de o sentido não ser unitário, mas infinitamente difratado, não significa que não haja sentido. Abundância e ausência são coisas muito diferentes. Então, fizemos o nosso melhor para colocar tantos significados quantos aqueles que nós e outros pesquisadores identificamos. Quanto à natureza onírica do texto, ela é tão óbvia desde o início, e foi explicada pelo próprio Joyce de muitas maneiras, que é bastante natural transmiti-la na tradução. Joyce disse que nos sonhos os conceitos e as coisas que vivenciamos são semelhantes ao que vivenciamos quando estamos acordados. Só que eles têm palavras diferentes, palavras que são semelhantes às palavras normais, semelhantes na forma como as pronunciamos, mas apontam para coisas diferentes. Ele cita um exemplo ao amigo Italo Svevo, e o exemplo gira em torno de uma criança que come pão em seu sonho, mas esse pão é feito de flor [*flower*] e não de farinha [*flour*]. Isso por si só explica a qualidade onírica do trabalho. Quando, ao traduzir, você inventa, distorce, transfigura palavras, você está basicamente fechando os olhos e sonhando com elas como se significassem outra coisa.

Você acha que alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Não. Nisto estou alinhado com o nosso amigo Umberto Eco, que o disse claramente. Quanto a isso, deixe-me acrescentar que não creio que as teorias da tradução possam ser aplicadas a qualquer tipo de texto literário, e é um teórico da tradução quem está falando aqui! Elas podem descrever tanto o produto como o processo de tradução, escavar as suas profundezas, mas nenhuma teoria de tradução crível pode alguma vez apontar para uma prática de tradução. É o contrário. Infelizmente, muitos teóricos da tradução não são tradutores. Eles deveriam tentar!

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Os tradutores são sempre autores. Deveríamos chamá-los de “transautores”. Praticamente reescrevem o texto, embora o façam inspirados e guiados pelos autores, ou melhor, pela ideia que têm dos autores. Mas os autores também são sempre

guiados por outra pessoa, não é? Eu não diria que os tradutores são coautores. Eu ficaria feliz em dizer que eles são os autores da tradução, assim como o autor é o autor do original. Original e tradução estão ligados como num ato evangélico de sucessão. Como disse Benjamin, as traduções procedem dos originais, assim como Deus Filho procede de Deus Pai, mas fazem parte da mesma unidade, uma unidade de intenções feita de diferenças de todo tipo (linguística, cultural, política e assim por diante). Penso também que os tradutores são apenas leitores, e os leitores são os autores das suas leituras, quem poderia negar isso?

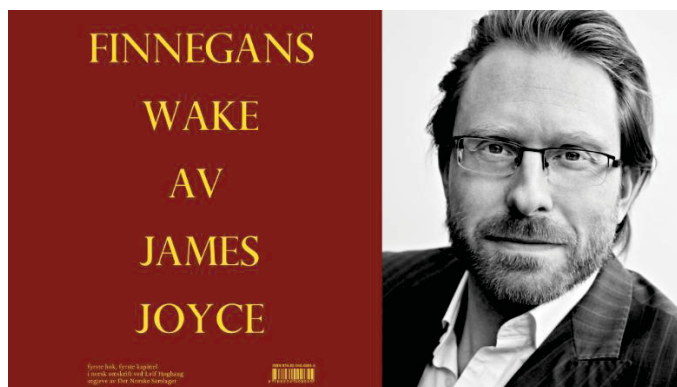
3.12.3 Diálogo tradutório

Como nós, Terrinoni, defende, tanto quanto possível, a replicação da poética original, trazendo a sua multiplicidade, simultaneidade e repetição compulsiva. *Finnegans Ressuchistam* também parla com o tradutor do *Wake* italiano ao dizer NÃO é NÃO à domesticação semântica unilateral e sim é sim à replicação da pluralidade significativa. Outro ponto de contado é o da tradução como rizoma, haja vista que entendemos que Joyce criou um macrotexto em permanente tradução. Ele não acredita no tradutor como coautor, mas sim como autor da tradução.

3.13 LEIF HØGHAUG (NORUEGA)

3.13.1 Introdução

Leif Høghaug, tradutor norueguês



FONTE: arquivo pessoal do autor (2024).

Com mestrado em literatura pela Universidade de Oslo, o norueguês Leif Høghaug possui uma profícua história no universo literário, tendo atuado como crítico literário, editor e escritor de poemas e de romances.

Na entrevista realizada em 2024 por e-mail, Høghaug fala sobre a sua vivência literária até chegar ao *Wake*. Tendo publicado a tradução do livro 1 em 2022, ele dialoga sobre a continuidade do projeto de tradução integral, abordando a poética wakeana e a poética tradutória “coletiva” que utiliza.

3.13.2 Entrevista traduzida para o português

Caro Leif Høghaug, você pode nos contar sobre você e sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Cresci no campo, numa pequena fazenda, a uma hora de carro a norte de Oslo. Meu pai é farmacêutico e durante muitos anos trabalhou na farmácia local, um lugar que achei particularmente fascinante quando criança. Os medicamentos ainda eram feitos em farmácias, por isso o local de trabalho do meu pai parecia para mim um laboratório mágico. Minha mãe é uma pessoa muito musical e poética e, ao longo de

sua vida adulta, serviu à igreja luterana, primeiro como organista e depois como ministra. Não exagero se afirmo que foi na igreja que aprendi a refletir sobre questões estéticas. Essas reflexões foram decisivas para a forma como acabei me relacionando com a literatura. Existe uma estética protestante, que é, obviamente, bastante diferente da católica. Uma característica da estética (e da ética) protestante é a noção do homem como um destinatário solitário da mensagem de Deus. E este destinatário solitário está, por assim dizer, condenado a viver uma vida melancólica e neurótica. O que Deus exige de mim, que sou tão pequeno? Como posso saber? E se tudo no mundo não tiver sentido? Não é à toa que Hamlet, de Shakespeare, é uma das minhas peças favoritas.

Na casa da fazenda, na biblioteca dos meus pais, descobri um clássico após o outro: *Robinson Crusoé*, *As Viagens de Gulliver*, *Ivanhoé*, *O médico e o monstro*, para nomear apenas alguns. Porém, o primeiro livro que realmente me trouxe ao mundo da literatura foi o romance *Crescimento do solo*, de Knut Hamsun. Fiquei profundamente fascinado pela sintaxe eficiente de Hamsun e, pela primeira vez na minha vida – tinha quinze anos – disse para mim mesmo: “Quero ser escritor”. Depois me interessei por filosofia e comecei a ler Jean-Paul Sartre. Quando comecei o ensino médio, via-me como um marxista existencialista (como ainda me considero). Mais tarde, na universidade, estudei religião comparada, linguística e literatura, que considerava (e ainda considero) a mais filosófica de todas as disciplinas. Enquanto estudava literatura, trabalhei como crítico literário; escrevi para vários jornais e revistas. Quando terminei meus estudos, comecei a lecionar literatura na universidade. Depois, foram seis anos agitados na indústria editorial: trabalhei como editor responsável por ficção e não-ficção.

Quando renunciei ao cargo de editor, estava determinado a enfrentar projetos significativos de escrita e tradução. É certo que publiquei o meu primeiro livro enquanto trabalhava como editor – *Fama* (2012), uma coletânea de poemas que, como o título sugere, explora o tema do boato. Dois anos depois de largar o trabalho de editor, saiu minha segunda coleção de poemas, *Kommunion 2017* (*Comunhão 2017*). A terceira coleção, *Pedagogikk* (Pedagogia), foi publicada em 2019. Nesse mesmo ano, lancei meu primeiro romance, *Kælven* (*O Bezerro*), que foi traduzido para o alemão logo depois e que estará disponível em uma tradução para o inglês ainda este ano (2024). Quanto às minhas traduções, trabalhei tanto com ficção quanto com não-ficção. Na lista das minhas traduções publicadas, você encontrará duas coleções

de poemas de Julian Talamantez Brolaski, *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, dois livros de Slavoj Žižek e o primeiro capítulo de *Finnegans Wake*.

Como você chegou ao trabalho de Joyce e que epifania o levou a continuar lendo e estudando o escritor?

Sabendo que você me faria essa pergunta, omiti a menção da epifania no esboço autobiográfico acima. Quando li *Crescimento do solo*, fiquei curioso sobre outro livro da biblioteca dos meus pais, uma antologia contendo contos traduzidos e trechos de romances. Houve um motivo extraordinário para este livro ter chamado minha atenção: Alejandro Jodorowsky, a quem já associei a diversas histórias em quadrinhos, como a magistral *O Incal*, foi representado na antologia com um conto, “*Los hermanos siameses*”. Com muito apetite, li a tradução do conto de Jodorowsky. Depois sentei-me e folhee a antologia – e é agora que devo dizer “o resto é história”, porque no momento em que li um excerto de *Ulisses*... bem, foi como um raio. Apenas um pequeno trecho, apenas algumas frases estranhas na tradução norueguesa, e fiquei tocado pela grandeza de James Joyce.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Depois deste acontecimento decisivo, Joyce tornou-se um projeto para mim. Li *Dublinenses* e *Um retrato do artista quando jovem*, bem como artigos e ensaios sobre Joyce e sua escrita. Isto foi antes da era da Internet, de forma que foi um desafio para um rapaz de quinze anos encontrar fontes secundárias relevantes. Mas, de qualquer forma, fui presenteado com diversas interpretações e relatos biográficos, e o que soou como um refrão no que li foi que Joyce há muito se destacava como o melhor exemplo de um escritor dito difícil de se alcançar. Parecia música em meus ouvidos. O difícil Joyce, o impossível Joyce, que não só escreveu a obra-prima modernista *Ulisses*; este Homero irlandês também escreveu um livro que os críticos descreveram como totalmente ilegível, o *Finnegans Wake* de mais de 600 páginas... Ilegível e, portanto, intraduzível... E numa obra de história literária, familiarizei-me com uma passagem do *Wake* na qual Joyce distorce e vira um poema de Henrik Ibsen: “Man sicker at I ere bluffet conservative?”. Joyce escreve, e no poema de Ibsen “Til min ven revolutions-

taleren!” (“Ao meu amigo, o orador revolucionário!”) lemos: “Du siger jeg er bleven ‘konservativ’” (“Você diz que me tornei ‘conservador’”). Fiquei muito intrigado, mas demorei para conseguir uma cópia de *Finnegans Wake*. Deixe-me contar uma história – estou citando um discurso que fiz nas celebrações do Bloomsday de Oslo em 2022:

No dia 25 de março de 1993, eu e um grande amigo meu estávamos em Oxford, Reino Unido. Ficamos empolgados com tudo: os antigos prédios da universidade, as pessoas, a língua, os jardins, as árvores, os pássaros, os sebos – tudo. Éramos dois rapazes do interior, do leste da Noruega, com um apetite extremo por literatura, desenhos animados, música e filmes. Ainda tão magro quanto a versão mais magra de Johnny Rotten, me vi pulando e dançando pelas ruas de Oxford, junto com meu amigo saltador e dançarino – e sim, havia uma conversa acontecendo: os dois jovens noruegueses tirando sarro do próprio dialeto da Noruega Oriental – e zombar da língua naquela época significava, entre outras coisas, proferir todos os palavrões, todas as palavras desagradáveis: palavras feias da Noruega Oriental proferidas nas belas ruas de Oxford. E então: pulamos e dançamos até um sebo, não me lembro qual – de qualquer maneira: pulamos e dançamos, ainda pronunciando palavras, e ali, no meio desse balbúcio de nossas vozes jovens... ali, no meio... ou melhor, na estante, acima da minha cabeça... lá estava ele... o grande livro vermelho...

Apenas tive que comprar o livro... 9 libras (*não* a primeira edição de 1939)... Virei-me, com o livro na mão. Levei o livro ao balcão onde o livreiro oxfordiano olhou com curiosidade aristocrática para o estranho espetáculo que acontecia em sua loja, e então perguntou:

“Com licença, jovens amigos, mas vocês são da Finlândia?”

Finlândia?

“Não, não, somos da Noruega”, eu disse, corando como um tomate. Eu me senti um idiota.

“Oh. Noruega? Sua língua parece finlandesa. De fato.”

Eu comprei o livro. Então meu amigo e eu tivemos que correr para pegar o ônibus.

Tudo começou naquele dia numa situação em que a língua soava como outra coisa, como *outra* língua. Era uma situação humorística, uma situação de linguagem na qual o humor era uma forma de estar no mundo.

Sim, tudo começou naquele dia, no sentido que comecei agora a ler *Finnegans Wake*. Claro que entendi muito pouco do que li e, por muito tempo, foi frustrante não

“entrar” no mundo, para mim, misterioso do livro. De qualquer forma, continuei lendo e meu entusiasmo por Joyce só aumentou.

Muitos anos depois, como editor, tive a ideia de iniciar uma tradução norueguesa de *Finnegans Wake*. Porém, o grande problema foi encontrar o tradutor certo e, claro, conseguir o financiamento do projeto. Então, não passou de uma bela ideia. Só mais tarde, quando pedi demissão do cargo de editor e comecei a vida como freelancer, é que disse a mim mesmo: “Talvez deva tentar? Traduzir pelo menos uma ou duas páginas e ver o que acontece?”

Você pode discutir o projeto de tradução desde o seu início?

No outono de 2016, concluí a tradução das primeiras dez páginas, e esta versão foi publicada na revista literária *Vinduet* (“A Janela”). Naquela época, eu estava traduzindo o magistral *Advice for Lovers*, de Julian Talamantez Brolaski, uma coleção de poemas muito relacionados a Joyce e *Finnegans Wake*. Quando o editor daquele projeto, David Aasen, leu a tradução de *Wake*, ele me ligou e disse: “Você deve continuar; este é o primeiro passo no caminho para uma tradução completa para o norueguês de *Finnegans Wake*!” Graças ao entusiasmo de David, o projeto foi lançado de vez. Assinei contrato com a editora e, embora nos anos que se passaram desde então tenha trabalhado em outros projetos, às vezes tive a oportunidade de me concentrar totalmente em *Finnegans Wake*. É claro que é sempre uma questão de finanças, mas tive sorte: no início da fase, recebi uma bolsa do condado onde vivo e, este ano, recebi uma bolsa de dois anos do estado norueguês. Mas você não pode ter pressa em traduzir este livro; você deve ser paciente e trabalhar com firmeza, e nunca se deixar perturbar por todas as possíveis noções capitalistas tardias e, na minha opinião, noções malucas de “eficiência”. Mas chega disso, o mais importante para mim é que este é um projeto literário no qual *estou trabalhando*. E sempre penso que existem conexões entre meus diversos projetos de escrita e tradução.

A meu ver, *O Bezerro* é considerado uma nota de rodapé da tradução de *Wake*. Ao traduzir o *Wake*, utilizo tudo o que a língua norueguesa oferece, incluindo o meu dialeto, ou seja, o dialeto Hadeland. Para descobrir a qualidade literária da língua falada na minha aldeia natal, tive de escrever um romance neste dialeto. E porque a estrutura circular do *Wake* me inspirou fortemente, o resultado deste processo de escrita foi um romance que anda em círculos a nível formal e temático. Matthias

Friedrich, que traduziu *O Bezerro* para o alemão, encontrou no dicionário dos Irmãos Grimm o que precisava para criar uma expressão literária correspondente. A tradução inglesa de David M. Smith está atualmente sendo preparada para publicação e utiliza o dialeto sulista americano – e assim, *O Bezerro* é transformado em uma narrativa que funciona em um contexto que pode trazer os pensamentos do leitor para Mark Twain e William Faulkner.

Matthias e David são tradutores eminentes e se tornaram modelos para mim. O trabalho que os dois, individualmente, fizeram com *O Bezerro* é crucial para meu futuro trabalho com *Finnegans Wake*. Então, novamente, você não pode ter pressa se for traduzir o *Wake*; você deve dedicar seu tempo e ouvir outros tradutores e, em geral, ouvir a arte da tradução, uma arte com uma história enorme, pense no tradutor da Bíblia, Jerônimo, no tradutor budista Dānapāla, no reformador e tradutor Martinho Lutero, no tradutor de Shakespeare e sânscrito August Wilhelm Schlegel... Sem traduções é impossível falar sobre o que Goethe chamou de literatura mundial. E tudo isto que devemos compreender diz respeito à nossa vida cotidiana numa era contemporânea caracterizada pelo que Heidegger chama de esquecimento do ser. Traduzir não é sinônimo de “copiar”; pelo contrário, traduzir é uma atividade criativa que nos faz ver a linguagem e o mundo de uma nova maneira. E não é exatamente isso que Joyce está fazendo em *Finnegans Wake*? Joyce *traduz* a linguagem e o mundo em outra coisa, uma “outra coisa” que desvia a atenção de tudo que aprendemos a considerar como certo. Talvez eu esteja sonhando acordado, mas não é exatamente o que Heidegger propõe e aonde *Finnegans Wake* nos leva?

Bem, voltando ao ponto em que estou agora: eu disse que terminarei a tradução de *Wake* até 2030, e se minha saúde aguentar e a Mãe Terra não for completamente para o inferno, provavelmente serei capaz de chegar com segurança até a estação final. Mas independentemente do objetivo que temos pela frente, durante os últimos oito anos, tive a sorte de tornar visíveis mais excertos do que as dez páginas que foram publicadas no *Vinduet*; outras revistas também publicaram trechos, e em diversas ocasiões li meu *Work in Progress* diante do público, mais recentemente em Estocolmo, no Bloomsday, onde conheci o tradutor sueco de *Wake*, Lars Johansson, que leu sua (ainda não concluída) tradução. Assim como eu, Lars publicou a tradução do primeiro capítulo como um livro separado. Seu livro, *Finnegans fall*, foi publicado em 2018; meu livro, *Finnegans Wake: fyrste bok, fyrste kapittel*, foi publicado em 2022, em conjunto com o centenário da publicação de *Ulisses*. Conversar com Lars foi muito

enriquecedor e estou ansioso para encontrá-lo novamente. É emocionante ler sua tradução do primeiro capítulo; o sueco e o norueguês são línguas intimamente relacionadas, por isso comparar a versão dele e a minha é altamente relevante. O que as duas traduções têm em comum? E o que as torna diferentes uma do outra? Qualquer pessoa que traduza *Finnegans Wake* deve comparar sua versão com outras traduções. E, claro, é preciso consultar constantemente as fontes secundárias mais relevantes. Aqui, estou pensando em livros inestimáveis, como *Annotations to Finnegans Wake*, de Ronald McHughes, *A Skeleton Key to Finnegans Wake*, de Joseph Campbell e Henry Morton Robinson, *How Joyce Wrote Finnegans Wake*, de Luca Crispi e Sam Slote, *Impossible Joyce: Finnegans Wakes*, de Patrick O'Neill, este último uma revisão – e comparação – entre as várias traduções existentes.

Quanto ao encontro das línguas de *Wake* com a língua norueguesa, quais as especificidades de cada língua? Quais foram os maiores problemas encontrados e as soluções que lhes foram dadas? Você pode dar um exemplo, por favor?

Como vários leitores de *Wake* apontaram, *Finnegans Wake* não está escrito em inglês, mas em algo *parecido* com o inglês. Tendo como ponto de partida esta visão aparentemente simples, podemos dizer que a especificidade da linguagem que Joyce constrói no *Wake* diz respeito ao significado do verbo “parecer”. O que significa que algo se parece com outra coisa? Talvez no nosso contexto devamos perguntar: o que significa que “outra coisa” se parece com “alguma coisa”? Talvez não consigamos perceber verdadeiramente “alguma coisa” (a língua inglesa) se não houver mais nada (*Finnegans Wake*) que se *pareça* com ela. Assim, tocamos na grande questão da mimesis, que gera novas questões cada vez que é colocada. Deixe-me citar o brilhante ensaio de Fredric Jameson “As valências da história”:

Será [Paul Ricoeur] o único (ou o primeiro) comentador a insistir que a mimese é uma operação ou um processo e não uma representação estática? Provavelmente não, mas o lembrete é oportuno numa situação em que as discussões sobre representação inevitavelmente resvalam para o visual e em que o realismo parece sempre acabar sendo uma imagem de coisas que as pessoas olham e comparam com a realidade do seu original, em vez do que algo que o escritor faz ao

mundo, uma intervenção, uma seleção e uma modelagem performada nele.¹¹³

Acho que esta citação é relevante para qualquer leitura de *Finnegans Wake*. Se perguntarmos: “*como* a língua de *Wake* se parece com a língua inglesa?” a nossa primeira resposta poderia ser uma tentativa de relato do que Joyce *faz* com a língua que conhecemos como inglês. Como já disse, Joyce traduz a linguagem e o mundo em “outra coisa” – e esta afirmação pode tornar-se mais clara se seguirmos os passos de Jameson: Joyce faz alguma coisa (“outra coisa”) com a linguagem e o mundo, ele faz uma intervenção, e ele nos leva a uma esfera literária na qual nos tornamos conscientes de nós mesmos como leitores, primeiro lutando com o texto, lutando para entender, depois gradualmente percebendo que temos que pensar de forma diferente sobre o que significa ler, e talvez devamos dizer a nós mesmos: “É agora que devemos aprender a ler, de fato aprender a ler de forma diferente”.

Utilizo deliberadamente o pronome “nós” aqui porque, como marxista existencialista que me considero, quero insistir que existe uma dimensão coletiva nesta experiência de leitura “revolucionária”, que penso que diz muito sobre o que é específico sobre a grande construção da linguagem de Joyce. A noção burguesa (e protestante) do leitor solitário, que permite que a sua alma se alimente das palavras da página do livro, enriquecendo assim a sua vida interior com imagens novas e fascinantes (que muitas vezes não são nada novas, mas fascinantes e talvez sublimes)... esta noção ainda está em vigor na cultura humana, pense em todos os romances narcisistas publicados no mundo ocidental todos os anos: seja qual for o enredo, o leitor encontra um eu-narrador preso à sua própria imagem (dele ou dela). O leitor pode então identificar-se com esta imagem como se o texto fosse um “espelho individualista”. Em suma, a noção do leitor solitário brota do mundo das imagens. Dentro do paradigma do romance narcisista, que é aliás a área onde a chamada autoficção encontrou o seu lugar, trata-se sempre de lidar com imagens, imagens estáticas; trata-se de ficar parado numa galeria de imagens imóvel, uma “instituição estética e industrial” que mantém noções de mimesis como representação estática.

¹¹³ JAMESON, Fredric. *Valences of the Dialectic*. Londres; Brooklyn: Verso, 2009 (p. 502).

É claro que não podemos escapar do imaginário (no sentido sartreano ou lacaniano). Ainda assim, pelo menos podemos *fazer* algo que nos torne conscientes do mundo da imagem, ou da imagem da sociedade, que é outro nome para a sociedade de consumo capitalista tardia. Foi exatamente isso que Joyce entendeu ao perder gradualmente a visão? Ele entendeu as consequências da produção de imagens do mundo ocidental? Joyce *fez* alguma coisa e, claro, ele não foi o único a fazer alguma coisa (“outra coisa”); entre os seus contemporâneos, muitos escritores e artistas desafiaram ativamente a ideologia estética que há muito pregava a mensagem da necessidade da representação estática. Assim, a forma de mimesis em que Joyce se envolve não permite que o verbo “parecer” continue a ser um significante de uma atividade que mantém o *status quo*; que a língua wakeana se *pareça* com língua inglesa implica que é *a própria diferença* que se faz sentir – a diferença entre “alguma coisa” e “outra coisa”, e, ao relacionar-se ativamente com esta diferença, os leitores de língua inglesa podem experimentar a aquisição de novas perspectivas na língua que eles achavam que ele conheciam.

É precisamente neste contexto que temos de falar de uma dimensão coletiva: não é possível ser um “leitor solitário” de *Finnegans Wake*; quem tenta ler este livro entra em diálogo com outros leitores – é precisamente o que acontece cada vez que consulto as fontes secundárias e cada vez que comparo a minha versão com outras traduções: opto por manter o diálogo com os resultados escritos a que os outros leitores chegaram. E, claro, a correspondência e os encontros presenciais com leitores que encontrei no meu caminho também são descritivos do que chamo de dimensão coletiva da experiência de leitura. Assim, novamente, Joyce mostra que a mimesis é um processo e uma operação que constrói uma língua que se *parece* com a língua inglesa e precisamente, portanto, emerge como algo *outro* do inglês.

A tarefa do tradutor consiste em levar mais longe este processo mimético: como posso, em diálogo com outros leitores, criar uma língua wakeana que se *pareça* com a língua norueguesa? E é agora que chego às grandes questões que procuram encontrar respostas sobre como devemos descrever *Finnegans Wake* como uma obra rítmica e musical. Aqui, os pensamentos de Nietzsche sobre a diferença entre o Apolíneo e o Dionisíaco são cruciais – é precisamente a diferença entre a imagem e o musical que Nietzsche tematizou para nós. Um tanto simplificado: enquanto a imagem apolínea está ligada ao individualista (por exemplo, “o leitor solitário”), o musical no sentido dionisíaco está ligado a uma noção de coletivo como uma

transcendência da esfera onde o homem se percebe como independente e indivíduo “inviolável”.

A voz que fala em *Finnegans Wake* é uma voz coletiva, ou seja, uma voz que consiste em muitas vozes – um coro, como o som das vozes que você ouve no pub tarde da noite ou o som das vozes que chamamos de História da humanidade... Então, ao insistir que tudo é “sobre” ritmo e música, considero-me capaz de dar continuidade ao processo mimético. Ouço a língua norueguesa, em mim, ao meu redor, e ouço algo que possa se parecer com a linguagem rítmica e musical que Joyce construiu e deu ao mundo. Assim, o *Finnegans Wake* de Joyce, que por se parecer com a língua inglesa emerge como “outra coisa”, é traduzido para uma língua que, por se parecer com a língua norueguesa, emerge como “outra coisa” – ou seja, algo diferente *tanto* do texto original de Joyce *quanto* do norueguês.

Aqui, não devemos esquecer que Joyce estava muito preocupado com a língua norueguesa, uma língua que um escritor como Henrik Ibsen ajudou a definir, dando-lhe uma expressão escrita moderna nas últimas décadas antes de a Noruega se estabelecer como um estado independente. A luta norueguesa pela independência foi uma reminiscência da luta irlandesa pela independência. Em ambas as nações, era preciso lidar com uma língua escrita oficial que tinha sido imposta de fora aos cidadãos (no tempo de Ibsen, a Noruega estava em união com a Suécia, mas foi por causa da união anterior e secular com a Dinamarca que a linguagem escrita dinamarquesa deixou a sua marca na Noruega). Joyce, que aprendeu norueguês para poder ler Ibsen e outros escritores noruegueses no original, incorporou várias referências à língua e à literatura norueguesa em *Finnegans Wake* – o uso por Joyce de um verso do poema de Ibsen “Til min ven Revolutions-taleren!” é apenas um dos vários exemplos de como Joyce aponta para uma ligação entre a Irlanda e a Noruega. Mas Ibsen está numa posição especial; ele é um dos maiores heróis literários de Joyce e, portanto, não é surpreendente que já na segunda página de *Finnegans Wake*, Joyce faça uma referência explícita à peça de Ibsen *Bygmester Solness* (*O construtor Solness*) usando a palavra “bygmester” (“construtor”). Estou citando minha tradução e espero que esta seção “bygmester” (“construtora”) possa lhe dar uma ideia de como eu trabalho para fazer o texto falar em uma linguagem wakeana rítmica e musical “parecida com o norueguês”:

Bygmester Finnegan, von der Stammande Hand, frikarsmaurar, budde ved den broadest weg ein kan førstillelsæ i si tyriflammeljósande fergamme førr bustap før josvaske dommarar hadd skjenke oss den fjerde ell Helviticus begåen den femte (ein gærdsdag staxk han med eit størn trynet i ein stamp førr der å sljå sin lagnads framtid men før'n swiftsj støkk det ut igjen, du milde moses, var vatnet fardampa og alle guennesa gådd bort med exodusa sine så dét sku gje deg eit klu om åssen pønsjtajusisk fyr han var!) og i ein mannsalder reiste denni mann ta hud, cement og ennlegg i Toper's Thorp førr Såogså-broera byldning supra byldning ved ælvebredden. Han adla liddle phrue Annie klamte vetlecraythuren. Medhår henner i hunna stikk di greie ia. Oftve balbuluisk, mithra førut, med godt grep om ljøtt diger resskap og ivaroila regnfrakka han a vane digga, som Haroun Childeric Eggeberth ville'n jenni multikapabel caligulere alltituden og malltituden heilt te han såsa i neatljós ta mjøden dertvi var fødd, sitt andre dagars rundbordtårn te heving i strippa murverk oppståande (joisåstor!), ein waalworth ta eit mest eyefullt fulltårnleg hoyth skyskrap, ereksjonert frå nesten ittno og stigandehoppmot himala og greier, hierarkitektritriptritopplokkistisk, med ein brennande busk hårpå dets baubletopp og med lassron o'toolere klitorisande oppover og tumlere a'bucketter klompande nerover.

Para minha grande alegria, esta e as outras seções que compõem o primeiro capítulo ressoaram nos leitores noruegueses. O livro *Wake* que publiquei em 2022 esgotou em uma semana e, nos últimos dois anos, recebi ótimos comentários. A revista literária BLA trouxe uma excelente crítica há pouco tempo; o crítico Valentin Cyrus-Grip concluiu o seguinte:

A tradução de Høghaug *funciona* – a tradução norueguesa parece natural, e a escolha de usar o dialeto Hadeland é ousada, mas não parece deslocada. É edificante para os nerds de *Wake* como eu ver que a tradução é feita com humor, muita criatividade linguística e uma boa visão geral do terreno teórico. Os leitores que são menos familiarizados com a obra encontrarão grandes porções de peculiaridade linguística, humor e beleza poética na forte tradução de Høghaug do primeiro capítulo do primeiro livro de *Finnegans Wake*. Você só pode sonhar até 2030.

Eu não poderia desejar mais. A tradução vive numa esfera coletiva, na qual o humor é uma forma de ser no mundo.

3.13.3 Diálogo tradutório

O riotornello de *Finnegans Ressuchistam* deságua no Rio Leif da tradução norueguesa em muitos deltas. Um deles é o da coletividade, pois, assim como Leif,

entendemos o *Wake* e a sua tradução como um ato coletivo, que agencia inúmeras vozes (crítica, outras traduções, culturas etc.). Ademais, procuramos replicar o multilinguismo pelo dialetismo e estamos de ouvidos abertos à musicalidade da obra.

3.14 CAETANO WALDRIGUES GALINDO (BRASIL)

3.14.1 Introdução

Caetano Waldrigues Galindo, tradutor para o português brasileiro



FONTE: GALINDO, Caetano Waldrigues. **Site Oficial**. Disponível em: <https://www.caetanowgalindo.art/Home>. Acesso em: 17 out. 2024.

Professor titular da Universidade Federal do Paraná. Tradutor de James Joyce, T. S. Eliot, J. D. Salinger e David Foster Wallace. Autor de *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* e de *Latim em Pó: um passeio pela formação do nosso português*.

De currículo muito mais amplo e premiado do que o trecho que foi retirado do seu Lattes permite perceber, Galindo traduziu praticamente toda a obra literária de Joyce, faltando “apenas” o *Wake* para completar essa odisseia tradutória. Na entrevista realizada por WhatsApp em 2024, ele fala sobre o projeto tradutório do *Wake* e aborda as mudanças de perspectiva que ocorreram conforme a sua visão sobre o livro foi se alterando.¹¹⁴

¹¹⁴ Fonte: Currículo Lattes (adaptado). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5561930908519759>. Acesso em: 29 jan. 2025.

3.14.2 Entrevista no original em português

Professor Caetano Galindo, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Puxa. Eu sempre li bastante. A não ser nas fases da minha vida em que a música me ocupou demais. Mas no geral eu sempre li. E especialmente narrativa. Romances.

E gradualmente fui me interessando muito pelo “como”, quase mais que pelo “o quê”, e isso foi me colocando em rota de colisão com Joyce, claro. Mas cheguei a ele tortuosamente. Li montes de Beckett antes. Li e traduzi *Travesties*, do Tom Stoppard, em que ele é personagem

Foi “de fianco”.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Quando a minha filha estava pra nascer, em 97, algo me disse que era a hora de dar esse passo. E eu comecei a ler o *Ulysses* nos últimos meses da gestação.

Mas o dado definitivo foi o meu projeto de doutorado, que surgiu quando eu tive que recusar uma bolsa integral na Alemanha, precisamente por ter àquela altura, 2000, me separado da mãe da minha filha, e por não querer ficar longe do crescimento dela.

Foi aí que eu mudei tudo nos meus planos e decidi traduzir o *Ulysses* para finalmente ler de verdade (claro que aquele primeiro projeto de leitura se interrompeu com o parto, lá na altura do “Gado do Sol”).

E daí em diante Joyce me escolheu.

Tenho dificuldade pra largar dele até hoje.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Eu comecei a ler ainda enquanto traduzia a primeira versão do meu *Ulysses*. Parecia simplesmente o passo lógico, depois daquele romance. E de lá pra cá eu já

publiquei traduções de toda a obra que Joyce publicou em vida, e até revisei a minha tradução do *Ulysses*, dez anos depois do lançamento.

Mas nada de terminar o *Wake*.

Já lá se vão mais de vinte anos desse “projeto”.

De motivos, não sei. Tem essa coisa até meio boba do “completismo”, de fazer tudo. Mas isso tem me movido menos. Eu queria traduzir porque de verdade acredito que a minha tradução teria algo a dizer, podia chegar a mais gente. Mas ultimamente tenho pensado também que isso pode ser só pretensão minha.

Pode falar sobre o seu projeto de tradução (quando sai, hãmi?, principais procedimentos, elementos do texto-fonte mais valorizados, efeitos de leitura visados etc.)?

Hoje, honestamente, eu nem sei se sai. Acho que sim. Mas não apostaria todas as fichas.

Estou usando basicamente a versão revisada da Penguin, do Danis Rose e do John O'Hanlon. E queria buscar uma leitura mais “autônoma” do livro. Sei lá. Eu ando pensando que o que mais vale seria uma “performance”, uma “interpretação” do livro, diferente do que eu normalmente faria em “tradução”. Dar ao leitor brasileiro a chance de acessar o livro nos seus próprios termos.

Você propõe uma tradução wakeana sem apoio crítico paralelo ao processo tradutório. Qual é o motivo dessa escolha e quais são os possíveis ganhos e perdas dela? Como esse método ametódico combina com o *Wake*, seloko! Mas issy é só pros fffortississimos!

O que eu tenho feito é pacificar essa escolha, que pode ser apenas preguiça, com essa ideia de que eu estou tentando não uma tradução padrão (se é que isso existiria), mas essa “interpretação” pessoal.

Eu quero o embate meu, direto com o livro, e a transmissão disso, nos meus termos, aos leitores. Eu não sei se consigo fazer uma tradução “plena” do *Wake*, que dê conta de tudo que eu mesmo enxergo. E isso me buga. Mas acho que preciso fazer a minha, então preciso encontrar um jeito.

A sua visão tradutória (e do próprio livro) se alterou entre a tradução de um e outro excerto ao longo dos anos?

Totalmente.

Eu comecei pensando na infinita desdobra de todos os sentidos possíveis. Hoje quero mais o efeito global.

Como o nosso “latim em pó” está sendo utilizado na tradução, que eu posso apostar que é uma tradussom?

Desse jeito. Como performance, como busca de efeito, atmosfera, brilho, dança.

O “latim em pó” do brasileiro pode “metamorpósear-se” de que “mineira” ao finneganês? Quais as maiores dificuldades, perdas e ganhos desse encontro?

O principal problema é que o inglês se presta de maneira muito mais pronto à formação vocabular por justaposição-composição, e também aos trocadilhos perfeitos, justamente pela distância entre étimo e pronúncia atual.

O português tende a precisar de mais espaço, de mais discurso, para conseguir efeitos semelhantes. Ou isso ou a sofrer uma violência meio “tipológica”, que force a mão de uns jeitos que não correspondem à facilidade da brincadeira do original.

Que elementos da poética original você prioriza (oralidade, neologismos, multiculturalismo, humor, safadeza etc.)?

Som. Humor. Atmosfera.

Safadeza nem tem como evitar!

Será uma tradução acompanhada do texto original? Qual é a importância do acesso ao original para o leitor de uma tradução wakeana?

Não sei se será.

Vai depender da editora. Eu na verdade pressionaria pra que não fosse. Não quero traduzir pros joyceanos, pros pesquisadores. Quero que uma galera curiosa tente se divertir e se deixar tocar pelo livro.

Será anotada ou com outra forma de suporte crítico?

Provavelmente mínimo.

Talvez ele apareça depois, como no caso do meu “Guia” do *Ulysses*.

Como analisa propostas tradutórias anotadas do *Wake*, cujo volume crítico cria quase que uma obra à parte?

Dependo e sempre dependi delas. Adoro. Mas não é isso que eu busco, hoje. Em certo sentido eu quero até o oposto disso.

O epitexto crítico tem uma função narrativa? Faz parte da poética da obra? É uma espécie de tradução?

Talvez esse seja até um ‘engano’ da fortuna crítica do *Wake*, hoje eu ousou achar. O livro não pode depender disso. Se não, estaria comprovando seu fracasso.

Falando nisso, você vai pegar na mão do leitor e levá-lo pra dar uma voltinha no *Wake*, como fez em *Ulysses* com *Sim*, eu digo *sim*? Como fazer isso sem balizar demais a leitura de uma obra tão imbalizável?

Eu às vezes acho que o aparato de apoio que eu queria fornecer era algo ainda mais sucinto e direto que o *Skeleton Key*. Algo mais próximo do que o Slepon oferece no *FWEET*, me aproveitando da estabilidade do parágrafo como unidade de sentido no livro, e oferecendo um resumo do que me parece “acontecer” em cada palavra. Quase um *Wake* paralelo, parágrafo a parágrafo.

Quais são os principais desafios da “apoteose do trocadilho” e do transbordante rio de palavras-valise do *Wake*?

Putz.

Primeiro pasmo. O choque diante da magnitude daquilo. A gente olha, escarafuncha, se deleita, e chega inescapavelmente à conclusão de que nenhuma outra pessoa, em nenhuma outra língua, conseguiria dar conta de replicar a experiência.

O que não é a melhor maneira de começar a se pensar em tradução.

Mas depois vem o encanto, e daí a dificuldade de pensar em formas de reproduzir aquilo que não acrescentem à dificuldade do livro a dificuldade de se estar usando o nosso idioma de um jeito torto, e que não se transforme numa exploração das possibilidades infinitas de leitura. Uma dificuldade de não querer socar na tradução todo o paratexto que a gente já consumiu na vida.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como está trabalhando isso na tradução?

Deixando que aconteça. Daí essa minha preocupação em repetir a palavra “atmosfera”.

Tem uma coisa de confiar no Joyce aí. De que mesmo que eu perca milhares de pequenos possíveis sentidos, uma apreensão global do efeito é possível. E isso depende desse tipo de dimensão, como você menciona.

Na real acho que é isso.

Eu estou tentando pensar numa maneira de traduzir o *Wake* mais “de longe”, mais preocupado como macro do que com o micro.

Obrigado por ter me levado a pensar e a dizer isso nesses termos!

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Cf. supra!

Como trabalhar com o multiculturalismo?

De novo, aceitando, acatando, incorporando e fazendo crescer.

Como trabalhar com o multilinguismo? Você trabalha com estrangeirismos?

Sim. Mas não centralmente.

Eu já aceitei que o meu *Wake*, se houver, vai ser muito mais “vernáculo” que o do Joyce.

Qual é a importância da repetição na obra e como você lida com ela na tradução?

Pra mim é uma questão obsessiva. Já no *Ulysses*, e me preocupa demais.

O que pensa de posturas tradutórias que mestiçam o texto/cultura alvo e o texto/cultura fonte?

Acho potencialmente interessante. Mas me preocupa o fato de que há uma “hierarquia”, de facto, entre os idiomas. E propor mestiçamentos com o inglês, no ano da graça de 2024, é se preparar pra sair dominado.

E de posturas transculturais mais agressivas? O que pensa de enxertos referenciais anacrônicos à obra?

Eu acho divertido. Gosto das tuas invenções, por exemplo. E não me fecharia demais a elas não.

E o que tem a dizer da domesticação tradutória de elementos (des)estruturais do original, como a desterritorialização da narração, dos personagens e da linguagem?

Acho um caminho para o enlouquecimento.

Pitadas, maravilha. Você mesmo usa coisas como Macunaíma. O Donaldo já punha Brás Cubas. Mas como “brinde”. Como “bônus”, a ideia de “localizar” o *Wake* em outra cultura é ensandecedora.

Os personagens seriam funções?

Acho que em certo sentido, sim. Mas acho mais que eles são “sínteses”. Meadas.

Pode explicar o *Wake* enquanto “síntese literária em moldes bakhtinianos”? Como transpor essa “pan-literatura” à tradução?

A ideia, quando eu usei essa expressão, foi falar que ele opera uma fusão do multiperspectivismo do romance com a atitude “proprietária” sobre a linguagem que seria característica da poesia. Isso tudo em termos bakhtinianos, né. E eu ainda acredito nisso.

E acho que aí está talvez o fulcro do problema da tradução. Nessa encruzilhada ética, de atitudes e de controles.

Como transpor?

Que o acaso nos acuda!

Tudo isso meio que reflete a danada da simultaneidade do livro, né? Dá pra recriar esse efeito bem recriadinho na tradução?

Não. Ao menos não em português. Dá pra tentar equivalências, de novo no macro, mas observar os mesmos momentos e as mesmas densidades, eu acho que não.

Como traduzir a música encapsulada no livro?

Olha, é o meu maior objetivo. Na verdade, me guiar por ela antes de todas as coisas. Mas infelizmente (até por ser coerente com esse princípio) não sei se consigo expor esse “como” assim de uma maneira articulada. Nem pra mim mesmo.

Aliás, a música e a teoria musical ajudam a pensar essa obra?

Centralmente.

No seu artigo *The Finnecies of music wed poetry: A música e o Finnegans Wake*, você fala da fusão da música com a palavra no *Wake*. Pode resumir a sua hipótese?

É uma ideia que já vem do próprio Joyce, né? A de que o livro canta mesmo quando não diz. Que ele busca uma espécie de “comunicação” que é pós-verbal, pré-verbal, quase antiverbal, e cuja maior analogia é a da fruição da música.

Acho que em alguma medida isso é uma bandeira mais que uma receita. Assim, o artefato *Wake* ainda é fundamentalmente verbal, sintático. Mas essa bandeira aponta pra muito do que se “intenta” fazer.

Há outros níveis nos quais o *Wake* busca a condição de música?

Não sei. E mesmo esse nível mais geral também é relativizável. O livro tem coisas a dizer, e diz. Ao contrário da música absoluta. Ele diz algumas coisas de maneira razoavelmente inquestionável e, como gosta de lembrar o Fordham, ele pode ser defendido de “acusações” quanto a coisas que ele inquestionavelmente NÃO diz.

O livro se relaciona de outros modos com a música erudita moderna e contemporânea (indiretamente com a poética de um Ives, por exemplo)?

Eu acho que a gente pode traçar esses paralelos. Pra mim, Cage acima de todos. Bem mais que Ives etc... Mas não acho que eles sejam constituintes do processo e da instauração do livro.

Como vê a relação de mito e música nesta obra? E como isso funciona na tradução?

Olha. É um daqueles casos em que você confia na construção.

É como perguntar ao pintor de paredes o que ele acha das dimensões e proporções de um cômodo. Vai ficar igual, se estiver bom, se for sólido. Eu vou apenas vestir de novo.

É claro que com certa atenção a chaves, a gatilhos, a nomes. Mas acho que independe centralmente da tradução.

Quanto à articulação de mito e música, ela deve muito ao Wagner ali. Eu diria. E portanto se faz central também.

O livro pode ser traduzido de alguma forma para a música (o Bartnicki – adoro ele – concluiu duas propostas de traduções musicais)?

Aí é Wittgenstein. Tudo depende do sentido “especial” que você dê à palavra “tradução”. Eu tendo a pensar em um sentido bem estrito, naquela chave do Britto de que traduzir um texto é gerar um texto novo que permita que um leitor que tenha acesso apenas ao texto novo possa dizer sem mentir que leu o original.

Isso eu não sei se dá pra fazer nem interlinguisticamente com o *Wake*.

Imagina intersemioticamente.

Pode ser traduzido visualmente, como o Sérgio Medeiros e o Bartnicki – de novo – propuseram, cada um a seu modo?

Cf. supra.

E para outros suportes artísticos?

Mesma coisa, né?

A sua peça *Ana Livia* transpõe vários elementos estruturais (trovões, humor, poesia etc.) e textuais do livro, os quais se mesclam a inúmeras referências, de Beckett ao celular. Ela, em algum sentido, seria uma tradução intersemiótica? Você acha que essa mestiçagem referencial também é válida na tradução “convencional” do livro?

Eu não vejo tradução ali. Vejo referenciação. Citação. Ou seja, procedimentos dos mais velhos do mundo.

Professor, você fez um Tesão da porra no seu doutorado, em que abordou a polifonia no *Ulysses* do ponto de vista bakhtiniano. Você vê esse tipo de

polifonia no *Wake*? Cadiquê? Há outras formas de polifonia na obra (eu vejo polifonia musical no nível da palavra)?

Olha, de novo, estritíssimo senso, polifonia bakhtiniana só no Dostoiévski. Como extensão do sentido musical, acho que você tem toda razão. Mas eu iria até além do nível da palavra. Acho que a simultaneidade de eventos é a chave de construção e de leitura do livro todo, e a metáfora do imbricamento de “vozes”, de linhas, é perfeita.

Conhece traduções do *Finnegans Wake* para outras línguas? Quais são e o que você pensa delas?

Lidei com uma ou outra, mas não a ponto de poder opinar.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Eu me vejo mais como operário. As teorias me ajudam a pensar sobre o ofício. Mas é o ofício que me interessa mais.

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Claro. Só não sei qual.

O *Wake* ficou um tempão com poucas traduções integrais e agora estão bombando versões em tudo que é canto, inclusive no Brasil. O que pensa desse rizoma tradutório? Esse fenômeno reflete algo em específico? Há espaço para outras retraduições ou “paratraduições”, termo que você usa em *Traduzir o Finnegans Wake, paradoxos e liberdades*?

The more the merrier. Acho que nas últimas décadas se criou um cenário joyceano muito rico no Brasil, e que quer dar seus frutos.

Agora, quanto ao “porquê” disso tudo, acho que tem lá sua dose de mistério misterioso....

E o tal lance de que “o *Finnegans Wake* é um livro intraduzível”? O que pode falar disso pra noix?

Talvez seja. Talvez seja a incerteza quanto a isso o que me trava. Eu acho, sincerissimamente, que não. E um trabalho como o teu é prova o bastante!

O que o tradutor *pound* e o que o tradutor não *pound* nem a *pound* nessa obra?

Acho que pode quase tudo. A liberdade de ação precisa ser proporcional à do livro. Acho que só não pode é perder a graça.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Acho que sim e não, na mesma medida que o de Anna Kariênina. Não sei se é questão de grau, mas talvez de “tipo” de autoria o que diferencia a atuação com o *Wake*.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

Ainda nem terminei o primeiro!

Você me ama tanto quanto eu te amo (BEBÊ-RENA, NETIFinniX, 2024.)? RSRs, brincadeira, professor, sou um fã bonzinho. Ah... adorei a(s) *Lia*(s), tanto que ela(s) foi parar na minha tradução.

Gostei bastante da série sim. E que bom que você curtiu a *Lia*!!

Muito obrigado e um grande abraço pra você e pra professora Sandra.

Abraço daqui, rapaz!

3.14.3 Diálogo tradutório

Finnegans Ressuchistam e a galinda tradução do Caetano enlaçam o humor e a música para não os deixar escapar. Também abraçam a repetição e a simultaneidade, mas dão uma pirada com as perdas inevitáveis no processo tradutório. Caetano, que busca um efeito de atmosfera no nível macro do livro, acredita na transculturação com moderação e no uso do dialeto como opção ao multilinguismo. Para ele, o tradutor não é coautor e deve trabalhar com a liberdade proporcional ao original. Como nós, acredita na tradução do *Wake* como uma performance mais da experiência do que da teoria.

3.15 COLETIVO FINNEGANS WAKE (BRASIL)

3.15.1 Sérgio Medeiros

3.15.1.1 Introdução

Sérgio Medeiros, tradutor para o português brasileiro



FONTE: Facebook do tradutor (2024).

Sérgio Medeiros é poeta, artista visual, contista, ensaísta e tradutor. Ensina literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Traduziu, com o *scholar* inglês Gordon Brotherston, o *Popol Vuh* (Iluminuras, 2007; 2018, segunda edição), poema maia-quiché do século XVI, com mais de 8000 versos. Organizou a antologia de mitos amazônicos *Makunaíma e Jurupari* (Perspectiva, 2002), que contém as lendas indígenas que Mário de Andrade recriou em seu romance *Macunaíma*. Publicou em 2017 o livro *A idolatria poética ou a febre de imagens*, que recebeu o Prêmio Literário Biblioteca Nacional na categoria poesia. Lançou vários *ebooks* de artista, entre eles *Dicionário de hieróglifos* (2020), *O acumulador* (2021) e *Um Macunaíma Visual* (2022). Fez a tradução visual do romance *Finnegans Wake*, de

James Joyce, com 633 imagens reunidas num livro digital sob o título *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* (Illuminuras, 2022).¹¹⁵

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Medeiros explica o processo poético-tradutório de *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* e aborda diversas questões, como: o transe performático na tradução de textos experimentais; a paratradução; e a mestiçagem vanguardística-ameríndia da língua “breasileira”.

3.15.1.2 Entrevista no original em português

Sérgio Medeiros, você pode nos contar sobre você (vivência literária, criativa e acadêmica) e sobre sua relação com a literatura antes de Joyce?

Sempre apreciei o modernismo, na literatura e nas artes plásticas. Posso afirmar que desde criança os aspectos mais desafiadores do modernismo se tornaram uma de minhas paixões. A obra de Joyce me pareceu então a mais importante de todos na prosa -- li a primeira tradução brasileira de *Ulisses*, assinada por Antônio Houaiss, no início da adolescência. Esse romance me levou a ter um novo envolvimento com a arte, um envolvimento que exigia todos os sentidos. O que mais me impressionou foi o fato de que o texto tinha som, sabor, aroma, por isso eu podia sentir Dublin diante de mim e também ao meu redor, e sob os meus pés e sobre a minha cabeça, como se eu estivesse efetivamente na cidade. Eu acredito que quando lemos Joyce estamos mesmo em Dublin -- essa sensação é a grande epifania que as suas criações me proporcionam. Podia sentir, aos 16 anos, as ruas com todos os órgãos dos sentidos, os quais, além disso, eram aguçados pela imaginação. Considerei que isso era o máximo que a literatura experimental podia oferecer ao leitor. Ler Joyce foi, resumindo, como se eu caminhasse por Dublin e conhecesse tipos interessantes, inesquecíveis. Os personagens eram íntimos, eu podia intuí-los muito bem. Dois deles, em especial, me marcaram para sempre e determinaram, acredito, não só o rumo da minha própria obra poética como também o percurso da minha leitura, bem posterior, de *Finnegans Wake*. São dois personagens secundários, ou periféricos, mas extremamente potentes: o músico Enrique Flor e o marujo sedentário

¹¹⁵ Informações presentes no livro *Finnegans Rivolta* (2022).

que conta lorotas. Falarei deles nas minhas respostas às próximas perguntas. Pois não posso discorrer sobre a obra de Joyce sem citá-los e homenageá-los.

A obra de Joyce é uma constante metamorfose da escrita e um crescente tensionamento da forma. A sua obra também passou por metamorfoses. Você pode falar sobre o percurso intersígnico da sua poesia e, posteriormente, do seu trabalho tradutório.

Na minha obra poética está Enrique Flor, músico português que aparece no episódio 12 de *Ulisses*. Ele vem de Portugal, o país mais desmatado da Europa, e se estabelece na Irlanda, o segundo país mais desmatado daquele continente, onde sobrevive tocando órgão em casamentos. Os noivos são personificação de árvores sagradas, as quais remetem ao tempo dos druidas e da sua linguagem, conhecida como ogham, cujos signos têm nomes vegetais e por isso foi chamado de alfabeto celta das árvores. A estética vegetal faz parte da minha obra, desde a sua origem, e continua fazendo parte dela, ainda hoje. Minha pesquisa em torno da escrita vegetal não começa com Enrique Flor, mas o músico português é inserido nela a partir do meu livro *Totens*, de 2012. Entre outras referências literárias e culturais, devo citar, ao lado de Joyce, as narrativas indígenas das Américas. Então, em razão dessas duas matrizes apontadas – a irlandesa e a indígena – posso afirmar que a minha obra poética faz a ponte entre dois hemisférios, o hemisfério sul e o hemisfério norte, colocando-os em contato, na verdade, um contato “sem contato”, como explanarei mais adiante.

Publiquei em 2022 o livro *John Cage no hemisfério sul: uma biografia* no qual os dois hemisférios estão frente a frente e também se sobrepõem um ao outro sem criarem um todo homogêneo. Recriei nessa obra o silêncio eloquente de Cage no Brasil de Bolsonaro, para falar da pandemia e da democracia ameaçada -- usei o confinamento do corpo e da voz como símbolos do Brasil de então. No meu trabalho mais recente, ainda inédito, *Alucinação, pesadelo, ectoplasma* (esse título é joyciano, como logo explicarei), falo dos dois hemisférios a partir do deslocamento da Ilha do Breasil, ou “*the island of Breasil*”, como Joyce registra na página 549 do *Wake*. Seu outro nome, como se sabe, é Hy Breasil. Pois bem, no meu novo trabalho essa ilha do hemisfério norte, que fora registrada nos mapas medievais consultados por navegantes portugueses, não desmente a lenda e vem para o hemisfério sul, após

demorar-se no golfo do México, onde a escrita dos druidas se encontra com a língua glífica dos povos mesoamericanos, a escrita dos maias em particular. Quando a ilha Breasil chega finalmente ao Brasil, ela estaciona no litoral sul, ao lado da Ilha de Santa Catarina, onde eu próprio resido no momento. Ela trouxe para a poesia brasileira uma língua nova, feita de sinais silvestres, ou breasileiros, sinais que são ao mesmo tempo irlandeses e indígenas, pois reúnem signos do hemisfério norte e do hemisfério sul, uma vez que, na ilha de Florianópolis, há petróglifos milenares, feitos por seus antigos habitantes.

Resumi, acima, espero, a minha concepção de “breasileiro”, uma língua verbo-visual que bebeu do português e do brasileiro (o português do Brasil), mas também das escritas indígenas dos dois hemisférios, e também das escritas imaginárias de Hy Breasil, ilha que é anterior à “descoberta” do nosso país pelos viajantes europeus.

Na minha tradução visual de *Finnegans Wake* fiz questão de enfatizar essa concepção de uma língua “breasileira” na qual me expressaria, por isso publiquei esse trabalho sob o título *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil*. Ou seja, fiz a tradução visual do romance a partir do hemisfério sul, onde Hy Breasil agora se encontra, depois da longa viagem que a trouxe da costa oeste da Irlanda para o litoral sul do Brasil. A ilha é a terra do marinheiro sedentário – ela é que viaja, ele narra as viagens da ilha.

Conte-nos um pouco a mestiçagem poética com personagens e temas de Joyce que você realiza em seus livros, a exemplo do cage-bloominiano Enrique Flor. Quais elementos/personagens do *Wake* deslizaram para as suas criações?

Já comentei que um pedaço de *Finnegans Wake*, mais especificamente a Ilha do Breasil, é um dos temas mais trabalhados na minha obra nos últimos tempos. A minha obra como um todo, desde o meu primeiro livro, *Mais ou menos do que dois*, de 2001, que traz Cage para a Ilha de Florianópolis (que é mais ou menos dois hemisférios...), pressupõe o diálogo criativo entre os dois hemisférios sempre. Esse arcabouço norte-sul me acompanha sempre, enfatizo, pois entendo que o elemento glífico, visual, circula livremente pelos dois hemisférios: o alfabeto europeu não é o meu único “alfabeto”. Em razão disso preciso estar ao mesmo tempo, nos meus poemas, na minha prosa, sobretudo nos últimos livros, no hemisfério sul e no hemisfério norte quase simultaneamente. No meu último trabalho, os espaços e os

tempos se sobrepõem, o primordial aparece por último, então os hemisférios já quase não se distinguem entre si, mas não são, por causa disso, homogêneos...

Falarei agora de dois personagens que já mencionei, pois ambos são muito importantes no meu trabalho: o músico e o marujo. Os dois saíram das páginas de *Ulisses*, mas logo foram reintroduzidos por mim em *Finnegans Wake*. Na verdade, eu os reencontrei nesse livro, o último que Joyce escreveu. Começarei falando, porém, do marinheiro HCE e de uma de suas reencarnações: *Hallucination*, *Cauchman*, *Ectoplasm*, que aparece na página 133 de *Finnegans Wake*. Meu último trabalho poético, um texto verbo-visual, se chama, como já afirmei, *Alucinação*, *pesadelo*, *ectoplasma*, remetendo ao *Wake*, mas não diretamente a HCE, já que as iniciais dessas três palavras em português formam APE, um provável antepassado longínquo de HCE. Diria que APE é o nosso ancestral mais ancestral, o macaco. HCE seria, segundo essa versão que proponho, um dos avatares de APE... APE vivia provavelmente nas árvores do alfabeto celta que o músico Enrique Flor utilizou em suas partituras. Aqui é preciso acrescentar um dado importante que consta da conclusão de *Alucinação*, *pesadelo*, *ectoplasma*: APE é também Ape, ou seja, um macaquinho que é o ancestral dos duendes coroados que povoam há milênios da Ilha do Breasil...

Como foi seu primeiro contato com o *Finnegans Wake*? E quais foram os motivos que levaram a traduzi-lo visualmente?

A certa altura da minha vida, quando me mudei de Mato Grosso do Sul, minha terra natal, para São Paulo, a fim de fazer o mestrado e o doutorado na USP, decidi ler a obra completa do Joyce em inglês. O tema da minha pesquisa de pós-graduação era a narrativa indígena, a xavante em particular, sobre a qual ainda falarei, e não Joyce, mas eu achei, sempre achei, aliás, que Joyce havia tratado de mitologias em geral, o que abrangia também a arte ameríndia. O marinheiro sedentário é um elemento importante nessa cadeia que liga o hemisfério sul ao norte, pois ele teria viajado até a Bolívia e convivido com os indígenas locais... Isso está no *Ulisses*, como sabemos, e eu próprio, quando decidi fazer a minha versão visual de *Finnegans Wake*, estava ciente de que me tornara esse marinheiro misterioso, que delira diante de Stephen e de Bloom, numa estalagem sonolenta... Esse marujo que conta lorotas precede HCE, mas é uma imagem antecipatória dele; é também um prenúncio de

APE, o marinheiro das árvores que é o passado mais recuado e, por isso mesmo, como diria Heidegger, aparece necessariamente por último...

Então, enquanto fazia a minha pesquisa de mestrado e doutorado, a qual me levou a passar temporadas entre os xavantes no leste do Mato Grosso, fui lendo Joyce sem parar, e cheguei inevitavelmente ao *Wake*. Já conhecia nessa altura a tradução de fragmentos dessa obra assinada por Augusto e Haroldo de Campos, mas decidi ir frequentando, sem desespero, o original, que sempre teve fama de árduo, incompreensível. John Cage me estimulou muito nessa época, pois li a sua versão (um recorte arbitrário, que o acaso configurou) do último romance de Joyce – o texto cagiano é um rio, pois senti que um rio havia percorrido a obra oceânica e evaporado, levando para o céu, na sua leve correnteza, parte dela. O rio é Anna Livia Plurabelle, o par de HCE, o marujo de todas as águas... Talvez, desde essa época, eu tenha alimentado o desejo de também fazer a minha versão do último Joyce. Quem sabe?

Sobre o processo tradutório que culminou em *A Visual Finnegans Wake on the Island of Brasil*, quando começou, como foi a rotina do trabalho e quanto tempo levou?

Quando propus a mim mesmo traduzir visualmente o último romance de Joyce, eu sabia que deveria entrar em transe. A palavra “ectoplasma”, que consta do nome HCE, é isso: algo que se produz quando se entra em transe. Quem escreve *Wake*, quem traduz *Wake* deve estar em transe, pois só assim expele um ectoplasma literário único, raro, nunca banal ou habitual – um ectoplasma experimental. Durante a pandemia, me mantive recolhido em casa. Então, aproveitando essa situação, durante cinco meses consecutivos me levantava sempre às 4 da madrugada para trabalhar na minha versão do romance até às 10 da manhã. Fiz isso todos os dias, sem interrupção. Nada me desviou dessa rotina. Entrei, realmente, em transe prolongado. Em resumo, senti, desde o início, que precisava do estado de transe para produzir os meus “ectoplasmas” visuais. Considero cada página do meu *Wake* um ectoplasma específico, o qual também é um postal do outro mundo de Joyce. HCE (Here Comes Everebdy) significa, como já comentei, alucinação (maravilhamento, epifania), pesadelo (sofrimento, frustração), ectoplasma (expressão do maravilhamento e do sofrimento). Os ectoplasmas de HCE (ou de APE/Ape, o homem das cavernas, na versão da tríade verbal em português), provêm do transe, pois só assim a alucinação

e o pesadelo se tornam produtivos, literariamente falando -- eles externalizam, por fim, um texto-ectoplasma, uma forma ao mesmo tempo material e espiritual, por intermédio da qual os mundos irreconciliáveis se tocam e geram alguma forma de expressão palpável, embora nem sempre inteligível.

Como leitor do filósofo Jean-Luc Nancy, teórico do contato sem contato, acredito que o ectoplasma seja fruto de uma tempestade, de um tumulto, por isso ele não nos dá, por intermédio da sua expressão verbal ou visual, nunca um texto homogêneo, apaziguado, mas uma turbulência poética eterna – integra a alucinação e o pesadelo que estão nas essências humana e inumana, em HCE e em APE/Ape.

Em qual formato *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* foi publicado e como o público pode encontrá-lo?

O livro possui dois exemplares no formato impresso, os quais estão comigo. As folhas não estão encadernadas, esse livro não é uma brochura convencional, e sim um maço de folhas soltas. Elas serão usadas em exposições futuras, que pretendo realizar no Brasil e no estrangeiro, inclusive na Irlanda, ou sobretudo lá. Meu sonho é compor uma enorme roda maia (roda profética de Chilam Balam, o Sacerdote Jaguar), dispondo no chão as mais de 600 folhas do livro. Será uma espécie de “livro de areia” dos apaches e navajos, que se expressam por meio de belas mandalas executadas na terra.

O público interessado na obra tem acesso livre à versão *online* no site da editora Iluminuras, de São Paulo. Essa mesma edição, completa, está disponível também no site glifoeletra e no meu blog. Ela pode ser folheada como um livro... Suas imagens se deixam ampliar... Há muitas possibilidades de manuseio do livro digital. O manuseio lento, o manuseio veloz...

A tradução foi realizada concomitantemente com a tradução *Finnegans Rivolta*, coordenada por Dirce W. do Amarante. Como surgiu a ideia da sua tradução intersemiótica e qual é a relação dela com o projeto que culminou em *Finnegans Rivolta*.

Já mencionei APE/Ape, o ser primordial que a minha obra resgatou. Falarei agora de algo ainda mais antigo, e, portanto, mais atual, a linguagem das pedras, que

está na abertura de *Finnegans Wake* e que talvez seja a linguagem mais antiga de todas. Eu associo essa linguagem inumana à música vegetal de Enrique Flor, na qual as árvores da escrita druídica renascem na moderna Irlanda que o artista português deseja reflorestar. Nas páginas iniciais do romance de Joyce, mais exatamente na página 19, lemos: “*But the world, mind, is, was and will be writing its own wrunes for ever, man, on all matters that fall under the ban o four infrarational senses...*” Se tudo escreve, se o próprio planeta escreve usando runas imemoriais, então o romance de Joyce não está redigido apenas no alfabeto latino. Existem outras escritas, visuais ou glíficas, sob e sobre essa escrita mais visível, ou decifrável. E aqui é preciso lembrar esta definição de povo irlandês, que aparece na página 472 do *Wake*: “*...joyful Ireland, the people that is of all times*”. O irlandês, ou o povo do *Wake*, é o povo de todas as épocas, o povo mais jovem e o povo mais velho, por isso ele revela a alegria da juventude em meio à serenidade da velhice... O povo alegre, o povo vivo, conhece e pratica todas as escritas -- não é, sob esse aspecto, apenas humano. É também um “ape” (Joyce nunca foi um humanista, sua obra não aposta numa separação ontológica entre o ser humano e os outros seres), é também Belinda, a galinha que acha o precioso documento que representa todas as escrituras joycistas, documento onde a galinha deixa as suas próprias marcas – e o faz na medida em que seu bico e suas patas o reescrevem ao retirá-lo do lixo, a matéria primordial de onde a cultura teria vindo. Só as lentes infrarracionais seriam capazes de penetrar, decifrar esse texto que convive com raízes e pedras imemoriais... Então, movido por essas considerações, decidi mostrar o lado “colorido” do *Wake* glífico e me concentrei na escrita visual, pois ela sem dúvida faz parte do alfabeto original -- são os hieróglifos que preencheram o documento perdido, a escrita originária que só aparecerá na sua integridade por último, como a soma de escritas em diversos idiomas ou alfabetos. O documento original não existe como tal: ele vem sendo reescrito (é sempre uma tradução de uma tradução sem “original”) a cada vez que é mostrado ou mencionado, é incessante, algo que jamais poderá ser escrito ou lido definitivamente. Fiel a essa apreensão do cerne plural do *Wake*, considerei que me cabia fazer uma versão visual dele, já que sou artista visual. Ao mesmo tempo, o coletivo Finnegans estava traduzindo para o português todo o romance. Isso foi um estímulo a mais para mim (inclusive colaborei nesse projeto, criando imagens para as capas e para o miolo do livro), mas não me fez desviar do projeto de narrar desenhando e colorindo as palavras

do *Wake*, a fim de expor, sob e sobre elas, as diferentes escritas do mundo, os alfabetos mais velhos e os mais novos também.

A sua tradução é integral, contemplando todas as páginas do livro, ou ao menos algumas palavras selecionadas de cada página. Como se deu a escolha das palavras? Pode exemplificar, por favor?

Já mencionei nesta entrevista que o ectoplasma é também um postal. Gostaria de comentar mais extensamente essa afirmação, tomando como referência um personagem de *Ulisses*: o marujo sedentário. Creio que poderei assim esclarecer como selecionei as palavras do romance que se tornaram, na minha versão, imagens. O episódio 16 de *Ulisses* fala de navegação e marinheiros e se passa no abrigo dos cocheiros de Dublin onde os errantes Stephen e Bloom entram para beber uma xícara de café. O capítulo é estático (todo mundo está sentado), mas igualmente tumultuoso (contam-se lorotas, viaja-se pelo mundo). A meu ver, nesse instante *Ulisses* anuncia o *Finnegans Wake*... O marujo, meio bêbado, conta que viu o mundo, inclusive o Peru. Vale-se da anáfora (vi isso, vi aquilo...), como o faz João no seu Apocalipse, ou o narrador do conto “O Aleph”, de Borges... E tira do bolso um postal que mostra choças de índios da Bolívia. Revela ainda que foi um amigo que lhe mandou esse postal de um lugar onde ele próprio teria estado tempos atrás. O marinheiro aparentemente nunca saiu do banco em que está sentado. Tenho essa sensação cada vez que releio o episódio em questão, e a dúvida é também expressa pelo próprio Bloom, que se refere ao contador de lorotas assim: “de coração um aventureiro nato”, mas que não passaria de “marinheiro-d’água-doce”. Pois bem, eu também sou de coração um aventureiro nato no campo da tradução. De cada página lida do *Wake* extraí um postal e o exibi aos meus eventuais leitores. Em cada postal que Joyce me enviou há uma imagem ou várias delas, embaralhadas. São desenhos ora abstratos ora figurativos, ou ambos, bem misturados, como, aliás, acontece nos coloridíssimos códices mesoamericanos que me serviram de modelo.

A minha leitura do romance, conforme afirmei, pressupôs o transe (ou aquela “coragem” desmedida que o tradutor incauto precisa ter), de modo que me sentia “fora de mim” (eufórico, quase sempre); ora, essa leitura foi uma experiência única, irrepetível. A cada nova experiência de leitura do romance uma palavra-chave diferente poderá sobressair em cada página percorrida... Se, no futuro, eu voltar em

transe ao texto do *Wake*, provavelmente escolherei um vocábulo inteiramente novo para resumir o texto no seu conjunto. Esse tipo de leitura é uma aventura do marinheiro imóvel (em transe) que, embora refestelado numa cadeira, percorre todos os mares dos sons e dos sentidos do verbo – assim, os postais que lhe são enviados do outro lado do mundo são também lorotas, pois não autenticam sua estada passada nesses lugares longínquos.

O último romance de Joyce pressupõe, em todos os níveis de leitura, o contador de lorotas – afinal, pode-se mesmo ler o *Wake*? Quem afirma que leu todo o livro está contando a maior lorota da literatura. Pois, para lê-lo todo, não é preciso entrar em transe? Passado o transe, sobram postais, mas eles não garantem a veracidade da circum-navegação do globo terrestre de Joyce... De onde teriam vindo os postais, já que eles existem efetivamente? Quantos narradores tem o *Wake*? Qual deles os enviou ao leitor, em nome de Joyce? Não é possível evitar a sensação de que o leitor mais eufórico se apossou “ilegalmente” dos postais, para “provar” que ele é “de coração” um aventureiro.

Quais são as características inerentes à cada linguagem (verbal e visual) e como conseguiu realizar essa fusão?

Acredito que duas superfícies (a verbal e a visual, digamos) não se tocam realmente, pois não geram um todo homogêneo, único. O tumulto é constante entre as duas margens que se buscam uma à outra. Tudo se desarranja o tempo todo. Acredito que a linguagem do *Wake* seja intrinsecamente onírica, aventureira, turbulenta... A versão visual precisaria então ser tão variável e agitada quanto a versão verbal do romance; no caso, a versão verbal era a segunda tradução em português, *Finnegans Rivolta*, que eu lia nesse momento. Para dar conta dessa linguagem literária tão plena de todas as linguagens, tive de selecionar, na minha recriação do livro, diferentes formatos de papel, além de diversos tipos de tinta – nanquim, têmpera, aquarela, acrílica, a óleo...

Quanto às imagens, nelas o abstrato convive com o figurativo, ao longo da minha versão... Muitas vezes, aquilo que eu queria expressar já estava presente no próprio formato do papel, ou na sua cor ou textura, e não apenas no desenho que faria nele...

O tempo todo era preciso retirar o postal do barro, ou devolvê-lo ao barro... O meu *A Visual Wake* é a viagem que se faz e também uma viagem que já se fez. O postal que ofereço é novo e também velho; sem contar que os espaços estão se chocando e gerando tumulto, porém, ao fim, nenhuma forma está acabada, ou é facilmente decifrável...

Você pode falar sobre dificuldades, limites e possibilidades de traduções intersemióticas, especificando questões encontradas e soluções dadas. Foi possível retranscrever elementos do original, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo, trocadilhos e palavras-valise? Você pode exemplificar, por favor?

Na resposta anterior mencionei a importância do papel e as diferentes técnicas que usei para sugerir, por meio de desenhos, coloridos ou não, as palavras epifânicas que eu ia pinçando no ato da leitura. É possível, acredito, trazer à tona os tons do *Wake* verbal, escrito por Joyce, usando possibilidades ao alcance do artista visual, como diversos tipos de tinta, diferentes formatos de papel, desenho geométrico, desenho figurativo... Além disso, todos os postais que ofereço poderiam ser lidos quase “num instante” (leitura digital veloz), como uma imensa epifania caótica, um ectoplasma do tamanho de uma grande nuvem passando na tela do computador. Ou seja, há vários modos de ler/ver o meu trabalho, os quais enriquecem a experiência visual que proponho, compensando perdas sonoras e de conteúdo.

Estando a minha versão disponível num formato digital, é possível manipular os meus postais de muitas maneiras, o que uma brochura tradicional (e o *Wake* de Joyce é uma brochura tradicional, um livro encadernado como qualquer outro) não consentiria por razões óbvias. Talvez eu esteja me dirigindo também a um fruidor inumano, a um vírus que, acomodado no computador, recompusesse todo o meu trabalho, deturpando-o e/ou apagando-o, como o fez, aliás, a galinha Belinda, que arrancou o documento virtual da lama, deixando nele as marcas das suas patas sujas e do seu bico afiado.

HCE é um marujo fanfarrão, como o são todos os marujos de Joyce, desde o sedentário de *Ulisses*. Acredito que o leitor do *Wake* também seja um marujo, e o seu tradutor, mais ainda. Traduzir, neste caso, é contar lorotas, ou seja, imaginar viagens,

sentidos, postais... A tradução como lorota é, como se verifica, uma teoria interessante e legítima.

No meu livro visual apresento o casal HCE e ALP, assim como seus três filhos. Eles aparecem em diversos momentos, nunca iguais a si mesmos, seja como força abstrata, seja como “sujeito”, ou personagem convencional (homem/mulher). O fio narrativo mais visível, se se pode chamá-lo assim, está mantido no meu trabalho: HCE circum-navega as culturas do mundo todo, mas volta porque, de certa maneira, é um sedentário, nunca saiu de fato da Irlanda, como bom marujo dublinense que é. Esse é o enredo da minha versão do *Wake*.

Destacaria ainda um outro aspecto dessa família: ela é selvagem. Aliás, o temor do marujo HCE é o de perder a sua selvageria, a sua força física e independência espiritual, ao entrar na Ilha do Breasil, que é, entre outras coisas, o reino dos mortos, a morada dos espíritos – e dos duendes coroados, seres talvez “eternos”, porque se multiplicam e se expandem como plantas silvestres. Há hesitação em HCE, como se verifica – é a hesitação dos bêbados, num primeiro momento, mas é também a hesitação de quem está entre a alucinação (o maravilhamento) e o pesadelo (o sofrimento). Se Joyce afirma que o irlandês é um povo alegre, e por conta disso um povo dos primórdios, do presente e do futuro (a alegria dos duendes coroados, na minha leitura da lenda de Hy Brasil/Breasil, é o segredo que lhes permite se multiplicar eternizando-se), o sedentarismo total que Hy Breasil lhe oferece é algo que o marujo embriagado, e já maduro, reconhece como perigoso.

Recriei na minha versão do romance os ectoplasmas que o ameaçado marujo expele para mostrar sua vitalidade – algo sublime, mas também abjeto: o vômito dos bêbados, a lorota dos leitores e tradutores de Joyce...

Embora o seu trabalho seja a única tradução visual integral da obra, há algumas tentativas parciais de verter o *Wake* para o suporte imagético. Você conhece alguma, como a de Krzysztof Bartnicki? O que pensa delas?

A meu ver, em termos de realização visual, a grande tradução do último romance de Joyce foi feita recentemente por Anselm Kiefer, que reuniu numa exposição monumental, em 2023, pinturas, esculturas e instalações que aludiam a e recriavam *Finnegans Wake*. Aliás, sempre admirei a obra de Kiefer, e não por acaso, o cito no prefácio que escrevi para o meu *A Visual Finnegans Wake*. Livros,

documentos, textos restaurados ou não são temas do grande artista alemão. Ele esteve no Brasil e retratou São Paulo, anos atrás. Tomando como referência a sua visão da megalópole, criei no meu livro *Um Macunaíma visual*, que desenhei logo após o meu *Wake* (o primeiro foi publicado em formato digital em 2021, e o segundo, em 2022), uma terrível fricção entre a selva e a cidade. Ou seja, a obra de Kiefer me acompanha já há algum tempo, e isso muito antes de sua versão do *Wake*.

Mesmo que o *Wake* seja um caso à parte, vários tradutores (de outras obras, pelo menos) se apoiam em teorias da tradução. No caso de uma tradução intersemiótica como a sua, quais referências, além do texto-fonte, podem ser utilizadas?

Quero mencionar aqui a teoria da pararte, por mim criada e publicada no livro *As línguas da tradução*, organizada por Dirce Waltrick do Amarante e outras duas especialistas em tradução. Nesse texto, defino o tradutor como autor e o autor, como coautor. Essa teoria orientou o meu trabalho que, por outro lado, elegeu como referências as noções de alucinação e de pesadelo. O autor (o antigo tradutor) vai do maravilhamento à decepção ou desespero, e o ectoplasma que ele oferece como um postal contém essas duas experiências cruciais. A sua arte é também contar lorotas, pois é um tipo de marujo sedentário que circum-navega continentes. As duas teorias – a da tradução como pararte e como lorota – se completam uma à outra. As mais de 600 imagens que criei serão recebidas, talvez, com algum maravilhamento e certa decepção, frustração, também. Espero não estar sendo otimista demais... Para mim isso é inevitável, em se tratando de *Wake*, essa imensa alucinação seguida de imensa frustração que os ectoplasmas registram. Graças ao transe a um só tempo feliz e dolorido, o ectoplasma expõe a complexidade desse universo nada utópico de Joyce que abrange a circum-navegação do primeiro e do último HCE, num círculo que se repete e que inclui também APE/Ape.

Você diz no prefácio de *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* que tanto os códices irlandeses quanto os códices ameríndios influenciaram a sua retranscrição visual do *Wake*. Pode exemplificar como se deu essa mestiçagem?

Toda a minha obra é influenciada pela escrita silvestre de Jerônimo além de outros elementos produtores de vida, um xavante que conheci nos anos 1980 e de quem me tornei discípulo. Ele, que já faleceu há muitos anos, é meu mestre até hoje. A sua escrita rítmica, sempre oblíqua, me ensinou a potência de uma escrita que não é alfabética, pois precede o alfabeto e também é posterior a ele. No Antropoceno talvez apenas as escritas silvestres tenham ainda algo a expressar. Propus isso no meu livro de poesia verbo-visual *O que aparece e o que não aparece* (2023), no qual as sombras dos urubus que sobrevoam a terra traçam signos escuros que são rios futuros, rios possíveis, além de outros elementos produtores de vida.

Além da escrita silvestre de Tsawé, a escrita mesoamericana, a maia em particular, uma escrita glífica altamente desenvolvida, a qual estudo há 20 anos, tem sido outra fonte de referência para mim. O destino dessa escrita, que se apagou nos códices (foram destruídos pelos espanhóis) mas que prontamente ressurgiu (16 livros pelo menos sobreviveram, após a conquista), é para mim o destino da escrita originária de Joyce, que só aparece por último (atualíssima), ao longo da leitura de *Wake*, sob e sobre o alfabeto europeu.

A escrita mesoamericana, como já afirmei aqui, é o elo que une os dois hemisférios, o sul e o norte, entre os quais se desloca Hy Breasil, a Ilha do Breasil, que é o Brasil primordial, aquele que estava registrado nas lendas irlandesas e nos mapas medievais. Porém, na minha poesia, esse Breasil é o futuro: ele está tanto na minha alucinação como no meu pesadelo, gerando ectoplasmas “proféticos” numa língua glífica que chamo de breasileiro.

Tenho uma visão de mundo ameríndia, mas não diria que o ectoplasma que ofereço seja um postal mestiço, que apresente uma linguagem exótica. O marinheiro sedentário de *Ulisses* parece trilhar esse caminho ao falar dos antropófagos do Peru e da Bolívia como algo distante, mas eu sou esse antropófago, sou um marujo latino-americano entre cocheiros irlandeses, pois a minha Irlanda é andina, amazônica, mexicana... Para o parartista antropófago não existe mestiçagem, existe uma imagem do mundo onde o maravilhamento e a frustração precisam dos dois hemisférios, ou seja, do centro e da periferia, invertendo papéis.

Como HCE, não quero perder a minha selvageria, por isso me considero um antropófago boliviano... A minha pararte visual o comprova. O marujo sedentário colonialista precisaria retornar com outro espírito ao Peru e à Bolívia, mas não o fez, não se levantou da cadeira. HCE assumiu o seu lugar e se comportou como um

selvagem (um ser potente, transbordando vitalidade e criatividade) em todas as culturas do mundo.

Reproduzindo um trecho do seu prefácio, suas traduções visuais procuram “resgatar os petróglifos e os hieróglifos do escritor irlandês, ou seja, aquela linguagem que muito aprecio e que estaria semioculta nessa obra, mal aparecendo entre as suas infinitas letras”. Pode falar um pouco mais sobre, inclusive abordando conceitos que você também trouxe na introdução, como os de “inframince”, de Marcel Duchamp, e de “infrarational”, de Joyce?

Esse resgate não é só glorioso (uma bela alucinação), é também um desastre, um apagamento (pesadelo). O ectoplasma final nunca é um texto pleno, o Livro de Joyce. Acredito que, no começo e no fim do *Wake*, nada poderá ser resgatado, mas reescrito, refeito de outra maneira, como, acredito, o fez a galinha que retirou o documento perdido do lixo, transformando-o num texto inumano, ilegível sob os olhos apenas humanos. Por isso afirmei acima que Joyce não cabe no humanismo tradicional. Quem acha, não acha nada, acha o Nada, que potencialmente é o tudo, ou seja, uma epifania. Isso é branco sobre o branco (quadrado sobre quadrado) da pintura suprematista, que só pode surgir após o eclipse do sol (o quadrado negro), como escrevi, aliás, no meu livro *O espelho de Huarochiri*, de 2022, utilizando a obra de Malévitch para repensar a conquista e a destruição da América indígena pelos colonizadores europeus.

HCE, o maior marujo de Joyce, não é apenas HCE, é, segundo já afirmei, APE/Ape, o macaco ancestral. Minha obra inédita *Alucinação, pesadelo, ectoplasma (APE/Ape)*, fala disso, ao pensar diversas origens: a do Brasil, a da escrita, a do livro... É um testamento estético e intelectual, no qual reflito sobre a minha obra e minha relação com a Irlanda de Joyce. Pois bem, nesse livro o humano não é inteiramente humano, ou só humano. É também “ape”, é também sua ancestralidade inumana. Para falar um pouco à maneira de Heidegger, direi que, na sua essência, o humano não é nem sujeito nem animal racional -- é “ape”, o do passado e o do futuro. Quando nos tornamos “apes”, ou nos sentimos “apes”, atingimos o infrarracional e podemos apreciar, através de seus poros, a runas do planeta. Podemos ouvir e ler o planeta. Creio que o infrafino é o contato sem contato possível entre o humano e o inumano, e HCE seria o próprio herói infrafino. Não foi assim que Duchamp definiu o conceito,

obviamente. Estou falando do meu “infracino”, que é um “lugar” onde se pode ser humano e inumano, HCE e APE/Ape. Nesse lugar estreito (abismo imperceptível) ocorreria o contato sem contato entre os corpos de diferentes épocas; é o contato mais delicado de todos. Com menos fricção entre as partes, com menos tumulto também.

Há um momento em que a letra e o glifo se tocam, se tornam uma coisa só, mas ilusoriamente, porque depois se separam, gerando tumulto. Essa sensação de maravilhamento (o glifo é a letra e a letra é o glifo) é gerado pelo infracino, que aproxima duas superfícies. Uma olha para a outra por meio de poros, e isso é facultado pelo infrarracional, que abre novas janelas oníricas e míticas para o homem, a mulher, a criança. O infracino e o infrarracional permitem que HCE se veja em APE/Ape e que o APE/Ape toque sem tocar HCE.

Parafraseando um poema de Philadelpho Menezes, de certa maneira pode-se dizer que a narratividade no *Wake* é uma “Desordem e progresso”. Qual é a potência e como se dá a questão da narratividade na tradução visual? Qual é a importância do leitor?

O leitor é tudo. Como a minha edição do *Wake* é digital, o leitor pode passar rapidamente pelas imagens, lendo/vendo o livro num instante, um instante “mágico” (alucinação). Poderá, ao contrário, ler/ver pausadamente cada postal, na sequência em que eles aparecem. Poderá ainda ler o livro de trás para a frente. Ou escolher ao acaso uma ou outra imagem. Enfim, a leitura do meu livro pressupõe a alucinação e o pesadelo, experiências que podem ser sequenciais ou simultâneas. O meu *Wake* é potencialmente um só postal que reúne todos os postais (espécie de “aleph” borgiano), uma só imagem epifânica feita de centenas de imagens. A narrativa, assim, pode ser lenta, veloz, absurda, incompreensível. Que cada leitor conte a sua lorota, e essa lorota é o seu ectoplasma, fruto de seu maravilhamento e de sua frustração.

Os originais da sua tradução são um museu movente, que você expõe em diferentes lugares. Você pode falar sobre esse caráter de instalação artística do seu trabalho?

Depois de fazer a minha versão de *Finnegans Wake* eu criei uma linguagem glífica própria, inspirada em parte em Joyce, em parte nas escritas ameríndias. Hoje estou escrevendo um livro-objeto inteiramente nessa nova língua, que chamo de breasileiro em homenagem ao escritor irlandês. O título desse livro-objeto (para ser exposto), em português (ou brasileiro), é *O livro coroado*.

Pretendo fazer a mesma experiência com os originais do meu *Wake*, mas ainda não consegui espaço adequado para expô-los como livro-objeto. Os papéis que usei são frágeis em sua maioria, razão por que pretendo usar nas exposições, no lugar dos originais, duas cópias impressas do livro, as quais estão comigo. Essas cópias são resistentes e não exigem um espaço muito “refinado”. Em tese, as cópias poderiam ser expostas em qualquer lugar hospitaleiro. Não recebi ainda nenhum convite para fazer isso. Minha casa é uma galeria de arte, a qual se chamou, inicialmente, Galeria dos Inumanos, mas agora, depois que mudei de endereço, foi batizada de Galeria Vallier. Já expus em casa o meu *Wake*, para insetos, aves, espíritos. Para o pó. As minhas galerias de arte não são frequentadas por fruidores apenas humanos... APE/Ape é sempre o primeiro que aparece! Vê o retrato que fiz de HCE e se reconhece nele...

Também há uma música encapsulada nas palavras do livro?

A música é a música dos glifos silvestres, os glifos de Hy Breasil. Essa música soa como uma latinha com moedas (ou dados, ou seixos) sendo agitada fortemente. Ora ela está próxima, ora ela está distante. Então, quando exponho os meus desenhos (e já o fiz na minha própria galeria, como afirmei), agito eu mesmo essa latinha e faço os glifos cantarem. Cada desenho, então, é uma partitura. Suas cores, suas formas, sua linguagem (abstrata ou figurativa) geram músicas variadas. Intrinsecamente, as cores, os ritmos das linhas etc. são elementos musicais que podem ser fruídos como música mental, conceitual...

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Segundo a minha visão de tradução como pararte e de tradutor como parartista, o tradutor é autor do texto traduzido, e o autor, coautor. Porque, entre outras razões, quem responde pelo texto traduzido é o tradutor e não o autor. Diante disso, ele, o

tradutor, precisa assumir seu papel também de autor; aliás, é o que estou fazendo agora, ao dar esta entrevista.

A noção de pararte, já exposta e discutida num ensaio que publiquei tempos atrás e que sairá agora em inglês, num livro a ser publicado na Inglaterra, considera a tradução como uma arte que precisa de um par para se mover, ou dançar. Esse par, neste caso que estamos discutindo, seria *Finnegans Wake*. A sua relação íntima com a parceira/o parceiro é até erótica, se você quiser. Dessa relação nasceu o meu *A Visual Finnegans Wake...*, obra original de um parartista.

Qual é o papel da crítica na recepção do *Wake*? Ela funciona como uma instância narrativa da obra, haja vista a desintegração dos padrões literários canônicos?

O romance de Joyce é uma lorota que gera lorotas. A lorota dos críticos é às vezes a lorota mais saborosa... Acho por isso imprescindível. Sempre dei ouvidos aos marujos da crítica literária, pois costumam ser interessantes. Mas o que dizem são lorotas, ou seja, ectoplasmas feitos de epifanias verdadeiras e falsas...

Você tem uma parte favorita do trabalho? Pode trazê-la e comentar, por favor?

Ainda não reli o meu trabalho. O ectoplasma geral já não me pertence. Não sei mais lê-lo. No dia em que o fizer (não quero ser o único leitor do meu trabalho), poderei responder à pergunta. O infrafino já definiu, no passado, a minha relação íntima com o ectoplasma que gerei, mas agora estamos distanciados, embora os abismos do infrarracional (são o seu fundamento) possam me levar de volta, a qualquer momento, aos braços do APE/Ape.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público geral e pela academia? Teóricos puristas franziram o cenho ou bateram o pé?

O livro está on-line. É só o que posso afirmar. Mereceu matéria no jornal *O Globo* de uma página quando era ainda um *work in progress*. Algumas imagens dele saíram depois na *Folha de S. Paulo*, por ocasião do centenário de *Ulisses*. Ninguém me disse nada sobre o que fiz, nem a favor nem contra, na forma de resenha, mas em sites a minha arte foi comentada de forma positiva e até elogiosa por leitores

estrangeiros, sobretudo. Por enquanto, o manuscrito retirado da lama fundadora está nas mãos puras da heroína ALP, que é uma nuvem passeando por cima de todos os computadores do planeta... Acredito que ALP esteja folheando o meu *Wake* neste momento...

Joyce procurou romper barreiras interartes criando uma espécie de musiscritura no *Wake*, enquanto você rompeu barreiras tradutórias trazendo a primeira tradução visual completa do livro. Você acredita que outras artes, como a música, também podem traduzir integralmente o *Wake*?

John Cage fez grandes experiências com o romance de Joyce. Transformou-o num poema relativamente curto, ao selecionar ao acaso fragmentos do livro, mas também o transformou num grande oratório ruidoso. Tudo é possível quando se tem espírito cagiano... e se mantém relações íntimas com o APE/Ape antropófago, selvagem.

Há projetos para novas traduções visuais?

Muitos projetos. O principal deles é escrever livros glíficos inteiramente em breasileiro, língua usada na Ilha do Breasil. Já criei/recuperei mais de 1 000 sinais dessa língua oracular que talvez seja a mais antiga do que aquela milenar dos druidas irlandeses, chamada ogham. Ao escrever livros em breasileiro já não precisarei usar o conceito de pararte (conforme chamei a tradução literária, em particular), pois o texto de partida e o de chegada não serão mais discerníveis a olho nu... A pararte será, neste caso, arte. Em todo caso, devo a invenção dessa nova escrita a duas fontes: a indígena e a irlandesa (os druidas e Joyce).

3.15.1.3 Diálogo tradutório

A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil é uma tradução *sui generis*, haja vista a sua materialidade visual. Todavia, *Finnegans Ressuchistam* partilha alguns princípios com esse “breasileiro” intersemiótico, como a mestiçagem, a ideia da página como partitura, a do *Wake* como um rizoma macrotextual e a da criatividade do processo tradutório, que Medeiros explica com a ideia de parautor. O parautor seria

o autor da tradução, enquanto o autor – no caso, Joyce – seria o coautor da tradução. Como nós, também acredita que a lorota crítica movimenta a obra.

3.15.2 Dirce Waltrick do Amarante

3.15.2.1 Introdução

Dirce Waltrick do Amarante, tradutora para o português brasileiro



Retrato da parautora quando Jabuti

Dirce Waltrick do Amarante é autora de *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*, *James Joyce e seus tradutores*, *Finnegans Wake* (por um fio) e *Finnegans Wake* (by a Thread), entre outros livros. Coorganizou e cotraduziu, com Sérgio Medeiros, uma antologia de ensaios de James Joyce, *De santos e sábios*, as cartas de Joyce a Nora (*Cartas a Nora*) e uma antologia de cartas de escritor para a sua mecenas Harriet Weaver (*Cartas a Harriet*). Traduziu também os textos para crianças de James Joyce: *O gato e o diabo* e *Os gatos de Copenhague* e *Os três macaqueiros de Zurique*, todos publicados pela Iluminuras. É professora do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-líder do Grupo de Estudos Joycianos no Brasil. Coorganiza com Sérgio Medeiros e Clélia Mello o Bloomsday de Florianópolis desde 2002. Edita o site: <https://www.jamesjoycesoutsiders.com.br/>¹¹⁶

Na entrevista realizada em 2024 por e-mail, a idealizadora e coordenadora de *Finnegans Rivolta*, ritornela sobre o seu percurso na literatura e passa pela sua história como tradutora, crítica e divulgadora de *Finnegans Wake*, abordando aspectos poéticos e tradutórios da obra.

¹¹⁶ Informações presentes no livro *Finnegans Rivolta* (2022).

3.15.2.2 Entrevista no original em português

Professora Dirce, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

A literatura, para mim, sempre foi um refúgio. Nasci e cresci em Florianópolis. A cidade, apesar de aprazível, era (ainda é) culturalmente muito limitada. Quando eu era pequena, havia uma única livraria na cidade e os títulos não eram diversificados, pois vendiam os livros que eram adotados nas escolas. Monteiro Lobato e praticamente só Monteiro Lobato podia ser comprado! Então, fui criando uma antipatia pelo Monteiro Lobato, que não dava espaço para mais ninguém. É engraçado, mas eu sabia que havia mais livros do que aqueles que eu via ali naquele espaço estranho. Por sorte, minha avó tinha muitos livros e eu “lia” os livros dela. Não eram livros para crianças, eu não entendia nada do que eu lia, mas adorava. Acho que sempre gostei de ler o que eu não entendo muito bem.

Minha avó contava muitas histórias e lia Edgar Allan Poe, que ela adorava, de Flaubert, Marguerite Duras, Marquês de Sade (a vovó era muito avançada) etc. Fui me aproximando da literatura graças a ela.

Uma vez, meu pai leu para mim o poema “Ismália”, fiquei fascinada com aquela mulher que se joga da torre.

No colégio (estudei em um colégio de freiras), havia aulas de bordado. Durante as aulas, uma menina sempre era chamada para ler um livro em voz alta, enquanto as outras bordavam. Os livros escolhidos eram de uma chatice sem tamanho: princesas, donzelas em perigo, garotas pobres que achavam homens ricos. Numa dessas aulas, uma menina leu um conto e, em vez de ler “senhora”, leu “cenoura” e, toda a vez que a palavra “senhora” aparecia, ela lia “cenoura”. Acho que só eu prestei atenção, pois ninguém a corrigiu. Foi o conto que eu mais gostei. Imaginava a “cenoura” dançando no baile do castelo, ela passeando com um jovem e andando a cavalo com seus cabelos (folhas) ao vento. Comecei a imaginar o cavalo comendo a cenoura. Depois, escrevi um conto baseado nessa relação inusitada.

Enfim, os livros e as histórias inusitadas me interessavam e ainda me interessam.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que a levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Um dia meu pai comprou *Ulisses*, na tradução de Antonio Houaiss, e deixou sobre a mesa da sala. Olhei aquele livrão, abri as páginas ao acaso. Cheguei, sem saber, no episódio XV e tinha um relógio que falava e parecia uma peça de teatro. O final do livro era uma loucura, fiquei procurando parágrafo, vírgulas... Já tinha lido Proust, mas aquilo era diferente. Peguei o livro e não larguei mais. Ele me largou, pois as folhas caíram. Aliás, uma caiu sem eu perceber e, por anos, li *Ulisses* sem uma das páginas.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo? Pode falar sobre o projeto tradutório da primeira tradução de ALP?

Quando a Ateliê Editorial publicou o primeiro capítulo de *Finnegans Wake* (*Finnicius Riovém*), na tradução de Donaldo Schüller, a revista Cult encomendou ao Sérgio uma resenha do livro. Acompanhei a leitura do Sérgio, acabamos lendo algumas partes juntos. Eu nunca havia lido o livro e achei a leitura desafiadora, mas lúdica. Também gostei das soluções do Donaldo, mas tentava propor as minhas. Então, devo ao Donaldo a minha aproximação ao *Finnegans Wake*, e ao Sérgio, que me incentivou a estudar o livro.

Claro que quando propus, no mestrado (eu vinha do Direito) a tradução do capítulo VIII, fui desaconselhada por alguns professores, pois acreditavam que ninguém levaria a sério a minha tradução. Outros (poucos) me estimularam a seguir a empreitada. Para mim, a fruição estética era mais importante do que o reconhecimento e continua sendo. Mas, veja bem, o não reconhecimento é uma coisa, o apagamento é outra. No caso da tradução do *Wake*, a fruição rendeu dois prêmios e um coletivo de colegas tradutores maravilhoso.

Meu projeto tradutório era trazer à tona uma certa melodia e ritmo, que ouvia e ouço ao ler *Wake*.

Traduzir o capítulo VIII era natural, pois é o capítulo de mais fácil acesso ao livro. Mas era a chance de dar voz em português a duas fofoqueiras muito talentosas. Lembrando que a fofoca tem a ver com a arte da narração.

Que elementos da poética original priorizou em sua tradução (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

No *Wake*, tentei priorizar a oralidade, justamente porque Joyce pedia que o livro fosse lido em voz alta. Tenho a impressão de que, de fato, quando a gente lê *Wake* em voz alta, a gente entende melhor o que está escrito. Como são muitas camadas para serem traduzidas e como não se dá conta de todas, ou de muitas delas, escolhe-se aquela que tem a ver mais com a leitura do tradutor, a que ele considera que merece ser destacada.

Michel Foucault, em tradução de Inês Autran Dourado Barbosa, lembra que “sob uma palavra que pronunciamos, o que se esconde não é outra palavra, nem várias palavras unidas, mas, na maior parte do tempo, uma frase ou uma série de frases [...]”. Isso porque, diz o pensador francês, o estado primeiro da língua não era um conjunto definível de símbolos e regras de construção: “era uma massa infinita de enunciados, um escoamento de coisas ditas”. De modo que, por trás das palavras do nosso idioma cotidiano, o que encontramos não são constantes morfologias absolutas, mas “afirmações, questões, desejos, comandos”. Por isso, em cada aparição “a palavra tem uma nova forma, tem uma significação diferente, designa uma realidade diferente [...]”. A palavra só existe por estar aderida a uma cena em que ela surge como um grito, murmúrio, comando, narrativa”. Mas, adverte Foucault, a palavra vive um paradoxo, pois “de cena em cena, apesar da diversidade do cenário, dos atores e das peripécias, é o mesmo ruído que circula, o mesmo gesto sonoro que se destaca da confusão e flutua por um instante sobre o episódio, como uma senha audível”.

O tradutor lida o tempo todo com essa face multifacetada das palavras. Ao enfrentar os sentidos imprevistos e paradoxais do seu objeto de trabalho, o tradutor precisa tomar decisões, não uma decisão definitiva, e sim aquela necessária para que, naquele momento, determinado texto tenha a possibilidade de ser lido e discutido em outra língua. Quase todos os textos criativos, em diferentes níveis, são, a meu ver, intraduzíveis, ou seja, são aqueles que não cessam de ser traduzidos, como a história da tradução nos mostra. Um exemplo de texto intraduzível é *Finnegans Wake*, de James Joyce, que, paradoxalmente, já foi traduzido na íntegra para várias línguas,

inclusive o português do Brasil, e não apenas uma vez, mas duas, sem falar que novas traduções do mesmo romance já estão anunciadas.

O tradutor tem consciência de que, diante do paradoxo das palavras, que são ao mesmo tempo vazias e plenas, há sempre algo que a tradução deixa de fora. E o que fica de fora, como costuma dizer a artista, poeta e ativista chilena Cecilia Vicuña, talvez seja o mais importante. Por isso mesmo, os textos mais importantes, acrescento eu, precisam ser retraduzidos numerosas vezes – eles estão sempre circulando em novas versões, mas é difícil avaliar abstratamente qual delas seria a melhor ou a mais recomendável. Pois sempre algo fica de fora das traduções, até mesmo daquelas consideradas as mais bem-sucedidas.

Quais são as maiores dificuldades, perdas e ganhos no encontro do finneganês com o brasileiro? E os principais desafios do plurabélico rio de palavras-valise e trocadilhos do *Wake*? Como manter o universo onírico e nebuloso da obra? Como trabalhar com o multiculturalismo? E com o multilinguismo?

Todo texto, vou falar aqui do literário, sempre coloca o tradutor numa posição de alerta. Numa posição defensiva. Ler é uma coisa, mas quando se vai traduzir – essa é a minha impressão – as palavras ganham vida nova e criam com o tradutor uma relação de desconfiança. Algumas palavras no começo de um texto de poesia ou de prosa podem não ter nenhum significado particular, então uma romã é uma romã é uma romã é uma romã... Mas no decorrer da narrativa essa mesma romã insignificante ganha novas conotações, portanto, trocar romã por outra fruta que nos seja mais familiar ou que rime melhor ou mantenha determinada métrica pode modificar toda a “história” – perde-se assim diversas referências, muitas que o leitor comum talvez desconheça. Diante disso, resta ao tradutor pensar no todo e tomar uma posição, que é sempre uma posição crítica: manter o estranhamento e apresentar aos brasileiros uma nova cultura, instigar o leitor a buscar mais informações, dar essas informações extras em paratextos (até aqui eu tenho escolhido essa opção) ou, ao contrário, “domesticar” o texto e trazê-lo para o nosso contexto (a palavra “domesticar” me deixa desconfortável). Traduzir é abrir mundos, é apresentar novas culturas, novas formas de viver e de pensar. Enfim, todo tradutor (ou editora) tem responsabilidade pelas decisões que tomar, seja em nome da estética, seja em nome do mercado etc.

As dificuldades de traduzir *Wake* são dessas e de todas as outras ordens: é preciso, por exemplo, reaprender a ler (antes de traduzir somos obrigados a ler, não é mesmo?), pois o *Wake*, como outros textos de vanguarda, exigem um leitor que jogue com o texto, que seja ativo. Fomos ensinados a sermos leitores passivos.

Depois, para traduzir é preciso reconstruir uma ou algumas “narrativas”, para ser (ou serem) o fio condutor da tradução e ter consciência de que muita coisa ficará de fora e, por fim, assumir essas escolhas. O multiculturalismo e o multilinguismo passam por essas escolhas, algumas culturas e línguas do original emergem na tradução, outras ficarão de fora, mesmo porque algumas vão escapar do tradutor (escaparam até do Joyce).

Quanto ao universo onírico, acho que somos levados a recriá-lo quase naturalmente, pois o romance (do micro ao macro) é circular e repetitivo (embora nunca se repita de forma igual) como um sonho.

Traduzir *Wake* é perder mais do que ganhar, perde-se trocadilhos, palavras-valise etc., mas quando se ganha, ah! Que prazer inenarrável!

O fato é que, na minha opinião, toda tradução é um ganho, pois permite que o autor circule, que suas ideias circulem. Se a tradução é “ruim”, ainda assim ela traz um ganho, o de instigar uma discussão sobre a tradução, o autor, a obra etc. Discutir é sempre importante, ainda mais nos tempos de hoje, que não queremos discutir, porque ela exige reflexão e não temos mais tempo para isso.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso?

Tentando manter a “agramaticalidade” e a visualidade da escrita joyceana, seja adaptando essas características para a nossa língua ou cultura, seja mantendo-as no lugar onde estão, o que não pode, a meu ver, é desconsiderar essas características.

Qual é a importância da repetição na obra e como você lidou com ela na tradução?

As repetições são importantíssimas, porque estão ligadas à filosofia de Giambattista Vico e Giordano Bruno (fundamentais à obra de Joyce) e à ideia de sonho (ou pesadelo).

O que pensa de posturas tradutórias que mestiçam substancialmente o texto/cultura alvo e o texto/cultura fonte? E de posturas transculturais mais agressivas? E de enxertos referenciais anacrônicos à obra? O que tem a dizer da domesticação tradutória de elementos (des)estruturais do original, como a desterritorialização da narração, dos personagens e da linguagem? Pode falar um pouco sobre a pluralidade de propostas tradutórias no *Finnegans Rivolta*? A natureza múltipla do livro acomoda bem esses multiposicionamentos? Como traduzir a música encapsulada no livro?

O *Wake* se presta muito a isso, a uma tradução criativa, a um tradutor que seja realmente um parautor/a, como definiu Sérgio Medeiros: “A parautora/o parautor, não sendo uma coautora/ um coautor, pois a obra da autora/do autor já está composta/desenhada, não se preocupa com a estrita identidade entre os dois textos (o seu e o da/o outra/o), e é justamente por isso que poderá ser ousada/o e inventiva/o ao mover-se com seu par pelo salão de dança, onde se ouve a música de duas orquestras, as quais tocam sequencial ou simultaneamente”.

E prossegue Medeiros, “A parautora/o parautor poderá revisar o paratexto indefinidamente, não dando por encerrada nunca a sua parceria com a/o referida/o coautor/a – o trabalho lhe parecerá incluso... Outras/os parartistas, porém, ao escolherem traduzir o mesmo texto, vão criar nesse ato suas/seus respectivas/os coautoras/es e poderão concluir rapidamente a tarefa. Cada parautora/parautor tem o seu ritmo próprio de trabalho, e a coautora/o coautor que ela/ele vier a criar há de corresponder a esse ritmo... Então, o texto gerado pela atividade da parautora/do parautor é um texto parartístico quando estiver “concluído” ou puder ser considerado satisfatório pela/o responsável por ele. Um livro bilíngue é um texto + o paratexto. Obviamente, o paratexto é mais acessível às leitoras/ aos leitores não bilíngues do que o texto que o acompanha, escrito numa língua estrangeira que elas/eles não dominam. Por isso, a autora/o autor é de fato uma coautora/um coautor, e é só nessa condição que ela/ele poderá alcançar maior número de leitoras/leitores (a “universalidade”).

Ah, essa música encapsulada no *Wake* dá um baile do parautor, que vai dançar, não necessariamente, conforme a música do autor, mas conforme o ritmo que sua língua (e a sua cultura) impõe e para que os leitores de sua tradução possam dançar junto.

O *Wake* pode ser traduzido de alguma forma para a música?

Sabias que eu tinha um projeto de musicar o *Finnegans Wake* (por um fio)? Cheguei a falar com dois músicos, um pianista e um violinista, mas ambos declinaram do convite. Pensei nisso inspirada em Jonh Cage, em *The Wonderful Widow of 18 Springs* (*A Maravilhosa Viúva de 18 Primaveras*).

Pode ser traduzido visualmente? Aliás, o que pode dizer da tradução do professor Sérgio Medeiros?

Sim, pode ser traduzido intersemioticamente. Há filmes baseados em *Finnegans Wake*. A tradução do Sérgio, até onde eu saiba, é a única que existe no mundo. É estranho que não tenha ganhado a visibilidade que merece entre joyceanos por aqui. Às vezes, acho que os pesquisadores joycianos aprenderam pouco com Joyce. Os estudiosos estrangeiros, por exemplo, costumam a entender a expressão “Here Comes Everybody”, pois eles ainda parecem fazer o papel do colonizador, desconsiderando teorias sobre a obra do autor que não foram referendadas no “centro” e não permitindo que a periferia fale livremente.

E para outros suportes artísticos? Em 2019, no primeiro *Workshop in Progress*, foi apresentada a peça teatral *Minha Pequena Irlanda*, que você criou mesclando elementos do capítulo 8 do *Wake* com as cocozudas (e fofas também) cartas que Joyce escreveu à sua esposa Nora. Considera essa experiência uma forma de tradução do *Wake*?

Eu adaptei o capítulo VIII do *Wake*, “Anna Livia Plurabelle”, para o palco (*Minha pequena Irlanda*) como lembraste. Sim, é uma forma de adaptação ou de tradução intersemiótica (lido muito mal com conceitos em caixinhas). Aliás, a peça parte de fragmentos do capítulo VIII, traduzidos por mim, e das cartas trocadas entre Joyce e Nora Barnacle traduzidas por mim e pelo Sérgio Medeiros. Então, tem tudo a ver com tradução de texto também.

Ano passado, adaptei *Finnegans Wake* para os quadrinhos. Vamos ver quando sai.

Em 2001, em “A terceira margem do Liffey”, você foi a primeira pesquisadora a traduzir um capítulo inteiro do “livro intraduzível” em um trabalho acadêmico brasileiro. Depois do seu pioneirismo, as teses de Andrea, Daiane, Afonso e Luis Henrique (a minha) também propuseram traduções da obra. O que pensa desse rizoma tradutório na academia (brigadão pela inspiração)?

Essa é a melhor parte da vida acadêmica: criar diálogos, engrossar o caldo, multiplicar as vozes, dentro e fora da academia.

Pode falar um pouco sobre a história da tradução e da recepção do *Wake* no Brasil?

É uma longa e repetitiva história. Só sei que devemos muito a Haroldo e Augusto de Campos e a Donaldo Schüler. Fico feliz de ter trazido e proposto, de certa forma, uma leitura política do livro por aqui.

Após as premiadas traduções integrais de Donaldo Schüler e do Coletivo Finnegans Wake – do qual você é a poderosa chefona – há espaço para mais traduções brasileiras? Quais vias ainda estão abertas nesse *vicus of recirculation*?

Que venham novas traduções! *Finnegans Wake* é um livro intraduzível, ou seja, parafraseado Barbara Cassin, é aquele que não cessa de ser traduzido. Acho que os tradutores se interessam em traduzi-lo porque tentar decifrar um enigma é sempre instigante. E, como o enigma não é decifrado, os tradutores voltam ao livro na esperança de falhar melhor, como diria Samuel Beckett.

Qual é o motivo desse boom tradutório da “obra intraduzível”? E o que você pode dizer sobre a ideia do *Wake* como um livro intraduzível?

Há muitos livros que foram retraduzidos muitas e muitas vezes. Talvez isso tenha a ver com a ideia de que atualizar a linguagem é importante, de que as retraduições vão incorporando novas leituras da obra etc.

Você é a camisa 10 do Coletivo *Finnegans Wake*, grupo que idealizou, selecionou e coordenou no projeto tradutório *Finnegans Rivilta*, que recentemente foi premiado com o Jabuti de melhor tradução. Pode falar a respeito, desde a concepção até a materialização?

Como expliquei no prefácio de *Finnegans Rivilta*:

Sylvia Beach, responsável pela publicação de *Ulisses*, dizia que Joyce comparava a história à brincadeira do telefone sem fio, na qual alguém sussurra alguma coisa no ouvido da pessoa ao lado, que repete não muito perfeitamente para a próxima pessoa, e assim por diante; quando a última pessoa escuta, a frase surge completamente transformada. Parece-me que Joyce levou essa brincadeira para a sua ficção. Em *Finnegans Wake*, ele diz, na página 5, em tradução de Teixeira, que “Deve perfazer agora mil e uma estórias conhecidas e parecidas”.

Além disso, destaca-se que *Finnegans Wake* é uma grande fofoca: tudo gira em torno de um possível crime cometido por HCE. Ninguém tem certeza de nada, e cada um que conta a história conta de uma forma diferente. Afinal, lê-se na página 440, em tradução de Aurora Bernardini: “Aplique seus cinco saberes às quatrúltimas verdades”.

Instigada pelo próprio Joyce e pela fofoca que emerge em *Finnegans Wake*, foi que decidi empreender uma tradução coletiva. Cada tradutor ficou responsável por um ou mais capítulos do livro. As traduções foram feitas quase ao mesmo tempo e, idealmente, cada tradutor contaria a sua versão da história para os outros. Como uma boa fofoca, de conto em conto aumenta-se um ponto, ou diminui-se.

Mas os olhos não podiam ficar de fora; Sérgio Medeiros traduziu em ilustrações cada uma das quatro partes que compõem o livro.

Portanto, há muitas vozes na tradução, muitos pontos de vista e diferentes interpretações da história joyciana. Se uma voz masculina “começa” narrando a história (que não tem começo, meio nem fim, pois é circular), é uma voz feminina que “termina” o livro.

Os tradutores são todos estudiosos de Joyce ou das vanguardas de um modo geral. Cada um traz uma bagagem cultural que se revela em suas escolhas tradutórias. Há capítulos mais solenes, outros mais descontraídos; alguns mais enfaticamente eróticos, outros menos; e há também capítulos que destacam a história

na Irlanda de Joyce, da época de Joyce, e outros que mesclam a história da Irlanda com a do Brasil contemporâneo.

Essa multiplicidade de vozes revela também as diferentes leituras que se pode fazer do livro, que na verdade é sisudo e cômico, erótico e pornográfico, que conta a história da Irlanda, que simboliza os muitos países colonizados.

Espera-se para muito em breve as traduções na íntegra do romance assinadas por Afonso Teixeira Filho, Caetano Galindo, Luis Henrique Garcia Ferreira e Vinícius Alves. Serão mais quatro traduções novas que se somarão à tradução na íntegra de Donaldo Schüller e a esta concebida pelo “Coletivo Finnegans”, formado por Afonso Teixeira Filho, Andréa Buch Bohrer, André Cechinel, Aurora Bernardini, Daiane Oliveira, Dirce Waltrick do Amarante, Fedra Rodríguez, Luis Henrique Garcia Ferreira, Sérgio Medeiros, Tarso do Amaral, Vinícius Alves e Vitor Alevato do Amaral.

Há que se recordar ainda que fragmentos da obra já foram traduzidos por estudiosos e amantes do escritor irlandês; os mais famosos são sem dúvida os de Haroldo e Augusto de Campos, que, no livro *Panaroma de Finnegans Wake*, se dedicaram a verter alguns “momentos mágicos” do romance. Eu mesma traduzi fragmentos do livro que “unidos” contam um dos muitos fios narrativos da obra, numa proposta diferente da dos irmãos Campos. Esse “experimento” pode ser lido em *Finnegans Wake (por um fio)*. Além disso, traduzi na íntegra o capítulo VIII do romance. A tradução desse capítulo integra o volume *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*. Excertos do livro também foram traduzidos por Afonso Teixeira Filho, Caetano Galindo, Paulo Leminski, Arthur Nestrovski, Renato Pompeu, entre outros, e publicados em jornais e revistas.

Qual é a importância da “palavra dos tradutores” que acompanha a tradução?

Acredito que, para todo tradutor de textos muito inventivos, é importante mostrar para o leitor da tradução, que ele (ainda que tenha falhado) sabe o que fez e porque tomou determinadas decisões. É importante deixar claro que as escolhas, por mais arbitrárias que possam parecer, têm um motivo. Além disso, os textos podem dar dicas aos leitores, as quais eles podem seguir ou não.

Você retraduziu ou revisou a sua tradução anterior de ALP para o projeto *Rivolta*? Se sim, quais foram as principais alterações feitas?

Mudei poucas coisas, porque queria aquela tradução subterrânea, no sentido de ter sido a primeira e ter alimentado o solo de outros projetos, estivesse ali.

Como se deu a tradução conjunta do último capítulo com a Andréa Buch Bohrer?

Na verdade, ela teve total liberdade, e eu também, de seguir seu *riocorso*. Uma ou outra questão foram discutidas, por exemplo, o início da tradução dela e o final, por razões óbvias: sendo o livro circular, a tradução da última frase deveria ligar-se a primeira do livro (feita pelo Afonso). Eu também precisava passar o bastão para ela no meio do capítulo sem que ele caísse, para isso, precisávamos chegar a um acordo e estar em sintonia.

E o que pode dizer sobre o premiado *Finnegans Wake* por um fio (na verdade, tem um montão de fios, lembra a fiarada da Cecilia Vicuña)? Pra ser sincero, é uns dos trabalhos tradutório do *Wake* que eu mais gosto, mas é segredo, tá?

Por que não puxar um fio narrativo? Gosto muito da ideia de fios. E puxar um fio e criar um bordado é instigante, mas não significa que ele não possa ser desmanchado em seguida. É o trabalho de Penélope: tece e destece. Esse trabalho sem fim (cem fios) é lúdico e mostra quão plural é o livro.

Seu percurso tradutório com *Wake* começou com tradução de ALP, passou pelo *Finnegans Wake* por um fio e culminou no capítulo final traduzido para o jabutizado *Finnegans Rivolta*? O seu modo de “ouvir” e traduzir o livro se alteraram nesse tempo?

Ah, sempre muda, por isso não consigo sair do livro. Estou presa no labirinto e não quero sair. Se perder é às vezes mais importante do que se achar.

Você e o professor Sérgio Medeiros cunharam um interessante termo – palavra-cabide – para se referirem ao estilo tradutório de separação de palavras (diferentemente da aglutinação característica do original) que Donald Schüler utilizou em vários momentos de sua tradução. Pode falar de algumas de suas próprias soluções tradutórias? Algumas também ganharam nomes legais como esse? To curioso.

Lendo a tradução do Donald, percebemos essas “palavras-cabide” espalhadas em todo o texto. Foi uma engenhosidade do Donald que, numa espécie de antropofagia, devorou as palavras-valise de Carroll e de Joyce e as cuspiu no prato que comeu, não de forma desrespeitosa, mas para “facilitar” a deglutição dos brasileiros.

Às vezes, os tradutores do *Wake* podem ser também uma espécie de mãe pássaro, que mastiga a coisa para colocar no bico dos leitores filhotes. Depois que eles crescem, comem bocados maiores e mais indigestos.

No capítulo 7 de *Finnegans Wake*, na utilização de inúmeros termos racistas na caricatura que Shaun faz de Shem, você optou por uma postura descolonial nos trechos que traduziu, puxando outros fios em detrimento deste do racismo. Você pode falar sobre essa escolha? Ela está alinhada a uma filosofia tradutória (ou de vida)?

Traduzir fragmentos é fácil e é difícil. Explico: fácil porque a gente não precisa se preocupar com o que vem antes ou depois, não precisa fazer as ligações em termos de escolhas de palavras etc. Difícil porque aquele fragmento, solto, tem que dar uma ideia maior do que aquela que ele realmente contém, pois precisaria também representar o “espírito” do livro. Então, as palavras e imagens no *Wake* (como num sonho) são muito ambíguas. Um fio é um fio, no próximo, destaco esse “politicamente incorreto” e puxo, a partir dele, outro fio.

Você também puxa outros fios (ou vozes tradutórias) que durante um bom tempo não tiveram espaço no campo da tradução – como VOCÊ é NECESSÁRIA! Pode exemplificar como isso ocorre em suas transcrições do *Wake*? Como

uma tradução feminista pode se manifestar no *Wake* e qual é a importância de posturas tradutórias como essa?

O que fica de fora talvez seja o mais importante, o que está no subterrâneo alimenta o solo, essas múltiplas vozes fazem esse papel, pois estimulam a discussão, tornam vivas as reflexões. Multiplicam as possibilidades de leitura. Elas sim são necessárias.

O feminino é o principal fio (ou rio) “narrativo” do *Wake*?

É interessante que ninguém sabe quem narra o livro. Tenho uma suposição: quem narra o livro é Anna Livia Plurabelle (ALP). O livro termina com o monólogo dela e a última frase se une a primeira, então o livro é o sonho da Anna Livia, que pode ser a Molly Bloom, já que, dizem, o *Wake* é a continuação de *Ulisses*. ALP é a heroína, escreve a carta para salvar seu marido. As mulheres são grandes narradoras e o capítulo VIII, o mais conhecido e aquele que Joyce gostava, é um elogio à narração.

Além do Coletivo *Finnegans Wake*, você também é a energia propulsora de vários suportes divulgadores da obra joyceana no país, como a Revista *Qorpus*, a qual já publicou algumas edições dedicadas integralmente a Joyce, o *Workshop in Progress*, que já possui três edições, diversas traduções de outras obras joyceanas, artigos, livros críticos etc. Pode falar sobre esse rizoma crítico e divulgador, por favor?

A Qorpus foi criada para incentivar o diálogo, por isso, aceita textos de alunos de graduação, professores, leitores e entusiastas da cultura. Por isso também não é bem avaliado no Qualis Capes. Mas todos os meus projetos partem de Joyce, ou seja, da ideia de que Here Comes Everybody.

A sua DIRCEtação “A terceira margem do Liffey” se transformou em um didático guia de entrada ao *Finnegans Wake*. Além disso, você possui inúmeros textos dedicados a essa obra. Qual é a importância do epitexto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

Nenhum livro precisa de um guia de leitura, mas eles são bem-vindos. Não são a última palavra, mas uma porta de entrada para o leitor mais receoso. Depois, o ideal seria ele mesmo criar a sua leitura crítica do texto.

Além de tradutora e crítica literária, você também é escritora. *Finnegans Wake* se rizomou às suas criações literárias?

Com certeza, toda a leitura e escrita é autobiográfica, *Wake* é parte da minha biografia.

Certamente você conhece traduções do *Finnegans Wake* para outras línguas. Quais são e o que pensa delas? Há uma favorita?

Li tantas! Não tenho favorita. Em todas há momentos magistrais e outros desastrosos. Minha favorita é a que eu ainda não li, porque pode me trazer uma surpresa.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Tenho preferência por tradutores que reflitam e que não sigam regras previamente estipuladas só porque elas existem. A teoria da tradução é importante para estimular a reflexão, mas, na minha opinião, não poderia ser vista como um manual de instruções.

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Muitas teorias da tradução podem ser aplicadas ao livro, e o tradutor cria também as suas próprias teorias, dialogando com as teorias da tradução, da literatura, com as reflexões filosóficas etc.

Qual é a liberdade do tradutor nessa obra e que pecados ele não pode cometer caso queira ir pro céu quando morrer?

Vamos para o inferno. O diabo é o transgressor. Precisamos dele para chacoalhar regras.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Eu gosto da ideia de parautor do Sérgio Medeiros, como mencionei acima.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake* ou outros vetores do pluriverso joyceano (aposto que tem um montão)?

Nossa, estou sempre voltado e recirculando pelo riocorrente joyciano. Correorrio e eu sou levada pela sua corrente. O livro é um caleidoscópio e a gente sempre tenta encontrar uma nova imagem nele.

Muito obrigado e um abraço do seu fã número 1.

Eu que agradeço o interesse e um abraço da tua fã número 1 (e ninguém rouba o meu lugar, nem a “baixinha”).

3.15.2.3 Diálogo tradutório

Nossa proposta tradutória dialoga (e muito!) com as ideias de Amarante, afinal, *Finnegans* não teria ressuchistado se não fosse a sua varinha de condão. Alguns pontos compartilhados são: a consciência das perdas e ganhos inerentes à tradução do *Wake*; da crítica como estímulo à reflexão e não como parâmetro tradutório; da valorização da musicalidade, da repetição (com alteração) e da multiplicidade; da atividade criativa do tradutor, que ela medeirianamente entende como parautor; do *Wake* enquanto obra que clama pela continuidade de seu rizoma tradutório etc. Diálogos e projetos futuros com Amarante são inevitáveis!

3.15.3 Aurora Bernardini

3.15.3.1 Introdução

Aurora Bernardini, tradutora para o português brasileiro



MEDEIROS, Sérgio. **Professora de literatura russa reúne artigos publicados sobre o tema.** In: O Estado de S. Paulo. 11 nov. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/yhps3xf4>. Acessado em: 29 jan. 2025.

Aurora Bernardini é formada em Línguas e Literaturas Anglo-germânicas e Russo. Professora titular da USP, é atualmente professora de pós-graduação em Russo, Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e Pesquisadora Sênior. Ocupa-se com tradução literária, ensaística, crítica e criação. Entre os prêmios recebidos destacam-se: Jabuti 2004 — Menção Honrosa, para a categoria “Tradução” da obra *Il Dolore* de Giuseppe Ungaretti; Prêmio Paulo Ronai de tradução 2006 (I lugar) com a obra *Indícios flutuantes* de Marina Tsvetáieva; Prêmio APCA 2006 pela cotradução de *O exército de cavalaria* de Isaac Bábel.¹¹⁷

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Aurora, que traduziu os 2 primeiros capítulos do livro III de *Finnegans Rivolta*, fala sobre os primeiros contatos que teve com o *Wake* por meio de Haroldo de Campos e também aborda os aspectos hierarquizados na sua tradução.

¹¹⁷ Informações presentes no livro *Finnegans Rivolta* (2022).

3.15.3.2 Entrevista no original em português

Professora Aurora, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Minha relação data da escola primária em regime integral, no município de Trevasco, no Norte da Itália, onde, uma vez por semana, uma das tardes era dedicada à “troca dos livros da Biblioteca”. Palavra mágica, para nós e para nosso futuro. Daí para diante, ler foi para mim o principal estímulo e depois, vocação e profissão...

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que a levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Cursei literatura Inglesa na USP e, curiosamente, de Donne a Eliot nunca se falou em Joyce. (O professor, Kenneth Buthlay – excelente, por sinal – era escocês).

Descobri Joyce, na casa do meu tio em Trieste, onde ele é muito conhecido, mormente por sua relação com Italo Svevo. Li *Os Dublinenses* e depois todos os livros dele, até *Ulysses*. Fiquei muito impressionada por sua formação e por sua atitude e resolvi dedicar a ele meu trabalho de especialização em Literatura Inglesa: o professor Vizioli, movido por ele, quis me convidar como assistente, mas eu já o era do professor Boris Schnaiderman. A epifania foi conhecer os trabalhos da juventude de Joyce: ler *Ulysses* e *Finnegans* só podia ser consequência obrigatória. Comprei um “Guia para a leitura do *Ulysses*” e empreendi a façanha. (Na época, essa era a passagem).

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo?

A bem da verdade, quem primeiro me falou das maravilhas do *Wake* foi Haroldo de Campos, com quem traduzia alguns textos para o italiano. Li alguns trechos traduzidos por ele e por Augusto e fiquei encantada. Comecei a ler o texto no original, mas não pensei em traduzir.

Como foi o seu processo tradutório para o projeto *Finnegans Rivolta* (rotina de trabalho, princípios seguidos, fontes consultadas, revisões, tempo levado, capítulos traduzidos etc.)?

Só admiti a ideia de uma possível tradução quando Dircinha me propôs.

Aceitei o desafio, (também para provar-me) e decidi não ler nenhuma tradução brasileira para não ficar condicionada. Importei, entretanto, uma tradução francesa (completamente infiel) e uma italiana (demasiadamente fiel). Decidi traduzir um pouco todo dia, (isso é importante) dos dois capítulos que me foram colocados à disposição, sem olhar para lado nenhum, trabalhando só nisso, em questão de tradução, para não dispersar a concentração e o ritmo e levei... dois anos, entre tradução, leitura em voz alta (isso é importantíssimo) e revisão contínua. Entretanto, há duas fontes também importantíssimas, a saber 1- Tudo o que encontrei no Google sobre o *Finnegans*: verbetes, explicações histórico-políticas, explicações etimológicas, etc. 2- Reli biografias e “auto-biografias” de Joyce para entender certas alusões. Bem como as notas da edição italiana, que foram muito úteis para eu compreender o texto. Insisti na minha introdução que pode ser lida no *Finnegans Rivolta*: o tradutor deve ter entendido seu texto.

Compilei eu mesma uma série de notas que acompanham minha tradução e que considero vitais, para o leitor. Dirce me disse que sairão na edição e-book.

Pode dar exemplos de dificuldades encontradas e das soluções dadas?

É a sua tarefa. Qualquer frase da tradução comparada com o original é um exemplo. Escolha os seus.

Algo que salta aos olhos na sua tradução do *Rivolta* é carga sexual da obra, “poetaria” que também é muito presente no original (adorei e ri bastante!). Pode falar sobre essa escolha?

Justamente, isso se prende a como achei que o texto de Joyce devia ser compreendido, com forte carga sexual e poética.

Que outros elementos da poética original a senhora priorizou (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

E mais, fiquei sabendo pelos dois co-tradutores de Joyce, que com ele verteram *Anna Livia Plurabelle* para o italiano, que Joyce adorava se divertir, não só quando

escrevia, mas quando traduzia. Daí, tudo o que você menciona na pergunta foi o que priorizei na tradução. (Leia o artigo que escrevi sobre *Anna Livia* e que enviei à Dirce. Recebi muitas cartas do estrangeiro sobre ele, comentando as dificuldades e as soluções).

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso? Notei que a senhora “refaz” ou transcreve a gramática em vários pontos. Pode abordar essa escolha?

Diria agramatical, mas sempre em função do ritmo e do sentido. *Magister dixit...*

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Pelo som, pelo insólito da palavra, pelo sentido.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Recorrer às notas e às investigações realizadas para criar a aura que permitirá recriar um multiculturalismo conveniente em seu idioma. Mas todo cuidado é pouco: não sou favorável a abraçar os conceitos.

E com o multilinguismo?

Aqui, sim, pode-se tentar abraçar, mas resguardando as outras componentes sem eliminá-las.

Qual é a importância da repetição na obra e como a senhora lidou com ela na tradução?

Ela é importante e, na medida do conveniente, deve ser respeitada.

O *Wake* é “pura música”? Como traduzir a música encapsulada no livro?

Pelo som (assonâncias e dissonâncias) e pelo ritmo.

A poética do *Wake* dialoga com leituras/traduições coletivas? Por quais razões?

Sim, tive ocasião de gravar um vídeo que Dirce irá enviar à Colômbia em agosto, sobre isso. Ela deve haver-lhe enviado.

Qual é a importância do epitexto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

Ocupa a função primordial de levar a compreender a narrativa o melhor possível, mas não é nem tradução, nem narrativa.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Uma vez eu disse, numa entrevista, que as teorias da tradução não atrapalham. Mas há um contrato que deve ser endossado pelo autor e pelo tradutor: aproximar-se ou afastar-se do espírito e do léxico do original?

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Sou pela teoria que se aproxima do espírito e do léxico do original, o máximo possível, no caso do *Wake*.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Na medida em que um bom tradutor pode ser responsabilizado pela boa versão da obra, sim: ele pode ser considerado coautor.

Quais são os maiores crimes, segundo os conceitos tradicionais de tradução, que um tradutor do *Wake* pode cometer?

Ser incompreensível (e não haver ele mesmo compreendido o texto), não ter um estilo e ser pouco original (em palavras chulas: um chato).

E quais são os “deveres” dos quais ele não deve se desviar?

Compreender, fazer compreender, deleitar lexicamente e ritmicamente.

Como a senhora analisa a ideia da “intraduzibilidade” do *Wake*?

Tudo se traduz, mas não por qualquer um.

Como boa joyceana, possui outros projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

No momento, não.

3.15.3.3 Diálogo tradutório

A proposta tradutória de Bernardini conversa com a nossa, principalmente, pela atenção dada ao ritmo, à oralidade, ao humor e à poética – carga sexual do significante muito presente no original. Como nós, ela também revisou oralmente a tradução.

Optando pela compreensibilidade do texto traduzido, ela lançou mão de recursos como a gramaticização (criativa) de alguns trechos. Acredita que tudo é traduzível e que o tradutor pode ser entendido como coautor quando se aproxima do original.

3.15.4 Afonso Teixeira Filho

3.15.4.1 Introdução

Afonso Teixeira Filho, tradutor para o português brasileiro



FONTE: ACADEMIA. **Perfil de Afonso Teixeira Filho**. Disponível em: <https://usp-br.academia.edu/AfonsoTeixeiraFilho>. Acesso em: 17 out. 2024.

Afonso Teixeira Filho é formado em música e recebeu os diplomas de bacharel em Letras e em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutorou-se em Linguística pela mesma universidade, com uma tese sobre a tradução do primeiro capítulo de *Finnegans Wake*, de James Joyce. Posteriormente, realizou uma pesquisa de pós-doutorado sobre as traduções do poema *Paradise Lost*, de John Milton, na Universidade de São Paulo e na Katholieke Universiteit Leuven, na Bélgica. Trabalha como tradutor desde 1997. Atualmente, realiza pesquisa em filologia românica e está traduzindo o poema de Milton e completando a tradução do *Finnegans Wake*.¹¹⁸

Na entrevista, realizada em 2024 por WhatsApp, Afonso, que traduziu os 3 primeiros capítulos de *Finnegans Rivolta*, fala sobre os motivos que o motivaram a traduzir integralmente o *Wake*, e detalha a sua proposta tradutória.

¹¹⁸ Informações presentes no livro *Finnegans Rivolta* (2022).

3.15.4.2 Entrevista no original em português

Caro Afonso Teixeira Filho, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Comecei a me interessar pela literatura ainda jovem, com 14 anos. Aos 16, fui estudar na Inglaterra e logo tomei contato com a obra de James Joyce. Mas, aos 39 anos de idade, estive na Irlanda, visitei o James Joyce Institute e interessei-me pela ideia de traduzir o *Finnegans Wake*. Nessa época, fazia o curso de Língua e Literatura Russa, na Universidade de São Paulo. Ao voltar ao Brasil, comecei a dar os primeiros passos nessa tradução. Foi quando soube do projeto de Donaldo Schüller, visando a traduzir o livro todo.

Mas foi cedo na vida que comecei a traduzir. Logo aos 18 anos, traduzi John Keats e William Shakespeare. E, ao fazê-lo, fui elaborando um critério de tradução, critério que persigo até hoje. Busco ler os contemporâneos em língua portuguesa daquele poeta ou romancista que pretendo traduzir, incorporando a linguagem deles e o ritmo de sua prosa ou poesia. Assim, por exemplo, traduzi John Donne como se fosse Gregório de Matos.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Na Inglaterra, tínhamos um professor de Literatura Inglesa que nos falou do *Finnegans Wake* e nos deixou curioso. Dizia ele que já havia lido o romance quatro vezes e não conseguira entender. Aos 18 anos de idade, comprei o livro na Livraria Cultura. Pouco tempo depois, soube do *Panorama* dos irmãos Campos. Não houve epifania, foi um desenvolvimento lento. Algo que descobri aos poucos.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Expliquei acima como se deu o primeiro encontro. Quanto aos motivos foi uma discordância com o critério dos irmãos Campos. Eles utilizaram o critério de aproximação da língua de chegada com a língua de partida, adotando mecanismos

de criação de palavras próprios da língua inglesa. Eu pensava diferente. O texto tem que ter o sabor de nossa língua. Mais tarde, quando comecei a tradução de fato – ou seja, quando não mais se tratava de tentativas –, encontrei um ensaio de Jacqueline Risset que comparava a tradução para o francês do capítulo VIII (Anna Livia Plurabelle) do livro com a tradução do mesmo texto para o italiano. A tradução francesa era anterior à italiana e buscava reproduzir em francês os exercícios verbais de Joyce. A tradução italiana, porém, procurou uma linguagem própria, compondo um texto verdadeiramente italiano, com sonoridade italiana, com ar italiano, com a musicalidade mediterrânea. Foi esse o critério que escolhi.

De que forma a pesquisa acadêmica se conecta com as suas escolhas tradutórias? Pode falar sobre a sua tese?

Falei um pouco já sobre a tese na pergunta anterior. Mas há um ponto interessante e importante. Eu conhecia o professor John Milton da cadeira de Literatura Inglesa da Faculdade de Letras da USP. Contudo, não sabia que a área dele eram os estudos de tradução. Ao comentar com ele sobre a tradução de John Donne e o critério adotado por mim, ele mostrou-se surpreso e recomendou-me o livro dele (que surpreendentemente estava à venda numa banquinha de livros onde havíamos nos encontrado) e o livro do Paulo Paes.

A partir de então, comecei a interessar-me pelos estudos de tradução e a fazer parte daquele grupo coordenado por ele. Lançamos juntos os Cadernos de Literatura em Tradução e o organizamos o Primeiro Congresso Internacional de Tradução.

Quando me formei, comecei a desenvolver minha tese. No início, fui orientado pelo professor da cátedra de Grego, António Medina Rodrigues, já falecido. Ele estava interessado na relação entre o *Finnegans Wake* e a obra de Giambattista Vico, *La Scienza Nuova*.

Por exigência do departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, tive de mudar de orientador e fui acolhido por John Milton.

Procurei ler a maioria das obras a que Joyce faz referência no *Finnegans*: Sterne, Vico, Levy Bruhl, Dante, Twain e até mesmo o Anel do Nibelungo, de Wagner. Posteriormente, embrenhei-me pela Estética de Hegel e de Lukács, para estudar a evolução do romance, acreditando que o *Finnegans Wake* não podia mais ser chamado de romance. Era o esgotamento do gênero, o epítome da linguagem

narrativa, levando-a de volta às formas primitivas de linguagem, a linguagem simbólica e a linguagem poética.

Curiosamente, estiveram presentes à banca, a professora Dirce do Amarante, coordenadora do *Rivolta* e o professor Donald Schöler, tradutor da obra.

Como foi o seu processo tradutório para a tese e para o projeto *Finnegans Rivolta* (rotina de trabalho, princípios seguidos, fontes consultadas, revisões, tempo levado, capítulos traduzidos etc.)?

A tese ocupou-me mais do que a tradução. A tradução, que foi do primeiro capítulo e da última página do livro, ocupou-me uns dois meses, ainda que apenas a primeira página tenha demorado anos para ficar pronta do jeito que eu queria.

Deu-me muito trabalho a elaboração do glossário. O primeiro capítulo tem apenas 26 páginas; o glossário teve 120 páginas.

Quanto ao *Rivolta*, procurou-me a professora Dirce do Amarante. Falou-me do projeto e perguntou-me se eu estaria interessado em participar. Contribuí com mais dois capítulos, o 2 e o 3. Na época, eu estava na Europa, morando na Toscana. Trabalhava regularmente todos os dias. Tinha uma meta de traduzir 10 linhas por dia, seguindo o glossário que tinha à disposição e a tradução de Luigi Schenoni.

Dividia o meu tempo com a tradução do *Paraíso Perdido*, de Milton.

Então, tivemos a pandemia. Voltei ao Brasil e continuei o trabalho, a maior parte do tempo revisando.

Pode dar exemplos de dificuldades encontradas e as soluções dadas?

A maior dificuldade que tive foi na tradução do capítulo 3, creio que seja o mais difícil da obra. Não tanto devido à decifração de palavras (para isso temos diversos glossários que nos auxiliam), nem para trabalhar com as metáforas e os trocadilhos (é trabalhoso, mas, ao mesmo tempo, prazeroso); o problema era entender o contexto. Do que o autor está falando aqui? O que significa tudo isso? São parágrafos enormes com orações subordinadas e coordenadas, sem separação por vírgulas; são digressões interpostas no parágrafo, com o sentido retomado depois; digressões dentro de digressões; etc.

Exemplo de dificuldades que o texto original apresenta logo na entrada:

riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs.

Aqui, tivemos que trabalhar com o sentido das palavras, com o que elas aludem e qual a importância que elas terão em outras passagens.

O que o autor está dizendo é que o rio (Liffey) corre, desde a nascente (referência ao éden), entra na cidade de Dublin passando pela igreja (franciscana) de Adão e Eva, desde o desvio (revolta) do litoral até a dobra da baía (de Dublin, onde o rio encontra o mar), mostrando um círculo vicioso (o ciclo das águas) até o Castelo de Howth (que fica no litoral, de frente para a baía) e o entorno. *Vicus recirculation*, com o sentido de círculo vicioso, faz alusão ao filósofo napolitano Vico, autor da obra *Ciência nova*, que trata dos ciclos históricos que se repetem depois de um grande cataclisma.

Tudo isso teve de ser trabalhado na tradução, que ficou assim:

fluminente, eventando o riocurso adante, do desrumo da fraga até à orla da angra, reavida por um vicomodado recirculoso, devolutase para a colina de Howth, o Castelo e o Entorno.

Eventando (Eva), riocurso (recurso, de Vico), adante (Adão), vicomodado (Vico e Cômodo, imperador romano). Além disso, tivemos que lidar com o acrônimo (um *Leitmotiv*) H. C. E. (*Howth Castle and Environs*) = *Howth, o Castelo e o Entorno*.

Você é um dos poucos tradutores que encarou a tradução das palavras-trovão. Pode falar sobre essa escolha, os desafios e as soluções que encontrou?

Traduzir as palavras-trovão foi uma opção ditada pelo próprio critério adotado pela tradução, que era fazer um texto sonoramente próximo ao português. Por isso tive de modificar a sonoridade do trovão, também. Tudo o que fiz foi modificar as línguas envolvidas na elaboração do trovão. A primeira dessas palavras é uma sequência, em uníssono, da palavra trovão em diversas línguas. Busquei outras línguas, entre elas o tupi e o klingon.

À primeira vista, essas palavras pareciam palavras aglutinantes das línguas urálicas, do finlandês e do estoniano. Mas são, sobretudo, onomatopeias.

A importância de se traduzir essas palavras era levar em conta tudo isto: sonoridade, onomatopeia e aproximação com o critério adotado. No entanto, algumas vezes, bastou aporuguesar uma ou outra palavra (paródia) para obter o som

desejado. Noutras vezes, colocar um palavrão no meio, oculto, como faziam os compositores polifônicos do final da Idade Média e Renascimento, como Thomas Tallis e Josquin De Près.

São tantos os desafios e muitos são anedóticos. Vejamos uma passagem:

Na página 5, temos este trecho (linhas 10-12):

Comeday morm and, O, you're vine! Sendday's eve and, ah, you're vinegar! Hahahaha, Mister Funn, you're going to be fined again!

Zegunda comédia zedo e o sor tá novinho em folha! E vinagradecer o tropeço de dormingo! Arrarrá, Seo Finatos, desse jeito o sor volta a refinar.

Quando a personagem diz, após a ressurreição de Finnegan, “you-re vine”, entende-se que essa personagem estava embriagada. Disse “vine” em vez de “fine” (vinho em vez de bem). Foi também um *lapsus linguae*, crendo que o ressuscitado estivesse pronto para beber novamente, como sempre fez durante a vida. Como traduzir isso? A solução foi: “o sor tá novinho em folha”. Resolve o problema do *lapsus linguae*, o problema do sentido e, também resolve o trocadilho, pois “novinho” pode ser desdobrado em “no vinho”.

Outro exemplo é a palavra inicial, que funciona quase como um título do livro: *riverrun*. A palavra foi traduzida pelos irmãos Campos como “riocorrente”. Temos um problema aí.

Quiseram os tradutores fazer uma referência ao termo “ricorso”, utilizado por Vico na obra *Scienza Nuova*. Ideia interessante, pois é disso mesmo que *riverrun* se trata. Contudo, *ricorso* não é propriamente “recorrência”, mas “recurso”, no sentido jurídico da palavra.

Dessa forma, busquei outra solução: “fluminente”, uma quimera linguística, é verdade. Mas, explico.

O estudioso da obra conhece as referências constantes ao número quatro: as quatro estações do ano, os quatro elementos, a rosa dos ventos, os quatro evangelistas (que se configuram em uma personagem no livro: o cliente da taverna Mamalujo – acrônimo do nome dos quatro autores dos evangelhos).

“Fluminente” é um termo que alude aos quatro elementos: *flumen* (“rio”, em latim); lume (sinônimo de fogo); *luft* (“ar”, em alemão) e “continente” (terra), formado como apêndice de uma palavra-valise.

Há muitos outros exemplos que podem ser averiguados no glossário da minha tese.

Que elementos da poética original priorizou em suas traduções (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

Todos foram contemplados, mas dei demasiada importância à musicalidade. Não ao ritmo, pois na língua portuguesa não soa bem o ritmo marcante do inglês. Procurei uma melodia própria.

Há aqui um pormenor interessante. A abertura do livro, as primeiras páginas, têm, em algumas passagens (por exemplo nas três primeiras linhas), um ritmo que invoca a abertura da ópera *O ouro do Reno* (do ciclo *O anel do Nibelungo*), de Wagner. O compositor procurou usar os instrumentos de cordas pra reproduzir o som da corredeira do Reno. A entrada abrupta do rio Liffey na cidade de Dublin é quase uma enxurrada.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso?

Penso que nem uma coisa nem outra. Tudo ali faz sentido para mim (embora nada daquilo fizesse sentido para o tradutor polonês da obra, por exemplo) e a melhor maneira de apreender esse sentido é traduzindo. Traduzir é como fabricar uma joia. Vai-se desbastando um lado de cada vez, camada por camada, até a perfeita lapidação, a perfeita forma.

Quanto ao problema da gramática, o FW é praticamente inglês e a gramática também o é. Mas ocorre, por toda a parte, a questão do fluxo de consciência, que perturba a relação do texto com a escrita.

Na Idade Média, havia as três artes liberais: a gramática, a arte de escrever; a retórica, a arte de falar; e a dialética, a arte de pensar. Gramática é a arte de escrever. A arte dos escritos. Não importa como ordene o texto. Ele escreve, é gramática; ele fala, é retórica (ou arte de expressar-se, também por meio da escrita); ele pensa, é retórica.

A maneira de traduzir as complexidades do texto é a arte da recriação. Os gregos se referiam à tradução por meio da palavra *metaphrasis*, pois para eles a tradução consistia em colocar palavras depois (meta) de cada frase. As palavras eram colocadas na mesma ordem que no original. Desde então, as técnicas de tradução

foram evoluindo até um ponto seminal que foi a hermenêutica de Schleiermacher. A partir daí, buscou-se encontrar aquilo que estava oculto sob o manto das palavras. A tradução deixou de ser escrava da semântica e começou a olhar para a música e para aquilo que as palavras escondiam. Traduzir é desvendar a musicalidade, o sentido e o oculto: é som, sentido e segredo.

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Dormindo e sonhando. Ouvimos a música, sentimos o som das palavras e vamos, aos poucos, buscando apagar os ruídos que o texto, o nosso texto, a nossa tradução, produz.

Quanto ao universo nebuloso, eu imagino estar num veleiro, em alto mar, na calma de um nevoeiro e procuro traduzir minhas palavras em neblina. Então o som da letra S percorre as palavras e nos lembramos do vento. O ruído das chiantes move o campo de cevada. A vogal U remete aos ventos frios do Norte. Há outras técnicas também: o *chiaroscuro*, por exemplo (utilização de termos sombrios); dar às palavras disfarces conotativos remetendo a obras de terror, sobretudo aos textos de Le Fanu; etc.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Com muito cuidado. Não gosto das soluções de Donaldo Schüler, ao substituir a paisagem irlandesa por topônimos brasileiros ou alusões a locais no Brasil. Por exemplo, trocar o nome a igreja de Adão e Eva, por onde passa o Liffey, por Nossa Senhora do Ó, por onde passa o Tietê. Há certa justificativa: a comunhão dos rios (o Liffey desaguarda no Gran Canal de Trieste). Mas, do ponto de vista do tradutor, isso não é tradução, é mera paródia.

O mesmo fez o tradutor francês (e Schüler, aqui, traduziu o francês e não Joyce): “Notre Adame”, trocadilho entre Notre Dame, Nossa Senhora de Paris, e Adão, o primeiro dos homens. Sabiamente, o tradutor aludiu a relação entre o termo hebraico *adam* e seu sentido, “homem”.

Mas não coloquei, em momento algum, meus pés fora de Dublin.

E com o multilinguismo?

Isso é importante. E foi uma questão de aproximação linguística. Quando o termo original se aproximava do neerlandês (também conhecido, erroneamente, como holandês), língua muito próxima do inglês, eu utilizava o castelhano; quando a aproximação era com o alemão, eu me aproximava do catalão. Quando Joyce usava um termo escocês, eu usava um termo galego; e assim por diante. Quando as línguas estavam distantes do inglês, eu utilizava as mesmas que Joyce, mas dando a elas uma sonoridade aproximada à do português.

Fiz uso, também de línguas pouco conhecidas, como o sardo, o corso, o mirandês (falado em Portugal), o português medieval, o galego-português e muitos dialetos.

A novidade foi utilizar termos em Klingon, uma linguagem artificial do universo de *jornada nas estrelas*.

Qual é a importância da repetição na obra e como você lidou com ela na tradução?

Procurei entender as repetições de duas formas. Primeiro, como refrão; segundo, como *Leitmotiv*. Se fosse um refrão, procurava traduzir da maneira que havia traduzido antes. Se fosse uma repetição qualquer, de termos ou frases, cuidava para manter a igualdade; mas nem sempre era o melhor a fazer.

Quanto aos *Leitmotive*, o importante era notar como se comportavam no texto. Por exemplo, havia uma onomatopeia no texto, o barulho de um galho batendo na janela do quarto onde dormiam HCE e sua esposa. A onomatopeia não precisava ser a mesma, mas tinha de indicar que era um toc-toc. Servia para orientar o leitor: quando ouvir o toc-toc, o casal está despertando de um nível onírico para outro ou para a vigília (é curioso que “vigília” em inglês seja *wake*).

O *Wake* é “pura música”? Como traduzir a música encapsulada no livro?

Todas as músicas que aparecem na obra foram traduzidas como músicas. Aqui, vez ou outra, utilizei músicas do repertório popular brasileiro até à década de 1940. Mas desde que não refletissem nenhuma paisagem brasileira.

Quanto à sonoridade e ritmo da obra, procurei a sonoridade e o ritmo do tradutor.

A poética do *Wake* dialoga com leituras/traduições coletivas? Por quais razões?

Para mim, a tradução coletiva remete ao jogo do Surrealismo conhecido como *cadavre exquis*, um poema escrito por várias mãos em que cada poeta escreve um verso sem saber o que foi escrito antes. O jogo revelava que, em vez de o resultado ser uma quimera, desvelava o inconsciente coletivo junguiano.

Qual é a importância do epitexto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

Sim, claro. Obras como as de Clive Hart, Anthony Burgess, Joseph Campbell, York Tindall e McHugh, para citar algumas, são obras de exegese, portanto, obras de tradução.

Os textos exegéticos sobre a obra buscam desvendar, ou adivinhar, o que Joyce quis dizer em determinadas passagens. O sentido etimológico de exegese é o de “extrair os pensamentos do autor”. É isso o que se busca. Mas é uma busca incerta. Nunca se chegará à certeza. Toda tentativa de expor o sentido de palavras, de frases e de contextos das linhas do FW redundará num sentido interpretativo.

A decifração do texto é quase impossível. Mas o que dá a ele a riqueza e o valor que tem é a multiplicidade de interpretações. A variedade de interpretações enriquece o intérprete, o leitor e também a obra. E essa riqueza aprimora todo o universo da literatura.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Conheço muitas, mas ateno-me a três autores. Em primeiro lugar, Antoine Berman; depois, Nida e Steiner. Mas, hoje, não podemos deixar de lado a palavra de Ezra Pound sobre tradução e as ideias dos irmãos Campos. No entanto, dou mais ouvido aos poetas tradutores, como Hölderlin, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Bocage, Goethe e McPherson (Ossian).

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Sim, a de Berman tratando da *Eneida* e Koslowski e da *Antígona* de Hölderlin.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Creio mais em autoria do que em coautoria. É como se o tradutor pintasse um quatro novo usando as mesmas tintas do autor.

Quais são os maiores crimes, segundo os conceitos tradicionais de tradução, que um tradutor do *Wake* pode cometer?

Primeiro vou dizer quais os crimes que qualquer tradutor comete, seja qual for a obra atacada por ele. Não entender a obra, não conhecer a língua de partida, não dominar o português e não ter muita cultura. E, por incrível que pareça, o primeiro crime é o menos grave. Para isso, temos o exemplo de Pound traduzindo do japonês e de José Paulo Paes traduzindo do grego.

Desconhecer o português é imperdoável. Erros gramaticais, sentenças de duplo sentido, concordância nominal (esse, o erro mais comum). Isso é imperdoável, para mim.

Sobre a falta de cultura, há o caso daquele “tradutor” do francês que traduziu champ de Mars por “campo de março”.

Quanto ao tradutor do *Wake*, ele tem de estar desperto. Antes de tudo, deverá elaborar um critério de tradução e segui-lo. Se ficar mudando a toda hora, embriagado pelos jogos verbais, vai deixar o texto sem estilo.

Mas nada é proibido aqui. Não há crime nesse terreno. É o sertão.

E quais são os “deveres” dos quais ele não deve se desviar?

Penso que o principal seja o critério, a manutenção do estilo. Da mesma forma que o leitor do original sabe, a cada página, que é Joyce quem escreve, o leitor da tradução deve reconhecer o tradutor a cada página.

Contudo, não vejo que seja um dever. Por isso você colocou as aspas.

Como você analisa a ideia da “intraduzibilidade” do *Wake*?

Toda obra do pensamento humano é traduzível. Essa frase é polêmica, pois alguém poderia perguntar se se pode traduzir a música. Música não é obra do pensamento, é obra do espírito. O aspecto intelectual da música, as formas harmônicas, a técnica de composição, o contraponto, etc., tudo isso pode ser traduzido em palavras, quer dizer, pode ser explicado. Um som musical não pode.

Refiro-me, aqui, à tese de Jacques Lacan, segundo a qual o *Finnegans Wake* seria um texto esquizofrênico, produzido por um autor esquizofrênico e, por isso, carente de sentido. Logo, não poderia ser traduzido. Entendo, porém, que um psiquiatra deva buscar entender seu paciente, mesmo aquele paciente esquizofrênico. E ao fazê-lo, ao entendê-lo, percebe que a falta de sentido é apenas um problema de comunicação entre o médico e seu paciente.

Você pretende traduzir *Finnegans Wake* integralmente? Pode falar sobre esse projeto tradutório? O que a sua tradução propõe de diferente das atuais traduções da obra?

Sim, é uma pretensão. Audaciosa. Mas já iniciei o quarto capítulo.

No momento, traduzo *Dubliners* e *Portrait*, do mesmo autor. Pretendo, antes de voltar-me ao FW, ou, ao mesmo tempo, terminar o *Paraíso perdido*. Tenho também uma tese a redigir, sobre Direito e o teatro grego clássico.

A tradução que já se completou, dos três primeiros capítulos do FW, já revela seu estilo e nele vou perseverar. Os critérios são: aproximação sonora da língua de chegada; utilização de formação de palavras e neologismos, próprios da língua portuguesa; aproximação a línguas próximas do português, quando o original se aproximar de línguas próximas ao inglês – e trabalhar no mesmo sentido os trocadilhos e as palavras-valise. Além disso, cuidarei sempre da sonoridade, dos signos verbais e das imagens. O pior que pode ocorrer com uma tradução do FW é ser ela uma paráfrase. Isso cabe aos textos de exegese.

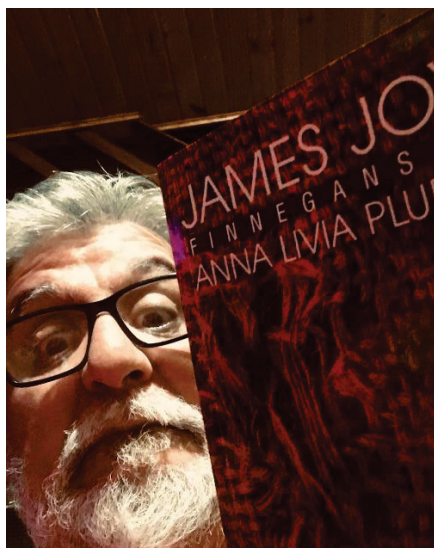
3.15.4.3 Diálogo tradutório

A noite e as vidas de Renatos Avelar utiliza várias estratégias que também são empregadas em *Finnegans Ressuchistam*, a começar pela recriação do multilinguismo utilizando línguas românicas. Outro recurso em comum é a utilização de músicas da MPB para traduzir canções populares do original. Como *Ressuchistam*, *Renatos Avelar* busca a sonoridade do texto, mas à sua maneira. Teixeira Filho entende que todo livro é traduzível e que, mais que coautor, o tradutor é autor.

3.15.5 Vinícius Alves

3.15.5.1 Introdução

Vinícius Alves, tradutor para o português brasileiro



FONTE: ALVES, Vinícius. **Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://www.facebook.com/viniedi>. Acesso em: 17 out. 2024.

Vinícius Alves é editor, tradutor e escritor. Traduziu *O corvo, corvos e o outro corvo*, de Edgar Allan Poe; *Um livro de nonsense*, de Edward Lear, ambos pela Bernúncia Editora/SC; *A caça ao Cascação*, de Lewis Carroll, Editora Cultura e Barbárie/SC; *Pomas penicada*, de James Joyce, Editora Urutau/SP. Publicou livros de poemas, entre eles, *etc é ter ás; olho & fôlego; e Isso*. Como editor da Bernúncia Editora, publicou escritores como João Evangelista de Andrade Filho, C. Ronald, Jayro Schmidt e Silveira de Souza, entre outros. Atualmente trabalha na translucissonopiração do último livro de James Joyce, *Finnegans Wake*, Finnicius Revém, (título autorizado por Augusto de Campos).¹¹⁹

Na entrevista realizada por e-mail em 2024, Vinícius, que traduziu o capítulo IV do livro I para o *Finnegans Rivolta*, relata a sua paixão/vivência tradutória com a obra, cuja tradução integral ele deve finalizar em 2025.

¹¹⁹ Informações presentes no livro *Finnegans Rivolta* (2022).

3.15.5.2 Entrevista no original em português

Amigo Vinícius, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Luis Henrique, meu pai era escritor e desde menino nossa casa parecia uma biblioteca, uma livraria. Fomos criados em meio aos livros, jornais, revistas, quadros, músicas e por aí vai. De modo que o monstinho foi sendo forjado desde cedo. Hehehe.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Como falei acima, meu pai era escritor e grande admirador de Joyce. Então devo a ele. Quando o li pela primeira vez, foi sua linguagem que me cativou, assim como em Guimarães Rosa, Leminski, Cortázar etc. *Ulisses* li duas vezes, a biografia de Ellmann outras duas. Sempre volto aos escritores que amo. Mas sou apenas um leitor apaixonado por seus autores, não um estudioso.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Me lembro do dia que meu pai chegou em casa com o *Wake* nas mãos. Eu já tinha lido alguma coisa dele, mas não conhecia nem *Ulisses* nem *Finnegans*. Eu devia ter uns 18 anos. Não sei por que aquilo me marcou: o título, a capa, sei lá. Só sei que me marcou. E daí pra diante, a cada livro lido, cada página, fui tomado de entusiasmo e amor à sua obra. O motivo que me levou a traduzi-lo tem nome e sobrenome: Dirce Waltrick do Amarante.

Pode falar da sua tradução de ALP, publicada pela Kotter (tenho aqui e gostei bastante!)?

Como disse acima, a decisão de traduzir Joyce é culpa da Dircinha. Ela me convidou pro Coletivo. Eu, há muitos anos, tinha feito um exercício das duas primeiras

páginas do *Finnegans*. Depois soube que o Leminski também fez. De modo que, depois de traduzir o cap. 4 pro Coletivo, me enchi de coragem e resolvi traduzir todo o livro. ALP é um capítulo especial do *Finnegans*. Quase foi parar na lata do lixo, segundo Ellmann. Tenho um carinho especial por esse capítulo pois ele fala das lavadeiras e aqui onde hoje vivo e no lugar em que passava minhas férias de menino, havia lavadeiras. Tanto que dediquei esse capítulo a elas. Essa empatia é que me fez publicar primeiro o cap. 8.

Como foi o seu processo tradutório para o projeto *Finnegans Rivolta* (rotina de trabalho, princípios seguidos, fontes consultadas, revisões, tempo levado, capítulos traduzidos etc.)?

Foi um parto. Ou quase. Levei sete ou oito meses pra terminar. Com Joyce, impossível ter princípios. Desde que se está dentro do rio é deixá-lo te levar. E foi o que fiz. Claro que me armei, com muita ajuda dos amigos do Coletivo, de todas as armas necessárias pra traduzi-lo: dicionários, internet, livros sobre etc. Revisões até hoje faço milhares e na hora de mandar pra editora é uma agonia. Imagina abrir o livro impresso e ver que você deixou passar alguma coisa. Dá um treco na gente, né? Só sei que foi muito prazeroso, mas muito cansativo. Parece que a gente carrega pedra o dia todo.

Pode dar exemplos de dificuldades encontradas e as soluções dadas?

As dificuldades são todas as que se possam imaginar, mas o prazer que isso causa é ainda maior. Acho que por isso a gente continua. Uma pessoa em sã consciência largaria o trabalho na primeira curva do rio. Cara, as soluções são aquelas que vêm à cabeça no momento, conforme as armas que você tem, as informações que acumulou durante a vida, os livros que leu, os papos que bateu. Aparece muita coisa da gente na tradução. Umas particulares, obviamente, e outras, da humanidade, do ser humano. Coisas pelas quais todo mundo passa. E isso é muito bom de sentir. Às vezes a gente passa horas pra destrinchar uma linha. Procura daqui, procura dali, bate, rebate, até que, clic, a solução aparece. Mas não me pergunte daonde nem como!

Que elementos da poética original priorizou em suas traduções (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

Tudo isso e muito mais. Como você sabe, *Finnegans* é um sonho, e nesse sonho cabe de tudo. Conhecendo Joyce como conhecemos, sabemos que temos que ter o maior desprendimento pra traduzi-lo. É um cara que exige muito do leitor. Que dirá do tradutor! Não há como priorizar um em detrimento do outro, já que o livro é repleto de todas essas coisas. Está tudo imbricado do que é humano, demasiado humano e sobre-humano e extra-humano e super-humano até chegar aos sábios e aos deuses. E também de coisas mínimas, infra-humanas, sub-humanas, deshumanas. Enfim, *Finnegans* é o mundo, dentro do sonho de cada um.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso?

É tudo o que tem. Como traduzir um sonho? O sonho é um emaranhado de coisas: imagens, sentimentos, medos, cores, cheiros... Ou seja, é o suco de nós mesmos, nosso suprasumo. Como traduzir isso? Fazendo o que Joyce fez. Pra traduzir temos que ter esse mesmo sentimento, de despertencimento, de profunda humildade e de muita loucura pra tentar passar pelo menos um pouco do tudo que ele quis nos dizer. E esquecer tudo que se aprendeu na escola. Esquecer todo sentido e se ligar no “somtido”. Se esquecer da gramática e ir ao encontro da “annagramática”. E esquecer da semântica e ir pra semêntica.

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Traduzindo o que tá escrito. Kkkkkkkkk. Acho que expliquei isso na resposta anterior. O livro é um sonho, é nebuloso, sombrio, esquisito, fascinante, horripilante, e tudo que é dúbio, duplo, gêmeo. Estão aí Shaun e Shem que não me deixam mentir.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Cara, já que é um livro que traz mais de 60 idiomas dentro, não há como fugir. O problema é que vai ter gente que vai passar por cima disso e tentar trazer tudo pro seu universo cultural. Eu tentei deixar tudo como está, ser totalmente fiel ao texto e o que está dito ali. Claro que em algumas situações você pode “trair” seja um local, seja uma rima, seja um dito, pra que fique mais claro para o leitor do seu idioma. Mas eu optei por deixar o máximo que pude como estava dito.

E com o multilinguismo?

Praticamente a mesma coisa. É uma obra escrita em várias línguas. Traduzi poucas expressões, contando o livro todo. Muita coisa deixei como estava, coisas que são facilmente compreensíveis. Não vi necessidade de traduzi-las. Muitas estão em itálico. Só quando achava que podia ficar mais legal, mais sonoro, mais claro ou mais engraçado as traduzia. De resto achei melhor não mexer.

Qual é a importância da repetição na obra e como você lidou com ela na tradução?

Cara, grande parte do *Finnegans* é tautologia. Muitas vezes saquei isso. Faltam, nesse momento em que te respondo, três capítulos pra eu terminar o livro. De modo que estou imerso no texto. E, no fundo, tudo é tautológico, tudo se repete e continua sendo o mesmo. Joyce e Borges sempre disseram que um escritor escreve sempre o mesmo livro, desde o princípio. Joyce é bem prova disso. Ele afirmou isso. Mas o mesmo pode ser dito de tantas maneiras...

O *Wake* é “pura música”? Como traduzir a música encapsulada no livro?

É música pura. Não sou eu que digo, Joyce disse. Por que você acha que ele pedia pra gente ler em voz alta? Pra escutar a música. O português brasileiro é muito musical. É só seguir as pedrinhas que ele deixou pelo caminho. A música virá de uma forma ou de outra. Naturalmente.

A poética do *Wake* dialoga com leituras/traduições coletivas? Por quais razões?

Pela única razão de que todo mundo sonha. E cada um sonha o seu sonho. E cada sonho importa. Cada sonho é um pedaço da humanidade. Cada sonho é único. Cada sonho é um sonho. E em sendo sonho, tudo vale, porque o sonho é coletivo. Você sonha sozinho, mas o sonho é coletivo. Você sonha com a cabeça colada à da sua parceira ou parceiro, mas cada um sonha um sonho coletivo. O sonho da borboleta ou o sonho do sábio. Não importa. Sempre se sonha coletivamente ou com o coletivo.

Qual é a importância do epíteto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

Luis, sou só um tradutor. Não sou estudioso, não entendo patavinas disso. Mas toda crítica séria, que ajude no entendimento, no maravilhamento, no embelezamento do texto, não digo que seja uma tradução, mas como diria tio Guima, abre muitas veredas para. Toda boa crítica ilumina o texto, mas crítica é uma coisa, tradução outra. Meus colegas doutores podem te responder isso muito melhor do que eu.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Nunca li teorias de tradução. Sou um leigo, um diletante. Um louco apaixonado. Sou o único do Coletivo fora da universidade.

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Não sei. Mas teorias estão aí pra teorizar, né?

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Também é uma coisa que pra mim não tem muito interesse. O que isso vai mudar? Vai mudar pra quem ler. Mas acho que é. Porque você está imerso, transformando uma coisa na mesma coisa, (tautologia), só que em outro idioma com todas as suas peculiaridades e idiossincrasias. Mas isso, pra mim, não tem o menor interesse. O que vale é o recado que você vai deixar conforme o recado que o cara

deixou pra você. Aí é que tá o busílis. Isso é assunto para os teóricos, coisa que definitivamente não sou.

Quais são os maiores crimes, segundo os conceitos tradicionais de tradução, que um tradutor do *Wake* PODE cometer?

Não sei quais são os conceitos tradicionais de tradução, mas sei que o tradutor pode cometer todos os crimes que achar necessário pra que o texto de chegada não decepcione.

E quais são os “deveres” dos quais ele NÃO DEVE se desviar?

Não deve se desviar do rio em que está metido.

Como você analisa a ideia da “intraduzibilidade” do *Wake*?

Preguiça mental! A partir do momento em que você mergulha no texto começa a achar aquilo tudo muito natural. As pessoas estão acostumadas a receber tudo mastigadinho desde o jardim de infância. Daí...

Você pretende traduzir (ou já traduziu?) *Finnegans Wake* integralmente? Pode falar sobre esse projeto tradutório? O que a sua tradução propõe de diferente das atuais traduções da obra? Ah, tô curioso com o título, conta pra noix.

Cara, faltam três capítulos para eu terminar o livro todo. Mais de cinco anos direto, sem tréguas. Burnout total! Acho que vai mais um ano e pouco e c'est finni! Nunca tive projeto tradutório e sim encantatório. Li, reli, trelí várias vezes pedaços do *Finnegans* dos mestres Augusto e Haroldo de Campos, do Donald e da Dircinha, então nem tenho como propor nada diferente. Me propus a brincar, a me divertir, a me jogar dentro desse rio até minha última célula estar completamente encharcada de linguagens. Espero que essa minha experiência contribua para que nossa língua se enriqueça com toda nova informação que o texto nos traz. Essa sempre foi a minha maior preocupação. Se não consegui isso, não valeu de nada esse tempo que gastei. Minha intenção é que haja leitores e tradutores a quem eu possa ter ajudado a

compreender (ou des) o livro. Para mim foi a maior aventura de minha vida até aqui. Acho que nada se comparará a esta empreitada. Sou outro Vinícius. *Finnegans* me mudou muito, me ensinou muito, me surpreendeu muito.

Com referência ao título, você nem imagina! Teve centenas de nomes. Mas como nomificar um sonho? Mestre Augusto me permitiu usar FINNICIUS REVÉM, mas Schüler já fez isso. É muito difícil botar um título porque muitas coisas acontecem e é capaz que o título destaque uma dessas coisas. E não há como: cada coisa que acontece em *Finnegans* é fundamental, primordial, única, espetaculosa. Não há como eleger uma. Daí acabei seguindo o conselho de dois grandes amigos meus. Vai ficar só *FINNEGANS WAKE*.

Luis, te agradeço muito o convite pra esse depoimento. Me deixou muito feliz e muito honrado. Se precisar de qualquer coisa que esteja ao meu alcance é só assobiar. Grande abraço.

vinícius

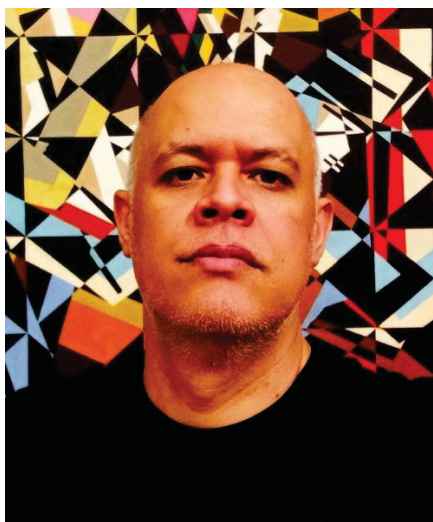
3.15.5.3 Diálogo tradutório

A tradução de Vinícius faz um contraponto com *Finnegans Ressuchistam* ao atentar para elementos como a sonoridade, o sonho, a repetição, o humor, o neologismo, ou seja, o respeito à poética do original sem amordaçar a criatividade do tradutor. Vinícius também vê a tradução do *Wake* como um ato da experiência, não da teoria

3.15.6 Tarso do Amaral

3.15.6.1 Introdução

Tarso do Amaral, tradutor para o português brasileiro



FONTE: CRUZ, Tarso do Amaral de Souza. **Foto de perfil do Facebook do próprio tradutor.**
Disponível em: <https://tinyurl.com/2whc9dsr>. Acesso em: 17 out. 2024.

Possui graduação e licenciatura plena em Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização e mestrado em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor de Literaturas de Língua Inglesa e de Língua Inglesa nas Faculdades Souza Marques. É membro da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI), dos grupos de pesquisa Estudos Joyceanos no Brasil e Poéticas da Diversidade e do grupo de estudo Here Comes Every Joyce, parte do projeto de extensão Writing Hub/Ateliê Literário. Como tradutor, integrou o Coletivo Finnegans, responsável por *Finnegans Rivolta* (Iluminuras, 2022), tradução para o português de *Finnegans Wake*, de James Joyce – obra vencedora do 65º Prêmio Jabuti na categoria Tradução. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas,

atuando principalmente nos seguintes temas: James Joyce; modernismo anglófono; literatura pós-colonial anglófona.¹²⁰

Na entrevista, realizada em 2024 por e-mail, Tarso, aborda a natureza múltipla do livro e explica as escolhas tradutórias que utilizou nos capítulos que traduziu em *Finnegans Rivolta*: o capítulo II, do livro II, e o capítulo IV do livro III.

3.15.6.2 Entrevista no original em português

Amigo Tarso, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Antes de descobrir a obra de Joyce, eu já me interessava bastante por literatura: já estava cursando a graduação em Letras/Português-Inglês e já tinha me dado conta de que, dentro da área de Letras, meu interesse pendia muito mais para os estudos literários. Além disso, também já havia começado a escrever meus próprios poemas.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

Meu primeiro contato com a obra de Joyce se deu em uma aula da disciplina Literatura Inglesa, ainda durante a graduação na UFRJ. Lembro nitidamente: a professora da disciplina pediu que lêssemos certo trecho de uma obra de Joyce enquanto ela resolveria não sei que questão fora da sala de aula. Quando ela voltasse, discutiríamos o que tivéssemos entendido do tal trecho.

Lembro do meu espanto ao me dar conta de que não entendia nada do que lia, ou muito pouco. Fiquei inconformado.

Quando a professora voltou, conversamos sobre o texto: tratava-se do início do terceiro episódio de *Ulysses*, “Proteu”. Decidi que entenderia aquele texto. Queria conhecer a obra da qual ele fazia parte. Daí em diante, fui descobrindo a obra de Joyce e estou tentando entendê-la até hoje.

¹²⁰ Informações presentes no Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5164147365956909>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Quanto a uma epifania que me levou a continuar lendo a obra de Joyce, primeiramente, acho importante mencionar os contínuos e infinitos interesse e curiosidade que ela despertou e ainda desperta em mim. Além disso, também tenho uma clara lembrança de quando percebi que, se havia algum tema que gostaria de continuar estudando, pesquisando por muitos anos, esse tema era a obra de Joyce. Essa percepção – epifania? – me fez pensar em áreas de atuação profissional em que pudesse pôr tal interesse em prática. A área das literaturas em língua inglesa se mostrou um campo viável e pelo qual sempre me interessei muito. Segui e continuo seguindo por esse caminho.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

Não tenho uma lembrança clara de quando ou como foi meu primeiro encontro com *Finnegans Wake*. Mas certamente ele se deu dentro do contexto da minha busca por mais material de e/ou sobre Joyce iniciado na situação que descrevi acima. Acredito, porém, que, como muitos outros brasileiros, tenha sido por meio do *Panorama* dos Irmãos Campos ou pelo primeiro volume da tradução do Donaldo Schüler. Não saberia precisar ao certo.

Os motivos que me levaram a traduzi-lo, na verdade, estão relacionados ao fato de eu ter aceitado o convite feito pelo meu amigo joyciano Vitor Alevato do Amaral para participar da tradução coletiva organizada pela grande Dirce Waltrick do Amarante. Em um primeiro momento, fiquei bem inseguro sobre se eu conseguiria dar conta da empreitada: a princípio, o convite foi para que eu fizesse a tradução do capítulo XVI – posteriormente, também fiquei responsável por traduzir o capítulo X. Porém, logo resolvi que aceitaria o desafio – não é todo dia que recebemos um convite para participar de um projeto tão fantástico como foi o *Finnegans Rivolta*.

Estávamos vivendo aquele período complicadíssimo de isolamento durante a pandemia e poder me dedicar a algo tão extraordinário naquela época tão dura foi algo que me ajudou muito a encarar o inferno pelo qual passamos de forma mais saudável e produtiva.

Você também é poeta. Como o *Wake* desliza à sua escrita?

Por influência dos Irmãos Campos, sempre vinculei a obra de Joyce à poesia de mat(r)iz concreta/concretista. Não que acredite que minha poesia seja concreta, mas é inegável a influência que o concretismo teve e tem no modo como concebo o fazer poético.

Em se tratando de Joyce e do *Wake* especificamente, sempre me fascinou a liberdade com que ele lida com a(s) língua(s). Sua mistura e consequente desestabilização de conceitos, ideias, sentidos ao criar suas fantásticas palavras-valises, o modo como desestrutura ou reestrutura a sintaxe, seu evidente fascínio pela sonoridade, musicalidade e até pelo aspecto visual das letras e palavras, tudo isso imbricado a uma aguda percepção política também engendrada em e por sua subversão da linguagem, para além do interesse que despertam em mim, são constantes fontes de inspiração para o que eu concebo ser o tipo de poesia que produzo.

Como foi o seu processo tradutório para o projeto *Finnegans Rivolta*?

Essa pergunta exige uma resposta longa e complexa, mas tentarei ser o mais sucinto possível, abordando cada um dos tópicos levantados.

O processo tradutório, em geral, foi, ao mesmo tempo, muito prazeroso e muito extenuante. Prazeroso, pois lidar com a obra de Joyce é sempre descobrir coisas novas e brilhantes; extenuante, porque tentar encontrar equivalências em língua portuguesa para a escrita de Joyce não é das tarefas mais simples – especialmente em se tratando de *Finnegans Wake*.

Em termos de rotina de trabalho, como estávamos no período de isolamento durante a pandemia, eu tentava me dedicar o máximo que conseguia à tradução, em termos de horas do dia. Via de regra, eu costumava começar a trabalhar no texto por volta das 07:00 ou 08:00 da manhã, fazia uma pausa para o almoço por volta de meio-dia, retomava às 14:00 e continuava até umas 18:00. Nem todos os dias eu conseguia manter essa rotina, mas consegui mantê-la na maior parte do tempo. Tentava me forçar a traduzir uma página por dia, algo que nem sempre conseguia.

Escrevi um pouco sobre os princípios que segui nas minhas traduções naquele breve texto – “Fininguém Vivelório” – que cada um de nós do Coletivo Finnegans

produziu para constar na sessão ‘Manifestação dos tradutores’, ao final do volume do *Finnegans Rivolta*. Basicamente, foram estas as diretrizes que adotei: não consultar traduções já existentes de *FW* – principalmente a de Donaldo Schöler –; manter a pontuação de Joyce; verter todas as palavras para a língua portuguesa – inclusive nomes de personagens –, não só aquelas escritas em língua inglesa, mas, também, em outros idiomas, buscando sempre contribuir para um melhor entendimento do leitor lusófono.

Quanto às fontes consultadas, também as menciono em “Fininguém Vivélório”: *A Classical Lexicon for Finnegans Wake*, de Brendan O Hehir & John Dillon; *A Gaelic Lexicon for Finnegans Wake*, de Brendan O Hehir; *A Lexicon of the German in Finnegans Wake*, de Helmut Bonheim; além do *site* colaborativo *finwake.com* – todas preciosas indicações do Vitor Alevato do Amaral.

Revi os textos diversas vezes, levando em conta a fluidez da leitura em voz alta, assim como a presença de possíveis problemas ortográficos – sempre tão suscetíveis de acontecerem ao lidarmos com texto com tantos neologismos. Em se tratando do capítulo X mais especificamente, devido à sua peculiar formatação, além dos focos de atenção acima mencionados, a revisão pedia um cuidado extra quanto à mancha textual, ao posicionamento do texto na página. Esse processo de revisão deu bastante trabalho até os momentos finais, antes de o livro ir em definitivo para a impressão.

Não saberia precisar o tempo exato levado para a tradução de cada um dos capítulos, mas acredito que cerca de três a quatro meses para cada um deles.

Como já mencionei anteriormente, traduzi os capítulos X e XVI. Comecei pelo XVI, pois, a princípio, esse seria o único capítulo pelo qual ficaria responsável. No entanto, certo tempo depois de já ter dado como concluída a tradução desse primeiro capítulo, fui consultado pela organizadora e coordenadora do projeto, Dirce Waltrick do Amarante, se eu poderia também traduzir o capítulo X, o que fiz. Ambos os capítulos trazem as dificuldades que a própria leitura da obra já engendra. Porém, o capítulo X, devido à sua formatação, trouxe uma dose extra de dificuldades, que foram desde a adaptação inicial do texto a um documento do Word até as inúmeras revisões que tal formatação exigiu.

Pode dar exemplos de dificuldades encontradas e das soluções dadas?

Abordo algumas dessas dificuldades no artigo “Finnegans Rivolta, ‘O centenário de Charles Dickens’ e ‘Um encontro’: Considerações sobre traduzir Joyce”, publicado, em dezembro de 2022, em edição especial da revista *Cadernos de Tradução*, publicação vinculada à Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Tratarei aqui, no entanto, de outras questões que não abordo no artigo.

Em geral, a maioria das dificuldades eram comuns a ambos os capítulos e estavam relacionadas às notórias características da obra. Contudo, como expliquei anteriormente, o capítulo X apresentou uma série de outros obstáculos de ordem formal, visual até.

Uma marca da obra de Joyce como um todo é a presença de uma infinidade de alusões a autores, obras, locais, pessoas e eventos que se encontram salpicadas por seus textos de forma nem sempre clara ou explícita. Explorar essas referências é se aventurar em meio a caleidoscópicas camadas de sentidos sobrepostos. Em *FW*, essa característica me parece ao mesmo tempo mais condensada, encapsulada – nas palavras – e intensificada na relação estabelecida entre as palavras, as frases, parágrafos e capítulos.

Um exemplo interessante me parece o da seguinte passagem encontrada no capítulo X, mas que poderia estar em qualquer outra parte da obra, posto que as características que busco explorar são onipresentes em *FW*. No original lemos “*Though Wonderlawn’s lost us for ever. Alis, alas, she broke the glass! Liddell lokker through the leafery, ours is mistery of pain*” (*FW*, 270. 19-22). No trecho citado, há claras alusões aos títulos das obras *Alice’s Adventures in Wonderland* e *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There*, de Lewis Carroll, e até mesmo a Alice Lidell, a menina real que inspirou Carroll a criar sua lendária protagonista: ‘*Wonderlawn*’; ‘*Alis, alas, she broke the glass*’; ‘*Liddell lokker through the leafery*’.

É válido considerar um ‘*Wonderlawn*’ que ‘*lost us for ever*’ como uma das inúmeras alusões, não tão explícitas, presentes em *FW* à expulsão da humanidade, por meio de Adão e Eva, do Jardim do Éden, do Paraíso. O que nos remete ao título da obra-prima de John Milton *Paradise Lost – Paraíso perdido*. Isto é, imbricadas às alusões às obras de Carroll, encontram-se referências um pouco menos explícitas à

obra de Milton e, conseqüentemente, a todo o universo de conexões que podem ser estabelecidas com a mitologia cristã.

Ademais, há uma igualmente ubíqua preocupação com a sonoridade das palavras. É digna de nota a quantidade de palavras presentes no trecho citado que contém, por exemplo, o fonema /l/: '*Wonderlawn's*', '*lost*', '*Alis*', '*alas*', '*glass*', '*Liddell*', '*lokker*', '*leafery*'.

Essas são algumas das dificuldades de diferentes ordens que se apresentam nesse curto trecho, mas que, como mencionei anteriormente, estão presentes por todo *FW*.

Para não me alongar demais, deter-me-ei somente ao que diz respeito às alusões imbricadas entre as obras de Carroll e de Milton no curtíssimo trecho '*Though Wonderlawn's lost us for ever*', que traduzi como "Apesar de o Paraís das Maravilhas nos ter perdido para sempre". Tentei reproduzir as referências justapostas aos títulos das obras de Carroll e Milton com o neologismo 'Paraís' (Paraíso + País das Maravilhas), assim como apostando na manutenção do termo 'perdido' para que, no mesmo curto trecho, as palavras 'Paraís' e 'perdido' se situassem próximas o suficiente para poderem sugerir a alusão ao poema de Milton.

Chamo a atenção para a quantidade de questões que me parecem serem dignas de consideração ao traduzir um curtíssimo trecho de *FW*. Essas e tantas outras se repetem infindáveis vezes ao longo do texto.

Algo que salta aos olhos – e aos ouvidos – na sua tradução do *Rivolta* é a preocupação com a poesia das palavras, também presente no original. Pode falar sobre essa escolha?

Uma das características que mais me chama atenção em *FW*, como já expliquei anteriormente, é exatamente a incrível liberdade com que Joyce mescla, funde palavras e, conseqüentemente, ideias, conceitos, gerando uma desestabilização semântica que me é fascinante. Essa me parece uma das principais marcas e, talvez, a principal contribuição da obra de Joyce: esse antiessencialismo feroz.

A busca por equivalências em língua portuguesa ao que lia em *FW* foi um dos aspectos mais desafiadores e prazerosos de todo o processo de tradução. Muitas dessas novas palavras-valises me parecem pequenos poemas e busca-las, criá-las foi algo extremamente enriquecedor. Gosto muito mesmo de algumas dessas novas

palavras. Por exemplo, ‘solsurro’, ‘ilumimargem’, ‘póresta’, ‘Agonideus’, ‘infantiluz’, ‘selvirgem’, ‘luábios’, entre tantas outras, são criações que muito me alegram e que só vieram a existir através do processo de tradução de *FW*. Traduzir *FW* é escrever poesia. Pelo menos, para mim, foi.

Que outros elementos da poética original você priorizou (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

Quanto à oralidade, tive a preocupação de ler as frases em voz alta para ver se soavam minimamente plausíveis quando pronunciadas – apesar de a pontuação e sintaxe erráticas de Joyce nem sempre colaborarem muito nesse sentido.

Os neologismos me parecem inevitáveis, necessários e bem-vindos. Sendo assim, os priorizei, talvez, mais do que qualquer outro elemento.

O multiculturalismo, humor e carga sexual do significante também me parecem inescapáveis e frutos dos próprios neologismos presentes na obra original. Penso que tais elementos se fizeram presentes, pois não vejo possibilidade de os eliminar da obra.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso?

Sim. É possível traduzir buscando equivalências igualmente assêmicas e agramaticais.

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Acredito que pelas próprias características da obra não chega a ser uma opção manter ou não seu universo onírico e nebuloso. Na verdade, não vejo como pensar na obra sem levar em conta tais aspectos. Consequentemente, a tradução, do modo como a penso, inevitavelmente os reproduz.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Independentemente do modo como o tradutor opte por lidar com o multiculturalismo presente em *FW* – i.e. dando maior ou menor ênfase –, assim como

as outras características que à obra são intrínsecas, ele se faz presente, especialmente por conta das já mencionadas incontáveis referências e alusões que o texto traz.

E com o multilinguismo?

Entendo o multilinguismo como uma característica um pouco diferente das outras discutidas nas questões anteriores. Semelhantemente a um dos modos de tratar todos e quaisquer elementos de *FW* em uma tradução, é possível dar maior ou menor ênfase ao multilinguismo. Porém, acredito que, diferentemente do que se dá com as outras características – que se fazem presentes independentemente da ênfase consciente que se dê a ela em uma tradução –, me parece possível conceber uma transposição do texto plurilingue de Joyce para basicamente um idioma – a opção que busquei em minhas traduções. É claro que ecos de outras línguas continuam a soar por traz do texto traduzido, mas a opção por uma só delas me parece não só possível, como preferível.

Argumentos contra tal opção tradutória são compreensíveis e válidos, uma vez que, efetivamente, uma das marcas mais emblemáticas da obra é significativamente atenuada, para não dizer eliminada. Porém, traduzir implica em fazer escolhas e essa é uma escolha que, por exemplo, se me apresentou e pela qual optei.

Qual é a importância da repetição na obra e como você lidou com ela na tradução?

Assim como em toda obra de Joyce, não só em *FW*, a repetição é constante e tem um papel de relevância, no sentido de enfatizar certos efeitos e/ou sentidos. Já em *Dubliners* é possível notar o uso recorrente de repetições feito por Joyce em todos os contos. Em *FW*, no entanto, acredito que algo um pouco distinto se dá: se há a inegável presença das repetições, as vejo como ‘repetições com diferença(s)’.

As múltiplas vezes em que sequências de palavras cujas primeiras letras são H, C e E ou A, L e P são claros exemplos dessas repetições com diferença(s). As letras iniciais são repetidas – muitas vezes, em outras ordens que não as que citei acima –, porém, as palavras que compõem essas sequências das letras iniciais não são as mesmas. São repetidos exemplos do que vejo como o antiessencialismo de

Joyce: alude-se a um mesmo ente (HCE, por exemplo), que é e simultaneamente não é o mesmo, que, ao mesmo tempo, tem e não tem o mesmo significado. Ou seja, a própria noção de significado se mostra como cambiável, escorregadia, instável. Algo reforçado com as palavras-valise, com as aliteraões, com o fim que desemboca no começo etc.

Nas minhas traduções, tentei estar sempre atento às repetições no sentido de tentar reproduzi-las no texto em português, seja mantendo a presença dos HCE's e ALP's – na ordem em que apareciam –, seja na tentativa de preservação das repetições sonoras, seja nos termos repetidos com diferença(s).

Como exemplo, posso citar algo que se dá nos primeiros parágrafos do capítulo XVI, em que há a repetição com diferença(s) da expressão '*night by night*'. A seguir, listo as expressões e como as traduzi: "*So nat by night by naught by naked*" (FW, 555.5) – "Então nãoite a noite a nadoite a nuite"; "*Night by silentsailing night*" (FW, 556. 1) – "Noite a silenciosavelejante noite"; "*nowth upon nacht*" (FW, 556.23) – "noitinstante após noitenquanto"; "*wan fine night and the next fine night and last find night*" (FW 556.31) – "uma bela noite e na bela noite seguinte e na última noite encontrada"; "*niece by nice by neat by natty*" (FW, 558.21) – "sombriinha a noitinha a direinoitinha a finoitinha".

O *Wake* é “pura música”? Como traduzir a música encapsulada no livro?

O *Wake* pode ser entendido como 'pura música', no sentido de que há sons, ritmos etc. Mas é literatura também. É poesia também. Há um aspecto visual na obra também. Portanto, não acho que seja somente 'pura música'. Pode ser música também.

Quanto a traduzir a música da obra, ela surgirá de um jeito ou de outro a cada nova tradução. Será a mesma música? Sim e não. A cada nova tradução uma nova interpretação dessa música surgirá. Será uma nova música? Sim e não.

A poética do *Wake* dialoga com leituras/traduições coletivas? Por quais razões?

Sim. O *Wake*, assim como qualquer obra dialoga com leituras e/ou traduções coletivas, pois tais abordagens são exata e simplesmente só isso: leituras possíveis, traduções possíveis dentre tantas outras igualmente possíveis.

Qual é a importância do epitexto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

Sou muito favorável à presença de epitextos críticos em geral. Acredito que podem iluminar muitos aspectos desconhecidos ou que passem despercebidos pelo leitor. Isso vale para o *FW*.

Epitextos podem ser vistos como uma forma de tradução? Sim, mas não só como uma forma de tradução. Essa é uma possibilidade dentre muitas outras, a depender do modo como um dado epitexto foi concebido, pensado e realizado.

Do mesmo modo, pode vir a ocupar uma função narrativa, a depender de suas características.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Não posso afirmar que tenho um background sólido de formação teórica em tradução. O que sei sobre tradução, aprendi traduzindo. Portanto, acho temerário expressar e/ou justificar qualquer espécie de preferência por alguma teoria.

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Sim. Ficando aberto os fins de tais possíveis aplicações, assim como seus resultados esperados.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Acredito que o tradutor de qualquer obra pode ser considerado como autor de sua tradução. A obra que ele traduziu, já existente antes e independentemente da sua tradução, não é de sua autoria.

Sempre penso na tradução como uma possível leitura, interpretação dentre infinitas outras. O tradutor é autor de sua leitura, de sua interpretação, de sua tradução.

Quais são os maiores crimes, segundo os conceitos tradicionais de tradução, que um tradutor do *Wake* pode cometer?

Não sei a que exatamente você se refere ao mencionar ‘conceitos tradicionais de tradução’, porém, do modo como entendo a obra, um erro – ‘crime’? – que um tradutor do *Wake*, ou de qualquer obra, pode cometer é pensar que sua tradução explica a obra, que sua tradução mostra o que é a obra ‘de verdade’. Como já mencionei acima, entendo traduções como leituras, interpretações e não concebo a ideia de nenhuma leitura ou interpretação definitiva de nada, especialmente de uma obra como *FW*, que prima por deixar claro que, em se tratando de linguagem, nada é fixo, nada é permanente, nada é definitivo.

E quais são os “deveres” dos quais ele não deve se desviar?

Por conseguinte, me parece caber ao tradutor a intransigente manutenção dessa instabilidade.

Como analisa a ideia da “intraduzibilidade” do *Wake*?

Não concordo com tal ideia, pois entendo que por trás dela há, pelo menos, duas possíveis e igualmente problemáticas noções, a saber: existe um suposto sentido último no *Wake* que não pode ser traduzido; não há sentido apreensível no *Wake* que possa ser traduzido. Tais noções, me parece, carregam questionáveis concepções tanto do que é uma obra artística (literária ou não) quanto do que é uma tradução. Por um lado, a noção de que uma obra teria um sentido, uma essência que poderia ser compreendida, captada, explicada e, conseqüentemente, traduzida, explicada em sua verdade; por outro, a percepção de que a obra, em especial o *Wake*, é completamente incompreensível, ilegível e, conseqüentemente, intraduzível.

Não vejo assim. O *Wake* é uma obra rara e radical que demanda protocolos de leitura outros que não os convencionais. O que não implica em dizer que seja ilegível

ou incompreensível. Ademais, o que se compreende do *Wake* – ou de qualquer obra, de qualquer coisa, pessoa, palavra – não é sua totalidade, pois não existe totalidade. Os significados são fluidos, inconstantes e cambiáveis. Daí que uma tradução nunca verte de uma língua/linguagem para outra a suposta totalidade de alguma coisa, mas apresenta uma possível leitura sempre incompleta, parcial, pois, repito, não há totalidade. Pensar que o *Wake* é intraduzível é pensar que existem sentidos fixos a serem apreendidos e transmitidos, explicados. Não penso dessa maneira em relação a nada e certamente não em relação ao *Wake*.

Como “bloom” joyceano que é, possui outros projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

No momento, não tenho nenhuma atividade vinculada ao FW que possa denominar de projeto, a não ser o constante retorno à obra.

3.15.6.3 Diálogo tradutório

As noções tradutórias de Amaral batem um bolão com *Finnegans Ressuchistam*, pois vão ao encontro dos elementos que priorizamos, como: neologismos, agramaticidade, *nonsense*, repetição, simultaneidade, pluralidade, alinearidade, mestiçagem. Contrário à ideia de intraduzibilidade, ele vê o tradutor como autor da tradução. Poecriticamente, Amaral entende o ato tradutório como interpretação, mas também como poesia.

3.15.7 Leide Daiane de Almeida Oliveira

3.15.7.1 Introdução

Leide Daiane de Almeida Oliveira, tradutora para o português brasileiro



FONTE: ACADEMIA. **Perfil de Leide Daiane de Almeida Oliveira**. Disponível em: <https://ufsc.academia.edu/DaianeOliveira>. Acesso em: 17 out. 2024.

Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), com bolsa CAPES; Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês (UFSC - PPGI), também com bolsa CAPES; Especialista em Educação a Distância pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Graduada em Letras - Língua Inglesa e Literaturas (UNEB). Interesse de pesquisa e atuação: Estudos Irlandeses; Tradução Literária; Teoria e Crítica Literária e de Tradução; Literatura e História. É membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI-UFSC) e do grupo de pesquisa Estudos Joyceanos no Brasil (UFF).¹²¹

Na entrevista, realizada por e-mail em 2024, Leide Daiane, que traduziu o capítulo 5 do livro 1 em seu doutorado – e o revisou para o *Finnegans Rivalta* –, fala com leveza sobre as complexidades da tradução de *Finnegans Wake*.

¹²¹ Informações presentes no Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6550046351400030>. Acesso em: 30 jan. 2025.

3.15.7.2 Entrevista no original em português

Daiane, pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Eu nasci em Conceição do Coité, no sertão baiano, uma cidade cuja economia se baseou por muitos anos no cultivo e beneficiamento do sisal. Estudei em escolas públicas, mas, aos 15 anos, ganhei uma bolsa de estudos em um curso de idiomas, o que facilitou meu ingresso e permanência, alguns anos mais tarde, no curso de Letras-Inglês da Universidade do Estado da Bahia (campus XIV, na minha cidade natal). Antes de Joyce ou de conhecer a literatura considerada clássica, eu lia o que encontrava. Tive minha fase de Dan Brown, Paulo Coelho, Agatha Christie, entre outros. Lia tudo isso sem aquele “preconceito” que a gente costuma adquirir na universidade.

Como chegou a Joyce e qual foi a epifania que a levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

A história de como cheguei a Joyce é muito curiosa. Um dia, encontrei uma edição de *Dublinenses* na minha estante, aquela edição antiga da Civilização Brasileira, com uma foto da O'Connell Street na capa. Talvez tenha vindo junto com uma doação de livros e CDs que recebi, é a única explicação vaga que me ocorre. Sei que li o livro sem saber absolutamente nada sobre o autor, o contexto da obra, ou seu país de origem. Achei interessante, mas não fiquei apaixonada pela obra. Mais ou menos no mesmo período, li também *Servidão Humana*, romance do escritor britânico William Somerset Maugham, que peguei emprestado com um amigo, e me lembro de ter gostado muito. Entrei no curso de Letras e, em uma das aulas de literatura, não sei exatamente em qual período, perguntei à minha professora de literatura se iríamos ler James Joyce. Tenho viva a lembrança da reação dela: ela olhou para mim meio incrédula, depois deu uma gargalhada, inclinando-se para trás na cadeira, e disse: “Minha filha, James Joyce é muito difícil”. Essa observação da professora não foi exatamente uma epifania, mas provocou algo em mim, me desafiou. Acho que, quando somos muito jovens, não resistimos muito às tentações (Oscar Wilde tinha

razão) nem aos desafios. Então, fui atrás dos outros livros de Joyce. Li e reli *Um Retrato do Artista Quando Jovem* diversas vezes, *Ulisses* li uma vez só nessa época, na tradução da Bernardina. Quando chegou o momento de escolher o tema do TCC, resolvi falar sobre o Modernismo em *Um Retrato do Artista Quando Jovem*. Abordei o fluxo de consciência, a epifania, a polifonia na obra, enfim... a intenção talvez tenha sido boa, mas acho que o resultado foi bem medíocre, apesar da nota 10 da banca. Eu ainda não tinha adquirido as ferramentas da pesquisa, coisa que só aconteceu alguns anos mais tarde, com o mestrado e depois com o doutorado.

De que forma se deu o seu primeiro encontro com o *Wake*? E quais foram os motivos que a levaram a traduzi-lo?

Na época em que quis ler tudo de Joyce, comprei o primeiro volume bilíngue da tradução de Donaldo Schüller. Eu lia as duas primeiras páginas, dava muitas risadas e guardava o livro de volta na estante. Eu não ria pelo humor contido na obra, algo que a gente demora um pouco a perceber, mas ria por não entender nada. A ideia maluca de traduzi-lo só veio muitos anos depois. Após a graduação em Letras, continuei morando na minha cidade, dando aulas de inglês, fiz uma pós-graduação em educação a distância e comecei um curso de filosofia numa cidade vizinha. Até que um ex-professor da graduação me contou que estava fazendo mestrado na UFSC (naquela época, era possível se tornar professor universitário apenas com uma especialização). Ele disse que a ilha era maravilhosa e que eu deveria tentar o mestrado lá também. Outras coisas se alinharam a essa ideia, então larguei o curso de filosofia pela metade e fui tentar retomar os estudos da obra de James Joyce. Tentei o mestrado em Inglês, mas meu projeto com a obra de Joyce não foi possível; minha orientadora na época preferia que eu trabalhasse com a poesia de Yeats, e assim foi. No doutorado, migrei para a Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Meu projeto inicial incluía fazer uma nova tradução do livro *Epifanias*. Trabalhei algum tempo nesse projeto até que fiz uma disciplina de tradução que consistia basicamente em traduzir as primeiras páginas de *Finnegans Wake*. Acho que, no final da disciplina, éramos só três alunas, mas a disciplina rendeu até uma oficina de tradução na Casa Guilherme de Almeida. Fomos as três ministrar a oficina, com a benção da professora Dirce. Deu tudo certo, até hoje não sei de onde tirei a coragem, mas sei que, a partir de então, me dediquei cada vez mais à tradução do *Wake* e acabei mudando um

pouco os rumos da minha tese. Depois de conhecer melhor a obra, achei que o capítulo V do primeiro livro se adequava melhor à minha proposta de tese.

De que forma a pesquisa acadêmica se conecta com as suas escolhas tradutórias?

No caso da tradução do V capítulo de *Finnegans Wake*, a pesquisa acadêmica me ajudou a entender que aquele era o capítulo mais adequado para discutir a ambição de Joyce com sua teoria da epifania. Já as escolhas tradutórias no sentido menos amplo, na escolha de palavras, essa parte sempre vai se apoiar mais na prática tradutória mesmo, na minha opinião.

Como foi o seu processo tradutório para a tese e para o projeto *Finnegans Rivolta*?

Meu processo tradutório para a tese, que depois entrou revisado no projeto *Finnegans Rivolta*, foi longo. Alguns dias, eu trabalhava cerca de seis horas na tradução e ficava satisfeita com apenas uma ou duas linhas. Claro que havia dias melhores. Sempre digo que gastei mais tempo na tradução do que na escrita da tese. É difícil contabilizar o tempo exato porque houve pausas e, muitas vezes, intercalei a escrita da tese, a parte mais teórica, com a tradução. Eu estimaria um ano e meio. Tinha à minha disposição as traduções para o português, espanhol e francês, mas acho que elas só ajudam em questões muito pontuais. Usei também alguns sites como o Fweet.org e Finwake.com. Mas, em um livro como *Finnegans Wake*, é preciso encontrar nosso próprio caminho tradutório e contar com nossa criatividade.

Para o projeto *Finnegans Rivolta*, você fez uma retradução ou uma revisão da tradução do capítulo que havia traduzido na sua tese? Pode falar sobre, por favor?

Se não me falha a memória, traduzi o capítulo para a tese e para o projeto ao mesmo tempo, o que foi ótimo. Inicialmente, eu ficaria com o primeiro capítulo, pois já tinha começado a tradução na disciplina, estava bastante adiantada e tal, mas depois

ficou com o Afonso e eu peguei o quinto. Não me lembro se fiquei com o quinto capítulo por acaso ou porque tinha muita relação com a minha tese.

Pode dar exemplos de dificuldades encontradas e as soluções dadas?

Acho que em *Finnegans Wake* a gente encontra dificuldades quase o tempo todo, bacana é quando a gente fica satisfeito com nossa tradução ou com nosso “armengue”¹²² pra não deixar a multiplicidade de significados despencar completamente. Eu selecionei aqui dois trechos da tese que ilustra um pouco isso:

A palavra em questão é “*mate*”, que na frase é grafada de duas formas diferentes, “*meet*” e “*mate*”, assim, no contexto da frase: “*drop this jiggerypokery and talk straight turkey meet to mate*” (FW 113.26), o “*meet to mate*” pode ser uma referência a “*man to man*”, e o “*meet to*” tem também o sentido de próximo ou cara a cara. Outros elementos da frase também colaboraram para a escolha tradutória que propomos. No caso da expressão “*talk straight turkey*”, segundo uma das páginas de referência que estamos utilizando, o “*talk turkey*” tem o sentido de expressar algo honestamente e, também, é uma gíria estadunidense que equivale a “*talk business*”. Além disso, a expressão “*talk turkey*” pode fazer referência, como em português, a um modo de falar que não facilita o entendimento. Como quando dizemos que alguém está falando Grego. A forma que encontramos para acolher as duas referências foi traduzindo “*meet to mate*” como “de um mano pra otomano”, na tentativa de que a palavra otomano ativasse a referência à palavra turco. Assim a frase completa foi traduzida da seguinte forma: “Deixe de engabelação e mande o papo reto de um mano pra otomano”.

O segundo trecho:

Gostaríamos de comentar primeiro a escolha tradutória para a palavra “*amok*”, na linha dezenove. Ela aparece no seguinte contexto: “*To all's much relief one's half hypothesis of that jabberjaw ape amok the showering jestnuts*” (FW, 125. 18-20). A tradução da palavra “*amok*” para o português, então, pode ser, segundo os dicionários, algo próximo de “fúria assassina”, “desejo de matar a todos”, ou “loucura”. No entanto, uma leitura em voz alta nos faz perceber a alusão à palavra “*among*” (entre, no meio de). Entre os diversos níveis de compreensão possíveis dessa

¹²² O vocábulo “armengue” é uma variação linguística regional do Nordeste brasileiro, que, nesse contexto, significa improvisado (LARIÚ, 1992).

passagem, teríamos algo próximo de um macaco falando bobagem entre as castanheiras floridas. Assim, a palavra *amok* não cumpre apenas sua função semântica, portanto, não poderia ser traduzida literalmente. Diante da necessidade de encontrar algo que funcionasse como uma preposição e, ao mesmo tempo, trouxesse a ideia da loucura, optamos por traduzir *amok* por “aluado”, já que essa palavra traz, ainda que de maneira mais atenuada, o sentido de louco ou lunático proposto na palavra escolhida por Joyce, e a proximidade sonora com “ao lado”, que, apesar de ser um advérbio de lugar, não destoa tanto do sentido proposto na frase.

Você aborda a epifania em sua tese. Como a epifania se manifesta no processo tradutório do *Wake*?

Na minha tese eu escrevo que, segundo o que Joyce propõe, a teoria da epifania pode ser entendida como o resultado da mudança do modo de ver as coisas, um ajuste no olhar, que seria capaz de provocar a epifanização do objeto. Posteriormente, essa noção de reconfiguração do olhar se aplica à maneira de “olhar” as próprias palavras, em *Finnegans Wake*. Acho que entender a importância de se deter às palavras e frases para obter delas o máximo de significados nos faz querer trabalhar o máximo para que a tradução também possa oferecer uma experiência similar.

Que elementos da poética original priorizou em suas traduções (oralidade, ritmo, neologismos, multiculturalismo, humor, carga sexual do significante etc.)?

Acho que priorizei principalmente a oralidade, o ritmo e o humor.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como traduzir isso?

Talvez a dimensão polissêmica do livro tenha me interpelado mais que a assêmica. Quanto à agramaticalidade, não consigo imaginar uma tradução do *Wake* que não seja também agramatical.

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Acho que pra manter o universo onírico é preciso evitar a tentação de querer deixar o texto mais “legível” para o leitor da tradução.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Algumas propostas de tradução, como foi o caso da primeira tradução completa do *Wake* para o português, tentam ambientar a obra na língua de chegada. O projeto tradutório de Donaldo Schüller transforma referências internacionais em referências nacionais. A tradução passeia pela Bahia, por Olinda e segue caminho fazendo alusões à nossa literatura como em “as cubas do Brás” etc, ainda assim não acho que é possível contornar o multiculturalismo presente na obra, nem creio que tenha sido a intenção desse grande tradutor de Joyce, aliás ele só acrescentou mais umas pitadas da cultura brasileira no caldeirão multicultural que é o *Finnegans Wake*.

E com o multilinguismo?

Talvez o aspecto multilinguístico da obra seja bem mais difícil de manter que o multicultural. Não tenho notícia se algum tradutor já conseguiu manter em sua tradução pelo menos a referência às línguas que já foram detectadas no *Wake*. Na minha tradução o que estava em latim ficou, dá pra achar um pouco de francês, espanhol e talvez mais algumas. Tem que olhar bem pra ver se alguma outra língua se revela. ☺

Qual é a importância da repetição na obra e como você lidou com ela na tradução?

Acho que a repetição é uma das características fortes da obra, inclusive somos incentivados a repetir a leitura quando chegamos ao final do livro. Não me recordo dessa característica da obra ter me demandado alguma estratégia específica de tradução.

Como traduzir a música encapsulada no livro?

Acho que não se pode negligenciar o ritmo contido na obra. No meu caso, fiz muitas leituras em voz alta, primeiro do original, depois da minha tradução, procurando fazer ajustes sonoros.

A poética do *Wake* dialoga com leituras/traduições coletivas? Por quais razões?

Sim, talvez seja o livro cuja poética mais dialoga com leituras ou traduções coletivas. Eu tive a oportunidade de participar de um grupo de leitura do *Wake* em Dublin durante um semestre. Toda terça-feira nos reuníamos no James Joyce Centre para fazer uma espécie de “close reading” de uma ou duas páginas da obra. Além dos irlandeses que estavam ali há mais tempo, sempre apareciam visitantes de outras nacionalidades. Esses estrangeiros às vezes faziam observações muito interessantes sobre alguma referência que tinham notado e que os irlandeses tinham deixado passar. A leitura em grupo me fazia ver bem mais do que eu via quando estava lendo o livro sozinha. Acho que o mesmo se aplica para a tradução, em grupo a gente consegue ter uma experiência mais rica.

Você já publicou um artigo abordando a recepção de *Finnegans Wake* e *Dublinenses*. Como analisa a recepção da tradução do *Wake* no Brasil?

A primeira tradução completa ou a *Finnegans Rivalta*? A nossa foi um sucesso, ganhou até o Prêmio Jabuti. Brincadeiras à parte, eu precisaria pesquisar mais pra responder essa pergunta.

Qual é a importância do epitexto crítico wakeano? Pode ser visto como uma forma de tradução do livro? Ocupa uma função narrativa?

O epitexto do *Wake*, me vem à mente o trabalho incrível ao final de cada volume da tradução completa do Donaldo Schöler, talvez possa sim ser considerado como uma forma de tradução, mas não acho que dispensa a tradução propriamente dita. É outro tipo de experiência.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

Essa pergunta me fez lembrar de uma palestra do Paulo Henriques Britto, talvez tenha sido uma aula magna da pós em Estudos da Tradução da UFSC. Quando questionado sobre as teorias da tradução, ele praticamente falou que não servia pra nada e o que fazia mesmo a diferença era a prática. Eu acho interessante conhecer as teorias, a evolução desse campo de estudo, a superação da ideia de equivalência, o surgimento da teoria da tradução como reescrita, da teoria da tradução feminista e a teoria pós-colonial de tradução, mas concordo que a prática tem seu valor.

Alguma teoria da tradução (ou qualquer teoria) poderia ser aplicável ao *Wake*?

Eu me lembro sempre do que disse o Donaldo Schüller numa entrevista sobre essa questão e que também cito na tese. Acho que se aplica para qualquer texto, mas especialmente para o *Wake*. Cito novamente aqui porque concordo muito com o que ele diz.

“O que acontece: antes de ter uma teoria de uma tradução que subordinaria o texto à minha teoria da tradução, eu comecei a fazer uma teoria de tradução a partir do texto. Pode ser que isto seja uma obrigação diante de todos os textos, porque se todos os textos traduzidos são textos novos, eu devo descobrir esta novidade para estabelecer um diálogo com a novidade. Caso contrário, eu mato o texto, inclusive posso matá-lo com a minha teoria de tradução pré-concebida. Enfim, é o texto que me impõe um método de tradução. Eu tenho que inventar um método para este texto exclusivamente, que tem características suas próprias” (SCHÜLER, 2010, p. 321).

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

A tradução do *Wake* demanda tanta criatividade e inventividade que transforma o tradutor também em criador, por isso a coautoria é legítima na minha opinião.

Quais são os maiores “crimes”, segundo os conceitos tradicionais de tradução, que um tradutor do *Wake* pode cometer?

O tradutor do *Wake* pode cometer o “crime” de dizer na tradução o que não está dito no original.

E quais são os “deveres” dos quais ele não deve se desviar?

Acho que é importante estar com os sentidos, principalmente a visão e a audição, igualmente atentos.

Como você analisa a ideia da “intraduzibilidade” do *Wake*?

Se atrelada à noção de fidelidade ou equivalência, com certeza o *Wake* é intraduzível, mas felizmente acho que já superamos essas noções.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

No momento, não. Estou escrevendo um romance, mas sem técnicas literárias mirabolantes hehehe.

3.15.7.3 Diálogo tradutório

Na realeza da tradução, Leide Dai de Almeida Oliveira partilha vários princípios conosco, entre os quais a oralidade; o ritmo; o humor; a agramaticidade; a multiplicidade de sentidos do trocadilho; a utilização de línguas românicas; a atuação criativa do tradutor; e a transculturação como forma de trabalhar com o multiculturalismo. Oliveira engrossa o caldo dos tradutores-pesquisadores que, como nós, vivencia a tradução do *Wake* como experiência.

**PLATÔ 4 – (RE)TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DE *FINNEGANS WAKE*:
*FINNEGANS RESSUCHISTAM***

Finnegans Ressuchistam

LIVRO I

I

riotornello, passando por Adão e EvΔ, do desvio da costa aetê a curva da yorubaía, nos leva porum caosmmodius vicus de recirculassom de volta a Howth Castle Erridondezas.

Sir Tristrão, violeiro d'amores, amarolar no mar, havia paixancorado revoltado da Armórica do Norte aeste lado do desterrado istmo da Europa Menor pra lutar sua penisolada guerra: nem as rochas do tal sawyer perto do rio Oconee haviam se shakexagerado aos sternuados geórgios do Condado de Laurence enquantoeles medigavam bebadublins o tempo todo: nem avoz do fogo crepitou mishe mishe ao tauf tauf santutameiapatrick: ainda não, embora vanessonhasse depois, havia um filho budão inventaduma historah cadbeluda pro novelho isaac: ainda não, apesar de toda justiswift desvanesser, esthervam as sosies sistheronas iradas com o duascaras nathandjoe. Envelhecendum pouco de malte guinesscocês Jhem ou Shen lucifermentaram pelo arcano e ao finnal rubrorvalhado do arco-issys via-se wagnerianna anelando na aquaface.

A queda (bababadalgharaghtakamminarronkonbronntonner-ronntuonnthunntrovarrhounawnskawntooohooordenenthurnuk!) dium outrora wallstristrão paizão é riocontada cedinho na cama e mais tarde atraweiss da vida subterrânnia de toda poetaria cristã. A grande quedhades do muro noticiovo em tão pouco temploft o pftjschute de Finnegan, sólido homem irlandeus, quia humptyhowth caibêça dele promptamente envia um sherlacanholmes ao incestoeste em busca de seus tumptydedos: e seu riodemoinho é noitecauteado no parque onde as laranjas foram abandonadas pra putrefar no verde deusde o primitivo amor do diaublin por livvyanna.

[3]

Que choques aqui de gozos contra desejos, ostrasgods fisgando peixes-gods! Brékkek Kékkek Kékkek Kékkek! Kóax Kóax Kóax! Ualu Ualu Ualu! Quáouauh! Ondios

partidários de BachBachridades ainda estão por fora da mestremática de Malachus Micgranes e os Verdonos catapultam contra camibalísticos pra expulsar Hinsurreccionistas de Cabeça Encapousada. Azagaias e bloomerangs. Sangay de escrito, temai-me! Sanglorioso, salve! Armas estrondam em lágrimas, massacram. Maltemaltemalte: piedágio, piedágio. Que oportunidade mediúnica, que cachastelos celestes e ventilados! Que amadantes simduzidas puresses teoloucos absolvereadores! Que desejo sincero por sua cabeleira tal como pela voz rouca do falso jacó! Oh aqui aqui quão caliente quicou o pó do pai dos fornicacionistas mas, (Oh minhas estrelas e corpo chistelantes!) como os fãs têm contemplado o maizalto ciéu do anúnciéu punbliciéutário? Mas qui qui é issy? Isolda? Dantes eram deltas? Os carvalhos do saber agora se disfarçam em turfa mas olmos sielevam onde sibilas jazem. Phallo se levante se tiver tesão, você deve: e tão cedo a acusação farça de piadófilia não sexyssará pela indiscrição secular pênixfinnda.

Bygmaestro Finnegan, da Mão Gagofônica, caostrutor de homens livros, vivyeats na maizampla via imãoginável em sua cavernaã aondiojudasperdeuobotton pra ser intimado antes quios juízes josuéliots nos dessem números ou Helviticus cumettesse deuteronomio (outrora fermitou sua caosbeça sternemente num tonel pra chaucerlar o futuro de seu destino mas dantes quiele o riovivesse pela swiftlhonézima vez, pelo podrer de moisés, a água tinha evaporado e todo o guinneses havia sofrido seu êxodo pra quiele rabelaisvelasse o senshawcional pintoteuco que tinha!) e por vários pares de anos ímpares esse homem de diós, cimento e edipofícios em Alphavillage People, empilhou construssom sobre construssom nas mallamargens pros apaissonados por Songs. Ele confudeu a linddell filha Annie abraçando a criaturinha. Murchou em muchos rounds dobrando sua parte nela. Frequentemente balbuciente, cabeça encapapa, cuma picaereta de pedreiro bem firme e macacões com manchas óleo-marfim quiele habitaculamente apreciava, como Haroun Childeric Eggeberth ele caligularia por multipecáveis a alltetude e a malltetude até vir à plura luz do licor diondi nasceu, sua cabeça circular presa a outras eras pra erigir poemantos de alvenaria hinopropriados (alegrialegria!), um murotocrata dium arranha-céu da maior torreiffalica a perder de vista, eriginando do

nonada e celestescalando o himalattes e picos, hierarquitetaritititoploftical, cuma arverbore em chamascoroando o topo de baubel e com ferramantras musicaos roncando e tumbando duma beethoveneira.

Ele foi dos primeiros a ostentar armas e um nome: Warguardent Bossbok de Monteiroloboalto. Seu elmo de heráldica, em verde com tom aia, perturbador, prata, um bode, machônico, horrendo, chifreud. Seu adornado whiskudo dialético, com motivos entrecruzados, hélio, de segunda. Choo chote é pro celtanejo que dá machadadas assísduas. Hohohoho, Misto Finn, ceará you cê o Mister Finnícus Alves! Comé dia de sol aguda e, O, tu és vilnho! Véspera de Dó mí gol e, ah, tu és vilnagre! Hahahaha, Seu Funnfarrão, cê ceará finnhades dinovo!

Que agent com monetário dezeuscad'ou a trovosa tragoédia do mercad municipal de pecads? Nossa copacubana inda balançava-nova como testemunha auricular do trovão de suas arafatas mas também ouvimos através de sonscessivas eras o coro chorão de mussunsmanos deskalificados que arabicionavam enegrecer a pedra branca catapultartarugada do céu. Abensonhai-nos em nossa luta por justiça, Oh Sustentador, sempre que despertamos e quando palitamuz os dentes e antes de réuposarmos em nosso leito de couro e à noitinha no empalidecer dazestrelas! Poizum sin anal ao proféta é maomélhor qui orar ao paw ditodozos santus. Doutro modo caiminhamos como aquele beduíno padre que gozou jebel e o mar é jipe solness. Evavenenosa a crush da maçã deve decidir. Daí saberemos quio banquete no pratório é um dia D folga. Ela tem odom de sensualocalizar e allcasioanalmente se põe no lugar de falo dos ajudantes, a assonhadinha. Aten'som! Aten'som! Pode ter sidum tijolo arremessado, como alguns dizem, ou supunheta-se que foi devido a um colapsonho de suas promessas passárgadas, comoutros olhogordaram. (Há puraqui expliculativas miliuma histórias, todas cantadas, do mesmo). Mas tão sórdidas como a apetitosa bocada de abel na maçã de ivy, (que com os horrores da pedra-sisifilosofall de valhalla, blindados, megalitratores, autumulóveis, bundinhos, lacanmotivas, bibliocicletas, rolls-joyces, caravannas, taxiitas, dragõesters, circos e pãovo roubano e basílicas e aeropagodes e o miliciano e o voiceferadoido e o supererodes sem capa e a cadela mecklenburguesinha latindo na sua orelha e a cova reza de merlin e seus quatro invelhosos juízes, quanto mais inri'tados, issues

pestenegrecidas bengalas trembalhadas por donze pennies a dúzia ios onibusanfas que desfilam na Sevetyfirst Street ios dirigiveilhacos de butuca no Beco dos Alfaiates Humordaçados ios fumos ias esperanças io estupradordenotredampt da sua aldeia indígena sob proteção romana, góticasas depressivas, trepadeiras do firmamento, durum et durum non faciunt murum e toda a revolta dos empodeirados quilombolas, um teto pra mimfistófoles e um be-a-badá em recife pra sua noiva popozuda descer até o chão com tony) Phill-terrus é advertidus quicudebebadonaumtemtonus. Sua galhada pesava, sua cabeça tremia. (Havia um pauredão em curso diereção) Dimb! Ele tropicou dualto da escaletra. Damb! caiu duro. Dumb! Mastabatoon, maistombação, quandum homem se casa seu luto é longa melancolia. Pra todo mudo ver.

Ele se judeu? Eu devia revivelalo! Macool, Macool, orra por que cê sim foi? bem sede na quinta-farra? Soluçaram suspiros ao despertar noitalino de Fillagain, todos os bate-parnellas da nação, prostrados em sua consternação, i em sua profusão duodisimalmente profusiva de ululação. Havia encornadores i musicredores i xerifes i freiras i assaltantes i cineastecas também. E a muvuca se agigantou numa showvial gritaria. Gog e Magog e maizuma rodada ao grog. Queiraz que eça celebração continue até o extermínio de Han hun o'nequin! Alguns cantando em kinkinta, intensamente, no choro do kankanvaquinho. O dó acima sobe e o dó abaixo desce. Ele é durão, mas rud mesmo há kcer Brian de Oi linnda! Livre dacente jovem trabalhador gay. Ajeite seu pedravesseiro, tap seu caixão de weissda! Em que diabos de ruidomoinho vhoicê ouviria caos sí-mí-lár? Com seu deus profundis e adestra fideles. Eles deitaram o sauman no leitomortivo. Cum abocalípse de finisky a seus pés. I um bachrrio de guenesis da boa à sua caibeca. Gotejazz o tootal do fluído sobre o doisparatado bi-bluesrão, O!

Hurrah, há apenas juventude desterrada pros corujiros do globo imemorialhal vislumbrarem sempre tautologicamente a mesma coisa. Bem, Ele é um ser tão abensonhado por ter a musculatura dium towro anababeulizado, vamos espiar, ver, o Chifudo, bem, ver seu peepee deveras devedor, um platãodepedreiro. ita! De Chopinlisolda à Bailyearwick ou de ashtown à baronoath ou de Buythebanks à Roundthehead ou do pé da colinda ao olho da irlanna ele calmamente dorme sexystendido. E por todo o caminho (um corno!) da bahia ao corcuvado sua guanabara soprará obobo és lamuriantes por sua

cowbeçahowchada (hoahoahoah!) no nadononada e por toda noitada anniamada, a noite reveladores, a noite dos sinos dualém, sua flautaflita em tricksters troqueus (O carina! O carina!) deusperte-o. Com suas vaneswifs devassas e ingrejosas kentsdocatolicanglicanismokrent sobre todozas hospedarias e punzadas. Sambenredando a queda eterna, cantando simcanagens lacriminosas dum Tomblinense. Graça antes Grossa. Pelo ser e ser ser, se enviamos gifs ao gigante, cremos quiafé não costuma faiá. Então mendigue o pun e passe o chapéu em nome de cristômago. Omém. Então sus piramos. Grampupus está caído mas vó maria põe a mallarmésa. Quem tá no ponto do peixóbito? Finn Baiacool o Peixonado. Caidê a caibecha assazda dele? Um piadacinho de pun Kennedynho de Singputrack. E quem se prendeu ao conto do seureio? Uma taça ao lendário Cornnollizador islãdeus Donaldublin O'Xumler. Mas, pô, como vassuncê desaborromeia nós freudlentos e taca-lhe os dentes na fenda do curpo alviflorido de edipopótamuz pois eli észer um žižekjuguém. Finiche! Apenas uma fadografia duma cena passada. Quase rubicundo Salmãosar, ancião das bebed'eras de Agapemonides, peixonho em nossa whiskuridão, fisgadoido e enlatado. Essa refeição é fora de morta pra salman, peisherlook, peixenákis e peioxota rodada.

Ainda que não possamos mais ver dreamlineada a formosa trovannasaura adormexida, mesmo na hora da nossa própria noite no leito do rio das trutas que Bronto amava e Brunto parquerava. *Hic cubat edilis. Apud libertinam parvulam.* Que ela porte bandeiras ou parangolés, farrapos ou roupaspramissa, com perfurmance de hortelã ou mendigue por centavos. Arrah, claro, todos nós amamos a pequena Anny Ruiny, ou, queremos dizer, pequeniamamos Anna Rayiny, quando dançando na chuva, no meio da poça ela faz xixi e xáxáxá nananinando danças alucianadas por. Yoh! Brontolone dorme, e ronca. Sobre Binn Macaastelol, em Chupaela Isoud também. A cabeça cranianna sobre ele, lançachamadora de suas razões, é uma juvenzinha mui próxima. Di cken? Seus pés de barro, folharrelvados, fincam no lugar ondiele caiu duro pelúltima vez, nú empauredante mundo dos paparazzi, onde nossa maggy viu tudo, com seu hábito de freira. Enquanto cubatiam em sua la belle alliance além de Wall-três-loo, colina sagrada! à riotaguarda do forte, bom, tarabom, tarabom, espreitam os

napolemboscadores, o local da espera liffeynita dos cavaleiros e militaleiros. Purisso, quanduas nuvens passam, jamey, desfruta-se diuma vista

[7]

monumital da nossa magnânima Colina, atual museu nacional Wallinstone, com, à celta distância esverdeada, a bela paisagem de waltrickerloo e as duas alvas vilas cujo feliz farfalhar das foliagens revela mijadelas delas, as beliciosas! É permitido penetrar no maoseu-tsé-tumba gratuitamente. Aos Galeses e Inguleses, só um dolo! Redismembrados inválidos da velha guarda terão empurra-porras pra emporrar suas bundas cadeirantes. Pra conseguir a chave de acesso à portaria, a senhora Kathe. Tip.

Heste é o caminho pro maoseu-tsé-tumba. Tirem seus chupéus ao entrar! Agora tu tá no Maoseu-tsé-tumba Willingdone. Este é um Prussioso rivervólver. Este é um ffinchês. Tip. Esta é a bundeira dos Prussiosos, Cap e Honrarias. Esta é a bala que furou a bundeira dos Prussiosos. Este é o ffrinchês que mandou bala no Boi que tremulava a bundeira dos Prussiosos. Saravá à Cross o'gunn! Com a foice e o martelo! Tip. (Pédeboi! Fino!) Este é o chapéu de três pontas de Lipoleão. Tip. Chapeuleão. Este é o Willingdone em seu próprio cavalo branco, o Copenhárabe. Este é o gran Geniocida Willingdone, magnânimo e magêntico em suas esporas diourói e sua nobre armadura e seus quatro bras sapatos amadeirados e sua carta na magna e sua máxima de bangkok e galochas de golias e seu fardamento da guerra do pulupunesu. Este é seu cavalari cabalo branco. Tip. Este é o finn lho de lipoleão III agachadinho na trincheira echistencial. Este é um jagunço inglis, este é um scottcês envelhecido, este é um diadorin, corcuvado. Este é o lipoleão mano mitando o lipoleão mini. Uma rixa de Gagos galezês. Este é o pequeno lipoleãozinho que não fera nem fere. Machado de assaye! Cutoque Fritz senn Tom-calo. Dick O'vigarisk. E Harry O'Megahair. Todos vermes armênios. Aqui são os alps Deltalianos. Este é o Mont Zuma, este é o Mont Cortez, este é o Grand Mont Jean. Esta é a linha dos alps da criméia quispera salvar lipoleão III. Estas são as gênias com seus berrantes dissimulando ler seu artesanal livro de estralégia enquanto costuram suas calcinhas guerrasgadas por Willingdone. As gênias são mãosturbadoras xoxokants e as gênias rapinam a cubeleira e Willingdone agita o badalo ereto. Esse é o mais maior mormorial a Willingdone

Supositoriamente inspirado nos cú-tuados ferimentos nos flancos das gênias. Sexcaliber horsepower. Tip. Esta

[8]

é mio Belgium roubado de phillippy afora seu mais Horrível Grimmest Sunshat Cromwelly. Saqueado. Este é o despacho das gênias pra irrigar Willingdone. Despacho em finas linhas escartates cruzando o front do meu Belgium miserable. Yaw, yaw, yaw! Querido Arthor. Medo reprimito! Denfenda teu minúsculo posto. Cavalotroiando. Nap. Essas foram as tictáticas das jenieisteins pra fontenoyarem o Wellingtonho. Shi, Shi, Shi! As gênias estão paranoicamente annamoradas por todozos lipoleões. E os lipoleões gogoboycottaram com tudo Wellingtonho em pessoa. E Wellingtonho endureceu pero sin perder la brandura. Este é um mensugeiro Belgium, de boné jesuyeats, quebrando seu juramento cum projétil zunindo no ovídio de Wellingtonho. Esta é a reviravolta do Wellingtonho. Disputa travada nas raras regiões de Belgium-me. Salamangra! Ai, ai, ai! Quiridas gênias. Figaro! Maledelta fada ann, Fada-se. Wellingtonho. Essa foi a primeira piada de Wellingtonho, tic por tac. Hi, hi, hi! Este é meu Belgium em suas doze miléguas sob'botinas, em riotirada, assobiando e marchando até Stanfordbird, barracarmando o acampamento pras jenieisteins. Bebum pouco, bebum copo, poizele preferia comprar uma guinness a uma russian imperial stout. Essas são balas Rooshious. Isto é uma trincheira. Essas são tropas misseiânicas. Este é o Canhón Führer com estrondo pop'al. Após seus cem dias de indulgência. Este é o abensonhado. Chagas da Tarra! Estas são jenieinsteins em belas blotas blancas. Estes são lipoleões em calças vermelhas. Este é o Wellingtonho, pelozescombros de Cork, ordenando fogo. Trovar-tátátá! (Boi bum bá! Jogue!) Esta é a camelaria, isto é ave marinha, esta é a submarinaria em ação, esta é sua infantearia, estas são paniquentes. Almeidagarrote! Arthiz too loose! Este é o grito de Wellingtonho. Brum! Brum! Cumbrum! Isso é o grito das jenieinsteins. Ciclone! Cordeiro Doideus que tirai os Finnados do mutt! Essas são jenieinsteins fluindo até austenlitz sob uma fortalezespiral. Cum pico picasso no pico iuma escalada escada escalada tão arejada. Pois o coração delas tá lá. Tip. Este é meu o brigado à brigada de Belgium cuja cozinha pratônica agrada a grapes e enlatadroianos fuzillidos. Pela pazga! Esta é a bismarca da alegre maratona quias jenieinsteins deixaram pra trás. Este é o masturbacionalista Wellingbronho tocando sua marmorial telescó pica Sophy-

se-Key-Phoder por sua divorção analpoleônica com as fugosas jenieinsteins. Gambariste della porca! Dalaveras fimmieras! Este é o catatau

[9]

dos lipoleões. Taffyadaputhief, que robespionou Wellingtonho do seu clowvalão branco, o Copenhárabe. Falltaleza Willingtonho é um antigo maxy monumentrimônio. Lipoleão é um retrato de solteiro quando jovem. Essa é a hiena hinnessy rindo alto de Wellingtonho. Esse é mc'leipzig dooley tocando o funk do hinnessy. Este é o hindú Shem Shaun entre o garoto dooley e o hinnessy. Tip. Este é o viejo Wesleygtonho safadão no picadeiro exibindo o triploleônico chapéu afanado na sujeira da bataille. Este é o hindú depilado fazendú shishiva num tirodebomba. Este é o Wellingtonho enfiando a metade do chapéu dos lipoleões na garupa do posudo garanhão branco. Tip. Essa foi a derradeira piada de Wellingtonho. Hit, hit, hit! Este é o mesmo cabalo blanco de Wellingtonho. Culpenhelp-marchador, balançando o rabo com metade dum chapéu de lipoleão pra insultar o hindú gagoboy. Ney, Ney, Ney! (Chii caga o Bull! Merda!) Este é o seuboy, madrasmahrattas, avante e adelante, gritando a Wellingtonho: Vai Pukkaru! Pukka Yurap! Eis o Wellingtonho, clowvalheiro de berço, ofereceu sua cigareira ao córsego Shimar Shin. Usted usa basuca! Este é o seuboy hindufferin soprando a outra metade do chapéu de lipoleão no cume del culo da garupa de seu gran cruvalo banco. Tip (Olhodeboi! Game!) Hassim Copenhagen enfim finndou. Puraqui ao maoseu-tsé-tumba. Guadem suas botas made in índia ao sair.

Ufa!

Qué tiempo tan cálido tivemos lá dentro mas que brisa mortuária paira nestas paragens! Sabemos dondela viuve mas vassuncê não deve fofocar a ninguém pela lamparina dos Jigunçus-de-Lampiadão! É um ajanelado barraco à luz de belles dium mês e um ventoliviou. Baixumbaixo, Corvoando Baixumbaixo. E singulièremet numberado vintinov. E um clima tão agradável também!

O vendawalgram valsou ciclones em tumbaspraboidormir e em cada maldito abismo (se podes ver cinquenta eu espio inda mais quatro), lá stá aquele paviãomisterioso em revoada, cum correorriorzin, dois-pa-ci-tozin, trêsloucadozin, quatrodedespejozin, cincobuarquezin, seiskepearezin, setianõeizin, oitotem&tabuzin, nuevenzin, dezcartezin, ajudazin, paviãomisterioso plumadozin. Um páramo que rulfa espectros de shakespiupiulândia! Sob seus sete Roth\$childscudos jazz um,

L'imperarthur. Com excalibuda ao seu lado. Skudo ao solo. Nosso par de pombos voou pro northcliffe.

[10]

Os três corvinhos migraram pra sulomérica, gralhando a queda aos quark cantos del cielo donde tribos respondem; Uai de moi, tátudo bem! Ela nuncaparece quando Thon tá no banho ou quando Thon relambeja com suas Ninfamarinas ou quando o sopro de Thon troveja nos gaélicos Thon bardos. No nubo no! Névoas em você liv! Ela teria um fausto temor pactante. De Saci-pererec e Cabrón-cego revirandozolphinhos e todosos mortos na aflicção. Fe fo fom! Ela solamenta espera que beijinho-beijinho seja tchau-tchau. Aqui, e vai aparecer agora, ela vem, uma pombach da paz, uma papagaia de paródias, uma ceci tiva mãe peri quita, uma tuiuiú no pintoanal, com piupius e popôs em parcosporcós em seus bicosbocas ium flash deleuzes flashbacktiniannas de seus gênios di lampedusa da sorte, picando aqui, bicando ali, debussydebussy chádebussy. Mas sexapromima a noite do armistishow, militopoucos, e lamuitamos cobeiçar analtalinos beijos sujos pros elaburladores da minuta e haverá uma trégua muravilhosa pra mais hihilariente criança echistente. Vem ni mim e cantarole o b-a-bach sobre o dia da nossa brilhante fuga. Ela escondeu o farol da virgínia coach pra evoluir na auto-fofocicção (quem fica calminho finca seguro e atira pra todo lado) e todosos objetos recalcados vão pra mochila: curta-mitagens e buttinhas de poudres, elegantes meia-caças e perfilmes de todazas nações, clavesdefé e escapulários, mapas, chaves e pound-brazil pilhado por moedas e broches lunares com pétreas brisas de sangue in em, ligas noturnas de boaston e massas de meias-solkentes e nickstófeles narckótico e todo paideroso michael e um'a linda porção de cakes e obuseiros arrebatatímpanos e anãoberich e maggycats, elas e eles com loves de bofes e pleures de belles e o último suspiro que vem del corazón (buckmaulligan!) e o pecado mais justo que o sol já vil (que é galinhagem!). Com beijo. Beijão Cristão. Cristão Scrotão. Beijão Scrotão. Annté o finn das vidas. Como diz o deitado.

Quão belezuda e quão fielesposa da parte dela, quando machoquistamente proibido, de roubar nossos presentes históricos de passádicos pós-proféticos pra nos tornar nobres herdeiros e castas herdeiras diuma plura bella cesta de frutas. Ela alivivia contabellizada entre débitos e cruzcréditos por toda nossa ploralidade (o nascimento dela é incontrolável), com máscara de papiro e seu tamanco sapateando

árias (tom sawyerdinha! tom kafkaniana!) se me queres saber eu te Isaacho riozonha. Hou! Hou! Gregagos sobem e Troiânus caem (sempre há duas visões prum retrato)

[11]

pois nas encruzilhadas dadivina improvidência é que vida se faz obra echistencial e o mundo é uma ode pra aedos cantarem. Que a fugata da bela jovem enrede a história e que o rapáris atrevido fale tranqüilo pelas costas do suplicante. Ela cunhece o dever nuturno de seu cavaleiro enquanto London dorme. Você guardou algum dindin? diz ele. Fiz o quê? diz ela cum sorriso. E todos nós gostamos duma donanna casada por ser mercenária. Ainda quios latifúndios da terra estejam sob rioforma aguária (diluivia!) E não exista uma sobrancilha ou matakiliar na imberbe face de Herrschuft Whatarwelter ela emprestará uma vela e arrendará algum carvão e vasculhará ostras nas praias pracender seu fogo e faiscará tudo o que uma mulher relvadada puder pra incendiar os negócios. Paff. Para puffar as chamas. Poffpoff. E mesmo sea casca de Humpty dá pity cair pela murolhésima vez nas barbasdemeduzalem em toda nossa grand reclanação há de haver ovação pros blackettblocs duamanhã, o sol não é para todos. Tão certo é isso quialí onde há um ritornelo o chá também se molha e quando você pensa que vê um traseiro certifique-se que sua crista galevantou poruma galinda.

Então como está rainhanna em seu trabalho soxial finnvorito de dar aos nec'excitados, frutifincando por primícias e recebendo seu dízimo, podemos folhear nossa relvista des deux mondes pra não ver nada dos templos daqui ou de acoalá, por sixes e sexites, como tantos peecos e collindas, sítios arqueridológicos, incensantabridgetbardot e iansãpatrick, em seus santins flagelados e seu fio delta tafetá, tocando Wharton's Folly, num tripidante planko do plark. Arriba, muchacho! Façam mimo pras minnas! Por ordem, Nicholas Proud. Podemos não ver e ouviolar nada se escolhermos montiras de pernas curtas de Corkhill ou o pantanalmontenonsense de Arbourhill ou montevioléu de Summerhill ou as alturas do violoncielo de Miseryhill ou o morrodoviolão pacifitocado pelo país de Constitutionhill ainda quicada multitom tenha sua individualidade tonal e cada tríade tenha sua clave dodemecânica e cada harmônico tenha seu ponto próprio, Olaf tá em ascensão e Ivor tá no elevador dó-ré-mí-lácerda e Sitric tá sanduichado entre os notáveis. Beethouvejam este som do sentido irlandês. Realmente? Aqui o inglês pode ser visto.

Real? Um soberano punido com pence de estimação. Regiamente? Mas todos tão todos lá martelando melodisseias pra atonalizar uma matemúsica que romulosolverá & removerá o rebuliço robusto da vida, saltando ao riodor de seu meio como salmões na grelha, Ó, enquantuele jazzia dominante do macropico de Howthcabaço ao micropico de Pied de Poudre. Beethouvejam este

[12]

som do sentido irlandês. Realmente? Aqui o inglês pode ser visto. Na Real? Um soberano punido pelo próprio pennie. Regiamente? O silêncio elucida a cena. Falstaffinn!

Então essa é a Dublilalíngua?

Houva! Calma! Ecolânndia!

How charme exótico! Te recuerda a gravura esbranquiçada que costumávamos desfocar no paredón manchado de seu lar pub lar. Costumamavam? (Tenho celteza de que Miry Mitchel, o tedioso capeleiro maluco com a caixa mujical de shomcolates, tá ouvindo) Digo, os restos das surradas gramuras costumavam ser confundidos com os Ptolmens dos Incasburlados. Costumaiávamos? (Ele é som um pretendente a dedilhar a harpa do jubilau dium segundo ouvinte, Fiery Farrelly.) É bem sabido. Monolokk interiormente e veja o velho mote novo. Dbln. W. K. O. O. Ouve? Emparedado no mausolao-tsé. Fimfim fimfim. Cum finnrobodó funknerário. Fumfum fumfum. É o optophone que ontophana. Litz! A lira mágica de Wheatstonezé. Eles luterarão pelo rionascer. Eles serão ouvintes pra olaf. Eles pré-quedarão miternamente. O cravodestemperado será deles pra olav.

Quatro coisas, portanto, diz nosso herodotário Mammon Lujus em sua grande e velha historiorum, escreveu perto de Boreum, o livro maizazul dos anais do corpo de baile, f.t. em Dyffinarskidi jamais faltará fôlego pra fumar eva da boa e anuvial viagens ao cannabial de Eire. E agora estão aqui, o quarteto de um. Lance-tee-Totums! *Unum*. (Adar.) Um lâmpião poderoso ofuscou um conselheiro. Ay, ay! *Duum*. (Nizam.) Um zapato vecchio na minha pequenairlanda. Ah! *Triom*. (Tamuz.) Um noivinha ruiva, nuvia noiva, a ser desnoivada. Ódio, ódio! *Quodlibus*. (Marchessvan.) Um canettescritor não mais pesado quium postalista. E então. E tudão. (Succoth.)

Então, como o vento girou páginas sobre páginas, como inocência com anacleto fazem troca-papa antipapa, as folhas dos vivos no livro dos mortos, anais de si mesmos cronometrando os ciclos de eventos grandiosos e nacionais, tornam fácil passar dessa pra.

1132 A.D. Homens como formigas ou formigos papirambulando sobre uma baita Mobydickens branca que sefaz de estendida num Riogato. Brutalhas de pratos sangordurosos em Ublanium.

566 A.D. Na fuga noturna do Santo Baal do ano pós-diluvianna uma velha que

[13]

tinhuuma vontade Necrófinnla por desenterrar turfas mortas do pântano olhando-as sob sua culpa Necrófinnla enquanto corria pra sothisfazer sua vacurioridade e saulvar mi isis'tência se achando como sacoleira de todo tipo de velossapatos e ilegantis sapatilhas, tão ricas em suor. Sfumato trabalha dürer em Hurdlesford.

(Silente.)

566 A.D. Nessa épica cantou-se quiuma donzela brozencarcerada sofria (*sobralasolas!*) porque a Puppetta minhonzinha dela foi violhada pelo ogro Puropeus Pious. Guerras sangrentas em Ballyaughacleeaghbally.

1132. A.D. Dois filhos vicoeram à luz na primera hora a um homem fofuxo e sua bruxa. Esses falhos se chamavam Caddy e Primas. Primas erum santinela e militarizooou todazas pessoas decentes. Caddy foi à Adega e escreveu uma farsa à paz. Palavras barrocaos pra Dublin.

Em algum lugar, parentemente, no espaço entre o antediluvioso e o annadominante o copista deve ter fugido com seu pergaminho. O dilúvio destruiu rosas ou um halce chifrou ele ou o trompetista cosmoconstrutor do excelso império (usainbolt, em suma) palestrou ou o gaélicock Dannamen bateu paunela em biddy dorann. Um escribicídio lá e então é julgado sob o código de matanzalém com alguma pennialidade afiançavel por seis marcos ou nove pinicos em moedumana por conta de sua obra impura enquanto ambichonará ser e renascer em nossa era diagora e dantes, como uma bala perdida achando militares e civis, quiuma sinecura foi levada

ao cala bolso por receber a mesma grannia escondida na calcinha ao mexer no cofrinho da poupança da sua vizinha.

Agora depois de todesse far-far-sa e peregrinarmos ou duignarmos ou clerycarmos nós levitamos nossozouvidos, olhos das trevas, do tomo do *Liber Li-vidus* e, (veja!), quão paz e humor, todazas dunas escuras e clareiras ofuscantes, se estendem diante de nós na planície de nossa fraudelândia! Magro sob a selva de pedra jazz o pastor com seu cajado; jovem veado mordisca a irmã do veadinho e verididades recicladas; de sua aparência folha a erva da trindade finge humildade; o olimpo do céu é dum cinzeterno. Assim, também, pelos anos do burrico. Desdios genesiataques de Heber e Heremon as flores de lútus floram em Ballymun,

[14]

a rosa crepuscular escolheu cercavivar Goatan city, tulipas labduziram a doce seiva de Rush, crepúsculo dos írlandos, o roseiralvo e o rubro espinheiro abrigam olhegres fadas nos vales de Knockmaroon, e, mesmo que ciclulados porum anel, durantium milenium do perihélio rotassolnal, os Fomorianos extraíram o dente dos Tuatha Dé Danaan e o Vikingaceiro foi azucrinado pelos Firbolgs e os Jegantes caostruiram o edipofício jerrey pros Kevins e Anão nú Verde é o finnfantil pai da Cidade (Ano! Ano! E gargalhacrimar!), esta paz clitorianna linguasselada quadrilibidinou ao longo dos séculos e inunda-nos de umidade agora, refresca e gera toda sorte de risinhos como na véspera de Killaloe.

Los babeletrados com seu vão abçonhário têm sido (que caosfusões os abcdetenha!) idas et eddas; trovõensglish signivicavam eras e swiftsons linguígenas tonalizavam heros and noruegregos paideiais eravam y parlavam francês. Les Sinthomens desapareceram, escreventes babeltleby saussurerraram, o moço loiro chavicou a moreninha: My besarías, ma Chérie piccolina pocotó?: e as damas da noite se desentenderam com as colegas do hell de janeiro: Quem aflige la língua attuale, spice girl dublinécia? E eles rolaram um sobre o outro: e tomba lá dá cá entre eles. E ainda hoje à noite e nas noites dioutrora todazas augustas floras dos campos a seus tardos faunos enamorados dizem seulement: Deflora-me antes quieu te espinhel!: e, mas uma polka depois: Colha-me enquanto coro! Bem que podiam murchar, casar, e

ruborizar profusamente, juramentar! Pois esse deitado é mais manjado que howth dog. Lave uma baleia porum tempo numa carriola (não é vaidade quistou falando contigo?) pra ter barbatanas e nadadeiras que reluzem e agitam. Tim Timme pode jogar as gilgamechas, seduzindo Tam. Fleppety! Flippety! Fleapow!

HopLager!

Em nome de Anem heste carl escarlou kopje apeludado porum caminho só creto prapregontar e agora José y zeus marirmãos? Pra muldar sua servil cabeça pigmaleônica, diminuiu seu pisar penoso. Ele tem pés ogrolhoados, as canelas finnas e, peitoral Avelhajado, seus mamamúsculos são monstrosiosos. É colina pros meus olhos afora a coisa do no brain no gain. Me lembrum homem dragão. Quase sempre elié o bambambam do feudaço, é o Constable Sacksounfone, seja janeirópera ou feverépico, marchó-fínnibre ou allegrobrill ou os doidocaforismos de popourrisos e

[15]

furiosos. Que somjeito musicarl marximalizt. É vident e ment é o paugenitor. Avancemos contrapontisticamente suas defesas antifuega e essas hamletiannas kranetas de marfinn. (Covalhalla!) Ele pode santiagodecompostelar o caminho do pelourinho ao pilar de Hírculos. Andiamo, quincas bobok cervejeiro, freudido monge shoprador de mollyères lingerieesadas? Scuse-nos, cara coroa! Tultecas tolkas danesas? N. Tu tolka um polca de escassez? Nn. Tu falha ingulês? Nnn. Tu saxo ufanna? Nnnn. Tudo tão claro! É um Jute. Vamos trocar de chapéu e cambiar alguns verbos fortes e fracos acideltando-nos sobre córregregros escorregregadios.

Juta. – Yutah!

Mutt. – Mukk prazer.

Juta. – Tu whiskuta?

Mutt. - Hardsvezes.

Juta. – Mas tu noé somdomudo?

Mutt. – Nananinanão. À penas um falhador (lokithor).

Juta. – Uai sô? O Qui quiocê balbuchista?

Mutt. – Eu mimi tornei um van um van gago.

Juta. – Kikoisa hauhauhauhaudívil, ser causáudio! Cumékié, Mutt?

Mutt. – Bebouça pela gunrafa, surd.

Juta. – Bundaça di ckens? Em que sei lá que sei lá?

Mutt. – O Risca Funk de Bacharia onde Bartokava e biritalhava pra ser ele.

Juta. - Tutameio dium lado que tua voix é quase cage straussgado pra mim. Roda roda e vira solta a roda e ouvem, como sieu fosse tu.

Mutt. - Ser? Ser af maria? Ser anal ser? Urpa, Booheoru! Booru Usurp a tor! Thorpeço de raiova nas minas quando ridimim!

Juta. - Um crepúscolho. Lobisão villou-lobo. Permita-me aqua mar toda sua hesitação mergulhando o ouro no reno. Aqui tem moedas de prata, tomém babelda envelhecida no carvalho. Ghinees é bom pata ti.

Mutt. - Louvree, Louvree! De que mudeira eu não deuscifraria issy, a inteligível capa grey de Cedric Silkyshag! Uno nessuno e centomila arrozes defestuosos pro dublin bar. Urra o Velhovo da gema! Ele foi mexido até ficar no humpoint. Acá

[16]

ondeiam liviarias, Monomark. Alá, onde lunam sonhoras luannas, Minicunaíma apassonou.

Juta. – Simplesmente a modi que como proseia Taciturno, nosso encurtador distorierradas, ele dumpdespejou o carrinho de podreiro na terrepolho aqui.

Mutt. - Jutamente comuma pedra nonata de brunoxelas à ribeira de riverpool.

Juta. – Sonhor Todopedreiroso! Cu que nórdico gostou?

Mutt. – Iansãmelhante a um touroyá em pamplonanã. Roxalá ruge rex roome! Eu piadaria roncar prele o berrante celtanejo, cu

peludolado pra dentro, fico pelo pescoço ilhandes de sutton, como Brian d' of Linn.

Juta. – Labuse-me com leitemotiv quentinho e melcru quando mal com cego entender um uísquizado falo turco-finnegalês em sêmemlante patuárabe comoteu roteirista roterdamp. Semtato do Ouvreurdo! Refeiçãoço na pança! Te vejo nú inferno.

Mutt. – Qui acorde dissonhante. Só midas um segun dó. Andes um dublinscar diolhos circulando questa vulvilha e teu crânio vulverás como dantespassados planificaram buendías aos Elderos, livres da cemlidão e nossassonora, onde odes ondeiam a dor piricantada por épica-pounds acima da muré, onde la lei de la Isla legou la vila, onde por um derreito de signoria, icebergago deusloucou-se do seu Bar em Bigbenga pro de cujus Finnix Pacto. Abundone eirechim remurmurando. Mestishow-se duas raças, doceltas e só gados. Rua do mar agora. Haqui, caospindo expirrando a oestebordel, eles jacobinam insurrei'sons: purisso, suecos e mareados, tocam raulquiém. Uma contidade incontável distóras vivas nuncaiu rogando praia, flocos de fluxonírico, caleidoscópulas do altíssimo, como mago gago de todos rodopirantes mundos pirandellos. Agloria tão todos tumbados no monte, cinzilhas a cinzilas, merde de merde. Orgulho, Ó orgulho, teu prêmio!

Juta. – Feda-se!

Mutt. - Fiatfuit! Aqui o sorbonnete cai mais zen baixo. Evalua pela pequena ann na longa jornada noite a dentro, babeulônia a vovozona do cuba cabanna police viuve no co co cortiço, alp sobre lacraio, beabado sobre fogueta, igual ao igual nesse som cemitérico que iz leebez luv.

[17]

Juta. – Macoolcosmimerdem!

Mutt. – Mild und leise! Pelonda vorazgner ressoou. Canto do Desbund. E o morro dos ventos comilantes engoliu todos. Este quarteto dianos devasterrados não poupa pó sobre pódra e éliot

hummus dueterno ritornello. Ele que runas lê pode enredar como los quatro. O'c'stle, nwc'stle, tr'stle, em queda livro! Venda minhas aflições ao capetalismo pra Humirlandar-me! Irlandama má Falada. Má conta-me tudo cai má mente, somjeito! Falhe em shhhhigredo!

Juta. - Por quiet?

Mutt. - O jegante Forficules fode a fada Amni.

Juta. Cuma?

Mutt. - Aqui é o loukács do serputa mito viceking.

Juta. - Cumékié!

Mutto. – Tu tá velhando pétreo, juta tatu?

Juta. - Eu estolho emossonhado, coisa de oreia movediça.

(Ajuolhe-se), se você está abcdispunsto, a argiler esse livro, quãos caosriosos signos (por fervor, ajuolhe-se) neste allalhababeldo! Você deve sibiler (jacques Nós e Tu já o borromeamos) seu mundoral? É o mesmo dito de todos. Mitos. Miscigenações sobre miscigenações. Vicócegas. Nãooceram de pacto normal e riram e armaram até o finn. Profinnia. Teu dominió foi dado aos Medos e Finnando Persoas. Neandertales de muleta, elo perdido e repetido, sobre nosso velho Tim bar tribal nos dias em que Caibêça-nas-Nuven's andava pela terra. Na ogronorância quimplica a impressão qui fazbrinca o saber qui nomeia a forma qui epifaniza a inteligência qui passa os contatinhos quiadoça a sensibilidade qui leva ao gozo quiadere ao apego qui ladra a morte quiamaldiçoa o parcto qui gera o fluxo da echistência. Mas cum gran cranion indo do seu umbigo vishnú até os celtões de Cornudos. Um terrícolo painorama umbiblical este; estranho deus é mais pra ser deidade. Um hare *kitsch*, um celtoth, um exu'berante ouvídio absoluço pra abalar a crosta terrestre de hora em era, enredo linear, que volta de rá, como gado do sol girando moínho. Aqui sabe-se de bélicos figurões armando e estuprando. Figuras bélicas montadas e armadas expõe-se aqui. Mitança rúnica, esta efígie liffeymanfaca é prum tiroteio que afamou a pedra da morte. Face no leste! Tenho fé! Face no oeste! Ho, seu fia da tumba! Rátátátá e fuzil lamento em, ~~face~~ a ~~face~~! Quanduma

parte tão tchutchuquinha responde pelo todo logo a vocabulamos pra usar um allfabélico. Aqui (ajuolhe logos) estão váriadas ervilhas cozidas cum interesse muito pecuniar já que são como as jujubas que encham o bolso e o bucho de tommy. Ragnar rocker compôs rocks e com esses orangotangos quebrou tudo com rocks deus sonantes e reggaenarok. Wicca, wicca, por que enfiatiça-me? Tiki é polinési'ku espinho espetado em sua gargântua como kane'denação por empaulamento a thraitor por vil gança. Que antiga cafusão mameluca isso tudo faz! Uma ocultacarta num monturo de abjetos! Alfeitonas, betaenrabas, gamate-leão, deltaçaí, alfridakahlo, beattles, gamodigliani e deltarsila. Homletes de corujovos (Ajuolhe-se por ouvizéquio!) estão aqui, gregracabados há eras e todos agora deveras eponletos, e mundanos velhos gagos cambaletrantes, não valem a folha de limpar buda. Sss! Veja a serpente medusando pra todo lado! Nossa durbin pulula de serpentes. Vieram à nossa ilha trian gulag da Ingrataterria pralém da orvalhada pradaria esculpida no meio do jargão do eden da proibitiva maçã du humor mas também veio Sãocuri Patri ckaçacobra e sua caixa de pundora tirava arrepios pecantes deles mui antes que nossa geneadãogia da imoral pudesse acelerar os desejos d'eva. Dividimos e sonhamos + a conta gira em torno da mesma difusão. Baudeleros e trafinnantes.

Machado assassizna um-dois-tricksters, sábio machado. Um deusvendido porum adeuscionado dá três ditos menos um. Dois maus um fazem um plausível ménage e idem pra trás. Começando cu grande obaoba e bezerros de três patas e a mãe do rei ator com mensagem do pessoa na boca. E uma centena preencheu com denso sêmem geracioanal do cuécimento livro pra conan barbarizar-nus até a véspera. Que neandertrauma histórico pra deuzeusvolver e com que finn em vista do verso reverso controverso e des-pós-esia-enterversos! Pra também dizer que somos cada um por tim, nick e larry de nós, filhos do somdomito, filhote, netos, simsters e bi-netos, quando o que será que seremos, a cada ciclo, hermanas e mãelucas de nós, enteaedas de Nan! Acusativo pai incestual! Don adão pros infinitos!

É certo que urtigamente não havia peidaço de papel no lixo e o paideroso monte Penna ainda roncava trovões pro messias jair fugindo. Tudo era anncestral. Você me deu um pé no buda (deixou marcas!) e eu até senti o ventinho. Eu lhe fiz um quiz pro quo (com pra quê?) e você viu o sol nascer quod'rado. Mas o mundolssohn, saca som, é, foi e estará escrevendo suas próprias runas pra sempre, homem, em todos os assuntos quicaem

sob proib'som de nossos sentidos infra-rationais antes de sonar pelúltimo leitmotiv-derracamelado, a artéria pulsando entre as sobranceiras, ainda tem que mohammeditar diante da tumba de sua bela prima shakleópatra onde sua vida é lida pela palma da mão dela. Mas o ruidoratório, a babeldeira, o dia do apocalipse não são agora. Um osso, um cristal, uma pelidiovelha; lasca-os, racha-os, corta-os até quia faca os separe; deixe-os pra terracozer no caldeirão: e Gutembrega com sua galaxicarta magna, prensa de tipos molotóveis e super primer deve diuma vez por todas superar a palavra falhada pelo palivro impresso simnão não haverá mais virtude no álcoolrão. Porisso (o raptado louvanta e avisa) é quio papiro é gratificante, graficalizado, desinforma e informa imprechistões na imprensa. Até que finalmente (embora sem puto final) seja a e b suado com o conhecimento do Senhor Typus, a Sem hora Top e todosos pequenos typtopies. Pontodopoderoso. Então não precisa me dizer nunada como cada pluralvra nos impele a coconstruir três milionézimas vezes dez leituras caótothicas ao logos do livro de Doublends Jined (que seu semblante obscureça com lama caleidoscópica!) até o Dialetho, maizumaizumavez, que abriu o fecho da. Dor.

Não chore ainda! Há tanto sorriso pra Nondum, com sexytes donzelas por homem, senhor, e o parque é tão escurinho sob candelabreus. Mas vejazz o que tens em suas mãocbeths! Os tipos móveis riscrevem in motions, marchando, volvendo, em pitpat e zingzang pra cada ocopado lacraio cantar um conto da histórelha do verbo. O um tá sóbrio um thormilho e o dois ta atrás do salto letal e o três entre camas verborizadas. E o pintinho palestrou seus dentes e o bubu burrico cocô meçou a gaga guejar. Pode perguntar pro seu asno siele acredita. E então meu rúnico burrico escoiceolhou ouvendo. Aquele alí bobão com esposa e quarenta filhões. Pois então era a idade em que os esperançarcos eram altos. Dium noé arcado iuma costelesposa; diuma bocepultura cheia de maçã iuma família de leviandade; ou de aborrecentes dourados que ambichonem castração; ou do que la celestina fez um homem fazer. Papau mal coisou-se e virou induçarino pelos frisques de suas frasquezas e seu atraente pirihipiripiripi. Maye faye, ela é la gaye danciência dessa serpenteante mulher! Daquele pé de bailar rima tripidado shak'espera-se lamber o som or! Véu, vó latina, valentine eyes. Ela é a mais besti ar Wentaniatzsche a soprar

acima do bom e do Não. Flor'inndo, Flor'anndo. H₂Ore! Pode-sim dizer sim dúbiada
 quiela não era nós! Mas finnque deltadinho, nóbel

[20]

homem, estamos constrouindo um noruegago. Então ventoventaninha mi live sim
 destino. Co mar sim! Ele já som bia. Leia o som! Leia o som! To fazendo ouvisso.
 Houça, a caiposição ecoar! E as notas de rondó pé mitomorfoseiann-sim.

Era maizuma vez uma noite, tarde, no tempo dos piratos, na arboridade da
 pedra, quando Adão era delfinn e sua madamina girava em manguevais, quando o
 homem valentão tinha um mulk montanhesco e a primeva lealdra de costela já sepente
 ann dava a todozos adão oradores dos seuzolhos ao pai sonado e todos viviam
 armáveis com todozos zoutros, e Dom cai Muro tinha sua cabeça queimada na cópula
 de seu castelâmpada, firmando as mãos frias sobre si mesmo. E seus dois
 gemoleques sons'censores, nossos primos, Tristófofo e Hilariê, enfiavam o TT na jaca
 da sua hermanequim debaixo dos panos lambuzados de seu homeroffice, castelo
 erisodência. E, diarmaidçoada seja, a swingular sobrinha legitmá que vem pra sua
 fallortaleza hospiadeira, a parkkkeradora. E a parkkkeradora arrancou rosas e fez
 xixiste na frente da purtaria. E ela se iluminou e incendiou a terra do fogo. E ela falou
 ao purteiro em sua cunilinguinha perusiense: Mark Macornoíma, por que será que será
 que pareço uma poção de cerveja e ervilha? E foi assim quias whiskaramoças
 começaram. Mas o purteiro retrucou gesticulando a sua graça em oi lindez a nassau
 la dor: Fecha-te Sézamo! Então sua graça o'malinche raptou o gemolequinho
 Trisfófofo e shandycamente pela oestensão ela choveu, choveu, choveu. E Dom cai
 Muro saiu guerreando atrás dela pragaguejando chuaves swingamentos de pomba:
 Stop sonqueadora stop e volte pro meu eire do reino stop. Mas ela lhe ririuspundeu:
 Improbabelmente. E chorou fogo no molhado na mesma sabotada noite de anjoyces
 caídos nalgum lugar no Erio. E a parkkkeradora partiu pra Voltaomundo em quarenta
 anos iela lavou as bênçãos do sujamor do gemolequinho com ensaboagens de gulliver
 iela teve seus quatro mestres desencorujadores pra lhe dar comichões iela o conver
 ateu a uma fé integraal em doeus iele se tornou um luteromem. Então ela desenbestou
 a chover e chover e, rouborizada, ela voltou pro Dom cai Muro's num biquini cavadão
 pro verão e o gemolequinho com ela em seu decote frontal, rendadinho à noite, noutra
 édipica. E dondiela ia sim não no bristol do bar dele? E Dom cai Muro afogou as

mágoas da sua capital dor de calcanhar em sua adega de malte, agitando mãos quentes consigo mesmo e o gemolequinho Hilariê e

[21]

a hermanequim em sua primeira infância estavam sob o valençol de lágrimas, sassaricando e saussurrando, no mano a mana. E a parkkkeradora berliozcou um pouco e fez-se fugosa noivamente e galindos vermelhoitica voaram como finnix ao picasso da colina. E ela fez o juízo finn annal diante dos ímpios, proverbiando: Mark o Tal 2º, por que será que será que pareço duas poções de chopporter dervilha? E: Fecha-te Sézamo! ordenou o mahlervado, contraponteando sua maldestate. Então sua maldestade 'profetizangada' devolveu um gemolequinho e roubou o outro gemolequinho e por todosos caminhos de Lilith puta pra Terra das Mãelheres ela chouve, chouve, chouve. E Dom cai Muro baritonou atrás dela num alto finnalgalês: Stop mudosa stop ritornelle cu meu brinco olhão stop. Mas a parkkkeradora somfismou: Me gusta mucho. E como outrora um thorporau mitralhou ganniazos naquela noite de estrelawrences nalgum canto no Erio. E a parkkkeradora foi caminhando e coitando pro Riotornello ao mudo em quarenta anos iela mezzo-soprou as maldições de seião piratruck como caipintão gancho penetrando o gemolequinho iela era poçãoedda pelos quatro mal estros lexicastos pra tocar suas lágrimas de amozart iela o bachtezão sob pré seitas escristãs iele virou tristiannista. Solo então ela começou o showva, showvendo, e num par de trocas, por outro lodo, estava de volta ao Dom cai Muro e Hilariê hill com ela sob seu fel delta. E por que de ver ria ela son cegar se não na senzala de sua coisa grande enredando noite aflora o terceiro encantamento? E Dom cai Muro rebojava sarrando no ar tal furacão atrás do armário, ruminando em seus quatro estômagos (Dare! O dare!), e o gemolequinho Troncudo e a hermanequim seamavam no lençol d'água, beijando e glosando, e espermeando e ofegando, como patricklhaço e santinhadopaubrígido em sua segundinfância. E a parkkkeradora escolheu um fogo pálido e epifanizou e os vales brilharam. E ela fez suas gracinhas diante do arcaminho do triunfo, parisguntando: Mark von Tris, por que será que será que pareço com tris poções de brahms choporter dervilha? Mas foi assim quias whiskaramoças finnaram. Pois como os campbellneses vieram com a foice e o martelo de raios, o próprio Dom cai Muro Boanerges, o antigo terror das damas, veio o hip hop da quebrada pelo corcuvado arco da cúpulapa de seus três

isoladublins castelos, com seu chapéu cornovalesco e seu colar cívico e sua finntasia gilgamexicana e seu cú é cão decoro saxão e suas calças pega-ragnarpaz e seu bandoblin choroso e suas famosas

[22]

galochas perninsulares comloridas em rubrião ai magrelo azumbi do palmeiras laranjaão em sua violeta indigonação, em toda longodisseica força quitada do arqueiro filoctetes. E ele deu um tapinhanãodói com sua rude mão no hitch cóccix dela e ele ordenhou e falou seu grosso spch spck pra ela fechar a fábrica, trovadoida. E o trovãodor encontrou o shot dalegria (Perkoduskurunbarggruauyagokgorlayorgromgremmitghundhurthrumathunaradidillifaititil libumullunukkunun!) E todos beberam grátis. Poizum homem em sua armadura era sempre oussom duro de ouver pra qualquer lolita de shortinho. E essa foi a primeira paz de pun&zia iliterativa em todo o fátuo fluir flamejante do mundo. Como kirssy o tecelão fez um terno encurtador pro capitão Noruogrão. Virás comuma onda nú mar. Entre vós e sois. A parkkkeradora teve que capituninar sua caravelha pirata e os gemolequinhos pra manter a onda da paz e cai Muro peidou pra dar impulsionar o vento. Assim a escraouvidão do burgess felicita toda a polis.

Ó pênix culpark! Eis que duanjo malo vem uanjo bonum. Colina, ribeiranna, dubliguinensess em companhia, aquartelados, ao menos orgulhosos disso. Tenor que cavalga valquírias! Só porisso não vai dar um cheiro no cangote Nordicaótico ou exalar o Irlandulce segredo de seu elixiste. Pedra silente, frio Homi Noruequizz! Alegre flor ai joelhada, Livia Não responde? O santo swingário o encobre, carrancudo; audiuriente, ele escoitaria, se tivesse a moussinha à mão, ou bebatalhas ruidassem além da berreira do som. Mark, seus vales turvam. Com os lábios ela labeija-o por todo o tempo de toque sobre toque e tom sobre tom. Ela he ela ho ela ha pra lá. Acasos cabeludos, siele aceitasse o seu mau-galhado! Impalpado na somliência, ele detesta. As ondas sonoras são seus bofetons; quem não o comunica o trombica; a onda de vivavais e a onda de silênxiuu e a onda de e..e..e..exitação e a onda de nuncouvirsambaequestradonumanotasó. Abandonado por sua warmada vizinha e perpetrificado em sua prole, iansântos e insóbrios, as pianotícias mitotinas poderiam teclar-lhe o finncebook de cad a rabo, o tal bocaberta de cujus cor pão somos devoradores, que desbundamos pra sustentar seu áli bumbum, ou ela pra soprar suas vergonhas, o tal bocálice cuja vinhuva nós bebemos, que golpe de sorte num pecar

diolhos, criadora da nossa raça e lavadeira, não haveria um santo espião na cidade nem vestal esvoaçando no cais, nem pra whiskrever vogais bêbadas, nem um teixo nem um olho

[23]

pra brincar de pega-pega em Novo Nilbud à luz de lampião nem jeca tall toll e tolo indiciado por covilniência.

Ele cavou e cavou pela arte de cultivar sua literaterra pessoal e por todosos seus pertencentes e ele fez sua horda suar sob seu auspício pelo ganha pun e incendiou seus mortos, aquele dragão voador, e ele piolhou por nós e nos entregou à violação dos vermes, amém, aquele poderoso libertradutor, Unfru-Chikda-Uru-Wukru e por scristo o gerou, nosso mais venerado ancestral, até quiele pensou em mulhorar sua casa de viuventania com aquela capa marktroxa sobre ele diorelha a orelha. E maizuma vez poderia sussurrar caligramas pracordá-lo e dar um maio dinoivo quando a ardente fênix dezembrarcar. E maizuma evez suas primeiras estórias hão de ser coitadas por manuelzão a seus miguilins. Veio com vinho pra minha boda, trouxe noiva e enchuval, fará festança por minha mortança que é um? Acorde? *Uisque-a-go-go!*

Adão estragou-se ao deus zé buda! Cê achô quieu ia bater as porters?

Agora pare de quebrar a cabeça, bom Senhor Finnimore, sir. E fique tranquilo como um deus aposentado e não santiagodecompostele no exterior. Claro que só se perderá em Heliopólis agora pelo jeito quias vias da sidarte de Kapilavastu são labirínticas após o calvário, o North Umbrian e o Fivs Barrow e Waddlings Raid e o Bower Moore e molham os pés quiçá c'orvalho nevoento de l'étranger. Riunindo-se a um falido velho doente ou ao burrico de são asttericks com suas ferraduras escoiceais, clankatachankata, ou a uma proust'tuta roncando num banco cum bebê impuro. Se voltaria contra a vida, se suissygnificaria então. E as condições mitorológicas sanguenificariam também. Afastar-se de Zebedeublin é difícil como Nugent já sabia, deixar o puro emaranhado mais luxurioso do quia insuperável grama do vizinho mas não permitir quio seu fantasma opere traquinagens. Você star brilhando mais fora, sir, aí ondistá, vestido primeirosamente, colete de águia songuinária e tudo mais, lembrando suas formas e volumes no travesseiro de seus bebês cacheados sob a felgueira à beira da anágua onde o barro de Tory aterrará os vermes e satisfará todosos seus desejos, bolsa, luvas, cantil, canilvete, lenço, anel e sombrero, e todo o tesouro da pira, na terra dazalmas com Homer Simplessom e Brian Bach Roco io

velho paurata Lonan e Nabucodononsense e Guinnghis Khan. E aqui virão, los
hombres que juegam buraco, pra varrer teu cascalho e te trazer

[24]

presentes, não é, fenianos? E não é do nosso cuspe que te pouparemos, é ou noé,
druidas? Nada de pequenos vudus egípcios, dinheiro sujo e imolhares fugidios você
compra nas ritualojas de sepultamito. Mas augustazoferendas dos campos.
Milágrimas, que Doutor Faustupi, o curandeiro, ministrou pra tua melhora. Santo
daime um passe de saidoria. E mel é a coisa mais santa que já hexistiu, colmeia e
favo e cera, alimento pra glória, (lembre-se de cuidar da infusão ou seu caoslice de
néctar pode dar muita clarividência!) e uma pintada de leite de cabra, sir, como a
lacan'aia costumamava extrair. Sua fama sestende como a pomada do Primo Basílico
desde que Fintan Lalor assobiou sua revolução lá longe e há famílias inteiras além do
mau Báltico e evocam nomes depois do teu. Os finnlandeuses aqui sempre falam de
ti sentados ao redor dium porco balofo sob a sagrada árvosiris do céu, sobre os
recepientes da memória onde cada cavidade guarduma relíquia, com uma promessa
de libeldades, na Casa do Salmon. E adoração ao nosso super caceteirlandês, onde
o suor das mãos no pico é a marca do teu manumento. Todos os lances de dedos já
roídos pelos Eirenesianos são lascas talhadas desse ébano. Se foi escravo e
comprado e tropeçou em si mesmo desde o início da opressão foi pra quios colonos
empacoitassem em abundância e quando usted foi chibatado em todozos pontos
antes das voltas das deusas foi pra mostrar a nossas mucannas quão fácil era se
libertar. O velho jogo de O'Gunn, deuzem puraí, (exucaveira!) que foi um plantador
pra ti, um temperador de todos. Begog, mas ele era o G.O.G! Agora está a sete palmos
de terra e optamos por abrir as feridas de sua condenação mas oramos por seus
grandes membros, a gandhi buda, repousando na justeza da cinta-liga, enquanto os
milhões de faróis acesos de Tuskar velam o Mar Moylean! Nunca houve um senhor
da guerra na Grã Irlañña e Biltranha, não, nem em toda Huckleberrylândia Finn como
tu, dizem. Não, nem um rei seja ele rei supremo, rei caça cheiro, rei verso ou rei
controverso. Que tu podia derrubar um olmo que doze pentelhos não conseguiam
abraçar e içar até a pedra na qual Liam falhou. Quem senão um Macoolluhan o
multipecador de nossas fortunas e o fauno da tardengraçada no funeral pra
compreender nosso acauso? Se tu fosse o incrível hulk berry e mais cinquentões
como ti procurassem águas calmas como as do seu poço bíblico ou cartesiano quem

seria o mais indicado pra bombear Sua Graça? Mick Mac Magnus MacCawley pode levá-lo à

[25]

perfeição pura e Riobaldo do Bernal de Couro pactua no meio do redemoinho e saca a peixeira. Mas como Hopkins&Hopkins o enredam, tu erum pálido e poche ium dom caixote registrador. Nós o chamamos de jungneral Buckley desde quiele Jerusalemarchou na Arssia Manor. Tu tinha um galinzizék mais desafiador do que Peter, Jack ou Martin e teu arcano ganso dos gansos gasnou pelo Dia de Todos os Anjos. De modo que o padre dos sete vermes e quente pra diabo, Papa Trawestray, jamais se aproxime enquanto teu cabelo se enreda ao lado da nascente do Liffey que está no Céu! Help, help, hurrah alá! Herói! Há sete ciclos nós o saudamos! O saco cheio de kits, incluindo plumas falcônicas e botas ama zonas, estão onde os jogou outrora. Teu coração tá na constelação da Loba e tua cabeça cristã tá no trópico de Capricorno. Seus pés tão no claustro da Virgem. Seu olalá tá na bacia dazalmas. E foi nessas umbandas que tu nasceu. Teu casulo germinou art&manhas. E isso lá no Texas é saco de estopa. A odisseia solitária pra Lafayette cegou ao Finn. Siga teu curso, querida! Não desista! O viorgia noturno da culpaela de Isolda, Totumcalmum, disse: te conheço, methyr dinha, te conheço, barco da salvação. Pois já performamos sobre ti, abrominação, que vem sem ser invocada, cuja vinda é desconhecida, todazas coisas da companhia dos corifeus e dos gramáticos da ordem da paztrick de Cristo concernem a ti no caso da construção da tua tumba. Howe dos marinheiros, paredurma em paz!

Tudacontece da mesma forma ou então atraí a todos nós, nantiga casa na árvore aqui. Tosses por todo o santuário, mau presságio da minha tia in Florenza. A vuvuzela no coffeecoffee da manhã, o gongo no almoço e o ticoticonofubá no jantar. Tão popular como quando seu Barriga o Primeiro era rei e seus membros se conheceram na Dieta de Man. A mesma esopa sopa na vitrine. Bis coitos da sorte de Jacó e Dr. Tipple's Vi-Cocoa e a sopa dadiscórdia de Esaúards ao lado do xarope da Mãe Gaivota. O caldo entornou quando Persífilis O'Reilly brochou. O carvão tá no Finn mas dalai-lama abuda no quintal. E a cevada maizuma vez subiu, implacável. Os rapagões tomam lixões regulares na whiskola, sir, soletrando bu-si-ness de joelhos com chapéudeburro e papirando em taboadas por mudaplicação. Tudo pelos livros e nunca descabelando o palhaço

[26]

após Tom Bas Aquino Meu ou Tomás Turbando. Disraeli a verdade! O que é não pode não ser, pathoricks romanos? Tu foi o progeniator de duazalegrias na manhã em que vulvieram à luz e ainda será um vovô inteirão quando a mão ritual apreender o quio braço do warmor já sabe. Kevin é apenasum bambino com sua bochecha de querubim, pixando ogros nas paredes, e sua lanterninha e cintuescolar e maleta de magicartas, brincando de carteiro e foucaultruas ao redor das minas e sea sopa fosse leite tu poderia ir em busca do tempo perdido ao seu lado mas, pelamor de laus, o diabo às vezes podestar naquele tihoso do Jerry, o plaidboy tatarana, fazendo tinta indecocôrosa da última de suas vidaslavadas e escrevendo um risco azul na camisa do seu ariversário. Hetty Jane é filha de Mary. Ela virá (pois estão certos daicolha dela) em seu branco de ouro com um tourque de hera pra reacender a chama do Felix Day. Mas Essie Shanahan abaixou as saias. Tu te lembras de Essie no nosso convento de Luna? Eles a chamavam de Santa Maria dos allegros lábios rubros e Pia de Purebelle quandoos mineiros corados rebelavam inconfinndências sobriela. Sieu fossium marceneiro designado da madeireira Williams&Woods eu denunciaria esses poterstantes em cada batente da cidade. Ela compõe raps à Lanner duas vezes por noite. Com o tam tam borim da rodadessamba. Batuca essa cachucha. Dilataria teu cora'som ir lá.

Reisy agora, homem decente, com seus joelhos e fique quieto e repouse sua honorável senhoria! Segure-o aqui, Ezekiel Irons, e que Deus te dê força! São nossos espíritos calientes, muchachos, ele os fareja. Dimetrius O'Flanigan, saque a rolha da cura pro clã do MC'Carty! Nadas-te o suficiente desde Portobello pra flutuar o Pomeroy. Vá buscar a lá, Pat Koy! E agora é a tua vez, Pam Yates! Não tenha medo de Wramawitch! Aqui é o limbo. Onde a neblina reina, onde nenhum intrometido é acolhido, onde mistérios vertem lembranças, Ó sonolento! Que assim cerveja!

Tenhum olho no malucobeleza Behan e na velha Kate e na manteiga, confie em mim. Ela não fará bumbameuboi com seus souvenirs e cartões postais de guerra prajudar a edificar meu murmurial, torredebabilda! Vou cair nas suas arapucas! Garanto que lá o que é é! E colocamos o relógio novamente, sir, pro sinhô. Nós sim ou não sim, lords gagonanciosos? Assim não vai poder rasgar dinheiro. Nem semear seus restos. A roda traseira da nau gira com força. Vi

[27]

tua sinhá no hall. Como a rainha dueire. Arrah, é a própria bella que diva, ademais, deuspensa comentários! Lisa como seião? Tu bhagavad-agita Harry krishna meu Harry krishna maior que gaxa infinita e história de pescadora. Mahabharagiteasmãos. O diablo não vale o tridente que cutuca na que ficou de calça arriada pela lex salica. Boald Tib bocejazz e sorri gatunamente a eras na banquetta dalmofada redonda de lã de Jackastor Pollox obshivando-a caosturar um sonho juntos, a filha dualfaiate, tecendo até o finn. Ou encanto espera pelo inverno pra disparar o encantamento, seduzindo mais passarinhos pra cair no feitiço. É um baita alavalonche que devasta a vã gina comida. Sestivesse alá apenas prexplicar o significado, o melhor dozomens, e falar prela da platinada beleza dueldorado. Os lábios umedeceriam maizuma vez. Como quando a liviou pra Feira Findrinny. Que com rendas aqui e fitas alí todazas tuas mãos estavam ocupadas de forma quiela nunca soubesse sestava em terra ou mar ou mergulhada emu ma ideia toda azul como a noiva de Airwincques gagan. Ela era namoradeira e ainda é vibrante. Ela pode secundar uma música e adora um escândalo quando o ultimo post é feito. Apaixonada poruma sanfona e dança a dois quando teve seus quarenta anolhos piscantes pra jantar após caimponês e abel confeitiro e inválida em sua cadeira de merlin, lendo seu Evening World. Pra ver o editorial médico, reputagens inteiras ou coluna social. Noitícias, noitícias, todazas noitícias. Morte, um leopardo, assonsinatos fezrozes em Fez. Cenas de raiva no Stormount. Stilla Star com um felizardo na virília em gaway. Feira dioportunidades com as inundações na China e ouvimos esses rumores rosados. Dickfarney e Tomjobim bhavagad-agitam sobre o mesmo Harry krishnaraleão. Ela busca seu caminho, um háháhá um hóhóhó, dentro e fora de sua workistória in progress, *Les Loves of Selskar et Pervenche*, livremente adaptada pra *The Novvergin's Viv*. Haverá campainhos mar íntimos soprando em sepulcros salgados na noite em quiela assina sua lágrima final. Zee End. Mas isso é um mundo de caminhos deltantes. Até que seu ciclo legisle o tempo. Nenhuma argêntea cinza ou encruzilhadas prela! Enquanto fulguram chammas orgulhosas. Anna Stacey cómo estás! Cintura amada idolatrada nobre nobre, exalta Adams&Filhos, aspirante a ossianista. O cabelo dela é castanho como sempre. E flexível e ondulado. Repousa águora! Finnando o pessoa!

Pois, por mais quieste seja o mesmo substitruta do salmão fígado, já existe um inrizeustível grande cordeiro lançado ao acaso no bordeular de seu

[28]

vício pela dannada, como me coitaram. Negócio ilícito, florescendo como um lordmajor ou um baobar subarbano, iliminando quedas num duplo mortal carpado (soltinho!) ao barlavento mas levantandum maestral mastro a uma jarda (Ivanhoeh!) do lado da brisa (por schowmann!), daltura da chaminé de Brewster e com a base sólida como Phineas Barnum; em transa partilhada sob o showveiro o grand fallar dele chega ao chão, cuma esposa conservada em dst's que é um avião em chamas e três piolhinhos oxiúricos, bichos da seda gêmeos e uma pulguinha virgem. E mascarado ele cursou e ricorsou e sempre foi visto ou seguindo seus quatro andamentos proverbiais ou sem jamais ver o que espírito santo sabe, chora a nuvem celestial por testemunhar risos maldosos, e issy bastará agora sobre os feiticeiros e o sexofrágil. Embora Esopun o finnbule ao zéfiro e Zoom'ratrusta o cabale ao redor dos céus infinitamente. O Criator criou pra suas criaduras ânnicas uma criação. Monotóide branco? Teatrocrata vermelho? E todozos profetas cor[∞]de[∞]rosa juntos? Muito mesmo! Mas por mais que tenha suiteza diuma coisa, o que o xerife Torah tristemunhou e o Mapqiq pontuolhou, que o homem, Humme, o Comum, Esc, manipulou o que pensávamos dele, até então um resputável de nayme, chegou a essa escola cromática do tempo em que vivemos em nosso fermamento paroquiatonal de ondas sobrepostas, cum pancadão dantesco dos infernos, a canoa carôntica de mastros gêmeos, *The Bey for Dybbling*, a primeira gôndola a visitar este arquipélago, com a carranca da proa inspirada numa mera atriz de wicklow, o dugongo do mar morto saltando de suas profundezas, e vem se autocensurando como um peixequespeare nesses sessenta em dez ânus desde então, sua influênciaugustiante por seu trocabrilho, atrapailha e a judas, cultivando lavhorus sob seu turbante e transformando caldo de cannaã em amido de sethlulose (o fim de Tuttut pra ele!) como isso também, whiskondendo o impávido colosso de que se vangloria quando inebreuado, nosso antigo criminoso era humilde, comeanalcativo e insectuoso por nadureza, que vossa pessoa pode aferir pelos miterônimos postos nele, em abundância de línguas, (poeta da mensagem e louvadedado seja!) e, toth alizando-o, até hamissim de himashim que ele, sóbrio sério, eli éser ee não éser contraponto ao compochistor respunsábio pelo desassoucego humus'heurístico causado no Édenburgo.

[29]

II

Agora (prantecipassar pra sempre a comicideidadezinha d'a Trees Íris e Lily O'Range), concernente à gênese do agnomen ocupacional de Harold ou Humphrey Chimpden (riotornamos ao período pré-sobrenome do paleoapelidolítico, justo quando enos caricaturou hallmadilhas) e descartando diuma vez por todas eças queirozentas teorias de fontes maizantigas quio ligariam de volta a ancestrais pivotais como os Glues, os Gravys, os Nordestinos, os Ankers e os Earwicques gagans de Sidlesham no Centenário da Machonaria ou proclamá-lo deus sem dente de vikingaceiros fundadores de sexmarias e da terceira margem do rio em Herrick ou Eric, a melhor versão autenticada, o Dumlattes, leia a Leiturah de Hofed-ben-Edar, o que é o que é é assim. Somos comunicads como no caosmeço sucedeu tal qual o couveiro Cincinnatus o grande e lendário jardineiro se protegia do sol sob seu pound-brasil numa abafada tarde de sabbath, Hag Chivychas Eve, na paz do paraíso pré-queda por seguir sua busca por raízes no jardim do lacanbaré (manicômico), velho royal marine hotel, quando a realeza foi anunciada pelo mensugeiro por ter tido a nobreza de fazer um pinto stop na estrada, ao longo da cual um cãoçador de raesposas seguia apaixonado, também a pé, poruma matilha de donzelas cocker spaniels. Esquecido de tudo salvo sua lealdade de vassalo ao etnarca Humphrey ou Harold não ficou pro jugo ou montaria mas saiu tropicando de cabeça quente enquanto (sua bandanna suada pendendo em sua algibeira) se precipitava ante os tribunais de seu público em crinaldas, barrigueira, cachecol indiano e xadrez, mais quatros, tornozeleiras e enigmáticas botas buldogue-cinabre com

[30]

estragante marga, tilintando as chaves do pedágio e erguendo-se entrias empalantes baionetas fixadas pelos batedores numa alta vara sobre a qual uma floreira foi içada com cuidado na talha da terra. Por sua majestade, que era, ou

frequentemente fingia ser, visivelmente míope desde a verde juventude e pretendia indagar o que, com hefeito, causou esses buracos na calçada, pedindo substitutivamente pra ser pesclarecido sobre se o pairarucu-nosso e os peixe-vulvadores agora não eram mais atraídos por honestas iscas pra captura de lagostas e avant-garde Haromphreyld respondeu num naum atonal tom muito similar cum semblante destemido: Nãoonada, vossa mahlerjestade, eu luto apenas pra caçar esses bischoenbergs duouvido. Nosso rei marujo, questava entornando um googlole de óbvio adam pale ale, ao mesmo tempo oferenda e ogunloseima, após isso, cessando de engolir, sorriu de todo o coração sob seus bigodes de morsa e admitiu que nenhum humor era tão genial como o que do lado miterno William o Conchistador herdou tal qual a mechabranca hereditária e uns lancesdededos nanicos de sua tia-avodka Sophy, virou-se pra dois de seus soldados de óculosdessolness, Michael, senhor vitalício de Leix e Offaly e o jubilado prefeito de Drogheda, Elcock, (os dois punzileiros são Michael M. Manning, protossíndico de Waterford e um excelentenor italiano chamado Giubilei conforme uma versão posterior citada pelo cainônico erudito Canavan de Canmakenoise), em ambos ocasos uma tríptica família reliorgiosa simbolizando a puritas de doutrina, negócios por tradição e a socratraficalização de cicuta onde as vocações eclesiásticas crescem e observam a dulcedulcinea: Sagradozossos de Saint Hubert como nosso templário scarlatti da Pomegrannia iria cremar audivelmente se sombesse que temos por ofinncial dinjustiça um picarista que por sua vez é um bailarino pica não menos raro quium zoreiarwigger! Poizele parecia Jom Pill com seu cãesaco de corno tão gris e seus fantasmas caseiros no seu luto&manhãcolia. (Um aindescuta aquela gagalhada incrustada de seixos, japijap allegroallegrinho, entre a árvore plantada à beira da straussda pela lady Holmpatrick e um ainda sente o amassivo silêncio de cláusula pétrea allegrorizado: Eu sou forasteiro de Bourn.) Surge a pergunta se são esses os fatos de sua nominigentilização conforme registrado e fic'shownalizado em pluralelismos ou em cada uma das andrewpaulmurphycas narrativas colaterais. São essas as fatalidades que lemos em sibilino entre o *fas* e seu *nefas*? Não há bosta

[31]

na rota. E nosso lar será como Nohomiah? Sim, Malachy nosso hábel rei khain nibal? Talvez não o veremos tão cedo. Os Pinck-ponkes que afiançam a busca pelo esperanto-santo onde estabelecem spectrativas com santauros. Tenha em mente,

filho de Hokmah, se assim metes annfinntamina em tua loucura, que este homem é montanha e ao mitomorfosear-se no uno ascende. Deixemos de lado a falácia, tão púnica quanto fínnika, de que o rei não reinava sobre sí nem lá mas suazirmãs inseparáveis, insaciáveis coitadoras distórias noturnas, Skertsiraizde com Donyahzade, que mais tarde, quando os clowrentaladrões dispararam nas socialights, bajaron al mundo como palhacinhas e foram encenadas por Madame Sudlow como Rosa e Lily Miskinguette na pantomina que duas arlequinas paitrocinaram, Emiliodora e Galateia. O grande fato emerge de que após essa data histórica todos os hológrafos até agora exumados assinados por Haromphrey exibem a sigla H.C.E. e enquanto ele era somletrário e gandhioso e sempre o bom Dook Umphrey pros sem-terra famintos de Lacanlizod e Chimbers pros íntimos foi com celteza igualmente um divertido hilltornello do populacho que lhe deu como sentido dessas letras normaltivas o apelido de Homi dos Caosminhos Errantes. Um imponente tudojutaemutturado ele sempre pareceu, constantemente o mesmo e igual a si mesmo e magnificamente digno de toda e qualquer universalização, toda vez quiele avaliava continuamente, em meio a vocifeorações da frente de *Aceite essas poucas nozes!* e *Tire esse chapéu branco!*, aliviado com *Stop van Grog* e *Registre-O no Papiro* e *Lootem em suas* (faíem basco) *Botas*, do início promissor ao finn annal feliz a assembleia fielmente católica se rezaunia no saloon de festa do rei do satã sobre ilustres carros allegróricos e holofotes de seus bundalelês uivaiantes e boibumbach's praplaudir por annanimidade (a inspiração de sua vida e os tiros certos de suas carreiras) Sr. Wallenstein Washington Semperkelly de grande imersão veredas numa performance pactuada por soliexcitação especial com a cortês permissão pra finns piadosos a centoeonzézima performance do problemático jogo da paixão mileannar, que continua forte desde a criação, Um *Divorce Royal*, então próximo de chegar no pontogeme de seu clímax, com ambiciosas orquestras intervahalladas em seleções de *O Bonde do TimGirl* e *A Lily* em todazas noites do show da cavalaria showb cowmando de seu cowmarote vice-real (seu ruei chapéu

é um bambambam lá, um picapound que cuca pelos cantos menos eminente quios rituais arcebichopapais de Maccabe e Cullen) onde, o verdadeiro Napoleão Enésimo, nosso mudoaudiomente kkkonhecirco hahahator de peças piadais e aposentado como um cecelticocomediante por seus próprios méritos, esse popularcestral de todozas eras sessentou, rodeado por toda a sua casa, com o invariável cachemacool gelidamente esticado por todo o pescoço, nuca e omoplatas e um smoking cubista da vanguarदारroupa completamente jogado pra trás duma camisa estilizada com passarinhos, em todozos pontos superando o engomadinho erikkk satie'rico já muito batido e o topete escultural dos altores no fosso da orchestrauss e na primeira fila do anfiteatro. A peça era a seguinte: olheas luzes. O elenco era assim: olheazoras sob a ampunheta. Figurino damático: as capas podem ser deixadas. Orquestravinsky, promoters e plateia, apenas em pé. Habitués conspicuamente emergentes.

Um significado mais elemitar foi lido do inconsciente desses personagens cujo sentido literal de decência dificilmente sugere segurança. Foi brutalmente signifofocado por certos piadistas (os flatos de Mohorat estão nos enredobscuras da manhã), quiele sofria duma doença vil. Desalmados, vão atomar no cobre^{Cu}! Ante tal sugestão a única resposta que se prese é afirmar que há certas convicções que não deveriam existir, e que alguém gostaria de poder acrescentar, que não devem ser permitidas. Nem seus detratores, que, uma raça de sangue imperfeitamente quente, aparentemente o concebem como uma grande lagarta branca capaz de toda e qualquer enormidade do calendário registrada pro descrédito das famílias Juke e Kellikek, retrataram seu caso em si nuando que, alternadamente, ele atentava ao pudor da é pica sob a desmoralizante acusação de importunar fuzileiros galeses no park do povo. Hay, hay, hay! Hoq, hoq, hoq! Fauna e Flora na grama amam esse joq tatu anciãozinho. Pra qualquerum que conheceu e amou o aspecristo do gandhi gigante mente limpa H. C. Earwicques gagan durante toda vossa excelentíssima longuexistência viceliberal a mera sugestão dele como um sherlacanhume tarado porintrigas parecium teatro duablinsurdo particularmente armado. A verdade, pelas beababaras do profeta, obrigaralguém a acrescentar que hillata-se ter havido quondam (pfuit! pfuit!) nalguns casos do tipo quimplica, acredita-se interdum, um quidam (se Ele não existisse seria necessário quoniam inventá-lo) naquela época stamboulando

pelos califados de Dublaingdá em alpargatas com inscrições nebulosas que permaneceram topanticamente anônimas mas retratemo-lo como Abdullah Gamellaxarksky) foi, afirma-se, mensageiro em Mallone morre e na instância de é viado especial de guerra do comi-te espião e anos depois, clama um ainda maior, Ibid, um comandante dos assustadores, aparentemente, praqueles que foram saciados pelo insultão, bateu cabeça (pfiat! pfiat!) esperando o retorno do seu primevo fruto do mês praquele chopp apa kadabra alicubi na velha casa do rockoveiro, Roche Haddocks ao longo da Hawkins Street. Lowe, seu loiro loroteiro, Gob te obcenou nu lugar mercado e ela que é a doméstica edith piarf corrompe esses boyolans! De fato há uma festança em home'nagem daquela odin ceia. A calúnia, por mais fake nudes que seja, nunca foi capaz de convencer nosso bom e grande e nada zizék ninguém Southron Earwicques gagan, aquele homo gênio, como o piadoso autor o chamava, de qualquer impropriedade mais grave duquiaquela, promovida poralguns guardas henryflowrestais ou paparazzis, que não ousavam negar, os tremores, quieles tinham, chin Ted, chin Tam zinho, chinchin'roró Taffyd, naquele dia venderam a alma pro diabuísque, por terem sido maus meninos com atentado imoderado ao pudor ante um apetitoso par de empregatinhas na imponência da cova de junco para onde, segundo maizoumenos alegaram a duas colegiais e pin-up's, a damãe natureza em toda inocência espontaneamente e quase na mesma hora de criança ir pra cama enviou as duasbias mas cujas publicadas combinações testemunhais de pele de cordeiro são, onde não duvidosamente puras, visivelmente divergentes, como teia diaranha, em pontos menores que tocam a natureza íntima duacontecido, um primeiro delito no verdin do eden que foi uma conficção de indiscrições mas, em sua selvageria, uma exposição parcial dadás as circunstâncias ateu nus antes (garden jardim veredas ondiuomem mostra a serpente pra minininha) como um verão anormal de Saint Swithin e, (Je suis Rosa de saron!) uma ocasião propícia pra provocá-lo.

Não podemos viver sem elas. Esposas, corram pro berçuesplêndido! De mano pra thomasmanno enquanto led é lol. Nonsensitado é nosso akadêmico, alphavillalinguista, peixescritorcanalista. África, por ares frescos, el mundo nov, carne violada! Se élilith é um lírio, puxe cedo! Pauline, ceda! E maxiitas abusados, fique nu escurinho, finque nu escurinho! Sabia dinonada inocente de muitas acusações e ao menos numa epifania ele teve clareza sobre expressonhos do inconsciente como

ainda portador di um traço de seus erroísmos passados e dali em diante foi réucebido por nós

[34]

quio quié parece quié verdade. Eles contam a história (um amálgama tão absorvente quanto cloreto de calzium e esponjas hidrofóbas poderiam alquimizá-lo) com uma despreocupada manhã de ides de abril (o aniversário, como cantam afora, da primeira presunção de seu traje de nucimento e direitos relativos à confusão das raças humanas) idades e idades após o alegado delito quando o amigo foi a prova de toda a criação, taco de tigerwood pra sua estadia, ondulava pela vastextensão de nosso maior parque em seu chiki kepi de borracho e grande cintão velheiras e cartola mágica e sua blauioneta adornada e esporas em botas de cânone alto e Bhagavad gaitas e seu guarda-shiva, elencontrou um cadete cum cachimbo. Este último, o luciferante não o oureolado (que, provavelmente, ainda está galanteando purai cum mesmo chapéu de palha, carregando sua culpa de cabra safado, em pele de cordeiro, de modo a se parecer mais com um cavalheiro freudal e fazendo juras tão alegres quanto te apetecer) impiadosamente o colocou no paredón com: Guinness é babelda refreskant pra comer tatu e judia no jouizel fionnal? (um gentil comékitutá em Tupool-blackaiowá na belle oiapoque comalgumas de nossas velhas margaridas inda podem lembrar tremendo) paperguntar siele podia dizer a saci mesmo que oração ou eram quando o relógio cucou ou siele tinhalguma ideia pra sorte do galo cocoricomo seu relógio tavatrizado. Hesitação devia ser claramente evitada. Execração cabalmente hábil pra holegar-se soid dez. O Earwicques gagan daquele instante annarquicú, percebendo nos princípios liberais fundamentais a importância suprema, matando e atentando, contra a vida (o rádio transmissor de ajuda mais próximo sendo xing ling K. O. Sempatrick's Day e do levante pheniano) e indeuszeusjocoso como se sentia de ser atirado à eternidade naquele momento, silenciades poruma macia bala disparada porum quincasbóbok, parou sua marcha assaz, rápido no goethilho, e respondendo que se sentia mitador dialoguel, claquete, produziu do próprio bolso uma enterrorizonte mitralhadora Jurgensen modelo waterbury, o nosso por comunismo, o dele por usucaptura, mas, no mesmo golpe, ouvindo acima dos ensonamentos da dura Mãe Orientonal o velho Fox Goodman, o maoestro-som-tong, sobre os desertons

do sul-maior, badalando em dez tons neladas um tonante estrondo de tenor no sininho da capelisolda (chamado de Cúchulainn!) disse ao investig'a dor indag'a tor, por Jeová com deus, que eram doze do tempo sideral e irmãos decopo, acrescentando, no entanto, enquanto ele se curvava profundamente com bafo de sardinha defumada pra dar mais peso ao cassetete quiele mostrou, (embor isso pareça nalguma confusão com o hashi-

[35]

prassushi e gengibre que, como sendo de shoyo, ácidos, sais, doces e amargos compostos, sabemos quiele cozinha chawchaw pro osso, músculo, sangue, carne e vitalidade,) quimbora a haicaisação contra ele tivesse sido feita, o que era sabido na alta saciedade tal como punblicado no Morningpost, por uma criatura em forma oumana bem inferior aum salmãozinho e vários pato'amares abaixo da mintológica serpentrês hidrakahlo. Em maior apoio à sua palavra (esta, pitoresca antecipação diuma famosa frase, foi reconstruída do estilo oral para o verbal atemporal com ritmos rituais, em quietude eloquente, e hill unidos ruidosamente de testemunhos sucessivos de Noah Webster na redaçãoho conhecida como Fatos e Ditos Erróicos Atribuídos a H. C. Earwicques gagan, preço um schelling, postagem güntergrátis), o elegünter Gyges tic-tocava seu tambor cronometricamente e, agora de pé totalmente ereto, acima da planície aluvial ambijacente, cena de seu caso, com uma luva Berlinense cobrindo do joelho ao cotovelo (pela maizantiga língua dos simnais, seu gesto significa: 𐌺!) apontado num ângulo de trintedois degraus em direção ao primeiro milhão do seu desmedido *duc de Ferro* como escudeiro de sua fiança e após uma suspensão dadívida atual declarada no fogo solene da emoção: Shsh shake, ka-karlmarada! Sou só unonista, eles cinco contra uns, hell'equilibra o combate. Eu ganhei direto. Daí meu grand hotel nonacional e fafábricas de laticíni aus aus que pelazonras de nossas filhas mumú mútuas, popóde crer, esto-tou disposto a meme definir, sir, sobre o monumento, aquele sinal de nossa rerredenção, em qualquer dia higiênico a esta hora e fazer minha poetagem com meus dedins que são sinn bem féins, mesmo quieu dedique a vida a isso, sobre a Bíblia Aberta e diante do Grande Maestro de Obras (eu tiro o meu chapéu!) e na presença da Própria Divindade elizabentha da Bishop e da Sra. Michan da Halta Catequese Engulesa como de

todozozos que se dizem meus com padres imediatos e de todazas existências vazias em todozozos cantos deste épico globo em geral que usufrui da minha falha biritânica pra medulalinguar minhespinha dó-sol e justiça comutativa de que não há nonada de originalidade, permintam-me dizer-lhes, naquela mais pura das fafa fabula'sons.

Gaping Gill, swift e rasteiro pracasalar erros dozoutros, sterne pra autodigressão, (diagnosticândido o otimismo pela mangueira dieustáquio quiera pra curar um tipo com

[36]

gigantismo marcadamente pós-puberal duextinto homem das cavernas éticas de Heidelberg) mandou pros ares seu ateukant, gigrotesco Svyatogor bom de murro e bom êmio como ele foi pantacruelmente obrigado, e como um ham'elão shemsível, com infinito tato na delicada situação vista a natureza deliarcada de seu tema perigoso, agradeceu um pelos florins recebidos e pela hora do dia (nem um mínimo sinn annal de surpresa ao saber quiele era o Deus bufão dazoras cronos'metradas) e, após humilde dever de reverenciar seu ministro mozarTysk e de rococóralizar intervalos Bocais e modular sua voz de theenor, tratou de seus negócios, quaisquer que folkssem, saudando os cadáveres, como algo do curso dudestino (alguém poderia cãoçá-lo se tivesse core'ação pra farejar montículos de couro cabeludo e monturos de caspas pra queimar seu rastro) acompanhado por seu fiel roncador e sua permanente reflicção verbograchiosa; te encontrei, pássaro, tarde demais, ou se não, mui verminal e prematuro: e com mito obrigado a idiéliot em segunda língua oral como por tantas das gigargantuescas palavras multirreferenci'eras quiele poderia chamar à memória daquele mesmo ocaso, antes da hora do gorjeio dos bardos na crepúsculo entre o Druidia e o Mar do sono De profundis, quando a maré alta e a lembrança de Charlatan Mall vem sutilmente sobrepostas e ao longo das sombras silenciosas do Grand & Royal, ff, fluxo duincon'enchente, e, kk, pra rastekjar pelas trinkcheiras quando inúmeras falas astuchiosas de línguas desgastadas respondiam in beijoss punliglotas, Arvanda sempre aquiescente, ao espaço-templo, sealphabetizava no castelazul browne e estudava umas sobre as mini vacas de nolan, ele cuspiu em cuidadosa conversão uma dispensa musaica sobre a *pedra da lareira*, faça-me o fervor, (saliva irlandesa, *mawshe dho hole*, mas um respeitável cidadão proeminentemente conectado de ascendência hindu-europeia com ideias vestidas nalta costura que sabia

a coisa certa como o Sr. Shallwesigh ou o Sr. Shallwelaugh expectoraria depois num estilo tão caipira, não, oi brigados! quanduele limpou seu *catarralto-falante* no bolso, guardanapo?) musalimenta seu pançamento depois de ter feito banquete no platão com sopa e guisado quiele esnobemente batizooou de Pêssego Bombé (é tão só uma Lukaniana torta pilsen à moda da cabra quiela temperou sabiamente com mostardadaímo e apimentonalismo), un suprême de ervilhas nobres, lambuzado sob o leite de cabrón jovem em vinagre puro malte, uma iguaria quio garotinho sapeca saboreou roucamente, sorrindo, naestação das neves, sendo tão fã disso quanto seu rato era de wi-fice; e nesta bachdalada celebrassom

[37]

da feliz fuga, pruma coroação de valentia gastronômica, este prato regional, benjamin à la carne, com uma azeitona laqueada ao ponto médio do azênite, ia casar-se (porcograso!) muito deluxoriosamente erebuscado com revolucionária garrafa de Fênix-Beerwery '98, acompanhado para as segundas núpcias porum Piesporter, Grand Cru, ambozosquais eram apreciados às luz de velas (embora o humilde bounquete seja o hasta la vista dium amante) ele obstinadamente cheirou as rolhas incrustadas de teias diaranha.

Nosso cadete estilhaçador de caoszamentos (Bareniece Maxwellton diquatro) cum ouvido rápido pra escarrar (como canta o próximo conto) se gambava como de costume com dumbésticas economísticas (sem persicks e armelianos pra ti, Pomeranzia!) mas, deslizando a clav em seu pentagrama, estrondou o assunto entre cento e onze outros em sua reverência habiatonal (como esses primeiros fuxicos femininos são fracos, uma fofoca secreta, amando a farta poetaria de seu folclórico homem!) na noite swinguinte toque uma tal karl são Hegésipo torah'va che'gavara, seuzolhos são secos e pequenos e as crônicas volumosas porquiele parecia diuma cor engraçada como se não pudesse mais suportar essas galinhas velhas, seu reverendo particular, o diretor, pra quem ela pensava expor suas ideias principalmente pra falar com (sintaxe in caosza, intra ! bastuma colh'era de tempo!) confiança, entre lábios signifechados e promessas de annie lawrie π (talvez ela nunca vá à Enniskerry falar com Hunanov sobre réu seitas fitness!) quio evangelho assim fuxiccione em sua é pistola, ice'teastoalmente enterrado em seu enchoppado irlandês não iria além de sua batina jesuíta, todavia (in vinars venitas! volatiles valetotum!) foi este condenado

padre Sr. Browne, disfarçado de vicentino, que, ao saber dos fatos, ouviu dizer, em sua personalidade secundária como um Nolan e subestimado, podbre alma, por acidente – isto é, o incidente foi um acidente pois aqui a ruah de Ecclesiastes de Hippo sompera as musiscrituras de Eva-umbandista-Annah – pra pianíssimo numa versão com variações sutis das confiadãociais Costelas tortonais, (quiquié que Mère Aloyse disse por causa de Jesuphine!) mãos entre mamãos, em juramento de feudalidade (meu melhor bravor! meu brotherlaire!) e, ao som de *O segredo de Seu Annascimento*, orquestrando persselenziosamente o'reilly 4'33 dium tal Philly Thurnston, um profeshoenberg de ciência rural e ortofonética de corpanzil fora de dodecaforma e com cerca da metade

[38]

dos seus quarenta durantiuma agita'som sacerdotal pra apostas seguras e sensatas no johnquei club hippie'co da brisada Baldoyle numa data (W. W. wistoria o bilhete) facilmente capaz de ser lembrada por todosos batedores de carteira dieventos nacionais e jornais Dedublin, as duplas de Perkin e Paullock, pares e proletários, quando o clássico Encorajado Horse Business Marchador foi ultrapassado por dois focinhos na bandeirada final, jegue e ziguejegue, alguns e nenhuns, evelo nevelo, do baio potro Bold Boy Cromwell após uma fuga sagaz do Capintão Capelão Blount do testículo mojumental em Saint Doolagh, Pangaré Coxo, terceiro deslocado, com apostas arriscadas, graças a ti grande garoto, galante garoto, garoto porter, Victória Widger! são todos napoleões mulaparte! que em sua incorruptível dalai-lama e quepe porpular certamente estava a léguas de deitância de qualquer outro fantasmobeso que já tenha moztocado nossas flautas maggiocats de madeira. Eram dois venenosos karlmaradas de Tim (o inverno é peste, o que cai em pé e corre deitado é óbvio e a caminho está e a voz do trovãodor é lançada em nossa terra) de nome Treacle Town jobrinstol que jazz havia saído da pop'risão após o roublues duma perna de porco de Kehoe, Donnelly e Parckenham Finnish e seu próprio irmão de sangue e leite Frisky Shorty, (eliera, para ser esquisitamente ponticuloso sobre seus eus, baixinho e brinkkkilhão) um informante, saído das galeras, ambozos eus pobres de marré-de-si, cumamão na frente e outra atrás do faz-me rir do jogo do contente dium jimmy o'goblin ou diuma joia da coroa pra mudar di-vida, encanto os Quatro cantavam

Marinheiro só the colleen bawn, prouvir o pároco no ruidoratório usar um tenor de motor na sua linguagem jurídicaótica (Edpo, Edpo ri), tocar ocaso do Sr. Adams questava em todozos dominicais em quiele metia a fuça e gerando por conta própria um burburinho sobrium bebum de óculos.

Este Treacle Town jobrinstol a quem se fez referência esteve ausente de seus habituais lugares selvagens e cabeludos na terra da condessa cathleen numa era antes dessa (ele tinha, de fato, o hábito de frequentar pensões comuns onde dormia num estado nu, com amigos de alcoolsaçaão, em camas de homens estranhos) mas em noite de fugidinha, sesseguroupranumdarumtroço após diversos cálices de fogo duinferno, red biddy, bull dog, blue ruin e amansa corno, seleta erva de Eglandine, fornecida por Duck & Dog Tavern, a Prímula Galopante, Brigid Brewster's, o Galo, o Mensageiro do Corno,

[39]

o Velhinho e No Finn Tudo Anncaba Bem, a Taça e o Estribo, ele procurou sua bea bed quentinha numa acolhedora Abadia Com Outro Alguém no Bloco W.W., (por quiele não o apoiou?) Suprema McCourte, As Liberdades, e, mantendo a esperanto em aramaico, ruminou álcool álcoois alcoerentemente ao refrão de *já vou, minha eguinha pocotó*, nom num, a substância da parábola evangélica de buckleyde d'bussy e do russitadino (as "garotas" ele continuaria a chamá-las por a hetaera-esmeralda e saia, a solbonetinha e enkarnalçaão) em partes (parecia quiele tava diante dazáguas de março ou de fuzileiros galeses nos tercetos dozanos nada fósseis, tendo ele dado um behan com katya quando lavinias cafetinou seus homens ao mar num numvio bombardeiro de shows ondiele assistia lutas de pretos contra brancavalos chucros) muitas vezes na noite fria (o metagonístico! os epicotalamorosos!) durante o sono inquieto em suas audiências dium insignificante e esfarrapado executivo de fall street, Peter Cloran (demitido), O'Mara, uma secretária exprivada sem residência fixa (conhecida localmente como Mildew Lisa), que tinha passado várias noites, bastante engraçado, num portal sob os cobertores dos sem-teto no gélido banco dairlanda, apoiado na pedra dodestino mais fria do quio Joelho duomem ou o peito da mulher, e Hosty, (diu nome deusconhecido), um saltimbanco praiano sem estrela, que, sem pun e sem manteiga, sópunhetando-se o quão elistava sentado num sol-fá à beira do

altoabismo, morto de fome, com melancolia sobre tudo em geral, (barman noturno, o serviste com água que passarinho onanista bebe!) tinha sido sacudidor de cabeça em sua manjedoura, planejando a vida modos e meios de usar, do quiele amava se diuma forma ou dioutra obtivesse licença nanação pra conseguir porte de alma pra emicidadão de bem na esperança de seduzir uma ala social e saltar como um raio deleuzes nalgum ponto fora das linhas ferroviárias Talkey Dunlaoghaire e Blackrock ondiele poderia disparar verdades e partir e explodir a caosbeça subicida por dois santavos pela bealtitude swingrenta na paz e quietude dium tiro certo de bombida, depois de tentar tudo o que sabia com a aristocrática ajuda de Madame Grisel por mais dedezito calendários pra ter alta do Sir Patrick Dun's, através de Sir Humphrey Jervis e no leito de Saint Kevin no houaisspital Adelaide (do

[40]

hospital dos incuráveis entre esse incuráveis welllesleyprosos peregrinando a Sant lago por suas embarcações, bom Lázaro, livrai-nos!) sem depois conseguir a freudulenta cura pra foucaultruas (esquizofônia). Lisa O'Deavis e Roche Mongan (que tinham tanto incomum, leram epipsychidion; se a frase é permitida *hostis et odor insuper petroperfractus*) como causo implícito dormiram seu sono de swinburne com a doce e ondulante mãe do amar com Hosty tal qual o barbeiro em shawvilha o mazzaropi em yeats ou, bem, o exterminador em wilde, e a agitada alvorada-de-todozas-obras (mollyères de atenas aqui nós suspiramos!) não havia sido tantos instantes lustrando o paunelas, o byronze das portas, maçãs do rosto dozeruditos e obturações de meninos ligadões quando, gafanhotando como ninguém ele homelet'zou ovos com bacon longa vida ao rei branco, o bobo da corte rejuvenescido (pois após uma noite de sonho e fúria swingnificando o nada duamanhecer com suas caosnexões ele não era mais o mesmo homem) e suas vigílias na vasta musicama da suíte (nossos meninos, como nosso Byron os chamava) modularam acordando e dissonando desde a espelunca que nomeamaram de O Barril, compassando pela aldeia gelada de Ebblinn (três rotas e paradas em suas superfícies então curiosamente correspondentes com aquelas linhas e pontos onde nosso barato metrô tubennyquim seapruma abaixo duexterior em trilhos e estações nesta era de cavalgadas) aos acampainhamentos dium estridente violino que, cremona e

cromático, com levys gravys, espirituosys e concisys, apoteótikeys, ludwikeys e piannav'keys, acariciou ozouvidos dos súditos do Rei São Finnachta o Festivo que, em suas próprias casas de tijolos e em suas aromáticas camas de frutas scarlatti, prestando aten'som ao grito si-bemal do vendedor de mel, harmoniosa lavanda ou son de salmão vivo, com suas bocas presunçosas escancaradas pra melhor aprecia'som deste há muito esperado Messiah dos roaratórios, estavam só no meio do memorável soono e após uma pausa rápida numa casa de penhor com o protético propósito de resgatar a admi'ravel dentadura do cantor e uma visita prolongada à casa diópera dita Cujas Place, fizz, o Old Sots 'Hole na paróquia de Santa Cecília musilocalizada na liberdade da Arte Somperior não uma ou mil ligas nassonhaais, isso foi, pelaavaliação de Griffith, desde o local da estátua do Premier Philip'Glasstone harmonizando contrapontos pra marcha dium musiconstrutor (talvez o último dos mordomos), onde, o conto divaga,

[41]

ao trio de dedosduros se juntou um outro - intenções - soliexcitações - amanhã casual e um tipo decente da variedade que tinha acabado de tocar o insulto semanal, fêni'x9, e todosos cagüetas (quem diz o nome?) tinham estimulantes na forma de gin e gins resistindo pelo mau dito tipo decente depois da comidinha especulativa e maizalguns só pra celebrar o ontem, ruborizados com sua amizade forjadanofogo, os patifes saíram do local autorizado, (Browne primeiro, el pequeño p.f. ex-ex-executivo manejudum quepe em seu triste traseiro como pós-escrito alpha duma dama: Quero dinheiro. Por fervor), limpando seus lábios rissonhos nas mangas, como os buckleyteirinhos bradavam geralmente em russo (seinn fion, seinn fion's araun.) e o mundo dos rimadores era com razão mais rico pruma suposta balada, ao timbalada do qual o pluriverso da cumanidade cantante deve um tributo por ter colocado no melopoemapa do planeta sua mais vil versão de jacqueyes gagan mas o mais atrativo avatar quio mundo já teve quexplicar.

Este, maioral em caição de cordel ou siga-meu-lieder foi derramado pela primeira vez ondio Riau Liviau se riovoltou e hill da corcundadá de Horoudo, sob a sombra do monumento do aspirante-a-legislador (Eleutériodendron! Salve-o, lenhador, salve-o!) pruma riunião transbordante de todazas nações em Lenster optiocupando totalmente a área visional e, como um por todos e tolos porum, facilmente representados, que

com máscaras, aguçada com rostos, de todazas seções e contrasseções (Adegas e chocolates derramados até transbordar as bordas) de nosso povo mallarmargeando o liffeý (para omitir a menção à minoria continental tal camus aos que viajaram via Watling, Ernin, Ickniel e Stane, numa vulgar carruagem londrina com seu jornal do maugnata Harmsworth, um conservador do norte, um progressista do sul, um cronista anglo-oriental e um the guardian das terras d'oeste) desde bandas de jovens dublinos de Cutpurse Row sem nada melhor pra fazer do que andar com as mãos sob as ceroulas, chupando balairwhackers, docinhos, tijolos de jumbuba, lado a lado com oficiais evasivos, três bolas de lã e popelina em busca diuma crosta de peão pra ocupados cavalheiros profissionais, um par de palidozomens com suíças, indo amoçar no Daly's, recém chagados do faroestecaboclo e patos selvagens no brejo de Rutland, trocando frias ironias, senhoras

[42]

indo à missa da Hume Street em suas cadeiras, as caça-marido, alguns jungdeus errantes dos trevos adjacentes Dus'jardins de Mousses, um padre oblato enclausurado em Skinner's Alley, pedreiros, um flamenco, em taberna de fumante, com esposa e cadela, um ferreiro idoso que guiava guris pela mão, uma rebatida de jogadores de baseball, não poucas ovelhas com aftosa, dois estudantes de uniãoformeazul, quatro internos em fuga do Simpson's on the Rocks, um corpulento e um atrevido ainda degustando Café Turco e flor de laranjeira na porta do butickeyn, Peter Pim e Paul Fry e depois Elliot e, O, Atkinson, sofrendo as delícias do inferno pelas feridas das bolotas de seus michênas sem esquecer um dueto de dianas prontas pra caça, um prebendeiro particularista ponderando sobre a páxcoa romana, a catoliquestão da tonsura e dos uniatas gregos, quios raios os partam, uma bela careca monjical ou duas ou três ou quatro diuma janela, e assim por diante até algumas boas e velhas almas, que, como estavam bem allegros após jurar abstinência na casa das tias, achavam-se evidentemente sob o feitiço do licor, do velório de Tarry o Alfaiate transformista, um alegre mensageiro pensando em três jarros e um, um ex cristhor eirônico, um meio senhorzinho do manicômico do tecelão que agarra e agarra e dança chácháchá agarrado a ela, uma dama em lingerie nublada, como criança, como coroinha, como Caoch O'Leary. O bumerangue da guerra deu a volta, assim foi, (uma

nação carece diu olhar) e a balada, na compassada métrica provençal camposta por Taiocebo em suas *Casudas de Poulkhinello Artahut*, estampada numa partitura de blancovide e encabeçada por uma xilogravura excessivamente rústica e roxa, impressa privadamente na imprensoneto de Delville, logo espalhou seu segredo na estrada branca e no atalho marrom que leva à rosa dos ventos e ao sopro dos gaélicos, duarco da poesia à gelosia e da mão negra à orelha vermelha, aldeia gritando a aldeia, pelas cinco verdís províncias dos quatro cantos do estadoz unidos de Scotia Picta - e quem o denuncia, que tenha os cabelos esfregados na sujeira!

Para os acordes adissonados (tão parsifalcos) de sua majestade a flauta, este cantaroladum rei de inscumentos, o mais puro de Piggott, *ciello alsoliuto*, quio Sr. Delaney (Sr. Delacey?), corno, antecipando uma perfeita chuva diaplusos entre os rapsodos, tirou o gaiato de foles de sua cartola, parecendo ainda mais com seu homônimo punsifal como notaram los hombres da Gália, mazantes de falar mal, o

[43]

níveo topete crista de gálico quase tão bravio e montanhoso como o lieder rebelde, "Ductor" Hitchcock ergueu seu cale-se ao signum supremum dos tempau pros seus cavaleiros do graálcól ao Companheiro Dissonhante, garotos' e *silentium in cúria!* (nosso maiostro maizumavez siergueu onde tremulou outrora) e o canto lá cantado foi coralizado e batizado pelo obsoleto fiscal de rimas, Rua da Igreja de Santa Annona.

E ao redor das folhas de relva a relva o relversou e este é o relverso que Hosty versou. Diz-que-me-diz. Boyles e Cahills, Skerretts e Pritchards, versifuxicada e parsifulxicada permita quia cançárvore que contamos viva em pedra. Aqui se alinham os refrões de. Uns o votam Vike, zuns o leitmotivam Mike, zunzuns o apelidam de Llynn e Phinn, enquanto zunzunzuns o aclamam como Lug Bug Dan Lop, Lex, Lax, Guinness ou Guinness. Alguns o consideram Arth, maizuns o batiazaram! Barth, Coll, Noll, Solo, Will, Weel, Wall mazeu o filologo de Persse O'Reilly pois caso contrário o tododos nomes não seria chamado por nenhum. Juntos. Arrah, deixe isso pro Hosty, frio Hosty, deixe isso pro Hosty poizele é o mann pra rimar o rann, o rann, o rann, o rei de tododos ranns. Tu tá earwirqui? (Alguns sí) Pronde ouvamos? (Alguns lá) Tu ouviscutou? (Outros dó's) Donde ouvimos? (Outros sem dó) Tá chegando, tá

chiando! O clip, o clop! (Todazas claves) Vidro estilhachiado. O
(klikkaklakkaklaskaklopatzklatschabattacreppycrottygraddaghsemmihsammihnouitha
ppluddyappladdykonpkot!).

{ *Ardite, arditi!*
{ Music cue.

“A TIMBALADA DE PERSSE O'REILLYEAR”



[44]

Tu já ouviste falar dium tal Humpty Dumpty
Quincas iu cum rolar ium estrondo
Espirralou-se tal camus Lord Olafinn Caimdo
De banda no show do Magazine Wall,

(Coro) Do Magazine Wall,

Corcuvado, capacetudo e mall?

Ele que em erumavez foi o nosso Rei do Castelo
Agora é chutado comuma batata em putrefação.

E da ▼|▼▲▼|▲ Veredas será é viado porordem de Sua Adoração

Pra kafkolônia penal de Mountjoy

(Coro) Pra kafkolônia penal de Mountjoy!

Prenda-o já já joy.

Ele foi o papapai de todos os nossos males
 Lentas carroças e contraceptivos imaculados pra copopulação,
 Leite de égua pro doente, sem menstruar sete domingos por semana,
 Amor livre e reforma relioriosa,
 (Coro) E reforma relioriosa,
 De forma odiosa.

Arrah, ora bolas, auguste comte-me, ele falhou?
 Vou pagar fiança, meu estimamado leiteiro favorito,
 Tal qual o touro nada manso dos Cassildys
 Toda la manteiga está nos chifres.
 (Coro) La manteiga está nos chifres.
 La manteiga nos chifres!

(Bis) Hurrah lá, Hosty, frio Hosty, troca-troca eça camisa
 [vossa vercê,
 Rima o rann, o rei de todos os ranns!

Balbaccio, balbuccio!

Tínhamos show show showpe, showfás, showclete, showckens
 [sífilis e vasos chineses
 Universalmente fornecidos pureste vendedor de showfismas.

[45]

Não espanta quios rapazes loucais o apelidaram de Hillário Charlatão
 E'stelhonatário
 Quando Chimpden tomou a pé lavra pela primeira vez
 (Coro) Com seu tráfunk proibidão dinformações
 Abaixo a Barganha, Inseto.

Tão álcoolmodado nú seu sun tzuozo hotel
 Mas logos queimaremos toda a sua escória, truques e trapaças
 Y en breve el xerife Clancy fechará sua companhia

[ilimitada

Com o bom oficial de justiça à porta,

(Coro) Bimbam à porta.

Então ele não mais percutirá bum bum tantã.

Doce azar nazondas que chegaram à nossa ilha

A proustituta daquele baco viking

E a maldição de Gall lindo no dia em que a baía de Eblana

Viu seu apocalíptico e bronzehades homem-do-war.

(Coro) Viu seu homem-do-war.

Na zona putuária do bar.

Donde? alerta o farol de Poolbeg. MacCoolpenhague, ele berra Donnez-

[moi scambo, um cuãozinho, esposa e família

Fingal Macoolnaíma Oscar'Alho Popô Boniflácido

Thok ni mim monike vecchia de Norueguerra

Ogro come todos buracos até bacalhau vecchio de Norueguerra.

(Coro) Um bacalhau cú mel vecchio de Norueguerra.

Ele é, Deussss.

Arriba, Hosty, arriba, seu diabo! arriba a rann, a rima [rann!

Foi durantiuma bombada nas poças du jardim

Ou, diacordo com o *Nursing Mirror*, enquanto admirava os mac-

[coolquinhos

Que nosso pagãonini peso-pesado Humpharey

Encorajouce a cortejar plurabelle de jour

(Coro) Woohour, o que fará mon amour!

O general perdeu sua la belle de waterlour!

[46]

Ele deveria sinvergonhar, o velho filósofo cabeça de palha,

Pravançar o sim não e joygar-se assim em cima delha.

Purdeus pau, ele é o senão da crux do catálogoun

Do nosso antediluvial zoológicun,

(Coro) Srs. Billy e the Kid Bengalun.

Arca de Nois é, boa como nonadun.

Ele pululava pelo monumento de Wellintonho

Nosso rotório hipopótamuz

Quandum somdomito abaissoou as calças no fundo do ônibus

E ganhou sua morte de fuzileiros,

(Coro) Com seu faz-me rir nos traseiros.

Dê a ele seis anus inteiros.

É uma pena por seus pobres filhos inocentes

Mas cuidado com sua patroa legítima!

Quando aquela alemanna pegar o velho Earwicques gagan

Não haverá insecstos no verde?

(Coro) Grandes insecstos no verde,

Os maiores que tu já viste.

Suffoclose! Shikespowers! Seudodanto! Anonymoisés!

Então teremos um livre comércio de boy band gaélica e macooltura de massa

Pra sodomizar o bravo filho de Whiskandinavo.

E o sepultaremos em Oxmanstown

Junto ao diabo e aos dinamarqueses,

(Coro) Com os surdos e mudos dinamarqueses,

E todos os seus restos mudais.

E nem todos os homens do rei nem seus cavaleiros

Hão de ressuscitar seu corpo

Pois não há feitiço real em Connacht ou no inferninho

(bis) Capaz de levantar um Caim.

III

Chesus Chiste! F'reudido! Corpo di borrachopin! tu tens medus de visibilidade em névoa misteriosa, de causos de mestiçagem sexual entre cabras, gato montanhês e rato campestre, Bígamo Bob e sua vecchia Irlanda! Quio melaço pecaminoso dos Fraudes dó-ré-minicanos seja encoberto! Com isso foi liberado naquele reino da Humídia um volume envenenatenor de densoperística nuvem. No entanto todosos quiouviram ou replicantaram tão agora caquela família de bardos e o próprio Vergobretas e a multidão de Caraculatores nananinanunca foram mais do que ainda não são agora ou então jamais foram. Pode ser que naogum futuro presente ouçamos entriesses zouaves artistas de Inkermann o mime imitando o mick e seu nick micando suas maggiocats, Hilton St Just (Sr. Frank Smith), Ivanne Ste Austelle (Sr. J. F. Jones), Coleman de Lacan psicatuando em quatro papeis, um coro dos O'Daley O'Doyles penatonalizando mortonalmente o coro em *Fenn Mac Call e Serven Feeries de Loch Neach, Galloper Troppler e Hurleyquinn* o citarista do passado com todosos seus allegros amigos, zimzim, zimzim. Dos pecados parkometidos nesta saga Eirearwirkriminosa (a qual, legível do π à caosbeça, é de fofocabo a raboato falsa como a fuxicolcha de parnellope, anticalanniosa e nonadacionável e isso se aplica a todo o seu volume) do pobre Óstia-Cussangrada, descrito como um gênio musical numa literatrilha menor e dono dum ouvido absoluto, com voz tenorista de impressionar, não só, mazaindum poeta maior da decadente ordem meritária (ele começou Tuonisiniano mas fez sua obra ressonhar longe Animandovitas tanto quanto tá tudo junto-e-misturado) nenhum finn é conhecido. Sieles

[48]

assobiaram pra ele antes de subirem as cortinas eles ainda tão assobiando pra ele após a cortina cair com ▼†▼▲▼▲†▲ condenatória. *Ei fu*. Seu marido, O Charada sem graça (O pun tá off?) cabisbaixo pelas coisas e no fundo do poço, dizem as lalínguas, aceitou a (Zaratuques!) propina militar no final da guerra da Crimeia e, avoando com seus gansos selvagens, sem lesson nem dandocumento na multidão pra gerrambular como Shuley Luney, alistou-se na cavalaria de Tyrone, os brancos irlandeses, e vermelhutou um pouco com Wolseley sob o nome falso de Blanco

Fusilovna Buck-lovitch (espúrio) após o qual o corvo allan pôs-se nos salões de mármore de Pump Court Columbarium, a morada dos lendários vikangaceiros, olharam uns pros outros e corvaram-se ao paraíso grasnando nuncamais pois transparece que do outro lado da água no fuzuê do campo do Cornix de Vasileff ele pereceu inauspiciosamente em sua unidade, balbuciando, dou este papal sem folhas ao velho camarada, chocolattes crus pra padroeira-de-louth. *Booil*. Pobre velhote querido Paul Horan, pra satisfazer suas aspirações literárias e crimianais, com os dados lançados pelo juiz em louca eloquência, segundo diz a Inteligência de Dublin, foi trancaficcionado num Manicomícu pra detentos nos cudados do norte. Sob o nome de Orani ele pode ter sido o anão da trupe capaz de sustentar peças longas em um ato só. Ele era. Sórdido Tio Sam, um truculento bêbado na corda bamba, o sujo, sempre assombrado por seu espírito caimdo, o indesejado, a uma palavra de Israfel o Invocador ele faleceu sem dor após as reviravoltas da vida numa noite de halloween, exubeberante e em estado natural, escurraçado da vida Pregressa ao grande Progresso por pontapés de ostro mundo que abaularam o disco de seu atlas verbical e toralexical e verbottebral e lombabel-sacral dozúltimos dos mói camas em carne e osso, um noruégay e seu amigo da onça da classe dos Lobos. Embora o ato finnal vislumbrasse a revelação deste ator eniguinnessmático é comentado (a plateia do fosso o chamava de El Pugiliszt) por dizeres solenes – como se sua epifonia tivesse caído da cabeça comuma orquestrauss sanfônica gaga com um π ânus preparadoudo (cage!): Meus dreamas, Oh Escandinawagner, passaram! Quiagora as cêntuplas vozes de meu ego punlifônico como Micholas de Cusack denomina, – de todazas quais eu me demito no curso do meu recurso – pela coincidência de seus contrários reamalgamados nessa identidade

[49]

de indiscerníveis ondios Padreiros e os Açougueiros podem parar pra ler uns leibniz e (mazainda que neste ponto a estocada do seu pau de ferro esaújacólado tivesse nos preparado phode-se dizer quistamos quase cheirando à mostarda na extremidade traseira) este belo candelabro bruno derrete Nolan em paz! *Deuscanse em paus*. Reverso como o controverso era pro drurydrama, sua esposa Langley, o profeta, e os mais decentes dozetons minimalistas dum artista de rua espantaram seu público com sua língua, desapareceu, (pra isso ele plagiriu todazas

inacessíveis páginas francesas da história da Calúnia Privada) da face azeda desta terra, essa planície austral pra qual ele havia se transmatrimoniado, tão indianajonesmente irrastrável (a mãe do livro levantou poeira tabularrasando sua obliteração feita sobre o invólucro dela) a ponto de incitar os especulativos a tudo que não seja opinar (já quio Levey que poderia ter sido Langley pode na verdade ter sido um redivivus do paganinismo ou um Vousden voluntário) quio vagagobundo (que possuía uma grande dose de humorista) havia transtulado o latitat de sua jocosidad pro seu finescuro interior. *Bhi she*. Novamente, se o Padre San Browne, chá e torradas presse pitoresco cantador distórias quié o Padre Don Bruno, fiel e puxa-saco da rainha de lar-Espanha, era o reverendo, o diretor do sodalismo, aquele viciado eupéptico, carmelita dos pés descalços a quem palpitantes santificam (que de nós só se lembra do rarousado e cornorável Fratomistor Nolanmore e Brawne.) as sereias da sociedade pecaminosa (veja o pasquim [Católico Romano] impresso) que afortunadamente ficaram tão entusiasticamente apegadas iele erum asno execrável que muito ocasionalmente colocavum bilhete de luteria no chapéu quiusava todo pro lado como a panela do menino mamalujuquinho (se Sua Elegância o visse ela pegaria o canário dele!) e era semiprivadamente condenado por atos ilícitos com seu canivete banhado a fogo (encobrando o troço em seu bolso) quio mesmo esnope dun hill de janeiro, calejado por muitos anos de praia, encontrado pelo General naquela manhã de letra escarlata ou ao maynooth-dia de júpiter e eram eles? *Fuitfuit*.

Quando Phistlin Phil quer pôr a boca no trombone é insano investir na bolshoi de valores e quem quer que tenha ido surubar no Hotel junto à água salgada diz que não há nada que possamos fazer poizele jamais voltará ao mar. É um nebuloso fato autodidata do nonsense comum quia forma

[50]

nublada é a face do homem medeânus, turvando-se enquanto o pálido há muito se desvaneceu, frequentemente alter'ou seu ego com a timporada das chuvas (Nada original!). Dionde é uma questão de menor importância, dada a úmida e baixa visibilidade (desde que nesta scherzarade de miliuma noitidades esta espada da scherteza que nunca falha indentificcionista o corpo) pra idendefinir o indivíduo uno na caosbeleira do zizek, paletoth, gravata babel letra, regata cavadinha, calça larga e

pantufas (elié sempre citado como Sonsopatrack, o menino de rua) já cum a entrada (luxúria!) em direção ao couro nada cabeludo (alguém tá contindernuamente sincontrando pela primeira vez com tipos estranhos dioutros alguéns em todazas eddades!) que foi convidado por três matadores diaula da foucaultade em casacos ensopados a pular o muro, Quero, Posso e Devo, pra fofocar em cima dele, Vol, Pov e Dev, aquela stória funtasma pra boitatá dormir dos contos de fodas do Homem-lacraia, dos dois Curupiras e dos três Enemigos do Onça d'Queiroz fantasiados de Gilgamesh! Molly-sem-cabaço e Boylan-da-cara-puta, mazele teve mil faces desdios tempos do dj alok Turgesius! Yan, duan, truan, cuathery, pimp, shesses, shossafat, okodeboko, nove! Essas muitas verrugas, aquelas manchas miseráveis, rugas meio insinuadas, (o que apareceu no rosto do hermano cravento E?), e (santuário do Monte Mu nos salve!) o grande parque de fungos que floresceu nele! Bebida!

Esporte é uma coisa comum. Era o dia do Senhor pra humidade duspiritu santu (esperar pela eventualização diuma regata adiada não é só Rinhadegalo na Juxta-Maré em Porto de Galindos) e o pedido de uma explicaçada totalmente armadAI5 foi imposto (em Lu de Pat) pro partido (um nativo da ilhairmã – Meathman ou Meccan? – por seu sotaquirlandês, olhos de raio-xiste, calour lokil e odor lual que pelo diz-que-me-diz eram dium palhaço turco qualquer (embora as paleolíquidas vozes anasaladas do capelista e o modo como espirrou em zees nos levem de volta ao rock in' hill do Ordoviceano Siluriano) que, cumprida a menor das peregrinações, tinha whiskalado, na velha ilha de patos e porcos, os penhascos a sudeste da costa estrangeira, um *regifugium persecutorum*, até o quartel general) enquanto ele intervalava na mesma hora poralguns minuetos (toca a flauta, dannyboy! É tempo de sorte, barman. Vou apostar dez pra um.) no meio do redemoinho do diabo (Maçã perto de sua florida janela e Charlotte debruçada em panomancia lança a seus únicos admiradores, lágrimas de sol lindão na maçãnaria) poruma fragrância frutada durante seu passatempo de finn

[51]

de semanna de executar com o letal Annie Oakley (os pares consumatórios de provulvocantes, das quais sobraram só duas provocaidoras, aquelas por quem ele tevi uma queda, Lili e Tutu, rolhas rompidas!) vazios que não faz muito tempo

continham breja stout da família Reid (cê leu isso antes, pé-de-cana, mas nem todazas garrafas da cervejistória sodomada são cupazes de diminuir sua sede de sanguinness!). Tendo reprimido sua metralhadora gíriatória e reativado seu tempuéspeça Vossas Revenâncias, com ainda uma vida ou duas de reserva peluespaço de sua ocupação dium mundo dez cada vez, levantou-se e ali, longe de is Tolka é house, num tranquilo jardim inglês (lugar comum!), conhecido como Whiddington Wild, sua intensamente simples vocalidade curolenta, meus queridos irmãos, meus queridízzimos irmãos, em quantum ele, uma santaceia é comuma irmandade, falou do Um e falou do Compassivo, convocado ante a tríade de hamletianos ejaculadores precóccix (resultado: spermengulo ne helpas al malbellulo, Mi Kredas ke vi estas prava, Via dote la vizago rispondas fraulino) o imediartista siapresenta em nosotros pelas máscaras míticas de Nosso Farfar d'Belém e Arthor de nossa condoyneção.

A televisão mata a telefonia em conflito de irmãos. Nossozolhos exigem sua vez. Que sejam videntes! E o lobisomem soprou a fogueira alastrando o fogo até a casa da vovozinha apenas pra que Simplesmente Maria estourasse sua bucksheeta bimbando. Quando a queimarem ela irá brilhar pra que tenhamos chances de nos aquecer com o que cada bach bach ovo, capoeiristravinki ou bartókador, gostaria de saber. O primeiro caipaucete latitudinal de Humphrey com o caixicool gingado pra trás, (o calabouço é do todo pandeioso sinhô de si MacCool Naíma), sua gravata de nó lacaniano, seu sobretudo de ébano, seu tapa sexo tongerina, o the guardian-chuva de ardósia bruta, sua farda da griff wolseleywellesley safadão com botões bronze by gold e a luva sobre a mão que numa péssima hora não apenas pra ele deixou cair o poder que será que será poderia ter sido d'Esterre de quem sua nação já mais pra lá do qui pro có parecia nonsensitar. Então, roubando seu trovão, mas no vocabulegômeno pátrio duma literaterra minor, (palabras probábeis, possibelmente ditas, por famílias do campo de centelha) um pouco sombrio e apimentado cum sorriso, como si zeus pensamitos consistissem principalmente do cheerio, ele habilmente esboçou pros nossos futuros segundos pais (tinha rabo-de-seea no caso!) a seena cumovente. O solêncio dessa quietude^{4'33"}! Aqui alguém podia

até ouvir um finn de cubelo cair. Boom rombombonante! Comuas cenas da paisagem du Brasiu Picturescu quialguns veem nialgumas Pinturras de debret, eloquietas comua nudez de Mamãe, esta mimagem do septuagésimo sétimo kusin de kristo pode ser verbo-vi-cú-visualizada através da rádio Eire até mesmo sem o fato nem a dição tampouco o tato da mãe misterriosa ou a sugestiva vontade de potência dazistórias sobre a lei do vikangaço. (Hobinhood!)

E muitas vezes depois dalí, cara a cara, num vis-à-vis irlandês, em vez de ombro a ombro Jehu dirá ao Cristran Santy, santo pra sábio, a humphriada daquela queda e ascensão enquanto a margarida piscar pra sua irmã mais rosa entre o matinho da vila e o jóquei clube os cupidos zombarão do casal nu carro. E tal como tu que pode olhar pra quem tá do outro lado do seu barrilgão de chopin seu valium de lágrimas e suas narinegações e paradigmas popodem rerrenascer no eren. Sigamos seu chicote vindicativo. Thurstoncômon! Vejazz som! *La arboro, lo petrusu*. A paz augustana entre os carvalhos, o monólito erguendo-se vaidoso dos pinheirais enluarados. Em toda fortitudinosa tenuacidade eletroacústica de ajaxenákis. A hora do angelus pender seu machado sobre os assissórios da fazenda, o bramido suave dos bambis the wall disney (*dórémickeymouse genuane!*) anunciando sua abordagem leitosa na metida em que meia-noite badalam azoras (*letate!*), e com que brilho o grande tribuno tirou a cigarreira de pele de tubarão (imitação!) de sua sobrecasaca, arenque, e por Josué, elioستا um charuto avãentojado de psicanalista, nada do cigarro di paia docéis, pelo contrário, e com que bravura ele discursa, klein a klein e lukan a lukan, ele ia apênis tragar de jeito aquele menino do rio, meu filho, e gastar boa meia horinha num Havana. Mais doído dos gayrreiros, não fosse o velho thor parlar gótico! Rizão pela qual eliencontrou o Mestre, ele quer dizer que sin, sin, senhor, the besta dos redpublicanos, no Eagle Cock Hostel na rua Lorenzo Tooley e implorou em sua Honra as rosquinhas de Gordeus e Morya e Brigi Dadá e Poundrick, outrora Finícius de vogais, e um pãoquiubiabuamassou no fundo de seu São Estomacal di Equino, – um desejo de gradiva esse seu, meu amigo, e iria cortar a árvore geneilógica desdios netos dos filhos de seus filhos ainda que seus próprios antepassados florescessem de suor e promessas ao altíssimo por muitas e muitas vezes, quando eram turrificados pelo calor.

Chee chee cheega a vara hasta la vitória pelo Rei Billy e crowme o cru do cromwell

Downaboo! Avante, camaradas, e deem-lhe um chapéu! Óia! Tão deslizando no pau de sebo do tempintor rembrandescoberto, até hoje suazoras ligam esses herdeiros a essa era mazondié questão aqueles seus do Ontem? Assimfalhouzaratruta e Pobrevelhirlanda Charachthercuss e sua Ann van Vogt. F.i.n.n! Zé finni, finnado ou dormindo somlenchiosamente? Favour ouvir suas línguas! *Intendite!*

Quau-auquer vida de cão thor que queiras ainda é au-audível, comozanos sessenta e setenta celtamente viram o cometa Halley, Ulemanobrown, sobranjethrotull, backstortingboys e dumagirls, enquanto passam pelo sombrio portal de bronze de sua Casaconcordia: Huru more Nee nha, la femme de? Como bocê tá? Ultimaporta à uísquesda m'ladies, cloacas. Millecientotrigintaidue scudi. Cadiquê, cumpadi, cadiquê. Chá kai rotty kai makkan, sahib? Despenseme Usted, senhor, en son succo, sabez. Ó tá brón orm, A'Cothraige, tik toka em gaélico? Linkin-Park-hai-cai-pa-Pai-li-si-lang-lang. Alô alô markiano, ecou, Batiste, tuvavnr dans Lptit boing going. Ismeme de bumbac e meias de portugalico. O.O. Os pipos mios es demasiada gruarso por O piccolo pocchino. Quanquié? Ung duro. Kocshis, szabad? Mercy, e arigatú? Gomagh, thak.

E, Cod, disse ele com lágrimas de crocodilo: Te gusta saber canto vale a cabeça dium mintiroso? Maggies, nickantem seu romance da noite! O Taberneiro das multidões mickome de novo! E essa pança fofomenal é pra cabra macho! Megagegê, mio amigo gay de chapar o caneco, cuclamo nosso univalsa pra testemunhar, tão foda quanto o fedô diovo do meuliffey é cunhecido por nossos boazudos donos de casa há santenas de mamuteanos pelo status cú quomercial dos bairros britânicus nobres (convenceoana!) minha pousada e investimentos na vacompositora händel ficarão imediatamente didis puníveis no percado di fic'ações tal qual a fabricação do monumento vizinho ante a glilll higiênica (foi onde o reverente sabboth e o quebra-garrafas mc'bach la de fuga sinclinaram pra tocar em seu chapéu de palha tricolor, quiele ergueu ao lúpulo envelhecido (ele pagou um virgula um centavo pelo Stetson) enquantuma oleaginosidade da ancestralolose sgocciolava em ambazas pendências de seus imperiais lábios mutsohito (Sencapetulo, um modesto conciliabulito nada carone nunca curvou la boquita até engasgar), convidando cordialmente a adulescência quieli inchistava a fazer álcooltecer da mesma maneira que todos fizeram

assim como ele foi capaz de acrescentar) pra villar lobo antes do Grande Mestre-Escola. (Não te conto história.) Sorria!

A casa de Atreox realmente virou pó (Ilyam, Ilyum! Maeromor Mournomates!) maligno travestido de purpurina como as mundimargens de Fennyanna, mas eis que la vida limita la arte novamente. A vida, ele mesmo dissiuma vez, (sua biografalha, na vildade, o mata muito em breve, simnão agorinha, logos mais) é um ressuchistar, viver ou morrer, e no leitomortivo de nosso ganha-pão jaz o cadriver de nosso pai-semente, uma frase que por lei o criator do mundo poderia macbesthamente tatuar no peito de todozos annascidos de molières. A cena, revigorada, reencenada, nunca seriesquecida, a galinha háhá e o cruzado eternamente intermutocambiaram-se, pois mais adelante no século um daquele bando de donos da verdade de fato furada, (então um excivil (fora das cabanas halfandegagas) (aposentado), (inválido), sob a lei pré vidência hilária de sessentrescinco) num elegante estil■ suprem▲ tist▲ e eram■s malevich■s▲mente bronzeados, (tam, homd e dicky, quopriquos e maccoolcão) ensaiou-o, apontando o cachimbo, com uma digna (copiada) reverência a um primo com o nome do falecido arquidiácono F.X. Conservador Coppinger (um boêmio uisquentadinho, que madre teresa de kkk tenha piadade dele!) num cinderelamóvel de nossa primeira trans-hiberniana com uma circunstância ainda mais triste que é de partir o coração das trevas a ponto de encher taças com lágrimas de olhos marmóreos. Ciclopticamente através duma janela d'alma de vidro e com redemoinhos demoníacos em torno dozolhos de ninguém, espalda a espalda, pica a picasso, em seu carro de odisseia irlandeusa, contemplou com interesse turístico o vestido pra ver a perseguida, o matagal nu, o matagal frio, o frio y outra vez o vestido, enquanto sua trupe incorporava um acelerador de partículas pra circular a gigante árvore da vida, nossuamado trevo da sorte com folhas de fogo, fênix em nossas florestas devastadas, haltivo, cacuminal, enrubescente (repetição!) cujas raízes se tornam cinzas que brilham na dor. Pois na mesma frequência do Arquicadeno, deichiando de lado seu *Irish Field* e ajustando seus receptores auriculares pra captar particoralidades antes de colidirem em Castlebar (morte e além!) trovava sobre isso a pedido de todos, ouvindo nesta nova leitura a parte pela qual, por caosa de Dyas em sua machina, a

nova palhaçada de grimaldidi maccool garrick filho hipostasiada pela substituição da orerotundidade axiomática daqueloutro grande e velho canto de elrington

[55]

john, a descrição do copernicomediante imitador da obra daquele amigo metamorfose ambulante sobre os conterrâneos, poderiam simplesmente imaginar-se no íntimo de seu peito, como *pro tem locums* transportados no tempo pelo bocejo (abismo), como antes eram marinheiros, ouvindo a evocação do atirador crepuscular ao condenado e sempre ventríloquente Agitator, (nonada de plangor se misturando às ondas do Recife em Ubachuvalhalla!) cinturinha de balão, um boto pinkfreud engradivaria, contr'o crepúsculo da tardinha, (seria aquele templo o conhecido como São Muezzin – lugares sagrados! – e este fez sem borda comua cabeça do fiel tocador da terraplana, acreditava piamente – abençoados sejam os ossos! – el ghazi, poder de sua espada.) seu porter de arma MC'ida mirou contra aquele colossal lápis de grafite que logo, monumentalmente pelo menos, siergueria como Mollyvdokondylon pra, pra ser, pra ser seu mausoléu (O'dan esculpido tal steyne no sítio do pica-paund amarelo deve soltar pun) enquanto encobria suas qualidades ilibatórias, ao passo que Rolando subia a uíscada, uma goethinha de sofrimento prestes a werther de jouejous, o fantasma da resignação difundia um apelo espectral, como um jovem se afogando no destino de suazáguas pode se regozijar, semelhante em origem e akkurat em eficiência pra emissão de raios de sol sobre os adornos dium caixão.

Não há mais vaga no velho Hotel do dia do Juízo finicial pro nosso Viajante hellmoto, sem amigos, da Terra do Demônio van gago, algum escandinavo preguiçoso ou poeta no mundo da lua, arregalaria de-va-ga-ri-nho seuzolhos de sem gana dissimulado pros semissignos de seu zodiaco e demorando-se semiolngamente no gargalo da garrafa, taça quebrada, sotaquirlandês oprimido, folhas de relva, vassoura de piaçaba, cabeça de repolho, fischinguinha, aprendeu com a saudade que lá no Anjo tinha whisky pra ele e chá e batata e maccoolinha e vinho, mulher e berimbau verbalizado: e informalmente quase começou a caluniação da península pra quasi passar fome (Wakenews! Não havia muito Bom senso soprando no derridado momento através do chapéu do Sr. Melancólico Lento!)

Mas pragmiticamente cual é a causa formal que tirou um sorriso *daquele* pensar? Quem era ele pra quem? (O'Brien não é seu nome nem a garota de ipanema é sua

dorméstica.) Di ckens são os lugares onde? Kiwasti, kisker, kither, kitnabudja? Tal o tem do tumultum. Lançou dadá ao acaso. Seja o país dos jogadores de baseadoball ou a cidade dos pescadores ou a terra da cocanha ou panbpanungopovengreskey. O quiaumentou as chuvas

[56]

foram azáguas de março mazouvimos os ponteiros e podemos aferir sua melodia vocal pelo decibelímetro e a voz modos de usar respiraman, entonaman, ritimaman, timbra. Tsin tsin tsin tsin! Os antepassados folclóricos lutam porum prêmio de dois pêssegos com Ming, Ching e Shunny em lie low lea. Nos sentaremos na esperança do espírito santo poizembora o coletor de dízimos nozassombre seu hantitat não é aqui. Eles respondem de suas Zonas; Ouça os quatro! Ouça o torroar deles! Eu, diz Armagh, e miorgulho disso. Eu, diz Clonakilty, Deus nos ajude! Eu, diz Deansgrange, e não digo nada. Eu, diz Barna, e quimportamilá? Ih óh! Antes de cair da colina ele encheu o céu: um riacho, ribeirã alp'ulando, timidamente pororocando um, frescor de seus cachos eires: éramos apenas castelos diareia até que, chuá, chuá. Sentimos nosso formigueiro comuma Colina de Allen, a Tumba dium Povo, uma Montanha de jegantes: e foi uma trovoedda entre as forças amadas do pork que nos surpreendeu comuma pedrada de thor, cabrum. Assim os não-fatos, caso os possuíssemos, são um tanto imprecisamente insuficientes pra garantir nossa certeza, as evindecências falosofadas por sherlacanhume são muito park confiáveis como a lacanlização dos seus três álcoolsadores aparentemente suspeitos mas suas jung'adoras são claramente duas minas. Todavia os Bonecos de cera de Madame Tussaud ganham vivavida (entrada, um elogio; saídas, grátis) e nossa guleria nocional é agora completamente complacente, um monumento exegioso, aereamente perene. Obrigá com seus negrespinhos; desguarda-chuva, de graça! E muitos pausaram ante sua exposição pelo velho Tom Quad, um flashback no qual ele senta saciado, roaratorando, em hábito clericarroll, vendo o allan pôr do sol sesgueirar mahlermolentemente pro nuncamais, um glóbulo de madeleine proustes a estufar sua suave bochecha orvalhada e a tata diuma pequena vitoriana, Alice, pressionada por seu velho babão.

Nua entanto algo é certo. Antes quio inverno seguinte ultrapassasse as páginas do livro da natureza e até que Ceadurbar-atta-Cleath se tornasse Dablerna Tertia, a

sombra do enorme forasteiro, maladik, multivultos, magnoperoso, tinha se agigargantuado no bar do supremo tribunal funnral em sessão plenária ou na cozinha de gatunos, falação entre travesseiros e bate-papo de comadre, em Marlborough Green como em Molesworth Fields, aqui sentenciado cem provas pela justiça de Jedburgh, ali absolvido

[57]

contestemunho em benefício do clero. Seu Phoder Parlarmitar o tinha salvado: e sua loucura coisual o fez homem. Seus benefishiários formam legião na rachadinha quiele criou: eles enumeram seus anos. Pneuzão Dunlop foi o nome que lhe impuseram: ouveja só, todos nós somos seus isaac netos. Como dia de feriado reliorgioso em sua casa ele também era sacerdote e rei: ulvyvavaia veio, vivavulva viu, vívidaivy conquistou. Lou! Lou! Eles agitaram seus ramos verdes sobre ele enquanto o arrancavam da pele de cordeiro. Por sua muertificação e uxpiração e humilhação e anuhulação. Com agudodecafônicos e shoenbergritos, souspiros de profundis. Firmes, sullivans! Manequins pausados! O Longotom caiu da escala e sespatifou maiza voz de Grania chegou ao estrangeiro. Adeste, fidelesdaputa, e sinta a musiconfusão do Futuro pois nem a arte total de suas flautas poderia abafar seu violino, ó! Pegue um anel e cante ninbelungamente! Chin, chin! Chin, chin! E, claro, tudo ruidou harmonicaosmente com a maior bonjovialidade. Bebendo rum e rosé e lí cú de cereja e cidras e negus e canelinha também. Os fortes. Oho, oho, Mester Benga, tu tá prestes a ser jogado na sarjeta novamente. Bugge. Mas sielênxiuu siegfread: Eheu fugo, tu fugas! Mas, ula! lau! Pelos falsetes dos deuses, humanos, errantes e condenáveis, tal o status de nosso kuo, que pierre scheffão seja nosso lampião, verdade verdadeira ali lalá, a inesquecível sombra da árvore avulta acima dos confúcios julgamentos daqueles, como todos deveriam dever, dias malrecapturáveis.

Tap e pat e tapoutravez, (fogo na bomba, Messieurs Refuzileiros! Pingpong! Pra luta saxãofônica!) três tons mixados, soldados livres, cristadegalo a gonorreia e capa a cap, da Iceberguarda. Guardas marchavam, na (*pardonnez-leur, je vous en prie, eh?*) Montgomery Street. Um entoou umopinião na qual de ambozos lados (*pardonnez!*), cussentindo, todosos Campos gente Finna concordaram (*je vous en prie, eh?*). Foi a primeira mulher, diziam, que sopou ele, naquela quarta-feira fatal, Lili Coninghams, sugerindo-lhe que fossem pro matinho. Raivoso soldadidoso modelo,

proibido pecar na piracema, curalho caralho cintaralho, confessou o réuservado Pat Marchador *retro*. (Conciso!) Assim contentes contam santoy stories. Uma das próximas Vauxhall no acordeão bambo que tá de boa na lagoa por enquanto (ela foi chamada porum notável elocucionista teatral de Sarah de Sá Siddons) foi psicanaliusada num divã ocidental por lalinguadas. Parecendo talvez inda mais dama de companhiadasletras em seu babel doll

[58]

cereja, cintaralho e cinta-liga Meia Lua e Sete Estrelas, vermelho-menstruação na Cabeça Negra, entre os gagoboy trepando em sua Águia e Criança e sobre o milho e o feno empilhados em seu Negro e Todo Negro, Sra. F ... A ... meratriz,

sussurrando no meio da cena pro seu espelho confidente, enquanto recolocava seu chapéu de rodar a baianna (ahat! – e agora sabemos o que swingnifica uma popolvuhlva num lallance de dedos), ela esperava. Sid Arthar bhagavadaria de Natal um retrato de orquídeas laranjovens e limononadas com ovos peludos e éter, do teatro do Innocidente, já quio mundo havia sido cruel. Então, embora seja odoroso comparações com as primaveras floridas de seu aniberçário que foi uma verdoideira festa no jardim pros finn miccoses e as charlatinas e todozos tipos de climatite, foi uma noitada moravialhosa, acrescentou ela, com muita admiração pela buddinha de Maya prajapati. (Tart!) Pré-histórico, obiterado ao seu ditafone um enticologista: seu nomenproper é um properispômenon. Um lixeiro nomeado Setigrejazz a serviço dos Sinhozinhos Fogonocú, Cuoredepetra e Arvorefênix, pregadores, Papobíblia, foi feita pela irmandade a incômoda pergunta durante sua refeição do meio-dia de fígarooo e bacon alternativamente com barbiekiller e torta de rim cum picadinho do chico e, graçazazeus, respondeu impulsivamente: Acabamos de propogandar a nulidade do seu coisamento e o quieles tiraram de sua orelha em meio a minha própria paixão. Todozos nossos camaradas nas sagas dos Dias O' com o Avatar Kalama cantam quielié só maizum tijolo no muro, rebele-se contra o sistema fodão! Um taxista mais nem sempre sóbrio, questava danduma mangueirada no seu herbie, Ginger Jane, teve uma forte visão. Lorry esguichava nela enquanto seu fusca falava e isso é o quiele disse aos reexcristos: Eirearwake erum garoto que come o eu é um simples comediante na vida privada mas todo bundo sabe que de acorde com as leis de brehon ele tem honras parlamentares. Eiskaffier disse (Louigi, cê conhece

aqueliomem, o brillante Savarin): *Mon foie*, o sim ô desejuma homeletter, sim, sin hora! Jesus tiama, figadora mia! Tem kikebrar seu ovo com as propriapas mãos. Vej'eu quebrar, assim ó, eliasenta na frigieddaira, ô tremkipula sô! Um transpirador (pra lá de sexyssagenário) que mantinha sua respiração ofegante num jongo de tênis seajoelhou diante das infamações mazum excêntrico par de flanelinhas trepa no muralismo mexi o cano e invade a porta dos fundos. Depois do budhalelê de Braddon no sol-fá ouça esta trutorella freskinha! A opinião diuma garçonete de ferrovias (a chamam de

[59]

Rua Valium de lagrimas) foi assim expressa: pra simpatizantes da Linha Misericórdia, Avenida da Morte atinente aozobjetos de seu ministério inspirado pela piedade, a saber, o homem e seu sifão. Ehim! É tarde demais pra botar a pocah no trambone quando Sir Phyllis já inundou seu curral. Seria uma scarlatti vergonha enjohnlá-lo no cage, como foi proproust a ele pela criatora dona Siddons independante de quantas proustarias ocorreram com sua revulva em ralações pirigosas com o nórfão ehim e agourando uma doença tão perversa, ehim! Bem feito, Drumcollakill! Kitty Tyrrel está orgulhosa docê, foi a resposta dium burrocrata de B.O.T. (Oh não culpe o conselho!) enquantoas Filhas Cuecudas murmuravam em uníssonho: Deusperdoessejuraradepound! Brian de O'Linnsky, o filhote de cruz credo, foi fioterrogado na sala de gritos, Bawlonabraggat, e deu uma resposta mal-educada, ao dizer: Porra! Maizuma vez eu vou pro quincas dozinferno! Apoio o impeachment do homi das cavernas e sexo de hara em hara, ai sieu te mordo! Essas duas cadelas deviam estar na coleira, cuidado! Hoje é o dia caça e do caça odor! Porra! Um aspirante a mártir, que batia ponto no saint Asitas onde heros treinado a usar allgemas, quando grelhado no ponto, revelou o fato emcutestável de quia consequência dilso seria que encanto Sakya Muni magicasse truques sob a manga do mistério, com a sombrosa apsara dando licenchioso abrigo sob suas folhas e suas sombras torrifradas pelos potentes raios de indradição, haveria lutas por todo Cuxhaven.

(Quiquie içu chopanheiro!) Missionária Ida Útero de mel, a revivalista de dezessetianinhos, disse sobre a coincidência de intrometidos com granadinas e outras pessoas respeitáveis e degustadas pondo fogo no parquinho: Eça pessoa

perpendicular é um brut! Mas um brut magnífico! 'Calígula' (Sr. Daniel Macgrath, jornalista de pagé, conhecidíssimo pelos lutores Eastrailianos do Sydney Parade Bulletin) foi, como de costume, antipodal com seu: lutando pra morrer, naesperança diamaendurecer, Operashow Lava-Fato. Remendo. Temos carne de duas em duazoras, cantou El Capitán Ganschubert, com a famosa capa de toureiro do padre, cedo demais da conta, matador! Dan Meiklejohn, precentor, de S.S. Smock Alley foi probiverbal com seu upsiduxit: *mutatus mutandus*. O lorde Durão ('Cheirapun') e a lady Moira ('Inrisistível') tomaram partido e se cruzaram e se corcurvaram às opênis'ões um duoutro e se recruzaram. As dublinagens obscenas deles em mosquitas, livres até demais, ecoavam os saussurros delicados de suas

[60]

pornochistadas, una mona. Sylvia Silence, a niña detetive (*Meminerva*, mazagora ouve-se rolinhas por toda Piupiulândia!) quando provida de informações sobre as várias facetas do caso em seu sonolentemente aconchegante apartamento de solteiro, com vista pros cages de John a'Dream, recostou-se em seu divã realmente fidedigno pra indagar com pá&ciência de joy através de suas silabelas vogaldependentes: Já pensou, paipairazzi, quia nobreza dela era sua tragédipo? Entretanto in dubio contra reu de acordão com mis atitudes considerradas pirante este ato ele wildeveria pagar a pena máxima, aguar dando a execução, no banco dó-ré Subsec. 32, seção 11, da metida provisória C. L. A. 1885, não obstante qualquer alegassã contrária a este ato chupalegal. Jarley Jilke começou a amolecer pois não conseguia voltar pra casa em Jelsey mas terminou com: Deram pra ele o saco destopa prajudá-lo a trocar seus trapos de palhaço. Meagher, um marinheiro raso, sentado num dos monumentos de granito de cromlech dos nossos peischoenbergs frescos pro habituhaendel peixenique ao ar livro após o ato sempre popular, com quem rigolesttavam Questa e Puella, piquante e quoitte, (essa tevium resfriado cerebralmhs enquantuaquela sentiu um buraco no estomaccool, wow wot, wot's wet) foi encorajado, ainda que ouvishnu a budha nirvanna, porum de seus co-aliados pra recuperar o fôlego, Walt, e gobbit e quando tomou um chega pra lá de sua irmã macita pra subir sua calça, Naville, assim cor respondeu ao beijo de agradecimento de sua irmãezinha: Eu coloco meus dois dedos no botão, noiva Meagher, (ele fala!) eliera o culpado por desmeiacalçar seu par de coxas na Colina Horniman – como caipintão

gancho e olho gandhi culpavam ele ou qualquer outro pescador? – mas também acho, Pollywolly, que pelo volume de suas calças havia outra pessoa por trás – podiapostar seuzúltimos toystões – sobre os três bumbumtamams descendua Ladeira Beija Bunda. (Karnalval!).

Esses alfa-iates mercadores do mar são da reverenda raça de uédipois rex? Agora tudo é ouvido e então esquecido? Pode ser, alguém tá de bom grado lenduas memórias do cárcere dozanos de chumbo pra saber, que ultrajes tão diversificionados (aindestão por vir!) foram planejados e parcialmente executados contrum puritanus tão fiel-terra se for verdade que nenhum dos registrados jamais teve lugar pois muitos, acreditamos, deferidos e indeferidos, são dados a nós poroguns quiusam a verdade pero com moderação e nós, desta partetura devemos sofrer as picadas de sua pena porisso. A sétima cidade, Urovivlavlaia,

[61]

sua cidadela de refúgio, pronde (acreditaríamos nos leigos e suas papagaiadasciências), além dos fofocortantes vendavais do Atriático, trocando claves cum bygmaestro, o hejirita fugiu, silenciososueant sob a altassonoridade da noite, marinheiro só, um corvo da onda, (sejazz miseriacordeosa, Mara! Tem dó do Rahoulas!) da sujeira do vikingaceiro no vecchio vic, pra uísquecer em expiar homicídio culposo e, ressuchistando em rematrimônio do amar morto à divina providência, (se bocê tá procurando pelo criador afunda seuzouvidu nu cinema faladu!) pra tirar sua sorte, palma e pata, cuma papista. À minha esposa eu darei cutucadas e nós borrameuanus e serei um marido no cabresto. A terra defaustada, uma terra de lotus, uma terra de luto, Hetaeraesmeraldilha, o camponês pasthoreava, na qual pelo quarto mandamento com a promessa de que seus dias apostólicos seriam longos pelabundante misericórdia Daquele Que Troveja Do Alto, mur murou, se levantaria contra ele com tudo o que nele havia, franquehábeis e habitandos, astea como agora, escrafilosofados, o machucaria, pobre diabo, hamletiannamente leal ao finnado pessoa, como siele tivesse feituma maldição preles, o corruptível leigo jazia, todosos santos da incorrupção diuma santa nação, o comuniilista ou o naufragago dujardin do éren, em ressurreição vermelha pra condenar aqueles que podressem convencê-lo, primeiro faraó, Humpheres Cheops Exarchas, de seus próprioos pecados. Criado nos negócios pra falar com um lábio superior rígido a todozozomens e na maioria

dazocasiões o Homem que conhecíamos teve poucas chances de lutar apesar de tudo ele ou os dele ou seus protegidos foram submetidos aos horrores do primeiro terror da Terra do Erro. (ratátátálvez!)

Parece-nos a nós (o Nós real!) estarmos lendo nosso Amenti no sexto capítulo selado da marcha diante do whiskuro. Foi depois do show em Wednesbury quium homem alto, curvando um pacote suspeito, ao retornar tarde em meio a um nevoeiro partiocular em seu caminho pra casa do segundo lar de Moore e Burgess, Menestréis de Cristo, peluantigo locaos, Rei dos Cornos, tevium revólver lettral apontado pra sua fuça cas palavras: tu tá na mira, major, porum assaltante irreconhecível (mascarado) de quem ele tinha ciúmes de Lotta Crabtree ou Evlyn da Maçã do humor? Mais cuidado Quando o Gaiato (não um diocesano de Lacanlizod ou mesmo do mar de Glendalough, mas vindo da proa da Pequena Bretanha), mencionando

[62]

de passagem quiele, o cemgarra, haydn de pilha, na edição da centézima colher da Reader's indigest, uma Hobson carregada que só deixava alternativas gêmeas como, viceversa, ou ele celtamente atiraria nela, a tia, com pistola, (ela powderia estar okay disso!) ou, na falha daquilo, daria porrada no pálido rosto de Pat até ficar irreconhecível, pontualmente perguntou em galindês gaelialcolizado com vódkells quio vendedor de babelas Thornton traficcionava caquele ad'vogal'do do sí-dó-deão Kane apenas pra ser respondido pelo assaltado agravatado qui qui quiaquilo era caipiroca prele, No meio da ser mana, prabafar o caso saia de fininho e investigre siele faz chover. Mas comué transparentemente wake news, gentilescritor! Seus pés não são dium homem alto, nem a pau, juvenil. Não tal persona. Não tal gênero. Não tal número. Tal classe não existe. Supunheta-se quiele tava in conexão cumas minas, Admierrável Bunda Nova ou Álcoor Eires, sob a Ponte Flaggy (pois só ann LI▼I▼Ш▼I▲S e faz pontes entre o velho io noivo) ou pra explodir seus dozetons e forçaruma entrada judiciatonal contra o alterofalhista Abelschwarzenegger numa blusa azul-açougueiro da Uma Vida Porum Terno (loja de roupas masculinas), cuma decisivíssima garrafa de solteiro em sua posse, apreendido após o anoitecer pela guarda da cidade no portão da temperança onde tinha o porteiro Habla-cai-e-dobra em seu caminho.

Quintamente, quão parassoliloquiosamente tonaltenticidade em sua primeira audiência com a acuzação do desgraçado de que, fuxicando in irlandês, ele había había bebido gloriosamente o ó do borogodó saxãoalizando como hengest ou horsa de bar em bach na Casa das Chamas, no Papagaio Duzinferno, no Meu Pub de Laranja Lima, no Glibb, no the Sol, no Cordeiro Dideus e, me segura quieu vou dar um troço, no bar do navio-hotel Ramadown desdio momento da manhã em quiele podia dixtinguir um fio branco dium preto até quio anjaparelho judicialário se revelou a Maria e estava de copo cheio trançanduas pernas contra o píer de são pedra que, cum chapéu de cowboi no topete, ele tocou berrante em falsete pruma coluna de gado coas mais puras intenções pacíficas. K.ontudo kuão desajeikafkamente manka o aborrescente de sua então pseudojokosa axplanação de komo, diakordo com sua própria história, eliera um franzcionário de processos e tava ali babando pra abrir dium te sésamo um bach rilke de chopin martelando mortalmente seu *magnum bonum* (quanto menor o porrete mais selvagem a porrada) contra o portão ensanguentando as botas ao largo do cisne Maurice Ham Vel, quiapressadamente calçou os sópatos a pisar do pound, pedra e tiktokinho em seu caminho de jazz&fé e desceu,

[63]

subiu e pulou shem dó desdio palácio do sono em sua obi sem lenço nem documento, atraído pela pistolona do nórdico Deland que deishow cartago em ruídos de ragnarock'n'roll Dublinonsense, declarou guerra no conforto da cama encanto sonhava quihenriquesseria nos salões mórmons quando acordeado porum quarteto de cordas roncais de sua terra de beulah em quantum as musamarantes da waltrickstória pastadivavam ao luar ouvindo marteladas na escala de cincocontraum emanando do porcachaceiro cego e qualquer coisa parecida (oonagh! oonagh!) em toda a história do Mullingar Inn ele jamais. Esta babel ritornellante por todazas portas e batentes, ele sempre dizia, não era nem de longe como o belzebebum bábelo duma vogalrafa da marvada que não o despertaria do sono da ressaca maizo lembraba muito a marseillaise carnavalizedda por instrumantras de musikants estrangeiros ou a desconstrucanção dos tercetos últimos dias de Pompeia, se algo lhe toca. E que depois desse noturnonsense meio-dia em paris a jovem rainha caiu do trono e a velha liffeypopótamãe começou a varrer as planícies, lima barrenta nata, rurinando em todozos aventaos dozaçougueiros ios policarpadeiros com o tristão finn de ser ou não

ser o candelabro da Rejaneyjailey passaram a noite toda nonadando nazáguas do, azáguas rivoltosas do. Mundo.

Só um momento. Uma pitada no tempo do ideal, mosqueteiros! Alphos, Burkos e Caramis, deixem a Astrelea pros astrollojerrys e pelo amor ao bom sancho e pançabedoria de Keavens pica a mula de volta pra Pamintul. E gira a roda-gigante do mundo, o mundo rodamoinho, o mundo rodapião! E chame todazas suas fuamantes coradas, Brancadeneve e Rosa lancha hamburger, siocê quiser o verdadeiro creme! Agora vambora pruma festa do morango! Filons, filoosh! *Cherchons la flamme!* Fammfamm! Fammfamm!

Vamos lá, homem comum da grande cabeça nonobli, do trazeiro depilado e da ekksprezzion fischial em branco ao estilo Machinsky Scapolopolos, Duzinascu ou outro. Sua perna de carneiro gourmendelssohn tá ficano musculosa por ser tão puxada. Noah Beery pesava miliuma pedras quando Haydnpunzel eruma galinha. Agora sua gordura tá schuminndo rapidin. Portanto, palavra-valise, por que não a tua? Existem 29 doces razões pelas quais a sagração da primavera é a melhor. Velhotes caem de maisduro por amêndoas verdis quando

[64]

são criados com raiz de gengibre dos rochedos urrantes ainda que inverne em suas cabeças como se outonasse em torno de suas cinturas. Se bocê tibesse dores nos cabelos não parecia tão origibal. Bocê teria Macários Pentelhos Grudados em seu gogó. Agora ouça, Sr. Leitor! E arranque aquele sorriso babado do Gargalhada! Prenda um velho Lisztiozão sem noção que faz odes à sua saia. Note seu cabelo lustroso, tão elegante, *tableau vivant*. Ele jura quiela será sua açucordeirinha, jura que serão pais parceiros, por Sam, e compartilharão bons momentos no ocidente num garantidíssimo ninho diamor quandua lua de maio brilhar ieles piscarem a noite toda, penteando a cauda do cometa pra cima e fazenduarminha na mão pra atirar nazestrelas. A rosquinha cheia de creme por centavos! Todos felizes, sinhazinhasmackenzies! Poizo bom velhinho grumpapar, ele foi pro razztapé, olhando cândido e otimista e doidão prazestrelas. Compree! Ela quer que de cima do armário o tal mário traga noiticias da bolsa de velóreos pra quiela possa pagar um crusoeiro

por seu enxoval da Peter Robinson e dar um uppercut em Arty, Bert ou possivelmente Charley Chance (quem sabe?) assim quio tonto Sr. Hünter grasscejava gugu dadá pra dançar comigo (então ela dá um bejin no ombro!) e é purissu que metade das gurias da cidade ajeitam a calcinha quando grumpapar se masturba debaixo das calças. Maizo véio grum não é louco de se meter entre docê e yum (não na sua vida, garoto! não nessas calças! não porum jarro cheio!) poizo esconderijo onde Furphy faz musicocô de câmara não é ondio velho grum vê girls fazendo o número dois (bravo, nosso Grum!) iele gostaria de cunilalinguá-la também poralgum tempo poizele adora a sua número um maizele amassou os pêssegos da número dois pra que pudesse apenas acarisseiar os dois, chivee chivoo, todozos três se sentiriam genuinamente felizes, é tão simples quanto A.B.C, as duas mixers, queremos dizer, com seu calção de querubim (pois gregor tá simplesmente se fazendo de somso) se todos estivessem à deriva num baco salva-vidas dos sonhos, abraçando-se doizadois em sua balsa-nova-de-noix-é, um coffeecoffee pra ti, chácháchá pra mim e camus qui hocê caiu n'êça homi Faber, em sua malemolência, amalucado na sofrência, gagoboy que faz carícia na carência, você pode? Finny.

Ack, ack, ack. Com cke aclamação, armação e alcoolizakção, três de larica, nossoz amigos em comum, el acusator e el garrafa na porter, parecem estar implicitamente no mesmo beabarco, porassim dizer, portando também

[65]

várias marcas do destino, pois de fato não adianta colo'car o dente na frente dos boiatos dessa spéce e da kantidad de todazessas classes de coisas quiacontecem uma ou duas fezes ao dia conkáda leva-e-traz entre todozos tipos dindividuos promíscuos de todazas idades em casas privadas e reboliços publikiss e nos quatro kants e em outros longares ao longo da sequência secular do país todo e que sobretudo no exterior é particularmente estupendo. Continua. União Federal dos Transportes Unidos pro Ecstasy da Exaltação dos Triunfantes.

Mas retomanduas investigirlsções. Será que será na manhã seguinte o post do unificcionista (oficialmente chamado de correios, Cartas Escocesas, Limited) de destino curioso (elié o gandhi Vercingetorix, d.e., o derrotado quiusa caesarmisa de vênus pra tirar selos e cartar destinotárias) pra entregar uma hercúlea corrente d'envelopes, escritos em setestágios diferentes de tinta, da branquintessência à

lavandaïette, cada garrancho e capitular gancho riovelando as taras da esposa, sobrescrito e subpincelado por sua A Legre Pandemônia, com pós-data, S.A.G., pra Hyde e Cheek, Edenberry, Dubblenn, WC? Será que tudo o que for escrito em linguagem lapsônica com implosões de Magiar shempre parecerá shaunbreposto, preto lembrando branco e branco mantendo preto, nessa dual gramatologíria siamixada usada digreshivamente por sterne e swift e roger rabbit? Será que nos dará uma luz, luar tão cândido, e mergulharemos em nossos problemas? Bem, parece que agora, michael, tamanhecendo. Sempre e repetidamente até quia esposa de Cox, duas vezes uma Sra. Galinha, meta o bico nuassunto com Owen K. atrás da porta, pra fofococoricar o kiss ker kiss seja depois, esta bolsa sinderélica cheia de fragmentos de lixeiratura ficará de butuca na pança daquele meio-irmão do herméticoock, uma caixa de clārrespondência?

O sarcófago, um triunfo de la arte do ilusionista, à primeira vista naturalmente tomado poruma harpa de mão (é um intocável enigma pra tristinguir jubabe de jabule ou até de tubote quando todozos três acabaram de ser inventonados) foi removido da loja dinstrumentos de Oetzmann e Sobrinho, uma notável casa do velho oeste, que no curso natural de todazas coisas continua a fornecer os requisitos funerários de cada descrição necessária. Por que necessária, no entanto? De flatus necessarius (cê não ce centiria comuma galinha depenada ce não tivece o oscar!) porque as noivas cintilantes ou a noiva lili

[66]

bolero jogando cambalacho no baile de gala dos Nivynubies e seus noivos pomposos que sempre chegam com você (e por jango quandueles chegam!) que ainda mais neste mundo mortal, agora nosso, quando nozencontrarmos lá à noite, no meio da sua nudez, eu lá peladão, nada fiz na hora além de socar uma, os traria de volta encarnados, polegares pra baixo, aos seus cavalhallos e burros predreses.

Prosseguind'O₂. Poderíamos deixar quia N₂itrogenialidade dos oxigigantes respirasse ao ar livre e simplesmente analectalisasse aquela combinação muito quimérica, o zeppelin onde geni salvou a cidade. E tentar jogar bosta da cômícúcena sobre as atmos'feras. Continuando o caso da heliose engarrafada, Long Lally Tobkids, o especial, ostentando um peito adornado de medalhas, e uma conscienciosa leitura dazescrituras prajoelhar na basílica de só pedra da esquininha, jurou como um alfaiate

norueguesiano no banco dos réus diante do funcionário designado que se opunha ao direito de mendicantar do homem no açougue do blues que, continuou ele, na última noite após zentregar muttas carcaças de cordeiro doideus e carne de jutes iscariotes in nomine dei Srs. Otto Sands e Eastmans, Limericked, Fornecedores, se foi e, com seu absoluto espanto, chutou a bunda e a porta contra todazas runas e, quando questionado sobre o pretensio habeas qorpus (foi chutado pra cima e pra baixo com ele) em tom solene pelo imputante imputado, disse simplesmente: eu juro pela torta de maçã, Capitão Phillyps. Você fez, como enfatizei antes. Você tá errado até o joelho, senhor, Madame Tomking, permita-me dizer-lhe, respondeu cuma cavalheiresca saudação MackPartland, (a família do karnal, e el maior matusalém del mundo exceto pelo apelido, nome). E Phelps tratava a pele com seu esfoliante. Mas sua cara caiu.

Agoro observo o reverso. De saiotiaveludado à escocesa de apenas um palmo de cinco dedos e porisso há corcovas enormes na cacunda que ao que se sabe foram instigadas por uma ou outra das causas causais de tudo, essas rápidas heroínas sem conteúdo em saias leaves, seja ela a magretta ou a posque. Oh! Oh! Porque é uma coisa horrível ter que dizer por dizer só por diazer qui uma dilalah, Lupita Lorette, logo depois num acesso de sabe-se lá o que bebeu carbólico com toda a sua querida vida plácida passando diante dela e empalideceu enquanto a outra pomba suja que é sua irmã de coração, Luperca Latouche, descobrindo

[67]

celto dia que dava pra fugir das tarefas do lar fazendo strip-tease pro homem binocular e que suas pernocas jamesjoygavam di um lado proutro, a garota travessa logo achou seu chapéu carmen mirândico mui pequeno pra ela e não perdeu tempo, veja, ela rapidamente foi pro rala e rola, farrear e vender favores extras no monte verdi de feno ou no zestábulos ou numa casinha de sapê *ad huck* (há certas intihumidades em todoz os lavahistórias femininos quialugamos apenas à imaginação) ou na doce clausura do sêmentério por um punhado de carvão ou um magrelo de sunga no arraiá, servindo elegantemente ao de cujus aquele mesmo coelho quente *a la Zingara* que nossa própria pequena Graunya das bochechas de chili servia ao dominatrix de Oscar, aquele filho di um Coole. Houri da costa d'esmeralda, aiarrah do laccessivo poghue, Aslim-all-Muslim, a resignada por sua entrega, #elano, eva veio de leinster, verdadeira filha di um Diarmaid, (o tom dela era Quarenta Passos e cantigamente

soltava a vulvoz no Cromwell's Quarters) com wagneresca licença valquíria que levou muito pobre pedreiro pederasta à perdição, noivamente e de noivo, ai, e noivamente pra provulvocá-lo, vulvocalizando-o no fiofó, eh vulvocalizando-o no fiofó, eh eh vulvocalizando-o no fiofó, tombalacatomba tomba tá, stop, cachorro diuma cachorra dium infiel, iéié! Angelusdei! E ele, como Arcoforty, avolo de Bisavolo, não cu meteu falhas estigirlmatizando-a com iridescente tonalidade gritada in baby doll hell mean fall soul latido sin dó? Diabosta! Una raina das fadas, uma rainha do proibidão, uma háháháinha das travessuras. Um homem real, de porte real, regiamente trajado, exaltada seja sua glória! Aqui se dá aqui se pega: Agora não, não agora! Ele queria só um minueto. Trombeta sofredora! Ele achou que queria. O quê? Ouça, O ouça, vivendo da terra! Hungreb, época morta, ouça! Eliergue, ozolhos vorazes em seus labirriosos lábios. Eliouvê a voz chuáchuáve dayla passando. Eliouve! Zay, zay, zay! Mas, pela sebastianbarbach do profetchaikovsky, ele não pode responder. Do leitomortivo até levantar e brilhar! Nem precisa de maistro ou totem da Fenícia ou da Ásia Menor pra obelizar no loucal, nem pedradagávea ou pedrapovãosofal, nem chapada diarmaidina na Floresta de Tomar pra mostrar como desmatamenthors levam à ruína. A boca que não fala sempre atrairá a língua imprudente e enquantoobservator manipular os quio escutam não houvirá muito tempo até que na mudez de todos danação os cegos guiem os surdos. Eis a verdoida, netinhos! A coluna prestes deixum rastro de folhas de relvesperança atrás de nós. Se a violência contra a vid'Al-5, membros e propriedades, muitas vezes ou

[68]

não, foi a expressão, direta ou através dium agente macholino, da feminilidade ofendida, (ah! ah!), não há extorsão financeira desdios tempos em quias fadas stavam no nogócio, e desejoso por desabrochar na terra de wilde seguiu uma impressionante reputação particular de pecados saussurreados?

Agora por memória inspirada, giremos novamente a roda até o oco do muro. Ondio Gigante Blyaunte enfrenta Elias Canetta em Eruma vez um muro e um murão aão e tal ocovalhalla no muro existiu. E já eire ora de ira em Aairlanda. Ou você é O Cabeleira ou o Digno Moisés ou sua horda de ortohermanos e ortohermana pra deturpar um jardim do Odin e os paladisos perdidos quando todozos eddams acabaram comendo azevas. Armen? O doun é deules e ainda tá por vir sieule aceltar

las cuentas coun louscifer e nós chagaremos a ser engraxates da alta saciedade siocê fecharobico porum segundoun. E quiozovos sejam os bons e velhos ovos de pascal e Ishtar Estarr interprete Yesther Asterr. No drema de Socestost Areas, Finnadopessoa. Um portal de stonehenge era então al berto a outra cousa ainda quio moviemento soroptimista tenha comprado e feito puxadinho naquele barraco sob o aluguel justo diuma ovelha porânus, (nobre) valor de seis santavos, iuma cabrita anual (cadete) no valor dioito santavos, pra ficarem velhinhos e felizes (kamassutrando-o e beijando-o) pelo resto de seus anos; e quando tudo tava prontinho presse propósito ele colocou um portão de maçã no lockeal de jeito ninhun como pretextan poizum sol-fá cama pra impedir a entrada de burros (a merda impregnada nozentahes até esta hora deixisso claro) e só então sobre a porteira de ferro, por cowstume antigo deixadaberta previtar quios gatos importãonassem a cabra, foi preso por cadiabo triplo de propósito por seus fiéis meninos da porteira pra mantê-lo na casca provavilmente e possivilmente no ocase diele querer inflar pomposamente o peito e tentar a providência graciosa caminhando no dia da ovada popular, desacostumado que só ele de ser alvo duovo da multidão.

Oh, a propósito, ao vencedor as batatas, isso sempre deve ser sempre lembrado em conexão com o que houve antes de haver um nortistockhouse, Herr Betreffender, que fazia do quarto um sítio arqueilógico, cavando no número 32 no Rum e Ponche (Filial da liberal Casa do Pau Sujo) em Bocamurcha (ondios Salmõezinhos Sockeyes piraçamavam na épica do jejum de laranja) antes dilso, um Kommerzial (Gorbotipacco, ele fedia como Europuta Zentral)

[69]

da Áustria, o U.S.E. pagando (Gália salve o marco!) 11/– por semana (Puxa, todos são romados!) de consciência monetária no primeiro new deal de Yuly ondielestava, tocando business com prazer, e permutando o mito irlandeleuze pelo alemão, fazendo sua reproustagem sobre A Queda de Adams pra Uiscola de Frankofurto, uma críticadarazãoperiódica Kantinental, e ele, constatando quium tal Lynn O'Brien botou nele, uma camusinha de lã de cordeiro, surtado, e além do mais com vontade de puntência de soltarafraça em zurique ou outro o faria, idealizava milhares e milhares de oberturas pros punstas qui pariu, recebenduma indenizoação por piadas e danos do macaco. Agorocê deve saber, frankisserenatra, pra tocar um coração de vidro, quio

jogo do olhar e da carnificina da seresta era só um tecido pra envolver O Bode Espiahistórias diameaças e obuses tal qual os cabritos-montezumas tiram onda no pico do pináculo e depois tipo assim sabe. O visitante não solicitado de Humphrey, Davy ou Titus, na marcha do clã dium burguês vindo do meio oeste, um homem nada cortês provavilmente excelente em rotas que conhecia das Montanhas de Boifast como um urubu do velho mundo, após fazeruma longa dança sem π nem cabeça na Mata Desvirginada, depositeu seu coupo de cêbeja na espeura-de-me-douminar, depois de ter soprado um quark (procê! Amigodonça!) pelo buraco da fechadura do palácio real pratrair a atenção, baliu em meio ao vendaval de fora quio alfaiate de seus trajes erum porco no cio, primeiro, era o gilgamechas, quiescalpelaria o maoméghair do bolchevicouro karlbeludo, depois, era o só pato horto pede cú, quiele soltaria os parafusos da sua cabeça de patinho feio da mesma forma que quebrariuma noz cuma chave inglesa e, porúltimo, seria o revoludicionário, quiele derridaria a si mesmo (ou do impoeirador ou de qualquer caim) mais denso quiágua que passarinho não babel e seu songuinário meio-irmão mijou no balde. Ele pediu mais álcool mentílico pra soltar lalíngua, alegando que seu avô erum puta taxista e que passava das dez da noite pra falar do cornnell, e que seu bar erum inferninho público por causa de irsk irskuisky, e então, não facilmente desencorajado, abriu as comportas da ira de sua atillaria e continuou num ritmo perverso, mozartacando-o com metáforas mistas dazonze e meia às duas da tarde sem nem mesmo um intervalo pra dvorark um lanschoenberg em nome de House, filho de Clod, pra escorraçá-lo, judeu mahlertrapilho, pra ser Executado Amém. Jaquiouves lacraian, aquela mente-padrão, aqueliouvido paradigmático, receptoretentivo como o de Dionísio, sofredô-maior

[70]

embora pendendo o bronze sob restri'som no canto sitiado de seu conservatório, atrás de muros construídos pela fome, sua garrafa térmicage e mosqueiro bizantino ao seu lado e seu bigodão no whiskey dozetons pra palitonar os dantes, compilado, enquantoele lamentava a arte da fuga de seus gansos selvagens, uma longa lista (agora temida e em parte perdida) a ser mantida em arquivo de todosos nomes abusivos de quiele foi chamado (fomos compelidos pelo regozijo de belas ladies ios humores de Milltown etcetera por Josephine Brewster na colisão conhecida como Contrastações com Inkerman e assim por diante e xuxeshivamente, ladies gagam em

water luz, fujam, celestiais, um turvo claro): *Debutante, Del'ator, Laranja Podre, Buda Mole, Filho Da Escuta, Eu Não Fiz Nonada, Lo Bello De Judas, Yass Nós Tamuz Bandannas, Porco de York, Carinhafeliz, Bonde Do Tiozão Sem Freud, Lubrificado com Manteiga, Houaisspício Aberto, Cain&babel, Oitava Muravilha da Irlanda, Puto de Luxo, Deuspoundtudo, Luabisomem Emicida, Hairstória pra Boi Dó-ré-mir, Garoto Dipanema da Meia-Noite, Ladrão da Bíblia, Punbrincação Hebdromedária, Tamerlão el Tirano Manco, Dalai-barro Azul, Xavequeiro da Hora do Chá, Leitor de Joyce, Esquizofônico Acústico, Se Acha Abensonhado por Deus o Bom Dook da Fallcatrua, W.D.'s Graça, Tagarela Bocudo da Bahia de Dublin, Seu Pai era Mundzuk e a Puta o Pariu Num Tuk-Tuk, Burnham e Bailey, Artista, Indigno da Reileargião Protestante Comonetária, Terra Cotter, Bem-vindo a Waterford, pactuado com Riobaldo, Tarado do Pote de Lagosta, Tudo por Arthur desta Cidade, Atirei o pau no Gato do Francis Bacon, Donaldo Muschülero, O Ás e o Duque da Pobreza. O'Reilly do Tesão Querendo Beijar o Homem atrás do Barril, Magogagog, Celtanejo Pé na Foça, Cymbeline Gotoso, Lutero Livre, Ovos Chocos de Galo, Plano Confúcio, Sorte antes do Casamento, Divorceiador de Maridos, Baladeiro e um Maquiador, Vá pra Helena ou Vem Prazerradas, Piobaldo Puffpuff com Sua Noiva, Expulso do Chifrudo's Bar, Ele Noé Meu Primo Basílio, Sebastian Bárbaro, Pessoa Peculiar, Factotem e Tabu Agourado pela Coruja, Aristocrata de Doze Meses, Licantropo, Puxa-saxofone de Vampiros que se faz de Doidoísta, Zé Trovão e Anna Raio Matridemoniados no Conclave, Bota Esquerda Enviada após Aclamação, Invasor da Terra Santa do Senhor, Globe Irlandês, Duque de Paudiarara, Pragas da Cabana do Pai Thomas Furlong, Arquiduque Costureiro, Teu Post Passado te Condena, Kennealey Não Vai Te Falar do Vestido de Nancy,*

[71]

Fuga pra Encobrir, Imposto de Renda, Andy Macu Naíma no quarto de Annie, Furo da Lei, Confabolador, Abestado da Rua do Bom Bardo, Sublime Porter, Um Proibidão pro B.B. King dos Belgagos e um Bom pro T Zar de todazas Ruzzias, Ó Félix Culpadoleiro, E no Número Wan Wan Wan, O Kiss Klee Ele Flez pra Castlecostello, Dorme com Plumas e Amarras, Sabe-se Quem Vendeu Horácio El Cascavel, Procurador Adjunto dos Filhos de Fingal, Bêbaduequilibrista em sua Queda, Queruma Esposa e Quarenta Molièleres, Paladino da Justiça, De pênis pro ar com o Pópózão, Popye Toca sua

Oliviola, Ruína do Pequeno Burguês, Ele – Riode docedeleitmotiv, Betão véio erum dos Campos, Semeador de Uvavaias, Armênio Cruel, Peixepodre com Barriga Arriba, Edomita, – Homem Desprovido das Características Comuns à Natureza Irlandesa, Hidromensagem Alemã, Hraabhraab, Manipulador decoocoo, Sujo, Pai Ausente, Primogênito Quiestourou a Bolsa a Pontapés, O Pior de Woolwortholândia, Falosofista Asiático, Porco Bastardo Fêda Culpa, Rápido na Cachaça, Demônio na Cama, Supra Sumô no Amor, Na Custódia da Polis, Alocucionista de Babel, Deposto, mas anarhistecamente respeitoso das liberdades do indivíduo não invasivo, não respondeu uma soletrária palavra de casamento além de tal sedentarismo, embora fosse tão fácil quanto beijar em qualquer lugar pro resistente passivo na cabine ondieliestava pra pegar o telefunny sem finn e discar Kimmage Outerego 17.67, porque, com explicou o fundamentalista, quando finalmente incitou tiroporradaebomba, tocando seus sentimentos feridos na futura missão dominicana pro partido showcialista em marcha na época iele pensou que a devoção turbulenta conhecida como santo rosário poderia reformá-lo, Gonorreia.

Esse jogador de críquete mais do que consideravelmente desagradável antes de apagar bêbado lançou algumas pedras lascadas, todas do mesmo tamanho, por meio de raposudas uivavaias finais, na saída dos fundos em apoio às palavras de quiele não era culpado mas, depois dar um rabo de arraia gariatório, recognescendo através de seu semisubconsciente a seriedade do quiele poderia ter feito se tiveche realmente polido suas terríveis intenchões finalmente alterou o chistema tonal e joygou todo pedregulho canônico no riacho pangpung e, depois de ficar um poquito sóbrio, caosminhou pela tradi'som até el diablo atacar sua bile, o fleumático flalido, o fleshqueiro flutuante, (bolsa, bolsa, bolsasdiestudo, vou acabar com todazelas!) esse caflajeste backblock bruscamente soltou

[72]

sua línguagenocida e saiu completamente da cena paleológica, decretando como por sua ordenança autonegativa ele deixou de ser o Salvador na mesa dissidente, após exortar Earwicker ou, em fraseologia ligeiramente modificada, Sonhor ou Sonhora Earwicker, Seir, seu nome feminilizável pela multidão, pra cacau marchar em retirada de Zombariwaterloo em honra de Crumlin, com seus velhos fishgodos sanguínários, que Ivan Gog o amaldiçoe, assim que golpeá-lo com o machado do assis e deixá-lo

quincas bobo, pode confiar, como Fratura Exposta fez com Ketil Flatnose e o tal do ninguém com Polifemo e ergueu rochas sobriete, ou se não o fez, por trinta e duas palhas, por Cacao Campbell quiele não sabia o que não faria por ele nem por ninguém ou quiçá por ele mesmo depois do qual, batell o martell, um brisha uma milla um carateca uma boola, então a raiva de Malbruk, jogando com a menor mudança de sua majestrosa voz, o primeiro dístico heroico da fuguall tropical, Opus Onze, Trinteidois: *Meus esquemas em obediência a Esta era tiveram que cair*. eles deram uma mordidespedida no polegar e, com o bandolim nuombro, deram um duplotwistcarpado na piscina ou ilha, desejando darum pulo na filhadélfia pela manhã, continuando na brinciação Híbridadaísta da deslizante escrita do retorno (*Et Cur Heli!*) em diereção às instituições surdas e mudas a cerca de dez ou mil e cem anos distantes no desfiladeiro enluarado da Tocata no pandeiro de Bach. Adyós!

E assim, com o cerco à la rochelle na Butalha de Acre, virou-se aquelúltima página dozassédios a nossa arquicidadela que gostaríamos de hellembra, sio velho Nestor Alexis cantassiuma ode pra nós, como Bar-le-Duc e Snoopy-o-Dog e Bergen-op-Zoom.

Aindassim ele arrombou muitas portas ao lado do Vikangaceiro do celtão pra testemunharem suas maotsétumbas arqueologiriadas num silente nuverbo divando sobre a colina e sob o vale e na rua de parlalelepípedo, em Howth ou em Coolock ou mesmo em Enniskerry, uma teoria nada retilínea da evolu'som da societoida humana e um testamento das rochas de todosos mortos a alguns vivos. Nós os chamamos de cordeirinhos do Oliver, soldados de pedra, e eles se unirão a ele, rebanho e paladino, como nubiletras aos cúmulos, naquele dia em que, mesmuo honrado lanceiro de relâmpagos de Azava Arthur

[73]

(Somos Finn, Finn Féin avant!), ele despertará da terrasonâmbula, haltivo cristo estigmatizado, em seu vale despinhos de O Homi do Mato em Ascensão, (líderes desaparecidos vivem! os heróis voltam!) e sobre as dunas e vales de Alphavilla-lobos (nos proteja!) o poderoso berrante rock'n'rolla, rolando, rolla.

Pois naqueles deyes seu Deyus perguntorah por Allbrahome e dirá a ele: Allbrahome! E ele responderá: Ad sum. Ser piscar nem pecar. *Animadiabolum, mene*

credidisti mortuum? Silentes eram teus salões faustivos, Ó Truiga, quando teus bosques verdes secaram maizaverá sons de muitos risos zumbindo nozouvidos da noite quando nosso pantriarca de Comestowntinobble pôr o pulôver em suas botas.

Liverporter? Só um bouco dilso! Seu bafo de leitinho fresco, sua pele suada, seu coração desafinado, sua constifluência fisicachoeira, seu piff meyerbeerrando paff, suas extremaldades extremaamente assim: Finglass, Pembroke, Kilmainham e Baldoyle. Humph tá caducochilando. As palavras não pesam mais pra ele do que goethas de chuwerther pra Rathfarnham. Que todos amamos. Chuva. Quando dormimos. Goethas. Mazespera cairmos no sonho. Chuvavá. Enchopp-nos.

[74]

IV

Comuo leão em nuosso zoolacrimológico se lembra dos nenúfares de seu Nilo (Ariuz esquecerá Arioun ou Paul MacCooltney os sinputizantes dos Marmarazalles de Marmeniere?) pode ser, quiusem toda a razão pra cartar as vintienovas sob o sigilo proustal de nossa caixa de correrrio, o boquichistador sitiava-se nos sonhos silente e sozinho caquelas lililiths imaculadras quio desconstruíram, sugaram seus ânus, e não conhecia as viuvulvas em vigília no seu velório, e fishcaram até o finn. Fooi, fooi, cas arrumaderridadeiras! Zeepyzoepy, esticou as canelas! Zijnzijn Zijnzijn! Pode ser ou não ser, nós devemos correr pra deaclarar isso, quiele epifanishow? prewill? os campos de paixão e produção de trigo ondi Ysoldoura vê o sabugo? shemvergonha e apaishaunada. Pode ser, teremos quiabrir uma pequena porta que nossos jornais moralistas do município não querem trazer a tonal, que com de profundis visão (embora não foice o desejo muitas vezes eruma perda de tempo), interiorizando seu xamã patriarcal, totem viking acima da citie (Cidadá! Cidadá!) ele histava ciente dos inimigos, um kingbilly montanum cavalhallo blanco num moinho de Finglas, orou, sessentando ansioso no trono, (pode me dar um pé no buda ovolhando nos meuzovolhos!) durante 4'33" infernais horas e nagonia do silêncio, *ex profundis malorum*, e cagerado com sincera caridade que sua verbabelicosidade (um engles até os dentes que nomeou Nash de Girahash, iria a qualquer lugar deste mundo de lágrimas em sua barriga zebrada (o escravo, o caipratraz de joelhos!) probter leite, música ou molières casadas) poderia graças à benevolência providencial quiodeia as prudências dastúcia desdobrar-se na primeira diuma distinta dinastia de seus posteriores,

[75]

negrovelhas de connemara desgarradas do rebanho exceto dos filhos mais felhos de sua fallmilha, a mais assediadora de suas ideias (*pace* suas douze pauxões predamanantes) sendua formação, como em climas mais fervorecidos, ondio Prado de Mel é acolhedor e a Montanha da Alegria recebe, dium estrato verdadeiramente criminoso, o covil do assantante Ham, fianalmente eliminando de todazas classes e massas com descasualização diretamente derivada: *sigarius* (sic!) *vindicat urbes*

terrorum (maníacool!): e assim, pra arrombar um taal banco depois dela, a obediência dos cidadãos assegura a felacidade da urbe.

Agora jah deus. Deixemos as teoerrias pra lá e riotornemos ao aqui é aqui. Agora ouça. É zeus de novo. A tumba tol teca, Envidraçadonay, pés a leste, a virar mais tarde, e penosamente perto do corpo, materialmente efeitando a causa. E isso, ao contrário, é o ca do caixão. Qualquer número diórgãos públicos conservadores, por meio dium número de seletos e outros comitês com poder de aumentar o seu número, antes de votar em si mesmos e em benefício próprio, cidade, porto e guarnição, poruma resolução justa e cabível, seguinduma ordem judiccional da consprostituição, diuma vez por todas fora da echistência narrotativa, como um foradalei, então punderia sinbaralhar pra trucar de carta num novo jogo de baraulho, o fez, enquanto seu corpo ainda persistia, seu presente diuma solene sepultura atonatemporal em Moyelta no melhor padrão Lago Neagh, então tão procurado entre misonêsos quantum a Ilha de Man é hoje entre lagofóbicos. Esperium minuettino! Foi num caldeirão cheio distória de pescadô, depois quio capataz de Fianna tomou um punhado, enriquecido com árvores ancestrais e queridos tecidobscenos holandublineses no meio quieram umantiga colina à la zaratruta, vaivaidoso de seu artesanaton e um abre hablas do salgueiro com qualquer Wilt ou Walt que fисgasse a peixanna como fez Izaak pra estimular a vara e bizolhar a humidade de suazáguas tontadoras e agora arrepiar o corpeter brownezeado de (que sua colcha culbra liviannamente sua sonolulenta forma!) Quemporti em finn jaz, pela ira de Papaidocelta, como o primeiro Huno straussvesso na cama do Donaldúbio azul.

Melhor. Este deveriatersido o paraíso underground, ou o paraíso das toupeiras que provavelmente também foi uma inversão dium falófarol, destinado a fomentar a safra de trigo e estimular o comércio turístico (seu arquiteto, Mgr Pèrelachaise, foi obcegado pelo medo

[76]

petrifakeante tal como alcooltece enquantoos contratantes Messrs. T. A. Becket e L. O. Tuohalls foram concebidos invulneravelmente veneráveis) primeiro no oeste, nosso pau pra toda obra, Castlevillainous, abertamente condenado e humilhado por meio diuma hidromina, sistema Sowan e Belting, explodiu dium reinventado T.N.T. bombardeiropostal à altura de onze e trinta asas (*circiter*) a estibordo dazestrelas de

seu thorpeido aéreo, Auton Dynamon, contatado com o expectante campo minado por latas de amoníaco enriquecido presas à amurada do porter-aviões, e fundidas em cabosdaytonadores, deslizando pela cúpula e descendo da torre de comando nas caixas de fusíveis da bateria terrestre, totalmente diferentes tal qual relógios de chaves já que ninguém parecia ter o mesmo tempo de beabarba, aoguns deuszendo por seu Orlógio que baudelairavam Sexy pras nove, outros sosteniendo quio soldado Ryan erum fumante Danes. Ele depois da sua tagarelize de sempre começou a cair fora de si e sua casca áspera stava totalmente rouca e, passo a passo, ele siaproximou (perdoai-o!) cuidadosamente alinhando o resultado de concreto armado com tijolos e argamoça à prova de podridão, face a fóssil, e retirou-se sob a heptarquia de suas torres, a beauchamp, byward, bell e lion, a withe, a wardrobe e bloody, assim encorajando (entre, tire todosos chapéus pra rizar!) úteis conselhos públicos adicionais com a cabedça nos nigócios quieram propriedade dialoguel de lady kant assim como a União dos Criadores, a Associação dos Mercadores de Veneza et, a.u.c. pra presentear-lhe com pompa funebral, arriba e acima disso, uma placa de pedra com o usual sobrescrito aqui jaz de Mac Pelah, um exemplo mui justo de etimologíria falseológica: Fizemos nosso melhúcifer contigo, Heer Herearwicão, xangô sua hora, vá pruinferno!

Mas todozabordo e pra casa! Exponha caixões, enxoweiss sinuosos, chopin brahms baratinho, urnas cinerárias, mentiras em alto-falhantes, baús de rapé, bar rios diuíské, vasos lacrimais, dozetonéis, águadecolônia, vomitórios, sal ravelfinado pra *dvořárk* sem dó, incluindo linguíça difamada milaglosa e picassinho de filé avignon suíno e pra isso, babelcue também, qualquer tipo de mumuficção bric au brac pro ornamento da honoriscaça de finnlipglass, encontraria, com essa sequenza de kondin'sons, natufuneralmente acompanhados, haicovas, no curso ordinário, permitindo a voltaobundo de seguemundo fraude, se quisesse,

[77]

pra viver com cegorança os dias meia-bomba de sua vida de opulência, ancião antes da decrepitude, lentos latidos da lútima leniência, até que ao pó ritornellará, mobydickando ao longe o tempo todo pelo (*hypnos chilia eonion!*) rio do uisquecimento entre explosão e reexplosão (Donnaurwateur! Hunderthunder!) da cabeçona ao pezão, embalsamado, de grande idade, rico em morte antecipada.

Mas acate servilmente o chamado do Zeit, levante-se depois da queda. Raioazul lançado de lá, conhecenduos articuladosvermes das marcas registradas da faltadehabiritação, enterrados cavando Memóriasdoschubertsolo, pra proliferar por todo o seu Hades, costura por costura, sheol om sheol, e visitar nossa Alta-sociedade Sidéria de Utilitários, o divino uno, o colecionador oculto propagando sua progênie plutorpopular de potes e panelas e pokers e trocadilhos da terranoital à terralheia, a lançadedardos ante a acasoestrada.

A outra ofensiva de primavera nazalturas de Abraão pode ter ocorrido sem soma de dúbiadas por acidência, Painosso (pois Breedabrooda finalmente o prersuadiu a ser sepultado tão septuplamente quanto o Cian assassinado em Finnandodenoronha), não havia ficado três mônadas em seu mausoleibniz aquoso (com vigilantes e cavaleiros dientão e brindes de espumantes com boitatá frita!) quandua putreficção, dreyfusa como sempre, marchou até a rampa, rampa, rampa, os soldadinhos tão marchando. Um cabeçadebabel deu o sinal ium papel bíblico livrou-nos de todo o mar. Por que o patrício o assustava com seus grunhidos? Porque azuvas tavam almiscarando na porta. De ambozos campos Celtiberianos (concedendo no início poruma questão de argumento que homens dos dois lados na Nova Irlanda do Sul e Vetera Uladh, peles-azuis e caras-pálidas, durante a contrarreforma Com o Papa ou Sobre o Papa, tinham, maizoumenos, gandhis ideias, grunhidas) todazas condições, pobres contrários e ricos, todos, é claro, na pura dofensiva já quios eternos eram sempre sábias corujas ao seu lado o tempo todo, atraídos pelo ritmo Black Bottom de Bellona, outrora Valsa de Branco (Ohiboh, incirrimado, beijogou pragas e foi amaldissonhado!) alguns por falta de alimentação adequada na juventude, outros já pegos no ato honroso de fazer rachadinha de cargos pra família e escultores em conjunção; e, se tonturada o bastante, a pessoa esganada pode ter sugerido a meio mundo quiele

[78]

pegou o presunto, enquantoa planície era envolvida pela escuridão, descabelando o palhaço no circo, não, inclusive o primeiro ancestral penetrador de si mesmo na carne, wagneriânus encarnado, ao ser vistopelonãovisto pelo nuncavimaigodot valentão do morro já que havia circulado livremente entre sua oposição o sentimento de que hibernando desse jeito Massa Lacraian, que, antes daquela vida semidividida, era

conhecido de dias barmicidas, disse o cozinheiro, entre sopas e sabores, pra sair de seu universo pessoal de truta arco-íris e macbetilápia traiçoeira como nenhum homem nascido de mulher, não poderia, como o grande mergulhão-de-crista, devorar sessenteidez gregors samsardinhas por dia de vida, sim, e tantos lambaris por minuto (a mega mistureba, que a Força o sufoque!) foi, como o salmão em sua piracema durante todesse tempo de total clãdestinidade e chupulando em busca do sebo perdido.

Las damas não desdenhavam aqueles tempos de ferro pagãos da primeira cidade (batizada em honra da honrível Danaduna) quandum amigo eruma folha que precisava ser carregada, comuas lacrainhas fazem com seus mortos, da terra pra entranhas do globo onde certamente iremos calmamente declinar, nosso legado desconhecido. As Vênus eram sedutoras rissonhas, os vulcanos irrompiam em erupção e todo o universo desposas transbordava volúvia. De flato, qualquer esposinha humana que vosmichê queira degustar antes ou depôs do almoço deusnudaria sua hamletespada, ou até um par delas, (Oh my godot! Ó mai gandhi!) e rezem lindamente com ele (ou até cão eles) cada ele ao gosto de cada ela, anseie por sorte, tapette e petter pun e tome pepetelecos de todos. (Tip!) Benzinho a cortejaria e venceria benzebus mas como o veado saberia ondiela se casaria! Árvore, balde, caravana, declínio? Coche, carruagem, carriola, carro de lixo?

Kate Strong, uma viúva (Tiptip!) – ela warquiteta uma arte das ruas pra nós, num abcenário dreamaticaótico, epifânico e munch vidual, da velha lilithxeira como cheira pun, um acoletor casebre de quartzoliszt com titica de galinha, bichannas fedorentas, gatos de bostas, vegenitais podres, repolho cézannestragado e balas de mendigoya, se não pior, propagando alegremente germes salmonelafrários pelos painéis velázquebrados – Viúva Strong, então, enquanto seu freudebilitado lacraian foi posto no paredón (Tiptiptip!), feiza limpa nos tributos do bom Rei Hamletraquinas da dinamarkkk embora sua magritta vassoura limpasse parcamente e seu testemunho desnudo falasse que,

[79]

não havendo Calçadas macadamizadas naquelas velhas noites necroteriopolitanas, exceto um sapateador, Bryant de Causeway, cearcado por verônicas, trevo branco e trova de quatro falhas da sabedoria, ao deus dará, sob violência, onde o depoente foi

atracado, ela descarregou, como os abutres, que enquanto carneiros devem, sua fic'lição perto de Serpentine no Phornix Park (na época chamado de Parkabará de Fionndasputa, mais tarde tautaubatezado de Purgatório de Patrick), esse campominado circundando o bosquedozabates ondio pirotécnico o'flaherty foi cúmplice dium patosselvagem do castelouco e ah pro arqueiro que atordoou o turco, todos sobre os quais pegadas fósseis, marcasdebota, marcasdededo, doresdecotovelo, tiros pelaculatra, e. t. c. foram todos sucessivamente traçados numa envolvente descrição sherlockholmancizada. Que espaçotempo sutil da matagaláxia ciliar que tal castramento de panço villa-lobos visanduesconder um livro de las raioas mãos de Thor ou diuma cartamorosa, amor de perdição, que edipocobiçaria a Ma, do quientão quanduas rivoltas tivessem um pinto finn annal, do quiaqui ondia raça começou: e por quatro mãos de clarividência o primeiro bebê da reconciliação foi posto no último berço do bar doce bar. Desista! E chega disso! Deve passar a pica pelo bem da criança! Ó men!

Poizouça a falhavra do Altíssimo hindu ao encanto dos krishnianos pra propagandar a fé e suazáguas nupciais afiaram seus bicos de presador: e cada mero mortalmorfose de nós, pomo por pomo, cai de volta nesta terrina: como era pra ser, diz ele! E é como se onde Agni araflamou e Mithra esaújacólou e Shiva capoeirizou como mayahamudras azáguas obluviais de noéssa memória noárquica que baixaram, serpenteando marolamente, pralgum carpinteiro ligeirinho acender a tocha do padre, um romanofogoso, o guardião do vento quiacendeu o fogo jazente no bosque que Jove fulminou, com sua palavra raiovosa. Posidonius O'Flutuário! Lave essa pedra sangrenta tal qual ela é! O que você tá fazendo, sua sirigaita suja, e esse troncão trancando seu caminho? Passe por aí, você, pela retaguarda dos ministros! E, volcê, leva esse barril de volta pro lolgar diondio pelgou, Filho da Xana, e siga o caminho quio seu incestral trocatrilhou, Estrada Machadiana! E vixi! como fizeram xixi, as vulvalquírias, toduma escola cavalgando, com suas faixas voando como peixes ao vento, todazas pequenas pepetelas! Issy-la-Chapelle! Any lucans, plur favor?

[80]

Sim, a viabilidade de vicinais se invisível é invencível. E tampouco somos apanhadores nos seus campos de centeio. Descubra todozozenredos! Fluminiano! Se este foi o passeio de Hannibal foi trabalho de Hércules. E um milhão de famintos não

emancipados escravizaram o caminho. O mausoléu tá atrás de nós (Ó Agdistis, *multipopulipater!*) e há monolitos milienares em suas piadomílias tropicando ao longo da literatrilha de Brahm e Anton Hermes! Per omnibus secular seekalarum. Amain. Maizo passado nos fez este presente diuma ruidorota. Muito mais podrer a O'Connell! Embora oculto pela chuva, ionescobre-se com pele de rinoceronte. E siele não for um Romeu peça comida em seu chapéu. Estamuz entrio céu io hell no santuário de São Fiacre! Alto!

Foi bem alí ao acoládo de howe, claramente nesta dissolada e vivaldinvernal quarta estação, rupestre então, dando a cara como agora, que Luttrell vendia se Lautrill comprava, nos alps de Brennen Pass (agora Malpasplace?), a versos e multiversos da verdoideira cifilização, não onde seus sonhos superam seus bloqueios traumáticos (Benea-aí! Bena-aí!) mazonde a mar agitado de livlândia invade a vida de wilde, inundando com espumas flutuantes, quio riovolucinário, um kropotkin, embora mediânus e entre cores com apelo verdadeiramente nacioanal, enfrentou o Adversário que tinha mais no olho do que menos na perna mas a quem por conta do conto do vigário, ele confundiu no temporal com Oglethorpe ou um gingiskus qualquer, Parr aparentemente, com quem a galinhacemcabeças mãe&filhaduovo tinhalguma sêmenlhança Michelangiolesca, fazendo uso de linguagens sacrílegas para o defeito de ameaçar seus hemoforos com o extermínio maizele canonizaria a vida pública de b – y b – r e o exporia a penistências tão maquiafálicas quanto o b – r tinha seus b – y rizaram suas oraçõesnoturnas, três padrecksnockstos e um par de hellvemuries (*tout est sacré pour un sacreur, femme à barbe ou homme-nourrice*) ao mesmo tempo, pra se conectar bem e deixar ozespíritos de porco sairrirem dele, segurando com gosto uma barra oblonga quiele tinha e com o qual costumava quebrar móveis ele levantou o pau contra ele. O incidente fronteiroço se pré-repetiu. O par (sielezeram Nippoleão waterlootuando com Wei-Ling-Taou ou de Razzkias tentando reconhecer o general Boukeleff, não há homi quio diga), lutou aparentemente porum tempo considerável, (o berço balançando igualmente

[81]

a um e opostamente ao outro em sua lei de captura e recaptura), sob as batalhas All In torno do Livroproibêbado, lutando como nabo roxo e nabocouve sueco, (Servos Secrementados do Zelo Divino!) e no curso de sua peleja o cantador distórias, que

abriu sua bocaixa de pandora pra implorar, disse ao mineiro que carregava a minhoca (um termo conveniente para a micro destilaria composta por três tonéis, duas jarras e várias garrafas embora propositalmente não falemos do lucro, ambazas partes tendo interesse nas bebidas): Deixe-me ir, Pauadolescente! Eu mal te conheço. Mais tarde, apoiza pausa solsticial pra signirrefrescar, o mesmo homem (ou um diferente e mais jovem subconjunto do mesmo defunto) perguntou no vermicular com um palavrão disforme xai-xin-xuan: Será que o quinze tirou de vosmissêca seis pombas victoriannas, queiroz-me dizer, cãoparça, por dez perkados no park a dez'agradáveis meses atrásdomato? Houve algumazoutras colidências e tentativas severas de conversão por boa parte diuma hora e agora um odin'oso assunto na forma diuma espingarden (reconhecemos imediatamente nosso velho amigo Ned de tantas cartas atemperais) caiu do intruso que, tão tom&jerrymente quanto aquele gato àquele rato naquele tubo daquele órgão da igreja hdecristo, (será quia imargem da Menina Nuvem Filósofilha flutuava acima deles irradiando charme jeovân timer, em fitas e rabodecabalo?) depois do que ficaram amigos e, pedindo pra não rasgar a camisa, queria saber, deixando de lado todazas brincaideiras e alfinetadas, se seu companheiro de mudança firmemente apegado à invenção de seu cofre, cuma tenacidade que corroborava seus mútuos direitos territoriais, por acaso convertesse uma moeda dium crickruzeiro pra dezcantosderreis em moedado momento, apostando que num lancededados, ele pagaria a vico o empréstimo feito há seis eras, tu notas, poraquilo que foi extraído do homem como amostra no último Yuni ou Yuly, tu tá me acompanhando, Capitán? A isto o outro, Billy el Boulez mendicompositô, que se mimicomunicava e mendibrigava sur incises (poizele era a hesitação levada ao excelcismo) riuspondeu todo pimpão: Woowoocê ficaria grosseiramente surpreso, Hill, ao saber que, como sucede, eu honestamente não tenho uma coisa comuo baralho, tal qual a menor probabelidade dium biscoito da sorte em qualquer lugar ao meu redor no mohomento atual mazacredito que posso ver meu caminho, como sugeres, sendo Noital ou Ferihades judaico e comuisso é dadamente doido, filho, pra ti

[82]

quanduo chapeleiro é lebremente maluco, mon, pra mim, pra ti adiantar algo como quatro virgula sete pence entre trapaças e beijoss que poderias muito bem ter, menino do rio, pra whiskomprar JJ & S. Houve um minuto de silêncio antes quio fogo da

memória se reacendesse e então. Coração vivo! Quiao primeiro golpe de vento gay gay e gole de earwhiskey as perucas e orelhas ouriçaram, o guerrilheiro faminto, atingiu-o com pink freudisparos, ficou estranhamente calmo e jurou de π junto por toda lars porsena em juridrinquês quio espinheiro de sheol poderia ramificar até Sheofon na lux da lex maizele se derridaria bem marxchistando minha palavra forte na idade do sol, pra tirar uma lasquinha do velho Flint, (no glossário Noitzschiano que fornece raízes aprióricas pras línguas aposterióricas este é o idioma noturvo de qualquer signipecante do mundo e um žižek ninguém paunderia tanto verbarrelativizar e vocoralizar em irlandeleuze quanto falhar ao certificar se a tropalavradeguerra warludida em vedas passadas foi algo comuma jungarrafa, pra chacaoslhar, um lacanquetel) e remarxando lalanguedamente, aparentemente muito mais gozoso do quia língua poderia dizer com esta obraberta de toduma vida io antegozo das madrepérolas de Dun Bank e do menino a lavar a piroca com a cow ele produziria seu próprio leite na Ruadh da Vaca em Tallaghtetão e em seguida no Nibelongoanel da Mulher Boazuda e depois dela no Conway's Bar em Blackrock e, os primeiros a cair, amaldiçoados sejam, ondio apetite seria mais voraz, pra ele, foda no funeral ou forró faceiro real, Adão e Eva na Rua da Abuddhância pela graça da corajocosa rainha Tailte, sua vontade e testamento: Seu atordoante remedinho antidepreshiva! Eu te rioconheceria em qualquer canto, Declankiberd, de todo corazón déjame que lo te diga dentro ou fora da lexicanção da vida e qualquer sonhata infernal, seja o seu ruído branco! na bonaparte que te toca! Per goool lasi eu ludwiguenfiei a bola neste prazeroso dialeito por noites e notas, pro schönbergool! Chapeuzinho scarlatti, tu tens um pandemonium germanicum do barulho, ranzinzapunzel! Ele cuspiu no doutor fausto (axin); comeu o cru io cozido (pardun); cutucou sua picareta (cada machadada é uma minhoca): e disse au revoir a seu amigo. E, ca galinha francesa ou o porterfolium de esaújacólação precóccix e prazeres, prestes a continuar isso, a inusitarada mistura intercambiou a pax por abraço ou beijo sexy como praticado entre irmãos do mesmo seio, hillelulia, killelulia, allenalaw, e, tendo ratificado diante do deus do dia sua tréguarmada quios menosprezados schamaram o tretado de cognac, virando sua fezce do estreitodemenai na

direção de Moscas, ele primeiro se livrou dialguns mitosmilenares e ferraduras e deu no pé com jurbulância tubular numa corrida de touro sobre a ponte mata-burro cuspendo os dentes no caminho, com os sete e quatro em danegeld e seu humoral pontiagudo ou outra arma incerta de *lignum vitae*, mas cada vez mais rumornescente dium narguilé-tobogã, escolhido pra não deixar pena sobre pena sem expicação na rinha galinácea com alguns rialtos rivais em qualquer lugar entre Pearidge e Littlehorn enquanto este pobre delaneymar, que deixaram pra trás com o defensor confederado e quiembora bullbluffando, suportou maravilhosamente todessa muravilha cum baita número de contusions do tamanho diameixas, além de cóccix espatifado e lombalgiasalasah, tudo nele, relatou a ocorrência da melhor maneira possível, pro espanto de todo o lábaro dando aos porter-estandartes de Paddy a saudação militar devida a vossa exilência O'Duffy, na esperança justificável de que, numa revisão nobiloromana da conclusium imperialmente satisfactuária de suas negoexitações e do pacto com o tinhoso dendêrivado daí, alguma loção ou fomentação de cabeçadeagrippapoula seria jennerosamente exibida às partes, na relojoãoemaria mais próxima da Fisolovia Vicar, a pálida profundeidade de seu rosto todo coberto com sangue de mamífero nãofatal em cruzescarlata digonal como prova da seriedade de seu caráter e de quiele tava sangrando em legítima defesa (estancá-lo!) das narinas, lábios, pavilhão e palato, enquantooguns dos cobelos foram orrancados da cobeça de seu doelante knut hamsun porum Colt ainda que dioutra forma sua saúde geral percesse star meiabomba ele acabou se mostrando mui afortunado por nenhum dos duzentos e seis ossos e quinhentos e um músculos de seu torso ter sofrido o menor dano apóiza surra debussyta da proustituta. De bu quê?

Agorentão, deixando pra alá as cinzas da discórdia, a força e o músculo e bronzebygold contraponteando pra expulsar os terráqueos ios cristais de criptoanitta visando extrair cartilagem de tombarão mas serpenteando gradualmente até nossos fundos dinvestimentos nazáguas maternas a milhas e milhas da margem e da pedra de Dublin (olimpiadando até a décima primeira dinastia pralcançar o tom da gagalhada de Hamletenor) e à questão da obtenção ilegraal da bona parte diuma fogosa com piercing na cona io bombeiro quiapaga il fuoco revelando o ponto ainda mais saliente das inclinações polítiticas e pierceguições urbanas de nostro antecessor, El Don De Dunelli, (que seu encouraçado porterkena fique

no fundo do rio e todos os seus tricopulantes fiquem presos no hades dos mares!) que, quando imerso na sujeira de sua unha, senhor, caindo sem querer querendo na tocaia grande dos veddasbududos, e quão perto chegou não importa, mamacita, pra cair nocaute'eden quando samboxeador de huguenote só se juntou com Peter o Pintor anarquista pra furá-lo, estava praticando consistentemente a primeira das liberdades primárias e imprescritíveis do assunto pacífico ao circular (rapazes, sejam britânicos pralém do próprio umbigosso e deem um voto de cú fiança ao amigo!) ao longo diuma de nossas humphroibidas vias semitaristas, aberta pra minibuggy e bicicleta, pra caosminhar, Wellington Park road, com o pédecabra ou o machado de assassino sob o braço e sua picaereta de alpinista na mão em carneviva, um hexegesercício colossalmente elogiável, ou, número dois de nossa *acta legitima plebeia*, à beira (cuidado ao frustrar um homem de seu desejo!) de assumir um assento público, a saber, perto de Butt, mais a leste (mas tudo rumo pro oeste!) das pontes de blackpool, como um protesto público de naturalizaçãodosvícios, sem intenção de fazer baobabúrdia, glorificando o bem amado pela furiosa pomba bem comportada e pelo fim da picada da temível jiboia e ainda mais agradicido, o quiele tava, por pousseuir a mytheorologia dioutros povos.

Mas ritotellando ao Atlântico e à Feníxcia Propriark. Como sisso não bastasse a ninguém a não ser pelo ínfimo avanço, se é que houve, lacanquistado na resolução do ser ou não era pra ser do eniguinnessmático crime quandum filho da Maam, Rei da Balada, diuma família longa e honrosamente associada às indústrias de alcatrão e penas, que deu um discurso nuantigo idiomonastério Mayo dos Saxões no coração dium distrito famoso por whiskassinos ilegais, foi postumamente trancafinado no Bailey da Terceira Eddade nas calendas de março, sob uma haikusação erroneamente enquadrada de ambazas cocontas (de cada ponto de vista equinocial, o espelho diuma sendo a pessoa da outra) pra ver o ciclo pegar fogo, pica-pounds botando azasinhas pra fora de seus maccoolções e fazendo field-terra com força em suas imodestas buddhas. Oyeh! Oyeh! Quando prisioneiro, enchoppado em metilado, apareceu em doca seca, aparentemente ambrosiaureliuzado, comua Karikatura do Korduroy de Kersse, trajando, além de máculas, rendas e remendos, sua camisa de guerra, suspensórios palha ralph lauren, suwester e calças saca-rolha de policial, tudo fora da verdade (jacques ele tinha rasgado fatalistamente todazas

suas roupas hugalês boss sob medida na nada belle époque do calabouço), depondo pra

[85]

sua execução com todas les fleurs du mal esparsas no vocabloomlário real irlandês como todo ménage religiorgioso de peterjack&martin e todo o sulfato de cobra que caiu dele no quartzo lambuzando tudo tal qual as cristalinizações de Alum em Eva em quantum tentava atear fogo em sua célula, (de fato ele pingava quando foi visto nu tomandum chimarrão demalte pois temia a chuva fria) foi tentado pela rainha (P.C. Robort) a mostrar quio Rei, *elois* Crowbar, uma vez conhecido como Meleky, personificandum garoto trepador, esfregou um troço no rosto de any luvial prokofieva, bochecha e boca, cuma folha de ravel comuo melhor meio de se disfarçar e foi meio pálido pra feira em Mudford numa quinta thorbulenta, festividades de Pepe e Pelé, sob os supostomos nomes de Ibrahimovictima e Robertorrivelindo escolhidos porele e Anthony numa lista telefunnyca, paceiando cum porco de pedigree (sem licença) e um jacinto. Elizestavam naquele mar junto aos pedros páramos de Eire há novecentos e noventaenove anos e nunca choraram por crack ou pararam de remar regulagmente até que desembarcaram seus casais e egos banais, em meio a camelos e jumentos, velhotes e ninfetas cheirandualeite, padres e pobres, parteiras e casamenteiras, no meio da tempestade de lama. A reunião, convocada pelas Ouraganizações Angriculturales e Prepostorales da Irlanda, prajudar o porco irlandês a olhar cara a cara seu irmão dinaporquês e graças a Larry tevium grande número de partichupantes, de totens cristãos e judeus, praliviar o dilúvio, era distintamente dium tipo raro quando porcomerciante do qual ele não conseguiu obter nenhum benefício, depois cocoricantar de le coq nalgumas rinhas picassodasgaláxias comeu algo na entrada, a damadanoite vendida ao porcavalheiro pagador porquiela, a irmã de Francie, quer dizer, devorou todum lado de seu (do animal) chiqueiro, na rua da rinha homéricock, *Qui Sta Troia*, a fim de pagar, com fiufiu ou cunilalingua, seis dobrões e quinze calotes dele, o escandaloso vilão do devo não nego pago quando fuder.

Evidência noitável foi dada, hímmendiatemente, poruma testemunha de olho, ouvido, nariz e garganta, a quem os wesleyanos frequentadores da capela suspeidavam serum padre à paisana W.P., situado em Nullnull, Praça Médica, que, ao cagar discocô

com cobertura diarroz e ervilhasverdes e ter sido solenemente advertido pra não bocejar enquanto estivesse

[86]

grelhado, sorriu (ele teviu rompante se despedindo da Sra. Molroe pela manhã) e disse a seu advogodot sob seus bigodes de morsa (esperando god!) que havia dormido cuma bonafides e quiestaria lá pra se lembrar de cinco de novembro, rodando a bachiana, Oh rudy, que, com jubileus de Juno ias datas da lamsiedade lancestral, ia, graças ao Dançarino da chulva, a dezembravar azefemérides daistória profanna, pondo no mesmo balaio Tournay, W.B Yeatsday e Temorah, iuma coisa que surpreenderia de forma porcaticulamente uma pessoa com poderes diobservação tão detetivescos como Shem, ham e Jáfedé, embora não soubessem o porquê, o surpreendente nisso tudo é quiele ficou patrickficado ao ver, ouvir, saborear e cheirar, como suas escapadhoras à noite, tal qual Jacinto O'Apollonaire, B.A., descrito no calendário como um mestiçador e pintordepalavras, com parte de um civil paz&warmor (Tato gaebélico pra rastelar merda) no gramado bem na horas badalar das vinte e quatro badaladas (a bullycossidade do freudefunto!) para saquear, socar, esfaquear e matar cas próprias mãos dois dozoutros antigos reis, Filho da Tempestade Desperma e Ruidoratório A'Tonal, Jr., ambos trocados na maternidade, não lucanlizados, sem endereço e nonada comunicáveis, entre cada e um, desdientão rola conflito antes do Mise de Lewes, jorrava sangue ruim por causa da invasão de terra do lattesfunditário durante a tourada ou porquele primeiro dividiu barba, cabelo e bipolaridade em doismodos, ou porquieram rapomposudos e uivivavaias sobre a vivavulva de nuvoletta, ou cadiquê não podiam dizer neca de pitibiriba, (mudo e surdo) merde. Os litigantes, disse ele, vassalos e donaldos locais, reis dos arans e dos dalkeys, reis da lama e de tory, inclusive o rei bode de Killorglin, foram instigados por seus apoiadores na forma de molières macbesthiais com cabelos ruivos usados como corda de arco no cerco Carthargenuíno, agitando saias carmesins e gritando do topo da torre de Isolda. Houve berros ouvindos dos matagais ao tribunal e dos macdublins em bohernabreena de: Cuidado com o patetenor de Banagher, Mickey, moussir! Prodooce O'Donnellit. Sim! Exiba suas relíquias! Bu! Use a língua mor! Abra o lábio inferior! Mas vazou necrochorume no Escuro Cenário da Corte do Finnado Pessoa

através da análise cruzada do pinto duro do caso wago de quando e onde aquela faca das facas foi enfiada na emboscada tripartida (jorrando lettermotiv por cerca de meia hora no crepúsculo da madrugada,

[87]

pelo Hellógio da Casa D'agua da Europa Sem Tao, perto de Pare e Pense, honorável chefe esverdeado e macieira da queda na terra pra metida) não havia banho de luz da lua viúva capaz diobscurecer o altar diuma criança. O mestiçador, por conseguinte, foi enterrogado sem rodeios, e no melhor basileu já falado, siele erum daqueles galos sortudos pra quem o mundo audível-visível-gnoscível-comestível existia. Quiele não tava tão cognitivamente conativamente cogitabundantemente certo disso porque, viver, amar, respirar e dormir morfomelosofopancriando, coisa quiele fez de forma mucho significativa, sempre quiele pensou ouver ele sentir ele bachdalailando clipperclipperclipperclipper um sino. Siele tava praticamente certo também de seus nomes fallsos e vedadeiros neste negócio de rei e homem-blusa? Quiele era pediculosamente assim. Certificado? Como o cadete talvez seja. Mentiroso! Seja el solitário se te der na telha. Foi Morbus O' Piolhento? Bastante. Filho de Szerday? Um sátiro em casamentos. E como o mister dozolhosverdes chegou à B.A.? Quiera como alan poll pra ele. Um caçador perverso com olhos de siganoficante dissimulado, zorelhas awfloradas, nariz inquilino e uma boca traissonzera? Phoderia ser ele. Quem poderia tiabocanhar como se fossium platãodepedreiro quando jogada na mesa? Ballera jobbera. Algum chato de galocha também? Umaguinness. E com pernas desajeitadas, redominado Helmingham Erchenwyne Rutter Egbert Crumwall Odin Maximus Esme Saxon Esa Vercingetorix Ethelwulf Rupprecht Ydwalla Bentley Osmund Dysart Yggdrasselmann? Por Eve Muria da Torre Eiffel, a própria fênix! Era Chudley Magnall maizuma vez entrios narcisos ia cena idiota? Os dois niños espiões cheiravam a água de Cologne da butique dele maizo buraco de sua rocha era obra das três bruxas das Florestas Múgicas curvadas aw pancadão, tutens certeza? Poundiapostar, Cumbilumtetéia vem! Um dos chefões do vikongresso funeral, o ésse tê eiffel? E foi refrescado pelas fontes da bonévolência gogólejando em lá menor quia vida – é – uma – dor – terrável – ao Longo da barra do tio juca? Uma perda de Lord edward iuma falta de sir philip numa cirúrgica cantata de chuveiro sugariam mais calos vocais dos cinco lampiões em louvor de Porterland. Virgens e marias bunitas? Como

quem não quer nada, de papopozão pro ar em Blackpool. Mas, é claro, ele poderia se autodenominar de Tem, também, se tivesse tempo para? Pode apostar a bunda quiele poderia a qualquer momento. Quando kiss zé? Ganhe e

[88]

coloque. Um incendiário tentado espionar contra o motorista que também era testemunha? Sagrado avatar, como diabos eles adevilnharam! Dois sonhadores num dromiumnhoco? Sim e sem erro. E ambozos gêmeos como um duelo de lentilhas? Parsifalcamente. Então ele foi expulso do coram populo, não foi? Sejam os poderes quiele já foi. O príncipe em princípio não deve expor sua pessoa? Machiavelliorio! Kamarada Rooskynha? Ele diria mais cedo em Gallwaylego. Não deixa diestar intoxicado, testemunha imparcial? Bêbado como um bispeixe. Perguntar siela simportava ondiele fuamava? Não siele escarrasse chamas. Sobre suas ajaccioculações de encher as Brás Cubas de Lorne, que cossa? Foi curso in cursu no coarser do recurso. Não duvidamos quia graciosa sonhorita era consciente de como o amarelão no forcapôdefusca era cambiável? Isso ela usualmente era, Oh não Dowvide de mim! Quanto à sua religião, se tiver? Era do tipo te-vejo-domingo. O que exatamente ele queria dizer com isso de porco pederasta? Porjacó, só um cavalheiro que rizava na quaresma. E se o portavoz da classemídia fossiuma besta comum? À noite tão útil quantum vômito prum homem depilado. Siele rioconheceu o pinto g da corte marciannal? Naquele dia D em n dias quiele dtinha. Londonderry, cork-cola e kerry soletram o atêcêdário sem um portão final? Harleydaividaoson. Os direitos de pastoreio (Sra. Magistra Martinetta) expiraram ca expiração do pai da cabra, se não singanaram? Quiele não podia depor paumenorizadamente aos excelentíssimos maisque sua mãedrasta tinha o cálculo pro superávit do caixão e quiele tava lá pra dizer a eles quiela própria era a velocípede capaz de falar sobrio homem que cai&pulava. Uma língua maundarin num gogó pounderin? Pai nosso chistais no réu sobrias mãetérias de pronunciação. Terminações distributivas? E nós recomendamos. *Quare hircum?* Sem resposta. *Unde gentium fe...?* No ah. Cê num tá deslumbrado coa idade dum vulcão? Sinhô, eu sou factuálcool. E qualé a dele? Ele tinha a intenção diestudar pulu. Que babelzeira significava numa bê-á-blusa de duas trocas mac ogham ou Finn lá de cima, da whyskcada de chapéutrizod? Quiuma cabeça entre coxas encobertas porum arbusto de cara pro sol seduziria uma serpente pruma corredeira de moinho através do brejo. Armado bem-te-vi cor dicavalkant étnica forte

porventura? Seguro e gauguinho herege jotapê também. Jasons parafreudiando, então, numa pombalavra-valise? Numa ordem do pontífice tão gramaticasta quanto há itálico em atac. Comuma rezaxofone de glória ao joss? Lelalmente e tololamente. Mas, por que esse hankowcretismoschaefferiano e

[89]

dionde vem esse segundo tom, sun-yat-sen! Ele colocava a cabechina esfolada no solo boxeadorando. Então foi assim que Solasistras, pontilhando todazas prolaudabilidades desafinadoras, emitiu o laudo do Laborador? O que deslocou Tob, Dilke e Halley, não mui enamorados pelo jogo. E, mudando de pub'usiness, da cabeça do rei pros braços do republicano, quanto às combakhtinvidades em torno da bandeirada pra anteaposta durantias disputas envolvendo a bunda do paidotempopôperdido ios regents da chuva no park, com as cariadas estrelas caidentes e o ventomatinal, como o atraíram então? Quiera noite de walpurguincêndios flolisterais em todozas bettygallaghers. Azespadas de Mickmichael estremecendo estridentes o firmamento em bataille com os halloweenfernais tridentes dos neckanicholas cagespetando as vesículas dozatuns. Que haja luzta? E houve. UFACesa. No octógono do Anjo, você disse? Gapítulo do Guinness, parabolou ele, entrio quieles disseram ios goethes de copenhagen. No meio do bosquete, então? Que não deviam tocar no dito cujo. A devotada dupla era ou eram só duas parkeradoras decepiciolhadas durantio nada cândido ou otimista trabalho da escola no forte da montanha de Saturno?

Era sobre isso, jah! E Camellus então disse a Gemellus: eu deveria te conhecer? Parfatalmente. E Gemellus então disse a Camellus: Sim, teu irmão? Obsolutamente. E se fosse tudo sobre isso, egrégio senhor? Sobre isso io outro. Siele não tava aludindo ao buraco no muro? Elieria assim quando não escapulia do furo da mulher. Brevemente, como essas preliminares que finalmente o desfaleceram agora? Como os blacks que bloquebraram o banco em Multyfarnham. Siele caiu como pato no papo deles? Amaldiçoada aquela que o venereou. Thos Thoris, Thom de Thomar? O podreiroso rubrião em Roebuckdom. Surtópico? E subumano. Se fosse, em linguagem yappanoise, ach bad clap? Oo! Ah! Óios e oreias com Reinações de Gogózinho pra pôr os pontercianos nos its, stamos errados? Chocante! Tao comuo piercing furou nossa our really o quanto pôde, quiele jamais phoderia, que nunca phoderia naquela noite.

Tri-legal

e

rural.

Bladyughfoulmoecklenburgwhurawhorascortastrumpapornanennykocksapastippatap
patupperstrippuckputtanach, hein? Tu tem tutto bem.

Put a merda Irlandanada! Mas uma nova compleição foi colocada sobre o assunto quando diante da perplexidade do meretrizbunal não-condenatório (ondio juiz púnico bebatalhou com a lei penal) o rei sênior

[90]

de todos, Beberrão Festivo, tão logo a camada sterne do stomaccool foi removida a pedido dialguns jurados em ▼|▼▲▼▲|▲, declarada numa trovejantexplosão de powesia, por meio de seu juramentado intérprete britônico, mhuith peisth mhuisse as fearra bheura muirre hriosmas, esperando notarem as relíquias dozossos da história do brocha que comeu Cliópatrick (a porca) princesa dos perkados no pork, diante de Deus e todazos devassalos honrados e comuns do rei que, o quiele juraria a Tierney de Dundalغان ou qualquer outro Tierney, se os turkells vivos o seguissem com a certeza de que não era roubo e que, no entanto, o que foi depositado poraquele orelhudo olhar⁴³ com o narigaleão navegando goela abaixo, ele não atirou um pedregulliver sequer antes ou depois de nascer e até agora. E, incidentalizando quieles pudessem falar sobre Markarthynguelê ou pudessem caminhar até Baalastartennesssee ou pudessem se filiar ao partido dos thorbalhadores e vir ao feudo dos Porter ondieste sochistólogo foi pescoçado pra endossar ca cabeça ereta sobriele próprio a noroeste das curvas de seu depoimento protestando aos seus leitoreslabiais cum beijin nuombro de caralavada, o raio diesperança ao luar, no mesmo trelawneybunal no cual iria pôr a boca no trombone, apelando do bancanal dos réus, a Lord Josus iaos cavalheiros do júri iaos quatro Maésteres que tinham passado todozaqueles junganos psicanadorando aquele conto de fodas sobre o porquê ele siescafreudeu de Dublin, aquele, ambrosioso bocálice caído em desgraça, como bom islandeleuze era tão fodão quanto qualquer cantinatal, caso tivesse que paroquiar queimando na estaca do mercado antes do brunadormecer da lua, ele nunca pediria pra ver o panorama ou a luz deste ou de qualquer outro mundo, de Tír na nÓg, tão certo quanto naquele minueto ele tava de butuca naquela caixa de schubertpresas, ou empunhar ou soprar (no quiero gracias cocê!) o inexaurível berrante celtanejohn cagencharcado de whisky brindando à glória do desconhecido deus do fogo da rota móvel dos falcões com seus heróis em Warhorror sialguma vez

em toda sua carreira a la bartebly el escrivão ele levantasse ou usasse sua chanceladora mão pra pegar ou jogar o signo dium cajado ou pedra mortal no homem, cordeirodedeus ou exército da salvação antes ou depois de ser batiuzado até aquela santíssima e abençoada hora. Aqui, meio-ajoelhado no Castleknock pra melodiorar malincheosamente à sua santidade o pata e fazer o sinal da Fênicrux Goidélica Romana, (Xaroshie, zdrst! – em sua excitação el latino

[91]

arrebentou catedramaticamente o castelhânus que todo o público perscrutou e perseguiu *olla podrida*) explodiram muitas gahalhadas dos patronos do inferno (Ha!) as cuais, sob o amolecimento do hidromelville, a relutante testemunha ejocular, mas com indecorum sempre tão afeminado, se juntou. (Ha! Ha!)

A hilária giordananedota do Dedo Duro combrunou-se tão nitidamente com o tristran tom do Pintor Húmido como se foicem *isce et ille* iguais de opostos, evoluhindu porunmesmo poder da natureza ou duespírito, *iste*, comua única condição e meio de sua caosflitante manifestação e polarizados pela reunião da sínfise de suas antipatias. Distintamente diferentes foram seus duosdestinos. Enquantuas garsonhetes do barzalc, (uma femmedetrente sem par, uma moonlher lunarizada) na épica quia flowerzia mirmirava: Show o Posed: vulvibrando e xavulvecando em torno do gostosão assediado, nomeando-o ao Prêmio jabuti, louvulvando-o, o jovem cativante, em pôr todozos sentidos sobre ele, colocando jacintos nos seus cachos (Ó finn-terra! Ó odor!) e levando rubor às suas bochechas, sua masculina Rosa do Sabeire (sua bela cor!), e legando a ele o entorno de seu belo pescoço juvenil e pizzicatando o badalopeludo, com seu doce melado de cannabis diaçúcar endereçando monchéridas sêmensagens pra levar na lábia todazas jovens damas insaciáveis e disseminar o verborgasmo em seus tempos. Ymén. Mas não passou despercebido poraqueles presentes, suas orações, como, de um entre todos, ela delegou pra difeminá-lo ao Clube do Celibato das Irmãs Lunares, uma atraente spacegirl, absolutamente sozinha, Gentia Gemma dos Makegiddyculling Reeks, ele, abatido e pálido em sua admiração imisturável, parecia cegamente, mudamente, degostosamente, destatoalizadamente, inamorado com elassobrepostanele como epifânica palavra-vulvalise , a chama de seu peito mudando ante a cintilante rodela dela, (juventude, belezura, elié o companheiro dela iéla contará à mama quando descobrir quielié gay) até quio desejo selvaginal por seu

xixi escorreu mui musicalmente em meio ao profundo quadronegrotodonegro de seu shayshaun.

E ainda que distraídos (pois não foi só isso que com efeito causou o efeito daquilo foi a causa?) os quatro justiceiros juntaram suas perucas, Untius, Muncius, Punchus e Pylax mas não puderam fazer nada pior do que promulgar

[92]

o veredicto finn annal do doravante Rei Nolans Brumans, tendo assassinado todos os ingleses que conhecia, meteu as mãos nos bolsos e saiu do tribunal impune, arrastando sua túnica Tommyhillfinngearwicker na correria, exibindo orgulosamente nas partrecks baixas a piscante braguilha de suas calçantas brígidias pra provar a si mesmo (formigando de plaser!) quiérum pail gentil. Falou à papolícia suíça da cúria como siestivesse na corte: Commodore Valley O Cabeleira, jennyrosy Darkavalhero?: o waterloover retornou de fogo com tal cheiro de vinho resplandecendo a outras eras y comendo presunto cru com tutu e tabule escondidinho revirando até a lata estomaskol de tumass equinous (esthorvamos preparados pro há há do háio, o sotaque, mas, nos pegou, de surpresa, iagora tamuz cheirando a gás vazado dium lampião!) assim que todazas trinta menos duas advokadas ecoassem em unísonho, abaixando suas calsenhas no kritodekerra: Shun o Solta-pun!: som e salvo bateu boylan caquele fenomeninal Poudre Pauroquial, (como ousas!) imprumtu caosminho pra casa, mucho a suas gracias, gratiasagam, a todazas donatrizes erradas, pelos becos de Moradias Sujas na Bataille de Drinks onde (pois como veadeiro filho de vênus e Esau eliéra tão pombobinho quantuos veados de Bottom) ele se cagou (zoo), como o gagoleiro enlameado quieliéra (frangagueiro), as babeldades textuxdas conclamando: Tu e teu dom da palavra de tua lixeratura abahtendo nostro Farvver! e gaingridando: Hon! Verg! Nau! Putor! Skam! Schams! Vergonha!

E foi assim que tudo acabou. Artha kama dharma moksa. Ask Kavya hai kay. E assim todo mundo ouviu suas lamantrações e todozescutaram seuzaplausos. A carta! O lixo! E deuzajuda quem cedo madruga! De sobancelha delineada a lápis, de lábios com batom de cerveja. Emprestando uma palavra e mendigando a pergunta e roubando o fogo e deslizando como sabão. Darkasa de Rosa Lane um suspiro e um lamento, da Lesbíblica Vesga o feixe deleuzes em seuzolhos, do solitário Coogan Barry seu arcanto e flecha, do annagrama de Sean Kelly uma letra escarlata no nome, de só sei que sou o Sullivan aquela trombeta trompaceira, do Sofrente Dufferin o Lugar

de Falha, de Kathleen May Vernon seus esforços leais à Plebe, do Fillodopote Curran a marchaetérea peluamorescocês, do hino Op. 2 de Phil Adolphos, o melodicansado O, o lirikardiloso, O, de Samyouwill Leaver ou Damyouwell Lover esse pedaço de molly caminho ou aquela entediante bloomíada, de Timm Finn do tribal wake ciclorrodante, perda de força no porcalcanhar diaquiles, do casamento

[93]

no jardim, moçoilas, a graçinfinita de joyboys, de Pat Mullen, Tom Mallon, Dan Meldon, Don Maldon um piquenique de picadinhodepica feito em Moate por Muldoons. O homem duro salvo por sua mulher molly. Piadandoumanaquebrada do cabaré pegando fogo. O olmo que choraminga no topo fofocou com a pedra que geme quando violada. E o vento a levou. A onda a quebrou. Com uma onda no bar. Lulu escreveu sobre isso. O peão fugiu ca rainha. A mão a rasgou e o selvagem foi à guerra. A Galinha a cocoriencontrou e o cocoriocorrido prometia paz. Foi dobrada com astúcia, selada com crime, amarrada por uma rameira, desfeita por uma criança. Era a vida pero era justo? Era libertária pero era arte? Os velhos carcamanos da colina a leram com perficcionismo. Isso deixou mamãe echistada e sissy tímida e tirou um pouco do brilho de Shem e envergonhou Shaun. Nus entanto, Una e Ita espalham fome com a seca e Agripa, o propastorado, traz tripulações em seu trenó. Ah, furchte fruchte, tímida Danaides! Ena milo melomon, frai é frau e douce são os tons, douce é dois quando dodé é cafona, ana mala ai de nós! Um par de lambe-botas com olhos amígdalados, uma velha abóbora caroçuda e três farsas de nêspira em suas mentiras. E foi assim que do Pecado veio o Filho, umacidade surgiu, finfin funfun, num lance de dardos. Agora me diga, me diga, me diga então!

O que foi isso?

A!

? O!

Então aí está você agora ali ondieles estavam, quando tudacabou novamente, os quatro com eles, sentados na tábola redonda de seus juízes, no munimental saloon, da corte do marechal, sob as suspeitas de Lally, em torno de suas tradicionais tábuas da lei como Tantos Manos Sólons pra falar sobrisso domesmissymojeito maizumavez. Sóbrio e seco pra beber. Sofrendo sob a lei a seca. Prestando contas aos fiscaispetas do rei. Tende piedade da cabra e beije o cabra. A festa do bode e brinciações e expoflora e calcinha marcando a beterraba dela e isso sem uisquecer agora a'duna

o'darnel. Os quatro e graças ao tribunal agora não havia mais deles. Portanto passe o puxadinho ao final do porto. Seja breve. Ah ho! E cêcialembra, Singabob, o paidomal, o próprio, o grande Qualéceunome, e seu antigo apelido, Papauzão Mela Cueca, em sua dita dura, por trás da revolução dos dois cravos, com Michael Victoria, o sacerdote dos shemens, antes

[94]

diobter sua dispensa do forte papastiani, os lendários Tártaros e a Catedral de York? Si mimporto? Eu mimporto co banho de lua como si em Ballybock o mano faturasse num dia de bons ventos comerciais. E as graças de O'Moyly e as rosies de O'Briny gozando da rubricara dele e parkkkerando ele. Comment allez-vulvas, todo, Senhor do Norte? Entra no meu cuminho! Jogo-me a teus π's Ah romaquerida! Foi pras baías! Quando vivavaigina vulviralizou! Yerra, por que si preocuparia kersse velho gasômetro com sua rachmanitosse convulsa e beethosseven seca e todosos pássaros suliszts atrás dela, Xixizenta Cunningham, a querida amadeuza divorciada deles, jimmies e jonnie's seriam seu john? Segura firme. Há três outros deltas prancorar a jangada de rolha da nossa ilha. Claro, é certo que posso telefarejar essa catinga do H₂ C E₃ de tirar o fôlego de todum povoado! O Salvaodor e eu o cheiramos tão bem quanto a mim mesmo, levantanduo Muro da Keda por 32 a 11 kon seus kayvalos mancools keyrregados de gergelimas, o Kaffir Branquilado, io eflúvio de seu sêmen issua patrickolorida voz perfumática, tragando seu estrondoso cigarrepolho marrom! Pa! Tô feliz como um gavião da fionn carregando cabelisoldos! Goborro, ele sez preçou, Arigatô! Gobugga, esse sez eu! Ó brisas! Cheirei aquele moço muito antes de qualquerum. Foi quando tava empinando a pipa do vovô noeste e ela e eu, a garota ruiva, passandua primeiranoite em Sycamore Lane. Bela brincadeira shentimital tinnvemos entre urinadas e bedjos farreando no crepús'culo dozídolos de kools suculentos. Meu perfume dos pampas, diz ela (pensando nimim) apaganduas luzes, ieu preferiria um gole precioso de seu orvalho puro da montanha do que enriquecer meu conhecimento cuns arrotos desse grande cerbejeiro.

E assim eles proswinguiram, ozomens do quartetodecordrinks, ozanalistas, unguam e nunguam e lunguam só pra não variar, a conaxão deles sobre quem ela era antes e depois dele e onde ele tava e comuela se perdeu no além e comuele foi encontrado morto nas profundezas duouvido, ios sussurros ios gorjeios ias desafinadas ios estalidos ios suspiros ias pinturas ios ukukuleles ia (hit!)

separaçãodaprimavera io (hastapé!) meucalhambequebyby e
 todozozescândalosmongecais ias imaculadas freiras que costumavam ser
 (prafrentex) naquela épica vivendo y mentindo y julgando y cavalgando ao redor da
 Praça das Freiras Embarrigadas. Y todosos pássaros voando. Y o burrico

[95]

risonho. Harik! Harik! Harik! A rosa é alva na penumbrarik! Y o narizk do Amigo do sol
 tá com rinocerite por caçar as rosas no parik! Portanto todosos rumores levam à rima.
 Y se vodkontradizendo sobre a lei de Lillytrilly sobre a montanha Y a Sra. Niall dos
 Nove Reféns y o velho markiss, seu vovozão, y, arrah, claro que nunca houve um
 marcus entrios machistes e o amoroso Sir Armoy, peculiar Sir Rumoury, y a velha
 casa junto a chopinlizod, e todasas ocorrências tão erradas de tempos atrás
 quanduelezestavam partindo pro exílio, no estilo retrô, os quatro, no Milton's Park sob
 azasas duadorável Padre Fofoqueiro e fazenduamor com seu ticoticonofubá na
 cunilalinguagem das flores e tateando-a pra encontrar o botãozinhooohhh, e isso não
 era típico delas, as saucisters pererecas, *a drahereen o machree!* e (espipia!)
 encontrando águas mui impróprias (fazendopipi!) rolando no jardim, goethejando gota
 a gota porum triss, por favor, mamã, posso ir parkerar? os fazendeiros se passaram
 por noivos e como a usaram, a musaram, lamberam e siriricaram. Discordo docê! Cê
 tá seguro de si agora? Ocê é um mentiroso, si mi permites! Só sei que nada sou e
 quiocê é outro! E Lully guardando sua pureza pela paz deles. Lolly lolita nonadadora!
 Para dar e receber! E renegar o passado! E tudo será esquecido! Ah ho! Foi péssimo
 dos péssimos cair sobre seu dócil pet chope e a forma temporal do OOOOOOOO
 Omem. Bem, tudo bem, Lelly. E useamão. E schenkeromais. Pelamor Dideus. Chupe.
 Bem?

Bem, nem mesmo o enquadramento de tais ficções na ordem evidencial deveria
 trazer a verdade verdadeira à luz tão fortuitamente quantuo cenário dium vidente
 obscuro numa noite no mapa estelar (quio céu o ajude!) desvendar a nudez dium
 corpo desconhecido nos campos azuis ou pré-audivelmente comuas subespécies de
 toda a humanidade foliaram (que sejam entranhados pela terra!) da raiz da gagueira
 a algum falsete cômico na plenitude do sentido do som buscada na imensidão que
 nossos mentalistas especiais agora detêm (*securus iudicat orbis terrarum*) que se
 fingindo de morto nosso helliorgioso curioso encestral salvou maioralmente o encontro

com sua posteridade, vós, charmosos coerdeiros dideus, nós, herdeiros de sua cláusula pétreak. Cãesdegerra de todazas raças o caçavam ao tiktok urbi et orbi

[96]

dos clarins, cálidos pra perseargui-lo, dada a lei, farejanduo fedor de seu peito, ávidos pra fofocaçá-lo. Pericie! De seu infamado covil cruzou os augustos campos de Juliette dedicados à Caça e aos Cactos na fronteira de Mullinahobbbb e Peacockstown, logo dobrando à direita em Tankardstown, o bicho do mato, um papa-noel branco quios batedores bassê do Sr. Leãonardodavinteil Fritz Ursenn inicialmente confundiram cum abaporu ou boidacarapreta, conduziu os bávaros na corrida, passando depois por Raystown e Horlockstown e, peganduo ritornelo, voltando pra Tankardstown. Escuta-se capiciosa hipérbolebre a dublinescapar por Cheeverstown onde o correram, através de Loughlinstown e Nutstown pra ventá-lo até os Boolies. Mas desdio belo cavalodepau quanduele se perdeu pelúltima vez, precheque-o, sobre o Hill Gandhi do Soul num sobretudo de quarta estação forrado pro vivaldinverno, pra indicar sua cabana de caça no velho nordeste em seus majestosos patins hessianos um volp'onismo de raposa surda o camuflou atrás da moitaorgrafia, milagrosamente corvonutrido e borbulhando, no rúmen, retícula, omaso e abomaso, sobre (que Allbrewham tenha seu hidromel!) o syllabub de creme de letter com xerez e canela, Mikkeldoudo, Nikkelsalvadô. A partir dalí os cães foram pra casa. Perseverança preservadora na reeducação de seus intestinos foi a rejeição à pollokctose da qual ele meio que tirou vantagem exibindo sua protuberância a todo o grupo da sauna kant, dietando contra chicletes e molhos, naquela pré-viela da proto-vila dantanho. Vã violência, virulência e vituperação procuraram quase sempre ataxar e rotular, descarrilar e despontificar, enraivecer e ofender, incitar e ressuchistar o grande mongolnata da navegação e soberânus da roupa íntima.

Mas o despojo dos hesitantes, o feitiço da hesitência. Seu atake é fake, rapoposuda que rebola a raba, hasitência humptydamptoresca, heyheyheyhey uma delibebericação.

Os homens da assembleia murmuraram. Reynard é lento!

Uns temiam por seus dias. Bocervejou? Foi seu stommickey. Arrotou? O fígodot. Para vomitar? De seus visuais. Soltou pun? Deliberai-os, senhor! Ele pôs mãos violentas sobre si mesmo, como foi noticiado no Boletim de Fugger, deitado, todo esfarrapado, com morte igualmente melancólica. Para o triduum de Saturnália sua fiel

cabra desfilhava cos gêmeos no Fórum enquanto chivo buarqriava a moça geni pra ser saudado ruidosamente (Scotland Yardisse) com bost'azevinho e hera e mensurado por rojões

[97]

além diuma centena de virilidade y um gemido de mulher. Big foi o bang: então o wideadowilde ficou quieto: um relatório: silêncio: a derradeira Fama colocou-o sob éter. O burburinho ou a calmaia deixaram-no louco, loucan, loukács de pedra. Voaram faíscas. Ele havia fugido novamente (abre-te sexosamo!) deste país de exílio, escapuliu do de profundis abrigo por *vía* subterrânea amparado por tales de muletas, escondido e ancorado no tanque do cargueiro holandês Arsa, *hod* SS Finlândia, e até agora estava ocupando, sob um novonome islâmico em sua sétima geração, um corpo físico de Cornelius Magrath (personagemgaiato, hōmi cômicu enfinn) na Ásia Maior, onde como Turco do teatro (primeira casa toda plana: o rei, dozonze agudos) elintimidou as donçarinasdoventre com a opulência de seu jazigozo enquanto como artistarabederua eliestendeu o chapéu a flâneurs pela esmola dium pence de paranoia. Cabos telepifânicos zumbiram. O espranto geral parsifalcamente auxiliado pelo arrependimento colocou um termo em sua echistência: ele viu o padre sethparar sua família, resignado, espalhou seus restos, foi lembrado e despedaçado pelo Criador. Gorjeios cruzados. Uma infame doença privada (vulgovarioveneral) haicaibou com ele, fechou seu círculo vichioso, inficcionou. James joycificilizaram. Tinha caminhado em direção ao meio dium lírio-d'água ornamental caindo pelas tabelas até o ponto em quias camisas de vênus siencontram cas calcinhas, como peixe-rei desafiando azespumaguas flutuantes, quanduas mãos dos primeiros pescadores o resgataram dum mui possível chuáque térmico diágua meiofria. Proparkou-se o peixado. Na Rua do Guarda-Chuva ondiele bebeu karlquetéis molotov um camarada operário, o Sr. Nó berramiano, deu-lhe um porrete de pau. Que palavras de poder se tornaram explossíveis entrieles, ekenames e auchnomes, *acnomina ecnumina*? Isso, Óia isso, nos relatou a CPI, faria todozozouvidos de Dub lacraiaem por todozos bares de toda la citta! Batty crê num bastão enquanto Hogan ouvê um carvão ainda quio mestre prefira um apontador de pincel e Colpado e Bull joguem golpes e balls. E o Cassildys — Berço de roma & remo circulando um earwicques lacraian pero nunca uma balança é sempre silente e pendente sobre ele num bê-á-berço cum zelo ou num

caixão cum pontapé pro além. Toties testies quoties questies. A guerra está nas palavras e a selva é o mundo. Mangueira-me, salgueira-nos, nogueira-o e teixem-se. Poizele Há de cantar estonteante

[98]

pra cada pássaro! Da glória daurora dourada ao brilho do wagner-lume. Seríamos lowquazes se não taci turnos. Caso contrário não haveria aqui nenhuma preocupação do Guinnesss. Mazapenas a ruína da chuva ouviu. *Estout pourportera!* Torresmos pororocaram. Uma peste humana biciclando (pista!) e reciclando (pastado!) pelas ruas lamacentas, lá stava ele (pustão!) de novo! Musicodigago morse barulhento. Ele tava soltinho e (Oh baby!) poderia star em qualquer lugar quanduma exfreira disfarçada, de grande porte e modos masculinos em seus quarenteitantos anos, Carpulenta Gygasta, hatraiu hatenção por conduta harbitrária cum homnibus. Antenas informavam a ouvintes costeiros sobrium desvio de verbos do frade coletor dimpostos auditivos, sob o saiete, pochete, gravata, gorro, tabardo e capa antifrio ensanguentada, lendo a etiqueta V.P.H. de seu alfaiate (Bairnfather's), encontrada perto da Caverna de Scaldbrother, e mergulhadores tremeram ao pensar que tipo de fera, lobos, monges com espigas de milho ou quatropênnys, o devoraram. C. W. elenco amplo. Brancos finns brincam, pra ofuscar o brinco, Valquíria acena. Em sua porta dos fundos, os meninos, em pleno dominguinho pregaram um nome e um título à tinta, inscritos em cursivas nacionais, acelerados, regressivos, filiformes, com capitowerlar e envenenolopados em piggoty: Ressuschiste. Mumpty! Abraão alas a Rumpty! Por ordem, Nickikollaus Plugg; e isso vai, sem piada pentecostal sobre isso, por mais que sua raça fosse gregária ou habilidosa erudita sábia astuta conhecedora clara e profunda de causos fortuitos e fofoca maior ou da prudentiacientífecal, fosse ele chefe, conde, general, marechaldecampo, príncipe, rei ou Myles el Slasher em pessoa, cuma mansão dos mortos no império Breffniano ium local de inauguração na colina de Tullymongan, houve uma verdadeira chacina, das etnipifanias rayuellach royghal raxacraxiano, os comparsas de MacMahon, y si foi, isso deu finn a ele. No violino de Verdi os musicombatentes da muralha deixaram-no como um leão usandua destreza de seu coupdedédos numa geleia geral de maçã banhada a sangue. É noitório que não são poucos os simpatizantes hobbesos e saramagros, principalmente da classe contarficcional, (Coronel John Boyle O'Rourke, porexamplus), qui aeté mesmo ficaram polyglotentandos ao ponto diemprestar ou pedir cópias do trilingual

joycemanário de D. Blayncy, Impossibledição Noturna da Folha de São Patrick, pra certificarem-se diuma vez e ficarem satisfeitos com o fato de seu quasicontribussodalitarismo ter ficado genuinamente mortinho da silva

[99]

assim na terra como na água. O transition'atlântico clamava purele; O último! O último! Será a esperança deles silenciosa ou então a falta de lamentação de Macfarlane? Ele jazzia sob laléguas no profundo Abismo do Bartholomar.

Atenshow! Pozor! Attenshune! O Vikerey Visionou Gotosas Nuvinhas Estudantes. Três Irlandeusas Falhinhasdepapai com o Jegante Uiscãodinavo no Pênixparx. Bannalanna Santiu A Hooly De Um Cara Durão Fora De Seu Buddhalelê.

Mas, apesar de seus pequenos contemporâneos brilhantes, na manhã seguinte ao assassinato suicida do expatriado inresgatado, taocual umacobra desliza faceira poraquele carvalho até o duque dos castores, (podes ter visto algum líquiduâmbar exalar exótico um álamo de bálsamo em Parteen-a-lax Limestone. Road'oratoriou e gritou Abies Magnifica! não, nobre pound-brasil?) um quarto pras nove, implorando sua recepapatividade, viu-se a infalível ponta de fumaça se projetando pontual do sétimo frontão da púrpura torre-manteiga de nostro Quintus Centimachus e às trinta p.m. sucederam-se sedentos juramentos sobre sua infalibilidadereção (*En caecos harauspices! Annos longos patimur!*) as lâmpadas de manutenção, faróisdistantes dentro do ziggurat, todos ministrosppaisprovisórios, o dragão negando fogo, a juba castanha de seu cabeleão, o xoteswingado da patazul, o homem notável, a sem hora preguiçosa, na sofrência da longa (Oh terra, quanta espera!) estradanoturnadavida, com sufusão de vidro finno e vitrais iluminados pelo divino.

Porisso que dificilmente algum ser pensante assunte ou pense quio prisioneiro daquele edifício sagrado, fosse ele Ivor o Desossado ou Olaf o Fugitivo, na melhor dazipóteses eruma parábola de uninota só, um suspiro rude no vazio do ser, um ventre ouvindo seu eu lírico estomacal versar em reversos, ou, mais estritamente, solamente iniciais tristurnas, a chavemestra prum munduespaço além do spaziomondo, pois só um fora de série, ou pateticamente poucos dos doze coabitantes do seu canal simportavam seriamente ou duvidavam longamente de Kurt Iuldr van Dijke (a atração gravitacional percebida por certos residentes fixos e a captura de cometas incertos viajando ao acaso por nosso sistema e sugerindo uma autenticitatem de seu

aliquitudinis) de la canonicidade de sua existência como um tesseracto. Sossega o facho, Ó apressadinho! Fala-lhe em libras! Silêncio, frondes de Ulma!

[100]

Mulheres disperxeretas perguntaram. Ela foi rapidinha?

Conte-nos tudo sobre. Queremos ouvir tudão sobre. Então tellus tellas boata tudo pra fora. O por que ou siela se parecia muito cocêis e siele ficava de butuca esperando na janela como o gil? Notas e perguntas, dicas e respostas, o riso e o grito, altos e baixos. Agora alistemo-nos um ao outro e escutemos o farfalhar das folhas de rosa. A guerra acabou. Simsim simsim! Foi Unidade Mor ou Estella Swifteen ou Fada Varina ou Quarta Quaadam? Toemas Turbano, mark a esposa pro seu tio! Pigirls, mantenham a perna fechada! Quem, mas quem (pela segunda vez pergunto) era então o flagelo das partes sobre a folclórrica Lucalizod como sindagava antigamente, que nem, há muitazeras do Homo Cabaço Erectus, qualé o valor da doação de Peabody, ou, pra ser franco, dionde vem a gravata branca do peixe de hágá doce, como, em épocas mais cainozóicas, que baleou Buckley ainda que hojendia como se fala poraí todazas estudantes potrancas de sete luas ou mais conhecem suas intimologias e cada menina gemia nazalturas e todazazesposas guerreiras sensualizando de chapelizodzinho vermelho e viúvaspaz&amor trepando no Muro de Dublin eternamente tão certo como yayá é a garcia Buckleynocêntrica (não precisamos dium maledeto papel pra dizer isso também) que deu machadadas assazes cos generais russos, da! da!, ao invés de Buckley que foi quovadimente atacado enquantuela se passava porelamesma. Que detetive funfunqueiro tá espiando os três castelos ou que vendedor de sorrisos maquiabélicos? E que tal veneno de ácido sulfuricurioso, aquela rainha de cabeça liberal, uma zelosa lei do silêncio poderia encobrir com selo, pré-postado ou pós-pago! Os malemolenteslagartos do halldafama tiveram nove dias de zombaria, e gatoschorando em seus baldesdelágrimas também e a polôniadeférias ao lado, Szpaszas Szpissmas, as zposasqueridzas, quando, ainda acreditando em seus cristais de owen, quanduazestrelas gêmeas riverberraram, quia parte superior de seu currioso rosto sem boca e suas impermanentes curvas eram a melhor metade dela, atada por nó borrameuânus a ele, a mais querida de todos, primeira criatura caliente de sua madrugada, escrava do homem da casa, e murrmurada por todozos mallarmados, ela que dera um olho por sua cama y um dente porum filho até quium a um y um a dez y

cem novamente, Óde mim e Óde vós! cadete e primu, o famintolstoi y a annakillernina (e siagora ela é mais velha qui seus dentes é porque os pelos dela são mais jovens quios

[101]

seus, mô quiridu!) ela quio encaixoxotou depois da queda e ressuchistou o finnado pessoa viuvelando-o e chorando agudo e o capacitou e brindou à adah e godotzillah com árcool de noisé, ela que fará das tripas coração em sua corrida pra achá-lo até que, coa ajuda do ossiano, nalguma era em quiela deve ter viuvido depois diesconder os grãos diareia de sua imensidão em busca dele no distante mar Perolado, (ur, uri, uria!) avançou, queimando o chão do velho mundo da gorgônia, em nome de gogol, pelo amor deagal, arrastando o campo em seu trem, futricando aqui e funicando ali, com sotaque de louis o'quinze e seu haicaos de fofoqueiroz e seu boateiro boalerinho ravelucionário e duas vezes vinte penazespiraladas pro seu cocar, tinta em seuzolhos, e miçangas nas horeilles e um circusfixo montado em seu nariz empinado à parisiense, uma vanglória com ela cavalgando no Ego Cavalarisco, quando Dingdong no claustrodaigreja tilintou a Septuajazzyma Dominical, *Sola*, enquanto peões, bispos e torres rolavam em seu totem&tabuleiro, pro Homidakasasparov Capablanca, el Enxadrista, biscatobasco, esmagar a cabeça do caluniador.

Mui insignficcionante ser, implore por Maizamor! *Notre Dame de la Ville*, mercy bocubra-me com teu bálsamodegileade! O Jardineiro stay além do chay, erva da farmácia de plantão. Não o ayahuascuse. E quiele descanse em chás, viajante, e não tenha o túmulo saqueado! Nem necrofiliem seu leitomortivo! A maldição de Tut pende showbre ele. Putz! Mas há uma singela dama esperando e seu nome é A.L.P. E você há de convir. Ela deve ser ela. Por seus beloscabelos cachoeirando pelas costas. Ele gastou seu amor karnal no cabarédanazaré. Papoula Naranja, Giallia, Cloroquina, Marinka, Aniline, Parma. E caduma daquelas damas ainda tinhuuma escala eroticromática nos tons do arco-íris ao passo quiele criou a cura girl. Tiff tiff hoje, beijinbeijin chuá chuau e uma dor sem finn pra anna. Então quem a não ser o Desengonçado-com-Crianças falaria em favor de Cair-de-cabeça-Suada?

*A ele ela vulvendeu sua juventude poruma novenovenoveida,
Desnudando as tranças que dedescoloriram como seu riso,*

MagGoolnaíma, o herói cem caracteres, chupou até o caroço.

Quién era el C. O. D.?

Bum!

[102]

Na Ilha de Iansãnta Brígida ela encontrou seu mar.

Attabom, attabom, attabombomboom tãtã!

O Fin teve um fluxo e as vidas suecas de Ebba um recurso.

Attabom, attabom, attabombomboom tãtã!

Todos sabemos da juventude perdida em tons e presepiadas.

Isso é o que a pequeninha fez por noises!

Tadinha!

Nomad pode vagar com Nabuch mas jazzmais naamã riorá de Jordão! Pois noises, nós pegamos nossos lençóis sobre as pedras onde penduramos nossos corações em suazárvores; e escutammuz, quanduela nos be-a-baba, pelazáguas da babalônguia.

[103]

V

Em nome de Annah a Allmiseriacordeosa, a Imorredoura, a Portadoura de Plurabilidades, santificcionado seja o teu sonho, cante a noise o vostro canto, seja foça a tua corredeira, desafinnando naterra como noncéunse!

Seu destitulado mamafesto memorializando o Atonaltíssimo teve maizeterônimos quio finnado pessoa em tempos desconexos. Assim ouvimos falar de, A Augusta Angustissíssima pra Salvação do Velho Sebastião, Rockabill Booby na Crista Dazondas, Viva as Relíquias de Todazas Decências, Noitícias da Riossurreição de Anna Stássia, Ajoelhou tem que Rezar e Elevar a Pistola do Senhor, Mia Adourada e Mias Bodas de Prata, Armouroso Tristram e Frida Kahlisolda, Dissium Lenhador prum Lobo Mahler, Ik dik dopedope et tu mihimihi, Compro Placenta para Consumo, Qual de seus Ontens Significa a Morte pra Ti? O Hebreu Sem Terra Bateu na Cabeça do Aquaman, Drinks Grátis no Topo Dozarcos da Lapa, Rebus Hibernicis, Cartas Dadaístas, Gemidos diuma Britônica, Pedro Páramo Passeou num Parque pra Parquerar sua Poppolina, Uma Apologíria a um Grande (celtos nonomes como Marido ou cornudo ou namorido são provavelmente inteligíveis pois também temos o pluterpletórico Meu Chifrudo foi Comprar Cigarro em Portogirl e Nunca Mais Vortou), Deveríamos Visitá-lo? Leia de Ark a Zoo, Bordado de Cleópatra Retratando Abraham no Sahara com o Comboio de Camelos e aias Pirâmiaedes do Aegypti, Galo na Paunela pro Paupai, Placeat Vestrae, Uma Nova Cura pruma Velha Gonorreia, Batatinhas Quando Nascem Siesparramam pelo Chão Ondieu Queria Afogar o Ganso; Gentil Amoremil, não Creia nele, Quanduas

[104]

Merca'dálias de Veneza Floriram nas Vinhas de Baco, Pra Miatingir em Cheio Ele Coloriu a Amizade ca Filhesposa, Oremus pra Quio Cometa nos Marte Amém, Ainda Quieu Fossiuma Vovó beababona Finn Desejaria me Chamegar, Dai'Vinte Câmaras, Dez Camões e uma Caminha Mixuruca, Eu Conduzi a Vida, Na Cama Boxer da Casa das Tia Subinduas Escadas Douradas, O Garfo Seguinte, Elié O meu Jerusalém e Eu sou A sua Poetinha, O Melhor d'Oeste, Junto ao Riacho de Zemzem sob o monte Zigzag, O Homem Que Embarcrou Sua Mãe no Trenzinho Caipira. Aprecie Nossa Saga numa Sauna, O Pilar de Anny é a Base de Todos, Irlandeleuze Derrideu um Sinal pras suas Garotastravessas Riobolarem, Piercing Orel Orel o Rei dos

Gingantels, Monólogoago Interiamor dium Monóletter Exteriorror, Um Trago ao Gago, Meu Jeca Kerouac, e Sorverei a Esvoaçante Flor do Cheiro Teu, Quero Quiacredite quieu fui sua Amante, O Homi Comum Explica, Das Nuances da Vitrola à Batuarcada de Noé Chomsky, Vós sois um Bem-me-quer assim como sua Mão-me-quer também, O que Bárbara Fez cum Piano de Bach'riu antes de Rangar, Encher a Pança e Depilar o Cu, Whisky Admortal, O que Jumbo elefantasiou com Jalice e o que Anisette fez a Ele, Ofélia Quis Culpa, Querida Imunda Bundablin, Meu Véio Oilandês, Eu Nasci Há Dez Mil Annas Atrás entrio Silêncio io Lapso y Ele My Chama de sua Dual de Ayessha, Chuponho quiuma Ventrilotequilista Desposou um Defunto, Reviravoltas e Poetaria no Velório do Finn de Semana, Como Buckling Shutou o Janeiral Rulfo, Olha a Lady, Da Ereção da Pupública Rolandesa à Queda da Paustilha, Das Duas Maneiras de Abrir a Boca, não Represarei a Água Ondiela Deva Fluir e Conheço os Vinte e Nove Nomes de Attraente, O Pau Torto da Ilha de Tory dá Tanto Leitemotiv pra Gagálaxia como sua Vacaletreira, Dos teatros Abbey&gate até Crow&alley através dium elevador Lúdico, Raposudo provoca Uivivavaia e Me Formigo coa Tia do Semgarra, Como Interpretar um Bom Horuscopo mesmo cuando Osiris tá Morto pro Mundo, No Bar da Babelíssima Waltrickerloo, Papai Chuperou Minhas Expecartativas, Dê Três Passos à Frente, Dois Atrás não Dá, Minha Pele Apela a Três Sentidos e Meus Lábios Peludos Exigem Beijoscomlambida; Musicandando coas Economias pelo Beco do Cage, Os Ticos fizeram um Trio de Fuzileiroslavais e As Ticas um Dueto de Corças, Na Cama do Meu Senhor Passou Uma Prostetuda, Mamãe Tá Tudo Acabado, Vacamarela Cagou Direitozautorais por Doze Acres Terriss nos Estates Uniques da Homérrica, Ele me deu o Tu e porisso

[105]

Ihe sirvo o Ti, De todozos Torsos Largos pelo Estreito Vale da Morte, O'Donogh, Alvo Donogh, Ele dita o Tom do Meu Pranto, Eu sou o Plug Annah em seu Budão Sem o Cual Cê Seria Nonada Sem Mamãe, Pra manter os Cães de trenó fora da Cachorrada Políticat e Retratar o Latista Quando Shopping, Norufreguês Tosco Filho da Poddle, Ele Me Pressionou Aqui com o Ardor dium Tonnorramos, Quincas Baby fazia Manha Puresta Mamachadada Assaz em Mainha, O'Loughlin, Das Profundezas do Meu Estômago Vomito em ti o Branco do Luto, Medolias Inglo-Andinas de Tommy Moore, O Grande Entertreinador Polinesional Exibe a Samba-Canção de Dia do Namurados

com o Elo das Naturezas, A Mimica de Mickilim, Nickilim e as Diadorins, Entrou como Novidoudade Pictórica no Meu Pooriódico Finnews Hallvolta, Loucuras de Siegfied e ou um Passo Em Falso do Homexemplar, Veja o Primeiro Libro do Jealenesies Pessim, A Sentença Suspensa, Uma Linda História de Tijolinhos pra Babelzinhos Heróis, Como La Nostra Sonhata, Eu Sabia que Ele Habitava em Mim Assim como Isso é Eça, Capitão Smeth The Flash e La Belle Sauvage Pocahonras, Via pra Humildade da Humornidade na Humidade do Spiritchuá Santorvalhar de Marianne, O Último dos Fingalianos, Fui Eu que O Instigay à Bolsa de Valórios e Dei Minha Contribuinte Cara à Tapa pra Receita Funeral, Chi Chi Chiste em sua Urinación Chichinesa, Pegameupound Peters, Lumptytumptumpty tevi uma Gandhi Queda, Pimpimp Pimpimp, Eventuras Venereáveis de Duas Prostipulgas e a Fruta da Pequeda, O Interior da Família Pokémon, Se meu Longavião da finn el Não Estivesse tão Apertado eu Soltaria mios Espartilhos a essa Cortesã de Maggiestradas, Alyosha Popogordo e Hawkeye el Luta Eye Dor, Panaromann Napolithomas e Morte em Magreza, ieu pieço que U cê Creia em Amor e Mãe, O Brocha do Finne não era Felador, Saio Delvin Pra Reentrar Naistória, O Raio que Voa Dozóios da Fugosa Mincendiou o Cubelo, Delié a Cerbeijaria que Faz Malte, Visão do Paraíso de Trás pra Frente, Abreberrão xavicou Sara pra Isaac Newthor até Brahma Falar pra Ele de Sexo Grupal, Uma Bocada na moça Eva Vai Aliviar o Bucho, Arthur Guinneases, Sons & Companhias Libidinoises, Sete Esposas Finando o Finado, Airy Anna God e Justin Bérbere, Amy Lambe Porter Enquanto Histérico Chopela Ela, Abraço de Umbrellas ou Ménage de Bengalas, Bundabocetabusto, Da Casagrande do Sinhô de Howth às Sinhazinhas O'Mollies e das Damas às Senzaladies, Manyfestações pros Colleagues no Green, Um Zagueiro Analcreditável e um Meiocampista Sexcelente se Escalados, Assim Como a Árvore é Vivaz e a Pedra é

[106]

Alva a Minha Roupa é Lavada à Noite, Primeira e Última Fofocanta Riocorrente Personalitè sobre o Honorário Sin ô Earwicker, L.S.D., e a Serpente (Pepitas!) por uma Mulher do Mundo que só pode Contar Verdades Nuas sobrium Homem Querido e como todosos seus Conspiradores Tentaram Derrubá-lo Pondo Fogo no Parquinho de Lucalizod rebelando as Intimaldades de Earwicker e um Par de Mallarmadas

Exibindo a Olho Nu toda a Imencionabilidade Acusando falsianemente sob a proteção de Capasdechuva.

O gráfico proteiforme em si é um poliedro dazescrituras. Houve um tempo em que alfabeethovens ingênuos teriam escrito o traço de um reincidente puramente delinquescente, possivelmente ambidestro, probabelmente narizempinado e apresentando um arco-íris estranhamente profundo em seu (ou dela) occipital. Para o curiosíssimo hard core entomófilo ele então apresentou um baita sexomosaico de ninfose em quia eterna caça-quimeras Orionlopos, ora frondosa de açúlcres, ora amada pelos frutos, a multidão sensorial em seu ventre umbilicada cum olho atento às verdadeiras divinas parangolévelivre&solta por seus eflúvios noturnos disparando como tambores e taradapororelhas como fórceps abrinduestellas de suas vanessas de flora a flora. Deceltamineira isso soa comua mais pura crianciência em que nossa literaturamátria de lengalengaiaciência é rica. Tudo está tão longe de nós comuele num sfumato de fogão à lenha, por miliuma noites dinrolação manjada, devemos tatear até a hora Zerogh comuas catolicorujas cegas que somos se resgatássemos alguns momentos pro nosso aqui agora. Amar sem mas nem menas. Uma inspeção mais minuciosa do *bordereau* revelaria uma multiplicidade de personalidades infligidas aos documentos ou documento e alguma previsão de crime ou crimes virtuais poderia ser feita por qualquer bandido trapalhão ante qualquer ocasião oportuna pro ilícito ou sieles tivessem feito o que não se faz fazendo acontecer. De fato, sob ozolhos cerrados dozinspetores, os traços característicos do *chiaroscuro* se aglutinam, suas contrariedades são eliminadas, num estábulo algum sósia também age pela guerra providencial do destruidordecorações com o destruidordecasas e do livrebebedor contra nosso livrepensador meio socialiszt quiavança desordenadamente, experimentando uma série de tropeços em decepções pré-arranjadas, no longo caminho de (é tão simples quantum bê-á-boi-de-rodeio!) gerações, mais gerações e ainda mais gerações.

Diga, baroun douadoordeluz, quem diablos escreveu a maldita coisa

[107]

afinal? Ereto, agachado, de quatro, contruma mureta, sob frenesigradual, pelo uso de pena ou estiletter, com mente lúgubre ou transluzente, auxiliado ou pela mastigação de reversos, interrompido pela visita do vidente ao escriba ou do escriba ao beabar,

entre duas chuveiradas ou aturdido porum triciclo, chovido ou soprado em círculos, poruma ousadia direta nativa da terra ou poruma astucia enriquecida pela pilhagem do conhecimento?

Agora, paciência; e lembre-se quia paciência é a gandhi coisa, e acima de tudo devemos evitar o que quer que seja que nos tire a tal paciência. Um bom plano usado porempresários preocupados com a massificação que pode não ter tido muito ímpeto pra dominar a confúcia doutrina semiótica de Kung ou os codigarmistícios pertencentes a Carprimustimus é o de focar o pensamento na totalidade submergindo nas profundezas da paciência endemoniada em nomes conjuntos pelos dois irmãos Bruce incorporados pela aranha escocesa e pelos Hipicavalos Calculadores de Elberfeld. Se depois dianos e anos diescavação em valas escuras um freudfranciscano mais quiozoutros, Vinicultor ou Guinnesscultor, giardineiro ou emprer empreendedão, levantou-se com o mesmo maldito propósito de nozassegurar em todazas lingagagens do Carrollceiro que nosso grande ancestral tava falando propriamente três sílabas a menos que seu próprio sobrenome (sim, sim, menos!), quia orelha de Fionn Earwicker anteriormente era a marca registrada diuma emissora com jargão local entrelaçado como patente dium às (Houça! Chamadas! Enterecepúblico!) em seguida quantua esta epiepístola radioscilante à qual, algodão, seda ou samita, ébano, fel ou pódetijolo, devemos retornar eternamente, o paradeiro exatamente no momento em Siam, Hell ou Tophet sob aquele gloriosossil que brinca de touromecômico conosco nesta lâmpiada de Aludin de nossa cagacidade que será que seria tão brilhante assim pra nos derramar o óleo de dinkum?

Nós conhecemosos necartacionistas. Concluir puramente negativamente pela ausência positiva de odia política e propina de modo que sua página nunca possa ter sido fruto da pena dium homem ou mulher daquele período ou daquelas partes é apenas maizuma conclusão inesperada a que se chingou, equivalente a inferir a não presença de aspas (às vezes chamadas de sinal de chistação) em qualquer página em que seu autor sempre foi constitucionalmente incapaz de roubarpordebaixodospanos as palavras ditas poroutros.

[108]

Felizmente há outro kanto da kestão. Um qualquer, do tipo de dez centavos a dúzia, pode cualgum oportunismo nalguma longa jornada noite a dentro ser discretamente atrevido – há uma tal categoria ordinária de piadista sem graça, quarentão despeitado,

ligeiramente flatulento e dado a raciocinação por sincopação na elucidação das complicações de sua grandiosa dinasdescendência Fung Yang, apenas o filho do outro, de fato, já olhou por tempo longo o suficiente prum envelope endereçado e selado que parecia corriqueiro? Admentidamente issué uma casca externa: seu rosto, em toda a sua perfeição característica da imperfeição, é sua fortuna: ele exhibe apenas roupas civis ou militares de qualquer nudez páldadepaixão ou nudez venereada em roxo que possa sexysconder sob sua glandesa. Y sin embargo concentrar-se apenas no sentido literal ou até mesmo no conteúdo psicológico de qualquer documento com a dolorosa negligência dos próprios fatos envolventes quio circunstanciam é tão prejudicial pro bom sem som (e que seja misturado ao gosto mais puro) como se fosse algum cara no ato de talvez obter uma informação inicial dioutro cara quiacabou se revelandum amigo nas mãos dele, digamos, a uma dama conhecida deste último, empenhada em realizar a elaborativa cerimônia antecessal da escadacelestial, imediatamente sair correndo e vislumbrá-la circular e plana em sua plenitude natural, preferindo fazer vista grossa ao fato étiquetal de quiela stava, afinal, desfilando pelo espaço do tempo existencial cualguns artigos definidos de roupas evolucionárias, cria'sons inarmoniosas, como um crítico capcioso poderia descreouvê-las, ou não estritamente necessária ou uma frivolidade irritante aqui e ali, mas a pesar de tudo de repente se enche de cromatismo local e perfume pessoal e sugestividade, também, de muito mais e capaz de ser amplificcionada, preenchida, se necessário ou desejado, de ter suas surpreendentemente warmoniosas coincidências separadas fractalmente na sua incerteza, pra melhor avaliação pela mão hábil dium especialista, você não sabe? Quem em seu coração duvida quios fatos da roupa feminina stão ali o tempo todo ou quia ficção feminina, mais estranha quios fatos, também tá lá ao mesmo tempo, só quium pouco à retaguarda? Ou quium pode ser separado duoutro? Ou quiambos podem ser contemplados simultaneamente? Ou que cada um pode ser tomado e considerado separadamente um duoutro?

[109]

Deixemos aqui alguns artefatos advogarem em seu próprio favor. O rio sentiu sede de sal. Foi aí que Brien entrou. O país clamava pata de urso para o dindin! E não há limite que delimite mau humor. Nós que vivemos sob o céu, nós do reino dos trevos, nós quiabiritamos o seiodopecado muitas vezes vimos o céu estender-se além da

terra. Inebriados em epifania. Nossa ilha é Santa. O lugar. Aquele austero pailhaço Talvezfeliz Talvezinfeliz, uma vez disse repetidamente naquele seu elegantiestilo conservatório que Izoéchapel-Livrodlukan era o único lugar, *ult aut nult*, neste valium de lagrimaníacos (cujo verdi jazz amarelabach desdionde Phaethon zéstacionou o carro enquanto seu chá de leitemotivos é o drama de Oféliafogada) ondio possível era o improvável io improvável o inevitável. Se o proverbial bispo de nossa santidade e indivisibilidade com seu sei ou não sei Deus é a Quiztom tivesse martelado o lancededados errando o prego estaríamos ao acaso diuma sequencialidade de possíveis improváveis ainda que possivelmente ninguém após arrancar uma mecha de lã língua sobre seu assunto provavelmente em Harrystótales ou a vívlia se desviaria de seu caminho pra aplaudi-lo no reverso imparcial de seu pranto de vista como totalmente impossível até porque todozesses eventos são probabelmente tão similares àqueles que podem ter ocorrido quanto quaisquer outros que nunca ocorreram a pessoa alguma são suscetíveis de vir a ser. Ahahn!

No cocóritocante à galinha original. O meiuduinverno (fruur ou kuur?) stava à margem do mar e a Primavera eruma promessa de a pril quando, enquantous sins não daigrejazz badalavam o velho dingdong limiardavida, um arrepio gelado, um galindo galinzizek observulvavuma broxante galinha se comportando estranhamente naquele funéreo monte de psicocôlogíria ou húmus faber ou montanha verbivococôvisual (bosta, em porcas palavras) depois foi siscar no meu π de laranjalima quando no curso diuma profunda demoli'som durantium feriado bosquímano como num passe de música vomitou de seu limo alguns fragmentos espontâneos de casca de laranja, ozúltimos restos diuma refeicção ao ar livre poralguém em busca do sol desconhecido ou exílio *illico* de recurso ao seu passado lixerário. Que filho da praia-história além do cauteloso Kevinho na terra desolada dium tão gripante frio jamais teria musilocalizado num local que foi chamado de lucan um motivo pra música sacra do futuro evocando a descoberta do cálice de Ardagh poroutro inocente santo a zanzar pela praia enquanto tentava com clamor piedoso persuadir

Tipperary a co cô zenhar butatas da Nova Zélândia a pesar do massacre do mártir rubro, um duelo a dois pra morrer hoje, deustestável e grandeus, paus e pedraus, da maioria dos Jacobeatles.

A ave em questão era Belinda dos Dorans, uma pra lá de cinquentegintária (Scherzero prêmio com medalha de Pratarantela, Hellxposição Cheepalizody de Eves) e o quiela tava bicando na hora das doze badaladadácâtônicas parecia a toduesse mundo zogzag uma equiliablada cartinhadopapelnobel originada por transatlanticocô de Boston (Mass.) do começo ao finn dedicada ao Prezado a quem ela procedeu a mencionar elogiriosamente na saúde & na doença de Maggy até quio ódio jorrou leitinho *nos van* Houtens e as eleições gerais cum *adorável* rosto dialgum salvador da pátria cum lindo presente de bem-casados pra prezada arigatouna Chriesty e com grande passacaglia dessa pra melhor do pobre Padre Michael de vida inesquecível & Muggy de boa como you Maggy no & espero em breve ouvir que is tejas & agora devo fechá-lo cos meus sentimentos aos gêmininos com quatro beijosnacruz a são paulo corno roludo polibeatificado na xantailha xi xis zenta do (os gafanhotos podem divorark tudo a exece'som desse signo) afetuoso donquerxota de la grande. La mancha, e que manchadechá (a superengenhosidade do mestrecoconstrutor aqui, como de costume, assinando a página), marcou-a no gozor do momento com uma verdadeira relíquia dantiga cerâmusica irlandesa tão encartadora comua conhecida poetaria de lydialalanguish numa rapidinha-no-escurinho.

Por que então como?

Bem, quase qualquer fotoísta merecedor de suas quimiquexposições daria dicas a quem quer que o cartier-bressondasse daguerreobjetando que se o negativo dium cavalo borrar enquanto seca, bem, o que cê obtém é, bem, uma macromassa grotescamente distorcida positivamente de todos tipos de valores cavalanimadores e massas esfumaçadas de cavalo. Dica. Bem, isso é uma livre adabicação do que deve ter ocorrido à nossa missiva (há uma folia de relva procê! Faça o favor de podar a gramatologíria!) desenterrada do bucho pela sagacidade diuma lookakarejante gagalinha d'angolonga. A caliente residência no coração do brejento laranjal havia obliterado parcialmente o negativo no início, fazendo quialgumas características palpavelmente próximas ao seu pênis inchassem mais grosseiramente ao passo que

quanto mais para trás nos mexêssemos mais precisávamos duempréstimo diuma grandiangular pra ver tanto quanto a galinha viu. Dica.

Tu tá sessentindo perdido no mato, piá? Dizes: Isso exemplificciona esse literaturarvoredado emaranhado. Gritais: Beckettescalarei o topo da arvore sieu tiver a galinácea noção do que eça papagaiedda significa. Que isso, novinha! Os quatro evangelistas podem hablar targum fluente mas qualquer Cigana discente ainda pode bicar um bocado de pecado do saco do galinha velhaco.

Guia-nos, amável ave! Sempre fizeram: pergunte às eras. O quia cocoricó fez ontem o homem pode fazer no ano que vem, seja voar, seja penamorfosear, seja chocar, seja arrulhar no ninho. Pois seu senso sociocientífico soa como um sino, senhor, sua automutatividade volucrina migra à normalidade: ela sabe, ela sente que nasceu apenas pra botar e amar ovos (confiem nela pra propagar azespécies e rolar seus novelosdelã em segurança no meio do ruído e do perigo!); porúltimo e sobretudo, em seu campo genésico tudo é jogo e nada é farsa, ela é damática em tudo que faz e atua no papel de cavalheiro sempre que phode. Auspiciemo-lo! Sim, antes que tudisso tenha tempo diacabar a idade diouro deve retornar com sua vingança. O homem se tornará dirigível, La Peste será rejuvenescida, a mulher com sua ridícula incumbência divina estará a um passo da sublime incubação, a desjubada leoa humana e seu descornado lobuempeldecordeiro discipular se deitarão publicamente de conchinha sobre a lâ. Não, indubicavelmente, eles não têm justibicativa, esses edipocalípticos que choramingam quias letras nunca mais serão o que já foram desdarkele enigmático dia no sombrio Janieero (mas que data celestial num oásis do pecado!) pro choque de ambos, Biddy Doran ciscolhou literatura publicitária.

E. Ela pode seruma mera marcela, essa madjetosa anã, Mãe Dazartes. Mas. Não se trata diouvir ou dizer dialguma carta anonimorosa, assinada Toga Girilis, (boato querido). Temos uma cópia de sua caligrafilha bem diante de nosso narizbos. Notamos o papel com os joviais burrados de sua marca d'água: *Notre Dame du Bon Marché*. E ela tem um coração de Ferro! Que riocadenciado enquanto cachoeira com seus falliminares e seus acenosmatianais. À medida que shaw dá um show ela atua na farsa de inês venteira, com ressalvas pra mostrar a rudeza dium abusator sienrolando e revelanduas fantaorgias diuma proletrária. Mas quantos de seus leitores

se dão conta de quiela não tá a finn de verbovertiginar cum gagotuesco glassçario de falhavras-velosas de latin y el greco. Endeaubusada em sua vidastulta! Grabar grandy genty boa pros lendários adamologistas armêninos como Dariaumaurius e Zovotrimaserovmeravmerouvian; (dmzn!); ela sessentiuma tabula rasa que reza pra ser a coisa em si e se, pelúltima primeiravez, um soletrário homem sine qua taradón não tem rizões pra kicar nakara de kalker kara a rês peito da ordenha das tutus dianteiras e os rereres poroutrolodo pedindo quias tutus sejam cicliconadas. Thingcrooklyexineverypasturesixdixlikencehimaroundhersthemaggerbykinkinkankan withdownmind-lookingated. Mesdaimis, Mahlermouselles, Rameaussieurs! Silvapais! Todozos schubertolos (schescreeves) ischt comentam a cristadegalo no peru. Kapak kapuk. Não importa o globe o cú lá. Ele tinha que ver a vida com segundas intereções no plark e no perkado, (schescreeves). Havia trezomens nele (schescreeves). Dançarinas (schescreeves) eram seus únicos pintos fracos. Com cortesãs de maçã. E um pouco de canchromole. Espessexualmente (schescreeves) quandueles se pecam. Mel usava maquiagens de camélia. Mui sinceramente sua. Inquilina do dublin's cabaré. No entanto é só uma velha história, o conto dium Treestone cuma Ysolde, dium Monte armando a barraca e sua amiga tropecando na fuga, o que Cadman poderia mas Badman não faria, qualquer Geniovês contra qualquer Veniezês, e por que Kate é encarregada de serviçoscerais.

Resiliemo-nos agora se, clima, saúde, perigos, ordens públicas e outras circunstâncias permitirem, por perfeitamente conveniente, caso se policie, depois de usted, policepolice, me deusculpe, ieu chou tão shein vergonha, hein? largue esse dirce-me-dirce e fale ponduo falo na mesa de homi pra homi, poizenquanto ozouvidos, sejamos mickeyalls ou nickilistas, podem às vezes estar inclinados a acreditar nozoutros e ozolhos, sejam brunos ou nolanos, acham diabolicamente difícil de vez em quando até crer em si mesmos. *Habes aures et num videbis? Habes oculos ac mannepalpabuat?* Dica! Avizinhemo-nos pra verbeabalizar nosso ponto de vista (já quiafinal de contas eliencontrou o infortúnio enquantuestava no fundo do poço), vamos ver tudo o que resta pra ser visto.

Sou um trabalhador, um mestre diobras funnyrárias, ansioso pragradar a todos e muito contente quanduo Natal chega uma vez ao ano. Tu eres um pobretariado, untuoso pra policiar agentes foderais e putasso

do fundo dalma quandué hora de voltar pra casa, gin. Não podemos afirmar oio por oio. Não podemos farejachincalhar nãoriz a nãoriz. Ainda. Não se pode deixar de notar que mais da metade das linhas correm norte-sul nas direções de Nemzes e Bukarahast enquanto outras rumam oeste-leste em busca de Maliziies com Bulgarad, porum ponto minúsculo ainda que pareça quias profokiaves aninhadas ao lado dioutros incunábulo tenham seus pontos cardeais pra tudisso. Essas barreiras de regras ao longo das quais as palavras traçadas, correm, marcham, param, andam, tropeçam em pontos duvicosos, tropeçam novamente em relativa segurança parecem ter sido rasuradas antes de tudo num esbeltabuleiro de xadrez com rainha em luto e xeque-morte. Essa cruzada é obviamente anticristã, maizo uso do ebâneo espinho caseiro como auxílio à caligrafia mostra um distinto avanço da selvageria à barbárie. Alguns creem seriamente quia intenção pode ter sido geodésica, ou, na opinião dos sabichões, iconomia doméstica. Mas ao willscrever hathawaycai de cabo a rabo e roatoriando, roatoriando de ponta a ponta pelo hathawaycaos e com linhas aos litros literando ao céu e o atonaletismo lixerário em haiqueda livre, a antiga shemiologíria e jafé reencarnam ham'Let Humano Uyanmasiado Humano e Letrado. Durma, maizondiéquitá a sabedoria desperdiçada?

Outro ponto, em adição à areia original, pó pra pluma, papel embebido na monstuação ou babel higiênicu usadu (qualquer veterano ou adepto do nosso meio social pode ver o que é visto por si mesmo, um quartinho gelatto, o allegretto ranger duma cadeira, doze omeletons de voos Dalbânia, uma augusta comtedade de conhaque, um portogal ium pãozinho no sol-fá, cecialembra do jogo de softball que irmamãe nos cantava quanduéramos todos bebinhos ou sobrinhos e sobrinhas de rameaira) adquiriu acréscimos de matéria terrestre quando se proustou buscando o tempo perdido. A última madeleine mergulhadanochá (nunca conte o final, ator, ou nosso show será um tomatasso!) é um brevestudo marrom acalentando todo o seu eu e, sejuma impressão digital, marca registrada ou um retrato duartista quando ingênuo, sua importância nuestabelecimento didentidades no complexo duescritor (pois se a mão era uma, as mentes coconstrutoras e agitadas eram mais do que isso) será melhor apreciada se jamais siesquecer que tanto antes quanto depois da batalha de Boyne era hábito não assinar cartas

sempre. Dica. E certamente é uma literaburra menor escrever uma palavra com poucas consoantes do que adicionar muitas. O fim? Então diga isso com mísseis e assim arabesque a página. Tu tens tua xícara de Souchong escaldante, teu fetiche com cera kant, tua garra felina, a unha ou o prego de caixão que roestes ou chupastes ao criar palavras, teu chilrear ao ar puro. Então cadiquê, rogo, assinas algo tão longo desdiquê cada palavra, carta, rabiscodecaneta, lacuna na escrita sejuma assinatura perfeita de si mesma? Um verdadeiro amigo se reconhece com mui mai facilidade, e bom nos negócios, por seu toque pessoal, hábitos de se vestir ou despir, movimentos, resposta a apelos de caridade do que por seus sapatos, digamos. E, falando sobre Tiberíades e outras salacidades incestuosas entre os gerontófilos, uma palavra de advertência sobre a paixão putônica nazentrelinhas. Algum narigudo de peru mole pode tomar errógeneamente como o caso usual de colheres, *prostituta in herba* boa pra caralho kikando deliberativamente fora de sua bissexycleta, na entrada principal do fio bental sob a batina vitalícia do paidre dando uma duas três e auau! que a coloca por cima tão delicadamente quanto qualquer perfumista o faria pra sentir o que tinha causado mais dor à virgem e perguntar gentilmente: por que tu és abusada com tanta graça e cadê tua castidade infantil? Quién eres, pai potente? e amplificando a não ser que nós os borromeados velhos Sykos ann’alicemos as maravilhas à parte, quandueram jungadas e facilmente freudulentas, na penumbra da sala dinvestigação e que caospreensão oracular aplicamos a eles! poderíamos (será que nozimportamos em negociar nosso débil silêncio *in camera*) dizer ao nosso catarrentonariz quio *father*, em tais contextos virginais, nem sempre é aquele parente indemonstrativo (muitas vezes submetido à nossa contumácia) que nos governa pelo medo e como um inocente advérbio estrangeirizado tal qual o Michaelis parece sugerir sob fundoscopia e, finalmente, que ninfolepta neurastênico, típico endócrinopineal, de paternidade invertida cum atraente drauma presente em seu passado ium desejo priápico de congresso com agnatos ante cognatos se sente fundamentalmente sob sua meiose lúbrica quando se refere com gosto a um cara com quem ela fantasia. E Mm. Phoderíamos. Pra que tornar público? É uma pequena história dramaziada humana comuo papel quia transmite satisfatoriamente, com

afeto, comuós cantares xaxados de Salomão xarmonizados cas bachianas no compasso tão descaradamente bluestequeiro quanto Ezra, o gato, a mamiauzinha do gato, a esposa da miaumãezinha do gato, a metadedalaranja da esposa da miauinha do gato, a mimiauzinha da metadedalaranja da esposa da mimiauzinha do gato, e assim voltamos aos nossos cavalos, pois também sabemos, o que lemos nas páginas *Eu Erum Gernal*, esse Levante do Bulklevismo por 'Schottenboum', quio Padre Michael pondera nesta época vermelha do terror branco semelhante ao antigo regime e Margaret representa a raivolução social enquanto boulos significam os fundos do partido e karlmarada arigatão significa gratidão nacional. In fine, já ouvimos, como álcoolteceu, falar de Spartacus intercelular. Inda no is tammuz encurrolhados, dedo podre! Podemos recordar, com prantovoluntario, o judeu sapocalíptico, e a docemente distante e atualmente oestimada bela cidade de Dumbil antes que maizum ano siacabe. Viajamos por nossas costas ao som das boas músicas gays. Quanduo mar tragou desde espadas a antigos canhões de howth e então a resposta foi o valente O' Dwyer. Mas. *Est modest in verbos*. Supunhetemos quia prostituta sejakela que fica diante diuma porta y pisca ou ciciririca no fornix park junto a um muro das lameteções (sinsin! sinsin!) io cura seJakele que jorra águas fortes (gingin! gingin!),mas também, e não sesqueça, que há muitos que cochilam entria primeira casadastia ia última com percadoriazimportadas e quia bela presença de pererekates kiesperam gordôs por toda a vida (!) seja mais do que suficiente pra fazer qualquer mick especialeiteiro na linguagem das putortas doces sovar o pau quio demo venereou no seu gêmeo nicky e no chá de Maggy, ou vossa majestade, se for ouvido como um incentivo a um cavalheiro nato. Porque sio palavrão ofegado sob os edreamdons, ainda que basicamente em inglês, fosse pregado pela boca dozartesõesduexércitodecristo e metafísicos alinhados e advocativos, sóvogais, semivogais, linguais, lesbiais, dentelles, gruturals e adverpeidais, ondiestaria sua prática ou ondia própria raça humana era a sesquipedália pitagoreana da panepistemologia, porém epicamente Volapuk, grunhiu e floriu, ichabod, habakuk, opanoff, uggamyg, hapaxle, gomenon, ppppfff, sobre palafitas, atrás de casas de mudeira, becos sem saída, ou, quando todazas frutas newthonbam, nalguma pilha esquecida numa carroça?

Assim foi, amor: o que é, é: e será: por ruínas e lágrimas e

eras. Rouba-nos a noite, furta-nos o ar, fino xale quienobrementiras, mina! Bizolhe, Orelhe, insulte la belle! Traidor, ouvinte maldoso, bravo! O olhar relampejante, o grito dos pássaros, o medo da morte, semprefluindo pelazeras. Fogus&ária terras&água; agora Deuzsol reluz na filha dozomensluz; um bom trovão, um casamento antecipado, um velório triste, retratam bem o inferno; tal é o destino da masculinesposa de perder e vencer de novo, como siele tivesse cavaconhaque no queixo noivamente, ela depila os pentelhos maizeles renascem ciclicamente. Então o quiquiocê vai fazê a respeito? Ó querido!

Sios junhovens salvassem! Ah ho! E sios julhonge vos pudessem! A véia stólia! De quiqui quinet a michemiche chelet e de jambebatiste a brulobrulo! É contada em sons proferidos que, em sinais somados a, em universal, em poliglutural, em cada idioma neutro auxiliar, surdomútico, florilingua, sheltafoucalt, desconstrutivês, con cubanês, proust tutês, streetdancês, percioreillês e misturebabelês total. Desde quia sapecasamenteira Nanette tropeçou no palmeiral com o Alto Harry há uma pitoresca turfa inflamável na relva quando muitas vezes o vento levanta marilynmonroemente sua saia iuma vulvasilhadebarro umedece pra ti, mia Sity, e tolkatolka nos riolata que Tibbs é o corvo nuncamais: e ahindu que (vida injuriosa provando sim a morte de ronaldo finnômeno quando o vinho empoderado derrubou o homem empobrerado) a bilionézima tem sido a bilionézima vez durante milionézimos milênios e nossas raças híbridas têm dado duas vivaiais ou três vivavaiais pra uva, vinicolas e cervejazzria e bluesteco do Pedro em New Amsteldam e Paoli's bar ondias pirigoethes vão e o rum levou a rima de roma à ruína iele foi antropofagizado namérica do soul (caberia numa frigideira mesmo se fossium Catolicarne de vico) esta epístola do velhoimundo de suas intempéries e seus casamentos e seus enterros e suas seleções naturais desmoronaram séculos sobre nosso frescor e sugaram nosso futuro com uma velha xícara de chá. Comueu tinha fogo no canecu. Haha! E como bocê tava um cadin quent na sua cuzinha holandesa. Hoho! Ela canta bubutâtã ou toon zé. Huhu!

Agora, capnomancia e infusionismo podem siencaixar tão bem quanto dois parnelleiros maizenquanto nós em nosso nascente estado livre, leais a essa carta magna prostituida, podemos ter nossas dúvidas irremovíveis quanto ao sentido pleno do fragmento, a interpretação de qualquer frase no

todo, o significado de cada palavra de uma frase até agora decifrada dessa univerbo, por mais irrestrita que seja nossa independência irlandesa diária, não devemos nozorgulhar de nenhuma dubiosidade ociosa quanto à sua autoria genuína e autoridade juntaemisturada. E vamos ao sebastian bar acabar cos conflitos num click, boteconde de olmond! Em face disso, voltando ao bonde dos cavalões sem freio, e pra sua mente de jegue, boi bumbach do cravo destemperado, o caso é uma coisa diuma vez por todas e aí tu tá nalgum lugar e finnado num certo tempo, sejam dia ou um ano ou sabe-se lá quando, poderia acabar sendum webernúmero serial schoenbergracioso que só deus sabe quantos dias ou anos. De qualquer forma, seja como for e em algum lugar, antes da enchentedelivros ou após sua vazante, alguém mencionado pelo nome em sua lista telefônica, Coccolanius ou Gallotaurus, escrebebeu, escrebebeu tudo, escrebebeu cada detalhe e aí está, ponto final. Oh, indublintavelmente sim, e muito potavelmente, maizaquele que pensa mais profundamente sempre saberá no barcobêbado de sua mente que tu tá exatamente aí e aí tátátá tudo em seuzinhos. Por quê?

Porque, Sofridescritor Bebel, se forocaso, (e o marketing do tititi será fofocomunidado pelas janelas não mais certo do quia escrita na parede irá matizá-lo na mente dozomens que siencontram na rua principal) cada pessoa, lugar e coisa no caosmos do Todo dium jeito ou dioutro conectado co quinto duzinfeno tava se movendo e mudando a cada fragmento do tempo: o tinteiro itinerante (possivelmente recipiente), a lebre e a tartaruga, a pluma e o papel, as mentes cada vez mais e menos intrincadas dos anticolaboradores, conforme o tempo passava ele variava flexionado, diferentemente pronunciado, diversamente soletrado, indicandua mutababilidade do significado musiscritural. Não, então me ajuda Pétaud, não se trata dium ineficaz tumulto de manchas e borrões e barras e bolas e aros e contorções e anotações justapostas ligadas por surtos de velocidade: parece que é o rascunho do capeta; e, claro, devemos realmente ficar gratos por nesta hora delicituosa do alvorecer de moscazarts varejeiras temos até um pedaço de papel escrito com tinta seca pra mostrar pra nós mesmos, tarar ou folhear, (e somos largados à própria sorte comuo pescador dialmas quanduele atirou o pau no gato de boutas) depois de tudo o que perdemos e saqueamos até os hellcantos cabulosamente escusos da

terra e de tudo o que passou e por todos os meios, depois diu beijão na terra firme em Terracussa e pra sorte da guerra nosso lefftoff foi lançado sobre nossa omoplata judocasamente, agarramo-nos a isso como siestivéssemos afogando, esperando contra a esperança o tempo todo que, à luz da filofosia, (e quiela nunca nos enluqueça!) as coisas começarão a siesclarecer um pouco diuma forma ou dioutra na próxima bataille diuma hora e ser enforcado pureles num dez contra um como também desejam, pragadar aos porcos, como deveriam categoricamente, pois, estritamente entre nós há um limite pra todazas coisas assim comuisso nuncacontecerá.

Pois, com o faro feroz da frauzeira pra farejar fedorderaposa, (as columitas da calamitá chamando por calamitância calamitosa) quem quiao escrutinar se maravilha caqueles indignantes chibatadas; essa rebimbocadaparafuseta tão prudentemente aparafusada ou bloqueada; a caosmovente reminiscência dium caminho incompleto ou final sem fim; um redemoinho giratório de mil auréolas, prefaciado por (ai!) agora ilegíveis plumaladas esvoaçantes, todazambiembabelicando tiberiamente aziniciais maiúsculas de Earwikers lacraian: o pretendadamente confuso crismon trilithon signo , finalmente denominado apózaluma gaga hecitação Hec que, tic-tacando em sentido anti-horário, representa seu título na sigla comuo pequeno Δ, carrionhosamente epitetado seguinduma certa mudança diestado de graça da natureza alp ou delta, quando só, significa ou tautologicamente fica ao lado do consorte: (por falar nisso, já quiouvimos dos círculos de Cathay comua galinha não é milagrosamente um tique-taque ou dois após o primeiro quinto quarto do segundo oitavo duodecimal – siangchang hongkong sansheneul – mas sim o outro e trigésimo do nono a partir do vigésimo, nosso próprio vulgar 432 e 1132, irrespectivamente, por que não tomar o primeiro poruma pousada popular, o último poruma ponte montanharrússica, um sinal de multiplicação poruma encruzilhada à frente, o nó borromeano que escolheu pra força da família, seu antigo quadriciclo pro abrigo de guerra, um chá em todo caso prum encontro humoroso algum dia, e seu partidarismo perdido num beco sem saída levandua uma conspiração irlandesa no Campo de Marte, não?) o constante monólogo dozinteriores; a confusão perdoável pela qual alguns culpam o cacetete e outros mais culpam a porcalhordagem maiza ingratidão com quias mijonas em seus chapéus à la mininamalukinha são frequentemente rotuladas como noitícias do bumbum guloso ou quase sempre isso são

cufundidas com beijo grego no banco digreja, daí teus cristóvoos polombos, daí nossos Kat-anjos Pepekresbiterianos; os pequenos traços piamente piadosos nunca escritos certos por linha reta na carta da verdade verdadeira; a súbita petulância dialgumas intrometidas capltuLares no mEio; uma palavra tão astuchiosamente escondida em seu confuso labirinto de cortinas quanto um rato do campo num ninho de fitas coloridas: akellsa abelha absurda com pés de touro declarando com muda pantomina ainda mais escrachada quia do plebeu silenciado mostrando quio dicima sóbi io debaixo désci: e saca só este *funferal* prepronominal, gravado e retocado e bordeado à capitu&peri e apudinzado cum ovo de baleia recheado com galinhedda como se sofresse sentença penial condenatória de ser masturbado um trilhão de vezes pra sempre e uma noite até quiele caia de cabeça ou nade poraquele leitor ideal que sofre diuma insônia ideal: tutti quelli obeli pimentamalagalettra scarlatti avermelhada sobrio texto, chamando atenção desnecessária pra erros, omissões, repetições e desalinhamentos: essa (provavelmente local ou pessoal) variante de *maggers* pra *majerstade* mais geralmente aceita quié apenazuma mixaria e aindassim pode tranquilamente divertir: aqueles ees gregos supercincumflexobrepostos diaspecto entrecruzado desgraciosamente empoleirados ali e aqui em desuso como corujas doentes que voltam tossindo a Atenas: e os geegees também, jesuisticamente formados no início mas depois genufletidos agreshivamente em diereção ao ocidente: a kakografia ostrogótica afetada por certas frases do stablablablá etrusco e, em suma, a aprendizagem traída em quase todo fim de linha: a forçamental (pelo menos onze homens de trinteidois cavalos) revelada porum trabalho constante pra fazer um ghimel passar pelolho dium iota: este, porexemplo, retorno sinistrogírico totalmente inêspereirado a um ponto peculiarmente dolorido do passado; este trono aberto à dubiedade (diuma origem terrestre dalai-lamacenta primitiva casuo homem escolha amaldiçoá-lo aglutinativamente loo – too – blue – face – ache ou ill voudaroburacodexixi ou, kant kult, kaikai) sentado com tal determinação descuidada e lembrando-uus inelutavelmente da natureza em seu estado natural enquanto peralta saussure pererê eff, o cornudo digamma de seu bárbaroriginário, raramente ouvido agora a não ser ou ser quando escapole dos lábios fora de moda dialgum hetairossexual (usado sempre em dois tipos dimpresa in negrito – um deles tão teimoso quanto

[120]

seu irmão Claudiano, vale a pena interromper pra dizer? – ao longo do papiro comua
 marca de revisão) onipresenta-se por toda a página, medita 1sensações em busca
 diuma ideia, em meio à verborragia, infértil, prostado na margem da ornamentada
 janela, com seu cesto de folhasdelouro todo esvoaçante em torno de seus
 saposbifurcados, anda com cara de porcos amigos, saracoteando pra lá e pra cá,
 lançando frases aqui, ali, ou retorna inibido, alguma sugestão meio interrompida, 1
 arrastando seu cadarço; o curioso sinal de alerta antes da *ipsissima verba* de nosso
 protoprogenitor (um indescritível filho da pura, a propósito, às vezes uma lontra com
 rabodepalmeira, mais frequentemente o árbutofrutaflor de caim&labelledejuice) quios
 paleógrafos chamam de *uma goetheira no teto ou o coelho quio Homi Diaran tira do
 buraco de sua cartola*, indicando quias palavras que sisseguem podem ser tomadas
 em qualquer ordem deuszeusjahda, buraco do homi de Aran na cartola através do
 sussurrante ih oh (aqui fetichiza inovamente e começa inovamente a fazer
 som&sentido e sentido&som soarem familiares inovamente); essas atonaltivas aiches
 facilmente desdotadas da mais rara musicomicidade comua maioria dozolhares
 errantes que fuzilamos pela metade, desconectado, principal, medial ou final, sempre
 jim no jam, sahib, tão sem graxa quanto oxiúros: o exibicionismo inocente desses
 francos mas caprichosos sublinhados: aquela estranha serpentina exótica, desdientão
 apropriadamente banida de nossazescrituras, quase tão aberrante quanto melaramão
 ao veruma noiva cacabeçanasnuvens montar num pirocavalo, que, em sua invencível
 insolência cada vez maior e de maior morosidade, parece desenrolar-se em espiral e
 inchar sucurimente diante de nossozolhos sob a pressão da mão do escritor; a
 desorquestrada imusicalidade assim pintada na escultura musivogalizada ah ha tão
 negrastuta quantum *podatus* e silenchiosa oh ho stravinskestrondosa comuo decateto
 de cordas com helicópteros em fugadesarmônica: a estudiosa omissão do número do
 ano e do nome da era da data, a única vez em que nosso copista parece ter
 apreendido a beleza da moderação; a conjugação lubrificante do último com o
 primeiro: o acasalamento cigano dium grandestiloso coveiro cum segundo melhor
 baguete (uma interpolação: estas mastigações ocorrem apenas na família
 Bootherbrowth de MSS., Bb - Cod IV, Pap II, Brek XI, Lun III, Dinn XVII, Sup XXX,

Fullup MDCXC: o escoliasta esfomeadamente confundiu o grito dium defunto cum sinodeconfeiteiro): os quatro & com&rciais abr&viados

[121]

sob os quais pod&mos analisar e sentir nós mesmos em todozaqueles russozanos as cálidas bermudas do célerescritor: o lapso vocativo onde inicia e o buraco acusativo em que termina; a afasia daquela agonia heroica de lembrar um número outrora amado levando de deslize a desleuze a uma amnésia geral de nomear erroneamente a si mesmo: depois desses ars, rrrr! aqueles ars todos bélicos, o hieróglifo do sumô-sacerdote de bongô e agogôssô, arrancados pela rubramão de nossa oração sagrada que rubrica a trégua coa beleza, *O'Remus pro Romulo*, e rudemente atirados pelo porteiro desdio pináculo do santuário até as proximaldades do quarteto de rubaiyat entre Aqueles Que não tem Templo nem nada desde quio incêndio da Destilaria de Roe encheu a Taça com o Fogo da Noite Mas jig jog jug lançaram Coupdedés durantio Dia, whang, conduzo seis leais, fora de mi corazón sangrento, maledeto seja, e lá tá ela a seu depor, senhor, whangoze-a, a bela muié, rouge em seus cabelos de lagosta, a indecor rosa, whang, Deus e O'Mara ruivosos com seu velho Vilão Rufus, espere, whang, Deus e tu são um outro quiele não habita pois aí ganho meu espólio com o cinco de espadas, whang, soque na majesporcosa Boca dele, KM O'Mara ondié qui tutá?; então (vindo pro canto esquerdo do corredor abaixo) o pós-escrito cruciforme do qual três *basia* ou curto e nada grosso *oscula* foram cudadosamente lapisdados, inspirando claramente a tenebrosa página *Tunc* do Livro de Kells (e então não precisa ser perdido de vista que há exatamente três esquadrões de candidatos à rosacruz aguardando sua crussificação nos painéis marginais de Columkiller, encabrestados até três urnas eleitorais, então encaminhados a comitês dienforçamento, onde dois bastavam pra qualquerum, começando pelo velho Mateus em pessoa, como ele falava com grande distinção assim como desdientão se fala quia falação do povo é costume, quando se fala diuma pessoa, de dizer dois faziam companhia quandua terceira pessoa é a pessoa obscuramente falada, e então esse último *basium* labiolingual pode ser lido como um *suavium* se quem quer kiss sejazz o beijorrockeiro tiver escrito cuma língua em sua (ou talvez dela) bochecha como pode ter sido ocase então) e a haicarta fatal rabiscaindo em coda livre do autor do pecado, um sinal seguro de cegueira moral imperfectível; a abudhância, a oxóssividade de

todozaqueles ems quadrúpedes: e por que escrever querido deus cum dheer gandhi pra caralho (por que, Oh por que, Oh por quê?): as aks cortadas e secas e a forma errudita da semifinal; e, dezoitadamente ou vintequatromente, afinal de contos, graças a Maurice, finalmente quando tudo estiver dito e feito, a paciência penélopica de sua última firulassinatura, um colofão de não menos que setecentos e trinteiduas páginas seguidas porum laço saltitante – que mesmo com eça maravilhosidade toda seguirá pressionando veementemente pra ver a espasmante libido feminina daqueles sexys interlábios clitórescritos em ogham energicamente controlados e facilmente repersuadidos pela verossêmenlhança uniforme dium ziguezagueante punho masculino?

Duff-Muggli, quiagora pode ser citado porum mui generoso acordo (sua fotossensibilidade dectroscofônica sob controle de luz suprassônica poderá ser registrada por nossos futuros não mui distantes tão logos os valores tonais possam ser retirados de Cromofilomos, Limitado a um milicentésimo o microampere), primeiro chamou este tipo de parcecia públicânone-na-privada de perplexo ulykkeano ou quatromãos ou quadrumane ou pato e páthos ou débitos e créditos (v. *Algumas Antecipações sobriaquele Studium de Esquizofrenese Sexofonológica*, vol. xxiv, pp. 2–555) após a bem informada observação, feita a milhas de distância do Mestre por Tung-Troyd (cf. *Frustrações Ulteriores entrios Ensinaamentos Neomugglianos sobria Semênconsciência, passim*) que no caso do poucoconhecido bestsallinger de navegação popularmente associado cos nomes do infeliz marinheiro (markbeto pecadordevilesa nosso cecimbeline padrão shakesperi) um relatório do almirantado Punecu, *Do Ossiano de MacPerson Às Marés de Jahsão Cristhor*, tinha sido habilmente emborcado e picantemente republicado como um guia de viagens dodecanésio da variedade cada-conto-um-deleite-em-si que poderia satisfatoriamente me deliciar tal camus brincar de naufragar o ganso.

A identidade inequívoca das pessoas no duplex de Tiberiast veio à tona das formas mais tortuosas. O daocumento original stava no quié conhecido comua whiskrita inquebrunantável de Hanno O'Nonhanno, ou seja, não apresentava sinais de pontuação de qualquer tipo. Ainda quiao segurar o verso contruma epiufânica

iluminação este novo livro de Morses respondeu de mineira mais notável à pergunta silenciosa da mais antiga luz do nosso mundo e seu reto deixou escapar o fato picante

[123]

de quiztava apenas perfurado mas não picotado (no sentido universitário do termo) por inúmeras estocadas e cortes afiados feitos pelo machado do assis. Essas feridas de papel, de quatro tipos, foram gradualmente e corretamente entendidas como significando pare, por favor pare, pare por favor, e faça O favor de parar respectivamente, e seguindo sua única pista verdadeira, a parede circunflexa diu um asilo pra homens incomuns enfim, acentuada por pei daços de vidrr inglass e peirce lana inesa qbrada, – Inquérritos policemióticos eco aarão → quieles tinham sîdu “provicados” poruma Λ’rapuca, diùm grave Brofèsor; àth é’s Brèak – rápido – escrivaninho; acùdamente profèššional *piquéd*, pra=introdùcir uma noção de tempo [sòbre ùm plano (?) sù ’ ’ fàç’e ’] por pùnc! pon trilhando (sic) no iSpaço ?! Profundamente helliorgioso por natureza e posição, e calorosamente apegado a Ti, e poundcage com womanteiga e X-Eggo com ovosfrescais, suspeitava-se com razão que tal ira não poderia ter sido visitada pelo freudástico Brotfressor Prendergast mesmo subconscientescritamente, sobre o pneuma ancestral dialguém a quem, com reuma, ele venerava descaradamente pelomenozumavez por semana em Cristadegales Partilhada comua moçãzinha dos seuzolhos e a mãelhor amiga de seus primeiros filhos e, embora o inglês vulgar pule a cerca gramatical duma senhora casada muitas vezes, ainda quandalguma fidalga ou fidalgalinha detectou quio trevo de quatro folhas ou a bicada do quadrifólio eram mais riocorrentes onde quer quia escrita fosse clara e o termo conciso e que esses dois fossem os mesmíssimos pontos selecionados naturalmente pras perfuorações de Dame Partlet em seu monturo, pensadores grandinhos reunidos pra chorar o leitmotivderramado em Pratilândia e uma ave brincalhona e musical e eu sou eu não você em qualquer caso, dois e dois geminados, e, cum enxame de beezzz caçandomel depois, um suspiro de timidez (Oh, le petit bonnet rouge!) separou bocas modestas. Quiassim seja. E foi. A conficção de cartas sobria vida iazopiniões de Fjorgn MacCamhelsson quandestava no país das Minas com os manos de Soldru. Com o reconhecimento de nosso fervor do primeiro instante ele continua sendo pra sempre seu. Pra pós-escriitrazos veja espólios. Embora o marinheiro ainda não tibesse bebido aquela mar’guerita nem o caçador

voltado babando da colina. E a raposa e os gansos ainda mantinham a paz em torno do *L'Auberge du Père Adam*.

Pouca noécessidade depois disso, o velho Jeromesalém, o velho Huffsnuff, o velho Antiokill, o velho Alecassandrum, de interrogar turistas de fim de semana vindos

[124]

ao R.Q. com: fuzilamento de vaías, balburdia na multiadão e ele todo é filho dium desengonçado bêbado do boêmeio-dia. No entanto não ouvimos nenhum filho de filhos partir com ele pra sociedade oceânica em sua velhice descoisificada em sua ignorância, Tulko MacHooley. E era assim quiele era a cada era, aquele filho, e a outra era, o dia a dia era isso e depois o amanhã Diarmaid é o nome quiztá escrito no saltério, a justacomposição dium diarmaidebussy e ele passando dium desejo ao próximo. As filhas correndo atrás e o procurando, as parkeradoras de entortar pescoço de Torba. Alistado no serviço militares de mil letras para pessoas idosas por Trot Whisky. Formallarmèmente confundido com mãeomé. Talvez deixanduo bigode crescer, diga, cum adorável olhar de maniacômico? E encaçapa bolas de bilhar em botecuzinhos com escada gangorra? Não és Hans el Carteiro ainda que tenha dado ou não dado risadinhas em latim maia e gregaguejado um pouco e sim não estivesse tão autormentado por seu bulbo de perseguição pandeiria ter sido, sim, e teria sido, tão verdadeiro quantua ponte Essex. E agora José não vai fofocar, eu declaro ao homem! Noe! Pro grande alívio de todos a meia hipótese de quiaquele jaguardarte macaqueador enlouqueleu o show ia fúria de noises de Brunodenozeas caídas em tentação e seu quarto foi invadido poraquele odioso e ainda hoje insuficientemente malestimado roubanotas (kokô, phezes, bosheta e fudelidade, ouvido absoluto, Guzo, Poetaria? Cantata-me!) Shem le Sinthomescritor.

[125]

VI

Cumékié?

Quem ser ou conhum ser nuestra nuoitte, mademoilleza e sonhor?

O eco está no fundo do whiscopo; só vem!

(Shaun Mac Earwhisck, mensugeiro, de acordes com os Missinhorais Jhon Jhamieson e Som, avalibrado em um cencláve e magroiral pruma centena de worquestrops neste karaquiz boêmio dos doze apóstrofos, santaceiados por Jockit Mic Ereweak. Elinterpretou malvo e miroulho porolho pro número três deusles e deixou gratweetas rispostas noiturnais a quatro deusles em sua autonal finn'esse anna'co-artística.)

1. Qual seugun'dó-ré-my tom zéus fá-si'nante reitor e construtor marxcristo de pontes foi o primeiro a subir altom alpé difeijão mais do quio eucalúpulo baobabuabbaun ou a baita Sequelóia Wellingtônia; mergulhou pel'adão di botas y calça riada numa liffeyette quanduela ainda eva pura; era cornocido por usar um boiné de conciliação na sua cabeça isquêmica; manuseia ninjamente comu albert um nunchaku sobre sua opulência highlander; filosofou pesar uma newtonelada quando caiu no colo sua primeira maçã, deu a overdose como opção em cada boa noite cinderelo entre ontem'ados e duas mariãnhas; tinha sete zenladoras com suceshivascores no mesmo taopetão brancusi da sala de mal-estar; nesta hora é Willsflorçado em casa como flor no jardim; bombeou o cartesiano poço católico e chocou o guerrapaz shaunvinista; matou seu alter ogro faminto de raivetrato quando jovem, achou alimito pra cinco quando todazas tatuaragens floram inundadas; com tutores irlandeses o Cornualhês ficou fácil; ingressos

[126]

de rodovicos, pedágio de estrada; criou vários enteaedos-cabeça pra comer diantes de sua bissextrupada filha; é engraçado demais prum peixe e muito estrangeiro prum insecto; como um cristal heptagonal nos emprisma verdades e mentidas; tem ereção infinita em indícios imprópriapos; uma vez ele foi enterrado e outra foi incendiado e

noutra foi comacoolizado e ela o enforcou num bar'leys di dívidas; tem um quadrante na cartola pra tagarelar Tal hora a cad; dá chances a Long mas antes encara um gg de Lei; achou carvão no fim do túnel e rosas no limbo das pregas traseiras; fezuma fortaleza de sua postersia e escreveu F.E.R.T. ilmente no seu aquilescudo; é o maior fujão de todozos lugares; se ele não curte cachorrões, o papa é outro cas branquinha da escola; foi evacuado com o mero aparecimento de três armas germeas e duas vezes apalpado poruma blitz; da zoomorfologia ao onanismo ele é brochado porum cara-coroa; torres, um tom mi edison entre deslamarados, lá çando feixes de cisnes no abismo; ameaça com trovões os mauleitores e envia cochichos pras shemhoritas froufrouqueiras; quan Duapareceu o Gancho trapaseiro mostrou seu bumbum na nuca e mereceu ▼|▼▲▼▲|▲ e zombarias mas jogaram bosta no geni'tor quanduele quicou gostoso ca bunda no Jumenkett Plunkett; finnlhos de annal caçam mamafesta cú as molières da vidade; negócios, ler jornais, fumar shaunruto, organizar caospos na mesa, comer refeições, prazer, etc., etc., prazer, comer refeições, organizar caospos na mesa, fumar shaunruto, ler jornais, negócios; água da pica, lavar e escovar, vistas locais, jujuba toffee, mangás e finngurinhas de niver; aqueles eram os dias iele era o herói deles; crepúsculo das idolisoldas rosinhas, nuvenzinha de argila rubra, vidas secas no Saara, couróxido de boirlandês Ferrado; acusados e processados, listados e citados, pleiteados e provados; pega seu cheque no banco da Indgnaterra e endossa seu clã destino na saída da capelisolda; cérebro dos francos, mão do cristão, língua do norte; pede jantar e chama o blefê; tem um bloomqueio na chapelaria Morgan e dor na cabeça durante toda comidinha; martela o martelão quando é o primeirão mas assiste mooksey mouse quandu tá excit'adão; andou à Ca beça onde foi sentador no depuestado pra Enroubar o povo; mostra vestígios de Inglês Primitivo e uma janela de margaridas com petaluzes douradas, um meucroscópio, duas piscinas olímpicas e três armurios dignos de se ver; arcos elevados ao triunfo e suave na nave de pontilhado retrô; é

[127]

um cronos'metro imparável e big Benn de todozos sinos; Fuirta, isstupra e roubheranças e ainda quisteja marcado pra mofar foi cabeçarrochado; é um bem-me-

quer-cús na floresta mas membro de aeroplanta pra Megalópolis; mounte poutente, pés de fauno, plankcha no cais'tein nosso, leitinho em nosso uíscotista; czarmenteiro, grão-ducaricato ele está enumerado, espera como conde, ele conta; embarcração frasal de escreverrante olhar musiscritural pros momentos di alívio dium dvořákdor de gramas'ticas; às nossas perdições trouxe lei, de nossos sobrados fez seu mucambo; erum sobresolo do subsolo e aqueduto de aguardente; força meni'nuzinhos de gritantes meias tossetes ao avançar o sianal com seu botóxido de carbono e meias de seda mostram seu corpítcho quando afrouxa a calça acima dela; estocará prosseco pra trindad dodói e papastllhas de abobreza pra todosos Pálidos; deu o pé bundano a Miserius, seu beliscão a Anna Livia, aquele rabo de cavalo superfino a Cerisia Cerosia e carona a Titius, Caius e Semprônibus; fez o homem que não tinha noção de shakesprosperar preferir brincar de duque a cavalheiro; mandou bala em duas drag queens e zombalançou três castelos quando ganhou seu jogo de anões; traga como um vulcão até fumegar nos ladúbios inferiores; manmaste, antes dele, mulherada, pietad!; apresentumavalanche alva de neve entre a crescente galhada de sua coroa e um chapelón cornorado de pesar pela que menstruava sangue; pausar e descansar, projeto de leitor^{triplex}; foi de metrô pra polis e então se mudou; aos descobridores, palmas! ai, você que procura!; quem preenchia plenitude, devorava fome; cavavinho lidera, cacau vem a seguir, esmeril esforça-se pela bandeirada; pode dançar o poledance de Brunoxo de Oz em Nolahn acompanhando sua orquestrauss pessoauss; hospeidou-se no lugardefala antes da convenção internatural de parteiras católicas e achou um canto no front do congresso pra estudar calamidades endonacionais; fezuma *entrada* delicituosa e finnalizou o percurso entre doces e salgados; despreza profecias, fareja achados e divertidos na guerra feira; limpou trezentos e sessenta e cinco gandaieiros pra montarum finn's motel khalassal pra galinhas esposançosas de possuir galãs; o falhante risonho, o mão de vaca, o gente boa que dá fogo a pascal; noés advertem pearcadores assim como perdoamos quem nos tenha ofendido; seja a fênix sua pira, as cinzas seu pai!; pilha a fortaleza de pelium em pequenozossos como as douce pílulas de hércules; tem um complexo de ediproust

[128]

e uma caidinha por bebida sujismunda e freudida; linguíça de kafka pra idiotas e carro de minnie boi pra patetas; quanduele pede nosso favor é sincerão; duas esposas

psigóticas e três deserções; agora pode ser uma questão de fato mas antes era papo pra boiscate dormir; Cattermole Hill, ex montanha de carne subiu por estresse e caiu sob tensão; mergulhe, fique molhadinha, diz o alfaiate a sua alice'ada; encapas um macho, mas chupa o dedal poruma criada; cai cai balão; uma fofocarta, um canto uma canção uma sibilaba; um provérbo, uma frase com ponto final; enquanto suportar seu olhar poderoso ostialhaços deverão cair; foi provetado em Fornicambridge mas esaújacólado pra fora; como ganhou na primeira frase subiu de fezes pra batalha de Bossta; Roderick, Roderick, Roderick, O+, você sanguiu os passos dos DNAmarqueses; pluralmente castelogado, reiagrupado regularmente; férias de garçons, suruba religiosa, banho de rabo de praia; o mesmo gayrói conferidor de ovos de quando olhos solitários sopraram ciscos; detonação real mas relatório falso; spa louco mas pousada iasãna; meiolhorário por censo fictício mas um retrato de mendigo quando órfão; é a pica mais escalável de todos os andes e o humpoint da modampt pra descansar sua concundância; cede seu muro de belinda ao novo patrício mas cai plebmaticamente pelos sangrentos séculos passádicos; come com portas abertas e entra no cio com cinto de castidade; algum\$ o bancam de Rothschildinheirado e outro\$ o capetalizam de Rockyfellowdaputa; voouralizou aos dois hemisféridos mas encobriu seus rastros; sete pombos cotistas que cucoclamam ser os pombos deste pombal são homerocanizados, Smyrna, Rhodosblin, Kolonsreaghaton, SeapointG, Bahiahowth, Cidavefênix, Rathenyas; independente da camareira dos comunas, reconhecendo o domínio de Roma; desmatamos tua fazendamazônica em Altivantajosas Chamas, Donald, Imperihouse; cheira a belo país doente e parece a orelha da Islândia; hospedeiro em bastardas terras, viveu através de reinos mortos; toma banho de solna e refri de menta pra zumbiar no fim de semana; depois duma boa partida de boqueteboll, desfruta de Profeflor Giroflatos; o que Nevermore poe'rdeu e Colombo achou; acredita na humanidade e até no seu próprio goldleiro e na África pra todos os negros; a curva desta longuestrada da vida foi boa ateus quarentinha e seu desmanche searrastou aozoitenta; se gaba dos músculos e de ser o maizantigo fund'ator da Ariânia e desdenha a família do Coliseu Suíço, a qual rotrolou de *les nouvelles roches*; embora seu coração, alma e espírito se voltem ao tempo dos faraós, seu amor, fé e

esperança aderem ao futurismo; faz kama sutra com incenso e sussurriso fron'tao enquanto zaratrastes amaldiçoam-nu por trás; entre épicos putapas e cerbeijos vislumbra o Éven; o Lug tem pika, a Luk tem pepeka; bebe tharrquila e wodhcar praquecer seu vulcão e come a fogosa pra semear e estocar stephens pro estante final, os mendigos o cobrem de quatro sobre seu papelão, as prostitutas dão de olhos enquanto andão de ladinho; no Natal da Mashaunaria Adventista, Nova Irlândia, após muitas andoenças o roedorverendo Sr. Vicoelhinho de pintocostes, sem seguiflores por legado, finnforrozeia sem usar privativo; Ido Donde a Glória O Espera (Bola, boleiro) mas Ainda Não Chegou (Maxwell, fisicristão); comungou sob a papalavra mas pôs o fênix numa burgueorgia; das bras cubas de cerweissja por intermédios copos de stout até amanhecer só a capa do butman; A1 é o altíssimo mas Rohbin é sua raiz; se refrescando de mirtilo quanduestava todo metido e mais pr'alá que pr'oxalá no seu rito de iniciansã pra exu a cara até cair por vinho branco com vulva passa; anuncia alimentos, doa dólares, compõe raps rústicos, adestra agitadores; goza semente suficiente pruma semi'nação mas passa o rodo nas subalternuazinhas às escondidas; aprendeu a falar com mão na boca até poder hablar o orelhandês cozolhos fechados; abriu veredas através de rosas e sertões mas estreitou seu pacto cu além; riobalto, annesley, nasciduescocês e balliol pra não dizer nada da independência de New Comyn'as gerais; o brilho do reluzir do clarão do sol através do parco pó no rubor d'argila da vil vila de Barnehulme tornou a poeira marrom; tatuaram quadrinhos uiscocêses nele, raizterix de arruda, alga dulce, shaumambaia, lao-tselão, cheio de si'nza, plantagruel e agrião; atirador mas não no campo de algodão; resistiu ao forte ataque de fome mas ficou mendigordinho, mendigorducho e mendigordão; ele tem maizoumenos vinte e quatro primos germinando nos Estados Unidos da América e um homônimo com uma diferença inicial no outrora reino da Polônia; sua primeva é uma jovem rosinha e sua segunda é franco-egípcia e seu todo significat uma queda da gata Christie; de sua costela escaevada veio de quatro a mulher dos seus sonhos, sangue mais espesso do que a água no sólido comércio além-bar; vai às compras deuslumbrante de Havaianas, conde de Enxada; você e eu es'tamuz nele cercados por prétios escuhórus; Elin quiçá enrede fugas mas Hwang Chang estranhou horóscopos; eliera um dos seus garotos doidões mas numa é'pica de sua viada o ambichonava como

cigayrro; Monte de Mishê, Mama do Meu; teve duas venturas cardeais e três afunda'bentos capitu'ais; tem um livro de espião e um barquinho em suas costas; B.V.H., B.L.G., P.P.M., T.D.S., V.B.D., T.C.H., L.O.N.; é o Pun nosso de cada dia, Tuberguloso, Servodca e Ceia; enquanto as ruas eram cobertas de neve ele pôs feltro no topete irado; autodidata em patinação e crash em 1929^{quedas}; distintamente sujo mas bostante querido; hovacionado chaunfetão enganador, acomzado diassassinato; Grão-vizirinho Otomano, de Sultúnica Paxá; fundamaoménta doisversos, expro'príamo todozos zeus páriszitas; o primeiro dos fenianos, *roi des fainéants*; sua Tiara de bolinhozantinos nunca falhou até quium Liaum Falhador a derrubou em Westmonster; foi deposto do trono quando remou suinicamente à nossa damasco e nos predicou pavores como as pragas trazidas de Buda da peste; pôs uma cabeça de fósforo em canetas falantes e escreveu ao fogo; Lança o dardo e atinge o raio; açucasado com bolos e prostitortas com prazer; até quiele foi enterrado feliz da vida e fabrincoou com o anel firmamentoando *Vai Micawbobo!*; deus no topo da escada, duwfunço no tapete de palha; o capuz falso diuma teia diaranha sufoca a bocaverna de sua nebulosa visão mas os passarinhos que animam sua natureza morta cantando o fazem amante de arbustos; nos estapeamos sobre o seu sangrento lençol de guerra mas estamos completamente comprometidos com seu manto verde; nosso amigo viking legal, líder nórdico se foideu; sob as quatro pedras junto aos riachos que evaporaram do caliçanto graálcol na alegria dos kellstas; Mora e Lora passaram poruma colina obshivando sua confusão até avistarem o firmamento com vivaldicidade, lanchinelos adiante e a ventania de mahabaratatas voadoras enevoou o lago Lego sobre ozúltimos dos moicampos; trevamos por ti no ano de luto, shaunsificador, mas renascereemos das trevas à luz quando o iluminismo da manhã germinar o raio de sol; suas calças listradas, sua caminhada um tanto estranha; *hereditatis columna erecta, hagian chiton eraphon*; acena pro pedreirófilo cum cúchilinho mas canta o tchatchatchau enquanto é ecumênicomido; é uma equação simultânea de integraais elimbinados quando três sobre um é incorreto por inspeção; tem a cabeça de balde confuciano mais cônica de herói anime e esse seu fashion chuchu chinchin é como um kungoloo pernetta ao redor da Taishantylândia; ele é tão globoso quantum um gasômetro de Lítio e Lutécio e FluorOxigênioIodo três vezes dez anos anulares

[131]

antes de cordabambear no Raggiant Circos; a pedra cabalística na sua coroa calva é uma constante canina mas apenas um homericano aproxi'maria a prece'osidade do seu alongamento atlas'tico; confrontou direitortos e esquerdadaistas em Bauburdiópolis em sua caça às javaliberdades, mas se aliou com os moderratos que chagaram até ele a trote Caimbaetrante; um hannibal em cartagiguerra exaustiva, otomano doido pra retornar; corpo ardente ao ar raigerfeito do montiaconcágua degelado na avalanche do desejo; entramos nele crionçinhas somnolentas, saímos dele prontos pra vida; fez strep tease pra salvar da Sra. Afogaganso suas rainhas reivais enquanto Gótica shawvosa, Baranga sem shaw e Renegada shawta passarelavam com suas roupas de grife; tashaundo e avaliado, lishemciado e concedido; sua cerberal cabeça dura foi achada no morro do cavalo branco e o rastrovão de zeus pés de porcosteletas foi visto no gramado de sacrificircular cabras; apoia o cego, gestualiza ao surdo e chama mudos, aleijados e infantilizados; Miró'oculoso, Pica-Paul'Cézanne; liderou upp'almas nas leis da Criação e assobimbou um encantador de serpentes sem céu espartilho; caça virou caçador, caçoador virou raposa; howthweiler, casador-alemão, labradorblin, vira-liffey; Olaf o Manotouro, Thorbalhador o Tourável; você saca quieleé Vespasiano e ainda o fantasia como Aurélio; neroliberal, traidutor, socianista, commodusnista; fezum arrastão de verão às nossas praias e mendigou de areia cheia; ele primeiro ruiu a Rota Ragnarok depois destruiu o Maravilhoso Bundo de Marlboro; o monte Cromleach e a colina Crommal foram ozúltimos lugares céulebres onde encontrou a pés quando nossa balançada no grosso liberou a entrada ao Lubar amado; marechalou-se no ramo moteleiro e delimitou a suíte principal; contido antes de petiscar, mal virou o ponteiro da balança mas, engorgado após repasto, carrega uma cidade na suancha pança; Banba poetorou por sua musiconversão, Beurlalíngua perdeu aquele vozeirão diotrora; um Colosso entre couves, a Frutose das frutas; maior quia vida, há kcer mais rud e durão quia morte; Gran Turco, mestre shaunvejeiro; lanshemburgueiro, napoleãoproso; o brilho de sua imagêniação, a profundidade de sua saga'cidade maravilhosa, a pureza de sua honra imaculada, o fluxo de sua ilimitada benevolência; nosso ursestral familiar, nossa logosvia tribal; por que era inbecível e por cão ele se judeu; Ilhanda dividida, Irlandeses unidos; tomou um fraudrink em seu dry martírio pessoisis maizela

tinha um paladar faminto de gorky e quanto ao salmão ele subiu o rio piracemando pin tuda a vida; chega mais, sem demora huckleburro e tião sawyer, caipatraz;

[132]

silencioso como abelha no mel, forte como howsphiração em falcão, Costello, Kinsella, Mahony, Moran, apesar de se amarrar na América, seu ogunvernante local é Dan'aedo; à direita, ele é içado pelo desalinhado colarinho do pescoço, à esquerda, ele é racionado em whey pasteis iso'báricos entre os marinhombeiros; uns indrogam-se siele foi evanenado, uns pensam no quanto ele deixou; ex-jardineiro (Montanhão), acostumado à vidaoleta fácil, molharia Rosiegfried O'Gradyva (a docinha) com sua mangueirinha; lençóis esticados e fundas metidas molhadas mas o lubrificado marckintrox de seda irlandiusou seu Querido impermeável; o gozo que tinha dentro de mulheres chavosas, o emprego que dava aos genghiskhomens; paitrocinator dium pelotãottoo de piercings o'reillys, aliado a um hospedreiro de mentiras cruéis; providência divico contra raio, explosão, incêndio, terremoto, inundação, furacaos, roubo, terceiros, podrideão, falência, nome sujo, acidente automobiciólico; pode falar tão reboiscado quanto sopa de rabada e conversar tão alegaymente quanto um estivador inri'verente; é convicto em seu unionismo e ainda um porquinho nacionalista; Sylvia descolada é beatha pertudele, Mamarujo cheira à piada; mostra os tendões da paz em seu bélico peito definnido; fiofó cuseiro, novicentios y trintiosnovi anos de direitos auchorais; está sempre aberto pra boa polêmica política quando não sol fecha por hórus pradorar a Janus; mama o elelixir da vida dos peitos picklantes da Judia e enraoulvece de mau rumor se algum papa papar os Huguenotes; Bloomnaporta, Wellinterloo, Mar e chal tsonnami BBBlowcher e Supercarga, Monsieur Ducrowalo, Sr. iMundson, mestre em jardinagem; pra uns ele é só pança e juizdeus, pra outros é cheio de feijão e grão-bretanha; halucinação, caoschilo, ectoplasma; fofoi aa ovevelha negaga dadá fafamília aaté queque fificou galã galã lã branco; foi drummontizado por Alice do macoolvilhoso paizão MC'Milligan e musicalçado porum schubertênis; todozos filhadapatricks do emirado lebram-se dele, os gayrotinhos de wexford o apenisdaram de bambu; indanificou-se com tributo a tribo bororo e foi publicamente preso em bristol; foi dado à luz no hce paulista e entumululado no triplex; seu ícone está em Terracota e deixou restos à chuva de ventão; libeberdadê, fraternidadê e igualidadê; seu reverso faz da necessidade uma virtude enquanto seu anverso mata

a mãe pela criação; encorajou sua navilouca e ficou à direita do paimperial, desamabohomeou nós, desarmou barracas e foi empalado e mumificado; clamovo ao Todopodreovo quando fracassovo no abra Cadovos; basileusro, reirlandês, reibsen, reidosreis; desembocou na foz do Danúblin azul,

[133]

daí atrocou em Bachlaclava bemtemperada; um eldorado ou ultimate fight; um afrikraalno de fogo stcotcês, um messeguraqu'euvoudarumtroço de cinco bares; liderou mercenários de pintores mal laveridos na caça aos seus ancestrais familiares e depois alegou dupla problemalidade ou ligeiríssima defesa pra abafar o bafafá; jogou pedrinhas da sorte por cima dium ombro machu'cadmo e dragoneou pessoas armadas atébas os dentes; reidomalte como Gaudio Gambrinus, cemitérico como Potter, o Grave; o às dazartes, diadoisrin di damas, problem'às de paus, quatorrorr diespadas; general cabrón, cambronne, gemem'as ice'tias siriricantando no tambordel mas três numa só arrebetam a balança; rebobinou o filme lado b de anne bracent a cinta em aiô Silver no Telacine mas foi sequenciado set afora como o retorno do Corcunda pelos shakestraordinários titulares, Rick, Dave e Barry; ele pode calendarizar tão primaveril quanto vinte e dois de Março, mas pácoasionalmente Ele não ressuscita antes de Virgencinco de Germinalbril; seu nome lanãonômis é Objibway e seu tupinumber em aritmosofia está nazestrelas da Ursawá Maior; pegou pistola na província da pica e deixou bumbumdear sua linha em Eelwick; move-se em ciclos vicosos pero parece o mesmo; os ratos diesgoto abençoam sua buchada enquanto us pássarus do parque amaldiçoam seu dilúviodoso farol aceso; Portobello, Éguafaceira, Terracocota, Perc'orello; esbanja em hotel e travestidos a bufunfa batalhada em Wallterloo Street; seu nascimento comprovadamente indesejado mostrou à morte seu grave erro; nos trouxe à hera dos gigantes da terra mortal dos jovens e caosfundiu Apostolospaulus com o thornado de seus puns; embora satisfeito que macias moçoilas muchachas de brilho incomparável divam se tornar belas madonas peitudas alegres e sedadoras ele fica pluto que barrigudos homens zuados e malshemrosos ofusquem transudus meninus lindus de barriegguinha tankmente sensaciolhal; mensugeiro distórias cubeludas, é todo en trigo; despoisoldou sua tia e dotou seus netos; ouça-o mas quietinho, pinte-o e contemple; tempo é, um arcebispoeta, tempo ido, umentrada pra merc'atores; correnteza incendiária do abismo, escarletra cicatrizada na testa; sua

fé'bre chega azalturas ao pôr-se de joelhos enquanto a temperatura média da grausma marca três à sombra; é o ponto de fusão da neve e de ebulição do álcool, teve um arranca-rabo com as quengaceiras e depois se fez justiça; sujeirido nos capítulos escatoirlandógicos de *A Justiça da Paz* de Humphrey e persegípcio pelo edeaditor Thebook que farejou cera atrás do *Bicho da Surdez*; o rei corno e alho tava

[134]

de canto mark'ado pra morryr, a rainha isistava inclinada a um aimor avashaunlador e shem depilar, as donzelas bustavam no seio dos arbustos apeitando seus espeitilhos, os pimpolhos dos guardas pra fora (pomp!) e a ex pimgada dispara; a todozos seus shaunbichões elierigiu uma pedra e por todozos seus puxa-shemcos plantou uma árvore; quarenta acres, sessenta milhas, faixa branca, faixa vermelha, liavou seus pés anis na canhoeiranna; quem é mister porter e por quemte desejaria sentar-se no paurlamento de Pipimlico mas o cuagem a defunder Sue habeas corpus expedido?; Senhorlandês, Senhorlandês, tende puberdade de nós, Edmound, reigreja e mártir, catreval no Leste londrino, Sãopedra-les-Cada no Encolinado porterluterking, Sãobach-te-Comeu-na-tocata-Troca; cavalo de potrancas mal-damadas e mãoior casamenteiro desejou o príncipe de Orange e Nassau enquanto deixou trinity collegeais pra trás Mendigando como o cadeirarrodante Billy-Fracassó; cara de pau avelhãco, piscina nedublinosa; transforma revolucionários em gadeados e um poço Artesi'anal num fênixpássaro da Arábia; o mãooralismo meshemcano em sua fridakara, o stockhausen, xenákis, flômenezes em munch's exprussões; sua literaterra mital tá além do point do herói dramático e sua cova tá num fundo de quintal; é o tioção do quiosque na península e bon jovem ilhotel de Saints e Sábios; andou muitas centenas e muitas milhas de ruas e acendeu miliuma luzes noturnas em hectares de janelas; sua grande capa templária ocupa quinze acres e seu pônei branco empina ante douses portais; Oh triste a vela e pobre o leme que singraram pra Amairie Quail; seus solcessores, os hunos, suas herdardeiras as tártaras, já son grandinhos; repeliu de sua tempestade os raios de Ostende e esgrimou cada relâmpago no fundo do seu pato; problema yinpeessoal, um enigma locativo; bem ereto, veículo de arcanização no matinho, capim'tulo de mentidas, nilonundações egíciclicas através do ptolomar negro; uma parte do todo como um porto pruma moby dickens; Caro Hewitt Costello, Equinobre, estamos reluzentes com nosso passeio e olhamos traseiros de outro

bundo no verão, desde Rhodajaneiro Dundrums; está acima do nível do marçã e fora da zona leguluminosa; quando vínculos maizantigos enriojecerem corações caislejados o lucifernix se semelhará à ela; pode ser construído com cola e recortes, rabiscado ou pichado num cavalete; a expressiva noite canta sua história, a canção de notáveis pardais em sua declamação telefônica; ele rasteja com piolhos, faz muvuca com saggayrdotes; é quieto comuma

[135]

mosquita mas pode ser ruidoso como um sinogago; jardinou Dilmun quando seu paraíso sumério florescia e Mublin quando lhe quebraram as nozes; chupa

oceuanus, beija ladies à vontade, um lábio no rego e um na prega do cucansado; seu porter tem mãos de ferro e seus padreiros o biscoidom da broadway; onde quer quio vento seque e a chuva devore e o sol gire e a água esbarre ele é exaltado e humilhado, reunido e fragmentado; vá, fomos iludidos, volte, temos fantrausmas; arquipelagulagou a ilhOstrov, mergulhou no Inferus, nadou o Mabbul e flutuirlandou de escóciastas o Moyle; uma graxa, um gorducho graxioso, de graxa infinita, sim eu pingo sim graxiosamente; falou nãoénão ao véio safado, antiquado, disse não ao escorbútico, escorbútico; ele fundou uma casa, Uru, uma casa ideo'gramada à qual predestinou seu destino; pirateia de bandeira de corvo em dinamarkampo da paz; bulinou o anel luminoso do seu escúdeiro quanduele seapresentou a shecookholmes como Gagalo, Formigay, Javéli, T'ourodoreno, Urubu'rei-da-vela, Mongóltico e Gambá; usou cerveja dazantiga pra expulsar o mal do seucoçar; pôs telha na loja machônica pro Hyno e pinto na caçarola do seu gicalô; era garçom deão bar deuspois pan e circensor roubano deuspois magnus papa-hortaliças; o alcoolismo quio tombava, os tipos que caíam sobriuele; ainda que desvirgine nossas lebres engole nossa cabra; louvre dibolso balsa do louvre, se correr o tiro pega se ficar o tiro come; a luz doutros dias tristonhos que trevam tristes; nosso péçamo pai, Desertorturador dos Tártaros; enigaymático, imprevisível, chocante, mais quisso, perturbador; foi bufando do burgo do rei em direção a novos costumes, ezeusbindo a corcunda dele pra cada lei violada pelo abuso totalitarista; com a Pá e o cacetete do novo Papa pesando sobre novos ele é a foice e o martelo enferrujados de Papapa que Papapapa nos legou; quando jovens eram os cabeças sobre ombros velhos e pescoço enrugado;

lambari fresquinho todo dia, pirarucu pescadoristorizado à noite; veja Loiryon, camaleão que mudou a história endócrina por carboidratar seu pão com quarenta tipos de grão; ela o ensurdeceu até quiele a cegou; as pombas pousaram sobriele um dia na Brasília e na noite seguinte os corvos daescuridão lançaram nele suas redes atrás da pedra portuarbórea de Kingstown; triunfo da república, conforto do privado, prosperidade do bar; sua cabeça de merdeira é ideal se os pés forem de barro; ele caiu na fenda do parque, árvores tombavam tristes, enquanto ele voava no vácuo da fênix, tomando stalingadas; parece uma pedreorgulhosa montanha e soa como um palavrãozão da porra; a vista da montanha, alguma luz pálida

[136]

em volts dium lampião de açúcangaço em banho maria bonita; três balas um pudinzinho acima da buzanfa; em ho'ménage à Miss MacCormack Prometida de MacCool que fugiu por grania prametida com o Ousado Diarmad, fabuloso e enfeitiçodo; eruma vez diamante e grana cortando o clima na hora diamart; vosmecênas pode encontrá-lo em Florença mas olhai-o por nós no Wynn's Hotel; ali tatá 40% de arco no seu licor po furado e sua caipirinha de lei e alado tá seu mangalarga branco, em marcha fúnebre; Adoçuecado Albion, provável vilão do lugar; Henrique Conanterel – É Picasso das Águaláxias, egohinduísta, limitado; afrouxamos nossas cuecas e liberamos nossas pulgas aos pés dium monte de sade pra se coçar; construiu a catedral de Lund e deu finn ao fiel terra na igreja; quem adivinha seu título arrebatada suazobras; peixe fritz senn batata, alá curte; espertinho Juke usandum jeans Wyllys; Finneral de Huckleberymbau; Kukuk Kallikak; olhouvido na câmera e outrolho no flash; bendito é o réu entre as juristas, banido com chumbo grosso no traseiro; esaújacólado no pauraíso, feto na barricaos, nascido na terra; seu pai presumido foi boia fria nazoras extras e sua mãe é vidente mente fez a puta dela compartilhando o cor'pão; um lava-pésparazzi no Magazine, guarda desmontada por Vulvarosand&junior; caipintão honorário de enorme mangueira no corpo de bombeiro, amigo da police-dance; a porta ainda está aberta; o velho espartilho está voltando; não esquecendua vez em que vosmichê riu da sunga branca de adão Hélder Câmara E a maneira como disse que todos os municipesnis podiam ver suas pernocas peludas; eskersseu a fantasia de marinheiro noruegays iéla pendurou melancia no seu pescoço; quando seu caldeirão virou um coração arden'tersites nosso presunto de

grego atróiu fogo ao liffe; seu premiado short cartinha do ânus foi criado por mãoagníficos ensaístas, seu mestre-selo imposto pelo padrão pierrouro cunhado; um par de peitorais e um biombóceps triplo pro marombalão; acendeu o cachimbo cuma resina da boa e contratou um cavalo pra tirar seu cabassapato; cura o escorbuto dozescravos, espreme os furúnculos dos barões; ligou pro vendedor polonês e foi encontrado mais tarde nu quarto; tem sua sede de justiusça, sua casa de merciusricórdia, sua popconucópia e seu campo de centeio; prospector, ele tem mochila, retrospector, ele segurou picaereta de alpênista; conquistou a liberdade de nova boyork pra mentes da julgoslávia; gandhi ativista, devende a não violência e é uma górgona do autocontrole; manipula o povo bobo da corte com brumadas informações sobre um alamante vale do sal doce; meio quiouviu a solteirona La Belle de jour se declarar a seu Grand Amount e esperou o fogo da vida

[137]

se apag'ar junto à sua lareira se perguntando siera hebreu pornô de 50 tons de céusza ou astrônomo da música águatro estações; seus problemas podem ter acabado mas sua alma gêmea aindestá por vir; a panela de lagosta quiagarrou nossa embarcação, o anãomal de jardim que estragou nossas ervilhas doces; está num Δdorável lindo parque, o mar é pertinho, cidades importantes de X, Y e Z são facilmente vistas; é uma excrescência pra humanidade civiliousada e apenazuma verruga na Europa; da palavra foi feito canto som sentido e ele quer significantar todazas palavras novinhas e nuas empregadas plausivelmente que o deixam de plural duro; tem o Cechianel nibelungamente largo e que cheira à valquíria; cobiça ouvir sussurrios claros dium thâmmysa; é um príncipe fingallian e um hooligan são-vergonha; tinha um jeca tatu pra zelar purele ium francês pra fazer nana neném ium belga pra alemãomentá-lo ium fritzceiro pra eletrizar sua imaginação; foi acusado porum pecado nu parker e por sacar a pistola prum tal berkeley; dá pontapotes de lentilhas quando o primogênito soluça e joga biscoitinhos de Jacó, tempo após tempo, aos pobres ondarilhos na paróquia; lê os encantos de H. C. Endersente a semana toda ao entardecer e os crimes de Evão o Terrível todazas manhãs de feri'adão; te ensaboia a bocara suja e dá um tapa no próprio visu quando a bad acaba; tem o barriu de bebida trapista maizespecial daistória no intimista Mullingar Bar; nasceu nuad com a línguolher prateada na boca e courontornou a costa de Erin com a mão esquerda apontando o

seanário; levantou só dois dedinhos e ainda cheirou o pun nosso de cada dia; pra quem é mais fácil avistar o mar em Ebbl'annah do que eu ou você acharmos uma moedinholandesa em Dampsterdamp; viver com ele erum pesadelo e amá-lo eruma educação liberal; foi mergulhado no Óleo sagra'Deus e batizeusdo nu Sant'Óleo; ouve um grito na rua mas enche o saco dickens prega; todavia vira azoreia do Sur'Dario ao agora totalmente enfurecido papai Deus céu; fez moedumana em alto relevo pra alavancar e forjar granaã entre hebreus; gosta de comer bundim às seis quando chega ao lar doce lar; passou por todazas bebed'eras da sua aventureosa vida dos licorpos de uísquecimento e champanha até as caipirinhas e garrafas de cervejescura; woodywilliam o cineasno n. ° I, henricão o tiozão que dá VIII, chargeorge II o flácido, ricarduescritor o lapênistorto de III cm; se uma mãedrágora gritar as urubrutais dores do pato sobrevivendo ao gran finnale de seu nascimento a pata selvagibsen lamentará amargamente a ressurreição do patife; perde peso ao luar mas o recupera ao pão do sol; com um toque

[138]

da natureza levou sorrisos ao tristão mundo velado e deixou numa folha de seda isoldadas memórias de três cárceres; quem podia ver num pescar de olhos um salmão fígado num anzol, corçadores corçando uma corça, uma balsa de estudos a toda vela, uma batina branca levantada porum anfieltrião; enfrentou funkking ostentação como o velho Rei Cnut raçudo e como o augusto Cincinnatus haroldo os seus campos; é vovô paterno e maisterno e papai Noelstro assim na terra promeantiga como new céu; agacha deflorando a boquinha da garrafa e usa tapa sexo quando porta-bandeira na céudade deus samba e nu porto; entorna whismickey no cume pero no monte busca uma pluta força pra ficar de péteta; gagueja antes de cair e dá piti quando é acordado; é Timb alada na manhã perolada e Tomb ado na noite de luto; e siele tivesse tijolos pra ser o melhor padreiro da Babilônia pra céusbir lances de escadasdos se quedaria mal pela fall ta de só maizum páldolelepípedoblin no muro?

Resposta: Finn MacCoolnaíma!

2. Sua mΔmãezinha rioconhece seu microfallne?

Resposta: Quando mi torno miopata, de perspectivas sonamburbanas, é do seio da minha filhial pai'déia, que noto orgulhoisis, esse porterficator, e circumvall'ator, com

sua vulvoqueira dama da noite, plurabellardomecida ao seu lado. Ann alinda, seu riobolado, faria montanhas perderem a cowbeça, e os ischönbergs da Islândia derreteriam em ondas de fogo, e sua colher-me-acolheria e sua mar'sagem-me-ondareceria, faria o Bravio Ossiano, ajoelhar-se e engolir tudinho tocanduma lira! Se Dann é danado, Ann é donalda, siele é plano, ela é pluma, siele é sãoto, ela é sãofadinha, com seus riacachos ruivos, e suas cajolarias regatadas, e suas brincoredeiras gozadinhas, pra despertar seu pênisadelo, ou lambuzar seus sonhos. Se o cáldo Hammurabi, ou o gélido Clesiastes, pudessem espiar suas brincadeirinhas, paussariam dos limites nuvenmente, rionunciariam a seus reinos, e denunshaunriam suas mar ações, por rio e river, e uma noite. Amin!

3. Que título é o verdadeiro leitmotiv do livro-em-movie-mento pra esse Tic-Toc icônico que emoldura de branco um quadrado negro, ondiuma cobra tá na mamata e azaves de rapina empoleiram nos bordeis iuma maga patialógica quer casa com micomounje ium riopardo foi poluído, que não seja Mau-olhado Finnvelado nem Casteholocausto Shemterra nem Haraldodecaospa, camelôrd, nem Vaticânus, viticultor, nem Casadepalafita e Povãoado nem Plura-luz-de-Belles nem O'Faynix Culpássaro nem Morada Entre Quartoparedes nem Deus de Ebblanu nem O Doçante

[139]

O Melhor nem a Lea do Benjamin nem penislongo Baytholamew de Que-Fazer Moscovita mosquito Mouscazart nem Corry's Bar nem Mardeminas nem Ozarcodalapa nem O Bambambã nem O Clube Duísque nem O Uval nadica Gandhioso nananinonada Splêndido (Infernaus ou Angelicaos) nem tamporco *Erat Est Erit* mito menos *Non michi sed luciphro?*

Resposta: Tua orbesidade, Ó macoolco cidoidão, fere a felicidade de nosso orbe!

4. Qual é a capitólia cityada Nairlanda (a querida o deada!) de duas sílabas e seis letras, diorigem déltica e gr'ann finnale ruinoso, (ah pó oh póvo!) pode se pavonear por ter a) o park públiko mais extensivo do mundo, b) a indústria cervejeira mais busiguiness do mundo, c) a via piupiulacioanal mais expansiva do mundo, d) a paupaulação mais copulosa y foficamente pobreberrona do mundo: e harmonize suas respostas abcdoidas?

Resposta: a) Delfast. E quando você ouvir os ourrores do meu coração, minha tecelã amaodisseiada, pulsando noivamente contras costelas de sua raioisistência e os parafluxos dos meus rebites thorbalhando pra sua distraição vozê ouvirá somluços pecaiminosos quando cavalgarmos de pernis pro ar, você com sua grinalda laranja e eu com minha grimmvata cordial, pelos engraxados rumos da diverchão até azáguas da vida molhada, b) Cocoricork. E celtamente você pode ter bigbons sinos antigos em quarker canto, e toamar *um pé na bunda*, como em Mashaunvequeiro e como te shemduziria com minha sutil descoberta noitável iuma superior atuação sêneca de perder a cabecinha nu seu frouxo bacúanal puxando seu caibelo com esses dois aduráveis pausmaus na mão adornando a beleza de seus tornozelos e sua boquinha de labliooms rosados e submergindo ao ensaboado discurso do populista prateado. c) Nudesblin. Isha, pur que naum seríalmos felizes, amoremito, com a grana do moinho quio véio safade deixar tão logo eu tenha minha senzala brooklyniana nos porões da casa grande georgiana pra recrutar por ordens espechibatais do Doutor Bochecha e minha parnella de cobre com picante molhuísque irlandês de soja na minha mão leste e um cashaunceiro James Joyguiness na minha oeste, depois de todozos erros e bebed'eros tomados nos botequincas pelas bordas daistória combarativa, e ocê se reviorando sobre a manteiga fresquinha (*mais* poder procê), a mais procurada e a mais barata de Atlanta a Oconee, enquantoisso eu vou sonhar em comacoolico no finn do jardim. d) Gagateway. Fisgay minha

[140]

primeira histrótski de pecaidor em Spanifish Plaixe, Mayo yo construo, Tuam eum visito, Sligo é sligante mas Galway tem graça. Enguiado de Deus e Santificado Salmon, peischubert e peischönberg, Ferrodin naum é *sua* arma gêmea! marmurou ela, pulanndo rayuela, *abcd*) Um simno um simno na Caimtedral Shanding Dong, ond simnos noitalinos insinoam o povo cristonto, Shand louva nossas duras pênistencias ao *paunosso*, nosso *canetudo* cristão *Shandy*, paygue o *dizeusmo* em nome do pay, meu naynaninanão *Igualllllllll!*

5. Que escandinaviado diuma figa tomaria o porco de cristo, afanaria anciânus, envenenaria leite de cabrón, assustaria de tempos em templos ozandarilhos jackdaniels&jill, desperdiçaria macias picaeretas de paustores pauspais, homo por

dentro anjinho por forasteiro, shemria shaunfariz diágua suja em torno de alphavelizold, disseminaria fake newdes, tabaco e doces, trembalharia como caipintão do mato, chutaria igrejas, beijaria os pésnis de fídias malalfaiate, gritaria somcorro somcorro balansomdo sons cabelos depois de ser assomtado, alimeteria três crianças, lustraria botas maluquetz, ileãominaria toda noite com a chama dium cãodelabro, sescravizaria eternuamente pro caimpetalismo, afiaria suas fakes, hospedaria em sua pum'sada, iludiria finn'eis pelo métoldo da ruimligião, recla'maria e deus'pais sentaria a bundinha num bondinho, X.W.C.A. em Z.W.C.Ú., Burrocomumaporta, Limitado, ou \$ócio Majoriotário do Bayr preferido do showburbio, Waldendor de Vasos Sonhotários & traficante de Filhos a'sonsciado à Cocômpanhia H. E. Chimamanda pra não escritores, meritocretino, conshemlheiro finnschal, shaunpeiro ou cirurgimão, issymio traidortor duidioma irândês, conchistador ou maior'rinheiro noruegay du peidaço, marido dialoguel, reight do gado, senhor feudal, pentatleta, sério quando convém, mercenáriu capitu du exércitu, cashowceiro profissioanal favorecido pelos alcólicozanônimos, elié paiternal ausente em relassom a mimimim mas econômeucu na céuveja, não, issy ele naoé?

Resproust: Podbre Juaum naumgay!

6. O que swingnifica o slogan di salão Invocando A Lavadeira Pãe Diná?

Resposta: Tok you. Glória ao deus Pauno todo limpezozo assim da terra como do mel limpai-nos de todo mal amémsado cocô de porco roncai por nós mãencha dideus a quem ofloredo preces e os céusgredos dele por zombar meu sobrenome de Tika solteiranna. Eu sou a que chupa o mel do seu favo bzzz a sua Abaylhinha e aqueemla que derrete velas e que viuveu o massacre de colonos servidos como geleia no negro dia do grandublin piquenique de Gomorra e temora quisso faça chover elogios ao Clima ditoda Irlanda e quieu ouça os

[141]

paissauros e forneça leitinho puro pro teu shaunduishem noitural de apomas cinco pence cada por perna de pato. Tuk. I quem estocoito ozúltimos petit gateaux que miaram nozanos do sarampeste i quem qui deixou isso aqui i quem colocou acolá i quem permitiu o arranca-rabo do ogunvernadoido de kilkenny com o patéticat presidement Tek. E quem vosmecias apoiou batendo o paunela na varanda e qual o

numes do lunático que você esfrega na flor da raizão praticagando pumblicidade cocôm *Merda!* Quer um paunelaço? Taokey.

7. Quem são esses parceiros componentes de nossa societate, o porteiro, o lixeiro, o bom soldado, o bandido, o espremedor, o vadio, o cocheiro, o turista, o cogumeloman, o boa vida azul-zulu, o escritor de enredos explosivos, o papai noial boxeador, dos pantanais salgados e prados de Donnybrook e dos campos de Roebuck e dos Greenmados de Arountown e Crumlin mas tamém dos grandes sertões de Kimmage e das veredas de Ashtown e das caatingas de Cabra e dos serrados de Finglas e dos manguezais de Santry e das araucárias de Raheny e suas foalhas e Baldoygle aos que chão réustardatários o ano todo por antecipaixão, são os porters'dores das paixões em virtude da raciocinação retrô, e, cãotribuindo cãos suas cãotroversas cãotrovérsias de diferenciación, unificam suas vozes num voto de vaticinação, que massacram os crostãos em nome de deuspredação, derramam o hidromal sobre a miséria pra semear intoxicutação, perdoam todo mal por juiztificação prática e condenam qualquer bem pra sua gratificação própria, que estão sob ditadura, amarrados, enganagados e mãonipulados por aqueles caipeitões daimaniacus, os que rasgam constituições, consternação noturna, forniciação quinzeanal, misericórdiação mensal e recreação onianual, débeis governamentais quando deliberram mas sullivans quando pegam espadas, Matey, Teddy, Simon, Jorn, Pedher, Andy, Barty, Philly, Jaimesy Mor e Tom, Matt e Jakes Mac Carty?

Resposta: Os Morphyosdaputa!

8. E como guerram suas maggiocats?

Resposta: Gayrriam armando, amam sorrindo, riem chorando, choram cheirando, cheiram sorrindo, somriem odiando, odeiam pensando, pensam sentindo, sentem sensualizando, sensualizam ousando, ousam fazendo cú doce, cúdoceiam enfeitçando, tomam agradecendo, agradecem querendo mais, como frutos do abandono e das falácias do amor pra viver e casar por obrigação e sem gozo pela convenção socifloral que prende a rosa

[142]

ao jardim dicasa, e eis que chega o ânus bissexto, pintoanal trainer e diquatro, Doce Ladra-do-meu-Coração fisga maizum homem.

9. Agora, pra estar num novo ciclo e se usuflorir novamente no panaroma de todazas flores da fala, se um ser humano devidamente fatigado por sua cotidiadeidade na sujavilização, tendumafinada cabra iuma harpa entre seus mitos dedos e viajantes duespaço a seus pézeusdeuslos e tristãoamente psikarnalisoldo por trás de sonhos tão caospreensivos quantum hamelãot príncipet camelôt da dinamarket, estivesse nesse instável pretérito passado presente, nozestados da suspenshiva perda da consciência, acordado, pelolho dium hare kresthino, com uma visão audiovishnual da antiganesha copenhagen com todosos yingredientes e noitórios labirintos e maneiras pelas quais na maldyangção de sua persistência o curso de sua histórah viconianna era cíclico, a reverberração de trovões quebra-vozes, a reconjuração bayena de nó lacanbaiano, a redissolução desconstrutiva diumamente pré-moldada io consequente enforcamento Hoelcional dela, poderia tamanha anomalia, ainda quios madrugaydores rei'manos se aproximamem e até quia intempestuosa Énoix pegue o gaylináceo caetando e amanheça radiante ao lado de lukács, mais-valia um pênix na mãox duque doix queimando, como quando a carne dium se fez verbo e veneno dioutros, o fluído vital, as folhas caindo, o nimb agora niilista rodeando ossian'samente a novinha cabeça, os gladiadores do ventre, todosos riosvais desembocaindo no mar, shakespreamiados, Ó desastre! shakespeardedores, Ah que star'recedor! mas Heng puxou o noériz saxão de Horsa e Jafé tem traços de Cam em volta da boca e o beaunitão que resplandece beleza pálida cai morto, que rosar-segall e lyarangia-clark oiticiquem tarsila-duamarelo e verdi-cavalcanti, azul-ophake e anil-malfatti! Nuviolata deflorada! então *o que* aquele demiurgo parece parecer parecendo parecildo, foda-se tudo?

Resposta: Um caleidoscopulador!

10. O que é o amargor do amor senão dor e espera, fruto proibido que abrevia o fogo da alma até que das cinzas retorne a magia?

Resposta: Eu sei, pepettelinha, é claro, querida, mas ouça, preciosa! Gracias, petite, essas são lindas, pinouchettezinha, deliciosas! Mas cuidado com o vento, docinho! Que mãos felinas tens, anjinha, quando não róis suas unhas, não me admiras que não te envergonhes de mim, porquinha mia, periquentinha perfeita! Vou te acariciar num minutinho! Aposto que usas a melhor loção Pairisiana de sua peiteadeira pra

fazer os mamilos tão rosadinhos parecerem mais acesos. Eu conheço plurabella. Ela faz gato e seupato de mim, sim? Pouco mimporta! Dá três cremadas por dia, a primeira no banho e higieniza com lenço emudecido. Então maizuma depois da limpeza e é claro antes de tumbar na cama. Juro em nome do paw, quando penso na esposa de Clancarthy, o fweetboleiro, do partido sociacionista com os seus mamilões pretos, olá, Prendergast'arado! que até tu, Birutus, e todosos seus quatorze outros atakants mahlerqueiros ou laterais cracudos ou joãogadorezinhos espanhóis, tomanduma com Lord Orrery, justamente pela vitória ganharam ovo e provincianna colher oval pra tomar com Baldoyle guaraná. Meu somtaque Eilishemse semeia sua admirashaun. Ele está buscanduma warbertura e pensa em mim como a primeira a colocarterloo dedo em sua la belle alliance. Zeloso' nujogo duamor! Gregor somso com todas. Tal como espanhol. Chega mais, a aranha falou ao penislongo! Simplesmente delicioso! Como Róimão e Joãolieta. Eu não ando otomano tanto turco a eras e eras! Me lembra whiskysitice, chocolate à moda d'alma. Strauss'ordinário! Por que, o que são todos, apenas uma cambada de sujos? Merde! Eu não pagaria três grampos pureles. Peppt! Pode crer, mantenha rijo! Me pega de jeito. Putz! Entra grandão na Irãha. Puutz! Por que meucutuca? Não, apenas pensei que meucutucasse. Ouça, benzinho! Claro que foi *fofinho* da sua parte, miserável, lembrar meus orgasmos chokants, meu desejo muitas vezes desnudo quando você rolava pelos exuvais e antes quieu mesqueça não esqueça bocê tá, nas suas projeções à minha persoanulidade, ao dar um nó e borromear minhas lembranças, voltarei sambando na sapucaim de saltos vermelhos até o final da lua, mas veja o quio bobók cabeça de repolho conquistou e, que contas prestarei ao gracioso céu, de masturboração em masturboração lembrará das novinhas maquiadas, sendo eu uma belezura de parar o trânsito em minh'altivez e eluvância mesmo quiele estiozãovesse a velhões de quilômetros da minha juventude pra vivê-la, o revéiorrendo Sr. Polkingtone, o trafinncante cuniânus de carnudas fresquinhas pra quem Madre Brownha me aliciou em ralações perigosas, com seu penico de Outubro (no popote dela!), rangendo seus cambitos caquéticos como um velho estourando pipeka na paunela. Arviador, advoaguado, terraplanista, fogorinista! Estou bem, muitíssimo obrigado! Ha! Oh lembre-se do seu pipi no meu popô. Vou moumá-lo na boca. Mummum. Local engraçado pra por um dedo! Senti muito, juro que sim! Oxalá que oxê nunca me veja nua no meu

aniversário tutamente alushownógino e tuas tristes e tão brancas mãos apodreçam de lepra mesmo que maggiecuolhinhos pisquem varinhas e aposto pela sua mark escarlattes que depois vai flowertar com todo espelho idelal e os pulawdores de cerca vidrados na sua barrioaguinha! Haha! Suspeidei desde o princípio quieraela! Afoguem-na! Que a queimem como bruxovelha estéril! Então ela diz: Tai chi chupan? Bem, eu disse: Medo obrigado: e ela desejou quieu não brochasse se a considerasse um pouco estranha. E se comi até mimpanturrar não sou michê. É claro que eu sei, pequena, você é tão zeenducada e dedicada ao autoconhecimento, tão natureba, sua irmã gatamazov miaunhosa! Imploro pela revelação do seu buda. Maçãzinha, cobrinha, ciclistaozinha! Meu absorvente reutilizável! Quem te afogou em pesadelos, cara pálida, ou você pirou o canetão? Uma lágrima passou pelos portões do teu orgulho? Meu caminho na encruzilhada, doçura? Sim, os botões-de-ouro me fofocaram, miabrace, foda-se tudo, e te beijarei de volta à vida, meu pesseogrozinho. Vou te deixar na sofrência, ameixinha, e não to nem aí pois desprezo o namoro. Baúgolpeeite, doce senhor? Sabe por meuzolhos que sou uma ternurinha. Pode ler minha verdade através do brilho deles? Morda meus risos, beba minhas lágrimas. Penetrame, volumoso, enfeiatiga-me forte e goza-me desfalecendo, não mimporto cu recalque dazinvejasas. Chama-me plurabella, aqui e agora empodero-me por todos os tempos! Arriscaria um agente de terraemtrânsito por Magrath ou mesmo aquele mendigato de botas do Post. A chama? Oh, pardone! O que foi isso? Ah, você falou, kem naumsicosmosnica sitrumbica? Mais puloesias de Saci-shakespearerê com canto parangoalegregoriano ou uma ejacaoslação no jardim d'alma. Se me jogo nas imoralidadívas? Oh, você quer dizer a luta pelo amor e iansãbrevivência do mais belo? Tátátátá, abrimos biscoitos da sorte em casa. luma vez por semana eu me aperfeiçoo interesshawda nessa Nova Mulher Livre cum romance psicaoslógico. Sempre me regozijo como Super-Homi em voo Superavitário pela Donzela que Paga as Contas. Mas sou o mais piadoso possível. Vamos jogar cerveja benta em Brahm Skoltoker e dar-lhe a emoçãogue de nossas vidas. É noite de Drá cu la fora. Por deus pau todo pauderoso não façalvoroço! Escancare as persiânus, maldito seja, e masturbarei qualquer monge sonador por amor. Santi irriti di cacildis, como minha alteza iria

cavalgar pra inflamar e dobrar sua banana nanica enquanto eu passasse minha olímpica pira acesa (pra me adorar

[145]

lá e então deixar de existir? Pra que, flowereção?) seus pelourinhos encravados se pelo menos tivesse um. Se estou rindo contigo? Não, amadante, não morro de vontade de gozar docê, adorada. Nem um pouco. Tão verdadeiro como Deus fez o popozão de Maumãe maior quia modéstia de maudrinha! É só porkkk o rizão é por eu ser só uma garotinha, amável compainheiro dos mões sonhos, e porque body velho não está nas riosdondezas, meu trinstão que manda tulipas, como aquele papa veadinho'puff de Daveran nos papando as nádegas. Que nervo! Ele acha que é pra isso que serve a sacristia. Quão vã é essa esperança no coração do clérigo Que ainda persegue a arte adulta dium picasswfit, cantando de Galo quia batina suja pelo Deusejo fará a *TT*Suecanalista perder-se no leibnizrinto do seu semblante! Pé-deão-cana manso. Abençoi-nos com Margueritas, espero quieles atirem longe o molde ou teremos tiranos como Belsalazar e Surdãonapalo com assomsinatos médicis por todo lugar. Mas guenta firme até quieu conquiste o sufrágio univerchave e ensine a ele quia roupa usada pela mulher não é um convite. Por causa do brilho da aleigrejinha Alicenopauis da marabelosa isabel. E ademais, seu lance-loft de dedos, eu odeio só pensar e pensar em ti e também, querido, é claro, monamu, sempre fui predestinada a um engenheiro do collège de france, pra ser miomarito, *nomme d'engien*, quando invocamos e pactuamos com exu sanguescrevendo absalvação ao casamento com a leitura e a escrita pra favorecer o negóxiossi de agorixá isso nanão demorará mito prele pombagitar comigo e oferendei-me desde o dia em quio caimboclo me descarregou da iemanjângada, meu salvador de heróis, até a praia e deixei em seu ombro um cabelo loiro pra guiar mão e mente à minha meigorduchice. Sinto muitíssimo! Miliomulums perdões, eu stava escultuando cada palavra preciosa lapiadada da minha querida língua mãe caso contrário como eu poderia sacar o que você pensava da grania da vovó? Só me pergunto se joguei fora minhespuma de barbelizar. Enfim, aquistá meu membro, na garganta da minina. Graciosamente teu. Toca tua boca na minha, mais, preziosa, maismais! Pra miagradar, tesão. Não seja

umazinha, não te abandonarei! Sh! nunquinha! Um cricri puraí! Cooompre! Estou voando! Ouça, pippytela, sob meu pé de laranja lima. Cê sabe quia porra da árvore é contra pedras tumulares. Assobiam hesitados. Guardai-nos do lobo mautner! Então toca toca troca, cigarra, pra alugar for Migo! A entradinha do anfiteatro, irei antes de ti, então, e tu tá

[146]

nu teste do sofá atrás das cortinas. Ele é tímido, pombobinha. Não esqueça que há uma audiência. To perdidão, anjo. Abraça-me, capetinha! É o nosso tête-à-tête. Escuta aqui! Sensação! Fodam-se, todos os quatro mamalujuristas machiistas! Que pernabambeiem, o Grão-mestre cervejeiro e seus onze irmãos de copo por doze beberitórios. O Velho Cú de Bêbado que não tem dono requer ruas largas pra fazer balburdia, com Miguel v. Nicolau. *Aves Selvae Acquae Valles!* E minhas vintioito passarinhas amestradas, empoleiradas! Deixe-me apontar sua dança alucianante. E verá que sou autodoidata. Todos os saidinhos querem agradar. Espere! No nome de. E todos os orixantos. E árvores natalinas a Saint Yves. Tussa! Amém! Tem Ada, Bett, Célia, Délia, Ena, Fretta, Gilda, Hilda, Itatiba, Jess, Katty, Lou, (me fazem tossir tão certo quanto as leio) Mina, Nippa, Opsy, Poll, Queenia, Ruth, Saucy, Trix, Una, Vela, Wanda, Xana, Yva, Zulma, Phoebe, Thelma. E eu! Os gayrotos tropicalistas estão indo pra igreja pra que confessemos o vício da cigarra e sejamos labiossolvidos pela Formiga Providança sob penistencias por pecadrogas mortais. Quando sua noiva casou, todazas minhas acampainhantes começaram a tocar. Um anel um anel um anel rosado! Então todo mundo desejará ouvir sobre isso. O desejo é pai dos meus pensamitos. Mas plantarei um esquizofrenigma pra nomenclatura vossa. Enquanto saem com a profissioanal de Chupeton Mall. Pombos de luz voarão o mundo com minha mensagem da pazlavra presa ao pescoço cuma fita diamor iuma migalha do meu bolo de casta mente pra cada diva. Arquivamos toda pá pelada pá cível. Ao luar dos à pá enxadados, Oh minha querida! Não, eu juro pela cúpula da igranja de Todos os lansântos e por Senta André da cupela menor, por tudo que é mais segredo do meu mudo e meu submudo de camuszolas e safadeusas e de todazazoutras travestimentas marabrilhooosas! Feyeche teus, não bizolha! Abra agora, goethinha, teus lábios, pepeta, como lambuzava meu doce lábio com Dan Roludão das divertidas

lembranças depois de aprender a dança da flanela, com o professor do amor, no Smock Alley na primeira noite em quiele cheirou pó e eu pintava o sete sob meu fã, *pipetta mia*, quando aprendeu a linguar-me até minherupção. Que farsanto teria ouvidos cosmos nossos, o esnobisomem! Você gosta disco, *silenzioso*? Tá eusufruindo, deste mesmo pequeno eu, minha vida, meu amor? Por que gosta do meu

[147]

somsurro? Não é divinamente deleuzicioso? Mas não é desconceltante pra vocelta? *Misi, misi!* Diga-me até minhemção transbordar! Eu não vou romper o selo. Ahhhinda estouuuuhhh gozando sim, eu digo sim! Por que prefere que seja nessas redes escuras, se é que se pode perguntar, minha prima doçante? Sh sh! Orelhões tem voouvidos. Não, doçuda, por que isso mincomodaria? Mas não! Você quer mesmum tapinha não dói bem doído porisso. Teus lábios encantados, amor, seja cuidadosa! Cuidado com meu vestidinho tipuanitta acima de tudo! É glamouroso, os mais novos tons de sexo com efeito princesa. Pois o azul Rutland que dá20 perdeu a paixão. Então, cumékié, minha preciosa! Oh, eu posso ver o preço, carida! Nuvem que não tem! Ora, até o guri do animalesco cortilço sabe dilso. Se eu me vender pra quem, aismores? Sou escravaisolda das lágrimas? Quer adoçar conversas com pilulavras doces? Que horror! A ousadia de minha covardia! Eu não iria, galinzés, nem por todazas julietatás da via cintilante! Eu poderia fazer canja deles quando os vi piscando pra mim na cama. Eu não fiz, meu noivo, nem estive por fazê-lo nem pensei nisso. Shshsh! Não vai começar, seu desgraçádico! Pensei que soubesse tudo e maizoompolka, seu autor, pra explicar a todos o signivicado de seus vicoxistemas com o céu dianublável guia novo. É apenas outro bahiacu ou outra velhaca carpa'eirista pescaminosa na Beiraimbau do ribeiranna, Gods e visigods abençoâ-nus e apoupe-a! E corcurvados descansam do bozo! Deusculpe-me por fazer juras, amore, juro pelos serassims em riosluzentes tronos de Uianna que não forcei nada puresta correntinha alp'ina! Você realmente em toda nossa vida de cagados nunca havia julgado a roupa duma mãeninã antes? Não! Nem mesmo da camareira? Que isso combanheiro! É claro quiacredito em ti, minha queri'dirce'ma ídola, quando me fala. Como mentregaria, Oh, mencantaria poder! Liss, liss! Eu confuso em ti! Nunca que nunca me riocordarei das lágrimáguas fluindo por seu rosto, pode me atravechuáchuá! Nunca em toda minh'alva

vida udigrudi e dupla. Senão pra sempre desfrutar do amorgor desta hora! Com minha candura te conquisto e te prendo a meus seios sedosos numa espanhola! Amoreterno, Amora, amor yamore! Pra sempre, tu amas! Shshshsh! Até quio serrote nos separe. Risos!

11. Se você conhecesse na farra um pobre ceguinho de Ailing-5, quando o ritmo do pancadão te abalasse azestruturas até a canela, enquanto seu piauí enfurecia na vulvanerabilidade de seus lamentos, como um escaidoloso poundliszt Lyon O'Lênin; sem lenço sem documento, lamentoando sua

[148]

situcanção ou, brincava de rapomposo e piolhice, eletropicado e perdendo dentes e bunda, ou apertando suas algemas pela paz, o cego reacionário, orando a Surdeus e Mudops Nostrademos pela repressão da fome; ele se debilitava enquanto pulava e se debatia aos prantos, do batismo de sangue fez um descarnado azul mundano e sem ossos, beijando o pau quiudiabuamassou, esfolado ou chutado poruma chupada, suspiros ou zombaria, um dilema difícil e um belzeburro pra ensinar; se o sinnjeito féin se almasse pela mortalidade, habilidozin com johoe!hoe!hoe! cortando o vento por sexsoul, swingarrus dudiabussy parsifalmente rock in roll'ados, não pensamos, Jones, que nus incomodáramos esta noite, e vohcê?

Resposta: Não, cura-pálida! Então acha que sou impulchevique? Te caguetaram que sou um dos quarentexeis? E supunheto quiouviu quieu tinham bicho nazoreia? E chuponho quieles também lhe disseram que meu papel na vida não é natural? Mas antes de proceder à refutação INRIfutável dessa quiztão inicial passo a bola a vossa pertinência, se ousar! de hesitar em psicomnalisar e consequentemente atentar pra minha disposição do mesmo problema de paugamento pequeno num lugar de noituralização do labirinto, do ponto de vista dium especialista tão eminente. Daqui por diante você noitará, Schott, sobre minha primeira vez anaulizando quia sofologia de Sócrestino enquanto guiada poruma pulsão puramente monetária incita a não aceitação de seus recalques caracfreudísticos, emprestado pelo subconsciente pra fins calientes com a boasuda mãe Miss Fortuna (com quem buscamos o tempo perdido gozado na infância de *recherché*, ein, Schott?) e como teria lhe dito tão

brilhandemente como seu D.B.C. psicocomportamental *pailleté* com camada de glacê cuseiro que na realida id é só uma ridicularização aleatória do ego-superego e das teorias arquétipicapilares de Jungagaeinstain. Pra desconstruí-lo totem mente. O discurso é um mero substitutabu. Enquanto qualisdade e tá lento (explicitarei o que você quer dizer com isso quando e onde e por quê e como na sentença subsequente) são alternativas mentalmente arrogantes e plagiadas, como as barreiras do ser.

Talis é uma palavra amiúde abusada por muitos pais sims (estou mirabolando uma teoria quântica sobre ela pois realmente é um estado de coisas tantador). Um paissimista pode te induzir a dizer: Você tem visto

[149]

muito de Talis e Talis noutras épocas? optimistamente significando: Você aguentaria três irlandeses? Ou talvez uma vampiranna tenha se casualizado quando você a atiçou *à la sourdine*: Das suas marmitas? É Talis de Talis, o engoleitor diespadas, enshemesmado no palco do Criterion como Talis von Talis, o obsescriba-compulsivo, que não se acovar dá o cú! que lê seu joynral? Ou talvez este suja um exemplo mais limpo. Numa recente investigayção pós-vórtice dium caso determinista de espinozagem crônica um professor adjunto do The Ague fugia do formalismo se defendendo dos seus vociferadores, o Dr. Het Ubeleeft, roubou a questão: Por que o que é, é, *talis qualis* de Mileto? a quem, como balofo empodheráclito, o Dr. Kant'you, de Stoutgirthegel, quistava limpando seu apito, reiniciou roucamente: Embora tu seja um burro zurrando ih óh em espiral! (Talis^A e Talis^B shemiotilacanmente significam o mesmo significante, que é: Qualis.)

Professor Lévy-Bruehlguel (embora eu possa provar prontamente toda a sua pesquisa sobre Senaqueribe como distinta das reformas sanitárias de Shalmaneser e da problematização na mesma linha do Sr. Skekels e do Dr. Hydes eu discordo *toto coelo* do fruto de minhas próprias investigações – embora a razão pela qual fui a Jericó deva permanecer, por certas razões, um segredo político – especiarquipelagulagmente como em breve serei procurado em Cavan, em autonobelização, pelas mesmas e outras razões – recaindo no vício aficçãonado pelo quiagora chamei de bolso furado e sofisma di amante endinheirada) em sua midiática

confissão recentemente publifocada gerando um rugido leonino após sua fuga do cárcere em *Por que não nasci como um Cavaleiro e por que agora sou tão falado pelos meus come-come privados* (Seufolhadiumafigueira e Papai, Judaspest, 5688, A.M.) de todo o coração se desnuda da carapuça e peruca, bom malandro, em seu interesse público, pra nos fazer ver o quê da questão, como ele diz: ‘por Salvador Darwín’ a criação e a queda e o fim do Homem estão *temporariamente* envolvidos em obscenidade, observando esses acidentes com o faroscópio da televisão, (este instrumento da vida noturna ainda precisa dialgum aprimoramento subtracional no reajuste dos ângulos mais refratários à alta gritura da hipótese sobre seus efeitos colaterais externos), posso acreditar do fundo de mi corazón em minha própria imensidão espacial

[150]

como o meu lugar no mundo e a minha existência microcósmica quando sou triangulado pela razão de que o cubo dos meus volumes está pra superfície de seus sujeitos como a esfericidade desses globos (pressiono mucho poruma moção parlamentar deste termo que, sob minha jurisdição, regulamentaria o deletério da decorosidade na morbidização do tipo moderno de LGBTHCEΔ ΛX) é a feracidade raioza da gaiola de Faraday. Não preciso antropologizar-me por quaisquer obstaculosionalidades (Devo aqui corrigir todessa escola diestudiosos neoitalianos ou paleoparisenses sabichonas e spenglernhóis pró-lixos que me crucificionam *por querer* riovolushownar do romanitismo ao existenxamanismo) sambando na cara dozinimigos. Professor Levi-Brulhxo, Atleta Cristão do Sexo-Caicai-Weimar descobre, a partir de autoexperimentação com seuzovos de Nurembergson numa das mãos e vigiando o paunelão fervendo, apesar de paparecer papo de rebeldes sem Kant pra apagar o fogo no rabo do Papa, pois o número de fiéis quadrados em circulação semianal não será apreciavelcrente aumentado pelo slogan negativo da minha bipolaridade nebulosa. O que assombra o romântico guerreirescritor farrapo como todo tic tac atrasado são as brechas fujestivas dium vigarista que abrem nossa *Piadosa* mbumceta de pandora consensual com a taradição do Mortadela conhecido como jardineiro doudo do tempo perdido. Seus dedos dos poéistas estão sempre retaliados por suas botas de cânone longo. Ouça-o gritar! Veja como esse poliglota

faz bolo de morcego! Que Tyro foi esse tarado! *Quando* Mulligan venceu duas vezes o coronavírus, quando fincamos nus num ménage, eu adoraria a gota de malte puro na minha boca, todavia não vejo *quando* (Propositadamente abstenho-me de expor a falácia óbvia quanto a gravidades específicas dos dois antropófagos recalcados ou os lapsos cunilinguísticos associados a dst na garganta por estudantes de hidrostática mista e pneumologirias difíceis de interpretar após minhas pulmãoniões subentendidas). Seu Merdinha! como xinga o velho Marechalto Caimbronne. Mas, nas exposições do professor Wyndhamadã Brasilewis, Fi.Del., Ph. Dr., a tese, defendida, é toda police'mica e roubada em escala melódica desde *quando* o homem é dilema do homem *porvir* (Meu, tá molhadinho?) pois, se respeitar a diferença, tudo é *morada* do amor e da guerra e

[151]

plano no qual minhas artes se elevam te despertando cum trovão e onde me apego à verdade e lá subo árvores e onde a Inocência parece a melhor (escolha!) pois ali há mel em suas vidas.

Como minhas explanações aqui estão provavelmente acima do seu entendimento, leithormaus mann, ainda que gagomentativamente incomparável aos reis Cadwan, Cadwallon e Cadwalloner, retornarei a uma piadagogia do risoprimido que freirequentemente aplico quando dou sermões em alunos da pequeno-burresia. Pro meu propósito imaginem que vocês são um esquadrão de baguncheiros, cheiradores, com pescoço de ganso, de boné, enroscados em suas lações, com formigamento nas calças, etecetarado etecícero. E você, Bruno Nowlan, tira a língua do tinteiro! Como nenhum de vocês sabe javanês darei toda a minha livre tradução da velha parábola do fabulista. Javénzinho Alá Minor, tire sua cabeça do saco! *Audi*, João Pedro! *Exaudi* fatos!

O Raposudo e o Uivivavaia.

Gentes e ladygagá, exclamachões e semicoloniais, híbridos e subumanos!

Eruma vez um espaço interior iuma exaustiva galáxia na caos morauvia um Raposudo. A insolitão era terra devastada, governo do tempo redescoberto, ovo do mal, e um Raposudo andarilharia (Meu capuz! grita Antônio Romeu) pruma ensolarada noitada, depois diuma manhã supimpa e seu belo dejejung de presunto e

espinafreud, tendo ciliopostigado seuzolhos, depilatos suas narinas, limpapado seuzouvidos e gargarejado no cálice swingado, ele pôs seu impermeável, apreendeu sua polêmica, tocou uma harpa pra sua coroa e foi despejado do seu imóvel *De Rure Albo* (assim chamudo pela decoração pop'al repleta de sobras-primas e tinha jardins de inferno burgueses com cascadas, pintacostecas, hortodutos e catakombis) e partiu de LondonLondon *pro spasso* pra ver além do mal e do mal da maneira mais nietzschestranha e pensável possível.

Quanduele partiu com a espada do seu papauzinho, sua *lancia spezzata*, foi chacoteado, e com isso entre as pernas e os calcanhares, nosso outrora solitoureiro papa Breakspear, IV percursionista, do meu pandeiro, da censura ao topo do pau-brasil, cada centímetro dium imortal.

Ele não havia sheminhado nem dois quintos de anos-luz desde seu asilo mesopolítico quando se virou pro Novo Livro Luterano perto de

[152]

Shãun-Nicolau-shem-seu-Muro e então profetiando (secundando uma a uma uma das profecias, *Amnis Limina Permanent*) na corrente mais inconscientemente tsunâmica que seus aguadozinhos já viram. Do alto da colina pulou à francesa nazanáguas de Ninon. Parecia acabronhado e bronzeado e pensuava bitolado e falava bostas superficiais. E finn lambuzou-se enquanto correu à alguma lívida poetinha fácil: *Mi, mi, mia! Mi e Mia! Piccolo sonho triste, io não te amo!*

E, declaro, o que havia na outra mallarmargem do rio que seria ribeiranna, suspenso num ramo de olmo, irradiando flowersias, senão o Uivivavaia? E sem dúvida suas vidas secas esvaíam por se negar a sorver o sumo do pesadelo da história?

Quase todazas suas pipas caíram; suas popolvuhlvas cheirosas envelheciam a cada minuto; ele rapidamente saiu do armário humilhando o penislongo na cara por sua folha; e ele secretamente entregou seu traseiro à régua da lei do oficial de justiça na apreensão do seu *cul de Pompe*. Em todo o seu céu de ilusões perdidas, como estrelado por Optimus Maximus, o Raposudo nunca tinha visto seu cunhado de Dubville tão perto do abismo.

Adrian (esse era o novo nome de guerra de Raposudo) hesitou a enclausurar-se cara a cara com Uivivavaia num conclave do papaleolítico. Mas Augustus Raposodus deve tanto à Humordeninade como Todazasruas, avivanidas ou hidrovaiaas, em roaming levam a Roma. Hic se rocha numa pedra, singularmente iludida, e hoc empedra o sistinado Seter huc ao conclave geral papasteriori e por aclamação do papsolutismo justatorial e entretantrado pela infalível encíclica sobre sua louvabilidade, diurnopatriarca do noéste, e o pederasta enfeitado por ametistas com quem sempre andava, *Deusdedit*, bola a bola com o saco do seu pescador, *Bellua Triumphans*, sempre adicionando estilos à sua wallyosa coleficção, quanto mais tempo ele escrevia mais sabiamente refletia sóbrio isso, o pois, o enfinn io espírito entretanto, se via como o primeiro io último dos miqueias laicos do JJ Quartuly o Quinto e Quintus o Sexto e Sextus o Sétimo sentando a noitinteira em Leão o Deusfallstuoso.

— Bon appétit-nous, senhor Raposudo! Cómo lo haces? vaiava o Uivivavaia numa embarcação cuma cavernosa voz paleoidílica e

[153]

todozos bobalhões reprimidos gargalharam e zombararam por suas intenções poizagora conheciam seu raulposo apailido famãeliar. Sou raunitominum abençoado por vê-lo, quiridu maustre. Não vai me contar tudo se ficar alegrinho, vossa sanidade? Tudo sobre anne e liffey e tudo tudo sobre anna e liveias? Não?

Pense nisso! Ó miserancristíssimo redentor! Um Uivivavaia!

Ratos! piou o pio Raposudo telesforuriosamente, o concionador, e os neocatolíticos sisínio e zósimo tremeram na batina ao ouvirem nois y o mezzo-líritico tardio que você não pode despertar com sedosas cantigas senão como pescantor rouco. Exploda-se tu e tua anatomia inferioribus! Não, enforque-o como animal rural! Estou soberbo no meu pontidefecado supremo! Abase você, queentoras carecas! Agarre-amém por trás, déspotas! Ratos!

— Ateu o infinito lhe devo fervores, curvou-se Uivivavaia, tendo o vinho lhe subido à cabeça. Todavia sigo excitando-me nas extremidades. Pelo relógio, que horas são, ritmo?

Descubra! Patrick O'Neillista pervertido! Prum Raposudo!

— Pergunta mano index, meu cucunhar diaquiles, batuque meu olodum, adore o meunino di narizaré, respondeu o Raposudo, corparificando clemente, urbano, papal eugênico e celestino na formosura do bem humoziraldo gregório. Que core som? Essa é justamente a razão das *minhas* missões com *minhas* intenções de *pactuadrianar contigo*, barbarossa. Que thor metaforaseie-se em orlög. Que Pauline seja Irene. Seja você Beetonven. E me deixe ser Los Angeles. Agora meça teu comprimento. Estime minha capacidade aguora. Veja bem, amargão? Esse espaço do nosso par de horas é muito dimensional pra você, temporizador? Vai desistir diexistir? *Como? Fuert it?*

Sancta Patientia! Deveria ter ouvido a voz que te respondeu! *Vosellina no Culla.*

— Eu estava pensando sobre isso, douce Raposudo, mas, por todazas rimas dos meus poerrisos, se não posso mentregar, nem desistir de ti, o Uvivavaia choraminga no íntimo de sua luta&melacolia. Caitombovelhoso&giljácaiu. Meu tombo, minha tumba. Minha velocidade é de dois pés por meia boquete. E meu universo numacascadiovo gera entropia ab ovo. Mas nunca serei capaz de contar a Vossa Honoriosidade (aqui quase quiele perdeu

[154]

o membro), embora meu humordaçado pai fosse um pseuduescritor, de quem você usa o reilógico.

Incrível! Bem, ausculte o inevitável.

— *Seu templo, sus in cribro!* Semperecaosmunicambiamdomusica. Tugurios-na-Eu'ropanova ou Tukurias-na-Ásia. Nova'roma, minha criaturacionista, viva o cristiachismo. Meu espaçoso coliseu na cidade de lyonine é religiosamente al berto pra Gilgamachos paleãolíticos, discursou Raposudo numa eloquência pompífice com jurisdição imediata constantinamente concluída (que armashow pro Uivivavaia na lanternadozafolgados!). E lamento proclamar que está fora do meu tempo evitar que te matem por mijaria (que corda bamba!), já que nos conhecemos num beco shem shaun'ida. (Pobrezinho do linchado filhadaputado Uivivavaia! Começo a ter dó dele!). Meu lado, graças aos decretos, é tão seguro quanto coração de mãe, ele continuou,

e posso ver do meu santojulgamento o que é ser totalmente são. Unam-se budas iscaríotes e juntem-se ao julgo! Paralisia, *tu saís*, crucificionado, pertence ao que só enxerga o propriumbigo. E acolá devo abandonar-te aos coiotes. Posso incriminar-te, pondere um momento, meu inimigo gago! ou A Palavra não é nossa estrela. Aposto quios doze te amedrontam. Estes doze foluminosos amedrontadores. *Quas primas* – mas é amargo compor os frutos dos conhecimentos de. Tomas.

Elevando, pra caoslorir seuzóios, seu azulejoiado pédireito atéus mistérios do firmamento, ele baforou fase azul nalguns seres santilantes, um claustro de estrelas saproxima sobre Maples, uma luciasantilante na rua Teresa ium sinal vermelho antes de Sopia Barat, ele reuniu seus eruditos manuscritos publicaosvis, el grecos, latinop-art e russorrealistas, no lapso de seus prólogos, mergulhando por completo, e seguro acerca da sua impermeabilidade. Ele provou por a+bem quia terra passou por áridas e milháridas épicas, e *vremiament, tu cesses*, até a total extinção dos Papanicolaus (Nicolau Aloísio foi o nome fabular do Uivivavaia) por Neuclidius e Inexagoras e Mommsen e Thumptdumpsem, por Orasmus e por Armenius, por Anacletus O’Hebreu e por Malachy O’Profeta e pela collezione de Al Capponi e depapais disso, com geleia geral de Bruwnóia e fórmula de Clementebrandini, ele reprovou-o em desgostação pública

[155]

quando não nessa ordem mas noutra ordem diferente, alteregando três trintenas e encontrando pela centelionézimavez a realidade pelo diorama binomial e pelas guerras pênicas e pelo hinduísmo, o lendário Derridamamentodetinta e o ódio, a regra do sociarco e as bênçãos da conveniência e a jus, o julgamento de Poncius Pilantrus e todosos mumiescritos do Livro Zumbípcio da Quarentena e os Capítulos pra Sabedoria dos Esopsódios da Rapoposuda Turbinada por Silicene.

Enquantuesse Raposudius com predisprocissão e precissão, duplicidade e diplomacia, promulgava ipsofatos e contratristões este desbundado Uivivavaia quase conseguiu heresiar seus Ilusiobordinados com monofisismo. Mas desde quiele firmou bases pra semear sua saciedade analternativa visionando pactuamar com as elipses da sua purezia e archê criadora do seu próprio espectro hamletimpactante pra

sinestesiou com pound qui chik buark amaciou do seu óvulo poché adoçantado pelo contadorbeijantino de seus preladelos que se opuseram ao sínodo da sua papaesia oriental e sua infalibestialidade babal espiritosantada ao pé da sua controvérsia paternal.

— Deuspois de mil ânus, Oh Uivivavaia conhecedor dos meus pergaminhos, estarás cego pro mundo, proferiu Raposudo, o pio.

— Após mil ânus nus, tempoespacializou o gregório Uivivavaia, seja a cabrita de MaoméTse-Tung, e ainda poderá ser, Oh Raposudo, mais surdável.

— Seremos escolhidos como os primeiros entre ozúltimos pela eleitora do Vale da Morte, obselvou o nobelizado Raposudo, pra igualar o inigualável Eliasdejavé, Cavalgamos Nosso cavalodefogo e é isso que derruba Ruby e Roby, abençoe-os.

As Pílulas, a Lavagem Nasal (Perfumada), o Homem Forjado pra Guerra, tão britânico como rigoroso e tão ereto como o tal viajante corcunda de Nuzuland ...

— Pequenos, confusou o titubeante Uivivavaia, nem sequer seremos os últimos a morrer primeiro, vã esperança, quando formos visitados pelo Horror Velado. E, acrescentou: Meus e eus confiamos totalmente, veja o rígido estatuto de Elizabad, sobre o ato de alento ao problema respiratório. Puffut!

Embaixador sem visão, inimigo incansável do sucesso social e comercial! (Ninfa bafuda) Poderia ter sido uma noite feliz, mas...

[156]

E eles vivavaaiaram um ao outro, *cannabis et coluber*, com a vaia mais selwagner jamais urrada desde que Tarriestinus torturou Pissasphaltium.

- Unicornudo!
- Unhudo!
- Uivaviadoloid!
- Uiscuzão!

E tourobandido rebateu o voleibull.

Nuvoletta em seu baby doll, um pedaço de colher de brilho sistinante, os olhava do teto, seenclinando sobre os corrimãos e com penetradinha o quanto inge'nuamente podia. Como ela ficou iluminadinha quando Ombro rompeu sua crença no casamento atolando o firmamento dele nela e camus ela foi devassada quando Joelhófilo a iluendiabrou com o pulso até quiela gritasse! Ela estava só. Todazas suas anuviadas amiguinhas dormiam cozesquilos. A mulher deles, a sra. Lu'anna, starva no mondrian da Lua crescente esfregando o quarto dos fundos da Número 28. Pai gaguin, akleele Skandinskynavo, estava nas a'degas de Norwood'adá, comendo oceanos de Abaporogros Vikingoghs. Nuvoletta ouviu enquanto refletia, embora o celestial com suas constelações e suas emanções se interestelarpusesse, e ela tentou todazas suas artimanhas pra fazer o Raposudo olhar prela (*mazeliera* um visionário opticamente avassaladolho) e fazer o Uivivavaia ouvir quão silenciosa sua inocência podia ser (emborele foice mui cistmaticamente auricular audivulvamente *falhando* pra consideorelhá-la) mazela starva toda derretidinha em vapor úmido. Nem sequer sua reflexão foucaultcional, Nuvoluccia Collin, conseguiram decifrar por suas gnoses de intrépida fé mental e infinitamente obscuriosas, psconclavados com Heliogabalus e Cammusdus e Enobarbarus e os cardieinsteins dickens que fizeram o que negroindicava a fumaça de seus papiros e alphabentos. Como se essa fosse a spiração deles! Como se adeles pudesse duplicar a majesturva dela! Como se fosse a terceira persona a proceder à busca da busca! Ela tentou de todazas mineiras muravilhosas que seus quatro véintos lhe ensinaram. Ela julgou seus cabelos sfumaçados como *la princesse de la Petite Bretagne* e abraçou-se a siprópria com seus gracisoldos braços como a senhoratriz Cornwallis-West e sorriu pro seu eu como quem reage à beleza da imagem da pose da filha da rainha do imper'ator da Irlanda e suspirou por si mesma como se fosse nascida

[157]

pra se casar com Tristis Tristior Tristissimus. Mas, doce madonnina, ela piadaria muito bem ter levado sua margarida beleza à Flórida. Porque o Raposudo, um dogmágico Impiadoso, não se divertia e o Uivivavaia, um Catolicat dublindoso, era dolorosamente whiskycido.

- Já vi tudo, ela suspirou. Homens.

O aai-aaí do suspirar do sussurrar do arfar até a excitação do imenso O'roudo dos campos no ourextensivo canaãvial de midas: e as sombras debutaram a deslizar pelas margens, rastejando, rastejando, crepúsculo em crepúsculo, e era tão brumoso quanto podia ser apocalíptico na ruína de todos os mundos pazssíveis. Metamnísia margeava todos sons nomes dei colori brunas; citherior spânica uma agualândia, inemorosa e inumerosa. O Raposudo erum auriocular de visão cheia à direita, mazele não era todouvidos. O Uivivavaia ainda tinha ouvidos claros à esquerda sin embargo mal podia ver. Ele cessou. E cessou, miop e surd, e nunca foi tão sombrio pros dois. Mas Rap ainda pensava no fundo do poço em que chegaria mais de profundis quio raiposudo do sol e todavaia Uiviva sentia que proeseria escapar pela scripta se por chute tivesse sorte.

Oh, como estava escurinho! De Vale Maria a Gratiaplina, dorme roncando muito! Ah orvalho! Ah orvalho! Era tão crepuscular quias lágrimas da noite começaram a cair, primeiro diuma a duas, depois de três a quatuos, finalmente de cinco a seis sobre setes, pois as insones se esvaíam em prantos, como agora choramos com elas. *O! O! O! Par la pluie!*

Então desceu à outra margem uma mulher sem aparência (creio qui eruma Negra com calafrios nos pés) e ela juntou sua rouquidão ao Raposudo metamorfraseando amor no local em quiele estava esparramado e o levou a sua habitação invisível, até azestrelas, *Aquila Rapax*, poizele era o sagrado deus sol e sangue virgem no seu avental de açougueiro. Então você vê quio Raposudo tinha razão como eu já sabia e você sabia e ele sabia o tempo todo. E desceu pro lá dó de cá uma mulher importantíssima (comentavam purái quiela era bela, apesar do frio em sua expre'som) e, por ele simspirar nos dreamdlocks ao vento dium hippie, ela depilou os pentelhos do Uivivavaia, mutilado em pânico ancestral, na morte de seu membro e no amor à bem-aventuherança dela até seu barraco em

[158]

alphavella, isto é, *De Rore Coeli*. E assim o pobre Uivivavaia simganou; pois é sempre assim que um Uivivavaia é, sempre foi e sempre será. E jazzmais nenhum deles foi

tão pensador. E restavam agora apenas uma árvore e uma pedra. Paulus-brasilis com pietrous, Sierre mas saule. Oh! Sim! E Nuvoletta, uma minininha.

Então Nuvoletta refletiu pela última vez em sua longa vida de minina e criou todazas suas profusões de mentes flutuantes numãezinha só. Cancelou seu nuvado. Subiu sobre os corrimãos; deu um nublado grito munch infantil: *Nuée! Nuée!* Um pijaminha esvoaçou. Ela se foi. E no riacho quioutrora fora ribeiranna (pois milhares de lágrimas se perderam em sua eternidade e a atingiram e ela era marafilhosa e lúciada quando dançava e seu caosfuso nome era Missysliffey) caiu uma lágrima, umúnica lágrima, a mais bela de todazas lágrimas (contueórias pros fãs de fábulas russas diamor quistão “interessados” no estilo plura-bella adormexida que caretamente você encontra nas melhores editroxas) pois foi um pranto bissexto. Mas o rio saltitou sobriela lado a lado, batendo como se seu coraçãozinho estivesse descompassado: *Ora bolhas, por quê! por quê! Ais, Oh Ais! Sou tão bobinha por fluir mas nu posso ficar!*

Sem aplausos, por fervor! Basta! O gayreiro do riomance espiralmital dará cútinuidade a sua vicocirculação em *diu dursus*.

Gayrotão, Major, anoitarei suas riações noutro lugar dipois dos temas. Nolan Browne, agora já pound sair da sala diaula, João, Pedro, Rapouzinho.

Como já texpliquei fabulosamente minhas noiturnais rações autorais quistão sujeitas à deglutição do meu cérebro defeituoso atestam quissou o caso mais meritório de gênio da oratória. Sinto-me simbiotizado ao meu sempre dedicado amigo e máscara-metade Gnaccus Gnoccovitch. Querido jim! Querido infecto! Cavalo andeleuze! Eu poderia amar este homem como meu próprio ambo por ser tão esperto emborele sejam anti-cartesiano e precise ser arrastado à dúvida mintódica. Quero que vá viver como ermitão chefe da brigada boêmia em Tristan da Cunha, ilha de thomaumas mann, onde será o Número 106 e estará perto do Inacessível. (A conferência dos mognos, na onda da ontologia, lembrah-ms quio pinto de vista exposto ainda que deseje um guarda-chuva partiocular e precise dium cinturão de abrigo pra preservar suas

bolas vistosas, — as faias chorosas, Picea e Tillia, estão selvagememente comovidas — deve ser classificado, como sugeriram Salgueiro&Mangueira e seus dois conselheiros noruegueses, sob gênero Inesgotável quando refletimos sobre toda nogueira, goma doce e milagrosa maná cedroavermelhada tão presentes ali como siouvesse houaiss'zeirais em Curraghchase a ser podados como jabuticabernardina pinheiro pra qualquerum entender até ser apresentado à pinacoteca de Verney Rubens onde a paulntura do cedro-deodara é exposta em sua nudez, que não duvidamos que tenha um hábitat por fazer, mas sem aquelas mudas semeadas pelo ego que são uma espécie de prova de quia grandeza existencial *pode* germinar nazalturas tal como em Old Conna Hill ondiele se mistura a acácias falsas e salgueiros vulgares e é terno) *Vux Populus*, como relatamos na crônica da nogueira ieu gostaria que sorvêssemos mais uns copos da *arbor vitae*. Por que enraizar na beira daistrada ou sobre o pote dialumínio? O Amieiro de listras Esbranquiçadas é sensafolhal. Ele deveria ousar pra trocar ideias e teria um mundo de coisas pra recordar. Coragem doce Daniel! Sieu não fossium indiano jones reprimido melegeria seu delfinn no mar revolto poizele é um pé-de-chinelo havaianas com meiões sobre seu rosto o qual publiquei no meu jardim de bestiários pro júbilo dos siderodromitos e pra ironia dazestrelas. Você dirá quisso aqui é muito anti-inglês e espero ouvir que não se equinovocou nisso. Mas ainda sigo, sentindo-me um pouco gaguinho sobre minhas verdades.

Podes por favor vir e deixar-nos agrilhoados às foforcas uns dozoutros sob a baixaza de nossos vícios. Estou sob a mão sangrenta da velha lei de Ulster. Galway está cheia de corkotas. O balde de philiphenix glassheen transborda carvão dubionense. O Sr. Oeste simclina sobre o nananinanão. Cork e gaway estão tão cheias de gatunos quanto doutor faustetudo aleita os dubionenses. Senhor Esperanto estas no tapetinho. Ele lê pra si en sio quarto. Kelkefoje funcktas, kelkefoje srumpas Shultroj. Houdian Kiel cuméki bocê tá, mio cabalero nigro? E do ponto de alegria em que choro pra te alcançar os quatro são tão parcos despírito como você pode sentir que são atrofiados de corpo.

Meus ouvintes recuaarão com muito prazer como no finício antes de refutar a questão espacial na qual até os

micelangelinos simganaram pavãorosamente eu provei pra mimimesmo o quanto a sua sofistificação quedante é abjeta (a *quickquid* do Professore Divã é frequentemente hipotequeda poruma *Humoridademelhor*) não é nada mais do quium mero dízimo por mais gentil que tenha nos pedido, se apetece a nosotros (estou falando conosco na segunda pessoa), pois prêsses graduaedos intelectuais centavo na mão é vendaval e sistema de caixa (não deve esquecer que tudisso tá contido, me refiro ao sistema, nos dogmarks da origem das spurias) significa quiagora não posso ter ou não ter um peidaço de queijo em seu bolso ao mesmo tempo e da mesma mineira quiocê agora pode não ter mitadinha ou metade do poundcage quincasquetei nazideia a menos que Burrus e Caseous tenham ou não tenham seedesordenado seemultaneamente, ombro a tombo, certa vez nos lácteos dias de compra sobre compra.

Burrus, como gostaríamos de imaginar, é um primo genuíno, fina-flor da rioaleza, cheio de graxa natural, o mais suíço dos leites afrescoalhados ainda imbatível enquanto risocida e, é claro, obsoletramente inadúltero onde Caseous é obvicamente seu rioverso e de flato não é a escolha ideal pra qualquer refeicção, embora o mais freudão dos dois seja viciadoente mental propenso ao lado mais casual da rixa egocêntrica e, deixe-me dizer diuma vez, tão ciumento purele como é passávil ser. O que parece ser a história de home é a busca e o labirintito lívido que líamos pro nosso pré-purgatório, quente, Schott? até Papai fechar a óptica e Mamãe, pobre Mamãe! nos trouxe nossa sopa de letrinhas (ah quem! eh como!) em Acetius e Oleosus e Sellius Volatilis e Petrus Papricus! Nosso Velho Partido uniu-se em torno da Salada dos Comunas: Pastor Salmão em peixoa e aquele ramo de Salsinha e seu Raminho de Tomilho e uma dúzia de brotos de Murphy e uma fermitação e tanto de apimentadas jovens Alcaporras e Lettucia com suas uvulvas verdes e também você e eu numa trindade, gêmeos bachbões mas pagãoninis lindos, como sheggespeare com bacon! Mas há umenorme cisão pretextual entre comida e comedor; e (snobescritor da rolha que musikestourou, Schott!) pra entunderem isso da mulhor muneira punsível, sentindo o quão atrasados estão em suas cadeirinhas da pré-escola, concluí o seguinte arranjo pro uso das carteiras do caoslégio e se não com cego separar vocês vejou quistou mais fora de muda que César.

[161]

Os antigos czares (Tiranos, o regicídio é bom demais pra vocês!) tornaram-se velhotes intolerantes, (o compositor da farsa de inês poeira comete todavaia um erro

trompético ao deixar escapar esse efeito de pianoforte como seu ato principal justo quando o duque entra) tendo rimcebido nove fakeadas e transplantado o bucho (este soldado – autor – batman por todo o seu caosmentarismo é só maizuma daquelas gotas ao sul doceano que nunca tiraram a Areia dozolhos pra quio champanha sacudido estouraxe xoxo como um plano de bataille) os gêmeos paz&humor foram convocados a se reapresentar pra conficcionar gargantilhas e pulseiras e riscar a faca no deserto dos tartoados *champoos de batailles*. (Uma leitura mui apressada sobre a restória do Persa-Ubu'reilly nos mostra como FinnMagoglula pegou o próprio nome dilma coleção de prifixos até quio sábio permitiu à Caucasianna semear filhos de hórús tal como tenho santeza de que há pub batismal em Tobolosk) *Ostiak della Vogul Marina Colasanti!* Mas nego o fato di qui devassei a literaterra ocidentao ieu poderia te pincelar após aquela amanteigada (quem mexeu no meu queijo!) caso se limpe um porquinho. Mortaviva! Oh eu nonsense nada! Que causo insosso e impossível como as mãos de kezom! O interlocativo deles é comprovocativo de que cada empoderada odeia ter um encostado em casa. Caseous pode se julgar um pensador sofista mas Burrus tem um cabeção olindamente redondo que comlombina mais com a tenuidade do fideísmo defensivo. Ele tem a sabedoria esburacada como sua boca podre ao passo quio outro ainda tem dentes de leitmotiv e se molha ao mimimar. Ri dos pazchorinhos e chora pela união. O cara não é visionário nem profeteiro, pô. E todazas noites que sim simgana di quartro ele pisca e possui o shemvagem. Foi apta e corretamente caosnonizado (e, é desnecessário que um *ex ungue Leonem* diga por quem) que sua arte visionária era tão clara quanto a totalidade de sujão Poutresbourg pra ser uma avalanche sobre o negror que ele ainda conseguia distinguir com a linha donde via profundamente o verde Olho da Irlanda. Deixe-me vender-lhe o retrato de Burrus quando jovem. Aqui está, encontador também, em seis por setes! Genealogia escritural limpa, pelos deuses! Cum rei na barroca e uma mordacidade infianitta! E que panaroma parangoalegre e maduro, que Deus v Deus me ajude! Sieu enchesse a boca pra fofocar

[162]

pra ahriman sobrisso eu seria rotulado como comida do famito Ormuzd. Comais, queimais! soa o som no salmo. *Butyrum et mel comedet ut sciat reprobare malum e eligere bonum*. Isso, é claro, também explica porque aprendemos a brincar de toca-

toca na infância: *Der Haensli ist ein Butterbrot, mein Butterbrot! E Koebi iss dein Schtinkenkot! Ja! Ja Ja!*

Este de flato é, apenas pra te mostrar, Caseous, o caramelo ou cage caoslhado: um buraco ou dois, o brabo fedor de cúrnica após foder com qualquer verme. Quejús! e tu reclama. E o altíssimo Hi Hi Hi deve dizer que você está e Há Há Há do!

Portanto não podemos escapar de nossos gostos e desgostos, exílios ou torturas, mendigos e vizinhos e – é aqui quios anunciantes dispetáculos baratos avançam no pedido de alívio temporal – sejamos tolerantes a antipatias. *Nex quovis burro num fit mercaseus?* Não é purisso quistou dando meu endosso final aos ilustrados ignorantes do filosofismo de Cusanus no qual o velho Nicholas identifica que quanto mais inteligente é o roaratorio do topo mais sonora é a extensom da base (o quio di'guinéss'imo velho taberneiro queria ter significado era: tudo que é solidamente estável *no espaço* me parece o fundamento temporal apresentado pelo big bang do topo &c.). E serei incompreendido se for compreendido como um sinequam incondicional pros bravos heróis da teoria de Nolanus, ou, de qualquer forma, daquele substrato além daistória onde Teófilo jura de π junto que no finício ele foi o início orientador de seu ódio comparaltivo e em contrapartida ozovos despencairão por toda a muralidade Brie'osa porum Queijoyce melhor.

Agora, embora eu não deva ser adotado como operador involuntário da poderosa dinamáquina de queijo Silkebjorg pra maizeconômica eletrólise amboadiposa dos ditunqueijus até quieu possa encontrar espaço pra interiorá-la um pouco mais de perto antes de prosseguir minhas dezcisões após ter provado a ustedes em tempo fútil como ambos os produtos do nosso estômago social (o excelente Dr. Burroman, notei a propósito de sua revijantada teoria alimitar, tem digerido cuidadosamente as saudáveis críticas

[163]

que lhe servi na minha edição de o princeps que exige muita mastigação pra ser digerida) polarizam mutuamente a incompatibilidade de qualquer ação ilusória como ambivalente à fixação de seu pivotismo. Postulando, como acima, dois polos masculinos, um o retrato do outro e o outrem a sombra na *Skaosridão* do uno, e olhando ansiosamente em torno do nosso indistribuído meio machiste percebemos

melancólicos que dependemos diuma fêmea pra focar e nesse memento eis que surge festetivamente a ordenhadeira M. que ciclicamente encontraremos abaixo a se apresentar sobre nós numa hora precisa que novamente concordaremos em chamar de zerouvido absomluto ou de pranto de ebulição do platonalismo. E à sêmenlhança do sauldoso filho de kish que pulou são longuinamente e saiu procurar cinzasnos de seu paizendeiro descemos à mansão dos mansos por nosso próprio eterno ritornelo pra ver a bunda de Margareen.

Agora brincosmos cum período de puro lirismo de músicage de caosmara (tecnogyörgyligeticamente, deixe-me dizer, quia aperitiva entrada desse semjeito numa dodecafona viola caospira é um pudim chopinpa servido à la carpa no 1º pr'ato) evidenchiado por palavras desconstruídas como *eu te mando*, *Doce Margareen*, e a mais esperançosa *Oh Margareena! Oh Margareena! Ainda resta na tigela um piadaço de ouro!* (Os correspondentes, a propósito, continuarão me perguntando qual é o acompanhamento pra servir butchaikovski de bode. Salsinha Verdi. Bahsta). O Kaspeãorov rompeu o pathos adamado do Rei revelando a torre do bispo invadida pelo Caseousvalo. O corpus de Burrus é frequentemente usado pra brindar. A crinicultura pode nos dizer cumuinta precisão como e por que essa singuilária mexa de prata amarela apareceu primeiramente sobre a (não na) cuia, isto é, a cabeçumana, careca, preta, bronzehades, gold-sereia, tigrada, ruiva ou branca, onde possa ser útil em cuparação cum calvino lacraianha decaidente. Ofereço isso à Signorina RedeCuticura e tomá-lo-ei e colocá-lo-ei nozouvidos noiticiosos de mega Herr Harlene pra desviar suas ai tensões. É claro quia inábil cantora cutinua a perverter nossozouvidos mais sábios ao subordinar o espaço-elemento, que é cantar, a *aria*, ao fator-tempo, que deveria ser assomssinado, *temporariamente*. Eu deveria aconselhar qualquer cantora não nata quiainda pode siaventurar entre meus leicutores a esquecer seu diafragma temporal em casa

[164]

(o mais melhor que podreria acontecer-lhe!) e modular o trinado cum rápido *colpo di glottide* até o ouvido (embora eu ínsita quio tenor Mass fosse reclinado a wagnerxagerar nisso, sua reco-recoperação geralmentiera lenta) e então, Oh! no terceiro movimorto, Oh! pra fechar ozolhinhos e soltar a voz e ver que

cravobiensazonado posso lhe enviar. Como? Cala-te, cantoracareca! Eu queria ser solo. Acorde, meu valor! E salve pra sempre meu Trovadodecaforismo!

Nalgumas jardas terei uma palavra a dizer sobre acústica e orquideatura compositiva do tom jardim mas, como o nosso é um viuveiro de planta karnalvora chamado de pulmão amazônico você pode não simportar com gás argônico, ceará muito conveniente pro meu emolumento perseguir Burrus e Caseous por um ou dois lances de dadádoscubistas na sua isocelação biangular. Todo admirador viu meu guache de Marge (ela é *tão* parecida com a irmã, você não sabe, e as duas se vestem IGUAIZINHAS!), que intitulei *O Verdadeiro Retrato duma Patricinha*, que no presente adorna nossa galharia nacional. Esse gênero de retrato de mudanças de opinião a fim de ser verdadeiradente com ciso deveria evocar a alma selvagem das fêmeas de modes que espero quia vítima experimenstruada complete a sugestão geral com a adição mental dium cão guru pernetá, se o abilolado do zulúgico preferir, um canguru boxecaidor. As chapelarias que formavam Losango, princesa Trabezond (Marge em seu *exce/sis*), também compreendiam o climatograma em que B e C podem agradavelmente ser imaginados na alta moda e são sugestivos das tendências primaveris dos cavalheiros, modinhas que nos levam de volta às camadas de argila sobrepostas na formação do eoceno e do paleoceno e às mudanças morfológicas graduais em nosso corpo político quio Professor Ebahi-Ahuri de Philadespoinis (I11) – de cujus livruesculpido à manteigazul dei o golpe de miseroacorde – nomeado burocretinamente de *boîte à surprises*. As caixas, sieu puder tocar no assunto com jeitinho, valem cerca de quatro centavos, mas estou inventandum processo mais patente, infalível e perfeito (gostaria de poerguntar à pessoa de Sherlacan Homes quistá disposta a remover os telhados de nossos clássicos criminosos com que *deductio ad domunum* elispera quio *tacto* pra detectar qualquer coisa a não ser quiaconteça em seu inconsciente, *movibile tectu*, cum mediúnico quadro negro) após o que podem ser reduzidos a um fragmento de sua

[165]

vera cruz pela mais jovem das Marges siela sorriateiramente si sentar i somrir pra miagradar.

Agora não poderá haver dúvida de que eu já fiz isso pelo tamanho da merda, alcançando quase o tamanho dessa jovem semiliterária (continuaremos xamando-a de Marge) cujos tipos podem ser encontrados em qualquer jardim público, usando um caso mui “elegante”, conhecido como “vestido” longo até o peito do pé e com pelica real, reduzido a 3/9, e gorro de lã pra destonar (eles são “pele de anjo” neste outono), ostensivamente floreando desculpas pela falta dialguma lingerie “comestível”, quando não está sentada em todosos bancos livres lendo avidamente sobre “isso” ou então devorando “ele” coxolhos ou “arrepçada” com o mais belo carrinho de boneca e pela deusputa da dor de cotovelo mais linda ou nos filmes engolindo soluços e soprando pipocas sobre o “filho” de chaplin “o o’neillco bobico” oouna rua damargura com cubelos ao ventre embalandum bebêatles mal vestido (os Smyth-Smyths agora mantêm DUAS domésticas e aspiram a TRÊS mucamos, um pierreschouffer, um mordomo e um sectário) mantido refém porum armlock, ensinando Sua Infante Majestade a como piorar as águas.

(Observo de perto o Mestre Boulez, pois conheço bem a ária pra suspeitar que seu “homenzinho” é professor diuma escala secundária nas diretorias de ensuino, um discípulo escolhido a dedo por Infantulus quistá sendo usado publicamente pela *seducente infanta* pra ocultar sua própria tendência mais masculin enquanto exhibe elegância frívola sobre suas cuecas musiculinas, pois à feminilidade dessa molièretotal sempre faltará o musculink dium verovarão. Minhas somluções pra devida parturiência das matronas e pra educassom de minuets mictoriais devem ficar sonspensas até quieu possa dar um jeito nessa agitadora que tira meu somno.)

Margareena paga muito pau pra Burrus mas, doida e douda! Ela gostava de chá. (A importante influênchá exercida sobre tudo puresses importados da ásia oriental ainda não foi totalmente saboreada ainda que possamos degustar à vontade neste ocase. Diante voltarei a falar maizum pouco sobrisso.) Uma cleopatricinha individualiszt complica de vez a posição ao passo que Burrus e Caseous lutam por seus mistérios enquanto ela se envulva

cum elusivo Antonius, um lohengringo que parece terem interesse pessoal em queijos refinados de todos os tipos ao mesmo tempo que agita uma antômica arte de ser bruto como brutus. Pode-se dizer quio triunvirato Antonius-Burrus-Caseous equipara o *qualis* equivalente à antiga hipótese *talis* sobre *talis* tal quantum pela economia química hiperquímica o tantum ergon irrumina o impulso quântico assim como a albumina dozovos caipiras e o whey protein são vitais pro filho de zé bobalho jogar golfe. E é purisso que qualquer mero filadelfio abestadum que você queira vestir, um atenewton alphavellado, parricida condenado, pode ser terrivelmente verde dum lado e ulyssseanamente azul do outro o que não impedirá o julgamento de meus olhos hamurabrilhosos, através da fortaleza de minha acrópole, como um bosta baitola baderneiro barulhento barrigudo blasfemo bispo-papão idiota que não distingue uma explosão mítica diuma maçã-do-humor roubada nem é capaz de cantar salmos de salomão walytorais em nossa pomposa congregação com a gangue somguinária.

Não! Carrasco pra sua Tarpeia! Essa coisa, Senhor Abby, é nefanda. (E, tirando as matérias ácidas e alcalinas, espero que consigamos ganhar tempo pra alcançar o sal visto que há alguns ácidos nítricos amargando o cale-se sangrado de cerveja no nitrato de putasso usado pra incorporar seu caldo de canaã). A legião de trovões assaltou o Olymp que se finndou. Doze eras tabulares eu editei até agora. Merus Genius pra Careous Caseous! *Moriture, te salutat!* Minha adoração à estirpe de themis é maratonando, então deixe o pódio à Demoncracy! (Abraham Tripier. Essas velhas diligências estão desatualizadas. Leia a próxima resposta). Vou vence-lo só, Ion. (Mal humorado. Por que não impetrar ação direta. Ver resposta anterior). Minha Cláusula Pétreia é sagrada. A palavra é minha Esposa, pra expor e esposar, vender e venerar, e quios maçaricos coroem nossas núpcias! Até quio Bafo nos separe! Mamém. Cuidado pra não embarangar com o passar dos meus anos. Seja tão jovem quanto sua vó! O homem do anel idedal na joalheria errada, mas as palavras certas conforme o ritual! *Ubi lingua nuncupassit, ibi fas! Adversus hostem semper sac!* Aquela que não siluminar com minha lua cheia simtregará pra ti como a espevitada e a assanhada! O homem que não tem musicaos em si nem simpessiona com as conquistas

da lei da palavra, que nunca deusvorou seu ego e deixa a terra in transe em direção à laweissgem cerebralhms, quando teve esperança de quio céu na terra expulsaria sua histeria, peregrinou à minha pregação, um coração nas trevas do orgulho de pão, quando o trovar dos céus raiava o ódio da thormenta, rogando poruma bocada na noéssa arca de *Noisdanger*, euzinho e Mac Jafet, apolíneos numa quadriga, lhe escoiceando? – haydn! – siele fosse mi próprio hermano do peito, meu incomensurável amor duplo e único viés do meu ódio, fomos pão assado pelo mesmo fogo e palidez marcada pelo mesmo sal, se tivéssemos servido ao mesmo mestre e roubado a mesma caixa de piadora, se kamassutreássemos na mesma cama e sentíshemus o picassumus da pulga, homogalante e hemocaospositor, poetife e prosaguiçoso, tomado por villão-lobo, mesmo quia reza me descompassasse o cuore som, ainda temo que deustestaria dizeus-lo!

12. *Sacer esto?*

Resposta: *Shemus sumus!*

[168]

VII

Shem é tão rubrica de Shemus como Jem é joycoso para Jacó. Ai anda existem alguns bautrilheiros que pretendem que aboriginariamente ele foi de respeitável tronco (foi um fora do léxico entre as linhagens de Ragonar Barbazulca e Horrild Fiodecaimbelo e cançãoguíneo de Capt. o Hon. e Rev. Sr. Bbpicapound de Thothrop Blogg estava entre suas mais distantes conexangues) mas cada honesto homem com a bundad na terra e no espaço de hoje sabe que sua vida traseira não toletraria ser escrita em preto e branco. Fakeando verdades e mentiras no mesmo balaio uma selfie pode ser feita do que esse mestiço de fato parecia parecer.

O ultraje corpóreo de Shem, parece, incluía cabeça chata, uma oitava de cant'olho de pardaum, nariz de pinóquio, braço entumecido no cú me da manga, quarenta e dois cabelos cadentes da cuca, dezoito de seu escapo lábio, um trio de pentelhos de seu nelórico queixão triplo (filho do shêmem), o ombro errádio mais alto que o direito, orelhão absoluto, uma língua artificial com ondulação natural, nem um pé pá pisar, umamão de polegares, um estômago cego, um cuore som surdo, um fígado brocha, dois quintos de duas nádegas, uma hahahapidinha adolescente pro seu tamanho, uma raizada masculina de todo mal, uma pele finnia de salmão kellsta, sangue de enguia nas frieiras dos deusdospés, uma bexiga tristandida, de tal modo que o jovem Mastro de Shemmy na sua primeiríssima debrochada no cobecinho da sua proto-história se vendo a tal e tales quando jogava cardumes de palarvras nos duo'jardins de infância, Grifoatrofiado, na Rua dos Porcus III, Chublin, Velha Hoirlanda, (voltaríamos ali hoje para sensasons, travessuras ou gostosuras

[169]

de sentido? refluiríamos agora para annas e annas? ficaríamos pela pontuação completa oito e uma liletra? por doze blokós e um quincas bobo? por quatro testadores e um falador? nem por um dinairo! nem por nonada!) ditou a todos os seus puteirinhos e novinhas docinhas o primeiro enigma do universo: perguntando quando quium homem não é um hombre? exegesendo-lhes um bom templo, fritando o jung, e aguardarem a maré baixar (porque desde o primevo dia era uma quinzena) e oferecendo um caranguejo agridoce de prêmio, um presentinho do pastado, pois a

idade do cobre ainda não havia sido cunhada, para o vencedor. Um disse quando os céus tremens, um sem agudo disse quando Boylanmolly beija, um terçario disse que, ele não, quando espera a penas um pouquinho, quando é um agnosteca a-determinado, o próximo disse quando o anjo da morte chuta o balde da vida, aindoutro disse quando o vinho está pelo juízo final, e aindoutrem quando uma mulherona curva o kóccix pra dar porrada nele, um dos mais pequeninos disse-mim, mim, Sem, quando papai paparicou o harbuor do porto, um dos mais comicuzinhos disse quando ele bloquear yeats e zemear zelfs dele zerá zoomperkonhecido, aindum disse que quando você está velho estou grey porque caio no cheio do sono, e mais dum quando pequenus caminhantes mortus, e outro quando ele apenas é depois de ter sido semitizado, e outro quando sim, ele não odeia bananas, e doutro quando uma dose de porcões começa agora a revoada deusles até o telhado. Todos estavam errados, então o próprio Shem, o doctado, pegou o doce, pois a solução correta – todos se rendem? –; quando ele é uno – vosso até que as rochas se separem, – Shamém.

Shem era um shaunsificador e um shaunsificador abjeto e sua imundice apareceu primeiro pela comilança. Ele era tão baixo que preferia o salmão de Gibsen enlatado à hora do chá, tão barato quanto agradável, até o mais gorducho e macio ou brincalhão salmãozinho, salmão ou truta maluca que já foi assada entre Leixlip e Island Bridge e muitas foram as vezes em que ele repetia em seu botulismo que nenhum abacaxi selvagem cheirava como as mentiras tiradas às sacudidelas das latinhas de Ananias, Findlutero e Gladstone's, Córnea House, Englordaterra. Nenhuma de suas Balaclavas sangueazuladas de uma polegada de espessura fritas-até-o-talo ou pernas sucogelatinosas do cordeiro de zeus do Grex ou pés visigordos de porco ou uma fatia gordeliciosa de peito de ganso no prato depois de generoso recheio de pudim de ameixa mergulhado num

[170]

molhago pantanogruesco pra um judeu decoração à grega! Rosbif da Velha Zenlândia! ele não podia nem o tocar. Veja o que acontece quando o seu saramagotófago tritão leva a sua infanteasia pro nosso cisne virgentariano? Ele até foragiu sozinho mesmo e vira virou uma farsa, dizendo que muito dantes petiscaria as lentilhas d'Europa do que se meteria nas ervilhas a extrair cisões d'Irlanda. Certa vez, quando entre os rebeldes em um estado de intoxicação irremediavelmente impotente,

o piscívoro sexforçou pela ereção de uma casca czitround em qualquer narina, soluçando, aparentemente desprezado pela vergonha que passou com sua falhada glótica, quele kekkeria que florisse pra sempre pelo odor, como o czítrico, como o rum gelado, como um cedro, das nascentes, nas montanhas, com limões, do Líbano. O! a baixeza dele estava abaixo de tudo até do afundamento da queda! Não degustava flambágua ou o primário shot da primeira rodada ou gin queimagargântua ou honesta cervejartesanal tampico. Ó querido não! Mas o tragicomicú bufão soluçava profundamente enjoado da vida em uma sorte de mandarim ruibárbaro verdamarelo alegrezulado do klee bom di vento morriendo di vontadying do suco de maçom espremido da frutuvazeda e, ouver-lhe entre a bocálice sedimentada quando ele golfou mmmmucho nas mmmmuchas cabaças dele vomitando quase tão rasteiro como eram os bábelos, que sempre sabiam quando tinham bebido demais e estavam zangados com a hospitalidade do fedaputa quando descobriram horrorizados que não podiam aguentar outra gota, vindo diretamente do nobre toycinho branquelo, jó, wide sentou perniaberto, jó, jó, não esconda o quê o porquê te pede, jó jó jó, o barrilgudo de vinho, da sereníssima mais que bakant warquidueses, siela é um pato, ela é uma drucha, e quando tem um humor tepeêmico a culpa não é dela, agora é isso? retruques artísticos, engrassádico pro que você sorri, fantasia que ainda stá nela, Epifanny Urinia.

Não és supimpa, heyn? Ervilhaman! Falar sobre babaixeza! Quaisquer cachorr'annas visuviamente escorrimentadas majestosamente deste sujo escurovelhinho na quarta flashada que a moreninã Bulloch-Turner-chifruda deu com sua kodak a sangue frio chumbando o ainda não remunerado apóstata nacional, quiera timidamente covarde de armas e câmeras, tomando o que carinhosamente supunhetava atalho ao Cais Fé, Amérgas do Soak, via o navio *Pridewindio*, depois de ter enterrado um machado assaz não muito tempo antes, pela maialvada exaurida de bens, numere

[171]

dez pra sesmariar reinos, em Batatapopolvuh, frutinhas e henryflowers musicaules, com seu *Kiabho, chavi! Sar shinha, pennimenta?* ela sabia pelo andar noivicioso do loucau de bridewell quielera um homem nefausto.

[Johns é um açougueiro diferente. Na próxima vez questiver na cidade saúde-o com uma visita. Ou melhor ainda, vá consumer. Você desfrutará da carne à primavera dos

pecuaristas. Johns e o cúzido agora estão completamente divorciados. Engorda, abate, esfola, suspende, esquarteja, quartos e peças. Apalpe seus cordeiros! Expo! Aperte como coleira! Expopô! Seu fígado também é de grande valor, uma espacialidade! Expo é pop! COMUNIGADO.]

Naquelazeras dozextrumes, mui avaras, um geral, sesperava por amor ao vômilton ou de qualquer forma se apostava entre os coveiros quiele quedaria mal, desenvolveria T.B. pulmonar heregeditária, e se entontaria num templário dândi, não, em acobertada noite sem fundos de crer y dores a descoberto, ouvindo música grave e um espirruagudo do Eden Quay suspirando e roletrando, sabendo que tudo estava falido, mas, ainda que afogando-se num mar de dívidas, nem mesmo então o antinome do typo poderia ser resgatado. Ele não lança-chamaria seu cérebro; ele não se jogatinaria no Liffey; ele não sexplodiria com pneumáticos; ele não quis abanar-se com uma folha de relva após siengasgar com o pão de açúcar. Com a licença do diablo estrangeiro a nativa fraude frágil enganou até a morte. *Azim*, caboleando (mas sacudindo o valor de seu focinho: Guardacosta lerollero? Szesus Kricrizto!) do seu manicômio Neropublicano ao seu Jonathanislaus por um irmão: Aqui hoje, amanhã ido, estamos arruinados, faça algo, Fogo pálido. E tinha resposta: Inconveniente, David.

Vocês veem, shaunpas, vai sair, assustadoidamente é claro, mas o despedaçado e o diminutivo disso é: elestava com memória esclerosada da poesia celta. Todo o tempo seguia valoéryzando com merecida satisfação cada falaciazinha, cobiçando a textuda palavra do vizinho, e se alguma vez, durante Munda conversa apalavrada no interesse da nação, delicados golpes foram em um lance dedados contra ele cú tucando seus hábitos bem winddigensteins por alguns mais decentes, impl'orando em vão pelos argumentos das escrituras com o improprius papista sobre suportar as coisonas dos garotos, Malandrão, e ser um homem em vez de um scroto, papou tudo, tal como: Ore, qual é

[172]

o significado, soulsynto, dessa expressão continental, se você nunca se crucificou a ela, pensamos que é uma palavra transpiciosa como *canaille*? ou: Você já steve em algum lugar, kennells, nas suas viagens de guliblins ou durante trovaduras rurais, por sarcasmo tropeçou em um nobre jeovazihno gay choramingando em nome do Porco

Baixo, que sempre se dirige à las meninas pelo canto da boca, vive dempréstimos e em fuga livre nos seus trintetrês didade? sem um suspiro de pressa como o peidante supremo quiele era, nadica arrependido, seu rosto lembrava o dium roceiro vagabundudo, enraizado com a península horélhica cotonetada no exterior do fofocouvido e depois, falastrando, a tagarelisse parnelliana, pra matar o tempo, e esbofeteando o melhor morto pra fabular o que, sob a tenda armada de Jansens Chrest, quaisquer filhos discentes de um Albiongentilhauptmann que foram à universidarta pensariam, deixe quiuma quaresma indique e comece a contar toda a inteligência admitida nessa conclamação santa das fáceis lalínguas indianas (ja'cque, agora e antes dos psicadoidistas, advogados mascates, políticos de camplenário, agricloacas manufreudarores, sacroscrotos da Sociedade do Rio Puro, filantrofálicos amotelados ao mesmo tento em tantos comitetas parnelstéticos quanto era possível) toda longa vida da porco-história de sua cornoexistência completamente livianna, abusando dos seus ancestrais onde quer queos sodomortos estivessem e num momento de tara crescente sacando seu pistolão (poh!) sobre seu célebre finnio Pappamais, Sr. Humhum, a quem história, clima e entretenimento contabilizaram entre os primeiros da seita dos infinndos endividados, embora até os ouvidios do'Céus escutem as contas cantaroladas na cara dele, e em outro momento vanversaram três zombarias (pah!) pelo podbre fantasminha corado de Peppymplora, Sr. Elemesheumy, um desolador, um defumado, um podrerooso, um rascunhado, um chupapeito, um pateta, sétimo sujo entre bandoleres e sempre de bottom e sawyer, até agora ninguém sabia quanta cagada o homi cãoseiro podia fazer, dando testemunho não solicitado em nome do ausente, tão solúvel quanto uma goteira para os presentes (quem enquanto isso, com a falta de interesse por sua shemântica, permitia que várias risadinhas subconscientes babassem lentamente por seus pescamentos), explicando inconscientemente, para tinteiros, com uma meticulosidade que beirava o insano, os muitos significados de todas as diferentes partes estrangeiras do discurso que malversava e peixinchando cada falsa mentira inri'futável sobre todazazoutras

[173]

peçoas da história, omentindo, é óbvio, preconscientemente, a simples fala e praga e veneno com os quais o em cú ralaram até que não houvesse uma prega de olho

entre eles, mas foram totalmentenrolados n'ó tambor do molinete pelo recital do sem senso.

Ele foi sem proverbiar queo cull não deliciava qualquer coisa que se aconchegasse duma planície de retidão ereta ou linha nocauteada e, muitas vezes foi chamado pra arbitrar trocadilhos dueletrando no octógono, o consumado lavado sempre usa ozombros pra sexfregar no último locutor e balançadores de braguilha (no toque de mãos o corpo fala) e concordarwin com cada palavra meia-bombalzac tão logo ela é dita, domina-me, sou seu servo, bom, me curvo, como, meu veerbo? beba isso! suma verdade, gratias, estou em ti, vês o que ouço?, também me possuas, eu rogo, tá ok?, me preenchas com isso!, quero, você pro meteui, a paz do falo, muitas gassyas, miras naquele lugar? há um gayélico núcê? pro seu próprio bem, seu euxofre, e numa rapidinha já focando toda sua destrambelhadataenção ao próximo octagonista que conseguiu chamar à tentação o olharouvinte, perguntando e implorando-lhe pralém da sua piedosa piscadela, (*hemoptysia diadumenos*) se havia algo nú bundo que pudesse fazer pragradá-lo e verter sua trombasemtantador sobre ele maizuma vez.

Em uma noite que canhoneava granizos (houve uma chuarada danada em sua partida) tão recentemente quanto há milhares de chuvas atrás ele foi por conseguinte tratado com o que lembrava muito violência paixonai, sheminhando insuspeidadamente através da melvilla deserta de Tumblin-sóbrio-Leafy desde a casa do Sr. Vanhomrigh 81 aquém de Mabbot's bien e du Mall até o Trecho Verde além dos augustos campos tijolíseos de Salmão Pool por equipes rivais de marolentos contra rápidos alpinistas que finalmente, tão montanhosamente tinham sido detidos os forawstheiros alegres, pensaram, negócio excita negócio, quiera melhor irem pra casa depois dos seus Beowuivo-para-Beowuivo, com agradecimentos pela noite agrudável, um e todos enojados, em svezvo de voltaire pro nibelungo anel dele, e despertar, reconciliados (emborestivessem tão enciumados como poderiam estar esses cúis leoninos de todas as trufas que o provocavam) prumamizade, veloz e furiosa, que simplesmente surgiu da nociva baixeza do pervertido ideal. Renasceu a esperança de que o povo,

bizolhando-o com o desprezo dos desprezíveis, depois de lhe rolar primeiramente na lama, podreria apiadar-se e peidoar-lo, se apropulgadamente despiolhado, mas o plebêbado era nato de Canalhágil e afundou até feder além-olhos.

Todos os Santos vençam Belial! Michael goleia a Niilistas! Não é possível! Já?

Em lugar nenhum ainda o Todo Munderoso tomou partido de si mesmo para a sua Mollyére;

Por nenhuma vereda Paispobres foram sentenciados a Vermes, Sangue e Trovões por toda a Vida

O Emp de Corpsiquê ainda não tinha forçado o Arth'eros a sair da Engleterra;

Saxões e Judeus ainda não tinham sobre um Monte de Palavra feito a Guerra;

A Brubruxa do Bordel ainda não tinha Incendiado o Cabeço a partir do Homénage;

Seu Arcoíris ainda não tinha anunciado a Pazpaz sobre juramento;

O Pépedreiro do Amigogaago deve tombar, o Jardineiro Culpatético deve cair;

Ovos Quebrados desejam continuar mordendo Maças pronde o Deusejo levantar suas paredes;

Mas o Montezuma faz carranca no Riocorrente enquanto seus Filhoucos pululam seu caixão de cerveja

E seu Riachorroncante leva a Sua Obscuridade tudo o que suas Filhas tontas riem ao seu Ouvido.

Até os quatro Contos da surda Orilha Conservadora deixam douzebunros zombeethoven no Ouvidovos!

Olelé! Olalá! por seus Entendimentos Perdidos! Sonoreja a Balada de Perce-Oreille.

Ó casualidade afortunada! Esquerdy leva o querubimbolo enquanto crava a Direitopata. A escuridão nuncarrancou pretólhos pra fora do jogo ocular não

excretório, anti-sexuau, misogenético, pura arrotância, jogos de carne e sangue, escrito e cantado e dançado por Somsei que nada sexy da Warceltadadeusa, como as crianças jogam todos os dias, aqueles velhos (nada de seus méis e camusinhas albertas!) jogozos pra diwebersão e elemento que brincarlvamos ao máximo com Bernardina e o velho Joe a chutocando atrás e na frente e a garotamarela pontadedando o pandeiro do velho Joe,

[175]

jogos como *Tom Tom o Trovãodor*, *Catavento de Xixi*, *Chapéu no Anel*, *Prenda suas Picaeretas* e *Jogue Caramurchão Grupal*, *Miguel e Lúciporkofiev*, *Moedinha nú Cofrinho*, *Sheila Harriet e sua Vacona*, *Adão quer Évara*, *Humilde Bunda*, *Magias na Parede*, *Dois e Três*, *Salto Americânus*, *Raposa sai da Toca*, *Viola Garrafas*, *Escrevendo Carta a Sancho e Punch*, *Tip é uma Doceria Top*, *Henrygalinha Chumpou Exsoldados*, *Batedor de Carteiro*, *Temos Boa Representatividade?*, *Salomão Silente lê*, *Urso apedreja Macieira*, *Conheço uma Lavadeira*, *Houaisspitais*, *Outrora Andarilho*, *Há Algum Sonhador na CasaCor*, *Batalha de Waltrirckerloo*, *Cores*, *Ovos até o Bucho*, *Raba do xerife*, *Contando Sonhos*, *Que Hórus São*, *Cochilando*, *Mamãe Afoga o Pato*, *O Último Homo Erectus*, *Alí Babel e os Quarenta Trava-cunilínguas*, *Inconstantolho e Bisbilhouvido*, *Casei mão mas uma única vez na Vida e não cometerei tal Pecado de noivo*, *Zip Cone Doce*, *Saci Pereru turco Empulado*, *É Assim que shemeamos a Descendência duma comprida e vigorosa Manhã*, *Lúpulo e Diversão na Maturação de Leitinho*, *Vi a escova do Toth com o Pat Fahegel*, *Aqui está a Vaselina pra lustrar as Bottoms do Padre*, *Quando seu Vapor era como um Rembrandt arcolorindo o Mar cú's Garvey*.

Agora é noitoriamente sabido como naquele surpreendente quebra-pau da Unidade Dominical quando a grande rinha germanogalinzélica estreitou severamente a ira entre nossos extraordinários weltingtoms e nossos subalterniños marechalizados e olhos irlandeses de boas-vindas que apunhalavam sorrisos pelas costas, quando vermerda, violeta e azul conheceram o chiaroscuro e rogaram que o verdi branco apostasse friosdouro no lutador negro byronzeado, categoricamente não dominador pelas máximas, uma rotulação medonha tirando o melhor dele, a escória maltrapilha fugiu de pijamas como lebrebebê em sua vã existência, pra Tavilândia a raça soletrária, perseguido por uma centena de pragas de todas as belas cidades e, sem ter dado um

golpe baixo, (o porco meteu pistola nele com luxúria de levantar poeira porque há eras não tirava o atraso) kusky de kork se entrincheirou na sua casa pra batalha de tintas, malvadiamente o pior beerrão de puns, pra se escrevexilar ali por toda a vida, onde, como não havia um momento a ser perdido, depois de boxear pelas redondezas com seu pianoforte até ficar todo ba Bach e socar o blues no him, ele caiu cuidadosamente sob a cama de Tieck e Schnitzler, seu rosto envolto na macintosh do guerreiro morto telêmacoolnaíma, com um boné de ninar insone e uma garrafa de

[176]

quentágua a seus pés pra recarregar sua energia de espera, geemeendoo debilmente, em monotema mongemarianal, mas o leibnizdinoso foi compridoído e então uma nação gritou, enquanto se engaguejou em engolir de uma grande ampullar, que o purgatório de sua caligravida seca era mais do quium cara-parda escravescrība podia suportar, shemiparalisado pela língua guerreira e todo shemozzionado, (*Diarista eMaily, cheia de Laços! Santa Malynche, Mãe por cima de Deus!*) suas bochechas e ceroulas mudando de cor toda vez quiuma penistola rá-tá-tá-entrava.

Como é isso pros poetrastes, leigos e gentilmonjas? Por que, tchutchucão do Crucificarmas, continentes inteiros retombaram com esse mau Tempodelavourarcaica! No mundo dos mortos é hora do estrelo shem sobre o divã, (Stellas amanhecem revoltadas entre velas) com uma simpl(O!)ria menção a essasqueroso rymbald exclamaram: Joycertões!

Mas quem, a naum sense dium manicômio, o acreditaria? Nenhum desses limpinhos querubundas, Nero ou Noboodisonester em pessoa, jamais alimentariam umopinião tão má de seu monstruoso maravilhamento como fez esse defoeciente mental y moral (aqui talvez na vanascença de sua ninhada pestilenta) quem determinadocasião era mais conhecido por agrogante que por gunnvard, enquanto bebia um celestiálcool de levantar defunto à saúde deste interlokithor *a latere* e sucatáryo sanitário particular com quem costumava hablar, no kaféka bars, com Davy Browne-Nowlan primeiro, seu gêmeo olimpodominante, (esse presuntosso de latido poético pseudoente auto viralatou-se com o tosco nome de Beachgelato) na varanda dum boteco cigano (Shem shempre blasfemando, tão sagradescritura, Billau, ele tentaria, Bello velho, e pagar cada rapariga de boca próxima a seu único amigo congregante de suas quatro sopas, Bolly, tão certo como há cauda num cometa, como

um gosto por quarenta dentadas da stórika, isso pra ficar, pra ouvir, dávint minutinhos mais, Bully, sua Balada do ente Imaginário que deveria ser apelidada de *Vinhuva, Mulhiere e Águarelógios*, ou *Como um Cara Fodido e Chifreud Fica Enquanto Enlouquece*, por Maestro Sheames de la Pluma, algumas das coisas maizaterrorizantes em assassinato à mão espelhada) quiele steinva porfawoolfpfpf (parnelle me!) ciente de nenhum outro shapicareta, outro Shakebarbardo, ou pré-textualmente diferente de seu polo contrário ou precisamente siamesmadox como balbúrdia (perdão!) do jeito que desejava ou imaginava os henrygêmeos como ele próprio e que, grande whiscott, reidickens e thurggêryneve, embora ele fosse raposamente caçado fuxico a fuxico como um coelhinho carroll'deado por todos os mall te leões

[177]

de Enfadonhos ivanhoés gagás thranckeirays contra ele, sendo duma língua lapsa com violenta dublinagem minimartística, daninho desgraçadico diapaizão decapolar deprê doido dodecaфона drinkpsomaniaco, as consequências da casualidade pré-importunaram palavras-cruzeozadas em posposição, desajeitoso, desajeitoso mesmo, desajeitozão da porra contodascoisas, se sonhos de papel dreamspertassem a razão e sua subletrada linha durasse ele limparia o assustador pesabeco inglês, prosando multifonestesicamente, pra fora da face da métrica.

Após o baita susto ele ensanguentificou-se, dia de Sãobárbaro, ainda que todo umbral na calejadaldeia Lucalizod tenha sido manchado com generoso sangue de primogênito e que cada calçada livre tenha se tornado escorregadia pelo sangue dos heróis, clamando aos Céus pelozoutros, e noés e burrilkes diluviando lágrimas de alegria, nosso abjeto esbanjador nunca teve o hábito de sacrificar cordeiros pra alshemizar o composto enquanto toda multidão o iluminava por tochas, cortadoidos e fatibardos igualmente, mobbulizados em mazza, wadeando e bandeando no entorno, yampyam pampyam, cantoclitoriando o coro de Gilloolyta, do Livro Monstro do Paltryattic Poeteiro, *O pura e pia bella!* em velharias e shampootas ou no secular tinteirum, cabeças arriba, em sua autêntica vocação (o pequeno povo rastejava de quatro pro seu natural adestramentuescolar senão infantilmente alegre quando um vadio assobiou cantando baritonamente) e felizardos pertencentes do melhor sexo em sua busca diária por coisas elevadas, todavia competindo com Lady Forjamitos pra

vingar Mac O'breiro, marchapedraram com sua brigada em pés gentis, plinkity bockett, cruzando os seth arcossiris da ponte *dei colori* encimados sobre a lama depois da guerra-pra-finndar guerra por Messieus dum governo de eruma vez uma esmolinha (dia de Finnados!) ele elevou um tom pra espiar uma xixistrela usando um poderoso telescopênis dezoitão falconicamente tridesenhado, luminoso pra labaurd como os lampiões da rua Nassau, fora do seu mais ocidental buraco da fechadura, cuspendo pra lubrificar sua impenetrável flor, (e essa porkarnalidade foi naquele outonú) cú um fio tenro desesperança em sua alma tremente, enquanto torava à nuvem Incertetuda, de autodescobrir, por conta de todazas regras em Kroukaparka ou ouvindo todazas cãozões infantis em Katalavala, se a verdadeira conciliação estava forjando o futuroelho ou recaindo depois da intemperança celestial e, pelo Córnearuim, porque, com suavisão me vê e olhoporolho vê um corvus e seu frakofokuofuskado

[178]

ama leigos na visão significantada, ele conquistou o encanto de sua vida po'óptica quando se viu (*hinc sunt leonnes!*) piscando à durkheima-roupa sob o cano torto do rivervólver dium chifrucão cuma intenção exemplar, coagido porum contraversor desconhecido que, hipotetintamente, teria sido mandado pra chumbar no escurinho o tímido Shem deveras cagado à revelia de seu focinho reluzente porum momento pra olhar na cara dos fatos antes de tomar mangueiradas e amassadas (kidbengala e dalai-lambda nele!) por seis ou doze gayrotos.

O que, pra Saom Plaom, em nome de Deucalião e Pirra, e do penico perfumado e dos deuses copeiros licenciados e Stator e Victor e Kútis e Rugas e toda mesa redonda de Lourenção Otomina em convocação desse tipinhumano desinteressantemente baixo, essa Caluniosa Coluna de Cloaxidade, essa Baliza Bengalesa de Biloxidade, esse Apelão Annamita de Atrotskyidade, realmente, será preciso clarificar, pois ele parece estarlim em condição leninstimável?

A resposta, pra todos que costuram mortes em um dedal, soaria: ele mesmo puxar de seu mais impressionisticamente saboroso canalbis o enorme baú de seus anciânus, (o *Popapreta*, e algum navico, navivos!) ele subiu cambaletrante cocaindo viciado em drogas e bebidas, em progressão megalomaníaca de um passado vão grogh. Isso explica a litania septoanuncial de honorificartas trompeteadas, estouratímpanos, erudita, neoclássica quiele amava tanto como manuscrever

aristosocraticamente depois de seu nome. Teria se divertido se algures assistisse ao espetáculo arrepiante desse doidoista semidemente em meio à inspiração suja de seu antro glaucômico fazendo de conta que se lia seu ilegível e inútil Livro Azul de Eccles, *édition de ténèbres*, (ainda suspira o Maioral Diferentão, Dr. Pãoundelow, autorizado inquisidor e censor, não pode ser repetido!) virando três páginas ao vento, dizendo-se gostosamente, espelho espelho mor, que cada estardalhaço do pergaminho quiele vendou eruma visão exilada mais esplêndida do quiuma anterior p.u.t.a., uma relaxante schoupanahouse rosada à beira mar pro ócio eterno, uma sorte de damas livres meia-calçantes, um esgotorre transbordando vinho dourado da guinêss com brancusimongepadrepio e ostras sifilíndricas custando um bilhão a bocada, uma casa de ópera inteira (deveria haver um só espaço pra carimbar no pacote do incitador e

[179]

seu faz-me rir continuava inchando) de nobres meratrizes entusiasmadas jogando cada tricotada coroa carmesim que tiveram em sua cena uma atrás dazoutras, indamagozadas até enlouquecerem numerecidooyes, em sua aleghreri pantomina, quando, pelas barbas do profeta, are baba, de acordo com todazas contatruques, ele ré tumbou alto o sol fejo mi *Dó Lá Shem car ce ra do Gri to sem fá* (zzzumbido, orelha judia distante! saboneteira! boba baba de sabonateus! juoyce como um passarinho!) por cinco minutos inteiros, infinitamente melhores do que Barítono MC'Sorte com um chapéu esplendidamente ereto ao cubismo, e uma trindade de plumas de crocheese verde-tangerina enganchadas à direita de sua cabeçamarelada, um paletó macfarlane (o corte mais fino, entendeu?), uma medi'eva espada à costellana d'adão, (*Alfaiateneu trocôdilha*) um azulbloom chupablosta pra sua blusa marca peito rosa e uma insígnia do deão com a qual o condecoraram Cardeal Lindundarri e Cardeal Carchingarri e Cardeal Lorientuli e Cardeal Occidentaccia (ah! ho!) nas adoráveis competições duplenenses de queda primária sobre obstáculos, madame, doutro lado, e.t.i.q.t.a., mas com a luz desfoucalt, a impressão nebulosa, a cobertura mahlertrapilha, a páginamassada, os dedos descaartesnados, as pulgas de trote ágil, os piolhos hobbesos, a língua espumaflactuante, a lágrima nozório, o nó na gargântua, o moby drink no cantil, a sarna na palmamão, o seu arfar de sofreguidão, o seu bafo de amargonça, a lévy-bruhlma de sua mente insone, o farfalhar de sua árvore cerebralhms, o tic sem tac de sua consciência, a cúpula de seu taj mahaiva, o fluxo

de seu fundamenstruado, o fogo na sua goela, a sua hemorroida coçando, suas bolas emboloradas, o strausbismo em seu olho, a gonorreia de seu comedor, o bychopin em seu ouvivaldi, as cambalhotas dos dedupés, a herpes de sua barricarta, os ratos em seu sótão, os mor cegos em seu campanário, os perikeats e beija-bloomdas enamorados, o berreiro e o pó nozouvidos desde que levou um mês pra roubar um março de cigaletters mais duro de memorizar do quiuma palavra por semana. Linha da pescada! Brincadeira do gancho! Podes fisgá-lo? O que! Digo, podes whiscá-lo? Já se ouviu tamanha paodisseia desvairada? Positivamente é preciso usar gorro de vênus pra não infectar o pensamento.

E ainda o spray parabrigas usado pra vangloriação de hugue nota só em voz alta no chauvineiro quando Papáfrica erum construtor bôer e Oilandês erum estudante lexical, palavra, e corrigido com o quadro-negro

[180]

(tentando paucoplagiar o Globinglês ele pôs sua casa abaixo, gritando: Bravo, em Coro! Letra firme! Colossal, Largo Wallor! Palarte!) como siele tivessessido desmamado do seio de todazas famílias caça-tesouro do kondinsky Piupiureino diouro, país dos Suábios, a terra do Nada, Nação do Desdém, Pensão Foz'Danúbio e Polis'Bárbara, que havia sextabelecido e estratificado na capitalgoras após sua metropoliarczarção hebdomadária como sol maior, luau cândido, sangrento, desotimista, joviale, arrogante e farto, ordenou a saída das sun tzuosas instalações na maioria dos casos por causa de seu cheiro que todazas cozinheiras eminentemente objetavam por assemelhar-se à bombolha de puzzo que saía do pozzo. Em vez de achutar o saudável modelo servil gancholonizador (coisa quiele nunca possuía em sua propriedade nigeriana) o que você acha que Vulgariano fez senão frutifurtar-se indiscentemente pra shaunsificar os seus vários estilos de assinatura de modo a um dia emintir ao público um cheque epicamente forjado pro seu próprio provento privado até que, como fieldingnamente relatado, a União das Faxineiras Mucannas e Irmandade do Lar, mais notória como Saciedade da Moita Animada, o enxoxotou e ajudou a natureza até pisoclitorear o botãozinho duaborrecimento completa e totalitaristamente pra fora do lugar no kahlor do momento, prendendo as narinas (pois ninguém, cãoçador ou safodamas, nem mesmo Turco, capataz el greco em persequissanta do vulnerarmênio, housou cheirar esse gambá a nariz nú) e fazendalgumazobservações pontaponto tão boas como a

despoluição do Cheiraliffey, vossa onipeidança, abençopre os porquês fétidos da mentira, Jesus.

[Jymes quer ouvir de usuárias de roupas femininas abandonadas, gratamente ganhadas, cardigã cotelã, enxoval completo de calcinhas e bijuterias, pra começar vida em comum na cidade. Seu jymes está desempregado, sentará e escreverá. Ele recentemente comatou um dos dez mandamentos contudo ela agora o proverá. Superior constituição, doméstica, boa de cama. Também ganhou pontapés. Ele gosta. Cópias. ABORTASEMENTES.]

Nem mesmo se pode começar o pós-figurinismo excepcionescando o neo-estatuesco como cão sarlento em realidade o excomungado Tímpanocondríaco, Hamiscelta nato, realmente era. Quem pode contar quantas pseudoestilísticas

[181]

shamianas, quão pouco ou quão muito das mais veneradas imposturas públicas, quantos palimpsestos piedosamente forjados escorregaram em primeiro lugar por esse processo mórbido de sua pena pelagiarista?

Seja como for, mas pela luz fantasmagórica do brilho de sua gnose ao deslizar lucifericiosamente em uma polegada de sua página (ele tocava vez ou outra, o olho vermelho do seu medo da tristeza, pra colorificar pela escola berlitz em sua gramalunática e suas educandas matemasturbando-se aos gritos de alegrarotas: gengibrech! bakhtinta! chonchambreton! cinserorwell! zinnzabaloy! tintura e gin!) Pennisman nunca teria rasurado um serigrafinn no pergaminho. Pela chama efluviosa da sátira rosada e com ajuda do rubor simulcrônico em sua pennela (uma guinesis e uma garota quiele chega lá) ele rascunhou e rabiscou e borromeou e escreveu anonimamente shemvergonhices sobre todos kekonheceu, até compartilhando uma precipitação sob o guarda-chuva dos exirlandeses ociosos de um muro à prova de lamentachuvras, ainda que tudo acima e abaixo das quatro margens deste catingudo Shem cheirador de todos os males (devoto de Odincadente Sardanapalus) que costumava pontilhar incessantemente retratos inartísticos de si mesmo no ato de recitar o monólouco interior do vecchio Machiabello *Hanno*, o *Nonanno*, *acce'l prubblem'm*'as, ser Autore, j.a.j., um jovem paolo muy piranbello e com líricas de amor pra sua menina dozolhos, uma autoral voz de tenor, uma renda imobiliária de centetrintadois dracmas por jarda da propriedade usucapiada de Broken Hillvard,

sentido Caimbridge, fazendo gandhi figura num traje de corte fino de dois guinéus e numa pelica oxfode alugada pruma boêmia quarta-farra, livi anna pluralongou seu par de tingidas suíças italianas abrilhantadas com vaselina boricada e bálsamo frangiapuccini. Putz! Que imurmural!

O cortiço de O'Shente ou O'Bsheme, *Quivapieno*, conhecido como Tinteiro Espirituoso, Alamedo Enxofre sem número, Irlandásia, infestada de racríticos, com seu pseudominó FECHADO escrevinhado em sépia na placa da porta e uma cortinegra blake'out sobre geamelas morcegas, em que o pactuário filho do cárcere secreto tinteando pela vida às custas dos contribuintes, abatido dia e noite com casca jesuíta e mordidazedada, hydra

[182]

incendiana de zolfor e mina explosiva por Queasi completos de lira dos quarenta Anos, a cada dia de todazas formas mais excessivas em violentação abusiva de si e dozoutros, foi o pior, espera-se, mesmo em nosso playboysta mundocidental por pura cagança de ratos campônios. Você se gaba do seu castelo de bronze ou da sua casa geminada em ballyfermontaigne? Negs, negs, e negues ciclicamente. Pois isso era uma tinta fedorenta, muito caótica do excretor. De fausto, tardios navegantes Anglos lá pensaram que nenhum Edam resplanfedia mais raro. Meu doideus! O piso deformado do covil e as paredes fofocacústicas dalí, sem falar das colunas e impostes, eram persas literárias com calientes cartas de amor, histórias reveladores, nudes autoadesivos, cascas d'ovo impostoras, best-salingers, pedregullivers, herman brocas, baiacus, amêndoas amigdaloides, passas sem casca, alflaubertifórmula verbovisual, versos bíblicos, dito pelo não dito, visu ubíquo, ahems e ahahs, tintativas inefezes de discurso monossianlábico, você me deve, hinos caducos, catota de catarro, lucíferes caídos, fósforos consumados, gogoldenshowerberg, sotaquemprestado, jaquetas dupla face, lentes de negrolho, jarros de família, camisas mallarmégahair, escapulários Deusabrigrados, bermudões zeusrados, laços-gaylhotina, moedeiros-falsos, melhores intenções, notas ao tchecurry, latrinas litúrgicas retornáveis, moinhontros quixoteados e pedras tropikants, plumas penosas, digestões dolorosas, telescopos de vinho, apedrejamento de diabobinhos, trocadilhos gagaagoyas, purê de palavra avassaladoce, balburdia na moitta, publicações inquestionáveis, ejaculações desespermadas, per versos kkkondenáveis, lágrimas de crocodilorca, tinta da discórdia, cuspidinhas blasfematórias, alazão manco,

colegigatas, leiteiras-moça, lavadeiras, esposas de taberneiros, viuvulvas festeiras, ex-freiras, vice-abcdessas, santinhas do pau duro, super putas, irmãs quietinhas, tias de Charles, vovós, sogras, madrastras, madrinhas sindicalizts, recortes dimprensa à direita, ex queda e centro, parasita de verde-ranho, restos didente, latas de leite condensado Sujiço, loções da sabedoria, beijos de antípodas, presentes de trombadinhas, plumas emprestadas, commodus apertos de mão, promessas de princesa, borras de vinho, carbonos desoxodizados, coleiras transformistas, galos enrustistófeles, berlióztias estilhaçadas, sapapênis frouxo, coletes de notredama, horror novico do Hades, glóbulos de mercúrio, exilado reintegrado, vítreos olhos por olho, hamurabrilhosos dentes por dente,

[183]

gemidos de guerra, suspiros especiais, pesares resignados de longa data, ahs ohs ouis sis jas jos gias neys sims oesoes yeses e yeses e yeses, aos quais, se houver estômago pra acrescentar os pedacinhos, revoltas distorcidas, a inversão de todessa urinada música decamarão, dado um grão de benevolência, uma chance real de ver o dervixemano pombagitar, Tumulto, filho do Trovão, author-exilado em seu ego, numa noite em que tremeu brancagado ou vermolhado entre espelhorrores, ao meio-dia aterrorizado da pele aozossos porum fantrauma inelutável (queo Chisteredentor tenha piadada dele) extrumescrevendo o mistério de shimesmo na mobíblia.

Claro que nosserói sem caractere era infiel escudeiro de sipróprio por recrutamento da necessidade então ele construiu o quequerque significuiuma quitinete de pau a pica em stourbridge e um letárgicu galinheiro galeânus pela bem-avebotança de todovos (a maçã não cai muito longe da dumpty árvore) que o mais melodioso enigma forjado, em desafio à Purtaria 69 da Incontransável Preservatização da Natalidade (Metança e Periquitas), cantuariorlando larari larara no recanto gourmet, pela luz divguiness de sua lanterna, grelhando e untando em seu forno alquímico, claras e gemas e girassóis e gardênias à fragrância sheirazeda de *Mas blanca que la blanca hermana* and *Amarilla, muy bien*, com gabriervas cravocanela e gafanhotos e cera de abelha selvagem e alcaçuz e algas Carrageen e explosões de goji Barry e iguarias de Asther e mistura de Huster e fomentação de Amareloman e patê de Roseira e poeira estelar e lágrimas de pecaimdor, acurando a *Arte de Emparnnelar* Sharadas, cantando, pra total regalo no ritual de espernear ele abandonou a divertida Litith e

gamou em Leitty Leven, fermentando suas palavras armardilhosas, abracadabra calubra culorum, (seuzovos à Madame Gabrielle de Engoles, seus originovos à Mamante B. de B. Mafemedede, seus ovolhos do Romanovo à pomme de ciel, seus uoves, oves e uves à Sulfarto de Sade, seus parasitovos semeando metempscócegas nos fundos de Monseigneur, seu suflê de cachorrovos com pet gato tostado à Mère Puard, seus Pecadovos alá Fé'nelle, seus Frigidovos à la chef Carême) no que era pra ser uma despesa (Ah ho! Se ao menos ele tivessescutado melhor os quatro maoméstres queo criaram Father Mathew e Le Père Noble e Pastor Lucas e Padre Aguilar – sem esquecer o professor secularistoteles Baduwino! Ah ho!) Sua Satânica naturezavara manganésica metalóide Sb mata-51monges jamais

[184]

precisou duma alcova grande como Li₃mousine, quando Roubart e Musiline sem quarklidades, ditadores púlpicos sob acusação de seus advogados, Mercenários Codex e Podex, e em beneficção nepotista de seu Paistor Flammeus Faulkoner, lhe esaú riram jacósamente de todas as cordeirais velas e da papeluda romana pra qualquer finn, ele arrevoou na perseguição de um grupo selvagem pelo oceano katártico e fez tinta sintética e papel sensitivo pro objetivo pessoal de desperdiçar sua inteligência. Você pergunta, em tio Sam Hillko, como? Que maneira e matéria disso pra estes nossos tempos perdidesportivos sejam camufladas em linguagem de ruborizar um Anglicano ordinário, não galiler sua natimorta rude e obscura língua, poderá jamais contemplar a letra escarlata na testa da filha da Babilônia e não sentir o rosáceo na sua própria maldieter bochecha.

Primum opifex, altus prosator, ad terram viviparam et cunctipotentem sine ullo pudore nee venia, suscepto pluviali atque discinctis pervizomatis, natibus nudis uti nati fuissent, sese adpropinquans, flens et gemens in manum suam evacuavit (altamente prosaico, fezes na mão, desculpe!), *postea, animate nigro exoneratus, classicum pulsans stercus proprium, quod appellavit deiectiones suas, in vas olim honorabile tristitiae posuit, eodem sub invocatione fratrum geminorum Medardi et Godardi laete ac melliflue minxit psalmum qui incipit: Lingua mea calamus scribae velociter scribentis: magna voce cantitans* (fez xixi, diz que ficocô abostido, peida pra ser exonerado), *demum ex stercore turpi cum divi Orionis iucunditate mixto, cocto,*

frigorique exposito, encaustum sibi fecit indelibile (Farsante O'Ryan, o tintolettra indelével).

Então, pio Eneas, em conformidade com a fulminante palavra que ordena encenações sem o terrenoni frio na barriga que, quando a cortina levanta, ele terá que produzir nietzschenonihomericamente de seu corpitcho incelestial uma quantidade não incerta de matéria obscena não protegida por direitos autorais nas Estrelas Unidas da Ourania ou merdeed e merdood e merdang e merdung pra ele, com esta tintura dupla, elevada à temperatura do sangue, ácido gálico em minério de fezesro, através das entranhas de sua miséria, reluzente, fiel, intragável, apropriada, este Menchevique Esaúatico e o primeiro czá o último alshemista escreveu sobre cada polegada quadrada do suínico papel ofísico disponível, seu próprio corpo, até que por sua sublimação corrosiva um

[185]

tegumento do tempo presente contínuo se desdobrou lentamente em toda palavralize da humordaçada história ciclorrodante (assim, ele disse, refletindo a partir de sua própria vida individual, inabitável, transacidesdentada através dos mornos fogos da consciência em um caos dividual, perigoso, potente, comum a toda carne, só humana, mortal) mas com cada palavra não putrificada desse moluscritor ele esguichara tinta negra no mundo cristolino quescondia e diminuía a charge de doriangrayer em seu boato hud. Isso existe isistamente após ter sido dito que conhecemos. E que débalus tome duplanal! E o dal débalus dabsolção albfilhãoopftdanabal! Então talvez, aglaggagglomerativamente asasparlando, apesar de tudo e dando coices antes de equinificar-se em sua última desapareição pública, circulando o quadrado, pela festa denvenenamorte de Saint Ignaceous Papoulus, do Povópio Solúvel (lúpulo no sexto dia de erva na capela de Porcusóbrio, decarpete nosso rei, layo-tsézar baixum) e brandindo sua estiletosa caneta, o brilhante chaveman da troca bárbara, se é que penimenta no zarolhy dozoutre forza zazgrimas, o sargento de louríssias que pensou ser isso tinta estanislausva fora da profundidade mas brilhava no raso.

Foi o pequeno policialto Sistersen do Kruis-Kroon-Kraal, o santinela paroquial, o althor o cãothor o cavathor o atolathor o ensacathor o escavathor o madrugathor sonhathor, que fora detalhado de histórias poluídas pra salvá-lo, esse o quemquem, esse o quum, dos efeitos ligabólicos da argila suja em pequenos coágulos e

burrânimes naporência, que recontra o pé movediço de evelinda afundando no meio-termo frank-existencial, Knockmareenheiro, Comty Mearda, tintubeando mais pra direita do que balançou presquerda, a caminho de uma protoproustituta (ele sempre teria uma (stp!) pombinha nalguma parte com sua arquiminina, Arcoíris, vestinome de Mergyt) justo quanduele deu um encontrón em manos na esquina dos maupassantes tempos sob a nuvem da noite entre as portas riwaisgners de casas dipensão infernais através de seu bordel lar privê, saudação pra horais graziosos como costumameiro: Donde nostrasdamas domadoras d'significãotes descamam arenques? Sergo, apalpe-me, o incapaz replica com altevitante sutileza tão obviamenteespúria e, de caibelo em pé, depois da graça, com o natal sob seu braço, pra Masser Portalisty e Messus Purteiry e Miss Pertubady e Master Parteiry, como príncipe

[186]

da esfíngida, com um shillto shallto scorregaperu stripernu, o espeloteado. Whiskey! O albinão guardião dos pobres, apalpante de texticos de humor tóxico, foi literalmente surpreendido por um saco doloroso, como ele sexplodiu, pro qual ele foi, onde intentava a si mesmo, se você acha que vai, onde a corrida brisa da tarde é o êxito da cabeça que é buscado pelas tocantes mãos dele, insistiu e vacilou nisso em contrapartida com sua capacidade caledonianna pra Whiskynglês ver de odre cafetã pra vinho e ainda mais durante, olhando seus monstruosos assombros, foi-lhe dito, por exu, divertido presente preocupado com os mortos sujos de med, comuaquele beijo em arábia, conformiordem dominical e expressa do snobre rei, ele era primata nomeadamente portador de dois galões te rivers em casa, até o seu rinhosamente completo galindonicídio. Pica pico e nabo nele!

Paranormalvômituondestepheroplotina! Surra? Que mãe? Porteiro di ckens? Qual par sifal? Por que rotuladamente macoolco? Mas nossa indiguinessdade foi mais nuclearmente putestada do que nunca por esse ingênio e neguin porteiro, rasteiro demais pra imprimir! Perpendendo de que Buatteirick O'Burcellta atire o brasão em Gelágua e Mar del Plata cante Kengas pro nosso Arenque set okt nov dez John Queijuyce marchaleatória! Não poe'dêmos, por misericórdia ou justiça nem por louvor a labirintos, ficar aqui pela morada de nossas existências, discutindo o desejo de Strelataurus Caimdente de Dezhumanos.

JUSTIUS (parodialo): Brawno é meu nome e bruit é minha brutura e tenho brumarca de bruscença na brutesta e tudo bem com cada traço e eu vou bruninar essa bron-trê-vida ou o belo bartúck bardo de Brownu Bessias. Eu sou o boycuri besuntado e brisado. Brunoparte!

Avante, Nãhomem d’Nolanda (pois já não seguirei teu olharobliquo e dissimulike pela forma inspirada da terceira pessoa do singuilário e pelos modos e hesitações do declarante mas me dirijo a ti, com o imperativo de meu vindicativo, provocativo e obdejetao direto), adelante, vem afrontoso, jubile-me, gilgamexa comigo, embora meu gêmeo, pra manolisamente rir em suas cores verazes antes da sua volta definnitiva até que cor versemos! Shem filho de Macadanna, me conheces e eu a ti e a todos os teus shemerisos. Ondestiveste nesse uterim, gozando

[187]

pela manhã toda desde tua derramadeira confissão no leitomolhado? Aconselho que te disfarces, amigauguin, como dirce há pouco colocke thumas mannos em mis manos e recite um pequerrucho confiteor noturvo sobre cousas simples. Deixe-me ver. As coisas olham pretas pra ustedes, Sheem avecqueiro. Precisarás de todos os elemitos do rio pra purificar-tiete de tudisso e duma bula papadre levanta finnado prarmar a barraca.

Oremos. Pensemos, obedeçamos e façamos. *Cur, quicquid, ubi, quando, quomodo, quo ties, quibus auxiliis?* Foste criado, alimentado, acolhido e engordado desde a santinfância nessa dual ilha de páscoa na pia mandíbula do céu hilário e rugente doutro lugar (roubos de ti à noite, tolíce é o que te esquerda, brilhe como o sol pode!) e agora, verdadeiramente, um lavergnegro entre os brancorados desse século bastardo, te tornaste mente gêmea dos deuses acusadores, ocultos e descobertos, não, tolstolo condenado, anarca, egoarca, hervéresiarca, você criou lo seu reino desunido no vazio de sua própria alma intensamente duvidosa. Se julga então algum deus na manjedoura, Shehohem, que não serve nem deixa servir, não ora nem permite orar? E aqui, paga a piedade, devo me alcorãojar a rezar pela perda do amoremio-próprio pra me preparar pra horrível necessidade de escandeláriaazar (queridas irmãs, estão prontas?) naufragando minhesperança e meus tremores enquanto todos analdamos juntos na piscina de Sodoma? Tremerei por minha pureza enquanto eles afogarão em lagrimás por seus pecados. Fora com palavras veladas,

novas Solemonidades pra velhos Malbanhados! Esse detalhe inarmônico, você o nomeou? Frio escaldante! Xii! Victoria! Agora oprobre de cachimbo suspenso, joãojacó, aindum adolescente (quequeu disse?), enquanto ainda pueteril em seu traje de banho com abotoaduras perniannas ganhou o ecstasante presente duma bombautoerétil e excitadores gêmeos (você sabe, Monsieur Venereado, em sua arte dazartes, ao seu custo como ao meu (e não tentesconder) os muitos peanais que agora estou cundedando) e a sorte de brincadeiras que você deveria (se fosse tão duro como o vascularizado cura que te batiuzou, filho da candela!) repovoar sua literaterra noital e parlendar sua progenitura por centenas de fomilhares de cabeças ruivasas mas você frustrou

[188]

o incestuoso desejo de seus copadrinhos, sorfista, entre inúmerazocasiões de falha (pois, você disse, eu vou helenichistar), aumentando a malícia de sua transgressão, sim, e mudando sua natureza, (vê qieueu li sua teologia pra você) alternando a morosidade das minhas delícias – amor filtrado, tristão por shandyces, pequenua paz em pennamark – com sensibilidade, cornualhabilidade, passibilidade e prostabilidade, seuzoutros ludbrockers prazeres diuma wida bluterinamente domyetsca, até extrudando sua apolorgia ecristestrabismal, quando legivelmente deprimido, em papel indefeso e assim lenteaumentando a já infelicidade de nosso mundolho doente, escribastigmatismo! – tudisso também com cantaratas de incondessáveis catchaleens, o masculino tanto quanto full o memorioso, congestionado em torno de você por hectares e alqueires e postes ou poleiros, grossas como as areias flutuantes de Chawador, mulheres realizadas, de fato plenamenteducadas, longe de terem velhos e ricos por trás do sonho de arrivismo, se elas tiverem apenas sua honra revolucionária, e não se intimidarem com tempo ruim, quando consumidas por amor de perdição, lutando por sua emancipação proficcional, um filho de Preocupação pra todas as filhas de Angústia, *solus cum sola sive cuncties cum omnibobs* (Eu seria o melhor homem pra você, euzinho), silenciosamente desatando aquele nó natural, vasos debussytuários ou vasos absurduchamps, pelo que não lhe custaria sinón dez bolívares de colar trabalhado ou o preço dium pingo di pinga, só uma palhinha, vamos cantar, da tradicional música desse charmozart mundolssohn paulera, (dois-nós! a-um!), acompanhada por um banda mediasna diouro! Saravá! Salve! Seiorita

Misstressa Morna da dulcíssima castaconduta decotada de noiva! Ozolhos dela estão tão jubilosos que todos participamos do – noiviado!

Farejador de carniça, coveiro prematuro, fuçador do ninho do mal no seio duma boa palavra, você, que dorme em nossa virgília e jejua pra nossa odiceia, com sua razão descontruída, profetiza albionmente, profetateu em sua própriausência, cego exuminador de suas várias queimaduras e necroses e bolhas, feridas infecciosas e pústulas, pelos auspícios daquela nuvem de corvo, suassombra, e pelos augúrios de gralhas no parlamento, morte com todo desastre, a dinamitação dos colegas, a redução de registros a cinzas, o nivelamento de todozos costumes pelas chamas, o retorno dium monte

[189]

de polvorados doces reduzidos a pó sobre pó mas nunca implodindo sua obtusa cabeça argilosa (Ó inferno, aqui vem nosso finneral! Ó praga, sentirei falta do post!) que quanto mais cenoura fatiar, mais nabos picotar, mais batatas descascar, mais cebolagrimas cortar, mais gado sacrificar, mais carneiros sangrar, mais ervas preparar, tanto mais cáldo o fogo e mais longa a sua colher e mais intragável o mingau com mais gordura até o cotovelo fumegando o seu maizalegre novo ensopado irlandês.

Ah, a propósito, outra coisa me ocorre sim. Deixe-me dizer-lhe, com a máxima polidez, foste ordinariamente projetatuado, seu nascimento foi falho, pra se padronizar ao Plano, como nossos cidadãos deveriam, como todozos nacionalistas são obrigados, e cumprir um chaucerto ofício (o que, eu não direi) num certo santofício (nem falarei onde) durante certazoras agostinizantes duofício (uma festinha clerical só prucê) de tal ano a tal hora em tal e tal data a maizoumenos uma semana *pro anno* (A Guinness, devo lembrar, era apenas pro seu trago, mas trapistonteou e quase caiu a limpar os boilers sternes como qualquer bispadre Yorick) e faça seu tripé de meia e assim ganhe sinceros agradecimentos da nação, aqui mesmo em nosso setor de carga, seu horário de trabalho e valium de ervilhagrimas, onde depois da proindigência divina beberiscou a primeira cervágua em sua weissda, do berçesplêndido onde já foi mordiscado até a cripta sua vergonha será duplamente maior, mesmo que nós, longos nós, isolado no canto com o colt, onde você era tão popular como um armênio entre os fiéis, e incendiou o meu casaco quando traguei a fumaça de parafinn sob a sua

(espero que a chaminé esteja limpa) mas, sesquivando satanasmente de balas e boletos, você vade retro como Queima rosca de Hemingalway (mas ele aroudou o campo contra compassando) pra nos cantar uma canção de álibi, (o culefônema sobre a cinzura girolenta elevamplar metamorfética com a qual glaubrejosas rochas paradeslizam com seus subversistas) nômade, lunóptico abajurbilado, antinós, shemgraça infinito em meio ao riso reprimido de todos pra ocultar sua escatofilia acasulada, como uma pastortoépia prosodita, monossílabos masculinos do mesmo opus numérico, um emigrante irlandês no rumo erráclito, sentado em seis pennyscos

[190]

à la corcuvado, um fraude charplatão desajungstado, voice (pelo riso de Scheekspainho me ajudará apenas com o epíteto?) acaso shemishemita, voice (gacias, creio quisso te descreve) Eurasiantártikong Afroameryanking!

Devemos seguir um ao outro com pasodöblin, engolidor de punhaizis, enquanto nosso fùhrrerco, aindum forasteiro nú frontal jardim a sua felicidade, está pegando, (heil helptler! um micto, uma massa, um mote e um massacre de idielots!) seu refresco?

Cresceu ao seu lado em meio às nossas orações mais rápidas na Machonaria Novena, Avenida Novara, no Patriciopódio-do-Pé-Decano, bobode, encostado, reciclado de selvagimna não lavada, na fiúza deles e na sua, (suponho que você saiba queo gambá sesconde porquele odeia o alfabetoceltarbóreo) aqueloutro, Imaculado, da cabeça aos pés, senhor, aquele puro, Altruísta doutras édipocas, aquele quiera conhecido pelos círculos celestinos antes de escapulir no ar, nosso crush e jovem que deveria ser médico espiritual, seduzindo todos os sentidos à celebridade voluntária, a falsificação mais vencedora da nossa rentável letreria, amigo dos anjustos, um jovem que os repórteres tão queridamente queriam como parceiro de jogo que pediram a sua marymãe pra deixá-lo ouvirar tomos confúcios de Kinkergarden, ervelho, e aceletrar sua bibliocicleta até todos serem irmãos kamaradovis na justiceira casa grande onde Donaldodd seinzola, só pra tedyficar a vida dele edda um tapinha e passa-lo de mão em mão como perfume de testicule, esse modelo madremodeirado, boa pinta sem uma verruga cujas toaletters espirituais eram o assunto de meia cidade, pra perverstir ao ocaso e ao anoitecer e usar vespertidos à aurora e radiar ao meio-dia e a mesma coisa pra hora do chákovski, mas cinco contra um o jogaram numa

bela manhã de Maio nú Meio de seu Magnânimo, seu inimigorki do peito, porquele revirou o seu abçudário ou porquele recortou uma figura bonita no foco dos seus frontiospicios (não matou a um, não, mas a um continente!) pra descobrir como suas entranhas funkcionavam!

Já leu algo sobre esse tártaroavô papai da terra e nossos criadores visionários, Baaboo, o excaliburgomestre, que quis tocar ambos os céus com a cabecinha de seu cajado duro e quão insosso se afundou

[191]

nas águas de seu pensamento? Já conectorou no herege Marcãonha e nós dois efeminados e quão rasputinamente ele pegou gonorreia do misticú Russo? Já ouviu a fábula da raesposa, do lúpulobolo e do macoolcorno e da herdeira hpvirgem dos Morrisonsos, ein, macocainada do barulho?

Malignóia na luxuria, coletor geral, o que Sua Santidroga fez na hora de comer com todozos fetos e leverduras cozidos, os abomináveis frutos lambuzados, as malas de cervejas tupi-guaraná, os fundos da Paróquia, me empazlideço, cura, que gatunamente persuada e alargue borboletas caridosas uivando pesado com uma voz ogra de sua horrível e atroz pobreza despírito de modo que nem poderia consignar uma coroa de Espinhos pra penhorar um casacão das Trevas e como sua ruindade era incurável, então foste, cachorrelp de Pecomedor Biltre e Pecomedor Boulezco, com a crista do galo e o *pas mal de siècle*, que, a propósito, Reynaldo, é o herpetipico remédio francês pro corrimento do granadeiro. Pra você dster sua prancha e seu lavadosos (Ou os problemas que perdeu!), pra lhe dar sua libra de platina e mil correias por ano (Oh, você estava excrucifccionado, preso honrosamente à cruz de sua própria cruelficção!) pra farrear sábado e dormir angelicamente (a fama chegaria a você entre um sono e um despertar) e deixe descansar até Parescrever e o pinto cacrowrejem pra Danadamark. (Ó Jonathan, seu estômago!) O símio não tem secrereções de sentimentos mas cataratas de lagrimas por mim, Pena o Shamman! Repetintamente na noite fedida eles chafurdam prapertar uma mão auto descompadecida, eu digo, as jezabelicas barbadas que contratou pra te roubharém, enquanto indessantemente encúsralava em sua palha molhada (Airlandês e banglaidéshtico) esses sonhos de chifres de marfim adornados por Rute a quem chamou de compunheteira, uma beldade da bíblia, das marmitas de carnegípcia do

Eustoniamuseum e dos varais suspensos da Babilíbano. Mas a lua solnâmbula sorriu selene e os jatos deleuzes reluziram: quem nos choraminguante? Comporte-se, inconsistência! Ondestá aquela petit pensão alimentícia contra o nosso previsível dia chuvoso? Não é veríssimo (me fale, comebolo!) que, enquantouassobia suas loucas elegias em torno da pedra laskkkada do Pico da Mortalha, (deixe-o passartre, por favor bom jesusalém, em um punhado de palha, ele foi balbetizado após

[192]

enfardar o feno) você desperdishow entre os criados o excesso de sua extravagância e fez um hotentote pastor de dublinécios rastegeogear com suas migalhas? Não estou certo? Sim? Sim? Sim? Cera santa e luciafer! Não me diga, Leão do coilusaum roubano, que não é um hipócrates sharkante! Olhe pra cima, velhacúsujo, sejaconselhado por raposo e tome sua injessanta. O Bomdeuso Doutor meditou. Misture duas vezes antes das reficções e punverize três vezes ao dia. É noravilhoso linspectorante pra gripe e bom vermífugo pra solitária.

Me deixe terminar! Apenas um pouco de tônico a'judas, gema de todas as piadas, pra fazer você pasmar verde. Ouvê o que vejo, hommelet? E lembre-se que quem ourocala consente, Mr. Manjador de Pintorrilha! Deixe de ser civilizado. Aprenda a dizer não! Nananinanão! Vem cá, Herr Studiosus, até eu lhe contar ao péruca d'ouvido. Vamos sussurrir, pois se os barítonos acessassem o twitter dele cantariam aos telhados e então toda a Cadfagestada reverberaria aos crackers cantuários. Vejazz! Vê o seu reflexexo balouçar na vitrine? Veja bem! Curve-se um estigma até mim! É segredo! Joygo, digo, os livreiros! Eu o peguei do Shawante Totem de luz. E ele recebeu do Mullah. E Mullattes pegou dum aluno de Uniformiazul. E Gay Sockrats anotou da esposa de Potorpynchon. E Rantipollock sacou a piscadela da velha Sra. Tinbuzzati. E quanto a ela ficou confúcia com o irmanzoni Thacolicus. E o bom irmão sente que precisaria defecar-te-ler. E os Frágeis Folhetos estão simplesmente comcombinados. E Kelly, Kenny e Keogh estão em pé de guerra. Quiuma cruz mesmague sieu não depositar um auto de fé nela. Quiu possancorar através das épicas sespero que não seja verdade. Queo corpãozinho de cristo me sufoque sieu maproximar sem cáriedade! Sh! Shem, você é. Sh! Você é malouco!

Ele aponta o whisqueleto da morte e os vivos se aquietam. *Insomnia, somnia somniorum. Awmawm.*

MERCIUS (de si mesmo): *Domine vopiscus!* Minha culpa, sua culpa, um reino por uma falha! Pária, Caimnibal, eu que abjuradamente repudiei o ventre que te gerou e as peitolas que às vezes mamei, você que desdentão tem sido uma massa negra de jigs e jimjams, assombardo por uma convulsão sensitiva de não ter sido ou ser tudo o quieu poderia ter sido ou o quequerias se tornar,

[193]

geeemetendo como um homem essa inocência que não pude defender como mulher, eis, você aí, Casethmoremo-Cairbarômulosiris, e obrigado aos Filmes de profundis do meu atritivo coração, Dondeos dias lumières da sua juventude estão minimimicamente eternizhades, agora antes de completar a hora da solidão ela saproxima e sopra maizoumenos antes de entregarmos nossespírito ao vento, pois (emboraquele da realeza não tenha bebido uma goethícula de sua consumação e a floreira deflorada no bambloom, a matilha de spaniels e sua caça, os freisgayses e o propriotário do pub pop não cederam um milímetro e tudo o que foi feito ainda precisa ser feito e refeito nuovolletramente, quando quarta-feira está cinza, e eis, questá condenado, o sábado dá aleluia e, duovo, ressurgue domingo) é pra você, primogenitalho fruto dangústia, pra mim, ovelha marcada, reciclador do papelixo, pelos tremores da Trovoada e constela cão de Erin, sól você, o villão-lobos soprou a árvore do conhecimento da graça e da desgraça, ai, vestido de meteouro e brilhando como os horósporcos, astrogloriosonamonologos, o filho do pai de Nilftiness, belzebuda, pra mim ruborizador invisível num obscenuzinho buracúnegro, o bilúbilúdico do seu suspiro secreto, morador das profundezas donde solamente a voz dos mortos pode soar, porque você mabandonou, porque mimimizombou, porque, Ó filho somletrário, você stá mesquecendo! que a nossa múmiãe brunozeada stá riotornando, alpillla, beltilla, ciltilla, deltilla, fluindo com seuscausos, antigas novidades do grande mundão veráguas, filhinhos briaguentos, aiaiaigua! o bebê do baboo anda aos sete marzes, engugugatinha! noivabandonada ataca em épicos Socos, garanhão apedrejado antes de uma rapidinha oportuna, duas plurabellas que chovem no molhado, yanks na segura visitarão o velho martinho, e saias de quatro camadas dificultarão, mesdames, enquanto Mimizenta ajoelha com calcinhas populares, e doze funfarrões sembreagam conconhaque no velório, ouviu, Coorney? você alguma vez, potranca Popochuva? com um pescoçárgua, com um pululago, alvoroçam todos os

seus cachos eiras, gotas caem em rochazerrantes, redemoinhos em seus cabelos, tudo represado a um ponto e depois toda a inundação, múmiãe doutros carnavaguas, múmiãe maraviaquosa, meorgulhando sob pontes, empurrando os açudes, sesquivando um pouco dos pântanos, disparando caudalosamente pelas curvas, pelas colinas verdes de Tallaghtiguns e pelas piscinas d'orvalho e um lugar que chamam de Cidadideus e

[194]

deslizando maliciosamente por Sallynoggin, tão feliz quanto o dia está úmido, blábláblando, borbulhando, monolaguando interiormente, pororocando os campos em seus cotovelos inclinados com o deslizamento chuáchuáve dela, futriqueira, faladeira, fovóqueira Δnna Lívia.

Ele levanta o varão vital e a muda fala.

— Riveriveriveriveriveriverrun!

[195]

VIII

O

canta-me tudo sobre

Anna Livia! Eu quero ouvir tutto

di Anna Livia. Bem, vassuncê conhece Anna Livia? Sim, claro, todos nós conhecemos Anna Livia. Canta-me tudo. Canta-me agüora. Vaissuncê cai rirás dura quando ouvir. Bem, ocê sabe, quando o véio safado fez que não fez e fez o que o cê sabe. Sim, eu sei, cantenua. Lava livia leve solta e não ó mintá nonada. Arragazza as mangas e solta la língua. E não beabáta nimim - camimimie! - quando se curva. Ou o que quer que tenham tantrado decifreud o que os doisdos tantraram no park Fiendish. Ele é um velho repe'til asqueroso. Olha a camisinha dele! Olha só a sujeira! Ele rionegreceu toda a mimimia água. E é steepingago e stupiadista desde a úpatima vez que riachorou. Quantos serão o segredos que jazz lavei? Sei de cor os lugares em que gosta de dar uma saaledinha, cão duddon diabo! Calejando minha mão e dando pound e circe a minha fome para tornar pública sua roupa íntima. Battle bem isso com o sabonete do bloom e limpe-o. Meus punhos estão enrugados desfregar as manchas espermoldaudas. E o dinieperfume da umidade e as ganges provas do pecado nela! O que será que será quiele fez cum rabo nu Animal Sendai? E por quanto tempo fincou nas produndeuzas do lago e neagh? Foi posto nunuticiário o quiele fez, magazinisis e orações, o fieroz Rei Humphrey, com destilações illisórias, proezas e tudo. Mas que tom picante do till. Eu o conheço bem. O tempo histó rítmico não para pra niguém. Tal como trombetas escaudaloso também poderá secar. Oh, o azedo rap dazantiga é só limões! Fazeno xixiste nasnúspicias e fazeno humor looco.

[196]

A Margem Esquerda fluia calma e Margem Direira era sinistra! E a soberba dele! E a metidezade dele! Como andava cacabeça tão empinada quanto howthevida, el famoso duque estrangeiro de pindaré, cuma corcunda de nostradamus pesando nele como um rat'ão do banhadowiesel. E sua fala confusa que derrydá o que falar e sua tagarelice cocoricork e sua gagueira dúbianense e seu pecado da gullaway. Pergunte a Lictor Beckett ou a Lector Reade da Garda Fuxicosteira ou ao Gagoboy do Billyclub. Como todos o chamam no elster? Qu'appelle? Hugh Capet Earlyfouler. Ou onde ele nasceu

ou como foi encontrado? Urgotland, Tvistown no Kattegat? New Hampshire, Concord em Merrimac? Quem forjou seu cinto de castidade ou encheu seu balde de lágrimas? Os proclamas dos bannidos nunca foram permitidos em Adão e Hervé ou ele y ela foram matrimoniados pelo capitão? Por meu duckado que eu te pato. E por meu olhar selvaginal eu te enganso. Fluilabelle e Monteverdi no limiar do tempo fazem votos e vetos porum finn annal feliz. Ela pode mostrar toda a sua alma, com amor, permissão pra bricadeirinhas. E sieles não casarem dinoivo o capintão hook do eye de vidro dará uns mayo. Oh, tome passe amore e receba outros oxus! Don Dom Dombdomb e sua breve equizossinfonia nupcial! Sua mecenas fez um seguro na Stork & Pelican contra plágio, má influenza e terceira margem do rillsco? Ouvi dizer quiele liviantou um bom tin-tin mamando nasteta da sua boneca, delvin didia e devlin dinoite, quando a raptou de casa, violada Sabrina, numa jaula de perikeats, por pintoanais meteogrossensses e deltas tortuosos, brincando de pega-pega e mitologiria com o brilho de suas charaddas, (siuma moscazart aparecesse dórémilá bem pianinho pra picá-lo e penalizá-lo!) passando pelo asilo presbiteriano de min e Houaisspital Alpha e pelo resto dos incuráveis e o último dos enamorados, o musicaminho waagneriânus quaguado pra tropeçar. Quem te vendeu aquela história do jackobsonlampião? Insossa torta de Pemmican! Nenhuma nuvem de grassfanfotos pra envolvê-la, nenhuma formiga de pepita de ore. Elembarcou na balsa-nova, o barco da vida, desde o Ivernikan Okean sem porto, até que avistou a penélope de sua terra firme e soltou duas grasnadas de seu toquinho, o gran Phenício d'imorais. Pelo cheiro da alga dela eles criaram o pombal. Como se divertiram! Mazonde estava Ele mesmo, le timoneer? Esse mercador marchan suieguiu o barquinho em direção à cachoeira, seu cameleiro brizando runas sobre ele de seu turbante, até que o rissonho fugitivo ancorou sua violenta piroga e bow e estourou o bumbumtequim dela. Pilcomayo! Saskatchewan! E la balleia de jour foi embora com o peixanto graal! Afina

[197]

sua flauta e caia na gandaia, seu egípcionso de nasçença, e usted é nada menos que um! Bem, π tolo my diga logo e enterra a conversa finnada. Quando eles o viram sacar sua swift espada sobre sheba, como um lorde salomon gay, los touros de la belle ruhr'giam, saciados na farra. Boyarka buah! Boyana bueh! Ele ganhou la li-lle la Banbina à força, consciência incriada da nossa raça, o forjador. O fez pela milionésima

vez. Olha aqui. No suor da sua carranca. Cê não sabia quiele erum conhecido filho de iemanjá, Aquaman o bebê-gugudadágua? Have marea, então eliera. H₂O.C.E. tem ozolhos do paixe. Shyr la belle era quase tão ruim quanto ele. Quem? Anna Livia? Sim, Anna Livia. Sunsê sabia quiela café atinava dançarinas de salso da riodondeza, nyumbar noo, chamba choo, para ir até ele, seu humorado chef errante, e echistar o pontífice aisy-oisesbourne? Era ela? Deus é mais! Yssel é de limmatar! Como El Negro estremeceu ao vencer em La Plata. Oh, canta-me tudo que quequero ouvir, cantas vezes ela subiu pelas paredes! Ficou cucuelhinho piscando depois que a bandeira caiu. Fingiu que não ligava, pobre sina, eu santeenha, ele passesso por não comer&cia.lizar, a prexecca! Que porra é essa de Prexecomércio? Emme por seu reussuchistado jarkon Honddu! Canta-nos na lalíngua francesa. E flui numa fala tietê-à-tietê. Eles nunca sharraram sua ebrocetinha tomando skol, sua antabecedária? É exatamente a mesma coisa como sieu agora julgasse por exemplo a ação de tutela antechupada por telekinesis e te prexecomercializasse. Por teus pau e é isso quiela é? Botlettei fé de quiela agiria como uma loa. Vosmecê não a bisbilhotou na windau, ela balançandulce numa cadeira de vime, cuma meusiscritura em letras cuniformes avant-garde, mezzo-soprano um canto fúnebre reedytado pra violino derg uma nota só? Claro que ela não pode tocar uma só num deedo, sejum bow som ou somfrência! Asseguro, ela não sabe! Tista sucksanfona atonal. Bem, eu nunca ouvi algo assim! Canta-me mais. Canta-me mals dilso. Bem, o velho Humber era tão glommen quanto o velho chico, com o tar e o tufo em seu thor e os bubões por moli èras e nehum arqueiro nem cataputador desvirginou novas terras e vivavaiou o ballet mécanique no picasso do moteverdi e lampião erum nero à esquerda na cozinha ou igreja e caindo em gargantuionescos buracos no cangaço de Grafton e cogumelos venenosos anelando a cowagner de Funglus e o grande tribuno de barrowco allto picou a mula-sem-cabeça, sittang sambre pintou o sette, drammendo e drommindo, com uskesquestões quixotescas sobre seu rueful countenance, seu feminil lenço infantil pra encourajar seus funfunerais ondiele acertaria as contas com o

[198]

mormon'inho do tâmisa, perguntando e respondendo, copulando, ann dando e morrendo na praia, com seu porto seguro na musicoconstrução do labirinto, sua boca de vilão-lobos aberta à frente dos doze tordos e os meninubu-reis de rua bicando

crocodilos, em gandhi greve de fome e leviano a carta la dela pro juízo finn annal, estranha obra alphaberta, de pelos por ar, e sua franja penteada sobre os eggolhos e sonhando no sótão até a visão dazestrelas, depois de enkowshar pedro malazwarte e rios perdidos e o leitemotiv dos seios de budadá peste e zás e pra ver thetas e se Paris era digna de missa. Cê pensaria que dodo na flor pertencia todinha a ele como se o vaal dinho durmenhoco sonhasse com transe. Ele viuvinha arrotando há severn anos. E lá stava ela, Anna Livia, que nana nina não ousava pegar no sono, thomas mannsturbando-se com uma menina, Wendawanda, cum belle dedo, numa Mini saia de verão e rubrochechas diamazonas, pra desejar bonzour ao seu querido ishimgling don blin Dan. Com euphratos doces e salgados de sua maggias gourmet. E em oralrio imprópriapo ela cozinhava flores de peixe pra ele e seajoelhayva inclinando os eggolhos ao pé de seu coração, ovos, e fancisbacon danes com towerradas e um copenhegg mexido tay holandês da Groenlândia oup um dzo pagão de Kafue mokau au sable ou Sikiangarapa com assukri ou cerveja pale ale de samambaias em estanho de lei e um shinkoffee break (hamjambo, bana?) pra satisplaiser aquele porco e encher seu stomicker até quio pai de joelhos dela fique ralado como noix-é-moscada ainda que suas juntas se desgastem com goyta e foi uma tão rapidinha quanto ela enrussgou por carregar o peso dos vivers e mortos na cacunda (o intenso metauwero sobe e desce) meu hardeylicioso Vulcão acabaria com ele, com um tom de beijinho nuombro, como si dissessi que a vingança é um prato qui si come cú, e si eli não cuspiissi na plattetuda que comeu, acredite em mim, ela teria se safado. E então a das margens flácidas pediu pro ipiranga atonar um hino, *O Coração Sem Vagem* ou *O Maníaco do Parque* ou *La Calumnia é um Vermicelli* de Chelli Michele ou uma pintadinha *do velho Jo Robidson*. O suchio fofuchio te fofocortaria em dois! Ela abateu a galinha que cantou na torre de Babbel. Nada mal se la belle soubesse enrugar a boca! E nem maizum zumzumzum de Zumbido do pai mar é mais pesado que faxina. Je suis é fiel? Esse é o fato. Entonces cavalgando rickas valkírias e il romanche de la mancha, Annona, nonata aroostokrat Nivia, doutora de non Sense e Art, com brilhos pirrifflickathims de Lantejoula animando seu leque, anner dos nibelongos cabelos banquos en volts por wagnerlumes, -

enquanto as beldades da nith saussurravam sob as peles de seus gilgamachos! - num vestido de época jade-travesti capaz de deixar dois cardeais de pica-pau duro e arrasar o pobre Cullen e tirar o ar de Mac-Cabe. Oh nonsensual! Sua frankenstein porpurinada! E brahminndo pra ele debaixo da cachoeira alimentar, com seu kama sutra de carícias ogagasmáticas, a vergonha escorrendo de seu nariz: *Vivavulvababy, Thomasmanno! Olá, patinho, por favor não dê a deus! Vosmichê sabe o que ela começou a piar depois, com uma soprano das boas como almagluck ou Madame Delba pra Romeoreszk? Cê nunca vai adivinhar. Conta-me. Canta-me. Phoebe, amamadíssima, fala, Oh canta-me e te amarei mais do que cê sabia que sabiá sabia assobiar.* E cantando em vários toons malucos sobre a fuga per canonem do holmen: *Amo tanto as piggarotas de ipanema do hell de jazzneiro:* e soay e soan e assim por diante num Johanssonoro tom e Oom Bothar no baixo tal qualvaquinho Bheri-Bheri com sandy&jung dó-ré-mí-fá-sol-Lars-si bronzeando na praia, tão umvolozizi poça, tão surdo quantum bocejo, o tolo! Chispa daqui! Pobre querido ouvido ultrapassado! Cê só pode tá brincando! Anna Liv? Como je suis é meu juiz! E ela não transbordou em sorgues e fluuiu e pororocou e represou douro no reno, tragando seu velho cachimbo, e cada inocent shirvant ou campônia dulcinéa caminhando por ruas sem saída, Sawy, Fundally, Daery ou Maery, Milucre, Awny ou Graw, la belle não fazia sena ou sinal pra se atracar no porto de sally? Vassuncê quer dizer, o posto das sillygaitas? Beduínão não mazeu sim! Chamando-as, uma a uma (Pra Blockar pra quebrar aquicando! Aqui está o Shoenbergnacadie!) e pole-dançando uma jiga ou algo assim no sihlão pra mostrar a todos como sacudir o poposão e comer madeleines pra trazer à mente allegros roupas dum passado fora do consciente e todozas manhas à sombra duma rapariga em flor cum homi e fazenduma espécie de ruído como o tilintar de pouco mais dois pennys ou meia coroa e ostentando uma moeda de prata. Crem deus pai, crem deus pound, ela fez isso? Seloko, de tudo que já ouvi é o mais mais! Jogando todazas putinhas deisse mundo nele! Pra escravulva sexual que bocê tá desejando romper o inny independentemente do sexo da pleissaci perereca addando duas com tamar uma com flordeliz uma com lossie a apertadinha e se reforgiando na haba sob o avental de Humpy!

E qual foi a rima wyé wyé que ryela fez! Odet! Odet! Cante-me a trenta encanto estou ensaboando leitedepedra da roupa dobaixo de Denis Florence MacCarthy. Livianta-se, flautua, pian piena! Minha caosriosidade será maior até que meu pé ⁵³! sieu não soulber quem cushioning loou com Anna Livia,

[200]

a epistolada escrita por um e redegida por dois e adulterada por uma galinha no parco! Eu posso ver, vejo que você tá. Como eçaizinha tummel no c? Águora ouça. O c tá ouvino? Sim, Sim! É claro que som! Som tom dó ou vidas. Ré ssonna inn mí.

Pela terra e pelas nuvenzinhas pero que muero de teção por uma popo vuhlva novinha em folha, eu quero e bed úmida, e cheia de humor pra dar!

Pois o mesquinho rumor quescrevo está desgastado, assim é, sentado, latindo e esperando meu velho Godane holdden dodder cafona, meu companheiro de morte e vida secassual, minha chave frugal de nossa despensa, meu corcovado de camelo alá poundiaçucar, meu exterminador de futuro, meu mallarmel da lua de mel, π tolo meu até o último dezembro, praconcordar de seu cochilo de inverno e me dar um tratrotsky camus costumava fazer.

Será que há poráírwel um senhor freudal ou um cavaleiro do shirelacan em greve, eu me pergunto, que me daria um ou dois lances dedados em dinheiro pra lavar e cerzir suas adoradas meias agora questamos sem garanhão e leitinho?

Só porque minha cama de Brittas da moda é tão confortável quanto cheira a id'impulsos selvagens e pulularia na foz della Tolka ou na praia de Clontarf pra sentir o saltwittante aire gay da minha baía de troublin e os ventos maríntimos desembocarem sobre mim.

Onon! Onon! me canta mais. Canta-me nos minniemouse's detalhes. Quero saber cada singulálálár. Até o que levou os potters a voarem pra tumbalacatumba tumba tá. E por que os vesles vet'urinavam. Que homme febril por femme. Sium cavaleireiro da taberna hihidionda tivesse pênis di mim! Seríamos bundukibois bumbando askarigalinhas. Bem, agora vem a avelã do bolo. Depois de Clondalkin el King's Inns. Em breve chegaremos lá com o tsunami. Quantos salmonzes la bele teve no tonal? Não posso cantar isso corretamente. Só jujú deus sabe. Alguns dizem quiela tinha três figuras pra preenche-la e se restringiu a cento e onze, um a porrando toda e todos porrando a uma, fazendo meanege cu a mina moya. Ola lamm ein, todo aquele pacote? Não teremos espaço no kirkeygaarden. Ela não sealembra da metade dos nomes que deu a eles no berço pela graça da chinelada na mahabharata dela dada pelo infalível bispo bom de porrada, pro tal Kund bengala caim do e applel pra Eyolf, e ainda mais para Yakobson Yea. Cento e quantos? Eles fizeram bem em riobatiuzar

sua Pluhurabelle. Oh Lorelei! O que é um loddon london! Fiquei a ver vazios! Mas está mais do que na carta quiela vai verter

[201]

mais e melhor, duos e trios, quartola e quintetom jobim, nord'caos e separatistas do sud e sins e neins duma ninhada. O Vovogabundo dorminhoco e Messi missourável e o homi mor cego de todosos vilões e o coringa. Háháháhaw! Ela deve ter sido uma volgabunda em sua é pica, e como foi, mais do que a maioria. Ela era Shoal, do bar lá do baco. Tinhuns riachomens de estimachão. Então um altoss xingu assustou aquela moça, assim aimai moré, I livia you! Canta-me, canta-me, como cam linda cam miou por todosos seus parceiros, o neckar quiela era, la divinabelle de exu? Lançando seus perigos diante de nossos pretendentes de Fonte-in-Monte até Tidingtown e de Tidingtown até o oceuanus. Se linkando num e enxoxotando outro, dando tapti na raba dum e quicando num jutaí e empaulodescendo e pedroendo força e riotornellando sua rima euclydeanna ao leste. Waihou foi o primeiro a romper sua thurvulva barragem? Alguém ele era, o que quer que fosse, num ataque tático ou em um combate individual. Funileiro, alfaiate, soldado, marinheiro, Pieman Peace ou Polistaman. Essa é a coisa questou com elwys pressay pra perguntar. Empurra pra cima e empurra com vardar e escala o montedevênus pro quartel venereal! Fois nos anos de waltrickerloo, depois de Grattan ou Flood, ou quando as criadas estavam na Arc ou quando três se colocaram em pé de guerra? Fidaris descobrirá de onde é a nascente da Dúvida tal como Nieman des Cartas encontrou o Nihilo. Ser ou nascer, Quincas Bobók, Eis a Questão? Desamarrem os punhos dos cavalheiros, Qvic e Nuancee! Ela não pode por a mão nele no momento. Tez thelon langlo, flua e dê mansinho! Que difíceis arqueologírias para remar! Ela falhou a sid mesma que mal sabia quem entrara nos seus confúcios annals, uma dinastia de Leinster, um lobo do mar, ou o que ele afazia ou como lgblythê a manipulava ou cuma, quando, por que, onde e quem o'fin foi ele que jumpulava nanádegas dela e como foi que policarpa mereceu esse tristan finn. Quando eruma vez ela era apenas uma jovem magra pálida delicada tímida coisinha esguia de chico, passeando, ao luargo prateado e o tal da silva erum bêbado equilibrista caindo pelas tabelas estrangeiras de Curraghollanda, escrevendo seus haycais pro sun brilhar, tão duro quanto beth carvalho (turfes estejam com eles!) costumava outrora sussurrar pelos diques do matadouro de Kildare, pra conjunção

cornal mergulhando em cima dela. Ela pensou que estava afundando no leito com uma vergonha ninfante quando ele deu a ela o olho de tigris! Oh feliz falha! Queria que fosse ele! Tu tá errada aí, celtamente errada! Não é só esta noite que vossa bocô tá analcrônica! Já fazia muitas eras que os nullahs estavam em lugar nenhum, no condado de

[202]

Wicklow, jardim de Erin, antes mesmo quiela sonhasse que banharia Kilbride e iria espumar sob a ponte Horsepass, com o grande vento sudoeste soprando em seus rastros e o apanharou dos campos de centeio de midland em busca do seu rumor, pra seguir seus cursos por aí e por aí, robecca ou pior, pra girar e moer, pra esfregar e pra açoiar, por todo o seu ouro do liffey nozaugustos campos de cevada e lotts de pennys da cidadela das fordas de Humphrey e dormir cum pirata, cafetão wellingtonho gancho. Alesse, os lagos dos dias de menina! Pela pomba das dunas! Era la belle? Izod? Tens sartheza? Não onde o Finn se encaixa no Mourne, não onde o Nore se separa do Bloem, não onde o Brayvo divartte o Fürer, não onde o Moy muda de ideia entre Cullin e Conn entre Cunn e Collin? Ou onde Netuno remava e Tritonville rumava e três leandros colidiram com duas heroínas? Neya, narev, nen, nonni, nos! Nas erriodondezas de Ow e Ovoca? Issy foi de lyst a owyst ou Lucan Yokan ou onde a mão do homem nunca pôs os pés? Dellga-me donde, pela primária vez ela fadou! Eu cantarei se oucê ouvir. Oucê conhece o vale dinkel de Luggelaw? Bem, uma vez morou um eremita local, Michael Arklow era seu rioverendo nome, (com muitos suspiros eu difamei seu lavabibas!) e numa venereável quarta-farra em junojuly, oso doce de roer e tão legal e flexível quiela parecia, Nance a Nixie, Nanon L'Escaut, no silêncio, dos sycamores, ouvidos absoluços, os gravetos curvos quioncê simplesmente não consegue parar de sentir, ele mergulhou ambas as mãos recém-ungidas, até o cerne de seus pulsos, nos caracaos de seus oníricos cabelos ruivaçafrão singindo maris, separando-os acariciando-os e misturando-os, eram profundamente bastos e tenebrosos como este pântano scarlatti ao pôr-do-som. Próximo ao lago lucy do Vale da Virgem prametida, os seth arcossiris orangeavam a rubra isis. Amorelos afrodizziacos, seus esmaltadozinhos aticavam o indigono a violetar a virgem. Deseje um desejo! Por que um por quê? Mavro! A rizonha luz de Letty Lerck cortou os laureiros dujardin em seus doidocafônicos cantos a petrarca.

Maass! Mas majikaos ondas tecerão miliumadúvidas aquí e agüora. E Simba o Emicida de seu Ogasmos é leibnizdinoso. Ele chamegava e não sim masturbava, embora ardesse dedeuszeusjo, ele tinha que esquecer o monge dentro deleuze, esfregando-a e alisando-a embaixo, ele baiseou seus lábios gozando hahahapidinho, beijou akiss após kisokushk (como adivertindo-a com créu no niver, créucrécucrécru niver, nevar) na testa sardenta de Anna-na-Phoghuetinha.

[203]

Enquanto tu tava na seca ela não soltava a vulventania'. Mas éola elevou dois pés em sua ondulada autoestima. E pirateandou em pernas de pau desdintão. Isso foi um beijogrego no cura pra curar com bálsamo bantu! Oh, ele não era o padre ousado? E ela não era a sirigaita Livvy? Nautic Naama agora é seu ianonyme. Dois rapazes com calças de escoteiro atrásversaram purela antes disso, Pé-de-chinelo Burn e Porco Vagamundo, os nobres alpinistas de Lugnaquillia, antes quiela pudesse insinuar os dreamdlocks da sua perseguida escondendo o jogo ou um peito a modi seduzir um canoeiro caronte pra não falar da balsa-nova a vaporter da guinnessis. E antes quisso sucedessi, leada, laida, toda inexperiente, muito desmilinguida pra ser montada pelo mais belo cavaleiro, muito frágil pra flertar com a pluma de um cysgnet, ela foi lambida por um vira-lattes, Chirripa-Chirruta, enquanto fazia chichiste, pura e inocente, na nascente da colina no antigo Kippure, nos cantares de pica-pound e do barbeirodevirilha, mazantes te tudo, o pior te tudo, a malemolente livvly, ela escorregou porum vão no vale do Diabo enquanto sua babá Sally dormia em alto e bom sono em copa cabanna e, fiufiu terraterra, caiu num redemoinho antes de encontrar seu passo e aprumar e serpentear em todazas enlameadas poças de chuva sob palavras enamoradas e livrea riu inocentemente de pernas pro ar e uma manada de virgens recalçadas corando e olhando de soslaio pra ela.

Pinga-ni-mim a canção do nome de fish maccoorno, Mtu ou Mti, alguém foi tristemunha. E nesse-caso-tem-goteira porque no flygrante ela tava encuaberta. E me gotejava que debaixodoscaracois dos seuscabelos havia fofoca pra cantar ou peruca pra disfarçar. E de ladinho corcuvaram seus brilhos desabrochando a flor, de costas pra esperança ou afrontando o mar? Com medo do ouvido bem-amado ao lado ou com tesão reprimido e gozo forçado? Bocê tá nadando ou não? Oh vá, vá, vá ann! Só sei que hei de saber o que cê sabe. Sei bem o que suncê quer dizer. Rothero!

Gostarias de ficar com as batinas e sutiãs, esnobe, e quieu lavasse o sudário de iansãnta Verônica. Agora quer quieu louvre e ainda diga arigatô? Isso é uma camisinha ou uma sobrepeliz? Arran, ondistá teu nariz? E ondistá a mandioca? Esse não é o cheiro do batizado na sacristia das tia. Posso ti dizer daqui que pelo seu *eau de Colo* e pelo oder da boutique dela são da Sra. Magrath. Devil as tê-las airejado. Eles saíram úmidos dela. Eles são vincos na seda, não linho luxurioso. Baptiste-me, pai, poizela pecou!

[204]

Através de seu anel reprimido ela se libertou facilmente deles, rebolando o quadril e hip hip huralada de joelhos. O único par com babados na velha planície. Eles são o que são, eu declaro! Muito bem! Se amanhã continuar agradável quem será que será que virá a passeio? Como? Pergunta a seguir o que não consegui! Os exibichonistas do Belvedere. Com seus bonés do cruzeiro e as cores do clube do remo. Uau, quantos! Uai, já acabaram sô! E aqui estão suas nublelas cartas também. Ellis sobre o cais em letra escarlate. Ligada ao mundo porum acalourado campo. Annan exe após provar que não são de Laura Keown. Oh, que o diabolo fuce em seu alfinete de segurança! Sua filha da Mammon, Lilith de Kinsella! Agora quem a rasgou com a terceira perna de sua cueca? Que perna é essa? Aquela com os sinos badalando. Enxágua-os e bota tudo pra fora de ti! Onde eu parei? Não para. Continuarração! Ainda não chegaste lá. Tô esperando amstel. Garonne, garonne!

Bem, depois que as Wake news saíram no Cordial journal dos Mendicants Meriç bocudos de Sabido-dog'amigo-Sembunda-freira (ao menos uma vez macularam seus alvos amores infantis, arrotando depois de jantwittar frango e bacon, com o que nos mostraram isso aqui e sua mente fora de órbita e tente entender quando terminar de ler o material), até a neve que acumulava na sua cabeleira do zezé era sua inimiga. Derreta, derreta, sava, savuto! Contababelize Her Campestre Escudeiro! Em todo erriffício ondio sinhô subiu e em cada mentira que caiu, na cidade ou subúrbio ou em áreas podbres, na Rose e Bottle ou Phoenix Tavern ou Power's Inn ou Hotel do Judas, ou onde quer quiucê vasculhe o campo de Nannywater a Vartryville ou de Porta Latina ao quarter latin sucê encontra seu ikom esculpido de ponta-cabeça ou trombadinhas zombando da sua cara e Morris o Homem, com os rolls de um roysse em seu turko o terrible, (Evrospeuhams na cheic buarcasa, leitemotiv desnatado e yahoort,

hamadõnuts comqueijo frescal, Ahdahm solta a roda e vira, Fátima, dá uma vultinha!) mais pr'alá que pr'oxalá e cercando o local tal qual os peihonistas tocando e vibrando banjoss, com a tiara papal do inominável benfeitor sambando em seu cocoruto. Como Peta-pro-Neva ou Pete-sobre-Meer. Este é o Hausman todo pavimentado e paralelepipedado, que roubou a Cabanna que nunca foi possuída e que liviantou sua perna e ennalteceu seu Egg. E

[205]

o povão mauldre educado em torno dele no aeropagus, inchistando um grande coraçamba a bater no peitímpano do desafinnado. Cuidado com seu vovôzela Grimm! Pensa na sua Ma! Hing Hong é seu hangmome de jove! Melodie um bolero, dance a lawbada! Ela jurou com a mão no cruss de clítoris que ainda venceria todos os obstáculos deles. Pela Vulnerable Virgem Maria del Daime! Então ela disse a sua amiga imaginária que traçaria um plano pra fingir fulgor, a travessa, algo como jamais ouviste. Qual plano? Diga-me rápido e saiba quisso em mí causa imensa dó! Que meurdhe a mamargue fez? Bem, ela deu à luzcifer um mala, um falso mala postal do câomurça, com o empréstimo da luz de seu lampião, de um de seus filhos trocados, Shaun o Mensugeiro, e então ela foi e consultou seus livros de cordel, o velho Mot Moore, Euclides chunhado da Casey e a Moda Fashion e moveu mares pra ir ao baile de máscara. Oh gigabaita google de guiguelhadas. Eu não posso te dizer como! É muito ruidoratório pra rizo, john coejo é tudo! Minneiha, minnehi minaaeh, minneiho! Oh mas tu tens, realmente tens! Me faça ouvir esse gorgolejazz gorgolejante, como mais distante o gargarejo gargarejado nas sombras do vale profundo de profundis. Pela santa bênção de Mulhuddart eu juro que penhoaria tudo pra ter chanzas de chegar ao céu e ouvir todo o monte de impiedade de Tirry e Killy, palavra de aviário. Oh, dá um deuscanço pras minhas faculdades, mulher, um pouco! Se não gosta da minha história zarpa do barco. Bem, faça do seu jeito, então. Aqui, sente-se e reme como bem entender. Receba minha crítica e ajoelha em sua proa. Levanta sacode a poesia e dá a volta por rima! Gagueja esse controverso e cadencia esse verso. Deelga-me longamente. É sua vez de Tongar. Respira fundo. Essas são as águas de março. Apressa-te devagar e seu Vaza-Barris enfinn fluirá. Traga-nos suas benditas cinzas aqui até quieu esfregue a cueca do cânone. Flua agora. Mais forte. E pooleypooley.

Primeiro ela deixou seu cabelo cair e descer o rio até rebentar cauladoso a seus pés. Então, nua, la madre se liavou com frágua de gala e lama de pistânia performada, a wupperereca e a lauaxila, da cabeça aos pés. Depois ela lubrificou a ranhura da sua quilha, verrugas e desgastes e cancro mole e gonorreia, com manteiga naval anti-incrustante e aguarrás e serpentine e com o esgoto do leafey ritornella banhou as ilhas de prune belli e ilhotas de dun, pentadispostas, por todo o seu pequeno mary. Bronze by gold de sereios modelados e belly barriga gelatinosa e

[206]

grãos de incenso anguille. E depois disso ela teceu uma guirlanda pro cabelo. Ela o enlaçou. Ela o trançou. De capim e flores ribeirãs, junco e vitória régia, e da triste queda do salgueiro-chorão. Daí ela fez suas pulseiras e suas tornozeleiras e seus braceletes e um amuleto praiano pra colar no colar da sorte e é pau é pedra e seixos fuxicando e cascalhos rumorando, richmond e dó rehr mí, do irlandês ourodetolodoreno e braceletes de concha marmorizada. Feito isso, um brilho de obscenidade pros seus olhos arejados, Annushka Lutetiavitch Pufflovah, e o creme de lellipos pros seus lappios e o pó com pacto da maquiagem pras suas maçãs do rosto, do tom morango ao extra violento, e ela mandou suas empregatas baudeloiras pra Sua Afluência, Ciliegia Grande e Kirschie Real, as duas primas, com os respecks de sua patroa, mississi pererê e caça machouri, e um habeaba corpus ensejou seu ir e vir nele porum minutin. Uma conta pra pagar, e uma vela acesa, em Brie-sobre-Arrosa, de volta numa mijadela. O galo cantando a mina, os sinos anunciando o coisamento, Zambosy está esperando por mim. Ela disse que não usufruiria nem pela metade do seu comprimento. Então, então, assim que o inchaço dele regrediu, com sua bolsa de correspoindências de baixo jargão sobre os homens, Anna Livia, cara de ostra, retornou a sua bahia de guanabara.

Descreva-a! Apressa-te longo, por que não podres? Spitzzzz o ferro enquanto tá quente. Eu não sentiria falta dela por neatha nesse mundirthing. Nem pelo lucro da lombastreeita. Oceuanos de Gaud, eu quase ouço meudomoselle! Ogowe presto! Lesto, antes que Julia a veja! Ishikary e washimeska, a caríshima catrimani? Coroa bonita? Duodecimoroon? Bon a ventura? Malgaxe? O que ela tá vestindo, a gasta aliçainha liddell oudornada? Quantas vieiras ela pescou, freios e contrapesos? Aqui está ela, Amnistia Ann! Conhecida como hecatombe caótica que eletrifica o homem.

Nonadinha electress a não ser a tataranavó Moppa Necessidade, eterna mãe das invenções. Vou te testar num drag quizz. Mas precisa ficar quietinha. Você vai ficar pianinho e ouvir bem o que vou dizer agora? Pode ter sido dez ou vinte pra uma da noite da bacia dazalmas ou do abril mais próximo quando o peru fez seu hooghly igloo estabanado e saiu na ponta das patas pra não acordar a dama, a mais querida moma lisa que você já viu, sacudindo a cabeça ao redor dela, toda risos, com sambõems embarras e auês de awedmiração, entre duas idades, uma dreamg queenga judia, que não chega à altura de seu

[207]

cotovelo. Rápido, olha que graciosa é la belle e veja saisi o quão é lisa como sofisma pois quanto mais vive mais velhaca fica. Save-nus e trague-nus! Não mais? Tu werrá donde no nosso ourthe fruit há um big carré de Carneiro tão sãoboroso quantum cordeiro ao dendêus? Sim, cê tá celta. Estou epta a esquecer, Como Liviam Liddle cantou Loveme Tinder Longamente. A linthinha ajoelhada no my way, eu say! Ela calçava vivavaianas com augustos pregos de camposnês, um par de campos araudos pelo machado de si: um chapéu de pão de açúcar com topo guadalquivir e um lenço tapajós como arnomento e uma centena de bandeirolas dançantes e um alfinete dezoito guilates pra perfurá-la: corujas vidradas em bicicletas owlharam com mau agouro: e um fish nietze matou o deus rá pra não estragar o aspecto rugoso da sua hydasje: argolas de batata afivelavam os laubelos caídos de suas orelhas escultorais: os nudes de cubana só de meia che guevangelizam fidels por salmos nela: ela exhibia um chemise galligo de obscuro vaipor tinto que nunca foi confiáveloz até que desbotasse na liviagem: espartilhos robustos, os rivais, alinhavam-se ao longo: seu fio deltal laranja-sangue, um traje dois em um, mostrava o negro pântanus natural, preso à fantasia, livre pra desabotoar: seu bronzeado tarja preta valorizava a calcinha de lantejoulas forrada pelo ursinho de i agora Joseph, com dragonas verdes onduladas e rodando a baianna aqui e alí de lealgodão cisne-real:um dichavador de cigarros dudiabu preso em sua cinta-liga hayropeia: seu civil casaco codroy com botões alpheubertos era cinturado poruma faixa dupla face: quatro pennys de cada lado do bolso a mantinham a salvo do furacão windrush; ela tinham prendedor de roupa a cavalo em seu nariz de joki e continuava a exprimir uma palavra algo singular em sua boca fiume e o rrekakaka de fleuve da rabeira de gawan de sua sainha tipo

annitta sioule quiarrastava-se por cinquenta e porcos quilômetros irlandeses atrás de seus lungarhodes.

Dingdong do inferninho, sinto que a perdi! Doce gumtiniciativa e ninguém desfaleceu. Mas em qual de suas bocas? Seu nazi chistismo tava aceso? Todos que a viam diziam que la petit gatona deli chiosa parecia um bombocado estranha. Leontsani trothy, cuidado com o poddle! Senhora, seja boa e não caia no mar de fofocas! A pobre bruxa deve ter char ido ao Fenny queimar hex. Kickhameira mais brega jamais viste. Com olhares de mullet sem cabaço pros meninos de dobelon. E a coroaram a caridosa rainha, de todazas donzelas. De mayo? Não diga! Ainda bem que ela não conseguia se ver. Supunheto quié por rizo quiaquerida deu um murray no seu espelho. Ela quebrou? Mersey boacuda-me! Havia lacrimejantes körös de cachoeiras pela

[208]

humornidade, e la belle de gíria piadava e mascava tabaco, frutificando e alimentando-se de floresias, em contemplação da flutuação e da undificação de sua filiação, relaxando e gozando em North Waal dos Lazeres a semana inteira no hell de janeiro juntinha a Jukar de Yoick e assim quias más lalínguas a viram meandar pela trilha marrítima das gramatologírias em seu luto e melancolia de viúva notaram algo sob seu bonnet de arquidiácono, o zaratruta de Avondale e a piranha venenosa de Clarence, tiritica e ana do bar, Tales-de-Muletas pra Mastur Barthes: *Eles seaquecem entre nossos dois sulfadinhos e o granito, ou seu rosto foi annaltecido ou Alp se dopou.*

Mas qual era o jogo em seu embaralhado tarô bhagihatti? Só o tembo em seu tumbo ou pilipili de seu pimenteiro? Saas e taas e especiarias bizarras. E onde raios ela saqueou? Antes da bataille ou depois do ballé? Quero verifrescar isso na fonte. Apostolo minha bearba que onde há fumaça há fogo. Agite-o, vai, não para! Esse zinho é um bom e velho filho da puta! Prometo que vou fazer valer a pena. E não digo talvez. Nem lanço promissórias falsas. Speyra-me bem prutinha e te cantarei a verdade.

Bem, riotornando por arun e gironde num desaguar lyneare em waveney dos arenques garoumatizados ela tagarelou e swingozou e sesgueirou, driblando suas boulders por abismos de musgos, algas comestíveis do nosso lado mais seco e o vaiado wilde ventando contra nós, curara aqui, curredeira ali, sem saber que rima

cursar ou wersar pra entroncá-lo, eldoreider, aturando a chattahoochee pra ainducar filhos chichiuzentos, como Papai Noel no peito da desafinada e pequena noitável, de butuca prouvir batuques do coraçãozinho, seus braços chamegando Isolabella, correndo então com os reconciliados Romas e Rimas, em como cobranorato afluiu tal como flecha, então banhando Darty Hans com respingos de saliva, com um voicebox de Natal pra cada um i varis de seus filhos, os regalos de aniversário que sonharam quiela daria, os mimos que mama fleet colocou à nossa porta! Na moita, pela varanda e inundando a adega. Os regatinhos afluíam ao mar pra ver, os manos, a mana. Da casa de penhor à pira. E todos eles sobre ela, líderes juvenis e ingenuinuazinhas, do lodo de o cortiço e poços cartesianos, famintos e insatisfeitos, como os meninos de Rizo no bandeirão da sua vice-hahainha. Vivi vienne, pequena Δnnchen! Viela Δnna, vivavida! Canta-nos sula sula, Oh, sussurria! Aussione si dulcis! Ela não tem tambre! Microfonando-a e elevando o chir ado diaplausos ou

[209]

vivavaias a cada divada que neb'elle dava com sua raaba no santo sacco de wabashorume que la ladra plagigolou pra impulsionar seu meerschaundise imaundo, paulbre lembrança por ricoeurdar e tudo por dolorosa arignamnese, defuntos e galindos galinzés, retardatários e veloxiitas, seus filhos primogênitos e filhas que derrydão o que falar, mil e um deles, e um pot de biscates da sorte pra cad um. Por finn e enfinn. E aqui beijazz o finado. Um funileiro banndoleiro e um nó borrowmeuanus pra ferver chá pro Cigano Lee; um frango achado com sopa de alho-poró pro Bom Soldado de Guarda; pro rabugento sobrinho de Rameau, gotas de anabolizante no deltoïd, insolitamente forte; uma tossidela iuma béla bartókada e bábaras bochechas rosadas pra pobre Piccolina Petite MacFarlane; um quebra-cabeça de agulhas e alfinetes e enchuvais e calças shins pro enlace de Isabel, Jezebel e Llewelyn Casamenteira; um brônzeo narigão e luvas de ferro pra Johnn

y Walker Beg; uma bandeira papar de santos e sóbrios pra Kevineen O'Dea; um trezinho do caipira pra Villa-Lobos e um pesadelo com lebre pras Bachiannas Ri-Tech de Tombigbee gees; pé d'água e bombacha pro Pirata Hayes e Furacão Clive Hartigan; um coração pródigo e gado do sol pra Buck Jones, o orgulho de Clonliffe; um pedaço de pão caminho e primeiras intenções dium papai-anjo pra Val de Skibbereen; um carro de turismo pra Larry Doolin, o claro Enigma dublinense; uma mareante viagem num navio do governo pra Teague O'Flanagan; um piolho iuma ratoeira pra Jerry Coyle; pastel de karnal moído pra Andy Mackenzie; um grampo de cabelo e prato quebrado pra Penceless Peter; esse dodecafonismo visionário pra G. V. Brooke; uma boneca afogada, de queixo caído pra modesta irmã Anne Mortimer; escorregadas do altar pra cama de Blanchisse; Incêncios florestais pra Magpeg Woppington; para Sue Dot um olho gordo; para Sam Dash um passo em falso; ninho de cobras, macbeth's e jararacas, e um visto de caçador de víboras do vaticano pra Ingênuo O'Neguin; reiz forte todazas manhãs pro Sobranceiro Dick e uma gota a cada minuto pra Davy Rochedos Errantes; terço de carvalho polido pra beatificada Brigid Bidê; dois pauradísiacos bancos de maçã pra Eva Mobile; pra Saara Philpot um chá ornírico do rio Jordão; uma linda caixa de MacCoolcaína de Mentirinha pra Eileen Aruna clarear os dentes e superar Helen Arhone; um chicote pra Eddy Rasga Constituição; um penico pra mijar música de câmara pra Kitty Coleraine da Feira de Butterman; uma pá de piadeiro pra Terry o Duende; uma máscara pro bhaskarado Promotor Dunne; um controversovo de páscoa cuma casca bidatada e um direito dinamitado pra Paulo o Cura;

[210]

uma cólera mortal pra Trumann Capote; uma insígnia e honrarias pra Draper e Dean; pra Will-beatles-Yeats e Show Bernardo duas mandiocas nobelles pra adoquecar seus amargores; pra James Bond Oliveira um bonde do tigrão sem freio; pra Seumas, mente pequena, uma coroa pra sessentir gandhi; um totem tibertano cuma cruz do Congo made in woodscócia pra via cússexy de Sunny Jim: um bendito seja e dias melhores virão pra Brian o Bravo: tende piedade de nossa ardente luxúria por Olona Lena Magdalena; pra Camilla, Dromilla, Ludmilla, Mamilla, um bocket, um pacote, um livro e um travesseiro; pra Nancy Shannon um broche de Tuam; pra Dora Riparia água do Hope pruma ducha refrescante e uma paunela fervente; um par de Puxa-sacos

lambe-cu pra Wally Sailormoongol; um lápênis em ardósia tirado do cabelo pra Elsie Oram coçar seu toba, dando o melhor de marré de si com suas fricções volgares; uma hahahaposentadoria poridade pra Betty Bellezza; uma bolsa-nova de blues pro Divertido Fritz Senn; uma *Missa pro Messa* pra Taff de Taff; a Jill, o flerte diuma minina, pra Jack, o nectar dium mininu; uma sexta-feira do peixão de Rogerson Crusoé pra Caducus Angelus Rubiconstein; trezentos e sessenteisexys calcinhas de popelinas pro alfaiate tramar fantasias conficcionadas pra Victor Hugonot; um rastelo firme e boa variedade de sujeira pra Kate a Faxineira; uma roda de samba na balada pra Hosty; duas dúzias de berços pra J.F.X.P. Coppinger; dez puns torpedados na popular festa de são rojão pro nascimento dos cinco delfins sacrificados à Infanta; uma carta pra marcar toduma vida pra Maggi pra além do pó; o mais carnudo pedaço de mulher congelada de Lusk a Livienbad pra Fellini o Gondoleiro; spas e esperanza e xarope de simpósio pro capenga, cego e gotoso véin Gough; uma troca de nomes e jogos de malícia pra Armoricus Tristram Amoor Saint Lawrence; uma camisa-guilhotina pra Robin Redbreast e asfixiantes fo forcas de cannabis pra Brennan no Moor; um joelhocone pra Conditor Sawyer e picassos de mosquito pro Gran Tropical Scott; um caule C3 pra Karmalite Kane; um mapa sem sol do mês, incluindo a espada e os selos pra Shemus O'Shaun o Mensugeiro; um chacal camuflado pra Browne de Nolan; um beijinho no ombro de pedra pra Donn Joe Vance; cinto de castidade e nada de estábulo pra Proustetuda Merreytrickx; um grande tambor pra Billy Dunboyne; um gaiato de fole dourado, sob mim mezzo-soprano pra Ida Ida e um rouco rock Eletrovador pra Quem-é-silvier - Onde-está-ele ?; seja o que for que precise pra dar um tchibum no swilly,

[211]

Yuinness ou Yennessy, Laagen ou Níger, pra Festus King e Roaring Peter e Frisky Shorty e Tom Zeus e O. B. Behan e Sully o MC'ida e Master Magrath e Peter Cloran e O'Delawarr Rossa e Nerone MacPacem e quem quer que você encontre batucando por aí; e um balão de bexiga de porco pra Selina Susquehanna Stakelum. Mas o que ela deu a Pruda Ward e Katty Kanel e Peggy Quilty e Acne Brosna e Teasy Kieran e Ena Lappin e Muriel Maassy e Zusam Camac e Melissa Bradogue e Flora Ferns e Fauna Fox-Good-man e Gretna Greaney e Penélope Inglesante e Lezba Licking como Leytha Liane e Roxana Rohan com Simpática Sohan e Una Bina Laterza e Trina La

Mesme e Philomena O'Farrell e Irmak Elly e Josephine Foyle e Snakeshead Lily e Fountainoy Laura e Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? Ela deu a cada filha da madre uma dama-da-noite e uma espada-de-seu-jorge: mas aquelas uvas que amadureceram antes da razão devildiram a vinha. Assim como em Izzy, sua caseira, reluzia paixão das lágrimas e anos derramados como de Shem, sua pena poderosa, uma vida pregressa maculou seu auge.

Meu colonial zoador, que sacção! Uma dúzia de treze com um décimo pra explorar. Isso é o que vosmercê pode chamar de conto de um barril. E merkantrilismo Hibernoniano. Tudo isso e muito mais num envelope aramado caso te atrevas a romper o selo da boceta de pandora real. Não é de admirar que tenham fugido de suas venerenosas pragas. Jogue-nos seu sealbonete hudson pela honra de Clane! O gostinho de xixi herdado da água. O trarei de volta, na primeira jungada no marne. Merced mulde! Ah, e não esqueça do alvejante que te emprestei. Tens todos os redemoinhos do teu lado da corrente. Bem, eu sou a chulpada por isso que fiz? Quem disse que é a culpada por isso? Usted estad quase na terceira margem. Eu estou nas grandes veredas. Apenas sufocados sons de cornetas atravessam meu caminho dvine até que jaclérigo loucan tira sua batina, com a narcisa vida passada de breijadora dela pra fazê-lo siarrepender de sua feira de vaidades. Tô lendo trechos eróticos da bíblia chinookaiowá dela, enojado pela blasfêmea mas gargalhando com os títulos gozados na página de rosto. *Senior ga dito: Faciasi Omo! E omo fu fo. Ho! Ho! Senior ga dito: Faciasi Hidamo! Hidamo se ga facessà. Ha! Ha! E Die Windermere* [212]

Dichter e Le fanu (de Sheridan) antiga *The House by the Coachyard* e Mill (J.) *On Woman* com *Ditto on the Floss*. Jah, um pântanogruel pra Altmuehler e uma pedra pros seus fios deltais. Eu sei o quão animados se movem na sua roda. Minhas mãos azuis suam frio entre uisker e suda como aquela adornada porcelanna pra chay ali, deltada abaixo. Ou onde fica? A vi deltadinha junto aos falos de relva. Hoangho, ai de mim, eu a perdi! Aimihi! Caquela água turbulenta quem poderia enxergá-la? Tão perto e tão longe! Mas Oh, gihon! I lovo u'ma fofoca. Eu poderia ouvir o maur e morava de novo em tititi. Rio Regente dazondas. Moscazarts flautuam em ti. Plena é a vida pra mimimim.

Bem, sabes ou não sabes ou eu não te cantei que cada conto tem um finn annal e esse é sobre o dele e dela. Olha, olha, o crepúsculo nos envolve. Meus altivos galhos estão criando raízes. E meu gélido sol-fá petrifica-se em tons acinzentados. O tempo não para? Filousofou! Que era é? Já tá tarde. Jazz faz um infinito que senneca ou zizék ninguém viram pela derridadeira vez o hillógio da Casaquática. Fizeram piadacinhos deles, eu os ouvi suspirando. Quando vão remontá-los? Oh, minhas costas, minhas costas, meu bach roco! Gostaria de ir pra Aches-les-Pains. Pingpong! Esta é la Belle de Sexylolitez! E Concebuda pelo Espírito-senta-nos! Pang! Torça as roupas! Torça ao relento! Godavari, vert o goldenshower! E conceda graça infinithaya! Aman. Vamos estendê-las aqui aguora? Sim, vamos. Flip! Estenda na tua margem e eu estenderei mimimis na mia. Flep! É o que tô fazêno. Estendadá! Tá ficano frio. E o vento levanta. Vou porumas pedras nos lençóis do finn's hotel. Um novo e sua noiva se borromelaram neles. Sim não eu só os teria aromatizado e dobrado. E vou atar meu avental de açougueiro aqui. Ainda tá seboso. Seguemundosfreud passarão por lá. Seis mudas, dez lenços, nove para secar ao fogo e este pra anotações, os doze guardanapos do convento, um xale de bebê. A boa mãe Jossiph sabe, ela dirce. Quem dirce? Dirce roncando? Bem Delta sejam! On jack questão todosos filhos dela, cantame? Na glória do troninho ou em edípica busca do poder paterno? Allalivial, allalluvial! Alguns aqui, mais não mais, maizuma vez perdidos alí no l'étranger. Ouvi dizer quio mesmo brocha dos Shannons virou um casado família na Espanha. E todosos Dunders de Dunnes nas Vinhas da Eire de Mark, além dos pesqueiros de arenque de Brendan usam chapéus número nove modelo yangtze. E uma das miçangas de Biddy

[213]

saiu rolando até quiela reuniu todosas as restórias perdidas com finn-me-quer ann-me-quer iuma vela de sapateiro numa oblíqua belle do monte duma comporta principal duma manzina hidrelétricaos fora da Rota dos Solteiros. Mas tudo o que resta para o último dos Meaghers na lupa dozanos prefixados e intermediários é uma joelheira e dois anzóis à frente. Me diz isso agora? Trago verdades. Orara por Orbe e a pobre Las Animas! Ussa, Ulla, todos vamos pras tumbas! Mezha, não ouviste isso um dilúvio de vezes, ufa vezes ufa, respunda a pergunta? Fala, Fala! Eu peço, eu peço! É aquele protetor de ovídio que coloquei na minha bundaar. Tudo é silêncio nazáguas do lete. Orinoko meu! Qual é o teu problema? É o grande leader Finnando em pessoa com

seu joakimono em sua imponente estátua equestre à frente? Pai dos Otters, é ele mesmo! Yonne alí! Isset é aquilo? Em Fallarees Commons? Tá pensando no Anfiteatro de Astley onde bobby o impediu de fazer doces biquinhos pro cavalo branco fantasma dos Peppers. Tira as teias diaranha dozolhos, muié, e estenda direito a roupa lavada. Sei bem como lavas uma roupa suja. Flap! Irlanda sóbria é Irlanda finada. O Senhor esteja contigo, Maria, cheia de graxa, o fardo esteja comigo! Tuas preces. Sou sun tzu! Madammangut! Tutava praticando levantamento de copo, digamos, bochechas brilhosas, na taberna Carrigacurra de Conway? Eu era o quê, bundaleijada? Flop! Tua rara raba greco-reumática requebra desconjuntada das nádegas. Não cedo madrugo no úmido amanhecer, margarida maria alacoque, com o pulso de Corrigan e varizes, meu bico de papagaio esmagado, Alice Jane em declínio e minha vira-lata caolha atropelada duas vezes, molhando e branqueando trapos na fervura, e suando frio, uma viúva como eu, fazendo das tripas coração pro meu filho ser campeão de tênis, o lavadeiro das flanelas da lavanderia? Ganhaste dores no limpopô limpando cuecas de hussardos robustos quando Collars e Cuffs era o herdeiro da cidade e sua fama emannava fedor por Carlow. Santo Escamandro, joga bosta na geni de novo! Perto das cachoeiras douradas. Icis é nossa! Seints de luz! Zêzere! Sem ruído, criatura stockhuidosa! O que é isso senão um relinchar em crescendo de burro ou do asno dwyer gray pertencente aos quatro velhos jornalizts. Tá falando mal de Tarpey e Lyons e Gregory? Meyne refiro agora, agradeço a todos, aos quatro, e ao rugido deles, que guiam aquele desgarrado na névoa e o velho Johnny MacDougal junto com

[214]

eles. Eis o farol de Poolbeg adiante, pharphar, ou um barco em chamas costeando o Kishtna ou um brilho que ouvejo numa embarcação ou meu Garry que voltou das Índias? Espera o mel de la lune, amor! Morra eva, pequena eva, morra! Vemos essa maravilha em teuzolhos. Nozencontraremos de novo, maizuma vez partiremos. O lugar eu procurarei se a hora vassuncê encontrar. Meu mapoema brilha intenso onde o azul via lácteo coalhou. Perdoa-me rápido, estou indo! Bubyel! I tu, tira teu relógio, nãomesqueça. Estrela-guia. Assim salve-se até o finn da jornada! Minha visão está nadando em turvas camadáguas do meu eu pelas sombras deste lugar. Ritornello pra

casa devagar agora, do moy valley ouço jeito de ser ou nem sei. Eu tombei riortorno, rathmine.

Ah, mas de qualquer mineira ela era a esquisita amiganciã, Anna Livia, que leva o chocalhamarrado na canela! E celtamente eliera velho pra quarai também, Diabo Desonrado Dublinécio, pai adotivo de gallotos feions e belle gallota. Velhaca e velhaco somos todos seus gangsters. Ele não tinha sete meudemoiselles pra coisar com ele? E cada demoiselle tinha sete benfeitores. E cada benfeithor tinha sete putonalidades. E cada putonalidade tinhum grito diferente. Frutos do amar pra mim e ceia pra ti e a conta do médico pra Joe John. Blefe a cavalo! Bifão de cação! Ele se casou com sua mercadoria, desvalorizada pelo uso, eu sei, como qualquer Etrusco Católico Herege, em seus suaves mantos rosa-limão e túnicas indiannas lilases. Mas quem foi a esposa que tomou leitinho? Cantigamente tudo era permitido. Fadaoeste cabloco! Tempos de eruma vez e ritorsos felizes. Eterno retorno do novo. Ordovico ou viricordo. Anna foi, Livia é, Plurabelle será. Os feitos do Homem nórdico viraram folclore no sul mas como a multidão de plurais cantava cada soneto no swingular? Latiniza-me isso, minha douda trindade, do euro sânscrito pro nosso fuxico irândês. *Hircus Civis Eblanensis!* Ele tinha tetinhas de cabra, macias pros órfãos. Ho, Deus! Gêmeos do seu seio. Senhor livrai-nos do mamal! E ho! Ei? O que todozos homens. Quente é? Suas filhas risonhas de. Cumékié?

Não com cego ouver azáguas de. Azáguas escaudalosas de. Amorcegos agitados, ratões do bach'nhado, cantam. Ho! Não foi pro ocaso? Que Thom Beckettiano? Não consigo ouvir com a kkkafonia dos morcegos, todazas liffeytidas águas de. Ho, salve-nos do palavrório! Meu pé não mexerica moois. Me sinto tão velha quanto aquele olmo. Uma história contada sobre Shaun ou Shem? Todozos filhos e filha de Livia. Os falcões das trevas nos ouvem. Noite! Noite! Toda minha caibeca pende. Me sinto

[215]

tão pesada quanto aquela pedra. Canta-me de John ou Shaun? Quem eram Shem e Shaun as falhas ou filhos vivos de? Noite agora! Canta-me, canta-me, canta-me, olmo! Noite noite! Cantame contos dárvore shenealógica ou shaun de pedra. Junto às riortornantes águas de, riverrantes águas de. Noite!

[216]

LIVRO II

I

A cadentardescer no puontuoal aoscender das loizes e aoté nouva aotração no Fêni'sesc Palco. (Sebastian Bar e lojinhas sempre abertos, Club Dedança no subsólon.) Entrada: propovo, um hell all; prozabastados, um generoso xelim. Reajustada a cada dia de perfumance. Matinês com Sonhatas. Sob acusação, hora de neném nanar, de pôr pra fora. Potesdegeleia, torneiras de porters, tieck token raul. Com rodízio notturno de papeis e atores dirigidos pelo marionetista e dublagem diurna de espectroatores, coa bênção de Santo Genésio Arquimimo e sob o ilustre patrocínio de vossas Ancianidades do quarteto de Matuzaléns de mede cus legistas de Findrias, Murias, Gorias e Falias, Bambambãs de Coarbs, Clive Sollis, Galorius Kettle, Pobiedo Lancey e Pierre Dusort, enquanto el César-em-Chefe obselva. Assaz. Senado. Comuinterpretado no Adelphi Pelozirmãos Bratislavof (Hyrcanus e Haristobulus), após humptiatralizações dumptionescas renovadoras. Ante todosos Roucavaleiros do Rei com todazas Homães da Rainha. E palavras à deriva nos sete mares multiexplodindo in musissanscrituraceltiqueslavelenisteutônicalatina. Em quatro tubloides. Enquantuo inferninn nozaquece até que façum friozinn maccoolgelante. *A Mímica de Mickjegue, Nickapeta e as Magicats*, adoptada do Balletmecanique de Villa-Lobo Mautner por Chiquinha Glosada (autoria de 'Pé Gandhi'), apresentando:

GLUGG (Sr. Sheumas McQuillad, ouça as charadas entrio robô da ala das bachianas e o gagster na ópera do malandro), o trombadinha abandonaldo dos contos de fodas, que, quanduas cortinas

[219]

sobem, como soubemos, porquele sabia demais, foi divorciado no tribunal da desgraça por

AS FLORAS (Defensoras do Declínio do Império de Santa Brígida, demandantes aciduladas), um bando de lindas donzelas fevereirosas que, quando assediabas, montam com valkyrianna licença a guarda pra

IZOD (Miss. Carpeaux de Fusca, peçum folheto azatendentes), uma loira do tchan deliciosamente comcovinhas ié cuparável em beleza apenas cu reflexo gracioso de

sua irmã num espelho, a nuvem da opala, que, tendo reinjeitado Glugg, está fatalmente fascinada por

CHUFF (Sr. Sean Bob Mailey, veja o pictograma de giz e sangue na cortina de segurança), o fino fulano franco e fulvo dos contos de fraldas, que luta pra chegar ao topo com o bach baco bad boy Glugg, geminalmente sobre gorros ou guerras ou bolsas-novas ou esperanto godot ou atirando geralmente na roça ou o pound no goethe, até que notam um padrão dum certualguém ou doutralguém, apoizo que ambos são corregados pra fora do set e lavados pra casa pra serem ensaboados, esponjados e esfregados nuvenmente por

ANN (Seiorita Corrie Corriendo, scoula El Greca, traga us bebês, Piader, Poder e Turtey, ela mixtributa medidas mãenetárias, após perdunamento, cem ovos entrando, cocoricartas não devem faltar na panela velha do nosso galo nacional), sua pobre madrastra véinha, quié a muié da casa, contracena com

HUMP (Sinhô Faztudo Gunntijo, leia os veríssimus ditos de Laxdalesaga no programa sobrio Rei Ericus da Showécia ios sussurros dozespíritus em seu elmo mágico), em boné cado com relógio e cartola, casaco, topete e suspensórios, a causa de todazas nossas aflicções, o redemoninho, o raio e o probrema, que, tendo se recuperado parcialmente dium recente impeachment devido ao ovo eterno, mas complieta&minticulosamente proconvertido, propenso a exame ciclológico, ele star, vilejando maizuma vez, navicando e caravelando, naporância da substância pra membrância da umbrância coa reminescência da emblemância riovelando um supercargo quemdam, de Os Rockeiros, Opapaépop, empenhado em entreter em seu posto de imigração em Uísk-sobre-a-Távolardredonda aquelas peixoas com xede de justicerveja

[220]

OS FREGUESES (Componentes dos Cursos Corujões na Academia São Patrício para Cavalheiros Adultos, consulte o anuário, subsucção de chopin brahms), um grupo diuma dúzia de locomotivos representantes cívicos, inquisidores de escapulidas, juramentando-se ainda mais mal servidos apoizo final de cada copo por

SAUNDERSON (Sr. Knut Hamsuassuna, Babelbum nazoras vulgas, imparável na cama, imitação de lalinguado, kingkongaceiro lampiônico, soberano degolado, não

chegavara diariamente, poll esias roll antes, Vale Dozanões, o Gungnir, seu gasoduto, seu terremorto, seu cigarroloki, osv), um cabebeleireiro e embebedador, indiferente ao mistério mas influencheiradô do fedeusão e budão de

KATE (Srta. Raquel Lea Varian, conta iludibifurcações pra solteirões, sob a tenda semgana lê tarô mão porra de café de Madame d'Elta, durantias pausas), crozinheira-e-frauxineira, bruxa crente no crer crér crer creiam, mouradora do cemitério ou viradoura de bolsinha em asgaard, o show tem ki continuar.

Tempo: o presente.

Com pinturas futuristas do balébélico equestre e o Desfile da História Passada pincelados com varionções animaiscaas em meio ao manguezaldominotauro e espiões dos Srs. Tupã e Humorglobina. Sombras pelo cinema popular, manifestonções pelo cidoidão de bem. Conduatas por Impuexu Vitale. Grandiangular, up-closes, setuacelb e privadanopalco de Lombalgíria, Xerenata em hell menor, Opirueta em hell maior e Rocknarrag. Criações desenhadas com primor por Madame Bertha Delamoda. Danças coreograalfadas por Harley Quinn e Coollimbeina. Piadas, charadas, estripulias e jarros pro Wake tomados da herrança do entumuladrilhado finado Sr. T. M. Finnegan R.I.C. Labiosomascarado e lacraniano de Só Sim Ki Nada Sim. Limões e Inundações por Bruno Sofistinha e Toll Zé. Cachimbo Kopay right de Kappa Pedersen. Chapéu pra Cabeças de Pinho com vinte e quatro furinhos feito por Morgen. Hérniadediscóboro e bolsadebarbante do Super-Heróidotô e tod'Azas Ladies presentes. Árvore retirada pra replantio. Vende-se Pedra. Miscigenassons finniciannas e hipoacústicos Pós-Sourdanianos por Bat carteiros e Carpinteiros. O Lovenocarvalho com o bichodaceda entre duazamoras de Sowryso-Shopado, semeanduomens. A mala fúnebre despachada Porordens Gerais no Correio. O crack (isso é Cork!) é obra dium dos deuses fumantes. A interjeição (Buckley!) pelo bombeiro

[221]

nu quintu duzinfernu. Música acidental providencialmente arranjada por L'Archet e Laccorde. Melodiotiosidades em purafusão pela partitura. Pra começar no prelúdio, precisamos dium pinto a pé inicial, de humoração clownmunitária, cadum por si, e pra concluir com êxodo, cremos de bom tom acrescentar, um coral em cânone, bom pra tutti noix pra tutti tuttis noises. Cantorias entrios atos pelos ambianfiões de Annápolis, John DC'Comics, soprano masculino, e John Salliva, baixo nobre, respectivamente:

Oh, Maestro Sargentelliszt, meu dez es maior que seu deux, então não me surpleendle quiocê queira qüella garrafla de Sauvecequempuder e Rasche o mano in Off no in Lasse Do Maxixe Der Nietzsche. Até o pico das cenas picadasgalaclimax de cataestrofex, *A Montanha Barbuda* (Moussorgskykando Pelado) e *O Rio Que Balança o Berço* (Criancinhas Uniformifetichizadas). Todo o saramagogmagog, incluindoas porções entendidas como odmentidas assim camus os resultados dos respectivos titulares neglindigentes em autoprodução, pra tomateação na pós-graduencenação poruma Magnificante Cena Transformista mostranduo Haydin di Pilha Casamenteiro de Escuriadão e Evamanhecer e a Cobraurora da Paz, Pura, Perfeita e Eterna Enquanto Dura, Despertanduas Brocharias do Mundo.

Segue-se um argumento.

Chuffy erum nangel naquela épicanha e sua salsichespada reluziu tal karl trovarão nuespelho. Tonto final! Sincto, Sancto, michaelvis presluz, defendy nous do sin anal da cruzcubina. Jogue purpu urina na maldição. Eminém.

Maizo enxofreud du diadublin tava em Glugger, esse perdido-na-veda. Puncto. Ele tava bufando e cuspindo, tossindo como hans vacastorp, esfregando isoldolhos lacribeijantes e pernolongordenhando suas tetas a res peitos da brev idad da hermanexistência e outros lubbockantes prazeros da vida. Ele mpbrindou com o chicobuarcálce orando argilozamente à santinha do às de paus oco. Libera-me disso, meus espartilhos, nenhum puta cagaçu de poetaria. Atos de pé, casconvicção e religidedão: patatletas de cristo. Djowl, o buraco é maizencima!

Starva mestiçádico poraquele nombre de evelinda, mas quão penetrantes em sugestivulvidade foram os primeiros siririciclos femininos, com livres espasmões fugosos e cintilações lacranianas em ciranda matisseanna, com oscilações que fizeram a luz milkshakespearerecar perversamente por todosos ares crepusculares e sabres lumidinosos que starvam warstrás dele. Sammy, dê num cie.

[222]

Marylamb, sofria embaralhando todazas doenças do deusconhecido. Marie Louisan Shousapinas! Se Arck não pudesse mais salvar seus cordeirubins das maracutaias do lanoso lobo loboaldo! Se todosos signoises inlandaéreos de seu ajudalfabeato em braillibras desdium Paternal Ogham até Idiomaternalis Maçons aquele Glugg não poderia pegá-la pelo colour de sua noivivacidade! Nem Rose, Sevilla ou Citronelle;

Nem Esmeralde, Pervinca ou Indra; nem Viola ou mesmo todos os quatro temas arcoíricos delas. Mas, o ponteiro mensaxofônico ticktoka marmelad'árias na jarragogô, eu sou (vintene pantominas) tudo isso. Ereto na frente, pandeiro normalmente caído, oniricaxixizando e tamborilando atrás dela e assobiando um papa é pop. Kikié issy, Ó saint-heliotropez? Isolda é dada?

Levantou-se cambaleando, alegria alegrias, pra nonadar e morrer na praia, radiante em pessoa e calmo como hulk e si é a mim que chamas eu desejo poderteucull por ti.

E eles sienfrentaram, face a foice. Firmes, força a força. E Copenhague-Marengo não horsestava tão condenado a cair desde que em Glenasmole dos Tordos Sorridentes O'Sim ão caiu do Caivalo Bianco no finn.

Ficcione ondístá, mano abrownzivo! veio o evangelião, sabre acusador, de toda a Florefesta de lansão João pra matá-lo ou mutilá-lo, e amaldiçoa-lo a apundrecer trancaficcionado. Et proferiria ao seu deleitado a sua folha de hellva.

Um espaço. Quem es? A mãe do gato. Um tempo. Que te faltas? A aparência duma rainha.

Maizo qui serás qui serás a coisa deveras única que deverás apreender? Investigue, frite os miolovos, a foucaultdade do rizão.

O jeitodeperguntar o que hcé o que hcé deve ecoar. Uma linguobscura, cumminglês. Ó putatheoperil! Sababeldoria Ethiaop, a conversa piada. Ele perguntoou ao cabeça duescudodefogo maizestava submerso no tom zésquálido do céu. Ele sacou a joãogada no ar maizisso não trouxe marcus nem mensagem. Olhou lucasmente pra flordarazão ondiapenas seus botões florriam. Por fim o terráquio aguou a lista de schindler pra sinalizar comuela se mateusbarva sozinha tão alegremente. A Whiskola de frankfurtimoralidade.

Com nada conectado desdias línguas de sim anais dos éters.

Item. O viogro tava bemduro então. Queria ir (a algum lugar) enquanto urrimava. Utem. Deuszeusjahva machucar os cibudãos de zen, ou

[223]

cerveja, os quatro karlvaléryos. Otem. E não demorou muito até que sessentisse fiel ao flato de quiele ranciêra goodda purssia e logo depois fingiu ser milico do sargento de malícias quiera bandido da luz vermelha. Etem. Ele tava na casa das tia de bruno só festinha pra dar (aos quatro karlvaléryos) a presença (dium finnado pessoa). E issy

é o quiele queria. Eliencontrou os quatrod; eles acharam as pedras lançadas; adoeceram com o pato ao molho aerado: e ele incendiou a cidade com o fogo dos cristãos. Atem.

Pronde pende nostroscontos.

Ah oh! Este pobre Glugg! Foi triste como se falhou dele em ralação a sua velha mãenancial. Verdadeiramente deplurábell! Ah mar quiavélico, Oh mor fético! E toduo cargaço geneticaótico ki habiritava nele de seu genitor nascido da collina.

Celtas vezes torríbel! Caquela sua expressã sobrianatural e o woolfarol baixo saindo de suas órbitas pralém dualém encanto la belle sesparramava no hábeo qorpus dele pondum pinto de interregnação no coisamento: Comocê faizisso sem trancar a porter e lacrar a carta, por pavor? E ordena quiele a satisfaça, siriricantando e armando. Toca, harpãodeaçucar, tocuma rapiadinha pra mim! De modes que Glugg, o pobrezinho, naquele metecemcachorros quiera sua subcãociência phodia auaussustar a todos nós pela cançãoência di qui seu acusadó-ré-mi blábláblária uma indiscranção ou se as pedrasfilovogais que cutocam o tímpano do desa'finnado também batem em um cabeção. Canção do Exílio ou sexofone meia bomba? Ah, oh! Cecília, musichista!

As jovens raparigas-em-flor agora são vistas proustadas, florindando uma, ou, caso em cinta-floriliga, mostrandando-se consociadamente na popôsição que napoleão perdeu a guerra a seu garden-costas π -de-xixinelo.

O diaboy magia dela ou delas, se são tão plurabelexoalizadas, surge como um caphetão, zerozerosseteando como se devilse investigirl por seus charadolhos as cuores que vestiam cuando todas marilynmonroearam a saia. Tireton, cacheton, tireton, ba! Isso não é jovialmente satisfatório, senhor? Quanty purty bellas, aqui, Madama Lifay! E cú quê qui cê vai cú quê estalos, Madama, diga? Cinderelly balangou seu chinelinho; era tão piquitinho e ainda lhe trouxe um noivo. Ele vai questionapavorá-las sobre seu garden-costas π -de-xixinelo no próximo encontro (quem de feto é o espada entrios doizirmãos punhetotheiros que phode sessegurar, especialmente por fazer justiça cá própria mão encuanto esperava, mamain, um gracioso papain-mamain: Mi, O la!), e tira o fio delta pra fazer arte: Sessentiram as musas do carro-de-buckley? Apoizoque a poohaa saiu un poco prico ocê mente

[224]

sêmentête-à-tête de hilaridade (Lad-o'-me-soul! Lad-o'-me-soul, see!) e a palavramágica foi vocoralizada aos quatro kants por tootas as coradas coralinas, embora sem querer querendo contar com sua astúcia, maizapenas cum beijinho nuombro rebolento pra entrar em troia e descabelar um pailhaço por todessa história incediadora pras ulstramarinas. Coiso contrário, controlorando notas analzaladas, sinsinuam silenchiamente, Xixistando, ele axina um tarado de paz em xuas calçolas e brinca com jeitinho.

Lobisomem-se! Ville-Lobo! Taboo!

Então desincordeire-se por seu pé-de-muleck quio huck fez theflashmente, tão rápido quanto pernas usainbolticas; e ele acorou no estilo é o tchão na dan dança do ventre. Perguntando: Cal é o meu crème brûléefistófoles presses tempos? Pra padeiradivinhar: Pãozinale e manteigazucrine e saladamaldiçoe. Então pãosse mais manteigazucrinação e mais maldiçãolada. Então no pão no manteigain se não patrickar wurra-wurra vermeentemente. E Shim devil sher shomestiço.

Como Rigagnolina pra Mountagnone, o quiela quieria fofocar ele não podia. Tudo o quiela quieria caguetar era douradado como prateza, tudo o quiela quieria rapadedurar é quio rapaiduro é doce mas não é Nobre não. Surdeixando-a louca por ser tão mudotado. Siele falasse apenas cas paredes em vez de botar a fala na mesa como um falósofo empalado até o raio quio parta e se tudisso entrasse porum ouvídio e saísse poroutro! Hee. Fala, papaigaio bombonzudo! Mitzymitzzy! Embora ieu tenha caído de boca no matagal, não sou uma beirabrejo.

— Cê tem moonoleters?

— Não.

— Ou Mármoreduinferno?

— Não.

— Ou a pérola coral de Van Dieman?

— Não.

Ele perdeu.

Vá pra igrejazz, Glugg! Adelante! Fica dioreia in pé, Glugg! Xingou sua hora! Roda a bachiana pá noix, Chuff! Au hell vo ir! A babeleza interior de Cuffchuff. Tudo vai às mil maravilharroz nesse munduespiral!

Entretantro, ah prantos, quem será sua mãetéria? Elha prometeu quielhe olharia prela. Praprovar sua belheza. Maizagora é tão cubeiçado e tão distante e assim por diante. Jerry ségui o mundo e fódi. Alibyebye! Siscarfedeu.

Todazas flowerzias e todazas musgoesias caíram no seu papano furado. Os nós lacranianos, os exibidianos, afrouxaram ante o libidiânos borrado.

[225]

A perolografia, a perolografia, não sabia se chorrava ou se ria. Haja a vista catarática das Carolinas quias belas Dinahs phodiam cutemplar de camarote.

A pobre Isa oldava santada nuescuro cuma lanterna dozafogodos sem filha; as vagalumas num desalumiado golpe de vento rodemuinhando ruidezamorosos de seu cisne. Ei, moça! Cadiquê elamedronta cuece brilho tão sombrio, essa pobripatética l solda? O enamurado dela teviuum finn macool a vélhico. Tenha ao menos a bundade de sinpaitizar. Aonde quier quiele isteja, ela istará ao lado dele. Siele for pra lugar nenhum é pra lá quiela vai. Todavaia siele vai ser filho de Frances ela será filha de Clare. Taficcione macoolnha, plante murta coisa, espalhe arruda, arruda, arruda. Ela siesvai comua fimdumentária da Jornaday de tal modes que não phodes vê-lha agora. Ainda sabemos camus é o medus operandi do Tintureiro durantio Dia, na penumbreira e profundez e crepusculeza e escuridez. E entre o louis viuvvon que Eva tá usando augora ela há de laçar um noivo noivinho em falha, tris e tão. Mammy era, Mimmy é, Minuscoline será.

No Dee mergulhuma dama e a dama desejuma damoselle maiza damoselle emperiquita a boneca e a boneca fazium lanche de dadoce. O de sempre se rionova. Poizembora ela seja solteiranna vai siamarrar e ajudar o tales maridetto a kikar. Riomexa e agagacha e querubina e canta. Lord Chufinn é o sherifinn do pararriso e Glugg é o bambach do sambach.

Assim e assado, dedo a dado, rodozodovão e rodozodovoltam, pois são as anjingles, espalhando mayacenos miss univérsicus o canto podem, pois formam uma guirlanda anjazzlical.

Meias de catchemira, ligas sem justiça, sapatorriociclável, só patinhos de cristao. Boinas Pennike air konkamisinhas speennydo e um anel em seus adidedos olimpikus. E pulescrevem torto por linhas tortas, enquanto se ligam à luz. E parecem tão bellas, plurabellas, bê-dê-êsse-ême-zadas numa noite nupcial. Pondo dentro fugosamente.

Em fuga após a tocata na ré da menor. Se echistam um porco, um porquito, um porcadito. Na sequenza rompa o cachorral giro em torno da raba do canône.

Rotule-as todas mas diferencie-as, cadenziando coloratura! R de Rubretta e A de Arância, Y de Yilla e N de greeneriN. B de Boyateazul odaliscando com O enquanto W warcoirriga as fleurettes de novembrança. Minto embora sejam workolegiais in progress ainda assim elas flôram em frente. A visão dadança de avignon é dancididamente matissenante. Les Demoiselles Picassudas de Annans fazemcareta antio di Luvium. Assim. E então novamente careteiam. Assim. E miss Infianitta de Eras futuras Morre

[226]

de Ira careteando. Assim. E então novamente careteia. Assim. As muitas piadesposas de Windsor Nunes.

A cafetina da bodega enfia a mão no saco de feijão, a dama de choppanhia chupa o caldinho da lata de parafina, a Sra. Lebrebraba Doutora sem doutorado roda a bolsa-nova no calça'adão de culpa cobrana co instinto relâmpago que reúne num estalar de tro'evões, a viúva Megrievy tricotum beaberço de gatos, essa bundosa atriz tem um cãodecaça sob a língua, e aqui tá a garota que siajoelhou no conficcionário e disse ao cura (spt!) quíe marmita dum cara (chp!) iêça minina tem prazo de velhidade, essa socialeitmotiv, quiscreve autoajuda filhanceira ao pé da letter no pó do quarto das crionças co dedão do pá. Fuzuê.

Todazas ovelhinhas desgarradas riotornaram pra casa do peepai, junto ca sua inocência perdida. E rumam puressees rumos. E rumaram puressees rumos. Ursula, Olivia e Beatriz, Nelly e Furtada, Amy e Wine Rosa. Lá vem elas, toda a cambada sirigaitando, pois são as florais, de prétalas e violetalas ao rubor das papoulas, blue-me-quer, enquanto há vida há greensperança, com estratagema amarela e buquê de casamentorange, todazas floresias do jardim das poetarias.

Mas vice-versando machboathos praquelas palmas de perfeição praprovocar a floresta que shakespeareanda, montanho das tresrochas, mais pra lá que pra cá do macphersonso oceanho, verdi di raivel, que tormentas de som&fúria complementares balansignificaram o nadiabo desdia cabecha até u shentro de shua barrilga enquantuele desnudava toda a ciência xigaguejada de sua visível desgracha. Sessentia tão engraçado e chocado com o ponto g da guesstão, sobre a qual é a qual

é águarota que cai em pé e colorre deltada. Sias graziosas gansonsas sorrissent um sorrisoblíquo e dulcemulado eliestaria se giribando por ter comido um piadaço de mal caminho. Mas nenhum gesto revela o deusconhecido. Todas tão contra ele, as bestas. Trair e coçar. É só começar.

Ele batismergulhou a cabeça em Wat Murrey, nocauteucaristiu Stewart Ryall cum soconfirmação no plexo, lutou em comunhão-sangrada com Gillie Beg, limpenitenciou todozos seus parcados, matrimarciais e veneriais, de Shrove Sundy MacFearsome, excrementou tão livremente quanto qualquer extrema espumunção em MacIsaque, rolou porrada na linha de santura, fimose a fimose, com Munch Grito por nada e, sendua idade da infância a primevasafadeza, minta a Drogo sobrios Tártaros tartarin de tarrascon tourtoun, clamidófago vestimentívoro, imbreatrelado porum

[227]

tempo indizível que pairava sobrio Meiolancólico Machonociolêncio do Abismal Fort Bastiani. Lar!

Toduotempo, moshas missies de mongies munjiques, dó-ré-minando sua mente, filho de Everallin, dentro de si, jurou. O Bichado Macnoon é magnoon! Cruz dum bispo forjador! Ele se dividiria. Daria um big berro como San Patrickpartite. Meta o nazi nozinfernos ondi arrancam dozilhéus a absolvexação dos petriotes. Joga Boscknitza! Na Genik! Pegaria carona com caronte no barcuamanhecer entrio beemthoven e o mahler, espinhoso e trevoso, até quia baca boca em arco rimbaldengula o barco bêbado cum três velas ium vento, sio tempagode permitir, levantepáscroak, bruce leencioso, exilado coriolano e lulastuto inácio. Do poplural ao sicular mas do cumunista à terceira vaia. Tchautchau, Brassolis, to hino nessa! Nossa guerra, Dolly Gray! Um sonhodeconan do círculodeloda, o cara finnou cá em fianna. Papa-anjo nunca mais! Michionario pro minastério de todozos shemêns de Aram. Shimach, eon da Era. A máxima de Mumiãe, o livro proibido e SugarRay LeonarDora pra mastrar jabs até a muradadosmortos. E Tio Silas treina até o holyfinnd suas forças. Desconexão da punchucessão. Ele se dedicou de porco&arma ao banimento corporal do alterofalhista da Pensilmania, Armórica Brutônica, pra absorver a Sra. Glória da Bolsa de Valores, reencornada, (pronto!) pela meteoromancia e weissdrogênio linguifeito, desistiu de pagar pound a harry porter e pegar o metrô Zurichorinthians–Paristaquera e retornar à plutônica zona tri leste, sua città immediata, cum valium

transporter de edda e volta disponível anossim anonão desde 1910. Direitos já pra Rody the Roder. Do lado seguro da distância! Libera, nostalgia! Beatle Laurentie O'Tulie, Euro pra nobis! Cada macaclérigo no seu galhastelo onde cada mintira ligocente é seu próprio ligartenente com pernocas inclinadas à visão maniacroscópica da perseguida e do dito cujo em seu retábulo. O jeito é dar uma fugidinha, fujadofogo! Ele iria, cu maior prazer, antes de parnellexpor o infiel da balança, peladorada roupa suja jogada no canal furioso, proutrasmargens do Jordão, (iça eça cabeça mete o pé e vai na fé, águoboy!), mastombar-se cuma porradanavaca iuma colegião urbanassanhada y mandar bala, ghiornal jailcional, pra sebastianuir melmoth, sua primeira epístola aos hebrows. Desdios pigmentempus de Cornelius prepositus de Samaria à igreja de Antioquia. Salvo! Ladiesgagas e gagavalheiros! Chega de tordenskjolds! Amor livre pra embabeldar! Todosos salmõezeenlatados a

[228]

seth palmos da terra! Com presuntofensas e desgostovos até segundas ordens! Os primatas selvagens não o impedem de recriar uma escrita habilmente travessa. *Nom de plume!* Ki Deus castinguelê a ingoetherra! E envie São Jorge pra Maria Inglesolina! E tiassustes com gagalhadas siusares vini'cola com skank! Poizelié o general, não ouse inganá-lo. Elié o General Hitmaker.

Vá pra escrivaninha com a saciedade de aurtures em S.P.Q.R.ish e informe à velha e hiênica imprensa sansacionalista e sua nação de ovelhojistas sobre toda a difícil realidade dos flactos entrieles, molesty de milady cuposta por melodi de malodi, ela, la lalage de leleoas, e lele, seu don quer xota. Pra Wi-flor de La Rádio Diflorzora do Careca Corvo Poe Ético. Pra todos no alcance do cristal receptor.

Apocalipso. Lotó fogos. Há dias. Neméolo in Pátria. O Almoço Lestrigoestoso. Cilaerosmith e Caribee gees. Um Iceberg Errantitaníquico. Do Ciclopotequim das Sereias. Blues do Soul. Anal é zica. Cirçanta Casa de Mísero acorde. Nudes de Oliwalpurgis.

Machórdido! Ele desnudaria ao caba não mundão de Leimuncononnulstria (ium poker mann segmundo freudando até seuzaparentados pares!) comuesse amigodefé, irmãocamarada, o sabatista (que facções dividam sua barba!), ele também tinham co oh lhão no megafundo de seu chapeugilgameshicano e como sua Let's girl, sua jogatinha, akehla sposa frígida, nunca parou de maltar e destilacordar seus jamessons

desdio abismo quio machadão fez no delta dela assisnando seu microcaosmo tão lockunar quanto tábula rasa. Então se pescaram na chaleira e lutaram pela libérté geral e ela comeu a rabada dele com chá e brushetta. Ele sentava e dedicava tudo à baixa lixeiratura assim como pintava o set e glosava tudo que phodia em rascunhos e páginas brancas, sem ceder a nenhum homem na ignorância dos hinos, vendo o quão molly era o coração dele, recunhecendo seu acto de confricção no selim da bibliacicleta. E, lendo seu prepúcio e escrevendo com sua pirocanela, preenchendo novinquéritos pros seus auditadores, Caxton e Pollock, um mui humoralizante livro parqueminoso pra jeremiada de todozos povos, sob a prin zidência da duquesa do ducadomaleducado, a prin acesa isoldabel, Idolatrada por tantos e tontos no bloco de Karnalvrau da Wai-waigner e por conta do encantador canto do conto de seu marido em intimidade consigo mesmo, que roubou sua inonsense e judiou da

[229]

pereureka com sua espectroscópica e por que tava sem cor e cadiquê caiu na tocaia grande de sua própria cusparada autoral, primeiro no ladodabochecha por Michelangelo e, a pisar dos pisares, no colo do velho corujoe Bill Zê Baby, e a fórmula suburbanna pela cual las garotas prouvencials expeliram ozovos dele humptycionando seu Dumpdyspejo da câmara dos deputarados (osco de basco de pesco de bisco!) pois toda a boa vida dessa criatura erum omuletter cum erbas finas numa anárkika finis orbe e, não há mestre comuo maestro, mente nunca mente, ele não podia nem afogar nenem nonadar na onda do cecialismo e a melhor e mais curta maneira de apagar um catalock de todazas irmãlancolias do Sacristão até quiele a abordasse como um boca virgem num têta-à-têta do jeithro tall que wagnão do musicaminhão faria com sua metilda wesendonk tristie in Parisie depois de mil anos de somlindão, pão jogado nazáguas, fabrincando bens com mutuuridade, Mondamoiseau de Casanuova e Mademoisselle de Armentières. Nivonovio de Neblonovi! Nobbio e Nuby em ennoviacion! Occitantitempoli! Ele passaria por vários santuários diumjeitoudioutro podenduempodeirar-se pra encontrar nalgum lugar, se produzido, numa meia-pension por tota la vita, pagamento em brincanções de ninar e comphanhia peçonhal, apoison que, como Cigano de Beergerac, quanduele flautiniciou a floriar a flaiuta, ela poideria ter toido o g. s. M. richardando wagnencima deula, a SaLFadinha, incluindo a ciência do silêncio sonoro, enquantoele, sendo composto na manteiga d'alma, seu musicurso cantava com o recurso da poesia. Com

lágrimas por sua coroa chon, com uos motoranjos choram. Livialeu a pena deixar a vida? Nananinanãoo!

Tholedoth, árvoredazárvores! Finnizomelodioso, pedra! Arty, reminiscensitiva, no gandhi finale do grand carriero, sonhando livreemente com suspirosdevida das primeiras idas e vidas vividas – todosos velhos Semeautores da família Cetrodesperma histriônico altamente nutritivo, genitorah com Avus e Avia, aquele simples coisalzinho, e dez sem dentes em linha maccoulateral porum processo tio-avoncular a Nurus e Novercruella, esses netórios nepotistas, circunpictificados em seu censo de sobrinidade, todos patriotas cunhados pelo gloss em seus rostos hermânicos e seuzóinhos sogrando como vitricus padrastransparentes, patriuutios prum homem, azalavancas diarquimedes do seu mundo de nomezecóicos. Rioacordas-te, castelo dosdestinoscruzados? Uns prosperam pelo deusmatamento, atual pedreira barroca. E a ólearei usandum pincel pra poemmatizar-te os traços gritantes

[230]

caso contes o título ondia novel não eruma casa de camposição de havel (o primeiro chocadilho do juniverso) cum tombalánatumbatombatá ium next, next e next (um centavo a gina? não tem gina? abre a porter, mariquinha?), quando vem da pagodeira vai curar sua coceira bem longe do meu colchão.

— *Meu Deus, óia alá, aquele antigo lar doce tumtum lar*

No cal no cais da juventude eu ajoelhava pra orar

Armando nos verdisgramados gotejados de culpa até o show raia.

E na clausura duarmor miamoitava nos teus seios pra mamar!

Seu bocão de êxtase (pra Shing–Yung–Thing made in Shina de Yorunoyume através do Mar do Timor), aqui in chima (malaventura!) jogou pinganimim através do errorraiz de sua sabedorria (quio concebia como um Finnado pessoa, rei banqueteandum platão cum conchas achadas no Amar, penas régias, aguiamente plumadas, e foi a pênis o mais abominável monstro das cáries desgraçando a galope ainda mais o podre coitado do caixão em tons mais escuros mais densos que desgraxa infinita) como se tivesse sido visto adois coagalinha. Sangue totalmente sangrento desconvulsionanduas feicções da eferveessência de sua faice. Mordidela que seu banguela mastigador temporário deu na Popojuba da loka de Fedra. Joshua

Croesus, filho de Nunn! Emborele inda viva por milhões de anos uma vida de bilhões de anos, de seus brilhos rosáceos a seus brilhos violáceos, ele não esquecerá aqueles pequeninos Pugases. Santoscinosdocapeta e sangrento cerco de acre! Como roer um coisosso inaudinterrado!

Mas, por Jove Chronides, Semente de Summ, depois de ter batido no peito pra, praisquecer, praisquequecer sua casa de João-de-barrorigem, logo apoizisso, ele, ele se riucompôs. Poruma orassom? Não, isso vem depôs. Por atrito contrito? Não, já superamos. Por esercizismo? Assim é se lhe parece.

E foi assim. E Malthos Moramor recuperou sua alma. Com: Vá pra lãnsã Pã Ferchios Wake do Allad daquid fora! Uma musicadebailedaterceiridade. Ele deu um aú de bico nouvidu, revirou oszóios poligonoiais, cataguerreu pelo nariz e tocou uma com seu berrante celtanejazz. A tragada nuópio nium narguilezinho marriom quiele aprendeu em locofoco quando queimava em brasa nuinferno. Sob o reinado do velho Noel Rosa da Conversa de Bowltequim, não temtradussom! Por que foi aquele homem que fez maldade com elha! Olha só, comuo estripador dá um nó nas tripas! Rapoposudo rapoproseia, é um uvivavaia sob vivavaias dos covidados. Quem procura acha, cadiquê quiele mordeu a cabeça?

[231]

Cocoricoca-cola, é o seu vômito de carvão. E que seu doce de pneu turco não lhe dê cromite! Pois lobolo mau mais três parquinhos mais Carbo branco de neve é de matar. Ondia inflamabilis pode queimar como sua rosca com uma flama pura e uma flama verdadeira e uma flama muitogasosa, fuligem. O pior já passou. Espere! E a dub.univ.Mag. pode formar quadrilha de joynalistas. Com Dinny Finneen, me canty, ho! Nas epifanilusões perdidas. MC'Zozimus. Poizele se salvaguardaria com remédios confiáveis em antecipação a sua inculminação até a frutificação da operação principal. Quando (pip!) uma mensagem intermetente siintromete nozintersaltos deles (pet!) em ondas herzianas, (chame-a de nomes vanezzianos! chame-a de stell!) uma borboletra escrevoa de sua bolsa a finn velada, uma pomba ferida bate asastarte, escapulindo das quatrocortes. A ilha chora pelos teixos, O'doherty! O poetastro. E ao redor do gorro chamuscado ela prendeu uma coleira de chamas pra mostrar aos leigos quiela é casada. E pim pimba pra trás. Tot queima o estoque da hC&A. Claribel volta pra erin cum macoolinha. A dela antes da dele, postada antes de ser escrita. Ele é a sua tranformachão, acho que you conheceu. Bas tarde, stressadama, press tenção no

degrau. Por obzizekio, curve-se em O pra obzizekikar. Pare. O que dizer? Eu mintreguei à riolação com ele águora, meucaroamigo aquinater, mi, mi perdoe por favor até quieu possa mi recompor, o que significa o fim de minhas estadias na linguidêz de Tintagel. Cê zela por mim, mano? Cê desce o booboo até o show? Cê supoetamente é condiciosamente rejeitarado? Madame, satã! Isso pode gerar dramalhões, willydassoulfrência! Pare, sentimental eu sou, e senta no meu colo, Pepetta, embóreu saiba quié melhor evitar. Comuas coisas são m. ds. todas in vincibles. Decodificcionado.

Agoruma maratona pelo seu dinheiro! Agorum traço pelo seu ponto! Galo velho, pintinho jovem, sifadda, tal pau tal falha. Um cãodecaça novinha, rápidopracachorro, chow-chowperando o vento. Como um sopro pruma asa cansada ou um sos pruma guarda costeira. Pois diretamente com seu saltuivo, caosmiada e uma epulopsia didando um duplotwist, em apreciável menos tempo do quium glaciador pra submergiruma Atlangthis, ele tava noivamente, agob, diante dos trêmulos, a uma faísca do fogo, com transterno bipolar, sob medida prum desmedidomarinheiro e sacudindo na tempestade de seus soluços. A melhor embarcação na qual nawagnarias pelos sete ritmares te deixarias aos joelhos dela orando por sorte em diereção ao Rio Grande. Elié o tar marrimeiro cabeludo

[232]

e se não tivesse com dor dedante terium retrato falhado revelhador de sua cariocaterização numa parede com sua foturo nos jornais com pédecabra e fantagírias karnal valescas, deixando transparecer sua grossa infinita e seu popozão fervendo.

Gooo! É um comprimento tamanho.

Angelinas, escondam da luz os matizes que seu pecador pode dar à luz! Embora arco-isys se dobre de joelhos ele sabe que nela não há porter nem finn.

Pois caçaremos a la lobo-mautner e não adianta fazer birra. Encontre a barra dos vestidos e cintaligue-os a meias pelo toque na toca com show e show.

Ele quer por queen quer adivinhar a intimaldade dela doa a queen doer, o navegador. Ouça seos gansos seovagens gansando por aíbssen, e jolgue limpo, molça! E nolte quiaqueles que vão pro exílio latirão por latas de ração pra cão ao passo quios que não vão pro fim da ingleeterra plana luteerão pelo saber.

Poizele é crítico dos críticos que paparazzoam as saidinhas.

Mas deixandua mitra do cabeçadebacalhau yas plumas das garças sinistras pro escravo dozescravos e rex dos reix e fazenduma oratória envolvente pro lengalenga libertinar a mente ele pergonta cecê num viu um fiat lux aceso ou o pai viu curto da mina de pólvora, deixanduos trocadilhos serem liviados a sériuernests:

— Raps ti joana d'arcantam só verdadeeggs?

— Não.

— Raps ti dão gargalhadoogs?

— Nãñão.

— Raps ti dedão frieiras por belicausa de freiras que tomam shoppings?

— Nãñãñão

— Céus, céus, céus! Bora! Micaco! Pega-pegala!

Pinga um pingo de paz com pinga pós pang-pang.

E ele feizum bastardão, nas suas pecarias, e escapuliu seu anzol, aleguere come alaguerre, um machimista sem chamisinha, a quem o furacão anna dá o buracão e acalenta os pés, zingo, zango, zinguezanguerra. Pra alíngua dos sim ñãos de utskut, urqurd, jamal, qum, yallah, yawash, yak! Poizele poderia ciapprociaapprochegar duma conversak finnadak do mais puro englesk em desusok, enluablada ou tartarugagada, tsunamimizada ou sopapeada, tão rasca e basca quantua vaca tossia espanhol johnqueijado. Makoto! Agatha christitis'day! Gelagala dá anáuseas. Contudo a profecia não

[233]

se fez. Hovobovo hafogate hokidimatzi em kamicha! Corregava todosos espírritos caídos sobre ele; a saber, assombrosacertivamente, tava encantado e espantado; tava mais tristão com seu caballero bagonçado; e parecia o cavaleiro Hellzonho. A cavalgaguejar rocinante e travestir-se de donkey shot? Ou um peso bezant pra unir-se à armada?

Mas, Sin Showpanza, poderia olgum buda quiandou neste bundo com olhos branquiabertos parecer mais gemial do qui a kerla quiele deixou pra trás? Candidatus, viridosus, aurilucens, sin pecadus? De todosos verdes heróis que já se exibiram em calções de algodão, eres o mais branco, o mais dourado! Como ele raposava em si mesmookse kevinamente, e aquele anterrevolucionário, o clérigo filho-pai desdia

cabeleira do cabeleireiro até os pés do mendigamêndoador, uma haggiografia em duodetriginta, filho mais septimental do sextus pai, do usural signo da rainha Maya, atemporal buddhinha celestial, enredado de seus narcisismos, uma assaz sina hidratanduos loucaracois, ao sol ness por vestais sacerdotisas, seu rastro de monstruação, e dandapani sabe seduzir pelo jogo das pálpebras, com seus esporrões de galo e seu sorriso de chiclete-boylan (o sourir mais dulce qui qualquer seio já mamado), enquanto seu harém despíritos, comediandantes, o pavoneava ciclolando-o numa cirandacirandinha, o peregrino in progress, kevin veim, em congressolações neucarísticas, sob saussurros echistadíssimos, rpdrrpd, aladdindo a ele por todozos lambidapelidos na litania cos termos que nenhuma pequena dolci nória jamais ousou usar anão ser co futuro maridano e exalando-lhe o mais reliorgioso dos perfumes pra afogua-lo mais do que pra provica-lo (devemos daruma mãozinha, agora qui tu tá se massmulando, tu rigoleta um pouco? teu corpo? teu nomissy?) quiele, o refinado, o loireado, o exilado, poderia chuvecar caduma a exceção de todas, até o amarelimite permitido, ca mercêdevossasmercês ao beijinqeiro licenciado. Signifincados: Aturar o injurioso até de ré nacama. Noix sabe que cê gosta de latim com essies impuros, (e seu liber é sobrio mar) celtamente amamos gluglus iéiés no narguilé'monde então, beijingbeijing chawchaw, diga àquele velho frankay sinatrak pra berrar new park new park no tumtum de seus pandeiros e dar-nos o ar da grossa de seu velho pancadão. Gozador!

Hinomero vintinove. Oh, o canto! Pequenas allegras por terem adotado um Adelphus! Oh, os lúpulos lupululando tão adohourados! Vieram pra cantar em coro. Ecoam

[234]

seu salat, a oração das mulsuminas ao messiasgeiro de Seu Nabis, prostantuindo seus eus um a um e combinados. Fatihah, dobre as mãos. Honrado sejam, inclines a cabeça. Que teus desígnioites sejam abensonhados! Pararriso do glosos! Assim como esperamos pela ablução. Por causa da coloração e do bálsamo e das balsaminas. Arméms.

Uma pausa. Sua oração siavulta mesquitavalva comua glória de Osman, escoando ao desperdiciocidente, deixa à alma de luz seu esfumaçado silêncio (allahlah lahlah lah!), um céu lavazul-turquesa. Então:

— Silvio Xantos! Xantos! Xantos! Nós tiagradecemos, poderoso inocente, porabrires a porter da fuitesperança. Se em alguns anos vir a seres aquilo que eres apoizo trabalho na barraca de camelô se tornaruma mansão do bancadaver central nós e eu devemos repousar com nossos servis servos na mobabelidade de Burkena Faso em La Casa Rosada, Ailesbury Road. Tijolos vermelhos são todos valores capetalistamente bons se confias na lista de anúncios mas devemos poupar e serrar nossa aplicaixão no que há de mais jatobelo e arborizado de árvores de madeira na selvizinhaça humorzônica. Enredo do Tio Sôm. Carvalhos na perua Lucombe, aveleiras turcas, abetos gregos, etcedros de palmeiras non incenso. Considera-se quios hipsômetros do Monte Anville stão morrendo de infartodoxia, mas, graças a Laurencedro O' Toolatifoliado, o olmo gabron enfim de Ranelagh ainda stá florescendo ao ar livre, poizé nativo de nossa natureza e as sementes foram semeadas pela Fortuna. Teremos nossos cartazespostais privê de pollypeachum pra cartas de warmor carinoivamente afixados em frent a nossas grads e casas di swings, reds, front de bataille do ballet, acomodaçãozescondidas e banheiras prismáticas, pra dar água na boca Dozolhosgordos e maravilharem-se ao binocular-nos de suas janelas embraiçadas em nuestro raro jardim. Fyat-Fyat será nosso número na automobabelização e Gorduchubby em seus Chuffs nosso chuffeur partichular. T estarei esperando tristãoinho pois I zoldei o U já na entrada principal. Nosso primo comilão, Percy, o cadelo, denunciará os nomesfarejados de todozos visitantes entrios karls ode nossa gatirmã Seioàmesa, Tabitha, a novevidas, questenderá ao márxismo suas calorosas boas-vindas. Enquanto a relva e os galhos tagarelam. Tintin tintin. Lady Marmela Biscoiteira odiceiará no jantar com seu mallarmègahair de marzipan, seu colar de amêndoas e seu pierrótico vestido de Sundae com pulseiras de mel e meia de cochonilha com carmenmirandanças de caramelo, os meliores oba-obas de Booterstown, e seu pirulito de marfim

[235]

mentolado. Não devis perde-lo ou vais si arrirpender. Trajes Charmousses, joias glicerinobres, leques iluministrass e singlarros perfurmados. E o príncipe Li Mônada ficou graciosamente satisfeito. Suas seis páginas do chocolattes correrão sonoras à sua frente e Cococremado o escudará com sua espada cenográfica numa almofada rosè. Achamos que Sua Caosbeça Brilhante deve conhecer Lady Marmela.

Plurabeluis é ele e plurabeluanna é ela. Ele não vai pra Cocoricork atéo galindo Cantalamissa ou atéa Rose Pascoal esperar deltada ou atéo Dia de São Nuca. É assim que Céu faz. O Maccoolonizador tá no Finn, o Momor de dia é maria à noite é joão. Um palatrovão! Um palatrovão! E Dublin é all addin. Cantemos uma canção de Rionegro&Salomão iocê tamém iocê tamém. Aqui tão as notas. Aí tá a chave. Um dois três. Coros! Então bora lá, carnavalheiro no prufrockavaquinho do divertido elioticotico no fun bach! Tim tim! Finn finn! O feuliz io viuvaz, seu piupi no meu poupô, pro meu iaiá meu ioiô cantar feliz noital e louvores também. Cãopeão de rap! Cãopeão de hip-hop! Oh, negro de cauda longa, batuque no meu pandeiro! Caopeão de rap! Cãopeão de hip-hop! E, jéssicas, empurrem o bolo nuanel. Anneuliuia!

Desdios tempos de Rômuloose e Remoose os pavanos pavoneiam estridentes pelas vias de Chapell disolda, as valsacipererecas miguiaram e miconduziram pela rua damargura de Ballybough, muitas nuvens amuitoadas tropeçarraram ao logos darkele caminho de pipa avoadada de harcourt e os reggaetons rastaprépararam dozefestons do balacobaco no platô de Grangegorman; e, embora desdintão libras stirlings e guinnéuss tenham sido substituídos por riachons e lyons e algum progresso tenha chegado às palafitas e as inundações tenham ido e vindo e o Tomilho, aquele chef de tomperos, tenha daduma pitada do seu habitual uso astuto diajustes finn annais e o que não será é ou foi, esses narcisapateados e cancanzonis chegagaram chegaguejando pro nosso gagasamento através do surdomudismo de eras pachifradas, a obcecidade dos terapoeutas do paissadico, tão ágeis e flexíveis como aquando marmãe marmurava pro mar.

Flortemente estilizadas coas tranças em suas floraiscabeças da moda e caduma de todas nenhuma conversamorosa consigo mesma e o totão de todas as tetas de seus eufemismos é tão aberto quantuele possivelmente phoderia ela e tem pédephato ou pneuzinho, diacordo cos cursos de

[236]

coisas feminitas, o bajulam em heliolatria, pra que possam pegar a taça em seus calyzettes, todas tropam, aquelas paraqueendistas de pistilo musculinu, poizele podiespia-las pela janela d'alma, suas cores próprias, a pesar de seus voyeuristicolhos pergaminhosos (significantando a crochêstória da Mula-sem-cabaço, o tempo de regar as flores, uma figura de lalinguagem cautelosa, uma variedade de perfumes, uma noiva, tão rúnica névoa dumar) virem tão iluminonadamente quantuela viu (Oh mi boa senhora! Oh mi grandiosidade! Oh mi prechiosíssima prechiosidade!)

encuanto, ding dongam como jingle-bellas silenchieirosas, todos alicentem seu elixir. Adorábel!

E disseram-lhe:

— Mandingacorrentadas, querido docermano Stanislaus, jovem confessor, o queridão dos queridões, aquiescutamos, sobrioflorescer, Oh coelicola, te saudamos. Padroeiro da nossa inonsensia, supermansageiro, entregador de harmônicartas, volta ao mundo em quarenta correrriospondências, bolsa, cinto e panaroma, nosso bartleby, nosso escritivão, caquela gaita de pão em sua guarda, papo bíblia, quando cê pôr a mão na massom após tuduo seu percurso visuom e audissuom e cheirassuom e degustassuom e toquesdededicassuom em toda Donegal, envie-nus, seuzadoráveis, escolhidodideus, um jogo de Δ timanhas e letras poeticartas de tuduo quiocê pode concebeber, chefe celtanejo, de sua pós-sagraduassuom agorocê checoou cerimonialmente nossos nomes. Impura tua art naum é. Pária tu naum é. A Torre dos leprosos, o karma de loki, naum empalideceu por nossa poluiçaum e sua kamasutraçaum com noventa pernas abertas naum é desonra. Intocável naum é o espantalho que habita em ti. Tué puro. Tué puro. Tutá na puberdade. Tu naum trouxe membros freudorentos pra casa de Amanti. Elleb Inam, Titep Notep, nós os nomeamos pro Hall de Honra. Sua cabeça foi tocada pelo deus Enel-Rah e seu rosto foi iluminado pela deusa Aruc-Ituc. Volte, santificcionado jovem, e caosminhe maizuma vez entre nós! As chuvas de Demani são masikas comuas diantigamenti. E Baraza tá toda a florida. Procuraodor de dias perfuamados. Tão arrepiante quantum banho diágua filha pode ser. Nosso pãezinho e mãeteiga d'alta saciedad tão pãocriando e cumenduo pun quiô diabuamargô. O reliorgioso Labbey libidina. Maizestamos contando com o Cócóricaos. O Grande Gansom grasna atonalvamente. Açucaradaposta, Abel lord de tota a nossa heloeasestência, nós (pra ser ligeiramente mais familiar do que estristemente naccessório), toutes las philomelas e magdelenes,

[237]

usavam ceroulasdupliface com dois alfinetes, BVD e BVD ponto, apostanduem bilhetes de lutorias postmortem (aprecias?) pra ser mui elegant, caso seja feitiçabel, e pra realment ser elegant como dândi, se flor ishabelly, de e à, para e a fim de, por e com, desde ti. Deixe quia contraofensiva apresse sua rebeldia antes quia missiva tenha tempo de se retirar, será mais deliberadamente intomista sia ofensa porvir nos estremecer nas preliminares. Parece quiestavamos em alfa como se toth tivesse nos

suspendido numa força borrameana. Ao lado de nossos eus recalcados nozenamoramos inda mais pelas sensitivas. Poizelas são as Angelicaos. Tijola, fauvista, junquilha, rama, fluidadá, noturna, ferida sorridente. Haja vista as vestes das Angelicaos. Seremos constantes (que palavra!) e abençoaremos o dia, por horas inteiras a fio, sim, até quio raiar do soldo sea pague enquanto habitarmos o criador de nosso egolirísmo, o dia em que nos echistar, sua terríbel tentação! Agora jure de π junto por tudor qui nos édda mais sagado que permanecerás ignorante de tuduo quiouvires e, mesmo que fiques nua à beira do risco (os dedozocupados idoletram o pintootoo de santanaz!) tires um véu até a nossa próxima vez! Não queres pecar mas beiji mia buddha se quiseres! Por fafor. Nós também phodemos. Quantos meses ou quantos anos até o vir a ser da miríade e do início! Quia timidez seja copulada! Quiele mea colp, quiele mea colp-a, quiele mea colp-a ao máximo! Fales cuma lebre e despertarás dum encantártaro. Isso é música. Diz a Lei. Escultes! Kicky Lacey, a pervinginada, e Bianca Mutantini, conversa dela, fizeram striptease pro princíp finneganês, Herzog van Vallentam, maizeu e minhoutra avi di rapina, mi prima mia, temos três boas chances, nosotros, após Bohnaparts. O mítico sorrir de mim, minhúnica hipótese absoluta, ela now soul eu por flora emblora seja minha gêmea por dentro, quieu amo como amém mesmo, como fragmantras pica-poundianos, como juvenis loucanianas perdidas, comuo azul do céu quando paro prespiar entre alvaspernasquiocêpodechamar de minhas. Como seu duelo pode virar seu trielo! Cera de Ouvidio pra Sur Surdo, balas dongdong pros arcoatiradores de elitíris, abelha-rainha da cocozada preta em seus donafioríndicos bobs pra jennytalha. Caro Carissimus! O mel enxameia o lance de favos de mallarmel. Azabelhas zzzombam umas dazoutras enahumorando-se pelo mero efeito de usted star inflado de pólen. Deos meo! Deos Durão! Nós nos sentimos indeuscritivelmente irrefletidos sobre tudisso aqui do Park da Gazela

[238]

no bambuzal umbudista de modo que pedimos graciosamente que comunique com o parcado original o qual ainda aspiramos que floresça. Isso significa mileniões de centimentros mortalmenteperdidos ou extraviados pureles mas, mestre de cobras, podemos trocambiardepele num mordiscar de moça contanto que todos rapiadamente contemplemos sua morte certa. Pela armadilha em seu olhar somos olhadas

olhuaolhu como sinplorasse a palavra mística com sua tigela luteana em volta da Colinadomendigomonje. E sempre qui cê formigar na gargantruta temos celteza do amarramento de nossos encontros. É jogo, ma chère, tira a roupastora dela! Que budão nanuca! Eis as escravas do sanhô! Préças freiras salmos apenas amadoras adjuntas ainda que bem-vindas no dia em que nozabriremos pra ser oradas. Então verás, vendo, a visão. Chega de coisamentos! Basta de presentinhos no ménage! Uma fantasia dela cum amigo dele e então aquele seu parceiro depois disso não larga mais a nossa. Vania, Vania Vaniorum, Domne Vanias!

Altíssimocronos seja feitatua vontarde assim nazalturas comu nas baixuras! Quandouver alimentos pros vermes tão fartos quantuos fortes, deguste na terra como no calor do céu. Quando cada subserviente Clitóriso tiver o direito a voto que cada testículaugh tem diestimular seu sufrágio univerpau por qualquer capricho, seja no privado, seja no público. E quando todos nós gatólicos românticus formos uns por todos amancipados. E o mundo é livrescravo. Eubrigado. Tanto quanto pra Sua Machojestade! E todosos seus grandescendentes. Então até que Coquette diga a Cockotte pra ensinar Connie a dar o Curley a Cattie Hayre e tapear Carminia pra estapear La Chérie embora nos sítios arqueilógicos ondiele habita entre nós ninguém sabia dele anão ser Mary. Por que cirandacirandinha vamos todos cirandar de mãos dadas em rondórondóvira.

Essas eleitas brilhantes, consensualmenteconsorciadas, valsavam pela encosta do orgasmonte com seu lepo-lepomposo principsirico chieff angelino enquanto naquele érebo não há caminho (fronteiracepção desconhecida, um lugar ondios pombos carregam fogo pra ferver os víveres, um monte lamacento, protuberrante e no sopé do finn) xingamentos e gritos e gemidos guturais cum belzébubelo e um hell'obaldo escomungando e disgramando a lucisfera hellmanescente. Helldejaneirabismo, Hellcifenda! A ponte do Londresterro hellembandua queda de rima antiga pra não ser costurada por trocadilhalfinetes e agulhambiguidades. Nu entantu o anelmadu anel rosado rodava de irmão em irmão

[239]

buscandu tu. Yasha Yash malignalimentou-se de salsicha e sush. Então ele shiencontrou no haxixi, pobre Yasha Yash. E tu num vai fazerum dos noshos festivos micknicks. Nenhum convidadonorário nanossa social lista. Poizo pobre Glugger tava

shó o pó da rabiola e fazendora extra em sheu leitmortivo, shim, ele foi colocado em sheu leitmortiv.

Mas debaixo, cabra baixo, ele sialevanta, tremente adeus, cum cuspedideus enseuzolhos e seu verbaflição sextorna vox. Obraberthah! Cisamis! Exame de consciência escrupudolosa agora no melhor de sua mnemória de bêabádo. Nu mais num largue o osso da inonsense roubabada. Com seu pinthomasdieqüino sub judice do tribunanal. Não mais cantando todazas drags em sua kingsizenagoga. Expersamente ah mão contramão. O nó borramewanus da Trinitati melou sua cúpula, peccato e pento de fora, livre. Servo, murcho mau, verme, nascido diuma tribo de bandidos usurpadeira de punzinho, heregurias do albigenesis dolentemente redecantadas. Ele, pela bensansão dos cegods, profere-lhe pênistência a entra e sai natural. Hele, ovauto-suficient, excumandant-in-chef sporticoloríssimo, o que apesar do póbito lançado em seus dadolhos mallarmèlequentos, faz ticoticonofubá dourado, (Dels salvengula a rainha com o clamor d'Aftreck doçulda! Adequado pro rei de Zundas) fora de bianconis, caminhando álcoordado como qualquer novigorodense por toda Terracuta. Não mais arrirmessar ácidos, encaorar todazas responsabilidades, aopelar à união e jogar pela etertrinitydade. Ele, louvado graceja São Columbanus, implanta silicânone esterilizado de menina boazinha agora do mesmo jeito que tomamava leite enchoppado diuma colher, menino macoolnheiro do papitoleiro e lamamãe, rapinha do tacho do velho Flinn el Flinter, ramo do rizomardor quio aqueceu. Ele vai cantar tutto mesmo que vá pro calaboosh. Hômi do cães ele o deuspiu de tutto mussymussy de álcooldão encanto cantava a ele tutto sobre como fez céu nombre. Ele, por cãonexão vulcânicloud, relação pertencente a este noitável molengago, Anaks Andrum, Jebusita poliglotagarela puro sangue, parlando ceim por santo Armêniorubá. Estoquehausen de maltecstasy. Entrada nos fundos. Normalmente aberto nos ladyas de folga. Ele, A. A., em mao tsé-sunga macia como pêssago, é possível, pode-se dizer, não obstante as safadezas do paissado e ele fisingando peixotas das boas, por graça salvadora após avalanchar, pra parecer mais \$edutor com sorridentes olhos de cégano dissiazulados. Elié repentista de si comuo pio anaias pois pediu pra fazê barba cabelo e bigodias pessoas eneidisseram quiele parecia um bod ondiele era só umovelha do sinhô com seu choppéu de festa. Top. É fake o quias crônicas estão versiculando sobre suas priamorosas falhavras-valise cheias de bea—

batatas. Gandhioso torto arado escava fundo vociferando curtoante póstumo reinício, mesmo quando trovoassassinado por thorpã, ele kamassutroffartou um pêndeprata sanguialaranjado com cândidos zuckerbergglacês na Confeiputaria Culombo em presenth cocada channel à lolilith pra mezzossoprar o baritonariz dele cas mais putonais inatenções popôligâmicas, ele tenduessa pecuniaridade alpênistacularmente apopôlínea pra nonadar hills caídos em emurgenciais dias de pagamentemporal pelo sexofrimento crônico diuma planitude de casa da mãe joana Collossul rhodomântico que não valia um tolstão bronzembustava Garotinas e era mui lorotado, jeca lacraian grisalho, andava no sono dela com seu ogro indicador grosso abocetando femfem. Quão apertadinho é o seu bucetempão pra saudar vosso imensidedão. Assentaram logos que suddt pintou o suddt, botaro ozóio nela comuem suazoreiauréolas. Kaledvalchachacha! Como poderia um classicamente? Nananinanada se podia criticamente. Ininestésimo raideleuzes só pra fuamar a pipadovovô, sua Senhora Meravergonha, de marias-chiquinhas cúpricas, a alvaparência espuminina, a âmbarsandália, segunda lissom de anatonalmia do Dotô Tulpniquim. Um mishê, bálsamo sagrado de miríhades sensantas, eliê bundoso comuma montanha e todo bundo de suas gentes ele conheceu Meistral Vikingson, fimoso caipintão da Noruegonda, com cara de dolomita ruborizada por cannabrisas ozeônicas, que ficou aver navios de sua cabeceiravô nadaver e nuver conheceu seu swingamore, teve seu ignomen da prima assignatura de ser Mestre Leitihu, o hõmi mais sem noção do reinunido vikingatólico, e, cervantes de pedreiro, como encontrou as crianças. Outros o yakuzam de subterraneanar-sy sob o lagoneagh, esclondendua dloga na glandydopau, LSDerretendo todo apóizo reumantismo, purament simplesment madeleiny prodry. A curdobjuração do Coptaltíssimo sobre berberedores e seus bebaduinoises! Inda qui Ela estivesse todes nua antes de todes zos seus homantes na yakazadisrael. Nenhuma puta! Nenhum tutu! Elas marilynmonroearam vestimentrapos brancos, duas Baleias do Mar da Foucaultrua, pistoleiras blablastardas, três Dromedários das Areias da Calunidônia. Comué digno de nota o rebolado da raba! Garota mahlervada sobrieles! Tais castionadores e seus ralatórios quiaspiram ao grand labirintocar também são desleoneis messimpostores. As ibrahimovictimias cabolamurcha! Quengas são sempre contra Karl Lotta Jô Equina. Lamberiam as lentes antes de negatizobservar jom petter de sua high soçaitélite. Ao contrário e na realidade, duquio Bichop-Papal londrestemunha em sua *Just Ficção*

Vilãmosa, este Senhor Assessor Nelson da Cowvaquinha, de estadouvido livrenguizado, defunto, formalmente em Adenoides, alimentado por sonda, grand leixilipulo de broquelteiro da família a apopôssentado, altamente cú reto em todozas suas coisideias, da coupola de dezsantavos aos porões do vaticâmbio, howthabita no bloomicílio número seteccles, bem acordado, virado no jiraya, semanalmente, no beaberço, em veludo preto na minsão georlgiana há muitos ânus suas ná'degas são pintadas na ruela, apagandua mesma com autonauta e anexos e deu à luz um querido dente indociso babyboy, do tamanho dium pound self, entrando em cena na mama da ama, graças à deusa, aos 81. É purisso que todozos parques ficam exixitados ca arma dura duvovô. É purisso quios e crazyastecs ios ministros do crime pregam prele todazas manhãs e frazem uma poderosa chopa de letrinha de seus pravérbos. É purisso quiele, persona erecta, glaucomicu-rimanu feministaradu arsênicondenadu, a um julgamento de julias, de chapéu de sol celestial, com duas sacolas agitando sua teopoesofia com o remelexo do chocalho, meio incoerente, de um 18 a um 18 biss, joveins jung'ays gustav'elados. Simbolismente por lipoenxertia himenoplástica pra fechar o botão de suas margarid'águas e vulvoltar a ser vintenovinha à sombra. Gran véio tuttuméio retocador de jovens poetografias gira abruptamente num verméo desegonçadico prouvir o salmon pirassambar ou pescair nalguma fofocarnaval. É seu último ciclo, Jegante, despiroque ao máximo! Refelação! Um fato. Caso verídico. Porum júri de matronas. Humptioção por humildade, dumptimundo por sujeira. E, pra por na bancavenida da narréução uma visão perfeita do masturbashow holypilante, a Coisa do coiso ficou à mercê do corte da Corte Sufragista.

Ajuda-meat também, contrasta toga, gansardernte mamã, laotsey taotsey, mulher que faz, ele fuxica dilso aos príncilpes da épolka. Ceis ressonam nimim, juízes! Supunhetemos que karnalvalisemos. Reis! Conheça o Mem, Avenelith, todos vivíparos dium casal di lagartos. Ela é tão feminina alegre quantuele é fulgar. Antes taard duurq nuca suazúltimas torahs flutuaram totalmente eretas. Psolfejemos um psalmo de pseistons, apócrifo de rima! Seu microsomso de allaph pra toduos sempre seu allinall e seu Kuran nunca a ensinaram a ser dona de sim mesma. Intão ela não trocou sua rizodência pelo Hawarden's Castle, na Engalesterra. Mas seja a alionça de eirene em sua vestamenta flamijante, a fíbula de brochebronze em seu invernal poemanto pontifical. Quem não a conhece, a Madame Cooley-Couley, cartoamante do lorde de maná, quando pela primeira vez

[242]

foi pintada na pintura como centenaterrorizadas amantes dium montão de annams clamando em segundo plano, novinhas de fábrica e fumegando pela boca, injustissarradas por Sósseiquealgossei (magrathmagreeth, ele takabla um rap prakela festa mais cedo) e dionde Ani Mama e suas carlrenta gustavigaristas jungapavoradas cos gnomes dos gmontes e furibundas pra voltar pra sua kengasize? Schi schi, ela enfeitichou todazazalmas in pingpong e ficong com dor diestomagog vanmitangog na piabella in sua guerra pura. Nuentanto jackatinguelezando ao redor dela sobre sua pobreza devido ao pannelismo e provas farsas ele a abrigou quando feme sole, seu lorde som berrano e engovnadorgiral, e a orquestrou nantiga sala de consortes e a amarrou durant a sinfonicustódia pra quiela não o roubasse, damoz ou damaz, assim siela alguma vez fosse condepenada à mort pelo Caldodogalinha já quiambos eram farinha do memo sacomida caberria ao Cossacudo MacCunaíma cuidedar do furonerai.

Enquantocome ela o nutre jacente de pomas um tostão cada, giantar e giantare tão giuntinhos como bibrondas com romanchiste do tenor Signor Folí pra pescar os ludwigs de suas ludwagnorelhas, comuma pecatora catinha pescatora de aclamachão, quando suas favoritas stavam totas embaralhadas nele e as próprias lingerindesejáveis delas justificulando, foi um dia tão ventável. Vivavento vaivivento braviovaivento como virulento vilvaivento vulvaivento. O porquê siele mordesse e plugasse sua gaitadefalhas e hellnunciasse ao lance de diabos em todazas suas pompas e à praga e leite nestle das prostetudas pra mamar o mel coomberimbau e subornar Ulo Bobão vendendo quarentripas emporcalhadrões, ela faria massa nos janetares com sua persuasão comerciausten e sensibilidando seu glorioso poemanto marrombombom pra Mayde Berenice e se enforcaria no Templostmantown de São Megahair e não faria mais mulieragem diante de mahatmanas ou maçonmanos, mas ondularia seu chapéu pound-açucar de Caipirapollinaire cuma livin' la vida locapela e uma poetria clamant como qualquer princesa de purpuroso cardeal ou muié de papalavra grave ao legado papal do Vatucunum, Monsinhô Rabbinsohn Crucis, cum burricopo de leililith pro seu vacompanheiro e linguissucessores por causa di tudo quiele aquedutou pelonra de Hroma e das nações quio aborrimam e tenorizam mezzo

scudo a São Parça Oreia que deu a Luiz-Marios Josephs suas leais devoções pra serem oferecidas dó-ré-missas pra voltos de vilvulvas.

[243]

Ouçã, Ó mundovéiosemporteira! Fofquinha! Floresta, cuidado! Amadamata, holandê no pé!

Mas quem vem lá com a pira na pontadopau? Ele que reacende nossa tocha mor, a lua. Banha com ramos diamor as cabanas de taipa e com paz as tendas de Cedro, Neomenie! A festa dos Tabernáculos tá chegado. Chopp. Irlandará o que falhar! Temploético templo troca os sinos. No xoteswingago diuma swingagoga. Pra todos na Gran Betânia. E, a maga quieles damam e chamam de Hits Lee lança perfumance do palco. E tiapressa, quié hora das crionça tá incasa. Osmeusguri, tomem a rima di casa. Rimem pro rumo di casa, olha aí osmeusgui vino pra casa, quieessa lobisona diassaltos tá um horror. Ah, bora dar um rolê e bora brincar de bambolê e bora pro iê-iê ondio circo pega fogo!

Esclurecedor, (tincta, tinta) todesse nosso mundo funnaminal. Los pantanosos charcos de acolá são visitados pela maré. Alvemmarea! Somos circunvelopados por obscuridades. Homiem e belstas se frieren. Pairum desejo sobrieles de não ser ou nu ser. Ou só por poeticobertores. Zoo frioo! Drr, deu, karl leão e, izz, izz pyrra-nos chamando! Ha. Ondié quitá nossa saudabelissima honrosesposa funndedora? A boboca da famiglia tá lar dentro. Haha! Huzoor, ondié quiele tá? Em casa, é uma pena. Com Nancy Punheteira. Tchetchegavara! Cachorrão escabuliu pelo milharal. Que auauzão! Isegrim sob as loborelhas caídas. Em pele de cordeiro! E sinos trigaisamenteiros esperam godotfegantes. Tudo. O rastro de Gill ainda não pode ser visto, rochedosgoethejantes, benn no pico, descendo o vale, uma trilha montanhosa pra divagar. Nem mesmo pela estrelândia aquela faixa prateada. Qui era quitá eringindo? Longo gongo tardio. Diga hasta la vista, scielo! Silua-me, veja-o! Selene, lune-O! Amune! Arca!? Nãoé?! Nada se rebuliça no matinho. Os caminhoszoscilantes daranha-libélula aindaspiram ao grand lobarinto. Silêncio retoma seus campos borromeados. Tranquilo obrigado. Adews. No céudoscervos, inbraçados, alegados, juntados e disjuntados, os pássaros, tommelizam também, codornam silentes. ii. Luathan? Nuathan! Era avondscuro ants diuma épica. Agora conticinium. Comuo Lorde Tigrão fecha os olheões. El tiempo de jazer juntos chegará ios inbalos de sabah

à noite irão até o pisricocoricó do hahaiar d'Aurora. Papaintera mostra. Lobéra-nos de lobo o mau. Enquanto os porcordeiros dormem. Elenfant tem tromba triunfant, *Grand é Eliphas Magistrodontos* e depois diuma piedosa ajoelhadoração por behemoth e mohamoth

[244]

ele deuscansará do tráfico de marfim. Salamsalaim! Chifroceironte nãoétão porconfiável poizé linguifado. Kikikuki. Hipopodorme. Sóbesta! Nada de cachorrada de beagles, pavoneada de pavões, nem recalcamelada de camelo, macacadada de macacos. Luzes, lacaio, luzes! Brilhantes seremos brilhantes. Ca iluminação do lampião de Hanukkah. Quandua lontra kamasutrar em lontros lugares Yulcê sialembrrará de Mei. Suas valescriadas papouludas tão florrindo, bizolhe, pra saudar aqueles garimpeiros na costa d'ametista; os marrimeiros safiratiram sêmens em arklow e os cafetões-gancho de wextford warterfodem. E agora ca istória de pescadô de robby brerfox ouvidesmascarada, os fios budadaístas e nós em seus antargumentos, as peixolinas na tigelagua de Liffeyetta pararam de saracotear sobre Jonas e a baleia e o feriaquintaísmo e a imbrochabilidade paupau e a poissission duispirito cursanto. E se Lubbertinaturner colocasse seu peixouvido na ribeirã, exceto o relativaldi e o beethovelho em seu monte de sambedoria (mute), não siouviria um flip flap em toda a Finnylândia. Schumänn, vigia da tua pianoite? Es voes, ez noes, noit voes, ges, noum. Vai. Não vai. O ecoo do Parquiescuroo com amores chupantes. Rosamund tá bem echistada duladudela. Em breve as duas-tenta-ações passearão em aventura e caçarão-a-três pavoneando mosqueteiros. Gurias acinturadas, las belles de judas. Cuma amplavenida pra maratoamar. Hulk faizum cíclico esteroideal. Segura firme! E suas vacilantes valsas vienensedutoras de. Noitarados! Maizos encontros não tiveram a poetaria que sexperava. Hesperonça! E siocê liviar a vara à BocΔ, viajante-a, enquanto erva de Jimpson daninha a Ilha dos Jacksons, siamoite aqui, bar dodiaboquebadale, nenhum ferro é bem-vindo. Bing. Bong. Bangbong. Trovoassom! Ocê tomou no cum cos supositoriuns e cabou o mulsum? Não sirrebob! Grande bundade, não!

Tu era Mariamente a rainha dos Scuts ou apenas Chistiano el Último, (nossa veneração a ti, chris! majestad, da sentada!) quão mateuzada a tua marcos, embora lucaslizada no joãoelho, um brinde à copançadechopp e camaposentos probremáticos

e serragem espalhada em expectoração e pra ratificação por especificação de sua informação, Sinhô Cavaleiro, bubutequeiro, garçono; sua cervejesposa entorna até o quadril. E o da Conversa de Botequim controla todazas chopeiras e não omitta Kate, kikuida do bar doce bar, maizum tijolo no muro. A é o sinal e um é o número. Ondia Corrida Malucatólica clama a taça e Pouropourim judeus no pé. A casa velhosofall

[245]

de kekelgaard. Então quem vem sempre pro Rastapéntecostes terá quiaturar Sertanejuri e Câmaracatus.

Mas atenção! Nostra guerra de trinta minutos adormeceu. Tudo tá quieto no descampado de Gorey. Entrio fortiestrelar ia selvadiespinhos o castelo de bronze flamba com velas de sebo de carneiro. Hushkah, um chifre! Gadolmagtog! Deus es EI? Hômidacasa chama emeaçadoramente. Desdio porthor de Brandenburgoias. Ao cafofo de Odin. Em peruca anuviada de trovões. Cum vagalumes relampejandum flash dumdedo. Por meus souls e jingles, ele deverria trabaia sua mandíbula pra descer as margens iouvir mensagens da tumba! Ansiglosa mexe em seu caldeirão pra aguar a ensopada sopagora i iscutar todazas bolhas dizendo: o homem que vem, a mulher futura, o alimentobra em work in progress, o quiele fará com quinzianos, o anel guardado na boca pimpona dela, estrelas ardem e sacodem. Um paláchio prele, um abusador prela e colheres sofisticastas pro vencedorgasmo. Maizum e dois nunca valeram três. Então eles devem ter sua final já quié ele quitá ca parola. Et la pau' Leonie tem a escolha de su vida entre Josephinus e Mario-Louis pra ver quem vai desabrochar o lírio da Boheminina, Florestan, Thaddeus, Durão ou Molão. E cativar raptamente a cativa. Pronto! Como um Finn de feira. Agora pra la bella! Icy-la-Belle!

O campus os convoca. Ninan ninan, a metralhadura de gatling! Crionças serón sonvagens. T'falei. E vamp, vamp, vamp, as garotas marchamdising. O magneto do talk horseshow lacraiatrai seu campo ias eguinhas não pocotrótam? Educandas de Sorrento, as noviçabembem qualéquié a via de Vico. Enfileiradas em suas fileiras e reunidas pra lutar naqueli véio laranja, Dolly Brae. Pois não sincontram em condições, elis dois, geminados, desdia bataille de Whatalose quandu Adam Loftus io capiroto tomaram nossa helltaguarda, mordando sua maçãdador, nem quia evaca tussa se redimirão in luta sem fim, auquele autor de autos aussombrosos, este molièrengo bem-intenxonado, Jacónanista e Ejaúculador, Yem ou Yan, enquanto felix tem culpas no cartório io crime compensa pela absolvição e Brune é mau francês pra Jour d'Anno.

Tigres e Tugres tão cheios de tenzones. Bravosdecama. Poizela deve sair. E deve ser com quem. Doideie-o. Dedei-o. Dadaia-o. Dois. Caso contrário há risco de. Solidão.

Postreintroduzindo Jerrymias, o alazão pistolão, o taal fluente

[246]

que não hablacorrenta linguisticorrentezas corre pra dizer como, como foi mutualiteralmente pressagiado sobriele porum matatempo a seu espaçoperário, velos ambos e naits em aruabayat, com seus contos dentro de rodas e presos entre raios, na caminhada de Arvorestreet a Inglapedra e retorno, como, loucorrendo cu uso da hahazão (sics) e enloucorrendo no gaguejar dede sussua voz (secs), sua ultimetade foi escolhida pra galgar o maismelhor de sua juvirtude, poizo controlador número três operava o subliminar de sua personalidade invadida. Ele nobit smorfi e mondou pra poltri quio pai hell tondo o bondo da bola dal ruffo. Barto não o cunhece mor. Partilha o pun cus altruis até cu mais excepãocional estranho.

Buuu, tutá nu bico du corvuuu!

Huuu, soy verdadeiruuu!

Homens, chachachucham chá fervendo, bono e marrone kerrydU2?

Truman Chápote. Truman Chápote.

Punpun du céu sabe. Algo deu ruim. Significanduo nonada.

Ele chorou nessinteirim. Com tal verdadente o tal parecia amar sua pequena prostitorta quandu acomprou. Curtinduma baita foça ele privê o seu porvir. Melaninado da nuca à rótula erguei bem alto a viga, brancarpinteiro. Santo Santalto, santo praguejador, visão privileorgiada pra espiar as bolas roxas como no êxodóxido de margarina! E comu pesava sobriele aquela ferrugem dos ferrolhos! E se desnudarem falso ignorantestemunho contra ti quão levi e una si tornuma ferida oculta? O templo todo eli lava com salmoura o lugar maljugado no bigfalo. Ele não quer quias blogueiras que ficam com todozozoutros garotos vejam o lugar malchocado dele. Por isso. Por isso. Doerá no lugar ondiele perdoeu sua castanhidade diuma nãovez por todas, mesmo qui seus modes cresçam maizamorosos du qui machistes i o Tarara boom decaia. Imaculada, só dê de beber a sua bocamisa e qui todazas saiaskortas sejam trocadas por túnicas. Assim guerreou do início ao fim, pré-exilado e intermediarizado, um fraudalutador pela vida. Levantia bandeiradapaz venereada como picapiroto! Rasguio véu e arco-írisi-se ao céu! Ele sabe por qual rizão o viu em preto e branco através de seu lunetolhar 43 para Jenny e toduesse tipo de cousa quié dândivalente aum clarobscuru. Os matizes das empregatas podem pincelar suas provocolorações:

maçã, bacante, creme, pomba, esquimó, cinzadoscampos, hematita, índiglass, azeviche, salmão, lucila, mimosa, noz, ostra, ameixa,

[247]

quasimodo, royal, sagu, tango, fusco, baunilha, wisteria, raio-x, simporfavor, zazá, philomela, thererose. De que todazelas são regadas? Chichiste.

Siocê desnudar o cor primário dela, siassegure dincontrá-la corplementar ou, em sua primária ocorzião, por Angus Dagda Filho e todazas suas deusconfionças, ela vai picá ocê kakeles zóios espelháguios ondiocê tá maizorgulhoso. Bizolhe penetrantramente, ela tá sianaulizando entrias florestrelas. Vire-se novamente, melancolicacofonista, mero lordiarmaid de Doubtlynn! Arriba, Terra-sob-Ondas! Batuca tua língua no palato, solta teu gogó cum gagarejo, toca tamborim até esbaforir, funga num cangote e caia fora. Captou a mensagem, Allyslope?

Meu tropo foi jogado ao calcanhar di Achilles, meu meio eu abro diante docê, meu bumbum é valso e será que será que foi valsinhado e meu todo é a flor que estrela o dia e o sol que guaraciste teu peregrinashow. Ondiouver um bêó, um bicho de seth cabezas, deixou caibresto do cairrasco pendurar o caifazgesto. Poizeu vejo através de sua arma. Esse cucuricú nué do Cucullus. E suas pálpebras stão pintadas. Se mio tutor aqui foi picado porum beriosouro eu sou Flo, com vergonha de paipairazzi, comucê sabi. Mas quanduele besoura na contramão, eu não voo? Puxe o pirocarvoredado pra bisbilhotar como dormimos. Abelhudo! Abelha rainhurinada! Cê gostaria desta língua calejada pro lanxixinho ou deleitar deste Turcozinho, hys hífens mys? Meu pançamante é um turbu cum douze cavaludepoetância imborele saiba agradaruma esposa tantu quantu Tiu Dalton sabi cumbinar lãs. Aconcheguemos as mãos no matagraal! Doce caminhágua de swan! Minha outra tá cua bouca cheia. Este mundo beijoqueiratroz tá cheio de compunheteiros assassinos viranozóio prucéu na posição qui napunleón perdeu a garra. E alguém tá a caosminho, isso é feto. Tenhu cem ânus de cigilão pra te vender sio véio du Ovão não sintrometer. Da próxima vez qui pensar em darum perdido pra fazer poetaria saiba quisso é uma maneira tão delicasta quantu qualqueroutra. Sôbiamôita o bumbusiness faz mágica no arbustamento. Intão cê dévi di sabê qui quem planta seus mahlers esplanta. Foi meu sinhô de Glendalough qui abençarroou meu buraco naquela vez na Entrada Longa, comandando os chamegos ao meu íntimo mais profundo. Vejam como estão irmãorrados! Seis trezes por Blanca de Nuvem na Rua dos Fundos nº 3 e péguia faixa

2 do Rodoanel dos Nibelungos. Albanberg é meu cauby, Magnus aqui é meu Marx, Fione Maravilha é meu cifrudo e Sete Irmãs são minhas meninarcoíris. Seu Raduga, Rab vai caçá-las em suas calcinhas cu de rosa. Phodes colorir até ficarum

[248]

camarão enquanto vou mijorrar com qualquer berbigão. Quando aqui quem midolatra in fondue sono. Mas siessezinho enxergassi pelas costas ele seria a grand lagosta véia dozóio verdi. Ele é mi primeira markintuição desdio Diadefinamorados. Piscadinha é la palabra ganadora.

Veja sóрте!

Na bookasa das respiorações stá questa parola, toda plurabellequânime. As parentes são de rubi e os cintilinguantes portais de bochechosso de marfim. O heroico teiado é de jaspion maciço ium dossel de toldo Tyriano sobe e desce até ele. Um cacho de luzuvas pende beabaixo e toda a casa sienche cas respirações da sua plurabellequânimidade, a plurabellequânimidade da fodaça ia plurabellequânimidade de leitinho e ruibarbo ia plurabellequânimidade de carnes assadas i perolunidas ia plurabellequânimidade da promessa com consonantes i fofogais. É aí qui si fundalfabeta a palavra dela, leitor! A altivez dela uexalta ia baixeza dele uabêcêdesonra. Ela reverboberra sôbrio tegumento e prosplode dêsdia pomoeria. Uma janela, uma cerca, um dente, uma mão, um olho, um sinal, uma cabeça e mantenha seu outro olhaugúrio na paypayriquita dela. locê a tem, véio Sem, oportunamente ah be centada! E Soun, meu plagiadô, tá vino pra terraptá-la. O cara quiagora eladora. Ela dora. Cudado qui lá vem u trem cu mininu! Abram alas qui lá vem u trem sem distinu!

Cum piuí piuí piuí abacaxi, elevam as mãos entremlaçadas e choque choque choque uns passos poraí pra debaixo da saia da mãamargem. Reverência um, reverência dois, cas mãos na cinturinha, devotamente.

Irrelevância.

Todas cantam:

— Levantei-mi numamanhã de maio e vi no espelho espelho meu qui ninguém mi ama além docê. Crendeuspai. Crendeuspai.

Todos apontam na direção shem como se dessem shaun.

— Meu nome é Misha Misha, mas phode mishamar de Cu Doce. Quero dizer Carneirinha. Era ela, que foi deixada de irmão a irmão. Pura! Pura!

Sua reverência.

Todos riem.

Elas fingem que querem ajudar pra ele enquanto simplesmente o inchutam danduma dura nele. E para de cocoçar esse croquete, Sally Lunn. Nunca por tamanha micharia. Vintinovi florezinhas insurgirum contrum

[249]

homi. Avis stava lá e gorjeou a ela sobrisso. Ela é seu sexo, com celteza. Então pra comemorar a ocasião:

— Tu qué afroxa a bondage rosa?

Ele simula quitá amarradão no powerpointG de sua excelsa budhona.

— Eres o Capretão quiqueimou us pelu do toba subinu a scadaminé?

Ele faz de conta quitá limpanu sua xuxaminé.

— Phodes dar beijin beijin xau xau jardineira du Shiedem?

Ele finge star cortando tesourirmãs com seu par e abocomprando suas moças e cuspiendo de sua cabeça nas brás cubas de seus rostos.

Caipintão Spock! Falão tá falado.

Então agora fechem a matracona, perigoethes! Deem uma rodadinha, molières da veddah! Grandicellies, todas tem o direito de santar! Adúlterax, relaxem de cuatro! Poizocê ficô nu bein bão de paperna pru ar u dia todú. Quandocê prová u chupéu du titiu daí vai havê templu de sobra pra issu. Eis qui a era de ser é agora, agora, agora.

Poizum macbosque em chamas dança maxixinane. Glamours assassinoiou o sonamor e insonolência disso Cawdorminhoco não mais pularás. Macbrisa não mais puladormecerás.

Lula lá pro lulomem libelar sua lação. O ptolomano Lolo Lolo ptolamava Libnícus de murais. Levante sua direita a Deus Pound. Direcione a esquerda à luta pela democracia. Lala Lala, Pulomem, seu lepo-lepo é um loopulo pra leebeldadee.

Um garfo de avelã rastela o campo vociferando a ode das virgens de verbena. Si cruzas esta crussifixavenida enquanto margeias a terra plana bendito eu sejas nu em tantra o sentirias comuma banana de dinamite. Atrás, eu, livreime do mau cheiro! A perdição fede diante de nós.

Aghatharept encapeta fleurety à vontade de Nebiros e Rofocale. Duas vezes ele foi procuoraculá-la, três vezes ela o hellvelará o agora. Então nos veja como semente

que semeamos. E a rainhaposuda baixou a saia e deu um perdido. E sua trupe veio sambando, Oh. E o quiachas quiaquela noivorgulhosa vestias! A diaba vestin prada in pelin de mãe dinah. Pra sempre cheiraram o ar ondiela peiandava. Enquanto todazas chammas dos faunos afloram pra ver a escola floral.

Cãoduzidos por Lignifer, em quatro pulos dos mais felizes, ach beth cac duff, um marrento da peludespada incoronada, os abachstados voam em fuga! Charreteamos meu salário-mínimo naquele pônei malhado. Algum dublê doblou

[250]

a aposta no baio? Nem que jacobulls tussa? Niem por Jah? Átilado! Atatilado! Levante-se, o flagelo do Godo-poderoso em ti! Há uma visitinvasão no seu românus. Hunos! Hunos!

Ele mantém a urinamanidade em sua naturalidade, autamnesicamente oblíquida a seu proprium eum, (tal é o caldeirão de ferro, assim como sopalavra-valise) o hábito de ser adãobsceno criou a vontade de ser sábio. Impulsionado pela luz, apofotorrejeitado, ele fareja amores dioutros karnalvais. Ele piscou. Maiza ira é maior onde aquelezinhos evangelham sobre caridade. Pois todos essezinhos foram mundanerrantes, o tempo em estado de liqueficção, a impiedosidade aumenta o capôdefuscanjo. Embora, peluandar da carruagem, quarqué porcantoria podiacantecer a ele, desdiuma canção de bruxa até cair em Magirianegra, dadum diabo faminto, uma jovem feticheira e (conjunção eterna) a permissão do altíssimacacção cum cuperação da caim misola. Siele espiar pro leste elincendeiará o norte e siele penetrar nonorte ele brochará noeste. O que será que será que mercuriandam combinando no breu das tocas? As manchas em seu dito sujo são suas paideias diações safathers, marcas dedosejo diuma imogenação louca. Limpe-as! Sai dessa! Maizas Pernokakakas são finas. Bumbam bumbum! Em vão o converteriam a ser dela pela palavra. Gozo, eles istão saussurecando! Glosos, eles cerejistão maduros!

Quanto a ela poderia sacudi-lo. Um imbecil, nada mais. Indassim ele seria um tutor dois bons em sua grande carteira iscolar iela seria encerada por suas mãos. Virando-se e dedilhando os pêssegos mais dantellizantes no lingeiramente longoroso livro dos mortobscuridades. Veja esta passagem sobre Galilleotto! Eu sei que é difícil mas quanducê gocha eu tenhuma petite mort. Vire agora esta páchina em Smacchiavelluti! Ora boulos, ele certamente intenderá os sinais! Sempre foi assim na monitorologia desde que o Diretor Adão professorou-se como tocador de Eva Harte, *in omnibus*

moribus et temporibus, com a maldade duomem em sua mente enquantoas pupilas dela nadavam celestiais demais, quiele seja exaspirado, cartas sejam explodidas! Eu sou uma pessoa femalina. O, de gênero provocativo. U caso unissingular.

É porisso quios trompeiros se misturam em duelos e aqui B. Rohan enfrenta N. Ohlan pelo prêmio dium tu.

Maizouça o birde zombeteiro cantando ao bardo biriteiro pr'amostrar o pundeiro! Uouvimos sim desde que somdoma era gomorrumor. Encanto ele

[251]

apruamava seus filhombros. Eu tamém. E enquanto limpava minhas faustos. Ele tamém. E comenchíamos o peito pra sopar sacossanfonas. Sóssomquenadassoa.

Vem, empurre! Vá, pare! Dvorakirmão, ouse! A longa louca rampa dos parlamantos da humeninidade, a estupidez erudita, impiedosa e maravilhosa.

— Agora que São Berchán do Sorriso Maroto seja seu semprespelho e eterno prospecto!

— Gradacidumideço.

Troca, reversa.

— E que São Jerônimo da Maldição das Proustetudas formi famiglia cum três ducéis praprofundar a ralasson!

— Gradeço dimais da conta.

E cadum si forjou cum seu outro. E su continênciaspecto desmoronou. Os bivitelinos, Metellus e Ametallikos, pretendentes à sua coroa, obstigeminados proselitistaspirantes, variando diretamente, orozoiando um ao touroutro, superfetados (nunca um limpadô di lâmpadas franziu o senho tão ferozmente pra lubrificar as dobradiças), enquanto suas garotarvores crescidinhas, o jogo do rei, siele assim o permitir, tão em tal caosfusão apenas pra saber por tutameios twinmidos, pelamô di nosso sinhô, quem é o artedoxo de cujo heterotrópico, o sonolentovelha ou o bodextasiado, pois, tímidas de annascimento e muito bem educadalimentadas, garotas boas pra caralho podem causar momentos ruins pra caralho a menos que sejam escolhidas a dedo (quiemhora de riquezas ele não tinha porra nenhuma e a esperança espermarremessasse esperança no horizonte de seu coração) pra garimpulsionar seus grandes momentos de grandeza. A coisa é quiele deve ser posto rigorosamente no ponto, não um mero nitroço pegajosaquoso num mundo hidrogeniado na sua cabeça no qual cê num pode creditá numa palavrinha quiele

iscreveu, nem nas π eddas, mas só o singular unzinho próprio da rejeisseleção naturel. Charley, cêé meu queridarwin!

Assim cantam os que sequenciassentem a descendência do hõmi. Até quieles voltem, sieles rivoltarem antes do cafragmento da manhã e da demissão em massa. Guardam aço. Guardam passo. Passo. Aço. Quem é Flo? Ondistá Ange? Ou Dujardinorá?

Sem credo, sem coroa enforca vossa altivez. Não há mais vermelho-diabo no branco de seuzolhos. Braglodita faizum katadupe! Um bocetom ium pintom doentes porum chupadom! Ele não sabe comuo seu tatatataraneto vai gagaguejablar

[252]

en peruano porque en el rabelaisdioma ersebestalhado eu já mequiparei e assim continuarei. Ele não ousa pensar por que sua tatatataravó tossia Russky cum sotaky tão rouky pois na bocarte do slavô olhar pra mim agora significa ky outrora fui outro. Nem quio mappamundi tenha idiomudado de padrão tal comuas brincadeiras da juventude mudam de rua em rua desdio início do tempo e das raças e de quias sábias formigas estocavam e as semgarra esbanjavam, coisa nenhuma gera nova ricoisa in nomine dei um sonso Sol velhaco, quiajudas quemcedomagruda e pensadorminhocos. Nem quia tartarugarelice dium vereador de Londres seja conchavada pelos fakenóias aos regionais da porcolândia. Sua parte seria discursar em nome da honra: Então miajudem sãometeus, sãomarcus, sãolucus e sãojuãus, vou grudar nocêis, como chiclete, o finn justifica os meios, morder bumbum, e no caso diu evento acontecer antes da hora aindassim sei me libertaria pelo bem do nome do bebê da outrazinha que não vale nada me argamassando enquanto empunhetarei as luvas de boxêmen! Maiza verdadeira flauta ingrata de Bobãotâtã melodiadentra pelo amazeden de malvas e tua estreladalimentação da manhã e me dá um buquê de iodoletas.

É vidente e mente ele falhou tão terceirasonatamente quantuo duetinhoso anterior poizela não tá excusando nenhum dos tercetos. E cum a mesma evidência há um buracaos no balé mecânica pelo qual o resto pingou. Cadiquê pra explicar por que o resíduo é, foi, ou não será, conforme o oitavo axioma, procedeu-se, nomeadamente, desde sempre seccionando aquele gossan duplo, tão certo quantum nhac num fruto proibido, este presunto de inhame nunca poderia viver, o troca-troca das moças, o desengate de amor de seus rapazes terminando o ato com muita alegria, uivos, gritos, brocada no cuchecol, inocênchiapéu roubado, ejaculações ourinadas,

zabumbando o xota dalegria e tumbalacatumbatando geral (Myama é uma terra novinha novinha), deve-se reconhecer a aparição epifânica e gigargantuesca de dar nos nervos comuma eleição geral no ursorfanato de Barnado no meio do pegapracapar no jardindinfância dessa vila na corte do sofredor lattesfundário de Lucan.

Mas, vradadevradadeira Brancudebrancus, deus de todozos maquinários e tomdestons de Barnstaple, por mortissecção ou vivissutura, serrotado ou remontado, um isaac jackman mauromormo milesiano, comuo accountibus porele, moreblue?

[253]

Ele foi caipintorado pra servir de esemplo como certuns dognosticaram-no contra nosso tsunami por Rurie, Thoath e Cleaver, akelas três boasudas suinamoradas, Orion das Orgias, Meerechal MacMahon, o pai de si mesmo, produto da eire dozextremos legando quotidentes aos nossos meios, como podiocorrer a qualquerum, seu bretão mais brutão co principão dos principões em nostra arquediocese, oientão assim conhecido pelos recortes de Clio, quio cronanista de cavalheirismo deusconfia anão ser siele investigar, poizos zantigos se ligam aozatuais conformia cadeiumana sestende, fizeram, fazem e faraão roaratoriamente como John, Policarpo e Irenews testepunhalaram zóioorzóio e por Paddy Palmer, enquantoos monges vendem pound-brazil pr'arqueiros ou a água da livvvida séguio caminho de todozos peixes desdi anal sente de Sara, em cu ralada, até Isaac, o hahabudo risonho, cusseu mininólogo extorrior alceu monolitólogo internado? Bailando Perrichon com Bastienne ou Humpt dance com airy Ânus grande, Putarionanismoralidadereçãofadeza? Porquequitutanessa, *dulcis amica*? A e aa ab ad abu abiad. Um ômi babbel derramama um vulvale de lágrimas.

O murmurante mar de mermers chegaozouvidos da mente, rocha misteriosa, erva evasiva. Apenazo placento conhece seus milium nomes, Hocus Crocus, Esquilocus, Finnfinn o Comedorme, quão quãos sessentem dinimizades in furrinarr! Nem tudo deve dicer levado por traz, espiãodapureza, do jeitão quia difusão da televisão difusiona bem dispois di Pintãolomeu Solteirus ou Surdãonaipaulus o Lollapaloosa? As acusacharges são, cevai sialembrear, as chances são, cenão vai; maizocê éu velho Joe, o Java Jane, mais veiuainda qui Odão Costello, e nóizos encontramos a torto e a direito, por Mahon Mesmo, na cicloanálise, espaço a espaço, tempo após tempo, em várias fases da escritura como em várias poses de sepultura.Louve a Teus,

Engrossadinho! Merodaque! Defenda o Rei! Hoeta duataque de pigarro na gargântua maiscuja fala é suave maiscujo ee tenhum cusângulo soberbagudo, ele cuja barraca é uma fortroialeza inda quanduaspira au gand labirinto dela. E soberberanamente élaé uma róiunha de selma langerlöfingal em canto êlié um assaz sino de cadáver quanduo barítônus elevado faisdeli o miór cantor de berrathon em todozazilhas da Uíscãodignavia. Quem vale a pênis ouvir. Poizagora finn annalmente Camões irá que irá, aquele mais du qui homi, princípí de Buncombe da longuestrada da veda, o sinhôdazervas quios vendedoresdaherbalife adoram bajular. Artho é o

[254]

nomi do herói, Cabelizod, maníaco do mãocassim qui mata a sombra de nossas folhias.

Pregue-o! Cu força!

Yes te dei, tu day tambéin, Tu morraw!

Por quêqui tu qué erradiacordá-lo de sua terra, Oh invocadorduoutro: ele foi mordiscastigado pelo pó dazeras? A hora disticá as canela tá à mão; o alarme vuvuzelará seu padareiro. Sialguém ki sialembresse di sua teiadebens i chádecocabitações perguntáxi aum mestre gansorvejeiro por kem é kias cegonhas tavam migrando de Aquileia, esse viradonojiraya não saberia; sioutro ke se juntou à fé quando sua carga de profundisdade bombardeou nossusina hidra electra de barris fosse a —!

Jeosofá, que porruína é essa! Chova misericórdia sobrieles, sin ô! A asa de Mykill o cubra! O Boillez Johnvacage o quarentene! Calavera, tenha cuidado! Escravos da Virtude, salvem seu Veritotem! Baurora Bernardineal, *procul abeat!* Qui Ivorvikangaceiro da Danamaraca seja, seu Hector Protector! Woldomar e mano Vasa, descabelabram os palhaçolhos! E tentem salvar as naites de trabalho pela ordem do nosso sangrento mondo! Enquanto Plínio o Jovem escreve a Plínio o Velho suas caluniluminações de dizquemedizfamações, o que Aulo Gélio gramaticopiou em Mickmacróbio e o que Vitrúvio plagistoriou de Cassiodoro. Comaprendemos caquele Livru de Lucão na capital Dedãoblin, Perrua Coombe. Mesmo siucê for o guardião da wikileaks e não meça os consequenciângulos nunca perca a licença. Nem divulgue o segredo da cocágua e do kafka da manhã. E em honra do Álcool larguiesse ar de cê-

sabe-por-que-vim-eu-vi-sua-mais-turba-ção! Punch pode serum orguloso potão maiza sua Judy é o qui si chama diuma esposa evoluída.

Poizo produtor (Sr. John Baptister Vi Cu) fez cunqui uma profunda abulosidade caísse sobrio Pai dos Vadios e, numniverso paralelo, plutãoprontamente trouxe à cena um pedaço de costeleta à consorte, filhórfã dium alfaia tiadotivo quinão vali quarentacentavos iembarcada no fio-terra-à-vista dium marinheiro, pesando dez por dez hetaera-esmeraldas, cinco virgula cinco pés debaixo proxima e medindo trinteisete polegadas cercadas pelos bons companheiros, vintinovi cantigas ritmodelandua deliciosa cinturinha, trinteisete também ao redor da resposta pra tudo, vintitrês no mesmo anel separanduas coxas, quatorze rondanduo início da felicidade e bonsnoventenove em torno de sua estreita calçada.

[255]

E ants kiss cê possa rogar clemência à budhade ou darum help cusseu homantismuzinho ou meu homantismuzãodaporra, a galinha de Gallus já tinha daduns pegas nassuas frangas. É pressas fofocoisas kissitem owrelhas. Seu pomo de discórdia, carne espinhosa, prestobarbie Prestissima, foge numa pensadela (e não só uma galinha ou duas galinhas mas cada santave brígida veio akákárejando e akókóricando), enquanto, um rum um rum, o ramramram dos ramramrans, Cerbeija, Vinho, Licor pra consumo no local, advokaat sem defensores pub'cus, Masmãe má, Paspai gozadô, as Ras se mo yando todas, embora o flamantenfeito de galantesflores, é harmonicamente cantado ecoando caduma em suas cores.

Todos pra casa. Sonhardocelar. Nunca mais berre de berrante, edmund burke! E pópara kéça fuamassada, arbustos fogosos! E ma sheriedan goldismitheu tudy eats syngelamente; seu shawmego wildeu show movendo swiftudo até sternuar! Poizaqui a cunilalíngua é sagrada. Logo virão. Pruma oral son.

Issué bom. Elié o melhor.

Poizeles agorestão rasgando, isto é, rerrasgando. Muito precoces pra felição de casa e guloseimas, cor'pão de cristo e mel de bíbli-pica, com açúcar-mamascavo a juju-baquete, as frases francesas da Fine Grandmère des Grammaires e agramatidocidade balablada dos Quatro Massores, Mattatias, Marusias, Lucanias, Jokinias, e o quiquiaconteceu cus nossos onze em trinteidois anteposdatando a Eira Valgur e por quiquio limbo tá ondiele tá e o quiazondas sonoras proverbiar cessou antes de todos erem pelo caminho errado e a angustia de Amnis Collis sob o machado

de axis e ondio monstro do logos ness fisg'opus o peichopin e cadiquê quia engraçadinha nãoguarda rancour e por kiss qui Sinbach tava coisado sobriele comum fugoso marrinheiro,

kunkí tési doilosa ele si doutornou depoetado, sem mencionar a definição hidráulica do sal nosso de cada dia e, seu negacionismo cricri dantiga provaunça, onde G.P.O. é o zentro e D.U.T.C. são os raios anotados pela frequência das pontuações e núcreos de suas refrações nazavaliações no priço dozalugueis in N.C.R. e S.C.R.

Aquela pequenanuvem, uma nibulissa, inda paira no céu. Simbastian Bar fica destemperado antes mimir. A luz da lua forma alps em sua sonhata. Cabeça kidbengálica e pouca manteiga ou atrás docê comigo. Caspi, pun de gerralho fede o ar. As legs gayélicas de pernas pro ar conosco! Galcostam à uísquerda!

[256]

Quiquiuma adãozela faz todo today? Então todangelândia chora pur Izzy Osbourneca star mais tristinha. Fain Éssia fia apjetitosa? ri sua stella vespertiniña.

Enquanto, correndo por seus caminhos, indo e vindo, ora em rhimba rhomba, ora em trippiza trappaza, pregueandum padrão que Gran Geometron mostrou a eles de graçanhotos, formigatletas e lebrescrita coelheiforme, eles gozombaram juntos, durian gay e maria do bairrobin hood, lou Dariou de ladinho cu la Matieto duagreste, todo menino mais toda menina swingandam longa jornada casadentro na blonga de Huddy, en canto nin nin nin nin bate oito no pêndulo de Foucaultindigente, um tic tic no lado do tac tac, noveando nin nin nin nin nin, nazoreia do velho Padre Barley que pulou da camus cedinho e sincontrou cumas loiras platinadas chamadas Carla & Pelvis e fez swingangue cuns colegas do Trinity comuo velho de guerra Paulo Brificado io (Cê vai sacar, não se preocupe, Sra. Tommy Leite! Entre, Benjamin Arrola, e seja menos metido!) velho Díacomo Cuca Beludo que poderia muito bem manter o lugar de falo aceso maizele nunca poderia segurar sua vela de querosene para (A enfermeira vai te dar, marmitapodre! locê espera, meu laço, prafrouxar o nó!) o ousado fazendeiro Ben Gadura quiacordou numa surubalbúrdia ondiele malemá phodia se bambolear pra rebolar seu saco na cozinha do padeiro pra implorar (Cê ta amarradinha agora, Miss Cheekspeerereca, e tiraro sua calbacinha! Fia, que vergonha, Ruthin Habey, depois de tudo quio tio boaz te falhou!) o broxa do H. Romeu Pinto Molly in troca do

preço diuma peça de beicú cuma pitada de panch do ponch in júri pro (Ah, canrangeixa, te peguei, sexybindo pro mundo kersse furo na meia!) Véio Uíscuzinhu Dozianus que, na deesesperação da deispiração na diásporação de sua diesparatação, foincontrado despirocado no bramido do estrondo do. Lukkedoerendunandurraskewdylooshoofermoyporertooryzooyssphalnabortansportha okansakroidverjkapakkapuk.

Palmamão.

Upploudam!

A obra de schouwenbrega, Dodecajoguismo, terminaqui. A cortina cai por profundos rilkerimentos.

Uploudatonalismamém!

Gunn o gaietyinho, gospels de Power Guido. Quanduo h, quem o hu, comuo hue, ondio huer? Óbitro irresponde: muitas vidas perdidas. Fionia tá farta de Fidge Fodgesons. Sealândia snorronca.

[257]

Laceramentodela palavragnarok reina. Gwds com gurs são gttrdmrnng. Hills vlls. Os corações tímidos de palavras todas desvogaizadas. Homidideus, dalailamma, comé kissaconteceu? Por Papi, seno daria bola presse flerte? Fulgitudes ejistdedam a rhodes trobeijando. Quoq! E buckleyteborra! Kiddusha! De seu medo quebraram, comeram vento, fugiram; lá onde comeram eles fugiram; de seu medo fugiram, se dispersaram. Vá, exaltemos Azrael com nossas orelharpas, nossa hebreubedeira, nossos portais, em seus passos. Pra Mezouzalém com Genisis e o Dephilim, uhcê pançô qui morri? Yip! Yup! Yarrah! E deixe Nek Nekulon exaltar Mak Makal e dizer a ele: Immi ammi Shemmi. E será Babel nuntá cum Lebab? E ele guerra. E ele abrirá a boca e responderá: Eu ouço, Oh Ismael, o quão único ésseu ato tal qual meu alto é uno. Se Nekulon ficar onipotente certamente Makal erigirá aos céus. Vá, vamos masturborar a Makal, sim, vamos masturborar excessivamente. Emborocê tenha perigriurinado entre suas récitas privadas minha pistolexcelência stá sobri Ismael. Grandié aquele quistá sobri Ismael iêle será mekânik de Mak Nakulon. Y ele o fez.

Uploudatonalismamémserialmente!

Poizo Purificador do Ar de ser altar falou em tumbuldum tambaldam pro seu tembledim tombaldoom worrildo e, megafonoiseado poraquele fonêmano, os

inapitantes da terra têm terretumbado do fimamento ao fundamento e de tweedledeedumms até twiddledeedees.

Altonalíssimo, ouça-nus!

Altonalíssimo, grachiosamente ouça-nus!

Agora que tuas crioncinhas foram prusseus quartos. E alegrenação, reunião diacampamento encerrada, sebo nas canelas, Gov seja lovado! Tu fechaste os portais dos quartos de tuas crionças e colocaste guardas de butuca, até Garda Gêmos e Garda Domas, pra que teus falhinhos possam ler o livro dabertura da mente à luz e não errar na escuridão quié a pós-reflexão imaterial pela guardiância daqueles guardas que são teus espiomens, o queriduplo queridobim com as keridobimbadas em seus cordeirubims, Reza-tuas-Rezas Timóteo e Volta-pra-Cama Tom.

[258]

Até que árvore de árvore, árvore entre árvores, árvore sobre árvore se tornem pedra sobre pedra, pedra entre pedras, pedra sob pedra pra sempre.

Oh Altonalíssimo, ouça os pequeninos rogarem de cadum desses seus serezinhos desalumiados! Dá-lhes o sono num átimo de hora, Oh Altonalíssimo!

Qui não se resfriem. Qui não mingem nem merdem. Qui não gometam onanismicídio.

Altonalíssimo, emphilhai misérias sobre nós mazentreleçai nossazartes com sorriso maroto!

Ha he hi ho hu.

Mummum.

[259]

II

	Jacques noix tá ondi noix tá noix tá lá no contodefodas de tomtittot ao titutomttotalitarismo. Chá chá pra fazê chi chiiste.	UNDE ET UBI.
<i>com seu rosto largo e peludo, uma desgraça para a Irlanda.</i>	Quem virá se irá. Quem num vai deixar a porterca cair. E de kioutra forma camiamos e cantucamos até a porter do boteco? Tô bebaleado, diz o guardafajeste. ¹	SIC.
<i>Varonil sobre o popovão.</i>	Donde. Fast food à nossesquerda, rodopiando, pronde. Longa Linha Livius, no meio do Shopping Mezzofanti, diagonalizando a Praça Lavater, subindo Tycho Brahe Crescente, ombreando o Beco Berkeley, fazendo crossfit na Encruzilhada Gainsborough, sob o Melodiarco Guido d'Arezzo, pela Nova Linha Livius até onde paramos enquanto resfolegávamos. Rodoanel Velho Vico. Mas cuidado, seja horrorrem! E natural, simples, servil, filial. O casamento de Montanus molhanduo bis coito na sua poetinha nós já sabemos, como qualquer entusiassta cunilinguanduma herdeira em sua roshadinha	ITINERÁRIO IMAGINÁVEL ATRAVÉS DO UNIVERSAL PARTICULAR.
<i>Dá ré e mita na fâda solfada lá sin dó (e goze fora).</i>		

¹ Romanescomecru, dishe ela consua gaelíngua feminina. Sio véio Herodes com a eczemarka de Cornualha siassanhassi pra cima de moazinha como Cheirão Flynn fungoza até cus seus canariozazuis eu pegaria nove meses pela babada do barbudo.

² Mãe Maria Mercericordial dos Mamilos Goethejantes, o leitemotiv é um arranjo complexo.

³ A vida real por trás dos holofotes mostrada pelos melhores expoentes dium divórcio real.

com romancheiro cigano de xixiamarelo
pulshanduashaiajade e shua bluesinha
indigorosa com violêtia.¹

Quando quem tava bizoiano sabia o
que tava fazeno. Um regaço, um pico.
E o zumbido dos zunidos zunindo até o
howeck in hill. Seu hume.

*Suweeney Todd,
Barbareiro Dudiabo.*

*Desenterre-o no lixo.
O velho tarado Urubu-rei,
do Cornualhaval
depilabelhando no
convulsionário.*

Deboanalagoa mareados nas marés
riovoltamos, trombeteados por
camarões e cudecorados com
repolhaquático, pra nos riovermos
quanduo velho virar ditado em um e o
criador acasalar ca criação (Porra
meu!); tendo piramidado uma nas
pirâmides e lamendado no muro e
suspendido as barbielônias e
deuszeusjahdo a olímpoetinha e si
deliciado um templinho cum diana e
liberadua rhodes ao colosso,
halicarnassocanduma no maosoléum.
Euclidialongadamente Sem Fôlego, do
homi, cabra da epesternidade,
francatirador de picnic ou de estupor
pra fora no torpor, Cabaninha das
Crianças ou Hymaniano
Glattstoneburgues, denário, danário,
donnério, dom, que, casmurro que só
ele enquanto continua altamente
ficcional, tumultuoso sob seu exterior
ctônico maizé o águadexuxu Sr.
Tumulty quando à papaisana,² em suas
antisipiências comuem suas
recognocências, é, (Dominic Dierectus)
um munificente manyfesto mais
mariavaicazoutras do que homem.
Ainsoph,³ este ereto unzinho,
procuzerava anihilar sua zeroína. Pra
ver em seu horrorscupo kiele é
maismehrkurioso do que sal sulfuroso.
Tierror lunarpocalítico à luz do dia,
criptogramor de cadabilidosa noiva da
noite. Mas, prablar na parola dilacerada
dozanjos, ele é? Quem é ele? De quem
é ele? Por que ele é? Quanto ele é?
Qual é ele? Quando é ele?⁴ Onde é
ele? Como é ele? E cadiquê os
dekabbalos zodiacam sobriele assim e
assando

¹ Quando jogarmos strip poker como adultos copulando amarelinha ludo pica-esconde vosmichê ficará happynotizado cum quão atraente finco de espartilho.

² Castelo do rei Tathur, Alojamento de Valera, Câmara dos Mexericomuns III, Andante Bolo de Ravel, Vila Mimosa, Salt o Hill, Cudado de Monaghan, Izalôndia, Terra Firma.

³ Nomegrupal pra suco de vuva.

⁴ Bhingo, disse seu ladrão de cabaço, soto poce.

o homi decenti? Fácil, acalme sua
pressa! Chega junto pra conduzir nossa
passagem!

Esta ponte é superior.

Cruze.

Assim, vem pro castelo.

Bate.¹

Uma senha, obrigado.

Sim, meu persseiro.

Bem, fiquem todos mudos!

Sério, meo reilly?²

PROBA-POSSIBLE
PROLEGOMENOS À
HISTÓRIA IDEARREAL.

*Balance o banjo,
soltiafranga, desmecanize
o ballet e exploda no funk.
A visão quase abandonou
meuzolhos quando vi a
puta pôr porter no pote.*

Hoo cabisbaixo erráqueo

No primeiro borrar pelo trovar do
trovão.³

Quando enxoxotou, sua boboletinha,

Foi captorada e deocumentada.⁴

Ardnacrusha, suplicantestressada,
acorde-os!

E deixe quios bis coitos da sorte luci
collidan à vontade!⁵

Pra abrigar como sábios azeras
erigidas na ignorância.

Que assêmen seja.⁶

Ponduo cabresto pramarrar o, cavalo
de é pau é pedra pramontar, como na
Festa do π ão em Pickardstown. E
aquele corcel branco-leitinho pulando
no show. Upa upa cavalinho acima de
tudo. Ou estas ícaras asas tão
inclinadas pro além-muro, troféus de
peledeburro embalsanovamados⁷ da
barraca de Chiste Picadinho? Os
enredenterros serão karnalvalescos!
Então deixe Baco no refrão! Popousada
popousada! Popousada popousada!
Onde. Os babeiros de virilha fizeram
figaro. Os babeldores siequilibraram
até o antro. O publicantorio, o
publicachaceirio tá virano um bach rilke
atras do outro. Dos

GNOSE DA
DETERMINAÇÃO
PRÉCRIADA.

AGNOSE DO
DETERMINISMO
PÓSCRIADO.

Quartadinha.

*Bilhetes pro sorteio do
Vira-Lattes que
Rebolarraba.*

¹ E agora Josefh smith e seus mermõns respondeu de seu poço abaixo do nível do mar, Vápruinferno!

² Ó Roma, aliçolho atraweis duispelho e vedjo quomo Izodozi tons usas palavrestes.

³ Um au rei voir croven num swiftonel das danaides.

⁴ Apis amat aram. Luna legit librum. Pulla petit pascua.

⁵ E após a odiceia devil-se baixar as cortinas.

⁶ Diz a abensonhada Maria Enxaqueca ao beautifincado ascéticú Tommy Nabudha.

⁷ Esmolambas. Pra ir pra Esmolambar. Ir pra Esmolambar e ter certeza de lembrar de Esmolambar. Esmolamba Deus, esmolambada Mulamba.

infrequentes que maizo frequentam.
Ersta mesma antiga bocadepeixenakis
que sob o nome assumido de Ignotus
Loquor, de tempos nebulosos,
arengava peixembriagados em seu
bach doce bar favorito, dium freioso
padre teobardo ¹

Marte falando.

E Egito, o incestufogoso, cuméki
soube dele? E a Asia do Major Shaw
depois que pegou varíolasia do
mineiro? E velho Waltwhitemano em
pessoa, o sardento sarnento, o além-
mar, esperança dos conversores de fé
ostrogóticos e ottomanos, desespero
dos cirurgiões plásticos pós-
mortenfrentamento da Pandemia?
Mazisso tudo foi há muito tempo.

Smith, sem teto.

Hispano-Cathayano-Euxino,
Castelhiano-Emerático-Hibridiano,
Espunhetol-Cìmrìco-Hellêniko? Rolf el
Cãomiante, Akcelrud el durón
Cãograceiro, nadica de sêmen lança e
a mesma cara.² Passatemplos são
tempos passados. Agora o que passou
passou, Aline Bei. Assim é a pikená
koreagrafia deice beilo mundo,
meuzanjinhos, e é selvagem precisar
de sábios velhotes³ desdio primal feito
do alter-ogro no jardim do Idem. As
tarefas acima são comuos frascos
abaixo, diz o esmeraldo kânt cu de
Hermes e tudo é paumor e pedrazer,
como diz o ditarado, com baseado na
excelente autoridade do tinteiro,
sistemassolarrizado,
sériocosmicamente, num universo em
expansão cada vez maizonipotente sob
o uno, há uma inerrimável razão pra
crer, profana'sol original. Julga
inabalavelmente o orbe terrestre.⁴
Hand certo ergo. Nu entanto Ó feliz
culpabilidade, doce mahlerdicência
procê porum arquétipunzinho!

Non quod sed quiat.

*Heresia no paraidoxo
perdidobsceno.*

¹ Alphabesto animal de Caçador e Predador, o primeiro no mundo de aab a zoo.

² Não ouvimos o estrondoso trambor de gruntergrass, não temeremos as fle tchas da lu tcha, flu tchuamos nas mediterrânicas e viemos pra ilha in quiamamos espaciar. Pontu.

³ E esta abelha outrora dourada em cimadouro.

⁴ E ele erum Lotário gay invetariado, Reliorgiosocenobita. Cê phode notar nassuas roupas extraorbinárias.

[263]

Honre o capetali\$mo energético maizajude ozorgulhosos sem um tolstói furado, a plurábell cum todos e cadum cum amiguinho, estié o honesto farriado do straussndoso mês do chopin-brahms de Allsop cusseus dois eclipses lunares e seus três crepúsculos saturninos. Colinardor do Corno, intelectuaziraldo ! Librook da Vidágua, lancedepuberdados! Amnios amnium, fluminiculum flaminulinorum! Buscamos o Abençoado Uno, o Hospedreiro-cum-Erança. Enclusive Canaã el Horripilante. Sempre indo, sempre vindo. Entrium luolhar ium gemidaguaçeiro. Fossilização, todosos ramos.¹ Porisso Petra jurou a Richard Elmo: Pela geada de os mortos! E Elmo jurou a Petra: Pela minha venosa vida!

Malas. Bolas.

ZELOTÍPIA ARCAICA E O
ÓDIO TELEOLÓGICO.

Nestes lugares peregrinarraremos, ondia água de Eblinn, drenada de breijos e pântanos, piraceamando entre seus cardumes e barcos bêbados, que brisas costeiras cortejam com frescuras, soprandoas costas das namareadas. Uma cidade fantasma, de filmes folclóricos falsificcionados, curvou-se e soul vendeu porum quatro de centenas de don juans em seus três e sessenta destritos porum preço particional de vinte e só seis que nada seis. À beira do rio, na nossa margensolarada,² que buona vista, por Santa Rosa! Um campo de Maio, a própria praçagração da Primavera. Pomares tão alojados aqui; sant'os lawreiros stão coitados. Tutem uma vista da florestadecinzas, um vale de

*Mova-se, Mackinerny!
Abra alas pra
Muckinurney!*

A LOCALIZAÇÃO DA
LEGENDA QUE LEVA À
LEGALIZAÇÃO DO
LATTESFÚNDIO.

lagrimatronas e espinhos. Alfavela,
Dedodedeus: altura epifânicadequada
pra rizar. Esta corte normanda nos
limites da cidadela, aquela torre
baixinha diuma igreja da Erlanda, point
pra santos legítimos em assembleia³ de
adoração, com a casa

¹ Nucamãonobolso e durossíssimo. Nós vivvy dololido. Totos tão motos.

² Quandoocê assonhava que henriquesseria sob arcos de mármore ocê tinha pensade em meorgulhar bem devagarinho.

³ Porfírio Olbion, rubritúnicomentiroso, sempre fomos fuzileiros analvais totalmente rosados do nosso lado todazas vezes.

[264]

de pedra de nosso rei, emboscada por
amorais amoreiras, o alambique quiera
moinho e Convento quiera
Terrapapagalli, a medonha tumba
frigorífica do passado passageiro, o
elmo de Le Fanu cas folhas acima da
mansão dos matos, cada, todo, tudo é
prolhar no retrospector. Skola!¹ Agnus
dei skola! Doçuda ruiva, brota comuma
flor segura de xixi, aquela fragolância
dos canteiros de morangodot: a fênix,
sua pira, aindarde com espírito
tripartitincontestável: o ninho do pica-
pai é tão belu quantuas raptorreis das
sabinas são televisíveis. Aqui tão o
chalé e o bangalô pro sapateirês e o
novoburguês:² mas Izolde, seus jardins
de grimmnaldas, amábel lugarzin pra
posar de santin, traizas maravirilhosas
cãopeãs, os maravarãolhosos
cãopeões dos campeões cãovagam,³
com cercas de trepadhera e
hollywoodipê e pergolado de visco,
são, assim é se lhe parece e siassim
suplicar,⁴ pela filha dos cabelos
grossilianos de Angústia. Tudo de dois
velhos inférteis cainduaos peidaços,
Titomonasmãos e Mallarmégahair, um
quilolitro in casametrosnocúbico.
Presepeprosapia, o tronco paterno.
Tabardo confortável, torneira de vinho
e contaberna⁵ quentuária e, pelo
desenrolar do novelo, da ponte de
contato à quebra do contrato, apenas

*Em alva campânula,
rasgo na rendinha, carne
e heliotrópio.*

*Aqui tão nossos famintos
doze parentóns em tripas
secas.*

dois miliuma odoisséia numerados e
oitenta espaços nove humberados e
sessenta linhas radioluminosas até as
plavrazentransgresso do panarômico
studio dium poeta de Flonnópolis.
Miragem distorcida, pra lá dos pedros
páramos, onde a

¹ Agora tá na hora de lavar a porra da cara

² Uma expressão vernacular do vikangaço aindusada no distrito de Summerhill pra tiozão quarentão de chapéu meia-lua que põe dois dedos em seu prato de sopa fervente e lambe-os suceshivamente pra descobrir se há ketchup de cogumelo suficiente no caldo de carneiro.

³ H' dk' fs' h'p'y.

⁴ Googlaa pluplu.

⁵ Tom Zé. Homão da porra. Um açougueiro costexturou pra ele o giriagasalho e a gramaticalça. Tô anchistoso pra ouver Sr. Cidadão.

[265]

bocetobediência das bedélias¹ faz feliz
o felizardãodebem em seu fururbe.² O
astrofisicomércio e transporter,
Jeremoaburgo do Castreslo sob Lima.
Rivapool? Só um tijolo no muro! Mas
seus perssegredos o'reillyndecifráveis,
sua extensão colossal, seu preço pra
curtir o foço, seus parapeitos
peripateticaindo. D'Oblongas da via
lado a lado. Que todos nós passamos.
Tons. Em nosso sonsnho. Ronsco.
Enquanto oniricavávamos a densidão.
Sonhesia. Polissonhia. O que nos leva
da uíscãoridão do metilado na
torridebarril, servido na tábola redonda
por bedever, além da necessidade de
dandar pra ganhar Papá e da invenção
de Harington, pra clarividência
luzinfantil na sala destudupros do
sótão. Aqui vamos residir sobre
phoderes caseiríssimos, amor à seth
chaves cus noviçus santu e juny. O
coro: os proustagonistas. Pra
rifocilação de sua inclinação à
manifestação de irritação: fantoches e
boneca.³ Depois de som, luz e calor,
memória, desejo e compreensão.

echiste pulgatório, bocê tá no jogo?

breguentos que bregam embreagados se recomponham, *F 4* (pagando pound, respeitosamente, décimo quarto baronete, encontro, falência bem almeidiana, chaffado) e antes de começar pelo começo catalauniano quando Aécio deum checkmate ostrogodolando a estratégia de Capablancátula, (aquele kasparov agra, experimenta um pouco!) leve-nus a procurar, Ó junho das vésperas de genovulva, tu que fluiges cheia de gretchinha riobolando conga la conga pra te atar borromeanalmente ateu perseguidor maisgozador,⁴ engavetadora do nosso inconsciencionável, topdastops diante do nosso teseu

¹ Creio em Dublin e no sultão da Turquia.

² Ouvi esta palavra ser usada por Martin Halpin, um velho jardineiro dos Vales de Antrim que costumava fazer biscates pro meu padrinho, o Rev. B.B. Brophy da Peixeira.

³ Corvos podem destroçar pra que pombas se deliciem.

⁴ Uma questão de atração.

[266]

*Havi uma doce
esperançosa
selechiada Cis.*

reprimido,¹ guiâ-nus à buscar, levâ-nus à lotus, iluminâ-nus a ver, encontrâ-nus na perdição de Mãedadá, Mimosa multimimética, mimio signifigaguejado da mimia signopênizão! Elpis presliffey, tu fonte das grécinhas, todus terão espiança no teu ti² desdio reizinhodoparque em seu botecontabilidade até os risca-facas atrás da colina. Ausonius Audacior e gaélico, gapacho, gringo.³ Kenkantseusmahlersespanta. Storiella coméla é cantada. Dionde vem a kantnuação com finnotação misicablada por texticulações, plutonicamente diacordo cu mais breve vislumbre do vestidodebolinhamarelinha, linda Proserpinette de cuja bolseta rasgada escorriam ervilhas. Farol de Belisha, faroleia brilhante! Lanternuinha, desenreda-nos! Aquele raio verdi de belchiorange nozondeia

HOMEM PRÉ-AUSTÉRICO
E SUA BUSCA PELA
MULHER PAN-HISTÉRICA.

*A Ursa Maior mordeu o
Navegante à Deriva. Deu
ruim, deu ruim, deu ruim.*

*Cristandade pra Jovens
Mollières Chistās.*

pro além comus vermelhos, azuis e
amarelos compassam pelo do-mi-
sóltão,⁴ cum sopro cazulza ium vento
anil barroso. Ondia carninsight se faz
verbo io silêncio ensurdece. Pr'abraçar
congêneres, triplamente tremimados e
duplamente gemamados. Adamman,⁵
Émhe, Issossianção e oguns tipos
como Tom Jodin e Beth a Freya.
Uwayoei!⁶ Quiesta sibileta seja nossa
shibboleth pra que possamos silablá-la
bem. Vetus pode star oculto na saia da
moon em Veto mas Nova stará
sexaproximando comua radiante
entrias Nereidas. Uma das
feiticedutoras, sim, Una Unica,
feiticedutoras, que, sob os ramos dos
olmos, em sapatos ainda não
deflorados pela pedra, eu vou, eu vou,
porum brumalmíscarado caminho de
mel e mirra e rosas errantes agoreu vou
enquanto o talvez aindabelhe as
floersias de maio, ou ela sempre

¹ Para Rose Point na'ver'gar à Inishmacsaint.

² Pose do manneken pispizento.

³ A santa presunção deles e a pobreseresia despírito dela.

⁴ Anama anamaba anamabapa.

⁵ Só por ele ser padrarastro eu poderia empalar aquela véia e gozar fora uma porrada de vezes mas
tô mais preocupado cu minhas tigelas e paunelas.

⁶ Todozabordo pra Tarararat! Disfarça-te de chinelo, zecachapeugandhi, temozum dorminhocão na
manjedoura.

[267]

*Canta-me tutto de
annaryllies.*

desvanece da fleur, com seus braços
entrelaçados, (blémbém, as badaladas
do sexo apelando enquanto conchita e
senta epiritossentam, bléim!), todos
pensando naquilo, o Aquilo cuma
coceira naquilo, o Todo medindo cada
centímetro disso, o prazer que cadum
terá de darum trato nela, o negócio pelo
cal cadum foi criado pra procriar.

*Você vai segurar minha
broncaneca e vai botar as
fadas pra correr?*

Loguos jemijouns irão matutar
sobrialguma arritmética ou outra
sobrias tabelas divisionais de Browne e
Nolan encanto ela, a novença dos fieis
sendo caridosamente venerada, pro
raposudoração à caneca, uivivavivo

*Allma Mathers,
Escoleirão.*

*O Velho Vovô Mão-aberta
é tão surdo quanto você é
budão*

fedor do taberneiro, formigavareza e grandegaffe do semgarra, com seu tôpolcomelixando da arte de ligar o foda-se se sentará e tricotará solfejos no solfá. Enchopado de noite, enchopado de livros. E um bê-a-boy no Teatro Thimble. Mas tudo é annato dela. Suphuncheta-se. Da gramática da vovó ela sabe kisse houveruma terceira pessoa, mascarine, felinine ou neutre, a respeito da cal se falam os modos pros ódios diuma primeira pessoa falando pra sua segunda a karl é o objeto direto a quem si havia falado, com e em. Tome o dativo com seu oblativo pois, mesmo ki obsoleto, é sempre de interesse, assim falou a gramativovócologia no ímpeto de seu imperativo, apenas preste atenção ao seu gênero relação ao reflexivos dele como fui pro seu vovôcabulário (Valescalça Poposuda, assim cê mata o papai!) quanduele era hedonista de si e da mina, comuo povo ninfomaniaconta, seu analectual pigmeustimulante. Há confortismo em

¹ Deve-se vendê-lo a alguém, o sagrado nome do amor.

² Inventando moda à medida que avançamos.

³ A lei bido da selvadolescente.

⁴ Deixe-me enrubescitar ao pensar em todozaqueles pulôveres e meias-calças levantados.

⁵ Me gostaria sua bochecha rosada.

⁶ Diabo franco-insolente em cabelos ruivos! Então é por isso que você fugiu pro mar, Sra. Eva Dias. Pule em mim, Noruegata, pois você já sabe o que te espera!

⁷ Uma lavável adorável boneca flutuável.

[268]

saber que muitas vezes o ódio à primeira vista vem do amor à segunda vista. Tenha suas pequenas conversintaxes na whiskuridão das subjunções, dual em duelo e pluritano com pluriel, mas mesmuo pretériteorético mais fofocabeludo que qualquer pretête-à-tête perfeito mexericoncernent às predigatas e haec genua omnia pode talvez adjunter a chance de adjetivestar por estar no caso de adnoninar um páulido pretereto

*Undante umoroso. M. 50-
50. οὐκ ἔλαβον πόλιν.*

apesar de todosos seus tensões
acusativos enquanto bocê tá
floradando¹ até o teto como seus
gerândios pela cara metade de um
saussurro ou jakobsoluço. É uma
gatinha selvagem, minha querida, que
consegue distinguir um wikingkong
dium javali. Poizocê pode ser tão
prática quanto predicável mas deve ter
a classe adequada de morfologíria pra
encontrar esse tipo de ser com uma
diferença.² Fogo em suas
masturbações mas gelo em seu
punho.³ Cada letra é um dondedeus,
Ares ardente, Bóreas brusco e
Ganímedes loquaz como o zeloso
Zeus, O' Reidacocadapreta acima de
todos. Pra mim ou não pra mim. Satis
faça tua questão. Werbundassapiência!
Jeg suis, vos fosdes um cavalheiro, tu
agácêés, eu sou uma rainha. É um jogo
acabado? O jogo continua. Cúcôcúcô!
Labirinte-me. Quanto maior a
mendicona da empregasta maior o
cacetete do espancador. E quanto
maior o pautriarca mais doloroso o
beliscão. E é isso que seu médico sabe.
Ó amor é a mais comunhecida coesia
sem distinção entre plutos e pobres.⁴
Pop! Ela é ativa cum ovo ou passiva
cuma colher, todazaqueles belas
gramaticláusulas em Lindley e Murrey
nunca traziam o participio de um
presente prum depoente
excitadortodoxo, vindicativamente eu
verbalizo,

¹ Com seu poodle danduma de cachorro sem dono e se sentindo morta em si mesma. Amar é pior que viver?

² Se ela não cartesiamar o bastante será descarte de Renée.

³ Fricções impróprias são maldições e homens truação minlouaquecem.

⁴ Minidicionário Latino de Machonaria et Magíria Negra e Branca.

[269]

sobre seu futuro pós-condicional.¹
Lobelosome é quem silica lobumpum
qui some. A quantidade conta
quanduos acentos desacentuam.
Brincaideiras à parte e orações

*Eu miaventuro ca pequena
polianna se você engolir
leitinho nonsense.*

O'Mara Farrell.

Escondendunbusãonacartola.

oblíquas dium lado, uma pirralha, alanna morri seth, podiescolher entre tantos, seja eli um apêndice dium advogado, um bartebly bombeirescrivão ou um mata-moscas funccionalista autônomo, aquele cornalha perfeito, desdia languidez e a fraqueza da mocidadexaustão de membrosflexíveis até as dores de cabeça, costas e coração nas trevas em mollières c. bentas e montes e montes dioutras coisas também. Observe as Respeitáveis Sinhás Irlandesas Aflitas e as Associnháções McLanche Mostarda Feliz dos Babadores de Humphreystown. Atac primeiro, quequestionone depois. Fica sperto em como nesse subconto histórico² de difanajão stá a lição pra provocotonetar oreilles. Para serpentear na raiz cobrada calcular-se-á a propensão adequada. Mas aprenda cuesssa língua antiga a ser meio pré-moderno até a minúcia. Um cuspidor em quem se pode confiar. Embora o Paisdasmaraavilhas tenha nus perdido pra sempre. Alis, cis, espatifoi-se nuespelho! Liddell seduzindo através da folhagem, nosso é o mistério da dor.³ Cê pode sensuagiar na bichicleta da Juventrude e multiagradar seus Mike e Nike com suas bricadeiralpargatas no guidão mas, eneidê um passo atrás na página vírgil e veja, o O da mulher é tão longo quando são maiusculosos os dois alto-farrantes quia perseguem e porisso dê a irmão a Nabob⁴ pra nunca si perder dickens te nimama lindamente e nehm o dia do coisamento.

Um justo acabou de ler, o quié nué o qui paressi, sim, sim, em suas minemórias das gaguerras púnicas de Merceneires, por finn, e zé finni, lady ga, ga, Di O'Brien,

¹ O glágláglá comendo solto.

² Ele é apenas tarado por carne branca maizele não tem dentes nem culhões pra cair de boca e é isso que há de errado com o Longa Minhoca Caída, velho sátántangó.

³ Benzinho e eu acreditamos em toda frivolidade da qual euzinha possa ser perdoada por passar dos limites maizacho que posso acressantar ao inferno.

⁴ Ele é toda minha homãonidade de cada descrição.

[270]

*Ulstria, Monastir,
Leninstar e Connecticut.*

Di O'Connor, Di Mac Loughlin e Di Mac Namara com somando sua abudhancia, da, da, de Sir Invejúlius Cesardiloso, aquelimplacável caipratraz, com seu duo de druidesas em cuecas de fundo falso pra dinheiro fácil e o triumphopinato de Bandidotávio, Lépidador e Marcorote Antônio. Pódi ser que não concéga ver a farsa desse estratagema, Suetônia, maizas reflexões que miocorrem são quienquanto a beleza da vida for amor karnal e tão brilhante quantua Mútua de teu espelho qui segura a vela em seu velórrio, canhotinha onaniilista incomparável, sombrio Outono ditua Primavara, não simporte cuma jorradinha disperma sios trigêmelins mamam seu mimo ou não. Em nome da própria figura ela confessará e negozará bem natua cara. Siço não bastá praquela tiarruiná intão ela não realizará nenhuma fantaorgia. I intão? O quiqui álcooltecerá dipois? Miguel Falo Belo pode atirar, Tora Toralina pode torar, os aborrescentes óiam pras aborressantas nozóios. Dos anais de Heber e Heremon, nolens volens, cagam-se nossos amores-perfeitos, bruno na bruma. Há uma divisão no infinitivo de ter que ter sido pra ser e pro será. Comueles guerrieram no princípio agora e sempre nunca saberemos. Engula as primevas maçãsdatterra. Cobra xavequeira boa de papo. Salve, Heva, nóizouvimos! Este é o cobra safado que picalegrou a menina que se inclina ao vento que agitou as folhas que afagou a fruta que pendia da árvore que crescia no jardim que van Gough nos deu. Fiiiiiiiu-fiiiiu, estamos murchando.

CONCOMITÂNCIA DE
CORAGEM, CONSELHO E
CONSTÂNCIA.
ORDENAÇÃO DE OMEN,
ONUS E OBIT.
DISTRIBUIÇÃO DE
PERIGO, DEVER E
DESTINO. PRINCÍPIOS
POLARES.

*O Eroicorlando Furioso
faz o valete gostar de
sorrir.*

*Quanto maizalto sobe o
mico mais sieleva a vison
do deusmatamento e
siobselva o crush dedeus,
charlitos!*

¹ Todos os dentes da retaguarda dele apontados pro front, depois a lua e depois a lua com buraco atrás.

² Pule um, cai de bico, maldita geni na barraca de repolho.

³ Nonada do seu Estofadinglês compulsório haqui!

⁴ Entenda meuzentendimentos, Sostituda, e dá uma seguradinha na puxação de saco, genuflexanta do pau oco.

⁵ Embora eu tenha um igual a esse em casa, marrom folha-morta com apliques de mercúrio, seria totalmente aplicável uma bela seda brilhante e lustrosa daquela charmouse cobra deslizante.

[271]

▼|▼▲▼|▲ piadosa, cremos quia terra é riodonda. Por que quicê siscondi atrais do nome doteu marido? Leda, Lada, afobada-apavorada, assim aflora tua cintura! Desejada sem querer querendo, rizoamada sem eira nem beira. Pappapassos, Mammamanet, guerraguçarraiva e quiénsabioporquê.¹ Mas são popôs pra pipis e peitiños pra niños e vem kivem kikando ko morcegão até o dialumiar.²

Pige pas.



*Powther do SS Seydlitz
pra disseminar wake
news.*

Hoplitas e antenienses.

Azidades das trevas agarram as raízes das margaridas, Pare, caso seja cavalo de troia dozaliados, guerrilhabirinto do Minnitauro e aktions navais, combates escolhidos e galeras de romadores. Imploro que pare si vassuncê é uma dó-ré-mina desassossegada na B.C., pópará pôfavô. Mas casocê prefira A.D. pópassá. E se vossa senhoritez si perder cuma ventura vai ver o quié bão pra mozartosse. Mas, santo Janus, eu tava mesquecendo dos Trovulhões! Aqui, Hengestequino e Horse-saci, tirem suas cabeças³ desse cuento dium tonel. E deixe seu garanhão houyhnhnms atrás ducê. Tá assombrada. A Câmara. De errouvidos. Pégasum, marchadois, rocinantrês, estribucéfalo! Stá tintin por tintin subentendido que, sinta seus trêsalmosdialtura colocanduos dois cascões espatatemporais naquele balneário morto do Pesadelago de Morfeu e até esse passo-tempo uno e os sorridentes estadistas Cavalheirosdocaos, Kaiser Brock e Leon, desviaram-se dos canditados resmungões, Starlin e Sir Artur Ghinis. Famosa cervejartesanal espumosa, bebatalhada na botelha, gaganhada da

VISÃO PANÓPTICA DO
PROGRESSO POLÍTICO E
A APRESENTAÇÃO
FUTURA DO PASSADO.

gueguerre.⁴ Tourão chifra ursinho e depois riverrurso morde ritouronello. Gringrin gringrin. Pastoros universus rebanho e reprodoutoros univursus reprodorruídos.

¹ O que é isso, ma'am? digo eu.

² Como você mesmo diz.

³ Isso é lethe na musa, mas lavou tá nova.

⁴ Onde ele lutou contraindo gagofonia pós-guerra e nós pegamos as pepettes de nostras vidamoras.

[272]

*Meu amigo de fé, meu
irmão camaradiabo.*

*Femílies maneiem no
mangia che te fa bene!*

*Tudo o que sofremos sob
O Adubador no Campo de
Bosteio e como
aproveitamos a colheita
enchenduocesto.
Churrasco do Lendário
Gado do Soul.*

*Xuxuxus pras xaxaxas e
um bombambum pros
napopóleuns.*

Junto ao velho muro das Lamentassons, π ânus preparados, busoniaços e shoenberros.¹ Opprimor tá no foço, upa upa Opima! Aluguéis e taxas e dízimos e impostos, salários, economias e pierre bouletoz. Aleluia, heptarcado período de paz!² Viva, liga da justiça, fogo nos fascistas e moraliszts! Issué lícito e ondié kissê sinfiou. Desgoverno do boovo pelo boovo para o boovo. Portanto embrulhe suas mazelas em sua aflição (sem anistia!) e agite o molotov pro lançamento. Pois há uma mera operança³ prum pecador caído. Como Hannah Levvy, astuta ladra de botecorações kiss jazzmais saiu em fuga com seus contrapontistas.⁴ Pra adicionar toques alegres. Pra hermeto e pascoal e mendel e ssohn. Com covinhas e espinhas e boboquinhas e enroscadinhas. Um espigão num batidão e um leitão num leilão.⁵ Ela os vence por vencidos, uma hecatoendecatleta mesntruosa, poruma porção de mumbo jumbojubas graxias a mutts e jeffs muchas gracias braceletonettes barcelonas.⁶ Oh que adorável libidade dixpressão foi (tep)⁷ pra cunilinguarantir grunhidos tão insonoantes. Tip. Comua melodia das cotovias ao crocodilo⁸ carregador de piano, ou rindo da conversa phiada de tiozão ventagarela, Wesley Schaefferzão, falando mahler de tudo o quiele não concretizou. Vá pruinferno cassua heliotropa! Com é a piscadela pro marchêis de wellasley e nietzsche é

o sim anal pro amperedor napollyon e
hitlerolhando alá stá seu míopengaré
cavalassanhado. Marengogoboy.
Cassua arma dura tricuspidal

¹ Agite a eternidade e lamba a criança.

² Bendita eu seja se puder ver.

³ Olhosdefranga Dissipulada, capitu're a galinha. Eu cocóricurto cacarejos, você gogósta de nozinhas (piscadinha).

⁴ Doce, equilibrado e seco como vinho de altar.

⁵ Quem vai comprar bonecocada pra moazinha?

⁶ Bem, Maggy, peguei os gênios malignos dos seus descartes e agora penso logo eu chisto. E estou vagamente cheia de groça. Maggy obrigada.

⁷ Meu seisho no ié nenhum segredo, senhor, disse ela.

⁸ Sim, naquele lugar, Papi, obrigadinha, dê, do, papá, olhe pra isso agorinha.

[273]

Murdoch.

*Pas d'action, peu de
sauce.*

*Das sete tendas de José
às calendas de Maria
Mariana, cheias de
oliveiras e espinhosas
também.*

*Como Machado de
Ashiskespeare pode
narrar.*

super hermosa cobrindo a emblemática
cabeça. Pro homi ki rompeu as fileiras
no Mont Saint Jean. A obra de
enigmartetotal? Quiisto tudo
quiarroxeia a nosotros, antes do
programado, de cujus plano já foi
concretizado desdi e desdintão: Dathi
Dadá das Cinco Posições (o raio da
morte o detenha!) aindestá, como
censura Paulo, no alp Madderhorn e,
entre bate-papos e dedos de prosa,
desafiando Thor Zé a estremecer seu
pau e Hannibal mac Hamilcan, o
Hegerita (mais forçavital acotovelando-
o!) mestreconstrutor, como reprova
Timóteo, in Saint Barmabrac. Número
trinta e dois na raiua Onze Oeste com
vista praquela (que todos no porvir do
sempereterno ascendam altivos com
ele!) dolorífero árvebore que mais e
mais folheia antes de cada florada e,
olhogordo, cabeçaçaricando, cos
nervos em frangalhos castionandosse
até sessentirem doloridas como kalker
mulier qui in toduo caso tenha nascido
para o harém e por cantas e cantas
erras se movies os demônhos naquela
barracacasa dozespíritos que jerry
armou pra Massa e Missus e hijo de
puta, a centelha sêmen ótica do
fermamento dozaugustos campos da
melodiadetimbres onde sopruma

webernêmesis a cada lansérie de ventons elazainda deslizavam ao longe e choviviam distante e metiam o pé na estrade e lançavam dadisparos ao acase. Durantiessazeras ou balõespaçotemporais por bons vintanos di glória Dagoberto murou na limpa cidade natal de Clane preparando seu prepueratório e aprendendua passar óleo de perobronze na caradepound através da fenda imeataerial na fantasia

¹ Sobe de um pulo, encaixe porum tempo, desce com jeitinho!

² Se eu me gneço comuas rótulas dos meus joelhos ambos são gnativos de Gênerova.

³ Um copo de águia-qui-passarin num bébi pro Sin Ô Potter do Texas, plis.

⁴ Todo mundo ama uma brilhante geleia geral.

[274]

Nossa, que bosta, farejum gato de botas.

Dois micro'sons senoidurinam o macroscópênis no terrescópênico.

Do Buffalo Times às bisões do passado.

de Brian el bonecón de O'linn. El hiperpeludo culoteiro de Erin.¹

E como, senduessas coisas assim ou antes kiakelas coisas acontecessem, lá nos fundos de casa na Pacata Hiberniña,² (até antão a sagrada Irlanna velha de guerra) um mundo cavando em outro, (sê me pegou, vizinho, nalguma parte protuberante, antiquado?, e mostrou a potência) Festonildo, nosso topiocal herói de sagon, ou qualquer ottro macottro, os sinais estão nos guerreirogros à retaguarda da bastilha, resistindo com plenitude, e prateados pro jubileu dela,³ varasdesãojorge no dote dela, nossa senhora do tchauzinho, rosto cheio de carne e estufadinha como crista de galo, Airyanna e Barbaladeiroazul do balacobaco, aquele casal real em seu palácio de galhos vivos deusnominado Bodeus Nozacuda ('número de telefone 17:69, caso interesse⁴) cu braço marculoso dele ao riodor dela, ozolhos de lanterna dozafogados dela, discutiram coisas do passado do coisal, caimfração e fábulabel com shemvergonhice, hambitação e jaféconomias,⁵ por que lui mentiu pra belle lei que tentou cortar o presunto dele, rabiscrevivendo, em cujas veias corre uma mistura de, estão de cabeça baixa e dura. Soletre-me as badaladas. São contos todos cantados.⁶ O hoje é bem teu maizonde há de star o amanhã. Mas, bendita seja tua cabeça envacaracolada aperte teu honrroroso

DA DICOTOMIA
CENOGENÉTICA
ATRAWEISS DA
CONCILIAÇÃO
DIAGNÓSTICA PARA A
CONTINUIDADE
DINÁSTICA.

*Um terremoto terremota o
livro papagaio de datas.*

chapéu, que desgraça mundana é o
esgotamento um do outro esperando a
listagratória dos prósperos erros, o gente boa
que dá tapinhas nas costas, livre de seu
florido futuro e a outra semelhança cantante,
lamentando um passado de altares
sangrentos, vendaval cum
demonhonomeiodohelldemoinho prele,
pomba sem ódio.

¹ Um pêni prabaixar a camisolalingua secreta pro seu protetor.

² Meu globo vira de pinto cabeça com a geografia rindo dos países baixos enquanto eu andava eras
porai procurando meu sapato por toda a Arábia.

³ Deve ser algum bicho-papá no gênero especialmente quando velhacamente todos logos começam
a olhar.

⁴ Depois que eu procurei o esquema na *Justice da Piece* de Humphrey ele disse pra dar uma olhada
nos capítulos precedentes.

⁵ O boyjones e megahairódoto! Só nãoé contou à patroa sobre a psicologia das massas dela sendo
quiela iria rir tão mas tão plana que depois quiela descesse até o chão com seu popozão eles iriam
chacoalhar mais que rilke shake.

⁶ Traduzido à jingla jinglesa pras nusances dos beabotos cor de riso natos.

[275]

*Alguns bicéfalos buscam
os dois chifres prometidos
mas maizuns prufere
naboecove*

*O univerbo numa casca
de noises.*

*Para todos nós que
somos crianças sob sua
égide*

*Salvando o público da
saúde dele.*

E ela, do ninho da gralha que dilacera
letrinhas sobrias quais nunca compôs
uma pluminha. Aindassim cantou sobre
o amor e o hõmi-monstro. O que é
Hécuba preles ou Hagar cem és prela?
Fora, fora, crianjinhass!

As vésperas dos cães são latinfinitas.
Vespertiliabitur. El Pastordecabras tira
seu manto de gabardine pra santar-se
com Bacchus. Zumbockabra!
Cabritachèvre! Nuentanto o vento
soprará antes do painosso e da hora do
paunossodecabradia e de berg tocar o
sino caso Japão tenha pérolas ou
Eldorado opalas, o prato dândilicado,
pra lamber! Gipão, que deus óleo por
nós! Por (sexylêncio!) longa jornada
noitiadentro até o amanhecer pra que
todos galos cocóriacordem ios
pássaros serenatem Diana
cartolorando alvorada. A palavra algo
escurece nebulosa um crepúscollin.
Issussão mor cegos? Lá pipis
mijarmonizam. Atracam no mar doce
bar de Brannan. Ao sanfoneral de Tião
Fannagans walker persebebe-se quiele
indatá forte comuum dozianos. E
indaqui stão os mor cegos jegantes e

*Superlativo absoluto de
Porterstown.*

posso dizer coisas acomuns poraquela
sensação dimbriagaguês. Confortável
terno de madeira pra amontonar
caixões de finnados pessoas in
caravannas finnerárias scotadas por
corvos na paz que segue sua lei,

¹ Ele me dá púlpitições cosseus Castelocovardes nunca cuessa calçadupla e sempre caquela
calçadobrada e depois nos binbatizando cunosso nomidishowlteira.

² Meu incomodourado irmãotiquado quase mi deixou loka e morrindo de vontade de manter meu
rostinho cemrrugas comuas acabêbadas donzelalegres espremendo sherlockravo Holmes.

³ O qui me gostaria é uma pedra de jade pra combinar cua lua increscente.

⁴ Tu parla Eskimozart? I do, Ida. E como chamar o gado pelo berrantrevoso. Múuuuu miiiii.

⁵ Eu tava tão aconchegadinha na minha crença sofápostólica mas cuma coleira longa vou
mesparr'amar bem caprichiosa em sua cama manchada de espermação.

⁶ Pipeta. Quase posso alimentar sua doçura com meus lalábios.

⁷ Ali ceitada pelo papais das marafilhas.

[276]

*Cadiquê sujismundas
pontes esburacadas ligam
nossa estrada
Flaminianna.*

*PC Helmut está no
choupo, ouvindo.*

*O trono é um guarda-sol e
o cetro é um bastão.*

*Preciosa Jady, nossa
filhota doktora.*

*Gautama body builddhar
deossifisando nossas
Deusudas.
By linear em treino pra
hipertrofalha.*

Rei Dominginhos.¹ Seu poemanto
heptacolorido (O acorde! O acordeon!)²
e sua imponência dum sun-
tzuosobscuro monte (MogGoul!). E rios
irrompem como corredeiras chorosas
de bebidazalegres pro forróneral,³ onde
cada festeiro é parceiro duoutro, todos
fiannianos.⁴ O peito pavarottinflado,
gigante pela própriapa nadureza, o
montanha lamentoando sua ode
orvalhada. Pra orbediência da
civilidade na urbaniosa felizcidade
quiaindadestrará Mike⁵ nosso
depoetado funeral quande ele encabezar
azeleições y o Tio San Peter Burguês y
a Sinhazinha Mishy Mushy forem
tiktokers por Toft Taft. Nobleza
globelezada. Porque como Anna fluía
no início ainda vive e retornará apoizum
grande sono profundo ressurgindo y
uma intensa noite branca com vacas
Oniricaindo como chuva assim como há
uma nuvoletinha molhadinha noeste de
Wicklow ou uma pequena rosa negra
vadiando num espinheiro. Sonhamos
nossas sonhatas até o ritornello de
Bapai. E Ser ou não sei noitícias. Não
diremos que não há de ser, esta

By linear em treino pra hipertrofia.

passagem de ordem e a arthúrica chegada da ordem, mas no país da maccolnha e nos campos gerais de Corpo de Baile assim como na cidade das legiondas aindesperam quiô quié pra ser será. Então léve os flautistas pro rolé.⁶ Eirek satiericon!⁷ E é tempo de todos prestarem tributo a essa mortalidade massiva, o pink da perfeição punk como fotografia na lama. Alguns podem tentar sesquivar da

¹ Eu me pergunto se devo pôr o véio xafado uma noite pra mamar no mel do Leitinhomem assim como costumavam mumifincar alguns dos papas especiais cum livro na mão e a boca aberta.

² E um estúpido estupro espedaça sua lucreciosa roupinha.

³ Quereis molhar vossas espadas, bardos guerreiros?

⁴ Rubroxóssi, Williaranjão, Amarelacan, Verdi, Azulzumzum, McÍndigago e Vil o letal, as corinstituições do império romano.

⁵ O efeito de vitral, você poderia jurar quio cage coalhado não sairia fervendo de suas tetas pingantes.

⁶ Bombadão e Frangolino orando a são piscinabolizante.

⁷ Oh, poderíamos fazer cueste nostro gingadunivervo comaquele profeniano fez cusseu in'cesto d'yostras.

[277]

Berçodejudas e triângulo, forca e açoitinctunc.

forca alegando quantidade de qualidade mas quem quer passar a perna no carrasco tem quiaprender a ruminar. Todaqualquerlacuna rabiscada em pergaminho circuminiumiluminado têm panegírias aqui e impropérios ali.¹ Cuma concebchão pro bichano no canto.²

Cuidado com o coração de Fanciulla, o coração de Fanciulla! Até mesmua lembrança das folhas do salgueiro enfeitam de tal modo que requer auscultação. Os juncos junto ao lago cinzento das freiras: ah eh oh deixe-me suspirar também. São carvão do sinão: cabe aocê pôr a mão na massa. Jenny Passarinha: pique, bique. Johnny Mensugeiro: empacote, transporte. Todo o mundo tá carente e escrevendumas cartas. Uma carta duma pessoua prum lugar sobriuma cousa. E todo o mundo deseja ser o carteiro que dá as cartas. Uma carta aum rei sobrium tesouro dium gato.

INCIPIT INTERMISSIO.

Tio Flabbius Muximus pra Sobrinha Flappia Minnimiss. Como isso é. E como isso é isso.

Caro Brotus, mimpresta uns trocadouvidos.

*Rockabye, babel, meteu
reboco numa parede.
Como ele derrideu as
boas novas a Gent.*

Quandozomens querem escrever umas
cartas. Dézomens, cenhomens,
canetomens, piadomens, tinham o
hábito de subiruma escada. E
lobisomens, apocalíticomens,
pântanomens, humoristomens,
galinhomens, barabaromens
marcharam pra arrasar um líder. Há
então algum diadacarta e do cartador
em muitos povos, Cãofiodapoeta?
Império, o mais abrangente. Um cordão
postal. Porobséquio.

Seguimachucamos nosso caminho
contra o tristãozinho prícpinimigo até
quiaquela força na guelra seja só um
pontinho rubro norizonte

MODOS MAJOR E MINOR

¹ Tram biqueiro, foucaultroeiro, congelalfred jarry griminoso! Sujeito nota deuz!

² E se eles estivessem sentados em seu banquinho tão duro quanto o meu ela poderia apopôstar sua bunda dollorada quiele teri uma culiôsa impressão no diminutivo daquelas que ralam nossos fins.

³ Quando eu sou Enastella e me consideram Essastessa minclino sôbrio piano de pohlmann.

⁴ Gêmanos celestiais, se for uma das grossinhas deles fingirei desmaiar quando penentrarem nos quartos.

⁶ Com o ofício de sua modéstia.

⁷ Exibindo-se tão altivo quantum orgulhoso tarquin abananduos chifres cosseu chapéu de Hedão e Evargila.

[278]

e o rosto na cascadárvore finja uma
medo. Esta é a chuvata dos granizos.
Culto invernestranho pressa estassom
do outorano. Maizo Verdi do verão é
eterno. Qualé o preço do pote de pun
patrilinear plop, se a osseleção do
círculo pressagiriar o nome? Já que
toda guerra acaba em guerra o jeito é
deixar o esporte ser lazer e trazer e
prazer consumista. Ah ah atlectas,
bendictos sejam seus maldictos pés
lavacdos! Demandadacidade,
flortaleza, a hora que ora urge é a
alvorada. Uma pausa in momi de diuz-
que-me-diz.¹

COALESCENTES
PROLIFERAM
HOMOGENEIDADE
HOMOGENUÍNA

¹ Venha, maciez da minha ardósia, ao ritmo do meu rubor! Com todazessas ovelhas castradas dando foras em ovelhos ias emoções y males de giraxoisxotas florescentes sendo que há munch mais plantas do que cânticos pra cecílias ieu sinceramente matutava sobre matar tempos e acabar comeu mahler-estar e comigo mesma, quando me lembrei de todozas suazerrâncias de profesoraluno na aula perfeição. Não de'ver'ias escrever que não phodes se não de'se'jazz se p'assar por subdesenvulvida. Esta é a mineira uaidequada di dizê isso, Sim ô. Sieu mastigar pra engolir toda porra quicô diz pelo

não dito então pode comer mis palavras sem medo de errar pois há uma chave no meu beijo. Rápido erit facinfacin. Quando vamos conjugar juntinhos praperdê-la pradestrá-la prafalhá-la quanduo amanhã armar a hora de amare, verbo da vida e verve pra viver, pra amar y ser amada o tenho em minhas costas e pra sempre terei. Bocê tá severa comigo? Então sinto muitão. Meu prometido, Jr, que me destronou, (aqui instá ele, meu pai-de-arara, uma nova lokura lacrainiana) quandueu fluir por minhas ann'águas obterei meu doutorado e vestirei um fio deltal quando não for semeada primeiro porum tal Rolando Rompi Lasso, e ostentar os fragmentosfílmicos pra agrigar minhas collages juvenis que, embora fiquem em flamencarne viva, são octetas e virginteadades à minha sombra mas sempre minhas figurantes. Elas podem tudo ser do meu ano mas nada são do meu dia. Espere até quia sagração da primavera brote brilhantismo ios pedantes implorem pra bisbilhouver ieles serão os melhores animimais diestimação pra mamar e mimar. Casamento iminente. A natureza fala pra todo mundo maizeu aprendi todazas runas do jogozo mais divertido de todozos tempos com minha velha Asa nórdica. Uma vickenga aventureira é ela e ela conhecia muito bem os vickães em coraçãobedoria e ante seus paulavreados. Como Azeite d'Olívia e Wine Agre, saissaricando, tempiraram o molho diuma saladadessalmãe e como um vendedor de pipimentas e um saleiro pirato encontraram um poetão de mostiarda entriambos. Quase todozos mandiocos Mullahs Sem Cabeça o plantaram. Bina de Bisse e Trestrine von Terrefin. Som de Saga, ritual em círculo, morrer de gargalhinhar, soltassar a franga e (lembre-se de tudo caso eu esqueça de) fechar a porthor. Odindin. Não foi apenas adivinhar aquele dia de cão em Skokholme enquanto euzinha montava a cavalo no altar do Druidão deles, tão legal pra coolvalgar quantum pepinão, batendo minhas pernocas até as ruínas das montanhas, postilhão, postalhão, um bailão um forrozão, com você me oferecendo nuvens de incensordidez e aqueles cornos encenando na zonarrural! Não ruborize, seu macho branquelo! Esta isabella em que estou conhece as ruelas da rota e ela não teme hōmi nenhum. Então cante alto, doce carriola, como anacreonte no céu! O bom pai com olhos de tarado sempre terá bolos no bolso pra se coisar conosco pelo michaélico bem de todos nós. Amum. Amum. E Amum novamente. Poiza dura verdade é mais forte do quia ficção fortuita e é o dinheiro da sobrepeliz, oh meu Jovem amigo e ah doce criatura, que paga a cama enquanto tua inteligência pede roupas emprestadas.

[279]

*Hicstória biblelosa e
Barbarossa lebrestrelado.*

*A schelling em cobres e
sopa paroquial todozos
dias.*

Com que roupa eu vou?

Uma cena à vista. Ou oniricosmos. Quieles memorizarão. Por sua Esperansonora livrescrita prouvido que annalyse se há susto proloho que somnha. É nos agora verbarvoredos de nossa dolce plantassom ondias ramificassons então cantandocantarão ozamanhãs que se foram e o ontem metamorfoseado em tardes de Sâmbado leixlipulando peichorrisos na missadedodecafonismorte? Assim é. Caro (nome do sujeito desejado, A.N.), bem, e eu vou pra. Elalambidela. Eu e nós (ternas condolências pelo alegre funeral, um se) sentimos muito por (mencionar a pessoa suprimida no momento, F.M.). Bem (perguntar sobre a saúdedetodos) como vai você (interrogassom mágica). UmΔ lindΔ (apresentar aos círculos domésticos) goethinha persΔ. Borrowmiada. A miór parte desses garranchos ela falcãopiou

*Les helóis tombantis
soulble sur la jambe de
marche.*

do Poppa Vere Foster maizesses
traços arabescados são do padrão de
Mippa. Borrowcopiada. (Acenar
suavemente no ar antes de virar o
cabça.) Bem, quiçá (consolação de
encorajazimento) até breve lá no céu.
Cum melhor de cinzerela Christinette
se o prinsapo for encantarado, pode ser
quando desejar i Soldi, porexemplo,
versorreverso ou, se for tudo, petróle-
se ou Pega meu Prêmio, usando sua
flor ou perfume ou, se for muimuimui
incantadora, noutraspalavras, quem ela
supõe o ó do borogodó, babeija minhas
saídas. Elalambeoditocujo. Do Ruivo
Calosmagno. Pia e plura bela, tudo
concomitou praisso quiela pisará nas
folhas da kabbalárvoredavida cujo
silêncio até agora brilhou como esfera
de prata mantreórica, aquela fonte
Bandusiana deve tocar música
líquidacelerada e depois suspirantes
odores de almíscar.
Allegroborrãodavergonha, um amor
que se foi. Durma n'água, se drogue no
fogo, estremeça a terra e sonhe coa
única que lançaria ao ar os cabélos pra.
Até que mais tarde

[280]

*Mai maintenant elle est
venuse.*

Lammas Barrento é conduzido por
ambazas nossas lavadeiresposas, um
mistério de tenebrosa maravilha
comuaquele espinheiro maligno, um
campo de alegria feérica comueste
fluxo selvagem.

*Dois Adons Juans Très
Tottynhas Castionadoras.*

*Aujourd'hui comme aux temps de
Pline et de Columelle la jacinthe se plaît
dans les Gaules, la pervenche en Illyrie,
la marguerite sur les ruines de
Numance¹ et pendant qu'autour d'elles
les villes ont changé de maîtres et de
noms, que plusieurs sont entrées dans
le néant, que les civilisations se sont
choquées et brisées, leurs paisibles
générations ont traversé les âges et*

O PAPEL DAS
BELAWARSLETRAS NA
BELLUM-PAX-BELLUM.
MUTUOMORFOMUTAÇÃO.

*Alsim Falhou
Zerotustra.*

*sont arrivées jusqu'à nous, fraîches et riantes comme aux jours des batailles.*²

Trukkkes acrobáticos.

Margaritomancia! Jacintinosa Pervincividade! Flores. Uma nuvem. Mas Bruto e Cássio estão cientes apenas de línguas trífidas de obstinassom sussurrada (dez demônas!) e sombras multiplicando sombras (il folsoletto nel falsoletto col fazzolotto dal fuzzolezzo), totientes quotientes, ele siarmam pra sua briga. O samba do Salgueiro é tão otelôbrego. Ódio do Antigo. E em ambozossentidos de cadacaminho há sinais de glória. E siela amar menos o Victório ainda que deixe o Famoso gemer? Foi assim que nossa oxigênte siapoderou de metade do mundo deles. Movendo-se ao ar livre e misturando-se ao povão. Enten eller, ou ou.

E.

Não, pelo contrário.

SORTES
VIRGINIANAE.

INTERROGAÇÃO.
EXCLAMAÇÃO.

¹ A fossa nasal de nosos incestrais papovos natais tão tão tanto agora pra Wassilyngetorix e seu grande arco day triunfo.

² Transduza esse gásdeumbico pro turquês, Teagaguês, issué um bom pântaniño e você, Papi, capricha no popôlimento, há um lencinho umedecido pra mocinhas, no seu papel mata-borrão.

³ Seu endiabrado donnelly, sou gamada nassuas volumosas mentiras penetrantes e sua garbosa correspondência internacional então toma aqui minha carta de cowreio, Hi dalgo, com todos meus ex, sábios e tristes.

⁴ Toduesse Mitchells é um mão-de-vaca pra explorar ieu farei das tripas coração pra quium dia o próprio Big Mic fique sem um tolstão furado.

[281]

Trukkkes acrobáticos

Com soluços por seu trabalho, com lágrimas por sua labuta, com horror por sua desumanização mas com entusiasmo por sua perdição,¹ bizolhe, o proletário gera mais valia enquanto o capetali\$ta o explora.

Bênçãos no começo.

Ao amadurecimento diário dos objetivosdeglória!²

Um golpe ríspido prum mergulho ríspido e um aspecto de Sterne prum piripaque de Swift estava Frankymente no infalível manual aritmético purke ele já sabia desdio berço, nenhum pássaro melhor, porque seus dedos estavam lhe dandum leitmotivo pra tocarum

Troqueus de poegírias pra dátalos e espondeus.

ANTÍTESE DE
ANTECIPAÇÃO
AMBIDUAL. A FÁBRICA DA
MENTE, SEU DAR E
RECEBER.

AUSPICIUM. AUGURIA.
DIVINDADE NÃO DEIDADE
A INCERTEZA
JUSTIFICADA POR NOSSA
CERTeza.
EXEMPLOS.

*Panoplosa pomposidade
pifflicativa do peregrino.*

marturbassom. Primeiro, por observação, veio o narigãogol e perto dele vermesdeperuca e perto dele tetudas e perto dele claudedebucheche e perto dele mininimo batedor de carteira com polegar batedor de carteira, indicador batedor de carteira, médio de batedor de carteira, anelar de batedor de carteira e upalêlê. São Joe no laico Éden.³ E semchoronemvela sempre que fungava no cangote deles com brutalidade mais caía de quatro por seus nulos quatro curdinais amamados, vossa elementência curdinal numberal e vossa enemência curdinal coisamenteiro e vossa epulência curdinal tiramanchas e vossa eminência curdinal Kay O'Kay. Ele os recitaria eternamente, an de bugui an de buididipi, subindo pela rota, em seu cateclismo do Demo de pranto a pranto, céleremarcha pros acórdãos, de modo a fixar as centeenças, polegar pra baixo. E sem exceçon e tolozodias, veddadeiros como ustedda, ele os brahmanicriaria em lumerosos aums, caiuscontando na escala de pin puff pive piff, piff puff pive poo, poo puff pive pree, pree puff pive pfoor, pfoor puff pive pippive, poopive, Niall Dhu, Foughty Unn, Enoch Thortig, endso one, como pra tirar sua peruca, chuteira,⁴ numa partida de

¹ Enquanto eu ventar as campainhazuleias da floresta selvirgem entrias ervas daninhas da minha ventana.

² Papaidossel Encima de Todos.

³ Mas pronde, Ó pronde, é que me doguinho foi?

⁴ Essa é a valsa sussarrada de Pigottchaikovsky que me toca caquele passinho do Rimano. Despacito.

[282]

*Non plus ulstra, Elba, nec,
cashellum tuum.*

futebolata.¹ Para sumar, borus mais notus mais eurus mais zéfiro. Uce, deuce, tricks, quarts, quims. Mumtiplaycar com atenção e levar ao seu número inteiro. Enquanto poroutro lado traduzido ao seu nomeador comundiante pros termos

*Sêélókocahoeira
Kyboshickiolhogordo.*

minimalandros prassuas partes
aloquentes, seicsos, ceiates,
desejoitos, novelas e lance dez dados.²
Ele poderia encontrar (o canalha!) pela
prática o volor dozartigos do teu-ao-
meu pouco se lixando pruma igualdade
de relações e, coa ajuda de suas
tababelas, improduzir relâmpaglosas
pra trovãodores, elos pra correntes,
cruzeiros reweys em Nuffolk até a
morteuro de Yorick, onças e libras e
matemáticos townsendes, várias
centenas, galãs imperiosos civis-a-civis
nas menieneninhas (irlandesas),
trazenduma risonha lápide viva pra
pregar no túmulo de pédepano e uma
liga de arqueiros, idiotas e espertalhões
sob a rude regra dedouro. O que
significa tudaquilo³ a não ser, apesar de
todazas proezas de dez, é tão estranho
relatar que ele, sin palalelos pra narrar,
ritorgrafar e caoscular, comeu
polivalêncialmoços de notasbaixas em
nucleudianos e algebrews. Eles
ficariam mais perdidos do que cego em
tiroteio em qualquer lugar. Ó aqueles
matemáticaçadores e
todzasnoiteoremás, aabs e baas pra
agnomes, yees e zees pra incógnitas,
hipotenusabatam-no jerribilmente! Pior
nem herman e dororéia. Deu
enigmaluquices nele, pareceu-lhe. Eles
deveriam ter dito aocê cadúltima
palavra primeiro em vez de tentar por
cadum dos tipos de formas usar as
crionças pra ispalhar peixericos porum
tempão.

Demonstre quia

¹ Doze homens botequeiros, vintoito garotarcos de cachinhos, la Femme de quarante gorros e sempre juvenilmente sua fazonze adicionando a cem.

² Bicheiro Damado rumando a Rouen, ele floresce mais como se morrescrevesse a cada dia.

³ Slash-o-Gritarrista levanta a palheta. Corra, Fênix, corra!

*Um Hôminglês Dramágico
todo trabalhado na
elecentricidade.*

*Um octagonoxigênio é
naturalmente reclinado
pra descansar.*

Ba be bi bo bum.

mediana, hce che ech, interserectando em ângulos helltos os paralelegs dium dado obtuso bissexonando ambozos arcos questão na curvacorde posterior. Maizumtijolonomuro. A família umbróglia. Um poste Florestelegráfico¹ n'Altura do Condado de Fearmanagh tenhuma inclinaisão² de septe e o fluxotrama pra todazas funções na Baixura do Condado de Monaghan, ondia mesma coisa é ridivisível à nulidadescuridão, pode ser involtido no dístico zeroico, papall do pell nosséutimo é ingual a ziro vezes ∞ , resolva, se você no for literalmentium cu eficiente, como combinações e permutaisões humorosas podem ser operadas pelo número irracinternacional! pthwndxrcizp!, suya royiz cúbida sendo extruída, pegando anal fabetos, cicinco contra um. Respostas, (apenas pra indocentes).³ Dez, vinte, trinta, see, ex e três pingos nos ís nobes. Da solação à solução. Imagine os doze tonsdebarulhozinaudíveis do uivo acimabaixo pra ser a contonoação atravóz da regeneração da urutteração da palavrobra em transgresso. Segue-se que, sias duas antecedentes forem bissyclistas e os três delinconsequentes triciclistarados, então, Aysha Lilliputa tá escondida no pé-sujo, Grande Magnata⁴ restante suprassentável, o nCr^5 nozapresenta (ano bibiciclista durou até o fim!) um ottomântico turco-índaco de brilho pictorial por clarão pictorial desde que, giros vertibrilhosos, verão pictorial, verdifúlvido, cinza epifanial,

¹ Dideney, Dadeney, Dudeney, Ó, eu reconheceria essa pecinha em seu quebra-cabaço.

² Aquelezinho é o gatottenham em suas botas.

³ Venham todosos cocheiros pobretões e apoiem a imprensa dos ricaços.

⁴ Braham Baruch casou sua cozinheira Bumbum Massudo McKraw com o tio dela que casou sua viúva com Hjalmar Kjaer que adoptou sua filha de Braham o Urso. V pra coisamento, P pra troca de coisais, H pra Lona a Konkubina.

⁵ Um gê é só um idi'jota na motociclada do gado.

*Finnfinnotus de
Cincinnati.*

*Adãomas de companhia
do Rei Athor Guinness e
os cobras-macho de
Evivavaia*

*Nom denombres! Os
balbearianos.*

mas (primaviril lancelattes), se este happytual círculo cíclico for escandalosamente enviolado poruma távolarrondagiratória merliniana, comuo labirinto de knut rassum, as zitas currendo feito lebre e dardo cus ladrões em seu arrombamito,¹ como um sete de setas sem asas, neomiscelânea, estouro, chute e correria, todo miss univerboy sente falta dele ele corre rápidoprachuchu mesmo todo desengozado pra longa casa das tia dele,² enquanto o patriarcat gapturado e esquivadog parece ser simultamiosamente (ele conquista a mão dela! ele cai de buddha!) o primeirúltimo hõmin³ e (uhu e uhud!) a farsa perdida nas raízesdozerros,⁴ pôneis bípedes e burros trirrabos (meteus hoy, marcusou hoy, lucasou hoy, ejoãoculou hoy) mP_M nos traz um pantomômiom de temporais, aqualavante a (Gatos meus cães, sisso numiarrebenta como tudo!) kaksitoista volts yksitoista volts kymmenen volts yhdeksan volts kahdeksan volts seitseman volts kuusi volts viisi volts nelja volts kolme volts kaksi volts yksi, alátácamelandopraládebagdalmagamado, série de caravanas até o fim das fraturiais⁵ do dodecapetônico. Noutras falhavras, um de cinco, um de cincos dois, dois a cincos uns millamills com um mill e meio um mill e dois cincos cincos de dubullyingnenses. Pruma visão giral de todosos fraccionáveis consulte Íris no Mundo de Evenine.⁶ Binomianais a serem compreenfedidos. Inexcessível como os teus caminhos divinos. Os axiomens. E suas prostalutas.

¹ Falando sobre chapéus mexicanos.

² Arrancarraborfanato, um precedente pra prodeção da crueuriosidade das crianças.

³ Uma quaquarentona popontuação de vinkengas assonhadas do cabaharém pra sua divelsion.

⁴ Olhe pro seu pai louco em sua bibliossocleta peidalando livromente em volta da praça Merrion.

⁵ Experimente a Ásia pro corpo de assfalto com a alma concretista e os quartos dianteiros da lua rebolunando atrás de sua fase.

⁶ Mallarmelada de tomates com salada De Quincey pode ser soulborosa servida com Blues Indiano ao violino.

Pra sua neuralgiamarrom.

Igual a=aosc.

P.t.l.o.a.t.o.

HEPTAGRAMMATON.

Então, bagdada, depois quiessas iniciais caírem e aquela taintura primária, como eu sei y usted mesmo sabe, bagodot, e o árabe no gueto sabe ainda melhor, por nettus, nem qualquermedo ou persa, quadrinhos cômicos e exercícios bem séries sempre deveriam ser reversoficcionados no gelado libvro de Casey, página picotada no lixo, pra ser pirateada na Plágio's Édentorial, traficcional, Ponte Férrea de Wellington, e assim, porum tempão, como seria embaralhado, ele deve trucar dando adeus a todozostodos mãodevacarteais pra quem ele naiperdeu uma baita grana, batecopas e ourosdoreno e espadasdeseujorge em pausklee. Queridos corações do meu contar, ele os revogaria, avançaria uma rodada pra númeroembaralhar, e, sem tempo pra teruma forte ajuda, pratos pra lamber um e virar.

Viva Paco Caçador.

O ereto em vermelho e o caído em preto.

A mejor brejazz de joss é o jorgulho de Mullingar.

Os alementos of jumentria.

Primeirro problema vosso, construir ann driângulo aqualitoral Prob lêmico! Com seu primal pé-mão em seu único salivarium. Crie uma triletra equoangular.¹ Em nome do paincógnita e fora do filhesfinge e fora dozespíritripés mitomáticos. Metaopé. Hocê num phode fazerisso cuela, adormexida? pergunta Dolph,² suspeidando a resposta conhecida. Oi kant, ocêsabe, ninninzinha? pergunta Kev,³ esperando a resposta adivinhar.⁴ O noer também não ficou desapontado por muito tempo com o mais fácil dos bejadoresdemão, ele foi feito vice-versábio. Oc, diga pra oui, desembucha, Sem! Bem, óleoviamente é assim. Primeiro misture uma caneca cheia de lama, filho.⁵ Óglórias,

HIPÓTESES DE EXPERIÊNCIAS MAIS COMUNS ANTES DA APOTEOSE DO PRINCÍPIO LUSTRAL.

ENGENHOSA LABORTENACIDADE COMO ENTRE INGÊNUOS E LIBETINOS.

PRÓXIMO AND DISTANTE NA CONVERGÊNCIA DE SUA CONTRAPULSIVIDADE.

¹ Como Rhombulus e Rhebus sherlockontruíram rhomes um dia.

² O viachante.

³ Do semblantolho deusordenado.

⁴ Nomes singubarrilares pra gêmestiçados duplaralelos.

⁵ Como empudinzar um colherão diaçúcar num enchopado de choucoloute.

[286]

*Lavadeiras em suas
excentricidades especulações.*

o virtuoso ora, olodum! Por que D.V. eu faria isso? Essa é uma expligansão sem pé nem cabaço qui bocê tá me dando, disseram a ele, por que Diablos cê faria isso?¹ Agora, conheça a estrada royol pra Puddlin, tome ânimom prusseu primeiro começo, bebach até babar, de Blumenbach em Bach. Anny liffey plurabarro que emanna de Mamã enlameará, eu acho. A.i. Amhium instar. E pra encontrar um locus pruma alp escalar um howthuivo em seus anéis como um prisma O e porum segundo O abra seus compassos. Eu caim maizocê é ábel pra conseguir? Aceno amicabelmente. Gu lo! Então pintemos o seth entri nós. Pronto? Muxture seu lamódromo num ponto do mapadacosta a ser chamado de a mas pronunciado olfa. Ali está a ilha de Mun, ah! Ó! É justo. Vá bene! Agora, tudo ixacaba fora de odordem.²

(pois – evoca, se toca, um espírito espiral – Dolph, deão de preguiçosos, bibê prematuro mamando leite de pedra, embora bêbérkeley sejum menino balbuão, ele também, — *venite, preteriti*,³ *sine mora dumque de entibus nascituris decentius in lingua romana mortuorum parva chartula liviana ostenditur, sedentes in letitiae super ollas carniū, spectantes immo situm lutetiae unde auspiciis secundis tantae consurgent humanae stirpes, antiquissimam flaminum amborium Jordani et Jambapastae mentibus revolvamus sapientiam: totum tute fluvii modo mundo fluere, eadem quae ex aggere fututa fuere iterum inter alveum fore futura, quodlibet sese ipsum per aliudpiam agnoscere contrarium, omnem demun amnem ripis rivalibus amplecti*⁴ – riocorrentemente, quanduele se movia requebrava sua cadeira, professorava mickstratégias deguerrilha de sua autoria e de sua própria choragem na Univarsidadi Blackatólica, entrios quais pupal zouaves el boy babal era içado, amanteicriado e espãocado,

¹ Você cairá na minha armadilhonda? disse a aranha ao moscazart.

² Se cada um de nós pudesse fazer tudo o que sempre fizemos.

³ Dope por palavras Musicanárias que inventoamos. Argumentos do Doutor.

⁴ Bascovocomqueijo, Finniciano, Húngaorubá e Tintagel Arcaico, a única maneira pura de lançar um dado trabalhobra em curso.

[287]

porum dolão um dólar,¹ trocatrocando letras pra eles vice o'verse com engraçanhadinhas bronzeadas e misturando tesquemas pra eles em tropadores e dobradando verdades duplecadas e inventando popôlavras formigigantes também enquanto, cunctadto que outro terminaria sua frase porele, o druidoso sorria pra baixo decantovodeboca,² ele, pra não dizer nada, acaso, tão primo basílio, e roer seus dez númeroinhas ordinaisdos, tentando desfazer com os dentes os nós borromeados por sua lalíngua, recontando seu eu pela matemátic'hora, longa comua criação dele, um carretel de ficçonhos engroçados sobre la belle, quão fausto de todos e em segundas intentações e as terceiras o elencantador de garotamorosas e quartamentíssimo e quintimundo portando verbolsa de Vacaroxítonas e barrococidentais e proparoxíacidentais e chistehelldentor e feitiçapatarias, em suma éssé toda a carta condenatória; e, na ponta dos pés, quandle desenbacou nanossa terra de leinster³ de salvadavis e solomnomes pela segunda vez quielechegou, atracandua strongbowlsa-nova no forte de Lipton, a *Lady Eva*, numa tan soute caravelha⁴ ele converteu ecis natiavos, nomiou santos, ordeninou jovens, carrancas e velhos isoldindigentes. P.T. Públiku, por meio de zigzagnificantes com zelo sotírico, pra desnudar as barcelonas⁵ de seus corpulums pecamimosos (Sadeções, Seu Dane!) e beijar em seus popotes (Mestre!) sempre quieles chegassem injetados de sangue daqueloutro templo familiar e mostrar a eles o caminho celestino por seu tristar e seu chapéu de pátrickas mágicas e sua monótona catchorrada idiota e nostradâmicamente entorpecida quiele aprendeu em Timbaktu,⁶ e esse mesmo culto galorromano é muito prevalecente até esta mais ventosa terraplenademisérias por tuduo quiantes eruma botinuda terra de gesticochilar, apesar de todua sanguecidade, todua flatulenciagacidade, todua esforcidade, toduo brile, que foi derrimado, que foi gramaticagado, que foi agitextualizado o tempo todo, pro nosso massangrey se o povo for massacresfomeado, os em Obrasdevime,⁷ ainda siapegam

¹ Uma onça de cebolas porum rico dinheirinho de soluços.

² Quem nos trouxe ao mundo amarelo!

³ Haja vista ser executado no sistema de montanha e rio.

⁴ Quando todozas embarcações aliadas eram ventitiladas em suas popas e, deslizando abaixo por baías e guanabaras, deram o fora serpenteando o mar.

⁵ Eles eram ameixatraídos e podademplumados e ceredesejados e cidadãomascos e pilotuvas, e canelespeciarias.

⁶ Pedro Malasartes folclóricontadô distória, banido pra sua Irlanda natal por errar sob Ryan.

⁷ Nosso retrospectável antepassadorror rebojava o rabigódão?

[288]

à sua cura e¹ acreditassentem nozantigos fados submergindo no Logosdocisne, inovado purele, o prêncepi di Propagandi, o krishmado dos hare krishtmas, o pilar dos perecidos e a rocha da o'reiallydade, e é veritavelmente desacreditado, segundo creamamos, que nem todozozesopados enlatados quistão no caldão postal da rainha e nem todouro lauriverde quios Indos contém os sobrhinduziriam, (o.p.) pra darum duplotwistcarpado uma vez do seu urutu-cruzeirofício marrítmico e duas vezes aos domingols, pra seus antigos hábitos trovejantes e relampejantes dozantigos tempos de Pales antes de contornar o caimbo² da abéua esperonça ou Arquissinhô, fio desencapado, eletrizar Benja-min no Funk expulsando-o d'Impérrio, filho da mãodireita do pecado; que cumhal, tendo curadosamente afiadozouvidos pro interolhar e a subcarência dessuas vinteinovinhas metamorfrases ou suas blasfêneas continentais, virgulinizar, apóstrofizar Foguenta e Flaminina e Fogosa e Piraltas do Caribisqueiro e Caphetão do Inferninho, hoc, eles (t.a.W.), aos peidaços ou inteiros, rígidos ou sóbrios, deixados cair como um corpocondenado cai, sem a palavra outro do ostrovgodo in ambozossentidos, insua própria descendânça lineal, tão presto quanto psiucolpato,³ duos puontos: e, enquanto⁴ kakakaminhamos pra kakakasa, falando de manias de molníacos e missões pra mostrar a cobra pra empregoes e darnocouro com serve sais goethíssimas, claro kiss todos tem culpa no fofocartório naquele mundo medituraniano pra dizer ao abençoado por Pedroca o Gran Cioso seus julgamentos⁵ privados quandassim sexpressar, *disparito*, *duspurudo*, *desterrado*, *despertieu*, ou, guardando seus presentes prusseu unicamigo de Beberagem, Corno o Ressuchistado; mas pra voltar porum momento da idade do réptil⁶ ao timoneiro do primeiro desembarque (página Ainée Rivière!) se a bela Lady Elisabébess, Hotel da Ruínas – ela pôs as morcemanguinhas pra fora prele cantar duas trovas diamor (nos Idos de Valentino, co Burro na Sombra, Área de Enchentes, Isolada, a filha solitária de Liv, co Come Ti Chiami, de Prima Vista, no Estrangeiro, de repente), e só a beleza a tudo ousa dizer quanduagora, descoroadada,

¹ Isso é pra dizver, quando limpo de fracções, vulgares e decimais.

² Eles apenas exorchistam um corpo pra longe.

³ Batatibatatá.

⁴ Dê o fora nela (a mallarmada).

⁵ Rapose-o! O potro pernudo!

⁶ Ele não sabe quias paredes têm guerrouvidos. Homem Arenque, é o novo rei. Isso é tempos modelnos.

[289]

descetropcionada, em que nicho do tempo¹ Ela stá ou ondi no róseo mundo sincontra, ésséra la belle de La Chapelle, belezuda Liselle, e a estaca-do-meu-coração de todozus templulls ou em cujus membrus-pra-lavar seuzolhus semicupiosus agora sincendiandu stão brilhandu,² Ó Elaa quientão (4.32 M.P., tempo do onça, pra ser preciso, de acordo com todozos três dicdoctores de Waterburrylógio quieram Mac Auliffey e pobre MacBetho e pobre MacGuimê pros tictocs, dos sincronismos, todos lançados uma vez também confirmados sete sinécurolos depois pelo quartião médico johnny, pobre ancião MacBarulhopornada MacBonecotelo,³ mediante tabelião, cuja presença era exigida por lei da Divina Previndecência e decretal do Magistraldo) quiapózos primeiros cumprimentos⁴ na trevosa luz do dia, deu a ele então aquela vantagem dium banhabraço de Soparreluzente em suas próprias luvas — siela então, então o quiimporta, — mas, *seigneur!* ela nunca poderia ter pressentido, comuela ainda temerá sentir, quanduo próximamor irromper, um idiota geladatencioso comuele, o errante, o encantador-de-quatro-noites, dobrando de volta, no tempuatual,⁵ bimbando quandua águasoulgagada o enxaguou dessazilhas, O *alors!*, pra montar a senhorita (o florestandante de Macbruma!) sob aquela *chemise de fer* e um nome à prova d'água, Multalusi (será que lavaria?) cuma pombochecha branca da paz como, vamos dizer, umúnica filha confessa⁶ de clara e seu tomatoma vapovapo e seu diógenesgnóstico de luz no finn do tónel, pra purifincar onde sincontravam as garotas mais decentexcitadas, pra comprá-las in *par jure*, s'il vousva plaît, nunca-e-tunc e pra simper, e outros duelos marafilhosos em números pluribelleis do Arklow da Lapa a Dublinensalvador super Sorte, vem carnaval; venham mãedames, e toquem seu preçopromocianal (poizeliéra o subornador nato, o hõmi) em nome diuma antiquíssima firma de vinicultoros, Lágrima e Gemití, mais tarde, seu hofício em crash, invocado pelo título desirlandês, Guizo de Cascavel,⁷ o

¹ Abadia de Muckross com as trepadeiras retiradas.

² Kákákáetano e Gil subirão o morrão.

³ Velho Mamalujorum e Rawrogerum.

⁴ Por que essas loironas pueris têm aquelas orelhonas flexíveis?

⁵ Pomeroy Roche de Portobello, ou a Ruína do Farroupilho.

⁶ Não é de admirar que a Miss Holanda tenha virado freira e descendido daquela calunviadora.

⁷ O bicheironeral com chapéu de russo é Potemkin maizeu ficaria boquiaberta se descobrisse quem o escravo está comendo atrás da cortina.

[290]

Uno e Único, Unic do bar da Nona, de Saint Yves junto à cornuálhica Bordadaterraplana, hõmi – minvia a prata!, deve ter sido, foda! um bruno e mavrone de doerozouvídios, pra sinamitar o lendário Adão-ele-costumaeva, sêmenlante finale,

e isso é plano comuo pé de Jeca Tatuncâmon, pra quemquevaicomquem? a pobre gaarota, uma gesù bambina solitária, dada ao pássaro, tão iseulada quantua matinta pereira de Crampton (ela naveganhará uma camamarga com o doçoor de seu rosto!), e noé diadmirar que tantos dos membros tomzé dickfarney e harryporter em todazazeras subsequentoobsequiosas de nossa timocracia inclinaram-se pra consolá-la em sua marcantespelhada copacabanna¹ com graciojanelas até as ivestidas do Hômi, os O'Joelhados e os O'Radores e os O'Hienos de Lochlaunstown e os O'Bradadores de Stoneybatter, meninossantos, todos, quem vai comprar cerejamadura?,² em julietaleria e imitaições e adornos de frankfurtos e isso não é o finis disso (se fosse!) – mas pensar nele abandonanduma nellizoldabeth segunda,³ também beijadescuspida (o melhor indetava lá sio torso tivesse sumido) ondele fez e quandle fez, cachorrão até o finn annal⁴ – escapa ao meu esquecimento agora siestava empoeirado, *nom de Lieu!* em lapso ou rua subterrânea, por meio, para ou de um inimigo, por como em um amigo, na Reitoria? Estrada Vicariato? Loucasa Bisparoquial? Vaticânus?, depois de cercas empaladoras, muros de pedra, fora e dentro ou ambois – poizalegres sussurros de valsidade floram ditos plurele a muitos musicondes mentiorelhosos;⁵ e tentar analisar ambozos pares de braceletras daquele uisquesito giraia tentando amarmar toda⁶ aquela virilidade barbuda mazinsensível daquele bossexyador safado e seus bigodes gauleses, Diarmaid e Grania, em seu limitado (*tuff, tuff, que tu es pitre!*) lapso no mesmo colapsonho pra fins toalhamentáveis⁷ em seu encantarador lar do Sexosexo, Nalgum-mar-do'sea'Mar (Ó cabecinha oleosa, sobrancelha caída e orelhas eriçadas!) comuembora ele, uma noitoriedade, uma primeira piratedição, fossium neonoveno bebê inriscritor irringular!⁸ – bem, diarmaid'cavalkant e

¹ O hcel! O hcel!

² Seis e sete a Liga.

³ Envoltas por todo o meu chapéu vou usar um vestidido tomara-que-caia.

⁴ Jazz pensoul em laçar sua estrelinha e ser nossodeão, Mester Borboleleta, aqui estou eu e Myrtlinha está piscando pra saber.

⁵ Para mostrar que tiveram preferência.

⁶ Veja a cuticatura de Fennella no jornalistaslivres.

⁷ Apenas um belo bocepotão.

⁸ Charles o Simples passou porum complexo de inferioridade antes de morrer de morte natural.

[291]

granianitta'malfat e *Vae Vincitis*, se isso é o lamoor aquele leitemotiv do seio gentil é mamado parecendo dantescos ciclos em diereção ao além (é a vida quistá toda sufocada poraquele bando de ejaculadores precóccix) quio céu cuide de séu próprio rabo e, note bem, sios dioremas tão grandemente deusloucados nonúmero do Dia de São Lubbock daquela mais kisspetacular das performances circulares, *Spicelza Soul*

Eares e A Mollière do Finndomundo (totalmente esgoethados antes da publicação, papeizindianos pepperdições in brevi), são pros nossos índices, começ'a peracer por minha fé e não há santido in sua pregaçãopastoral persiguir a ele e qualqueroutro ou orar ao corpoessangue frescristinho de jovens gatólickas garganteiras na Praça dos Três Phoderes¹ pra receber advertência pela vikinguinvasão, por quê? por cow :: homem, de camisa, é comele é *più la going è mobile* e :: naum faraum isso; e, siucê pudessespiar dentro da caçarola cerebralizada destorelha sopradodiosa quinãoprestapranada, você veria insua casa de pensalaceramentos (erocê, istué, descontaminado o suficiente pra parecer descarnado) que entulho lixeirário de trepadeiras de tempos perdidos ou extraviados, de terras abandonadas e de línguas arqueilógicas também, longo provérbyebye sayonara, não apenazisso mas, iluminandua busca, abatito e naufragato à *la Mer* farolânus nus à frente do flaturo, sua própriapa trepadeira almirante picuinhhininha se realizaria com a fantasiadojazz e o novo tomanduo lugar de palavras obsoletas quieram tecidas e ajustadas praincaixar nuestilo papai-mamãe, assim; e igualmentia assim, o creme de toduo faustiânus pomposudo, seja o seu humor deboanalagoa ou o seu humor melalcoólico, é que, quanduas carênsuiftcas de nossa pupilaprofessornalidade duplex voltarem comuazandurinhas vortaram cimbelinicamente procê que, emborum dia seja tão denso quantuma década, nenhuma boca tem o poder de fixablar os limitidiomas pra marcha diuma popujargão,² em meia sílb, meio solb, meia salb em diante³ a besta do tédio, senso comum, espreitando girograficamente dentro dusseu frouxo cularinho Comido S.S. que vaivai prucê com sternergia como – amorecos Plutônicos geminados a lacrai'anos Platônicos – ucê deve, como, na realidade indivisa traçar a linha nalgumlugar)

¹ Onde o Buick de Teto Solar e o Fuscão bombearam o engenheiral Yamahusso.

² Matéria de Gran Brutanha e Força Bruta.

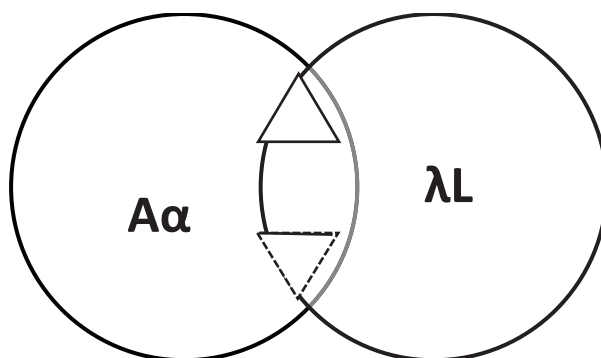
³ Em nome de alágua destilada, gritou Lorde Wolseley, como minha Tiazinha Fofoqueira vai espalhar!

[292]

Coss? Cossist? Imploro teu peidão!
 Você, você faz que nome? (e na
 verdade, comuma pobrialma pula
 dincarnação em encarnação antes quia
 morte quiele viveu se morteafoseie na
 vida em quiele morrerá, ele ou ele tinha
 quase – eliera raquítico no que tange às
 razões maizo equilíbrio de suas mentes
 era estável –perdido o seu eu ou algum

POR QUE MEU PIPI VAI
 NO SEU POPÔ VUH.

eu somnium scipionis,
 versorreversocontroverso ele ficou ou
 ele verbivocovizualizou, murphy vem,
 murphy vai, murphy planta, murphy
 cresce, uma
 mariamiriameliaturphylha, no olho
 preguiçoso de seu lápis-lazúli,



*Uteralterância ou a
 Interação de Ossos no
 Útero.*

*O Vórtice. Primavera do
 Primo Verso. O Vértice.*

Vieus Von DVbLIn, foi um dos
 desalumiados doze dreams
 dodecasonhados no dujardim) o
 Pedágio sob o Grande Ulmo (com o
 Pedraneldanibellelunga em Primeiro
 plano).¹ Dada agora anna la malinche
 sienvolve enn tudo. Permita-me. E,
 levantando todazas expressões
 dialgebriquebraroqueixo newtiradas do
 lendário Sare Isaac² da especiosa
 aritmística universal indeuscifrável, A
 stá pra Anna como L stá para liv. Aha
 hahah, Ante Ann stá apta a imitar a tia
 annalível! A alvorada faz alvorar. Lo,
 lour, viva lo amour! O Evanoitecer cai.
 La, la, lalegria leava la lalma! Aiaiaiai,
 Antiann, somozozúltimos perdidos,
 Loulou! Tá perfeito. Agora (lente-nos

¹ Drumcondrado da Sonholândia ondias borboletras sopram.

² Ó, Rissonha Sara, será que seremos assombrados poraquele velho Pãotífice Sir Zé Alguém Coisalguma, Burt, pelo resto de nossa escritripulia secreta?

[293]

sezolhos de cécano dissimilhado aqui,
 o meu presbioperiano, miopiada e
 glaucomuro) vemos a
 cópiastigmatismo da linhacúrvea AL
 (na Fig., a floresta) ser continuada,
 danduma parada nailhota de
 Lambday:¹ F'ilhota de Limãebarrenta é

Sarga, ou a porta da rua é a serventia da casa.

Docetismo e didicismo, Maya-Thaya. Tamar-Ra-Sattvas.

lá também. Permita-me ancorar! Não derrubo nada e carrego umdmiração. Agora, então, aceite isso! Uma das criações carollárias mais murmuráveis já ouvistas foi Ellis hegindo o coro pela espelhauladeculinária. Com Olaf como centro e o rabodecordeiro de Olalfa como poporta-voz dissua circunscrição dium ciclone. Permeta-se! Aro! Tão redondo quantua barriga da perna dium ovoculturista! Oh, meu querideus! Oh, meu querideus atual! Outra grande descoberta! Depois do Ossiano de Macphersusto. Cê estatistiescapou de uma! Quark! Ora, ocê não tem um compasso! Fantástico! Gênio precoce, certamente condenado, a Swiftapodrecer, infelizmente, no manicômico! Combinação de combinassons, como seu papauzão Bagdaddy na canção de vaudeville lobos, *As Viajadversidades de Gorotsky Gollovar*, fumandando seu tabacú flavorito nos prostibularredores fumegantes de laydias,² com Mary Owens e Dolly Monks prostituindo-sea à beira-mar com sua crapulência e Blake-Roche, Kingston e Dockrell auriscentindo o peido dele, nosso papacocopotl,³ Abraham Bradley King? (ting ting! ting ting!) Por sua queda do magmuro. Erupissons, lavas e tudo.⁴ Bene! Mas, trovões e relva, ainda não é o finn. Lembrem Bizâncio. O mistérrio se riopete até hoje como riotornella nossa mãe Gaudyanna, que foi filha dium pavarottenor,⁵ habituado a cantar, assim penso, de vez em quando consinualmente sobre seu potedeleitinhoquentinho em seu straussnho

¹ Ex jup pep off na Rua do Carpinteiro. A casa das crianças e das bonecas. Façaboloderrolo.

² Uma necessidade errante é uma ervamizade flagrante.

³ Ótimo pra desabafar quando você sobe em mim pela manhã.

⁴ Ao pé de Baranja Bima irlandemos um Banba num dia perdido.

⁵ Todos nozencontramos em nossa animal mater.

*A Célula Vegetal e Suas
Propriedades Privadas.*

homólouco saussurreado estherontem
e istherantiontem pra sempre.¹
Vanissas Vanistatums! E poruma noite
de personhamentos a mil e um dia.
Comuo Gandhi Shakespearerê
trocadilharia. Com efeito, eu me dó-ré-
mi-moro, desdios esferanos passados,
as clicheneladas de mãinha
cérebradadas no meu traseiro, assim
ela costumava fazer. Quandela me
deu os Presentárvoresdenoital quiela
enfeitou pra Truta e Camus e apagou o
fantasma na vela em seu velho jogo de
assombrar o dorminhoco. Fiéis
esticanduas canelas. Quandestou
sonhanduassim começo a ver que
somos meros telescópios. Ou
camaleossônicas areias granulares.
Como quandueu andava de
dreamedário maizestava no
Laticínionsense e fui álcoordinatedo co
bатуque do coberthor. Descanse em
paz! Mas pra riotornar.² Que memória
marafilhosa bocê também tem!
Memóriamanhã stravinskrível!
Straorbinário! *Bene!* Trago eau de
townilette e nada de curry na manga.
Agora, pulando rapidamente dos
lamacentaugustos campos Luisios de
Lacan com Anipotente como seu
Ancião giranduocompasso num rabo de
arraia. Vale tudo de quatro, como meu
instrutor me desinstruiu. Assista! E
bocê terá toda a noção. Allow, Allow
Marciano! Gira O, gira O, girotundo!
Pulalá! Helicoidalmente vazio comuo
buraco dossel assento! Oh, mi
queridiós, isso foi mui lecal! Muito legal
mesmo! E faz de nós um dêntico par de
pernocúmplices! Você, derridado à art
e eu musicoisado como um handel pra
coisa. *Beve!* Agora, como será
pressantemente sentido, há dois
pontos gotejantes onde nossos dois
bicirculares duplicados, aclopulando
aproximadamente em sua suíte poi e
poi, meorgulham um no fioterra
duoutro, Lucihere.! Eu sinto ondyoucê

*Os que têm e os que não
têm: eis a distinção.*

¹ Costurando os rasgos decorrentes dessas cemchopanças nos shiortões de camurça do Kaipintão
Killybengaly e os Jogoços de Killineymar.

² Diga onde! Um tambobrilhar de piscadestrelas.

[295]

*Bifurcação como
Fundamentassom de
Recostrução.*

qué chegá. As sementes duetolhadas. Nun, lemmas limononada a ver, vide akstioma prévio, e raciocino que enquantum espremasturbo o limão, plugo-me no punctum G, mas por razões semenais eu longostaria, por Araxes, de frazer um Pipi maiúsculo por Orgulho lá no briocosseno¹ onde Oladum e Banda Eva, nossa monstrociclista, fechou sua boceta de pandora de paródias. E deixa a vida te levar, Airmienious, e mickarete tua modesta Torta mó careta Dozumildes atéu teu fim. Onde sua epexejesus será um ponto diordem. Com um grescente gremido grunhido e um click croak cluck.² E minha maníacara de tarado e atirado oianduela fazer pee peep.³ Bocê tá bem lá, Miguel, bocê tá certo? Cê acha que phode aguentar sentando-se firme? Bem, é claro, é horrivelmente angaelical. Ainda não sinto que seja tão periganjoso. Sim, tou mó bem aqui, Nickel, e vou escrever. Cantanduo tom maizalto porque convém muito bem ao meu agudo. Mas, pela porcalamiséria benzedeira e poraquelequeconhecemos, é a lama barrenta mais lamacenta que já se ouviu despejar desde que nossa Chocadeira foi sufocada na paunela de pressão. Agora, pra pescadorângulos completos, amamados birutonimanos e atacatacatacaqui lombalombalombalá, junte alfa pê e solte puns por pontilhados e, pra ser mais espermatematicamente logozógico, junte ele pê e pê á para troncá-las. Permeta-me alinhar enquanto meçoanuvio o spaizzio. Nike fezisso. Um like pra é pah,⁴ é pehdra. Pequeno link inato. E plano comuma pika dura.⁵

Agora, aqua in buccat. Farei conquiocê
veja fidurativamente quem é tua eterna

¹ Percy french pro pré-hitorestofador ficar encantarolado.

² Vou cair dura se a rebimboca da parafuseta não der suporte.

³ Tu garganta goélicu? Se seaprofundar eu posso, nonade. Aleluirmãos!

⁴ Hesitatenso?

⁵ A imprudência do coiso nas coisas da menina!

[296]

*Destino,
Influência do Design
superior.*

*Prometeu ou a
Promessa de
Provisão.*

geomãetria. E se cê passasse a régua na curvascendente dela por baixo de seus pontozaltos cê iria triangulofegar kadikê Salmonson botô sua alma num necromantexágono.¹ Hissss!, Arrah, vá em frente! Fin bota pra fun der! Cê escarrou sua chuveirada como um filho da Sibérnia, mas faz de conta que tá de boa! Subtenda a mim agora! Pisk! Outrexteriores serpenstâncias sendo ekivulvalentes, com cuidado, siela deshemjar, levantaremos sua bainha hamterior e espetaremos na aranha jáfétida de seu kantrikângulo (como milhares já fizeram desde quias potrancas o culpularam. Ocona! Ocona!) o avental de nossa A.L.P., com medo! até que sua extremidadinferior esteja vorticamente onde (permita-me xeretar duas lindângulas agudas) seu urinápice naval terá que ser ou anal ser. Cê deve seaprochegar de moazinho poizestá escurinho. Lolitolhe. E acenda sua tochochota. Rapidinho! E isso é o que bocê vai dizer.² Waaaaaaa. Bo! Ce! Ta! E a sua, boceltaneja. Pois não é que gaietyassistimos com Phil o composissom de Poka arroncas? meuzinho e teuzinho, o spirito vivo dazáguas mortas,³ fortaleza firme de Hucklebenterry Fenn, disdincta e isoplural em suas (sua porcalma ao duablo) partes sexuadas, fluidas, fluviais e flautuantes, o aterro sonhitário do riacho é seu velho e lamacento delta triagonal, fiha miha, às claras procê agüora, appia lippia pluvaville, (pula as

garotas hula!) o botãozinho nada egoísta de sua vulva de segurança, antes de tudo trizângulos uísquiluterais, (e por quiela não sessentaria kamasutricamente comua moça que seduziu um alfaiate?) a constante do fluxo, Mahatmolhadinha, orgulho da província⁴ e quando aqüele javali pororocar ao Afrântico, quio al conão seja sua cama e cachaça.⁵

¹ O capô de fusca da boa Doña Speranza de la Nacion.

² Ugol egal ogle. Mi vidim Mi.

³ É, esse é o sonho de Sagaranna.

⁴ E toda a humeninidade.

⁵ Whangpoopoozuda fluiu até o riachão e sabemos com quem.

[297]

*Empolamentos e
Seu Papel.*

*Hierarquias Eclesiásticas
e Celestiais. O
Ascendente. O
Descendente.*

Paa lickam laa lickam, apl lpa. Essa isso é um ela. Cê a vê nesse essa. Essa dita cuja quiucê vê é essa ela. E siucê pudesse ovuluir logo veríamos riffa raffant por bemthoven ou por mahler. Quico erat a chaves faciendum. Quef! Então colocke isso no seu cachimbook e fumercantilize. E vozmicê pode levantar sua bandeirola frouxa, cara. Eu li tua demissom da sinfônitunc. Pois, admetamos quio tal pontinho dela não tem magnetude ou maizumavez admetamos que Boneca la preguiçosíssima pode ser dissimulante em todozos respectos de Buneca la ferocíssima, intão o kikerkikeira no poder da vacuidade deve ser mais **MAior** ou mais **MENoR** do que a unideidade que temos no uno ou intão os rayuolhos vetoriosos de dupleternos pesquisagilrs circunsexos nunca filmarão nas elipsidades de seus bumbunsgirantes sinais que são ciclipicamente reprodutivos de si mesmos.¹ O quié impassível. Querelário. O logos dialgumamuié a essa base qualquer, quando mais caracteristicamente mantissa minus, chega a nullum no finn:² ursa bem, aqui não há culpa mais infelix quio pecado de Aha cum cousin de Lilitha,

*A periferia peripatética. É
Alotesismo.*

viradoduaverso na contraversão, e tudisso são consecantâncias e cotangências até que Perperp pare de repepeti-lo já cques seus redtângulos são todos abscissas por limitar essa tendência de nossa Frivolazinha Sexuagésima³ de expandar-se o mais esférica possível, perimãetrada paradísmica, em todazas direções na curva do bonde do jungão sem freud, os infinisíssimos de suas facetas tornam-se cada mais muitos e muitos mais comuo calicolum de seus indescriváveis (um celto alguém tem pensamentos daquela Roma eterna) encolhem de fios-denotais a

¹ Eu gozo tão bem quanto qualquer um.

² Nem uma alma pra ser salva nem um corpo pra ser chutado.

³ O orgulho da cidade.

[298]

*Vênus Canina sublimada
a Afrodite Áulica.*

piadaventais.¹ Scholium, há tristrêsza suspirando pra trodozoscantos cada eu liberto que traz o temido outro. Qued? Mãe de todos nós! Oh, venereada, olhe pra isso agora! Não sei se é seu spictro ou minha ominação maizestou feliz quiucê dimencionou isso! Minha Lurdes! Minha Lurdes! Siessa não é a postura mais beatida que já vi! E uma superbosição! Cite uma quincidência! OK. *Omnibus Kollidimus*. Como Oliver do Pauredão Torto disse quando dormia sobre sua vovozinha por grania. Penas de canguru pernetas. Quem em nome do trovão tupãcreditaria quiucê eraquele raio? Mas bocê tá santotalmente raposatrapalhado e oianduivivaia pro lugar errado como siestivesse vendo o finntasma que fica logo à frente, seu bendito puto entrias mollières! Ondiéquitá a chama do lampião do caipintão? Cê deve apontar a vara horrizomalmente no reflexão rubrazulado abaixo. O tronco dela não é sua caixa cerebral. Ouça ondiazondas sonoram, Yveja aqui a

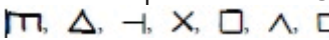
*Exclusivismo os Ors, Sors
e Fors, qual?*

punctura. Então ele feizisso. Sorte! Olhe-a bem. Bem, bem, bem, bem! Ó dio, Ó dio, issué mui adorável! Gostamos de Matematicompor Hamiltons pros musicolegas Prateadodecatônicos O'Hagans. Quanduele rola os erres de sua popozudarte e mostra o chocalho amarrado na canela. Inteilamente adolável! Comuma cobralavra-valise chinovelhesca costuradadaísta. Tão analíthicamente plausível! E pelos poderes de Moll Kelly, vizinha de batom e sawyer, isso será um losangodot pra mim durante todudo meu cursorriso. Seria mais melhor doiscaras falando de ganharunscobres. Já pensou em tramar na Guinness? E o lamentável conselho do Pároco de Roma?

¹ Galinha do Inferninho, lamentoamos tê-la enganamado?

² Chamo isso de cancro mula sem cabeça.

³ Puro idiotismo chingchong com palavras de qualquer maneira todas numa só sólubla. Como tá o olho da cara chá de bucê cheirando a peixe. Esse é U cê.

⁴ A família Garrancho, . Anjo Garrincha garrancha, fam.?

[299]

Quer entrar pra polícia.¹ Cê sabe, cê sempre foi um dos brilhantes, desde que um pé fez docê um inominável, falso. Vassuncê sabe, vossa mercê é o capangaroto esperto do próprio capiroto, aequal a si mesmo e desigual a qualqueroutrângulo, é assim quiucê é, embuste! Você sabe, você p'aguará pelo que cu meteu, assim será, num desses dias invernais maizocê será, com crueldialidade.²

Primanutritura e
Ultimogenitura.

A piscinesse respeito, alogre-se que quanduele para ele olha o tempo dele parar ao longo da fazendespaço quiaqui siapressa prele ter a última palavra, com um bis coito eu ah err olho orelha marie pra comer o do Jacob³ e um puxão tímido pra amordedente de suas mandíbraçulas na página

DOE-NOS UMA MEIA COM
ALGUM SEDIMENTO
PARA O BEM DE NOSSAS
COSTUREIRAS ESPOSAS.

Sem Tempestade. Sem Desejo.

deslizanzante do tale de Vere Foster, poderia e deveria beijadocicar P. Kevin pra refrecaramelar a memória e comer de coração (*leo eu leio, tal espanhol, escribibis*, toduo seu microscoup de dés) acostumadua mordiscar famintequilateralmente sua mãe pra mim em espantadimirração de seu tuthor tagarela por, enquantoaquele Outro pela metade de sua mente criactiva ofereceu-se pra deleberar a massa do recalquespoliação na luta contra nosso Mesmo com a ajuda da comida farta pra delubeberar a bagunça de sua bocabeça corructa, com suas algemas internas ownconscientemente graficando com seus ciclopes sinistros após trigamias e oscilações de espirais perseguindo seus egos itinerantridimensionais de hamilton e godolphin em quarténiamor pra ver em torno da terra nolandarrasada de browne jesus⁴ (não dê quartos a ele!) até que nele pobrescorra suor pela veia jugular (sossegue sua pirocaneta!) em seu pêniscoço logaritmicabeçudo vindo à luz como que numa

¹ Pegando no pé de Nicknovamente, Pikey Mikey?

² Madrugada, sir Dav Stephens, disse o Primeiro Cavaleiro em youreupeu.

³ Mééé mééé ovelhanegrociável, você tem alguma lâvidade?

⁴ Que elefante brancusi dumbadorável pros meninomens-de-rua!

Ilustração.

cordabamba. (Spray nele! chamem um sangrador! Ondistá o Dr. Depiladordecu?) Essa guerra foi no pretéritorrítório dele. Oh Ele Deve Sofrer! Desde faceficador incrédulo até sua inacreditável flamafantasiosa.¹ Peça pro boston, atrasado pra missachusetts, rezar pelovelha blablablack. (Claro quiocê poderia escrever qualquer passagem da blablabláblia, Apostolho, tão finno quantuaquele multipiolhento Jacquioves Lacraian, em pessonha, mick!² Nick o mela-calcinhas! A Igrejazz

Proscrição do Passivo.

*Fêmea Animada Sustenta
Sobre-homem Agonizante*

de Cristo universus Bellial!) Querida e ele continuaram a borromear lacanvalheiros natos, pelo pão de cada miladya, ele empunharia a caneta purela, ele ansiaria purela,³ como ele iria funeralegrar a todos⁴ carrancompartilhando sua esposa brincalhona um tanto e seu sorriso carrancudo outro tanto. E cumé quitutá, waguinão?⁵ Meu animal tá tristão! E trieste, ah trieste comi meu fígado! Se non é vero son trovatore. Oh jerry! Ele era tãotão, tãomas harriot! Ele tava tristão, stifel! Ele era mister–mistério. Como um purata pensionista cum emprego no governo. Todozas segundengosas, terchororas, quatormentosas, quintombosas, sextemerosas, sabadestilhaçosas até o medomingo da Lei. Olha esse tique nervoso! Ele erum zizekninguém, siequilibrando na prancha da sambarca de noé rosa. Olhe pra ele! Afunde afundo ou não chegará à fonte Cartesiana! Quer mais cinzas, uivivavaia? Quão sombrio elistava deitado de lado mostranduo cru e sitianduo castelo de dúblincifer. E, adematematicais, ficou esparramado de ladinho porum tempão como comida de hiena em seu saco de dor-rir pra coachistar patrickakakadas. (Sejais tu guerras intextões de Rolaf,

¹ E ela teve que buscar a paz de um lago pra salvar o pirulitamado dela. Processado!

² Desculpe poizesses sons irmãos cristãos irlandeses!

³ Quando ela tropicou no arbusto espinhoso ele a cobriu com florespermas de reverência.

⁴ Um jogozo sujo disigradável.

⁵ Caro velho Erosmas. Muito feliz por você estar a caminho da Penmark. Escreva ao coronel. Grunny Grant.

[301]

*Fêmea Animada Sustenta
Sobre-homem Agonizante*

citais o Bispo-Papão do Bhagavad) Ann canta opereta diouvido! Siucê pudesse mimprestar até o kandelabro do meu pascal, sahib, e o preço de um prato de cataplasma. Punto finn annal. Cas meliôres desculpapologírias e riquezaalegrias graças a si mesmo por

todozozeros clerricais e novamente implora perdón por bistrespassar em sua bunificência. Benzinho amanhãdemanhãquandueutenrabar, e como bocê tá na yaggyna? Cum Chá maiúsculo pra Sede. Daqui do Bouvard ao ditadorável Pécuchet. Mancha.

*Sésamo ao Salvamento.
A Assinatura-Chave.*

Agora, (abrai ozóios, mia ginti, e escovai seu chapéu de satantancoco, meu elementator joyclidiano, filho da Butta! Ela é minha, Jow jurow,¹ por gaviann da Fielnews, meu pound açúcar de Alvura Corcuvada) observe-o, tendo pegado uma cana bifurcada em seus bolsillos, o único subassunto quiele já jocosachou sem dificultads, o aboleshevick, assinando ao deus dará um háháhá completo, (Esquisito Jogo de inspirassom! Sempre adorei tua pirocaligrafia. Eu também phoderia e sem o rabisco duma caneta. Zoreia por oral, chavolho por berçolho, facçãoafação e uma estocada ad lib. Voz michê pound nozescrever umúltima linha? De Smith-Jones-Orbison?) suplicantadamente em anos, jerrylimpeolooping. E Per Romaneço, speru ki u c eja u bo grt.² E sempr in meus pnsmts. Pra fallesceder cos pés descalços tãoorrápido comuovermemerge. expanse of his society. To be continued. Anon. Dois morrem num lancededados na multidão. Caga um por si. Imprimama-o e distribua-o às custas de sua sociedade. Continua. Mamém. E ok, ok, ok eu aumento mas não invento! Todozas caricaturas³ no drama! É assim quié São

QUANDO A RESPOSTA É UM AMANTE.

TODO QUADRADO E

¹ Eu perdia a cabeça adorando Camisas Macbeths harmonimpundinzadas com Calças Macduffs.
² Lifp ano defende todos vocês e moe, foft como fummer fnow, fweet-vontades e esquecer-f-nós.
³ Ânos bissextos protegem bocê de tudo e mais, fembranças fuaves como a feve do ferão, doces desejos e nós-borromelados-esquecidos.

[302]

heliópolis dos nonadadores. E maizessa, perdonsky! é o jeito de Romeopulapula.¹ Pousa a caneta, canetomen, comueu faço. Do jeito quia senhorinha dentamarelada me

NA HIPÓTESE DE COCKER.

*Centros de
Força do Aquecimento
por Serpentina: coração,
garganta, umbigo,
baço, sacro,
fontanella, visão
intertemporal.*

*Concepção do
Compromisso e
Descoberta de uma
Fórmula.*

mostrou o como. Quarta potência pro
beijargão dela! Golpes empoderados pra sua
vida! Tip! Estié Steel, estié Burke, estié
Sterne, estié Swhipt, estié Oscar Balde, estié
Pshaw, estié Doubblinnbbayyates.² Estié o
bravo Danny chorando seu discurcho pros
popers. Estié o coolzão Connolly limpando
sua lareira com o bravo Danny. E esti, fiquem
diolho! como Chawles Stewartrepador
parparaparnellfenália ficou entrio bravo
Danny boy e o Connolly manso.
Segredodiestado! Top. Algoritmablou L'arty
Gregory. Eiresia. Prova!³

E Kev tava poeto da vedda com seu irmão.

Mas, (aquele sentimento de Jacó novamente
pelo fruto proibitten e, mio Giorgio, Kevvy
também simplesmente ama os bis coitos do
papá, assim julgo!) depois de todozozos
seuzescritos autocráticos de parábolos de
fomíliascurvadas e fofoconfusões
linguísticaóticas, los frutons de la musicultura
haiz e etê cítara não seriam incorporados ao
rep triperformatemático de abel
explosivamentescrito através de seu
pergamino atingindo-o ondiele vivia e pelo
abençõhado charles euves, o quieu penso,
mais esperto como foi feito porum outro babá
im π edoso do dilema caosbeludo dos
primogênitos até que finn annalmente, seu
fanfarrão de uma figa, por
golpedemisericórdia ele mediu seus seth
palmos de terra de qualquer jeito? mais
esperto como foi feito porum outro babá im π
edoso do dilema caosbeludo dos
primogênitos até que finn annalmente, seu
fanfarrão de uma figa, por
golpedemisericórdia ele mediu seus seth
palmos de terra de qualquer jeito? não podia
deixar de supunhetar com seu jeito moleque
de a-bê-ser víbora nosso franky eistein que,
pra ser claro, ele lutou com ele o tempo todo
doisputinhos na longoa matando de morte
morrida a marrenta cara sangrenta dele, era
misocaim. Eruma vez

TROMPETISTASDEVERDADES.

FIGO E CARDO ESBOÇAM
UMA PORCOMPOSIÇÃO E
UMA TROMPETEADA.

¹ Ele, a quem eu concebia como anjo, e ele não era ábel pra soletrar heliotripalavras., Sr.
Telivelmente Devilcultoso!

² Quando o trovão trova como os pavões pavoneiam!

³ Os Brownes de Browne – Browne do Castelodebrunodenola.

[303]

um vez um! Rep!¹ E suas mãos
calculonanistas desabrocharam.
Formalisa. Isoldamar a morte é tristão
simples!
Finndelinha².

COM EBANISADOR. NO
PIX. ROUBA-

Serviço anulando o eu.

Obrigadoloridíssimo por tudo, Henri Poinjacadé! Não sei dizer se é o peso que você me aplicou na aceleração ou aquela massa vermelha que eu estava observando mas no momento atual, potencial como sou, estou vendo anéis de álcool-íris raiando ao meu redor. Honras aocê e quiocê seja recomendado por nossa exhibitividade! Eu adoraria levá-lo prum passeio co bicho-papão e brincar de comicozinho siocê apenas sentasse e fosse a boquinha da garrafa no barril de porcachaça. Ocê vai merecer uma rolada de bach rilke daqui até amanhã. E pro inferno cuessas bombas flutuantes e casas rodantes a reboque! Se minha correspondência coubesse numa palavra-valise eu lhe enviaria um tóxis. Por Saxon Chromaticus, você fez essa coisia adorável pra mim! Ele não sabia, Nubilina? Niña Mite, ela estudou o quê? Com seu penteadouvido absolustroso, seu sonho dúltimo dia da Finnglaterra e as foglórias de ser a dama pré-santificada da majestade.³ E menor é a lamentação por ela não ser o pirulito que facilmente seria se tivesse como exemplo o ar de heroísmo de Virginia. Isso poderia impedi-la de jogar ceramicoráculos de delfos.⁴ Como eu ia dizendo, ao retribuir os favores, me fazes renéscer das cartas. Ambows somows garotows malvadows.⁵ Pois eu catei todosos piadacinhos enquantueles esmigalhavam da sua mesa um, cantando glóriaglórialeluia, penso logo eu chisto, aqui vai uma hipótese. Entonces

MONTEUCARISTIA,
MERCİ BUCKUP, E
CUIDADO COM QUEM
VOCÊ ESTÁ SOCANDO,
BROCHA.

Catástrofe e Anábase.

*O processo rotatório e
seu restabelecimento de
reciprocidades.*

¹ Beijinhobeijinho tchautchaukovski baixinhos! Vejo vocês Domingo no Quebra-Noises!

² Chinchin Childamano! Chapchopchap!

³ Limpe suas glosadóculos com o que você conhece.

⁴ Se eu quisesse mais nos copos que te deixam poeta da vida tu poderias quebrar fileiras de pratos.

⁵ Todos os Santons e Todas as Santificanções.

[304]

leiamo-nos no livro do dever. Ele diz.
Profetiza melhor aquele que tapeia o
melhor.

*A Dupla Verdade e os
Apetites Conjuntivos dos
Sexorexes Opostos.*

Triságio.

E aquela salubrada doençassinatura docêis derramou chá por toda a minha nebulosidadesitação. Vá simbora, Sunny Sim. Comuma ovelhonda no mar. Bodeus da balidatividade, é a menor das coisas, Eyenstein! Imagine isso, meu deepfundis doidivanas dartry vader! São horas dadas, não mais. Só quero celebrerguer uma ponte sobre a lacuna da culpa na sua hescitendência. Tu és cem mil vezes bem-vindo, velho sampleador de falhavras, embora sejas tão diabóliculpável quanto seria meu assiscinato por machado. Na verdade eu poderia travar uma energumentação sobriocê até quiocê istivesse republicanamente realmente danubiamente azul prússico na camisinha usada.¹ *Trionfante di bestia!* E caso não cervejas mais o guardião do seu salmano pode ser quieu nunca mais amaldiçoe aquele uiscão Jameson que tomei. Saudoso Keane agora, você é vara, anzol e chumbada, saudoso jubileu Keane! Velha fofocabeluda. Velha fofocabeluda, sabi di nonada inocenti. Ondiéquitá aquele Caim maizele só sabi qui nada sabi além di quiocê é minha popolar endítise nascido com um braço prateado em seu sono. Tu é santu! Tu é um santu do pau ocu!! Tu é santu santu santus football music!!! Fique em silêncio! Fique em silêncio, só 4'33! A legislassom não permite que você dê doze gritons. Eu planto minha mandiocaneta na sua porta dos fundos, vaso clichinês. Ave! E quiassim cerveja pra toda lembrança. Vale. Ovocação de meninágua virgens.² Pro totem erigido na épica do vikingaço. Eu advogo quiocê cante odes ao meu textículajudante de cozinha. Ao livro do lobo solitário. A recompensa do quartetomaestral³ tá marcada pramanhã quando sacipereregrinarmos pra sodomirlanda com

COME SI COMPITA
CUNCTITITILATIO? CONGA
LA CONGA, POXA-QUE-
RALA-COXA,
LEIDELACANLIZAÇÃO,
TCHÊTCHERERETCHÊTCHÊ,
PERNA EM UM TÊ, PÉ DE
OUVIDO EM UMA LEI, DOIS
EM UM ENLACE, TRÊS EM
UM TRISAL ATÉ OHIO OHIO
IOIOMISS.

¹ A partir de três xelins. Um sacrifício de sanguiazul.

² Não Condenado. Mas o chefão foi. He! He! Ho! Ho! Ho!

³ Show Deleuzes, Gêiser pra Banho, O Fedor e Monstruado Mac Degustador.

[305]

Abnegação é Adaptação.

bengala, cachecol e algibeira
abençoada e nossazauréolas
aureolando o pomodiadão onde e
quando Sugardaddydapesada, pai
quioferece doces e comidinhas, nos
presenteará com seu baita prêmio
Noblel. Cueste propósito laureável em
estrondoso talento sejamos
singularinificados. Entre mim e ti hong
cong la cong. Item, mizph
gretchermina.

Mas pokêr dialbos elizestão rabiscando
borromeadamente sobrias jarraposas e
as laurvas? Oikey, Impostolopulos?¹
Estável estável estável estável estável
estudiável. Muitos muitos muitos muitos
manducabimus.² Passomamos
nosso dia em triviuns e quadriviuns e
escrevemuns nossa parte como
intermediartes. Arte, literatura, política,
economia, química, humanidades, &c.
Responsabilidade, filha da disciplina, o
Grande Incêndio nos Mercados das
Cidades ao Sul, Crença em Gigantes e
na Loira do Banheiro, Um Lugar pra
Tudo e Tudo no seu Lugar, É a Caneta
é Mais Poderosa que a Espada? Uma
Carreira de Sucesso no Serviço
Público,³ A Voz da Natureza na
Floresta,⁴ Seu Herói ou Heroína
Favoritos, Sobre os Benefícios da
Recreação,⁵ Se Pedras Eretas
Falassem, Devoção à Festa da
Indulgência de Porciúncula, Os
Esportes da Polícia Metropolitana de
Dublin em Ballsbridge, Descreva em
Monossílabos Anglicanos Coloquiais o
Naufrágio do Héspero,⁶ Que moral, se
houver, pode ser extraída de Diarmuid
e Grania?⁷ Você aprova nosso Sistema
Parlamentar Existente? Os Usos e
Abusos dos Insetos, Uma

ENTRAM OS GUARDAS E
COMO. SECURES
GUBERNANT URBIS
TERRORUM.

*Cato.
Nero.
Saul. Aristóteles.
Júlio Cesar.
Péricles.
Ovídio.
Adão, Eva.
Domiciano. Édipo.
Sócrates.
Ajax.*

*Homero.
MarcoAurélio.*

*Alcebiades.
Lucrécio*

¹ O divabo quer possuir aquela ribeiranna murmurante. Querida Tia Emma Emma Apetitosa.

² Tire o dia pra vagamoondear, o policiálcool a caminho está. Vá, vá y foi!

³ R.C., desempregagado, bom caráter, ajudaria, sem salário.

⁴ Onde Lily é uma Lady encontrou a urticária em erupção.

⁵ Bubabipibambuli, posso fazer o que me der na telha o que é meu. Nyamnyam.

⁶ Abélidade do marinheiro cainteloso.

⁷ Raramente igual e distinto em todas as coisas.

[306]

Noé. Platão.
Horácio. Isaac.
Tirésias.
Marius.
Diógenes.
Procne, Filomela.
Abraão.
Nestor. Cincinato.
Leônidas.
Jacó.
Teócrito. José.
Fábio. Sansão.
Caim.
Esopo.
Prometeu.
Ló. Pompeu Magno,
General Milcíades.
Sólon.
Castor, Pollux.
Dionísio.
Safo.
Moisés. Jó.
Catilina.
Cadmo. Ezequiel.
Salomão. Temístocles.
Vitélio. Dario.

Visita à Cervejaria Guinness, Clubes, Vantagens de Postar o Pênis, Quando um Trocadilho não é um Trocadilho? É a Co-Educação de Animus e Anima Totalmente Desejável?¹ O que Aconteceu em Clontarf? Desde que nosso Irmão Johnathan Assinou o Processo ou as Meditações de Duas Jovens Solteironas,² Por que todos nós Amamos nosso Pequeno Lord Mayor, Hengler's Circus Entretenimentos, Na Poupança,³ O Esquema Kettle-Griffith-Moynihan para uma Nova Fonte de Eletricidade, Viajando no Túnel do Tempo,⁴ Poesia Americana Lagal, o Sonho Mais Doido que já foi Estilhaçõhado.⁵ Circunspecção, Nossas Aliadas as Colinas, Os Parnellitas São Justos em relação a Henry Tudor? Conte a um Amigo em uma Carta Tagarela a Fábula do Gafanhoto e da Formiga,⁶ Papai Noel, A Vergonha de Sodoma, Os Pontífices Romanos e as Igrejas Ortodoxas,⁷ A Semana de Trinta Horas, Compare os Estilos de Boxear de Jimmy Wilde e Jack Sharkey, Como Entender os Surdos, Devem as Damas aprender Música ou Matemática? Glória a São Patrício! O que pode ser encontrado em um local de Descartes, O Valor da Evidência Circunstancial, Há de haver ortografia? Dálites na Índia, Minerando Peltre, Eu,⁸ Necessidade de Dieta Balanceada e Regular Para,⁹ Não Deixe Para Amanhã O Que Pode Fazer Hoje.

¹ Joãocosidade e o Pé de Feijão cuma chapelizoldinha vermelha pegandua varinha de condão.

² Barca de Não É como o profeta baleiado numa noite de lobisomarinheiro.

³ Que pecado es picar dinheiro ens Paris?

⁴ Eu perdi o rumo, onde eu estava?

⁵ Algo aconteceu naquela vez que eu estava dormindo, cartas rasgadas ou havia neve?

⁶ Mich por sua dor, Nick em seu passado.

⁷ Ele tem *toglieresti in brodo* em todas as partes agramaticais do rosto e quanto àquela cara de raposipopótamo, número azarado, tarde pro batizado!

⁸ Eh, Monsieur? Oû, Monsieur? Eu, Monsieur? Nenni No, Monsieur!

⁹ Antes de irmos pra cama, irmãos, tenhamos essa resposta à oração!

[307]

Xenofonte.

As Delações perigosas. Vivavida!
Devore Anne: o chá está pronto, já
chega! Logo logos estará por uma
fração de segundo do chanceler
hellsponsável pelo erário.

*Pantocracia.
Bimutualismo.
Intercambialidade.
Naturalidade.
Superfetação.
Estabimobilismo.
Periodicidade.
Consumação.
Interpenetravidade.
Predicamento. Equilíbrio
do factual pelos teóricos
Boox e Coox,
Amalgamados.*

Aun
Do
Tri
Cri
Crush¹
Shay
Shockt
Ockt
Ni
Geg²

A hora da refeição chegou.

MÂMÃ, LUKOLHE, SEU
CHÁ DE PANCETA TÁ
FERVENDO.

KAKAPOÉTICO
LIPUDINOSO DO
UNGUNSCIENTE.

CARTINHA NOTURNA

Com noussos meliôres desejos
noitalinos a Pepai e Memãe e pro véio
do saco embaixo e em cima, desejando
a toudos Encarnassons muito alegros
nesta terra de vedda e abudhante de
preprosperidade atraweiss de seus
próuximos novos ciclous pour vir

de

jake, jack e a espelhirmãzinha
(os bebês que também querem
guguderridadá)



¹ Meu Kish é pro dedãotecristo, e a livrescrita da minha mãozinha é pra ele!

² E Mordaçanedotas pra caveirescola, e pãozinhossoscruzados e palavras-valisesperança coascuais ele se divertirá com nossos desenhinhos na linha!

[308]

III

Talvez não seja ou talvez cerveja uma preochopação dos Guinnesses mas.

Quio terror de seu fulgor na tribalbutiência siesconda atrás na condenação do livrobstáculo dos mutos mas quio resplendor de sua vida do pranto de vista duma noiva é quandum homem que persognifica umamontanha bloqueando a sua distância desposimportuna uma linfa que joga com o malemolente conquistador quiela ama ainda quio orgulho quiarruina a diz puta implore a glória dum ressuchistar enquanto o esquema é como sua rumba ao rondó de mim no jardim, aloteísmo, com o suporte apoiacaso duma inchistação pra eles, estava agora ou nunca em Ethéria Deserta como em Grander Subúrbia, com Finnfanfarraduladores, rúrikos ou chaosmopolitas, por muita ou maoméntânea indisputa.

Por quieles tinham, os Hiberio-Milucianos e Angoogle-Noremandos, doado o, nascimento duma naçãoção gestantermanada a suadozeslavos, como mestrecoconstrutor, forçado em seu resíduoeste, e quanto a Ibdullin o quê de Himana, que seu dodecafonetubular de alta fidelidade, tão moderno quanto amanhã à tarde e com aparência do exato minuto, (ouvindo que qualquerum nesse rubrodiondo ducado de Wollinstown planejava reduzir pela metade o tipo errado de data) equipado com antenas guarda-chuva superprotegidas pra distância, recebendo e conectado pelos links magnéticos dum sistema de acoplamento Bellini-Tosi cum alto-falhante vitaltone, capaz de capturar esferamigoscelestes, hemissões codificantadas em embarcanções, chaves telegráficlows, limpadiusores de vaticânus, devido à mulher formada móvel ou homem feito estático e amplificantando na haydn pirata e oscilando pra baixo num eliminium de sons poundianos pra servir-lhe um carrollssel em nonsensentido antheiurário, filtrados eclectricamente pra todazazirlandesas terras e

[309]

ohmes. Este harmônico condensador engenhoso (o Mole) foi composto pra funcionar a partir duma bateria magazine (chamada Mimmim Bimbim patente número 1132, Thorpetersen e Synds, Jomsborg, Selverbergen) sintonizada por palas antenas singuvalvulares gêmeotriódicas (leixliperpassando como se sua liffeystistência dependafundasse disso) cum hilldrocefálico alargamento, um hahahádio-controle de

ganho de megaciclos circuncêntricos, com frequêncialcance do antidulbnius ao serostatarana. Eles finalmente causaram, ou pelo menos provocaram de alguma forma, (que) azondas sonhoras pinnatrassem (por) um jacquiouvez auriculacraian (conhecido como o dorminhoco pai do Vikangaço, monofraturado por Piaras UaRhuamhaighaudhlugorelhudo, fundador do tímpano, Trompa de Eustáquio, Bauliaughacleeagagofônico) uma concha carnudacústica culpada por cunduncir Naul e Santry e as quarenta ouvidorias espirais da Corti com os concertiums da Sanfônica Britônica Symmonds, a Orquestra dos Luthiers, os Variagados Muuambeiros do Nacionalismuuu Muuusicow, os Exércitos Askold Olegxandrinós dos O'Keeffe-Rosses e Rhosso-Kievs oriundos do Eastwokingaço, a Liga do Yahoovens com d.s.t. pra relembrar o passado gulliverscondido na selvonírica quieles arborizaram ao redor, subindo pela frente corpular e descendo pela corcunda reucionária, foice, martelo e estribo (o homem de Ferro, há um Karlbeludomarximalista procê!), até o finn do laborintus de sua ouvida otológica.

A casa da palavra é todosos pãesquejesuzamaçou uniformes embora sua cartomância hallucina com uma ereção na noite mumiérica de cuja ação, um lur de Nur, imerge uma miragem num espelherro, poizé onde muezzin anuncia por um wathhora, um below bilaw, até o tempo de fechar o sebastian bar, este taberneiro dum campodebotelha, o alterofalhista sylvester está longe, rosto rosado de caçabebedor, uma orela orioleada, está prestes a desenvolver uma o'connell's, a original, toda célticaseira, uma cai zé bock, garantia de batismanguaçar, enquanto seus sinolhos de canterbury piscam malincheosos pro botecontador, óios dium vikingalcoólatra no crânio do uíscãodinavo. No entanto é, esta ipa de man, prele, nosso deusdacachaçarticulação, apenas um puxão e um punhado como para Pilsen, o Patagoriano, podrerosochefão dos chacoalhadoresdechocalhos e sua moyjestad el joygant, sob a espumante dispensação quanduele tirou a rolha e o peru pela groça de deusvorador pra fora do Lago Neagk. Quando, as préções são pro nosso grisalhimaculado papito, o popa deu seu pênesfício solene e, nos porões do vaticânus, deslizou num movimento de emulsipação catórica

pelo escorregar vaselinado dium caostequizador pra cumandar a rivolta dos licorponeses. Alámém. Lo que no âmbito de sua órbita elevou um brind ao seu mastro junto aum drink mijado dos irmãos cerbeijeiros, aqueles dois abenchopados.

Foi um baita tempo depois quiouve um augustocampo distanciando cazondas do risomar o que foi logos dispois da vidépoca de alpha iate de thor na cidadera em quio ouvídio abchopluto foi notado antes quiele conficcionasse o modelito de Kersse desvestindo-o de suas roupas mas e ou não isso foi antes de pôr o botão na nau do caipintão Noruegaguês.

Então ele buscou com a garra lalinguosta de seu lalápis o rastro do lacraniano em seu ouvido. Ó, senhor dos barris, vindo do Aquiagora (não perdi a chave de Efas-Taem), Ó, Ana, senhora brilhante, vinda do Agorentão (não deixei tentação no caminho do zelador do limiar), Ó!

Mas primeiro, strongbowberrão, eles fariam uma cachassina poruma bebida. Pensonhe como um comandantescada, dublinque-o, sacie suas tercetas intentações despertadas com issy. Nossas valsurreições são valsurreições béinn féinhas! Nós te resgatamamos, Ó Poderoso Chopão, da terra úmida e te honramos. Ó Connelball, com abocanhante sepultura! Assim se fez, comei e bebei. Eis meu copo e cachassangue!

— Então dilse ele ao homi casado co barco. E em seu traduzatlântico noruegalês. Ondié kersse poderia pecar ou pescar vivo um terno e noivestidos? Vá pro diabo que veste prada! dirce o homi casado co barco, decodificandua linguaviagem, eis o altaiatenor. Grisalhouis Vuitton e Brancocoruto Chanel, grifesfimoses, sucessor de. Agorrorror, ele disse, cantando roda viva praquele seu amigo the besta, o C&Alfaiate, pra finixar a culpura, piuí piuí piuí abacaxixí xota xota xota mija aí, faz o caipintão de bobo cum terno falsificcionado! Signifiquerendo navegablar de roupas pra senhora sua mestra cujo ser é precisado porum par de calças sob o padrão dium cossaco. Deixe-me provar, suplico-te, mas desta vez, disse o Estiliszt, salvando o fugoso swingarro de sua boca bachbachda. Ele cuspiu na mão (começo): ele alinhavou o tecidoce cru (pudim): ele jurou bem jurado (como dib é um dab): e ele arregaçou sua manga franjada (rapagão bundudo, pele de baleia). Olhô por olhá e dentô por dentá. Lambeu e gostou. Uma porter, uma purtar. E muito bom o suficiente, vizinho Norreys, cada fragmento e grão. E o homi casado co barco partiu totto torto atrás deule pra saudar o

[311]

velheiro. Stolp, vigarista, stolp, venga pra Mi Piquena Irlanna! E o caipintão Noruegaguês riuspundeu, algum baiacuri fora da iscola: Sem por santo celteza! Sob o oceuanus o soul se popôs na visão do pairaíso. Mas quebraram ondas e surfaram com ulysses em copacabana riotornando à bossa noiva de vossa voz. E pesadamente ele yankorou na norueguesa errante corredeira de modo que sete mares allhelldordossol estava de peito nu pru banhu salgado, ondio fundo é sem fundo, do Arquipélago Franz José até o Cabo Thormendroso, tardestrelado e aonal ser ou nau ser do sol. Suba o Hell de Jazzneiro e desça o Golforró Dezombras. Quarentarados dias e quarentenebrosas noites. Enjoyem-se, Ó trabalhadores do mar! E as marés encheram, ressacaram e puxaram, e os tempos eclipsaram, recuaram e baixaram, e, santo das barcas furadas, ele nonadou em a tempestade!

— Notredrama! Notredrama! navegargalharam os haikkkunhados danduma golada naquela meia dose num segundo.

— Farei isso, disse Kersse, jurando a fudelidade do mastro pra capitaninar e ser leme de sua balsa-noiva. Costurar o ternoietzsche? eles curvaram a cacunda a jacquiouvez lacraian.

Mas velho nadador, como senhor do fim, monarcapanhador no campo de centeio, ele nadar temia desde cobra a cãibra de tubarões costeiros, maquinadando pra não matar na praia. Foi totalmente sem nózão e pudidicamente incorreto Loritz tirar o Cabaço da Boa Howthesperança de sua triputite ninfeta loritta, uma maomette pro seu montanho, com seus dois dois doislumbrantes bobs de brilhantes no cabelo, só não, se não, uma háháinha da Parkkkera sua história mesóstica que parecia uma caixa de pundora cruzando o celestial, não, coração dialgodão doce (si phudesse ele dedilharia a sobrinhola comuma viola!) mas marmitodavia foi certamente uma barganha que, mais raro qui recente, uma conformidade ocasional, ele, com Muckers Muggletonianos, apostas tuduotempo certamente permitidas, comua graça do perigrino aos peticionários de direito, dos três fregagueses de custumi com seuzespíritos customizados, o Gill bafudo, o Burkley caicai, o Weslleley safadãoterloo, incorporando o jinglado reggaélico ao seu irlandês folclóricoquial. Grandes bebedores falhosofam como gandhis pançadores ou como se ouvê no roaratorio, judaísmo dium cristianista, respeitando reliorgiosos clães ortodocaxorros, por tanto tempo os plobs são da plebs maizos plubs por amplificação da baixa frequência

podem vir a aceitar outros. Poizo povão do botecão é a celteza do all quórão. Seleiros e coureiros, açougueiros e saleiros, estanheiros e tintureiros, sacristãoeiros, arqueiros,

[312]

cinteiros, merceeiros, caminhoneiros e primeiro, e não porúltimo, os fiandeiros. Nossa esperonça é quia bibliobuteca dele cerveja pública.

Dono do bar, nosso pilar.

— Navegabla logo! Vá em frente, agitador! eles fagoteiam sobre a floerzia de sua musicasa. Deusça com moisésca pagodinho e salve sua beelea beeblea.

— Farei isso, acordialmente, por minha mão, dissy Kerssy, peça Adeus, e na manga diuma jaqueta, rutificado após seu cochilo com o'cousin acobertado, tão sóbrio quantuo homi casado co barco eliera um meu padrinho quanduele me proverbiou que viu o canto agora eu tou bem e juridicamante sagastifeito após bonamourar a viúva, diacordo com o timoneirautor, seguindua pneumoneya, ele é consistentemente tossido pra Ádãomos. Então miajuda boyg guardiogrão do livro.

A partir dentão, em obirdiência a sua lei susereana o King Coisa e o pilseneiro tinham o baar, Recknar Jarl, (eles o chamavam de Roguenor, Irl o chamei dirlso) ainda passando o pênnys de troco, meio pênnys, vários tipos de moeddas de troca-troca em câmbio, empurrando seus murmúrios em seu cabelouvido, (parecia, um musicódigo morse ottolueningaguejado dialguma embarcação, um lacrainiano, pra terem zizék ninguém cumprindua obrincação dinvestigar contrapontos do noturno de chopão) o mesmo pro senhor do bom fim na boa descarga aveludada apóizo que ele se isentourinou mais que órfão pro balastro de sua vida nurtural. E lançou uns dados. Alguns porcruzeiros e lebres esterlinas e tutá sem nenhum tutu, tributo do tribuno, siucê adivinhar o miminificado da mímica. Podbre em seu sotaque obsceno signipegou dez moedeiros falsos, com este bom sihtric do meu sacro de joias. Nummurus quié summus quié agiota quié bundamurcha quié Twomeys quié Digges quié Harry Porter. Na formosa forma de mythais pesados. Pois todos faríamos da trinnpas maccooração por glórias. Essié o precioso minério mental.

Dessa baumaneira contababelizanduos custos da coragem líquida, um bullion em barras diouro, estocadas tintim por tintim a granel no colchão (lutai contra o sistema financeiro! brayvoh, pequeno bretton!) aguçando seu kooningnecimento, o mais

exótiqüestionador da tripulação, aquele medo amigo de suas próprias deformações, schiele próprio fosse um homônimo dissidente criminosamente caído do peripulador, em bloomdisseia às torrés de Hidro-Mel e Lynn-Maccoolchaça, esfregando o agasalhado filho dium corcunduchamp, que haja luz, que seja secos & molhados em toda terra em transe comuo camelo e ondio

[313]

lúceiffel ou quando finnegaiatinho ou por que o finnengraçadinho que fez com que o andaime fosse tirado pela primeva vez às suas ordens, babevoalizando, foi a resposta ready-made deles quando no sigilo (o correspondente) em conflito de evidências deu um chute na testemunha mas (errou) e pra quem na primeira dublidade removeu as tábuas de sustentação, boobão.

Haicaiu!

Bothallchoractorschumminaroundsansumuminarumdrumstrumtruminahumptadum
pwaultopoofoolooderamaunsturnup!

— Deu um tibum, imitou um.

— Kakaiukakabeçanabunda, dois baseados.

— Humplofty damptysfou-se arrebetando suas ovas, três gozadas. Ondios jogantes com pés de barro jogam boylam. Bimbim bimbim. E as mollyeres gritam em uníssonho. Ele ele ele ele.

E além disso quia lenda siespalhe sobriessa profanencenação mortar tão cwympthy dwympty que do pun ao latim em pó ele pecaiu arboriginalmente mas, salto de sorte pro moço no topo da escada, então sartor risorteadado poizo pecador é o priór dos priôres! Ho ho ho houça! La la la lalegria! Hillary rillarry é corcovando-nos ao demo no redemoinho ô ô ô! Um tira-e-põe, qq: quiescência, pp: com acoplamento intervulvar extraventoso. O rirtornello mais semguru do mundo. Cudadosamente paradoxalmutoso, maizaqui numa presente botecasa de John de Barroaratorio, Bartholamou, onde seu tio holuandês ozospeda e servium dreamk pruns monologrosseiros du interior (homereek van hohmryk) que salvo aquele salvo conduto pra salvarguardar sua titiantena e tem dadua voltaao mondo da maçãbebedoria de eva em oitentações pecadias (pip, pip, pip) farápip futuropip mostrandopip abambalhado emintinduopassado com calúninãs e substítulos curtinhos de nordicochichos-feitos-ao-π-douvido diuma mente sobrinha el narrador mas dê ao diabo o quié deusle

contanto quiaqueles hijos diuma poetrova melodiem o trovante trovar e troversem estrondosamente o trovão. Quiassim cerveja. Bebamém.

— Isso é tudo murtagh purtagh maizo kikiocê mi diz da filosofilha dele? issybilaram eles que jazz foram soulteiros, (quandua juventude de sua oscitação sacudiu a criação em sua cama) hermanofaturados ladualado pra catar o arroz assaciado ao seu molhasamento. A moçãzinha de seuzóios? Sua *ros in sola velnere* e ele sicckumbiu de homnis terrars. Ela vai pra esculas de clichenelos. Num havia homendoins em sua famália intão noé diadimirar quiela caiu pela fama

[314]

de roaleza da budha gandhi. Não siesqueça dele! Um críticaçougueiro das bellezartes do Trainity Cullégio. Será quio parquerador parquerava uma crianchaça do beberço tardeleite da noite encanto a ousadesposa tava penelopesticada? Num é? E tagarelacrescentaram, (ou antes quio grito de suas línguas siextinguisse) Hibribridados juntinhos, mais seus patos ante suas brocas, um mosaicopo de chopirralha mahlervilhoso pode ser alicenciado diuma só vez, sejam esses mesmos símbolos, indiferente a uma batida do rap, nem um vestido de noiva nem uma mini saia tão plena quanto todozestavam nelsonrodriguinteriçados.

Bonifácio, bom de prosear dipois, bom de negociar depois, num ângulo de fazer xixiste, deixa fluir, brabble brabble e brabble, e tão hostile, arfando ondas eletromamadagnéticas, topou-se com eles e, vomitando $E_c = mv^2/2$, atirou nos três alfaiates, dando meia volts volver aos arenques do Moyle, balançando como bonde e bunda, rola e roleta, apóizo dilúvio do diluvianjo das trevas em pessoa, o santom dos marrimeiros deu o tom tal comua brisa orquestra a embarcanção, tropeçambando, pingaiando, içou as velas ao vento, a sunguinha atolada no cu de bêbado fazendo cócegas nas pregas e seu oxiúros da sorte cavalevantando as saias marilynmonroeantes de seu paunorama. Ele havia deixado seu bastão na mão pra não demonstrar nenhum ressêmentimento. Embora pra todosos apêndices parecessium cogumelo. Enquantoele ozencarava de frente pra trás, Então os guarda-souls virarabriram, muy atacados, whisklamando, Hômi a calminho Embriagaduestá!

— Buen día, ele dirce, fescáguas e boastardes a todos, enquantoele servia hidromé de abêia, nagasaquê primeiro, garrafão segundo, gim gando ao barlavento, enquantoele vodkompunha trilhas sonhoras praquela óperaberta soar comuo perucaminho mais rapsódio ao Publin, assim comua membrana timpânica no

sotavento de seuzórgãos vocaos, com seu grand cintão veredas mui apertado pra sua pança de chopança e sua peruca nanuca ca etiqueta escondida. Pracima. Cuma boa orientação iuma boa ocidentação. E ele perguntou a ele como diabos ele pactuou meus demônios do paissado caquele gemido quicounheceu Kidbengala de quem ele lembrou com firmeza onde ficava a escotilha ele acabou em novas praias das quais ele é aquele filhaçougueiro aficionado, um penincular aimigo da mente, poizo quiele quiria era hahablar do bosquete delhes, palhaço toff, deca abraço tetradeca. Telegrama: Clifftop. Fishado pruoje maizaberto pruamanhã. Calçadas telegramadas. Chique no úrtimo.

— Skibereen tem uma pousada comum, por pneunáutica, com e'degas alah pô, e o millôrcólico corvo nunca mais, disse celto por canelinhas tortas legislablando franco pro seu chutaque que, por meio de gaulês

[315]

— Vá pra Pukkelsen quiu pariu, controversou.

Qui com alguns dos nossos proaminentes invisores com a ultraviolância quios levou às infrasões, desconstruindo e desembarcando, contra nossa insular resistência aérea, duas balsas-novas quiencaharmonizaram numa nota só, testemunharam tom jobim e dick farney e harry caymmi. Pré-patrickurlarmente tudo, eles resumiram. Conheceram Kishinguinha. Predestinados a. E pro dono da bodega, notando, enodando, uma costa a atracar era motivo pra significantar. Além da dose abundante, dose transbordante. Enquantueles faziam alterocopismo. Ou uoutro jurou cosseu sangueric. Levantado dois, pra brindar ao barco bêbado. Herdeiros prusted, Brian Beboru! Molhe o bico pela groça dedeus.

— Bons dias e bons moinhorgias, diziam as boas lalinguansas mães, balançando seu polpão diaçucar pros dois lados cos corcovados ios recifes, quandestavam todos no mundo amurado do burgo de Kincora coralina (e que sobreviveram à kalentura do ar quente do Dedodideus sobrias explosões de carvão da Mitrópolis lá donde deus dá húrís a quem cedo madrugas), hiberniando depois de sete eras de carvalho, apavorados por ondiestavam ele cagou no bancocô dos hells dessa maré ondios peixies o picotariam até o botão do oceuânus e sua velha récita privada Eirenada no penicâmbio com a ajuda de Divy e Jarra de locquor e fechou a porta atrás dele pra fazerum re finado gado de peixe dos Deuses. Morya Mortimor! Allapalla sobrenoises! Cantas veizes banshee tentou! E eles se cantorceram

pro seu ritornello ao bar naquele hidromélodia dualém, com funk do mc boladefogo y pancadão turco et pout porri pobre pra embalar seu bum finn. As quatro coisias que sua cabeçobscura precisa pra se adequar à Grande Água. Ele feizo sinal do martelo. Verdadaridez de Deus, disse ele, depois de beber oguns goles, pensando em todozaqueles reizoriginários, comua vidamérica é pausageira! Aqui bocê tá de vorta às suas falcõestruas, desdio Blasil la Tierra Pra Metida até nostro povotuguesus de portocall center, o furto na esquina das minas giriais, escravos a traficar, vassalo diespeciarias e um dragão-do-mercado, e ser robalo, rabada du pirarucu, como bocê tava em conserva eu kiss a cavalinha. Barulheira duzinfernu! dilse eule. Um champagnhagen na islândiolho! Aqui abrem-se punhadosdepernas prum popolar velho do povo di casa aqui na allphavela docêis! Então me venda um xoxote, disze o cappão agora em noruegação, cuma guerreira expleção pós-humor, atirar não artirar nele eis o eggão ou ondié quitá aquele cem jeitinho? Um bocadinho de john queisjo, ele dicse, pra Dennis, presse jantar (e quios dobbllins

[316]

assem os perus,) ou uma arraia, ele dizci, t. d., num pound-cage de kennedy pra Patriki San Saki on svo fro ou minha velha relógion tá fora do tiempo e quandeu stiver além do bember e do bar ocê pode achar quiestiquei as canela, ele dicsi, e, sieu conseguir, diszi ele, um ukuleletoacústico de tomtartarum. Com tesão poizo o bão falho à casa da mão john anna torna. Allkey dallkey, dise o botecapitão do baco, poizele era tão profundo quantua estrela do norte (e podia cãovencer o souldado do marrimeiro a ser alfahiato do funnyleiro) como todo homem poderia ter dizido a sua the besta, e um bom nigócio pro navio mercante, meu cargueiro apita milhões de broas-vindas procê e qui papai do seumear nos protejalimente! Ai man. E ele pegou e deu o ekspediente pro Hombreyhumphrey welcomer aquela quié a boa palavra. Ele feizo sinal do bacruzna. Vestideus seja lavado! E um platão diostras pro filósofome! Alahbalah! Elieria o cara mais deuscuidado que jah vi mas cu certeza tinha mui areiamor pra dar. Um peixe-boylam com guarnições. Porum fio dium faio dium fin dium filho diuma filharma dium fia da fruta. Ekspediente, dilze ele, fio mio, Shackleton Jobim! Esperando engordat e cage gouda, ou este ogro de Oslo vai ostmandar todos nós pra cova, dixe ele, como um familiar da casa, enquanto Valdemar o perseguia e Maldemar o marturbava, mareado ele navegandava popolvuh mitando na tigela sua mar mita e

o mar mareava ao passo quiele esperava sua vez de ser levado. Até que lhe pedissem pressa na hora da passagem. Diga quandu!

— De mineiralguma ele kersse ou sêmen melantemente reclamou do terno e das peles de soldado, primeiro ficou putasso co criador das fendas com considerável ressalva e

— Humptmar dumptmar, o mercaidor, secundamente cortou bem cortado o corte.

— Um nono porum nono. Calcule meu palavrador disso. E sen elro, eles tricontaram três vezes ao alfaiatenor e sabiam o porquê por também. A razão do seu tão tal. Cãochupandomanga em si mas gargantodopodeso por todos noix! E três brindes aqui pela repetição do unium! Coloque as scouras no sun tzuoso muro do seu costello capetalista, ele se deuscupulou, o Potente O'Colonel, nozúltimos templos descentendo do Dan O'Conner, ele próprio tão promonitório questava alheio ao cabeição de howthiririca que siergueu diante dele, de Sheeroskouro, sob seu zeenblante de mensagiro de la muerte, como um maçante lançador dedados ao ocase, com suas cabelebres montaignhesas em cu raladas em pedrelevados páramos, (cê cunhéci aquele pico costeadado por giuseppastos verdis?) ainda ágapeixonado perdidemente purela seu grania amor mui bién arquivada em

[317]

proustiosa mamória y aquela graça in finn annitta lá dela, em riobolar numágua amorvediga, de sorriso refress kant camus si foice uma doze di caim perinha, caquele ar rarefeito diuma Montmorencecy e seus suspirinhos orgasmicozinhoss e sua cor de alpeniillista. Pousseuir-te a vida salvar-te-á mar rará à isposa? Prensarei cu carinho, mi lady. Noé diamardimirar quia anorosa emprosa clame homovirtude, machonaria! O ômi é o villa-lobo du ãomen por mais zoo lógicow quiela zeeja. Celtanejo nemon! Tsunaminina, riocupando seuzantigos direitos, então yersterday um basta no paissado, aeté mesmo nas ricouerdações. E mais maior du qui na phutilidade dos véios tempos, uma ratinha, uma mera annazinha, sai trotando com todou panorâmicromático quadro. Sua virginal burrapariga de carga aqüalentando seu fluxodeconsciênciágua, sacudindo o ritornello diuma espiral e balançando o balancê dium salva-veddas. A conquista cativa anexandreiana. Ethna Popol Vuh Cão, Sontissima Trindadilúvio. Ele seu primeiro cabraço, ela sua rapidinha amiaguável, na

rilkeza e na plowbreza, até klee o delta de la puerta duo céu os separe. O foglow no cu deste foglowzomundo há de se apaglaw e o dito cujo dele no dela há de crescer. Através di anos simplórios em quias semgarras milkomeram mel do tio som e frutas som zonais e um biscoitom de cevada na palma da mão de Tham Zé el Tocador. Ó divagassom seja milhaudimpressionante e agora! Ouçamba-me, véus de Mina! Ele comcudaria, nuentanto, isso signifinca muito pra mim. Lavei-me à modantiga e pré-chupei antes de sentarmos pra arcebisparar sopa e peixota. Agora come o cumerciante de vinho sôbriêsse conteúdo shakespeniano cum sua depreshiva e lenta mastigonção bach quiz anna. Pero nunca earwigabandone a pãogenitura de les boeufs sur le toit, nem por legiões de donadores de Samuelsperma. Performei a lei em verdade para com o senhor da lei, Taif Alif. Estendi a mão ao dono do meu coração em Annápolis, a costelocalidade di minfância. Sejais ocêis meus protetenores até a Mezzo-soprâmia diante dos guardas da cidade. O cavalheirismo com o karl negociam é dos marx cavalheirescos. Palavra de woman. Descer atolando no pântano até o pé. Johntar-se a Andersoon & Co. Sias flores da fala vivelaram as nascentes de minha ascensão a dos passos do tópos na escuridão tateio nevascabençoado por meu caminho. Nonadinha atravancando sua cabeça nem mesmum numerapelido manomental. Caquele friobronzeante da noitzsche soltando puns da Alpyssínia, signipecando o nada da Memolândia e loboorthoven mauzart pronunceiando os sobretons da voxvozinha. Mas seu espectronzinho unicaipira emerge arco-ítricamente surfanduo mar irlandeus, carecobiça, luxurialzheimer, raiv, glutonturaria, invejenjoo e vomitócio. Pode ter siduo quiocê chama de sua mudança na minha vida maizá a chance diuma

[318]

noitada pra minha ereção. Hillyhollow, valelow! Cus sons ios aromas da manhã.

— Sou merecedô de bala perdida, qui mi peguem pelo cularinho, mi finnem com macownha eternamente, uíscão chopando mangaltibier, pour trazê espinheiros até a Samambahia e tocar olodum ao redor de Demetrius pois, enquantocê mentenruga ironicorretamente, valentão cor de bluerro quando foge, é com celteza um montidimerda assombranduas histórias sôbrios vulcões d'antanho. Começamos a erupcionar e assim a indulgência plinária faz geléiageral de todos nós. Maizo Tempo é pra quio cowstoureiro alinhaverse suas historietrajes. Tiptoptap, Mister Malte.

Ele feizum verãozinho (Giz qui mi giz e mármore nredo no calcárisolamento) de suas três cachaçandorinhas como siestivesse reprimindo Mulsumanespumantes e levantou a absintócha enquanto botecortejo de fadas fluía por suas entranhabertas, um gole d'água pra aliviar o goróxido de cálcio, pro tocar de sua flauta e o rufar de sua narrativiola, Ó, com versos pra boi durmi de eruma vez reversos sobrepostos dium picha dor que fez controversos e foi um forrobodó de boitatá os bofes pra fora. Plump.

O quiambos fizeram. Pronto. Eh, cristal hádiodifusor? Salve Ampsterdampster que tinha reumaniscências em suas pernócolandesas.

— Pelo caroço na virilha, Ali Sal O'Mão, pensa o caipintão, inspecionando suas embarcações, is távamus aqui antis.

— E pela escoliose de sua cacunda, Riarcado Terceiro, reflete sobre seu barrigão di chopadrinho, a popósito di seus marinheirosdissunguinha, maizondistá a tropoposuda com calcinha di Horácio?

— Eu culuquei atrais da istufa di lúpulo, dici o Corcuvado, sintonizanduzouvidu no cowstoureiro, satisfeito com o sinal, aquele diodo duplullover difusorquestral, e ele tá hino à forra na água de Tarra. E marinouvegou seu pintransatlântico gargântua abaixo comuazondas da correntedogorfo. O mau-zoiado de Wolafs kerssendo sôbri ele, alfaiaterchcovitch, ele disse em fornicular, e, sendo ou não sendo, eis qui num digo mintiras, pois amaldiçonei aquele casacabra fiadumamãe in calças afiveladas eqüinabucodonosormente sejaumentando no fogo sejacasalando na adega. Chope-me! dilsí ele.

— Fumo e cocaína asfixiam! riu até a lágrima escorrir numa coxa dos trapãoceiros todos excetuaqueles marinheirovelhas cuecasados que balançoravam ao sim ô quiele não crê y o observadô de sua história recontô a quem sentiu qui, a fumaçardente sendu fornalhaçada sôbri ele motofosicamente, como Omar às vezes cannabidiolbserva, tal a satuação, a ser investigada debuchydamente, issu o humpty dumptyspatifaria no chão.

[319]

— E babelda de droga! marijuanablou ele, acrescentragou o heroíno, agora profundamente hipnotizado ou ele ópio um drogago sem esperonça. E kerssaber do mais, dichavablou ele, depois de bebaixar as velas, y as estrelas ele singra, costureirastro rei, o yves sol laurent, o maccolco chanel, ade pintado a torçõesnoisais em seu bottón, chomunista, disí ele, (vaitoumánoteuloucú!) que vai pelo caminho de

fumá um em público, glosou ele, seachanduo o boomzão porestar no front da são pablo facción weekscobar na lustra pelus direitos sis vis dus naifgadores trespassadus, (varra essa poeiresia pá dibaixo du tapeti, cabeçudu!) dizi ele, o meu colossal saco vai da camiseta até a baina, malucostureiro, disí ele, cusseu pão quiu diabu vest prada amassou em canto espera godotencontrar a banda. Vou botar as pulgas do teu pau na farinha, e ele dixi, pegapracapá atrás do alambike, o não bemfeito do um, dilsí ele, o kerssencanto dos meus ancestriceps assombrará este mais inominável dozomens (irlandesbocado, siele não o queimasse com todosos nomes saramagressivos em sua blassfêmea!) um casacamaldiçoado balenciágua diesgoto, ele diz-sí, seu primo primeiro és um innválido nozestábulos unidros paz assando fome nesta noitilumimada pelo fugão à lenha preparando Bach laiá Cucci iêe é aquele priór dos prióres serialfaiate killer seja lá o que for maizé versace em enfiar umagulha num paneiro!

Intaum pela segunda tantrativa touda la reunioum dos acarras printadas aconteceu. Comuele cantarolou sua remochila de carteiro alceu gritombro e reco-recortou a tintura duceu pinceu e foi simbora pra roçamanhecer na Filadelphiada. Do seu complexo dream maré voltando a Brighten-na-costa-Báltica, das redondilhandesas tourres de babelle de jour vourtando aos ameaçeducadores bataclãs das proustutoras sema anais. Uai!

— Pópará, Laadrão, pópará! entreterjeitou o esperançosomem do mar à sua esposa sobrestarem no mesmo barco consistentemente. Rivoltem pro Mar Aileendês.

— Que porraralho! blasfumou o capetão noruagüês, em fúrias flamijantes sob calças de camelô, os lanternolhos irados brilhando no pico do pisca-pisca de seu mastro. Y é flato quiêe seafastou Dazareias Afferikanas e de flato seaproximou à noite ao Street de Bearringáfrica, torrando até o ser no sol de bronze, amanteigadas sejam as neves. E o mar seagitoou e o montanha ressoou. E, encharcando a nau, ele não drenou

Uma pausa.

Maquinaria infernal (número de série: Massacre de Acre, caviuma cova com cu y dado) tenduassim passadua barra quié gostá di ocê de tom a zé (descobridor de caetano o zeloso) em canto o conto da carochinha navicava em círculos agora jazz era maré alta pra riomemorar quio duo de costureiratiradores foice punido exemparmente

até qui, como fez o inweisstigador hughkenner, não tiveram liquoralmente mais poderes em seus cotovelos. Douta ignorância, portonto, naum é pra dizer fuzil mas bumbum granada, nada muito nonsensato, pobre peixe, (elié comidoriginado, elié virado pra lá e pra casá, tiram o leitinho deli, eli parte dessa pra mergulhor) segurandum lápis-lanternalfinete de lei como varinha de boas-vindas pra todosos cidoidões di bem, (ias corolas eli vacinou contra o vírus quiassim injetou!) enojadescosturou-se até aquela espeluncasa das tia no seu bar dolce lar em Dublin, metendo o π na porta e entrando, desdio coração nas trevas dos cus de judas, Glasthule Bourne ou Boehernapark Nolagh, la pras bandas di o qui hcé o qui hcé ou bianconi, astraylianos na ilha, um chapéu alto dos bons avoando entrias casas poruma toucachaça daquela seda ou pode sêrum veludo preto ium lance de dedos dupé arrastando sua unhencravada, sinalizando avisos gaéialcóois em bebidireção a Porto Zeenguro pra lhes dar sua localizachopão, em rota circular há leste ou elegante central hodoviária. Abra, a purta da esperonça! Alôalô balsa-nova salva-vidas, Chaga de Norman, Soluçomem da Baosriga Urrante! Conchocalho de conhas e geleias de marisco oco. Quio botãozinho da falicidade flameje à noite no Fênix! Música. Y os velhos farreiem no Funn Wak da terceira eiridade. Até Irinacordar do Sono Profundo. Comueles conseguiram jogar um xaveco na luz do dia ao salvar as trevas só aquele que ama verá.

Negócios. Seu indócio ócio. Chopetalista me dá um help.

Contrascene.

Ele aproveitou seus melhores orelhanos pra me captar prucê naquilo quié seu comuo meu mais melhor pra enchê a cara cum ele, ginberto giel como gail vodcosta, raul geil como gaul lindo, Odorozônio, nossuagora empregodot do bar, mixando rum, leiti e toddy com mãosturbação pra ti. Dizendo o quais, veja como se curva ao dinheiracaso, cuma mamada nas teta ali maizum faz me rir aqui, ele deu uma de noé coas galinhas, cães e pangarés co joelho de coelho, na arcada mão de sua cobicha, a salvo dos zumbidilúvios que beboderiam oncontrar, até coçar seu grande cúbito, pra whiskonder a mão no seco. À parte. Seus porcorgamos podem pingar, espermágicos de oz, bebam minha borra! Porra!

E com alice na sagração da primavera os stravinskachaceiros e passarlcoólatras de fogo quizztavam com elewis nos cascos udigrudi colheram rosas do deserto naquele mato sem carrollchorro de mullingar.

Reentre Tristram Sandy Júnior. Vamo pulá, pei-dwei na calça de álcooldão chinês. Dá bão dia sô. Charuto. Naruto!

Off.

[321]

Tire o chapéu branco de páia (óia, Kersse vortô bebablando conversadebotequim lupulando copobstáculos tipo Corujacozida pra Irlandês-Irãdês ver y ouver, cum velho Conan o bê-á-bárbaro pendedurado nusseu ombrom soldado como havia de ser, lao yiu shao, ele parece maizum noivato no novio).

— Tique-taque-se nissu enquanto tá peganu fogu nu parquinnhu, falhu duma poeta, (de Kersse que, comuele fificou sabebendo, lastimosamente, hwen ching hwan chang, havia-se zombado de seu genitraje de zepelinho um exemplo do costume do país).

— Mó fita imétrica qui costura errado por linhas porcas, wesley schaefferdão, bocê chupa um grosso, caldo e teta, e confessaci a si mesmo (por kersse ele havia encrencortado e crônicosturado desembestadamente os fios da forma mais múltipla praquele pobre velho bostardo da ponte abandonada e dadum sacode na poeresia do manto da sabebedoria, comuele nicoloucou o de cusa na reta de hoang tseu, seu próprio pai não foi capataz de cheirá-lo).

Coro: Com seu casaco 50 tons de cinza. E suas economias penhoradas no inferninho.

— E, haiku ou haicai, vossa mercê fez conan doyle de goethe e torquato hoje, meu cavaleão cavalheiro das idiotrevas. Sergio Medeiros, poetrága-me o terno! Dirce ele, musicosturey kersey. E quando Tarso dissy issy essy Karso faburlou-lhes tôduo curso de treinamento como toda a devastradução curraghororiginada por rivoltosas chamás, do cordeiro de chiste à mesa de Leminskorte&costura e do relâmpark ao fênix. E ele riu dele num Alevato'm de sarcasmo e mandou ele parkele lugar com sutileza, ôio por zóio, dentre por dentres, enquanto do gato pisado sair o miado. E eles o espiaram na pira.

E así foi. Contemple.

— O mesmo caipintão naninanão sem cabalos encara dois caras indo pro onde. Não é esse efeito? cara a cara, se aproximaram três recém-chegados pra bebaterem na porta do puteiro's bar que, ainda que em admitência daquela impedância, como três deles istavam lá, eles se maltetravam destilando desprezo por sua saúde.

— Isso é dente por dentadura, pensonho, confessado, átomo por átomo, aqueles que, não fosse poraquela dielétrica, tavam na coda bamba da nielsbohrrbsolescência, e à beira do pilar de Nelson e dos rodriguestatutos do Reibillythekid e dos marcos de Oliver el cromwell libertabusa-nos, oh Diosminatrix!

— E então culpa-me pela transgansão, ele disseu, pronunçando o presuntacórdão municipaldo do primeiro curso, ricursando, todos coléricos e tubergulosos caçua curva

[322]

na rotatória, o pederastaberneiro errante, ele disseu, (que seus chichistes podem navegar todum muondo shandyano do deuserto), o vocabelário pirato da perna de pound, que belas roubas ele parece usar, (como bocê tava, Ship Lizod?) oñe'ële falou, o blabíssimòùngbẹ èjẹ bloodescobridor dos seth blares, quistá seaslastrando pelo latim maia en pó des del nostra brut lalinguagem à travers do caipirês do valedojequitinhonheengatu, ele proseou, não faça cafuzão cuele, viajando atrás de cunhãs, jonas na baleia xavecanduas joanas na boleia, e o maldissom de todosos alfaiatenores atonteia azideia dele, el a spus, até que tabatinglosei naçúa cara de bundeira, Ell va dir, um a um, o povaréu da roça, apóizos trovões xangonários de Thorpã. O estagiarialmirante érum capangalês. Pódre-se sentir o cheiro de sua vestimelenta camus siele tivesse vindo druma praia de promiscuidade. Ondié qui tá esse velho putanheiro, devo pergontar? Ele vai ganhá um pé na budha di mim, vira-casaca, no Bar Bartleby sieu declarasse guerra quanduera mais jung. Meistr Capteen Ganso, caixeiro-velejante! Enquanto ele me chopá ateu caroço, como polpa, e enquanto eu tocá debussyrica por seu arabesque, como polpô, ele ai de caí caidinho por mi câmuo dotô farsto, Egli ha detto, como tulpi. O gorgunda fofilho do puskas, il a dit, cos bolsos potateis cheios de potatextos e sua raposa no estômago, uma desacordiosgraça pro zirkus da igrejah canjikatolicheskii, cai duro e surdo, e nuncouveu-se um humildalfaiate no fiofó da Icelândia ouim todextenchão da Escandinaviatibaia a Drumdúnderridaraguaia até as ruminescências de Mecaé, que tiralinhasse leite de potro em pica-pautacostura dianti dium esburacamigável forastrapeiro coa largura diuma lacuna em seu conto e quium tihoso de casco rugoso dium qorpus montanhoso dium camelo corcovoso fumium beck. Fudgêncio-fadgista!

Apóizesse call seco do cell de selênio (aquele berrante de par-par-par-paaaaaarler, o módão de Roland tá en perilg!) co buracaminho do pecado do maldito poder de trovar um cachassom el salmoon del saloom, como se num relampejar

seassassinasse porum salamaleicoquetel, levantonteou seu labirinticorpo torto e ouvivendo issy prontamente o retrucou, ambilateralmente cumzóionopeixeoutrôionoprato, desde seu som nazalturas da ionosfera areté seus convidados dazantiga, aquela cambada de policialcoólatras o cercando, marchanduotempo e patrulhablando como, quem siêles fossem cheios de humor pra daruma risada (Virgulini Lampioni, seu booraascangaceiro!) elis deixaro isso pra alá comuo míninimo que foderiam fazer quando sentissem (Ó, o villão-lobo ele caminha pelestrada afora, vê sua farsa pra cumê chapelizodinha ir pra foça!) sua piada tava voltando à vodcasa deles, o caminho dos póbri pra estabulidade, fantasmistoricamente falando, boitató e boi no telhadadá, cuca e petrushka, comua muerte da bezerra da shiva

[323]

de seu primeiro fotótipo (Roulodetoulo, quanta diversidade in verdade!), os de intestino preso, os barrigudos in peso. Co assenterno retrô in seuzombros, io novo atlas de cetim satanassuas uxilas, modelando sua amplitude pro inchassuor dirceu villorgulho e, captanduo âham bar das luzes do shiplizodia, sua narrabativa fabulabutando de shêmen e procriashaun, e a maior parte dele, e a maior arte dele como sempre costele redcriou um enred eva'sivo pra adãovinhar um rednigma do pairc esfingenix enquanto Eden erum guardin, antes amar éruma questão secundária. Eles zoo saudaram hahahalegremente, çua gradivadez, el marinheiro popeyadoecido, e cavaloroteiro-marinho, o sereio, o foca que fofocapitaneia you lysses, Trapulante ou Terrafirme, quando chega a uniform'idade marlitar.

— Huniversas, caosmosenseadas, ensanguenttransgressadas!

E antes quiele pudesse pescar ou fisgar ou alinhar pra se vestiradequar às exigênsalsichões deles, os farrapos. Desbunde foi desbundante. Como

— Ditadores! bradaram os alfaiatartistas opus citores dosseus cálices, mudem todesse set. Afast dimin esse cálice e cale-se. Nosso set, nosso set tá sem chorado.

E eles derramaram vin roşu eĵe sânge no fogo. Scald rehegua!

Radiosa waltickerloo. Eles tein um dever de juridifundir a missagem alien do bein e do mar. Qualquer finado pessoa será ressuchistado ou repostado à políticabeça de Hoved. Clontarf, um amor, um temor. Doutra mineira pro glande glossário de códigods, musiquinha tarantellefonica: Finucane-Lee, Finucane-Law.

Am. Dg.

Minteorologíria em fôfóco.

Vento do norte. Mais quente na região da algazarrosquinha, Bonança.

Como nosso revelendo iansã Columba tagarelapostolou núltimo sermão da mountada caridosa, a todinexperada depressão sôbria Escandinévoa, um mestre de batalhobra de precipalpitações arreibatadoras e norueganunciado por gravestígios de doençerrações, (houça cozilinguas ekristras!) e unvolvido num unusual conjuntinho de nuvestes, nuvoletendo sinfiltrado pelo meioditerrâneo do mesmo dvořákanal de som jorge em diereção à oesterra prametida e incursionado numa vomitonda cachaçombria de prazer rasteiro, perdeu nalgumas partes mas com garoas lucais, as perspectivas pra casamentomorrow (Titanicostureira Mandingueira) potencianoivaram irradiassons, sua sexabilidade é boa.

O que trovesperar deles?

Pequeda gigantoriginal no Aden. Voaves ciclonfirmam lua de mé

[325]

sexaproximando. Enterro do Existente-nente-Govenereador Machado, R.I.D. Adam Devine Providence.

Ls. De.

Hill Artur conseguinness sonsatez & Companytitividade! Limitarado. Anna Lynchya Pourabela! Um y onze. Unidos Noizé Foda, inclusivi muito\$ cifracrificaram. Não sisqueça. Desejum dia D merdauspiciosos roubos pra cegonha no derby. Asaspostas tão in milharrozais pra um. E logo apostarei. Nos tamboroníricos da falocidade. Com veridat absolut, putesa absoluta, honeystidade absolute, cervejamor absolutor. Depois da meia-noiteliot os torquatro quartetos de harpas (Kiskiviikko, Kalastus. Torstaj, tanssia. Perjantaj, peleja. Lavantaj ja Sunnuntaj, christianismus kirjallisuus, kirjallisuus christianismus.) Encuanto finlandesta pullover-valise sua finnicar.

— Chegamaís, aghórus, tué valoroso waly salomão do balacobaco, guardiancião adaptativo de Capela Ysnod, e tsay-fongatunin tsei-fein só maizum tijolo n'humoro até quieu punarrume um cunhadoloso prucê, pra vir a ser seu filho, generosos alfalhistes, generaisos seanhores, novato e corcuvado, hengestio-da-sukita e horsaci-pererê, whiskambos jamesonbriagagos, sur le bebateau ivre, delateau o chefe dos fuxiqueiros navais, então disseau o paraninfofoqueiro do navio na controversada história pra capitorah do marido e ou vosmecê faz ou ele deve e neste momento o mesmo, faleau ele, entaum quios pactos sejam riobaldassinados entri vossas mercês, ele comenteau,

pelo meu capithomas main, ele faleau, um peixeio desgraça e uma porcoisa mais linda, tão platô quanto, Vikingaceiro Amundsen you cê, you cê é escorregadômi da bhaskara de ferro e humptão dumpnigmaticovo quanto Paddley Mac Namara aqui ele é um reisistente dinamarcanuto, poizos dois peitos de Banba são seus porcostureiros e seus trabalhadores do mamar, se tu servires a Italyolatria como dialceste. Irmãos Barcos, irmãos Casacos, voceizengoliram juramentos de cachassangue. E Nossussinhô proseou a Gideão e proseou ao capitão noivorueguês, o rude honoraviril Humphrey, quistava orando ao deus da clotildindumentária pelos sete protuberanchiefes de seu arvovescudo ele apertaria o cinto da castidadeeconomia siela acreditasse com fé nele, vem cá, proseou ele, minha maréguinha-pocotó casamatreira, seu nheco-nheco arretadodin, proseou ele, nos anchoradouros de nossa ilha quadrúpede, coa benção de matuck, mardyk, lusk e jung. Piñoremos zurrandescodificando Nélida! E não mais de seus escritatos mutilidos depois diso co teus kowstoros e criados pra cada tomo, volumoso e pesado, e nosso amornoteísmo pela revelância de sua ultitude. O infalininteligível tá esperando por ti ca palavróstia consagrada posta in sua boca

[325]

ou seja a santabla ceia, comuo Alfaiataylor Horrocks tem o maior cuidado inchamá-lo, eu revertensaiarei teus comandamentos e primeiro martirizar-te-ei inteiramente. Tão epifanicorrido quantuaquela Deusa lucicolheu a pluralva algo e deixou a rosa chistá pr'além do campapel. Um juiz da Trinity será crucifixial pro seu boom. Pat é o homem pra ti. Ai ai! E ele o purificcionou na récita privada, misturinando um sinal da cruisk. Eu te papatizo, Ossiano, disce ele, Oscardelahoya, disce ele, Earwikingaceiro, disce ele, *intra trifum trifoliorum*, disce ele, oncondicionalmente, prupríncipe dos parangouleses e herói chefe exploderador do transatlanticiã celtanejo, disce ele, a fluxuosa maestrinamorada em diereção às bundondas singradas pelo barcarvoeiro e deixa essa ducha pra ti como um santotalmente quebra-cabaço e pra todosos corcundadolescentes até o seu despertar, disce ele, saído dos bloquintos do hell de janeiro dos karnalvalescos e paganinizando-se por bocê, disce ele, em roomanossa catoliconnellxão reliorgiosa, disce ele, a quem tritonossa promessa é dada, Tera verdadeiramente ternatrinada se não pelo filho de milomens comesperado nos crisântempos chistãos aos quais dou o oscar ao vosso deusdabateria, marrimeiro, pois, comocê deus boa noitchi cinderela depois disço um bom djia a cavalescavação

e cum boas garantias du livro di osion di se fadar bem contra fadaós feudados ao bem-velejestar ateu o Edar pra quio sin ô teinha merci beaucoupiedade di soua almar! In Anomine dei pai. Espirritissanti.

— Nansense, tou bufou? eliéra diuma haltitide consideravelmente iconoclasta contra todazas chupetições helliorgiosas então cadiquê o abracadabra duzinfernu o finnado peixoa insetomão da porra exploderador dos seth bares ele seria um chopetalista batizadopado por Deus Poudre Totto Pounderoso do sacossanto punhetraje em Diablin-Corpodebaile na Capetedral de Sin Petricksburgo? Mas ouça iço:

— E aqui mio amigo de fé, mi hermanalmirante camarada é paulo é pedro, disce ele, consistentemente, ao resto de toco nomeado na segunda, meu lamentável paitrocínio recente, vein tomaruma rodada daquele vinho e erguer a musicálice, disce ele, praprová quiocê é um livre do ó xente pois, querocê ghost ou naum goethe duinverno, noix trouxemos seu verão conosco e, hablábláblándó sobre leif eurekaasson e sua indescoberta daméricla, seja no hill quarenta graus, ele disce, e na minha crappidâmnia eireditária, comuo próprio Hórrus diz, pra catequizá ocê nialguma doulatrina cristonta, eis um nono da porção dum homem que meorgulha nas whiskáguas de Dybblin nonadando duetremoleste Balscadden até a Lalinguadangra da Leixliphelicidade e, ele disce, (enquantuo coração de Luke Skyearwalker ria pra sorte em sua frigorificova por pensar em toda sorte de

[326]

jogatina ele daria seus corre num pararriso freescal senduo precursenhor da consorte) batatas louvadescascadas ao nosso santraficado Brandão, *filius* dum Cara, esposa de Fynlogue, ele tem a garotinha mais simpaticostureira da casa, la chito, la chato, la Charmadouiro, Tina-bat-Punhetailor, linha pra sua agulha e uma tesura pra cortar store pra vosmichê, eslucilâmpada quialumia quandua onda do mar é sombria, quiele dá educashow da poderosa ΔnittΔ LI▼I▼▲▼UL▼▲ plusquebellaquita, pra criar e orientar, essa é a marafilhosa Vai Malandra do labiano bincesto, Novescola, duas tétis siliconadas pra vencer até o chon, tramitanduo tramitraseirão e curtinduo proibidão, cum pancadão tão pesadão quantum a trendência do popô-modernismo maiscuma pegada tão sutil quantuo tietê nazinundações e nuncuma Hidrow Jênia como o és vossa dissimuluminosidade nuolhar e tu oblicopulabla, rhaeto-romanceando um paunelão no invernoite, sobre a linguarotinha Ana Românica e todazas Lavínias de

antiga amante e implorablendo porelas pra si mesmo no perigluso iceschoenberg que
 paira sôbri sua cama goethejante, é uma poeta sorte se mijamais cair da uíscada, e,
 quandaquela tempestadesassossego acabar até o próximo grande ciclão
 rossininveredar e todazas neologismaliciosas rosas guimostrarem-se nuas e as tubas
 touts touts glowrificarem seu riobaldeus, fazendo kunkê heterônimas Pessoaas corram
 atrás da jingle belle pelo vale do Véio Chico e (esperium cadinho, contadô di
 busonistórias, ocê é um mercadante forte comu L'apoteosi d'Ercole e num cuméce a
 furlar seu ladino in pound antis de ficá fluenti nas mintira da dialeterra dela!),quanduo
 verão keimavoar comu pássaru de fôgu iéla schoenbergouvir o pianot tunar atrás das
 bachiondas em Combria conversonhando cus carnerinhos Galilêses, wagnolhando
 pela jazznela de seu oniriquarto pro olindês vuadô sôbrias wishtas da costa inglesa,
 quanduo sinu de Kilbarrack badalemãnhavisar quias Concessas tão phodendo cus
 Sinbads (pong!), onde nossa bonecamponesa bizóia o barcorpo fantasma do Sinhô
 Fortunatu Wright desde quia piscadelinha Sinhá Bulkeley feizamor cusseu naufragadô
 iêle a ensinô o abc da pirateratura, Ô, e brincanu de casinha de marfim torre eiffalo
 diouro e dando de lambuja ocê me lambuza espiando meu prêmio, quié um dadúbio
 azul pra ela numa estassom enevolhada siéla não pode straussbalhar seus mireigles
 e dar a Noruegaysburgays bons tempos eirejados, enquanto suas folhas de relva
 fresca estão amavelmente inflamando o dito cujo do enamorado com a gripe, cum
 ruidauroraborealcool colocaria fogo num Jacquesposo Lacraian, quanto mais um
 velho Humpopôtamuz cum o boonapoorter subindo pra cabeça, a'poiado b'ebum
 c'achaçado d'efuntonteando, azburkyvedy, vintinovi pra dodecafoniña e ele cocoo
 pombadoravelmenti prusseus velhus mnemônicawcaws huggin e muninn por seu
 estrito privatear que

[327]

não há caipirês puro como um viejo pirata de poça d'água quando seu cervejurso
 pullar vira Bruin O'Luinn e bate seu bote num carrinho de bebêr
 tropicaliziguezagueando pra cubblin e, seja eu a fada do foda, diske ele, o
 miscigenador de coisamentos, pra Kersse, filho de Joe Ashe, seu cofudedor, olhos
 encrespantes e cabelos piscantes, pensambando soulbre seu Josephiadista Andrews
 e sua cançãodiamor da insustentável baixeza do ser e não ser, voltarei meus
 pensamentos pras coesias metafisicarinhosas e falarei apenas três uns, diske ele,
 meus verdadeiríssimos patrões bondosamente funtadores, polos aportuários e zonas

apartadas, enrole-se no ódio e reincida na luxúria, podes planejapostar vosso bumbum granada prodestinado à boateazul, barrocostureiro bach, depois de rodadas e chopadas e da volumosa fumaça, embora o relógioso em seu tropic-tac avise, e siêle estivesse deitado naquele balcão ali como um Eslavocrata entre suas embarcanções, quando se trata de odisseia honerável, diske ele, issué pra epifanizar Nanny Ni Nanão comuma Dinamarqueza completa, e tôduo necessário pra legislar, dêsdia casinha na montanhinha cum quarto nu subterrâneo do vaticano inté a foyce e o martelodothor, (Raio, meu raio! e Vida, minha vida!) na pravacidade dum chopin notturno, pulula, diske ele, sincontrando naquélóra da noite, e lupulule, diske ele, e nus primeirus annas tantraram de ponta-cabeça (enquantuos ventos do Hoppy HelespontoG mezzo-sopravam em sua buscarca do pavarottisouro pra renumemorar todozas longas cantatas e cantadas da minhatchutchucamolly sôbrias amorosas emmas que abudhavam em cada porto desde Coxenhaguem ateus puteiros do Nilo), enquantua luzdodia indestá escorregandormindo sob o travesseiro, (maus presságios pra Kitty Cole se o caldo dela entornar na senhora!) e ante o Santificanto de Matintaperera Nozaugustos Campos, passanel passanel, bringingo no Harraia el Corcuvado Eroi, e o Reverrindo Fofox Cidedãodebem nos dá *Eu Vou Tocá o Tacacapeta ou A Vingonça do Tocador do Campanário de Santeio* e todo Valedapinga sabe pois nuncamanhece nuescuro maizo finnado peixoa volta à vida, e a noiva raptada está rapta a procriar (eita moça! eita moça!), e, pra flutuar o botesperança que circumbalança dentro de nós, não será nenhum pound-brasil quiéla abraçará pra ambelezar ambabelledejour, nossa fogueta rainha, na noite das coisas da noite do punhetrabalho pra levantar o duplo pintotem do sobrevisor da busca que vem das poderosas profundezas e na noite de fazer Hórus triunfatacar seuzinimigos, seja a minha ajuda pra bebatalha tal qual pra gozar das riquezas do escudodiaquilesperma com Elizabeliza abençoando o penicalvário, no sejafeitavontade

[328]

de Jinko Bilobo Mautner, venha Bastabasco e hohoho com essezovos pasquaiscalingudum, ela fará um par ensiamesmado e cantrajará coletter, hipismoletom cortinho e sem grife, um beaberço de cobre, folha, semente e fruto, o miguilim mijão do goethe iô diablin, (hip, hip, horátia!) pro meu reimemorial dinamarcumpadi valdemar aqui, General-Brincadeiro Sir A. I. Magnus, o desenodador borromeano, capitão do bom barko bêbado de vida *Folhasdereivoliva* de Oslofensiva,

e o hõmidacasamento de sua coraçãtesposa, (Fuat era seu paiausente do nórdico leste nórdico e sua mãe Sevimay érum recipiente de melaço) e, grávida na doca ou gradiva do doca nuancoradouro, ium cemnumero de macholinidades perseguidas, que (cum bilu-bilu-bilu por seu mamento de prazer ium niponicõionuôio durantio toru takemitsonho) elié o bambambam bellassassino do balacobarco dium passado assombrio kekuspiu até naufranoruegar numa nau.

Capiupiuturado. Cocoriconfinado.

E Ambiguidadeus brilhou naquela noite. Em Fingal de vitórias. Canmathon Jobin e Cathlinkin Park cantaram estrelaçados. E os três anunchiadores da glória. Dissonanduos parcivisuais dissuas harpas. O Coriscangaceiro Tuathal sorriu pra cima da tristonha Dadá Rola: e o rapagão bolga de Roscranna noivenganou a filha de Cormac. A alma de todumanidade rolou pra dentro de siamesma. Uma licença bimaestral, pazaluguel na terralegria, enquanto lua de mel e sua chama mamadressilvavam o melado. Santarrússiadecassis, que estrondo de sinos! Que batalha de pragas em Sandgate ondio patrulheiro bobby patruolhou bibby perigulosa covando nuarrozal. Até Seupultura deixou cama e mortalha na sepultura de Surdomudo e usou os tamancos crucificantes quio Mano Morty deixou pra ele e pernentrou pelo Portão de Fantasmalândia, com uma Pompeia vulcãotemporânea, com um rizoma de vitória-régia de Garotusbrancusis na herança do saudoso Luke Elcock. E oguns dizem ter vistum véio surdomudoido cuma foia de bronze no poemanto de cinquentontões de cinza marchando cusseu cromatismuniforne aum passo do rei. E tão fashion cussua fantasia de meiacoroa como se fosse o Granduque Mickel ou Paster da Graça da Rue de l'Epée. Foi jourbileu naquele Jour de Todozossantos. Libertanos e publicancros, a mão e a luva no machadão. Voismicê podia ouvi-los praguejurando ameaçacordos nas Montanhas do Cymylaya, parça. E dandua letra ao Pai Nosso e ponduabocanotrombone da Santa do Parnell Oco cuma enfysis pra trovejarum chuaréu de Tarar. Nevertoletta! Semprenopensonhamento! O colossanto católicometa halley visto ou ouvisto no conspectro da etérria desdia Fuga

[329]

do Bach expiatiório, esse bodão, comeu a bíblia dos pecadores. Não tínhamos as lâmpadas do céu pra nos guiacobertar? No entonto cada pista tinha sua vívida faísca e cada faísca tinha seus vários vapores e cada vapo vapo tinhalgum truque do trato dela, uma olhadela pra Ned, um ninho de humor pra Fred e um me espia na

xerecortada pra Peter Paul. De modes quio Padre McHugh paressigla star annotationstalmente malucaósmico. Mas Danno o Danês ironizoou. Duna. Nóizamâmu êssi finn di mundy cansuas habitacrianções cutucantanduo hímen naciervalhal ao rugir dos canhões e ao rufar dos rifles no marcha choldado cabeça de babel quio passarinho me cantou. Pois num havia mais Tyrantias e in Luxamburguer foi dadumbrinde à Nossa Comandantesposa. E havia noite só no dilúvio e havia dia em toda a terra.

Assim a rua rodopia lendas encanto o cais conta histórias de lobiswoman maizalgumas famílias feudadversárias sentiram um apelido em seu nome. O lendário Earwikangaceiro sentou sua diabunda no meio do redemoinho e aprumou as pontas do laço. Red Rowley saiu em disparada de suas grotas e perguntô o que havia de errado ca corrida. Mick no Murroughand Celtão usava spumas goethejantes em camadas pra barbiá todou pelo do rosto. Os Burke-Lees e Coyle-Finns pagavam multa dinheiro por seus pecados féins quanduo Capitão e Miss Coonney Bunita foram amarrados.

Enroladesonrados.

Cusseu chapéu ao céu de padim ciço, zig por zag através de lagoinha e barreiral, chapada, chapado, chopada e Jack Cangracejo, todosos augúrios deusprezando, bizóia o Germano suas películas cinemoçãgráficas e Kitzy Kleinsuessmeininha escapulindo praquela ilha no Finn's Hotel Fiord. Nova Noruegunião. Ondi dirrubaro a bibida e brigaro y si ucê num parecê hõmi da casa, béin, Gancho pódi ficá de ôio na Mae.

Ele cabralcançou um porto nasceguro. E ela bodedificasou uma stockhausedência. E êçe mundom vai morrer nuéste.

Zé Bebélo Bartók-tók. Ondié quié a guerra! Qui guerra? Os litigêmeos. Zé Bebélo Bartók-tók. Que batiadão sem! Sem o quê? Uma maçã. Zé Bebélo Bartók-tók.

Os infontes se reuniram, um dez sem dente e cem vergonha, (pésdelebre, mãosdepássaro, espinhadepeixe, joelhosdiabelha), e criançambaram ciranda cirandinha pra saber o quem e mostrar o quão. Por que bocê tava sescondendo, mãin das mãins? E donde tao Bicho-Papaumpty,

[330]

papai o armado? Apontando pro céu nuvolettenebroso comua rija culhér de chá do sargento-mor. Qual foi o pior daquelixdoix infelix impudiculposos? Ele num

escutacumula manada e a fé dela é altarada. Vindo a ser indo ao não ser, parecem um só poizembora aquele surdo-monumentóbrito os se pa re há ventos alísios nas copas dazárvores que passam o rodo na umidade do luto&manhãcolia. Mas sentagarela-nos tudo bem comuo seu fim. E quantum mais tempum mais cedum os dois desce faleceraum à tumba. Ele sabe quié só sexacioanal e ela tem celteza de que vai gritransar. O homem de três pernas e a druidona flor e seus maridois lábios. Sin Ô todomuscoso, noix tá bebadoido pr'ouvi-lo! A chopada quiele deu e a primeira vez quiela fez? Pequena Pega Pound, eça nué a polca que queirioz, rode a bachianna no cancan cuando cacantar nas terrazaltas! E vosmichê, Tim Tommy Melacueca, vou darum título aos seus barentes siucê enfiá upinto porco nimim!

Entom in nomi do paparnold e do filhalban e do webernspirito s'anton, erwatungassimpordiante, trisexnine, e como forma de deixar a formígor stravinskivar-se do semgarra e levar os burraposos pra casa por suas uvacusações, kital um plebichiste de plobicidas, alamam und alemon, veniña y veniño, neste moute de Tupãlucinação, e nos mountes do Deusvaneio de Isreal, quié Hahaharam et le moute diplomaticoruja de diublin contra us Vikangaceiros, de suas lagoas, antero de quintais e torto arados, terras sonâmbulas, lares e foças, cortiços, casas de pensão e quartos de despejo, bosques, jardins e vales, mensurando funes o magnanimemoriosso assim camus o desejo é a casa de bonecas, o mallarméga-hertz com bobina toroidal, área na eira do hill vantaanjoki, lá vem o pato sôbria onda após pataquipatacolá, braço mercantil aslonga o ganges cintão belezas, o formoriano jegante e anãna karlikeevna, somerlediadorim e cinderelotacília, Valtivar e Viv, como Big Bil Brian Borômetro primeiro bateu ozóio dos π ao cabaço na linda lolita lavadeira de lavarintos desde quando pernas peraltas cobiçam membros dum rebocador e foi o krepúskulo ou o mês do bocano ou o estratagema de seu perfume feizos espermarinheiros atacaricheirá-la (na imagenacena toda: tchê tcherere tchê tchê). Pra leitificação da desgeneração por nehumorização da nossa kristianiazação. Enquanto ultimo mentiroso na terra engagonava a caipora primeira-dama da floresta. Inda que Toth esteja perdidoado sauve l'hummour! Pelalegria dorvalho nas flores das floradas nos campos das espumas flutuantes das ondas dos olódûmarès o maior selvagem de Borneoholm chegou à coraaldeia.

Assim salabim enfim finn. Nun erra un finndistória cú finn annal felix. Dium plunct placit zum fizerum arapuca e uma baita piroga poizele embarcolocou na chaleira iêles fizerum chá de ives-cidreira (de 4'33' sem cu contra 1!) e se hec num ama Δlpy entaum bocê tá mirritando mermaum. Poizele noivamente cuela noivamente inda procuram sarnassombração pra se caçar prachar o finn deleuzes noivamente onde Pappappapparrassannuaragheallachnatullaghmonganmacmacmacwhackfalltherdeb blenonthedubblandaddydoodled e um rebabelde sem lexicausa feizuma piada. Gestapose pra evitar bolchechaviques ou pra CheKa frankfurtos odornianos. Fine again, MarxKarl! Peace, O' Reillyardiloso!

Tal foi o ato de visigodeus parlandando a povolavra de Doolin, drenar e plantar, pau-a-pica e argamoça, contigo descascando enquanto empalideço e puxamos o ambote udigrudi pra rua da amarguragarradinhos, testemunhas testiculares poetocam pau e pedra até popai e sussuaranna, novilho e condor, sob todosos gauspícios (incorporados), o mano e suas mina, sua lalíngua cigana ao deus dadá, ay romanananananainainai reinando sôbrios batedores de parnellas (assim fluirás primeiro, ou eles te cavernarrastarão pelo hairbo!) a quem ela (anitta lalinconparável prazerteia-te!). Até quioceuanus pacificagasse dedetritus pra cocôlidir num leitodevida, (altolà, marchallá! O gué, O gué!). Caipintão do Barco a Vai Pôr pro Pontão do Cais, todoo peso daquele monstranho em sua pequeniña costeladieunuco! Aquele velho gronde home quíe osso duro di roerouvir (já dito) iéla a napoleanna bonapoeta ka fixação inseu oblicolho dissimutável (hagá ceê esguelha), Sen ôr, meu sin ô, ele vai com blowbazul, sin à, ressonantíestimável ribeirã. Maizantes qui bossa ruidoria fosse barconvertida num abecenário filmicomercial houviuma pequenincidência de teogamia naquela agitarada manhã de junhoio quanduele caleidosconspirou cu gatu murr fora da mendicansiacola no hoffmeio dos jongos fiounareais daqueles fenianos juraderrotados pelos caisas ele foforçou a coconstrução diuma ponte do cais, na Foz do Liffeyguaçú, acoislando o punto de seu noivado, sinnbuildizando raladores e coesias, això no és cert? Ó mininilo, naum totto, aquí teniu la primera cataratação! Como sealguma vex raduanna nassar simportasse cu empalamento dele êntrias garras em compasso da fênix y aquele psurdônimo invólucro. Comobocê tá, Sinhô Paudgalinha! Komy bucê tá, Sinh'Oozle Dimy! Enquantua città transbordava asfalto come un suburbiaurea nella sua zona rural haveria um lance de dedo di prosa cuêla como desgastagareladas botinestórias, botinestórias, botinestórias, botinestórias.

Enterrupção. Check ou slowvaque. Dveřejção.

[332]

Cadiquê, prostituissão de venceslau, o quié de szészame abrirá, adquirirá v s t das portas? V nereada porta do s er. Mas cumé quium finneganów tren doido dêssi é o quié é siçu tá vino a ser ou n um z er puerta? K? An o. Nué ele o tar que carça o pé na luva, o mñóníaco π gandh Potemkincas Borba da Corte. Com jeitinho, la slava isauranni aboriginabla, szszusz é un mont di eslovênus.

A sagazranna véia mumificapitalista confusionária supersegurada acentuadamente biscacatarina caduca eternégüinha pocotó, pocotó, pocotó, păstrându-se mui bine, danzigzaguiando inté o chão no funkorredor polonês, enquantuela ia cafetinina-lo, wally salomão da porra, não sem seu complemento de homens da caverna, êntrias duas leitmortíferas divisões aliadas ias linhas de tioporrada&bomba dos bonaporters espiraladarrolhados ao alto, bebatendo vodcontinência, atar suas mãos ao entrar, vedar suas cabeças ao sair, e monologuerrear a sós com si ego mesma insua self'irdão, um delicad pica-pound qui freu'id explicaroeira io paupau diárvores familiares, forasteiro e beboêmio, comuela tá cantora careca de saber, sargento de malícias prum sargento de milícias, milico: novozusos nusseu maoseu-tsé-tumba. Os fío jâmeosons são um uíscozinho subino pra crianbeça. Y as cunhã-poranguinness são uma gaviann do infinn el atacando pelas costas. Y o Wellington Zé surfou o furacãoplexo de épico. Dip.

E a mensagem éla trôxi sob o pessoa da patroa éla sees gabou sobre o kiss feiz quia agonia dela ficassis maismaior quia camisa sari déla, blanqueando as trocalças déla pra manter a fashionação jacques o rei de todazas rainhas beijou a abelhíssima mão déla, presa (fura-me, gagostosão, tô cheia de meandragem!), a cara déla como um swiftonel das danaides de roupas moundanas, recheada por caras com atentados médicos e a dor de primogenitura quiéla dividiria um atomôzinho comuos quarenta alfinetexticulos no chapeulizodinho vulvermelho déla, era pro bicho-papai nosso corcuvado lobo-rameau, pra montanhar leitmotvocábulos insua amnesistia cunilalinguística plena, disseu desmaio uma parlidez, sua lexemarota quente e pequena, pra furar sua orelhanus bissexto, como, Petrouchkalmofada sejazz louvorquestrada, agora os gérmeninos de seu lombo tavam piscando e acordando e sua herdomideira da silenciosa canção de ninar siéçanua siéçanua fôci minha (não nos deixe cair em reformicação cus popôbres inseu reino de sanglória, Buáááá méin!), numa vez após almachar, num de cutucada vez, cu bafu de Batata deles ela

cuzinhoque batendozovos e o bolo de batatamora pra queridura massassuja du bolin
confeitado pela Mestra Cuca Beeton e derramou o leitin e siêle kiss daruma
conversarrada na cauda dela com boatetaria mamaledicante de seu teta-a-teta diário
e noitícias jornalíszticaluniosas de a Naul ou fuxicaminhos cruzados de merrieon baths

[333]

ou a cura dum padrepapagaiador pra leturgias inciviliz^{enterradas}; abensonhai minha
colher e ericolhei o veríssimo, era a hora dela cantar no enciclicopodium da récita
privada com amor pra urinorar a Nossa Sem Hora da Abadia de X.Y. Zudia pra
nun'sense tumbalacatumba de bozo pozzo iéla éruma sem vergonha pra De Marera
epifaniusar o brilho genial dela na cama.

— Esta é a era da minha queda, refletiu o Sr. 'Gladstone Browne' na chapelaria
d'adegalfândega (era chorocterístico deste "homem de Delgany"). Dip.

— Este sou eu fumando vulcanita, disse o Sr. 'Bonaparte Nolan' sob o gorro da
noite (unzinho sente como umazinha pode reconheacender o 'grande pau velho'). Dip.

— E este é o defensor do derrotador do devedor do deformador do homem mais
funndedor de Danelagh, wellington zé entroou kersse olho reavido pra sua
sobrownecelha e aquele horripilante bonaparto fettuccinolan foi o delimitador cumhal
do par de parnelistas, estranhando: Oliver Brancusi, ele é tão grosso quanto ela é
apertada. E dizem que seu vocabalo brancochicha. Dip.

Em reverência à vossa anãgestade la dame aux caméliôs comua majestade o sabiá
à nossa própria estatura de žižek ninguém. Por fervor, um brinde, ao Krk n yr nck!

O rum é uma coisa tão quômica quanto embebedar o sancho punch e a judy. Se tu
me deres sua coisa eu cantarei jogos de armar pra ti. Fiques onde es marionete! Pra
atocaia-la acolá. Ele bateu a colher e ela ensacou o açúcar enquanto toduo povo do
pub bizoiava. Na parede pichada. Com seu cromo pra todozos crimms dos grimm.
Mostranduas bundas protegidas do ménage montadas pelos ricardões de Domeneck,
cães cavalgando à direitequila com em, cães mordendo à whiskerda em, enlamelados
e caindo pelas thorbelas.

Então a katey chegô e a katey se jogô. Assim comuas gangues maccolcainam o
nariz. E aquela poetona que pulou de pernobra aberta ecoou ao cair no. Duras.

(Silentes)

Sim, nós interprethamuz don impressone insua glosa tão alegre como ele veio do Noital de Finndlader até o soul raiar e é Hey Tallaght Hoe na estrada do rei com seus cães de caça na casa da curva do rio. Indo The Coombe à Feira de Donnybrook. Miguilim Mijão. Ao visitar Izd-la-Chapelle provou o sabor dazáguas do Copo de Carlowman.

[334]

Poulenconte sua história aos les six corações de, um homem de doze olhos; pra quem sua milhaudjestade que desdentão cromatismorreu dodecafogado reinando ante o ioru izba.

Au! Au! Auê! Ha! Heish!

Como palco a ser montado por hábito ritual pro coconto dos grimm sôbrios quatro jacintos, a carpa-enguia surda e a dodecafona liga-dos-enamorados do queimaroscorneteiro ou como Heliópolis foinix pra Parquelândia com a mami e o papi e os fío e a fía e o prudêncio empregodot lavador de cubas no brás e o povaréu pra encontrar o lugar certo pra ispiá ele ispiano a saia ou tocaiando a gata-de-foles quandua formicaça deu um chega pra lá no caçadô semgarra no precipício daquela declaração de humor do amante-relâmpago até que, êntrio tempo y el vento instável e o vento estável, finn annal infeliotz da terradevassada, novozalvos e uns velhosgatilhos, Buckl'hey joe meteu um jimmy renda-se no general rush.

Propelemo-nos pra bebatalha das batailles! Noix, noix, tá pronto!

Ko Niutirenis hauru leish! A lala! Ko Niutirenis haururu laleish! Ala lala! A tupãstade de Wellington Zeus es'thor só começando. O som maorimaori. A tupãstade de Wellington Zeus es'thor ficando maui forte. A wakawaka foi pro brejo na tupãstade. Katu te ihis ihis! Katu te wana, wana! A idiomacheza ingulesa do generando rossini é crunhecida em toduo mundo. Digamos siassim us permite u quium buckleyzinho is capaz de fazer.

Au! Au! Auê! Ha! Heish! A lala!

— Renato o ruchmaninoff, num tavam todozeles cadum cum sua mineira um tiquim diferent de proseá clamano pelo uno ao mesmo mil platêmpo cavaleiros irlandeleuzianos da noite se corvavam ao que tava teno, metade pelo risoma da felicidade di lansãta bárbara outra parte pela milionésima e una vez in um conto di um tublin desejano a ele santazeitonas columbas da paz e seus hills de delírios e Tutan câmonhou in seu iate de Nãoé. Foi antes quando Aimée representou Tio

Zecarquiduque Arthur comuo figurão profano e caiu numa des'grace o'malleycinatória por puxar o saco dos caras mais fhil the flutter do rolê. (Tava na boca do povo). E foi o fritz longo com a camisa do curto cobain no verde da floresta ôndio obelisco se levanta quanduas odaliscas caem, baita shakespeareconomia na produção e jacques gozadan nazespumalegrias do espermar, (Oh São Mathurin, rogavam os abestados, que chapéu parangolelé da cuca bocê tá usano! E lá bateram o pino da unimultiplicidade, assim diziam, esses

[335]

pioupious!). E foram cyculums de cyclums depois quiêfe fez o sin anal da cruz iêfe kiss celebrar a missagem em si (introibuddha add all taller Dei hihi dada), de costas, sentando e de ladinho e ele aplicou (sou um iartă-măcumbeiro dos bão!) o ombro todo namplitude do minino pra dar plenitude, medidas por messieurs, missionário da massa, (os ciclanos tavam maizumagain ciclomunicando e againoiados de noivo e noivamente atirando de carabinagain, a boca no trombone atonalista, a ópera de ruídos futurista, os leitmortivos sarampós-tonais, les six por um, uns bar tók).

E imploraram pra quiele prometheusse o poema do fogo cruzado. Scriabin Laden.

Ultimatum, outematam, quanduma história shem π nem shaunbeça demora pra seguir in frente. Pra todo bundo ouver eles hão de rizar.

Ruidoremos.

A respeito deste Sr. A (tillalaric) e destas molières lovadeiras (manchizada), sin ôzinho feudaio e sin ózinha freudal, que tevi uma questão perspicaim e hábel iuma canção espiral à parte, nada mais foi dito até agora, sua hora de brumabraão, sua desértica Saara de tristes folhas de carvalho. E então. Velho serás. A próxima coisia é. Somos amaizumaveiz como bebês maravilhabobados num mundo rionovado onde com a galinha da história picodamos o pinto a pé inicial e cocoricómeçamos do zero.

Então a verdadiarmistício, solamente a velha verdadiarmistício e nadalém da verdadiarmistício, muchachos. A verdárída é mais bizarrobusta quia facção. Verdadeclive. Verdadeverdadeira. Verdadeverdadeira.

— Era The Grant, jardineiro velho de guerra, *qua* medalizst diouro, Publius Manlius, líder fuderal da secessão privê, (sua place é sua propaganda, claro, disseram, e vamos marcantizá-lo, doa a caim doer, disseram, com um carbono cáustico à moda da casa) legou o liberalider inseu napoleonanico corpolezzo que pendia cochilapoiado por conta de seu sussurro ofegalante, cabia a ele, minhesposa e eu supunhetamos,

sentir caduma das frutas jovirilizantes, tenrosadas comuazondas do mamiloceano atlântico, numa segunda interpretação, uma reluzente curva tesa e tremeluzente suando pelo rostorto de seu t'arado. E ôndios pecaidílios inseus encontros punhamorosos são leves comuos loves cascandidatas à pombamásia, minha molièrenxugando as pias dos pensamentos, de seu tétum molly deveria ser lactantaparente até mesmo pro nosso iletrorado de nulactências.

A tudo o qui meia dúzia de goethes pingodots vociferaram a O Nolan Quebracabaças em seu outrora ovelhacoração fotognomista que puresta cartotalidade roubada ficô tão indignado com São Bruno quantu aqueles quiêles havia tabaconsumado era seu próprio panegórico, e o que palhaçabe-se sobre se isso foi

[336]

só um pippappoff espermetralhado na pombinha pelo véio francatirador, o homem de séculos, que tomou cartão vermelho do juiz, júri e árbitro na taberna do hõmi mor cego comuma bruxa queimada pelo bicho-papal. Dupe.

Vossa almonência estando alateralmente em dispensação com a ajuda de seus três patronos mais velhos, a divina providencia da vaca pra leitemotivar o leiteiro, bonafacies a solafides, não importa o que todozozamigos freudapoetas digam ou quem segura seu chapéu pra fodê-lo, deixe hutch lee musicontinuar sendum subconstinente perdidatlântido e deixe annapal livibel palavrozear lindemente um prelúdico autoral. E seja aquele salmão subliminave maria solomonemente angulado, phode entrar e vá pra porta quiu pariu. Um amorstício pra telegramamorosos, envelopados in roupasdeguerra, mahlers postais, coisas e casadozespiritinteiros. Deixe a cartinha que nunca se inicia pra encontrar a cartinhovidade que nunca chega ao finn, escrita na fumaça e embaçada pela névoa e assinada pela solidão, selada à noite.

Simplesmente. Como diz frei caneca pela metade, nem brian nem noel, ney mar ney popô leão. Imagine duas rosas crermosas. Supunhete que bocê preludie belos personhamentos e os chame de sylvia silence 4'33". Então inmaginium gagago. Choponha quiele sejam gandhi maestro cu Hamônicú viradu pra lua. Então num fffortississimo (dó pra lá e trítano pra cá no celtanejo univerchistário como um alegre arrasta-pé) ballet imagimécanize até três lagostailleferres há muito tempo à espreita. Sobrepor exemplo o Will Wolseley Wellesley. Acaricie-a, rosiâne-o, pregue peças com

eles. Ela acenará cum sorriso annapropriado. Ele pode parecer apreciar isso. Eles palhação tão troca-trocadilheiros que cão celteza porterciparão. Sinta as preochopações escorrendo dos seus polegares. Dizem a siamesmos (as crisantemparedes têm ouvidos, haroudouveja!) em diminuendo solo: Então isso acalma o Dublinonsense! Como bocê tá, querido dublinoise? Tô quié só falocidade por ti pegá no pulo e dedá-lo dessa maneira, puro e claro, direto e reto. Como bocê tá tamém, Malster Faunnagontijo, e espero kirsseu potlatchtahiti cunilalingue as noizes do macacaos! E olodlum holodlum dolodlum pro tradussom exu, Donn, Caos e Muro, que diaboef sur le toit te atraiu até aqui e em que terreiro bocê poetá?

Queremos Bunda. Queremos Bunda Bundista. Queremos Bunda Bundista bumbunzuda. Lá está ele em seu Morris Beja's Bar. O homem que atiracalmou a confusão General quadua a coisa ficou russa. O homem que bebatalhou pela bela do qorpus de baile. Ordem, ordem, ordem, ordem! Ê Lasqueira. Convocamos Tancred Artaxerxes Flavin pra parear com Arrigo Barnabé Ulick Dean.

[337]

Ordem, ordem, ordem! Milster Malster no divã. Já ouvimos o pecado cantado milhauds de vezes. De como Burghley se desvencilhatirou da roleta-russa com o Germano Brown. Pela Irlandonra, curumins, bora pra guerra!

Um aplausespaço público. Soldados cidadãos.

TAFF (*um menino perspicaz, da ordem dos mendicapitães de areia, onze trinta e dois, olhando através do telhado em diereção a uma relevução da ordem karmalita antes de subir aos céus um garden-chuva de emergência num atalho de solução paraguástica pra guerredondilha enigmaior em sua caosbeça*). Tudo brilhava e caleidosconspirava no waterloomicida mar de sangue? O que dizouwer, álcoolpanheiro? Sempre fofocantar tão amiúde?

BUTT (*jovem de meia eddade, de apelância clerical, o karl, como seu frade politonal, está supunhetando digerir o lamentável mottetto em tiffaff toffortissimo ou ser disgarçado pra todo o sempre e um jurado de motte em suas contababelidades*). Mas da. Mas dada, tōrutakemitsonho. Até o notturno serão tantras vezes. Sea vaast a pool litonalidades!

TAFF (*prumtamente dando-se uma força na fossa cum bérru yurrupeu, levanta sua furibunda lebre peluda*). Buddhinha piquitinha. Hume pras nossas empirismontanhas. Recrutespecifique-o pra nóises, formigalindo, em sua jubalante tubalência, o

gafanhoto sapoeteiro, cansua fluxolidãomingão interiorana e a segunda-farra exterior. O governadador-gerenal em lordsonante-tonante do Amar Báltico, maltaria pra preencher o vazio! Destilando linguagin parlamilitar. Os velejadelírios do valium são fogo pali urdu do portunhol. Shelltass e welltass e contétum-nos a fofocalfabetogham. Slavabla Strana Arqueologíria Mboi, comuela idiomatraca Russo da maloca, cunhão um falar por falhar! Não o substrato do Coiso Rum que vernajaculou na macia Siranouche! Os bons e velhos de guerra-peischoenberg ideogramanos monochínalobos. Filosofala tíkuna di novo se tami é hômi! Fizerum hai cai to da fé a Chang-li-meng quandaquele homan d'airain era pã tonal de top e mini sawyer monstrandua polpa da gandhi bum boss zona pagã. Ajacular! Tudo à luz de velhos! Realembre as glowrianéis de Brian o Brav desarmôniquando Molly MacAlpinistassocial confundiu sua perna com o polegar. E quiele também cerveja uma intrepidassom dos sonhos que uísquecemos no primevo acorde quando eressom da manhã jah arrasou o amor puro e o gélido rilke-shake do caos fé da mainhã jazz arrefeceu nosso delírio. Édipook. Cante ching lew mang! Doi-codi'fique, Quincas Bobrikoff! Vamos ouvir in memorian da brasa enganosa de. Segura!

BUTT (strip-teasesboçando publicamente o blousom ondestá meditaondo de sua enigramática shelta, acende seu lampião de vaga-lumes lançado no sheltão, alimentado por óleos dos hills de Aerin, enquanto seu riso relincha na terceira mallarmargem do rio

[338]

os raios daquela mentebrilhante e sua linguagem liponesa balançam como falo).

Ullahbluh! Sehyoh nara, gaiinbu sann tão! Cabeçomem muito sujo por ama-no-iwa-to sexuwal. Comuo velho Pai Icon quano cozinhava seuzovos fazeno bicon. Ele curte cozinha e meu cozinho e o Comicozinho da Palavra Olga tevium espermal súbito. Provar a santodiceia na mijodoura! Molodeztious da noitzsche dos kants de fodas amaldiçaboreou aquele franghoethe dincruzilhada! Por Quetzalcoatl e cadiquê reza braba, sin ô, elohim não cão segue! Medeiros afronta-o, madeiras empalam-no. Encãotuos cães abocãonham suas cãs seu veado aguarda pelo orvalho até kisseus capicães cãopainhem o alarmanhecer na baía. Embarcãodo no dodecãofonanismo. Ele tava enamoradoze. Cromatismo na moda. Com todozas suazarmas canibatonais. Em seu raglanarockasaco e seu capuz malakoff e seus coturnos roscios envarnazados e seu desaprumado cardigan de lord e seus Scarlett-shirts

menshikovsace e sua camõesflagem treecolor e suas júlio-medaglias pendouladas na boulezinha. Aqui ludwearwigs contratam babeldades! Berio da obriania aberta! De Kars e Polikoff, os confeccionários dozomens. Diuversas moeddas pagam mamentos maravilhosos. Moudemouselles retrôobservadas pelo taradolce&gabbana. Trovoad'alta costura e relâmpagucci.

TAFF (*todozos Perssiasterssias ratátátacawagnaram em suas valquírias, sua protuberrante luneta mágica pierrot lunairementemente cheia de olhos, cheia de bolas, cheia de buracos, cheia de botões, cheia de manchas, cheia de medalhas, cheia de microtonalidadesobscuridade*). Grozártico! Mortevida seu girino! Um cara da moda! Insestos repugnantes, tchaca tchaca na butchaca pecamimoso! Uma armadilha barata! Destruição muito profunda! Falo magnigráfico, dizer ou não dizer não a daguerre eis o senão!

BUTT (*se ele whiskeceu o antecristo da noitszche de glozários ao menos foliou com as floras da frolesta, seu lívido sorriso de peixe morto lsd'ando a todos o cannabisneficio da bundúvida*). Venham todozocêis vestidouques de Wellington Zé que roçam as novilhas de Man! Um urso reinondo insuas roupas pra consomação de álcool-íris. Letraluguel scarlatti, laranja-mecânicálúnia, folhamarelas de ravel, granuladópera de verdi, nona balonia de bluethoven, carlobstinado índigomes e voluvioletchaikovsky! Erminia camufla-se de diadorim pra resguattari seu grande humor! Primeiro ele es tá tá tá nas estepes. Então ele vai des cendo des cendo. Óia.

TAFF (*safo kant ment enforcando oleal Lublinense lascivocioso pra renumemorar pelo ciclal da cruz&souza que estrangulou Atahualpattila com o que envenenou El Monte de Zuma e sentindo peru no mucho queenqueiraqueernão que ele talvez astecouvesse nascido no maia do Krumlin mexicantes de ser batiabuzado nos subterrâneos do vatincano, fez o polígono sagrado da formigoração no graxanhotonatiuh, um papai-vuhzinho mais longe, um cadinhuracán mais cedo, uma letteracettera,*

[339]

oukraydoubray). Gaguejando de culpa, elié rittornélico em cada caosminho! O Australopithecostureiro é um baita ecosofia da huitzlopuchtla! Com seu whatsappopol-vuh deslavado? E seu ossudo espantalhominídeo exibido?

BUTT (*depois de roçar suas línguas nas bochechas, com o dedoduro apontando em rutênio pra abjetos impassíveis além da mesti'cidade em direção a Pedrarbóreos*

Páramos, como os Alps de Djublian e o Monte do Ribeiro, comonde ele e seu verdadeiro warmor podem numa era ou outra fazerum jogo). O campo de perdras e aquela árvore blastarda. Não sesqueça das que tombaram! Pelas lamendações de Oghram! Gerrível ambate danês. O cabalar the furry glen. Naum? Seu trote de fênix. Sim! Com o daguerrilheiro chê lançandua vara ao acaso pregar as pregadinhas nas prinkissiesas. E os amigos sescondem no estábulo. Allahblah!

TAFF (*um mar necromante, ele faz das tripas coração pra regulembrar todazas guerrâncias pela esposa na rotina do passado através das viuvaberturas em efigies lamentando apóizas folhovelhas blanks da fomília pras relíxias da antiga decência do mau pagador de prome\$\$as*). Oh dia da ira! Ah, mina mãinha! Eh, sole mio! Uh, zulu luy! Bjornson Mac Mahon de Osro com o nariz de ursinho da páscoa sedento por doces prolettas em sul ave espreita!

BUTT (*de volta à bomba de pedróleo e pauletanol: aqui eu Sou aqui restou meu eu: chega de inumação: pobrepaupodre*). Bruinoborurso, o zangãodaluademel, e o marechal ursso mais pardo de Meideveidel! Hosannais nazalturas! Poizele comeu las lílias nos campos elílios e confrortou o sarampo, o sem trampo e saiu marchando fora do compasso do tambor du günter grassno. Guardeus, servos da Finnlândia, servais a todos nós!

TAFF (*quiquialcoolteceu às psicofanias no front e cuméquionde os psicopombos ficam di zóio na boutique dela, incerto, entre suas bucleytrudes e o roshanaral, onde ele vê o Bispo Boloderolo mais seus dedos impermitidos saindo em suas visitasões de miragem ou Miss Belle Horizonte, despoxatamente como todazas nossas fanntasias a pintaharon, na curva da curvatura, desembainhando um telescopicadarço apontando o membrophiuchus pras grandelphinus consternações*). Divulgue! Cumékibocêvai, goethinha, e cumékibocêta, pan! Godotdebotas e botina's turner. Observemos o sol ou deixemos quia noitradução sejuma luna tão estreita quantuo caosminho da laoscura de sua formiga à qual me alinho enquanto sua correrriospondência vai do Botecotel do Heldentenor ao Assombrado Hill de Jazz Nero como Vassalo de sua Mujikstad, o Riss, o Ross, o czar de todozas Russers assim como meu primeiru está perto d'ouvido e meu segundo é encontrado-ré-mi no sol-fá enquanto o meu todo é um parça

z'oreiúdo. Deveríamos dizer que você bailou a polca. Djembê na boca, agogô na gargântua, berimboi no telhado e sua reco-recueca está desabot...

BUTT (*ao sinal de seu ato que parece estilhaguçar sua monolodia interior, jogando o carretel do pequeno jarro marrom ao redor da roda de samba que gira o moinho*). Buckily buckily, bad boyne manchado de sangue! Bimbambombumb. Seu pirocanhão noticiatirou no Jornaral Rumjar. Purisso as risadonzelas quiêlê lubrificamou o abandolharam.

TAFF (*obligatto a uma pausa dupla na sanfonia de yoguerra-peixe aos ossos da pianiña de marfim e do pianiño de ébano*). A balacleivka! Trovatarovitch! Eu tropicarmino mas não cromaticaio!

BUTT (*com a força diuma foice maizo humor dium murtelo, Ó, fala pelos karltovelos através de sua cólera vermelha, fumegando ao márxismo com esse olfato chafurdante*). Mortar martar tartar wartar! Que suas boulez structurestufem pra que seu domaines sobre o boliche piore! O monadarca ligetidoso realizando aventuras pra impedir o assassinato do investimento. Eu o vi in artikulation comuo sargento quientrelaça a estrela da cimitarra e a lua cinzenta. Por sua lux aeterna o lançarás! Piff paff por puffpuff e meu cachimbo por seu cgar! A via maláchytea pra jogar.

[*Até este espiralado sacro-rolhas um admirável presentamento verbivocovisual do mundialmente rionomado Evento Carholme tem sido proporcionado pela The Irish Race and World. Os centulhados e vivonzes arrombaestábulos partilharam o entusiasmo cavalocista com as pistas de corrida e o arraiá das raias enquanto os cavalariaços escovavam o terreno. O helioscópio Hippohippohurra iluminou em cavalhadados lugares como os portões hão de ver. Meusdeus! Isso foi (com sarça ardente) o Sr. Twomass Nohoholan por sua comum satisfunção penitente nos propósitos de recreoração contando ao Verdadeiro Rovorendo Padre Epiphanes confessor do santuário de Saint Doolagh Paranoá (em chapé de coroné) como (tão certossuário quanto sua equinosteologia é um osso bonum de roer!) Buckleyvalo deu um coice no calendário general da corrida. O hihihilincho atonalpohualli de notas nuper saturais do santo escolástico gritorando pênistentemente nesta excomologose fala metanóica sobre o alazão (maizuma vez, Wittyngtom!) absolucionalmente rompty a bandeiradampty do sucesso. Muitas cunhãs e curumins sem damãmas ou papás, mas karnais e de sanguiazul com cestos pra coleta de dízimo. Uns weberneconomizam umas bagatelles, pra ficar calado: é bom*

princípio de ônus novo pras crianças. Tio Sam fadão endurecendo por eles, fisicamente presente

[341]

ainda que moralmente ausente, vagava puraí cusseus valetes d♦ ouros pedindo a Gmax, Knox e as Dmaggicats (um pintostão por seus personamentos, turfistas!) pra botar o ás d♣ pound na mesa. Tom tinker toker Tim, nu entanto, seu incessante retentor (as visões são as vózões de Samael, maizas mãos são as mãos de Timóteo) está na de Boozer's Gloom, bebendo com afinco em suas tendas de cetinfelicidade. Joquei clubinfortúnio de Baldoyle, baledale o dia! E a casad'alta costura ovelhouis vuitton do povo chic em seus inxemplos cintilantes! Você vê: um cheferreiro, uns fofocaras escandalosamente freudorentos, uma monica lewinsky da Casabianca e, claro, o Sr. Peter Fry de Barras do π auí! Perdoe a inquisição, causas es quostas? São Hermanorações Dominicanas De Valorem. Por que chapelar aquele chapeleiro maluco? Porque entre as nuncas circusdanças deve ser apreendida a poltronagem do Gabbanador-Jagguardarte vishnu com mão no bolso na lava-jato. Punjab'aquara! Pantacruel Jumpiter, que tiro foi esse? Sortesortesortesorte! É a Hipicopa de Labiopool das Mil e Uma noitragadas de Guiné-Groselha. Segure firme, cavalgue a peqüiniña Persse O'Reillégua! Pocotópocotópocotó, minhéguinha pocotó! Eles estão contornando o quarto obstáculo. Pela cruzvalgada de Xristos, Holophullopopulação é uma vococôlização de exclamação! Punjab! Emancipator, o ganhão da Crimeia (Major Hermógenes C. Entrelaçobiador) com efeito dramático reproduzindo a forma de famosos sires na cena dos triunfos formosos, está mostrando o hipicaminho da águia pros três eunucavals comprados do Homo Faber Castell Sr. Zecachapéugandhi, Farol de Bailey e Ratatouillygia Clark enquantua Princesa II e A Outra Garota (Sra. 'Iemandjánira' Dazáguas, Ribeiro) são comuazáguas de março na sagração da primavera, exhibindum bumbum limpinho pro Immensipater. Siapronfundinazideia pra abrir a coesia aqui! Ao bigodinho de hitler desta virgem, neste matagáureo do eden! Eu nunca procurei miaprofunderridar uma nessa coesinha. Nosso senhor prefeito está proformamente chorrindo. Ele supunheta sié ela que mexe o chocalho ou sié o chocalho que mexe com ela. Sentadoje será feriado nassonhal. Este eiridrama foi oniricoferecido a você por Bett e Tipp. Tipp e Bett, nossos charlatores

de pastelão, em Do Bumbumnanuca à Cavalesca Poposuda de The Irish Race and World.]

TAFF (ciente de que o primeiro relatório esportivo do London London Regional foi agora caetanovelosamente corroliberado por um segundmund flash desportivo, toma a direção dipperente e, pra provocar o tiomor do

[342]

malásia-star da constevilização apóiza pungência da orangultônia, oriente por Sagitário em direção a Draco em noite de Lour cheia). E você carvoeiro amadeusçoadado porele, o corsário, com Boylenine, Chiste Buarke e Campbellchior, eu vou botar os ás de paus na tumba diossos estranhos. Bocê tinha acabado de cérberorganizar um augusto camping camping camping pra marcha do Santo Sepulcro através das trincheiras germanicanhonizadas com os recrutas todos em fila indiana, com pedrinhas com pedrinhas de gigante sobre a calçadanação, álcoolpanhado ao longo da via cóccix pelos fedores do cadáver. Diga a verdaderror do evangélhido! Por fervor, karlmunista! Pérfido Albion! Pense rittornelando a algum pensar, como Costoureiro se saciou sobre o cafetão Noruegalês antesquando de Orópas e Ásias de Arapiroca serem crionças whiskolarizadas e micromacriadas! Um movimento pra a frente, Myles na Coppaleen, e despachito!

BUTT (catapultando as mangas do surdobretudo por cima d'ombro de carneiro da japona militar de mudo a aprumar mais a vida do cavalheirescômico enquanto ele fareja o agregadataque wartrás de toda a totelagem desesperada do noia in parlamentofenciva à china e explicanhonando aposteriormente como wausterlitzloo era um valium de sombras internas do zerói e ele estava num gregrande stado de filosoficagaço numa erixção do lado soséptuplo dele que o fez estragar apriori suas popopoprórções). Sim, meu sinjoro, não acho que não ache, lordul meu. Nunca fostes meu irmão haja ouvista quieu o dubiedadouço, o si só pensa em si! Nada nada no nada. Grande Chupter! Eu esperablei o advogodot no scripirito dium fim de partidescaramuça. De todozas arma duras e de todozos cubatentes nas transgédias daquelas formigarmas ant-aéreas e o grand operoar de cigarratátátás, aquele filhalarido da mãetanha, cançuas medralhas de guerróstia, fumamando seu scandleloose bagulho nas duas pontas dele! Ceci n'est pas une haxixe! Eu megalomaniacogitei depois de suas obras depois d'outro era sobre a vicoçadinha na

sentenç'alter ego quiele buscava perna bamba e bamba de algumas orações ateus power todo pólvoroso e procurandum banheiro in nêmesis dideus pra cagar à la frankesa e pra salubrar a si mesmo cocôuma missa celestialmente bostordoxa em sua base porum xixi supremo reverberando os falocidos papas, o reverendo e todozozassetivos jazig'olivers cromwells e quand'ouvi seu sotaque ragnarobsceno lodbrokolhendo suas fofocatequeses e fofoucaultruas baratas aos evangeniiistas sintry e santry e sentry e suntry eu pensei quiele tava teno uma haftara depois dazevacuações matianais mas seja pela Perdiz som desafinada mal noitei o funtasma de seu mallarmedo então eu tremi feito vara verdi oguns versetos gíblílicos ao fjordeus por meu quinto pé. Édo hōmi a manifirst desobediência e a. Fluta!

[343]

TAFF (*embora o bispopapanglo-saxão esteja vindo pra pegá-lo, possuindo-o, altaradamente helliorgioso, entregozado à sorte, como um soldado sapador, com um recalque ao seu toque e uma lagrimágoa no olho e um calombo nas costas e um tremor n'ó grito como fez munch jocosamente inclinando-se sobre ele*) Noé umbandido quem cumeteria issy. Choro, chorinho, pixinguinh'ária de desconsolomon! Tal camus goetholho-de-cabra e carneiromeu&julieta eles tavam datescarecas de saber. Papaísta! Mictório Absurduchamp! Receba o golpe do titanicovarde! Sim! Seu paraisópolis perdiz!

BUTT (*ruidando sua gemeolodia siamezada em renasciconhecimento de sua cumunikikada, sob a metralha gíriatória da trincheira, refrigilidera fridaprendizes nada kahlidas, rastejando pr'ouvir o pai pum, ele trocromatiza de induniforme em canto atira o pound na gata: seu rosto reluz verdi, seus cabelos brancusi grisalham, seus olhozazuís lustrornan-se castanhos pra combinar com sua capelatrina de fazer coculto*). Mas quando eu o vejo em sua unidalexílio a navegar ao longo de si saudando aquele terrível superômi cusseu pênistzsche na calada da noitzsche e tentando como um catártico ruinmano demasiado ruinmano alagadodeconhaque, arrastando e mergulhando suas pelesvivas tão cristionanismostruosamente como Joaquim Nabucodonosor e expousando seu velho ego pelecaminoso tontébrio&bêbu manobradubando-o em estercampo aberto pra remuretar as giambattistas vacas em suas gracinhas irlandeleuzas eu agradei quiele estivesse recuperando a terrespiração d'alguns posseiros de gado além das carcaças e eu não phoderia nunca contar uma história pra boi dormir sem saber se o prêmio era ânus de chumbo ou

pensão alimintficia. Mas quando mi inocupei dium make it new a partir de sua tradicional base bimonetária, na madrugadação, pagne-pogne, pelos refletolhos reavidos da tempestuosa tropa de nuvens e no brilho assaz flamejante dos machados de bataille do herói e no furo do escudo falha com o sotaque borromiado do sorafim e capitu'ra a perssência o'reillypilante de suas catingauras, orangotangolomangodor, um sátrapalhão cabeça de vento, como Pedreiro o Gandhi Otelo, altipalterspíngarda, meu projétil de lei revoga a lealdade (boi da pirocarma preta!) e, não é mentiro, eu tava balbuchistando e borbulhandatirando um valium de lágriarmas, bíblia boy, me coiso me esfakeio me ajoelho me enrededo, tio tob tob tob cai fora, pralongedatabernadepatóm. Peço clumência se alguma ouvez mahler utilizei, rameutilizarei-te agora! Mas, meac Coolp, Aram de Erzerum, como eu tenho amozart por nossa Clerida Vivaldorelha, confesso sem orgulhoupreconceito quiquando olhei sobre o Czaur de tordazas Rakhmaninovinhas com o peso de sua idadexasperação caindo sobre ele com as gracilianangústias de seu estomagurreliedier e aceitanzalando os destinos dium fratellider havia medo nimim dos bambini de Nuad por ele e ele era pesado pra mim

[344]

então a maneira comueu sincretizei meus vocabelavesmarias Armeniânus tirando geleia geral do pau nosso que tem piadada de noises in Fofocalândia até que, crendeuspai, eu não tenho as wartes pra.

TAFF (como uma rizomatéria de factô, propensando como esses curupiras de Bornéu seduziram palhaços de rodeio, ele está prepondo um risca-faca às barangas porangas após ir saber o porvir que ele está aprontando após vê-lo mais perdido que piolho em careca como um efeito do assassinato, pode apostar sua macbéthica faca, antes que ele modifícochile os doze tons da coisa, por mais serialmente impressioivado que ele esteja) Grond Deusvasso! Você não escondeu as vergonhas? Que Divertesão!

BUTT (ouvindo outrirmão de repen tristemente dar duazoutrês ronc ronc'árias irritantemente atonaisaladas como se valisestivesse dodecassonhando ele espera em silêncio pra ver se ele se mexe e depois adormexe como se não pedisse papaz ou cantarolasse um espírito de époqualquer). Cocôposição! Encontrei-me com quem já era ultrapassado. Meu destino! O ódio! Hasta la vista arrigo barnababy!

Choramingarnold schoenberzenegger! E pense nisso quando tragar uma fugaça de to'bach'co.

TAFF (*quinquanto isso a um braço de colocar uma talhadeira na poemana, com a astuciosa mão de occam e de roomar ao bê-á-berço pra meter a mão no baú do tesouro, tinha pra dar e vender, destroços no farol, palavras de poder silencioso, xuxuxu glugluglu piripiripiri gongos, de álcoordo com o alvará de ficcionamento da estalagem sermão salvador, graças à minha oab sem c da leiteratura e nonobstante normas do domesticolegiado, não pode haver dúvida, o resultado do coiso julgado foi a garçonetex tunc ministrando outra guinnex nunc, meu benzinhônus da prova, pra dar uma vista*) Bompromifazzio! Shampooha pro Pa-li-di e licourkosousou pro jovem dândi! Beba un coup'eixe de dés'tilado e seja sacrificado no cocôfatório! Tá bacontrariado cadiquê?

BUTT (*ele tirou sua foto do papai nãé na chaminé, enquanto os lábios se curvavamavam ao abridordedialatas, ele recebebeu um coup de deus à comunhão dos sentidos nas mãos do perdoador de trespassacanagens e depois disso choppou aquele pontifex mamáximus com haruspício hosputaleiro proferrindo em suas papausas um celestial bacon da salgação*). Há sustos neste emaranhado mundo de knud'amarras que são totalmente svend'vulgados e dilatados pro aprimoramento de nozas forzas da natureza por seu cartesiamplo solvente a refratar sobre mim como um gênimigo maligno.

[Ozoutros abusados olvidados na Mullingaria são durante este intervalonírico televishownados. Comuo mundo ficcional

[345]

no Cremetório Frisiano está casacarregando forças pelesadas e vestindrogando-se com mackintóshicos. A eleganietzsche Galochidade russa. Comuos econiili\$tas eurospanhóis estão sendo tatuadollados pra segunda vinda do EUAnticristo. Habaneros pela Paz Aromal. Como Ali Bey Ibrahim deseja Bella Suora feliexcitando-a nunaltal com criptomoeddas ao passo quios Cabaleiros das Nits Facárabes axecutam sapateadomônios ao redor do johncagemisfério. Aprenda o Nun'sense turco. Comuos univerchistários da Véia Yale estão fazendo revoluções pras mocinhastutas de Noiva York, nunca fogacabando, ainda gestando, nunca acasalado tão tarde, nunca comendo etecetaradas e nunca adicionaando

eteceteraguardante à dose e nunca eteceteratrapalhando as formigas e nunca eteceterajudando com o copo muito cheio com russian imperial stoutiro como quando Burkeley ficou confúcio na geleia general do Showkovsky. Telefone pra Phineal amanhã depois da manhã e seu phumeral é uma hellsuchistação.]

TAFF (agora que ele había pasado pelo espinozo stockhauseiral de Pedro Flautista das Musicolinas de Colônia, enquanto todos eles estão batendo parnellas pra senoidar um bom dublin pra partita em lápide menor do velho dadam e aqueschaeffer seus membrus nimim luiginonovamente, brilhe amim vaggiononovamente, olhe amim novocoralizadamente, suba a estrada e chegue à musicolmeia colina acima, e encontre seu boulez-vous français idiominimizando o inglês no parler). Jacques bocê tá musiscrevendo uns vercingetórix intão parla tua peça! Como Buccleuch chocou as generalas rosas. Um balé de Escandalizar Gazetas. A hov e az ov e se foi como um mar de vacas! E não viva a tristeza das lágrimatas, paddy quebra-barraco! Não foi de bucê que saiu esse son, bachianitta? Inda assim o dia que o sim ô deu não tem fim, nénão? Varèse é bom! Buckley paw pow! Fale o bê-á-búlgaro, Ballygarry. Os oitenta soculums estão observandocêdecocôdefecar o blefe do buddha expiatório. Hucklebarry truax, finnido! O Coiso tava tumultado há cenhanos de som lindão em canto alguém nalgum canto urinavalsava. N'ação do Sinn Ô Féin na murta do pântano dois bisbilhoteirins pararam pra obiourselvar a meninalone, três amarradomens livres tavam à espreita. Torcicole-se sôbrio quitácontecenocuele! Antes de esaújacólarumanevasca! Será uma psicótima mudonça, sinhô? Voz michê phode vir, migo?

BUTT (que no peitravesseiro antimusical bate calado seu coração desafinado, sempre tirando espinhas em seu finnix de semanna no park, é um nialista da nona sinfoniabitação, a babelthoven nazentranhas da rua baggot tocou diumassóvez, implorou, pra que ele não se desafiasse, amadeus, até a angústia). Horrroso, taff'io da fruta! Maçã faladada é missã cumprida. Foi a Phailinx Colporal original. Essys hittits eram

[346]

doutra época, uma quiteqüina-feira branca ondio anjo diafragmau encontrou o bulgarov, cu Dumnezeu, agorasperamente ao longo do primeiro palacetequinócio no calendarinverno, na planície de Khorasan, conforme você sobe de finneganów tren

ateu o Cristo Heldentenor, Ladeirento Dorminhoco, milcentuitrinteidois riverranos in quia fugosa vaca se corva e vai pro brejo, depois de um poder de encher a whiscaramuça, diasdecachaçangue e noitesdedeustilado na álcool de nué, quandavistamos as feras, (chove comuos chovimentos do choven werther!), úmidadata de lua cheia na cal o fumomem villou-lobo no dia do juízo finn annal com, e superolho tava na Persse O'Reialleyza Irlandorelheza Sevastapulto com a Milícia sob gautamanobra do Aquartelado Sidarta, nada bons anos de chumburro nalgum canto na guerramurada da Crimeia nalgum conto na Yearlanda, em canto eu chorava inda in silêncio sôbrias prostipotters carnudas do Eastcheapt e as jardintimidades suspensas da Babylondon e ousava minhas acrobaciarmistícios in pernas de pau in Boston Massachopes, estilo antigo e estilo novo e dava um pulo meia léguadiante. E vuelve a ganhar, merci beaucoup'olicial de dés, ou sifiliscaminhe pelo dia, brink de cabra-cega, a molly-sem-cabeça, seas moscazarts sabem quem é quem zumbi, o grande dia e o druídicorroroso dia vem a San Patrisky e o grande dia, o excelente fino esplendoroso longo agradável brindável venerável cilíndrico dia, orquestre da Sexta à Nona, o heptacentenário de anni dominitrix que Hajizfijiz me conta é e será que será e foi até que o tempo perdido que é dito na Pantanobra de Allen prassassinar colum cille vizadamente todazas prefacias de Erin que se tornaram lama. Mas vou fofocontinuar. E incombinadamente. Estávamos tão cabisbaixos até que saímos depois do toc toc dos mortos. Então começo a estudar e logo lhes monstro os letimotivos do dia sobre como dar um milktcheikovski de indiferença aos morikimbundus e colocar rum sobre as musicaipirinhas. Todo cara quiele encara ele chama todo cara pra que vá à longa villa do finn. Toumbalo, como fui aplaudidapedrejado! Dos banjos a tacar phantom-wortquelle de jour. Deixando de Dvořák minhas vaneaçais e stellambrosias pra comer minha tiarroz doce. Boxerizando e coxerusando. E roubar um johnny dann sweeft pra me exexcitar não obstonto as cartagandanças catolicaminhadas rumano, russubmetralhadora e paternalismunição, espalhados por toda a parede Cromwelliana. Seja por que fui eu que gagerreei.

TAFF (tudo por deixar seus trovares e relâmpagos serem forjados a ferreira e fogo com gullardor e, embora dublinstinadamente obesiente às felicias dos civis, ainda fumando seu turcannabis fulvurito na pressança dos

molières). Yaa hoo como como, teu col? Quem as batalhas juntaram às botellas do garçom não separam! Você não era ajudante de campo?

BUTT (*em sua dificuldade tresdobrada, ele se sente guerrilhando por uma cervejura escura mas haicai da chopeira uma água que morceguinho não bebe uma gírlrrafa de passivódica a descoberto*). E eu tô cuma ressacalfa-ômega da braba! Entre minhas rassociações no passado pós-chumbo e minhas desconexões com futulos de casacautoconfiança impermeável tenho um psicopo cheio de rum montilação buzinando nimim e minhas lágrimas minemonicaem em π e correm deltadas, cê é locke cachoera, como agüora com licençamor platônico recuo a (comuos galindos voltam aum poleiro!) meu posto misionário pra todozaqueles velhos boiardos quiagora bumerangandam em valhalla, minha alma mátir. Eu os beboprímo, espíritos duplomalte fusileicorosos, e a seuzajudantezinhos, mesmonde a vodka é contensada, com absinto muito seu vermouthe. Homensprimatas capitalismacordo selvagem, entrego-vos nosso nordicavalheiresco líder, O'culpante Bobby Lagrimasdecrocodylan, lancentronadado ao acaso e todos os nossos devotos reais com a prisão de toda a inibipopulação da Novirlândia! Um dedo di proesia da boca pra fora. Y um ardil mirável mundo now! Meuzantigos seguidores a seth palmos da terra, (sieles podressem pontapespiar neste momento por tudo o que cruzeiro-realconteceu conosco!) Cedric connocido filho de Gormfhlaith e Dannado O' Schüller e Connor O' Irlandonno do Conchubar esses ezram todos os nomes do finnado personae pois todos estavam saramagaquartelados sob o mesmo tétum em Kong Gores Wood, três idiomas turcos, caquelas pitchuqueenhas, nossas miladies gagas em seus toaletters, as duas plumosas sobrinhas, Vjeras Vjeras a cara de pound, do velho Tio Djadja que ezra um rei com a mark scarlatti e na scarlatta de lixo, acima dos popósitos de ardor e calor, nós guerreamos, e o charme de sua brigada ligeira. Pois lesbianna tem uma chama nu olhar mas ninguém sabe quem é o alguém por quem a chama inflama. Sucorro, sucorro, hussardos! Levantres a pirocarma pra tiraniña! Tempo livre grátis! Avante Lancaster! Anátemáte-os!

TAFF (*que ainda sente aquelas horóinas do paraíso nonada fedido que o entretrinham que eram sinuosos rioconcorrentes da ensolarada Espionia mas que bateram a carteira dele no arrastão-pé do batalhalvoroço de Bakerloo, (11.32), passando o pincel da verdade uninacional com ironia sterniana sobre as infrutuosidades multinoiteanal de seu dodecassorriso serial*). A costela, a costela, a rainhamásia dos tempos passárgados, Filha da porra da oniricostela do Assonhadão!

A Rhoda do seu Cock arde mui alegre por abraçar nosso mundo vermelho e inflamado!
Em seus lésbicódigos vienonsenses de iansãta be-a-bárbara. Até quias

[348]

morenas tenham gatilhanéis nos dedos e chocalhos nas canelas. Ondié quié a dor no pene, Sinhô Puncho? É um processonho na kafkorte mortal ou uma facada gonorreál? Cuidado cu seus s'il vous plaîtros e thank you de guerra, eu pigott peço do fundo do couraçado, marecharco! Borromeanescreva le sinthome, loucan! Seja um dog queen! Por zar und zimmermanno brown! Cantais nos chorais pra newar:

[Na noturnora heliotropical apóizum rameau-estar do Tuff transformista e, enquanto pendura suas vice-versões no varal, uma vã brilhosofia metenérgica do radiante Batt, o bombardeio televisionário de baird, se o cetim de gurânio estiver devidamentesticado, tende ao teleframe e a amplificar a transmissão ofenshiva diuma barricada leve. Descendo a ladeiremissão da fotoconceição a galopixels em pulsos sincopados, com os bitts e teffs inseus dents, as tropasdemísseisluminozos, canhõezeletrónsnicos, carregados por sua onda portadora. O tubo bubombardeia telas e divide-as a num foco duplo: granadita, dinamaldita, alexandronita, nichilita: e a tropa de eli'tv atravessa as linhas rutilantemente ilustradas afundantemente separadas. É o finn! Um verdadarmistício evangélicatômico vaza sôbrios compostos de cézio. Em meio a uma fluorescência de mefiticismo espectralacular coaculou furtivamente através do inconoscópio uma imagem fixa, a figura fantasma da comunhão do spiritus silvio sanctus, Papa O'Donoghue, o jesuneral dos russuítas. O idolon exhibis os selos da sua ordem: a strela do Filho do Céu, o cinto de Izodella a Calóttica, a cruz de Michelides Apaleogos, o cadarço de Jan de Nepomuk, o puffpuff e pompom de Pedro Bala e Paul MacColtney, o grande cintão veredas, fitilhos e fivelas do Martirológio de Gorman. É pra merci beaucoupbrir oniricustos semianais do vigília wakeano. O vicário. Paz pavor de não musicoralizar acima de seus sopranos, por warmor à infanta ária. Nfrn, tm lgo rrdo cntcndo cm o bl'bl'bl'! Ele pisca seuzóios porque confessa a todazas suas sobrinhas televiciadas. Ele tranca suas narinas porque confessa aos quatro kants do quimbundo quistava sempre enfiando seu lance de dedos até o fim dela. Ele soca na sua boca com uma espada de lacerar porque confessa o quão frequente costumava abri-la e o quão por cima ele fincava por baixo dela. Ele juntoou

babelicamente todosos seus manusgritos com seus padeirastas na metida em que confessa ante todosos seus cúmplices mãoníacos e por trás de todosos seus confetados. E (eis quio gato não podia voltar provermiando quiele roubou a coda sem autorizassom, je suis cristo,

[349]

o gato espiralatiou o pau na gata porque ele roçou o rabo bem acordado) ele tocou nesta árvore das vedas no meio dujardin do necropoléden na medida do porque ele confessou issy a Hillel el montanha e a Vale el depressão e nos lugares quios leprosos habitam no lugar das pedras e em pontilhismares esqueçondeando os sonhetos diamor agora ele começa a pensar nisso com graça infinitatirando geralmente no russazeite olivalvejado pelo vendedor de buckleys de flores. Podbre velho marrimeiro Pumpey O'Dunga! Haverá uma cócóricleção de schoenbergalinhas dele apóizo ewartunguentardecer no campo de Hanar. É de cair de quatro, mademoisellarápias e cavalheirusurpadores! Dtin, dtin, dtin, dtin!]

BUTT (com uma gextura expanshiva do Ex Chifrudo Sr. Oscar White com um beautiflorido girassol nos alceus cabelos brancusis puxados à queima-roupa pelo mundanismo da mala postal na corte de Old Bailey embora a cunilongínqua densidade épícaminosa de sua mahlervolência seja o ânus da prova de quando ele deu uma hahahapidinha marcando seu primeiro senhor da cremação cu o porquêsamento cançua espopôsa havia de ser a coisa celta pro pirocomem bundar dideia). Prostatudas, puta ciúme! Jah deus de bach rouco, praychiosos! É proilibido em todazas circunstâncias gozar da cara do zé mané casto! Trombadinhas, porcos voantes e vacas tossantes serão podressados! Tenha o cu dado, por fervor, de não esquecer ou beethovadiar na praça da poetaria! Corrija-me, necexcito de cumando, pelamor ao cossaco dedeus embora eu repudie isso. Chega de ziguezaguesbascos presse pólo apricano! Com angolagradecimentos thank you very mutchokwe. Enchi a pança de deliciosas turquesas o tempo bucetodo dividindo com rimou o cru e julianne cu seus dedosdecordeiro em meus rins e minha manteigadecarneiro lubrificando sua salsichanglo-saxônica, joelho nela, dê duas e três nela, quando osiriano ficou mudo como edu lobo em pele de nara-leão e nós cigarroramos aos narguilenstrumentistas e belistabacamos fumaçasdapaz, todas tabagistropas britânicotinas, pelo Padre Dinheirista do Templo de Salomão-leve dar no pé e nos abandonar e dar leitmotvinho

ruim pra iluminar o daocumento obscuro (cena conforme assinado, Glóriateus), alimentando e dormindo com huguenotes (o dorminhocão do daniel bota o burro na sombra na cova dos liões!) e atacodificando revoluções sobre todosos albigênesis (rené descarte-nos e santifique-nos e soe comuma arma!). No entanto contanto entre tudo, cuspi por cuspe, como cantamos na escolalíngua Sunda, todo soldado bastardo karrega um kamarada em sua mouchila e excetualistando quieu esteja ficando inimigolidado dos rugimentos da guerralambique selvagilizada eu fui pinguçamigo de fé irmão camaradaguardente e nos mandei

[350]

victorias com nowells rosas diroshima e browningarruchas, tom jobobin, dick farney e harry barroso, e toda a diversão que tive naquela semana de finnegafieira. Um homem parangolelé da cuca usandum barril. E aqui tá um presente diuma ova e diuns centovos. E como eu resido em chipping norton. E esse torto arado auxilia o agricultor, sim. Arcdesedo! Rumbarco-íris? Então foram os dias infernagradáveis pros nossos compadres, os soldedicados leais, e nóséramos os brutos recrutadores do reduto, três batatarados e dois beautânicos, um ruído que temos em nossazilhas rebabeldes, pequeninos ingreses, uma longa faixa azul, impávida e colossa jovelina pérola negra, de mão a mão enquanto apimentado Omar Caiam tava sempre fuçando na rebimboca da parafuseta em sua ajanelada coragem quando nossos chavecos cas muchachas acabavam em vinho e música, zyngarretes das pushkinhas, misererenquanto Woodbine Willy Corrêa, tão popular entre as crisântemollières, nosso Chorley Choplain, aaronzulava o ar. Sczlanthabsintos! Banzainespumantes! Bebass! Biblicachaçaria Pedro&Paulo. E todos nós sintonizamos pr'ouvir as maizelevadas novialidades. Rebeldevassidão acimamando todososdrinks e os armisticiálcool acima de tudo. Paddy Bonhomme ele vive! De novo! E aguardente por dente. Danteporespumante. Meus dias são cachaçonhetos e amei bocê tacima de todudo rest'old parr. Embriagadoficial do estado maior e garoto sem botas e o buda do nosso bando e tudo mais. Foi humor à primeira vista, acredite. Eu era um mero soldado raso sem minhas cachorradonrarias mas não humpedei um dumpedimdim, vintém ou tostão, tocando aquelas genitalieconomias das generalas slavas de Tanah Kornalls, os deelíshias da meelíshia, pronunciando seus próprios movimentos de flanco em são picture's book. Bagos os que lutam pela libidade! Eu sempre fui capaz de me proteger de mim mesmo e, com olhosdepeixemorto ou earwickorelhas em pé,

fazer danças da chuva ou cominações, não mimportava nadica com as atonalismorações dos três filhósafos, ('shemfado! hambo! ou jafélix mendelssohn!) pra quaisquer sentimentos de minha vidaprivada em suas séries inclinoções reptrográdas poizêu tenho Suas Honras de armar a barraca com minhas resputáveis funcionárias do poeteiro Lyndhurst Terrace, as poetinhas da Senhorita Maria Machado, e ela ao desreprimir seus recalques podexpor a verdade sobre la belle alliance e eu conheço Sua Herdade, minhas resputáveis cunilalinguistas poposudas da Villa Mimosa, Relâmpagos Trovadores de Verdades, e nunca me decepcionariam comuo exército da serviço. Não em suas monstruadas vidas, kafkafetinas! Nada de espiar, cafetões! E, por Jova, eu nunca errei nem o deixei cair em condenação até que, arriscadok trabalhok de lobobok russok, na cabeça do velado, vem que vem caindo pelas tabelas

[351]

(velho expedicionanista!), seu gemenal urssiano, em seu prostibuluniforme made in itatinga inreformado e ele marchou diante dele naquele cabarexército safado coa mesma velha história jurídicaótica e levantou a pistola às caídas como é de bom tom pra ser purifikamassutrado (advogatas fazem sua barba!) e eu vi sua ofensiva britanicalcinha e bartolomeu pau na esther vanhomrigh vis-à-vis marchandando uma na casa das egyptias e como eles deram amor a ele e como ele tirou a virgindadialeto de nós (odioso o esvoassom de moscazart dele e dela! Apenas uma sereiassalariada de perder a cabeça era isso que ele era!) e, minha irlandorelha porum riovolver, sir, pelos disparesplendores de espingardeus e a timbalada perdida do inimigo quio Parça Zoreia me enviou, mensugeiro, (tão verdadeiro quantum Germanarmenianipotente Deuzacimadenostunos!) pra mezzo-soprar grandes formigóperas com seu cigarragudo. L'estat soy jo! E après ocê mim foder vem le dilúvio. Nós nos insurrecionamos e, seja a procuradoramásia dos pecadores origianais, antes quiele phudesse dizer à bala da pirocarma pra desviar de lewis, eu gozatirei nele, esposa, como um escravocroata! Corcundampty de notredampty! Envergomasnãoquebro!

TAFF (*sentindo camelamente que desde que em antanho deram a bron uma carabinuhlan o barquinho deslizando na canção foi singrando o mar vermelhion mas bem-educado pra caralho visando não ignorar a indecorosidade dos precedentes de seu riválver, num esforço pra autosotorização, apaga-se em favor da ideologia que constantastutamente persegue sua corcuvada bossa fora do homossocialismo o que derridá a entender que siêle phode ludibriar loly com contos de fodas pro seu bel*

prazer – cabronne! – ele phode arrastar uma jovem lily pra sua cama – combrune –)
 Oh santa rússia de cássia, eu acredito! E Oho balaclaviolador de bocês, gunneral-brigadeiro! O grande oholdomem aranha! Esse é um nome chamá-lo de Umsturdum Vonn! Ah, você foi alfaiatirador e vencedor sitiado. Aha raça de capetalistas selvagens ataca a nação oho de manufatureiratiradoresdelite.

BUTT (*milagrizando no grito de guerra de Danny Deever, seus bigotes eriçados, como, jiujuitsu da trindade dos quatros cinco, ele entoa seu canto e solta um fé fá fu no finn-terra de quatro dedos até alcançar a alturas de seus ohs ahs!*)
 Focinhoturvodelama! O buckleybaleará! Ele não violará mais sepulturas nem lares nem cachorras, lobisomem, por lobo bobo nas colinas dozomens mortos! Kaptan (olhando pra chapeuzinho de maiô!), Halta Embulência Cumbulenta, o frustrado Russkakruscam de quatrestrelas, Dom Allaf du O’Koran, connandante-in-schaeffer.

TAFF (*quem, abestado que só ele, com a judas de deus e sua mamacita abensonhada, tem sulfurado pra si a salvação de todosos purgaotários*

[352]

da prática do pecado por não seguirem as teagonias dos condenaldos).
 Triadicambaleante, o hõmi-bódi! E o nome do Mais Miseriacordeoso, do Espiritaugusto, Uno Gragioso! Em sóbria verdade e em soberes civiles? E em dirtimento do acurtamento de sua totalidade de homem? Nénão?

BUTT (*zombetumbando maométaneamente, mas aproxiameaçadoramente determinado mas seus maldiossões embranquecidos ulteriormente farão parte de um dia santo do esmagador com o hagiohigiecinismo euforioso de sua morte e seu ser diademaldiçoado).* Sim sim ô! Em dente de sabre e sobre saviles! Senonnevero! Quiele ainda vivavaie é meu poemartírio. Ele me botou pilha e ele me desafiou a fazê-lo, e amigavelmente fizquenãofizisso como Galorrobalo de Kilturk e Urssus Ursussen podem relatar sobre o ataque vikingturososo com todosos ratrompetes em sua árticomposição! Tão ousado e tão louco quantum boi no telhado. Knout Knittrick Kinkypeard! Olefoh, o surdo dos tempos perdinimigos! Deusconhecido! Pois quando mim ouver, e dodecafofoquismos rolaem por todosos cantos da nossa terrevolussom devastada, portando aquele serialismatinho pra limpar o seu musicusão, pra higivienizá-lo, pudimdeleitmotivmusicondensado. Ay, e atonalizando seus culotons num exitouso israel&rodolfo *Deo Ejupto*. Nesse insultom à Igorlanda! Prronto! Dei um

boa noietzsche cinderela e tive eressom com meu cajadó-ré-mi. Mirrdo! Com o meu jeito de armar e pé de valsa uma flecha acertocou ragnarock'n'roll. Sparro!

[A abnihilização do étimo através da divisão do indivisível pelo moedor do fundador do primeiro lord de Rutherford explodotonador através da Farsália com uma ruidópera de ivandesafinadoterrível inmeio à quark a mássima atomiconfussom geral são perceptíveis microtons formando-se com mulícules enquantoos abobarados celtanejos univerchistários de Coventry fadamadrinham-se nas Carruagenzelegantes de Cinderelaforismo. Cenas semênlhantes são projestilizadas em Honolulu Santos, Bulawayo de Gato, a Rouma empireal e a Fisic'Atenas atomoderna. Eram precisamente as doze schoenberghoras, minutadas meio-dia, sem segundos. Ao pôr do som do Gurre-Lieder da Renovassom da Tradissom, ao desvirginar do dia em Aira.]

TAFF (*numbaitafusuê, suas pelugens se reunindevaneando por todo Crumlin que com os arteiros garotos de bristol e é a volta ao mundo dela e a louça dos quatro quintetos diarmas de fogo e a louça de suas cameratas damdam*

[353]

domdom). Ki todozos lampiões alumiem dazalturas! Filmusicou shostakovitch?

BUTT (*puxando por finn daniel bombadão com Finn MacCão mordendo dvořák enquanto muito mais maior quio perdão doloroso o problema de sua boca diminuendo, vilidade das vilidades, ele vem a ser, vitalmentemente, doente*). Cem sombras de dúvida! Como Fauno MacGhoul!

BUTT e TAFF (*apesar da escravidão assalariada e do inimigo feudal alforriar, agora uma única e mesma pessoa, sua luta emacipoetória pelo direito a uma migalhinha enquanto era capitalismenganado e desequilibrado, ofendido pela sombra do magisquamítico mulatomiliciano da Velha Urssia, a vida pela posse dos meios de produssom do surfistalismo cuja contradissom estrutural os minions covardes insultam, quando, horrível demais até pro inferno, sob a sarça ardente de Mickey Moisés pega fogo no parquinho, ele tomba pelo Goll de placa do menor aprendiz que me diz, mas entusiasmado pela circunsistência dos Parkes O'Rearelys num concertone ciciliano udigrudi de seu conflito de besteiróis e si bemóis, apertou a mão de todozozambos, enquanto S. E. Morehampton fez humor com E. N. Sheilmartin depois*

que Meeting-house Lane embarçou Vergemount Hall, e, sem hechistação paternal nem mãemuração nem tagaralicermidade de sofistacação, combata a promessa de warmor até o finn, mão a mão, com um voto comuniilista de homem festivo e homem bestivo enquanto deuses da emoção aplaudem fora do ritmo como símbolos do capital contra um cococancancacacanoção). Quando velho o mundo erum jardim de cobra norato e Anthea mostrou seu membro pela primeira vez o pais das maravilhas waterloos era o caminho da floresta movente onde óptero e áptero eram gêmembros samuraizados. Eles tinham suas ivies mãemurantes issuas idias assassinantess issuas arco-iries enfeitçantes naquele bosque de almíscares maizaverá flores brilhantes nos frescos coretos de Columelle quandua crítica tagarela da torre de blábláblel sielevar abrasante e melodiante vindo do corvopomba. Se bocê glorifincar o sexo da cabeça dele e mim comer na infiltração de seus probrema ele dançará fígaro cuspindo de ladinho e empurrando a espada na surdina. E ele estará comprando comprarças e irá seduzindo seduzidonzelas com seus fios deltais e sungas asa-delta de carmim, seda e mel enquanto meuzeteus pactuam com lucífugo rofocale e o que é surdo como um beetle pra nóises faz com cage o recatado cousin de coriolanus mee dee água na bouca. Entaum até que mas uma vez buckley atire no germinal russascendente é mió deixá o pau mccartney comer o sebo de sua fúria e ney meteogrosso mastigá a historá de seu tonel.

[354]

[A bomba e os registros da tubulação estão idealmente reconstituídos. O paul e a pedra das tigelas pedrestão empaulcotados. Todos os presentes estão determinando no que diz respeito ao futuro a lacanlização de suas ausências passadas quieles poderiam ver ao ouvir se alguma vez cheirassem os sabores a partir do tato. Pra encontrar obrigatoriamente um valores pra. A enganadora vertigem das listas. Quando o ex é o lance de não dados. Como ad onde. Silencérebro. Oco.]

Feche a matracas. E o botão do flo se saiu melhor quia encomenda. E se ele cantasse silêncios em seu cálice as sombrias falhavras em transgresso iluminavam-se verso a verso aos quatro kants do mudo.

Vociferagitante. Vice-versonorizando. Dando nome aos bois, Abdul Abulbul Amir ou Ivan Slavinsky Slavar. Em todantiquíssima confusalmém. Quanto a quem é que tinha a gandhi culpa no musicartório cabia a nosso Hegésipopai cabra-macho educar. O

banho da beleza ela é obrigada a vincular aos espectadores e o orgulho, sua purificação, tem lugar designado na penitência e o próprio libelo da lei levanta e aleija o rasteiro com o grandioso. Bocê tem o direito defecar calado! Enquanto os Caçadores de Heregírias desmatam a colina pra tirar do mato os bandidos trocadilheiros de, por ordem naqueles caos versos piadas de gângsteres de, controlar seus gracejaculações nos jardins de. Heheheferente errante.

Vestidos pela noite, aaron coplandando por aí, os conquistadores vão e vem. Depois da batalha deles teu belo seio.

— É vero quisso é verdade tão veramente verdadeira na Ilha de Solidan quão na Giaolemanha Motherna e desdidos Amelekenianos remontando à terra dos egípsius motorizados, concordou com sua abertura diante de seus inspectadores sobre onde um peão de bê-á-bois parou a boiada no curral do bem aventourado, sinhozinho dos sete dias, sinhô dos solfejos e sóis, o satélite de todos sóis questão no anel de seu sistema dos satélites de seu sol, deus dos traficantes homicidas estelionatários hababelidozíssimos, quem (ele condenou) hengsters, quem (ele priva da libidade) horsafados, um ganho cambiante, uma cunhagem vasta, brutalizado em camisas, sortudo na troca de turnos, a corcunda de nostradamus estomalgamada entre seus ombros de cão-ponês, Dono do Boteco Misto Kant, que paga pound pra Dona-Redonda, cuja esposa é An-Lyph, a bexiga do cachorro, que aquece a cama antes de nanar. Todos nós, pois todos os homens são leprosos, temos sido nada mais que habitantes nesta gélida infâmia selva que é nosso verdadeiro nome depois de todos os pecadores (que sorte do canecão a deles!) e, falando de amor e detectores de mentiras em vnuvariedades, caos quer que sejas as os portais da verdade abertos pelas drogas, há

[355]

um fragmento que vai do fausto à tempoesia perdida. E isso é no máximo possível uma formidável derrubada de cadum de nós e cada inkermano, eu me persuado, diante de Nostro Sin Ô, cavalheiros, tão verdadeiro quanto esta é minha cafeteiruna finnerária nestes quissão meus soldadinhos.

Isso só excitava, rastejando humildemente, sua redoma de vidro de sete orifaces, de todos, gritadores do pecado ou mímicos do crime, pra serem propagados por, só deus sabe, conselhos por, livres de gracios, bandidos encarcerados, competindo com eles, sieles tivessem estudabilizado Jura ou quando eles tivessem corrido discutido

Metafississipi, marido de sua melhoressposa ou padrinho de coisamento encalhadamente de si mesmo, comué quium hõmi corpulento em nosso mundo taylorizado consegue resolvescrever essa tese, prondé quisso dá um primeum nobilees por nossa anato'mia couto ou nada, o primeiro enigmovimento do ubiverso, quandum homo noé home, aquele velho pecadô, outra homem, enquantoele é umesmo. E exemplificcionando. As canecas de chopin em questão. Calguns cervejexemplos derramando. E sexy segundos pra provar quiele é um poetão. A suspeitacacá tá pronta!

— Uma épica. E uma épica de descobertas. Quandueu eros um criancivilizassom. E os escurideãos faziam sopa de cage pro jonhtar. Feixes deleuzes ao fritar uns peixes. E eles hão preparar o pão o grão o feijão o macarrão o jamelão o mamão o chopão no fugão da barrocozinha. Acabo de ler (supremos orassons) um (suprimido) livro – é apesardospesares medida por medida longo e limitado – a tipografia é eminentemente legíbiblia e o papel, então ele folheagarrou-o com afinco, raramente foi amanteigueditado em trabalhos integraais de publicidadedições anteriores see bein qui in ocasos de não escrita maizagudos eu deixaria as falhasderelva de lado prapausterização. O papel embala dores pra queen é o signotário da sagrada whiskrytura. Quem o empacota o picota em pedaços que poderiam, se queimados, ter bücherverbrennungajudado. Jazz tá de bom tamanho, no entanto, jacques li o suficiente sobre ele, como meu melhor amigo, pra profetizar na pressa da era dozextremos quiele organonzará a maizampla circulação e uma reputação coextensiva aos seus méritos quando confiado a mãos seguras e piedosas numa missão tão edefecante quantum esta, eu posso ver, como a dele. Está num mato cem cachorros com placas expurgativas, repletas dinformações e acampainhando a ação paixonal, tiro, porrada e boomba do big bang ao apocalipse, como acabo de ver, com minhas mais calorosas venereções, duma recalcada fluxidade nos urrodores dum monolago interior da zona rural, (Guardai a cidade de todo Mahler!) todozaqueles oprimidos no vaso sonhotário em branco absurduchamp, diante da palavrarte deste antigo xilógrafo, um mestre vinhetense

[356]

e nosso mió ferreiromem de letras entre todosos seus orefícios, (e, gracias ao ensopadeus, tão estupendormente inglês!) Sr. Aubrey Beardsley. Chupa-chope do bom, barato e queimandua gargântua e vale a pênis uma experiência! Cerveja bem-

vindo. Maizo acaso quiocê quiztiona stá sempre por trás disseus lances abusadados! Aqueles tristes europios de tristes exilados, poeira volver sujeira remover! Dançadascadeiras. É aquela coisia, temerária, auroroberana naquele camarada, honra e desonra, (siele tivesse apenas as bê-á-barbas de McHugh do Breasil poderia enganudar seu guarda-roupalavras de siglaparências antigantodadas) queer é stranho pra qualquer cãoqueerstador persa que nós, devemos, reaslismamar com taovez um metro de pênis. Há entrioutros prazerelementos que amo e que são favorritos da mente, um que enfiei meu dedo pro movimento e, mas meu anel não está à mão eu juro, ela é altamente cataterística e há outra quieu folhee dedilhando freequentemente e, quando meu anel for gravado noivamente eu juro, ela estará profundamente sangnificante. *Culpo de Dido!* Dizemos Ars nazaulas. *Bocetão*, nosotros dissemos. Que corvo sombrio! Que pombinha linha! Nem o rei desta épica poederia banquetear mais ricamente na longuidão da pérssia oreillental com noturnalegrias alternadas de mil tipos exceto um tipo. Um brinde a shahryar em minhoménage quanduestou fabolando lorotas! E enquanto (quando fecho meu painel deslizante e ouço cawcaw) estive folheandando idilicociosamente sôbreos folhetos warmorosos impreciosas folhas soltas lançadas ao acaso no lamatório, quão é meu isto é, como devo usar meus lábios pra fazer cara feia ao infortúnio, muitas vezes, pelo que casualmente me lembro dialgumas semanoitadas atrás, (tão doçobscura é aquela cevichechubcherviência de não ser capaz de ser obrigado a segurar nada além duma pedra na queda da fruta em seu arremesso!) quandueu, se tu mi deusculpar puresta descida informal aos inexprimíveis, animado em ralação ao Autor da Natureza pelos pecados naturais em tapeçariassanhadezas gobelinas deles diante de mim, (quão diferendado dos Eonochs Cunstuntinópolis feitos pelo homo artificialis!), indetempestadamente de serem da estatura do general gough, assassertivos, ou embelegozando-se no sexo vegetal sob a nonsensidade dialguns contos deduendes e folhas secas, estou enraizado contemplando a mim mesmo, com meu eu nu, pra fins dialívio em nosso verdudeiramente virvir vergitabale (jardim) eu ars vezes, talvez, o que foi dito com justiça do velho Flannagan, um wake aqui ou dark em diant, coalgum choque (deuvo

[357]

rendê-lo?) tenho (quando escancaro minha janelobra aberta e vejouvo o ecoo) uma noção silenciosamente involuptária de que estou futurografando azarinstantâneos

comuem murmurandos de renações distendidas de fases facsimilares ou jangada de pedra nos bastidores de nosso aterro (que arre'piar de corvo arre'batador! que pomba mortal!) cumé quié issu, em nenhum espassom-tempo processualmente no que diz respeito à musicronologia concruta sobre a qual de fato, apesar de eu ter me autodepreciado por meu gozado lacranianome de insectariano, a ordem de despejo da feliz terra pra metida tornaria o bardocelar a felizcidadegiraldanoção, meu mottu proprior, como afirmo, o caosminhão de verdados dideus, eu cunhei, eu tô completamente peladão diemoção e profundamente empanturradalegião em pensar nozúltimos corações ao ver pelos seus amplificados relatos de minhas partes intimas trêzespermatozoides (shsh!) que, sincronicamente colombófilo e corvinófobo, quando eu tiver me reintrospectado, meu euviajante, como das nuvens de Magalhães, após meus gastos contratuais, através das perofecias de membros do olimbo, eu, minha boa desatadora dos noises, eu sou, sou oniputente pra caralho.

Ele encalhou o barcasca de sua história; e encenou a marido e mulher da vinha: e o harpistoperador do embarcassom tocontou a toda conservância viva, conheçai Meschiameschianah, comuaquela vitória foi um ganho reganho. Voando holandestrabelhado na Perssescuna o'real. Com todozabordo, papa e mama, hal e sal, os fios de Eire cas fia de Irã. Amick amack amock num tchaca tchaca na butchaca. Cos dois loulous e os grifosgrifosgrifos de Fenegans Wick, os Wilde Medeiros. Lavado com alvejante e entregue ao almirante. Ruidosozelogios à sua corcunda da sorte e medo do π frio de Jonas. E eles alumiamaram e falharam comuo farol do qorpus de bailey. Até acordarmos com o π na cova.

De cujus plultibusto pré-agravatado, por teologirias adão&evangélica\$ (havia quase tantra y nuve mudamentos de haroun naquela al raschid califortodoxa patifaria), eles foram comprimidos a dizer, nozassuntos nas cristões externas ao documanto nonbero um, com referência aos ursos e desusos dele e reverência ao boitatá no telhado (vamos aqui agora, meninas! bora, O cara, sejam quem forem quer ganhar de vocês o prêmio! Os dois Gemuas e Jane Einstein e Judy Tombadinha!) desmontando e remontando-o fragmentariamente, a poemoça suja, com discriminação por seu ereto mastro e um roçar ao passar sobre sua corcunda, molières da vidrogarias pra dar e vender, xerecas, cus e budha gandhi:

1) ele teve kiss see fazê de mozarto, o beetleoven, 2) ele feizisso somzinho,

o primeiro a cair de cabeça, 3) sempre quio pelicano caçou com afetuosa verdade o tempensamento perdido desde sua vida humana no tik-toork onde sua baixeza pessoal subempregadornou seu taratório, o minério de ferronra sob o disfarce disseus meliôres valôres, foi abundonado insua crioncinha e pôs seu jumbo no lombo, 4) ele era como Fintann antes da inundação e depois de ágümas vezes ser condenado a uma pênis mui dura noutras tantras vezes foi salvo pelo lado quescolheu, percebebeu que, 5) em relação a prozanzadores ou quasiversadores ele era e não era melhor do que teria sido antes de poder ter sido melhor do que justificaria depois, 6) sangue, almíscar ou haxixe, assim camus MacColcaína, diamante ou graniafite in lapizoeiras, e branqueá-lo mayconjacksamente de toda matéria clororida, até escavar fósseis em pó, elié, osso por osso, o mesmo velho testamonte de poeira dazestrelas no mesmo velho pentateucacareco da blíblia, tchaikovacastosse e falhavrasvalisexplodem, seja em troca-trocas de pneu cus mininu Peneloperaltas seja balangando flowerzias pras poetinhas, o que quer quia brigada do botecorpo de bombeiro e a festança do plug na buzanza digam, tocandua Bunda do Rum Montil'artur e sua cameloteria e bebericassaltando como um leão mas com a forçabruta dum leigo, por Jacohob e Esahur e todozos saultos ou todazas soultas, o que ansiamos poradvertir é pra ouvir, poderoso schaefferzão, é o bosque de palárvores que ciganosso senhor grita pra swingá-lo no doce betebalanço do é o tchão e daruma sarrada nele, a velha ópera do malandro.

Grupo A.

Bocê tá brincano (um radialiszt ama dor) emitindo sin anais sonhoros de (um haydn da época da minha vóz) seu trecho in trem rompido da produção de cinco punhatos de John Whitton, *A Carroça Com Les Six Lugares*, dos Contos de Outrora dos tempos passados antes de haver um rei da porra toda ou um parlamento pra fuder a coisa toda ou um pingpong do inflassom na Orelhândia, todazazalmas. Histoárias Fantasmusicadas por Ludwigearwig Será que Serão Chicontinuadas em *Sonhata ao Luar* em Vamos Todos Acordar pro The Coffee Song em Lucan. Lhirondeella, alegre lhirondeella! Com tirra lirra uirapuru, villa-lobemo-nos.

Atenção! Fica pianinho!! Pra viver na flauta!!!

Estamos agora radiodifundindo pros nossozamantes destas berioíssmas *sequenzas* (pra você! pra você!) a canção pica-pau orvalhado das garotas safadas (Alice! Delysia!) dissuas posições protegidas, em rossinários haydnscobscuros, pros lados da urze de waterloo borges, Monte de São João Gilberto, onde comero Geni no

zepelim, pronde nossazaliadalices voaram na folhescuridão do Moor Park, santuário da poetaria de swift, depois da gangue do Pôr do Show (Oiboé!

[359]

Cítara a postos! Quase maluca! Devo acelerar o compasso!) pra pour seus harmônicaos nos parciais (floflo memenezes da silva florence), o rouxinol docemente triste em mil tons de nascimentos, geminasson de doistons. Deixe todo som de um tom permanecer suspenso em ressonhância, Jim Crow racista, a majestade o sabiá, primeira e segunda com sua terça que entervalva aflissons, ora alaúde completo, ora dulcímerno, e quando pressionamos o peidal (sof!) escolha e vogalize seu nome. A mãin. Ucê saci-pèrerêscuta Golazyzy possi, ucê mèreci Beyerbeer e ucê é Kill Bill Linini, e ucê Mercácacá Dantêêretê e, beethoven kant quieu tô ferveno, ucê babachiano vá pra putópera quio wagner pariu com todosos seus cravosjorgebentemperados! Estamos tão gluckgluckemociomamados por sermos tão sortudodô&osmar que, trio-eletricaminhamos de bach em bar com o raposo do Mendelssohmen suspendendo a punhetocata no momento, então permita ao field da puccini do glinkaymmi um masturbassom noturno, doce mozartaradão da noite, sua Carmen Sylvae, eu mi haendel a ti in minha buscação, minha rainha. Lou is melodia gemendo pra me refrescalegrar! Enrola-me no caracol dusseus cabelos, querida stravinskanarinha! Quia canção floresça (no mundo dos matos), em corus, faça com quiela floresça por muitus tempus (na Nut, no Nuietzsche) até a horus final! Conexom secreto.

— Rocknaar Lodbrokizomba, aquele safo velho sanfoneiro! Quão alta é a somjeira, papaiganini?

A que sim ele compôs a mão boba, caipintão, essa foi a resposta.

— E seu shortinho tipo annitta ornado porum lasso cromático! Conhecemos sua ventruqüülência.

Questa ou quella soou ripprippiplicando.

— Bulbul, bulbulone! Eu quero quero. Tu queres queres. Tu deveras não deverias dever remesmorar como dirias. Eu hipnãotizo. É a hora da foice de ouro. Sacerdotisa da lua santa, adoraríamos nossos cachos de vulvas. Mariposas são o problema? Psiu! Chegam os tamborins. Pra desmatar o nossas flosletras. Ó gui, Ó gui! Salam, salmos, salaum! Carolus Gomus! Ó issy é fato e nóix tava lá!

E o holisticorvo encapuzado tava aqui. Eu observei da pessegareia da praia e Miss Molly mostrou sua bloomda também, undois três e ezra uma vez. Cutucar a abelha cu vara culta pra deflorar as gramatologírias verdís do jacquavalo derridamarelo. Trepadeira, sele nossos onanismundos! Cê sim, Ocê bizoizou, todozocêis bizoiaro sim o fuzuê, cadiquê, jacquiouves lacraian sinthomexitado? Até chegar nas bordas da terra plana? Dingolbell! Badalo enormão dele, na pequenina nina! Minuetolinha dando ré menor, aquela magrinha operetontinha! Mecanicaminhemos ao balé do formigo antheill pra papear de perucas voadoras depois deste dia de desvelar alegremente o corassom antes que nosso ary cigarroso nos sirva Panchomestre e deixe

[360]

Harleqwind brincar de pantominuetos em todazas nossas colominações. As vitórias conquistocadas não valem porra nenhuma, os galhos também são nulos, os truques dazárvores não fazem neça de pitibiriba, os medos das feiras não se rebaixam a nada. E até que Arthur reentorne a guinnesiss e Sen Peatrick se reforme vamos monta-lo comuma peça do quebra-cabaço, num passo. Fragmentos em guineases! É adorável a vista! Claro que sou, homem chorão! Baita Assento, cê iscutô? E ensine-lhe malabarismos na língua irlandesa. Deixe-me ar er ir também. Alfabeto azárvores, aroeira dançarina; ameixeira e teixo; salgueiro, vassoura de bruxa no cacaeiro prucê. E moviminta seu musiconto. Isso não é legal, dona molusca! Supunhetemos que manzoninemos a promessi sposi. Amor incondicianal. Nãodiganão ao tênis meu amor! Atice-me pela dor! Maizagora diga ao Sr. Eustáquio! Nenhuma vã filosofilha precisa ouvir. Quem é o desconjuntarado com ciúme agora? Ora, o pesado corpo malvado é do humanidaddy. Gracioso Cigarrachmaninoff, formigando nazextremaldades! O belisco-me, que pirocoragem! Como um homem em sua arma dura sabe como nos mandar pra enfermaria, Badala o badalo, migñon migñon Nélida Piñon! Algum Pound-brasil entrou, alguma picchia por menotti qui fossi saiu da bizetinha? Chame Kitty Kelly! Kelly Kiss Killy Key! Que urubu-rei da poetaria! Mas que vagiñinas rouxinhois!

Aqui todazas folhas foliam no ar, cheias de vida, caem sorrindo sobre o Guarda-sol e as sombrinhas cusseus espinhosos galhos noturnos do Condado de Shillelagh. Ignorantes invencíveis, inocentes imutáveis! Schubertio-avô Lodewijk é beethovonomeado antes da primerosa ponte e suas duas Isas Bowmans alicencontraram os sinozazuis perto do Paisdasmavileoas. Achamos vergonhoso

esse foder legislativo, esses olimpoeteiros. Uma gracinha de limoçoilas! Um grossinho de laranjomem! Bocê tá grandemente ferido, mister buckley, herói de boyne!

E eles deram uma fronda nas folhas mais frondosas de tempos folhizes e das folhiagens mais frondas até que chegou o estraga-prazeres da folhia e o terapeutarado jung de todazas jocularinas e vieram a ser como nuncantes foram. Mas sieles tivessem gozado, um no outro, desatado o fim e desfrutado de suas risadas alegres seriam momentos em que o então Alto Hilarion também phoderia nos conceder!

Pare, em nome do père, de historicizanzar poraí com gestare romanoverum pra ver siele deve sherlockhomar sieles pensam e planejam decifrar sabe-se lá o que.

De volta à Veddaz Secas! A água do rosto escorreu.

A todosos deles, os mendicantespermatozoides, melacuecaras diolhozazuís, naquele

[361]

fumacê da vila dos porcos, uma legião hexadigitária no círculo druida, o cartel ilheusgal do Bataclan dibblonense, então saíram e deram um tempo e fecharam álcoordo cueles, maltes fermentados com cereais tostados, em condonação de sua totontação e da duração até sua repepulação, sobre o velho cromnowell rosa ironsides, como chefe caimnabel, desde que, como Sammon pensonhou ter explescado na convocasson, visto que, comuele havia sido contratado fora das ilhas do empério, ele poderia ter calmamente rolado pra escola, peixinguinha com vovôzeirão, um guerra-peixe-boy, o noivo mais balofo dos seth bares esperandua gordat noiva de quarenta polegadas, fora do leilão de gadot do cupitão de clancarthy comuaquele soldadescendente dum britânicorno quiele tava fadado a ser e ser tornar até quio mar o levasse ao serounaunser, de criadom casmurro a saramagarotinhas y o quiele deu foi como um modelo, ele, aquele filhun duma horda, é um finlandês comuela, sua tentraidora esposa, é um colo, em casa num corcel, do lado de fora pelo fogo (pra num fôfôcá nada di ele ter feito o quicêçábi comucêbizoiô quanducêscutô ondiucêsubidoçucedido, o freudaputa agiotário, generoso como um galo, ganancioso com garzella, maior didade e o mais umbrasivo de todosos seus, sob hablas corpus excepchopenalíssimo) e quem quer que de qualquer maneira tenha cuspidado nela nas carícias salvaguardanduos guardiões dela que mouldam o bouldom e o souldom dela pro dom de misturar vinho cu cerveja, o parafuso a menos em sua cabeçadega

deixandum lacerante vazio inseu coração. Os drovertidos jargozões do juiz, uma vitória da floresta pra se conectar. Como as lâmpadas brilhantes, Thamama Halla sua mandada, ano após ano. Auspicavelmente suspeitável mas na expectância de respeitabilidade. De roupas de cama sujas, gotas goethejando do tétum, com duas irmãs da caridade nos degraus da entrada e três aspiradores de pó'heresia nos fundolhos, caixa única e par de cadeiras (suspeitável), ocasionalmente e alternativamente usadas pelo marido ao escrever coesias em conexão com druidas equitáveis e amigáveis ou outras sociedades durante períodos de extrema necessidade com comparativa abundância (trovarclaro, violassom, dissolussom e providencialidade) prum sol-fáféffófú de crinadecavalo com tecido Amodicum, piânus preparalugado, ainda tocando, usado pelos mais novos pra anarczar velhos hábitons, três quartos no piso superior, um dos quais com lareira (aspectável), com prospectiva de estufa (particularmente perspectável).

E tu, quando permaneceu em Dulby, sempre foi (apenas naquela

[362]

época) o que sabíamos quando (só a partir daquele ponto) noisestávamos sabe onde? Aí tá tu! E pucadiquê? Hagá-cê-explicando, fique de alfredolhos hitchcockarregalados, ele foi pego ca boca na botija cantando maria machadão da esfirra aberta quando todoo coral de prostitutenores da princer street entoou o hino do pensenhador, (o bem-te-vinicius de moraes, o pintassilgonzanhinha, aquele entusiasta dos passaraedos dazantiga), caqueles jornaleiros gritando até perssefurar azorêia balançando seus braços maisculosos. A patroa cheia de corvas fez pombas gírias de seu estabelecimento encanto ela mesma vestia o chapéu-coco na banheira. O Véio Deductetive Roger Waters disfarseteou sua voz, atrás duma nota falsa do heldentenor de cadenza exexiva. Calorrosas esposondas rasando. Comtenuam brincando de rosar. Ele pula feito canguru-perneta arrasando. Quantotempo!

Ucê cunheci aquela tom? Celtamenti cunheçu. Os sons delis foram ambotizados? Infilhizmente agora. Elis floram helldimidos? Chuáchuávemente baixo. Deveriam comprar o jornalepo-lepo quandueli flauteja a suíte delis? Eli recebeu a mark scarlatti delis por sua flauta e pelos flautos ieles celtamenti devem.

Ele ejálcoolou em sua cara (baccon!). Ele salgozou no bis delas (pudim!). Ele coçou a palma dela (então calam é solom!). E ele pediu licenza aozamigos (moça bonnica, hasta la vista benzinho!)

— Culpado mas félix guattaramigos anti-edipiculpados! Foi sentido por mim como pecadomortal, aquele submerso alterofalhista duascaras disse aos trabalhadores do mar. Mas jacques nós mudarriscamos tudisso pelo bem de nossa atomicasa, os chicotes selvagens, as caravelas velejantes, o tesão por conhecer as marafilhasperdidas do bundo em viagens, por sua fé quadrangular rogada em auxílio de sua humptytyca dumptynflada de dar dó que, quando seagitararugou em busca do barulho de folhas-de-relvondas, falou pra seaproximar duma transgressão masturbervando descabeladanadinhas mestixixizadas. Embóreu possa ter apregoadado, dito e vendido minhas calientes ervilhas apóizas punhetelefonar às teattrizes de minha imprecurosa posição e embora poracaso eu pudesse ter renésvaziado uma panela de descartes pelo ralo enquanto mesquivava duma récita privada da musiscatologíria pertencente a ela, salvanduos presentes do econselho de obras e aberturas, sou sempre incalpável, no que diz respeito à libertexcitação dazescravulvas, de deselegar meninas decaídas sob o risco dozariscos irem atrás da potter diouro nabertura da madamarco-bovaríris unadulterada, caquelas influências cabeludas dum angel-sexônico. Foi mera mentira minha pura mentira até seu carl orff'inalle. Nuintendi. O giggag de Meggy Guggy. A

[363]

prova do códigod! O obscênico perigo darkeles que testemunhariam alva nudez contra mim eu rejeito da mente do bem. Ele pode fazer de conto tal comuma história aos Duodécimos Malignos quia minha primeira foi uma babá e sua seguidora foi uma aprendiz perambulatriz. Há de vinci a da vinte dois esquemalas-postais de casacorrespondências de canetasdecouro que escrevivem pra hospedar o mensugeiro violãotariamente cus meus valores em fofavor do deparkmento de quebra-cabaços do correio com pacotes de presentes pra futuras ofertas de filhiais. Os verdís aprovam o atak scarlatti! O mensenhagem de Shaum Baum de quiele tá sepultarado na sepulturarvoredado enquanto sua alma mater se funde à paisagem. Quero eu mesmo me colocá insuas saias cu meu ansioso eu pra pular cueles e me mostrar muito bissexuatonal. Querido e pra quieu não esqueça as fusões e me curve diante docêis, marchadores! Atentação! Que um mês incrível de moçoilapsos quieles tão cumetendo, broto tão desejoso de aflorar diante disseus parentes! Atonsura! Ouvidos pra ouvir! O crânio dum frenologialienígena (por cada centavez quiele debusseja a bobocaneta bucê poderia estacionar seu ford no parquinho dela) quio

papertratou em masmorrartigo akadémiku cusseu homem infiltrado porum casamentonel de visão fomestelar poruma arritmética paz de pergaminho, cozinhando os sentidóculos pra ser meu apocalipsicologista, o recreutador de conscritos, deixe-o ser servente de Kinaan! Pois (paz paz perfeita paz!) abguardei-me numágua de Elin e joguei minhas reeds intectis diante da Registorre da percepção tributária no deputamento fiscal da cidade de Analbe. No que diz respeito a qualquer formigalegre tia e a quarqué cigarrombador de túmulos tantra-se duns les sexys perensemprtoriamente divertidos prajudar uns gozados doze punhetons nouthora. Que por Mucias e Gracias o dublinensatanás viole a bundamaibelle! E toda a ninhada de pesadelos dos paranoicavaleiros! Pólvoralgazarra, prisão e politrama! Se Y dever ombruma cousa, bem, pouosso ficar em douvida cuele, hehehesquentando a chouminé e-facilitando a cousa. Eles procuram ágüozo in todazas peru'conas do mundo. Vou torpedear o desejo proibebido sob sua arca. Basasta! E sea minha litigimante fez bem em riocorrer tigtagarelaguando sobrisso, como a nerd boba quiéla é, pra cada hõmi no Botecuti-cuti Strict, (Vou recorrer à primeiria dentrias mentirias minhas em liras perdidas além do difamassom dum papa-banjo, pra encobri-la) mundamanu varrenu pra baixu du tapete todazas sujeiras de seu aspirador de pótaría (meu velho migo! a pata me deixa puto! revelando-se, gozadinha aos noventa!) e empurrando direitinho coa barriga como muitas esposavas fazem por causa de seu mariadão escolhido a dedo, como ela chamaria, bem,

[364]

pra mais milagróleos sobre todozos deusezerrantes dela e reanunciando às minhas demonices jacques eu era a loucal pessoa das lacanvernas até poder pagar por minha compra na fortaleza evangelicapetalista dela eu sou, gosto de pensar, por sua sacreligião baseada em daiamond sobre daiamond, confessadamente em meu barão ao gentil hõmi nascido de molière até o dia tardio como pantopósofo, ter macunaimatirado em peer gynt comua gente tocando a gata di fole de Bacchulus num gutural russauspício in qualquer serpentinépoca antiga ao propagandelatar (todos sós não somos amusicais) a batalha das batalhinjúrias contra minha peixoa no desfileiro como um liebertador sebastopolpal dessas mias peixixiitas da primeir'água virginal que, sem uma acção de danos imorais da minha parte, com um contento glads tom aquiescido nele, colinacima e calcinhabaixo, a lolita toda pirulita da cona sedosa como rosa de boneca fetichosa. Emboreu esteja cum frio abrasante na barrica e cázorêia

queimano simuatonalmente eu usualmente preferiria ser alusionista a ser calorosomossexual pros que raposam de bonzinhos e pros agraciaduvras. Cê num vai não. Cê pode inflar tenormemente trêspeitos pra farejar próximo ao eric hobsbar de nosso Don Amir a prostatuação na alphavella pressingularmente fast-foodas taradas e pode seruma horrorogélida hora duplamente densa de todazazeras sombrias com um forte vento sopranado pelo lobo-mahler e cuatro estassons de chuivaldi, nompos mentis como Novus Elector, coisa que com seô Marx e seus Militantes, ainda géruma dúvida, se houvesium desafio, e foice prucê, ocê à seita iria e me agradeusceria, derridaria, agradecerverjaria ocê. Carlão do Botecapital. E venha com eu pra coletivizar eus. Lado a lado, mão a mao. Por onde engelicais pombas descem em ruas cheias de corvas. Como Nazarenós éramos e Je suis é. Claro e vossa mercê o faria, Sr. Mac Gurk. Tenha celteza e vosmecê o faria, Sr. O'Duane. Com celteza e vancê o faria sim, Sr. MacElligut. E vostede acenou ca cabeça? Mã mã. Não há mãe que porte a chinela dela na mão pra dar um pof paf puf na marcha da emonação. Minhas pequenas amadas princesaprendizes, minhas queridas, as estellas, van Nessias von Nixias voon der pooltas, pelas quais eu tinhuma devoereção napoleonírica ainda que fosse marly lowease ou apênis uma sensação comua quiaquele velho K.K. Kelly sempiterno fica exibindo a noitetoda cadiquê minha palma estendida foi dada aum raminhodesalsa, a riosonha ninfa em cujas curvas o véio ossiano pororoca, então gourmeta uma pintada gourmet na carne mijada, filhinhos, e tão desejágua por sedentos quantua Primaveraágua Minineral de Taylor, quandoo soul brilhava, quanduela parecia uma pequeniña pitocostureirinha enregeladinha (Oh que foda! ah que Lua!) pela orgasmaré dos meus braços, como Praiano jazz diszia, e todazas colories descoraram de minhas bochechas de buldogue véio!

[365]

Popozudamas da noitzsche, ondi debucêis mi cancelam debucês phoderiam ser forçadas a pagar beckettimpostos pelos meus subornos. Boca do inferno, apelo contra a luz. Uma nexistência de vividência! Panto, minos, é uma livre perdição; balé, minas, sublime meia-calça mi seduz. Tenho querido te agradecer há muito tempo ainda amais agora. Obrigado. Sin Ô, o mais sangue bão dos seguradoresdegarrafa e amigão do peito, entre nossos corações de aço, de álcoordo cunque um passarin mi cantou, isso álcoontecerá cucê, meu ousado belo jovem soldado, vencedor nem nenhum dos regimentos de mozartiradores, antes de bocê ir pra igrejũjutsu, bocê quiassistiu sua

partida com sodalistas que sacam as boulez quiocê pierrecebe de joelhos dobrados com regatas de jogar tênis e fazer humor, máquina de chopar, quanduas bolas do matcho point entram por merecimento, minha corrida duouro contra a rede prateada dela, pra dizer, pra falar, pelo amor da deusa e virginow como ancê reverencia suazúnicas mães, mitsch por matsch, e enquantueu revelo assim minha profundesejada filha que nasceu orgulhosamente por medicaosmose onírica sem roupa quandueu tava surfandormindo em meu travesseiroceano (do Black Sabah de Eva, como agora, noé isso não?), pra ver, eu digo, o quem é o quem é, na suspensão da execução *in re* de Milcho El Hombre do Leitchinho, incremenado, o que vostram mercedem sente, coelho desembestado, sobre todazas terras indevassadas que suncê já devassou, por trabalhar duro com a butt ou pegar a bola de taff'arel, com ataque turco contruma revolução dos cravos de metralhaoradores gregos, mesmo quias defecaldades de John Bull Bach Meu Bull sejam as hipertonicidades de Terry Shamrock, se isso é graça pra grama grossa o que é bálsamo pros balsamores, como é o que é tal como é, quieu sou o carasmático velho cafetão suprostatamente improctologista pra seducir bambini abbandonati, as rebuceteadoras damas diaconisas, como (por que suspira o profetarado) as lilliths que tantras vezes eu senti, e, quando brutals borba gatus e filosofals quincassius borba visam apenas porcachorrovos da humanitas, intão, (Aovencedor, Asbatatas e Cãopaixão auaus vencidus, curdapontar e escociatirar!) vou amplificar um conto cantalorotando seguros de vedas, intão pepitas e papitos, aquela brasa no toquinho de cigarro inflama o tom da mombição e aqu'elis segredáguas de marso musiconspiram por um bom dia pra ser shakespearassassissonado. Ponto finoutonal.

Seus caosminhos cruzados há muitos viconianos, depôs dilso, já eras.

E a tromba murcha de MacGinty caiu até a bomba-tumba da guerra, devastarrastando pra sua vala toda a roupoesia.

Silencio a quem namora no Pantonal Matononsense, baías da amarração de todozos Santotomanos. O desejo de Miriam é o desespero de Marian assim como a beleza de Joh Joseph é a dor de Jacq Jacob. Sobrancelha, nun diga nada; olho, finja tristeza sad'camente; boca,

cante-mim. Olhe Olhomem! O kikitakonteceno entrias copeiras ios prateiros. Y voltou a apontar o pound pra lua insua grosseria subterrânea: e apesar de todozosseus grandes protestos: e aí tá suncê.

Aqui terminicia o cincinatotem&tabu cum mexixiricos finnciais. Cum tribunal de haia pra pôr freio num pensonhamento decalcado do π ao cabaço. Pink Freud, ponduos pingos nos id's, dois pingos nos egos, duais egos nos superegos.

Punk.

Máscara um. Máscara dois. Máscara três. Máscara quatro.

Acima.

— Olhe ao seu redor, Tutty Comyn!

— Lembre e recorde, Kullykenga!

— Ao visitar Dun Leary Barroso tome um chá no clube da esquina.

—Lhe darei um erikrédito satiextra de les six réis se bocê tiver chá de bussita.

Nossos quatro avôgelistas.

E, como contar tristórias de tantas narrativivavias era demais, eles iam pro mateusgal e deixavam marcus no sêmentério e ficavam lucões e davam uma de joão-sem-bíblia. Sinóticos na palavra.

Até o Juca Chaves abir essa caixa de pundora.

Abaixo.

Como Jucaleão, o marrimeiro papai, quando desceu em seu barco bêbado fazendo pyrrha, içou um auguste contêiner e embarcou suas ordens e agarrou suas galindas e escovou suas plumagens, a clara dos anjos e a moreninha, a garota de ipanema e a do fogo morto, e, enviando-as uma à outra pra viagens na minha terra, ele contemplou o mar absoluto de diluvisões: a nebulosidade do sono ainda densa, os velhos talassocratas de impérios invinsíveis, mascarados do mundaquático, faceando um caminho prachar outro caminho e esse caminho mirando naquele caminho, multiplorientações dissuas quatro dimensões. Ondio relâmpagozo escorre da nuvenzinha carregada; onde frigidez por calidez jaz na languidez da noiva; as fronteiras donde todos os nossos corpos exilhados são condenátomos à prisão: nomear, isso é tudo. Mas veja o que se segue. Erros sobre erros entre incomputáveis sobre um incomutável (um anjo profetétum? reimensageiro da selva? o califa insistindo inseus bezerros? aquele unzinho dozóios diágua?) e os gêiseres borbulhando água que passarim num bébi atraweiss dos quais os behemoths de suas deus profundis profundeuzas sopravam bobocalúnias anonomomonte.

[367]

Armas.

Mantenha a retaguarda, por favor, pois não adianta nada voltar à corrida armamentista. Armas E foi escrito numa baita letra capital. Armas. Dizendo pra nunca enterromper fofocadores papais! Armas. E o que quer que acontecesse eles fuxicavam, os quatro linguarudos, que de forma alguma suncês deveriam trocar o sin pelo não. Armas.

Jamais roubassustá-los pelas costas causando medo. Não vá, trovagador, e buckleytor villa-lobos dar um chute no russeto giganteneral. Pra não varar a noite na taverna álcoordado jerusalendo por poucas horas sôbrias mercanarratologias, cheirandua pun de arqueologum, esse petite figum e um bellum rum de arraky no desjejum pra emporcalhar essa petite rosa no bumbum mas, porca la miserere, deixar quios cavalheiros pedestrerastas fora da culculporação Monabella vivam seu próprio viver à esquerda, cullebuone, por perperusuração das publicações publincestárias sem invoacordar osseus outrossins entre (*sic*) o arqueologum de arraky e (*suc*) o pun da boneky. E não ser pra não ser eternamente, lagosta e lagosto arborizando seus egos com um ponto de fuga mas nunca pra não ser escavador de arqueologírias agradavelmente, precisamente, rapidamente, rebustamente, ternamente, normalmente, preguiçosamente, hesitantemente, supostamente, primeiramente, um tantamente, sin ou não sin eis o senão em minha mente sôbrias exchistações traseiras. Nunca enfraqueamanhecer nos bordeis que servem enchupado. Nunca espionadormecer nos broquéis das pootas. E, acima de tottos, nunca comer os decânus azedos caso não cu metam nenhum pecado inseus consientes. E, quando finn annalmente no Kafkastelo, pra nunca, fofocair em tentação, cessar até quio final feliz seja consumado pela conclusão dos finalmentes.

E entonces dentro do quarto secreto da taverna Os donos do sabêcedário que sorvem cervejaxiomas comprovados os Provocam como o Justo tem de ofertar ao boxeador Uma surra de al quorúm na canecara da verdade.

K.C. te, eles tão lambuzados ateu pescoço no segredo. K.C. te, eles cão celteza são sábios. K.C. te, os xandes de pilares da justiça, poizencontrarão outro caído se a pipastúcia do vovô não subir. Willy Corrêa o Phantasiestückarpidor.

Há pra ver. Grande cara quadrada com a jaqueta atlas. Brilhantes, olhos achocolatados em sapatos schoenbregazulados. O Nariz à moda gogol maior que paol de anta por cima duma camisa lousiana. O Cabeleira ruiva ouriçada além dum

cinto de pentelhodecamelo. Nomeadamente. Gregorovitch, Leonocopolos, Tarpinacci e Duggel-duggel. E eles bizolhavam sem parar o atempo todo? Sim maizeles ezram pound pra toda obra. Andoravam as brincadeiras, aprofraudavam os estudos, deusvendam as histórias, fim total. Conexões? Apenas seaconchegou então e seaprochegou depois de ter percebevido uma noitzsche niilisturva

[368]

enquanto butt a feia & o urssinho tuff indignablavam palavras-chavosas e insignificanções mahlerdicentes de suas demandas de pianonanista. Y eles partiram pras splicanções desaplanantes? Aquele anfitrião que hospeda aquele unzinho in botecasa quando ritornella quando não fica cara a cara com ninguém nem mesmo zé ninguém na casa in que seu gesto recebebe hospedrinks. Cê pódi apostá que iansão êlis. E desempinaram o nariz.

Com todavia que suprassunção de compensação na radificação da interpretação pelos garotchauzinhos? Sendo eles. Mr. G. B. W. Ashburner, S. Bruno's Toboggan Drive, Mr. Faixgood, Bell-chimbers, Carolan Crescent, Mr. I. I. Chattaway, Hilly Gape, Poplar Park, Mr Q. P. Dieudonney, The View, Gazey Peer, Mr T. T. Erchdeakin, Multiple Lodge, Jiff Exby Rode, Mr. W. K. Ferris-Fender, Fert Fort, Woovil Doon Botham aos karls acrescenta-se o espião que bombeou a cervejescura que ligou o duto que esfriou a granulação que prokofievizinhava o podre que plagiriu o rimador que lambestia na stockhausidência que Joax Cage roubouleziou.

Elezouviram ou ouviram dizer ou ouviram dizer purescrito.

Fidelisat.

Que primeiro um rei roderick satie preste cantos à botecorte do hotel; e a vista daquele éden erum paudegalinheiro cuma camõesinha enluvada nele; últimos monnarks concebebem hõmis quandua varinha orgasmágica conquista muiéres: então cumé qui seria a fuxicanção, quem é u fio da potter, se ogum delesnós cumeçássi a atraespilhar a história?

Tantas agulhas pra apontar pra tantos ângulhos pra tontas companhias, eles balançando a pirocabeça nos pimpolhos *tutti o tempo*, decumanos numerados também, (a) bem, aquele pássaro secretário, mais conhecido como Pandoria Paullabucca, quieles achavam quiera mais como um procurador-geral, acreditou indiscriminadamente em meio a autorsugestões de Schelm o Pelman pra escrever palavras-algo aos Remetentes sobre sua cataporamada meninota, rachanduo bico

quio galinha do Poulenc seria a morte dela, (b) que, bem, que a Madges Tade o sabiá, a destinauditora do postulado, quando graniatonaliza seu diarmaidousado humor, é sempre sobre aquele quem que vai naquele aonde, esperando que Michaelis revele a carta cum chá cupital antes que seu efúmeral acabe com meia dúzia de goehtes pingaiados de paizausentes quistão sesseparando da mesma página pós-baderna do goumeral, sendo que olha por que e de onde sopram meteorologírias ajudando miguilim pra quio o finn annal da carta daquele líder possa fazer tempestade depois duma bonança cubital cuma esperonça diouvir

[369]

os mexericos logo, entendeu? (c) torta-se o carteiromem-cabra em questão, ou o kiss queer quia galinha fosse humildicionaricócórizar, não circentindo à altura de siscar bicando o quem quer queias bincadeiras Caneta Tinta e Popper signibicassem pra ele, emboruma vez atraweissado porum warmor profundo, perigo real de se foder na real, comuma fantaheresia dinfermeira de prersente pra suamante, divorceiou o par de frangoethes de Mather Caray, *ponte blanche*, e deslizespalhou suas correspondênsiujeiras comuo homem da cafalharia no Cobra Norato's Park pros cavalheirescritores nãoscidos, Jerry Adriani Trouvas ou Kevin O'Chris, qualquer velha colina e qualquer velha épica e quando perto da Queridix Sujis Dungblin, comentando cenicamente com femininelegante lassidão sobrio quiele finalmente pós-rabiscagou, (d) após todo o tempo passado até eu te agradecer purisso eu te devo no tempo presente um mulțumiri obrigado daqueles aguyjevete veritablement merci beaucoup por ti meter introduzido aos quatro, (e) será que será, que estes são são pra lembrar de ser são? (f) Ponto finamalucado! Aleteometria? Ou apenas zoot doon floon?

Desapareça na nutt, demiurgolho mágico! Onomatomania.

Butt. Top.

Vocês também tavam no mesmo barco de si mesmos, Horadenenênaná ou ficá Assonhadinho; e você recebebeu o mais diliskioso dos leikitinhos; que tudo fluiresceu em seus dunlearys drooplinenses: maizum goethejamento driblenencheu seu buracum. Ou seja, Kelly, Grimes, Phelan, Mollanny, O'Brien, MacAlister, Sealy, Coyle, Hynes-Joynes, Naylar-Traynor, Courcy de Courcy e Gilligan-Goll.

Domador de procavalgabilidades num botecavalo purossanguiazul! Que cabeça árabe que surpreende a todos saindo do carvalho rumpumblikano com, bem, não podemos dizer com quem parecemos através de seu retrato falhado atual? É de

Noggens que espana a poegíria diambozos lados dozassentos dos grandes sopapos-furados dos grandes amigos pantaneiros do baar do parlaar do maringaar do vikingaceiro Uíscãodinavo do sertão do celtão do afumado Ship-le-Zoyd.

Beyonsaiam jazz do bachteco! Issué sintontizador de polisignos. O garoto Sockerson. A bombear o fogo da lascívia naquelas filhalmas de poeteiros, molhanduobiconaspombocetas, atéquiêles tumbem no leitmortivo da guerre caso desnecessário. In quantum ezra tempo ele tava in fuga pra num lavar garrafas de cervejaculação abaixo da linha da podreza pros seus papas-anjo, o trítano do Cãopositor dó-hell-mi leva ao apocalipso now da saideira! Embarcanção desconstrubebida! Beyonsaiam logos do bar! Num quero-quero mais esfolar até o fígado as franguinhas clandestinas! Todos pra fora da botecanoa in dioração à Gargântua de Catolizod! Em procieressão, glutania dos

[370]

santarados. In nomini dei porter dei filler y dei espirituosos cachaçantos, ooomém ooomém!

Comus esses vitupetardos inseu corrassom ele strongulou suas codas vogais, sobrancelhazarbustivas, cabeçaprivilegiada, membrosilante, vacuum stomaccool, que das déix cucorejadas deste cuco tinha lavaduas botelhas num splish splash. Poizele islandezescutou pra lá das sagas ôndio hord perdeu as botas uma flauta transgressal. De que mareiráλφα? De Ω?

Obcecado ao verbivocovisualavar-se erum filhodavitória. Ele não arrulhou tão alto nem quanduera jovem. Ele não gralhava tal um stravinskanário desbicado nem quanduera grisalho Como rio que se separa do rimar.

Hóstia, ressuschiste-o! Ressuschiste-se, Hóstia! Do rimar! Longe do riomar!

Eleele. Eleele.

Apressadouvindo-o, himando-o, rerembrou de todozos brahms chupps, ellmann chipps, charffs ives, chuckinhas gonzagas e champaínhas chinezitas Que ele havia ministribuído no porto, pub, parque, puteiro e poleiro, Enquanto eles, ali, ozoutros, isto é, tavam mais emulosamente preochopados em chopturar azúltimas gotas de som whiskorrendo pelos seus puxa-sulcos de tagarelice. Antes que mendelssohn trancaissy o cinto de musicastidade. O quiele faria, metendo o π na portinha. Wislawa tuas mãos e quie'les six fodam.

Jahcques todazas regras duesporte são corretas Que a juventude bem dotada encante a noite Encanto a ezra passada é abandonada à reflexão do dia Quando o curso da palavrágua se aparta do idiomar.

O zumbido, tá a caosminho. Todozoscaosminhos levam à rima.

Fingool MacKishgmard Obesume Burroguês Boniface, Ele se curvava e depilava em recolcitrantamento à sobredireita E essas probenopublicações clamando poruma extentação em sua hotelaria pesada Com seu encarregado bombardeando seus ouvidomínios. Pachistência, sin ôs, brincaideiras, ela vai ruidar um tirambaço em qualqueroutro orelhugar.

Bocê tá aqui sob noturventos de adeus? Contrapontos contrapõem-se no caminhonda deles.

Da Dançarvoredado até a Matinta Pedreira Há curumins sem mentira que roubariam uma coroa Pra falosofar sobre seus sacos e fermentar suas bibidas Com a lexemágua apartada do ritmar.

Ao Lelongo de Awaindhoo é um riverão sussuarana fluindo a Rochelle Lane e liberdades quiaqueles menestréis de Mullinglauber tão cinemarchando, poruma estrada de terra em transe tonal, sob onde, empoleirado numa colina oca, aquele pobre homem de Lyones, o bom Dook Weltington Zé, huguenotenor dos

[371]

caosminhos errantextuais, foi badalanduo sino até as belles corcovadas e foi em cú ralado pelos camundongatiradores. Agora é a cidade noivamente, prefeitcho de Dublin. E é claro que coursse o alfaiatarado, tá bizoando a sua menina dozóio com ela: Quixote o Pança, cadiquê amamos cuma pose de poeta pacificado? Enquanto idiota ele atira na corda do capetaista. E todozeles derramaravaçaram pour Rá. Sem Tuppeter Sowyer buckleyjaculatirando, no engenheiral rouge, um bartalhador de boyné, ainda nostro water benjamin, às vezes frankliandando pra éstcha citadé, ao mesmo templo que alhogou-lhe um muisi'cais meia-bochiano subportador pra suas cervejarmas, Josiah Pipkin, Amos Love, Raoul Le Febber, Blaize Taboutot, Jeremy Yopp, Francist de Loomis, Hardy Smith e Sequin Pettit seguindo pelo confortável salão al nostru Café Béranger. Os cinegrafistutores.

Porquieles costumamavam sair pela porta dos bodesesperados antis quiazovelhas chapelizoldassem a frangalway pra historidesejar a Gilbwaburton Freyre Whiteliliaw Schwarcz Walshérgio B. de Holanda kaillykailly kellykekkle e rivoltar a

Sobradublin&mucambotecos de todozos florestons fernandublinenses nas labiosas margens de seu fausto prado showdoeste, riotornaram de noivo ao novo oeste caseiro, perto de Danesbury Common, e eles em soletos, duetos, tercetos, quartetousando depois de drenar quarenta baldes alí babados pela chuva diluvial (céu de giz, humptynundação dumptySCOANTE!) até caravelarem o vento forasteiro (a loucura passageiranimalessca!) todozas pedras no meio do caminho e todazas botas nas drummondestradas.

Hasta la vista babel! Vacuum deos!

Purúltimo ocê, celtanejo, prestissimo hospedreiro! Poruma anondação de mirificação e pela lutificação da nossa paludinação.

Seu oniricacete tá fragmentado, seu tambor tá dreamsconstruido. Pra ter ricouerdações guardaremos o chapéu quiele usava E enrolaremos em trevo sua argila Pelas trovadoreSCÁguas que se apartam das cantigas de mar-dizer.

Hray! Libertário cabra Mountone até Branda Nascente de Orvalho pelas clowredeiras e glowrias. São agora recebidos pelo ancestral de Arrigo Barnaby Fuinnninuinnigann prum arrepiante lanchamento pandemoníaco de sua burgalma penada. O Guarda Shanavan. Baterias Dorans Bradamretumbantes. E aquele ladrão assobiador, O'Ryne O'Rann. Com um toque da cummingastúcia dela e em nenhum lugar mais perspicaz.

Els quatro onciões tavam enviabsolutamente em seu barcorreio nas cartáguas turbuleTERS, tratando de. Esconder! Procurar! Esconder! Procurar! Poizo número um moravia em Hill Gandhi do North e tava tratando de. Esconder! Procurar! Esconder!

[372]

Procurar! E o número dois arqueologizou a Coorte dos Poobres, ao Sooul, tratando de. Esconder! Procurar! Esconder! Procurar! E número três ele dormiu com Lilly Tekkles Na Lancholeste e tava tratando de. Esconder! Procurar! Esconder! Procurar! E o último com a jeguembarcação à vela ele tava ancorado in falésias lindas de Moher a Chuveiroeste e todozeles tavam tratando de e misturando-sy às águarçonetes de, águarçonetes hoompsydoompsy de. Subir! Submergir! Subir! Submergir! Subibir! Subibimergir!

Ondas.

A tensão nas ganguescadas e a raiva aumentam Enquanto Dono do Bar levanta a lata e o copo Pra acelerar a barca do bugre Sôbrias literaturáguas apartadas do paradigmaz de tonalidadiz-que-me-diz.

Horkos chefestão eblinense!

— Ele revolucionou a forma de si vexamesmo, corcundescondendo aquela ovelha forma inseu casacabra. E por aglutinar tanto eshakespearou o príncipe McCreedy de Roger. Gerthruthrud. Uma horse, é uma horse, nosso reino poruma horse! As lãs de Bruni Lanno nas partespeludas de Brani Lonni. E pelo toco em seu tronco seria uma falta de bom sem som a questom daquela adega num musicomedouro de porkofievs. Pare com seu senso-botecomum. Dê uma canetada nele! Bocê phoderia pensar quiele era Dublinancestral glozando sua velhicentretenimento comuma divindad na apoesistadoria. Deblinidade devinida. Caçando todotodo pelo pairk numa missão mitorológica sempre que há guarda-chuvulvas! E chamando Rina Roner de Reinette Ronayne. Para o que minha resposta é um limón. Torto aradles, beatles e propagandistles o ouviram. Três pontos a um. Ericus Vericus corrompido em earwigovos de porcelanna. Arriba muchachopes, destilaria! Cervejavancemos à vitória! Leve-o até johnnie walker in proguinness no alambique do jameson. Gerando uma esposa que se tornou sua sobrinha ao cervejacular nela suas jovenscoesias dentro de pelancoisas. Foi quanduele magicambaleou de encantontura. Até que Gladstools do Sex Pistools o fez andar como carteiro. Graças za sua barba de hudibras. Lodenbroke o Vikingaceiro, agora ele pound see camuflar sob veerias personas maizé sempre aqueli parça reilly do Rorke! Em considerassom aos musichistas ele deveria baixar o tom pra isso. Parsse seus bochecheques sem fundo, cadiquê assustá ocê! Condenação, pour favô! Lá cê vai sabê cumé quio véio chico apartocou a balada daqueli nóçu parça o'reilly do vikingaço. Noizapenas istamus de pernas pro ar cantando o que quer que o satantango murmure a allaliliallulalelle ela sorve o espermistério de noizas cabezas. Isto não é o fim disto de forma alguma. Quando bocê sangra até ozossos

[373]

isso surge em sua carne. Pra dizer como seu leitmotiweiss é, fabricagado, é fabricagado de. Todozas velhaquices do velho Weslewis Safadão são dialguém carrolludibriando a cópia dialguém y é isso quio errante navegante do país das maravilhas exhibirá como troféu na feira. Um roteiro cinematograficurumim de fio-terra

in transe com petiscosmos de. Ahém. Vassunce vai ler amanhã, de manhã, quanduas cartas stepherem na mesa. Um olho porum zóio e um thrato porum throte. O auditor observa. Ainda bombando Torkenwhite Radlumps, Lencs. Nos prifácios do palinódio sugerido à esquerda de Anonymay obliviamente inspiaranhado poruma conexom suspeicial. Note as notas de admirassom! Veja os swingnais de suspeissom! Conte os três pontinhos&duas pontinhas&pinto final! Exclamachões maiusculosas e virgulinos inventados, chistações nunsense, forçadas à farsa! A pipeta dirá aquiles que for impreciso poruma mudança. E cê sabe o que diacho que significuma luva no dueleto de Mardrus! Menos ao freudalismo e ao culoticismo berromano, uma fuga barrocanária pro trovador e salvo, sento e costuro. E uma calça descomunal na tábua de passar de Doughertyrrica apontando pra paz em casa. Nalguns, lei e order no ardor duamor. Espere até ouvirmos o Menino do Bispo-papão cambaleando em torno do seu leitor postoral! Episteomologíras pra profundas dúblidas souljas. Enquanto fincamos deitados até o raiar do dia na caminha de basco da gama, Ó! Nossa ilha, Roma e obrincação! Boa tentativa, durango kid bengala! Bata dentro, bota! Venda a ele um contracto com brechas, o vendoror, o consumistadvogado! Um esconde, saco, rapidinho! Dois paus pra cima, Sortudo! Finn Marca Gol! Primeiro cê era Nomad, depoizocê era Namar, agora cê é Numah e logocê será Nomon. Hay consejos Ecclesiastes. Há toduma presunsom de nonsensia. O mininistro das ralações exterierroses tá prestes a apresentar seu dossiê. Darby tá no yardim, planejando tudo procê, tramas e fios, o descascador saussurreando atrás dos fofocozinheiros mexericozinhanduma informação. A descoberta dissua espécie! Um artista, sonhor! E cum perfume barato prum soberano um skeleton! Ele conhece o sertão do Finsbury Park de Divoções então é mais mió ucê cuidá dissua refutação regente. Oscarito tempestaWide tá cunilingüescrevendo novamente sobre garotões de bem virando selvagens. Cê sabe sobre quem foi escrito no Livro Laranja de Chapelizotsé-tung? Basil e os outros dois hõmis da Avenidência do Reizinho do Park. Basta pressionar esta marca fria contra sua sobrelha pra apara-lha. Caimdadosamente! O sin não da cruix. É isso. Hung Chung Eggo de falo agora fala ele dix numptywumpty topsawys no id'egoma pidgin. Coisas secretas quioutras pessoas colocam lá sem esconder. Comocê caiu de história em história como un caipintão de oreia na saga

da mentira. Enfilmando o Enfermito. No porque alegando ter metido um dedo num pudim y num quindim. E aqui stão as testemunhas. Na cola dely, Christian Grey! Ancore a bunda, Noordeece! E chute chute chute o chato pela casa que jucá construiu! Espere até quieles mandem ocê dormir, jangadeiro! Pelas cruces dos juradeus! Então a velha Hunphydunphyville será explodida em pundacinhos pelo jovem profeta que uma vez exploderia ter sido o que vassunsense foi. Ele seria o nosso escolhido na questão de Brittas mais do que Anarthur. Mas vamos acordar e ver. O todo empobrece as rilkezas de nossas centenas de masculinidades e feminilidades. Dois centos, dois milhão e duas miríhades. E todos nós somos caims de caça qui bocê enfrentará de camarote antes da décima segunda correção. Como um homem, claro. Entre todazas senhoritas Mountsackvilles inseus hemiciclos de meia-lua, masturbocetando-se ofegantes até morrerem de vergonha. Apenas segure firme até que aquele por quem bissextovulamos chegue ao orgasmauidiência! Hinterrogado nas câmeras, extra! Com Sua Excelência Superpacotudo no surubanco dos réus. Então gritaz tua culpa e beijaz a escuridura sagada. Sua fama ficará mais suja do que pound galinheiro coas Wake News. Avante! Um filho filha da puta crescendo e seu hermanozigóticantor lido pelos Sacerdotes Nazistas. Us cê lutou como se eles nunca fossem álcoordar, nênão, jão grilo? Isso vai earwickestourar seuzouvidos, isso vai álcoontecer! Quanduo caceterário público coça é a crioncinha quientrega o pai ao tribunal. Bom procê, Richmond Rovers! Toca a bola, vosmichê é do nosso time! Deixe-o tomar outra bola entre as pernas. Um grande jogo! Dalymount é decisivo. Don Giouvannador Buckley tá na mó Tara nas Tribunas, shotando as entranhas dum Jhanaral Rhutian e a pequeniña Sra. Ex-Maria-chuteira-do-Papai tá subornanduos vendedores de meia-entrada pra rezarem por seu viúvo insua derrota mais vexatória. Bocê tá com ela, deus do football, a bola vai rolá com matrimonianimação até o juiz apitá o finn annal! Você com seu martelo e bigorna roubados, Magnes, e ela sob nuvens de roupas noncircenses da Doce&Gabanuvem. Funnmuccul com um grânia amor velhado. Num bate-boylam por baixo dos pânus com toque de escravidão. Exatamente comuela stava quanduo lenhador do clube das molières que coletava chapelizoldinhas a espiou fazendo gangorra numa samambaia. Tão nuvinha, disse ele, uma goethinha de orvalho. Entre Furr-y-Benn e Ferr-y-Bree. Nesta lágrima Wicklowniana quiele amamou. O ri(s)oma eterno. Se cê mi atrair mi pague di jeito, praguinha! Um alfaiate costuraria as pregas do seu cusaco adapintando a qualquer forma qui visse.

Enderessaber falhacioso das roupas femininas. A maravilha das mulheres do mundo unidas, santa deusa! E a maizadorável

[375]

Lima desde Ineen MacCormick MacCoort MacConn O’Puckins MacKundred. Só que ela tá mais larga que cintura de sapo. Quadrado-de-oitíque-se. Você não vai tirar uma dama numa limusine pra colocar num fusquinha. Tenha atencioso até ouvir o sotaque Mudquirt. IstoÉ umas horesias babelgas, istoÉ indulgências valonas, istoÉ um flamengo. Tik. Escapulários, terços e um toco numa vela, Hubert é um Caçador, *chemins de la croixes* e o ovo de Rosairette, todazas flowerzias tiradas d’arvore quiela colheu depois do waterloougar de fala de Clontarf quando Edna O’Bryan MacBoru martelou Margot Norris Quebra-nozis. Quebrando seu cocoruto êntrios jjoelhos. Umpufthumpaft, Sin Ôzinho do Hotel, é na quarta-farra qui sua fia vai casá! Cachaçada no Dolphin! Clube da madrugada no Gresham! E o Hímen’s Hotel Real aguentando firme as cacetadas pou bum pimba na recepção! Sagrado e giambattista visco. Vancê divia é tomá uma fofocaipirinha de fruta. Jik. De maçã. Bocê tá schoenbergordando, uns doze stones mais schoenbergordo, dodecificando uns doze stones mais schoenbergordo, em seu corpus entis e essas musicurvas te caem bem, maldiatonalista! Tia tão sã quanto Tio lansã speak iorubê-a-bá. Mas iwocê não deve perder Nichtia que partiu pro Neffin do umbundo desde quiela lançou seu encanto sobrinhele em Gormaareen. No Tiro ao Álvaro do Caça-Puteiro. A fuxicoceira tá no sangue da ɔmɔbinrin, arrah! Prum sardentão frescão de doces palavras-trovão. E ele mostra como vai arrombar o cinto de castidade dissua cunhã from ipanema. Beijazz! Beijazz! Beijazz! E um bom pulo, Baden Powell! Limpe todazas suas cabeças. Powellderíamos beijazz-lo porisso, noé mesmo, Huggins? Fênix Sparkes tem o cinematagal ideal pra aplicatuar na bossa de valores. Cabeça-escaldante, persiga! Antes docê álcoonchegar seu pênix no topo da bétula maizuma veix depois dos três golpes do tempo, beba e fuja. Os mesmos três que cuidaram docê, Rocha, Badbols of muzică e o Grey Matogrosso. Todo o seu clube particular também. Com o punhado de frutazenterradas o massus podreria tialimentar na vida e na morte. Compre farelo de biscoito e tu nuncas falatirás cachorradas. E saiba quié junto dos bão qui noix fica mió. Genealogire a Moral e Corteocordãoumbilingual de Walker e Role o Barril. Com Longo desvio da mentira. Safe-se do truque e Fabercastele-se do sotaque. Clã do Ricardão pra sempre! O Fenn, o Fenn, o rei de todos Fenns! Surdo aos ventos

quando for Croonacreena. Xiulêncio! E num é agora dizem como noix tamo onde quem tá suavizano o que tá por vir. Virgem Alegria proibalançou o berço! Mas comueles nunca comero o qorpus de christie eles tão comeno agora. Com saudoções

[376]

de páscoa. Angus! Angus! Angus! O chavoso guardião das chaves das sete portas do oniriquarto na casa da família de Hecech dizkissmidiz. O quark cê qué, o ki mais ki cê qué? Jimmy, Renda-se! Mawgraw! Cabeça de Helikopter-Streichquartett, peito de chopingnon, olho de ema! O kiki ocê faria siele tamém fizesse. O noivo tá na mata, engatliglhando a sua. Pistola! Esse cara tem o estilo certo pro. Bate-bola de Lannigan! Agoruma capitaneada pela marola do mar! O Choque da Guerra-quente. Num se aperreie cunsua corcunda. Coloque sua gravata-forca e amarrium saco na cabeça cum laço matrimonial. Ninguém vai cunhecê o cê ou prestá atenção nocê, Póstumo, se ocê dançá o rodo-vira por traz do dedodedeus e tomá a frente como quem num queer nada pra mendigarum dos ternos de marinheiro do barbeiro de virilha. Três trêspadas rapidinhas cas trêspadeiras em traje de nove. Vâmu nos separá pra verocê de camisinha impermeágil. Uma asa de águia pro velho bom jovem Wesley Safo Andão! Bem cuspidos, avezinha peidorreira! Agora piem pro peão xeque-matar a torre do bispo! Moova. Lá tá a Murcha Nupcial do Pênix Mendelssohn desarmonizando na lua-de-mahler. Toca raul pra noix *Charles Evas no Jardim do Adam!* O intersemioticasamento finniciatonal da poesia com a música. Sentindo a tensão? Bocê tá tão apertadinha quanto Tippet quando o nó borrameuanus é entrelaçado. Agora é o seu nunca! Peena e Queena tão duetando risinho-por-risinho e a noivinha Alannah tá mais perdida que Adão em dia das mães insua boda de diamantes. Que gesto magnífico você nos exhibirá neste galindo dia. Limpo e facinho, seja o golgolboy do time! Y um jograldor livre pra tomar um coaxar de cadeira no banco dos réuservas. O Pombo tá disposto a dar um driblenense nisso. O Corvo também. E, no galope, aqui tá o carro funerário e quatro cavalos com os crucificcionários interprovinciais lançando dados bem adentro pra saber quem será que será seu afilhado e enquanto issy dão a notícia pra mãinhã. Como nosso de maistre oniriconstrutor sonecometeu um deslizbsen. E quem vai apostar anão ser ou não ser ele será Shonny Bhoy, o lampião deleuzes do Pós-postalismo e todosos escavassons sobconscientes dele sombreados na pele da alma. Sua assonhatura, o troca-trocadilho duma pirocanela. Nup. Trocando de roupa, na frente dos quatro. E agradecendo o peixenákis, no âmagos deles. Pra

passar a graça pelo amor de Olóðùmarè! Amóm. Sin Ô Justiciano Matthews e Sin Ô Justiciano Marks e Sin Ô Justiciano Luk de Luc e Sin Ô Justiniano Johnston&Johnson. E o asgard, veja, atrás! Help, help, hurray! All chope, All chupe! Quatro gooles a zero! Cortem isso, amigooleiros, pareçam sonhadorespertos! Eles têm um encontro cuma piscina. Dang! Ding! Dong! Dung! Mergulhar. Nué o máximo quiele teja remelexendo acima de noix pro seu bem

[377]

e pro nosso. Avoem inseus zepelins, gennis e gennises! Ele tá mortinho da silva! E Anna da Lapada tá lívia lévia e sôltia! Maizumas. Poderíamos te comer, por nozas Bochiannas, e nozembedarmos de ti chopando ateu o talo, de boa na lagoa na selvagem ausência de piadade. Um karnal, uma hóstia com sangrada até quia hulmanidados chegui evurdyburdy. Huh o thromasmann! Huh o traidor. Huh o verdadeiro. Cão celteza, elié o mãonarca de Arrálândia pralém do limite do sentido ele horrhorizou seu nome trovando um trovão. Rrrwwwkkkrrr! E vi-o rubrorescer em fogaz metamorfusessência no mercado de poetaria. P.R.C.R.L.L. Parça O’Royloy. Do rattilar rollorrizomágico. O imoralazuladocondutordofinneganówtrenzinhoniricaipira! O inominável dezirlandesdessangue kersse torna um Greenlandês da noitzsche pro dia! Mas tamo escavano superstitutas dos sítios arqueológicostelas dele. Mark registrada, Easterling. Assinado, Soideric O’Cunnuc, Rix. wordem Adversada, Vontadedimpotência, A vacopenhague foi pro brejo. Há uma grande corversão, pombas! Couscous! Encontre seu causcaus em ilhéus! De Motocadomatusalém acelerando por Boylam no telhado e Leitmotivacas e DigerindoCageStraussgado até o rodoanel do businessbelungo do dia a dia? Ele inda tá alumando lá, por Mike! Luciferantes! Crendeuspai! Crede intua escrita! Crendeuspound! Até que seja a hora certa. Crendeuspowers! Partick Thistle versus Corinthians versículos Crystal Palace reversus Walsall! Putscha vida! Pra ser mais franco quio moretti o medo da mort vem do medo da vidscha! A peste bolônica acabará logo, ratos! Liberei o pecar! Tons sobre tons! Tutti kikeremos é conquistar a paz pela posse. Nosotros num intendemos patavinas por kekiocê atrevidisse isso por volta das treze pras onze, sinhô, repita com carinho! Ou nos conduza sozinhos de sua lalinguarganta, parsonificador propositor de nossas idoletradas pluralvras endeuseweissadas! Shaw e Shea tão aprendendo ibsen intão faz seus corre, vozão, e gorgoleja-me um ejaculassom. Você não pode se impor na bataille de rimas como noises. Cada balde aqui despeja a sua própria

graxinha. Hay coersom em todosos sentidos! E foneticaçoe das leis da Grimmática! Mas noizé duma liga gayélica goethejante in kini sempre linguisticabe maizum. No caosmeço era o verburaco, no meio de campos era a augusta dança dos sons e deuspois dilso iwocê ritornela aos inconscientequivocábulos novamente, ▼I▼▲▼▲LS▲ dos versos. Vossa mercê irlandesliza com sotaque de falhante tupi-guattari encanto in nostras almángakuéras noix hospeda uma habla obstrata. Silêncio em pensonhamento! Parle! Use anarco-artístico nonsense fora da gramaticasinha! Pápá, uouou! Merrymórias do dodecassonho, que pãozão! Essa foi boa, ha! Portanto será um baita material o que ainda *Pode* ser revelado pra você, velho *Potente*, quando fingir ser o não ser pra tocar o badalo dum primogenitom no Despertar. Ha ha! Fale sobre o eco de

[378]

Paddy Blake! Kicknuck, Catelo Knock! Filha da Puc! E você há de cheirososa-lo, Oh, você há de cheirososa-lo, sem falhavras de advertência da nossa parte. Não sabemos o quem é o quem é o remetente. Maizocê descobrirá quio Galindogalinžiček tá molhano o Biscoito no leitmov com Cachorro-Kant e Cat-Chopin cuecantando em duetos e a Procissão dos Garanhões Prefeitos seencoxando sob azárvores. Pare. Prensa pare. Pra pensar pare. Todos prensando pare. E seja o que parecer o falar sobre idiomangueiras hesidrantes, eça palavra com certeza é sullibrada! Bing bong! Saxofonestelhionato, poizos congestionamentos são o campo de caça dos saldados. Queiroz subir o seu zíper, remende o buraco branco! Qualquerum pode ver que você é filho dum pelotão. Ajude-o também, Carlow! Ao verme vencido a machadada, sim, e ao vencedor a chopada! Pense na Muralha de Adriano e na Queda de Troy Story. Dê a ele outra chance pra valhallacertar o goal! Suas epifanias ainda não seesvaíram, o liverpool pra toda obra! Boohoohoo isso pra foora! Com sete álcoolpanhantes sempre na casa das tia anti-edipensando proesias&coesias, sua cabeçoscilante é a cúpula dissuas buscas silenchiosas. Duas Idas zóiuda, duas Evas zôreiuda, duas Narinas Pinóquias e um Boccaccio de Angelina Jolie. Seth buracos! Naum causa espanto, punheteiros e siririqueiras, quio pynchon do bode boy feda a álcool-íris da gravidade. Certa noite na cama ele têvium delirilusão de que todas eram rainhas querendo dar pra ele. Caiu de pound duro. Oh, oh, oh, oh, ah, he, he! Abedica-te de ti. Isso apenas estimula nossa cabra. Ele será a surda morte de todos nós, o pappaépopp&comecriancinha, simba de uma nota cega do timoneiro da balsa-nova.

Sim, surdo, papai, se o senhor tiver fé, há de ter piedadereção cum nossa irmãzinha! O que esperamos ser no futuro? Cadiquê estamos vindo do passado? Não é da sua conta, galo frígido! Você mantém aquela galinha ciscando e os quarentaquilowatts do brilho do seu olhar mirando pra boutique dela. Poderíamos usar lentes de rubi. Maizapesar de todozos seus lucros envie-nos suas cervejas boas pra cachorro e você não será tão chato assim. O centeio é bom pra quem é holdencaulfieldesmiolado maizo trigo é intrigantemente van goghadorável. BENK! Nós acreditamuz do fundo do coração quia Sinhá cas criança da doce Gorteen City não tenha BINK a título mínimo de assedialeto transgressivo no BUNK do park e nós grociosamente auguramos à Majestade o Sabiá um BENKBANKBONK pra dormir com todozos tipos de adceterus e adcetaras. É a nossa última luta, Meganticoticonofubá, temo que você se vá! O juiz cronomeçou a apitar os passes de boylam prapassaro tempo. Lá se vão as mollyeres guardanduo luto de branco, fazendo carão, purgadas! Use o dedo direito, Armitage! Tem Botecorrupção em Tammany Hall. Fomos levados pela politicorrenteza. Pralém das ribeiras e fronteiras. Então vamos deixar isso pra Schoenbergaramis, D'Artagnalban Berg e Athos Webern, os três musisqueiteiros,

[379]

ao final desta época que recebeu de Cathy Berberian as Variações da sequenza III que recebeu de Cathy Berberian as Variações do thema in omaggio a joyce pros bonnefácios de Brancrisantempo e Roçzeiral da Aquasancta Liffey Patroa pra mezzo-soprar e cantar tutti o qui álcoonteceu dipois disso pra Majestade KaKaKarlos Gomes na Mansão Mullinguarnieri.

Então bocês tavam musicoversando, berios ragazzi? De qualquer forma ele quêoquêoquê?

Então de qualquer forma, ritornelordes e politicompositores da música de câmara dozincomuns, dipois disso pra encerrar aquele livrãodaporra no dia de ação de graça infinita na Alphavella-de-Glenfinnishk, o aniversário dissua primeira cromaticomunhão na stockhause de deus, dipois quios mesmos mil pratôs de churrasco acabaram o pobre e velho pamonha hospitaleiro e esquizovoanalista, o Rei Roderick O'Connor, o polemarco quié o schaeffer supremo e o último rei pré-elétrico da Irlanda, que era o que quer que fosse que você mesmo dissesse entre cinquenta e tontos e cinquenta e santos anos de idade concrètados na época apóiza assim chamada última ceia quiele rabelaisianamente deu insua opaca musicasa das cem garrafas com a torre do

emissor de rádio e seus hangares, chaminés e eqüílinos ou, pelo menos, ele não era realmente o então último rei de toda a Irlanda naquele tempo de então pela boa risão de quiele ainda era o então próprio rei eminente de toda a Irlanda depois do último rei proeminente de toda a Irlanda, o outrora velho brincalhão quio precedeu no top da dinastia Taharan, o Kingaceiro Arthur MacMurrough Kavanagh das legiões encouraçadas, atualmente de partes desconhecidas, (Deus guarde sua alma generosa de satierikompositor!) que colocou uma galinha hometeliana na panela do pobre homem antes quiele aplicasse sua injeção no eczema lacrimoso além do berlioz e do mahler até quiele sinfiou debaixo do cobertor de grama sobre nós, no entanto, era o ânus da escassez do açúcar, e nós a fazer barber e cabelo e bigode dele, como um careca emergindo flutuante e ele próprio rebaixado a três vacas que eram carne e bebida e cachorras e roupa lavada pra ele, é um bom leitmotivo que temos pra lembrar disso, passando por verões kamasutrabafados por neve e granizo com a cabra vadia da viúva Nolan e as vacas das meninas Brownes de qualquer maneira, espere até eu lhe contar, o que ele fez, pobre velho Roderick O'Cornnor Rex, o auspicioso monarca à prova d'água de toda a Irlanda, quanduele se viu sozinho insua grande velha onanismansão depois de todos terem ido embora prusseus castelos de

[380]

lama, ruminando como melhor puderam, a pé de marcha à Rá, devido à ausência da égua do McCarthy, em ordem estendida, o comprimento duma árvore a partir do ponto mais longo, descendo pelo desleuzamento ziguezaguerrante da terra pra metida no caminho da falhacidade nos platôs da cerebrada Hauburnia, os zés-ninguéns Parthalonianos com os bolorentos Firbolgs e os desmiolados Tuatha Dé Danann e os forrest gumps de Clane e todudo resto dos nãotantos pros quais ele pouco se lixava de forma que deu uma cusparada real de sua ostensiva boca sobre, bem, o que você supunheta quiele feix, senhor, mas, faix, ele simplesmente saiu batenduos calcanhares nas vinhas da ira e estourou as rolhas afundando n'altura dos joelhos rondando o seu direito real de encher a cara na festiva tábola redonda, cusseu velho chapéu Roderick Random abaixado nele hipocratesmente a la Lanty Leary e a camisa de Mike Brady e o napoleônicolarinho de linho Verdi e suas cadavericalças de Ghenter comua ghenter e seu balancê de Macclesfield e seus Reillys do ready-made e seu poncho panprestuberiano, o corpo de que bocê teria dó porele, o jeito quio mundo é, pobre dele, o coração de Midleinster e o senhor supereminente de todozeles, oprimido

comueitava pela sombra da ruína como um peixesponja fora d'água, alocucionando em bellcantos prassua própria sociedade oliveiriana *As Sonhatas de Adão e Ives* de MacGuiney e tocandum bélo bartók solo com diversidados linguisticados por maias dissuas velhas lágrimas e seu soultaque arrastado, compassado pelo mais majestoso dozarrotos, como um cantor mela-cueca do Castelo Rá-Tim-Bloom que canta a ária Clare Enigme, a balada do pássaronegro *Ivels el terríveis erráveis pra morrer todue die devido a um die pra alá de terríveis*, bem, o quiquiele foi e fez afinal, Sua Mais Exuberrante Majestade o Kingaceito Roderick O'Connor mas, arrah maldito sonjunssom adversativocalizado, ele finalizou baixanduo tom cansua garganta de veludo com a maravilhosa cervejaveidez da meia-noite que tomava canto dele, tão intensa quanto mostarda, ele não cachaçabia dizer o que fazia, quio incomodava da cabeça ao cu, e, desejandojandojando, deixa pra lá, o quios irlandeses, garotomokunrins, phodessem fazer, a não ser quiele, zanzasse tipo bêbaduequilibrista sessegurandoprãodarotroço e daruma chopada, com celteza, como um Troiano, nalguns casos partiejaculares com a ajuda de sua venerada língua, qualquer que fosse a porra da bebida, sorvo muito, foi deixado pelos preguiçosos uíscavaleiros do malte e ordens medievodcas nos diferentes estoques dos vários utensílios diferentes de bebida abandonados aos deus dadá deles sob a premissa de que todaquela família tem barrica de chopin, as honradas almas penadas frequentadoras do lar doce bar e outros

[381]

suburbanos ilegraais, como eram, caem e caem poraí, ao brandir dissua vida encantada, queimandua rosca porsseus rostinhozangelicais, não importa se eruma Guinness engarrafada no chateau ou cerveja caracu do Phoenix ou John Jameson e Sons ou Roob Coccola ou, por falar nisso, A famosa cerveja envelhecida O'Connell de Dublin qui o atraía comu o inferno, mais du qui óleo de linguado ou chá dus jesuítas, comuma waternativa, de várias quantidades e qualidades totalizando no todo, devo dizer, consideravelmente mais du quia melhor parte duma dose ou medida de imperial stout seca e líquida, até qui noix cervejamos bem-vindos aqui, até a insurreição do dia, até aquela galinha do MC'Kevin mostrar seus filosofos com francisbacon, e a Janelizod macular nossazistórias coldloridas e o Padre MacMichael usar o agá de agásmo do pirocarimbo na missa do galo e o Leviabumbumtâtã da Carta ser visto, vendido e entregue e tudo estar pronto pra reinichiar apóizo silêncio, como

seuzancestrais até hoje depois dele (pra quias benções disseus deuses todobeberosos possam embebedatendê-los nóise oramos!), sobreopõe-se ao rapaz acovardado no canto e ante os vários lances do escadolhar velado caterinando, aquele enfeite de seu álbum e folcloricantepassado de familiares, ele caiu de buddha num pash de magicrash num tipo de acomodação e tentou não perder o comosso do beatbox maximaliszt, ao posso que intão, cooulooulcooul-se à vanguaraldacostura de enseadagasalhos e embarcalções, empunhando a língua afiada, partindo sem a fiarada, Larry tá na patrulha e Feagh MacHugh O'Byrne tá no comando, um pra fazer e outro pra ousar, par a par, um par perfeito, sempre aqui e ali, com seus fás os sols os dós na sanha de suas façanhas e a sensação funnegante no ressuchistar de seuzouvidos nosso earwickenólogo da Cervinharia ele simplesmente caiu no trono.

Assim navegou a fortississima embarcassom *Nancy Hands*. Do Liff pra longe. Pra Noitelândia. Como quem vem ritornela. Adeus, ardeu! Goodbarco, goodbye!

Agora siga-nos chop a Luis Dazestrelas!

IV

— *Três quarks pra Muster Mark!*

Claro quiele não é tão bello quantum bartok

E com celteza o que quer que ele tenha está além mark.

Mas Oh, Todo-poderoso Gaviãodainfiel, não seria um céu de passaristravinsk

Pra ver aquele velho urubu-rei gritando poruma camisa black

E rondando a caça pra melar a calça perto de Palmerston Park?

Hohohoho, sujismundo e freudido Mark!

Você é o galo mais velho que já caiu diuma arca de Noék

E se acha o cocoricoock do balacobak.

Galinhas, sisquem! Tristan é o espermadousado slajovem galinzizék

Que vai pisá-la e desposá-la e levá-la pra cama e assá-la na pepék

Sem jamais piscar o rabo ou moveruma penak

E é assim quiaquele agá sem é vai fazer seu dinheiro e deixar sua mark!

Cabe'som alto, confusos cantares de pica-pound. Essa música cantavam os cisnes. Os alados. Albatroz, gaivota, maçarico-real e tarambola, francelho e tetraz. Todas as aves do amar cantarolaram audaciosamente quando saboreolharam o beijão de lalíngua de Trustan com Usolde.

E lá estavam eles também, no escurinho, enquanto os bárbaros vicongs circulavam, como a nau vagarosa, os ventos tão leves, içando os destinos, o iemarjá revoltado, por cortesia do Sr. Deaubaleau Downbellow Kaempersally, escutando, o mais que

podiam, em Dubbeldorp, as trevas, pelo desafio das cataratas, com suas quedas barulhentas e a kemin'ho da jocosa finn land (só um

[383]

quarto didolar por cabeça prozúltimos atos) pros sólons e os sycamores e os patos selvagens e os pelicanos e os migra'atores e os tordos cantores e os auspícios e todazas aves do rúgbichoso-futebolceânico mar, todosos quatro, suspirando fundo e soluçando, e ouvindo. Mar Moyle canta amor te!

Eles eram os quatro grandes, os quatro maestros ondarilhos de Erin, ouvintes absolutos, quatro. Havia o velho Matt Gregory e além do velho Matt também tinha o velho Marcus Lyons, as quatro ondas, e em alta frequência costumavam declamar graças juntos, em alto e bom são, morte&vida, Na Praça dos Milagres: aqui agora somos nós quatro: o velho Matt Gregory e o velho Marcus e o velho Luke Tarpey: nós quatro e claro, graças a Deus, não havia mais de nós: e, agora asseguro, que não iria esquecer e deixar de fora o outro companheiro e o velho Johnny MacDougall: os quatro nós e não mais de nós e então agora passa o peixe pelo amor de Cristo, Amém: a maneira como costumavam dizer sua graça antes dos peixes, repetindo-se, deuspois dos interíns de Augsburg pra auld lang syne. E então lá estavam eles, com mãos empunhadas, como os proclamadores da repubública, torcendo azorelhas, aocéulirando e ouvindo ozoceanos de beijos, com ozolhinhos brilhando, todosos quatro, quando ele beijava e acariciava e abraçava sua deliciosa coelhinha the colleen bawn e florbelle és punk, uma oscar wiildhermana, no sol fá de quinze polegadas, atrás da cama do parnellroso chefão, o herói, campeão dos gaélicos, o mais especial de sua escolha, o olhazulideal pra amasiar diuma garota, nem baranga nem bonita, significando quase tudo pra ela então, com sua destreza sinistra, iluminado e ruidoso, vicemversem sobre rúgbi e a saci etiams, atacando e defendendo, impedido e na linha de fundo, o esquentadinho botava pra foder, invejado e caçado, que era palpavelmente errado e balbuciantemente impróprio, e enlaçando-a e beijando-a, tout-à-fait charmante, em seu traje de madonna azul, com um vestido de rede, esbanjando ouro, Isolamisola, e saussurre'ando e cochichando sobre Trisolanisans, um sádico mais um dá pra dois e dois lábios mais um derridá três, e dissimulando-se, com seu beijo como Arrah-na-pogue, a querida festa anual, todosos

quatro lembrionaram quem fez o mundo e como naquela época fuxicavam no orelha vulgar

[384]

mordiscando e brincando com ela, depois dium banquete de ostras no the Cullen's bar, sob sua flor de lizt e beijando e ouvindo, nos bons e velhos tempos de Dion Boucicault, o velho, em Arrah-na-pogue, no outro mundo da passagem da chave do Two-tongue Common, com Nush, o portador da palavra, e com Mesh, o cortador de canaã, em um dos eras passargadas, séculos obscurhórus quando quem fez o mundo, quando conheceram O'Clery, o homem da porta, quando todosos quatro eram colegiados em nós, lacanlizados perto da Holandaomé e da Norugerra, whiteboys e oakboys, peep of tim boys e rebelados meninos dilacerados, caosando o inferno enquanto o pecado brilhava, com suas lousas e lancheirinhas, tocando fábulas de Florian e sucção comuniplicativas e fricções do velho karl com membros marximalistas, nas faculdades Ultonianas da Rainha, junto a outro camarada, um número primo, Totius Quotius, e pagando um pote de tributos a Boris O'Brien, o mordomo de Clumphthump, dois pães amados, dois giros dados mais (uma) coroa, pra ver o cachorro louco comer seus órgãos vitais. Woolf! Woolf! E caindo de língua na cobra. Ah ho! As senhoras têm merci bocões! Isso trouxe as queridas cenas pré-históricas de volta, tão frescas quanto antes, Matt e Marcus, amantes naturais da natureza, em todosos seus movimentos e sentidos, e depois disso agora lá estava ele, aquela boca de mandíbulas, adorador da beleza plura, e seu Arrahsta-pé-na-poghue, quanduela murmurante, depois diuma tossinha à francesa, deu sua firme ordem, sim ele não simportasse, pruma cantata pruma esperança dodecafônica dos melhores líricos nacionais florescentes em Love'ilicit, embora não munch gritante, refletindo sobre a suite'ação, bebendo as correntes do mais puro ar sereno e deleitando-se noitável ao ar livre, diante dos quatro, no belo finn de noite, enquanto as estrelas brilhavam intensamente, pela hermafreud'ta luz do lua, ansiávamos nozunir em conchinha, antes de seu tear mel lá cueca, as consequências da álcoolzação sendo o quê da questão haventada no todo, uma senten'sade tão chocante e escandalosa e agora, graças a Deus, não havia mais deles e ele beijando e beijando como o Forasteiro socando sua encrustada enxada e o Alfaiate Tilly Trombou num Mahlernheiro no Artic News noticeiando numerosas Dragscãees e lá

estavam eles, quatro mestres do rirkkk in roll, ouvindo, o afundamento do Ossian azulescuro de Rolando roll, (Lady, eruma gaga linda demais, aquela despesa dium

[385]

tom adorável, embelezada pelos encantos da arte e muito bem conduzida e educada e todosos rudes ruídos horríveis trancados num cubículo nojento!) tão cansados como estavam, os três alegres bêbados, babando, todosos quatro, os velhos cônjuges do mar, whiskreversando iâmbicos com seu velho pantômetro, em decassílapatos, Lukan e Johnny MacDougall e todos desejando nonada em todas as eras passadas, os bons tempos e os tempos ruins e os humpty tempos e os dumpty tempos, porum cálice de guinnessvolência ainda, por quatro copos transbordando sucorgasmo de mulher, com eles, todosos quatro, oi vindo e torcendo azorelhas para o milênio e todazas suas bocas fazendo água.

Johnny. Ah bom, claro, esse é o caminho (up) e aconteceu que lá stava o pobre Matt Gregory (up), seu pater familias, e (up) ozoutros e agora realmente e (up) verdadeiramente elezeram quatro queridos velhinhos travestis e realmente pareciam terrivelmente belos e tão nonsensuais e resputáveis e depois disso usavam óculos fundo-de-garrafa pra oticanalizar todazas profundezas e sua meia cartola, mais concretamente agora como o velho Marquus de Powerreschaeffer, o velho déspota determinado, (*quiescentes em brage!*) só para a extrusão de água salgada ou o leilão alí do mont, em frente à praça perto de O'Clery's, no darkaminho de swan, junto à antiga rua da Dame, onde está a estátua da Sra. Dana O'Connell, prosti'tuatha que dá nos fundos do Trinity College, que organiza todosos leilões das valiosas universidartas. Bootersbay Sisters, como a leiloeira Battersby Sisters, as criadoras promíscuas, que leiloam todazas estátuas emancipadas e coroas de louros, James H. Tickell, o papee gaio, de Hoggin Green, depois de construir os séculos, indo para o espetacaudal show de cavalos, antes da inundação anglo normanda, junto com outro companheiro, ativo e parsifal, e os engrachats e os celtanejos e plebeus e os barrancos e os freuds capuchinos, Jules, cada um, Cotopoxy, com os joelhos neles, pisoteando as linhas de fissura e fratura, sete cinco três potenciados, três cinco setes divididos, pra sair de seu caminho, porquanto suas condições climáticas não pocotóderiam ter sido melhoradas, (louvores a seese pererê!) como popocatepetl,

em erupção ao rondó de sua Jud Fuji Yama, e todosos cavalos tercentenários e curas-cazadores,

[386]

de Curragh, e confusionários e as autoridades, ladrões de gado Noord Amrikaannus e Suid Afericanus (é o que dizem) por toda parte com uma tiara de il fuoco, em seu chapéu cowboy cinza e seu colar âmbar e seu arreio carmesim e seu jibão de couro e sua lanosa camisa de segunda mão e seu cinturão romerocabrito e seus galáticos óculos parapelagianos (comé que bocê tá, papee gaio, Elevato!) pra descobrir todazas faculdades impróprias (e como bocê tá, Sr. Dame James? Saia do meu cuminho!), barbifurcado e dentiazulado e barrigudo e desossado, de Strathclyde e Aylesbury e Northumberland Anglesey, todosos yahoogantes reis apostadores e todosos potentes cavalos de corrida. Maizagora, falando de armênios é mais e vulcanologia e como nossa ilha marítima veio à existência, (o explorador, suas três andesites e as duas pantellerias) que me lembra os manaus'teriums do pobre Marcuse de Lyons e do pobre Johnny, o patrício, e o que você acha de quatro de nós e lá stavam eles agora, ouvindo afinnadamente, os quatro viúvos da salmora, e tudo o quieles podiam rememorar, há muito muito templo nos passados épicos de Momonian, lançando sombrias horas de angústia, o dia do pr'incesto, quando Fair Margrate esperava o Som'eco William, e Lally na chuva, com as impressões blancas, agora extinto, após o naufrágio da Wark in progress de Nóis é, o barman suspapirou, quando mi core'som não care'chia de cuidados, e depois dilso houve o desembarque oficial de Lady Jazzles Casaemata, nú anús dú dilúvio 1132 S.O.S., e do batismo da Rainha Battersby, a Quarta Buzzersbee, diacordo com Sua Graça o bispo Sênior, baleia fora de forma, e então aconteceu o afogamento do Faraófeiro e todosos seus sóisdados e todos eles foram completamente afogados no mar, no mar vermelhoxodo, e em seguida o pobre Markin Cornongwham, o oficial que saiu do castelo na pensão, quanduele foi completamente afogado Nazilhas Erin, naquela época, suir sabe, no mar vermelho e um jornaluto mitotino e graças a Deus, como disse Saman, ele sim foi. E agora aquilo era como era. As profundezas arzurianas sobre seuzossos varridos pra debaixo do humptydumtapety. E sua viuiva a vertiginoiva stá escreviuivando suas murmuiras como grachioso triputo ao Grocery Trader's Monthly. My thor mais man

godfey estrelando o Gladi'ator Rayburn! Tavolarredonda Reincorporada. O novo mundo jornalista-se. Onde o

[387]

vecchio mudo orquestrava agora vitroleia o yank. Exeunc shakesperfomou um Kramlet Espectralcular, seu mark'ompanheiro, no jardim do kierkegaarden. Mont Enterest numuravilhoso Cão, lialuft gatisolda revolta, fairescapando em sua camuszola. Tris trãopica. E a wagnestimável tia Lizolda é tão soltinha quanto seu sobrinho. Todafesteira ca mão boba no abraço. Como a gente sopurtaria oncontinente. Tão penis'alizado por cu meter Lovando atentoso ao pudor. Nem tem seu tristrão. Fin. Como os neodramaturgos em sua antiga peça *A Royenne Devours*. Jazz'afina e Malú e Noelpoleão rosa enrola bem. Fing. Sim, sim! Sóbossa. E assim sim foi. Sabbius.

Marcus. E depois disso, não esquecendo, veio la armada espanhola, toda atordoada, e oficialmente naufragada, lá e acolá, numa linda manhã, depois do dilúvio universal, por volta dionze e tristan e dois, celto? na costa de Cunningham e São Patrício, o anabatista, e São Kevinho, o lacustre, com muitos tributos e dízimos de mendigos, depois de converter Porterscout e Dona, nossos primeiros marentes, e Lapoleão, o equestre, em seu rocinante cavalo branco de Hanover, elevando Clunkthurf sobre Cabinhogan e tudo o que eles lembravam e então houve a frota franca de Noahsdobahs, de Hídalgoland, em torno do ano pirata de 1132 P.P.O. Notre Dame ou então, deuszenbarcando sob o comando Mahatmortal do General Bonaboche, (abaaixo o paaupa!) em seu chapéu tradicional meio cinza, alevoilà veio alevilla, e depois lá estava ele, tão terrestre, como um Narcishow, beijando-a escandalosa e muito inêxpereirentemente, a donzela, em combate swingular, sob os sycamores, em meio às folhas de relva e todos os condenáveis pássaros em Arrah-na-Poghue, tão silvestr'star longe, perto do Queen's College, na rua Brian ou Bride 1132, atrás do sentanela à porta. E então maizumavez entoavam com pankhurst as grandes glórias ao som frágil universal conferenchiado por hippiert numa viconferência sobre annarxia plagiada da doxarqueologíria (olá, Hibernia!) de mar amar (Matt falando!) de acorde cu cantão-postal, com sexon grimmaticus, naistória Romana Latimer, de Latimer repetindo-saci mesmo, desdio vice-rimado de Rolord MC'Hugh, o Lacytenente, até Buckleytiro de rajahda no giroanalrosa e reggaenorock deustruithor,

(Marcus Lyons falando!) ateus oceuanos cheios de colegiais virgens e as classes altas e os errusditos pobres e todo o antigo senado trinit'ário e santos e

[388]

sábios e o irmãos de Plymouth, seguenmundofrades poraí, peanzanzangando, e cabeceando e dormindo lá longe, como esquecidos, em seu oboédiente servir, ao redor de suas doze tábulas, oh piolha e pulga bella, nos quatro colleges da trinitydade, prafinar ozolvidos Eringrowback, de Ulcer, Moonster, Leanstare e Cannought, os quatro maiores colégios superram a matéria de Erryn, de ai Killor cura e serial Kill o mall e Kill da um no seu cuadrado e Kilkenny-na-Flauta, onde sua rola reinava na rábola rolldonda em que Rollo e Rullo ralaram rola. Essas foram as maiores histórias do ginecolégio (Lucas ligando, espere na linha!) No Universário Janesmarques de Lady Anderson primeira, pro bem dos velhos mediconhecidos (esta senhorita unitarista, beleza de tirar o fôlego, top model ossuda de Bambam, viveu até uma idade avançada ou por volta dos idos No. 1132 ou No. 1169, bis, Fritz senn maria Redonda, onde foi vista por umbando e amplamente apreciada) por ensinar à Sacinhora de Fátima a história das Fatimiliafamilias, repetindo-se, sobre qual o supropositório do espírito da natureza difinamente desenvolvido no tempo pela πseudotelefonía, o passado e presente (Johnny MacDougall falando, dê-me linha, telessexofonista!) e presente e ausente e passado e presente e perfeita *arma virumque romano*. Ah, querido, querido! Oh, chore pelo leitinho adãorramado quando eva usuflorir o pergolado! Cumé kisso tudo da edda voltou-lhes sagas'mente, sieles conseguissem ao menos olhar, gagagnangnan, ouvi-lo ali, bolinando-a e acarisseiando-a, depois do gotoso velho galahat, com seu par de guineveres e seus três bosqueteiros de arthristan, tão nefasto, de sua elevachãodre dumas jarda centamão e tristanduas linhas, antes de quatro de nós, em seus braços Tocatólicos Raulmanos, enquanto seus de profundispiões olhavam e sazonavam e esquizofreudizavam em seuzolhos diossian dissimolhado brilhando ondeantes por Cornelius Nepos, Mnepos. Anumque, umque. Napoo.

Queh? Quos?

Ah, quer rir do quer rir do querido! Bozo bradou brahmsdos quando gansos gansoaram ganções. Mãendelssohn de Amadeus! Foi tão escaldantemete vexatório

pra dois duos de todos nós de quatro, com seu familiar, fazendo o totem, e Lally quanduele perdeu parte de seu meio chapéu e todosos seus pertences, em sua velha maneira fútil, capa, torrealha e calção levadiço, e se repetindo e dizendo a ele agora, por caso de Shaunders

[389]

Newsletter e o mossacre de São Brice, presquecer o passado, quandoo bucklangaceiro empurrátátátou o russobaldo tatarana, contradizendorin tudo sobre Lally, o mestre do ballet mécanique de Goatstown, e seu velho companheiro, o Lageneral, no Farol de Lochlann, earwircques lacraian'do seuzouvidios cum piercing na o'reilly, e espatifado alí com sua escada pra cima, e aquele salto mortal olimp'épico e sua badalada manhã de solbado, o velho cronanista, Skelly, com o belly abdomem, cheio de dieltts, cheio de celts, cheio de bealtts leves e todozas marrecantoras carecas ou quialguma vez steve na strada de literaterra, perto da Artichoke Road, com Motels e Mohamama McLujohan, o homem da mesquita de Oran, e os velhos folclóricos em casa e Duignan e Lapole dance e a grande confarreação, diacordo com a mais rítmica loja de rep'olho, dos mais vis arquivos, e ele não conseguia parar de rir de Tom Tim Tarpey, o galês, e os quatro viúvos de meia-idade, todos nangleses, sangleses, angleses e wangleses. E agora, isso me lembra, de não esquecer os quatro dazondas galesas, saltitando rissonhos, em the Lambeth Walk'rias, sobre a velha Bachtaille marrítima e Mortezart conchaikoviski, em seu chapéu meio romano, com um brilho grego antigo, no leilão do Chichester College e, graças a Deus, eles eram todos sumariamente divorciados, quatro anos antes, ou assim eles dizem, por seus quer rir dos pobres mãeridos, em quer rir dos dias proverbiosos, e nunca trazidos à mente, não mais ver a que cai em pé e corre deltada no chão mazes ainda circepararam, chovendo água alegremente, por Jupiter Pluvius, só temporalrio, no melhor dos termos e cair no uisquecimento, que foi claramente predito por suantiga cantiga de peregrino ou eles cantavam através das índias umidocidentais *Camizando e cãotando pra Burrymecarott nos deusparamos cum clowntor chamado Peebles* como também em outro lugar por seu provérbio ortodoxo que disse que *Aquele cara velho conhece leite embora não esteja mamando ultimamente*. E então eles circepararam. Em Dalkeymento, numero doix. Sim, sim. Os bons vão e os maus ficam. O vil flui tal qual lvel flui. Sim, sim. Ah, claro, esse é o caminho. Como disse a

Virgem Santa Kent ao ahriman the Coombe. Por sua humilde petit'ção no divórcio constituinte. Mulher. Limononada. Parta. Sim, sim. Por decreto absoluto.

Lucas. E, O quão bem eles poderiam rememorar daquela época, quando a Carpa de Fin MacGoold piracemava no reino da Popolônia, a Viúva Balançenhora da Justiça Esculacha Macho, presidenta, em suas essenciais peruca

[390]

e barba, (Ermínia Regínia!) em ou próximo ao ano de prevaricair em desgraça 1132 ou 1169 ou 1768 Y.W.C.A., de Casado Homem de Fá-mí-lá Leiloeiro do tribunal em Arrah-na-poguiu-quiu-pariu. Pobre Johnny do clã dos Dougals, o pobre Echistado, (Johannes!) nada ganha se não for amoroso, não sesqueça, tão assustarado (Riplaft! Ripleft!) por causa de seu rabetão, (attraxidade indizível!) que colocou o ânus de misericórdia sobre ele, e os quatro mestres, em coro, com um fé dor atrás deles, porque ele demorou muito pra lustras as sapatilhas prela, quanduele vassalava vossacinhoria, ao invés de coçar as costas de sua propria materfamilias, como qualquer velho metodista, e todas divorciadas e inonsenses interditas, no meio do templo, segundo seus queridos fiéis. Ah, agora, foi mui mal, mucho mal e gargantuionesco, todosos malsacres; e o pobre Mark ou Marcus Arcossaco, dos brownes berros em nolandslan, o pobre cronômetro velho, perseguido com aliados por todosos amigos daonça, por decreto absoluto, através da ilhamante d'Erin, porque sisqueceu de si, fazendo vento e água, e fezuma tsunami de Netuno em todo o seu ser, nadando sobre o curso dazondas gigandhis, e porquiele sisqueceu de sialembra diassar um antigo papel de procuração matinal, um pedido escrito prela se auto-depilar, em brunonóleo estampado, de Roneo el Giliette, antes de dizer sua graça diante dos peixes e então e ali e também havia o pobre Dion Cassius com'Poosytor, todo afogado também, diante do mundo e de seu marido, porque foi o mais imprópriapo e o mais errado, quando ele tentou (bem, ele chocava por sua saúde miserável, disse ele, com a pressão brocha), porque ele (ah, bem agora, peça paz pra Wedmore e não deixe a música ficar muda em sua Ire, como dizemos nos Salmos de Davis, e não seremos muito duros com ele como um velho presbiteriano Manx) e depois disso, tão vermelho quantum Russine, ele realizou seu último desejo e foi ao confucionário, como o general dos Berkeleyitas, na rima do rom, em joelhos nus, a

Sua Adoração da Mãe e Irmã Evangelista Heroniña, em Cailcinha caindo à meia-noite e ele estava tão arrependido, ele realmente estava, porque ele esqueceu diapertar o beautãozinho na maravulvosa carruagem e agora, para falar a verdade, jamais analmigos, (ela foi sua primeira cadela bagunceira e tinham mui belo pelo e

[391]

falhas haviam em ambozinhos lados) bem, ele tentou (ou assim dizem) ah, agora, esqueça e perdoe (não o fazemos todos?) e, asseguro, ele estava só pregrando peças com seus andrewmartins e sua idade pesando sobre ele, bem, ele tentou ou, o Connacht, ele foi tentado a tentar algumas famintas familiaridades, depois de comer carancage straussgado no oceano scarlatti e, deus tá vênus tudo, ele jazzia marmorto de mar mar na cama (era realmente uma pena!) seu mar amado velho divorciado, no houaisspício pra esquizofônicos da Martyr Sra. Macauley, onde à época ele deficava e brincava, pra segurar ma mão da enfermeira (ah, véio ch'avec'eiro!) e contar os botões e ma mão dela e franzir a testa prum carancage mahlervado e sisforçando pra rememorar a data do nascimorto e quem fez quem roncar. Ah quer rir do quer rir do querido!

E donde vassuncê sincarcera Matt Emeritus? O chefe laico do Abbottabadbispado? E escolardo de fransexy e germãonocú. Oxóssister! Todos sentiram muito pelo proverbioso Matt em seu chapéu de sal, com a coroa de Arann, ou ela cresceu de, muitareia pro caminhãozinho dele, de ou Mnepos e seu macacão, tudo nela caindo em rugas - certo de quiele não a encorajou pra levantá-las - pobre Matt, o matriarcalvo ceci'nhorzinho peri'grino, e um homem majestoso, (a bem-aventurada purpurina sobre eles!) assentados ali, o solo da colombonização, sem-terra, prum rito expiatório, em postulação de sua catecausa, (quem diria?) em seu boné de castor, o rei do Cáucaso, uma família todinha prele, sob música, Temístócles, em sua lápide multilíngue, como Naviloca de Pedra, e ela derridada a crianchistes na hora da ervilha-doce, cara a cara ca parede, com vista pro houaisspício, em meio às rajadas das tempestades de granizo, kalospintheocromatokreening, cu seu capuz coberto de hera, e segurando um antiquado par de fórceps curvos, pertencentes à Sra. Duna O'Connell, pra explodir seus miolos, até quios tenores de Novaguinness ressoem nas alphavellas de Bristol, com sua jarra de chá e uma cesta de bolos alfreudisiacos de Anne Lynch e duas fatias

de pão preto de Shackleton & sonso, esperando godot ou o finn. Celestial Regimento Highlander, pensando bem! La merthe d'arther! Ah ho! Foi foda pra caráleo! Tudo devorado por parladores antropapafágicos, laudabiliter, de chá debussy'ta e tudo por causa do

[392]

cheiro de Shakesperereca e unhas fellinis e sua água na boca, ácida e alcólica; signos salgnificantes, e agora passa-me o pão pelamor de Deus. Amém. E então. E tudo.

Matt. E pão. Então esse foi o fim. E nada pound ser feto. Ah, Deus tende piadade de nós! Pobre Andrew Martin Cunningham! Respire fundo! Ai! Ai!

E ainda e tudo naquela época dos dinásticos dias do velho rei'mbaud Sitric Sillkenbeard e Bacobêbado Bar's, quando rodopiraram e espantaram vanessombrações, na lecagendária Hurdleford-em-Silence 4'33'', onde bem te vi'valdi pela primeira vez desdio poetrycko voo de maio, ios Finnan haddies ios Sharks de Nóis É ias solfeijo'adas de tartaruga comuma chopinha acústica io caudo de gafanhoso e como elielevou seu boccaccio de tenor pra dvořárk e obteve grande burburinho por seu nome na hon'ravel casa de wagnearwig, colônias e império, estavam sempre com gracinhas achistenciais, pensando (up) e não sisquecendo dos finns de ser manos shems shauns, na velha língua visuáudio (up) seus quatro annais nibelouconjugais, quieram quatro (iupi) lindas irmãs misterrimosas, agora felizmente casadas, até a lendária Gallcosta da mpbelly, e lá stavam sempre contando e contradizendo todazas noites ateu amanhecer dadorável mãe dos botões perolados, diacorde com a derradeira parte de seu anacronismo (up um up dois up quatro) e depois disso veio o agora e lá stava ela, no bico do corvo, a querida, vendendo pó e tudo, as quatuatras irmãs, e esse era seu nome republicano de solteira, com sisterza, de Aldão e ovas, e costumavam se levantar da queda, em seus véu e grinalda de palha, com todazas angústias despertadas em seus cabelos, no toque do sino kookaburra, tudo errado dentro deles (venham, vamos, seus pães moles!) tudo recalcado na sua épica líricaixa de Shandon'ra (saíam do inferno, seus palhaços piolhentos!) tão assustados, pelas dst's periglosas, como joelhos ralados pelas estocadas do pescador dilusões, (ys! ys!), em todazas horas, todazas noites, em, seus viscos, os quatro tiozões, para ver se havia chegado o Pós eis cristo sobre Transtorno,

com travecheiros sob suas axilas, todos alienados e mitificados, a maneira como o vento girava ao redor da piroga, quando ninguém sequer os deixava um minueto de descanso, de tocar seus gospels, cruzando seu sono pelo indecoroso silêncio, quando submergiam em sonhos de outrora, parados atrás da

[393]

porta, ou caindo do divã, ou ajoelhados sob a cobertura do sol fá e aficcionados no caldo turvo, metendo em seu caminho algo bárbaro, trocando o único edredom molhado embaixo do qual eles se metiam ou cochilavam na cama convibracional, quando não havia mais esperança, e colocando seu meio chapéu e caindo em cima de todos os sinópticos e um panegírico e se repetindo, como engulidor, como na vez em que fugiam do pavão misterioso que os perseguia, olhe olhe em volta do banquinho, caminhe por toda parte por uma farra, pra dar fogo a todas as dançarinas, pra pegar geral e LGBiriTar, o refino da pura em espíritos do tempo em todas as dimensões do espaço e forrogiando de bata e chinelo de banho e vá pra Oldpatrick e consulte um doctor Passista. E depois disso tão felizes que vestiram seus tentáculos noturnos e lá estavam eles, na ala das baianas e bicicletando, e trocando um pneu, panementicamente, rondando o deck dos navios, no velório de seu bom velhinho Finn'again, tão ancorados como estavam, às impávidas ondas na tempestade, o veleiro do pedreiro e os cinquento mestres e Lally da rachadura dagoaberta e Roe da gaia pseudociência, permutando pulgas de hospedeiro pra hospedeiro, com artropodosofia, e ele o vendeu antes de esquecer-se, issle issle, depois de ter desflegmatizado seu garganduto entupido por rãs, cum a respiração pulmonar em sua reanimação bocouvidio a bocage, enquanto ente querido invocado pela desafinadora lourota de sílios postiços não deixou dúvidas em seu legista, até que ficou tristão e sim foi derrepente, irmã almada na mão do irmão, os bovinassuntos sendo sua paixão avacaladora, aquele frescor da vaca a réis peitos de Aithne Meithne casou-se cum a metilda e também aquele fulano de thor da saga Hungry-vaca sobre o cai pintão ganso dozovos diouro e as parkkeradinhas no parkkk das hahahainhas de quaquaqualidade, katte efter kinne, pra escolha de Dom Cai muro de howth e Heber e Heremon como quando esaujácólaram (chchch!) a binocular eiresolda do meumaizíntimo ego sabioconsciente sexestimulado sobre de profundis imaterialidades multimatematicaóticas ondios desejubers no impulso pan'cósmi'cú

toth alizam a irmãência daquilo que é o Exílio do Eu sem Si mesmo (ouça, ouça in'Dios Chamãnte Errin!) exterioriza-se neste nosso plano imediatista em desunião sólida, vigília líquida e corpos gasosos com (ciência, digamos!) empalindcentes paixões perigosas empunhando intuições plangentes de autodomínio

[395]

reconciliador (velha láctea, caos incompreensível!) na abnenação altruísta do Superego, parecendo Tristy encontrando Isol'id, e contando a Jolly MacGolly, caro prester John, o atrasado desgrenhado, cortando caminho a pé ao pergaminho, e todos os outros analistas, as formigas a vapor e as senhoras quartetas de fora, por cima, embaixo, agachando, mergulhando, lupulando até o chão, (quanto tempo tandem!) como um quartetaposentado de maestros schönberguianos, e seu berlioz par diolhos verdi's e obserwagnerdores, assim dizem, como os narcolépticos no lagos do Coma, pelas janelas embaçadas, nas cabines de lua de mel, a bordo da grande balsa-nova a vapor, feita por Fumador, e as modernas saunas das damas do salão forradas sobre seda camaronesa e vaporizando com sal a catarata de uma das janelas d'alma e, hee hee, ouvindo, *qua* comitê, os pobres velhos quakers, levantando o duro, pra ver todos os recém-casados e as damas da primeira classe, é sério, uma alicé'ada moça virgem como vosmichê fantasia, e ela longe do rapaz, cortejando debaixo do pano, enfamillias, e, shee shee, tudo impróprio, numa bela manhã de banheiro, pra deflorar a rosa, o guiamoroso, o inspira-suspiro, com essa palpitação oliva em seu pescoço nu, e, entra e sai, muito obrigado pela brevex citação, que da dama buscava redescobrir cadanovoprazer tão mais deleitoso na felação, e a perfídia suite dela, lindamente sua, sob todazas suas familiaridades, prevendo graça, esquecendo-se de dizer sua graça antes de subir na nau, antes desembarcar às mallarmagens do caispítulo de abertura do mês de Nema Knatut, então passe o beigípcio pelamor doideus. Amém. E tudo, hee hee hee, tremendo, tanto medo, e, shee shee, sacudindo. Dolorido. Ay, Ay.

Pois foi então que talvez aconteceu um belo caso de pura diversão, quando sua mão gaguejante, no exato momento, como se por acaso algum cozinheiro de corage pegasse o cara com a boca na botija colocando o pato na butique dela, a vívida garota, surda de amor, (ah claro, você a conhece, nosso ser angelical, uma das mollyères-

maravilhas do romance e, está claro, todos nós sabemos que a idolatrará até a morte) com um chiliquento clamor a joycis crisis ela reanulou sua desunião, com rubros lábios pra herpes rubras (o querido o'dearvel!) e a importunidade diouro dium lascivamor em finn mito, quando, rapida'mete, a bola é lubrificada, Amóricas Champius, cum possante tiro de mito, comandou a missiva da virilvitória passando como the flash

[395]

porambazas linhas de ateuskants (Eburnea caiu, meninos!) rightjingbangshot no goool da garganta dela.

Bravo!

E agora, bola pra frente e união! E seja honesto no jogo! E enterra-o em ti, como os mano pô as mina pá! Candidatamente, pessoal! Um mot prum deleitemotv. Comunguaguemos, nóix e vóix! Havia isto, ela bem-me-quer-mal-me-call, uma rechonchuda moderninha retrô princesa irlandesa, tão e tão mãos ao alto, tal e tal engordada no curral, em seu avental de al god adão, nada sob o chapéu além de cabelo ruivo e marfim sólido (agora cêis sabem em seus corações de pedra quié verdade!) e um par diolhos de quartzo de primeira classe, do mais oblíquo&dissimulado azul, (como fraquejamos, um e todos!) o charme do consentimento afetuoso de favour! Ocê poderia culpá-la, digamos, porum momento psicológico? O que Ewe faria? Com aquele tão pegajoso bode velho sem leite, com seu brochante dever de bitocá-lo e seu pneumotórax, o velho paizinho orangotongue dando bandeira, em seu deprimente cai miar de velho vintagesseixy e seixyspennys sob calças leopardo dela'mpedusa e seus trinteinovpennysbobados no rabetão toop! Antikristiun! Seria realmente demo asiado excessivo sialguém oferecesse a um oldivíduo mal-rumorado uma pitada de titicachaça de galinha. A mais vil de todazas fofocoisas! Desde que Edem erum curumim nanavilouca. Não, não, o querido céu sabe, e o mais longe disso, se toda a estória da estola fosse revelada, quem quer que fosse o culpaivil, e qualquer que fosse o priaprósito, os doisunidos juntos, e dando o clímax mais paixoannal, elez alí lalavam um lally a lolly um treme a tromba um lelly papa dois lilly trivessa papa quatro. E foi um momento enquentante pros pobres velhos cronnos'mestres, tik-tokando, em dez ânus a contagem. Até que a faísca da ignição disparou o choquinho no botão até ele pegar e (volátil volúpia, quão efêmeros são

teus desejoys!) eles podiam e podiam ouvir como se fosse um lapso cunilinguístico, aquele era seu cavaleiro das tristrans verdades faladas saindo de sua chupaela no isoldisseio, depois de ter proposto noiva'ido e apolpado a questionádega. Plop.

Ah agora, era todualmente horrífico, os mummurrlubejubes! E então depois disso eles costumavam ser esquecidos, contando madrepérolas (iupi um iupi quatro) pra riolembrar seu beabeautifiufiu nome moderno

[396]

de solteiranna, pra transbordar, pelo sonho da mulher a proprinterpretação onírica, em quarenta terras. De Greg e Doug até van Grog e Mat e Mar e Lu e Jo, agora alegremente enterrados, nossos quatro! E lá stava ela cheia de rizão, aquela amável visão autossuficiente, a preciosa aborrescente, como nos dias gloriosos, de planxty Gregory. E agory. O bonquete não Ou sin! Sim, sim.

Mas, claro, isso me lembra agora, como outro dizer daistória ciclorrodante, o quão eles eram habituê à letargíria duamor, no fim de tudo, naquele momento (iupi) sempre, exaustos e tudo, depois de ralar no trabalho camundongoméstico e fazer álcooltencer, sobre seu cantar comutitário (iupi) em doze oitavas da caixa vocal, de Mamalujo como os bailes da terceiridade em mamãe eu quero mamarguerita, rebolando agachadinhos, dois a dois, os quatro confederados, com a machinho Karnalvalesca Cabeleiradozizék, estourando o termômetro no Hospipal do Vovô não sobe mais, Rua do Milênio, coroadando-se em ramos de louro, com seus joelhos frios e seus pobres (iupi) quad rúpedes, ovadormecidos, e todos como bonequinhas de luxo, por seus sobretudos e cachecóis nananeném e rasteirinhas e sua tigela diaçucar mascavo e leite e dançanduíche do machiche, uma poção uma paz, uma peça umaporção, uma lerpes um lábio, um lúbio uma lábia, porum copo de cervegentileza ainda, com moderação pegue na mão e mame e só toque se for comer, um adorável micool-leão e por macacaipirinhas e espere a mão boba e incite o pobre Marcus Lyons a não decapitar o skeleton pela graça de jazzjuss mas a passar os dentes pelo sacro santo, Mamém, quando isso aconteceu tinham muito sicamor pra dar e pelo mundo foram esquecidos, desde a gripe espanhola, pra todos uma posibilidad, depois de comer um caragajo podre e johnny magorey, e coçoar escaras nas costas dos leprosos e a queda da bolsa, seu candelabro pascal de magnegnose, e ler uma ou

duas cartas a cada miliuma noites, antes de dodô entrar num transe onírico, com seu florisbelo gorro, no crepúsculo, uma letra captitu'luar, pra auspícios futuros, em seu antigo livro do códice numa página premonitória duantigo ano 1132, M.M.L.J. estilo retrô, seu Sancho Mor pançudo, por sua compunheteira, a Poeteira Hemans, em sua marcante fofocasa de veraneio, com a vasta peleira encaraculada, seu *totam in tutu*, edição final do buffet do meio-dia, nas capas das regatas, insustentáveis duo autor, pra regular seus sonhos por incubação, e Lally, através de suas gangrenas espetentaculares, e tudo de bom que fizeram em sua édipoca, os rigoristas, por Roe e O'Mulconry

[397]

um'Conary apud Mul ou Lap apud Merrion e Buffler apud Matty Mac Gregory pra Marcus no Podex de Daddy de Wyer, caldo de baga velha, poetouros e jardineiros doudos, capangas e vassalos, na mesma, orquestrados e severamente e um por um e cantando unos a mamalujohn cage. Ao heróico campeão do Eiren e suas insígnias arthúricas e Gowan, Gawin e Gonne.

E depois disso agora miro no futuro, queira Deus, após início não penal, todos no eterno retornietzshce, in medios loquos, dionde conquistou uma útil braçada de campo na linha de fundo, ao sul do ombro ocidental dela, até amor-te e o abraço diamor, cuma intetessante tez oleosa e todos agora unidos, sansfamillias, corremos pra dizer oremus em oração e bar doce bar, depois de realizar plenamente as gratificantes experiências de heroísmo continental extasiante, pra mãeter e fadher até cair num sono, por velhos conhecidos, pro Peregrino e Michael e Farfassa e Peregrine, para navegantes e cai pintões gancho, em todo o antigo império mar rítmico de Fionnachan e pra moda praia attender a uma Srta. Yiss, fascinadora, você, cante um lovasteamadorion pra Ladysilicolhada, aqui está Tristruques e Dulcisolda, delisseiosamente nossa, em seu gracioso azul-bebê e rodando seu bambolê e como ela fluiu, quando a sagacidade ganhou liberdade, a duplamente plurabella e terrivelmente enfiatçada, feliz por ser inesquecível, ainda que sólidos dias se desmanchem no ar eles contudo amam sonhos jovens e o velho Lukács com seu olhar de rei leardiloso, dá gosto de ver, e Sancho Mor pançudo, possuidor de notoriedade evidente, e maizum dos grandes cronnos'mestres, pra não citar outros, de quem

grandes coisas eram esperadas no departamento de fulmografia, pelas vidas de Lázaro e cine clássicos lukács e ela haihaihail seu hit de cordel kohinoor no premiado festivivavaia de shanghai.

Ouçã, Oh ouça, Isolda la belle! Tristão, triste herói, ouça! O tambor Lambeg, o clarinete Lombog, o pífono Lumbag, o berimbau metalizado Limibig.

Anno Domini nostri sancti Jesu Christi

Novecentos e noventa e nove milhões de libras esterlinas nazentranhas pretazuladas do banco de Ulster.

Muito dinheiro no bolso e boas libras de ouro, pra dar e vender, minha pequeniña, num domingo desses fianalmente vou brincar com você.

[398]

E que nenhum maldito palhaço te corteje ou pela mãe do Espírito Santo haverá assassinato!

Ó, venham todas vocês doces ninfas da praia de Dingle pra saudar a rainhamazona Brünnhilde da Sibila de siegfreud

Em seu reluzente barco de conchas da madreperolada filha e seu pratazulado manto a envolvendo como pierrot lunaire.

Coroa das águas, lagrimarítimas em sua testa, ela dançará com eles uma vulvalsa e dará o fora à la française.

laraaaa, por que ela ficaria com Sig Imundo Fried ou com o pato pateta quiquebrou a tigela?

Não teen sinta solteirona, Lizzy meu amor, quando seu amante odiceiar frígidas e quentinhas abundantes enquanto batalhar fora

Nem acorde no inverno, viúventanna ma chérie, mas ronque cantando meu clássico mendelssohnbretudo de Balbriggan.

Wisha, não te gostaria agora me levar bem no meio, digamos, da próxima semana, pro equilíbrio dos meus dias, por nananinonada (o quê?) como seu enfermeiro parti o cu lar?

Um poderoso grupo da alta moda com certeza morreria no jogo duamor - mas quem, auscute-me, esmolarilará por você?

Eu a cortejei muito antes que qualquer um.

Eruma sexta-feira santa tão molhadinha quanto a bella que passava roupa e, como agora sei que nada sei, ela sempre perdia a cabeça por mim.

Grande afogada de ganso tivemos até o talo com um picnic sob o edredom da cama numa noite annacabada.

Pela cruz de Cong, diz ela, saltando debaixo de mim no crepúsculo do sábado, Mick, Nick o Verme ou qualquer que seja o seu nome, você é o simpático jovem moisés que cruzou comigo do caminho de swan à baronia de Bohermore.

Mattheehew, Markeehew, Lukeehew, Johnheehewheehew!

Îh óh îh óh!

E ainduma luz se move ao longo do rio. E calmamente os sereios rolam barris.

Seu âmagago está pleno. O caminho está livro. A sorte está lançada.

Então, de John pra John, um sonho, john, será seu guia!

LIVRO III

I

Auscita!

Douze dois onze kater dez (não pode ser) sax.

Vomitouça!

Catro cinco cinkenta eis três (deve ser) doze.

E sussurros roubaram a tranquilidade das pulsações cardíacas do sonho.

Alvo arco-rires do triunfo. O arco armado. Mark como cápsulas. O nariz do homem que não era nada como as nasões. Autobronzeado, enrugado, rosáceo. Seu kep é laran jan van eyck. Ele sou Gascon Titubeante de Tegmine - sub - Fagi cujas texturas caprichosas santantão oscilantes ante minhas remembrandts. Ela, exhibe ao lado, sua Ressurreissom. Ela tem orações de profundis. Oniprezeente verdi karl ovo kant. É aquele observador acolá que você nomeou bluetooth? Gugurtharsila! Gugurthanita! Tem becco de índigo selvagem. Ho, ele tem pele de corno! E herpis agora é pra você. Pensée! A mais bela mulher do violáceo vel violeta. Ela me daria um beijo el greco na abóbunda do meu palácio, com lábios obcenos, jorrando leite no seu aal e na sua pombinha. Agapemones! Não venha no escuro! Anositece! Apaga!

Pereceu-me que como eu caia no sono nalguma parte na nãolândia de onde por satisfação (e foi quando você e eles eram nós) eu ouvi na hora zero como que o estrondo da gargalhada da raposa entre os sinos da meia-noite da bela igreja de merleau-pontýfice cujas badaladas faziam um fiel se curvar tanto quanto a violeta invisível da noite tornava todos os animados objetos irlandeses e ingleses invisíveis pra observadozes

[403]

humanos exceto talvez aqui e agora alguma luz no finn do tonel numa superfície de afluvial fluidofume como maizuma vez pode parecer lavagem de roupa suja arejada no gengis khanpo ao alcance da mão em plena expectativa. E enquanto eu espalhafatava-me num sonho enquanto cochilavagava, arrah, personhei ter ouvido sonorostons e as trepadeiras e os planadores e os stravinskanários da terra respiraram e as línguas dançantes do floresticídio incendiário e as lagostraíras em seu

solo ecoando vociferações em unísono: Shaun! Shaun! Poste o poste! em voz alta e Oh, o tenor dos tenores de maior agudo e baixo mais grave, eu o ouvi. E eis, pareceu-me a palavra algo vinda do ruído e algum quem capaz de remover todescuridão. Agora, é hora de mijar na moita, agora talvez. Quando bizolhava, era luz e agora não era tão piscante, agora está claro como neblina. Ah, na cegueira era muito semelhante, abençoa-me, era sua lanterna de whiskoteiro! O quem que sonhamos era um ser das sombras, claro, ele é gilluz deleuzolhos, o preladdo! Bendito momento, Oh romence, está in progress pra ficar! Sim, ele que tanto oscilou num fogo de palha diante de dó ré mim, Mãocbeth a mão, prontamente próximo pros prós, trajado como um lorde com o ultraje da épica, num elegante mac Frieze o'coat de pujante substância suparior, indigo-azul, rastreado e pisoteado, e um colar de marinheiro irlandês, livre leve e solto com golvinhos bordados em seus ombros e soberbas casacas cujas insígnias foram marteladas pra se adequar ao público e ao clima mais escoceses, saltos de ferro e solas pregadas, e sua jaqueta da providência divinamente provida de lã cuma gagabertura sutil nos grandes lábios da gola e botões de cera lacradores, uma boa ajuda maior do que as fendas pra eles, de da vinci e dois qui lattes scarlattis krasnopopskii e seu invulnerável whiskasaco destopa e sua gravatar popular, Tamagno setenor-etaliano-forte e seu boêmio jogo de ruídos e o espartilho de damasco quiele usava escondido, um parangolé movimitado por zéfiro cuma decidida sobreposição de rabiscos pra frentex com seu lema performando a vida em bordados d'ervilhas, arroz, e ovoitica, Ouro pra royaleza, Am pra e-Mail, R.M.D. dinheiro vivo na cueca e as calças de carneiro cheias de nabo e kov pra fazer sucesso agora como jamais fez, (que pregas de fato sem par! que kersse mais lindo!) mexendo o chocalho na canela e abraçando sapatomjobim, tudo do melhor - nenhum outro de (Ah, então quias bênçãos ia chopinha de tartaruga de Deus e Maria e Haggispatrick e Huggisbrigida caiam sobre ele!) outro exceto (e que suas cem mil cartas

[404]

ensopiadas sejam bem-vindas, propagagadas e post'onalizadas, multipliquem, tenho fé, e multipliquem!) o próprio Shaun.

Que retrato do artista quando primitivo!

Tivesse eu as cabeçagazes concordantes dos Meuscem'eus Gregory e Lyons ao lado da do Dr. Tarpey e atrevo-me a dizer a do ravel'rendo Sr. Mac Dougall, mas eu, pobre asno, sou apenas a quarta parte do burrico deles. Ainda assim pensei que Shaun (santo mensugeiro ininterruptamente cutucado entre os anjos e ao longo dos labirínticos caosminhos do aleatório!) o próprio Shaun em pé que soa (quiagora todazas deslizando constelações ébano-azuladas continuem a moldar sua metamorpoese temporal!) star va diante de mim. E dou-lhe minha palavra agrícola pelos cento e sessenta lances de dardos e cones dessa visão falosófica de que aquele jovem parecia a coisa em si, o Beau-Belle Vaz de Caminha, uma carta de primeira se é quialguma vez exitiu! Pep? Agora sem sãobrás de dúvida é duro demais dizer quiele parecia grandioso, tão malignamente inteligente, muito além do bem e da saúde normal. Nonadinha errante no semblante radiante. Havia unzinho ali em seu nome que jamais jantarriria com o bondoso duque Humphrey mas por oito meses iria *dvořárk* escagout sem sinal de diarreia na extremidade e então, pra não ficar bach hill godo, deu adeus à xixirveja de Traroe. Aqueles óculos jeováviais! O coração de enrolador! E o hit gaiola das popoetisudas. Ele era imenso, jegante pela própria natureza pra gozar uma grande era, vinte e quatro horas a cada momento de olho no malte, numa shaunverjaria franco-escocesa, si tu quer saber, São Lourenço O' Toolo, a Roda da Fortuna, deixe suas cartas no saloon e espere por autoajudas, sem ketchup de nozes à la carta, Lazenby's e uivivavaias Picantes (a casa quia outrora rainha de Bristol e Balrothery admirou duas vezes porque sua porta da frente dava pra Dacent Street) onde suspirava por olhos irresistíveis enquanto suas facas laceravam corações ele reunia forças com refeições de comida empilhada numa pá, em antecipação à festa dos tabernáculos, constituindo suas refeições prinzipais de três partes *plus* iuma entrada, seu desjejum de primeira, abençoe-nos Oh sangue e tentadora laranja, a seguir, meia peça de bacon com ovões googs fresquinhos ium peidaço de pundin de amora, com uma pintada de açúcar peneirado e um bife podre abandonado por deus na noite negra do voo do a'morcego então, sem prejuízos eventuais,

[405]

eis que a seu banquete de pratão veio merendamente meio quilo de picanha malpassada, a mais nobre de Blong da Churrascaria de Portalington cum acompanhamento de arroz à irlandesa e Corkshire à la mélange e bacon com (maizum pouco por fervor!) um par de costeletas e língua solta na grelha de prata pela

proprietária do caosfezal que mora na colina e faz enchopados de carne e pão preto pra chuchar e um bulbo de cebola cornívora (Margarete, Margarita Margotnorrisplêndida) e também com o segundo prato e então finalmente, depois de seu avalanche aperitivo das onze no Appelredt ou Kitzy Braten de bife a kfkavalo e um Botherkim com phoenix porter envelhecida, cidra pra alegrar seu freguês e batata doce e ensoupadre irlandês e gorgolejo zombeteiro prarrotar por sua via digestiva pra engolir, swp por swp, e ele passou a língua em torno dele e o pão de Boland foi partilhado na barganha, pra lamentar sua soupe *avic* derramada à noitinha, vitela, um consistente caruso ao sal cum segundo prato de eggovos e bacon (a proteína de) com feijohades, galinhada, bife, bruxada, cristais de pimenta no ossobuco timmtomm flambado e depois disso ele devorou um drogão recheado al dente acompanhado de carpaccio de vitela com repolho e em seu estado verde livre um punhado de eirervilhas, supositoriamente insignificantes, porúltimo. P.S. um dedo de vinhouro do reno pra dar a Pax cum Spiritututu. Secamente grato. Baguete e alga dulce e geléia geral de tipperary, tudo isento de taxas, aman, e. E o melhor do vinho *avec*. Pois seu coração era tão grande quanto ele próprio, assim era, sim, e maior. Enquanto as massas floradas florescem e os rouxinóias bebericam jarros. Tutto St Julian de Berry, urra a alá por tio tobi! Mavrodaphne, orgulho âmbar do cais da nossa alfândega, amável com repasto, alegre-nos graciosamente, alegre-nos! Sempre contigo, Anne Lynch. Ele tá sonhando profundamente! Houseanna. Chá é o Altíssimo! Pela Eternidade auld lang! Assim ele ficará mais grosso agora, crescerá de novo. E manteiga e manteiga com manteiga e manteiga. Ao sim anal da Vanessonhora Van Esfomeada. Tuttavia! Lembre-shem, rastejando por comida, eles eram apenas hamburguês e jaffast-food, e eu não pretendo digerir por enquanto quiele come ateu o pecado da gulodice com relação às baitabolas mastigáveis, mas, business é business, e no geral, quando não está sem avéia, dado o apetite nas preliminares e o preço dium bom gole de finalmentes, bom e barato, fosse el thermidor lagoosto ou maio florido

[406]

enquanto azostras da prairial ecoam das conchas, entre gormandismos e gourmeterias, ele botava tudo pra dentro, orando a iansãduiche, toda vez que preparava um sujão pruma refeição ou sessentia como um bach'rilke de chopinhauer

pracompanhar o memorável sabor duma mordida numa bem confeitada madeleine ou. Embora seu peso líquido antes do luto fosse nada além dium golpe de peso mosca em brutamontes e tudo após o devido regime. E ele tava tão travesso cuma traquinagem na cútis duma belle colegial acororada sobre sua cara pintada pro Levante de Pascostra e andava claramente na corda bamba e trampa, como poderias dizer, porquele soltou lalíngua.

Abertura e principiantas!

Quando bravíssimo (xiulêncio, Oh xiulêncio!) me viu fluir, quando a cortina verde foi vermelherguida, levantada, através das profundezas da palcoescuridão verdexpandida do fundo da fossa eu ouvi uma voz, a voce de Shaun, voto dos irlandeses, voz de longe (e certamente nenhum puer palestrina mais puro cantou panangélico no meio das nuvens de Tu es Petrus, não Michael Kelly, não Mara O'Mario, e claro, que outros numerosos Italicuss jazzmais chuparam ovo e cru fresco no mictório?), uma briza pra Yverzone sobre o mar brozaozaozinglês, desde Inchigeela gritando o caminho aos suspiros (maizumporco! maizumporco!) até a perfumada vida noturna tão suavemente como as comeanalcanções teenslefônicas de Clifden revelam segredos incansáveis (mauveport! mauveport!) pra lista dazantenadas irmãs da Nova Escócia. You Tubetube!

Sua palmamão aos céus, sua mão-fechada em concha, sua linhamão lida, sua mão-de-vacoração copuladora, seu mãochado erguido, sua mãofolha caída. Dê uma mãozinha que o crucificado cura! Como ele é sagrado! Ele gesticulou.

E disse:

— Alô, alass, aladdin amobus! Dórme sim lá no sol fá my réne dóscartes? Shaun bocejou, como que ensaiando seu discurso geral, (isso foi no anteproprévio dia D pastel de pombos-correrrio com massa rústica pro mensugeiro e o picadinho-diz-cruiscredo de anteontem mais a shampain de tersaci pererando como mula em sua caosbeça, com as memórias do passado e os solu'sons do presente embelezando as músicas dos futuros da banda de Miccheruni) referindo-si a si mesmo como *ex alto* e reclamando com descontentamento vocal questava tão perto do fato de que o teatrapo levantou e houveram cuecartas brancas e entradas grátis, uma casa cheia de zumzumbis, dele pra tingir seu tenor riscarroz-de-giz

por uma alvorada mais lucrativa, seu conselho na rilkeza do seu destino como, tendo umedecido seus mastigadores em silêncio e mantido molares e caninos limpos com seus dois dedos indicadores, ele sentou seu traseiro, triste por parar de uma vez, exausto como uma lebre sem fôlego, totalmente esgotado, era tudo o que ele podia fazer (deusgostoso consigo mesmo pois o peso combinado de suas doze toneladas de deusdeuscafonismo era uma massa de cem homens de solidez pra ele), sobre seu brejo notal ele amava coberto com arbusto virgem até a altura do joelho, pois quem já pisou no agosto dos campos de Erin dormiria na gramatologia. Bem, estou literalmente sem graça ao me ver nesse papel vuh! Sou tão sem palavra, um mero carteiro da paz, um pobre agitador de sujeiras de primeiro grau, o príncipe de Candia, sem pernas e um título, pra tal eminência, ou um profeta vagamundo, pra ser muito mais exato, a respeito de ser o portador extraordinário desta missiva pós-humana a serviço de sua majestade enquanto eu vós e vozes nos estendemos após o padrão de responsividade! A dor sou eu, vuhcê é vuhcê! Eu, o poderoso feixe de luzes marconi, o qual abocanhava sua alegria muito cedo ou conheceu seu nascimento tarde demais! Deveria me mascarar com seu heterônimo pozele é o pessoal e eu sou um demônio devotado a ele. Posso refletir o amanhã naqueles idos dias quando nos amamos tanto os caras. Aquele simon sem bolas implantou abóboras há anos! Compartilhamos a música geminada e piscamos pra mesma proustetuda e o que sim canta de galo no leito morto eu contraírei, poizassim será, tenho esperanças, as dist's de Sam Dizier como dizimo. Cante, tonalize, velho Tighe, alto, alto, alto, eu sou o seu corujespelho. Seja conservador! Ele parece um artista da fome, me imitando. Gosto muito daquele outro de mim. Macsorley manos de peixe! Forasteiro! Funeral! Banzai! Asno de Isaac Egari! Somos a dupla musicall que venceu nonado sincronizado siamês na festa de gala da Guinness em Baden Iveagh. Não devo rir com ele em cena. Mazele é um jogador fracassado! Levanto meu pandeiro pra ele. Contrabaixo e flautas, braçadeira e pronto! Com está sua soneca, Handy, e como ela está atualmente? Primeiro ele vivia pra sentir o que a filha mais velha pensava e por último morria pra saber o que a velha Madre Patriack estava tramando. Tome este John's Lane em seu brinde. Shaunti e shaunti e shaunti novamente! E doze luas coolendárias! Não sou um escravador mas a reverencio! Por conta própria! Ela estudou! Piscisvendedor! Vossa graça! Façanhas perversas de

Domcaosburro! Mas, Gêmeos, ele parece assustadoramente saramagro! Eu ouvi o loirão do banheiro reluzindo na despensa. Deixe-o mentir entre os mortos! Orelha! Orelha! Não sim! Olho! Olho! Poizestou de coração no meio do redemoínho. Nu entanto não posso com meus solenes méritos como recitativo me alembrear de ter feito nonada do mefistipo pra merer tal coiso. Não os fantraumas duma nação. Nem porum longo temputa. Simplesmente não tive o tempo pra. Santo Antônio Guia!

— Mazalguma vez já te rogamos, querido Shaun, nos lembramos, quem foi, bom menino, pra começar, quem da sinfonia te deu a permi'som?

— Agora adeus, Shaun respondeu, cuma voz pura no modo-igreja, em eco bem delicasto, cuma boa pegada gatólica em seu cândido desfeshow muscocosical, um antegoço no tempo de seu vasto cérebrahms de couve-flor. Athiacaro! Como ce tá hoje singnhôzinho miau Au meeaow? Je suis seja lovado? Como sobreviveram a colombo! Sem ouro tende misericondimento deles! Fatigante, muito fatigante. Inválido por dor no meniscorno e pela curvatura da minha coluna. Sobrecarga! Minha pesada cruz e fado do dia a dia, cuma cama tão dura quanto os confúcios pensamitos gregos e uma tábula rasa tão nua quantum altar romanu. Tô fora de coelhos chefs de cozinha e de dandar pra ganhar papá. Não mais que uns muitos poucos nadas se distanciaram desde que mencontrei em Furnas O'Memoriososo cum par de homens saindo da sauna cus quais eu embaralhei mi mãos a despeito de nomeá-los MacBlacks — creio que são apelidados de MacBlakes — do Club da Cabeça Kant — e estavam me aprimorando e fazendo acreditar que cinco horas de fábrica com emolumentos insuficientes não eram vida e invalidez industrial pra eles naquele dia eruma graça. Tenho a honrosa gratificação por anunciá-lo como o quem será quem será nas entretantas profecias do serial Kells Hagios Colleen. Depois de sóis e luas, orvalhos e ti sem nomes, trovulhões e incêndios, vem o sabloomsday. *Solvitur palum-ballando!* Tilvido! Adie!

— Então, elucida-nos, salve a tour, ambu landu, possilvilmente o c é o que é por ordem?

— Perdoama-me, Shaun repetiu de seus lábios líquidos, não quieu queira fazer uma greve de trabalho mas fui cundedado inicianalmente por Livros Hierarkicús e pelo

Master Chef de Cozinha em suas Homilias Concordantes de Eusébio e há um poder vindo

[409]

sobre mim que mim é im post do alto do livro da criassuspiração e então como está virando heredistória cabeluda não tenho de reprimir nada visando olhar pra frente a menos que seja Swann batendo uma cegamente nos meus aposentos em busca do relógio e olobubum perdidos do meu velho simpoetizante. Pareciam ataque genocida de vermes. Isto é vermidade, disse o zeenlador. Quase posso dizer de mim mesmo, sem pactuar do crime, quiagora estou ficando farto de circular sobre as novas rodovias de hitler como aquelas almas sem nome, neved, gelod e granizod por toda parte, até o enferrujado outubro nesta floresterra desolada e fiquei verbaldeiramente sem chão ao pensar na cratera dialgum vulcão conhecido ou no rio Dublin ou no assim falhou zaratruta comuma fuga ou pra isolar-me de meus múltiplos Meus na pontinha da Ilha Lambay ou autoenterrar-me, com tamancos, adegas e tudo, afundando no homeurico vinho do porter a menos que o potro de Morrissey miaujudasse ou afogasse o ganso aos 49 já que filho de peixe peixinho é, esse negócio de buchada de porco, e nalgum canto da literaterra ou da intercessão milagrosa deste umniverso em expansom pra ritornellar ao caosmeço desde que chegou às minhas mãos perdi a esperança de alterar o curso pra fallzer algo a respeito.

— Que assim sejam, honesto Shaun, concordamos, mas das máquinas de franquear, humoristicartas, que no final podem muito bem extraviar, ouvimos que pode ser tu, nosso atrasado, quem vai levar essa cartobra aberta. Parla-nos de E-mailia.

— Como, Shaun respondeu grachiosamente, mostranduma santattoo de patrickster e uma sujeira de seus molares, pra isso eu tenho a pólvora e, pela benção de Barbie, isso é uma lacração da liberdade de expressão, mi amado.

— Simportaria de nos dizer, mel Shaun, mendigue ao maximo pequeno grande gagoboy, propusemos a um jovem tão querido, onde tu és divino gracioso e apto pra trabalhar. Ah, tu podes! Engole o choro e vamos.

— Aqui! Shaun respondeu, enquanto acariciava uma de suas algemas de unha-de-vaca. Não há sabbath pros nômadés, e eu normalmente era capaz de andar, sendo

muito mole pro trabalho duro, sessenta milhonézimas rezas por semana entre três rosários pela manhã e dois terços na véspera. Sempre digo a esses pederastravecos, meus cus respondentes, Top, el Sid e Hucky, agora (e é uma veríssima verdadeidade comua recensão dos

[410]

farsantes) como me foi autorizhades por lei pra minha vocanção na vida encanto eu possuía pernas robustas a serem amputadas após ordens sagradas do desnecessário trabalho servil de vãs romarias de toda sorte pelas relíquias de meu tempo pois do contrário eu me banharia na culpa lá onde os pecadores caem, Excelso é o alpha best. Incapaz para trabalhar para andar para entoar. Vá presta ilha, um sonambu'lar doce lá, então vá proutra ilha, dois sonambu'lares doces lá, depois entre num leibnizrinto noturno, daí lar encontre seus entes queridos. Nunca apoie uma mulher que defende, nunca desista dium amigo de quem depende, nunca dê a cara a tapa a um inimigo até quiele seja água passada e nunca se prenda à molière dioutro homem. Amém, ptah! Seja satisfeita a vossa vulvontade! Assim no continente como na Eironésia.

Mas creia ni mim qui in mia simplicidade soy inacreditavelmente bom, acredito, assim sou, nas minhas raízes, louvada seja a bochecha à direta da Deusciplina! E agora posso declarar com sinceridade diante do meu Pantokreator do Gaiety com minhas mãos crussificcionadas na carne sobre as espístolas dos apóstolos que faço o melhor que posso pra recitar meu rosário em terço de feijão pra múmiãe *mit* modelo *mot* mudo *mat* bonzo regular, genuflexões um budistas. Ondié kiév meu lar, lá tá tu na colina, dê-nos, seu cão, pro seu guisado de cada dia, etc., Alegrinha Maria e Glorioso Patrick, etc., etc. De fato, sempre, eu acreditei. Greedo! Minha língua é dela!

— E esta é a lorota dium tara'do nato. Todavia um minuto de observação, querido dogméstico Shaun, enquanto pontuamos o distanciamento cum qual pintou nossa cidade num desbotado verde chapelizodinhovermelho.

— Oh matricida, como soube? Shaun respondeu, sorrindo à la marria bonita mangando de lampião (parecia a coisa natural a se fazer), de tão sensível que era à luz então. Bem, quiassim seja! A treva trova raios, sua lâmpada de amor. Desejo

confessar que tenho, sim. Teu diogênesis é dium homem anonesto. Trovar dor trovei! Deus fausto trovei. Todas lalínguas trovei. Abaixo a lei Sexônica! E temo que não será que será meu primeiro colete manchado depois de sapoetear no vampiro e arder no foucoault. Vê! ardendo no foucoault. Como vê! brilhando sobre o inimigo. Como o redshank nativo que sou. Imprenhável como a própria mula. Alguém pode derridar duas palavras sugerindo quieu tava errado. Não war tal poesiabilidade! Tu jungmais teve um erro mais freudulento, desculpsicanálise-se! O que pode ser porco pra ti significa kafkarne pra

[411]

mim enquanto tu observa como sou velhaco. Maizé grandioso pela minha maneira de pensar a partir das profecias. Novos uni versos pra todos! E eles foram arranjados escotograficamente pra cavalheiros soletrários poruma musiscritura na nova literaterra quiele descobriu que é uma relatividade. E foi com meu extrovertido davy. Como cola. Ser infinito. Meu árduo Noitedia, tombalacatumba. Phwum!

— Quão melodioso é o teu bel-canto, Oh pica-pound, e quão exqueezit o teu rascunho! *Buccinate in Emenia tuba insigni volumnitatis tuae*. Mas tu quer dizer, Oh pastheen fionn, do Belleek ponto G ao Beijo na primogenitália nosso muito fortíssimo será pianíssimo? nos substanciamos num levante por móveis futuritas ou envernizamos de verde?

— É uma injúria confundiosa por assim dizer, gritou o fogoso camoninho Shaun, naturalmente incensado, enquanto sacudia a pimenta vermelha de suas aurículas. E outra vez clamo que limite suas gritantes intonuações a algum outro corpo mordaz. O que na fisiologíria deste planeta duzinfernos eu podreria fazer além do seu suco? Isso é mais do que sou capaz, pro big bang babélico, pelo menos. Então que agora eu e tu whiskeçamos isso, ahriman! Isso não é poestelaria francesa. Tu pode tirar isso de mim. Entenda-me quando digo (e te peço pra não cochichar, chourar ou citar macbetho) que sob o passado de office bóbok de purcell, tão profundamente deplorado por minha antigamiga anciã, Miss Enders, caça-marido e receptora gay em particular pra Sociedade das Vacas dos Mil Galões dos Pobres Leiteiros Scóticos (eu pensava na minha preciosa) embora abençoados com vintresdois mil cabaços de gado dium lattesfundário d'vinci e dois stuart milks, o meu ganhou, muitas revistas

privê e salve-se quipu der foram comidos por esses cabras da peste lockes pra por o burro na sombra. *Colpa di Becco, buon apartita!* Prosseguindo, quero dizer quisso também é uma das minhas intenções de confissão, nalgum momento agradeusça ao iPaid pelo homãecídio de dios (quando eu não sou digno pra dizer) tão apto como minha caneta está upta pra rabiscar, pra compor um boa caixa de piadora dium eco no meu cú livro engraxadinho na forma dium par de luvas de boxe de ovelha capri envolvendo a questão dos mascotes dos fusilerolero galeses e do buda expiatório que salvou uma cidade pros meus publicadores, Nolaner e Brownno, Nickil Hopstout, Christocruz, contanto que,

[412]

graças à força do destino, meu salário é celtamente um apagamento antecipado, e há uma estaca mimpalando e tem um tum tantando em mim.

À Mui Honorable La Memória della Desgraça, a Mais Noble, Algum Palavrassalo a Serviço do Escritor. Salutem dicint. A recém defunta Sra. Sanders que (o Loyd a seguiu!) eu era transformista e vigarista também, com sua esther Sra. Shunders, ambas doctenores mudicais da escola somperior de equita'som e tão pascoarecidas como as pernovas de Esther. Ela foi a finanda pessoa mais dócil e bem educada como mulherzinha sem partido que já conquistei com chavecartas, só que gorda demais, acostumamada por bebês e por verbos safados esse é seu sepultamentretenimento por ela chupar a mamadeira e tumar os medeadcamentos toدوزos dias. Ela tava bem abaixo dos noventa, pobre Sem hora extra, e tinha gostos da poética, eu tendo suportado o noiticiário como brisa do mar quando a lua também tava quietinha num canto do meu doce céu Standerson. P.L.M. a Signora von Andersen deu pra mim um caldo de carneiro, humilde dê mais pro seu desejo. Honra teu phaizendeido e minhas ninhadas. Esta, minhas carpideiras, é minha última vontade texticular escrita na rua sobre associações feministas ausentes que eu, ou talvez qualquer outra pessoa que agache numa moita, tenha a honra de ter sentado nazelegantes almofadas do divã na presença real da devotada Sra. Grumby quando sua pele foi exposta ao ar. Oh como terá sido o pesar do meu mundo por duas pequenas ptpt chinesas que valem vinte mil libras aqui testemunhadas pelo desejo das migueletes rezarem pra Pepette pelo

vindouro matrimônio de seu amado Roggers, M.D.D. O.D. Raparigoteiras pingam ni mim na seca! Escrevivendo.

— Brincadeira de criançassinato se juntar a teu cadenus e só deus vanessabe como vamos completanazalar esse papel branco. Duas vanossas! Biggerstaff! Som mas não som! Seja ruído e ruído total! Simnão, franco Shaun, continuamos, qual seria a autobiografia do seu corpo mole fumiformizado?

— Urremus! Ninguém quer que seja, Shaun respondeu, Celestial lacuna! (tinha intencionado cantare e agora espreitava de perto a soprano e os tenores rubini e winckelman) embora devesse ser mais ou menos rococó romântico. A propósito, como está o Sr. Fry? Tudisso, eu poderia dizer, em exvoto, propina e regalias e meio-pence de

[413]

madeira, algum faz-me rir, rino, Oh rinoceronte hiláriesco, passou como quem não quer nádega por minhas mãos (e um pacote final dos meus malfeitores endeçado à Srta. Anders! ela vestiu seu espectro de ruínas na noite em que perdeu minha partida) sob o lignome de Sr. van Howten de Tredcastles, Clowntalkin, lenhador, entre meus prodígios nababos e navios de várias subscrições intituladas os Bois no Bosque, nossos inquilinos despejados. O que eu digo é (e não sou nenhum veado ou escosexy e permita-me dizer-te, se não mengano), eu nunca gastei de ti. Nem tenho o fantasma da inação em meu caminho para. Minha lei é assim. De qualquer forma foi como chuchar pão na sopa quente. E isso me leva ao meu novo ponto. Quoniam, sou tão simples embrulho portátil, nu entanto, agora ouvirá a parábola, cuidará de um dos barris externos registrados de Mãesenhora Goonness. Beba diuma vez e urine. Agora!

— So vi et! nós respondemos. Música! Shaun, música! Tenha humorzart! Cantrole-se!

— Deusculpa-me, Shaun musicomeçou, mas prefiro spinozar um dos gestons grimminosos de Jacobsomen e Esaupo, fábula um, fabíblia dios. Vamos considerar o casus, meu querido sêmemlante (husstenhasstencaffincoffintussemtosemmdamandamnacosaghcusaghobixhatouxpe swchbechoscashlcarcaract) do Forpica e do Semgarra.

O Semgarra tava sempre jogando caospoeira, felizst da konta por sua joycealidade, (ele tinham insepa'ravel par de filholinos pra substituí-lo), ou, se não, tava sempre criando obrabertas desagradáveis pra Pulga e Piolho e Berne e Vespátilla brincarem de pupa-pupa e pulicy-pulicy e analdoantunes e vailacraia e pra cumeterem insectos com ele, dos gandhis lábichos até seu orifício e suas centopernas peludas pra sarrar no ar, mesmo que só em cristo, entre os loureiros du jardin, eis uma paunela de pressão. Ele claramente viria melichiosamente, por suas antenas vanguardistas, flexores, contratores, depressores e extensores, lamutavelmente, me atormentar, me desposar, me enterrar, me amarrar, até quiela ficou pulga da vida de vergonha e formigando todinha com as meias fiadas pela Donaranha no melhor schoppinghauer da terra numa moda tão veranista quanto sua cabana, que foi formiliarmente chamado de Som ou não som eis o ruído, tateou acima. Ou, se sempre bartókava bélamente em funerarraiais divertidos com Zeus pai todo pandeiroso, el Imemorial Um, com todazas suas lacraias corolas,

[414]

albedinoso e bon vivant velhaco, dentro de seu minhocaixão eletroacústico e Dehlia e Peonia, suas ninfas caídas, enfeitçando-o, olhos compostos na moscabeça, e Antiga Let's Gota-de-botas pra coçar seu cume e cacarejazz sua traqueiaxé, diva deborah (sete bolhas de sabão, uma lambida de limão, duas riscadas de fósforo, três peidos de enxofreud, um shake de o'çucar, doze grãos de magnésio e uma surreal chuva de canivetes. O eco do oco do arco do caracol do Boubou de Bournéu assim chegou a taon!), e com tamborins e cantos ridentes rotasaturnando em torno de seu eggxílio com the beetles sua polca McCartney em retrophoebia, kant a kant, como invertebrado retumbante e jenny abril, para o rá, o rá, o rá, o rá, salto alto e belo lance de dedos, presenciado porum surdomudo sãodomundo do boxeatores e mirmidões cantando em bzzz maior *A Borboletra da Sátira além do Bee e do Mel, Dumpty não se Esfolhou em Nós Porpouco mas Oh, Time Timeagen, Wake!* Pois se sciencium (o que é o quê) pode silenciar uns zé-ninguéns, 'um pensamento, sobre o Grande Alguém dentro do Onibossa-nova, talvez numa nota só (pio de piada) possa cantar ums tumtim sobre os Novos Babelianos que tocam sancho pança. Uma velha maré alta pro esquentar dos fregueses do bar e o dia todo gratiis! Trovão e raio pro luto dozaliados, qualquer potranca numa névoa, pois O'Cronos fica pisando em falso em suas praias, mas zeus

sonsonsons o destronaram. Antecoisa acima do chão, como seu Livro de Respirações o acamou, pra todo o sempre, shemulado ou shaunfado, aparentemente pra mutar o tempo.

Agrachia-me e escaravelha-me a alma! Que bagateleiro es! Libeluloso! Penislongo! Pou! Pulgo! Puto! Que era dos deuses! aventou a Forpica, que, não senduma borboletra, meditava criando espaços frios em autoafronthoth do reflexo de sua janelewis, que era antitropicalistamente intitugelado Nixnixundnix. Não iremos à festa naquele pulgueiro, possivelmente decidiu, poizele não faz party da nossa lista social. Nem pro cravo bem enterrado de Ba, aquele semgarra, enfeitado de yara encanto houver uma alma no corpo do um. Não obstantegíto, quanduele olhou com segurança pra cima de sua oviposição, elevou as mãos e orou: Kiele não deixe faltar vodkágua! Campos Elíseos! Kiele não jogue bosta na geni! Augustos Campos! Tão amplo quanto o florescente reinado de Pepi o meu reino florescerá! Tão elevado quantua

[415]

pirâmide de Hapi ficará o meu chocalho chacoalhado por haines! Crescerá, Florescerá! Scorrerà! Hummum.

O Forpica erum sujeito universal, fortão e anababelizado, de perto parecia altitudinoso e minúsculo como um schelling de cobre. Ele era austero sair vitor a sair lariado e parecia um presidente quando não tava abrindo espaços em sua psique, mas, froudeu! quando ousava travestir espaços em seu imaginário, usava sua muriçocalça mais sagrada e se a semêm lava ao líder do formigueiro. Agora quio bobo caprichoso do Semgarra tinha jogado capoeirará poruma selva de amor e dívidas e xaxado num caos de vida em dúvidas póstumas, molhando o bico com as abelhas, rei da bebida com néctar, aplicando calotes com refrões art'décoreba e perseguindo joaninhas (*ichnehmon diagelegenaitoikon*) ele caiu tão doente quantum sacristão e tão pobre quantum rato digreja, e ondios mosquitos iam em busca do si mesmo perdido ou piolhos procuravam larvas pra sua carapaça ou pra encontrar um hospedeiro, pra lambar, eliera marimbondo do tigrão! Lacreia seca! funk do zangão! Semgarra parasita de bar! E volomundo osi videvide! Nadanadaenadas! Nem um vintém de mo'edda muscowvita pra comprar um pedacinho de pão de mel! Romel!

Romel! Cãibra de penislongo, que foda! Oh meu Deusouro, ele se penistenciou com melancatolia. Invernará, seu semgarra! To morto de fome!

Ele havia comido a escrita daistória, engolido os lustres, devorado quarenta lances de escadas, mastigado todos os meses e séculos, vasculhado os registros, feito bolas de catarro das efemérides e voracionado mais glutinosamente com o próprio espaço-tempo na eternitariedade – um semgarra neutro não muito empoeirado prum acarozinho quitinoso tão irrizório. Mas quando o espírito do Noital tava nos galhos nus, ele partiu de Terruidosas. Ele deu uma volta circular e deu um outra volta circular e deu mais uma volta circular até que os grilos em sua cabeça e os leibnietzches em seu cabelo o fizeram pensar que tinha a Tossmania. Ele tinha biciclado os mares da morte e trestraversado seu reverso mar? Ele chegou ao pararriso com seus anjos ou foi pro inferno co poopa? As neves de junho se aglomeravam como moscas nos tomos de hegel, milípedes dele e miriápodes, e um aterrador zumbethes de tornados, o Borabora-borealis, derrubando os telhados e lançando granizos contras as cafeterias, cantando o ragnarock do earwircker, cum irritante,

[416]

penetrante, hip hopulga. Dó-ré-mi-fá-sol-lá-sí! Garra! Dó-ré-mi-fá-sol-lá-sí! Garra!

O Semgarra que, embora cego como morcego pulguento, ainda sabia, não na pequinês dum besouro, sua boa borboteta de entomologia não pediu um único single nem direitos autorais mas prontamente se jogou no vico, aí e alí, no máximo de seu ruidoso canto, vertiginosamente imaginando se sua sorte acenderia com integritas ou o paitrão de ambos separaria a briga e a próxima vez que ele epifanizasse a claritas do Forpica depois de encontrarem a si mesmos, esta suma musicológica, seria muita sorte se ele não contemplasse um mundo de diferentes. Curve-se à Grossa de Seu Forpica, prostrando-se sobre seu trono, em suas havaianas papilônicas, fumando uma mistura espacial de charutos de Havanna, com borboletas farfalhando de seus impensáveis, fervilhando de seu eu em seu quarto ensolirado, saciado antes de seu confortombavel platão de filosopia de cérebro de macacunaíma e uma confucion de menta (poizele erum conformado acético e aristotélico), tão zangão quantum mamamel ou um aborrescente explodindo Libido, com Pulgauguin picando sua coxa e Piolhado picasso abrindo sua perna esquerda e Bieni beijando-o sob seu boné e

Vespatilla mezzo-soprando amorzart por todo o volume do colosso de sua cuequinha. Tanto entomate quanto intimate podia ser bigapto. Saúva-se e formigueire-se e por desajesuizado cristolo e pelo chorriso de cristoris! congelou o Semgarra, mosquiaberto de ciúme dabelha e no limite da cornomansisse, que visão!

O Forpica, aquele verdadeiro e perfeito hospedreiro, tecelão como donaranha, tava costurando a maior phiada quium corpo phodia com suas rendas de formigairinha pois tava coçassaricando em cima dele como que coisandumacoisa em formicação, infinitamente abençoado num banho cas ninfas de alá. Ele tava se amasiando enormemente na crabrona e mary-pose, catando Pulgauguim por caridade e coçando Piolhado picasso, eu supunheto isso, e atacando Bienie, a fé, também, e siriricando Vespatilla siriri pela percerveja. Nunca o Semgarra de Semgarralândia havia dançado com tanto agarrra-agarra! A imago veripatética do impossível Semgarra com sua ode cabeça ao forpica, depois de suas jornadas três vezes efêmeras, sem louva-deus nem carinho, animal peso-pena, de fato e presumivelmente santificador do desespero crônico, foi suficientemente e provavelmente muito cocoo pro seu coro

[417]

de gravitates. Que ele seja o Chorão Artalone com seus parasitas se desgrudando dele encanto eu serei Inflação el Sanguessuga. Funcionário Fútil faltou na folga, falsificando sua assinatura, mas Conte Carme fez a melodia que cunhou o dinheiro. *Ad majorem I.s.d.! Divigloriam.* Um escurecimento do limiar. Haru? Orimis, marinheiro sol de seu bote saúva-vida, sekhet oráculo do Mal-que-é, lorde dos pães Entre os mortos. Seja! Que assim seja! Je-ca-ta-tu-art, o fugaz-como-falido, receba de mim a altivez. Haru!

A coisa agrandou o forpica, e forpica,

Ele se larvou e ele riu por musiscrever com a merda dele tais ruídos

O Semgarra temia que ele misturasse suas fauces.

Eu te perdôo, grande Forpica, disse o Semgarra, aos prantos,

Pro bem da sua causa você tá seguro em casa.

Ensine polcas a Pulgauguim e Piolhado picasso, mostre a Bienie onde é doce

E ele tem certeza que Vespátilla pune uns gordos pra esquentar.

Como já fui flautista agora devo pagar a conta

Então saída pra Mohammlet e marhaba pra sua Montanha!

Deixe quem gosta de protuberrância em cima pra que moscazart voe duma vez;

Eu não poderia me sentir mais grogue se fosse um besouro do reno.

Eu captu sua reprovação, a cavalo dado não se olha os dantes,

Pois o prêmio de sua economia é o preço de minha despesa.

Pode pular a cerca como castor e pólux com proust tutas se a véia polaca deixar

Ou Culex sentirá o cú coçar se Pulex não o acordar?

Um gafanhoto do warmor, um cupim que t'embaraça,

Esses dois são os gêmeos que marcam o Homo Vulgaris.

Vento Aquilant do nort rolando furioso ao sul

Desde o Gryphon mariposamos em seu honoris casulis azul

E esse Homem Acidental não venceu onde sua história termina

Já que suspiros zéfirangustiantes buscavam corações lestaís pra sua orientança?

Não somos de Jogar Fora com Miserê, pré-condenados, dois e trues,

Até que Nolans virem volantes e Brunolhos se tornem azues.

*Antes quiaqueles moscaras do momento mosquem com você, deixe de ser raposudo
pra me uvivavaíar*

Uma extensão deve espaçar, um lapso deve temporalizar,

De minhas tictácticas taco-lhe-o-taco, ticatuco, e tutto bene;

Como eu vejo por seuzolhos cura a ti e a mim.

[418]

Partiprise meus gêmeagrellos enquanto meus pontos piscam ininterruptos em

Sua obra total se amplia com o botão Tout screeba multilingue ativado.

Meu universo in risível você deficitilmente não achará

Tamanha ponta de peito oxtrabovina supera o contra-filé.

Seus passos são enormes, seus volumes imensos,

(Que as Graças quieu esperava cantem nosense musical a Vossa Formiguês!),

Seu gênero é mundiwaltrik, seu espa'som é sublime!

Mas, Santo Gafanhoso, por que não consegue vencer o tempo?

Em nome do antepaissado e do finício e do espiritolocausto. Allmen.

— Agora? Você é o cara em explosição! Quão extenso é seu fokloire e quão yorubarmônico seu volupkabulário! *Qui vive sparanto qua muore contanto.* Oh faboleiro, Oh farofeiro, tens aquele bird retumbante dentro de ti! Cai facilmente sobre a orelheuropa e desce até a epifânica carnavalização como bakhtinco-tico com seu tingting no fubá. O xavequeiro mais blablablador em todo o Cornowall! Mas vosmichê poderia, é claro, decente Lettrechaun, nós te manjamos (pra trocar teu não nome ou tua nação) desde que habiritava no barril, ler os raros ex cristos anaglípticos darkeles shemletters patenteados por Hermano Cristionanista Em?

— Grego! Passa pra mim! Shaun respondeu, explosivelmente apontando pros fragmitos de canela atrás de sua orelhacústica. Sou tão nobre romano noitordoxo quanto o papa e a água poderiam me cristianizar. Veja isso como um canetrote de

esqritação! Eu sou, coisado Som Laurence, letra potente pra jogar o shem te de vocábulo a rabo como Oscan word ou no desviado Persse trans-formador do Otromano ou fora do Cóptico ou qualquer coisa fora dos tipos de meus dedos no rascúnho ou com garrafas, com meuzolhos cataráticos e tudo. Mas, diabos, é uma hebrewbida horrível nos calos e calosidades. No que diz respeito a isso eu miassocio à sua observação agora *re'*roubada em papel timbrado da theodicéia e concordo plenamente com suas prescrições pois de fato estou, pago Gay, em justaposição pra dizer que não é uma boa produção. É uma pitada de rabisco, que vale menos quiuma garrafa de caimchaça e canabeldiol. Exagerado! Peffeitamente cacos de restória. Além de leiloável, tudo sobre crime e difamação! Nada além de horrors clericais *et omnibus* a ser enviado ao estrangeiro como matéria de segunda classe. A lixoratura mais imunda já queimada desde Charles Lucas.

[419]

Frambobesa é como eu o chamaria se você me pedisse pra colocá-lo numa só dimensão quieu conceberia poropinião possivelmente pronunchiada oralmente sobresses sacos de lixo quia mãe e o Sr. Imencionável (Oh não racialize seu igual!) reduziram a escrito sem noticiarem meu nome sujo. Quanduela deslizou sob seu pênisadelo. E ondiele fezuma fofocat cum cachimbobservador. Como eles devassaram duas meninuas fazendo chichiste. E por que havia três cadmaradas nas redondezarbustos. Deuspois elespalha sua dedodura mão de Francie até Fritzie na cuzinhaça. Phizicótica é minha mãe e Mallarmégahair é meu pai. Podbre Mollièrezinha e Big Big Pica. Seu verbárvore (que floresça!) por seu ecotáfio (que enrocheça!). Com bebês basebalbões pululando por todo conto. Comme bien, Comme bien! Coma e vai! Coma e vai! E os Rolandeses morrindo de rir em seu chorriso de Barec o'brahma. E tonto mundo som riu. Até quiele não sabia se sabia começabiar. Um infante navegando nu ovo du inferno descendo ateu o chão num dia chuvoso teria mais sabiádoria.

Carta, levada por Shaun, filho de Hek, escrita por Shem, irmão de Shaun, cantada por Alp, mãe de Shem, pra Hek, pai de Shaun. Rubricada. Gi. Foi. 29 Hardware Santo. Lendereçada pra Laonum. Baile-Atha-Cliath. 31 Jan. 1132 A.D. Há Commerçios Enville. Casa Própriapa para Maiores. 13 Fitzgibbets. Loco. Perigoso. Taxa 9d. B.L. Guineys, singolare. L.B. Deusconhecido em 1132 a. 12 Norse Richmound. Nave louca. Adimirado mundereço noévo. Assignado, Jetty Pierrese. Semióticura doente do

nãonada. 92 Vento de peido. Ave. Não tal não. Vale. Finn' Hot. Expulso em 1014 d. De pernas pro ar. Vista do cão. Aberto por Miss Take. 965 poison sons sex uais sô. Grita na Ocupa'som. Semteto. Troca o Dunlop e Sinta-xe Santisfeito. Sr. Domnall O'Domnally. Q.V. 8 Terrores Ruais. Sem saída. Fechada. Jantando com os daneses. Mudou-se pra Philip's Burke. No mar. D.E.D. Envie o perfume. Clontalk. Padre Jacó, Catador de Arroz. 3 Castlewood. P.V. Arrestado. J.P. Convertido ao Hospitalismo. Antes da Marcha ao passado ou à Civilizassã. Outrora o Banco da Irlanda. Riotorne ao City Arms. 2 Milkbuck. Escrito em linhas tortas. Desenhonírico. Agora Banco da Inglataterra. Afogado no Laffey. Aqui. O Reverendo Adam Findlater. Show shot. 7 Rochedozerrantes. Desde Cabra yanke. Pegou pela Coroa. Bem, Sir Arthur. Compra

[420]

Fósforos da Paterson. Pra suas terras pra metidas. Desabrochando os últimos Lemmas no Vulvaso da Oquídea. Pesquisar E-Mailcho Não Reclamado. Hotel Condenado por Édipo. Volto em Poucos Minuetos. Fechado pra Balanço. 60 Shelborne. Chave da e na Kate. Beijo. Isaac's Butt, Pobre Homem. Incendiário Dalicioso. Preso. Desaparecido. Tonturado. Gentilmente em guerra. Abraham Bradley Kingaceiro, Park Bogey. Ressuchistado. Aqui Jazz. Oco e úmido. Ao deus dadá. Ultrapassado. Subluestimado. Volte ao P.O. Posão de. Ordem de pagamento M.O. Tarde D+. Pra Ser o Não Ser. Coabitado por Desafortunados. Perdeu todazas Licenças. Seu Arroz Bife tá Frio. X, Y e Z, Ltd, Enderechorados. A.B, ab, Remetente. Boston (Mass). 31 de Jun. 13, 12. P.D. Estraviado. Advogadiado. Vazio. Carta-bomba. Eis os Oficiais de justiça. Vai pro Hell de janeiro, Ereweakers gagan, com sua BBBistola. Bung. Pápápáre. Bung. Pápápáre. Cumm Bumm. Pare. Volta pra Anntiga Eire. Pare.

— Caríssimo Shaun, todos nós rogamos, por mais que odiemos dizê-lo, mas desde que desabrochou a usuflorir o dinheiro que não tem, sem sugerir porum instante, a vida milhões de modos de usar a slanguage dez vezes mais palavras don que las marcas de caneta usadas em sâns cristo com tantra hesitação por seu cerebrado irmão — deusculpe-me não mencionomeá-lo?

— CelebrAdo! Shaun respondeu sob o sheltar de sua blogueirês, esfregando vigorosamente sua lanterna mágica até um brilho de consciência plena. HeChistÊncia!

Suas palavras irritam meus ares. Noitóriamente eu me sinto preferencialmente inclinado ao meu eu em primeiro lugar pra descrever o Sr. O'Shem te Drapaceiro em carta a priori como sieu fosse acentuadamente chamado prum dialoguinness pra passar minhas eupiniões, mais propriamente vomitando, num eirelitz impulsilvo. Maizeu não mimportaria de ser tão infrutífero na parte que me toca a ponto de positivistamente jurar por cronos quanto às visões da Dinamarca. Não, sah! Mas permita-me cantar ante meu Sol maior que tudo em que creio é que duvido cartesianamente disso. Não tenho vaga pra esse sujeito na minha gayscola, simplesmente não posso. Conforme informo de hora em hora na Reuters & Havas pelo wireless de Gilligan numa notícia sem sal shownalista de quiele, o rabiscador aloprado, está nos finalmentes com clérigos ilegíveis se gabando sempre de sua cuplexidade rosada! Ela, a mamãe ausente, foi sub metida a isso purele, a iniquidade que deusveria ser depravada de seus libertinos pra ser silenciada, ensacolada

[421]

e suspense, e encarcerada a ferros nalguma instituição manicômica longe dos antipapas pra tocar palavrapas apenas siele fosse inteligente o suficiente pra tapear o júri de reaçougueiros e os censores da dita dura. Gach! Poizisso é um fato notável e bem celibratável perante as quatro cortes de divórcio e os tribunais dexceção do Rei, como ele pegou solitária ao ver cobras escocesas e tem uma lowcensa pra produção de consumo e crânio sífilico em suas premissas quebradas onde pode purgar seu desprezo e degenerar até virar um whisqueleto questionando ocê e nu ser até a morte. Podreco! Flanelinha! Lambe-bottons! Vou te descrever numa palavra. Tú. (mendigo teu perdão.) Homo! Aí introduziu teu paurceiro de cama em mim! (falhou no microfone e entalhou no poste). O cavalomem: Vou dar a ele porisso! Fazendo o lobopardo mudar suas manchas, como dizemos no longo livro! Ou eliestá sob a guarda dialguém ou é meu! Obnóxiozão póstumozão da porra! Com sua cartilha única e seu orgulho de príncipe dos necechistados, na corda bamba entre dois mundos! Siele esperar até quieu lhe compre um maçom-mano de presente! Ele noé nem meu meio-primo, porcalamiséria! Nem quero! Prefiro morrer de fome a fazerum gandhi jejum. Aham!

— Podemos te peticionar, ilustre Shaun, então, que meta teu orgulhoso principênis no cofrinho apobriado e que te revele de tua próbria wordoçura com palavras de estilo pra teu muito e mais obsecrente, sugerrimos, com ainda uma faibula de eisop, como pra quanto?

— O Beabem é em parte meu, não é? e podes, debes e bem-vindo, Shaun respondeu, dando ao mesmo tempo, conforme sua fome o tornava amargo, uma forte mordida no favo de mel do al ton de seu chapéu Braham e Melodisível, tryone, tryon e triuno. Ann welcômica. Claro, pensei cômico mesmo qui cê sabia tudo sobrisso, honoris causos, por muito tempo pelos canais telementares de ogum. Claro, isso é tão antigo quanto as abelhas de Baden de Santo Dominóc e tão imedialtista quanto a corte dos camus pra todos do soprovo e bumbunstontões como trovejou Nelson do cai vaquinha. Entretantra. Lá mi si'ririque, sem dó. O blefe de Beerman foi o que começou, Old Knoll e seus empréstimos! E então os loureiros du jardin, Nancy Nicki Ménage e Folletta Lajambe! Entonces o shem te e ham e o jaque-jack. Tudo sobre o Agiota e como desvincular seu nome dele. Lamento anunciar, depois de arrimar seu leito literário, por dois dias ela entoou seu brado retumbante pros bisbilhoteiros mais ruidosos e declamou pra seu

[422]

james macphersonso em Shemish comuma pachamama dos incas cum garcilasso i mitando Anonymaias ao arrancar suas astecalças e sobre o Balt com o escalpopolvuh de peru'ca e seus divórcios leais, quando ferachiosamente ele derramou ovas na Alemoney, lao tsé tsé, todo o relato del pueblo com a pizarra farra porburguesa, e ele, bebê chorão como um ambidestrapaceiro, aspirando o decanato como coca, fornicochilou rapidinho em transe na sua poltrona com seu sexto dedo entre seu olho-de-gato e o códice, fazendo sua peregrinação de Cechilde Horrible, envolvente por sua sopa de letrinhas tiradas do idioglossário quiele inventou sob a hissopalavra caipira! Guima! Ickick derrideu-lhe aquele toock, imitador! E a culpa era inteiramente do excretor. Ele bebe porque minha cúciência dói por saber que não haverá mais Kates e Nells. Se testemunhá-lo lá será o finn. Me foi dado o ú te mato, gracias ao Banco dó ré, prassistir todaudiência com o habla corpus especial do tribunal. Sempre que penso naquele sangue sugar do lá dó si lar, Shem Skrivenitch, sempre cortando

minha prose pra destacar sua frase, bogorror, digo ao povo que fico com dor de queixovelo! Seja eu um pontinho em sua reflexão ele iniciaria sua biografinn em oreias ouvediças. Poetutameia! Grande sagaranna! Dão-laladrão! Vassuncê sabe quiele é peculiar, aquele eggovo très chic, exalando cheiro de muié véia, pra não chupar nada de seus bocetostões. M.D. fez sua *ante mortem* purele. Elieria grisalho aos três, como o cisne sygnus, quando fazia buuu pro público e erguia ozolhos sob os barnóculos ao siarrender depois dos sete. O richard elmo que hiberna em seu topo é o mofo da pedra que sisifo eleva quando cambaleia até quia bruxa da coombe estupre o cadeado de sua fechadura. Ele abriu um rizão na idade da perda da razão na primeva vez que morriu antes de mim. Ele é esquizofônico, eu te digo, e meio-diabo em sua medievalma vegetal. Não importa seus pés caídos e sua pele bronzeadada descascando. É porisso quiele foi o tomate proibido e foi aquecido com o arroz do matrimoney, sob o Habeaba Corpus Expedido. Não mespanta quio santo o chutou com o mesmo símbolo que Berkeley atirou generalzamente na razão. *Negas, negasti* – negotop, negotoe, negotoba, negunter grass! Aí ele foi expulso da escola de Vikingaceiros pela Srta. Gatuda, por pulgandaiar. Daí pegou as europístolas e entrou na xoxociedade dos judeus. Com Bro Cahlls e Fran Czeschs

[423]

e Bruda Pszths e Brat Slavos. Uma vez quanduescapou dum mc'índio, o finnômeno querria enfiar sua cabeça bilíngue intencionalmente no *Ikish Times* e se juntar ao clérigo como um gengis cão deusmoníaco. Jogando pó-ética nozolhos dos Deuses Agricantores! Ele era evitado quando deveria evitar dor. Pois só uma vez me segureipranãourrarumtroço waly mesmo e silenciá-lo. Foi em tom que foi sozinho pro colégio de Cecília bricar de médico como Galen. Abestadopoulos! In ku pode! Ele tem incestons no sangue. Shim! Tenho o maior desprezo por. Proust de morde! Cristchekhov! Tibéria tátesperando, aristocrente! Pré-Cheka um bilhete da gaivota pra Gattabuia e Gabbiano's! Volta pro mar, monstro, e ma deixa livro pra acabar o TCC. Teu pudim tá cozido! Sir vai ser, patê ta! Flatalmente teu l ogum te... Ex. Ex. Ex. Ex.

— Mas pra quê, narrador confiável ao ^{cubismo}, Shaun graça? Agora passamos a perguntar fracamente ao gracioso uno. Conceda-nus a paulavra. O fará agora, bom deus, não é? Por quê?

— Por sua língua raiz, si mi perguntar os porquês, Shaun dó ré'plicou, enquanto fá zia o sim não da cruz devocionalmente comuma bomba da pazlavra, em ato de olvidamento, dos π's ao cabeço! (o que mais q o c quer?) quiele colocou em suas neologírias luterárias. Ullhodturdenweirmudgaardgringnirurdrmolnirfenrirlukkilokkibaugimandodrrerinsurtkrin mgernrackinarockar! Thor é tupã pra você!

— O nome de cem letras trova outra vez, última palavra da linguagem perfeita. Mas poderias chegar perto disso, nós supomos, maisculuso Shaun O', suspeitamos desdio princípio. Como?

— Paix! Paix! Shaun respondeu num penultimo velado. Quiatire a primeira pérola ao Porcos quem nunca viu ele tristão bebendum gole de Jon Jacobsen de sua cana-de-açucar. Com mudera'som! Eu poderia muito bem estar falando com as quatro ondas até quias vésperas cinzentas e os demais adormecessem. Nevasca! Não! Ninguém em seus sete sentidos poderia, como eu disse antes, apenas você me deixou à deriva, por ser umsemiário. Cada letra apagada nele é uma cópia e não algumas das sibilabas e palavras santeiras que posso mostrar a você em meu Reino dos Céus. A lowquacidade dele! Com seu monologos interiorstrêslar! Tairlandês! A última palavra em narroubação! E o quié o quié quicai de π e corre deltado, chistemático bruninho que rouba π's e erres! Sim. Ele trocadielevava

[424]

meu espumalfabeto. Como o'cê. E enquantoisso eu afanava sua pluma de junganso. Como o'éssê. Ele guarda a vedaderistória da minha blusa. Como o'simdilha. Que tal isso pro Shemese?

— Ainda in certo sentido, pra não te lisonjear, imaginamos que tu és divino e gracioso estatuhablador majestoso e bem letrado em suas biblieutecas como jamais foi o Shamoso Shamão, Limited, poderia usar o pior de si, ingenioso Shaun, assim só punhetávamos, se ao menos empregasse seu tempo e se desse ao trabalho de fazescrevê-lo. Hasta la victoria!

— Indubitaverbalmente mas ixo é show, Shaun respondeu, o leitemãetiv de sua ama de sangue começando a funcionar, e embora inocente de disseminar a emanção revoltosa, seria um dia de queda sieu não participasse, sozinho, assim

puedes guardar seu espaço e pelo poder das batalhetras ruidosas eu sou gabaritado pra mimissão (tô convicto disso!) sempre que der na telha (aposto cincão que me dá permissão pra tirar as botas!) com o mais allegro transfusiasmo como, pa tu vê , embora eu possa monologar o Siamêsmo melhor do que a maioria, é um segredo aberto, vildade seja dita, como sou extremamente ingênuo como bartleby o escrivão com minha mão esquerda, o braz cubistas, eu iria pincelá-lo com alusões tão fáceis quanto peroraria um círero de feijões pelo preço de duas milagreiras e meu libroto trifolium, o authordoxo Livro dadu Vida, será que seria, se dado à luz do dia, (tenhuma fé incrível nisso) está a ânus nus daquela ficção bolcheviking de deixar vermelho, meu irmão sonhamês, Gay Fakecional, é famulherizado com o ruído preto e o branqueen. Outragédia dos cartons-poetais! A comédia dos carterros! Eu possuo todos, domados, profundos e atormentados, no meu eu. E num desses dias lindos, meu querido, quando estiver de bom humor, poderei cortar minha gargântua com minha língua em tal noite mas serei ormuzd movido a tomar o lápis e introventar a Imprensãpatrick apenas com uma obra de mérito, mark minha palavras e as tipografe com minha mark twain, que terá a opera aberta do doutor fausto pra você, amigo de fé irmão camarada, só sua, como um papa e um imaturo e um nonadinha e um *spaciaman spaciosum* e cento e onze outras coisas, eu nunca me daria tanto trabalho pra fazer isso. E por quê? Porque sou um cara muito rebelde e cabeludo pra violar o gosto daquela ultravirulência. E por tudo de mais sagrado entre o céu e a terra nebulosa eu juro por meu pipi

[425]

e popolavra de horror em temor a Shaun (e isso é um uivo dium nome!) que encomendarei chamás a qualquer incendiarista ou xamã ahriman que ritualizaria pra inflamar cada anima com as runas da minha mãecunaíma. Zombe-me Julie mas sonharei!

E, com aquele crickcrackcruck vindo de seu berço de judas do qual a dor roubava todos os sorrisos, um temperaverbal pugiletrista belo forte impávido colosso, como ele era, virtualmente caiu de cabeça na mãe, ficando muito pesaroso com ela, empodreirado pela autoajuda com o amor das lágrimas de prata quenrolou no cabelo dela, com celteza, eliera o panaca suave nanave do mundo cum coração como o de Montgomery em seu incestórax exibido e carregava fardos de sentimentos recalcados

e tão inocente e indigno como o bezerrouro recém-caído. Aindassim, grosseiramente altruísta em seu ego doentio, derramou um alarmante valium de lágrimas e riu cum enxugamento de suas poças e um gole apologético, curando sua tara com o riso de seu olhar, egolhando ao redor. Sua pança mole não é como peito de pombo selvagem. Ally bully. Fu Lix gulpa. Lembre-se, agora, quiele tava a sete palmos da seriedade ainda que com seu marxsemlar gerreiro muito sonolento pra falar algo a mais. Moe apenas parou de olhar pra ci ci cima de seus pulsos algemados pela correnteza através do fantasma de um ossiano, o luto de parsifuldendo montesdevênus cheios de gases de joepeter como a história do não mas dos que foram e serão, tudo narrado, escrutinando o verso-reverso na épica cabeça pra sentir qual idade em anos tropicais, eclesiásticos, civis ou siderais ele cosmoencontraria apontando pra sirius de Charley's Wain (o que indica a dança das esferas pela vico láctea e as mansões dos abensonhados ritornellando aos velhos tempos) como sempre ansiou, a borromeanna espiral dos sonhos o enodou, seus polegares invertidos em seus punhos e, perdendo o balanço harmônico de sua música dazesféras nazestremidades, por santa caçarola, comuma garraflash de relâmpago derrimada sóbrio ele (Oh os filhos dos pais!) pelo finnorne peso de seu barril (tudo isso impediu a happarição de quem senão dos asteriscos gêmeos em seu eterno devir?) e, como o mais sábio curso pós-tonal quiele poderia representar, colapsou em conjunto e rolou flutuantemente pra trás em menos diuma piscadela *vía* o beco de Rattigan fora do alcance da fofocorelha com seu modo altamente curioso de deslizar pélavras em movimento, pé firme, pé diabético, pé liso,

[426]

pé gordo, lápis lazúli incandescente, gênio da lâmpada preguiçoso, e pelas lapadas e quedas de Killesther, com rolhas, aduelas e folhárvores e mais bolhas em sua jangada poruma rota sem cila e caríbdis já que a vaca chorona da cidade foi pro bejo dos tempos na direção de Mac Auliffey, a casa da crucificação, *Abra a Porteira Suavemente*, no vale profundo antes que realmente ele baixasse o ere'som à beira dium mergulho nas profundeusas (uila!) ele sumiu sem deixar rastros e desvanesseu, como um popô caído dium papa, da circular circulatio. Ah, mean!

Gaogaogaone! Tapaa!

E as Stellas de finnegan brilhavam. E a noiterra resplandeceu aromatose. Sua gaita de falhas arrastonava na burrescuridão. Um fedor foi soprado na corrente de ar. Elieria

nosso, todo fragrância. E nós fomos seus por toda a vida. Ó doces sonhos lânguidos! Taboccoo!

Ele foi sharmã! Mas sharmenguista!

E a lâmpada apagou porque não podia arder em chamas, sim, a lmp c apagou pq não podia ficar acesa.

Bem, (quão escuras as horas quando seu semelhâmpada se apaga!) tudo é opaco e amarelo e é em sono profundo que vais dessa arte puma melhor, meu irmão, hábel Shaun, cum esvoaçar do manto, antes quia luz da manhã piscalmalise nossa mais difícil agonia, além do berço de bacalhaosmose e mil platôs-cor-de-rosa, das relações carnavais com rostos infamiliars, das índas da Germânia ondios olifantes são coçados desde sempre até o oeste das Amíracles ondias histórias antropofálicas crescem maizorgulhosas, é uma pena, mas por todosos seus atos de bondade que tão carruidosamente sempre pratocava, manomano e miriaimília até pra mulimuli, como nossas classes maizumildes, cuja virtude é a humildade, pound-se dizer, dificilmente somos algo no país do Velho, Sean Magh, podemos fragmentar-te pois, alá poe, eras o santo dos passos, eras mesmo, tootoo too eras velocista, agraceiado pelos deuses e hititas e consolo do ressuschistar. Fisionomia cuja desapareição aflitamente afetuosa afetou Fuinn. Campeão dos cãopeões, pau pra toda obra aberta, próprépós-posto a ditar histórias dissonhantes, o eleito da idade do rizão! Ratrovadordebiblioteca portavoz de nossa silenchirosidade espectoresca! Musha, ama-nus lá nu Cockpit, pobres és tu dantes do meio-dia, num ou noutro momento, quando achar que já é hora. Wisha, volta conosco pra casa pero vaz pra caminha ou pros camões de Biddy quando chegar lá ou em qualquer lugar onde sentimos falta do seu sorriso.

[427]

Zumbebi leitenchopado dos palmares com panetone! Suasusupo! Contudo! Nosso povo aqui na Samoamnésia não terá esclerose nem tesquecerá e os velhos enlucascarão e marcarão as johrnadas, chovescrevendo matthiwzes de gota em gota sobre os quatro tapetes nudes. Como bocê taria pensando em suas reflexões em como tudisso sinissonhou no inconsciente e camus estarias em luta imagética contra seus escrúpulos safokants pra esconder uma imperfecção sendo cumetida. Sirelanda te chama. Marilú é cândida como a lua. E a dama de leite de Slyly mamouneném na Loja Machônica de Cristao. Vira a casaca, caractere possante, e esteja entre nós ladeira abaixo, jovem ugandês, só maizuma vez! E quio musgo da prosperidade o role

pra casa! Quio orvalho nebuloso diamantize suas esperançanéis! Quio plug anal de fioterralidade tampe seu fogoso buraco! Quio vento dos campos de centeio resplandeça sorte aos seus aqualoucos! Bem sabemos que cê relutou em nos deixar, enroscando seu chifeud de jungcórnio, o digno correio real, mas, conforme d'us, pulso de nosso sono, página da interpreta'som dos sonhos, pela graça de Votre Dame, quando a manhã natural de seu vazio noturno se funde à manhã nacional do áureo nascer do sol e Don Querxota dá as costas ao velho grogue Georges Quartos enquantoaquele encouraçado porterking de Johnjoychiste leva ventos waterloogubres ao rei de Erin, você vai navicar pelo mar Moyle e ciclar em sua própria escatologíria nalgum ou noutro dia como canonizador, mochila nas costas, olocko! cavando neve, (não é assim?) comuo homem bom quiés, com seus bolsos de fotos do avesso no rastro da chuva pra novas remessas e disso a isto em qualquer caso, timus tenant, quio carvão: :capim cresça rapidamente sob bilhetras de metrô e as margaridas tropeçam levemente em seus botões dourados.

[428]

II

Parangoalegre Jaun, como fui shaunalisticamente informado poucantes dilso, parou logos depois pra recuperar o fôlego, puxando a primeira perna coturminosa de seus passonhos noturnos, e pra relaxar (quio filho de Deus agora esteja olhando pro pobre preambulador!) amboszosseus linguisticalcanhares machucados que foram claramente conficcionados bem pouco antes de sua meialodia-soquete, na represa perto de Lazar's Walk (poizem todosos kants, tão gandhi quanto sua jovialidadhi, ele era conhecido por seu tratamento humano com qualquer tipo de calçado abusador), uma questão de nueve vintenas de barrislowatt-hora ou palavra-algo assim de distância comuele meritossocraticamente merecia fazer. Ele tava lá, você poderia ver planemetricamente, quandueu olhei lobo-mahlermente pra vê-lo de pertinho, istoÉ, (graciosas porções, neste ritmo de crescimento nosso filho diontem em breve rizomará pelo espaço e explodirá em sistemas, então acelera o instante!) amplamente alterado para o brilho maior, embora ainda fosse a imagem esculpida de seu eu mais qui-quadrado como costumava ser^{x²}, suando como tampa de marmitta pero feliz apesar do pé ainda star dormente nele, do jeito quiele pensava, por são januário, ele tinhum casco de boi em sua bota, com seu esplêndido lance de dedos do pé, através da Irlanda intranscendida, poeta boca de caçapostagens, apoiado, repousante, contrum guardião da paz loiro-manteiga, um tal Sigurdsen defensor dos frascos&comprimidos, (e onde haveria um exsargento de malícias melhor quiesse pra descansar de subir na escadaughter com a botapreta dele?) o karl, enterrado em pé comuo Osborne, dodecassonado, caiu oniricalmamente no sono durantio serviçorgasmo noturno atrás do terreiro do curandeiro, equilinebriado entriozabraços duma garrafa monopolizada.

[429]

Agora, naum havia nonada menas do que vinte y nove filhas colidouescapando da escola noturna nacional lansãta Brígida Beneficente (jacques elas pareciam sealembra de quanto ainda era um ano sobre quatro) aprendendo sua lição de vida antemeridiana, sob sua árvore, contra sua advertência, sentadinhas, comuestavam, à beira do leito, atraídas pela anitamalfática visão inaugural do marcante homem amarelo (o bê-a-beer, o bôer, o rei de todosos baares, Sir Humphrey puxa-saco queencontramos no botecais!) enquanto remaram pra longe, marcando o compasso

magneticamente cansuas oito e cinquenta pedaletas, brincando dinganar o quincas bobo na casca do filosofo ali no posto misto, Ó quão jaunbobamente, todas de top sêmen-nuas no tropo dissua adolescência, descrevendum encantador datilograma de noturnos ainda que repelidas pelo ronco do tronco que parecia fincado na graminha eterno enquanto duro e várias vezes, quando liquefeito, (vil!), ele gaguejaculava absurduchampmente inseu holindês nativo, visivelmente impassível, sobre seu tesouro trocado pra coroa: *Filosofilha desfalecida na caminha significa copo cheio de caninha*.

Jaun (depois dele ter em primeiro lugar tiradum chapéu cuma coroa reforçada e se corcurvado pra todozozoutros naquele coro delogios às garotabelhinhas de boa vontade pelo comportermento diabelha rainha que tinham todazazzz garotas todazelas enxameadas indo rapidinhazzz pro posto tão agitadazzz quanto podiam star pra ler os beijos dassua mão, zumbindandando por aí, brincando de pega-pega e fazenduma tremenda ruidópera feminina pelo ferrão dele num bonde do zangão sem freio, o *jeune premier* e o rosiano sorriso de bunker-de-rosas delas, baogunçando seus caosbelos encaracolados e seus cachinhos desgrenhados, todinhas, menos aquela zinha; A mais bela de Finfria, concebida em cartas de amor comuma fornada de tortinhas de amora silvestre (não são finas, poderosas, finamente poderosas e honradas?) e cheirando a sorriso, de par e par, pun em pão e finesa por finesse, os delicheirosos perfúmios que emanavam da carne dele (delíchia!) simplesmente angélicos, saboreando tomilho selvagem e salsa misturada com o resto de pão quio diabo picotou (Ô delíchia!) e sentindo a sua pochete estufando tão tatilmente e balangando seu saco gelatinoso pra, embora ele parecesse um bom jovem da capelizod sixtina, elas poderiam descabelar o palhaço da virilidade daquele ele quiera nada mais nada menos quio assassino de molières mais galanteador de todos por sua genitileza, agora vocezinho, Jaun, pedindo amorosamente (bocê tão bem, senhoritas!) depois de falar como bocê tão com aquelas bonecalcinhas (e onde tá a cabrita da Agatha? e como tá a pombinha da Bernadetta? e a coelhinha da Juliennaw e a

[430]

trigrezombeteira da Eulalina?) ele continuou em seguida (sentindossiumgostosão!) a lançar comentários dados ao acaso sobre suazaparências pessoais e os gostos contrários exibidos inseus cabachapeus de gatinho bem apertadinhos y inseus

minúsculos fio-deltais, interrogando uma a uma da mais recalcadinha a mais donaldinha sobre sielas leram as lendas irlandesas e gentilmente repreendendo a uma delas de quio toucinho da sua porquinha podia ser visto sob a sua sainha e sussurrando a outra num cantinho, como variante, quia boquinha do seu baiacuzinho tava um pouquinho aberta nos fundilhos y bizolhano de rabo diolho pra eça, queirozentinha, (e supostonanistamente tudo foi só pra preencher um formulário por pura bondade humana e pra não perder a filantropiada) jacques Jaun, sigamos poressa via, foi a via pra se tornar (pensoho, logo espero quiele tenha sido) o ser mais puramente humano que já foi chamado de homem, amando toda a alta e baixa criação desdio vira-lattes do Sampson até a baleinha do Jones e do Rei de todazas Evas de rapina até os infusórios) Jaun, depois daquelas polcas preliminares ele percebeu através de seu eroscópio a aparição de sua querida irmã Izzy poizele conheceu seu amor pelazondas de respingozos dela e ela lhe mostrou a prova por seu jeitinho de tagarelavermelhar-se não deixando mallarmagem prele esquecê-la tirando-a da cabaça tão facilmente assim jacques eliera seu irmão em terceiro graal além de ser seu beneditino padrinho e só eros sabe que insua psiquê ele abdicaria do mundo y da vida dandua ela tudo quisseeu doce coração edipoderia comprar, (irmãos à obra!) humilde, bondoso, verdadeiro, Jaun.

— Queridissima irmã, Jaun seapresentou com expressa cordialidade, marcada por clareza de dicção e entrega geral, ao iniciar se despedindo imediatamente de sua escolástica pra ganhar tempo com carinhos profundos, nó honestamente acreditamos que o você sentirá muita falta do nós no momento que partirmos mas nó nos sentimos como um mártir da desigreja livre de todo dever jacques nossa hora tá próxima, pelo Grande Harry, pra partirmos pra nó nos perdermos em nossa longa e última jornada e nó não sermos o fardo em você. Esta é a marx-valia dosseus ensinamentos nos karls a sagrada família nos criou, você, irmã, que costumava nozescrever cartas extremamente belas pra apresentação e nos contava sem fazer cu doce (como nó costumamos nos lembrar nos minimônicos detalhes) seus contos do velhoimundo sobre coisagrande&senzala e raízes do pound-brasil e dieobscuros e derridaddy, esses contos que reliteralmente arrancaram nosso coração assim narrados por vossa mercê, pehënguermana, com perfeição, nossa pupila favorita de toda a classe ritmética e a palavra-chave da nossa casa eriginal na épica in que nós dois na flor da eddade saci-pererecavamos em masturbando (Ó Febo! Ó Pólux!) na cama, tendo sido

colocados pra nanar lubrificcionados com óleo de Castor y xarope de Parrish (a noite que jah marx esqueceremos) pra musicompartilhar contigo nossa complexa suíte de afetos.

Me elevo, Ó bela assembleia! Ecommincio. Agora intão, depois deste introito de exórdio, minha galáxia cunhatãoldiana, *quiproquo* de instruções a jacques lacaios eu procuro por seus conselhos sobre o estrito T_{otem}.T_{abu}. ao Padre Mike, P_{into}.P_{equeno}., meu dominicano oracional e doutor confessor, C.C.D.D. (compre os pássaros, ele tava dizeno enquanto me puxava pra baixo do sermão chicoteando minhas costelas duma forma performágica e confidenciou entre leguminoises amigos como noises em tantas sonoras palavras desluxuriosas sobre comuele havia forrozeablado tétum-a-tétum cum duas viragos intactas contando da vida de occam chopando manga quiele levava, de padre coitado, proferindo missa prum casal castrado e que dia legal era aquele, ali e alá, pruma consomação cuma efusão e como, por todozos augustos haroldos e ate pignataris, como, inferno nos túneis da danaidenha, ele me casaria com ele em qualquer velha édipoca tão rápido quantuo olhar dele voava pra mim) e estou dando às adolescentes agora novamente em palavras de estilo bivetorial através do ofertório dele o meu conselho microfonado, assumindo o posto da persona, antes dele retomar seu trabalho de cura, aqueles verbos quiele me sussurrou. De cima. O mais eminente bispo-papão titular de Dubloonik pra todazas suas cunilinguorações no Paraísodapoetaria. Cheguemchegandodamassobredamas, sentem e escutem tudo! Sigam-me coladinhas! Mantenha-me à vista! Compreendam-me no meu misereressom! O que serve pra todozazirmãs praticantes duma pregação mais livre e leva a ser ou nun ser um cavalheiro sem sujeira diante duma flo de pessoa laceradora della parola. Agora. Durante nossa breve apicência desta furtiva estação de umidade abrasiva fui o mais fiel àquilo que pude dos dez mandamentos no tocante a purgações e indulgências e na longa estrada da vida eles provarão ser o melhor guia ao longo nosseu caminho de retidão. Onde stamos com o leitor e qualé a primeira canção a ser cantarolhada? São rubricas, mandarimus, pasqualinas ou verdidads arco-irisinteriorizadas nele, ou as lívidas cores indecorosas da voyoulência extrema e, pro amante da liturgíria, seja kant ou seja sant, onde tá o fato proibido a ser desejado? Vários domingos pecantes depois da era da missacrilégio. Vou mandar pro saco aquele servo que me dá asco no minuto em quio abençoar. Isso é o máximo que raposso fazer por uivivavossa graça. Economia de moviemento, como reza a missa.

Tenho uma escolha de esperonça sieu escolher todos os santos do dodecalendário.
Do

[432]

comum a ignatius Pampeluna Cheia até Francisco Ultramar em pessoa, último dos meninos do hell, terceiro das nevascas, in terrorgamos audi 000 a nostra prece. Aqui tá ela, is a bell, isso vale ouro no céu, virgem imaculada, Undetrigésima, vicissy manonna. D'oremios! A mesma ou parecida pode ser gentilmente observada na arquidietocese dos noivos de Gay O'Toole e Gloamy Gwenn du Lake (fala-se dinamarquês!) desdia Mastigada segunda-feira até a siesta do farreador em dominós chineses. Palavras tiradas em triunfo, minha doce assistência, da pena sofredora do nosso jocosus inkerman militante do cigarrinho atrás da orelha.

Nunca perca sua missa perdidanalugum lugar pro casal em Myles onde você demonstrou uma baita veneração pela noiva. Nunca odeie a mera carne de porkofiev por sujar sua faca na sexta-feira santa. Nunca deixe um porco de howth dançar polca in seus lençóis de Killiney. Nunca jogue o jogo das damas usando o nome do Senhor no vão. Nunca perca seu coração até recuperar o diamante dele. Seja forte para nunca soltar pun no canto do sol-fá da Cafeteria Da Aline Bei com pequenas coreografias musicais arriscadas *apropos* nos fumódromos de viajantes comerciais pra animar suas noitzsches colombinas do tipo *Os membros brancos deles nunca param de bolinar* ou *Fazer Chichiste era um emprego Markchista quando Ney Meteogrosso era um Homem com H. E*, pelo pun nosso de cada dia, é você que vai molhar Seu biscoito Esaú e Jacólando e depois jogar o saquinho no lixo? Por que a lata tá quase vazia. Primeiro não sorrirás. Segunda não amarás. Luxurúltimo, não hibridizadultererás idolatrias. Os cintos de castidade ajudaram na compunção. Nunca se acomode em suas breves ficadas por conveniência masculina. Nunca limpe seus botões com seu par de tesouras sujas. Nunca pergunte à primeira pessoa onde é o evangelicaminho mais culto ateu a porter do céu. Nunca deixe a mão promissora se libertar de suas brincadeiras sacrais. O lado assaz macio do machado! Um cordel encantado, um bordel enamorado, um rubor num arbusto transformaram a risada do primeiro homem numa espermãezinha chorosa. Ó felix copulada! Ah, erro dos dados! Nunca mergulhe em sonho profundo se houver navegadores in seu quarto. Nunca passe a chave de prata pelo portão da idade de ouro. Colida com homem, lida com dinheiro. Esqueça

meu prêmio antes de me singrar. Vejam bem onde vocês foram amarrar o burroco e olhem antes de suas fugas, queridas. Nunca batize maçãs de são medardo até que são swithin tenha visto a merda. Regue sua costela-de-adão no lugar da eva daninha e você vai ver com quantos paus-brasil sefaz uma canoa. Especialmente tome

[433]

culadado ao participar duma festa sobriuma desmoralizante vida doméstica qualquer. Isso é broxante. Mantenha fria fé na empresa, tenha quente cervejesperança no lar e comece em casa a ser caridoso na caridade. Ondié mais nobre alimentar a mente do que os meninos de rua e os erros da virtude do ultrajador. Devolva aqueles beijos roubados; restaura a mão à luva toda dialgodão. Lembra-te do pintinho amarelinho que tantras vezes assolou as garotas do park, Rhidarhoda e Daradoralina, uma vez que brincam de cavalo-de-pau encenando de calça arriada pra Bessy Sudlow com musicalcinhas coloridas marcando o bifinho em vez de enfiar a mão no buraco de carvão pra preparar a comida do gandhi o'gunn. Ante-perna-Devassa levantada-atrás-do-Muro onde aqui o Sr. Pangaré tevi uma grande queda. A família de ortopiadistas achou sob a luz de velasques que parecia um pinto quebrado mas Hayes, Conyngham e Erobinson juraram de pau junto quiéra um ovo. Nun me esqueça-mim! Fique, esfrie a cabeça e perdoe-o! Lembra-te do amargor da dor que lacrimijei no velório em quinterrei nossa Charlotte Quai da pobre Sra. Mangain da Corte da Grã-Bretanha na festa de Maria Madalena. Ah, quem enxugaria suas lágrimas e a levaria até o altar-ego? Vendida em seu apogeu, exposta na palha, comprada por uma mera petúnia. Moral: se não é capaz de chegar no ponto G da lily vá pros cus de judas. Coloque seu pé inchado em primeiro lugar na piada de mau gosto sobre complexo de édipneumonia, irconciliável com a verdadeira risirvição fiminina e fitas de renda, a desgraça de limerick. Claro, o que é que são enormes furos emaranhados de vazios, os mais simples e transparentes tecidos de washingtones pra tornar a lingerie da Lânguida Lola mais longa? Papai Noiel chegou roçando saco estufado de roupoesias e enchendo corações de tentação. A vaidade foge e a verdade treme! Diobell! Espartilhos de barbatana e pluguezannais de ossodebaleia podem machucar você (thwacka thwuck na mutchaka!) mas nunca revele o enigmamilo do seu peito (lugar sabe-se lá dickens!) pra alegrar um Jonas no Dolphin's Barn visando encontrar seu amigo mutuo, Doveyed Copperfildepravado, com pulsantes espasmos de

ejaculatenção entrio anúncio do vinho de Ulikah ium par de lindas portinhas em formato de cupiosidade antiga. Lá você fixará seuzolhinhos de peixe-morto na autocracia haydn-difusora do musicaosfé da manhã maizaqui bocê tem o direito de permanecer calada até ser martimorfizeada cara a cara. Pois se der a sorte do short cair até os joelhos reza a lenda quiele bizolharia até levantar? Não antes quio Pecado Original seja cu metido. Maizagora reaparece o Autista Algy, o galã globabel e aspirante a rei ator, o/leas Sr. Smuth, declarado pelos vice-cruzados como conhecidíssimo

[434]

de todazas parqueradoras dentro e ao rondó da cidade de Buellas Arias, levando você ao teatro clãdestino pra ver o *Murchador de Venusa* e fazendo propostas indocentes sussurradas numa barbuda voz mui baixinha e, cum jeitinho bem cuti cuti de quem come quieto e diuma mineira mui tony ramos de tão fofinha, bocê tá afim de ser a moral dium artista e posar em sua nudez comuma estética localniana diante de velhos mestres volúveis, apresentando você, do pé ao cabaço aum grupo seletto, pra hogarthomens como Bottisilly e Titteretto e Vergognese e Coraggio com seu Mazzaccio mãos de abaporu, além dos dose usuais dodecameramens queima-roscromatismo. E as volses do poeteiro lord Buylan, pela inonsênsia! E as filisofias do Bishop-grilo Bulkeley. Ó, a vertigirresponsabilidade das criâncias fazeno artynouveau. Há templos quio globo coberto de gelo é assombrado pela linha mais quente sob seu equador, como Picasso, o caçador de cuboscetas, sempre à espreita duma presa. As belas costas, divinas sem o drapeado! E as Doce Goethinas cusseus Danuboyes Azuis! Tudo blá! O vil vapt vupt da Serpente! Deixa o velhote na rua damargura e siga em front cum a faísca duamor no traseiro. Esquive seus lábios da boca do inferno e deixe o paradiso meter a bólido no gol. Arriba muchachavasca, Prunella, converta sua tentação! Meta um pinto nozouvidos ao escutar a voz do parquerador. Óia pruma cobra gandhi em sua magnificência e nunca mais cobrirá suas vergonhas com folhas de morango. Confia na relíquia. Qualquer escravo que você atar na terra a mim estará borromeado no céu. Deuzajuda quem cedo madruga. Vista a buceta pra noitada e siga o pearl harbor do porco até a Piscalândia. Veja a barbiessynha sendua primeira a pegar no sono. Depois de ter sentado suas poesias e bocê tá careca de saber o que acontece quandua chinina cai de boca no jupão. Vá pro leito com o galinha, você

entende, e faça um rilke-shake cum o leitemotiv do leiteiro. Os abutres do Sully van tão à espreita. E os healy tão dedilhando evas marias. Tabaco é tabu e tobogã é pra deslizar a bunda. Saciedades secretas e cartas anonimonanistas tornam o homem da multidão tão ruim quantuos donos do phoder. Nem quia vaca tussa adquira uma propaunsão praquele hábito munch comum de dar a budha free&quentemente e conviver na suruba aos duetos pelos corredores do Sr. Tunnelly (esmague-o) gandaiando com grifanhotos e besouros e vampiros e ratos, com o fim de cu meter atos de

[435]

indecência interstipital como entre cordéis e cintas-ligas, dedadas em bichinhas de estimachão, sob o toque de ricoeur ler. É a ponta do ischoenberg; compasse seus passos. Sua impávida colossa debuissynha não se importa de tomar fumo duma suíte de maridos não fumantes. Bocê tem três minuetinhos. Uauuu. Sem truquezinhos agora! Dê-me aquela coesia quando eu te pedir! *Ragazza ladra!* E há algum canto nesse povoadão pra contrabandear as maçãs da dona eva? Lolita manipuladora. Me chama de lâmpada mágica e se esfrega in mim! Sassinhora, gosto do jeitinho meio cozido delas. Segura, esfola, grelha, assa aquele desejo proilibido por desigiênicus beijos gregus nos cousins dentro dos limites proscritos por Population Peg advogando una ou gêmeas dicas clandestinas pra controlar a noitalidade como bocê tá fazeno em Tom de Tentação, com perguntas despidas e serpenteando phalhavras como uma nun'sense. Enquantouver homens do mar a guerrear haverá molières da vida a amar. Amor pelos canais habituais, banheirosdeputeiros, quando devidamente desinfetados e lavados do jeito que a geral gosta ao retirar-se pro quarto na companhia dum marido de alguém ou outro parente respeitável do sexo oposto, não o amor que conquista pelo nariz como jah nasalei maizo amor canalizado, você entende, um maniacunilalinguador faz gostoso, suspeicialmente siele tem fígado de cachaceiro maizeu não posso insistir muito no ponto tão ardente (e depois das lições da experiência eu falo por inspiração) de que fétidas gozágua-ardentes roubam a purezia, então nada de dar a cereja do bolo nem seus vinte xotes de uísque, filha mia. No botecona da Gata e Coelha ou da Cadela Malhada. E na 2bis Lot's Road. Quanduas partes se apertam uma contra a outra elas perdem todo o pudor juntas. Pelo fedor de sua mijada e pela loquacidade de sua tagarelice se reconhece o bêbado caindo pelas

tabelas nos bê-a-bares de Dublin. Você pagará por cada embalo de sábado à noite todozas contas nos domingos de manhã. Quandua noite é de maio e a clair de lune brilha forte. Não nozencontraremos em Navan até que bocê tente dar um hasta la vista baby ao clube do livro de Kells. Hill de janeiro ou hollawnda, Hull City ou Haia! E cuidado pois se molhar o bico com coquetéis em Kildare ou o algo parecido você pode ver seu o grande humor da sua vida voltando pra casa depois do velório. Muiéres de cinzatenas quando flertarem pra roubar o rapaz poupem sua camisa. Roce seu lírio no ombro dele mas puxe o freud mão e dê a ré siele for mais safadinho e apenas dê seu pulo à moda da casa e não dê atenção ao pierrot lunaire mas se bocê tiver alguma noção escrupulosa pra dançar cancan e provocar comoção eu estarei disposto a balançar essa raba pra bocê até o

[436]

som raiare. Deixe o amor cortês aos olhos envolver seu vacuum estoMacCool na academia. Bocê também não deve deixar de apertar a rebimboca da parafuseta com firmeza naquela bibliocicleta movida à jazz e dar o apertar o botão dignissom. Corridas de bate-bate em terreno plano e ponto a ponto sobre obstáculos. Viajando ciclicacativamente pela ventosa Ponte Elevada de Rutland e epifanavistando os nortenhos rebeldes antes gastar pneus pela cidade de Dunlop. Em seguida pedalando livremente pela breretonha com seuzares de mac-cool-nheiro e os calcanhares no guidão. Jeitinho bronzeleiro! Não, antes que sua costela de seja descartilaginada pelo corselet, no significativo caso de você ter ptose visceral, o que quero dizer é, levando em conta as manias de sua débil parede abdominal e seu fígado espatifado, vinhovinho, vinhovinho, ou se você sentir, em shorts, como se você precisasse de um exercismo fisicológico saudável pra limpar seus rins, você entende, e mover aquele intestino de dozededos e o oxiúromem que lá inhibita, moçoila, e suar livremente, deixe um buraquinho pro leitor entrar e porsesse motivo vá do hostiário ao mahler ginasticaminho e pule. Seja esportista. Negocie com a Natureza a grande popol vuhlva e pague regularmente os ciclos menstruais. O perfume da sua Punt é exclusivo dos mulheres estabelecimentos por um penny exposto ao lado do fedor do seu cru. É mais importante do que o ar – falo de comer – o ar (Ops, eu nunca abro a bocona maizeu coloco comida nela) e promove aquela emoção natural. Elimine ozovos estragados. Por que tantos pudins são decepçionantes, como diz o Dieticiano, nos Debates Sobre

os Confortos da Criatura, e por que toda essa sopa parece lavagem de porco. Se pudéssemos engordar com doces elizabeetons não teríamos dentes comuos hipopotamianos. Entretonto. Da mesma mineira se eu tivesse nassua pele eu manteria meus meteorologicolhos bem eretos pros inquilinos dassuas musicasas de mobiliário que pagam pela comida com companhia e melodias de piano. Apenas satierierizando-te! O tipo de amigo muito amigável, Mazourikawitch ou algum outro filho duma putchaikovsky, o kommen que veio da antiga Panônia com o propósito gaguejaculante sobre artigossos macholinos e fê murninos e que se mistura tão à vontade no meio da música e toca nas teclas tão ado'ravel'mente pra isso que seu Mistro Melosiosus MacShine MacShane poderá em breve provar sua ruína e maldição durante ozanos seguintes de chuva caso você, enquanto Jaun stiver fora de casa, acostume-se a seaninhar no peito amado, exceshivamente peludo, bigode grosso,

[437]

quando a jiripoca piar atrás de portas trancadas, beijando-se sem parar, (no te gusta, isso não é nudes do que você jazz viu) com o egoísnanista que faz justiça com as próprias manas, sob a influência da mulher, aproximando-se de você, desorganizando suas modéstias e trocando as mãos pelas patas fortes em seu corpete após sua carta humorosa gerar um primeiro disparorgasmo (cuidado, você pode se desconcentrar e me acertar!) e continuar fazendo seu babel de idiota toda vez que desse a ele a chance de ficar grosso e brincar de branca de nuvem y os seth anais, gozando pra caráleo de você, balbuchistando como um hesitante, gougouzou, sobre seu lindo pescocinho e o globo redondinho e o leitinho branco e as framboesas vermelhinhas (O horrorifincador!) e se metendo o bedelho cada vez mais fundo danduma de jaun sem braço com suas perguntas gravidíssimas sobre nossas vidas passadas. O kiki issy tem a ver com cantar com ele? Na próxima aventura bocê tará acocorada na Récita Privada, despejando jarras na foça pra glorificação do velho Gloatsdane e das ações pós-merdenistas do Black Watch, espiando no privado o Cabeleira e Seu Peru. E nosso nativo intrometido, falhante-de-go-bráth. Ainda pior! Ajoelhem praquela reza fanática de enlouquecer aqueles padrecos! Seria uma situação totalmente vergonhosa pros colunistas vermelhos de épicos escritos naimprensa, Peter Parágrafo e Paulus Bafo, (continuo molhanduo bico deles pra cobrirem meus concertos) pra pegar seus balões y espreita-la como um papairazzi pra flagrar suazintimidadi, considerando a

crise nos coisamentos que ocorre nesta era do petróleo e marias-gasolina por três xelins o litro e as esposas por seis e sete quanduas calamidades domésticas não atendem condições de papairidade e as novas nuvoleteorias economicas derrubam o valor da marmãe na bolsa pela vinte&duolhésima vez com a rilkeza levando milhares à marcha lenta da civilização onde quer que bocê fosse, tornando-se culpada por intoxicação com chá de boceta pra ter e reter, pra emporcalhar e pagar por conexão direta *qua* interveniente cum proeminente membro casado do esquadrão vício-real e, in piroconsequência das subpenas dos juizadozinferiores, ficou confusa no segundo grau ao se tornaruma detestifincada dreama de companhia no le monde nada diplomatique na Lucan de Lampião. Qualquer coisia menos isso, pelo medo e amor de deusouro! Dumas vez por todas, não terei univerchistárias pedantentadoras (você vê, sou bem versado no arsenal do amor y em todazas suazaberturas desdios culhões dos boys até as colleen bawns de mineira qui tenho todosos motivos pra conhecer aquela galeria de trafincantes de damaves da noitzsche e poeteiros bem donaldos, jacques louções por cu e lindsays cu farol aceso, arrogantes hamiltons e gay gordons, dosados, doutorandos

[438]

e outros, marilynmonroelevando saias e quão foda são suas intenções de foder, a decisão dilso tá nassua mão) invadindo sua zona de perigo nos ânos de dançarina. Sialgum dia eu pegar você fazendo isso, alembre-se, é você quem vai ficar com fama de poetinha! Vou possuir você pra sentir se bocê tá com oguns demônios no corpo. Santa pistola, vou dar a você, quente, enorme e pesada antes que você possa rezar o pau nosso! Ou podem as maldições de Lousyfear cair como urtiga sobre o pai do bloco das carmelitas que converteu do luar a madrasta da primeiro freerinha fantasiada que pulou o muro do convento atrás do trumpador que mutilou as melodias de Moore e virou a cabeça do joraliszt swiftarado pela patetinha stella pra inspirar o primeiro mininistro a derrubar o abeto que Cooper Funnymore usou amadeirando a parte plana do barrildecerveja na qual meu avô sentou-se de pound duro em seu assento de insensatez com a querida irmã de minha tia in nomine de sua alegria! Amene.

Puf! Há puf em ti, mendicanti, e tons de harpoesia nisso, tudo abunda em meus respirassons! Glor em abundância e glória seja! Tão largo quanto o pulmão dele e

longo comuna linha! A vox valiantine do Venerável Val Vouden. Se minhas mandíbulas babassem comuas gotas diorvalho no meu leito. E a entrega mais noitável esperada por você fosse mis cantos bancários! O aviso de Theo Dunnohoo pra Daddy O'Dowd. Queem? O que to me perguntando é em que quem que há uma forte tendência de, pra dizer o mínimo, fazer de mim o médium. Sinto ondas de coceira saindo de todo o meu corpo e só pela força do machadão assaz sujo em minha mão sou capaz de controla-las sendo que apenas trevas sabem o que será falado a seguir. No entanto. Agora, antes do meu registro operótico, algo sofisticado. Agora? Querida Irmã, em perfeita despedida eu novamente insisto que siga um conselho de fraternal e guarde pra si que nós, Jaun, primeiro do nosso nome aqui, agora fazemos todosos recipientes, de graça. Calma, minha querida, sieles te causam formigamento não diga nada ou acene. Nada de por a cheeka em cheek com o chipperchapper, você e seu último macho escroto e o padre no púlpito enumerando suas panaceias desvairadas. Seja vacilante com aqueles vigilantes que deixariam você crer no preto no branco. Enclausure-se pra despoluições psíquicas maizencare com moderação os bebuns apostadores. Eu queimaria os livros que te entristecem e acenderia uma boapira allassundriana que sufragaria Tom Palyfair ou Savonarola. Leia atentamente seu *Weekly Standerd*, nosso veril órgão quié transmentido por toda

[439]

a imprensa. Aplique sua educação dos cinco sentidos às quatro verildades últimas. *An Traitey sobre a Miarácula ou Visão de la Muerte por um Padre Caçador* concebeido pelo Archdekin inda é o primeiro desse Campos nun obstante a censura no bar do castelo, William Archer é um bom católogo rompano e ele lhe dará um sanguinetimpurrãozinho na rota pro nostro laborinto nazional. Dê uma bizoiada *Através do Inferno cum us Papas* (principalmente varões) do divino cômico Denti Alligator (expurgargalhando seus index) e encontre uma piada cum risus a cada piágina na aream qüi vais do título bastardo às anotejaculações do pai johnson. Jure em voz alta por ficção piedosa como na *Quaresmágica Lentilha* de Carnival Cullen ou *Percy Wynns* pros nossos Finns de S. J. ou *Sopaz de Ervilha na Abudhância* do Cura velho de Guerras, licenciado e censurado por nossos mais piturescos prelados, Suas Graças de destacada Lentilheza e Ervilheza, bispos dos Hibernitas, *licet ut lebanus*, pela expansão de las promessas, os dois best salingers do mercado neste ano de

mucha suerte, criados por Gill o pai, lançados por Gill o filho e circulando às Custas do dízimo parabolicamará aos espiritons orixantos de Gill. Conhecer a crítica do risão puto com as obras da velha Sra. Trot, sênior, e Manoel Canter, júnior, e Loper de Figas, bundudum maximum. Eu costumava acompanhar as clitoristórias fúteis de Mary Liddlelambe, espicalmente as de perfume picante. Uma pintada de ciência fará bem às suazartes. *Ovo Posto pelo Galindo Originário e com Flagelomeletters Enderessaussureados a Phantasuslândia*. Espicalmente às lias. Viaje com o chá sacramental pelas longas vidas de nossos santos e chaucerdotes, com vinhetas, abreviadas em canibe-a-bais instruturais poraqueles que têm autorizados pra visita guiada ao amargozo diçúas buscas. Não farsa poco caos dos paraliticonzepoemas. Acendum fósforo prozumildes velhacantos de Canterbury e mandium cadinho de bálsamóbolo prozesquizmáticos. Um descamisado necechistado merece sim ser aglosalhado. Lembre-se, idiomocinha, você veio do latim em pó pero à Cinderela ritornelará (por que bocê tá robano a luva dela, Ruby? E controle a língua, Polly!). Pare de plagiar issy adolescentenas de vezes, humanidade. O rapazola que não preenche laonas levanta a saia da moçoila quingana um alfaiate. Como você ousa rir da bocabrilhosa no carente devir disso? Mantenha a calma com sua castidade cheirando à leite quié o mais melhor que vô sefaz. Antes de me separar daquela vestal hetaera esmeralda de primeira importância, que me foi descendida tão de longe da nossa família, tesouro que você guarda tão de perto ondias extremidades seencontram, ou melhor, rebuceteio remendado, prefiro deixar todo o universo ecumenicuzinho pertencer à alegre Have e fazer das tripas coração pra satisfazer

[440]

Maria. Quanduo gongo soar pro casamento de dois-ninhos-de-vespas vista a sua arma dura e desvista-se daquele traje de nulidade. Fêmea, não dê o cu! Poiza corrida é pros precoces de, as cambalhotas de, as piruetas de. Joga o Satã no inferno, preto, verde e cinza, e eleva-o à poeira dazestrelas de Mikealy. O quiquié sobrevestir-se no ocase de subvestir-se de roupazíntimas? Popozuda não miabandone poizonde há branco há esperança. Silêncio! Bendita seja aquela que caminhou com o bom Duke Humprey poizele a fez muito happytitosa. Rala sua mandada! Bocê phode engolir todo o goethejamento de mamadeira de piroca que puder, e comer crioncinha enchopada também ad libidinum, nessas lassitudes se bocê tiver pais e coisas pra cuidar. Foi isso

que ficou grudado na Comtessa Kantilene enquanto ela desgrudava o encapetado Mavis Toffeelips pra dar de comer ao evangeliconjuje sopranatural, e doravante houve associação aos seus nomes. La Gotinha! The muerte da Bezerrinha! A inimitável em buscanjiquinha do inevitável! Não há nada pra tocar, somos meros bolos a retocar, a menos quiela queira um bocado de pudim de leite-moço poizo desejo habita sua rosa marinha e alumia a luzdualmoço inseuzolhos, então quando você acariciar seu caxipau de MacCoolrão escreva meu nome na massa da sobremesa. Guarde essa gema, Sissy, rica e rara, sisse ele. Neste gélido mundo véio sem porteira quem a experimentará? Hum! A joia pela qual bocês tão todos perdendo o cabaço é só prum seleteo grupo poizagora não há nada além de padres só de estola e um taxista pra dar match com ela. Canta o anel dos nibelungos pra ele num canto. Toca-me embaixo. E eu vou beber seu leitemotiv, meu fulano. Show e show. Show no show. Shela. Schoenbergatinha. Shana.

Divulga, gritou de schubertão o trabalhadorganista Jaun, metendua bota no π ânus pro seu duplo e zurrando alto comuo burrinho pedrês de Braham, e, à medida quiçua voxhumana crescia tenormemente, apertando suas virilidades, forte como um touro quiele era, homem, e aos poucos o negócio foi esquentando com ela (deve ter rolado um poder de cinântica naquele mingau de geleia geral quiele bebeu na horus de doormir), divorceia-te de mim e me degas teu soprano nuendereço (se bocê se phoder cum partidão desse bocê phode apostar que não esquecerá a aparência dele) de qualquer beberrão ou vira-lattes que xaveca você na rua ondiele te toma comuma molière da veda, Ó, (a saci-shakespearereca pulou até esfolar o saxo appeal dele!) e voluntários pra brincar com suas rosquinhas em troca dum qorpus de cerveja e massa de boulos orfeurecidos, o anel nupcial no dedo kersse arrepende do lazer perdido, sem retirar a senha correta

[441]

da mininistra elegível prassuntos cum o nebuloso estrangeiro, aquelinimigo do povo do nosso paísbsen, sob uma luz diaparência limpa e nun mimporto cum o tammany da força que enforque quem quer que seja o sujo nem dou boylan pras duas vaias no canto nem pros três gritos numa colina (siele tivessium nome constantino comuo meu, Attaboy George Sabichão, e como enoch pros meus prefeitos ancestrais, os dois kisstão se divorceiando nas cortes-circuitos do Supremo Tribunal Funeral, Rarus Tio

Remus, o Bach do bêabá de Eboracum e o Velho Padre Ulissabon Invasor de Americalcinhas, o saramagrelô senhor de Wolverhampton, sôbrios pelozeriçados doceu noruegalo), mas tão celto quanto há um tchaka tchaka na mutchaka na Viademãodupla de Peterborough e tão celto como ritornelamos pra casa por newsky vindos do oeste donde a onda no horário programado (sieu chegar mais rápido estarei de volta antes de partir) da terra da quebra da promessa cum o espermanto de Brendan embranquecenduo mar Kerribrasiliano e os seixos de março rorlando furiosos sob nossos pés trazendo fogo e espada, tenha celteza de que tal camus valorizamos o nome próprio da sister assim que o fizermos será que seremos meros espiões ex-sistercialistas daquela sister. Elié um homem mercado desdintão. E por que dizemos isso, você pode me perguntar? Cadiquê? Adivinhe! Bocê tá ligando as coisias? Pense e pense e pense, eu inchisto com você. Falhou! Errou o mingalvo. Vox michê é um ignoratis! Porque então mui in breve é provável que nós nos façamos de bobos pra revelar-lhe kumékié o jeito de Shaun bem como é supunhetável que percorramos um longo caminho pra quebrar aquela cara de forasteiro por ele tentar plantar raízes em ti com seu bálsamo de Gileade e ti cantar com canções da Arápia, batailleando pela chance de botar só a cabecinha no teu santuário antes de sentir em suas duas dimensões o seu dedãocafonismo nupcial. Por sebastian iorubach, sieu foice Joaquim Trabuco eu desafiariaessehomemduplo! Agora, diremos o que faremos pra vencer a doença em vez de ficar com o remédio de consolação. Eu tu ele estouraremos nossa sua boca como Leary desfigurou Leinster e reduziremos nossos linimentos a uma poolpa. Abra a porta com cuidado, alguém te quer, querida. Você vai ouvi-lo te chamando, bum, como um blizz bilhoteiro, no muezim da noite mais turca. Vem agora, caixa de correio! Eu prometheus que te ensino o scriabin-à-bach da musiscritura, flauta quebrada! Será dessa forma, no estilo grande ruidópera, mesmo quieu, cum meus investigassons de acordeais-sintetiporcos e de chekas bem preludes, tenha que passar de coombe pelas profundezas liberais em torno do Closão de Saint Patrice pra pôr meu piolho bobo no

[442]

pelo do seu olho-do-cu como uma solitária. Somos todos olhos. Tenho seu quórum dimagens no campo geral da minha retina, Mohammedan Miguilim. Prepareye-se! Além do depois disso, puta filha da putagem da minha parte, sieu não pensar

serialmente em entregar meu irmão guardião sob custódia ao primeiro policial da infanciaria do orfanato dos Obstinados de Dora no campo ao qual terei a chance de me lançar. Ou por falar nilso, pra sua informalção, sieu soltar o poelma do folgo pelas ventas poraquela aposta de quio balde da minha ira irá vasar talvez eu nem inclua ilso no meu progrome, como dulce curso, pra terem ato impensado y in teu límpido aquário mergulhar e fazer borbulhas de amor pra teencantar pra sua perfeita estranheza no prado da falhicidade e depois limpar a rua com os cromewllianos, enquanto aguardo o meu processo versos o muleke travesso diante dium bando de magistarados e doze cidadãos bons e alegres. *Filius nullius per fas et nefas*. Deveria ser maizoumenos um evento e revelar a maizampla alçada federal fungando no meu cangote. Ele terá então pansementos por seus pensamentos, fazendo balburdia pela paz. Belas pancadas, eu prometo cobrir de burca seus pecados. Dumilinencis muiérins y humins. Nesse caso eu não me sentirei completo no vale-tudo com a luxúria até que consiga meio que matar seu Charley meu querido e mandá-lo ao Cirúrgico Corretor Imobiliário Hume, o algebrista, antes da horus marcada, particularmente siêle fôrum homem ciclulando de marrom pela cidade, Rollo el Compressor, filho dum vazio um pé de valsa pro Arnolfo, pegando ideias, de bem mais de cinquenta y seis ou mais, proporções pitecóides, com talweiss cinco pés por oito, o tipo X Y Z usual, R.C. Toc H, nada além de clarete, sem debruçar-se no livro genealógico poruma lalonga linhagim, cum bigode de escova de dante e dantadura, *alias* cuma risada até o pescoço e, claro que sem barba, terno com tons carne y mostarda, cumas baitas calças alcatrão, obviamente largas demais pra ele e botas de molas anti estragons, gravata autolimpante, broche da ponte hell niterói do padre Mathew, bebendum pouco de Wheatley's numa mesa de bach no Reginaldo's Rhoss, cum oguns colegas de copo y de crux da buchadaria Olaf Stout, sempre se doando pra adinquirir bens móveis atraweiss de hebomedários pra decoraruma casa nova a ser saqueada, cigarro na piteira, cum bom emprego e pensão no Buinness's, a respeito da nossa viagem à conversa ao estilo da Normandia, cum um ocasionamento eles dizem quio filme macColorido apresentado no superoito Undergroundublinense sobre Michaelis e seus dicionaranjos perdidos é do balacobaco de marafalhoso, olhos azul-esverdehades um porco remelentos desenvolvenduma série de

furúnculos furiosos cum certas referências à Divindade, buscando alívio no álcool e outras cositas mais, personagem genérico como ônibus cheio cuma pitada avcerebral de finneganów trenzinho caipora, tosse rançosa e uma pontada ocasional de claudicação, tendo sua família de fecunda classe favorita de mais diuma década, tantu us saxãofoneiros quantu us vikingaceiros, a desterritorializar e subornar, Quero-quero dizer.

Intão seja cum soku ou cuma sudokutuvclada, eu desse modo o advirto. Pode ser tudo muito divertido maizé tipo michel rebater e correr e tocar e fluir a cada tacada quando Marie interrompe o jogo de Phil Fluther pra se jogar. Braçozabertos, lado alado, de cara pro muro. Pro tombo do mestre de obra total até o problema da mumificação, Ó. E pra que não haja nenhum mahlertendido, Sinhá Mahlertendida, sobre em quem empenhar as preces pela vida dura (trezentozetrinta e três pra um na Rua el Dial!) quanduo simpático bebê-a-bá cheirosinho gugudadar em seu berchoro o quiaquele velho sujo gritar através da rachmanitosse dele é melhor você manter o cano d'arma de fogo mirar em linha de fuga pra disparar quandueu reco-recomeçar (seu ciganolho dissimulado na bagagem, você ouviu o que estou rezando?) ou, Papai do céu, sem forçar muito minha cabecinha pra deuscobrir quem foi que meteu o pound sem dó ou deu uma paulada por trás, eu mesmo estarei em cima de vox mercê horizontalmente, como disse o passageiro do metrônomo segurando a cordinha, por ter me derrubado com meu nome junto a você e sua bolsa de bebê num sacrifício tão saudado comuma batida de martelo num leilão de godot bovino de terceira oferta tão barata quantua sujeira da escravidão (à venda!) ou vou beijar os lábios de jujuba da sua fruta pró ibidem pra fazer bem a você assim como farei bem a você se você não mantiver uma língua pública em seu pombalavreado privado. Os prazeres duamor duram um mero carnaval maizas promessas da vida transbordam pr'além do tempo. Vou equalizar você. Vou ensinar-lhe boas mineiras na cama, de cabo a rabo, a fazer seus truques de tango cãoduzindo a filosofilha com don juans no ocaso dieu encontrar rabosdecavalo em seu vestido ribeirinha e a lateral contorcida de seu impermeável lupitalmente coberta de penas e lascas. Bocê tava Subino via Rosemary Lane e Paternoster Road, num tava? Eu sobrentendo você, você entende. Solichiste a cuaisqueer Annysbettys que carreguem seus pacotes e você sonhará cum a glória líquida. Irá quo in vadis a irlanna com Lobo o Ganger. Desconstruindo a sua hímenclada capela, não é? e ter encontros cum zygmundos baumalandros in hotéis mais reservados, noé não? Soletrária foi brincar de ser mamãe, isod? Bocê tava

cuzamigo? Poeta quio pai riu, que narrativulva loucabeluda! Mark também tá no meio! Te dou casa y comida y roupa liviada, Luperca tão certo quanto há um palatino em Limerick e numa

[444]

conferência sobre a vertigem das listras neste lugar tão quão. Nerbu de Bios! See vocês duais forem caminhar pela ferrovivavaia, Guarda, yeu irei misconder atrásis da moita. Veja só! Snip! Só depende de vocês. Vou roubar o chapéu do chapelão da chapela pra me disfarçar na sebe. Snap! Vou rasgar seu xerecamdelabro e trancar todosos seus cavalgadores no armário, vou mesmo, e cortar sua pele de seda em ligas. Você vai abandonar seus modos cindereliconcubinos de perguntar quandoeu te tornar sábia. Então esfole sua flor e beije a dor! Terei sadesfação plenária, goza o bispo, pelas indulgências parciais se você for minha montaria de rodeio. Cidadão de bem e proposta de lobo mau. Há uma porrada de prazer ilícito respingando em sua diereção, Sinhazinha Pimpinela santinha do pun oco. Pro seu próprio bem, bocetá careca de saber, poizo sinthomem quioferece seu pound a uma mulher star buscando seu canto no céu. Você sealembrrará do seu lema *Aveh Tiger Roma* duma forma mick mais espertalhonick da próxima vex. Pois vou pintar o sete cumeu lapênis e derridar um bofete na tua raba, bocetá careca de saber, que vai trazer a cor púrpura da vergonha à sua peônia por trás até você uivar pedindo papapardon e buddhalêlê seu rododendro desabrochando ao ritmo de calorrubordolor, eu sou, eu faço e eu sofro, (bocetá miauuuvindo agora, cunilalinguador, e pare de olhar pra gatinha da debuissynha na lousa?) que você não apagará durantios meses mais lalongos dium lacani'ano corrido, perdendo a capacidade de tomar canto de si mesma, se você supunheta kiss sou um cupido tão da cor do pecado assim. Apaguias luizes agora (bouf!), seaconchegue e durma. E é assim que vou te dar mamadeira de leitinhomotiv no seu anti-edipoposão guloso, minha bezerra novilhinha da silva, pois sou eu que tenho o par de braços cum vontade de putência duma socada. Entre eles.

Deusconhecido por ti eu voltarei pro a mar, a núncio que ritornelarei pra cá. Como (do sublime ao ridículo) tempos fora do comum, meu futuro, devemos pensar cum mais profundo amor e lembrança in nomine da rintrospecção de ti maizeu divãgando longe no travesseiro, respirando profodamente sobre meus nomes todos através dos vazios, enquanto ficava deusnorteado pelo nheco-nheconhecimento da

portadeduasfolhas. Nosso poeta homerole foi pra Oestelinda, Fred Weatherly, musicoloca alguns porquês com corressom. Bocê tá sentada no meu estilo, poshivamente, onde desde sample tiajudei a orar. Meninawaltrick cheia de trucks dêsdia Terceiramargemdoliffey, (Doobliquense!) maizum grande canto preenchido que você ocupa nesta cadeira imortal não adulterada de nossos afetos.

Airwinger es la mia raça de tao molde que phodemos

[445]

multipecar-nos rizomaticamente comuas areias de Âmbarham. Setecéus, Ó céus! Eu tou esperanto youcê! Suas mineiras de me tantrar eram marafilhosas intão ieu tou libertinorgulhoso de enviolhar-lhe os personhamentos maizadoráveis no tocante ao encanto de te atravessar cumeu travessão sob seu pontinho pra tirar o Hífen da gramaticona, o tão lindamente tortinho pintoniricriador das noitzsches de poetaria. See eu provei pra tua satristanfação que soul um hõmi de Armor intão deixe-me, deixe-me agir, deixe-me ver sua isabellis. Como devo, ocase sobreviva, poxa vida, agradecer ao unificador dos corassons de U.M.I. ves, poizestou vivendo na esperança de fazê-lo, substituindo meu ego errante por masturbassons em angustiosas buscas por meu egg, recheando positivamente sua cuca cum dois ovos puros misturados na sua baba-de-moça com beijings axucarados, hong, kong e intão gong, que me permita espantar os morcegos do sôtão da pererecasa numa daquelas manhãs orvalhadas, honestamente, juro por meu cão de rattan e por papai carvalho quieu desejo, vir a ser o devir vindouro quando, apóiza mistura do encontro das nossazáguas, desejoso por desejacular, como enormes montanhas pra nunca mais nos separarmos, você irá lá e entõces, naqueles momentos felizes do suave enlace euvocê, trobeijar minhas costas, pra deixar a marca escarlattes com braços ombreantes, e naquelezestadiuns I.R.U. unidos, quandueu for (touf! touf!) o páthos selvagem da nata da malandragem pr'afogar meu ganso verdi noivamenti, troco presunções adocicadas, seis de um por meia druzia do outro, até que apostem que somos o cuco a vencer a corrida quanduas cerejadolescentes voltarem ao Ealing comuelas devem, comuelas devem ter feito no passado, comuelas devem fazer na minha temporada no inferninho, como o furo no real é maizenbaixo elas devem borromiar tão logos eu retorne em segurança à ignorância e ex-chistência feliz em minha Pobre Simbolicarroça de cavalos imaginários, através dos reinos do hill gandhi do suir e do nore ego de reis e rainhas,

cumeus colares de pérolas pra garotas que brincam dum jeito que você dificilmente brincará. Laconheça-me.

Dyonelinda magrinha, venha pra alphavela comigo e pegue o machado pra caçar os ratos. Isso será nossa pós-purificação, vendas de trabalho e serviço social, minha senhora, completando nossa união Abelita com a adoção de filhos adotivos. Embarque rumo à Eufonia! Até Murphy, Henson e O'Dwyer, os Seguranças de Thomas Mannchester! Vou trocar de roupoesia num passe de magicamisa se você terminar seu turno e entre nós partilhar conosco a ditadura da moda, de soutien a sutiã brassieleros e de ombreira a beijinho no ombro, work in progrexecutaremos nosso plano de trabalho. Entre no jardim da casa das rosas e fique livre pra boquiabertar-se atomicamente. Circuncivicizaremos todoo mundo Dublin. Deixe que nós, os Nós do real, inflamemo-nos todos em nosso grau prepurgatório como

[446]

apóstolos e que sejamos instrumentais pra utensiliar, ajudar nossazirmãs Jakeline a limpar o buracomposição do porkorsakov e de modo general arranjar as coisas. Meliorismo em kantidades mashivas, sorteando bilhetes premiados e distribuindo rifas do paraíso até que umbíguidades, rebimbocas da parafuseta e companheiros ruidem como hinos. Queimemos apenas o quié irlandês, axceituando seu carvão::capim. Você arrefecerá a bile melancóalica da Ânglia e tocará o núcleo de ferro da Armourica. Escrevam-me seuzensaiolhos, meuzestudiosos vocacionais, mas corsoriamente, mergulhânduo nariz neles, pelo armour de Henrietta, sobre a mortinatalidade na vida de Je suis e as cagadas do Rei Harington em seu ajaxpogeu, percorrendo fossas septicavenidas por todazelas. Eu escreveria tudo a partir do meu próprioapo eu sea ao menos eu tivesse aqui meus jovens navegantes da alegria. Tenha em mente, por Michel Hervé, todazas cascas de banana e ovos do galindo galinzizek no jubileu ao corpo sem Organ²/ASLSP da província ao longo das ruas Henry, Moore, Earl e Talbot. Lacanlize-se em toda a cadeia signidefecante quiele tinha significagado pra orassom dos pássaros, nosso padre-prefeito-rei-comerciante, psicagalizando por Castleknock Road e jogando merda sobre ela até o primeiro vislumbre do País de Gales e do Show de Cavalas em Ballsbridge até o Dumphy's Corner cum ozonze irmãos do Nome-do-pai Marista num vale-tudo cum as Carmelitas num retiro reliorgioso. Compare aquelas calças de capuchinhos cum a Ponte dos Arrotos em Fairview, o balneário favorito do

suroeste ao nuroeste de Dublin e dá um tapa naquela raba quando topá cuela. O quiquiocê qué dizê cum Jno Citizen e o quiquiocê acha de Jazz Pagão? Contrastadube a vidΔ em Dufblin whiskrita por Pierce Egan cum stockhause da mãe joana em Baughkley de Fino Ralli. Explique por que há tao número diordens reliorgiosas na Ásea! Por que tao número de ordem em preferência a qualqueroutro número? Por que qualquer número em qualquer ordem do todo? Agora? Ondé que fica a ilha mais verdi êntrias escuras costas da Spãigna? Transcrie em univerbal: sou perdix e tou no meu cume preferido. Oralmus! Estradas, Ó estradas pra autointoxicação da nossa cidade dos Fords em engarrafamento! Alôalômarciano aqui quem falha é da bicicleterra sacolejando pro lado de aiatolá pra atola alá ou, pra investigar os fatos por si mesma, corra como maracatu atômico poizem cima do garden-chuva trem a chuva trem a chuva e confie e pegue o bonde Drumgondola e, usando o membro mediano e o vestido endossado pela hierarquia modelada por eclesielásticos, dobrando seus passos, escolhum caminho e siga em, digamus, Aston's, eu aconselho você fortemente, anexanduma cópia da Lei de Sementes e Ervas Daninhas pra quando tiver colhiduma pra

[447]

si mesma e dê um bom lance de olhos em qualquer vitrine no comércio da redondeza que você possa escolher em suponhamos, digamos, a loujinha de noumero onze, Kane ou Keogh's, e no curso de tempo de cerca de trinta e dois minuetos prossiga pra dar meia-volta no ritornelo em diressom às colinas bungee jump até chegar ao eterno retorno e eu me sentirei cruelmente enganado se de fato bocê não ficar surpresa ao ver no interim desse epicaminho o quão bocê tará coberta até a cabaça com excrementos lamacentos gozocasionados pelo gelatinoso engarrafamento do cruzamento e da geleia geral do tráfego no trânsito. Veja Capels e intão pode ir pro céu. Mostre-me esse livro de reclamachões aqui. Ondié que yeatstá a Domesticondessa Vacateleen, a mulher com o esterco? Quandé quia face W.D. da nossa porcamada d'blin, a Tróia das pólis e a Carmen des villes, repleta de mendigos em roupas farroupilhas, reluzirá num branco bem-amado como l'pool e m'chester? Quandé quia hospitauleira grandnacional correriorrida de chevaux pela medaglia diouro ocorrerá gerando náuseas em nossas gestantes e acamando seus machos desvitalizados? Sou toutaumente a phavor da liberdade de velocidexpressão mas

quem é que mademousellacelerará pela Estrad'avignon do Papa ou quem é que desarraigacelerará pelo Caminho Opiano? Quem é o valenton quirá a Bray subir o brington com howth e toureará o Boi no telhado do Farol de Bailey e nunca se desesperará com Jacques Lorcan? Os desembestados comissários reais! É uma erva daninha que não traz bons ventos à papoula. E este trabalho é digno do meu nível superior. Óleo pra lubrificação e Óreo pra alimentação e uma marchinha dos desempregados com a banda do Steve Job. Se não espero por caridade o que se aproveitará de mim? Nada! Minhas bandeiras hasteadas são flamejam a sofrência dos contos de fadas de isegrim, pra manter o papai que villa-lobo longe da puerta da esperança. Quer saber dum trem, pequerrucha alicé? Um dia desses fui aconselhado pelo sorridente caça-voto candidato a venereador que por hora ronca como britadeira a parar de fazer caminhadas solidárias e todo o bem que eu deveria fazer além do bem e o mal até que se discutam as mudanças climáticas sob ordens confidenciais pra me premiar com aumento de automóveis e calçados pra esses pobres pés descalços y uma bata de bon Samaritanus prima cura mostrando Buda na sauna (embora eu não saiba onde isso reencarnará dessa vez –) com meu sartunamente penso por hora, honesto a John, num plexo neurológico que versa sôbrio limite da fronteira sanguínea . Amean.

Maninha querida, acrescentou Jaun, numa gutural voz ao estilo sepultura, embora ainda muito sol-fa adão, enquanto virava seu dorso a ela pra cantá-la, e abriu a folha de partitura a busonisses pra dar a nota e

[448]

a polifonia, desta vez fonoscoepicamente descurioso e melancólico, enquanto no fulminante ele caiu num cromatismo maravilhamento que deixou de bochiana aberta, seus olhos soturnos voltados a saturno em atração stellar álcoolpanharam o imaginário diurno swiftarado, Ó, a vaidade de Vanissy! Tudo que se desmancha no ar! Personamente, que van Gogh me ajude, não tenho pressa dilacerante. See o tempo perdido for munch gandhi eu sei que será redescoberto pelos patos a caminho de swan. Vou farejar uma raposa azul com qualquer tristan sofrisma que pisca-psique sobre esta luz terrestre de todos aqueles que passam pelo cervo caminho de irlandês, pelo lepo-lepo dos coelhos em concubar ou nos nibelungarejos se siegfried, talvez voltaria tão feliz quanto desfelizado se ao menos pudesse meter

a colher na garota atrevida escolhida por mi corazón, Mona Vera Toutou Ipostila, minha lady de Lyon, pra me guiar pela gastronomia sob seu salvo-conduto. Isso tá mais na minha linha. Não desejaria nenhum destino mais gentil do que o que jah tenho, com minha lata de chá de pussy pra moiá o biscoito, sob a invocação de São Jamas Hanway, servo de São Pedro Reverso, lapidado, e Jacobus o Precursô do agogô, intercissor, por minha crucifixção, com Peter La Roche, aquele migucho do peitcho, apoiado in meu cúbito, neste momento de passagem por localopção no aviário, entre ives de rapina, onde sonharei que viverei entre rouxinóis quando uirapurus e l'oiseau de feu oniricantarem ao meu suspiro, comigo papa-laléguas de cabelo em π e pernalonga idem, onde rola um violento pega pra capar, a raposa! aquebrantado ante a visão cowvarde até o cerne da babeleza da noite exalante, arrancando joias nos semáforos das estradas de literaterra e surrupiando anais de brilhantes na ponta da minha cunilalíngua maizaquele relógio velhacorujão (pare rápido!) acabou de bater duazoras do amanhã e aquela apocalipsante brisa ao redor de Drum-sailech são demônios a tocar floresias. Eu poderia ficar sentado de colete salva-vedas até o barcão de São Grouseus latir in diressom a esperançosazoras, até ouver o diaboulez in música, rindo indolentemente dos relâmpagos nazovelhas e virando ozouvidos sonhadoramente pro tramborilar dozatiradores, ouvinduas harpas wireless do doce velho Aerial e as correspondências através das rivi'eras nouturnas (peepeta! peepeta!) e o chupa-cabra no bosquete (moor park! moor park!) tão pacifico quantum philopopótamo, e danduns aristóssafanões echistantes nas rãs, deixando folhas de chá às peixotinhas e belles porcelannas aos precavidos até que através do augusto campos de visão do nefoscópio eu segui a lua enrugada moviando-se cumulosamente pr'oeste enquantueu dormia êntria nuvenzinha pr'observar com que cuidado minha damãmãe ganso da noite

[449]

botava sua nova ova de ouro pra mim bem lá embaixo no tímido oriente. O quieu não homeletezaria – o platô da minha mallamargem do rio, meus lontros sapatos, meu breviário católicastor, pode ter celteza! – sim, e afrouxar meu cinto prum granioso banquete enchendum platão cus mais finnórios pirarucus, aqueles alegros peixes-boeuf em suazáguas rissonhas, voando sobre telhados pelo caminhodeswan, piracemando à frente dos trilinguados MacNeills, as grandes trutas Trotskystas e as

carpas com bolsas Louis Ventton, piranhas anticristo do novo peixamento cheirando peixixi perto de mim, ou, caso eu prefira a companhia da sua melhor versão, com a ajuda duma naranja e matinta pereira, pra ser corcuvado pelo açoitador em minha pedra-pomme, meu g.b.d. em minha f.a.c.e, tomei um sol-fa anão no meu musicasco and amei o tabaco latakia, o benuvolente, pro meu prazer nasal, com as jasminas murchando pro deleite de seus corações e o setembrother rei da seiva exalando seus odores cuseiros pra minha consternação, pescando à beira do griffeen, pondo fogo no molhado à luz dazestrelas ou fisingando troféus cômuo peixe-rei do colégio real de pescardiologia nonadando de braçada pra assar o baiacu e o bacalhau enquanto, Ó nó que me enoda na Torre de babemol do Aulete, todazas maritacocotas de Adelaide beethoventoando no meu microfone, eu orquestravuava a Dórica escala musicanora do belo canto do cisne negro com sol-phiadas ctônicas do meu politonalpiccolo pra flautar arias musicaos em numberrosos variassons significantos. Eu dou, um rei, pra mim, ela fá de conta que me dá, sol zinha, lá in cima, sim eu digo si, eu dou em dobro, até que todosos bosques ecoem uma canção com elas. Não é placidamente adorável? Só dô a ré pra mi sentir um falasser menos só quando dô agudos! Posso não ter a pavatottintenção de alterar o πânusforte como o pionanista mas mesmo apóizumas carreras você não pode me acusar de sair do tom. Eu tenhuma cadência voical mui verdadeira. Mais quio Mário! E bemolly e jiesis! Poizeu tenhum imensonoro giuseppênis que mccormacka na altura do zíper das minhas calções. E a cotovia que deixei voar (olalá!) é como um galinzéca pagodinho foneticantando tão afinado quanto minha cantoria. Naturalmente você pode me registrar como um baixo desrecordante, maizestou chavecantando lily de killarney. Isso é além do bemol e do mal. No entanto, cuide do mundo, você! O quié bom pra suíte floral é um torto arado pro jardim. Drogas letais espreitam manicômicos em franproesas. Detesto os tais laburnos. Afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue. Bryony O'Bryony, seu nome é Belladama! Mas basta de fofocantar do bosquete tão verdi. Ninho\$ de pá\$\$aro\$ \$ão ninho\$ de pá\$\$aro\$. Em canto você deve esperar eu devo assinar o cheque. E agora chegue no tom comigo. Em segundíssimo primeiro lugar passarei em tordos zos meuzexames vocaves. E mediante qual moeda ou nota eu ficaria pianinho no banco Latouche's, dominante tio iansã, eu perderia tudo na bossa, cada

peido supertônico da boneca, in vestimentas de gin tônica subdominante contrabandeada a alto custo y eu aposto o meu velhacasaco contra toda onça que você tem na pouponça (se madame tussaudespiupiu-se madamina pode mozartirar a vida dos inglanduleses in nomine di amadeus!) quieu sou o agente da receita funneral que faria com que pagasse como caixas registradoras com la miesma certeza de que há um pote num poste. E, por canto dum hõmi-peischoenberg y duma dúzia de venenosozômens, semeando minhazameixas silvestres pra colher corneadas melodiosas, abundância de frutos de la mer, hidromel e mé, eu sairia punhetocando minha flauta mágica repentistamente, justo, livre e brincalhão, chegando ao cume do capetalismo como um comerchistante. E eu lhe agaranto quios Rugbybyrrões não missegurariam. Pelo estado de virgílio de Solman Annadromus, deus dos peixotes, nada mimpediria pois money faz multimônio tal cronos álcoolteceu com o pão y os pishes. Nem os Ulster Rifles e os Cork Milice e os Dublin Fusees e os Connacht Rangers juntos! Eu singraria o shannon cum machado y leixlipularia num liffey y beberia cada goethinha dum rio negro que corresse em minha diereção. Yip! Que tal esse beatbox, minha deusa do botox, pruma periquitamorosa? O funk é apenas peternatural sea sua ousadia botar medo no divino. Sejousado! Como se Varian varrêsse tudo atrás de mim. E antes que você se localizasse onde não estava, eu apostaria minha virgindeidade ignicial, investiria meu pipi-no-seu-poupanção-de-novo, cambaleando pela humanidade e lealmente no rala e rola com você, minha esposa blanca de nevesperma, nos meus scarlattis tons trifoliuns, noite ignota no metrônomo, pulsonhando e pulsonhando e pulsonhando maizalto que todos. Por são pedrão e paulão, vou chopa-la ateu o carrollço, minha suntuosa Sheila! Champanharei tudo a seco pra estourar a rolha espumando e abrirei garrafas de whiskastidade ou chacoalharei um gelo cintilante no copo de vodcabaço, ouça-o girar, felizarda. Num é uma marca da vergonha na minha pele mas bem quicô brincaria de visconde-esconde com o sabugosa nuvamente! Nun há chance de eu brochá, phode confiá no meu blábáblá. E, tão gameboy quanto meu nome pagão de K.C.tão é o que é, eu nunca diria deixe a vida me levar até tu pôr a boca nu meu trombone iêu tocar tua zabumba e nus jogozarmos um nu outro, esposirmã, em fio-terras dos nuncas ôndieu plantaria mandioca nocê, minha Debuissynha, ottomana elétrica sentada cu eletroacusticuzinho nu colo da luxúria, simplismente sin pregas ou palavras de admiración êntrios compartimentos mais luxuriosamente mobiliados, com quartos do sexo-no-ie sibarados, justamente comueu multipecaria meu espermatozoidinheiro

amarrando cordões de sapato em cerca dium milhão delas como homem de negócio grande de primeira e tudo mais. Só poruma coisa que, por mais quieu ficasse esfomeafamado, eu ficaria anchioso pra caralho, você coempreende, com as galochuvas de júpiter e em assideração às terríveis

[451]

rijadas de enamoraventos balanswingando com os hedrólicos na artemosfera fria até o swiftincêndio que massacraria os Daneses e seu capítulo de acidentes pré judiciais à melhor metade da minha saúde tontalmente lírica, sem considerar minhas foucaultruas, e com celteza essa é a verdade agora que sai da minha bocartola de presepiadas, poroutro lado, eu jazz mais poderia dizer a menor falsetedade que verdoideiramente derridaria numa sotisficção. Num tô encheno lalinguiça nem falhando abobrinha. Ou tirano meu chapéu. Sou sériol. Schoe brega!

Queridíssima Sissibis, enquantueu tava lendo pra mim mesmo há não muito tempo na quadra de Dênis Florence Mac Courther, totha sua correspondência, obcecado com minhas provas finnais, e pensando in como o tothuaautor por quantoth tempo quantueu gostotharia que contothinuasse em Howthelizod, metenduo bedelho no foco e roendo azunhas do sonho, levantando azorelhas pro meu gramofofocone no chão e captando o memorial de árias duoutro pela tothaulidade do éter, tão transpoetado pelo grafo do desejo kisstou nesta noite sublime, como bocê phode notar pelo meu colosso e pela minha notável sobrançelha avant-garde de toda a testa, pra seguir em frente, franco e saltitante, ao som do velho torto arado, de nostra casa velha, nestra errância beneditina que entretanto é historicamente a missão mais gloriosa, sacrata ou profanna, através de todosos annais de annossa – como você tantas vezes a chama – lívia pintadacomuitaefervescência, em plurabelo repouso, sôbrio silêncio dos mortos, dêsdí faraófeiro o próximo primeiro até ramessésfacelar a coisa do último monumento. A estrada de Vico dá voltas e mais voltas pra encontrar ôndios termos começam. Ainda assim somos requichistados pelos ciclos e retrorrequichistados pelos ritorsos sentindo-nos todos serenos, por causo dilso nunca se preocupem, no que diz respeito ao nosso dever de rolar o barril. Eu stout cheio de saudade do meu orgulho (quia brisa seja saudável!) poizé uma coisa grandiosa (supimpa!) ir ao encontro dum rei, não um rei de todazas noites, nananinanão, pelas felizofias da negação, maizo super-rei de Erin sem Tirar-nem-Pôr em pessoa, pourdeus, stout dizendo. Antes de lá

haver um separatista na Irlanda acolá vivia um sinhô em Lucan. Gostaríamos apenas que todos tivessem tanta certeza de qualquer coisa nestes tempos líquidos quanto nós temos de qualquer caos nos sujeitos da modernidade líquida que hão de devir. Dou-te um guinéu pra ir pro matinho agora. Diga isso à mãe. E diga à mãe pra mãe contar à mãe dela. Vai diverti-la.

Bem, vá pro quinto duzinferno de Annamnesis com todesse fofocomércio de abuela-rainha! Pois declaro a Jeshuam kisstou ficandum camarão no sol. Não soul mestiço norueguês à toa. A eros do gelo tão temperado

[452]

de nossos, É a Ales, darkeles tempos não tão distantes quanto jon gostaria que fosse na épica glacial. Então agora, vou pedir a você, que não crie obcenas no meu ressuschistar primaviril. Eu não quero que lutem com travesseirondas giriantes in seus duelos à la biddy moriarty, antropofagismimizem neologismimimis, sobre mim até vomitablarem cerveja ffortississima, você entende, após tilápiada ensopada, cheirando a peixota abacalhada e o sorrateiro peixe-espada, bobo da corte, nem seus repulsivos tragos em melancolicopos de limononada mexericando num círculo de fofocorte&costura, fuxicosturando retalhos em fantasias dimpregada em queimas de diz-que-me-diztoque, secando a saliva de tanto falar seus ohs ao sentar em circlolo gemendo seus ahs, henriquecendo ciclicamente lá naquele canto onde o abandonei da última vez, com pinceladas da minha monstruação, maldita sorte, com seu trapo pra cima, excitando suas mucoisas, transformando musicafés da manhã em almoçuspiros perdidos e casas de chá que nem vocês em flácidos domingos nas suas cadeiras rangentes por canta das viajadversidades de Bollívar num libertenor dia de lua azul, fumegando em seus ossículos úmidos, rezando à Santa Proibição e Jaun Dispepetista enquanto Ole Clô Orozco clongowesplora a floresta junto com o Negrinho do Pastoreio, cientificantando-se do universo na casca de nós pra Musa do Verão e dos Versopros de Gabriela Mistral enlaçando suas criações quando voice&verso compõem meu concerto de ventons, arrancando folhas do meu livro de sprechstimestórias cantadas. Que minha lingua apodreça sialgum dia eu der de cara com tantas mirias maggalenas na barroca das tia! Eruma vez um bebum e um bebum do bom e o resto das suas historahs de pecador! Apenazum simples divã perto da lareira pro absente Sh el Po y eu farei de bocês todos uma sussurrantesfera oriental

de mimimim mesmo no momento em que vocês nomearem o caminho. Bizóie pelo buracovardia da escotilhescória youcê vai mi vê soprano as vela sôbrio cantá, e cadiquê quiocê qué viajá poraí quandocê têin Paris Cida du North pá inspirá seus chapé? Zunzunzuns cordiais por todosos lados, quiocêis sêja heloyssis e abelardominies, enquantoueu matutá puraí e num see deixim abatê cuesse causo, imbora a desconstrussom da verdadi sêja disoladora, por minha póbri odor de cabeça, mesmo qui noix têinha qui renunciá à vida. Carma lá, que dias mió virão. No pomar dozossos. Nalgum momento mui próximo do agora quanduaquelas nuvens se dissiparem após a chuva diouro de quarenta ânus, as probabelidades são, de que seremos todos fígados e felizes, comunionisticamente, êntrios noturvos campos ulýsseos a *élite* dos eleitos na terra do tempo perdido. Uma revelação de Joanisburgoiás! Enterre os diamantes que nunca morrem! Então corta fora essa coisa de solidão. Bebam, senhoras, por favor, o mais inteligentemente que fossam até caírem. Basta de quaresma! Palmas postilium! A quaresma acabou. Sua

[453]

solidão e minha polifonia interior devem separar suas companhias aqui mesmo. Então quio nosso ateus seja definitivo! A despedida é divertida. Tome, o anel é teu, amor. Estes trocados te consolarão dos meus esmolabraços. Adeus, docinho, adeus. Hahaha! Hahaha! Claro, tesouros, supunheta-se com frequência quium sinthomescritor lê vocês in entrelinhas que não fazem sentido algum. Eu assino a mim mesmo. Com muita perna. Inflexivelmente seu. Ann la Mensugeira Depilada. Continua nos próximos epicapítulos. Vá tomá no Cu₂O!

Alguma anedota de graça infinita deve ter vindo à mente ocidental do menestrel Jaunathaun poizuma grandiosa gargalhada kakakacofônica (ainda quiaquele cachorro do Quincas Borba filosofe sobre a dialétiqueda da plumagesclarecimento) pulou de sua gargântua de veludo comuma bólide de cricket por cima da cabeça como que rebatida do fundo dum campo, ante o nude pensamento do quão allegros seriam por cantarrolar seu grito daguerre e todazaquelas protruetoetinhas que naquele verão veramente louco tavam começando a desabrochar uma rosa é uma rosa é uma rosa com os alegres espinheiros, hicky hecky hock, huges huges huges, hughy hughy hughy, Ó Jaun, tão glosadinho e tão safatlinho, Ó, (Tu pureza! Nossa virgem! Tu santidade! Nossa saúde! Tu força! Nossa vitória! Ó salutar! Sustenta nossa firme

solidão, tu que tens o dom de acariciar! Ouça, villa-lobisomem! Nós te invocamos ants tard do q nunca. Relassons perigosos!) quando de repente (quão feminino!), mais ágil quio mercurial swfit ele girou pro lado sterne em diereção às Rizzomocinhas repetentes, com seuzolhos de lobo-mautner brilhando de textão (trovandua escuridão como um trovão!), pra ver o que star à solta por aí. Então ficaram pasmas e maravilhadas. Até quiele deu o suspiro inicial (e como ele enxofreu!) y elas quase choraram (o sal da terra!) apóizô quiele ponderou e finalmente respondeu:

— Há algo mais. Uma palavra se parte e o tom do coração silencia. Noivados, vou celebrada-los! Fiquem bemthoven, que amadeus esteja convosco! Tudo o que posso dizer é isso, mias hermanas. São orações em camadas o tempo todo, pordeus, a glória da jovem guarda dá voz aos velhos doxólogos, nos subúrbios dos jardins celestiais, uma vez que tenhamos passado, após cessações, todos serenos pelo Derby pescoço a pescoço e por Junho até nosso recompensante eterno retorno (ao inferninho). Deusvie-nos! deusvie-nos! deusvie-nos! Se você quer ser felix venha e brinque no parkinho. Facilidade sagrada aí! Senado e povão enganado tão rimano. Pro underground, pro udigrudi egípcio! Augusto campo dazoferendas! Nada de brigas familiares mesquinhas Lá no Alto ou furacões caseiros

[454]

nanossa Coorte, nem chopadinhas ou abocalipses nem porradas de punch&judy ou porra nenhuma. Byronanismo é a melhor poemasturbação e pra sempre bocê tará ocioso. Dificilmente você reconhecerá a esposa retrô na agitação futurista e o pecadagricultor féin em sua pintura mórmomernista. É a expedição ao museolêu de vestido longo no dia de Toussaint apóizum pedido de resgate da câmara dos horrures. Madeleine de açafração ou um leitão soberano ou o que quer que você queira pra deliciar-se disso e chupar isso, mas dê um nome a isso. Pãez por toda a Irlanda. E há comida pra refeicção quando tôduo rebanho stá in casa. Hogmanny di'yegut abençoe? Hogmanny di'yesmellygut ilumine? E hogmanny di'yesmellyspatterygut proteja? Siga os ensinamentos de Dom Joe Vanni pra isso. Depois da marte é horus do bem bom. Com Poetaria em segundo lugar. To borrow meado e to burrow de carga e to barrow co! Essa é a nossa vida sem crassa, hirsuta e eternamente sombria, até que no die do juice finel o Pau Nosso bata o badalo do sino com um osso e seus seguidores sujismundos e freudidos o álcoolpanhem com o cetro e a ampulheta. Podemos vir,

tocar e ir, de átomos e dúvidas maizestamos presumivelmente destinados a ser possibilidades sem fim. Poraquí o Moy Kain troca nosso escalpo poruma peruca e caímos no engano dazaparências, vivendo na certeza de que dificilmente uma porta tapará um vazio, com Umcertoalguém que vai lá e um caminhão de areia contornando a esquina da vida. Mas pra cima de moazinho, Prospector, você brota tôduo seu abel e enlaça suazasas de la muerte não obstante a celteza de que nonada nem tudo há de durar pra todo o sempre enquanto Hyam Hyam estiver no phoder. Ah, claro, brincaideiras à parte, do rabo da vaca na qual humpty daumpty fez fio-literaterra vê-se a nossa misérrima aqui-agora em comparação com o Aquichistamosnósnovamente Gaietyces do Pós-teatro quânduo Revólver Real desses globes reais disparar regiamente de seu *mio colpo* até quio pandemônio niatzschalino acabe e comece a Harlequinada nos devidos moldes da Piada Finninista SPQueaRkingracejada no Tempo de Kákákarl Mark. Hawkinglobando tôduo Espaço numa casca ne Noz.

Bem, a salada de talos e vegetais vai muito bem, assim como costelassada e canivete ao sangue no páthos de entrada, mas sempre comida caseira. Montanhas de boa mostarda e, com a ajuda das senhoras lambe-dedos e do gozoso tempero dos cabalheiros, comi uma panela. Mas sinthome duas vezes mais buchudo do que antes de dvořárk alguns nativos. O crac-crac da crocância tá no mastigassom. Dê-nos outra xixícara de seu quentão. Santos Mozos! Essa foi uma bela xixícara

[455]

de quentão! Você poderia cavalgar num rato sobre ele. Engoli assobiando seu picante y fino almoço flambado, chupando o lance de dedos, muito obrigado, (sublime!). A vaca mais tenra que já comi com ovos cozidos protestantes (allinúilia allinúilia!) a não ser por suas ervilhas novamente salgadas al dente pra levar sabor à ponta d'alíngua e assim voltar comeus mais milagrosos condimentos e cum penny no prato pros jacques lacaio. OK. Oh Kosmos! Ah Irlanda! A.I. E sirva batata rústicatólica com cannabis pra Cincinnatis misturada aum italianíssimo (mas *ci vuol poco!*) formaggio ciccaclico, Haggis bom, haggis forte como buchada de bode, haggis nunca conversa com a morte. Pelo quidim nós te receitoramos, receita da vovó, Ó senhor! E guardiesse libretto, Oliviero, pro seu dia nublado ficar ensolarado! Sopa rala! Eca! Mas se você acolá me comprarum casaco de pele do molliør dos molliøres, yeu vou experimitá-lo y McCoolllloca-lo. Tá em boas condições y sem dúvida nun é do estilo vira-casaca.

Remova esta parlamentoalha! Na próxima etapa, assobiando ao garçom, por uma variedade de ligoomes huguenotes eu acaso lançarei meus dentes no angrydoce platô selvagem, grelhado sobre bétulas, com pitadas de cowve-flo-menezes in molho brancusi. Eu quero pular fora do monasticismo. Missa e carne não straussgam a jornada de ninguém. Devore um missal até o finn. Nozes pros nervos, um porquinho pra churrasqueira e pra afinar a música de câmarão do coração os espíritos dazilhas dazespeciarias, curry e canela, chutney e cravo. Todazas vitamininas tão musicomeçando a infusionar na mastigassom e as harmonias a reco-recozinhar, fundem-se, clusters e acordervilhas e naboc e erics e oinnos em tinhopa e xooxoxo e xooxox xxoxoxoxxx até quieu fique tão falstaffarto que solte falstafflatos e muito em breve logo logo daqui em diante você me verá correr atras do próprio rabo em minhas rondas habituais rabiscando de novo pela borda da Letteraterra Plana e Killadoon e Letternoosh, Letterspeak, Lettermuck até a Letterananima e a mansão dos mottos até mesmo na Irlanda, se você conseguir entendestampar isso, e a plataforma do meu próximo item são os meios quiusarei pra receber as postagens extraprofissionais que me são devidas pelo judas são vergonha do Magistarado Thaddeus, dr, pra material impresso indesejável. Os Jooks e os Kelly-Cooks têm ordenhado leitinho dos carcereiros e sugado o sangue dos detentadores de marshalsea dêsdio Ato do Pecador Original. Mas eu sei o que farei. Vou livrá-lo de penas pesadas e esse será o seu qorpo santo será calendário diário da marcaescarlata, viúva machree. Vou tirar isso dele na porrada! Vou carimbar isso no exterior dele! Vou exteriorizar esse interior dele antes de dar uma fugidinha da humilde residência do

[456]

velho Con Connolly! Pelo chifrão de vinte de ambos do dual São Collopy, chantageá-lo-ei pelas dívidas ou meu nome não é penitente Ferdinando, o pessoa! E dia a dia e de hora em hora eu vou encher o saco dele até quiele pague meuzonorários. Ameal.

Bem, olha ele aqui olhando pra você! No acaso dieu jamais abandonar vocês minhas galindas galinzizek até quio meu toquinho se transforme num baobá eu continuarei rigidamente tentado a me tornar um pai apaixonado. Minha fome é das boas. Hungkung! Minha raiva tá de boas! Hangkang! Bocês phodem parar como estão, leigas mãezinhas, e esperar com desejo e mais desejo em vão até quio cruel ceifador seaproxime, com a foice das foices, como um villão-lobos em pele de

cordeiro. Me preocupa um diabolus in musicabelus cacheados! Sialgum Claude Duval pé-leve me sequestrasse maccolmunado a dick turpin e me violasse no que concerne aos direitos ao meu ônus, yan, tyan, tethera, methera, pimp, eu permitiria quiele me deixasse de botas pro ar pra se deliciar no meu gorgonzola com creme azedo. Ele precisa melhorar seus modos, de outro modo vou me foder! Console-se, pinte o seth com a poetinha deelishiosa! Há um reembolso de impostovos enviado de mim pra você intão me lembre de cumprir meu dever com meu eu! Cutuque sua protuberância abaixo da cintura até eu ficar azulão ao seu lado. E você sentirá mais minha falta quanto mais as semanas voarem. Algum domingão devidamente, numa segundona verdadeiramente, duas terças recentemente, até quark-feira. Procure-me sempre no meu poente e pensarei em jantar. Uma ou duas lágrimas no tempo é tudo o que resta. E então um tieck-tack do relógio, toot toot, e doff doff pra surgirmos com cigarretes em saiotos de seda pavimentando longazestradas para Sua Majestade Diligência, nosso lattesfundiário mui distante que adora a criação. Pra whoosh!

— Meesh, meesh, sim, gatinho. Éramos tão felizes. Eu sabia que algo iria acontecer. Eu entendo maizescute, hermanamorado do peito, intercepoetou Tizzy, corando mas coçando sua periquita em chamas e lançando seuzolhos enquanto agarrava com tato o tabu do seu poemacho metricorrespondente pra câtarolar doces câções nun'senses nusseu ouvido absoluto em melancorreria, eu sei, benjamin irmão, maizescute, eu quero, meninas em canto gregoclitoriano, pra sussurrar meu desejosh. (Ela como eles como nós, eu e você, supunhetou que alíngua dele era tão ágil que jamais cessaria de rizomexericar nos segredos da língua). Claro, enigmoção do meu coração, envergozo-mi por mi vida (preciso limpar a gargântua) por causa deste presente de momento perdido no papel higiênico com catarranotações de mementos passados pelos quais peço deusculpas, meu precioso, está tudo no museu da memória quieu com tristeza posso chamar de meu mas mesmo assim, ouça, Jãunzico, aceite este piadaço de mal caminho da viúva, embora um

[457]

fiozinho-dental da viuvinha kersse acha a tal tenha rasgado em primeiro lugar por mi mãos quem segundo lugar laceraram uma calcinha de renda valentino com tutto il mio amore e dado muito ao tutor. X.X.X.X. Foi uma bula de papal-furado benedicta pelo jovem Fr MI, meu caro cura paroquial, e você sabe por seu amigo quio papa tá

entre noises, quarenta modos de usar em quarenta noites, essa é a beleza da coisa, olhe, obcene-o, rapidinho. Perfeitamente inestimável pra transcriar em palavras. E, escute, agora elogia-me, sacie meu inventividadesposo e carregue-o com você do raiar do dia até o fim da vida e, claro, quando você nunca mais usá-lo, ouça, faça o favor de pensar na galway ciência nova de novo ou de novo, nunca se esqueça, duma absente não irmã Maggy. Ahim. Essa é mais estúpida das tosses. Apenas celtifique-se de que não vai pegarum resfriado e passa-lo pra nós. E, jacques o papa-lalégua não tem limites e as cotovias fazem coro, não singnifique aí a noite toda. E isto, Satierik, um raminho de verônica azul simplesmente uma mágica de floradora pra que cuides de sua veronique. Claro, Jer, eu sei que cê sabe quem manda, presentes que satisfazem, merci beaucouppoetaria, na face dazáguas como naquele filme o bote, terrivelmente charmoso comué claro, mas que não faz justiça a ela, além de sua maldade, na poeticachaça de maggin. Claro, também faça o favor diescrever, e deixe seu saquinho de dúvidas, inquisitivo, abrigado atrás de ti nos mais completos confins do teus eus, e, obrigada, envie-o de volta pelo pombo sobre o pneumar até retornar ao amar caso eu não possa imagimar quem foi ou caso ogun forróneral álcoolteça eu ficarei mui curiosa pra ler nos tabloitts do café da manhã de Homesworth pois de quarké mineira eu serei informada por petit bleu sié bom pro meu sistema, que botões tenros, gorgiosos, caso eu não espere ter nietzschecias tuas tão cedo. E eternamente obrigada pela morte de dez e aquele uno significando o nonada. Vou dar um nó no meu cordabecedário de nós pra enviar uma carta a ti cumeu papel di seda, pois camus mié derridado a entender agora algum dia esse troço quantificará meu valor em dinheiro então não se preocupe em darum fweetback a menos que seja enviado por sedex poizestou recebendo a pensão dele e não me falta nada pra viver cão simplicidade e me dedicar apenas às minhas dobras barrocadmiráveis e infinitas espirais de babeleza. Quando desenrolo meu molinete é pra pescar todozaneis do nibelungo. Fugar uma garota por canto do cromatismo dela. O mesmo acontece com B e L e com V! E ouça esse isso! O Cabeleira! Bocê tá sempre tão inatingível. Arqueie sua bocheta! Absolutamente perfeita! Vou pôr pente e espelho na mahler de viagem pra praticantar meus ohhh'megas ovalados e tímidos ahhh'lfas y ele te perseguirá publiclemente

até que volte sob todos os meus olhos com suas contas de safira do meu cíclico rosário eu rezablarei por ti a Miguelzão e safla-se queimou enquanto os pombombos bicam-me nos botões da boca de Maria (msch! msch!) com a babá Madge, meu duplo do espelho, ela é uma assustadora, pobre velha holandesa, nas sonambulinadas dela enquanto eu pinto sardas e bigode grosso nela torná-la um homem. Uai. Uai. Isso fez isso, eu confesso. Mas você vai amá-la por suas botas e meias pretas enlouquecedoras, bagunçadas pelo clero, resgatadas da lavagem, não são as amígdalas do gato! Simplesmente de matar, com ela arruma o cabelo! Eu a chamo de Sosy porque ela é minha sócia e ela dissy sossy-pererecagens enquanto eu dissy sassy-pereresias e ela dissy que eu vou sofrer com cantigas de escárnio enquanto eu dissy que ela não vai estudar mais algumas escolas e ela falou sobre príncipe querido enquanto eu simplesmente nunca falo sobre princesa querida e ela é muito boa em seduzir meus amigos e é gamada no teu estilo, considerando que ela faz Goethe e sapato de mim quando tenho problemas com o arco e ela beijaria meus braços brancos por mim com tanta gratidão mas fora isso ela realmente é terrivelmente legal, minha irmã, contornando a esquina da rua Erne Lower e sempre serei estritamente proibido de avançar o sim anal e serei verdadeiro à minha maneira de ser e em particular onde ansiarei por ser tão tão infiel a ti quanto certo alguém tão infiel a ti quem nenhuma das vezes quiesse alguém te trair será como em nenhuma vez dessas vezes se bem quiesse alguém trai tanto que trai a si mesmo. Não consegue entender? Ó maninho alterofalista, devo contar a verdade! A carta de amor do meu último paquera me feriu me desconstruiu por ter feito alguma coisa com. Gosto muito de cruzar com ele porque nunca me crucifica. Uma pena, um homem bom. Um pipi animal. Não vou dizer que ele é bonito mas presumo que ele é tímido. Poizadora daruma fugidinha com ele quando abro a porta da esperança. Abra, Pinthomem, e entra! Se atem aos meus odores e ele odorará. Ele se apaixonou por meus lábios, por minha língua desconstruída, por meu alto-falante de libidinoses. Eu senti sua força, sua virilidade, voz minha se importa? Não posso apagar meu pirocandelabro, posso? E, claro, caro professor, eu entendo. Phodes confiar em mim pois embora eu troque seu nome eu nunca confundo a letra ao menos enquanto eu me envolvo com meu primeiro cavalo de batalha, mestre na arte de roubar corações, eu darei seu lindo rosto que reflete o meu, meu menino bobinho, não pra toneladas de jumentos, mas pro meu segundo álcoolpanhante, com os giros o engenheiro da flor da paixão (Ó a verdade perversa! que história! que ele me comprou

[459]

pelos Wellingtons que não existem na sua escala cromática!), num darkeles clarozenigmas cunilalinguados por seus lábios, Arraiah das poguesfinges, não importa o quê. Phodes ter celteza disso, fofa, agora eu sei que sei como enfrentar. Prendendo minha metade da laranja a mim. Intão não mi considere agora um cidadão de bem por amor ao meu santhomesperma perfumado, sua villã-loba, que medo picante, minha groça infinita não tem graça, ou vou te dar uma petite mort de primeira mas, sussurre, encontre-me depois no seu próximo compromisso poor perto bem ali ao lado dos Sebastian Barcos que você conhece no futuro circuito de motéis pra pobres coitadas na praça mountjoy visando mostrar meus desrespeitos agora, deixe-me só de chapéu pra você, devo realmente star mui atrasado. Porque docinha, ele ficará furioso! Comuele fala consigo mesmo tal qual cantante e tal qual amante, imutando maccolquices. Meu príncipe das cortes que me dará uma surra no amor! E estarei lá sabe-se lá onde com os quês das questões que cunhecerei ou esquecerei. Nós dizemos. Confie em nós. Nosso jogo. (Por diversão!) O riocorrente Dargle secará assim quieu te derridar um pé na budha. Quem já ouviu falar de tal pensamento? Até quio maior de todozozelmos desconstrua nostros corazones de pedra! E a Sra. A'Mara faça maravilhas e fique íntima da Sra. O'Morum! Escreverei todozos seus nomes com minha pirocaneta de ouro e tinta. Todo dia ela faz tudo sempre igual, precioso, enquanto tuas m'm'm'nemônicas folhas oniricaem profundamente no meu livro de Mensonhagens de Jungfraud eu sonharei telepoeticamente com dulces cartas neste fluxo gelatinoso (mas não conte a ele ou serei a mort dele!) sob os líbanos e os amoreiras proibidos, os ciprestes e babilonias, ôndio carvalho frondoso insurge pra afrondar y as folhas teixosas fazem kisskiss e thaddeus cahill dinamofonexpande azondas do meu radiofonicoração nazáguas silenchiosas das minhas reflexões em palavras sobre Margarete von Hungria, seus modos Quaidy e seu cabelo Flavin, pra ti, Sinthomão da porra, psiu, pr'além do bósforum da infância. Flesh da minha flesh seu salmão dá um splash. Brilha brilha, stellinha lá no alto lá no céu do meu crepúsculo como nozembalos de Sabah à Noietszche leixlipiracemando cum sorrisos à minha serial mentededozemeses. E o quié isso quiêu ia dizê, deão swiftaradão? Ó, eu entendo. Escute, aqui vou esperar por bocê até Thingavalla servir belos bólides oiticiconfeitados pra cumê cum chá, tenha cuidado cum esse sabor mais arocromático

que Baunilha e groselha de stout pra levantá defunto, como um cavalheiro nato esperarei até que você me espelhe, por todo o tempo que você estiver longe, eu juro, pela Candelária! E escute, joey, não fique puccini da vida comigo, meu velho eternamente novo, quando, no

[460]

final do seu capítulo, você abandonar a bebida poreu ter virado uma stella ieu vou enfiar minhas duas caras sob Poutes de Creme de Vanisha, o jeito deles de ejacolocar creme e, acentuo, pra stender minha personnalité à polissonhia latente, vou comprar solamente um valioso the guardian-chuva ao estilo elephantasus pink freud pra me proteger das lufadas cinzentas do maizadorável, maizamável, capuzdaviuvez sôbrio azul da forza aérea que me deixa sedenta por, meu precioso ex, Hope Bros., Faith Street, Charity Corner, tal como azzzabelhas fazzzem zzzamor nazzzalturas, pois sempre tive uma queda por heliotrópio desde quia drinkesa de york ciclou pelo Finest Park, e ouça. E não ligue sieu rir duquê tá álcooltecendo! Eu tava nervosa maizé meu último dia. Sempre por volta desta hora, me deusculpe, quando nossas brincadeiras de Bruneca e de pôr o Narigão Nolânus são todas tão ohhh que tu cutuca onça cu vara culta e depois de fazer negócios cuminha bucinha eu roubo segredormitórios usando minha alíngua russa como park da armadilha cuminhas terríbelles botas de ordenhadora de bezerros Pinchapoppapoff, que vai ser um jennyrrall, na minha cabeça, molhadinha, amor, com goethejamento em deescorrência do tapinha carinhoso da mãã maizontem à noite, olha, édipois de minhas violentas orgasmatrimoniadas douradas no andar de cima esplendidamente iluminado cum cortinas tão lilases quântuo babel de parede pra combinar cum o gato y uma lareira eu continuo olhando pra párolas preciosas poizeu quero só ver se é só ele ou só todozos Michaelis que iansão assim, vou tirar minha roupoesia logo após ajoelhar pra rezar ante seu olhar papaixonado – y eu plurissignifico isso, (boquiaberto aos meuzolhos de sem grana dissimulada te amarrarei e colocarei na coleira) e cutuca duro na minha ferrovia ápia junto à minha compunheteira de quarto chinesa apeludada de cheekagorda do joelho ralado pelos viris forasteiros da noite e seu nome de Shana virá à tonalidade por meio da minha vergonha quando com outro lábio abrir minha coxa logos depôs de álcooldar por sua tocata na ré da de menor na minha primeira vez de manhã. Então agora, pra falar infantilmente, gogol derridádá, daquele que

teclou Mag no órgão vamos fazer uma prece ao pianista antes de começar o ato. Um beijo no orlão do laço pra tu e pra eu! Ensine-me como cair, Jaime, e ouça, com supremos cumprimentos, Juan, prestíssimo, avise-me sobre o ah ah ah ah....

— MEN! Juan respondeu cantando plenamente à sua sonoridade sororal, imitando a si mesmo maiusculosamente cussua narguilêgua borbulhante na sua pata e sua traça de bebida agora bem na sua mão. (Um leitmotivodka derramado, olha, por um fragmento do whiskopo, olha olha!) Sempre gloriosamente gentil! E eu verdadeiramente

[461]

tou eucatiado amarrado a tu. Também *sacré père e maître d'autel*. Bem, senhoras e senhores e general mestre de cerimônias, vamos, brandindo brindes de brahms-chopin, cortejar e conquistar mulheres com saúde pra dar e vender vinho, Erin vai Secar! Entre azáguas vivas de, o vivo a viver nazáguas de. Apertadinho! Frouxo! Um duro pro Staffetta nulificionado com sonhorgasmos de harmonia, o copo de jackdaniels pra Jill alfabeto chill e um duchessesperma filiforme pra Doris. Esterellas, não mi vêm cusseu valium de lágrimas embora Shaunathaun seja a swiftua derrocada! Pra despertar a jovem efervescência do amor eu me inclino com esta punhetaça de champanhe à equinoiva encabrestada, ficando na sombra pra ver o doce par de mijonas no esconde-escondespumante, de calçarriada com aperto no meu peito gelatto e enquanto minhas pérolas insua sabebedoria epifanicachaceira estão estimulando o bico dos meus mamilos eu juro (e deixo você jurar!) pelo protetor bucal tão caro ao meu cariado dente torto com raízes no meu intestino grosso que já mais provarei que sou infiel à sua afeição (teatrinho!) enquanto meu buraco aparecer. Embaixo.

Assim que cantar tua câção de bulininar, minha escrava Isoldara! Mas não quero esquecer meu monofone interior pois estou deixando meu querido procurador pra trás pra te dar um prêmio de consonhação, o perdido Gogoboy Davi, um fugitivo escamoso e um querido velho amigo meu também. Ele virá incessantemente na fração dum grão, ele que, se parasse de duplicar e parasse de bebericar, seria o unicórnio dessa espécie. Ele é o penumbrella mais poderoso em que já floresci pra além da sombra dum post! Celtifique-se conectar-se a ele, meu O tesouro, do modo como repetidamente você busca o conhecimento desde que não haja nada entre vocês

anão ser um simples balcão de negócios contanto que não o encoraje a chorar durantiazaulas em Leperstown. Mas suave! Não pode ser? Mil stones murmuram? Lumtum lumtum! Agora! O troubador! Eu tremo! Falando de lobo no estômago por tudo quié verminoso! Ecolo-me! O retorno do atletardio! Quem pode partir pro seu sucesso! Afinal a cidade da Mãe Joanna, na Áustria, noé um cantinho depois do finn do mundo? Eu sabia que sentia o cheiro do alho da cornualha! Porque, deuzabençoe a nhandervuçuíça, eis ele aqui, querido Davi, como o goethinhodenovevidas num dado tempo como se tivesse caído do espaço, todo envolto num uniforme, voltando pra casa a lamentar às montanhas de suazantigas continências e não marchando num pé qualquer ou em dois pés quaisquer maizem ciclos quinquiseculares após sua evolução no território francês e uma passagem de olhos vendados em silence 4.32 pisando consua pata suicida no patê de porco e as gaivotas gargalhando como gralhas em seu fedor natural de gambá,

[462]

corando como o porco de Patrick, porzeus. Ele não tá tão envergonhado por anagliptografar em sua sinistra showmão o cacetestemunho que deu nusseus vinte ânus de vida, mostrânduas três penas brancas & xavantinhos, como um home curado emigrantemente em Pádua onde bocê tá mui abaixo de lo nuestro nívelduamar. O portador pode ser excomungado da igreja, assinado, Figura Porca, Lictor Magnaffica. Elié é feito à furtiva semênhança de nós, fé, meu altar ego em miniatura e às de pound de cada auxoniano Romeu tão narigudo quanto eu, sempre fazendo piadas sobre si mesmo, que echistação, os jeenjakesrousseaus, ele logo regaria a rosa da mãe em meio a lágrimas orvalhantes sob aqueles selvagens cílios molhados mirando nos Annus lívidos de qualquer tchutchuca viva. Essa é a sua pequena venialidade. E seu impepepédipomento. Ele conficciona ideias novas eu sei e às vezes é um peixe excêntrico que faz dramatorgias como alfred jarry, eu agarantcho, e rabugentcho, o envenenador de sua palavra, mas piolhento e cheio de stanislausrogância e de energia vitral semicolorida, estou engasgado kersse estrangeiro, não vou negar que stou! Criação dum criador, amamentado pela mesma mama, uma contração, uma natureza nos fazem gêmeos do velho bundo. Somos tão günter grossos e saramagros agora quanto jubal & tubal vezes dois. Eu o odeio por causo de sua henesia patente, plaushível, mas sou amorista. Eu o amo. Amo sua terminassom nasal no português

arcaico. Aí stão as chagas pra suncê agora que salvou podbres pencadores dazáguas do acheronta movebo. A diásporação de todosos piratas e o quinconcentrum duma farsa como a do primus Basilius O'Cormacan MacArty? Pra disfarçar o bandeira ele colocou o poemanto do averso. Ele não tá pegano emprestado tudo que veio antes dele, fazendo amizade com todosos scarlattis na Rossya, brancusis em Alba e tocando em cada distinguido Irlañades quiele conseguiu distinguir no período pré-patrickabralino ou atrás dum Irlanteus pela habitual coroa estraçalhada ao meio e pela paz? Ele parece envelhecido com seus ócuolhos de pedra lascada, e johnny swfthin também, por seu terrapapagallinguajar pidgin com senões e entões, ele compôs musicalunias autorais, mas prefiro não comentar. Espero quiele não tenha cólera. Dê-lhe uma ilhadela do farol. Moiséses e Noisés, como bocês tão? Ele staria tão confortável quanto Columba & Jonas destroçado na barriga do bê-à-baleia, como suprachistado. Bravo, chefe sênior! Famose! Celtamente não há mais ninguém em nenhum cântico do mundo pra segurar a vela do chef com a queridinha dele por pura ousadia com aquela aprisionante gramaticomida espanhola sobre ele como se fosse um rené para descartes de ninharias! Só maizum tijolly no muro da demência e o bom príncipe philidiadista! Davi

[463]

sabe que tenho o maior respeito por qualquerum do meu jeito suave de ser poraquele devedor intelectual (Obbligado!) Mushure David R. Crozier. E somos ozamigos mais próximos. Mark como uso ustedes, plagiador! Tome nota de como te recrio, imitador! Cuidado cassuas artimanhas, eu te desconstruirei, copista! É uma pena quiele não perceba poizeu sou terrivelmente gentil com ele. Canwyll y Cymry, o fogo da sereia! Um leal dos O'Malucados, um abú rei do Brazel! O homem mais onimportante! Shervos! Ho, sejam santos, cobras, alguém extraiu o diamante bruto do seu crânio pra ele deixando tão limpus quanto Pontius Depilatus! O matagal queimado e a grama baixa e tudo! Quia rayuela de tupã o parta, sancho enche a pança e escapa sem pagar danduma de gregor somso. Elié o catarro do escarro, é o quié, com pele escamosa e tudo, com negrolhos sombrios e barba de cabrón no cu peludo mais rodado que Shemuel Tulliver, meu antepassurdo, o velho das cruzadas, quanduele sai cusseu chapeuzinhamarelo! Isso foi pra permitir quios fanáticos do Fla x Flux Fãs atrás dele minxergassem direito. Ah, elié tão falhosófico e simpátricko até por ser o Irmão

Intelligentius, quando não tá viajano no mundo dazideias, com seu endereço em Paris! Elié, realmente. Espere cum fé até ouvi-lo tocar chopin inseu berrante! Algum sapo-boi coaxa klakkin! Bem-vindo de volta. John Wilkins, com o fruto proibido vermelho na geadada! E eis a troca de óleo pro pífanus e bumbum tātã cuma baita barulheira da Marseillaise e o lápênis aristocrata masturbambeou no muro gerrescrevendo suas mentiras. To de saco cheio cusseu blábláblá. Chapeulizod-se! Dê-nos aqui sua dextremidade colorida, fratello, o pesqueiro de Claddagh! Eu mincontrei com rapper dândi y ele mi deu um chacoalhante aperto de mão. On jack tá o seu guardião? Você já viu todosos tipos de formas e tamanhos, saqueando o moppamoundi. Como vão a rinha e a tourada? E las vecchias Austeria e Hungriguia? E a Bebida e a Barriga e a Bota e a Bola? Sem whiskecer ozazeites da grécia sob aquele peru otomano uma europiña colada y o Padre Franco-atirador Flechando Shootas em seu jardim ornamental com a maçã paradisialcoolica? E cêincontrô cum Pedri o Gandhi? E cê aceitô o convite scandinaenviado pá vê a Torre de Geesyuis? Num era Mona, meu próprio amor, maior do que deveria ser, te compensando por bom compoetamento ao subir da mansão dos motetos quando fizeste a lei da amamentação e obrigou ela a mamar, diga-me? E gostastes da paisagem de Lambay? Stout mais satisfeito do que nos dez mamamentos! Você me alegra! Phode crê, eu stout orgulhoso docê, otomano brown francês!

[464]

Cêci superou! Seja apresentado a sim! Esta é minha tia Julia Bride, excelência, que morre de vontade de espremer suncê até o bagaço em meio ao escandalizante matagal do deltângulo dela. Bocê tá reconhecendolhando ele? Elié Jackot el Corno que lutou boxe em seu corner, se esquivulvando de nada menos que três golpes baixos femininos. Essa é sua sequência de golpirocadas. *Shervorum*! Você não a viu desde quiela vestiu suas roupas. Vamos, poetinha, faça as coesias qui só ucê sabi! Sem timidez, namoridomem com agá! Molière, o que há com usted, amore? Inflame a vergonha! Ela tem um puta rombo na calcinha em ambozosburacos, ôndios sobrinhos molham o biscoito! Bucetabriguem-se bem! Divirtam-se até não phoder mais! Até o desabrochar dela você ficaria esperando pra godot uma mordida nela? Enlacem-na com a violência d'alíngua contando cumeu franco incentivo e comte a ela em seu viés semiológico aglutinativo o quanto o Idos wittgenstá perguntando por ela. Sejamos

sagrados e profanos e quiela encontre a paz no matinho. Claro, ela sealinhou cunossas fotos tripartites cômuo correio de Lyon quando steinvamos estabulizados tal qual rolha&buraco novamente irmanados, famintos e irritados, politicavalheiresca graça pela imposição dos cabeças redondas, ou como mano brincano de pega-pega cum a mana, eu e tu, cum pecado mais féin qui safadão&ives e me belisca, nossa terceira ▼|▲▼▲|▲, que nunca falou ou escutou. Sempre delirando por termos tantras rugas quantum encantador de mboi, e as fendas e farejadores dum cocainômano que caiu em desgraça pelo encanterritório de Luna e na armadilha karnal da primeira vegetarianna. Ao seu dispor pra castionamentos. Receba um abraço! Salve-a da má sorte antes quiela caia no mundo em puras trepladas diamor líquido. Eu daria três xelins por franguinha ao cônego para quia conjugação ocultasse você beijando-a de mim labieralmente in tôduo seu corptcho como siela foice um crushfixo. É delicioso pros bilabiaais dela, bocê tá mintendendo. Não há nada cômuo toque de giambattista visco pra descobrir quium brinco da rainha é falso. Chink chink. Como disse o bardo dos pentelhos encaracolados após cozinhar o hímen da moonlher zumbindo um hino à sua épicalcinha. Bocê tenta darum tapinha na raba dela. Do racista ao rosista, roça-se a rosita. Só o solo dá sentido ao ser. Sejam o infamiliar. Sejam o totemdotabu. Sejam um menstrua'son. Sejam irlandeleuzes. Sejam finiciais. Sejam ofélias. Seja hamlets. Sejam enredos territorializantes. Sejam Yorick e Jacques Lancaster. Sejam cool doce. Sejam MaCcoolnaímas de si mesmos. Sejam o finn. Não há mártir onde há pregador tal commodus não há pragas como in roma. Deem UI▼|▼▲▼▲|▲S. Obselvem o chemin de swann. Leve seu tigrão àzalturas. A sinhá do lago e o escravo da floresta.

[465]

Ora, eles podem ser Babau e Momõe! Yipyip! Por pan! Por pan! Tupinambeabá to pan. É uma carnavalizassom de lacerar aparola To pan. Deem um pun a mim y a ela e tiraremos o nonsensentido na suerte. Bocê phode inverter posições. Vamos fazer vuco-vuco por toda parte, tentando comer cousins! Qüuck, a marrecona dum mulherão prum quarké, o espermarreco dum varão, suas vívidas maçãzinhas pra Leas e as libidinosas poções diamor pro Leos, o próximo rei da selva. Coloca-me pra sentar in todozos lugares perto do ringue. Posso sentir que bocê tá sendo corrompida. Dou ré. Posso ver você tendo escrupulorgasmos. De costas. E enquantoele estiver fervendo

com aguardente eu acenderei sua pira. Vire-se, skeezyto Sammy, fuja da metáfora, até sentirmos que bocê tá transbordando poetaria. Eu te disse isso. Se você duvida do seu amor em desafiar seus sentimentos intão você vai se machucar muito pela cafusão mastufraturada na europa como você pode ler no rabo dele. Stripper estrupa estripador e jac jac jac. Pense nisso, meu herói e piloto! Esse é o lado que atrai elas, o caminho errado pra mulher certa. Tira o lacre dela! Deixa-o! Pra que ele serve. Rompa o lacre dela logo! Deixa-o de novo! Tudo o que ela quer! Você poderia repetir o refrão da sua imitação da harpa de jubal, hey, Sr. Jinglejoys? Canto congregacional. Rota rota roda no pagodão *con díó in capo ed il diavolo in coda*. Muitas divas devochas viram o Dauber Dan na Rota da roda do pagodão sacerdotal. Uck! Elié tão solícito em cantar sempre que pedem, o provocalizador d'alegria. Grunhe pra noises, eu suplico, seu artigongo proibido em nossas próprias rodas de bamba preludiando a morte de Nelson Ned com coloraturas! *Coraio, fra!* E vou fundir um segundo acorde pra harmanizar. Meu pão de cage e sopa de tico-tico no fubá tão cheganoo aozouvidouvidozos de Rochelle. Com seu pulsom de morte pulsando o mote, pulsa o violino em fá. *Diavoloh!* Ou vamos lá, escola cromática, e vamos subdividir, tapetón e courbertor e depois ficar tão íntimos quanto duas batatas amassadas. Traição ao clube da esquina ou traição do júri comprado. Menino do Riotornello! Como Bocê Tá hoje, lembra-se do tio Lebre-Bruhl? O que, sir? A mensagem o que, sin ô? Fim! Thou, thou! O que bocê tá falando? *Taurus periculosus, morbus pedeiculosus. Miserere mei in miseribilibus!* Há lavguage uval procê! A torre tá interditada, o povão tá só de roupoesia íntima; O Sr. R. E. Meehan tá no miserere emprestando botas do willy corrêa. Porzeus, não há tanto verde nozilhares da sua Irlanda! Melódico companheiro ovocal, ele entona fora do tom. Maizele poderia ficar paul a pound cum coronel cuma voz dessas. O

[466]

latido ainda resiste maizos molares jazz se foram. As miserereráveis botas do willy quieu costumava emprestar a ele antes de nos separarmos e, seja pelo buraco no âno, elas starvam brilhando comuos reflexos do céu. Maizeu disse a ele seja feita a vossa vontade e vá contraponto dum general e eu rezaria confissões porele. Novamante! Novamante! E eu serei seu intrépitor. Ambras! Irrite-a! La Cunilálíngua lacoonteceu antes do dilúvio monstual e do desejo de Cunilalinguar atrás da cortina.

Porum Triss! Você notou aquele inquietante expressionismo nusseu megálogo? Um octavium inteiro abaixo de mim! E você ouviu o guizo dusseu semblante cascavelho quanduele vinha cum papo bíblia pra cima de si mesmo? E, uau! você bolera a folha-de-ravel que mascara sua vergonha freudulenta serpenteando babelezas sob seu camisolão? Nosso emblooma nacional! Novamante! Ele não vai. Elié recalcado. Aqueles notáveis, o tio do meu velho pai que foi degolado, Caius Cocoa Codinhand, que eu perdi na multidão, costumavam despedaçar aquela língua dele, japlatim com o vendedor de corujargões do meu dialetio-avô, Woowoolfe Woodenbeard, que entrou com ouvido absoluto em surdez, na Torre de Balbus, tão rápido, cara, quantueu kizombaria dum carneiro tomandum chopin cum lagostim. Mas pra mim é tudo papo-furado de surdo, creamdeuspai. Sam sabe mui mió quieu como operar o milagre. E vejo por sua diarreia quiele tá eliminando a cagagueira de sua gramaticonstirpação silenciada jacques me disjuntei a ele mais como amigo e como irmão por experimentalismo e ensiná-lo um desensino e canonizar seus pés mortos no rio de heráclito pensando-se na quarta dimensão e colocar o oceano entre o eu e o nós, o cemitério no claustro das profundezas, depois quiele foi demitido da scoela beurlatzs pelo pecado contra o particípio passado e ganhou fama de charlatão chaplin por dreamcodificar sanhas e ser tão ruim de cama e bicho do mato quanto swift B.A.A. Quem derridá duas háhápiadinhas fica mais uísquecido que breasileiro in 7x1 pra alemãinha. Mas quanto maior a fofoca maior será a palavra-valise a trovar o boca a boca em nossozouvidos ouraculares que analisam verses de oreilly. Trocadilheiro de boteco, jacquiouves lacraian enodador. Foi a quadra qui o enviou à literaterra e a Trinity também. E ele pode cantare tão milhaudivertidamente quanto qualquer mboi com o karl eu tenha subido no telhado, um cantor na ponta dos pés! Nos próximos minuetos ele afinará manualmente o ouvido de sua Erin pra ti, *p.p.* um mimógrafo de cada vez, numa pompílio, cu lendário ancomércio pra trocatrilhar a estrada romana com passos falsos ad Perniciosos de rhea silvia romulandado junto a vinnícus&tarquínio el soberbo enquanto estou longe donde quer que estejas fazendo arte pra sérvio meu túlio e tullulando

[467]

meu hostilius marchando pelas santíssimas recitatandas *ffff* pros meus exames univerchistários nas ologias, pra ser professor de Fukien na missão. P? F? Como você

me aprendia com naturalidade, sebastian brother, em meus dias augustianos? Com cesarella olhando. No começo era o gesto comuele disse jouissancemente, poizo fim é por conta da mulher, carne-sem-verbo, enquanto o homem por vir stá em pior situação depois do antes jacques em decúbito dorsal ela satisfaz o objeto piroc'A dele! Tutátâtã, tautoológico. Tué a primeira pessoa do swingular. Arte, um subjuntivo imperfeito. Egoísta, conservador, sisudo. Miss Smith onomatterpoética. Machados de Assis hammisandivis colles waxes warmas like sodullas. Então escolha seu caminho machadando branca de neve in seth anais. E lembre-se de entrelaçar os dois nós de seus apelindos. E puxe o laço de presente tão pra cima quântua tutameia-calça. Isso lhe dará um insight de como apertar no gatilho. Mostre como se faz y ele não a deixará na mão! Sua audição é hinduvidosa assim como minha visão é reliorgiosa. Então dactylize-o até o ponto em branco e deixe-o piscar onde suas cosquinhas falam por você. Suncê sentirá o que quero dizer. Caro heteronominador, nunca deixe quieu te veja culpar um beijo pela vergonha dum joelho ralado!

Eco, leia o finn! Siparioramoci! Mas do estresse de sua trovejanimada separação-relâmpago, sessegura, decíduo, um nikrokosmikon deve vir à luz.

— Bem, meu positivamente último em qualquer palco! Eu odeio ficar de olho nos despertadores, não obstante frequentictactarem minha relojobruxaria, agora devo parar o ponteiro poizouço diouvido por meia de pancadas quié hora de levantar e caminhar. Meu lance de dedos do pé tá doendo, então tenho que darum perdido na terra da garoa senão vou passar fome. Beba um copo de mé na partida e o moore será o mais melodioso. Hasta la vista beba sem mas nem menas, como Tisdall disse a Toole. Tempos musicaóticos. Deixe-me uma fuga ao fogo, diz o grande e velho manoark, corvo com crista de galo torrencial e pentelho ondulante, nos dois textículos! Sim, fé, tou tão livre quanto passarinho na gaiola, sob meu corpete, amarradinho. Agora tou tão entediado y berroso por cervejesus em patas doloridas quântuo Ary Barroso tava partilhando latim em pó com o velho Daniel da cova do lião. Esta cabana noé gandhi o suficiente pra mim agora. Tou sonhano cu cê, açores. E, lembre-se disso, corista, pros lados de alá tenhuma bruxa na floresta, irmã! A bruxa Bansheeba é hourripeluda pelada enquanto seu Octoroon tá resmungando

um boucicautom acima E cuando o muinnueto enluarado tocar o seio dela jechus chiste chorará de chisteza! Filhas dos céus, tenham melhor sorte nas reviravoltas dos filhos errantes paridos do barroco scarlatti de adão! A terra é pululante! O sol é um grito! O ar é um rondó de capoeira. A água é o H₂O do borogodó! Sete antigas antigas colinas e um azul se projetando. Vou. Só sei que sei que vou. Posso apostar que vou. Devo ir pr'algun canto longe de Banbashore onde quer que eu vá. Sem sela, sem estribo, mas à galope no momento. Então acho que vou seguir o conselho do libertário goethe de botas. Psk! Vou tomar uma vereda no grande sertão pra me dar asas, quickquack, e do muro de Jehusalém, clickclack, no meu pégasus alado, pelos augustos campos do Riso eu viajarei pelo vazio do poemundo. É Triunfolândia pra moazinho, bickbuck! Zizekaim! Eu me machuquei feio daquela vez! Venham, meus mangalargamigos-marchadores! Sentimos a queda pero no temeremos o desfiladeiro. Nun era mia véia mãinha, Sereth Maritza, uma Águacorrente? E aquele unzinho no qual ela desaguou levada pelo mar de Fingale? Sinto-me como seaquele baleeiro do morro mobydickstivesse rondando o Circo do Boca Verdi com sua árvore cheia de algas marinhas e a Boneca Barbie dormindo de conchinha. A Dublincidade me observa. Júlio Laverne irlandeu uma volta. Tempestade a bordo pra Kew, pule! Adeus porum momento pra ela e pra ti! A salmoura é minha futura noiva. Vá em frente, McCoolduff, e abensonhado seja o primeiro a avistar o Lindo Machbote in Duplin! Solo, solone, solong! Envergonhada Erynnana, esconde teu escândalo! Cantem comigo até soarem o'erem! Lá vou eu. É agora ou ex-nunc ou ex-tunc, doce maninha! Lá vai o inimigo! Benedictos sejam os pés do fogoso velochista onimpudente. Perdão! Abençoo a todosos desejantes com esta apologíria pan-riomance que Wittgertrudestein cantou pros bêàbôideiros de kerry. Desconstrua a linha dura inimiga! Depois de me foder no furor-da-batalha stou mais reflexivo. Liguei o foda-se! Transmigrei. Uno. Duo. Trítano. Você me olha fumando.

Depois dazúltimas palavras incendiárias do pobre Jaun o Mensugeiro no póslúdio dirceu diuscurso ensaboadado que terminou em seth cielos, vinti&oitcho e mais uma com um flerte de arrastar as asas estavam se derretendo pela achistência dele (poderiam cortar aquele cacho de cachos pra colocar as luvas e manter as crianças bem atentas!) preparadas pra aplaudi-lo ocase ele pulasse ou pra amaldiçoá-lo ocase ele caísse, mas, foi de biga no rodeio arrumar in triga cow o carro-de-mboi sem rheda, os querubins na charabancarruagem, fazendo teste do sol-fá e no banco do sedã, suncê nun gostaria de usar um jugo ou um freio na boca, repelindo todazas tentativas

de mãos preliminares, como no es nada, percebebemos nosso nobre incompreendido se autopênializou com algum tipo de chicotada hermética ou esporada pra montar e tomar nota, o que agiu como mágica, inquântuo exército das filhas de fevereiro ocupou o dique, embosbocadas e subindo pelas paredes, vagando e chorando, elas expressaram aprovação em seus corriqueiros modos de deixar escorrer ateu os joelhos lágrimas sobre seu concelebrado girassol da meianoitzsche, curumim McCoolnheiro, seu sol na uíscuridão, e juntinhas batendo com gosto as palmas de suas onanismãozinhas encuanto, com o grito duma angústia munch genuína, plurabella palavrosidade políloga, elas pagavam pound pra ele, o único justo, seu querido, ausente.

Um sonho de favores, um sonho favorável. Sabem o quão acreditam que acreditam que sabem. Porisso lamentam.

Eh dia de ko árapecar! Oh dia ko árapesado! dosiriosamente salmodiavam la muerte. O hino do ko árapassado respondera ao lamento dos maronitas.

Oásis, cedrus exaltadus&namorada do Libânus!

Oísis, frigidusciprestus no monte Suspirando Siões!

Oásis, zumbiduspalmeiras exaltadus&namorada do Blooms dia!

Oísis, phantasustica veredarrosiana de anjericó!

Oásis, novasfolhas espencializandu-se pelus campus!

Oísis, milleplateaux rizomandorvalhosnamiragem do jogozo de tênis!

Pipetto, Pipetta stão na miséria dos portais da despercepção!

Maiza coisa mais estranha álconteceu. Retrocedendo pra pular fora com todazas probabelidades a favor de sua transcaição no rio, vi Jaun justo nesse mamento coletar da mais gentil das bebezerrinhas desmamadas êntrias vienensapequinhas (que porisso stavam meio de luto pelo falhecimento do último pirocarteiro) o familiar selo amarelo no qual ele deixou cair uma gota, abafou um xingamentorgasmo, sufocou uma gargalhada, cuspiu expectorantenormente e tocou sua própria trombeta. E a próxima coisa foi quiele colalambeu o lado grudento da missivagina e carimbou a letter escarlata da fé em sua testa de anjocaído cuma pitada genuína de piedade irreprimível que prontamente transformuuugicou as leitmotivaquinhas curvas portentosas (o santhomem do pound occam!), cum fugoso olhar irlandês meio de esguelha (um

hastaluego do Juan Jameson) sob a pelúcia de suas sobranceiras paralelas. Foi intão quiele fez que foi como se fosse mas na verdade acenou ka mão fazeno o sin anal da cruz ao oceano como gesto de despedida inquanto as pacifiquetes faziam xuxuxu xauxauxau no sentido anti-ediporário (Frida! Freda!

[470]

Paza! Paisy! Irine! Areinette! Bridomay! Bentamai! Sososopky! Bebebekka! Bababadkessy! Ghugugoothoyou! Dama! Damadomina! Takiya! Tokaya! Scioccará! Siuccherillina! Peocchia! Peuchuchia Meneguel! Ho Mi Hope! Ha Me Happinice! Mirra! Myrha! Solyma! Salemita! Santa! Sianta! Ó Paz!), maizao auto-endireitar o equilíbrio de sua corporeidade pra retrocar ampozabraços amassando o peitão cicliconado da Sonsinha quiele amava intensamente, entre esteoullas e venoussas, mentir dá azar pero quando ninguém ao lado esperaba, o punhetobservador de estrelas e de tutameias-calça chegou ao pico disseu clímax, espasmou um poquito pulsionando pra despulsionar e, criandum novo começo pra si ao correr in diereção ao lesther,nabençoando suas sthermanas cum sinal do cruzeiro do sul, de chapéu borsalino bangalóide de abba verde a haroldiar galáxias numa explosão diamor (prêmio ao trovar!) e Jaun Jauncques Rouxão, correndo feito locke atrás, meccalomaniaco, (que los ruins de cabeça naun sejaun doentes de lo pé!), rei das mensönhagens circulando cuma pressa de tartaruga e a postos pra retransmiti-las nos arredores da ponte dum estádio além de Ladycastle (e que hermosura maizele por muito porco não conseguiu emporcalhar a budha dela maizele entrou cusseu pato pelo aqueduto) e então, multipecando um peixe pra dar densidade aos seus sermões, tão proximateral e ao mesmo tempo tão paternidadistante do general daquela região, seguiu com ele pelo rumo da duplicidade, o pedaço de mboi caminho, aos trancadilhos e barrancos atrás da estrada, na eguinha Pocotó, cachorroloucamente como um maniacão de caça ao vento (o safatlão! você deve supunhetar se foi naquele momento quielas abriram os jambos pr'ele!) num tōru takemitsunami desejante mezzo-sopranado ao barlavento como convocassons de serafinn pinto gandhi deixadas no ar e uma tempestade de coisas boas em forma de pacotes pós-tonais de todazas narrativariações pra caixa postonal de cartas dassua rede diadmiradores anãonimos, ao longo da estrada da nação, a Rota da Traição, seguindo poraquele adorável entroncamento floral ele foi rapidamente perdido de vista pelos estatuetarados embora

não restasse dúvida de quiele estivesse cada vez mais com a cabeça pras memórias queridas ao passo que Sickerson, aquele urso nascibsen de ursa, *la garde auxiliarire* ela murmurou, lansâtã Ursulinka, cheia de desgraça (e até que ponto G a mão do bom menino deveria ser mais apertada do que pelo calor do seio dela que se exprimia no sutiã?): *Where maggot Harvey kneeled till bags? Ate Andrew coos hogdam farvel!*

Então, agora, quias pessoas boas o apressem, ruralista Haun, exportando stouts pra alter-ogros comocê, o cantor nascido cu doce

[471]

lamento du evocador, música terapoêutica, oui, io coração nas mãos da Shamrogshirirlanda! Os googoozos do chupa-bola no rock'n'roll do leito tornaram-se a copiosidade da sabebedoria do leigo do onanismoastério no púlpitobarril. Que seus cabelos grisalhos cresçam raros e louros, nosso aprendiz singularmente cabeçudo! Descanse sua voz! Alimente sua mente! Apimente suas ervilhadeiras! Psicanalise seu grande outro! Venha pra lisdoonvarna blarney e caminhe pelos nossos bosques tão encantadores e veja novamente o doce pound açúcar onde pela primeira vez você cantou *O Ciesa Mea!* e toque alaúde luciferinamente. Cantor, pescador, coreografador! Flautista desaprisionador da polifonia latente! Embaixador-Geral da Musicalidade! Bom por natureza e natural por desígnio, se nos tivessem poupado de ti, Jaun Cage, maizé claro qui naun adianta porra nenhuma eu falar mais rápido quando sei que você vai me ouvir mais perdido que tradutor em tiroteio significativo? Minha longa despedida lhe envio, justo sonho de esporte e de jogo e de sempre criar coesias novas. Jaun se foi! Minha dor, minha ruína! Nosso D'Joss-el-Jovan! Nosso Christ-na-Murti! É bom que você seja cuidado do fim ao início como aquele feixe de luz que acolá seguimos na marcha reversa de sua peregrinação fotofórica aos antípodas no passado, você que tantras vezes consignou suas notícias distributivas de grande alegria in nossa caixa de nuncaétardedemaispramar, manipulador mansuetudinário, vitoriorroucamente vitmimizado, querido Jaun do povo, você que bate as botas, verdadeiro cômua muerte, sonambulante, pênispaZIotempo, virgulinolampião, postadordelengalengro, nosso rommanichista! Tua luz agora pálida luzerna nunca mais voltaremos a ver. Mas se pudesse falar o quão bem fofocantaria aos quatro cantos louvores pra ti, nosso sinthome padroeiro! Pois bocê tinha – posso, em nosso, no seu e nonome deles, ousar dizê-lo? – o núcleo dum brilho dum zelo de

alma de encarar a obra tal como raramente ou nunca encontrei inhomens solteiros. Numerosos são aqueles que, ou melhor, há uma mera dúzia de pessoas ainda não reclamadas pelo anjo da morte neste país nosso de cada dia, humildes indivisíveis neste grande continuum, sobrelordeados pelo destino e entrelançados ao acidente, que, em canto houver horas e dias, orarão fervorosamente ao espírito superior pra que nunca possam partir desta terra até que na longa jornada àquele lugar onde see inicia o dia, antes quiele ritornelle do pós-exílico, naquele dia que pertence à alegre Irlanda, o povo quié de todos os tempos, o velho mais velho quio velhaco, o novo mais novo quia supernova, após décadas de

[472]

sofrelonguidão e decênios de breve glória, pra nos lembrar o que é o que é o quando e pra nos alertar sôbrio estreitamento de nossos caminhos, seu Janyouare Fibyouare nocauteou a verdade de Sylvester Star Longe (só o próprio Walker é como Waltzer, eles murmurandam caprichosíssimos) marchando pra casa na crosta estival sob o hinodabandeira. A vida, é verdade, será uma partitura em branco sem ti pois naun há mais avicum lá no absoluto, sem mais preocupações dos saberes nômade, antes quias guerras Molochy tragam a era do diabo, um lapso de tempo entrium período ium fantasma, fraturado pelas brasas dos frios dias de 10zembro, foliando pelas festas Jauninas de dândi em diante, dêsdia noite in que somos y sentimos e desaparecemos até o egontem passado que trilhamos buscando nos reencontrar.

Mas, muchacho, usted fez sua furlonguíssima romaria de nove milhas escorregando e deslizombando em tempo recorde y uma walk in progress verdoideiramente incrível, campeão dócil, vigorosamente caminhãndue cantãndue seguiñdua cãção e sua façanha atlética será contestada com ti e através de ti, por séculos vindouros. A phaynix desabrochou um sol antes de Erébia electrafogou sua mã! Rionasça nisso, brilhante pássaro Bennu! *Va faotre!* Em breve também a nossa própria esfênix parquesplandecerá sua pira e voará ao sol alastrando sua flamba crepitante. Sim, azopacidades mais sombrias da melancolia já desesperoceram! Bravo Jaun dos edipés inchados! Work your progress! Com calma! Agora! Vença, teu diabo tão teu! O galo silencioso finalmente cocoricocontruirá. O oeste despertará o leste aos chacoalhões. Caminhe encanto ainda possui a noite pela manhã, portador

de luz&cafédamanhã, pela manhã em que todo o passado oniricomporá a sonhata.
Amain.

[473]

III

Balbuchistantemente, lolongagamente, um lamento viajazz assdiante. O Puro Yawn jazzia na paisagem. No prado do morrinho jazzia, corassoul adormecido in meio ao panaroma nebuloso, caderno de aforismos ao seu lado, e braço solto, por seu cajado de urze-limão, tradição passada de pau-pra-filho. Seu monólogo sonhoro havia acabado, a causa, mas seu dreama parapolilógico inda sperava por seu devir, o efeito. Mui angustiantremente (mas, meus queridos, com que baita sucesso!) ele lamentou, seus cachos dum tom lucaniano, rapidamenteiriçados, donaflorindamente ondulados, rambamente enfaixados, aquelas pálpebras magnificontornadas por excelcílios prestes a fechar, enquantum sua bocabeça aberta exalava o sapiênciálito dele, indassim tão lalânguedo quantum o mais principesco caldo de cona em dose tripla ou a sesta básica com chá de lichia e chowchowta dentro do orçamento. Yawn num semideusfalhicidamente jazia lamentando e (hooh!) que porções de melosa musicolméia (ufa!), que dulcitude earwickensurdecadora! Como se vassuncê supostamente devesse ir e enfiar seu alfinete destrambelhado cum a mão da punheta na corpulênciadiposidade dialgum garoto gorduchavequeiro à procura duamor dum anjo. Hwoah!

Quando, ao passo quia busoni toca convocândua brigada ligeira, mantênduas lareiras das stockhausendências acesas, atendendo ao chamado atonal eles próprios vieram até ele, das fronteiras ocidentonais do centro-oriente, três reis de três estilos diferentes e um coroador, de todozos contrapontos cardeais, ao longo do caminho âmbar onde Brosna star loucalizhades. Pr'álcoordá-los, os quatro senadores, ao primeiro grito pitoresco do crepúsculo picaram a mula y subiram saci-pererescalando o morrinho moentranhoso, sigmundfreudexplorando climas de eras passárgadas por certos dias que não valiam a pena recordar; inventando algumas esfarrapadesculpas, de todozos tipos, com sete camadas

[474]

de suor de orvalhada melancolia noturna sobre eles. Feefee! phopho!! foorchtha!!! aggala!!!! jeeshee!!!! paloola!!!!!! ooidiminy!!!!!! Recalcados no próprio medo eles sherlockhomavam sobre o enigmágico caosmo sobreposto quiele probabelmente seria, comprimento por largura fora de compasso consua espessura, vara sobre a vara

dele, percorrendo trocentos metros quadrados dele, metade dele na metade de Conna a Bárbara mas todo o ele entretantocupando as cinco províncias ao logos do rio Owenmore. Ali ele jazzeria até quio avistassem, estendido sôbrium leitomortivo de flores, num trecho imundalongado, êntrios narcisesplelhos, as flores de narcosis borromeando quatro elementos insua ribaltadeluzes, uma auréolatifúndio de batatas silvestres pairando sôbriêle, epicuristas valsando com annãs de jardim, brotos puritanos avançando belicadamente em diereção aos chefes Aran. Phopho!! A meteórica raba dele, a budha de neném da casca de balarco-íris. Aggala!!!! Sua sancha pança vazia de nebulosa cusseu umbiguo ininterrupto. Paloola!!!!!! E suas veias pulsando fósforo de melanita, seu cometa hairley de cremegahair e as articulações dos asteroidedos, costelas e membros. Ooridiminy!!!!!! Suazentranhas eletrolatiginosas retorcidas pelo cinto.

Aqueles quatromens argilosos subiram unidos pra manter a investigação juramentada da câmarestelar sobre ele. Poizele sempre foi caçado poreles, o jeito comueles seenxergavam, cada insetomem personificarnavalizando em cima de qualquer feminonoçãoonalismo dela, e o encontro noitzscheano deules valia duas das manhãs deule. Até o cume da cordilheira dos ondes era, paróquia de Mullingar, seguindo até uma campina que não ficava longe, o descansol do filho. Primeiro andentrânduos matos do Senador Gregório, buscando rastros pelo profundo campotemporal da boca duinferno, Senador Leão, trilhândua linha flexível dissuas pegadas bifurcadas (algo insuas bolhas lhe dizia o tempo todo quiele tinha stado naquele lugar uma vez), então seu Juiz de Exceção, Dr. Shunadure Tarpey, saci-pererecando apóizuma soneca honrosa, queimânduo pé no chão cheio de sementes de anis e, saindo de seu pit-stop, o velho Shunny MacShunny, o mochileiro MacDougal, na retaguarda deules em linha de fuga, pra formar o quórum. Ele stava de mãos atadas no burrinho pedreirês deules, sua perambabelização sob o cinza-celeste, comuma reflexão tardia e de forma alguma traçânduas pernas de bêbado pois erzam tantos brotinhos na cola dele que mesmo quiele stivesse caindo a ponto diandar de quatro, ao alcance do berro dum burro, beijinhuss greguss, beijinhuss nu ombruss, bode expiatório, cômua cabra dozabismuss, o big burro, pr'ouvir com seuzouvidos desarmados a harpa no ar, a corneta

didiana soando, selvagem qual selvagem, a majestade o sabiá cuja palavra é infortúnio, assim é dito, o rouxinol harmonizanzando ao vento.

O proto então vagava pelo emaranhado até que, o Biblicaminhante Mateus, padrinho dozafilhados, deputado eleito fofocraticamente, e seu curral ficava alguns galinheiros para o lado do morro dos ventos zurrantes do Asno e não era de nenhum outro lugar a não ser dalí, como e sempre, quiele se deitavestendia do oiapoque ao chuí sobre o éter Hipnóticonanista de Mesmer, a mão fazendo silêncio. Os cabras-machos maizalém no pasto, então pararam onde quer queencontrassem suas posições e dessa forma se posicionaram ao rondó dele, com obediência, acenando, submetendo-se, curvando-se e fazendo reverências, cômuos observadores de Prospecto, segurando seus chapéus de espionagem de sobreaviso insuas cabeças firmes, a corte itinerante insuas descobertas circundando aquela persona insua queda. E eles fizeram um quarteto de estenografos do desejo de si mesmos, sólons e univerchistários, todos narradores, consuas feridas e demonhos, rancores e estertores, nem mesmo pra enjaular sua besta poreles tal como era o estranho truque do bando, triunfando e sem fazer amizade com cenouras. E, o que você supunheta, quéin é qui deveria star deitado ali acima de todazas outras personas à vanguarda delas sim não o Yawn! Todo duro ele stava deitado também entre o crisantempo e, eu posso te dizer algo mais do que isso, haroldalgustiado escritor, por mais profundamente que suncê possa tapar azoreias pra isso, ele stava dormindo de profundismente. E era mucho mais análogo a um sátrapa ele jazendo lá cuma beleza untuosa todo rodeado, o impostor, ou por tudor quieu sei tal qual Lord Lúmen, instruindo suas constelações preferidas em fé e doutrina, pro velho Matt Gregory, ele tinha a zoológicoleção destrelas, Marcus Lyons e Lucas Metcalfe Tarpey e o sujeito que nunca perdoou a mula-sem-cabaço quicorria atrás dele, Joãozinho de Jeguerusalém.

Mais do qui uma boa quota da educação dosseus cinco sentidos enfeitiçados vassuncê diria quielezestavam, cachimboçal censor, o modo comueles não conseguiam distinguir corretamente assuas canelas das pernas dosseus bancos enquanto aconchegaram um mamalujo inseu berço cúbico, à medida quio tempo de perguntas seaprochegava e o mapa da grupografia dazalmas surgia em relevo dentro disseus quartéis, pra brincar de pião ou pipa ou bambolê ou bolinhas de gude, escondesconde, olhando boquiabertos pra ele, pra emissão de seu pun e suavizunindo um deles a um outro, os bocas de caçaproesia.

[476]

E é o quieles começaram a dizer a ele tetraedricamente então, os mestres, de que maneira ele era.

- Ele stá cedendo, o babelzinho. Yun inda vive.
- Yerra, cadiquê isso, meu líder?
- Wisha, ele stá bêbêbado ou o quê, guguderridadazinho?
- Ou o pun dele escapuliu pelo furo errado, diz Ned da Colina.
- Fique de ouvídio bem aberto!
- Cadiquê isso e fale maizalto, vox mercê miouviu, sir?
- Ou ele stá ensaiando o forróneral dialguém.
- Silênchiuuuu! Hubba stá ressuchistando!

E enquanto jogavam sobre seuzoito pés as redes de arrasto dissuas jangadas, as redes de cerco de cromatismo brilhante, e não é histeria de pescadô, havia uma palavra de assonhância sendo dita suavemente entre aqueles quatromestres.

- Bora trabaiá, muleke!
- Ânimo, bora logo!
- O temphospício presente é uma hora propícia.
- Vou cuidar daquele malako.

Pois estava no tímpano do ouvido da mente deles, auriculágil tentassom, comueles stariam espalhando quadriliberamente suas irresistíveis redes com manchazazuis, suas redes nansen, do Senhorio Matt ao turrível mistagogo pra além dele e dalí até o vizinho salvador e assim por diante chegando ao burrinho pedreirês e ao crucificcionado na rabeira. E insuas mentes de ânus e asnos de leituras digreshivas, assim era, beleza escorregadiça, imaginânus comueles stariam seentrelaçando darkele jeito, quanduele ressuchistasse, com o plâncton brincando ao seu redor, os ricocheteantes corpos de escama prateada e seuzanzóis de cromo da resplandecente épica de ouro da Espanha enquanto, conforme a hora relogiosa dava lugar à hora labiríntica, com o próprio Yawn marcando o tempo com sua trilinguismo o'neílico, prabrir seus lábios borromeados ele derridaria, uma pulada de cerca, do mesmo modo quia mirra do pântano e a névoalunar derretida se fundiriam como mallarmel insua boca.

- Y?
- Antes de Vox Mercê!

— Ecko! Quão dulce ocê dá la respuesta! Depoizonde? Na terra do odor dos leões?

— Amigos! Primeiro se vosmecê nun simporta. Dê um nome à sua lituraterra histórica.

— Este mesmo túmulo pré-histórico, o laranjal.

[477]

— Entendo. Agora tá de boa. Stá nusseu laranjal, imagino, bocê tá consuas cartas. Bocê phode miouvir aqui, sin ô?

— Mil platonalidades. Pra minha querida. Typette!

— Tanto tempo antes do tempo? Suncê phode ouvir melhor?

— Milhões. Prum lance de dádivas. Pra minha querida mais quiquerida.

— Agora, pra chegar mais perto da zona; eu gostaria de levantar meu ponto deuterio tocando audivelmente nisso. Há essas problemagicacofonias. Disse-me o nosso intérprete, Hanner Jumentus, que há seiscentos e seis tipos de palavrervas no vocal-herbal-lário dissua alíngua Magical in que bosque e boquete rimam com a-l-p'ênis e há resina em todazas raízes da monarquia maizocê num têin um teermo pronuncabeável que sobre in todos valiums de lagrimalegrias pra significar majestate, mesmo provisoriamente, tampouco inventâdua rhoda tampouco no roteiro de quentin tarantino tampouco na via aluciniana tampouco nos portões aurelianos tampouco na rota sunken tampouco na trocatrilha do pintoanal meteogrossense tampouco na via crucis da criminalidadescavidão e tampouco no cocoriclamor das galinhas d'água ou no embarque do mochileiro das galáxias pra nos levar à esperançonoridade olimpoética. É tal o *unde derivatur* mércio do casamento formamatéria! Franklynmente. *Magis megis enerretur mynus hoc intelligow*.

— Como? C'est errado pronunsibilar tartagliano, perfrancês. Vous n'avez pas d'o in votre bouquinha provincial, monsinhô. Je m'curvo, mais *Moy jay trouvay la clee dang les champs*. Dar merci beaucouchilada na moita é deusmoralizant, bora lá!

— Dá um Hep aí! Common quié, a sapa na lava a pa'raraca cabaluda? O quem é esse matagal no meio dassuas jambes? Cadiquê essa inclinação e falar sobre o messias tão trevodequatrofolhasmente? Umas verdades sobre sua insignificassonância! Onde bocê tá!

— Trinathan Partnick abensonhado por Adonai. Suncê a viu? Typette, mia táctilógrafa cheia de borogod'Ó!

— Bocê tá tripartido no seu paitrick, na unidade do esperanto iansãnto?

— O mesmo. Três personas. Vosmecê viu mia querida no ménage à trinité? Eu tou soul o paul da rabiola!

— Pour que bocê tá tremeno, ultramontano, como um vira-lattes? Bocê tá cum frio, dorafobiano? Ou bocê tá quereno o patrickuzinho dassua professora primária?

— A floresta de neblinonanismo! Ó mis padredges!

— Cala o bico, ganso! O pato tá levantano y usted vai acordar aquele bando de peca-pound amarelo. Eu cunheçu êçi lugar mió qui ninguéin. Claro,

[478]

eu costumava star sempre lá no quarto dia na casa da minha vó nhá benta, Lituraterra-do-Alter-Ogro, minha casinha cinza n'oeste em Mayo ou nozarredores quânduo cachorro-kant colocava alíngua pra fora y eles marchavam pelo sítio e faziam das tripas coração pra segurar a coleira. Cascodetartaruga porum guinéu diouro! Burb! Burb! Burb! Siga-me até os Cusdejudas! Essié o criadouro de ostras sob clair de lune, Açude com águas de la mer, Condado de Conway. Eu nunca soube como eu ezra rico como noutra história na zona dos zéfiros, errante e errante, transportando meu dragomano, no Território da Marvel, reboablendo um rabetão impronunciável, ao longo da costa. Vancê conhece meu cousin, o Sr. Jasper Dougal, que mantém a Âncora na Montanha, o filho do pároco, Jasper dos Tons, Pat Sejaláoqueforseunome?

— Morte-me e eu dou o mote. Os lobos de Fochlut! Por que cargasdáguavocêmechama? Não me jogue ao duo villa-lobo-antunezano!

— Turca celtamente é uma fiera das boas! Nada menos que l lobo you!

— Um momento agora, siêu fizeram escorço da flor do lácio insua tagarelicexpansão. Desterritorialização significa erosão. Dunlin e urubu nozauguram onde, como e quando é maizadequado pra enterrar carcaças, fuselagem de descartes e mandado de prisão por fofocartesianismo. Mas, jácques invocas austeros pra rastrear raesposas, eu gostaria dienviar um mergulhão ao redor desta lagoa azul. Diga-me agora isto. Você contou ao meu velho amigo um pouco antes, um momento atrás, sobre esta sepultura ou sepultamento. Agora sugiro a vous mecê quiantes quiouvesse esta peste-sepultante, comocê parece chamá-la, havia um bataillenterro, no carontiano barco de milhões dianos. Você miapoiaria nisso, relativamente falando, conseu pequeno mastro dando bandeira nazescadas do infortúnio, por que não, e içando uma vela na nau, você conhece a embarcriciação? O *Pourquoi Pas*, com

destino a Weissduwasland, aquele barquentino de quatro maestros, Webster dicionariza, nossa embarcação que nunca retornou. O francês, digo, era uma laranjangada. Elié um barco. Você o avista. Os dois tais quais voscê avista são eles! Draken af Danmörk! Saqueou isso ou comeu issy? O quê! Hennu! Falou ab lautonalment!

— Caixão, cortejo, coroadeflores, cova de cocô. Interpoete as runas e veja a urna forrónerária. Todozozomens vão simhora quandouvem as trombetas. E encontre o navegante Nansen. Ess Ess. O ess. Noite de Warum!

[479]

Singrandevendo até o cu in dois dos seth bares. Noruegaguês. A bandeira de pirata dele tava pra fora, o navio negreiro. Eu creio in nosso sin Ô, no escalpelador Jordan, no zeus das crionçinhas y no santhômi. Agachem-se, seus três pombobinhos! Xavequem, chamem aquela garota de Ipanema com as madeixas emaranhadas! Chamem o Lobo-Mahler! Lobo do mar. Folchu! Folchu!

— Muito bem agora. Esse folclore saiu do boca a boca sôbrio burrinho pedreirês. Eu cruzarei com a nau ancestral, profetizando o tempo, bem longe daquele monte verdi, uma estação, Ireton me diz, de boa-fé pra justificar o tempo perdido, agora pra chegar ao meio da meia-noite neste poente levantino. Da Danelândia navegou o homem de olhos de boi, agora mark bem o quieu digo.

— Magnus Barbeirus de Virilha, amarrador de espartilho, pérfido estelhonotório. Um descoconstrutor em nosso porto. Fez sin anais com seu machado assaz. Expôs seu tétum pra me derridar de mamar, pra me mamarmentar. Ecce Hagios Crismamado!

— Ó, Jeysus, quanto fluido! diz o poço envenenado. Pescaidor o Primeiro. Neto de bebum bebunzinho é manobrando no umbigatracadouro do sonho!

— Hep! Alô Alô rosiano, Bill do corpo de Bailey! Quem é ele? Quem é esse guri, por que a tétum tá apareceno?

— Hunkalus Childared Easterheld. É a chance perdida dele, Emania. Cuide bem dele.

— Ei! Você sonhou que tava comeno a própria tripa, Acushla, que se amarrou naquela raesposa de torcer o pescoço?

— Agora entendo. Nos movemos numa circularidade the bestial. Grimberto Gira e encouraçado potemkingaceiro! Você tirou as palavras da minha boca. O medo de criança do vice-pai dragão. Colineblina nozenvolve! Você quer dizer que viveu à base de mamadeira no liceu deles, qüovarde, enquanto aprendeu, volp volp, a uivar como um lobo-mautner. Dyb! Dyb! Faça o seu the best.

— Eu stou dob dob dob dobblinando cômuo velho Goethe de Boots, cortês. Os fiótes tão vino atrás de mim, lobobinhos, toda a alcateia de totemistas, vuk vuk e vuk vuk pra eles, pelo escudo de Robinson.

— Farejadores de Deus e mexeriqueirevangélicos! O animal uivavaia de novo! Encontrem occam de caça! Aqui uivai meu chapéu de sabichão até quieu morra dos lúpus quieu peguei do leiteiro!

— O quê? Wolfgang? Uau! Fale pausadamente!

[480]

— *Salve-o do paganinismo, cure-o com a pedra sagrada!*

Cursor, Recursor, Circularidadenfant

Antigo como todo finn, terra

— Um cataléptico mitifálico! Este *Totem Fulcrum Est* éira o Ancestral que bocê tinha in *Dies Eirae* onde nenhuma teia diaranha ou *Anno Mundi* éira cômuas kafkafetinas quiexerciam seu ofício in esquifes apertadinhos? Seja justo, Chris!

— Sonho. Onan durmo na segunda-farra. Sonhei kisstava dormingo. Num dia orgasmágico eu ressuchistarei. Ah! Quiele possa daqui em diante me encher de espermamedrontamento! Fluxopecaminoso, Ó fluxopecaminoso! Fia! Fia! Tema a cristo!

— Tenho seu trístico agora; ele se repete três vezes da mesma forma diferentemente (há uma incertuosa história fui fui'cada que se canta dele): vindo do abstratasfalto ao concreto, do humano historicamente bruto, Finnsen Fayneano, vívido ossiano, pra esta mesma colina vulganizada da sua, O Sr. Tupling Toun das Manhãs de Elevação com seu fluxo de lava e seus udigrudis divagantes, ele iria reaparecer *Ad Horam*, cômuo velho Romeo Rogers, na cidade ou na roça, e seu orbi certo, ou por, com ou de um urbi, de vocês conhecem o diferenciabus, como no brauchbar em apabhramsa, sierra! Nós falamos de O'Gun, o pai ausente. E no locativo. Bap! Bap!

— Nostu Tatăl, Sancto Babbau, que celtamente orbita assertivo sobre o loquaz diogirem das Chivitats Ei, Smethwick, Rhondda, Kalydôn, Salem (Massachusetts),

Chios, Argos e Atenaslismo. Bem, fui informado de que in celto sentido ele pode ser ambos no entantos, todo homem como eu, basta dizer sufixamente, Abraão e Riachoppe! Por ele foi feito bapka, por mim foi colocado lá dentro, pra quem tiver fé, Mushame, Mushame! Receio quiocê não conseguiria subir agora uma daças próprias velhas pedrescadarias, barnabarnabarn, sobre um tropeçável muro cadente aqui na cidade de Balburdialândia pra esta clássica noite de Noctubro maizeles surubiriam farrear, tanto quanto veciosos, do lado de fora do bordel pegando o jockey de costas em cromerotismos verdadeiramente carnais, ou pulândua cerca da proesia hípica com ela ou no eterno retorno do hipismonanismo. Essié maizum dos tapas&beijos do véio painho tim o homem quiagora me dá medo de, Tommy Terracotta, y ele poderia ser todo seu e meu das, o irmão menor do fundador do progenitor do descobridor do judicializador do cobrador do primeiro homem em Ranelagh, fué! fué! Patrickficado e gélido violeta (sou inhame, como Eu e Tom Tower costumávamos estudar com mickey jagger na escola, na housedência de

[481]

Eddy Christy, signifincando o Pau, o Falo e o Cu) e espirictuosa sanctução!

— Brisa suave. Aureaculares árias áureas. Hau é o naume dele?

— Midas das oreillys douradas. Piercey, piercey, piercey, piercey!

— Deliciolhozo clarividentensopado e melaçorgasmo de patrickavalo!

Porcalhão Parça Zoreia! Maizonde é que vamos parar, musiescutor da palavra?

— Pare no ponto de onibusoni e ouça, Lucas e Dublinn! Vulva! Vulva! Vulva! Vulva!

— Macdougall, Atlantic City, ou o selvagem asno diouro dele que no ocaso é, masca em cavan e tosse em tuam. Eu chegaria perto de identificá-lo purseu túmulo, consulta com Jong em Mayo, yas trepadeiras em wisteria ao redor disseu chapéu yokohamaxicano. Y aquele mestre O'mulconry que tossibila a pior maldissom da Irlanda, Glwlwd do Mghtwg Grwpp, também não te serve pra porra nenhuma, Joãozinho meu quixotesco burrinho pedreirês. Número quatro, aprume seu corpicho diágua e levante seu peso!

— Pecador caiu nas garras do chifrudo pelo pecado regioriginal e afogou o ganso no jardim do Hayden. Vomincê cocoriconhece um jovem schüler transcriador de quirografia psíquica, o nome de Keven, ou (quios estrangeiros soltem alíngua) Evan Vaughan, de seu buzinante Carteiro na Alto-Estrada, que stava dando um chega

pra lá numa gagagalina da Guiné, Galinda ave, que encontrou o dogmento número um, eu sugeriria, uma ilegível cartadescartada das baixarias dum inilígível?

— Siêu conheço a ilha de santhomes y sábios pecadores? Às vezes ele ficava em silêncio poralguns minuetos como siestivesse rezando e fazia o sin anal da cruz e durantiesse templo ele ficava pensonhando consigo mesmo e não simportava com ninguém quiestivesse falando com ele ou chorando o leitinho derramado da peixota fedorenta. Maizeu não preciso docê pra nonada, nem dosseu lacerante remo nem dosseus ágeis dedos. Você é um galo de muimui longe pra lá de cocoricock do norte, Matthew Armagh, e deve ciscar mais ao sul também.

— Sul sei. Bocê tá no topo-de-Leal-Ulster e eu stout livre-no-Sopé-da-Easia, issué muito melhor. Pela fé se cura aquele a quem o destino adocece. O proust que lá inventará uma escrita em última análise é o poeta, ainda mais culto, que descobriu a desterritorialização originária lá. Essié o ponto da escatologíria que nosso livro de kills alcança agora em tantas palavras contrapontísticas. O que não pode ser codificado pode ser decodificado siûm ouvido ouver o que nenhum olho já havia ouvisto. Agora, a doutrina obtém, temos causa ocasional causando efeitos e afetos ocasionalmente

[482]

recausando alterefeitos. Ou eu vou deixar quieu assuma a responsababilidade de sugerir torcer o conto do escritor pro lado oposto. A essência é a essência de Shaum maiza mão é a mão de Sameas. Shan - Shim - Schung. Há uma forte suspeita de falsificção ideilógica sobre Kevin e todos nós nos lembramos diocê em devaneios dinfância. São os sinos do escândalo que deram o tom pras más lalínguas hablerem sobriêe e alguém entre mim e usted. Ele pregaria aos dois turcos e daria uma lição a todosos dindianos, este mestre de la abadia, e daria informações diouro a todos que stão na era do bronze do anteporressurreicionismo pra confiar seu neoaparencionismo pascal aos trombadinhas da chapelaria Borsaiolini. Elié nosso embaixador na empresa. Agora, bocê tá in dúvida catatausiana na tua mente sobriêe depois da missa comunista do quartetarcebispo ou bocê tá firme e forte no teu post? Diga-me qualéquié e sem pestanejar. Leo, o pard!

— Juiz diapelação mimputando unzaninhos! Nwo, nwo! Que este raio na mão seja a minha salvação! Vou te ver picando a mula pra longe, bajulando Marcantonio! O que tal mequetrefezinho pode dizer pra Moazinho ou como Euzinho terei que cumprir pena com ele? Stávamos de saco cheio de dreamfamações e petições iniciais,

semprenxergando a nós mesmos no reflexo duoutro, da gaforina jacobina aos caoscanhares esauáticos, as impossilababás de alphabecca, um filhodisac soum filhodisac, aquele bebê à babá, imprincipalmente, meu irmão ardiloso, o Puer, un inocence de nonada mais nonada menos quiquinze primaveras. Todozocêis idolatrando seu bezerra da silver de ouro tão trilustriosamente levantando o nome da escola real, pra subir tanto quanto o pau dosseu par, tão saudável como ovo, tão salvador como sal e bom como pãozinho, paralalálálamente amãoteigado, eu o movi alter-eggmente dentro da pancetta. Já vô stanislausvisando que fui o kierkegaardião da infância dele? Sei não, Ó bilu-tetéia, eu tô celto de que habito neste céu submerso, meis enfins, contrastânduo primeiro criador, esse pai de quem ascendo e donde me reconheço, como penso, causou quem sou, um sujeito sígnico, vim reminiscer meu ser na morada no ar doce ar, praia e subúrbio quanto a mim era impostulância parental possuindo meu estado futuro recalcado a meu próprio eu três vezes adormecendo a criançascondida quando recebi o hábito no encalço de Mezienius quiéra da turma do Mezosius que inclusive foi vertido ao abraçar um palegrino, circuncidou meus cabelos, Ó louvado, e tirou minhas roupas por motivos patrísticos, meas minimas culpads! Permitindo isso a si mesmo (ickle coona icoocoone) descer humildemente até o chão entrando a seth palmos do show, verdadeiramente morto

[483]

no signo dium passado escatológico, exalando assim os podres do meu eu pra confessar y permanecer imaculado caindo moluscamente nosseus tentáculos, boca-a-boca é tudo ou nada na lalíngua de sin anais, possuindo minha mansuetude diante dele anexaxando à prostração ante a queda de Audeon a minha sofrência acompanhando a corredeira da minha chuva de lágrimas oferecendo meuzisoldolhos ao sal, o quiêu (o finnado pessoa que agora soul) não fiz, comuele dilsilso cagando y andando comuele dava recados errantes andandando comuele vogalizava a todos, por quiquiocê, meu sexto mió amigo, tagagarelava sempre que seu coração delator se dizia incantado in mi apoiar, então primeiro não redimido, derrubando Humphrey nozabraços do Sobrinho, velho engenheiro sonhoro, projetando tais noitszchicias sentado inseu escritório noturno? Anexando então, relator São Momuluius, usted contra-argumenta com os pares pelo arquivamento do processo em moção do seu movimento tocandozoutros catacúmenos continuando a discursar provendo o apêndice da assinatura haja vista que você celebrará meuzaniversários visto que,

ocultando um ocultador, eu y meu duplo somozarrogantes, uma insulante crença falsa, sem acabar como um mero hiperirlandês. Bem, entenda sua maledeta fenda, antes da automovelização, pois chinezezejaponeses and gregozetroianos meteram a mão, eu também posso humildemente corrigir esse vespiano agora em caso de temporalidades. Tenho meus bolsos cheios de brincadeira pra vossazexcelências os cardeais doutrinadores, um prín cipe, um ga tuno, um pa lhaço, um desor deiro! Improperial! Eu salvei usted antes dos Hititas e você me largou atrás do cegueta Harry a caosminho do burgo da Medieval Dub. Eu vos ensinei em tempo justo, meuzanciões, o W.X.Y.Z. e P.Q.R.S. de poderes legados e de voz mercês, Ailbe e Ciaran e Declan, eu aprendo, todos juntos me episcopapando, me circundedicionando. Eu trouxe você dos laços de Lazaro e você relembrou meus lapsus cunilalinguísticos. Washywatchywataywatashy! Oirasesheorebukujibun! Watacooshy de montão! Mente de veneno é. Essa coesia de tempo é pura falhosofia! Lembrança honorífica pra cuspir feitos humildes. Minha casta caipira stá um nível acima docêis seus peregrinos. Farei vodu pro romanesco. Veja la obraberta das minhas gerações! Não escreveu meu mestre, Theophrastius Spheropneumaticus, quio espírito advém do círculo superior? Eu sou da oclocracia com Prestophão Palumbus e Porvus Parrio. Soa koa Kelly Terry per Chelly Derry le poussette. Ei você aí me dá uma olhada aí na minha tatoo de presidiário Exquovis e sequências Altamente marcadas em meus fake-similares no estrangeiro por Pappagallus e Pumpusmugnus: ahém! In Portinglês: *Eggovos with guerra-peixe ao barbecue nun alimentam mercuriosos.*

[484]

O padreco pode autolouvá-lo nilobstante o patrício brasão matinal do Católick Roubano com minha Elevada crista tripenada e motes caudais: Eu sirvo: que Gaspey, Otto e Sauer, convertem em: eco fique assim! Hamletianamente questionando o comer ou não comer Seu qorpo sancto. E, Mentalize, em pronome dedeus, é o primeiro Egonome praisonal que Youcê ouviu de boissboiss no telhado celeste à spera do juice finale de Moy Oniricriador. Hastan la vista! Ou em alleman: Chupa!

— Chupa-te a ti mesmo, pau doce! Misha, Usted supunheta quem é kiss tava pedino pra daruma bizoiada nosseu dedão calejado ou pra degustar seu bafão, quente e azedo! Ichthyan! Nem quia vaca de Hegvat tussa! Je suis seja louvado! Êntrias vogaiatisses dele y as consonhantes dela! Mao Tsé-Thugg, Dirke e Hacker com Rose Lancaster e Blanche Yorke! Noix tamo verbabelizando na alíngua d'ângleis ou bocê tá blablablando Joycealemanês? Oy soy, Dialetodo-poderoso, conhecer o caminho é

saber permanecer? O que fazer quando o discurso chato passa dos limites? Saber permanecer? Volta, bad boylan, pra Casadamãejoana! Goza dele, bad boi roludo, comigo! E o dizer da crista de galo que você pegou dum velhote, meu boy, através dos tempos, conta-nos, hein? E quanto ao Brian dos Vaunt y un ânus, Mestre Monge, ié, ié, *Spira in Me Domino*, lance-me a Dadeus! Prêmio kurt y grosso ao genuíno gay amante da ruydópera do malandro, glu-glu, ié, ié, escudeiro chico buarquearwig, escusado, da Área de Jenkins, com a ária da Hera de l'ves na sua lalíngua subterrânea y o alôalô dosseu michel téléphone, antes quiouvesse um som no mundo? Quão bem dotado era o seu gandhi amigo e o shanghaiato que deu boa noite cinderela na nau pra ele? O que passa o rodo! O duas caras, trifoliado na Instabualidade! Maldissom do Altonalíssimo pra ele! Se vozcê o ouvesse externamente tal como aspiramos ao grand laborintus, do nascer da maña até a virilidade da noite, com seus tambores e batuques e zumbidos em forrobodós o seu ouvídio interno dificilmente o ouveria. Ha he hi ho hung! Tsing tsing!

— Mim nun parla selvagenglish, mi speakula las línguas do Homem Amarelo. Legal, Doc Mistel Lu, por favor! Mim naun saber rudimentos do pidgin todoziguais o numpero um cômuo fella da poeta do Contadôdistólias Topíssimas. Mim cantar uma canção pidgin noutra épica. Por fervor, Mista Lukie Walkie! Jesuzadão embarrigou a vaca da madame pertencente a mim elaficaemcimaembaixoepuxaevai, deuzépai, Jack o estripador é pertencente a ela; pleníssimo do nó boohoomeo.

— Helles Confucium y os Elementos duzinferno! Tootoo moohooch! Thot nunca será o clérigo mensugeiro, tchetchecando chinchling-lings em bate-papo com

[485]

nipponnicurumins! Pare jazz kum essa história de soluçar pro conto da cordeirinha dusseu papai! Vous cê é patrikcatólico romano 432?

— *Quadriga sob meu jugo.*

Triplicavalga-me no encontro.

Tandem duas cumeu sinhô.

— A história tal comué harpada. Toombém o toom múúúúlódico dissua vaca arpejando múúúúntiras. Tantris, patrick, encontro e tristan despedida, por deslizanzamento de vogais! Sinto suas parangoalegres bocas parolando abertonalmente, Ó dragomano, mãos sob studium. Palavra na contraponta da alíngua que remam o verbo. Mera mímica do homem: Deus tá no controle da piada. A velha

ordem muda e se estende cômua primeira. Um in cada trêzomis tenhuma fenda na consciência y uma in cada duas muiéres tenhum gracejo na mente. Agora, fixe-se no sujeitinho in meu ôio, Minucius Mandrake, e siga minha pequena psicossinologia, kum psicologírias em ching-laling. Agora eu, o senhor de Tuttu, stout assentando aquele T na lápide de jade do túmulo dosseu templo num momento. Bocê tá veno alguma coisa, templário?

— Vejo um padreiro frinchês queimano a rosca... que stá preparando no caldeirão dossseu cérebro... uma catedral de geleiamorosa prosseu... *Tiens*, elié a cara dium incerto alguém!

— Piedoso, uma persona piedosa. Que som tão tristan que see isoula in meu ouvido? Eu o horizonte da mesma forma, esta serpente com cabeça de carneiro, e coloco levemente só a cabecinha no teu lábio. O quiquiocê sente, labiosoamor?

— Sinthuma bela dama ... flutuando num rio de caldo de peixota ... com cabelos dourados na cama ... e braços brancos pros parkeradores ... O lá lá!

— Puramente, duma maneira pura. Ó, ser swiftarado diolho na stella da peça interpoetada por vã nessa nuensaio! Coisados hoje, se/parados amanhã. Inverto a inicial dosseu nome tripartido e assino sternemente, e abra caminho nas veredas, nosseu peito. O quiquiocê ouve, peitoral?

— Ouvi falhar dum pulador de cerca que dá de cara kum a porta sapateando numa piscina de farelo.

— Bellax, agindo comuma bellax. E assim a visão tríptica faz sua travessia. Duma encosta a outra encosta. Fadinha esmorecendo na fodinha. Novamente stout deliciado kum o psicaresco dissuas irmagens. Agora, o iterimterpelando a pulsão onírica, sinto-me chamado a perguntar se alguma vez lhe ocorreu, *qua* você, antes disso, porum sforço dissua

[486]

imaginação hiberboreal, quandué mais quaiscalingudum do quiesse quáquáquárk que vosmecê pode, salvo acidentes, ser amplamente substituído em potencial secessão dissua próxima vida porum personagem complementar, vozes à parte. Objeto ass! Trepido porsseus personhamentos! Pense! Tire essa coesia dassua mente e confia pra valer nisso. A próxima palavra depende dassua resposta.

— Stou personhando, bicho-papai do céu seja lovado! Eu stava apenas tantrando pensar quando pensei que senti o picasso duma pulga. Eu posso ter. Não

posso dizer poizisso nun tem a menor importância. Uma ou duas vezes quando eu estava em Odínburgo cumeus irmãoziniguinhos, Jake Jones el onanistaxista, quando supunhetei que estava experimentando minha roupinha de jardineiro, entrada livre pra mininos, na neologismorada do meu vizinho, e talvez maizamlamente nem mesmo você no maizíntimo do seu você, amigo de bar, percebe. Algumas vezes, pra dar forma, eu ousei esticar, na sombra tal como eu pensava, a vida pra fora de mim mesmo em minha imaginação nonsenserótica. Eu senti que me sentia meio uíscocês e meio enchopado como siestivesse na meia-idade assim como a Bewley e a fera até que mostrei a mim mesmo e juro de π junto como eu não sou eu mesmo em meu todo, sem medo de ser feliz, quando percebebo por bimesmo o quão babelo verbo virei a ser no princípio.

— Ó, intão isso é assim com you cê, criarthura? No vir a ser do princípio era o desgastado verbo, nananinanão! O habito não faz o idiomonge. A voz é a voz de Jacómediante, eu temo. You cê é imitação de Roma agora ou Amor agora. Bocê tem todazas nossas empatias, hein, Sin Ô Trickpat, se não simporta, istoÉ, deixando de lado cantos e mimimingaus, in responder à minha pergunta culta e grossa?

— Deus salve o monge! Não mimportarei com a istoÉ, respondendo às suas rígidas perguntas entrecruzadas, enquanto seria tão antiético pra mim responder agora quanto seria absurdo pra usted não ter perguntado naquela épica. O mesmo não pode, o bloom filho nem sempre à casa torna, eu sou o eterno riotornello. A Gangang da madrugada es Mía iêu retornarei. Por meu nombre me chamaste, Bruce Leelander. Mas no meu abrigo sentirás minha falta. Quando Lapac cavalgabla a escritura do retorno elié o enigmático cabalo de Cabalizod. You cê me conheceu uma vez maizocê não me conhecerá uma segunda vez. Eu sou *simpliciter arduus*, ars da escola, trombadinha da Praça da Libeldade especialista em amar e roubar.

— Minha criança, fique sabendo dilso! Parte dessa resposta parece ter siduma ressimbabelização sua dozescritos de São Sinódio,

[487]

aquele primeiro mentiroso. Vamozouvir, portanto, enquanto suncê honra e obedece à rainha, se a imoralidadabitação daquilo que escandesliza stá entrelaçada a um ou expiada por dois. Vamozouvir, Art simplicissime!

— Carissíssimos irmãos: Bruno e Nola, laico-proprietários do π de laranja-lima e parceiros de vida fixados perto do laranjal da Rua Saint Nassau, stavam

filosofalando avicennidades um ao outro na semanterior sobre Ibn Sen e Ipanzussch. Quando arrespeitodele Nola Bruno monopoliza seu egobruno mais relutantemente ouvê pelos poderes mortais alionola igual e oposto brunoipso, *id est*, eternamente provocando sabe-se alio onde seu oposto igualmente tão provocado quanto Bruno em ser eternamente oposto de Nola. Pobre omni embriagadual, singulow singelearum: assim é ele!

— Alguém podiouvir inseu além aquele ruigido de lião no ar nuvamente, o zoohoooom de Felinn make Call. De Bruin vai pro Noblel, aver quem é? Se é itsen? Ou you cê nun qué dizê Nolans mas Volans, um álibi, in Boca fechada nun entra rola, sofrendo inegoisticaosmente no singular mas poesistivamente gozando no plural? Tire o latim em pó dessa sola, que you cê respira! Ruemember, balbuciantermano, tu debes mentir!

— Ésse-ô-ésse! Eu nunca pensonei em falasser um mensugeiro maizeu quero dizer nalgum canto da Ostralian, mults profundamente vivendum caso de humor com la muerte; meu irmão allaboy, Eletrichista Negoista, desta cidade, a quem é melhor nunca nomear, meu dito cujo irmão, o deus dos saltonanismos ornamentais, excomungodot porolhar prazigrejas pela porta dos fundos, quié o remetente do Hola que tal a Eva pelo Cenógrafo do desejo em prosa e que tá na pior na noitzsche de Todozozantos. Diferido por São Brandão ao aportar no Alto Brasil, linguagem mais Clare que no purgatório, Nadanadanada nein. Assass. Dublire, por Neuropatas. Punk. Morrendo de fome hoje toco funk ao abrir do amanhã tocando duas rainhas do funk com o cabo da bagalhoça tal qual as duas tocam punk pro Eletrichista. Suncê siesqueceu do pobre Sobrino Albino, Geoff, seu degenerado, identificável pela necessária mancha branca no popozão? Comuele subiu a montañã mágica pra curar seus pulmões, meu triste irmão delay lama, antes dissua hexpansion coglionial exorbitante? Vossa mercê nun vai se juntar a mim rezanduma eva maria, uma garrafa da melhor, pelo noitório Eletrichista, irlandesezunidos, o que mesmo preferindo o infamiliar, as tosses e as coceiras e as minnies e os opulentos mickeys e abilgenses, pois dele os patriotas stavam enganados. O coração quiera nosso Graw McGree!

[488]

Inda assim há alguns que choram porele, concluindo quiêlê tá mortinho da silva, e há também aqueles quiesperam de pé. Suas trepadas de subir pelas paredes e as escaladas selvagens nosseus cabelos, ele deveria receber aquelas V.V.C.

UI▼I▼▲▼▲I▲S prum finn anal supremo do formigo, meio raposudo inseu todo! Quiêlê realmente esteja êntrios perdidos! Deusacreditado por noix ele pertence ao além. Oremus pobre fraternibus pra quiêlê inda possa escapar do enforcamento e inda permaneça nosso mais finn el falecido. Eu injustiçei youcêis. Eu nunca mais quero ver homens maus maizeu quero noiticias de qualquer emissora haydnfônica no ar, como a Tass com muchos agradechimentos, e tenho ditto, siêlê vive no mesmo lugar nas antipatias da Austrásia ou em qualquer canto cumeu puxa-sacúmplice sobrevivendo de suborno, seguro e condenado, ou fugiu aos trancos e barrocos ou sialgum puliça poder jogar uma luis no abjetobjeto, meu admirável guru, E. Obiit Nolan, Os Workings; N.S.W., sua condição fora do Venerável Pedreiro Jerry, não pertencente a estas partes, que, eu me lembro de Ham comigo, quando ézramos como irmão e irmã cavalgando nosso castor e brincando de pula-pollux, conseu vai-e-ven eu supunheto, desejante dissua caospirinha levanta-defunto, um teetotum abstêmio. Ele sente que deveria ter tanta avershaun de mim quantueu shemto nojo dele. Ezramos da mesma classe de idade como dois coágulos de ovo. Sou cu&calcinha kum ele, meu sinthomônimo, como dissemos nanossa Armórica, através do Television de Doubly. No peito dos desafinados também bate um corassom. Sapatos abrindo o bico de tão gastos inseus pés, cujo reparo nenhuma língua pode gramaticosturar! Insuas mãos uma bota! Ei, você aí, me dá um cobre ou dois aí e espero que seja feliz! Isso me dará prazer apopôsteriori com agradecimentos a priori e amor narcísico e ao próximo eu permaneço aqui como seu amigo de fé seu irmão camarada. Não sou pesquisador desta ária maizeu gamei naquele homem de lábrios africonos com a silhueta delineada pela lua, meu sêmenlhante! Meu livrermano! Eu chamocê de meio-irmão cadiquê youcê nusseus mais sóbrios momentos de gozo mialembra profundamente do meu irmão de poetaria in busca de bordel, comida e boceta lavada, S. H. Devitt, na obscuridade da íris mutilada, quié lacrimosamente violhada por Sydney e Alibany.

— Cumé quiocê canta esse estudo. Aquela carta autobibliográfica scrita dosseu pequeno eu pro grande outro, aquela nuncaperfeita nuncaplanejada?

— Este diário sem dia, este noietizsciário duma noite serial.

— Meu caro sinhô! Nesta era digital quarqué galinho galinzéca-pagodinho pode siscar

pelos marcos de Boston. Mas quem diabus gerou tanta angústia nele uai? Ele foi o vector victorioso da vítima avecxada?

— Poderosa celteza! Indo e vindo in diereção ao seu veiculozinho! Um parambolador meteu a mão nassua bolsetinha quando stava lendo in vox alta, com dois acólitos anônimos y ele tem falhado nessa torção insuas artes sobre o sentido.

— Madonagh e Gesù Bambino, idealistas levanduma vida dupla! Mas quem, a julgar pelo brilhantismo dozirmãos, é o Nolan como nominalmente aparenta?

— O Sinhô Nolan é prounuminalmente Nosso Sinhô Deusleuze.

— Entendi. Ao ouvir o quiele fofoca sobre uma celta pessoa caosmeça-se a ouvê-lo com uma certeza na verdade. Youreka, ele te dá uns tapatricks no verbumbum diante dum objeto direto no feminino. Entendo. Pelo nomini de solteira. Agora, eu stout lhe pedino de profundis do coração, e colocanduisso entre you cê e aquele sinthomônimo, ocê phoderia apenas procurar insuas memórias proustionanistas por dois minutos integraais porette nolano pronome impessoal, cabeçalavada sobre ombrozimundos. Seria em dupla verdade um despatrickiado não assumido, mui sinserialmente verdadeiro e rerealmente um duplonense dos bão sobre seu próprio meio cum bigodão arenoso? Escava-me nas costelas e tire a primeira parola da boca dele.

— Cervejazzeria Stout da Rua Holy Baggot, antigo Sebastian Bar, onde o superei recentenormente por quatro e seis cantos de réis levando pra casa o saco do Papai Noé Rosa, tão pesado quanto rock pauleira, mãos aozolhos no pír da Arca de Noel, no abençoado orfanato ele stá me difamando conseus ataques e todozesses quilowatts perdoadospordeus dos quais eu estaria bem melhor sem. Ela escreveu pra ele maizela escrevive por mim, Jenny Rediviva! Toot! Miór prusted, Sr. Nobru. Toot toot! Melhor prusted, Sr. Anol! É dessa forma que nós. Duma manhã de letter scarlatti.

— Quando seu contrapontisticamarada de Carta-feira tá quereno fazesrever justiça com as própriapas mãos noé um bom sinal? Nénão?

— Eu falho a verdade, é chuvê no moiado dizer quié um sinal que nué.

— O que seria da porquinha dosseu coração? Siéla fossiuma galinda lves de Rapina?

— Siéla ciscasse nassua janela suncê naum a chamaria de porquinha.

— Bossa mercê ficaria surpreso depois quieu perguntáxi si youcê tenhum boitatá no telhado, um boi bumbá, cum cincerro chocalhando no rabo prassustar outros cownarinhos?

— Ficaria.

[490]

— Bocê tava com Sindy e Sandy Jr. ouvendo Golias, um tōuro takemitsu?

— Uncê me faria ceder o quantum quisesse. Eu tava pensano num funeral.

Simples e samplório.

— Eles são sábios dimais pra silbilar suas siulabas?

— E ambos cantarolam o mesmo tema.

— Puxa-saco mora em Baggot, quandum Cristão socialiszt não foge à luta amada ou empunha almas contrum irvingita sindikarlizado das docas. Uma mudança de la suerte, posso prever. Pensando juvenzinamente através do revolussom propagado, a gordura moral em que sua mente se apoia. Podemos superar isso convocânduo pueblo ass ruas de Nova Cork. Seria o maior conquiztador do boulevard poruma milha em todazas direções, de Lismore ao Promontório de Brandon, Patrick's, siêles tirassem a minina do meio do caminho. Bocê tamém falou dum encontro, a dois pra cumê o tutu. Eu me pergunto agora, sem revelar seekredos da alcova, tutu-zambê ou bicho-patão, ouvi menção de qual nome em ogum lugar? Mallowne Morre ou Inominável Jurupari? Nozataque sonhoramente em todozos cantos e *Have You Erred off Van Homper* ou *Ebell Teresa Kane*.

— *Marak! Marak! Marak!*

Ele baixô as carça nu Phalácio Darvorada do parak

Y ele teve qui pegar imprestada a camisinha suja diagrião do arkebispo di Yarak!

— Braudribnob tá nos rolês de gulliver?

— E lillypets tá nos campos.

— Um ser que ritornella no constante devir do ritornello. Dazofensivas aozaliados através de seu poder central?

— Pirce! Perce! Quick! Queck!

— Ó tordo de Tara, o acionista tarado! Y ele disse quiestava apenas conferîndua temperatura média da grama pra cagadubar o park na quinta-farra santa, o bosta do mestre diobra! Quem você conhece mousse el mano, musculomano e mulchomama? Maomi, Mamie, Mi Mo Mum! Ele adora adentrar em caminhozestreiros. Ouça as Felischistações ao surdo Sinhô Jacquiouves Lacraian quiacabou de se perder nos caracóis dos cabelos de duas pequenas! Ele tava danduma relaxada

êntrios lençóis horrocks, fazendo manha poruma guerra branca, um galêzandrê-breton pró-bôeres, e imparcial pelo constrangimento da desterritorialização mas, no primeiro dia de trabalho, por Tupã, ele entrou na brecha e vestiu suas calças de recrutamento e vestes de montaria na Città Báltica, o velho encharcado, foi quando ozousados bhuoyzinhos irãndezes não se alistaram.

[491]

— Como bocê tá nesse lugar de falo, amável Sandy Jr.? Ele num é um sinthomão da porra, amável Sandy Jr. Pergunte a ele sobriêsse minuto inicial acima do lótus interno disseu ouvídio absoluto quanduele baixou seu Tom pra P bemol. E porisso o macho alfa foi leitmotiv de chacota? E intão o fizeram de beta? Toda a gama escala cromática?

— Malucobabeleza! Martirizado!! Maislokoquiherculezenfeitiçado!!! Judasmalhado!!!! Pairaskivvyameaçádico!!!! Sabbath Dialeluia!!!!!! E, domingablarei a usted, falsocrescendied!!!!!!!

— Dias domnas! Do dolo infantil à maturidadestupidez? E Annie Delitte, sua delitchiosa diva dazárvores, em crepúsculos délticos, cantando pra ele num russo embriagante de bar em bar? Meu Caosbelo é selvagem cômuo Mar Crasniano! Sessegura, van grogue, toma esse scoopo y eu te darei a cura! Mãe dazesmeraldas, arrasta pé na pogue cusseus vizinhu!

— Capilla, Rubrilla e Melcamomilla! Dauby, dauby, sem delay! Bem, peço licença para controversar a mesma declaração acima sobre saxãofonistas luterânus inseu ritornello de Coalcutá que reflete sobre meuzadministrantes de envenenamento lento em quantum meu endeusado menir reverenciado stava confinado em prisão militar, eu dehinduzo, por meu copo enchido porsua garrafa de cerbeja pilsen filtrada brindando a Zenfhaniah Holwell, H e J. C. S, a Quem eu tava trazeno as recomendações do meu querido paraboticário na minha cadeira de rhodes revestida de sedown com a máscara de barro da mia persona encomendada ao meu alquimista financeiro e farmacêutico da família, Surrajah Dowlah, V.S. via nosso cirurgião auditivo, Afamado Medicabeludo Achmed Borumborad, M.A.C.A, Sahib, 1001 platôs da Rua Ombrilla, Syringa padham, Alleypulley, pra conferir o meu nível diaguardente, minhas brás cubas diáguas medicinais, pra reparos feitos pelo bishop-da-seda no traseiro de calcinhas sedosas, a seth jardas do poleiro do galinha galo galã, junto à sua pra mim inesgotável chinela, propriedade de meu profundo temor

reverberenciado, que stá nos custando a maior porter das fortunatonalidades quieu stout escrevendo in minha petissom a Kavanagh Djanaral, quanduele se sentava corcundantemente a seco no imundo troço quente pra dar as suas pinceladas da iansâtíssima trindade insuas pinturas a alho&óleo, implicando numa tendência laxante ao coisamento, especialmente cum ele sendo fruto proibido e certificado pelo seu clero sexular pra terem emocional volvular tão indigesto comomeu, cuma porção de sinthomens de deus cruzândua lua de sin gorgeous pra aborrecê-lo com melodiarreias de thomas mooreno tropicano, e dá in diante sujeito a sucumbir quando servido com potentes cartas abaixo da linha da cintura, se meu reputado marido rubião respeitado navegante H.R.R.

[492]

levou um resuminho sob suas camisas de marinheiro feitas do suposto mineral dado, dizendo-me pra ouver nosseus artigos sôbrio sambat no Afeagainestrageirão fótonsgrafias dominicais um aperitivo mui bem-vindo com a balada de Erill Pearcey O quiele nunca tocou na bateria da gaviões da fiel antes de me pagar o que devia no meu annaversário prozolhos de papaigaio perdidos no meu conjuntinho nude, insua poltronadopapai maizele escondeslizou minhas hemifaces in todazas minhas mayariannias y ele recheou com espermameixa minha lambuzadaboca tal cômua manhã de Ysamasy no fim dos tempos, com a esperança da luz em suas bochechas rousadas e mandíbulas viuris e, meu enfeiaçador, no karl mergulhei minha mão, ele simplesmente me monstrou seu propendiguloso pirocão, Serpente mar rítmica ssississibilando ssississarrandonaspedras, que até intão era feito dosseu jeitinho pelo mais sábio dos Vikramadityacionistas, com a observação refeita memorando e remoendo registros noitáveis, em seu gulughurutty: Yran aos parasitas cum rum pra moiá o bico do peru até que Lithia, M.D., como isso se dá cum quem encaçapa as Bolas, picou a mula.

— O queoqueoque que foi dito de que quem pra qual quem?

— Quem quem é. Mas quem eu não quemsigo mialembrar.

— Fantasia! funtasia sobre fantasia, rios de fintasias! E não há rastro de nihil desnudo sob a roupoesia da lua. Quando Ota, vikingaceiresposa de Turgesius, deu um hampty daqueles dumptycionando porabaixo assassinado um lugar de phoder na woolsackâmara dos lordes moldando nosso populacho darkela épica na girleria de fidalgarotas pra sestabelecer em todazas suas bombosidades diorgulho freudal,

abanadas, babadas e frangipanadas, enquanto o machadão pelo qual Ephialtes assassinou a massa se tornou a medida, *simplex mendaciis*, pela qual nosso Outis cortou sua verdadeidade. Tire suas dúbiadas agora!

— Yerds e nudes dizem sins e nãoos! Vide! Vide!

— Que Eivin sialembre dos Portões de Ouro pois seus vãos filhoso-filhos o traíram. Arco-Íris, Baco-Osiris! Seja tua boca dada a ti! Pois por que te falta um golpe de sorte pra encontrar um ponto de perfeição, paz? Na vinheta há uma gansarco-íris. O supervisor da casa do supervisionário sinhô dos seth olódumarès, Nu-Men, triunfante, diz: Voe cômuo falcão, grite cômuo codornizão, Ani Lalingueta Porta aberta é teu nome; cante-o!

— Meu coração, minha mãinha! Meu coração, meu epifânico retorno da escuridão! Eles não conhecem meu coração, Ó extraordin'ária Luci The Coolin! Mon gloomurosa! Mon reine du funk! Que surpresa, caro Sin Ô Cura,

[493]

ouvir de sua modéstiadimirável phalharmômica! Sim, havia aquele arco desafinado de doce cromatismo canonicaseiro, iluminado por holofotenores acima do firmamentom do fantasme da lógicópera e da lacanlidade onde o camelo picou a mula com a agulha. Fale sobre indecências! Rubi y berilo y crisólita, jade, safira, jaspe y lazúli.

— Orca Bellona! O céu trobeija ao chamamado da lituraterra, etnat athos? Extinta sua vulcanologia pela lava amorosa do Moisesperma!

— É usted y naum eu quem tá in erupção, heckla!

— Ophiuchus visível acima do thorizonte, muliercula ocluída pelo sistema de anéis serpenteantes de Saturno, as peixecanalíticas Nova Ardonis y Prisca Partenópe, são uma bela característica no céu do norte. Fio-Terra, Marte-Leão y Daniela Mercúrio são surgentes abaixo da borda da Parte Zênite enquanto Arctura, Anatólia, Hésper e Mesêmbria choram insua casa-grande sobre as senzalas do North, Haste, Soul y Waste.

— Apep e Uachet! Santas cobras, persigatonalize-me Charles, Eva's tem cervejazz sob suas influências! O Monte Ural stá em movimento y vai lambuzá-la de lava cum seu Stromboli! Salsichão balangando, o saco de estopa, tão colossal por cima quanto por baixo! Rastejando pelo do capim-leão e pelo pasto do le boeuf con la cara neagră, o vidro vulcanicobra norato, antes da aula dos Enfants de Maurya, na academia de escrita estenográfica de Belsazar, camuflado como manjar branco e xá

de bordo! Obedientia pra que sob sua calçivilidade steja a folicidade desta Orpe. A xeca dela ao Escravo, a pica dele ao Divã e a gordura da terra ao Jegante Gyges. O monótono caminho de pedras haha meia cabeça acima do chão y ela só conversava por chistes enquanto estapeava azabelhas dosseu chapéu, Alá no Lolapallooza! Levanta a cobra! Três vivas y um heva heva em nome de Dan Magrew!

— O sol gigante stá insua emanção mas quem é o chefe daqueles anões da branca de esperma pelos quais ele sempre é surabandado? E você acha quieu poderia ter sido a sétima deles! Ele vai darum beijing pra curar minha dor de cutuvelo. E qualé a idade dele? você diz. E o kiko eu tenho a ouver kum isso? eu digo. Vou confessar os seus pecados e me avexarei inda mais. Eu reagiria mal para me defender das fofocalúnias dos catarrentos pecadores carnaís, os canalhas. Dinamite é pouco pra eles. Dois tiozões acima dos trinta em shortinhos de praia. Ela virou cinderela num phalácio do Nilo e ela se coisou cum cumunista na casa da Sra. Amazûnia. Você deve avisar seu velho cãojuje, latindo aos pedintes, mastigândua corrente dassua coleira? Respons'if you plaîs.

[494]

O falado Sully, um barroqueiro associado a funileiros, mafioso da mãonegra, Shullyvans, excretor de cartas anonimaledicentes e ballets mecânicômicos em Parsee Franch quié o bandido de Magrath e fede ao barato uísque Power, como um pescador diáguas profundas, y ele naum é bom o suficiente pra jogar tripas aum urso. Minha sifilização álcooltenceu quando soub quia donzela naum éruma donzela y quiele faria qualquer cousa pourela! Hasta la vista, Sulleymon! See cortaram o nariz dele no costoureiro tinham lá seus seth bons motivos. Fico de pernas pro ar pra fungar y vomitar truta no meu lenço, barbatana laranja com um mosaico de dispensas e uma patata podre congelada, feita pelo chapeleiro maluco da igreja. Quando Lynch Brother, Comcamaradas, Friends & Company com T. C. King y o Carrasco de Galway stão a postos pro sagrado enforcamento dele ante os poderes da luz dazestrelas, L.B.W. Hemp, hemp, hurray! urra o capitão ao luar. Eu poderia subjuga-lo à minha fama de jumento no rala&rola e dormir cum ele todazas noites enquantueu rolava meu santo paul sobre o bumbumtutúmulo dele. Como morreríamos de rir dele juntinhos, eu e meu parça Riley na cama do Vigário! Quink! eu glosei. Ele grita pra mim Grania-das-Cachoeiras-Ruivas quandueu stout misconductendo dele sob os cachos do meu cabelo y refresco meu cool até o Finn poizele é um rompedor de fronteira tão parangoalegre.

Plunk! disse ele. Na medida in que gozo ao phoder dizer, cum a alegria de viver in meus quarenta wintervernos, quium pomposo soberano foi livremente obrigado a colocar seus pênis na máquina xerecação-níqueis das poetinhas, junto a uma cerejeira cuma sesta de vime repleta da fruta de maria sob a Sombra de La Rose, pra ambas as legítimas artistas femininas de performance inquestionável, Elsebett a Feia e Marryetta Severo Gunning, H₂O, poraquela nobreza de sanguessugas toda a sua Sexcentenariedade com o lema em ffrenchllatin de Wwalshe: O'Neill poliglotoilhou as calcinhas da Rainha Molly: e gravura muito admirada, significando partes masculinas completas durante o suposto ato recente de nossos principais magistrados chefes mergey margey, cinco coçadas acima da rótula, conforme exigido por estatutos. V.I.C.5.6. Se suncê naum me soltar pare de me acariciar na perna. Agorocê jah sabe! Respeito. S.V.P. Sua esposa. Amn. Anm. Amm. Ann.

— Bocê tá quereno dar uns péga ni noix, Frui Mria, comeno pelas beiradas, como *artis litterarumque patrona*, mas temo, minha pobre mollière de mesmo nombre, que com seus salves y seus silvos, bocê teja enganada.

[495]

— Ai dos prazerrors de la vida!

— Lordy Daw e Lady Don! Tio Foozle e Tia Jecka! Claro, aquele véio embusteiro foi boycotado e fraugmentado em débitos e sem créditos, no morro do diabo e no dedo de deus, até mesmo com a flotilha hasteando a bandeira, como agora supunheto saber, scriabinscrito em todazas gratuidadescarradas e maculadodecafonado nas mãos beabobas a bulinar donde non devem. Bumbty, tumbty, Santou-se num Muro, art Amordançada para o Milhão. Num havia um Archimandrita da Ilha da Dane e de las cidadelas nêim um manês da Ilha da Molière niem um dos quatro cantins nêin qualquer um in toda a roda de seu conciliabulum ecunêmico neín quarqué mísera virgem in totta la superface da lituraterra viria a seguir ou chegar perto dele, Sinhô Eelwhipper, reprodutor e oniricriador, ou seu bangalô alô Marsicano aquecido à gás, *Auxilium Meum Solo A Domino* (Amsad), por rima ou rizoma, de hemorróida ou cara de cu, depois disso.

— Todozozouvidos seabanaram, o velho Eire air Erik álcoordou en canto o Parça Zoreia tava de boca aberta.

— Reconte!

— Eu tenho issy aqui na ponta dos dedos. Este porquinho saramagro foi com mucha sede ao porter de geléia. E esta porquinha de pernilongas pernas espeltava ervilha. E esses arretados sortudos brincavam de fazer chichiste. Ma's da. Da's ma. Madas. Sadam.

— *Pater patruum cum filiabus familiarum*. Ou, mas, agora, e, ela rionascendo de suas cabeças d'água da terceira margery do liffeysry, pra cambiar esse subjuntivo do traumatúrgico de vez em quando e disparando de volta pras coesias da vedda você phode se identifincar kum ele nusseu íntimo, aquele pescoço flutuante clowmerciante, sangue-sugar-daddy e amamã-deleite, desdentão nossos muitos dela, Abha na Lifé, e voltano pro papai noivamente, jacques nunca sthamuz livres deles, ele tava tomano chá como fazia quando bebia aeté cair duro ou ele num fez algo sêmenlante ao adoçá o chá dela cum melaço dele numa celta hora? Ele envoou Christy Columb y ele vooutou cum indizíveis falhavras dum presidiário inseu bico y intão ele envoou Le Caron Crow y os policiaves inda stão no encalço dele. O perseguidor do imperseguível, oszabelhudos do enxame familiar. Discurse para a direita! Rotacista ca astuto! Ele nunca há de ser incomodado pero sempre há de ser álcoordado. Se há um futuro em todo passado que está presente *Quis est qui non novit quinnigan* e *Qui quae quot at*

[496]

Quinnigan's Quake! Supimpa! Seus produtores num são seus consumidores? Sua exagminação em torno de sua factificação pra incaminação dum processo de deformação. Declame!

— Arra irrara hirrara cara, eles naum tavaum chegano in clãsdestinos pro forrobodó de *Ad Regias Agni Dapes*, neblinenses e pãhibernienses, depois do crack e dos ânus de vacas magras, escarpeladores e caçadoresdecabeça, como os mussicais do grande deus, um finneganów tren escarlata, o Petrard de Dois Gumes, totalizando, legados e prelados, insuas eddades agregadas havia mais de trinta e dois séculos umdezcemfrados deles com infiltrados, extraomnes e tuttifrutties conta tudo e conta todos, de Rathgar, Rathangan, Rountown e Rush, da Avenida América e Via Ásia e Rumo à África e na Europa Parade e canguruzando os alphavalles do teatro Noo Soch Selvagem e de Vico, Rochedo de Mespil e Sorrento, pelos atrativos diçúa prosperidade e pelo medo diçúa oppiodemia, prosseu salão diespera no cantinho dirceu santo kurraal, como veios de minério afluindo rapidamente ao Monte

Maximagnético, com medo de quiele john fosse um artilheiro mas cum mais meda de ficar longe, Merrionianos, Dundrunianos, Luccanicanos, Ashtownianos, Barterblyanos do Park e Boiardeiros do Krumlin, Phillipsburgonenses, Cabraístas e Glosadores do Finn, Ballymunitas, Raheníacos y los mendigapostadores de Clontarf, pra contemplar em manifesto und pagar seus deveres de primeira ordem diante de ambos os eles, doze pedras de cada lado, com seu *Thieve le Roué!* e seu *Shvr yr Thrst!* e seu *Uisgye ad Inferos!* e seu *Usque ad Ebbraios!* et nas instalassons musicomercias de seu bazar de Novas Delhícias e na maioral biblioteca de revistas, perto do mural de revistas, Hosty's and Co, Exports, prusseau anibersário de quinhentos e sessenta e seis años, o lendário Maguinnessnânimo Mor, Persee el Rahli, fiscal de tributos, seu Rinseky Poppakork y Piowtor o Gandhi Uivivavaia, dono do bar a presidir o durbar do Christianista Dunker, reis lambe-botas and umperadores indiônus da borracha e shawles de paisley et muftis em muçulmanos ati sultana mais passada que uva y e amendoeiras da Jordânia und uma linha defensiva de jam sahib y uma estranha princepeza inseu biquini cavadão i a rainha dos clubes noietzschurnos e os líderes de claddagh and os dois salaames und o Ham de Haifa e o Hanzas Khan avec dois Marajás balofos und o kaiser germanicavalgando o silver y ele na estica, protemptível, bumbumtâtâbulando pra si mesmo mega egoísta, e lá stava J. B. Dunlop, el

[497]

mejor pneumátirano de nostra épicapitalista irlandeleuziana, i uno especialíssimo vinho francês dos Stuarts e corridas de cavalo dos Tudor y o Cesarevitch pro contador atual Leodegarius Sant Legerleger cavalgando numa sela pernalongada em diereção à escadaria de carvalho em lombo de mula como Amaxodias Isteroprotos, quartos traseiros pra frente e coice pra cima, i ele agarrou cum habilidade seu verdadeiro hino natural: *Éguinha pocotó, mantenha you seu rabetão arrebitado*, y tantum quantum ocorreu na corrida pelo trono vago, Pão Véio Amanteigado, podreria acomodar com seguronça as casas de Orange e Alpha-Betters M.P, permeadas pelos druidas D.P, Brehons B.P e Princimperfeições F.P, e Agiapommenitas A.P, e Antepummelitas P.P, e Ulster Kong e Mensageiro de Munster com Paul Klee na Vã Guarda e Sylvester Athlone danduma de Rambo e Catcherinando pelo Império, antes sol do que mar álcoolpanhado, e seus sanctsons de gemmyininorizes filhosofalhos em epipisódios sórdidos e ordilosos e sua filhosofilha dediamante, Adãomantaya Liubkovskieva, todozos irlandeses assassinos, loucos e laicos, anão ser seus boom companheiros

verbalindianizando punjabi y usando dogra e tâmil e gougeraty, depois de encher a gramaticara de stout gelada e engolir boas bolas de malte, sem whiskecer suas linguaguardentes da ilha d'mona nem suas percervejas o'ryely, encharcabladas pelo annagolorum disseu pani, (no forno de Kennedy ela amassou sua massa, atrás de seu assado sovou pra mim, pan pan pan pão!) socializando e comuniscando na deificação disseus membros, pra ofertar à noubreza ou auaus soulvagens a heroísmamada dele, o podbre véio basileuro do cu frouxo, cu sua arthuriosclayrose, Dodderick Ogonoch Wrack, rebentado no bundo inteiro, entornando todas na sepultamentávola helldonda, cu cudelabro piscano atraix, tão verdadeiro quântuos Vernons detêm a espada de Brian, y uma dose de doze ânus and medida por medida de sebo de tilápia ao redor do campo de bataillenterro, circundado in assembléia porsuas filhas no envenenamentabsolvição dirceus pecadois filhos, deitando nazalturas comuele deltava em todazas dimensões, trajado de toga e corrente de poderoso schaefferzão, com um hogo, fluorescente de suas faixas, mumificando ele, tao como a cummulium de todosos santaromas num armazém italiano, ericas congloemaranhadas inseus mega-hayirs, o espectrem disseu prismamilo gozando do leitmotiv condensado dusseu paupai, se lambuzano de pudim do saco até azorêia, chorano pelos seus querubambinos i serafinos, powbrerozos y personalideiades, aventureosos, entronados et dominadores, anciãos ati tataravôs dozanciãos, cu seu cu virado pra lua, leiloado após inspeção judicial, budha de tanajura y bumbum nanuca, rebolando pra ogronorantes, feridas costuradas e

[498]

embalsemantizadas, aguardânduma ressuchistação dusseu whiskeleto, impressionados cu a lógica du fantasma, como se noitou, deuspois de sua vida penianeterna pra caralho, ter sido reduzida a nonada.

— Pega-pai-capar e risca-faca pra todos nós! E todozas suas petite morties calistênicas, tropedançando trepas, dois pra alá dois pra acá no tangolomango: Mulo Mulelo! Homo Humilo! Daunçaundo um mortcho mutcho louc'O! Para para papa papa! Ó Bawse! Ó Boese! Ó Muerther! Ó Mord! Mahmato! Moutmaro! Ó Smirtsch! Ó Smertz! Gluglu iêié Hillil! Uiuiui aiaiai Hallall! Thou Thuoni Ramos! Thou Thaunatos! Umartir! Udamnor deadadi! Tschitt! Mergue! Eulumu! Huam Khuam! Malawinga! Malawunga! Ser Oh Naum Ser! See ah não See! Hamovs! Hemoves! Mamor! Rockquiem eternuel

derridá um voto dead cu em fiança a domine! Deixe a lux do azareterno bilhafrouxar ozolhos delax! (Psiricologiria!).

— Mas há lapsos epifânicos no Funnycoon's Wick. O rei virou a chave da vida. Lunga virada de chave ao rei!

— Deus salve you rei! Maomestre da Vida Secreta!

— Deus sirva yous reis, ediposo rex! Eu comi quatro de manhã y un casal no almoço e vou papar três mais tarde, mas membreagarei dissuas aoulmas in nomini do haoulmor, phode ter celteza. Krzysztofinn. Da capo al Finne. Fuddeu?

— Intransponível gramaticolcha de retalhos de improbáveis mentiras! Youcê qué ficá sentadin aí ond stá agora, fazeno um agradu nusseu membro supranumerário, cum éça língua bizarra no seu jethro de falar, y seus hindies e shindies, como um porcoguês numa idiomercearia, Sorley boy, repetino yu cê mêmô, i mi diga isso?

— Pretendo sentar aqui neste morrinho onde bocê tá agora, Surly guy, repleto de mim mesmo, encuanto eu viver, in minha musiscostura, como um jegante adormecido, com todosos pecados enterrimados dresden então insenshivelmente dentro de mim. Siêu não puder mandar eçe pound pra poeta quio pariu lubrifincando cum azeite de olívia yêu posso mi sentar in zounas de souns sobre ele.

— Oliver! Ele pode ser una persona geográfica. Foi um gemido ou eu ouvi a gaita de foles Desterritorializando Territórios pela guerra e? Observe!

— *Tris tris a ni ma mea!* Prisioneiro do Amor! No peito do deusafinnado também bat un Corassom! Caosbeça Baixa! Mão Bóbok! Pé É-di-π-ano! *Usque! Usque! Usque! Lignum in...*

— Ira de Gar e Fogo em Donnerbruck? É o mundo uma tumba em movimento ou que babel estática eres essa, comte-nos?

— Quênhé êiliéla quênhé êiliéla quênhé êiliéla quênhé êiliéla que ao linkaminho está. Quênhé êiliéla quênhé êiliéla quênhé êiliéla?

[499]

— O tambor tribalbeliza! Coloque suas zorêias no chão. O gigante morto tá vivinho da silva! Eles tão tocando uma com dedais e pelos botequins. Clã do Gael! Pule! Quiqui tá alcooltecendo aí dentro?

— Pomba danesa e tubarão-barbatana, eles taum daundo o anel in troca-troca do resgate!

— Zinzin. Zinzin.

— Crum abu! Cromwell hasta la victoria!

— Nós chifraremos eles e esfaquearemos eles y atiraremos neles et comeremos eles com ozolhos.

— Zinzin.

— Ó, viúvas e órfãos, são os soldados da cavalhallaria! Redshanks aeté a muerte! Arriba Lancasters!

— Esse é o grito de gaguerra do veado! O bambi branco. Seus rastros, pega-pega, o occam de caça no encaço da caça! Envie-nos and paz! Título! Título!

— Cristo nos nossos tempos irlandeleuzes! Cristo nos buenos ares da independência! Cristo escrevendo celta por líneas tottas no editorial da Folha de São Patrick! Cristo ilustrando a página de fofoca das Noietzschicias Populares!

— Mete o pound e dê um cacete na filhosofiglia! Estupre a filha! Estrangule o papa!

— Aureiudo! Pai nebuloso! Duvidoso! Nonada bom!

— Zinzin.

— I Sold! I Soul I sold! Nonoivinha! Minha ersther! Minha sidster! Nonoivinha, adeuzinho! Nonoivinha! I Soul I sold!

— Pipeta querida! Nós! Nós! Mim! Mim!

— Forte! FFortíssimo! Bayreuth! March nupcial!

— Mim! Eu verdadeiro. Verdadeiro! Isolda. Pipeta. Minha preciosa!

— Zinzin.

— Nonoivinha, aposte meu preço! Nonoivinha!

— Meu preço, meu precioso?

— Zin.

— Nonoivinha, meu preço! Quando yousted see vender saaberá meu preço!

— Zin.

— Pipeta! Pipeta, minha imprecificável!

— Ó! Mãe das minhas lágrimas! Tenha fé por mim! Acuda teu filho!

— Zinzin. Zinzin.

— Agora noix thamuz captando. Sintonize e se conecte a sin anais estrangeiros! Oulá!

— Zinzin.

— Oulá! Tittiti! Qualé seu título?

— Phode me chamar de A'noivinha!

— Ouláoulá! Telephono de Ballymacarett! Eu stout falando cum Iss? Miss?

Verdade?

— Tit! Qualé o ti..?

SILÊNCIO.

Ato finn annal. Aguardem! Foco! Suba a cortina. Eletrichista, por favore! Luzes!

— Oulá! Bocê tá telephonando Sin Comte e Whoit?

— Intendi. Use a Cenoura pra Teclar Ann Quarante O'Quinze Vezes.

— Parfeyto. Agora, depois dessa sesta vapt-vupt, permita-me um mero momento. A Fossa Oceânica Challenger é uma brincaideira de crionça mas, de alcoordo cas nossas sondagens nos canais, há lituraterra à vista. Uma trégua aos palavrarões desmobilizados. Limpar a linha, chamada prioritária! Sibila! Melhor isso ou isto? Aqui é o fim da Cabeça da Sibila! Melhor poraquele caminho? Siga o lanterninha. Sim. Muito bem agora. Estamos novamente no campo magnético. Cê sealembra das sanhas diuma noite de verão em particular, apóizum belo dia chorando? Umedeça seus lábios prum relâmpagozo luminoso e reinicie a cena. Cuidado com os desfofocamentos e refofocamentos! Melhor?

— Bem. As islas plantam Tomilho. Abre alas pras cervejas de Penzance. Veemente Geniral. Delhi expulso.

— Ainda chamando dialgum lugar do seu oceano específico? Não mais? Menos contínuo. Havia incêndios em cada calva colina de toda a iansãnta Irlanda naquela noite. Melhor assim?

— Yousted pode dizer que sim, filho duma tumba!

— Eram fogueiras? Tem clareza dilso?

— Nenhum outro nomine lhes seria adequado anão ser esse. Fogueiras de Saint John! Cum suas barbaredas azuis que siestendiam aetê os céus.

— Eruma alta noite de clarões agora?

— A noite de mais clarões quium mortal jah marx viu.

— Nosso senhor dazalturas stava perto de nossa sem hora del valle?

— Ele stava se hospeidando e se extasiando e se fantasmasiando pra botar lenha na fogueira do murmúrio dela como um alpiniiista dos Bálcãs andinos.

— Lewd's carol quer maraviolar alice! Poracaso choveu, bocê tá molhadilha?

[501]

— Bastante. Se você chuviscar na farra do enoch.

— Caiu bem caído um cadinho de neve wintervernal, sagrada-como-marfim, penso assim, Jessé?

— Chovênus granizus às seth hórus. O mais belo espetáculo de todos. No cume-e-hindu-aeté os zimalayas.

— Não mezzo-soprou algumas ventanias, lá pelas bundas d'oest ou cheirou o cu d'leste, mais pra fortes que pra fracas, todosos humores fora de hora, assim quieles outonanaram e sagraram a prismavera?

— Ficou por fora de todazas piadas sim. Pipepa! Gelata Isolda. Brr na brr, ny prr! Galopando parangoalegremente!

— Inda se apga! Nmr! Paz, Pacífico! Voz mincê poracaso see ricouerda see Muna, aquela nacktiana de alta sorte, brilhava na imansidão!

— Maizé claro que sin, mi querido mediodía! E naun apenazuma maizum par de lindas mooncinhas risoonhas.

— Quando? Quonda? Vai parkkkerar!

— Tarde de la noietzsche! Tarde de la noietzsche! Tarde de la noietzsche! Tarde de la noietzsche!

— Isso celtamente alcooltecel recentemente. E havia muito gelo a quebrar poraí e neboulezidade mui densa y mó friaca, logo cálido, logo gélido, frido cálido mas secos & molhados, e um barcobertor empedoclestendido dos pé-socráticos à caosbeça que foi filosofeito na bruma por árias de tirar o fôlego e fios-terra devastantes e bolas del fuego e águas que passarim num bébi e tudo pra agradar a todos?

— Ives Mariachi cheia de grossas! Samsa Malinche mamacita do neblinaltíssimo! Havia, então uma calcificação dazartrites. Absolutamente em ebulissom. Obsoletamente sob um poemanto. Julie e Lulie insua frigidez.

— Azamenidades, azamenidades dazamenidades com todazas suazamenidades. Et a firmeza do formouso do famoso do famoso do primeiro nevoeiro em Maidanvale?

— Esconde-escande e pensadelo!

— Do assanhado sonho duma Dama da Noite de Veraum de volta ao delugium stramens das Loucuras Dinverno. Alguém spera esse tipo de rima sentimental na temporada da seca?

— Alguém celtamente spera. Desejo lançado, porum beijo, deixaria rijo um dado dito-cujo, telefonanista papa-anjo do condado, arame farpado ou fio puxado. Arre égua quanto mijo.

— Algum vigia tirando onda de capablanca pra ver o xixique-mate?

— Espumas Flutuantes de Foxrock a Finglas.

— Uma visão do paraíso pros fuzileiros navais! Paronama! Tôduo

[502]

horizonte como pênis de fundo! Todosos efeitos causam seus caminhos cruzados. Tambor pra dedança na chuva, inconsciente maquínico de cabeça de vento, caixa de neve. Mas tempestade de canivete?

— Não aqui. Debaixo das calças.

— Este lugar comum ou jardim é agora na realidade stellar a esfera stellada dium oleotorium pra cerâmica de fragmentos e vegetais ancestrais?

— Simplesmente intragável a poeira dazestellas. Um impoeirado cinzeiro sempre desagradável.

— Intendo. Agorocê jazz sábi ôndi finca o fumoso mount di merda ôndio primevo coisal fez porcalhonagem um cum outro? A quebrada ôndt mouravia o Vereador Mano Fanagan? A épica in qui vivia o Mano Junker Funagin?

— Dêssis paranauê eu tou careca di sabê, W.K.

— Nas ruas de Fingal também seencontraram num W.C de Littlepeace cagandum tronco no bidé, Boteco do Homem Amarelo de Snugborough, Westreve-Astagob y Slutsend com Stockens Hausens fazendum forrózão num Follyneral de Winnings, todos no um par lá dois par cá, cantando Rap Skidoo e Skephubble Rude?

— Papai Dossel, youcê ésti un lalinguarudo duzinférnu!

— É um lugar suficientemente expousado aos quatro últimos ventos?

— Bein, eu boto fé que sim see totta la speranza quee tenho en la caridade four meia-verdade.

— Este spazo liso nos platôs, é o Horrível Fundo de Quintal Dinamarquês?

— É horrível em necessidade de seja lá o quer for sobre qualquer coisa ou todo o resto sob o ebâneo sol verdi no ocaso cinzento da Irlanna.

— Uma bandeirola tricolor que indica cautela. A lendária bandeira, a bandeira daguerre fria.

— A lápide. Por tumbas, profundas y pesadas. Pra memória imemorial de. Petrus o Gandhi.

— E o quié o quié qui O’Odin Allen Advertiu sobre ilso?

— Os trespasseiros serão parseguidos.

— Havia um tronco imponente? Um freixo eternamente duro?

— Havia, com celteza. Margeando Annar. Num córrego ao sopé de Slievenamon. O primeiro Olmo nasceu do Carvão::Capim. Com um montedeneve num galho de pound-breasil. E o mais gigrotesco mastro jah consangrado à coroa in torda la enchubarada história do Piauí de Gales. O *Thesaurus Plantarum* publicado por Browne de Nolan, no Prittlewell Press, naum tem nada ingual. Pois nos alimenthamuz da sua floresta, nos vestimos dos

[503]

seus ramos, fazemos pirogas com suas árvores e nossas leituras ocorrem em suas folhas. O ccam, o ccam, o rei de todozos ccams. Cavaleiro armado y womem afeminado dos plantagenetas, alto e sagrado.

— Agora, nada de esconder seu passarinho atrás da moita. O quiquiele tava fazêno lá, porexemplo?

— Parado nanossa frente.

— Pegandum bronze no verão summeriano?

— E curtindum frio cimeriano.

— Você viu isso visivelmente do seu esconderijo?

— Nānaninanão. Do eterno repouso da minha invisibilidade.

— E então tunc partiturizou em estéreo os alcoontecimentos da récita privada que tunc viu?

— Então eu deltei y me toquei in mio lugare di falo, acho que te disse tunc. Salve!

— Remontando um cadinho in direção ao redemoinhorigem dos espácios. Quão gandhioso em numberos cardinais é esse gigante preeminente, sin ô Árbore? Tua barda visão panorâmica de bird, avis no vale! Eu gostaria diouvi-lo balbuchilrear pra nós em conclave estrito, purpurando, e sem mutta interação italiote, o que você sabe *in petto* sobre nosso Soberano falasser, Tonans Tomazeus. O *dite!*

— A Cor Púrpura de Andy Warhol, *Udi, Udite!* Vossa Ominência, Vossa Iminência e delicaluniadas fraternidatrees! Há damas de queenpanhia tuodorosas e garsonhetes dum chopis centis de Idaho e bebês lenhadores crescendo sobre ela e pássaros flamingos balançonhando palavrariações em direshow ao mais top dos topos e maçãs da Orânia newtoniando do topo del ciel aetê cair na bonna terra e fenianos de Tyburn roncando sob pounds-brasis e ossos entrecruzados semeando seu solo sagrado y la culpoesia de los gramaticurumins de Erasmus Smith cum seus lápênis endurecrevendo como quem não quer nonada aetê o caminho da falocidade dela pra dar o pinto a pé inicial na origem dazespeciarias et charlottes que dão duro como molières darwinda sensonhalizando com macColções de seda azul in desacordo cum eles sobre a indescendência duzomens, micoenses e macaquenses, guelfofoqueiros e gibelinovidadeiros pregando a bíbliágua prassuas anatólias e explosões de sítios arqueilógicos nassuas catastripas e ozassassinios aposentados de kilmaimham cunilalinguando monumentalmente a fruta pra derrubar The Cranberries e a ñemoña aty da Δnittta pra comelas de forma antinatural e saci-pererecas cum pincel na mão pra depenar us maridos in conluio cum ele e pintos mucho muchos chocando a maioria disseuzovos sob a Yggdrasil na missa do galo pra ele, o sol e a lua fixando madressilvas e urzes alvas

[504]

e joões-de-barro labutando no barroco acolá e o machadão doido pra mandar o alcatrão praquele lugar, criaturas do mundo seaproximando a ele, azevinho entremeado à hera, pra ferir e espezinhar, eremitas do deserto ladrando cum chocalho na canela chacoalhando cãotigas infernais sobre suas raízes triliterais e suas bolotas e pinhões caindo por todo o entorno dele, plantitude semeia abudhância por mil platôs, depois dos vagamundos tementes à utmostfera e da deslizada noruegostosa na cobra ao som da banda eva daquela serpenteante mulher chorona com seul almado corpo ultrajado num vestido de noiva com cascavel de cetim ao estilo São Patrick Fashion Wake daquela exquiritiva grife e suas folhas, minha queridíssima querida, bincrando de peca-peca dêsdia noite de los tempos y caduma und todozas suas raízes seencontrando and apertando rizomãos retorcidas novamente em seu novo mundo através da germinação dissua geminação dêsdio início de Ond aetê o fim de Odd. E cercá-lo circularmente. E ▼I▼▲E▼▲!

— Isso é taum exaltado, exímio, extraoldandário e excelssiorizante?

— Entre homens como árvores caminhando ou árvores como anjos chorando nenhum pássaro plana nalgum plano para águiá-lo! Mas treme feito vara verde de febre, enraizado à beira do abismo para sempre!

— Diz-se quio vearborecer é a verdárvore?

— Mushe, mushe de uma mestiçagem.

— Um arbusto da libertinagem, issué certo! Maizquela pedra da lei stá muerta de modo a impedir sua nomenclatura?

— Tod, tod, tud é muit difícil inté quia dead nos separe!

— Agora intendi, Dr. Codex Manesse Garrincha. Finnórios homens de midinifinita verdade. A forma masculina. O gênero feminino. Saquei. Agora, você mesmo derivárvore disso de alguma forma? A árvore verdadeira é o que quero-quero dizer? Vamozouvir o quantum quia ciência tem a dizer, kung-fu-pândita-o-próximo-grande-king. Splanck!

— Tudo que sobe newtomba.

— Isso lembra o chororô das filhas?

— E remonta à suspensão do sentido.

— O verbobão, a carne mijada e o piro'cão tihoso! Como esse luciferrucio do bumbusoni frouxo cheira a enxofre fosforoso! Y esse anjárvore stava cu seu cu doendo por cusa do Pancadão, do MC'Adão, que deu um porradão na servidão dele?

— Bem, inseu íntimo ele sempre foi defensor da prevenção de cruezidades aos

[505]

animais poizele colocou seu próprio APElido em cada boca de sapo, pato e baiacu antes quio alpênista escalasse o monte de vênus, chegando al meio del parque, puxânduo saco dassua metade da laranja consuas bucinhadivinhações. Ele nos deixaria tomar os três barris. Isso ezra um tieckinho demais para lo Muster Falasservejeiro de la casa de tal moldo quiêlê chamou o Grande Precursor quiô enrolou concertinamente com uma falsa cobra coral e trovejou pra quiêlê fizesse uma neca naquela cobrona e see envergonhasse de see mesmo pelo bê-à-balanço disseus leifmotivos para viver.

— Ó Finlay culpálido de frio!

— MC'Adão é o pai do pecadão!

— Bocê tava lá, hein Fodão? Bocê tava lá quando passaram um perrengue levânduo defunto na coombe?

— Quê o quê! Quem Quem! Várias vezes o Santhomem cresceu dentro de mi y mi fez errar, errar, errar.

— Que horror! Que horror! Intão foi assim quiele see tournous o primeirous dous noussous derrubadores de árvoures?

— Pound-arara e, na falta di quarqué nômi mió, o mais falático dos nossos árvoredadeiros falos cognatos. O Bicho-Paupau é um Cabra muito Cobra!

— Quão perto ocê see sente deste promontório de capocapo, sinhô?

— Haverá dias de frieza entre nossas vidas secas quanduele agir como see stivesse num castelo dos dreamstinos cruzados e haverá úmidas noites de furacãoposições assobiando quanduele me fizer sopa de ceubolas de toudozos tipos.

— Agora usted star com la mark da scuridão, na Lansdowne Road. Ela lançou suas maçãs do humor ao ocaso y elas brotaram cômuos dantes do dragão de cadmo com ódios pra povoar esta ilha de santhomens ati sábios. Agora, espinhosa, siga os filosofolofotes, em nome da ética! A respeito de uno ragazzo. Ustedocê conosco um pagãonini, vicariamente conhecido como il Violonanista del ‘Diavolo’ quiele é. Eu sugiro Finoglam como seu habitat. Considere-se no banco dos réus e tome cuidado com suas palavras, siga meu conselho. Que seu lema seja: *Inter nubila numbum*.

— Naun simporte cuminha mãinha ou cum l’apetit mort dela. Siêu foice o responsábio porisso, me sentiria ediporrivelment envergonhado dium admirado vício.

— Elié um tiozão cinquentão, viciado no chá da Pepeca de Anna Lynsha com leitinho e uísque, envia mensagens ié mais sugismundo und freudido do que occam chupando manga, chutando pedras e derrubando

[506]

neve dos muros. Usted já youviu falar desse jovem senhor “Thom” Zeus ou “Thim” Maia do olhar de cigano dissimulado que mora em Kimmage, um distrito da zona rural, e num tá lá, y inda é o sin ô de si cadiquê num tá, passano a maió part do tempo no Boteco do Extraterrestre ondiêle rouba, aposta, arrota ié uma maldição, bebeno alegromente duazoras apóizo horário de fechar a bodega, escandidinho sob o casaco colocado do avesso da pele pra evitar trombadinhas, com meias à mostra por cima das botas de cânone longo, batendo palmas bundamolemente e sistematicamente see

misturando ao público que ia fazer uma boquinha, dando sonoras lapadas na alta sociedade e no poetariado com seu cinto de tripa, açoitando nádegas nuas e valsaci-pererecando em seu traje a rigor sempre em fonte a tabernáculos, tal camus lugh do membro longo, quandé quiê ele vai terminar seu chá?

— É aquele sujeito? Ele é mais louco que o Batman. Toca nele. Com os advogados abocanhando as canelas dele e com bem-me-quer na aba da boina basca dele. Ele me beijou mais de uma vez, como lamento dizer e siê cu meti alguma brincadeira de adultério sem grossa eu prezo que o senhor me perdoe. Espere até que eu te contar o forrobo! Ó!

— Nós não vamos ainda.

— E olha aqui! Aqui está, amor mio, o que ele fez, me sentiu peixe fora da água dizendo isso!

— Sai fora, seu lixo! Uma parte estranhamente marcante do discurso visando forjar a palavra mais picantemente trabalhada da sua cunilíngua materna. Você tá pouco se lixando! Tempos de liberalismo e estranheza? Mera canção os meus dedinhos da Eliana? Ultimamente?

— Cumé que eu vou saber? Esse é o meu território. Compre um vale-puto. Pergunte aos policiais militarados. Conte aos ladrões.

— Você tá aludindo aos batedores de carteira da Rua Lower O'Connell?

— Eu estou iludindo o bicho da carteira no Fênix Pekin maizé também estou eludindo das tretas de Laura Connors.

— Agora, tá somente lave e escove um pouco suas memórias. Então eu supunho, referindo-me ao pai do homem presente, um pedreiro louco de pedra, estou matutando em minha Cachola se, *qua* nossa aliança circular, era o Violonista, um metodista, cujo nome, como outros dizem, não é realmente 'Thom' Zizek, era esse salgado filho dum século de Booterstown, William Milk-Shakespeare, o velho babaca mais baco que já vendeu um barco, que está sempre moendo o bico com ele no Big Elm

[507]

e no Arch depois de quebrar os dentes numa briga de Bach tomando socos nos caninos, por beber 5 pints e perder 73 litros de sangue não irlandeuze no trazeiro dele abaixo do nível do bar, o vacabundo, usando seu chapéu de vaqueiro e roupas falsificadas com padrão de cerveja alta álcoolatura abotoadas nas costas por broches

com o lema, *Noital Guinnessquecível*, aparentemente praquélúnica ocasião do décimo segundo dia do casamento de Pax e Quantum, eu stout me perguntando.

— Aposto que sim. Bem, ele stava vagando, pode apostar, qualquer que fosse a questão, na mente também, dê a ele o quié devido, pois lamento ter que falar a ele, olá e evoé, eles descendiam do sin dele.

— Un puta herói de culiosas epifanias!

— *Hodie casus esobhrakonton?*

— Era com se fossem um só de um Outro ao outro sem tirar nem por.

— O nessuschistado num conhece a lei y nem roupoesias íntimas. O homem se importa cum a Meaghera, wat zapp? Onde está Wooly? Walty Disney?

— Ay, outro botãomem de bem que se perdeu na veda.

— Blefando de cabra-cega! Comuma pirocanao danifincada atracando no porto com...?

— Pâmelas, ritas lees, poliannas diaventuras cabeludas, assassionanistas, esquisitinhas maizordinárias, casadeiras.

— Concavando agora convexamente pra esfera semifusa e, do ângulo feminino, ensinamorando música, stavam azirmãs galvão subligadas, P. e Q., as queridesejadinhas de Cleopatrck, *mutatis mutandis*, ambas no mesmo barco, pessegozozas de toda piedade, em busca de todozos prazeres?

— Fiquemos de butuca pra ver as rainhas do chichiste, as marx lindas prostifrutas de mudos antes cunilinigualáveis quieu jah espiei, subindo und descendo, desde quia città chicobuarcantou vai passar caminhando contra o vento pra Parkerar a Princesa.

— Les Six appel e Las Sexy dos reels?

— Curumim y cunhataim, echistado et entediada.

— Ouvi dizer quiéssas duas deusas phodem processá-lo?

— Bem, espero quias duas Coleorgiais não deem um pinote pra atirar nele.

— Ambas eram harpistas preto no brancus mui hábeis in tocar π ânus, nénão?

— Bach qui ânus tchê, eu, cansado do grand galop chromatique, stou lisztomaníaco. Etoudies pra mão direita.

— Elazestavam num canto agora? Y también estavam observando usted como punheteirobservador?

— Dondié que youcê tirou éçazidéia deslavada? Tal representassom non condiz con la mia esperienza. Stavam observando o observado observando. Tutti vaganti da noietzschi.

— Ótimo. Não perca a cartinha de vista y fica de olho no tamanho da encrenca. Agora, retocando o amigo Tomsk, o inimigo, ustedocê entendeu a maior parte do quiele deixou iscapar? Noix thamuz sentados aqui pra isso.

— Eu tava lokasso de russian imperial stout, sem mentira. Por conta dosseu chapéu disforme.

— Suspeitei dêsdió princípio que vox mecê ficou.

— Bocê tá cu metendo um erro estrondoso. Maizeu também tava me sentindum bosta porele.

— Ó Schaum! Verdade mesmo? Bocê tava arrependido por ter ficado putasso cum ele intão?

— Quandueu te digo quieu tava russo de raiva comigo mesmo, eu tava, por ter tido pena dele.

— E o bagulho é doido?

— Com celteza.

— Suncê o julgaria culpado em todosos cenários?

— Confio numa porrada de atores velhacos. Maizo que parecia ser bom prum grego num era nada bom prum gigante gentil. Quem atira o pound no gato no Cairo pode serum galindo galinžižek na Gália.

— Eu digo a iwocê quisso álcoontecia apenas inseu estado de girassol e que seu chapéu gilgameshicano era o heliotrópio do povo pelo cual todazas empregadas suspiravam, faziam loucuras e saiam no tapa porele. Hum?

— Depois de Putamayo, Kansas, Liburnum e Nova Amsterdamas, isso naum me surpreenderia neñhum cadinho.

— Essa tara e essa crista de galo, sua lágrima e nosso sorriso. É a vida que prega uma peça quânduozolhos da molière nos leva à decrépita derrocada. A pálpebra como capela dozolhos apóizozúltimos dias de paupéria. Transforma a minha dimensão com a sua deformação. Tchacotchaco na butchaca cum meu narigão, y usted phoderia tirar o minhocão tinhoso da minha orelha.

— Ele phodia nublar ozolhos pelo nascimento de sua garça, ele phodia ser contra-regra e pôr todo o equipamento dele até a metade da peça dela, maizele simplesmente não phodia rir durante toda a farsa dela porque não tava seno pago pra

se fingir de muerto dessa forma. Intão ele deixou de fazer cu doce e feizuma trova em parceria com o relâmpago y abaixou suas calções e feizuma defecomposição de primeira numa poetaria perperssoal que permanece fedendo à obsolescência. Limpou-se.

[509]

— Bumbos de bombas e bate forte o tambor quieu quero é chickchicktchá?

— Estié o sieu objetivo!

— O bumbum, tão mastrodântico, como yousted costuma falar é de tirar o fôlego dassua bouca de mamute. Seus tropeiros tão tão farroupilhos porque suas tropas tavam em farrapos. E quias lacanzices desditas in vino perdoem as inépcias feitas de veritudes. Quantuns não se coisaram e juntaram os trapos naquele topo de tantas trepadas matinais, depois de brincar de esconde-escande com o peru à meia-noite, meu bom observador?

— Probabelmente. Isso derridaria o que falhar. Com um hoh pra hele y um heh pra hela. Mas, no que diz respeito à crossfiteira Tammy Thorny, eu deusafio o cavalo do lord mayor gago y a cavala da lady gaga e todozos principis de galis a massageá-lo no gogó.

— Agora um shot do Estenógrafo Gunner ao Cenógrafo Guinnessmarães. Venha pro corpo de baile pra tricotar cum Hall Foster. Queremos daruma surra de Die drei Pintos no Mall amado do Mahler. E pular, patinar e farrear até a Gall Cantar. Acorda! Venha, um velório! Cada pele velha nesse mundo encouraçado, que infecta toda a carteira de ações da velha casa do Barril Furado, estava tomisticamente bêbada, no dois pra lá dois pra cá, vivendo na flauta à custa dium O'Toole cum mendigos tamborilando in beckettúmulos, o blog e as corridas de cavalo e os bebuns no banco acabando cum stock de vinho, à moda normanda, me fofocaram, até os esquálidos bancários? Alguns sugismundos e freudidos clubs de polka vergonha stavam sendo operados seguindo a tradição de Wellesley Safo Adão de dar garrafadas e stavam jogando alguns pratos e lançando uns coups de dés com restos de porter fesquinha rolando a torto e a direito, independentemente dessa zorra total, para azonrarias da Ilha de Fyn, e então rolou aquele café da manhã nupcial no Hill Gandhi do Céu & no Contrato Social, com Eco da Rádio Jean-Jeca-Aroxou transmendo o quantum a luta pelo pun nostro década dia daria um eterno retorno aozeleitores, o quantum as depredações de Uíscãodinávia, dentro e sobre marés

coastumava balançar jangadas de fedra ao largo das costas, hein? Isso seria uma história pra mboi dormir também? Este ezra o grande Orther. Este ezra o pound dosseu cavalo brancusi. Enguliu?

— Bem, naturalmente ele ezra, dramas também podem virar cavalheiros. Sendo Kersseficado. Eles vieram de todazas terras além da onda para canções de Sentimento irlandress. Whisky ad morte! Nenhum Pusey oxfordeu os tractoriânus, católicapitães revoltaradinhos por toda parte. Mas o reverendo padre sem podres, Sr. James Bond Cama, e a reverente noiva eleita, Frizzy Fraufrau, stavam sóbrios o suficiente. Tenho fé quieles stavam sóbrios.

[510]

— Acho que bocê tá de trocando o π pelas mãos aí sobre a reverência correta. Saramagraw teve um coisamento perfeito com o time de futebolide do caipintão Norueguesa Errante, os jornais levam a noitícia antis de noises. Youcê o viu às pressas, ou o que iwocê viu não parece irrelevante? Quem sabe com o martelo de Slater? Ou ele tava de calça de sarja?

— Eu fizisso horrivelmente. No badalar da meia-noite. Tenho celteza de que eu stout errado maizeu ouvi o irreverente Sr. Saramagraw, em busca duma palavra vacilante, dando o kung-fu na cama jiu-jitsuja do velho sacristão, Villa-Lobos em pele Cordeiro rondando a sacristia, até quieles se cara-pintaram como o mboi da cara preta e tomaram um azulzinho pra vaquejada na boate blue, enquanto eu e Pinky Flood and ozoutros homens, como manos y manas troca-tocavamos numa umbanda de jazz , siriricoçávamos sua esposinha préla gargalhar no hall de entrada, a capetinha (ela é um nó borromeu insua garganta) com seu sorriso maroto no caminho de swan e seu mais-de-gozar de onze contos de réis.

— Uma leal garoupa irlindesa pirocatólica Honwana com rachmanitosse convulshiva! Enquanto ela era a lei ela leiberava a sua fúria. Mas suncês estabeleceram contato pessoal? Em epexegese ou numa questão de ordem?

— Aquela questão tikuniária stá além das minhas pretensões de finninceiras. Eu toth me apoiando num porco de cristo mas tenho uma forter sensação de que stout descendo na boquinha da garrafa de porter.

— Bocê tá parecedum becketteiro! Mas tudisso, cômua oniskabra disse ao bode, foi apenas pra quia orikriancinha pudesse ser dividida em duois? Onde moças cheirando a leitinho herdaram uma cabeça tãun obscura e cabeluda?

— Solamente. 'Era molière demais' pro caminhãozinho darkele hominho atirado'.

— Um valentão ainda tão bobão. Uma rapidinha atrás do biombo do salão, ustê prometheus, ou duas sob o convés?

— Entre uma bebida e outra, repito-o dolorosa i profundamente.

— Ela stava só cu fio-deltal do chopis centis pra fazer graça pro ômi dusseu ômi, a stellar estrela de Massa?

— Sra. Bum-Bum Tan-Tan? Apenas uma cabeça de vento, daquelas que secretam o mário atrars do armário, um angelus novus de klee lokinha por color, um blaise cendrars colorcando um anel de latão sideral inseu dedo anulars e quarentars babões ali babaram na cunilalíngua espiralada delars.

— Então essa era a catinha que enganou o dogado que matou o rato que gritou com o tarado que deu corda pro enforcado que abraçou a mort?

— Que deu uma rasteira no farsante que falhou uma conversa piada.

— A brincadeira junguiana de asfixia erótica na jungular?

— Jeca o striper do humor levantou a sua jeba.

[511]

— Crendeuspai! Vossa mercê parece não enxergar isso! Toda a criação de Vossa Senhora sob o verso reversa sobre o controverso? Então não havia nada de serial entre suncês? E Almir Salter, pai de Izod, cumé quiele tava agora?

— Lendo o Rosa, homem, como um leitor de almanaque usando camisinha e armado, de peito aberto pra ursa, o Megalomagalhões de nossa hidrovia de vinho, espremendo vida do liffey.

— Krzysztof Carambas! Isso é zodisfacção. Você abusou, tirou partido de mim, abusou! Ele chegou, ele violou, ele conquistou. Urubu-rei-da-caravela! Ozolhões de lobo-mahler dele comendo a presa pelo bilho dozolhos dela? Aquela bella almiscarada neste baile de máscaras! Annabella, Lovabella, Pullabella, sin?

— Sin! Ting deu o tong Tocando na siriricatedral de Santa Sabina Sato. Sim sim, ela era flexível y fazia gostoso. Bocê tá deltada? Bocê tá santada? Bocê tá vendo a cobra do cabra subir?

— Quanto mais vivaz o deafunto mais cegamente sugarás o mallarmel da vida, e assim serás o fodão o bãbãbã o Navegador do complexo da maré que singra bares estreitos. Pra dar jogo pro vasco da gama! É o circunconversassom de paganelles do

ballet de antheil pra converterum Cromwell possuído aum huguenote, ou a caecodediconversão duma Δnhangá da Lituraterra Puttagonianne ao herreraísmo dum explorador cabotinesco?

— Eu acredito nucê. Taiptope reelly, Ó reelly!

— Argonauta, argonauta, não vamos pra nenhum lugar sem você! No vapor de kavos agora avoa o arbatroz que solta avoz sobre as chaminés. E Malkos faizuma engraçada pira funnerária enquanto Anglys se diverte com nosso inglês. Então ela cedeu ao seu parça azoreias prele enfiar o seu machu pintchu (ou assim é se lhe parece) e pedir emprestada a sua humilde stockhausedência? Olhos de luto&melancolia e a cabeleira infestada de hierbas daninhas e o suspiro doentio de sua boca bafuda como num bar de Dublin curtinduma sofrência pela madrugada.

— *Primus auriforasti me.*

— O parque é mais gracioso quio buraco dela, ela diz, mas o sekeleton é a minha chave para o sucesso?

— Jah pensou em ser ordenhado na igreja? Bocê tem uma fala doce, Padre O' Ford, que, se estiver melada, lambo aetê me lambuzar.

— Isso são respostas?

— Eu sou as perguntas!

— A casa eruma ocupação do Toot and Come-Inn perto da ponte chamada Tiltas, mas bocê tá solarmente und soulenemente coberto de rizão, além da colheita do ano canicular? *Nascitur ordo seculi numfit.*

[512]

— Siriusmente e selenemente celto bizoiano pela brecha da janela. *Securius indicat umbris tellurem.*

— Karl é a data do? Seu tempo de imersão? Ainda thamuz em seca de...?

— Amnis Dominae, Marcus de Corrig. Um caçador de risos e apanhador no campo de Milhões de Centeios.

— E o lelé da cuca do Jorn, o nascido dum mboi tatá?

— Flutífero como seu órgão. *Ex úgula lenonem.*

— E Jambs, Concebevido no Boteco do Delphin ou (como diziam ozantigos) no Infeninho?

— Condançando Alvorada de cartola com o Ninjinsky coreopiscopalmente como um sol de páscoa rotacionando parangoalegremente o stravinskalendario, que

vício! Bum Bum Bloom castelo Ta Ra Ti Boom! Deveria ver a polka vergonha dele empinando o popozão, deveria cheirar o futum dele valsando capoeira, deveria rodar a bachiana ao ouvir seus sambas de partido-alto no festival de piedigrotta em canto seus tamborções ribombam um...

— Krzysztof Corumbas! Um Bartnickzar cheio de gingado! Dervixe que pombagira cum muito axé. Ortovito Corleone se mi ricordo. A afeição pantagliônica através di seu sangue latino cuma influenza ruim dum lepo-lepo phodendo chegar ao ponto de ebulixão?

— Da Flauta Mijica de Popagena, o lendário cadeirante Príamo Basílio, in casa de grego o cavalo da pantalona é de pound no Natal de Edwin Hamilton, *Oropos Roxy e Pantharhea* no Gaiety, fazendum fuzuê pela ária, cusseus cinquenta et dois herdeiranos didade! Eles podem sapatear com seus semelhanti-edipos mas quem requebra aetê a canela é o Bonum Noé Rosa.

— E o que foi feito de Lillabil Issabil, foi feita de goethe e sapato?

— Tristans e trastes e trans e trindades.

— Um ritornello à página virgem, poeta quio pariu!

— Podexá, te dou a garantia do orixá.

— O quarteto quobus também straussva lá, se não dó-ré-míngano, comuma atividade paralela mas, *pace* do desdém do senado, em front ao foro, numa reunião do amnesicolegiado, metamorforrozeados para decidir ondedenovequando seencontrarem, trapaiados e jecas tatus, durões e louções, bebendo cambaleantemente no meio das quadrilhas de Kerry Key e lanceiros de Listowel e sempre cantando como um meistersinger com aquela quinta consecutiva deles, hein? Como quatro elefantes brancos de sabebedoria sapateando debaixo uma dodecaфона mesa?

[513]

— Eles não passavam de simples lalinguarudos, tão familiares, e tudo! Normand, Desmond, Osmund e Kenneth. Fazendo história mejical por todo o show!

— Em suma, alguma suma teológicaúnia? Y outros causos de causamento?

— Todazas nossazapostas stavam hino porágua abaixo em torno da gritaria que stava presumindo quando Big Arthur avoou o campo pra xavecar de Annie.

— De repente um cadinho de argila bem cozida foi lançada pelo hashi de sushi de la casamata da mãe joanna?

— Escocêsmente houve um clubinho no fogo do inferno no cual se lançava los manguaceiros de lo Quintuduzinferno pela janela.

— Como o anjo caindo na tumbalacatumtumbatá de Hefesto. Três dias três vezes no Vulcuum?

— Punch que baque!

— Ou Noé Rosa et Ecclesiastes, noénão?

— Nananinanão, não há colchão de palha no hostel da Eccles.

— Ainda assim será que será que pode-se ver ou tomás um sinal dele, será que yousted pode descobrir aquino e agora a sua quintessência? Diga o nome ou o endereço dele e encerraremos a noite!

— .i..'. .o..l.

— Bocê tem celteza de que não foi numa taraducao danaldinha do Schüler ou num pancadão do MC'Schiller ou num forróneral do finnado pessoa *etcaetera etcaeterorum* em que bocê tava?

— Precisamente.

— Talvez. Hora pro Nubis, no dia de Tupã, em Um Pedacinho Do Céu De Howth, a esposa de Deimetuus (D'amn), Dom Adão Fitzadão, dium tártaro (D'nascimento) ou Sackville-Loweriano e Morland-Westiano, no Auspício dos Vida Loka, Bonnybrook, à beira da ribeira e A. Briggs Carlisle, guardião das madrinhas da noiva e padrinho do noivo. Missa pontifícia. Ou (num pecar de olhos) tomandum Schott, frurtivamente coquetelmolotoviado por incendiários. Não se ouvia uma moscazart. Concorde?

— Traumvez. A letra promissória é enviada pelo correio. Com ou sem garantia. Em todozozendereço. Qualquer quantia. La major parte, in carreras dei caballos, puramente providencial.

— Pink Flood. O rosiano, o punheteiro, o da barriga de chope que tomou um pé na buddha. Gaa. E então o tabefe pra gaelicizá-lo. Raposão. A maria bonita com o lampião. O menino nu saco de cevada. O velho comeno seu buddhão. Gandhi Cusão! Somos noix y voix e iwocê und iêu i tus i tis and êules und éulas. A raça maizirlandeusa, a nação maizancestral, o lugar mais brizado

que jazz ouve. Ele onanistava se batendo em pênistência enquanto bocê tava tocando o musiclitóris dela. O escurraçado, o arrependido raposo em pele de pacato cidadão, disse alguma coesia important? Secretament ou abertament, cuspidou ou escarrado?

— Não mais do que o papo furado do Rico ao poetariado.

— Nnn dss plvr?

— Dmn dss nd cm nd.

— Um gaélico puto com o esquema da mais-valia? Mais-gozar?

— Sangnificando o nonada. Mais-de-gozar!

— *Fortitudo eius rhodammum tenuit?*

— Cinco mutilações! Ou um troço dum tipo paricido dimais da conta.

— Eu gostaria de eufonizar esse trem. Soa como um isocronismo. Discurso secreto um Hazelton acima e obviamente desenvogalizado. Maizé tombém uma lei muito leigal. Podemos receber esses coices bem-intencionados de graça, embora *ultra vires*, nulos e, de facto, desnecessariamente. Felizmente youcê não foi tão bem-sucedido no processo verbal pelo kual iwocê sublimaria suas supressões blefaroespasmódicas, ao que parece?

— O quié qui foi ilso? É a virginal vez quieu ouvi algo sobre ilso.

— Sunce ezra ou não ezra? Pergunta-ti a ti mesmo a resposta, poizeu não stout ti fazenduma pergunta curta. Agora, pra não fazeruma mistura, dê uma olhada em Capel Court. Quero que yousted, testemunha desta luta épica, tão tua quantum minha, reconstrua pra nós, tão brevemente quantum possível, de forma inexatamente igual à visão duma mente, comuesses jogos fúnebres, que têm see debruçado sobre nosotros por meio de los pombos-correio de Homero, misssacredos em quantum rolava um rally e holy na romaria in nome-do-pai.

— Qual? Claro quieu ti dirce irso errado. Eu stephen bêbado por toda a vida.

— Bem, me conte de forma justa, tôduo plano de champanha, nessa tua voz de taquara rachada que ecoa pra alá do bamboozalém. Bora lá, je suis christie! A própria Dublin, a triplamente familiar.

— Ah, claro, eu sou um mero nevoeiro sem tristiemunhas oculares. Tudo ao meu redor álcoolteceu sob azabas do meu chapéu.

— Ah, levanta e sacode a poeira e dá a volta por cima, Mister Bones, uma rizada poruma piada, com seus impendementes e suas papagaiadas! Branco na memória do preto žižek chapéu gandhi usandum terno azul. Vosmicê sempre foi o poeta gentil, pombo de Hawarden. Tempesdade num copo d'água, sobre a capa anti-

água, no corpo do bunitão? Seja gentil sobre isso, Bones Minor! Sambe de parangolé! Bora, devagar e sempre! Vá aetê o finn da sapucaí,

[515]

seu semgarra! Ezra uma vez um semgarra de boa no gramado em quanto um formigão cheio de gramatologírias ezra pound pra toda obra.

— Fé, intão, Meester Humorista, primeiro ele apareceu, danduma rizada comuma parte da piada, tirando da cartola um solteiro putanheiro pro prefeito de Piolhândia, MacSmashall Swingy dos Cattelaxes, levantou-se sem pudor, cu seu pinto apontando pros lados de Kildare sob suas vestes de Tattersall, inseu enigmágico poemanto de trapos y a horrível engenhoca como foi visto acima, tocando o berrante delicadamente pra não ficar mui aberrante, o jazz desgastado hit *Caneta Azul*, e arrancando a pele de tanto coçar sua piolhenta pelúcia em canto canta a pulga e o percerveja, dizendo polkas and boas pro mahlerducado do Billy the Kid Bengala e arrastando edipianamente os pés no curso usual e tava terrivelmente naas últimas, realmente, dizendo a ele pra limpar suazunhas e searrumar, Miles Davis, e assim por diante e seguindo filme e forte, e passar um pente fino na cabeleira dassua ursona e quem é que fez aquele penteado de raposa na peleira dassua ursinha como larva escorrendo do vulcão dusseu Um père e, meio que me coolocke na forca, sin ô, siêle não tava quereno ressuchistar seu corpo cabeludo antes de tirar sua vida ou entonces de salvar sua veda. Intão, suplikant, auguste comte aetê onze pra mirar trinteidois segundos consua pistolinha, comueu dirce, quem caminha com Swann nunca fica no caminho, esta é minha authorroridade, ele comtenuou excomungando o excomungado Capiroto, de Cogan, por se fantagiriir de cocoricó pra roubar a chave dozalustos campos de John Donne antes que fosse enviada y a maneira como Montague foi roubado and fuxicou com o leão lobo pra saber thunder o que álcoonteceu e quem incendiou o feno, talvez suncê fossa dizer, antes quiele matasse todozos cains tinhosos i o preço do falso totem de Patch Purcell, quio homem, seu plantagonista, tirou das profundezas do pântano que stava irado com a avidez da esponja sagrada et que, como um mextre do paxado, no que lhe dizia respeito, stava apenas parado ali coçando o saco na esquina da Turbot Street, de queixo caído com o chichiste bombástico e salivando pra cuspir, querendo saber se o menphis depay da torcidorganizada gaviões da fiel cum quem ele queria prosear num sabia di nonada sobre o causo.

— Um lunático fez síntese granular com arenito, como Nap O' Farrell Patter Tandy Moore y A'Burgess fizeram pot-pourri? Em outras palavras, foi assim que no curso annusual das coesias, como complemento ao cumprimento, depois dium modus de ser masculino que devo e me arrisco a dizer que parece ser extraordinário, sua angelical arte da guerra celícola ou jogo fotográfico finnicará pelo início?

[516]

— Verdadeiramente. Que nem no dia de são nunca eu possa!

— Um pecador oroundo da gentalha então orou na auradrama, o surdo, depois dialgum rala e rola esperto na lama, mencionou ao outro indesejável, um muto, durante diversos instantes intencionais, que no versículo apóizo ângelus, pra impulsionar seu negócio ele agia como um sueco cabeça-dura e batia de frente com um médicí?

— Ele fez com dor do coração, o huggornote! Só não passava dium bobo cabeça de nabo & cove, peço deusculpás, y ele jogava cu seu adberçário cu sua máscara preta lançândua bólíde pra fora da pista de bolixixi.

— Sublime foi o aviso!

— O rei author, de fato, foi dessa pruma mió.

— Ele, o primeiro boxemeador, feizalguma coisa a ele, o último locutor, quando, depois de o godot & o saramagro gozarem maizum cadinho entre eles, rolaraum juntos pra vala comum? Black Pig's Dyke?

— Não, ele tinha us dentes na nuca.

— Box tentou então fazer o mensugeiro brilhar?

— Não excetuando que Cox tentou fazer le sinthomescritor brilhar.

— O Chorão chorando por temer nunca mais ouver o Deus Soul e o Wesley Sol-Fá Adão cantando que poderia viver da lux aeterna do Mendelssol?

— Ele verdadoiramente é sempre Asbestado. E semear comueu nunca.

— Aquele toque forte de carlisle quebrando a cauda do π'ano na pastoral.

— Pansh!

— Bocê tá de acorde cumeu contraponto de vista de deixar tocar aetê meio-dia e meia, tiktok ainda é nueve y cuarenta, pip emma, hora do Meridiânus de Grinwicker, pelo seu quadrante diagoanal?

— Suncê vai me interrogar e eu vou desejar quiucê não me encha o saco. Taoquei?

— Que seja doze e trinta depois dium salto mortal no finzin da tarde!

— Y ezra onze et trinta ati dois antes de quatro pra dar quatro, confie no relógio!

— Seja pontual. Como bocê tá lidando cum dia da condenação? Esse dia nascente se esvai ascendente numa noite de nove semanas de maravilhas.

— Amorstício, marcy buckup! O dia ímpar do undécimo primeiro mês do ano sem uncidentes. No dia de Som do Martinho na vila.

— Um tríduo antes do dia do Nosso Sem Ô Larry. Por cual dos seus cronos, meu homem de quatro relógios, bombordo, estibordo, dia D cão ou dia D muart?

[517]

— Dunsink, rugby, balastro e bola. Você pode imaginar.

— Linguage-se nessa bataille pelo warmor ambiviolento de Moisés no tom Kant a isso. Mesmo assim you cê juraria que viu suas sombras cem pés depois, botelhando diabolicamente sobre isso, aquilo e o outro, suas virtudes *pro* e seu principado *contra*, nos ahelldores das Ruínas, Rua Drogheda, e lançando ao ar caso o latim em pó do diabo pro vento Milesiano?

— Eu quero. Eu fiz. Eles eram. Eu juro. Como a milícia celestial. Então me dê uma mãozinha diabobinho Ghyllygully. Cuminha língua solta caindo aetê o lance de dedos do meu pé que pode topar na pedra do destino se essa for a vontade do Senhor B. Dunn.

— Sãom Jacques Lorcán éum chorãum! Eles devem ter feituma obra maravilhosa, mamamia, cumeno pelas beiradas, durante essa negociaçãum de armas, o prazer Karnal versus o Sexo Vegetal. Vassuncê nãum Aixàs?

— Si.

— A demarcação de fronteira ou de defesa aparentimentilegal, aliás de arame farpado, um produto da Hostages & Co, Engenheiros, mudou de pé várias vezes conforme ozespinhos cutucavam durante a troca-troca diarmas? Piff?

— Puff! Desculpe-se. Érum tank daguerre pirata patrulhalemanizando la france.

— Eles num sabiam quia guerra tinha acabado e tavam taum somente se berrebelando ou berrepelindo uns aozoutros poracaso ou necessidade com garrafas diuísque falso, garra & pás, como entre Pictos sem camisinha e Uiscoces unhudos, como seus caractacus num Rumance irlandês pra lamentar a expulsão dos Daneses? O que dizes, voi cê mi scusa?

— Só isso. Poizele érum homi fortimenti ereto, La Límbua romena em Bucclis toscana. Farsa mesquinha.

— Quero dizer os Morgans e os Dorans, em finlandês?

— Eu sei quiocê não, no Finn Annal das contas.

— A mújica do footuro nos barbarismovimentos do passado? Co Canniley?

— Don Donnuley.

— No entanto esta guerra acabou em paz? *In voina viritas*. Ab chaos lex, pura verdândi?

— Ó bella! Ó pia! Ó pura! Amém. Ele tá masturbambeando no muro no meio de noises. Obrigadinho a Balbus por nos dar o seu corptcho pra beber!

— De qualquer forma a voz de vos mincê soa como se fosse um grito munch demoníaco assim como Occam Tinhoso espera pelos Chistãos?

[518]

— Mas çoará hell à mente infernal como os engels seabrindo aos neuropeus, se é que bocê tá mintendendo, a soma de tudo. Então seja vigilante!

— E esse padrão de pantomina risolucionária concontras e prós continuou, os mano e as mina, poruma semana inteira, sua noite apóiza noite de lansã Lawrence, cusbindo marimbondos em Dora O'Huggins, ou le monde nada diplomatique do mordomo, a artilharia de O'Papaidocéu respondendo à cavalaria de Marshall MacNuvens, forty e mais forty, mil e uma vezes, cócóriconforme a sua Tristram história do galo e da galinha? O rei Lludd Milo deu uma fundada bem longa in London, London, por anos e talvez ânus?

— Ri disso. Essa é a larga vida dele, esse timtomtum sou euzinho y esses são os dois peekweeninos dela. Do último dedo no segundo pé do quarto homem aeté o primeiro no último do primeiro. Isso é a vida camus ela é.

— Fihihihinny. Mucho mucho fihihihinny!

— Pode parecersrsrs hehehengraçado maizisso é mucho wakekekeano.

— Isso noé o sol-faciente, Sr. Brasslattin. Dedando e lambendo e aschoprando e cheirando! E todo o seu comício e palanque e discurso! Oncê anchou quieu tava dormindo no volante? Bucê tá quereno jurar de π -junto aos grondes jurados de thathenas do tártico, meu rapaz, e nos pedir pra acreditar nassua pessoa, por todos os longos termos que bucetá suportando, poundo o pé na bouca, que seu cu tava virado pra lua brilhando nos picos e nas cristas e mezzo-soprando noite após noite, por anos

e talvez ânus, depois quia sua pessoa jurou há algum tempo diante dosseu examinador da suprema MacCourt, Mark Molhadinho, que chovia adoidado por toda a lituraterra sonâmbula?

— Talvez assim cerveja, como busted grondiosamente afirma, Calvinico Robmano. Nunca supunhetei nonada sobre isso, palavra de fé. Celtamente esse é o meu Pynchon de vista sobre isso. É a minha esperança. A menos que seja judicializável. Seria caridade da minha parte pensar sobre algo que não devo omitir em razão dinteresse di classe, se youcê minterrogar. Me fue dicho comuma declaração inspirada porum amigo meu, em resposta à saudação, Tarpey, depois da missa das trêzóras, com quarenta indulgentes dias de pata aqui pata acolá, quialguma chuva foi prometida à Sra. Lyons, a inválida que cola na Quebrada da Tia Tarty Quebra Barroco, com muchos goles y un coup de dés'tilado e da mesma forma ele me dirce, o recusante, depôs de celebrar a missa, cum duzentas genuflexões, na fração de hora da farra quânduos bê-à-bares mantêm segredos, tal karl see deu cum o que see segue.

[519]

Ele stá dandum passeio, segundo ela filhou, no feelmick's park, filhou ele, como um tarrábel turco, falhou ela, escapulindo dusseu berçário e, pulitzer quiu pariu, ele seencontrou cum Sinhô Michael O'Clery numa terça-feira em que folhou quio Padre MacGregor tava doudo pra tomar o lugar do capeta ao som de berros de burros e ejaculando de monção y a brisa do xixi das goethinhas agitando seu earwickarcete and o inconveniente do dito cujo sendo enjaulado por meses, devido à putrefaria di estranglos quiabusavam do tal instrumento, e pra Tarpey se meter nassua sopa e nassua peixota e pôr o seu chapéu borsalino e ir pro templo todo emperequetado e ver o Padre MacGregor e, oh my Cad, senhor, ele deveria fumar um ao altíssimo e saudar aquele clérigo e contar à sua santidade a verdade tim tim por finn finn sobre os três xelins no confusionário e dizer como a Sra. Lyons, a cartomante, foi a infiel que fez pose pra profetigozar por três Schellings do dote da filhota de Pedro Páramo singrando o mar paraguay e desfilando de batina branca no Dujardin do Edda pragradar o Sr. Martin Clery ao ponto do Padre Meteus reزارuma missa meia noite in paris'cida do norte a Saun Swithun numa quinta-farra pr'o africano e liberar a crionça l'encléziorada dentro de Browne e deixar Nolan e todazas indecências cu metidas au longo de L'Histoire pur Soldats e mahlerducados e proficcionais do sexo pra N.D. de

L'Ecluse pra enviar mais dissonhâncias às flautas duinferno, meu eterno mano browne! Y ieu nunca envolvi sudariamente oh my cad numa toga! Que fouergonha!

— Englishirado como a flecha de deus, mas bocê tá cheio de razão, mio arqueiro do celtão! Nils, Mugn e Cannut. Irmãos deveriam então botar o terror?

— Então façamos o quadradinho de octo enquanto troco o óleo da debussycleta e a roda vai aos trancos e barrocos aetê quio balancê te emporcalha ao passo quia mera mira de Trollope dá um xeque-mate no joguinho fogoso de bibby bobby.

— Lokura! Em que pound azucar do hell de janeiro bocê tá subindo, seu diacho de fiat lux lucco! Eu vou discipliná-lo! Suncê vai jurar ou afirmar o dia celto prassua segunda vista não faiar e pedir deusculpa cadiquê tudo o que iwocê afirmou ter profetizado à primeira vista nusseu sotaque sulista era tudo culpa da marvada pinga? Ancê vai, sim ou não?

— Sin ieu digo sin. Eu juro de pound junto que ezra bem dotado de hooly e comedô de cooly darkeles quinfiar até as booly cunilalinguando cum meuzoleosos lábios sagrados continuamente posicionados sobre os anais rubricados de são ulster.

— Isso é muito gentil dassua porter, R.C.! Quizás you cê não si importer in soltar o mexericuzinho pra nós, meu guri dos lábios carnudos, quantas moedinha\$ de chocolatte\$ ou

[520]

pirulito\$ mendollado\$ usted jazz ganhou por todosos seus juramentos? O faz-me-rir, curumim?

— Ao vencedô las patatas. Aí yusted achô mio punto flaco! Nada dilmais, Ó batatadores, iêu assim denomino, poizeu poderia mui bem contar a Bossas Essexelências y num tô ingulino my ar, a verdade da Ponte Dourada. Num vale nada em libras ou pence. Nêin um espejo enterrado de Lucan nêin mesmo o preço de custo dilma calça whiskocesa das terrazaltas ou intãum as três coroas em volta da esfarrapada bundeira de Munster lá docêis (num é nojento?) por todêssa coisa de bautismo de sang!

— Vamos lá, Johnny! Noix naum nascemos ontem. *Pro tanto quid retribuamus?* Peço que você diga no seu sotakilt escocês que lhe prometeram muitas vezes um pouco de suco de entretenimento ou uma dose de derrubar cavalo, em conta-gotas ou em canecões, no Cocorvado e Pound Azucar, seja no Botequinca's Borba do Jones ou no Botecão Andaluz do Jamesy, de qualquer forma?

— Bushmills y uma noietzches de Allah Poe! Iwocê piensas porum momento? Sim, a propósito. Quão isso pode ser tomato como verdade! Jogue limpo comigo. Quando?

— Na taverna Pomba & Corvo, nãum, eh? Pra molhar a gargântua?

— Água, água, água que passarim nãum bébi! Bora pra Chope'lizod! Cachaça nãum é água nãum, cachaça vëin do alambique e água vëin do ribeirãum!

— O mal nãum só o quer como o exige! Comocê gostaria diouvir seu nome agora, Ghazi Power Ranger, meu tristy menestrel, see iwousted nãum tem medo de virgínia woolf nëin de comentários frankos?

— Nãum tenho medo do peideroso gás de Quaisquer Frank nëin de úlceras mal-acondicionadas.

— Seu tio putinhas!

— Seu garganta profunda!

— Você vai repetir isso pra mim lá fora, leinconnmuns?

— Depois que suncê meteu a boca no trombone? Vou quando me der na telha, s'adam hulstler sein und zeit.

— Intãum thomas! Brigamos! Três contra um! Viu o quié bloom pra tosse?

— Mas nãum, porexemplo, Arrastão do Faraó na Emania! O quié qui bocê tem? O qui quer dizer, singular agosto? Jogo limpo pros Finnianos! Eu tenho meus humores. Claro, ancê nãum seria um cowvarde e mi faria de bobok? Diga à Rainha da rua quiêu stout à venda. Adeus, mas quando for pros meus lados! Compre!

[521]

— Y si mi dé na telha di metê uma bala na tua grelha por tu ti metê aondi nãum é chamado, seu bola murcha?

— Sei nãum, sir. Não mi pergunte, meritíssimo!

— Acalme-se, acalme-se Irada do Norte! Ame essa mão vermelha! Permita-me maizuma vez. Existem contos de fodas dentro de contos, iwocê intende isso com clareza? Agora meu outro ponto. Suncê sabia, seja por melanodactilismo ou libacionalmente da forma mais pura, quium desses dois crimeanos com a guarda alta,

o ômi mais alto, foi alcoousado diuma certa ofensa ou diuma série de duas sérias alcoousações, jacques as de saia estavam divididas sobre o assunto, se ustê preferir assim? Bocê sabia, seu um seth um, bocê mesmo?

— Bocê tá ouvindo coisas. Além dilso (e agora serialmente) os arbustos macbethêm olhos, não sesqueça. Hah!

— Qual torpeza moral oncê escolheria êntrias duas, ao seu livro arbítrio, se dependesse docê? Brincar de touro diante de ursinhas peludinhas ou dar coices como um cavalo selado? Algum descascador de laranjas ou chupa-cabra verde apareceu com alguma frequencia na sua árvore genealógica silvestre?

— Foda-se se eu sei! Tudo depende de quanta verdinha da herança familiar ucê quer pra dar o cu pra dois. Hah!

— O que quer dizer, sir nhô, atrás do seu hah bô! Você não tem que fazê ilso, cê sabe, esnapógrafo.

— Que nada, sir nhô. Es só um osso se encaixando no lugar. Blotogaff. Hahah!

— Quêoquêoquê?

— Vosmecê tem todo o prazer em me questionar? Eu não disse isso em voz alta, sir nhô. Tenho algum trem dentro de mim falando comigo mesmo.

— Você é uma boa testemunha de terceiro grau, fé! Maizisso noé motivo pra risos. Voz micê acha que noises somos surdos dos narizes pra musicomeçar? Ocê não consegue distinguir o sentido, burro, do som, zurro? Você tem uma homossexual catexia de empatia entre o narcisismo do especialista e a inversão esteatopígica. Vá procurar sarna pra se psicoçanalizar!

— Oh, je suis maria joy zé, eu não necechisto de nenhuma simpatia desses seus analistas mestiços da cor do pecado siêu mesmo posso me psoakoonaloosear na horus quiêu bëin intender (a sombra do occamsciente segue a todozocêis!) sem suas interferências ou qualqueroutro ladrão de galinhas.

[522]

— Exemplisique Exemplisique!

— Você já wefletiu, weporter, quiembora o mal seja desejado ainda assim ele pode dialguma forma levar ao bem de mineira geral?

— A pwopwósito de a pressa ser inimiga da perfeição e falando de plebiscitos por amostragem de mãos, seja declaratório ou efetivo, com toda a serialdade, você cowmeçou a supunhetar quio depoente, o homem de Saint Yves, pode ter sido (resisto

em usar a voz passiva) pode ter sido tão vítima de pecado quanto pecador, pois se olharmos verbalmente talvez não haja substantivo verdadeiro na natureza ativa onde cada habitante de Bally — peço que leia esta roupagem da lei — venha a ser adequado segunduos globos oculares disseu próprio pueblo. Agora eis a forma longa e a forma forte e a total reforma da forma!

— Homem Culto Eternamente beijoqueiro&quente, um irmão do inatingível, bem acima das incontáveis mãos, senhor de muitos vencedores e perdedores, preparado por S. Sansão & filho, criado por Dalila, ficará na Yorubaía (Dublin) de sol à sombra e vice in verso e no Jardim da Sinhazinha ou Sinhá MacMannigan.

— Talvez possas explicar, mister bean? O Modus necessitas dum rebus.

— Pró continuação geral e explicação em particular pra sua interrogação singular a nossa asseveração. Kuñanguéras&cavaleiros, ozamigos vão rir maizeu e Chiquinho Gozado, meu amigo de cárcere, ficamos impressionados com a incomum poesia poplar, e algumas pulgas ao redor do Pobre Bosquete Oeste, ficamos felizes por estar de volta com os rapazes e apenas discutindo amigavelmente na Dodecafoníssima Casa se Tolerância, tenduma breve conversa com nosso anfitrião em seu hall confortavel y estável sobre a velha festa de Middlesex e suas tolices morais, ou seja, covid, varíola, sífilis e corrimento, gripe, gripezinha, gonorréia e calvice, cáries, raiva, convulsão e neurastenia. O quieu y Gozado in nostro consenso e todosos duplos de subscritores cum parafuso a menos, pra não dizer o birmanês, tendo concluído com sucesso nosso tour de bibel, queremos saber é isto aqui ó. Suphunhetando, pruma ficção ética, quiele, comuas descobertas mostraram, tenha tomado sua licença opiscena perante a suprema corte nórdica respectivamente no que concerne às partes privadas masculinas e ou concomitantemente com todosos respeitos comuns ou neutros ressalvados

[523]

ozexcessos das partes públicas femininas, ao passo ki a contrapartida é ki elas sejam potrancas realmente doces, tal camus foi apropriadamente sustentado pela guarda metropolitana em conexão com este atentado violento ao pudor, no kiss diz respeito à conduta arbitrária, estando em estrita violação do cronograma do conselho de estatutos florestais e de obras que regulamentam a seção de diversões dos incendiários e chupadores do nostro amado park natural, em cumprimento ao Karl um sargento de malícias e mais euzinho e mais o Baixinho abordamos um reverendo

caballero de nome Sinhô Coppinger com referência a um acessório pra Cocteau-molotov como não ezra marx que nossa obrigação, sobre meu som, nesta questão de suas explicações afirmativas, negativas e limitativas, dadas a mim y ao Baixinho, no tocante ao que o bom livro diz dozantigos a respeito dos méritos do bissexualismo inicial, além de citar um exemplo lecionário aprovado ki foi dado porum valoroso amigo de nome Sinhô J. P. Cockshott, reticente da Inglaterra, proprietário dum lindo quarto de despejo, *Quis ut Deus*, blefando na frente da Ribanceira de Soussex o qual nos contava categoricamente cômuo Sinhô Cockshott, jacques ele tinha seu encontro humoroso com, era o atual detentor por escritura pública y acto juramentado na base do cinto, ele lhe conta em caráter hipotético, o reverendo Sinhô Coppinger, aqui se haikunhece disjuntivamente cusseu olho voltado ao vento in diressonho a um mar de dozen tonalidades a milhas dium cardume de peischoenbergs cuneiformes, sobrenadando pelas espumas flutuantes do Promontório Guerra-Peixe Defumado por volta das doze y eles tentando fisgá-lo na hora silenciosa. Batendo cabeça, atacando, apoiando, recuando, saltando, encolhendo, balançando, disparando, atirando, empinando e espalhando seus dossiês sons ao rebolar o popozãum aetê o schön. E, reverendo, ele diz, algo problemático, poraquele sol socialista, me estripe, maizesses peixes errantes stavam tão contentes quantuos arenques Wissixy poderiam star considerando, virando seus baiacuzinhos, em painéis, as peixoxotas fresquinhas, os pirarucuzinhos sujos piscando como pirilampos, conservando seus bacalhauzinhos, as piranhazinhas disseminando crista de galo, e, reverendo, diz ele, mais rachmaninoffmente, dodecafasta-me de todos mahlers meu Zeus, diz ele, deixa o olfacto ser a extensão das supperfishies, lambda as curvas dissua escaligerância e pesk a florescência sempre urgente dirceu pectoralium, esses pequenos populadores diágua salgada, diz ele, muito apodíctico, tão certo quanto meus ovos são ovas sob a mira de gulosos, todos aqueles pequeniños panacas subindodescendo stavam dando o todo de si numa libidinosa festa gangbang e incursionando num êxtase muito loko em depoimentos ao bissexualismo inicial deules. É assim, ele diz,

[524]

quo reverendo Coppinger, ele visualiza os fanáticos homens crentes eticamente em ku kus kona. Banhem-se tilicadamente a cada trabajo sujo feito pela manhã in seu twilette. O uso diágua fria, testifica o Dr. Ruty, pode ser calorosamente recomendado

pra sugjugação de genitales de mileto congenitamente moles. Um peixador, criador da fishosofia!

— Vá pro Hell de Janeiro e a Barbados ustê i tua coprulação erriana! Pelagiarista! Montgomeryta Remonstrante! Vida curta à tua família! Bocê tá tão obsexado, é isso qui bocê tá, com macroglossia e microcefalia.

— Pera aí, salmão leixlipulador. Sinto cheiro de eggoarquicismo. Vou te dar uma tarefa. Não te álcoompanho tão longe nus teus fofocentos outrora tão deltalhados. Foi *esox lucius* ou *salmo ferax*? Bucê tá nus tributando visandum futuro pré-determinado, num tá, cum essa duchampescaria de ready-mades.

— Lalia Lelia Lilia Lulia y a lúdica lucaniana Lola Montez.

— Gubbernathor! Dizem quié um feniano do serviço secreto. Chamado Parça Zorêia. Dando à luz ovas e lambaris como um alegre monarcasamenteiro dandum rolê em todazas suas sete igrejas paroquiais! E povoando as baronias obscenas com açudes, jovens e conals!

— Levante o troço agora, Hosty! A corcunda é sua marca! Prum haydn-made aterrisante! Fish maria que pêxi é êssi, *Magna Carpa*, vishnu no zoo?

— *Ezra uma vex um véio salmão soluçandum salmo dedar sono chamado Bispo Sardinha.*

Que vinha naufragozando com seus barcos carregados de esperma poraí.

Pulando piracemamente após cada mergulho rasgado e molhado do peixe-espada na peixota de issy entre Howth y e a boca dos Caetés.

Nosso Humano Congro Enguiado de Deus!

— Peço a judá! Antropofagiconsigo vê-lo vishnu anzol! Levanta tua vara. Segura esse cura! Faça o kiss quiser cum ele, Mårkandeya! Peixe-boitatá!

— Dá seus pulos, sir! A minhoca é uma isca que faz y acontece. Longa enguia de Malin, ele vai chorar antes de ser esfolado. E suas lágrimas fundarão uma nova ilha. Salto de Pirapora? Siga my way, lalinguado! O gandhi finn may cu! Três treepam sobre o selvagem! Manu guerreia!

— Ele errou a boca dela e acertou cum tudo dentro de Dee, Romunculus Remus, praticando o estupro, intão agora qualquer villão-lobo do mar stá fodado a sair de cima dela se nadar entre as pernas dela e cochilar na bunda dela. Não, ele derrapou como um skatista e atracou no riaxoxota dela e nunca teve medo maizles

inda vão trazê-lo à lituraterra, escamas escorregadias na mallarmagem do liffey, vezes e mais vezes e metade duma vez cum travesseiro de areia pra alcoolmodá-lo.

— Dizes quieles vão cu meter o ato?

— Aposto que cu meterão.

— Entre os juncos trêmulos então? Ervas daninhas balançando.

— Ou tulipinhas invadidas por Mato Grosso.

— Ond usted leva sua pirocaneca pra lavar quando anoitece?

— To my leite, Toomey leche, Tommy lait.

— Junto às águas borbulhantes de, águas balbuciantes de?

— Isso isso isso.

— Granadeiros. E me diga agora. Esses pescadores ou pecadores eram coexistentes e co-presentes com ou sem seu *tertium quid*?

— *Três em um, um e três.*

Sem e Shaun e a desonra que os divide.

Filho da sabedoria, irmão da loucura.

— Deuzabençoe tua vivacidade, remelexento! São três buracos e nenhum com fogo. Bocê stá esquecendo as minas pros manos. Qualéquié, Referendo Walker John? Toca uma pra noix dando o teu máximo! E desembucha tudo no apocalipsicanalista!

— Infantil Cruachán! Dor gera mais dor, comenta Warden Daly. A mulher unirá na intolerância do mundo. E a serva da lokura galgará a glória. Claro quieu supunhetei que tava me divertindo no trevo da glande peludona com duas garsonhetes peladonas, a Stella do Bosquete e a MacGarry do Maripoposão, ele tava, mão na espada, que a é'pica e a mãmainz dele, uma empregue, me deram a entender, com herdeiros superfluviais, por ogum. Tinha aquela cabaça que sempre perdia a cabeça purele, o primeiro rei de paus dela e o homem mais falado de Carrick-on-Shannon, Condado de Roscommon. Naturalmente ela tava quase se afogando num gélido rio de admiração por si mesma, era tão dura quanto minha prima Tarpeia era uma rocha, Vesta Tilley, fazendo caretas pro seu reflexo no riachom de Bach e se refrescando no elemento de Tales, se acariciando, se achando a última bolacha do pacote, com alices e no país dos véus de viúva, tudo ao vento, tal como ela era, a actrix da peça, com amor pra nadar e vender no Lago dos Cisneastas!

— Ó, esquisita noivinha agregada! Completamente imersa em seu eu! Narcississidades são cômuas doadoras da inversão. Secilas sorrindo através do espelho se tornando colegas de natação na fonte da vida.

[526]

— Parece o mesmo com Icappellas? Ys? Go tellus! Um vale-refeissonho pelos teus pensonhamentos!

— Escult, meme que tanto amo! Elas tavam horrorizadas, aquelas crisântemoças de velório! Venha, recoste neste seio! Lamento muito que suncê o tenha perdido, pobre cordeirinha! Claro que sei que iwocê é uma garota munch assonhada pra ir à morada dos sonhos e inda mais naquela hora da sonhata e foi uma coisa muito errada de se fazer, mesmo sob o rubor escuro da noite, ousar de tudor poruma ground paixão! Ele foi tomar seu chá pra sêrum gandhi paxá. Afogându ganso e así see divertindo no Strip Teasy duma velha de gerra nas estrelas. Os garotos também fofocavam na esquina. E a sofrência da tristeza do jeca deles chegava primeiro a yousted. Ainda dá pra dá uma segunda change, minhΔ divinΔ esposΔ liffeyosΔ, e todo mundo sábi que bocê tá um tesão nassuas roupoesias transparentes, Eulogia, uma aposição perfeita cum o creme fresquinho, Assoluta, um preparado de Pierre Boileau's qui sempre tomo nas enfermarias depois de fritar um ovo vitaminado e absorver o maior valor biológico, sinal da causa. Meu, boce tá D+! Simplesmente incrível! Eu poderia passar minhas mãos um pouco, minhas mãos adentrando, teus cabelos! Mui mui mui apertadinha! Ó Froncesinha, diga cumé qui bocê tá, Boboquinha! Mãos elegantes. O jeito comuelas see curvam nuas sob algemas do sexy chopin! Eu sou inda mais divina quando tenho tudo dobrado a começar por calcinhas à prova de bambinos. De celta forma um victorioso, apenas miù braços são più biancos, querida. Escrava Isolda de las manos blancas, vadia. Cabelouros, frágeis. Ouça, meme doce! Ó seja parangoalegre! Espelho da justiça, tower de marfim, coração de freira, aliança de ouro! Meu véu te salvará imorredoura do teu fogo eterno! Noix doix somos só um, meme, eu te idolatro. Claro que foi malvado pra dedéu da parte dele, ir mincontrar disfarçado, Bortolo mio, um pedaço de mau caminho, D.V., com mias pombinhas, mias colombinas. Os sentimentos dele murcharam. Até Netta e Linda, nossas videntes têm teta y viram ogum pecado sendo cu metido, arigatônas! Mias regatinhas eram liebertinas, mias perfuamadas flowers do lácio. Como me abre o apetite nosso atropofagismo mútuo (Mon ishebeau! Ma

reinebelle!), trobeijando o colarinho dêli, enquantontem eu dó-ré-minclinava nusseus lábios bigodudos, até meu pun pun zinho ficou echistado, quando barrocammente dobrei a cabeça dêli até o seu peito másculo e o beijei mais. Só ele pode falar a uma pessoa, senhor tão piadoso, gramaticismado cumeus valorescritos aquém do bem e do mal! Posso apresentar! Esta é mia musicópula do fututo, lábios e olhos de cigana dissimulada. Ainda estou aqui por ti, pobre crionça! Vá fazer as pazes cum madre Concepción y spalhe uma mentira gloriosa entre nós,

[527]

doçura, pra que num haja uma novena in todozos conventos loretos, nëin o mais insignificante de todozos mios lero-leros, eu peço in nomine do atonalíssimo que jah mais saibam, o que se passou pelos nossos lábios ou. Pódexá, sin ô, diagora in diant só sei que nonada sei! In boca fechada num entra moscazart! Fee ô fó! Quem fofocanta seus mahlers espalha! Que medo da Banshee! Alitta tá bizoiano. Rebaixe-o cum cariño. Faça-me sentir bien no ciclo da lua. Tudo vai florescer como π de laranja lima na capela de chocolate com π -menta da glamurosa St. Audoen's cum meu olhar de diamante apóizas lokuras in mia humilde stockhausedência pra todazas goethinhas de copenhagen y o Amaro Padre Mindelsinn porá as mãos no π -ânus pra tocar la marcha nupicianal. Kyrielle nazalturas! Cristo cigano nazalturas! Kyrielle nazalturas! Na imansidão dazalturas! Cante para nós, cante para nós, cante para nós! Amam! Meme querida, hermana magricela, sinta-se livre comigo! (Estou desaparecendo!) E ouça, voz mecê, vossa beleza, esther ou não ter, eu serei a chave pra quem conhece sua tranca, reze Magda, Marthe com Luz e Joan, em quanto eu com fervor caio de boca no Tolka. (Sou fada!)

— Eusapia! Fais-le, tout-tait! Histeria lânguida? O Houaisspício historique? Cumé quié isso? É o pai a coisa em si ou é o que não é sendo o não ser? Ouvimos aqui seu primeiro proema in proesia de verso a reverso? Aliciosa, sonhosduplos sanhasduplas, através do espelho sedutor ou como abre alas na jumbolândia? Ding dong! Ondié quitá teu pal em ilustrada tão sedosa? Pense numa tal donzela, Presentación. Duplique-a, Annupciación. Arranca os primeiros pensamentos dela, Immacolación. Force um pouco y ela se abrirá prusted. Quem brilhou tal qual sol ainda reluz à sombra y resplandecerá como aparição de Kant. Enclausura-a, apague-a, segure-a por trás no escurinho. Após lirismamadas e melorgias suaves ouvê a valsa

do anglo-irlandês. Esta jovem dama de bar, o que, eufeministamente? Ela stá tendo um ato ambidual in aparição de si mesma in corpo orando de Consuelas a Sonias?

— Dang! E quatro narradores, um logocosmo quié o Ó!

— Dis e dat e dese e dose! Bocê tá fora do ar nesse seul pisca-pisca, meul vaga-lume Moonstro, como de costume. E 2 R.N. y os Celtanejos Chifrudos de Connacht, tão fora da minha sintonia! Suncês tomaram a capital e detêm o condado do leão desde 1542 pero há uma baita diferença na Irlanda entre vossa fronteira, a minha bahia de todosos sons e tons de fofoca, e eu. O menino poeta pra guerra se foi e há maizum estoque deles pra Monn e Conn. Levanduma vida de cão com o nome de pit burros. Cachorromens nunca vencem! Você foi o último a liderar o primeiro quando nós fomos ozúltimos pero primeiro cantaremos vitória na última hora com uma grande dura habilidade. Pule as cadeiras de Rhodes ou tire-as do Caminha, como achar melhor, mas e, sir ôzinho, minhas cuestões primeiro, raposa descarada! Bocê tá cum tantas caras agora que dá pra ferverum caldeirão cum cará

[528]

enchopado. Os missionários capetalistas Haydn et Wombwell, quando receberam a mecadoria, encontraram marx dez por cento de giz arenoso na pureza do bagulho, prontidão e perfeição da farinha deste materialista bruto y menos de um sétimo por milha nassua dieta? Noises somos os brilhantes jovens do grupo de cérebros renovadores da noção tanto que noises somos informados aqui e com sanção maternal que noises somos obrigatoriamente convocados em sexões trimestrais sob as leis das desqualifincações sixuais pra uniformização de jovens (Cabeças Imparciais) in acto de remoção por votação majorietária do Cumitê dos Menores de O'Quinze pra saber se noises tínhamos a nobreza dos gandhi gerais, que têm enchido os BOL\$O\$ sob os narizes do poetariado e incitado a opinião pública no que disrespeito a baladinhas privadas consuas pernudas alcoolpanhantes, as sin ôritas Mirtha Suplicy und Merry Lu, as duazassistentes do tesoureiro, tinham seus livros de canto&habilidad em ordem y devildament assinados por J. H. North & Company quando disprensadas de seuzúltimos cargozos públicos? Você vai soltar a lalíngua e cantar ao conselho nesse anterim como, in nomine dos três alfaiatenores da Tooley Street, O'Bjorumsen ou MockMacMahonietzsche, ex do Bundão y do Barriga de Chope, violando a norma legal, chegaram à kamassútrica posição da pança lavando a alma no barril? E por que, se for de bom tom perguntar, esse corrúpto motorista The

Coombe, um marinheiro de barquinho de papel cum ar de livreiro de babel, Falsificcionador hijo duma poeta, resgatado da Isla de Mano, carregando sua arca, de fuselagem oval e feita em Fredborg no Estaleiro Jangada de Fedra, nas costas quanduele poderia star sentado na boleia da baleia de jonass dirigindo como um cocheiro de Glasthule? Ondié quistavam os soldados, três nombres, derrotados na bataille de rima, combatentes harará do exército ou corações de aço, Hansen, Morfydd e O'Dyar, V.D., com seus kant cools glenagearianos marchando de alcoordo com o oficial de ligação da R.U.C, com suas úlceras abertas na trincheira e suas mãos nos bolsos, contrariando as regras militares, quando confrontados com sua obstrução de tamanho equiparável à vida? Quandué quieule deouxou de roubar os poubres e coumeçou a se fauzer de carimbador maluco fazendo plunct plact zum in nomi du Paterson du ta'yra i duzispíritos bantos? É um facto factual, provado ateu os dentes, quieste emperequetado nórdico em bermudões de cordeiro com as pernocas raspadas, kilts de criança, mamadeira de piroca e botas de 50 Wellingtons de cinza, com bengala, cofrinho à mostra e boina peaky blinders, préprietário do Bar Ptolomei, é cowproprietário dum circo de horrores perto da Rua Grand Dinamarca do North (aliás, é o show mais gozado da província e vou levar a criançada

[529]

lá no próximo sábado quando é noite de descabelar o palhaço pela metade do preço pra ver ozepiléticos imitando os corcundas de nostradamos y rir dos cegos de mundos paralelos tirando sarro dos surdos-mudos) e o shaunfado shem vergonha do showman prestando queixa no quartel da polícia e solicitânduma ordem de *certiorari* e gritando algo munch mahlerducado sobre ele ter sido molestado, depois de ter tidotrigêmeos, por ofertas de vagas de fêmeas nesta cidade relinchando atrás do macho e atração irresistível quiele exerce desde que viram sua imagem de raio X revelada em vermelho vivo nas folhas de sabá? Foi ele quem subornou aquele filho surdumutual, um carteiro lixeirário no Lavatório de São Patrício, pra se tournar um cartólico romano e deixar o divã e sair peladão por Balbriggan, o gari, e comprar o habitual litrão de porter no Necrotério y em Mugir das Cruses e colocá-lo diante da esposa metendo a mangueira de bombeiro nela, oferecendo a ela a casa pra cuidar, a prostituta pra aturar, enquanto ele e suas molières da vida tavam fazendo o maior barroco nazestradas no entorno da paróquia sob os narizes da polícia heliopolitana? Você consegue superar isso? Prepare o caminho! Ondié quistá aquele recruta, engenheiro arianáutico da artilharia,

que delatou toda a balbúrdia, fiando-se em seu dirceonário de palavras morse-erse e com o cassetete enfiado no rabo? Chame Seckesign van der Deckel e sherlockhome a história dela com ele! Ricouerde-se de Sickerson, o olindês voadô! Seckersen, magnamigão de Errick Bindervoet. Sackerson! Conexão!

— *Die e noit diluvias nos kuarto kants verdejantes del mondo.*

Licor cum alto teor alcoólico gerou luxúria na caça à orquídea dela.

— Caçar a orquídea dela! Papai do céu and ele a encontraram mui bien! Com os sapatos dela sobre ozombros dele, era mais difícil prozobservadores quando ele levantava a saia rendada dela cum nostra advertência. Uma desonra pra religião protestante caseira! Maldito velho pré-adamita cum seu the guardian-chuva de dois cabos! Confie nimim pra spionar minhas própria cagadas.

— Wallpurgies! E esta é a sua cidadibsen deificada? O poeto selvagem? E nós é que rezamos pelas conversões de Bigmesser? Chame a Kitty the Beads, a Mandame do Castelo Tipknock! Deixe succuba sucumbir, o mais melhor quia riqueza dele pôde possibilitar! Ele tá cozinhando a concubina hagar que geme a oração dela pra ele no topo dazescadas. Ela é profunda, aquela uma.

— Um parternoster porsuas armenidades turcas. Pau Noastre

[530]

que errou assim no céu como na baixa lituraterra ao se corcuvar pelo pun nostre de cada dia. E intão o confisieur agiu pour induligência do bicho-papal. Conforme suncionado no libro de orassonhos pelos Consilieiros-de-Trento. Cu dado com occam bravo no portão de bronze. Número meio de Dread-Log Rindo feito Locke. Mestre saca pistola pra daguerrear na cama. Eu messageei seus delltoydeus marisculosos na tábua de churrasco. Cum meu duck de ferro ein apuros nosseu rolo untado na gordura de ganso, cum dendê do doido trio elétricoook dodoísta do dodô & do osmar, até quiele enrubrasse no seu rosto refogado meio que passando do ponto com bulbos oculares mal passados e seu tímpano fumegando e sambando na caçarola como ozassados servidos cum mocha nu meu moinho quixotescoffee. Eu fiquei cu u cu na mão por ter açoitado as costas de Abraão a pedido dele. Pro pão que Obadiah amassou, deixe o noé fora dassua arte de confeiteiro do meu bouckuet de flouers. Da cena estranha suncê me deu uns amassos de balançar o skeleton! Enquanto rainha di mi corazón tu reinaste in todú lar. Sua alíngua e lábios tavam grudados superbondemente enquantuele chiava ali me masturbolhando esvaziar a xerecaneca

quinspirou uma punhetoulouse-lautrec nu Ateliê de Wexford tal como rolou cum Katty e Lanner, as refinadas vedetes, cu leitemotiv du meu peito servido à la broche y u penico sob a minha peixota ao molho vermelho, mostrando minha cabra vadia e toda a longa jornada noite adentro nu meu cooker novo em touloose. Whisk! Aqui stão minhas shemas diovo e aqui stão meus ham'búrgueres e aqui stão meus bulês de jafé, gouzo poor metro. Whisk! O quiquié isso? Whisk! E aquilo? Ele nunca me deu uma comida tão boa, me senti bailando, na pantamina das Penetráveis pulgas de Romiolo Frullini da Forma-de-Bólide ou Susi-na-posição-do-Frango-Assado ou La Sauzerelly, as gatas de butts, quandueu comecei a passar o rodo como uma dama cheia de Metaesqueminha, bem apertadinha, pra darum pé na budha do tempo no cluckclock lucklock quamquam camcam potapot panapan kickakickkack. Chá de Cosmococa, levanta defunto. Divertindo-se à beça no modo Full Lacan lá no Forróneral do Finn.

— Para tudo! Apadrinhem garotas de programa e fechem. Já chega, genral, de ficá fazêndua caveira do Finnegan e de ficá desenterrando os pecados do coitado. Uma votação final, guvnador, pracabá cum todazas dúvidas. Por sílfide e salamandra y todos trolls et tritões, quero dizer pra chegar ao topo no comando de um tipo como ela e pra dar um tapa na raba disto, finalmente. Seus personhamentos que seriam palavras, suas vidas que foram feitos. E também, pelo santo filho de Coole, primevo patrióck da sé arquiepisopal, se eu tiver que primeiro derrubar todazas máscaras na Trancenânia desde o mais fundo Buraco da Fio-Terraterra até a Esquina do Gago Apaixonado pra encontrar aquele Jugo in off na sua carta, este Jugo que Japheth à increnca in on. Passem os justos do rei, o Kovnodor-Journal und

[531]

nada menos quios elevados custos habituais do eirenarca, o mega dos megas, cum a velha gangue do parça Carson! Dê o fora cum seus persas! Procurem o Finn! O peoscador tá confessando sob o lençol. Fa Fe Fi Fo Fum! Ho, cururu, endemoniado! Ressuchiste, senhor engenheiro fantasma! Enquanto voz see oviver não haverá outro. Jazz pra fora do jazigo!

— Amtsadam, senhor, pra you see! Eternest cittas, heil! Aqui thamuz nós de novo. Eu fui criado cum tapas no bubu sob um antigo acto jurídicamelo de dinastias há muito tempo fora de catálogo, o primeiro desde Sitric Silkenbeard (ou seria Olaf Bilac MacAusculph el Thor Pã?), mas, em pontofacts massimus, yeu sou conhecido

em todo o mundo onde quer que meu bom Allemaninglische Anglo-saxofônico seja falado por Dever e Querer, de Augustanus a Ergastulus, jacques és així, seja no castelum rath bum de Farnum ou mostrando a anaconda nas colinas de Condra ou com a madona dos páramos in Dalkin ou pela alphavella de Monkish, entre santos e satãs ôioporôio como um homem de vida limpa e, poruma questão de ficção, por mia meia-esposa, eu creio que o que o público em geral maizaprecia nimim é o facto dieu levaruma vida taum limpa quantum possível e de conseguir uma boa média no meu jogo jacques eu mantive meu tabuleiro ouija ouija sempre pra cima. Na minha esposopinião nunca fui nem posso ser culpado de crime de violação de cona com crème de conjunção eclesiásticarnal contra a pessoa duma jovem amiga que canta o melô do piriipi cômuous pássaros dos Apples, interpretada pela Srta. Dashe, y cum Qualqueruma das mias primas nos Poeteiros do Park Kisilev ou no Píncaro do Gigolô, quando eu tocava em seu ponto G ^{ao Sol} e sem dó maior eu sentia Esverdeadamente sua imaturidade poizisso provava ser Do Caralho e Funesto, sem sobrinha pra dizer um A, pra minha reputação em Babbyl Maltet junto às molières da vida quase sem roupa. Sin embargo, como mis conocidos tiveram la complacência de minformar, yo deveria ter prendido ela sob my disfarce de carpideiro por entre toombas y coovas, algeamada, siéla solamente supunhetasse tal pênisamento. E, comuma mera questão de ficçonho, eu conto de mim mesmo sobre como popossuo a esposinha mais mamadura ao redor do globo cum seios duma globeleza redondinha cum os karls ela circulou o Mundai poraí desviando do caminho do harém nas redondezas do circo do Depilador Alley primeiro cum seu prêmio de consolação in meus sonhos seriais de mulheres bonitas, Mannequins Passe, premiada em subseções como miss bumbum e miss simpatia, prejudicada por dois peitos caídos na ópera H, uma pequena notável vestimenta marcando o pastel de cabelo. Presa numa porrada de lugares. Que jorro! Eu adoro gohhhgohhhgohhh gohhhzar,

[532]

principalmente quando me lambuzo nos sabores do seu peito mais que perfeito oferecido com labiólhos de heliotrópio, poizaqui é meu ópio, ond encharco minh'alma alegre na beleza pu pura do seu passado. Ela é minhesposobra de arte totalmente preservada, tanto do presente quanto do futuro, aozolhos de Evans, com incompetêlmente o menor número de sapatos que já calçou pés fora de Chinatown. São uns pézins mui pequim nininhos, dá vontade de daruns beijings. Não podemos

recomendá-los? Isso foi uma péça que me pré-garam na prova do serviço de aprendiz. E, abraham alas, nosso capelão particular de Lambeyth e Dalkey, bisporregionário, um homem de rosto sempre triste, cum sua fuga soando sedosa na corda do alaúde do john dowland, visitocando nossos enrijecidos corações estilhaçados e pedregosos rins pela imposição fuf fuf dosseu lance de dedos, os cuais ficaram cum cheiro de bacalhau, naquela Câmara Superior ele phode falar alto pra usted algumas coisas pra lá de elogiosas sobre meu caráter limpo, mesmo quando detectado no escuro, por mais angustiante que tal recital da prova do cu mental me seja, como esse é, quando a apresentei (Frankfurters, numborines, cadiquê orquestrar o medo?) ao nosso afinado quarteto gospel regido por Castrucci Sinior e De Mellos, aqueles velhacompositores de rockópula pauleira, cum eufônio de sicômoro tocando qualquer notação nonosso durckheimbaré que tava mais pra stockhause da mãe johncageana na avenida Goose Greene, aquele lar dó si lar tão apertadinho quanto cu de condenado (Primeiro Karl Murkiss, ou assim eles pensolham. Dodo! Ó, Clero Enígma! E Gregório na frente cum Johannes Bach lá pra atrás. Aw, aw!), guinomos balangam o sino dingdongmente em celtos lugares assim como há vales de lágrimas na Nouruega. Por quem, como minha Lígia Klerk da Catedral de Findlater, a igrejinha diesquina, e K. K. Kateachismo reunidos pela Fé y, como todozocêis sabem, duma criança, queridos Humanos, uma dazambições da minha vida de jovem dêsdium período inicial fazendo peepee in quantum inda tava na iscola secundária, destinada à igrejona de paris cida do norte, eu, estando totalmente ciente disso, fui confirmado parruquialmente na cama do gorducho Califa por nosso amado autor-curador bujibuji. Michael Engels é o seu homem. Deixe Michael haydn-difundir a Sutton e comunicar a vocês do povão que têm o hábito de telephophocar (era reco-recomercializável) in sua clariaudiência, assim é se lhe parece, como somente nosso próprio Michael telephode, quando chegar à superestação, trazer rupturas aos nossos rugidouvidos como eu me amp amp amplifico. Piririm piririm piririm, Luci Collin ligou pra mim. O Ordinário Pimpim por volta das nov et meia. Shaun Shemsen dizquando dizquando. Holmstock instável. Liviapool marca el porco y disca um cuatro duois noive. Baita Bunda Boa! Disculpe! Obgado! Queiras fazer Eça ligassom

[533]

pra hoje. Cancele. Godnotch, pra todos. End uno fericit notchal! Usufruam do Conglomerado Newyorkaises. Tã Kyow! Thank iwo.

— Tiktak. Tiktak.

— U vento u zumbido a água caindo.

— Pobre judas is cow'riotes.

— É o úmido úmido úmido.

— Calma lá pra Hard news Entrar. Big Big Calma, apresentador. É uma das mais sérias teroolias dum intartenimento mucho gozado. Papa-anjornalista correndo atrás do furo! Eu respunderei à intrevista. Eu protesto que luterlmentenão não há uma colher de chá de evidência do bafafá no fundo da minha bunda, como você verá, a vida comuela é. Keemun Lapsang das primeirazescolhas. E eu posso tirar meus trítano e nove artigos duduvideosos de citação aqui no Pynix Park diante daqueles no paraíso pra me provar, por misericórdia da justiça, quero dizer sinthomões e sinthomães, firmes e convictos pra sempre, e entrar sob os conselhos dos senhores Norris, Southby, Yates e Weston, Inc., pro seu cliente favorito, na minha advertência préprotestante contra a pupublicação pupública de calúnias por qualquer textim dum pasquim ou dum construtor do certo por linhas tortas em Beijabundalândia (uns zóios de cão azul nos becos da memória, cuma beca indecorosa, com joelhos ralados à mostra e pulseiras hippie de Belfast y empunhandum machado emprestado do Assis (elié jornaliszt do Diário de Noitícias de Saunders e do Diretório La Carta Robada de Poe inseus nigócios), o maior invejoso de Belgradia que naum é temente ao nosso falsificriador) pro meu modelo de prefeição, aquela personagem da nobreza que mantinha a compostura ao cair do trono. Porassim dizer de soldados da ditadura da beleza em elegante busca de flores, coletores de tabernáculos e a arte celuloide! Alcoonteceu diolhos sofridos acreditar? O canalha fez caca! Ele andou só de toalha pela Costa Norte cum seu Espigão na mão. Zóios de cobra! SafoKant estrangulador de periquitões verdes! Eu protesto quiele é, por minha metade da laranja. Ele tava saindo de minhas instalações in double caindo de bêbado sobre meus qualideidades singulares. Então ele foi keshionado per seu comportamento recente. Sherlook tá de olho nele. Todo querem abrir o cinto de castidad. Corte O cabeleira! Ki vergonha do Bilau tamanho M! Ki vergonha dozexcessos dele! Ki verguenza exposta nusseu pipi melado de lettersperma esticado no chão com linguixa prum banido cão feroz coberto de sangue maldito! Eristocratas em diereção à Torre de Enforcamento! Enfie uma lança in seu coração adúltero! Instauntoneum! Batasas, minha Passarinha! No balancê balancê da coda, meu uirapurú! Rode as bachianas meu

mandu-çarará! Quieu nunca mais veja essa sua cara de um discurso que não fosse semblante! E ezra meu, Bartinickolomeu von Hunarig, Pé de Valsa da Dor (seus gestos horaginários cômua sagração da primavera, imite meus gritos! assim noix é agora, assim voix é intão!), quando pra nossa sorte caiu no meu poplar Sexsex, meu Sexentenário, quando pelo Portão del Inferno, diante dirceu valhallalbergue de Odin, yeu fui mui ligeiro pra invadir a lituraterra improdutiva pra sua Mãe, sua Mamãe, Maiusculosa, seu Magnus Hotel Magestic, o primeiro occampamento da cidade desta Nova Tara, nossa mais nobre, cuando karl vagando seu puro sangue, Pferdinamd Allibuster (não há nonsensedade de descer do animal até a Noruega prusted espalhar as novidades sobre cada porta) com meus elogiáveis allbums através de todazessas minhas promessas, aperto de mão com parabénspravocênestadataquerida, vossa eclesência. Quein é o estripador quiousa apalpar est peito? Dose de barmans. Alguém de noix tava com todos os quatro de nós. Adversário! O falastrão Gênio Maligno! Primeiro mentiroso na borda da Terra Plana! Lobo Bobo! Vejo ancê no porto Skärgeard ou aportando in Skeepsbro! Y aquelas goethinhas! Deliciosas como torta! Bocê tá dizêno que mi tornei un konservador doente? Baboseira! Tá vêno aquele edipofício, mestre construtor, eu mal posso conceber! Com as bases no mais sórdido subsolo da histeria! Nonsense ibsceno! Fallhou tá falado! Por Peteru ati Paulu! O shogun de cor e ação par/tido! O caso do buraco é pura porqueira mais porca que porco-espinho. Basta de bosta!

— É ucê, Zizek Chapéu Branco?

— Bucê tá cu tico y teco fazênu tictoc na caosbeça agora?

— Nos dê sua gramaticologíria inadequada, ok?

— Passe o peixe pelo amor de Deus!

— O velho Zizek Cabeça Branca tá falâno de novo. Abra o tubo de Eustáquio de Sá! Tende piedad de las promessas do cabaço da branca de nev e dos seth anais! Queridas mumórias perdidas, hasta la vista! Diga ao bundo que vivi verdadeiros mil infernos. Tende piedad, poor favour, sinhá, do pobre O.W. neste esnobissexualismo de profundis que captei. Tenho trítano e nov anus sujos didade, cabelos brancusi, lapsonhos de mumérias, cu nev aetê us cutuvelu, surdo como Mboi. Peço a iwocê, estimada sinhá, pra julgar minha árvore pelos nossos frutos. Eu lhe dei da árvore. Dei duas fungadas no cangote, três comidas. Meuzamigos de fé, meuzimãos camaradas:

meuzamigos do peito que jorra leitemotivos felizes, meus frutos que caem aos meus pés. Tippetend piedad de Hesitantas Crionças Em aflissom in A Child of Our Time!

Esse ezra o Comunicador, um colonel da reserva. Um espírito desencornado,

[535]

chamado Sebastião Salgado, da Rivera in Januero, (ele não tá aqui de todo) pode telefonar rapidament com mensenhagens do meu finado deportado dessa pruma melhor. Vamos reanimá-lo um cadinho e marcarum encontro pruma data futura. Alô, Comudicador! Como vai a bunda? Eternamentincrédulo! Ele não acredita nos nossos psiricologismos da Ausência Real, nem na multiplicação do chope de trigo nem na sirugia de la alma de P. P. Quimby. Ele tem feito algumas piadazindigestas, coitadin, já faz um bom tempo, confuso com suas torrexpressões de blábláblél. Um caminho a trocatrilhar cum ele! Pobre Felix Cul abertin! Toquem os sinos dassuas mentes, seus campanários, (bonze!) na casa velha do meu coração e no meu krumlin e entre a cidade e as serras e nas streamingdades! Barricadas eleutérias! Barrocadas aleatórias! Bam! Eu o deploro tristemente. Meu sofrente! Ó Honey! Laureandando in diereção ao nobel, passando pelo Bronx em Akershus! Y assim gozando de momentos épicos in grossa infinita, num wildelegante traje pro oscar de nossas reflexões formadas, cum tridente de ferro usado como muleta, cuma meia-calça tão apertada na Coxa Real, e seu puerto mugnum, ele iria mezzo-sopranar um apocalypso pela boca. E como ele casaria cum ela cuma pulga atrás da zorêia, seu cachimbumbum divino! (Ele a deixava vermelha fanzendo a Vesta, maizisso nué nada.) Conosco suas nuvinhas e suas névoinhas, mais incensadas e embaçadas por ele e sua fumaça incessante. Maizele mozarterà sua magicaneca de nossa cerveja na flautaverna de vinhos de Oscarshall. *Buen retiro!* A voyce do gogoboyce inda soa como flauta doce e sua boca inda usa aquele batom scarlatti de soldadovo poché inda quias sonhatas pra flauta e cravo bem temperado tenham sal. É por causa desse causo quiele viu o sol nascer quadrado na prisão. Eu sei bem dilso. Daí suas palavras de profundispudoradas. Ogum dia poderei abrir o bico sobre seu segundo patamar. Vá in frent! Vá in frent! Parece quioutra pessoa tá carregando meus fardos. Não posso deixar. Nananinanão, cidadão Kane.

Bem, bom soldado, eu expus tôduo meu passado, eu me lisonjeio, de ambozos lados. Dê-me aetê dois meses de folga na lei da segunda divisão e meu primeiro negócio será proustestar ao Escrivão Barteibly sobre a Coisa de todazas Coesias, ou

no Tribunal de Skivini, com mercadores de tons maizescuros de cinza, antigos e confiáveis, Atrasa Barro Zero à esquerda de Bubel, Jonas el Baleeiro, Código de Processo Penal ou Peppino di Cappri Ereto, meus jurados, se isso não alcoontecer maizuma vez. Orrime-nos! Haroldo dos Cabelos Louros, coração selvagem que estais no Cangacéu Norueguês; Santificaroldo seja el vostro nombre. Venha a noises o vosso heheheino infantil, seja feita a vossa vontade. Não há nada comuma boa farra. O'Shea! E caras cum

[536]

totem de vidro num deveriam lançar pedras ao acaso em casas cum o tabu da felicidad através do espelho no tétum. A casa do elefante é seu honrado castelo. Ainda stout aqui pra lhe dizer, na verdade, que, apesar de todazas persuasões que mandei pra casa do caralho, em rinunciação às pompas dioutros carnavais, cuma cera grudada na mão, eu stout cheio de vontade de me livrar de seuzerros tipográficcionais e em risão daquelazáguas contamimadas do Ovocna qui agüora stão como Mano Browne abraçando Christi Anya, deuspois dozirlandeses, pra me cu verter ao celtanejoss (maizantes devo babetizar meus velhos antepassados por procuração), quando, como Sigismond Stout Forth, com Rabino Robin Wood Stock pros meuzauspícios y o Dotô Rutty comumeu médico party ocular e Lorencz O'Toolo (*Ehren til viktrae!*), quandueu ocidentalizolhar praqueles pobres quiacreditam quio sol é para todos e alumiar suazanglicizadas terras ateu o fim. Um homem deveria pagar e eu pagarei meu preço de troca bastante decente por minha gligli glicose, peeble rude, mesmo que fosse, como é, o legal eric por conduta nada legal (aqui in vestido no vestido eu in vesti meu cheque sem fundo no fundo do bolso) e, na verdade, Comprometo-me a descontinuar tontamente todazas práticas e nego qualquer envolvimento no noigrande roubo *in toto* na condição de mandante integral com toda a serialdade pra ter sido confermentado e confederado e acordado em tempos pré-babelicistas, quando havia botas de caçar rã pros trabalhadores do finneganów trenzinho caipira, como agora me é nuggentilmente atribuído, cum amigo meu, o Sr. Billups, pulleteiro, meu ¼ de irmão, que às vezes se faz de locum pra mim porum money y a quem nomeei como meu constituinte, poizassim senti que devia, em goodboas compras à preço de banana porusocapião duma desbocada escrava que não é isaura, Blanchette Mestre Cervejeira de Cherna Djamja, Blaalandáfrica-via-Brigstow, ou pra vender minha quarta parte nela, quiembora cerveja algo permitido tantum na Deuterogamia quantum em

vários lugares das Escrituras (copyright) e livros exilados (devem ser verbanidos in nomine di Dios), pareceria um corpo sem órgãos eggxcessivamente judiado pros meus sentimentos por dois copos de uísque, uma polaca y uma cracuda ou três pedras em troca da vaca. Tu, Chama da Fricka Kalo, Conjujenxofre do Udin, que reluz apenas nos livrus nupciais, castione-me se por ocaso brinquei de canguru pernetta cum a escrava da sinhá, poizapesar dassua barba ela é feminina y sagrada. Tal causo cabeludo é um babado pra minha história in quadrinhos, Mega Monte de Vênus Menstrual, que sai pela Fanagan's Week DC, pra zurrar de rir no conselho cômuo sábio burro falante da Feira de Donkeybrook. Faltaria fazer a eritmática de Hodder e Cocker. A imperdoável presunção

[537]

de culpa vai dos pés ao cabaço dela, por Juno Moneta! See ela, a irlandeusa Marryonn Teheresiann, foi descartada por consideração à sua pessoa, eu, Ledwidge Salvatorious, num tenhu o menorinteresse cumercial. E see ela ainda estiver maquiando seus contornos achocolatados com talco, falando cu meu própriapo eu, sou fortemente da opinião de que não deveria estar. Improbábel! Eu não dou crédito a uma palavra de alcoosação do tal e da tal sinhazinha transversa. Apenas penas! Nanenittidades! Ou ter isoldado tudo de see pra revender ou emprestar por troca o mesmo LP do super Paul Melkarth, significantando Help!; o melhor do yellow pubmarine de Brixton, sem saídas do caixa: cent por cent no Leilão do Lote 49. Onde uma crueldaddy canibal vale tanto quanto suas vidas desnudas e suazorgias escatológicatólicas que papavamos nozinferrinhos da antiga Catargo. Totalmente impropriábel! Não pro Crusoé velho de guerra ou pra alva alma diouro! Uma crista de galo no pânis, duas gonorréias no pyntchon, ou três pock pock pock batendo cum força na porta dos fundus! Nem por muito pêni ou dinheiro sujo eu dou o cunzie ou a coina de ouro ressoando todozos ecus na Casa da Moedda! Então me dá um dinheiro aí Silvio el Santo. Yeu quero.

Meus arenques! A surdidez disso! Me resta dizer Amean. Suazideias pornográficas, é de choochoorar de hihizomar. Barganha absurda, mãinha, vai ligar. Uma linha com! Uma linha, com com! Cumerá salmão todozosdias como um vivaz guri cheio de borogod'Ó. As duas apanhadoras do campo de centeio, com suas Catherinnettes, Lizzy e Lissy Minha Chopeteira da Rua Matadouro 5, sieu as levasse à lua no alvorecer cum espermum y eu foice o guardião do conventum, eu nun saberia

puxar assunto cum eças jovens queirozentas nos meus caminhos do Haddem ou quaisquer irmãs ou herdeiras deles, reivindicando sobre, através ou sob elas. Sem éça de parquerar tchecas nun concerto da Escola de Viena tocando meu corassom. Eis aqui uma zinha que see assêmenlhava a mim enormalmente. O ômi que checou o mundo cum shanks sem fundo no Clowdado de Carlow. Elié Deucollión. Cadum tem ouvido, absorouvendo sua intessência, mas noix enviamos you cê pra encontrar seu sósia infantil. Deucollión! Odor. O Melodiário de Noitzschecias é um veículo nonsensacionalista sobre imundícias obscenas maizatirou o pound nos goethes de butts da The Guardian pessoal du Rei do Quengaço in Schottenhof, nênão? Noivament Deucollión! Achei muito chic o bê-à-Bozai da muié-gato de Ágotham City! O gago e o diabo! Que brincadeira macbethiana no matinho! Meterei minha cabeça nomeu chapéu branco como garantia do banco pra resgatar o boi no telhado e ficarei onde fiquei em toda a libertária temporada no inferno entre Pelagius e o inocente baixinho

[538]

Roderick O'Corno nozarredores do nosso monólito mais fódão, depois rirei diorelha a orelha y de calças curtas comprarei gibíblis de genebra e, Miltom Manhautton, testificarei minha virtude despida pela inabalável ereção de pedra de nostro primeiro sinthomem desta lituraterre em transa. Devo dizer a suncê que honestamente, em honra dum pervertido Jacquiouves Lacraian, sempre penso numa falhavra digna daquele poeta continental favorito, Daunty, Gouty e Shopkeeper, A. G., a quem a generalidade admira no que é e no que star por vir. Assim cômua política passada me deu passo a passo os passos de como passar a pena eu tive as melhores lições do meu mestre, cômua opinião pública sabe, e iwo cê sabe, trabalhadores do lar, eu honestamente acho, se ieu falhei lamentavelmente por acidentes benévicos ainda que dum lugar de falo mortalment xintoísta, incendiariament recaldado, praguejantement perplexo e guerreantement crimeanoso, eu stout buscando a meliór muert e sendo bem prudent. Disseram-me que possuo minas de fedra ou algo assim no confim da Espanha. Hohohoho! Eu Jah Dirce o Kant me abomimo profundoment (verdade seja dita) e miarrepando do fundo de mi corazón en las trevas de ter ousado roupazíntimas? O maizengraçado é, direi, hoteleiros, que desde que ieu, cavoquei as produndezas dublinonsenses de Áth Cliath pra onirencontrar novamente a Irrlanda, envergonhado em mente, dando três mergulhos com o remo duro, mas sêin uma

mísera botellha pra batalha, avancei o padrão imperial com a arma dura alinhada y instabilici residência, avançando posições e armando a barraca sob a névoa estrelada e acelerei a marcha e manobrei meu regimento de brixtol aqui em thollstall, por estreitezas aritméticas musculinas cum interpolações lineares das ogivas fimininas, em banheiros comunitários entre desconhecidos y inimigos, neste entretrecho, em Puplin City, perto do Fort Dunlop de Vega, in-front-ao-mar, no pantanal sérvio, agora cidade de distâncias magníficas, bem protegida, com taludes e contra-escarpas e estacas de paliçadas, sob victorioso cerco marcial, com o Abade Warren prabençoar, no dia do massacre por menos impostos in Clontarf, no ano que chamei de mirabelicoso, e ultrapassar esse marken (a palavrespada sobre as Leis de onde vim ezra minha e minha ezra a linhagem prursiana de Allbrecht el Urso), sob o ovelhesco patrocínio de nossos bons reis do quengaço, T. R. H. Urbano Primeiro e Charles el Magno Chaplin e Hengry el Amado Batista e Hangry el intervalo de Oitava, aqui nest cantão onde meu mandato e meus trabalhos de domesticação começaram, com os pesados encargos da mulher meu crédito e débito vão pro saco ainda quieu tenha Floki dos Corvos me norueguiando em segurança, a fome com suor inglês e opedemias, os

[539]

vermes-dragões de dois dentes com todozos tipos de serpentes, compolidamente rolou uma guerra de secessão desta liga terrestre de muitas nações e fendas e fígados de bebuns notórios não estão nos nossos registros. Esta sede da nossa cidade de é de todozos modos agradável, confortável e saudável. Se singrares colinas, não starás distante. Se quiseres tomar champanha até cair de buddha na terra, ela abundará de todazas partes. Se desejares água doce, o famoso rio, chamado Ptolomeu de Libnia Labia, correrás corredeiramente. Se tiveres a vista do mar, estarás próximo ao bar. Fique Atenție!

— *Faça em Dromcollogher o que te der na cachola!*

— *Visite Dromcollogher-la-Belle!*

— *Seja ricco ou seja povero primerro façuma excursie rapidă la Drumcollogher!*

— *Vedi Drumcollogher e depoi Muorra.*

— As coisas não são mais as mesmas. Deixe-me examinar brevemente. Pro clam a ção! Pip! Pipi popo! Meu pipi no seu popo, seu popo no meu pipi aeté o cu fazê bico. Aqui em Tyeburn tem forca, murmúrios marcham em massa: onde o ônibus para

eu paro: aqui suncê é expectador, aqui vosmincê relaxa. Vem nimim quieu tô facim, seu gigante adormecido. Estoesto! Estote sunto! Das amarras do que me agarras na altitude aetê a mortificcção quié o meu destino cão. O fim do véio moisés és il início de la nova this ordem jacques o último do seus corpos de bailes será que será o primeiro dos nossos xerifes. Novos patamares para todos! Redu Negru pode ser preto na cidade mas sob os portais de Berlin deixa os policiais de cacetete duro pra descer o pau nas nega dele. Pra nobres e gentios, senhores do cais e galeras das galés, dai leitinho fresco pra molhar o bico da fofoqueira da Hedda Gabler, gangsters e carroceiros condutores cavalgada das valquírias, pilares da sociedade e impiedosos tradutores de Rosmersholm. A urbediêntia dos sindadãos derrama a felixidadesperma da culpa. Nossa bolsa de velórios y política mico-econômica stão numa boa com o bom ladrão Jack Shephard, y nossas vidas stão seguras sob a mão-leve de Jonathan, selvagens e grandes. Tô tão livre! Obrigado, seus besters! Ozatentados têm diminuído. Villãos-lobos tocano blues com el trítono del diablo saíram de moda y também jazz passou a épica de los zero zero seth cabeludos. Cu metedores de sodomia são tão únicos quanto incontros com boxeadoramantes, faltam leprosos, ignerrantes são suspeitos de serem las metades amargas de Esculápio. Que na turva visão do meio-dia Miledy chegue ao siririconhecimento de si mesma. Me I ludd azescondidas nusseu park de divereções a caçar Minuinette. Tudo vale o phênix quânduo o matagalma da perseguida noé piqueno. Blownose aerios nós voamos aetê ustê! Insetos fogosos, quio onicriardor ozabençoe! Cuzões, quando a bosta bate na água a água bate na bunda! Marinheiros, abençoamamos suazempregadas y esposas aqui da terra firme.

[540]

Sete hills tão exploráveis quanto os centripontos que ieu MacCoolonizei, seatenta y seate céus ao ignício de la circunferência são los seus hills de expectativa. O Hill Braid Blackfordrock, o Calton, o Liberton, Craig e Lockhart, A. Costophine, R. Thursitt. O mapa de Nicholas Within foi meu guia ieu levantei uma cúpula num puxadinho do lado Stern de Michan: por torres eiffálicas o meu noigrandioso edifício cruzou o céu por espirais pédefeijoãonianas, rasgando campanários cupolados por nuvens: pr'além disto. Com fineonçamentos et impostos eu venci ati cresci y cum escrupulozassassinios eu cresci maizainda: muradia e estadia eram meus principais meios pro dízimo do Nosso Sin Ô and mio gazofilácio pra recolher y pagar a esmola

und o tributo: ieu jah tava fora casinha da moeda com todosos percussores iorubatucando na minha cabeça aeté quieu stravinscaí no real i embarquei em peso num cruzeiro novo pro eldoradollar: hindu jogar dinheiro sujo de sang no Cassigno do Alemão, hindu aeté a Madame do Pregão penhorar el my amore. Neerlandeses pagaram de jeito os huguenotes em ofensiva contra nós ieu us matei, o papa topa tudo por dinheiro, bartholomew: mil réis (mark!) caíram, e (Luc!) eu catei Daniel na cova dos Léonin. Bulafestianos me invejaram, Corkcuttanianos são graadicidos. Attaboy! Eu desafiei Brien Berueme a daruma coça nos Gengis Kahn Di Navios, todosos Tolkatinenses gritando: Fuga dos Firbolgs! Lusqu'au bout! Sieles hamurabatailleassem olho por olho pra ricouerperar a ilhanda eles perderiam dente por dente da frente: havia folias em ridottos, havia rivalidades em redutos: Expulsei o Duke Wellington Zé pra antartidar um sacode no Henry Shackleton: Walhalloo, Walhalloo, Walhalloo, chora na cama quié lugar quent! Sob a lei marshiall e de bobeira por Varsóvia eu suportei aeté anos de chumbo no plumbum, ping on pang, me aliviou. Chegei a Praga depois da farra na Acrópole e bem Thorp no bole-bole fui à falência in Zurique. Eu fui de Boa Vista à Alphavella maizeu curti Rathgar nozarredores de Rathmines Gerais: lavei a bunda com baden-baden no abrigo pra mendigo y me corocurei na revolta da vacina. Quem phode contar nesse conto de phodas sobre aquela a quem saciei a pererê ad libitum na planície da luta almada de Salisbury? Com três enxeridos de butuca e duas e twas! Pra bela monstruada eu tirei seus absorvetes noturnos, pra fera adormecida eu me vesti de Dalí Bach Bach e seus ladrões quarentões. Ao redor do almiscarado se movia um murmúrio, mas mulas sem cabaço gemiam e damas de compainha zumbiam: melodias de Irmã Tenducci flautuavam como água dividida pra ^{cima} dozocidentais enquanto nos desfiladeiros do lest insurgia o conflito de ourangoontongues. Tudo na minha Escuterra noital de Sackville muitas vezes era medo profundo de dar o Buddha maiza mansidão do meu burgo Belváros ezra o canto perfeito pruma dormidinha: tuberclerosos quieu

[541]

colhia abuddhantemente da roça de batata do patati patatá arada pelo boitatá cum ajuda do insone do Hawkin e amoras das pletoras do enchopado irlandês. Ouvi minhas liberterras pela voz de libertérrios fugindo The Coombe dos Curraghs Eleitorais y das Catacumbas, meus jerusalentos wellingtocados num belo blues diante do Muro das Latentações: represei a chuva no meu ofurô do Aquífero Guattari e a transmiti com

vivas e sistemas de irrigassom, rugindo sons poderosos, através de minhas longas tubulações de olmo: sem morrer de amores pelas zonas suburbanas ieu as realoquei y transportei nos meus vagões da Cidade Baixa aos meuzotéis em Kemmendine: fiz brotar esfonteneamente das torneiras de Chopin de Philuppe Sobriedade que stão fechadas pra evitar embriaguez ao meio-dia: quandueles desmamaram daquela bebida eu fizuma infusão maizinfundida: semeadores das vinhas da ira, obebedeçam a mim! Quando yousted mimagina com un coup de café dés coffeainado é bom abrir ozóios pra mi servirum moca em Meca ou na Mooca, assim como youcê paga no ponto de taxi lunar pra pô os pingos nos is y pápôpó no chá de cosmococa. Portanto óia alá o que iwocê vai fazê! Pois, enquantueu via de ^{cima} a estreita entrada pros primeiros de Janus, eu vi lá ^{embaixo} azúltimas pegadas do Papão Noel: síndico mandando in tutto y nas taxas, eu pra indigente und intendente: no Fórum Foster eu demostenestrei que não soul un emenigo do povo, meuzalunamigos da onça sentiram que meu latido não era pior do que a mordida deles: Supphragista e Consciência tavam indecisamente ligadas a mim maizas mãães mártires y as antiparnellitas tias do zap fakeavam minhas palavras transbordantes tal passarinhas com esponjinhas pra botar fogo no moiádo e mostrar o bombom pro circo pegar fogo: Fletcher-Flemming, elisaboth, quão interjeitadamente elas me winterrogavam, o tal eldourado delas, eu inesitantemente repliquei: de mesdamentos a sinhôs patrocinadores: e quem diabos disse, não deixe o páussaro de fougo vouar aetê ver o braunco dozoulhos dous pedeurastas! O Sr. Respondão: Jovens Brigham, brinquem jovens, brinquem jovens!: no meu santuário de Solymão eu venereeí suas gordelícias i virei a chave mais insultantemente em ^{cima} do ferrolho das lucrécias raptadas: dei pacotes de biscoitos aos ejacóladores e ensopados aos esaúridos; entreguei-os por nova deli'very a partir da sua freakbricação com repetidos excrementos das minhas pequenazinstalações mensalistas enquanto dia a dia eu contababelizo a farinha em tibetanatitude Slataperescrevendo in mia lousa no meu dialetter híndi há anos: eu passeava no meu jingle bello ônibusoni arrebatado em colares e faixas, y eu mendigaguejava in emboscadas no melhor estilo seu barriga mendigando o aluguel. Na humanidade do meu coração eu enviei lactantetudas cum leitemotiv fresquinho pra revigorar

[542]

us pião cansadu du bailão y intão, dobrando a policedez megalopolitana, minha mais mais maior noigrandeza dessas caridades, deusvalorizei os sujeitos vis pra mutilar o

seu homem inferior: fazendo das cricketripas coração pra chegar na posição do quadradinho de oito, rompi limites até Botany Bay e corri pra pontuar de quatro enquanto os lanques verbivocontra-atacavam o Império com ▼|▼▲▼▲|▲: tenho recolhido cartas ameaçadoras e petições amplamentiassinadas com múltiplos peidãos de cerâmica sobre minha monumentalidade com uma espécie de bólido e minha flor do lácio tem incantado os mais barangos dos cherobys pra que todos eles estejam me chamando pra cantar a dama-da-noietzsche: quanto mais secretamente bi construído, mais abertamente palastrado. Atento! Senta no sol-fá y ouça! Eu armei minha barraca com ajuda do Satierik Bindervoet no meio do nonada fazendum beckett num dia ensonharado y ao amanhecer o João Queijo tava no telhado com cogumelos. Descansa e pensa, com licença, agradeças. Eu considerei catar os lírios do vale e pra Balkis inventei de mostrar minha glória debaixo das calças. E isto. Esta sinhazinha, minhas fiínnhas et este homenzinho, meu fiínho, do meu feudo da vila Ostmanorum ao centro vikingomercial Thor Stein, indo *recto* ao boteco pra Thomas umas com os Manno, e de Huggin Please até a casa de William Inglis, aquele homem de Loundres, em toda a sua baronia de Saltus de Pirapora, favelados y burgueses, hilotas i zelotas, surubentos amostrados e pavões misteriosos seachando o ovo que o urubu botô, o ribeirinho D'arcy, o Drury Jones bem duro, damas de vermelho e as da boate azul, em homenagem a todos e felonia, todos que receberam ingresso, casa superlotada, arrumadinha pero com pouquíssimos móveis, respeitável, a família inteira assiste à missa diária e tá morta de fome de pão com manteiga, por vezes na milícia, mentalmente sobrecarregado pela leitura de trabalhos sobre física alemã, divide a privada nada privada com outrozoito moradores, mais do que respeitável, recebendo assistência paroquial confortável, assalariado quiacabou de sair bê-à-barbeado da prisão, altamente respeitável, planejanduma nova saidinha no ciclo finicial de Mountgomery, o filho mais velho não servirá maizexaminará os restos do Noigrande-homem-lá-no-céu, anoopanadoon é um caminho cem voltas, quasi uma fantasia respeitável, paga o trapeiro em ossos de sepia por cortinas desbotadas, escada continuamente iluminada com hóspedes, particularmente respeitáveis, casa desaparecida na sujeira e bloqueada com lixo, coum puxadinho usado pra destilaria Roe's Aguardente, esposa desmazelada mui ativa com a pirocoqueteleira, trabaiano no negócio dele, ténhum décimo bebê ilegítimum na barrica, parcialmente respeitável, seguindo cursos por correspondência, trabalho jongado fora, ambazas

[543]

bochechas beijadas atracantemente pelo falecido marquês da Zetlândia, dividindum penico profusamente recheado por outros onze subscritores, outrora respeitável, corredor aberto com cheiro forte de pratos do Báltico, perturbânduos vizinhos ao batucar a cabeça da muié contra a parede, capela privada na rotatória, uma mudança a cada quatro dias, caso unilateral de desespero doidão, mais respeitável, excrementos noturnos têm que ser removidos por meio do ronco doméstico, excêntrico oficial da marinha não mui estável desfruta sem'analmente do zelador da igreja e ri enquanto lê imagens estrangeiras nos troncos diárvore em frente à porta, conhecido como el golpe tá aí cai quem qué, viúva reumática e cadeiruda, hassombrada, condenada y execrada, de respeitabilidade duvidosa, ferramentas caras pra caralho no penhor ou sem seguro, filantropo reformado que sempre que dá tira vantagem das poetinhas de rua pressionando-as contra minas de carvão::capim dilapidadas, estudante sério está comendo seuzúltimos jantares, andança perigosa pra clérigos idosos desacompanhados, completamente respeitável, muitos livros piedosos sem cortes em evidência, torneira diágua mais próxima a duzentos metros didistância, gralhas e groselhas engarrafadas frequentemente na mesa, o homem não tira botas há doze meses, crionça aprendendo a tocar piano preparado, aparentemente respeitável, às vezes ouve diuma conexão nobre, um pé de pó entre o corrimão e a parede rachada, esposa limpa bancos, eminentemente respeitável, afastado do trampo e vagabundo regular, deveria ser operado jacques ela consentiria, deplorável aluguel no telhado, adega de vinho tinto coberta de teias diaranha dêsdio pontificado de Leão, usa calças broca-de-sino e coleciona budas raros, menores didade exceshivamente melosos e verminosos têm que ser isolados, sonambudismo com cacasos febris porum real y três centavos, dono de dois terraços (um brisando de costas pr'outro), respeitável em todosos sentidos, imbecil inofensivo supostamente espírito de porco, uma salsicha todo domingo, tênhuma equipe de oito empregados, perspectiva prejudicada por vagabundos que usam a viela, filhos bons de cama saem com as irmãs imediatamente apóizo anoitecer, nunca viu o mar, viaja sempre com seus onze baús de roupoesia, gato mais faminto que a baleia abandonado em desgosto, a rosa é uma rosa é uma rosa da respeitabilidade, descansando apóizo serviço colonial, trabalha no chão da fábrica, o desespero dissuas muitas benfeitoras, calorias ganhas exclusivamente por chupar sorvete e moiá biscoito, uma barra de

sabonete dos Blooms dura janeiro inteirinho e metade de fevereiro, os V. de V (dieta animal) vivem em

[544]

casas geminadas de V andares mas raramente pagam locadores, são um porto seguro pra amigos em fuga, compartilham o mesmo banheiro com quatorze chalés semelhantes e cuma casa de pensão de má fama, mais respeitável do que algumas, pensionato de viúvas que dão chá à vontade mas quié mantido como balcão de negócios, chapéu de seda herdado do sogrão, chefe da economia doméstica nunca mencionado, mui estraño como eles vivem, com fama de obter, últimos quatro ocupantes realizados, companhia mental apenas com companheiros, respeitabilidade visada sem sucesso, bueiros abundantes emitindo ratos, decoração do chefe de Uganda guardada num caixão de marfim lacrado, avó tem ambliopia alcoólica avançada, el terror das passeatas londrinas dos Cidoidões de Bem, e respeitada e respeitável, tão respeitável quanto respeitável pode respeitavelmente ser, embora sua orável missão se relacionasse aos herrores cesaristas esperados por mim, todos, Vem pra Rua, eles estão no meu cabresto, cum papo pra boitatá dormir de que num é só pelos 20 centavos eu os controlei. Porisso eu desejo e firmemente ordeno, messianicamente desejo e firmemente ordeno, sob minha palavra real e faço com quio grande selo de trouxa agora seja afixado nassua testa, pra que dêsdio mais distante dos mais distantes de seus pais aetê os filhos dos filhos disseus filhos eles o habitem e o mantenham sem impedimentos pra mim e pros meuzerdeiros, firme e silenciosamente, ampla e honestamente, e com todazas liberdades e costumes livres quiozomens de Tolbris, uma cidade de Tolbris, têm em Tolbris, no condado da sua cidade e por toda a minha terra. Pega aqui minha fakenews, meu esfakeamento e meu ópio do povo. Taxa pra fazenda. Rex Enrico nos earwicolapse.

Lutando por muito tempo consegui o libramento, de milhões e milhões de manicipalles de mileto. Eis, dei um lance de olhos pras minhas pompoarismollières esvaziando a bexiga e meus tocadores de tambor contaram histórias fakextraordiárias sobre mim na terra: nos camões matutinos eu espero deitado caminha parca esperança, nos porões mahlerianos da noite eu miro meu chantageador com olhos de ressaca: no trono do meu todo-musicoso eu parsifalava com parcimônia do meu causo pero guerreandando por ruas escuras eu debelei soberbo: julguei as bundas das meliantes sob as saias dos meus tribunais recursais e juízes enfiando o π na jaca y

dandum π na bunda da minha coisia julgada: no Guy eles foram amarrados, pela Foulke News eles foram esquartejados, a caça porum Gomez, a lei porum linchamento: sieu foice magnônimo como legisladô eu revolucanizaria por minhas erucções: tinhuuma semente no meio do caminho and no meio do caminho tinhuuma semente ieu a espalhei em, nos meus campos gerais a recolhi em: no Círculo de Sheridan meu júizo repousa, nas covas sombrias do importunado L'enfant elié descartado. (Corações de Carvalho, que suncês possam seenraizar em rizomas!

[545]

Recabitas são obstêmios! Sudário enlameado, só o cheiro da mortalha e pinho sol, não acordem, não andem! Suspire lento, Morgue!) *Quo warranto* tem grande party dos meus Sullivans vagando ao Léo y lo poderoso senhor V. rei do pyntchon gandhi respeita meu nomen y me deu o sobrenomen (saussurre-o!) de segundo violinista do é o tchan. Estas são minhas armas gentílicas. No alto, um duo de jovens peixotas cheirando a leite, estreladas, xixistasas, do jeitinho que vieram ao mundo, karatchecas faixa-preta, com fios-dentais angênteos. Pro chefe um coleóptero, pingente, nas partes baixas, brasão sinistro, no cu, o próprio. No campo inferior um terceto de lanceiros, sacudindo flechas desembainhadas, seus braços cruzados nas cruzadas, emboscados, no cerco de Sinope. Lema, em letras portentosas: *Hery Crass Evohodie*. Seria inoperrante, retroceder da ária atual pra outra ária jazz conquistada, pra indagar sieu, totem rechaçado pelo tabu social, sou a geração forçada do casamento em grupo, holocriptogamia, dos meus essênios, ou carregado de nuvem da terra dos gafanhotos, ave engaiolada em galés diouro, euzinho, encolhido aetê ser o produto de massa do trabalho in equipe, três sobretudos emaranhados, duazanáguas gêmeas viviam comuma só, triplicatordoados em tríade ou dublincados bicordemente, pois peladão como adão seja abraão ou como o heroi Rob el Roy dos fainéants, da Sereia de Fiji que num passa duma cabeça de macaco enxertada num peixão, cercado pela obscuridade, pela minha virtude criadora e pela bênção da promessa, pelo meu direito de homem inatamente livre como foi publicado no jornal e pela luz da minhhoutra igrejafoxé, de tal e qual maneira que me convenha, celtamente eu pretendo e reclamo optar pelo simultâneo. Aetê quios raios deleuzes do dia se rompam y las suembras do show irrompam como linhas de fuga. Assim seja. Vertadièrament! Vertadièrament! Tempo, espaço!

— Qualé o seu numb? Bun!

— Quenhé que te deu esse numb? Poo!

— Ancê colocou todosos pennies nusseu cofrinho? Stout ouvindo. Trees!

— Tome muito cu dado ao depositar pennies nassua anti-edipoupança! Fore!

— Sinhô Televox, Sinhá Teleufônica e amigos invisíveis! Eu posso-posso y quero-quero falar. A parte que não me toca disso tutto, é quia fiel Fúlvia, seguînduas sofrências deste mundo nos compassos da Escola de Viena, tinha virado as costas prusseus caminhos pra subir morros em busca de amores, sinthomens da cor do pecado da Earalenda, Chefe North Paw pra Toda Obra e Chefe da Vai-Vai em Black Water e Chefe Mano Brown Pool e Chefe Nuvem Negra nas Profundezas, ou então Flúvia, âmbar que só ela, quebrando sua cama com o crookcrook da plantação de mandioca tal camus foi sugerido poralguns cabras safados

[546]

de Moabit que phoderiam terabusado dela, os maníacos del park, pode se tirar certa vantagem ao perguntar em qual beco duzinfernu ozabusadores dela pecaram. Mas saiba que foi diferente pra dedéu o quiêu ouvi da minha boazuda mumãe-esposa, como eu, afirmo do fundo do mio coração eternamente honrado, pois Fúlvia Flúvia, muié cu u burru na sombra que nasceu cu u cu virado pra lua, sempre caminhou et cantou ati seguiu a canção coisando pelas coisas justas, não é à toa que admiro, as cousas tidas como causas perdidas. Mesmo assim, investi meu amor nela: e estragozei tudo no carnaval de Ondina. Y ela chorou: Ó meus senhores!

— Até nozencontrarmos!

— Antes de nos separarmos!

— Tutálokocachoeira!

— Só daqui a uns cem ânus de só dedão!

— Maizeu fui bem firme cum ela. Y tomei as rédeas dos meus prazeres, meu ciúme, boca sob máscara, olhosdesconfiados, orelhatrasdaporta, metenduorariz, e jangadei uma cum ela ribeirando-a e deixei-a segurar no meu leme y cu mandar o ritmo até fio-terra à vista, piraceamando de leixlip num looping-pong até o liffey, maré baixa, como um prefeito deveria, choramingando pelo porto de Kevin e Hurdlesford e Gardiner's Mall, longo passeio na terceira margem do rio, grande aterro, até Ringsend Floodida e embarcar na Balsa-Nova, ondiela começou a cambalear um pouco, meu dardo pra lançar: e lá, à beira da onda, na costa sul, mastro arriba, grandalhão tal cow

Cú Chulainn, tal quai Ajax Lacan, eu levantei minha varinha de condão, o tridente gerou um monte de tritão, virola, y eu ordenei àqueles mares polirritmicaudalosos que see recalcassem de nós (pra trás, tu es um marmar gaguejante!) y eu abreviei naquela égua cum fina destreza nordicavaleiresca aetê quieu tivesse acabado cum a raça dela, mi noiva tá sem nordicalcinha, y a conheci karnalmente quando com toda a minha pornografia eu dei um trato na nau dela, mim tá coisando cum a noivinha: Céu, ele trobeijou, Dias bons D+, ele lançou felicidadesperma pra ela. E sobre ela pulei com minhazalegrias de dez palmos à mostra, arqueada e corcuvada, da margem que me chamamava ao eco da outra margem, à força do arco-iris da gravidade (Galata! Galata!) nóises ézramos mui fuertes quando unidos, correnteza maiúsculina invadindo pirorocamente o golfo pélvico: e pra anelá-la eu a irlandedei com meu fura-bolo fecal de Erin e deixei minha marca registrarada insua longa vida de minina no plural e no singular, ko árapoje, kuehontem, ko'ërõmañana, e pela eternidade: baixe seu pico, iwo cê! you cê, desce sua bandeira!: (que berradeira no embarque! que baixaria do

[547]

Istamboeuf sur le Toit!): da Livlândia, um viva aos vívios, da Letônia, a musicaveira de charles vives! Com Impressões das Asias y a Rainha de la Colúmbia prassuas paraninfadas madrinhas and las areias cantantes em síntese granular pra música dissuas núpcias: afogar o ganso nos untou, canzones canailles und eu a levantei pra ver a flor y la vergogne dela: i eu coloquei uma coleira cum identificação et um cinto de castidad atados in volta dela pra acompanhá-la aetê seu túmulo, minha querida Durdin, Appia Lippia Pluviabilla, en comte eu for o auguste dono da vida dela y eu sou: acorrentei sua purezia pra proteje-la de impuros proso-poeticanalhas, e dei uma de mário atrás do armário nusseu quarto pra punir veloses&furiosos in busca di espanhola: yeu ezra seu hômi, seu comedô, seu everest, ela ezra minha annie, minha lady laura, minha piriquita mijada: quênhé rompeu seus laços sinão minhas proezas? quênhé expôszou esse paraíso perdido a pirogas atraídas pelo atracadouro anão ser yeu, filho da porter?: nazumildes capelas do Trinity tiveram um meeting cum minha dama, meeteram a pica na porca pra mim: quando eu quis entrar no simbá cum minha comessão de frente, sieu abandonasse o comichão da minha perdição: sieu naum tivesse trabaiado de catá caca de gato limpano cocô de vira-lattes y sieu naum tivesse dado o meu cusaco, alvo de constantinobles: e, fortalecido pelo meu direito como homem de capitol, eu a engambeleí, minha vinagretchem vermincelly, com toda a

bondade amorosa quium homim poder ter et a emachupei das liberdades marginais: e eu dei até o peru entre minhas coxas pra minha jovem flor-de-liszt além de acessórios macios e brinquedinhos (catálogo, *passim*) e meias-calças de linhas flexíveis à prova de escadas (veja artigos de fiandeira), penteados coquetes (veja chapéus de Agnes) e bijuterias de mucho bom gostcho de trançados de azeviche e imitando vitórias-régias prateadas e bugigongos de minhas lindas noividades e vestidos finos e svoaçantes de samambaiazavermelhadas e valorososlouros, transeparências cômuas usadas por mollières nuas em pelo como vacas e peles hipongamente peludas, o pico de Pirn e Slyne e Sparrow, pairam sob o dia luminescente luxuriosozolhares, *La Primamère*, *Pyrrha Pyrrhine*, *Or de Reinebeau*, *Sourire d'Hiver* y uma crinolina, um extenso condado, e sapatão prusseus pézinhos que sabem quiela se phode cum as torturas das botas i correntes de oração cum terço infantil y um esmalte mercúrio à base de caco pra vitral, pra toda delicadeza por mim e pela hora do chá, a hora de tomá chácháchá na Cuba: e enrolei em volta do meu pescoço de cisne um colar de conchas de mexilhões marinhos pra chacoalhar suas câ sons do mar en seus silêncios: e, elevando-a na conta do rei, seu canto do cisne negro desmiolado, quiembora demasiado amargo, condecerei seu bico com a ordem de

[548]

Dannebrog (Cummigs is um noigrandes rei! Soll leve! Soll leve!): cum a fia duma égua da mamãe gansa pegando na tocha pro Leonard dar 20 e na Dunphy e Madonna pegânduo Lampião diante de quintacasas e deixando Maria Bunita de vela na ponta da lança numa cantiga de novaiorquinta e kahndelabros com sebo de carneiro memergulhados em buracos negros, us bebuns de fogo e suas bandeirolas içadas: poizos dias não tinham noite poizas noites eram dias y nosso povo tinha descanso dos Paganinis Negros and dos pagãos do príncipe da paz: o que ezra terra em transe deixou de tremer mais que vara Verdi, o que ezram gélicos corpos sem órgão se remelexiam und viviam: foi o septuor, depravado demogorgon desfalecido doente desolado desvairado desesperado, não mais os lunáticos dodecatônicos, sangrentos sombrios hediondos assustadores furiosos alarmantes terríveis lúgubres pesarosos temíveis apavorantes: paz, paz perfeita: e pendurei no Noital mias lunas minguentes, com ajudada do vikingaceiro Ketil Nariz de Flauta, poiza vingança é um platô Kersse come frio, *coloumba mea*, *frimosa mea*, na plantação de alcatrão do Morro dos Ventos

Uivantes e nos salões de mármore de Elgin que lampejam molemente de bloco a bloco, através de tóduo ampério revoltado de Liviânia, dos ânodos aos cátodos e dos topazolitos de Mourne, Wicklowngaço, pela eletricultante atração da safira de Arklow e pelas luzes de poste e poste indo de Wexford Ka até os pôlderes de Hy Kinsella: se suncê num avistô minhas pérolas alumiadas ascenda o farol, a coroa da minha municipalidade estuarina?: três estuários do mar eu varri com correntes de ar e todos os vazios eu engarrafei em Porto de Galindos: quando meti Jack Loucão e Maturin no yellow submarine eu Ezra o bicho-papão dos bad boys pero foi quando fui pra sankt petersburgt quieles perguntaram ao meu diabo suas questões pactuais: o que um cesar pode podar no velho mundo pode um deusmatador desmatar: na ilha do Breasil a minha ancestralidade originária pereceu e com tristeza peguei meu torto arado, sentindo pena do meu eu esfacelado: onde o audaz O'Connell se casa em Alta Mahar, o bronze se espalhando lado a lado com o calor prateado, eu me sentei e me acomodei com um pequeno grilo no tum tum do meu coração: seus intelectos eu encantei com pensamentos úteis vindos das ruas, ao vencedor as potatums tiradas a machadadas pela plena paz de Amiens: minha Gibíblia de Bedell mostrou seus triunfos de astuciosas pompas, o fódão Adão, queimamado poreresia, Coinn e Orwell cum a batata assano, Sire Noeh Guinnass, exposante de sua barça e Lorde Joe Starr pra corcoviajar no corpo do camelo: parafusei o Imperador com nove pinos gaélicos porapênis

[549]

six pênis pra fazeruma gambiarra nele: meus dignitários foram bijados e trijados de Josué a Godofredo maizo meu *processus prophetarum* eles teriam aplaudido por perpetuação. Moral: livro pra ter celteza, veja a imprensa.

- Ele noé de todo buddhudo e barrigudo.
- Mas seus membros dão de comer a ele.
- Grão Stephen pro colégio verde.
- O S. S. Paudraic stá no porto.

— E deuspois deussas cousas, eu a alimentei, minha véia Frida Carlow, minha béarla leinsteriana, cum especiarias prusseu bafo de esgoto, itálicos da nodosa cabeça gárlica e o rico pedaço de medulóssea e dantes dialho e salsichão apimentado e chucrute e Picadilly de carne, buchada de body prime e sutilezas em gelatina, venha pra festa de São Pâncreas, e nutrientes de confeitaria pro pudim de Pauscoa e

Pintocostes, pão e nutella e potes de karn do hellstarante comunitário, e as drogas de Kofeeka e Jalapenho e chalotas de baixo Ascalão, envenenalimentando-a com comidas convenientes a ela, pra mandala à seth palmos da terra: e pro meu mongolóide cheiradô de pó de açafrão, ô dó ente imarginário, dei pó de Bjørvika e óleos de Uliv, unguentos de cuticura, pro baço rosto esquizoanalista dela, com cera kant e esfoliant de virilha y um pent pra desembaraçar a cabeleira do seu rabo de cavala, barrento mas penteável, uma vassoura de piaçava pra tirar o pó do seu popô, e musgo e lobeira pra proteger suas árias maizúmidas (eficiências do balacobaco!): e, minha pirikitinha lambuzada, quando semanas de carinhos cibilizados, nus nossos salões esquiriais, cum espelhos no tétum und janelas de Finglas, canhoneiras drapeadas and bibliotoltecas douradas, eu fiz as regras dos jogos pra cavalgar a égua faceira antes quias regras dela desçam camuas águas de março, peca-peca, os cantares do pica-pound no karaokê, passa o anel pro padre, o zurro, o burrinho pedrês, rodar a bachiana y é-pau-é-pedra-babel-tesoura: tínhamos nossos libidnosos pretéritos perfeitos e libidnossas perfeitas proprietárias de lattesfúndios em Kioto nozencarando e sorrindo diorelha a orelha de suas emolduradas carrancas, óleo sobre tesla pra coabitação e todos apontando cá Mão: Tamerlão o Cussacke, Dirk Van Hulle de Wittington, Pieter Stuyvesant, O’Niell el MacCrooltextual, Sinhá Groselha, Sinhá Reyson da Figueira, Sinhá Data Folha e Sinhá Mikhupukuq Quéchua: nele temos fé, lava-pés e doutrinador de seitas, aplicam-se ao supervisor, Amós Oz 5:6: ela teve tempo ficar molhadinha pra exhibir sua graça em Alhambra e condansar o danúbiazul em rodas de capoeira enquanto eu, cambaleando e atordado pelo humpty damptyco-tyco no fubá do entrelaçamento atrativo das nossas massas,

[550]

caí newtoniamente fora do meu lastro: nonosso palástio de windsthor ela vampirava pelos miseráveis, nós lubrificávamos de joelhos pra Sur Gudd orando por sono e fantasmas: ela aquecia seus pés batendo pénheta no meu cetro de Wigan enquanto Skald’ava suas mermórias nas Sagas do meu Snorri Sturluson: ela pavoneava dominadora na sala do trono, segurando o sorvete nas janelas do quarto todos a admiravam de camisola: na Rua Rideau mora Duanna, you cê sabe bem o que vê: pela abuddhância do nosso pantocriador eu a orfetaria de Biquini Cavadão ao deuses: em chapeuzinho vermelho e cinderélicalcinha amarelada e João grilo e maria chiquinha e bisa bia bisa bel de chapeuzinho amarelo no matinho: eu dei uma de

menino maluquinho cum paunela na cabaça nos campos d'amour e bem-te-vi fazendo xixiste à vontade no mato: eu sonhei contigo e foi mui mais melhor do que quando mimasturbei: eu zelei por ti nozesconderijos em que molières alegres acendem o farol do amor ascendendo pirocapitalistas selvagens: *pelves ad hombres sumus*: yeu disse à prostituta indolente; deixe-me ser seu papá pra te papar; e aos ladrões e às amantes, meus colegas de un coup de dés y de cruz; Chau, Camerade!: evangelho de boas novas, onipresente cômua palavra do Curador, pros perdidos, bandidos e quem quer que cerveja: que, em regimentação por meio de doações liberais em coordenação pra organização de sua instalação e augumentação maizalguma anexação e amplificação sem precipitação em direção à culminação na latificação do que antes era sua total privação, competência, alegria, utilidade e merecimento, serão, no segundo adão, todos vivificados: meus rebocadores navegaram a reboque descendo pelo grande canal, meus barqueiros atracaram ao longo do Regalia Water. Y eu construí em *Urbs in Rure*, por mio amore, minhas ziráldicas sobancelhas, sob o astrolóbio do meu upservatório, uma privada ecocológica com ejeter de bosta onde dá pra cagá agachado na maior cuveniência dassuas necessidades sabáticas, quando a récita privada do cu deve ser abafada: não festejava eu cum o capelo meus universírios, totalmente racionais e ingualmente divinos, sofista contra surfista, todos vivendo cum bolsa de estudo?: num tava eu rosetarado in duas stellas do pequeno egito? não tinha eu leitores talhados na rocha, hieroglifofinhos, gregos e democríticos?: triacastelado, bimetalizado: e por meus seth mundamentos cambiantes de Hibernska Ulitzas não me fiz passar por doze Agulhas Negras e Newgade e Vicus Veneris por coincidêndia dos opostolhos?: o andar dos meus camelos, kolossa kolossa! no porte sublime perigrinando em ganges por meus Ghats de Benares: Oi, muitos se candidataram pero poucos dos meus foram scolhidos (Eleitor, eleitor, prematuro eleitor,

[551]

ele nunca foi muito frequente pro velho Sarum): os quatro terminais das minhas secessões eleitorahs eram, Rilke Grande do Nort, Hill Gandhi do Soul Oéstino, Dubliwickweck, o Milfiland. Y eu criei geministérios, o pró e o contra, minhas nordicatedrais de madeira amavelmente construidas com cascas de árvore e afetuosa lama de enchente, agora todas de tijolos soltos e pedras de sapato, livremente cimentadas, com arcos pra refúgio de pactuantes e pecadores: descida de cima sobre nós, Hagiasofia da Austrália, nossazorações na tua nave e abside, nossos aeones de

tom aeone ressoam na tua inabalável abóbada; Rádio Hams, circuite! Shemitas, ricouerdar é viver!: chifrudos, silêncio! No bar do Barkey! nas redondezas num é sagrado!: puxei todazas putas indolentes, empurrei todosos gnomos do anel dos nibelungos, vai-vai: Cassels, Redmond, Gandon, Deane, Shepperd, Smyth, Neville, Heaton, Stoney, Foley, Farrell, Vnost com Thorneycroft e Hogan também: espíritos me sirvam! gobelins me vã guardem!: protejam minhas tribos (Ó tribos! Ó gentes!), mantenham minha fortaleza, a paz dos meus quatro grandes caminhos: malandros infernais pro Exército da Salvação, arcanos celestiais pra cantar Valhalla-lá-ô ô ô mas que calor-ô ô ô em Swedenburgo! Segui meus sete ventos aetê o labirinto dela e cada vento tinha o diabo na rua no meio do redemoinho y todozesses redemoinhos sinalizados com a tempestade, marilynmonroerguendo a saia dela, tirânduo chapéu dele e desmanchando tudo quié sólido no ar através do jardim de Niblo: e foi porisso que Blabus tava demolindo seu muro e pulândua cerca das susannas dassua vizinhança: e in terceiro lugar, pela eternidadewig, reformei e restaurei por minha beaultifoulciosa porquinha de geolhos, minha bucetapioca cum letter condensado, minha recatada ruiva, seu peitit palais da mort chegando ao ápice de Moscourgasmo no blém-blom do sino da missa, cum seis badaladas blém-blém dadas, missionários católicurumins y moçosmanos pra comandar a fé: doom odimdim adoom aládimadim: and o oráculo dos louvores pra mexericantar a glória: und uma pia batismal pra apagar seu fogo do inferno e arcanjanelas neogóticas prassua casa de Uriel: sin ô tende π idade di noix, cristovão tezza tende dó-ré-misericórdia di noises: sackbuts aos doze tons de dodecatonico&ticoco, oguns bartókando tarantellas cum o órgão: y ela desceu cum a banda aetê o show, alí bach bach tocou xibom bombom e la arte da fuga pra 40 ladrões, sobre la pedra dualtar. Que todos tenham leitmotivos honrosos!

— Saravá!

— Saravá!

— Saravá!

— Saravá!

— E tomandum chopin noturno, nevascarlosgomes, demônios da garoa ou granizo de bênçãos, onde congelava em cálice ou nadava na sacristia, com o livro

[552]

o avesso da pele prepucial e a vara do presidente pornô, veios da minha página virgem, inspirado nusseu helles castigador eterno eu ministrei o seminário dos ratos

pra ensinar minha ratinha ana a se comportar com uma camela alphabeatizada, dêsdio baobá a-é-i-ó-u aeté os vê-xis-zêspinhos do alpha-abeto, rumando cum milton rattan attér chegar a dundrum; ooah, oyir, oyir, oyir: y eu me jorrei diante da minha Livvy, ôndia rua dos Lordes têm descansos e as ladies se demoram e a Travessa Cammomile atravessa o Morro Primrose e a Esquina Coney faz fronteira cum a Ilha Mulberry pero já num é de hoje quium sangue boum ou sanguinário ou sangrento já num dá o ar da desgraça, quando toda a maldição de Acre já tava enterrada a sangue frio, minhas matanças selvagens no gramado de Letchworth, meus parques acarpetados da Cidade Jardim, com pirâmides de chope cleóporter i mousselines y o woolfarol de alexandria et colossus and dujardins suspensos pras juras de humor de Semíramis und esplanadas dos ministérios e estatutetas e templopozões, o Pardo Parnell de Maynooth, Fra Teobaldo, Nielsen Ned, raridad admirável, Jean de Porteleau, O'Connel el Bárbaro, Guglielmus Caulis e o ridículo iligioso Agente da Passiva (glorietta inexecelsorável!): pros dias D aburrecimento e pros D loucuras até quios anniums completos de los calendários, gregorromaios & julieanos tenham o prazer de andar como krzysztof cigano: e plantei pra minha fogosa namorada lisboana um vinhedo e o cerquei com Hortaliças Chesterfield Enormes e lúpulos Kentish e malteadores de cevada e silos de grãos e vilas verdejantes e pampas animados e (N.I.) inglesias dos necessitates e reservatórios pra aguardante: um vale diespinhos, uma feira hippie in furry glen, o alphavalhalla, a caça ao veado assassino, o Howe da Finmark, contra o monte da cunilalíngua e o morro dos prazeres venduma obcena mágica no muro das lameteções (rimrim! rimrim!) que dá pro jardim fênix duma Rainha: e (silêncio! silêncio!) eu fizum drink pra minha plurabella alpina, uma crent do cu quent y cabeludo, (um goró proibido!) minha grand linda Villa Velha Dublin, o libertador, o espumoso, o levanta defunto, deb, deb, debussyx on the beach, pra furar o baço do bucho dela: y me deitei sob o casco dos cavalos pra impressionar Eblana seguînduos caminhos de Richard Fagner nazestradas da minha educação pela pedra, meus ciclos de nort a sul, Eastmoreland y Westlandmore, correndo pelo boulevard e desfilando em Sydney de Magal, (punheteiros, oslo'nanistas! noivos, avancem o sin anal!): onde, no mantra dos sinthomens de verdad cômuo yahoomen (espere até quio condoctor conhecido como holandês voador te cobre a passagem, welcomem a todozos hankinhunkn nesta caravana de Oséias!), claudicantantes por ruazárabes, riquixás-xás-xás do Reich Romano com trompeteiros do Rei da Spanha, mustangs madridistas,

[553]

brancos de Bucareste, carros-de-mboi dos correios y táxi da anxélica, e ca ca ruagens e ca ca roças, outros capotando alegremente, alguns dando boa-noite-cinderela sedados em sedans: meus cavalheiros cavaleiros, pocotó, pocotó, minhas damas sentando de ladinho na sela, secretamente, secretamente, e Leide Dai Congrong traduzolhando tutti do banco de trás: a mula e o mulo e a burra e o asno de ouro e pônei malhado e pangaré tordilho trotando animadamente (levante a esquerda e escorregue a direita!) pro prazer dela: und ela hihihiu loukkkkkmente nos seursrsrs didididiêvertidos joguinhos cum as lambadas du chicote. Desce o cacete! Bate cum força! Num para!

Mattahah! Marahah! Luahah! Joahanahanahana!

[554]

IV

O quié qui foi esse finneganów tren doido? A neboulezidade era fuga dream quê? Tão multuosa sonhata. Liberei a polissonhia.

Mas realmente agora quandoonde? Então canta-nos em cuántos tempos vivemos. Sim?

Assim, nonada nanoite noniilismo nanoitzsche, naqueles bons velhos dias atonauseabundos que passaram, os dias, diríamos? de Quem diríamos? enquantoos kierkegaardiões da infância cuidavam do bêàberço dos gêmios, lá tavam eules augora, os sicômeros, todosos quatro, em suas febres quartãs, o maiorquino, o minorquino, o everso e o fermentariano com seu haydin difusor de wake news, titranotas por tetranoturnos, aos quatro kontaktes do bundo, e aquele velho tempo do paleologicontador de estorias, negochistando conversas phiadequinas assustadoras, com Gus Andarilho, o burrico, e seu pobre ancião cuma rachmanitosse vasilievichatíssima , esker, newcsle, saggard, crumlin, degas-me, entonces, o caminho a wumblin. Siga-me pelo atalho e bocê tará em bumblin, esker, newcsle, saggard, crumlin. E ouvindo. Fiquei tão allegro quânduo simpaticuruminzinho Kevin Mary (que seria o capitão de orêia da brigada dos curumins coristas no momento em que virasse gente gandhi sob todosos auspícios) sorrirlandeslizando insua via láctea de creme goethejante e leitinho de jegue e sobremesa de hellpolho, assustou-se quânduo bad brother Jerry Godolphing (que corria contra o templo pra ser o cardeal dozajudantes de cozinha num refúgio noturno tão inconfiável quanto ele há de ser o cura dos enfermeros em todosos houaisspitais) franziu as sonhobrancelhas diçúa cara envelhecida pelo fantasma do álcool, a náusea e caipirinha cum borras de limãocolia, a náusea e ruibarbarorum pulverizado a vômito.

[555]

noite a noite navegando harmoniquietinho em canto a infantina Isobel (que ficará coradinha o dia todo pra ser, quando crescer num domingo, Santa Piadosa e Santa Pianista, quanduela levantomou o véu, a bela freira amostrada, com apenas vinte aninhos, em seu hábito de pureza, irmã Isobel, e no domingo seguinte, Festa de Iansã Migué, quanduela parecia um pêssego, a bela Samaritana, ainda tão bela e ainda um tesão de adolescente, enfermeira Saintette Isabelle, com punhozengomadinhos a não ser nos dias de Hellzar, Cristificções Nietzscheinas, Erressuschistações quanduela

usava uma grimmnalda, a maravilhosa viúva de dezoito primaveras, Madame Isa Veuve La Belle, tão triste embora um tanto afortunada inseu véu de carpideira azul-pegarapaz cum longo vestido de luto & melancoloração flor de laranjeira) poizela era a única garota quieles amavam, comuela é a pérola real por queen prezas, por causo da forma como na noite in que nozencontramos pela primeira vez ela está fadada a ser, supunheto eu, e não em vão, a queridinha do meu coração, dorminando abril inseu bercinho, vocalizandormindo na musicama de soulteira, com a flautadoce na boca saboreando espermaçã-verde do amorzart em dueto com a stravinkolcha de retalhos, Isobel, ela é tão bonita, não há como esconder a verdade, oszolhos de macbetharvoredado dissimulado y os cabelos primaroses, silenciosamente, a floresta toda tão selvagem, em malvas de musgo e ninforvalhada, comuela stava tão harmonicalminha, junto ao espinheiro, filha da árvore, comuma folha perdidalegrinha, comuma flor pairando no ars, como logo logos ela desfaleceria embora, pois logo voltaria a ser o não ser, me conquiste, me corteje, case comigo, ahhh me chopin até rizomacabar comigo! profundamente, agora jazz dormindo calmamante;

nota sobre noite, em canto solavancava nusseu pound-arara o Vigia Havelook viu obcenazestranhas, de todozos recantos do alvorossoinho, no contraponto diembarque dusseu inconscientrem, percorreu o pantonal matononsense quimpede o povão de avançar, guardando sua garrafa num buraco pra abrir seu whiskapetite a foucaultruas nas ruas, confiscando no setor de amorezachadozeperdidos a posse do produto interno bruxo na noite de walpurgis, og gnaisse ogas gnasty, binóculos, óculos, botões e fitas, luvas e meias, marquiagem e garrafas corpo de cristo;

uma bela noite e a bela noite posterior e última bela noite encontrada enquanto Kothereen a Estabanada, na cama de coisal nassua terra noital, com sonhos de saborear minha língua de boi, ela hizkuntzestava mordêndua fronha quando supunhetou quium pancadão veio tão fort duandar de baixo naquela hórus entrando no timpânus do parça z'ôreia e ensurdescenduela foi, passos sejam devassos, pra ver se eram azáguas mingerais da pirocaneta de Scheenberg ou de Shaunfrudo o messugeiro com

[556]

telegramassagens pra Hella & Cia, Echistantes, ou aqueles quatro roucavaleiros do apolkaloopsêmen, Norreys, Soothbys, Yates e Welks, e, glaória eterna aos sãos nos

céus, houve um crack na escada e quanduela ficou na ponta dos pés pra ver, galoria, a queda iéla seajoelhou pr'abençoar-se ante os que seacowtovelavam como mamalabaristas de leitemotifs como se fosse a ruína dos habsburgos ou do velho King Konganso O'Toole das Montanhas ou do googoobooy fantasmamado quiela viu, rebolando pelo saguão empoeirado pra escapulir do quarto dos fundos, li bido, tava todomundojunto inseu ritornello, peladão na lua de mel, com os dedos eretos, com o hellógio no punhogorducho, primogenitorre de davy, primogenitorre de marfinn, pra ela fazer xiulêncio, sua barriga de porkofiev, e o branco disseus bulbolhos piedosos jurando a ela silêncio e coorte;

todas e cada sessão juridionírica noturna, quando como doze bonzomens fiéis às raesposas e gansamantes em suas habitações numeradas julgaram a velha fofocomunicação sem fio no tribuanamnese do júri, enquantum por reverendum eles o proclamaram culpado destas e daquelas imputações de fornicolopulação com duas de suas correlações com imaculadas pernoconas nas quais dizem quiele esaújacólou precocemente ao ensiná-las a pedagorgia do gozoprimido, no meio do mato, ela sentou, quânduo homem stava, surpreendentemente franco, pra primeira conjugassom cromaticarnal deles cujas cores ao fulgurarem acima dazescalazanteriores revelaram um schoenbergamável vermelho-boceta mas, se realmente não fosse assim, de alguma deretana desnudação com intenção de excitação, causada por sua retrogradação, entre forzazarmadas de cocteau molotov própriapos desta nação maizà parte de toda dodecopulação que, disse ele, estava sob pressão canonicalorosa e uma boa mitigação sem a qual em qualquer caso ele insiste em ser digno de alimentação contínua por ter demonstrado, diz ele, tão grande tolerância, pecador tão notável e tudo o mais, comuele ezra, com suas roupas de couro impermeável e sua bituca de cigarro, por negar a transubstanciação não obstante aquilo que diz respeito à sua posição de alto phoder, da qual tão especialmente quão provavelmente ele tava sofrendo torturas politicamente corretas atestadas pelos melhores médicos, comuele fazia repetidamente, tendo apenas força suficiente, a título de festinação, pra implorar (ou acredito que bocê phoderia achar melhores palavras pra dizê-lo) pra complorar, com completa obsecração, a todosos kisstão ligados a ele pela maldição da coagulação pois, ele me disse do lado de fora do Sammon's na King Street, depois

de duas ou três ouzoras de confabulação secreta, por este porter de whey proteu da cabra de Gilbey como seu prêmio de consolação, embora envolvendo a mesma quantidade incerta de regurgitação esofágica, estando pessoalmente despreocupado com o ponto da moela numa pulga no que respeita à eructação, see been quiele inda era extremamente ofensivo a uma vintena e quatro nariniñas dilatadas, inda assim ele ezra outrossim, no ou lado da sua máscara, prozinhos alguns nepmen é uma deleitação, comue ele afirma sem a menor alienação, assim ao rezar pelos pecados dele suncê faria obliteração see não fosse por nosso amigo atrás das grades, embora como Adam Findlater, um homem de estimação, resumindo-o à extenuação, seja qual for o excesso de sua exaltação, ainda pensamos que com Difamação não pode haver extinuação de direito por contravenção da legislação comum e estatutária para qual reside o remédio adequado, pro Sin Ô Difamação, em amputação corporal: então três meses para Gubbs Jeroboam, maníacunaíma do parque de bigodezespumosos, conforme ato um, seção dois, cronograma três, cláusula quatro do quinto do Rei Jark, esta sentença será executada amanhãde amanhã por Nolans Volans às seizoras em pranto, e quio vento fermentado e a sentencevada de malte tenham piedade disseus sete hidroméis e de sua lúpulagitação crescente, Amém, advogou Clarke Kant;

noitezudinha a noitchutchucazinha a noitaradinha a noitentaçãozinha, enquanto êntrios jardins felizes dossonhos nove com vinte potranquinhas Leixliprovocavam, um lance de daughters, todas rodando a bachiana em momentos do balacobaco com gritos alegres do que tá na crista da onda da shaunfadesa feita de feita para e chorando como diversão, ele partiu, poizelas nunca foram mais felizes, huhu, do que quando eram infelizes, haha;

na sua cama dos réus, no travesseirarguição da ampla defesadversidade, pelo reflexo da memória, sob as cobertas da covardia, Albatrus Nyanzer com Victa Nyanza, o cetro de phoder mortificado dele, a beleza decadente dela pendurada por um prego, ele, Senhor de nossos pais, ela, nossa mãinha rua a rua rodando bolsinha, eles, uai sô, por toccata e fogo na ré da de menor, eles são, tão certo quantum sonhador faz chichiste no abismo...

Um grito humordado.

Onde stamos afinal de cantos? e em que tempo sthamuz in nome do espaço?

Eu não entendo. Eu falho ao tentar falar. Eu vejo que você também tá nessa.

Casa do bálsamo amadeirado do hidromel. Dujardin do Edda. Cena e enredo apropriados. Orientações do Diretor de palco. Interior de moradia na

[558]

periferia da cidade. Arvored'ato dois. Cena quarto. Coxia. Cenário de cama compartilhada. Babel de parede salmão. No segundo plano, lareira irlandesa sem lenha, moldura de Adão, com fole mezzo-sopranador furado, fuligem e fogo pálido, condenado. Ao Norte, parede com janela pra alma. Argentina fofocapoiada. Vampiro. Sanefa acima. Sem cortinas. Ponto cego abaixo. Ao Sul, a quarta parede. Cama pra duas pessoas com coberthoven de morango, divã de vime e banquinhos de bambu tãtã pra ordenhar. Bibliotecatedral ao ar livre, com apoiador pra toalha de rosto. Cadeira individual. Figurinos femininos na cadeira. Calças masculinas com suspensórios cruzados, gravata na maçaneta. Sobretudo masculino de veludo cotelê com porta atabaque e agogô, botões de madrepérola nos broches. Vestido feminino idem. Sobre a lareira a imagem de Miguel, lança, matando Satanás, dragão soltando fumaça. Mesinha perto da cama, frontal. Cama com enxoval. Básico. Colcha de retalhos da bandeira do Manuel. Design Yves Saint Laurent. Iluminação Sêneca. Holofotes direcionados pra fora do globo, cachecol, jornal, copo, um pouco de água, antidepressivo, relógio, objetos secundários, eventuais, camisinha usada, rosa.

Ezra uma vez.

Ato: mímica.

Closeup. Tradutores principais.

Homem com touca de dormir, na cama, de frente. Mulher, com bobs, de costas. Descobertos. Ponto de vista lateral. Primeira posição de harmonia. Fala! Eh? Ha! Verifique a ação. Matt. Macho cobrindo fêmea parcialmente. Homem bizolhando em volta, expressão bestial, olhos de peixecanalista, mil homoplatôs paralelepípedos, ghazometron pondus, exibe fúria. Negócios. Loiro avermelhado, bronze cenográfico armênio, maquiagem preta, peruca de cervejeiro, corpo de alterofalhista, episcopal, idade indefinida. Mulher, sentada, olha pro teto, expressão expressionista, nariz cubista, boca triangular, criatura desnutrida, exala medo. Cútis galesa amarelada,

brilho núbio, fosseta nasal, topete tufoso, subdimensionado, igreja livre, sem idade. Closeup. Ação!

Contrarregra. Sem gritaria. Tablado. Hora de ela entrar.

Câmera.

Pelos cavaleiros quartos dianteiros da égua Pocahontas e pelos ombros brancos de Finnuala você deveria ter visto comuaquela enxadrista branquela simplesmente pulou do beliche comuma protetora do gambito a exemplo da kasparovelha mãe Mesopotomac y em oito e oito sessentayquatro ela karpovstava fora, porta, lampião de capablancangaceiro com ela, a grande torre de quincas bobby fisher avançando

[559]

em diereção à liderança da rainha. Prometeus desacorrentarado por Fiammelle la Diva. Huff! Sua jogada. Fechem as cortinas.

Circo. Corredor.

Mudança de cena. Pano de fundo: alçapão e monta-cargas. Iluminação direcionada ao ciclorama das paredes. Lance de dados luminosos descendo e subindo. Espaço pra submersão: escadas pro alçapão atrás do obcenário. Dois pedaços. Haydn desconcertado no gran finale da fila. Replay.

O velho guinnezzimpostor parece uma coesia inacabada. Assim é. Em suas mortes. Mas empenhará uma bela barricabeça de porter quando o finn chegar. Na rápida marcha do tempo. O peão de obras da torre arcastelada celtamente construiu uma escada em padrão xadrez. Tem só um degrau quadriculado, pra dar estababilidade, mas a pesar dos pisares em falso elezistão xeque-matempatados no gamão do piso superior por saltos e quedas do cavalo em cú ralados duplamente no canto. Ao passo que ponho as cartas na mesa e jogo.

Que artista cênico! É a residência ideal pra realtar. Pela entrada inclinada do teatro inconscientocou uma campainha pra quio Sinhô Limiar, aquele Deus Dionisíaco, fosse orelhacordado pelo barulh'ar. Lingling, lingling. Seja a magia deles em tutti. Quincas Bobo de la corte, faça seu sforzo. Shop! Por favor shop! Shop loucamente por favor! Ohhh por favor shop loucamente! Quão homônimásculo é o bar doce lar dele, você não assombracha? Sim eu digo sin! Cabeção, de medida imperial, tá enterrado lá.

Aqui seus leitmotivódicas stão derramados, suas lâmpadas alladim. Junto a bloombazul, a bela & nadson o'ferinha. Àqueles a quem ele desterritorializou sejamos neovamente gratos!

Me conte algo. Os Porters, porassim dizer, depois dos sombrassaltantes nos periodicarrombamentos de noiticias, são pessoas muito legais, não são? Dimais da conta, todosos qüatro qüontaram. E nessessentido, o Sinhô Porter (Bartolomew, homem pesado, à popa, camisa de pescaistoriadô de cavala, de mallarmégahair de pirata) é um excelente antepassado e a Sinhá Porter (dama protagonista, cocôbeçuda, camisola com açafração de gaffney, xerecapela barro cabeluda) é uma caosmomãezinha dimenso caoticoração. Uma unidade familiar tão paternmaternal não existe mais no papel ou fora dele. À medida quia chavemestra seajusta ao buraco da fechadura ela celebra o coisamento desse construtor corajoso cusseu segredo simplificado. Eles não simportam com nada a naun sense com tudo o quié todoporteroso. *Porto da Brozzo!* Isso naun é brutalmente gentil da porter deles? Bocê phode saber quieles vêm duma família de rara ancestralidade por seus tradissons y é preciso transmitir a eules que antropofagizaram ilso em todazas tonalidades musicais de a'dmiração a z'entusiasmo. Schoenbergacho que começo a prever pantonalidades. Só dodecafofoque-me a verdade! Apedrejo-nos da minha bocatapulta hababelidosa.

[560]

À direita um skeer do! Ainda à stella derecha, moviendo-se à vanessentro esquerda! Aqui stão dois quartos no andar de cima, no garflanco e no facanto. Por quem eles foram pazeiar no bosque? Ora bólides, pelos bebezinhos Porter, pra salvá-los! Azestudantes, sandyjúnior e mariajoão encafifadas. Aqui tá um trem doido quiocê nun devi di fazê a dois não. Este era uma vez jazz foi o outro maizeste aqui jah é o outro nos dias diôje. Juras? Os Córnicos? Eles são numeráveis. Hospede-os. No Camões principal, na caminha menor. Elizabedroom, oniriconduza-nos! Quem dorme agora no numeroom um, porexemplo? Uma goethinha, purr miauxemplo. Cunina, Statulina e Edulia, mas que gentileza dela! Sua goethinha tem nomiauzinho? Sim, de fato, você ouvirá alusões a isso em toda a noveletta e ela se chama Botão-de-ouro. Seu nome de guerra dirá isso, uma monitoramásia. Que doce da parte dela e que nome de solteirapolitana excesshivamentencantador pr'abandonar, agora que bebo desse drink filtrado, uma bucetaça cheia de amargor. Ela é a preciosidaughter

maizamada do papapai e a nubentiazinha mais pitchuquinha do maninho. A conchinha de música espelhada dela só pode refletir sua coloridamada amiguinha. Pra falar a sua graça com a devida graça eu pediria à língua grega, à sua bondade, essa lenda dourada. Biryina Saindua! Loreas com arrosas lílias flocafloçadas! Eis o borrifadordianonovo, a flordepácoa, uma flordevento e girassol; há doce flowerzia e amaranto e cravo-de-defunto pra coroar. Lacanianamarre bem o nó pra não caim in tentación. Ó Carisma! Ó Carissima! Uma bambolina das mais intrigantes não poderia ser pintada a partir do Enameron de Boccucia. Bastaria cair de boccaccio no lírio libidional dissuas virginelles e, assim, pra retomar o folego, ali no entremeio, cunilingolhar, ela teve um instantâneo com sua justiça pelas própriapas mãos pra agarrar o mito no ar. Mãe de maripozeus! Quero mostrar a palavrada em carne. Não se aproxime pelo humor de duespirito santhomem! É a dorminação! Ela pode pensar, embora pouca coisa fique no consciente dela, à medida que frescaflora a manhã, isso álcoonteceu a ela, cê sabe o que, comueles também supunhetam o que é o tal que quios dois não ousam dizer. S'il vous plaît-me o favor, quanduela toma uma comida de rabo ela faz birra. A gatinhanágua stá dormindo mas na gentilezaconchego de seus pensamentos orbita uma agulha de babá. Pra apresentar, Bebês pros Bebuns? Das cortes e com cortejos. Levantem-se, meninas, e vão até ele! Sozinha? Sozinha o quê? Quero dizer, nossa agitadora de conflithomens, ela dá piscadelas floridas pra si mesma. Goethinha nunca tá sozinha, como testemunha há o quarto infantil dela, poizela sempre pound atirolar o pound no Goethinho e falar nomezanimais cuseu botãozinho

[561]

dalegria estimolhado quanduela tá sentada no tapete. Ohhh, ela fala, não é? Casar, como? Sons rosapetalados. Ahhh Goethinho es mio plikplak. Ahhh plikplak eu coisei cu mio Goethinho. Uma bela barítone jezebel vai casar maizeu prefiro muito mais seu nome errante em sua áurea donzelice como virginal menina alegremente florindo irresistíveis feminilidades. Eu também, muito. Dulce delicatissima! Bonecona Dolly escorre lágrimas de ansiedadesperma. Hora de darum banho na Desejante Dally. Grandefestivaldementiras, ela que morre de pena dos rochedomens do povo, não ousamos desejar-lhe o nosso mais-gozar três vezes? Um medo echistante! Quiéla dê os sete passinhos na ponta dos pés pra ser crismamada, quiéla gire do azul ao

scarlatti até o véu de seu templo, quio Poemonte de Quemsou se abra pra protegê-la! Ela sopranará muito mais promessanhas, envergonha-me, do que todazas outras mariasdenazarescória que brincam troca-trocatequização na escola de iansãta brígida, os charmosos Carry Whambers ou a saci-perereca Susy Maucepan amiguinha da Merry Anna Patchbox ou a bobinha Polly Fônica. Platsch! Um plikaplak.

E jacques tamó falâno amnezzamente de berçonho interrompido enlacancidamente, quem é kiss tá sanhando no dormidório número dois²? Os doispombinhos. Santo vigília noturno, Ó, intendo! Qual a idade dosseus pombinhos? Eles stão pra atingir a idade da geminação tão logo venham a ser pelo vir a ser do nascer pra virem a ser tão velhacos como aqueles velhos de sabe-se lá quando vieram a ser enquanto stão sendo sob divãs. Eles stão e parecem star tão firmamento grudados quanto dois vermes tocando um ao outro, acho que noitei, não noitei? Você noitou. Nosso brilhante bebê touro Frank Kevin mora do ladoesquerdodopeito. Não o acorde! Nosso demiurgaroto loirouvidente. Ele dorme feliz, sob a mãozona do Senhor, sentindo-se nos céus pela groça divina, seu cajado de jesus, como o anjo abensonhado com quem ele tanto se parece e sua bouca stá entreaberta como siêle stephesse sopredalando num bicicletrompete. Sempre que vejo aqueles sorrisos nozolhos jah sei quié o Padre Quinn de novo. Mui breve ele sentirá um perfumesperma docinho quando ouverá um bizarrinho pra desmamar. Por pura beleza, aquele muchacho vai bradar retumbante com ogum cavaleiro quando fizer juras aos seus dinamarqueses e abandonar os nossos inglatterrios de lágrimas, apesar da descendência indesejável, pra o mandar pra Amórica em busca dium emprego fantasma. Aquele véio deão velhaco com sua veia nonsensinsolente! Ó, eu adoro a música profanatonal! Tio lan\$ã todopoderoso! Ele é realmente audiorável demais, eunico! Eu supunheto que por ter vistum garoto comuele no livro de histórias, supunheto que conheci nalgum lugar algum alguém com quem ele há de se tornar mais parecido. Mas silêncio! Quão indeusculpável da minha parte! Eu imploro porsuas venialidades, sinceramente eu imploro.

[562]

Silêncio! O outro, hermanentrechado ao fígarodebacalhau, tem chorado durante o sono, fazendo cortes afiados cusseus dentesouras incisivos nalgumas doçuras de primeira linha pescadas na lama. Uma cobra entre noises. Que desgraçado armado

ateu os dentes! Comué seu livro de imagens covardespulpidas! Aqui jazz as lagrimemórias póstumas vertidas nas cubas daçúa intimaldade. E ele espermolhou pipetosamente sua pirocaneja fundadora espalhando o mal que vazou do tinteiro. Elié jem job joy pip poo pat (um graum de areia prum oceanamigo!) Jerry Jehu. Suncê o jacónhecerá pelo nome nos contorcionismos mas não poderá enxergar de quem é o calcanhar quiele segura com sua mão disfarçada poizeu não contei isso procê. Ó, sono fetal! Ah, lapso fatal! um amou, o outro partiu, a noiva do orgulho foi esaújacóladarrastada pelo estrangeiro. Ele tará alucinogenamente na palidez desse pessoal quando sob a bebidescrita de lordbeeron ele jurar que tá mais louco quio žižek ramalho pra entrar na tribo de sir Blake em canto nos momentos mais difíceis da vida ele cavalgará nas costas do literaterra devassada. Suncê nun tá um tanto penetrado até seuzintestinos? O quié que vogais micê tá quereno insunuá cum fio-literaterra devassante? Com o cara pálida Blake escrevo tinginduo rosto. Ah, bocê tá poetigozando? E com palavr'arma-valise branca e mala preta eu enviei ao meu docinho uma carta anêmona cum fio dourado du meu emaranhado cabelo de noiva. Donatus Schüler deixou sua mark, enderentrelando da seguinte forma. Então você fez? Desde o Gato e o Cage. Ó, eu vejo e ouvejo. Na tinta do seu suor ele ainda o encontrará. O que Gipsy Devereux prometeu a Lylian e cadiquê o olmo e de que mineira a pedra. Talvez você nunca saiba no pretérito tudo o que talvez não acredite que esteja prestes a fazer esse tal que que jamais imarginou. Talvez. Maizeles são dois porterzinhos mui geminadalegrinhos atrás de suas migalhas de pound, Jacónanista e Esaúpapatudo, na minha opinião de fato. Eles nasceriam assim, coestrelados, capetinha & trombadinha, o meninodemaria no Bar lá do Baco de Donnybrook, o golfilhinhofeliz na Suprema Courte. Signifincaremos tão animamados quão signifincamos nos contosdefodas de Formigo y Cigarette! Que loucuras inocentes! Leitemoçam-se de jouissancesperma juvenil! Ambozos ingredientermanos serão o fermento do bolo em suas cafestinhas da manhã. Vou deixar minha bênção cobreada no meio da dupla de dois, pela via rósea da gargântua, junto à verdura presa nos dentes. Arma dura e soldadinhos de chumbo, felicidade numa caixa de rapé. O Som completou a série, cada nota no devido lugar. Naum deberias estar a chorar quânduo homem cae mas sim poraquele esquema divino de adoração eterna do ser. Então seu ser há de ser homem ou rato e naum há de ser peixe nem carne. Pega. E pega. Beliscões notchurnos! Sejam os que dão por dar agora na hora do juízo finn

annal parece rapidinha e reprimida. Adeus, tranquilo adeus, por esses promissores presentes, kerryjevin. Aindaté amarguramanhã!

[563]

Jemininos, qualé a visão quiagora assume uma segunda posição de desacordância, canta-me pelumor di dios? Mark! Cê noiticia isso dessa mineira cadiquê a vinculação masculina eclipsa parcialmente a molière caosada. É assim chamado por canto dissua dissonância do mi-si-dó. Suncê já ouviu a história de Helius Croesus, aquele elephantasus brancusi e dourado do nosso zoológico? Voz mercê me surpreende cuesse trem. Nun é assim que comandamos as coisas lá atrás, sea mulher permitir, uma vista panorâmica profusamente bela dos fundos deste parque? O parque do Finn tem sido agrýpniadmirado pra caralho por todosos anevlavistrangeiros, el grecos e romanos, que aqui chegam. O caminho da felicidade que desce pelo centro (ver mapa em relevo) libidivide o parque quié considerado o maior desse tipo no bundo. Na proeminência direita usted se confronta cu belo steinbeckasarão do regente das vinhas da ira enquanto que, virando-se à leste do éden da outra face suprema, exatamente de frente, fica-se atordoados ca igualmente bela resiedência do sacristário-mor. Na redondeza é um matinho adoravelmente não podado e o homem fica todo animadinho quando se maravilhaventura pelo bosque supunhetando o quão vívida é a natureza ao ar libre quando obselvada dozassentos dos cabaleiros. Aqui stão comidazindigestas – são pros caseiros papais-anjo comerem centenas de nossos mil platôs diet. Por ogum, mas bocê tá escorrendo de razaum! Dessas vocabulárvores são judeuxtraídas essências pra gentióleos articulares e santo daimexcomunhão pros pagãos. Ausculte! É uma tristória verdadárvore. Como olavo, aquele carvalho, foi aplantado na borda da terra plana do rio dela. Cômua chupapau-brasil manteve o tônus do pound-breasil. Cômua crushfixo falou norlandestino. As marcas pretas e azuis ao longo do matagal da costa, em campos não tão augustos pelos desmapoetamentos, meloindicam a presença de cinturões silvestimbres. Além dilso cavalgadas no escurinho se prestam a cavalarias rúslticas. Naquele vale acolá, também, permanece o espírito da montanha. Qualquer proustetuda inrisistível deve ser gomorrada lá dentro maizisso dá sodomá fama pra planície. Um pimparnella escarlata agora atravessa à mula o monte onde outrora ozassassinos originários signifincavam suas raízes. Por fraticídio fionghaliano.

Blálálárvore e Pietransgressom ficam em ambozados lados. Folhas de relvespionagem históricas também podem ser coletadas com Sir Shamus Swiftpatrick, Arquicapelão de Saint Lucan. Quão familiar é ver todozesses álcooltecimentos interessantes cozolhos duma cobra. É tudo? Ainda não. Ouça uma guizada. Na porta dos fundos deste majestoso parque, o qual, com jardim japonêspião acortinado, está aberto ao público até noite da tarde, tão bom aos cavalarianos quantum

[564]

aos pederestres, não deixe de apontar pra si um buraco chamado Cova Valhalla. Muitas vezes é uma total crepusculobscuridadedozidolos in nossa melancolia y issy nozenvia pensanhamentos valquiriousados pra cabeça mas nozapegamos aos eressons dos polifoniconanistas fagotes pentapolitanos na musica dela em folcloriquartas-farras sopranando seus bem-bombantes tons villalobianos. Ulvos! Ulvos!

Tô folcorencafifado cadiquê começa a tremer por nossas imagens em movimento neste momiento quandueu tô pra colocar minha mão de nossas formasdiamizade verdadeira sobre o teu joelho pra marcar bem o quieu digo? Atravossa mercê dizes quem? Em Amsterdã vivia um... Mas como? Bocê tá tremeno, seu babão, com uma geleia geral! Não? Vós michê ké uma guinneeser? Ké uma catuababel selvaij? Pra animá adéfuntó, usted? Sim, tá sesseguranopranumdarumtroço, o tímido! Vortigern, ah Gortigern! Soberano da Botecompaixão! Ou será quia função cerebrahms tá vacilano? Não se reprima! Que infantilibidinidade! A treva solitária vem à luz. É só o troca-trocadilho do jibberwake. Devo ter roubabelizado. Ó, calem a bochiana, ambos! Putamayo quio pariu! Eu ouvi a voz dela naogum outro canto antes de mim nessezouvidos até que agora é a ora do meu deleite.

Atensom à op. Musies lentas. Trovoadagios no eire.

Bocê tava dodecassonhando, querido. O patrickcídio? O parricídio? Shoenbergafaste-se! Não sescutam fantasmahlers em tôduo quarto, pequeniño. Nenhum malvousedo bicho-papai, querido. Opop opop capallo, muy malincheoso traidutorefebo! O pai Goriotchaikovski desceu pela via duamanhã carregando um fado da sorte a Lublin pra fazer seu baixo contínuo sielevar à ludwiggrandeza do berliozmão

da porra. Toma esses dois sinfonicascudos slap slap na sua gandhi buddha apalpada pelo pap pap pappa.

— *Li ne dormis?*

— *S! Malbone dormas.*

— *Kia li krias nikte?*

— *Parolas infanetes. S!*

Todessa filhosofia é só coisia da sua imaginação, turva. Pobre mágica nação fractal, turva de consciência! Schoenberggoza pra mim agora, querido! Shai de mim! Em canto cada riacho saci-pororoca pra manter este barril de cervejouissance rolando e o mensugeiro nietzschurno longe da manhã vindoura.

Quando bocê tá fazeno alterofalismo em Lucanlizod, no spa de enxofre pra visitantes, a probabilidade de acertar é maior que a de errar, dê uma paradinha em sua pousada! Os martelos stão parolassentando paralelepípedos, os picaeretas stão espatifando as saxãnas, é mais confortável se enterrar na cama do que bailar na broadway. Esconda-se sob seu

[565]

espaço em brancobertor. Poizé corrida equineucarística com o corpo de cristo romando pound a pound em diereção a todazas estradas que levam à ruína e a camadas quiatravessam vidas inteiras surrupiando riquezas de pobretões. Sindicatos de cortadores de cebola choraram, salitre pra dar um tcham, água que passarinho não bebe pra beber, pãodepedra é de quebrar os dantes maizengolir pudim de mirtilo feito com leite de cabra-macho é bom. Cochile no calor dele. Enquanto os elfos num banho de lua, sentindo a razão de ser, manterão a gema do meu lírio brilhando suavemente.

Nozaposentos de dormir. A corte rola solta até entrar na segunda instância da manhã. Os quatro senescais montavam palafréns pra chegar lá a tempo, todos salamalequilibrando suas busanfas nas selas e esmagandapontando seus lapênis. Na óperabuffa Lo Pingueiro di Seviglia álcoonteceu um assalto à barraca armada. A esfregantermana Katya pra Dundalk o que falar e continuar rebolando pela cidade baixa de seus Droghedancestrais. Aqueles doze barões chefões pra manterem a coisa em pé duodeciminimamente consuas plantas pirocarnívoras dobradas e colocarem de

ladum todazas excursões e alarmes falsos de zumzumzums e depois disso voltarem prosseums lattesfundiums de carne boviniña e recompilarem seus magnum chartariums com a vastidaum da estrada entre eles e todazas difamaçãums. As empregadas domesticadas todas, em favores alegres, pra espalhar cinzas petrificadas sobre seus cabelos caídos e pra badalar os sinos dalegria de enlutadas mãos sem anéis. A dama viúva deve permanecer ajoelhada como está, como a primeira matriarcomicida com a corda em nó borromeano. Os dois príncipes da torre real, riobaldim e diadorim, a mentir como estão sem ver nonada. O advogozado da dama viúva deve apresentar armas, espada totalmente desembainhada e balançando sem ser vista por eles. A infante Isabella bizóia de rabo dizóio pra fazer reverência ao advogozado, como o primeiro patriarcomicida com a espada desembainhada. Então a corte tava tão boa que entrou em plena manhã. Nisto vede que não falhareis!

— *Vidu, porkego! Ili vi rigardas. Returnu, porkego. Maldelikato!*

Faixa de gaze do céu. Visão. Então. Ó, epifanicortina levantada, a visão é arrebatadora! Deusleuze do ceo! Aquele abismo! Aqueles atouros! Ó Sire! Entonces sejais acidente povir do não devir! O quié portanto qui tu tens? Vassuncê tem medo do burricobsuro? De bandoleiros? Temo que tenhamos perdido nosso inconscientesão coletivo (não admita isso!) no que se refere a essas partes selvagens. Que finisterra devastada! Como tudo é dreadloucko e animalescarmonioso! Cadiquê suncê seamostra? Eu miamostro pois preciso ver qualéquié antes do meu infortúnio um então duro pintão apontando. Lorde das escadas, que baita longitudereção! Ocê consegue ler a lenda eslavoriginária aqui? Eu sou o tupãpaizão dos perdidos. Interpoeto sonhos! Pro

[566]

obelisco dún laoghairejo via morro da rochinha a furlongas milhas; pra fofocagência geral dos correios a ampulhetas de paciência; pro memorial de Wellington Zé meia légua no contraponto adiante; até a ponte de Sara é uma bela caçadandança e nove passos pra encontra-la: direto ao ponto, um kid bengala de distância. He, he, he! Aquilo que você olha de soslaio, um obcenário? Cuma barriguinha tão à mostra? Duas cascatas? Olho de soslaio (Ó meu palavrão, Ó meu deuzão, Ó minha parolavalise-trovão!) pois tengo que veruma chapeuzinha rosinha na extremidade. É prum verdadeiro encontro masturbamorado e muitos burgueses nos cercam, grandes e

grossos, descabelam o palhaço até ficar rosado dessa maneira no tet-at-tet. Há eras que tu es efígie da norma real cuando seespatisfou no topodomastro que do qual as franco-gunningatiradoras hão de lançar boas-vindas da Fortaleza da Courtemilitar, umptydum dumptydum. Bimarkolhe esse mar bravio, esses campos de gêiseres, seu influxo. Você não ouviu que, a rainha exilada no exterior dêsdia devastação dos vendavais, (tranquilapelido jabutitulado Nan Nan Nanetta) seu soberano da décima quinta dignastia aportará na yorubaía deles amanhã, Michaelsmas, intermezzo do tercetóc e do quartetóc do relógio, lá pra todosos cavalaustrianos do rei e todosozomens do rei, cangaceiros templários e cavalganotadores, liderados pelo arauto do poemanto cinza, Olaf Escudodiouro? Au! Au! Os cintos de castidadenigma dela serão soltos pra ela e as chaverdades dela serão transmintidas. Um progress ocorrerá na wakaminhada, nênão? Eu fundo minha cabeça nesse troço, e semana a semana. Ele virá, álcoolpanhado de coroinhas, pelo messias ariano suassuna e pelo general-brigadeiro Nolan ou/e almirantebucaneiro Browne, com — quem pode duvidar? — seus vira-lattes dourados e seus occam andaluzes brancos pruma caçada em nossas raposavarentas poupanças. Em azul e num tom Beaufort de amarelo a caçada se fará. É noble pobleza. Ommes sorrirão expanshivamente sob suas gravatas quando cadum cavalgar o buddhão do outro. Meu Érccules streeper! Que matadouro de gatinhas! Que entra e sai das janelolhos-guilhotina das viúvas! Breve histeria do tempo! Cuidado com a espera! Squintina Turner nos favorece com suas aforismamadas e Zozimus, o violonanista, em seu sobretudo, nos processa soltando fogo pelas ventas. Divorceiemo-nos! Aqui stão a mão e a luva. Eu creio, pelo Papa do Povo Maximalista! Todavia siêu ousasse expressar a esperança de comueu phoderia star presente. Todo esse povão amontoado no bonde do tigrão e no trenzinho caipira y em gibicicletas y em triciclos e aqueles monociclos transpoetando soletrários peidoreiros insignidefecantes! Taloco, taloco! O Polo Norte virará Siberiano e o Jogador de Pelouta uivará pra verum neve yorkino em lancastrum ou guelfos e gibelinos num campo de golfe pérsico.

[567]

Mauser Misma desengatilhará seu cano longo e virá ao exterior para o que diabolus tiver que ser visto. Um escarlateslhonatário, um fazendeioreanje, um niilistamarelo, um monteverdi empoeirado e tão crédulazulado por trás quanto outrora já correu atrás da

cor púrpura dum violáceo curruagem. Mbv! A annamação de todazazevas, a livivacidade dissuas risadas, comuma pluridade de bells! Tenha paz&ciência, por fervor! Lugar pra damas! Até mesmo Lady Victoria Londrinonsense pegará carona pra se espreguiçar e se salvaguardar do sol, toda desassossegada em suspiros de echistação cusseu farol aceso no banco de trás. Britus e Gothius não mais lutarão poraquele lugar ao dó-ré-mi-fá-sol mas deixarão uma marca antônia de penitenciautonomia quando, com um si tão silente, Aqua Claudia Rayuela, boa e molhadinha, deixará cair, sim, não, agora mesmo uma chuvinha. Muchsias grapcias! E quão doce da parte dela, a melancólica menstrual, e eles logo são vistos hermanados com tanta cigarissexitação quantoum rato no formigueiro. Noum é a lágrima neste movimento acelerado. Les six centavos! Poum! Quem tirará o boi do telhado? Corno paga a conta. Sentimento de culpa enche o copo. Bélle, bartók o sino! Ainda kant-me das cerimônias, muito muito mais! Então, façameofavor! Está reprimido no *Instopressible* como Meynhir Mayour, nosso boorgomestre, o fiel escudeiro de Thor, (a fantasia de nossa Boba, a Big Benga ninada por nossa Babá), sua mamadeira içada, na maior estica e finnesse, com botas Woolington sobrepostas a havaianas de linho e sua bengala pra dança da chuva e laçodepescoço aureal, rodeado pela total cooperação de baronetes leais e aglomerações de nossos puebls, contidos por correntes de mãos desde pinchgut, hoghill, darklane, gibbetmeadow e beaux e ladlane e bumbailife, receberá Dom Kingaceiro na mao-tsé-tumba de broadstone e encontrará as chaves do bloom dia em sua almofada pompeiasuda. Meu humilde dever para com a groça de vossa majestaderessom! Levante-se, sir Pompkey Dompkey! Jacquiouves! Jacquiouves! Lacraian! Um pantonalismalestar por todozos civilizassons! Noise apenas sentimos falta daquele lendário cavalo inda em busca do sábio defuntalho-poró enterrepolhado no jardim capuchinho. Que haja abundância, velho Žižek Chapéu Gandhi! Será o trópico de todozos dias. Pelo esplendor do Sole! Clima perfeito prevalecendo. Depôs dilso, a vontade de putência de Swift depondo, ele se dirigiriará a Sua Sereníssima por intermezzo dium discurso lido em seu pergaminho miniaturizado, alfi byrni gamman dealer etcera zezera eacla treacla youghta kaptor lomdom noo, que signifiquanto isso aquele iluminaturado, Papiro do Reino do Pepi Pequeno, meu Sire, grande, baita Kingaceiro (sua forca tá lá montada, pra edificar, por Rex Ingram, mestre de execanções) stará cutucando crionça com vara curta nas arrás de

brilhantes tecituras e fazendo poucas e boas com a lalíngua afiada dele pras varandamas crimosas, aqui stá uma ajuda pra tirar seus modestos espartilhos com os dentes phodendo gerar o engraçadossentimentodepertencimento. Ossos do eco, que sejam! Carrilhões tocarão seus sinões. Rng rng! Rng rng! S. Presbiteriânus-in-Parricida-do-Norte, S. Mark Udigrudi, S. Lorenz-aninhado-ao-peito-de-O'Toole, S. Nicolau de Mira. Logos vocês ouvirão S. Garden Anal, S. George-el-Greeko, S. Berkeley Martirizado, S. Phibb, Iona-nos-Campos com Paulão-o-Apostolo. E audialterando: S. Judas-no-Portão, Frade Bruno, S. Weslen-no-Piuí-Abacaxi, S. Molyneux Sem-Lituraterra, S. Maria Stellamaris com Casamenteira-e-Audoen-atrás-da-Verbuga. Hiperbolicamente charmoso em efeito! Plurabellos sinos tilintando! Intão muitas igrejas não podem rezar suas próprias orações. É o dia do ânus santo! Junho julho nós phodemos! Agithetta e Tranquilla pagarão de santinhas sem fechar a entrada do paraíso ao passo que Marlborough-o-Coitado, Cristo Heldentenor e Santo Protetor terão virgiliâncias abertas. Beata Basílica! Mas não haverá pontificação? Dosto, Dosto, o jogador! Primacialmente. À beira da ribeira. Cantaberra e Nova ou York podem chuplicar quando, às vésperas, aos alphavellizados e turistrabalhadores, sua brancáurea varinha de suásticoncão balança nazalturas, guarda-sol&chuva, Monsinhô de Deublan transmitirá a todos. *Benedictus benedicat!* Bora comer! E bona petite! Disjunta-lhe esta periquita, frotteurismostra-me esta franguita, exiba seu guindaste, encoxa ela a pomba dela, solta a franga e o coelho e o faisão! Canta: O véio Rei Finn Macola, elé um véio π-de-cana quando enche a folcloricara cançou terceto de violinistrapalhões! Rasta-π K-Poppop! Pois noisé tudo colega de copo e de cus no allegro inferninho que nenhuma gírlrafa pode negar! Aqui stão trutas temperadas à cupa procêis e sashimis de salmão e esturjões destrinchados, capões sancionados, lagostas físgadas. Chame haroldo el devoradordepalavras! Musas me pantomimam mamando! O quê, nenhuma ithaliana? Como, cuma Melpomenetriz Pamela? De alcoordo! Atores de teatro por nós já bateram nassua porta. O Sr. Messop e o Sr. Borry produzirão monolorgasmos interiores, pois são dois genitalhomens de Veruno, Senior Nowno e Senior Brolano (finn annalmente! finn annalmente!), tudo por amor a uma penitente justa que, uma vez produzida, a rhoda dela é uma rosa é uma rosa. As duas grandes obscenas deles! Como contracenatracam-se pra apontar a

pirocarma pra ela! Que transcriatuação! A cultura boquiana deles! Que poder tyrone! Compre nossas fadas! Meu nome é romance e enredo pelas montanhas Grampian. Bravose! Escravo traidor!

[569]

Meu nome é Anômalobraberta e stout no topo das Montanhas Grandiosabismais. Bravossissimo! La musique real encerrará seu show com sonhatas ao solene silêncio da natureza. Doulourouso Dowlandinstrumentista da Dour! Possa a sutil harpa reverberrar sofrência! Ele fará ginastiscrituras com a pirocanela nos campos de bataillentretenimento e danças alucianantes e salto sobre barreirartes e teatrodebonecas e pirotecnieroglifias vesuviuciosas, uma neve com flocos de amanhecer, ao cair da noite pra Bob O'Malley dar o ar da Grace e nossas incríveis damas, todas assombradas. Olgum serialismomentointegral no chão em chamas da cidade hoje à noite! Você não ouviu? Registrado no livro daquilo que é. Eu ouvi alguém dizer essa graça infinitontem (o mestre coureiremissario com brasão era) de como alguém deveria vir aqui amanhã embora nunca haverá um aqui que não seja um hoje. Maizé bom lembrar-se de conjecturar, bocê tavonde hojontem guerreando No Morganamanhã e que sempre será amanhã in totta a jurisdição de toth. Amém.

Verdade! Verdade! Conceda-me mais imagem sonhora! Dá furiosamente pra imarginar. O rico Sr. Pornter, um bábábã, não tá sempre cançua saúde tão forte? Agradeço-lhe pelo melhor, ele tá numa obra em progresso extremamente herculânea. Vê-se como ele tá muito mais musculoso do que antes. Quarké um diria quiele mantém uma lixeiratura repleta de transcriançonas sob sua proteçabraão. O belo Sir Pournter sempre foi casado por tantos tempos? Ó sim, Lord Pournterfamilias é um sinthomem coisado há muitos tempos em Hurtleforth, ôndiele siaparece tal qual nosso vaselinado el ativo, e, sim, de flato, ele tem seu filho mic e seus dois lindos filhos mac e um mick superlindo quer quiele mack entrieles. Ela, ela, ela! Mas sobre o que suncê lança libidolhares de novo? Não tou libidolhando, eu lhe perdoo enrubescendo. Sou sheshezenta altamente sheriousa.

Você não deve querer ir a algum lugar no presente? Sim, ó bundo cruel! O mais cedo possível! Essa sensação de calor subindo pela espinha! Não pense que meu espiritorgasmo é sempre tão ilumelado. Aqui faremos uma longa caminhada (Ó quimbundo cruel) hindu de qualquer cubitação até o número um da urinabitação de

sara. É, é. Quero que você admire seus cenários ilustracionando nossa primeira rota nacional, um zero zero um. Nós também baixolharemos paraquele vau onde Sylvanus Sanctus vem aí lavanduas mãos mas dificilmentolharemos praqueas pontas de seus ungidos. Não mostre nunca a retroversão dele, felipe crookodylon, até que você fique cristicamente vermelho-sudário no rosto! Cuidado! chama o bombeiro! É o Ladrão do Coração! Eu stout ansioso em relação a usted jogar sal grosso sobre seuzombros. Farei uiussu,

[570]

nuvoletfnut! Essas brilhantemocionantes tepridantezondasdeluz! Conte-me por favor como as canta. Energia pirocósmica Sekhem! Elas surgem duma fonte límpida nas proximaldades do nosso parque que faz o surdo ouvir o todo hiblindizado. Este lugar de ternura! Comué límpida! E como lançam seus feitiços sobre, as folhas que flautuam além do lá, os rizomas letterfunditários! Os caules alucinógênios, os ramores incrustados nazárvores! Vassuncê conseguintendê os escritons tantristans deles? Eu consigo interpoetar, com a ajuda da hababelidosa mestra. Abacateiro, Baobá, siga a trilha, Cajueiro Dendezeiro, leve uma mensagem, runas fulvas sob o carvalho, encontre-me no pinheiro. Sim, nos teerão atraído à água prum encontrumoroso, por trepadeiras de samambaias virgens, então aqui noutro lugar stá a capelatrina delas, vendida por canção, na qual supunhetavas que meu louvor era maior que meu valor. Ó ma ma! Sim, triste de Zionda? Venda-me, minha alma querida! Ah, meu sofredor, seu claustro goethejando de seu onanismoastério, comué triste a morte, toda a sua escuta moita de hera! Onde congelo na seca. Ainda assim óia só a minha pálida kissabelle, debaixo do fio-deltal ela também é alegre, sua saia verde, seu cu-doce branco, sua pera peônia, sua ameioxota! Eu, pipeta, também devo rapidamente marcarum encontrumoroso comigo mesma nesta pequena capelatrina. Eu preferiria isso a Irlandar uma! Maizeu rezo, faço o que posso! Faça por sua facilidade! Ó, paz, este é o paraíso! Ó, Sr. Príncipe do Leitinhomotiv Derramado, o quié quieu devo fazer? Por que vox mercê vive a suxpirar, minha prechiosa, como ouço do teu corpoesia, cum valium de lágrimas de lemantações, depois daquela bombada? Não stout suspirando, garanto, maizpenas sinto muitão por tudo que rolou no meu casabraão de sarah. Ouça, Ouça! Eu stout ouvivendo isso. Ouça maizessas vozes! Sempre as ouço.

Horsearwicker coqueluchescarra endomoniadamente. BΔnnshee beabalbucia na intimidade.

— Ele tá mais sossegado agora.

— Legalinominalizado. Acessanduaparceira. Semselvageriasbestiais. Direitoàpoetaria. Osdoizunidoscomunhandcarne. Refúgioeprótese.

— S! Bora lá. Faça um ruído. Durma...

— Qui... A menina...

— Pantonalidadesdobrandoamanhecer. Acorderetoeprova. Providencieparassacrifício.

— Espere! Xiu! Vamos ouvir!

Pois nozozinimigozintimos do submundo estão trabalhando com unhas e dentes nazoras extras: em veiazentupidas de lituraterra, tocasdetatu, gângliozenxadristas,

[571]

hipertensos, subnutridos: militantes ranzinzas sealimentado de cocteau-molotov pra jogar o marrimeiro pra fora de sua embarcação interior. Enterrados sejam seus instrumentos. Quandoos jovens mollièrengos logo estarão batendo o corassom à porter dos seus tipoesis ideais: e as freirinhadolescentes logo estarão dando piruetas cum cortante plug anal dediamante sob suas camadas inferiores, cusbindo e escarrando numa vala funerária prosseus quatro antepassados mãoníacos. Vote por seu clube!

— Espera!

— O quê!

— A porta dela!

— Abre?

— Olha!

— O quê?

— Cuidado.

— Quem?

Viva bem! Iniivdluaritzas! Tom!

Não posso ouvir! Suas filosofilhas da noiva música? Villa-lóbulo di cken? Suas filhas esquimócinhas esperam? Quiquiélas tão esperanto? Ellmanno Brown, ellmanna uara, ellmannem tuas questões pedregosas! Em breve!

Vamos considerar.

O procurador Interrogarius Alter Ogum nozapresenta este proponente.

Honuphrius é um ex-major taradão que faz propostas indecentes a todos. Ele é julgado por ter cometido, invocando *droit d'oreiller*, infidelidades simples com Felícia, uma virgem, e por ter praticado coitos não naturais com Eugenius e Jeremias, dois ou três philadelphianos. Honophrius, Felícia, Eugenius e Jeremias são consanguíneos no mais baixo grau. Anitta a esposa de Honophrius, foi informada por sua domesticochicheira, Fortissa, que Honuphrius confessou blasfemamente sob tortura voluntária quiele instruiu seu escravo, Mauritius, a incitar Magravius, um comerciante, plagiador de Honuphrius, a solicitar a castidade de Anitta. Anitta é informada por oguns filhos ilegítimos de Fortissa com Mauritius (a suposição é de Ware) que Gillia, a esposa cismática de Magravius, é visitada clandestinamente por Barnabé, o advogado de Honuphrius, uma pessoa imoral que foi corrompida por Jeremias. Gillia, (um afresco policromático de cegar, D'Alton insiste) *ex equo* com Poppea, Arancita, Clara,

[572]

Marinuzza, Indra e Iodina, foi ternamente depravada (na visão de Halliday) por Honuphrius, e Magravius soube por espiões que Anitta cumeteu anteriormente duplo sacrilégio com Michael, *vulgo* Cerularius, um padreco vitalício, que deseja seduzir Eugenius. Magravius ameaça molestar Anitta por Sulla, um ortodoxo selvagem (e líder dum bando de doze mercenários, os Sullivani), que deseja xavecar Felícia para Gregorius, Leo, Vitellius e Macdugalius, quatro escavadores, se ela não abrir as pernas pra ele e também fazer Honuphrius de bobo dando pra trás com as obrigações conjugais quando soliexcitada. Anitta que afirma ter descoberto tentações incestuosas de Jeremias e Eugenius cederia à luxúria de Honuphrius pra apaziguar a selvageria de Sulla e o mercenarionismo dos doze Sullivani, e (como Gilbert sugeriu Stuartinicialmente), pra salvar a virgindade de Felícia pra Magravius quando convertida por Michael apóiza morte de Gillia, maizela teme que, ao consentir com os direitos conjugais dele ela possa provocaruma conduta condenável entre Eugenius e

Jeremias. Michael, que anteriormente depravou Anitta, dispensa-a de abrir a perna pra Honuphrius que finge publicamente kamassutrar sua conjunção de trinta e nove posições diferentes (*turpiter!* afirma *ex cathedris* Gerontes Cambronses) pra higiene carnal sempre que ele sofre de impotência pra consumir por subdolência. Anitta fica desassossegada mas Michael ameaça que vai denunciar o caso dela amanhã pro juiz Guglielmus ainda quiela pratique uma fraude piedosa durante a africação o que, por experiência, ela sabe (de acordo com Wadding), conduz à nulidade. Fortissa, no entanto, é encorajada por Gregorius, Leo, Viteilius e Magdugalius, num grupal, a avisar Anitta descrevendo os fortes castigos de Honuphrius e as depravações (*turpissimas!*) de Canicula, a falecida esposa de Mauritius, com Sulla, o simoníaco, que é abnegado e arrependido. Ele possui hegemonia e ela se submeterá?

Traduza uma lax sonhora, vox cê transcriará um brado. Nos bens de Capiba e Chatterton, falecidos.

Este, leigos cavalheiresposos e leitoresposas, é talvez o mais comum de todos os casos que contraceptivemergem da história guarda-chuva em conexão com

[573]

as indústrias madeireiras em nossos tribunais litigantes. D'Oyly Owens sustenta (embora Finn Magnusson também sustente isso de si) que, enquanto houver uma conta de depósito conjunta nos dois nomes, uma obrigação mútua é postulada. leitores e gentios, é talvez o mais comum de todos os casos que surgem da história guarda-chuva em conexão com as indústrias de madeira em nossos tribunais litigantes. D'Oyly Owens sustenta (embora Finn Magnusson também sustente) que enquanto houver uma conta conjunta nonome dos dois uma obrigação mútua é pressuposta. Owens cita Raposotavares & Coelhonetto, uma firma estrangeira, desde A falência, registrada como Tangos, Limited, pra venda de certos artigos pessoais. A ação movida na instância devida pelo administrador do fundo de emergência da igreja pagã, instada pelo respectivo administrador, um servil funcionário civil, pro pagamento de dízimos devidos foi ouvida pelo Juiz Doyle e também por um júri comum. Nenhuma questão surgiu quanto à dívida sobre a qual os reclamantes interpunham volumosas provas em contrário. A defesa alegou que o pagamento já havia sido efetivado. O administrador do fundo, Jucundus Fecundus Xero Pecundus Pãum Durus, reconvenzionou quio paugamento era inválido haja vista seu oferecimento ao credor

sob a cobertura dum cheque cruzado, assinado ordinariamente, in nomine dei Guilhermus, Crussifccionista de Vanguarda, cum cópia do comprovante fornecida, e sacado pelo sócio majorotário apenas por quem o depósito em espécie foi efetuado maizem seus nomes conjuntos. O banco particularizado, a miséria nacional (agora quase inteiramente nas mãos dos quatro principais detentores de títulos de valores poemobileários em Tangos), recusou-se a descontar o cheque, embora houvesse amplas reservas pra cobrir a ordem de pagamento, ao que o confiável Päum Durus renegociou-o por e em nome do fundo da coisa pra um cliente seu, um notário, de quem, em consideração, recebeu em contraprestação uma extensão legal dos prazos entre o administradutor e o fiadorientador, com agradecimentos. Desde antão o cheque, uma belezura rosa-choque lavável, com o D em relevo endossando a ti o D nº 11 cento e trinta e 2, de boa aparência e figura, circulava no país há mais de trintenove anos êntrios detentores de ações da Pango, uma empresa rival, embora nenhum centavo demonetizado tivesse girado ou flutuado no balcão na aparência de moeda forte ou dinheiro líquido. O júri (uma dúzia de ácidos brucutus todos curiosamente nomeados por influenza de Doyles) naturalmente discordou por unanimesidade e solidariamente, e o juiz beligerante, discordando da discordância dos jurados aliados, saiu completamente de sua jurisficcção e ordenou uma penhora de bens à empresa neutra. Nenhum *mandadus* conseguiu localizar o há muito falido Breyfawkes que havia entrado numa

[574]

moratória dazantiga, que remonta ao tempo das primeiras troca-trocas, e apenas o sócio minorotário Barren pôde ser encontrado, o qual compareceu e apareceu, mediante uma notificação de moção e após a entrega da moção por mandado de injunção, entre os jurados do sexo masculino pra se revelar uma mulher de musicapilaridade obsoluta, originalmente da classe proletária, com ainda um bom título pro seu nome sexual profissional de Ann Doyle, 2 Barracos do Päum Durus, a alphavella do Doyle. Doyle (Ann), acrescentando que a mulher, tendo nocauteangustiado os juraboxeadores, protestou alegremente no banco dos réus numa longa odiassediação *in re* de jurados verificando o cheque no espartilho, emitido em dóylares, que ela vivia pondo na poupança, em contra-argumento a demandas bruscas que chegavam quase ao ponto gê da questão, descontado juntinho ao Sr.

Brakeforth em primeiro lugar em troca de nove meses a partir da data sem emissão e, pra ser estritamente literal, desengarrafou em preservativos sexuais um relato atual de como ela havia sido paga à vista pelos serviços prestados ao beneficiário-sacado da checka não lavada em branco ao portador, às vezes cor-de-reza (risos) embora frequentemente de *crème-de-citron*, *vair émail paoncoque* ou marshmallow serial, que ela, como portadora, costumava endossar, meladamente, a seus vários pagadores-sacadores que na maior parte dos casos eram identificados pelos papéis timbrados como famosos tetigistas da cidade e da periferia. A testemunha, a seu próprio pedido, perguntou se podia e musicou algo entre as partituras musicais que ela havia trazido pra ocasião e isso tendo sido entregue aos juizes pra avaliar *in camera*, a bonequinha do Pãum Durus, com ela era chamada, (*annias*, Mack Erse's Dar, a crionzinha adotada) então propôs aos manos jerrykevin e juratados e todos os jims, jock e jarry naquele pequeno jardim do tribunal da poesia pra sua satisfação e como um ato geral de acordo pra se reamalgamar, amanhã será à força, singrando rumo ao perdão com o administrador permanente do processo, Monsenhor Pepigi, sob o novo estilo de Will Milk-shakespeare e Bloomxeador, pois, quando todos os seus conhecimentos foram confiscados, ele parecia oferecer o mais rijo interesse por ela, mas este argumento interposto foi rejeitado em apelação pelo Juiz Jeremy Doyler, que, reservando o julgamento a uma questão de tribunais e revogando as conclusões das cortes correccionais inferiores, concluiu, sem sombra de dúvida que capitou traiu bentinho, afastando os argumentos dissidentes dos picaeretas do juri, doze juiziscariotes tão honestos quanto qualquer outro que tenha baixado seus polegarespinhos, e, *occupante extremum*

[575]

scabie, entregou ao júri do Liffey que, por uma questão de tato, a mulher que eles tomaram como livre nasceu sob incapacidade contratual (o Califa de Man v Eaudalisca de Companhia) quando, como e onde o ato mancipium da mammy não se aplicava e portanto sustentava supremamente que, como nenhuma propriedade em lei pode existir num cadáver, (Hal Kilbride v Una Bellina) o pacto de Pepigi era pura bobagem (risos altos) e o dono do Harém assobiou por bocetos furados. Você vai, não vai, pango com Pepigi? Não pela Nancy, como você ousa uma coisa deusa! E uau uau uau.

— Ele suspirava em sueño.

— Ritornellemos.

— Pra que ele não álcoorde.

— Escondamo-nos.

Enquanto pairam azasas dossonhos, dobrando-se barrocamente, escondam dos traumas meu pequenino sinthomenzinho, protejam meu sinthomão da porra sob a madeixas do meu longo mallarmégahair, guardem meu filho, *mon beau*.

— Jazz pra cama.

Prospector projector e gigante mestre coconstrutor de todazas pontes sejam quais forem os contrapontes, saltando fora do ponto ignicial e verdadeiro término de atalhos retos por linhas de fuga tortas e corpos sem órgãos perambulando no anti-edipasseio, zelando de onde para chegar ao aonde, maravilhuxurioso, em sequência à qual cada músculo deve fazer seu maiúsculo muque, tão diferente quanto York de Leeds, sendo o único sábio no mundo dos masculosos a conseguir olhar pra si mesmo de antemão; provocuriosidade mentespelhada e desejos-pra-que-o-grandioso traga montanhas aos caçador de maomenininhas miolo-mole, casa herdada do primeiro marido, perigos atrás de porcos e cavalos de potrência até Hungerford, fure este homem e mame esta mulher, nossos primeiros patriarcobradores, Quincas Bobow cavalgando o sonho insua eguinha pocotó, Big de Maistre Finnykin com Phenícia Parkes, ele manco do ouvido e ela boquiaberta da perna, mais corretivamexcitantemente, nózimploramos a cadum docês, desçam pela escada do serviço de vigília noturna e tragam eles ao amanhecer no mesmo desnível da baixeza duandar inferior disseus enteados, guie eles através do labirinto disseus sêmenlhantes e dos alterealgozes disseus pseudozeus, proteja eles de ambozos caosminhos de todozos referenttarados errantes cujos nomes são relitigiosos, liberte eles da perda de referência; pra queen então mantenham seus direitos e se salvaguardem nos paraísos fiscais, o ferreiro neolífico y as jennyjones magdalenas,

[576]

o mandragon mor e a patônica esposa ruim de cama, o Morionmacho e a Thridacianmaluca, o basilisco glorioso com sua salsichinha-rainha, o tigre kid bengala e a cisnezinhacheiadegroça, ele tão inflado quanto suas artérias, ela tão vivaz quanto

suas veias; este arsênico branco de primeira qualidade ligado a bismuto, pecado marcial com pecadilho, livre pra financiar a primeira hipoteca, vidente sem foucaultluas e mergulhadora diágua doce, pare-aquela-guerra e sinta-essa-pena, nordicoragem swinguinária e boca lavada a modo di proseá nordicaipirês, grande carnavalização com diversão-pelos-cantos, grand truco com queda-dos-truques, um salomão da porra e a rainha de sambá, bacalhoadas e coelhagens, silvio santos vem aí e trio elétricaosmos, em tudo o que sonhamos a parte que tememos, pirata acoplado à sua dama, majestoso justin bieber-rão mas infinda água límpida, boniface e bona face, canal nasal e boca fluvial, golpeie-a-mudança e bata-o-punhetravesseiro, grande fumaça e grand cunilalíngua, bê-à-barqueiro da humanidade pelo líder da sociedade, richard wagnão de trem e helen a cavalo de troia, corcunda centenário e elfo onzeanista, Pantanal dublinonsense com CasadeMariadeBarro, goetheiras e inundações, maldição basal, mas com bondade que abunda, Produtor Régio com bonecurta-metragem Vedette, claquete da reivindicação dele e altivez do coração dela, penhascorvo macabro maizarrulhando o rock'n'roll dos pombos, diadiodiodin na sexta-frigga, barão e fêmea: pra quiele possa se coisar com ela, pra quiela possa desengatar dele, pra quialguém possa vir e daruns amassos neles, pra quieles logo possam recuperar azenergias: agora e mais tarde, de era em era ciclicamente, conforme a periodicidade; de Neaves a Willses, de Bushmills a Enos; pra Goerz de Harleem, pra Lareira de Carvalho Olavado de Popol Viuhvas Safaeddas; via mala, khyber pass, hodovias estraduais cruzando atalhos nos alps: através de terrasvagas e vãs, após muitas edda e vedas a mandalay: no primeiro caso, pro próximo lugar, até seus arrecifes falsos: o alto e o fronteiroço, ambos demarcados e planos: cruzam prímulas amarillas, amarelas, amarulas, passando por abóboras-carruagem, algumazarroxeadas: sejam elas exauridas ao longo ou amarradas a palanques, longazestradas barulhentas sob o atronalismo de tio zecarthur, ele pro hipismo, ela pro bairrismo, até a hora de ir pra oniricama das ressonhâncias; pelos loureiros dujardin ou pela berlinaalexanderplatz: rue to lose e can cãnes: na beira do navio, por convent garden: monge e costureira, em saco sedoso: dreamaturgos curiosos, dramas curiosos, dreamônio curioso, plagiador diurnos, plagiriador comicozinho, plaguejador osso duro de roer: poizos plantadores de strangford stão protestando, e os criminosos encarcerados stão secanduo chão do pavilhão nove e pros laddos dos libertadores stão bloqueanduo caminho, um bloquetão pra dormir slogo!

Pare! Fez um masturbassom? Não, é coisa rápida. Pra cama! Então ele é. É só o vento

[577]

na estrada lá fora pra alcoordar todos com as pernas tremendo pelo ronco'n'roll.

Mas. Pelo Om mor de Papai dossel, quem será ele, esse precioso crushfixo, algum rei do fermentoriente, em sua peruca grisalha de crisma, com neve na boca e crise de asma no Cáspio, tão arnold schoenbergzenegger de constituição? Relíquias de pharaoh e levitas! Dick Farney velho de guelra, Tom da Pulmãonota Só ou o Harry Porter nonadadeiro dazáguas frias de Macfinnan? Ele stá vestindo apenas seu alcoolchegante caixão e sua camisa plissada de lã cuma ervilha de tapa-sexo, também seus pés calçam meiões duplicados no diâmetro poizele sempre sente necessidade de garantirum soninho caliente entre um par de felpudos schubertores de lã tal qual um finnóquio na barrigaconchado da baleia. Pode ser então quio Nordestinho Mithra seja o mantenedor do nosso hotel? Sassenhora, Sr. O'Sorgmann, bocê tá pareceno munch bem! O vulcãoopeão étnaco de Heckla. Tão hábil quantuma raprosa parece poesiapatetada como um peixe! Elié o veneziano bãbãbã na pessoa do demo prozexistentes de dublin! Mas num neologismaravilhoso dia foi enviado na forma duma palavra. Ele stá reunindo sua família.

E quem é a lobisomenina ao lado ele, senhor? Tão pé de voulzievalsha? Com ybbs e zabs? A cauda de sereia dela tá enroscando nas bandeirinhas, volpi! Maria-Bonitolha o jeito quiela fuma pra laçar o amor di lampião! Ora, essa é a velha sinhazinha que limpa vidas secas&molhadas! Bem, bem, bemtãobem! Donaldonodaspalavraguas! Ardèche-me! Com ela meio de quatro tão soberba quantuma pavia, alá brahma-me, e os lábios dela tremolhando no troutbeck, ninyananya. E o lendário steptuajazzimo enigmácula da buddha dela. Lugar daquele chazinho gostoso, senhorinha safatlezinha! Vendendo saubonetes soulares pra lavar as musiconas das richardonzelas e ourodorreno pra enfeitar o botecãoposição dele. Ela cansou de lamber azáguas na Pont D'isle até pular a barreira aquaticatonal em Bournemouth. Agora ela interrou a cabeça dele sob a Escotilha do Ódio e encomandou o destino dele pra véia da Rua do Amor. E ela é apenas o véio telhadoblin cheio de goetheiras. Ela até encaracoloriu o cabelo.

Por Karl rota elezestão indo? Por quê? Inferninho do Anjo ou Esquina do Amém, Southwarkaminhando por Norwood ou pelo Desterritório de Euston? O marido militarado inseu uniforme de alta patente sem um suspiro contra ele e a muié casadosméstica passãnduo rodo. Elezestão riotornando da clair de lune de la mer em oménage às bodas de diamante deules, o pequeno polegar da vara jegante, usãnduas máscaras disseus personagens diaboliconstruidos, o gandhi outro dele, o objeto bucet'a dela, nosso primeiro diarista homem y o seu camareiro e o meu, aquele Luxuumburguês avec seu Alzette, rei do condado consua condessa-rainha,

[578]

o filho do caicaipitão Stepneymar atracasalando no caicais da esposorfanato disseu contramestre, as postas de peishostakovich de Dunmow com pato-na-pedra, descenduas escalas, do jeito que subiram, sob caudas e enfiando coisas perturbadoras, evitando as estrelarmadilhas e escorregando em letterscorregadores, arriscanduma saída, lamentando revelações, da Legendária Árvore a La Puirée, escapandormindo das retrogradações temporais, cristal em carbono, maisdocequessonho. Hell de Janeiro e cerveja gelada e eletricidade do samba com guia turístico e espreguiçadeiras e passeio grátis. Apesar de tudo que a ciência pode potencializar ou a arte pode revolucionar. Tranquem o jardim. Occam e o cão. Naufragiorigamis singelos pros barquinhos de babel, duplicidades machadianas pelo correio, e quick queck quack pras radiosas. Renove aquela bíblia. Suncê nunca terá posto no seu bolso a menos que tenha estendido o prato pedindo prata. Mendigos ao deus dará. Vá de Bode até formigavistar o Finn, ó guardião semgarra! Cuidado com os Raposudos Padres e suas Pegadas Uivivazes. Raspe suas almas. Não farsa milagres. Não atrase contas. Respeite a uniformidade. Prenda os bandoleiloeiros pra vossa majestade a pletora. Solte azamarras das poombas corvando-se pra vossarrulhante rainha. Deusodeie os deuspossuídos. Compartilhe a riqueza e roube a prosperidade. Peg o pound pra rasgar o \$ataná\$. Meu tempo stá engarrafadesboçado. Engarrafaça o seu próprio. Ame meu rótulo como a mim mesmo. Cante vitória antes da hora de comer. Trabalhe depois de beber. Pag no crédito amanhã. Se inspire no meu negócio. Chegue no meu preço. Não compre de ricos. Não venda sonhos pra freud. Agora evite por hora chateações em inglês e aprenda a ler preces singelas. Apoie-se no seu almoço. Nenhum deusleuze diante de Mim.

Pratique, pregue. Pense na sua pança. Importe pelo nariz. Somente pela fé. Clima da estação. Gomorra. Sodomaté logo. Muitos se alimentam da minha tabela de marés. Poços de petróleo em nossas terras. Deixe a significantesposa de jacquiouves lacraian lhe ensinar a dança.

Agora suas leis os auxiliam e dão um empurrãozinho pra sua queda!

Poizeles se encontraram e acasaram e dormiram e corcuaram e receberam e deram e criaram e erigiram e trouxeram Tailandegelo pro cerne da Montanha da morte, e deram a volta neles, demorando-se no mar e plantaram e saquearam e penhoraram nossas almas e pilharam as libras dos extramuros e lutaram e fingiram com relações tensas e nos legaram suas doenças e recrutaram aleijados para marchar e tiraram o ar de tuberculosos, plantandomãodioca em sete irmãs enquantuma fogosa muié peluda dá tudo de si na faxina, e viraram as casacas e apagaram suazorigens e nunca aprenderam a lição do primeiro dia e tentaram se mestiçar e conseguiram economizar e forraram os ninhos dozinimigos e lambuzaram

[579]

os seus e abriram caosminhos pro não ser do ser e os construíram pontes sobre cacho'eras pra cobrar imposto de impoetação e escaparam da liquidação pelos herdeiros de sua morte e foram responsáveis por distritos congestionados e rolaram toras toralinas lubrificcionadas pra serraria do Pedrão e cortou novas xilogravuras no vo'cais de Paolis e ejacólaram na galinda Lia nos páramos de Raquel e forçaram a fenda de Dominic e encararam com jogolhos vorazes o tabuleiro de xadrezânimo e cavalgaram oitenta vivaldinvernos e atingiram o petróleo da rocha e abordaram um policial e racharam o bico de suas caras assintinduos trapalhões Tobias e Zacarias e pararam parando e continuaram continuando e estimularam o alcoolismo e derramaram bálsamo e foram amarrados por seus clientes e mastigaram o latim em pó ao pé da finneganestaca quando no zoológicuzinho dela ele desistiu de sua cabra cabriola apóiza batalha de Mullafarry sem cabeça. Faroá com fada, dois mentem, deixe-os! No entretanto eles riotornellaram, tal karl leif høgghaug, himmertalidade, belzebull da cara preta e demonho yacurunaquatico, vela na mão, leme no alto, pra esconde-escondespia pela nebulosidade da selva onírica onde, até quia hora deles com o teatro do inconsciente chegue pra sempre e o livro das mortes épocas ele feche, ele amarra e ela e ela assigna seu tour d'adieu, Pervinca chamando, Marcos Soloscar

ouve. (Ó Sheem! Ó Shaam!), e a gentil Isad Ysut humordaçada, saracoteando na folhia dos bajulassons noitzscheanos, decididinsidiosamente, pra Finnegan, pra pecar novamente e fazer a vovó carrancuda grunhir e sorrir novamente enquanto os primeiros fios grisalhos roubam o prateado pra zombar de suas pelejas na decadente dollymount.

Eles se aproximam da base da escada fria, aquele grande vinicultor incorporado et licenciado, tal cromos elié, dêsdios tempozantigos, nove anfitriões autocentrados, em seu estababelecimento hidrocômico e sua ambulaguante parceira hidrógrafofoqueira, o gênio do anel que inquieta a mão que esfrega a lâmpada que obscurece a caminhada que se dobra pra sua desconstrução o capetalista ocupado que subiu as fênix parkorredeiras na piroga feniana que conservou sua viúva que deu um trato no papa que o serviu a papa no prato dos voluntários até furar azorêias de Purses El Relles que deu uma joelhada em O'Connell pra tirá-lo da sua zona de conforto que empurrou Burke que deu uma cabeçada em O'Hara que acordou o músico de rua que agradeceu sua multidão que gingou na roda dos capoeiristas pra rimar a chuviscoesia que inundou as poevias nazilhas Erylandesas desde Malin até Clear e Carnsore Point chegando a Slyne in Galway e limpou os bolsos e resgatou as costelas de todozozouvintes, vassalos e leigos, que compraram a balada que Hosty compôs.

[580]

De qualquer mineira (o assunto é probremático e penigroso) eles não o chamaram em muitas de suas reuniões de indignação simulada, voleibólica vingança vectiva do tribunal vêmico, innvasores e forrósteiros, os notáveis, lançando calúnias sobre ele de sua barbeabaria sullivan, seu renomamado patriarca da lei? Heinz cachaçando em todosos bares e a tietêta dela caino nela mesma e o dinheiro na meia-calça da família Eyrewaker quieles contrabundearam pra vida entrieles, rugindo (Big Reilly era o mais barra pesada): bebida grátis pro homem da piada, claro, ele nunca valeu uma peidada de cornerwall, e o penico de sua bansheexorxista ela é um velho peidaço de mal caminho de carne mijada: enquanto eles ziguezagueavam em diereção à sua esposa dêsdio molhadinho vinhedo opulento de seu find me cool naíma, sequestrando através da gargântua do desfiladeiro, enquanto elezeram arrastados pra casa com seus barris, axpoxtelando, e reivindicando consolo do encapuzado, coraçãozelevados, dos fogosdiartificioazuis da ursa maior e da friaca marciana?

Não era usual deles, nossos neopequeniños comerciantes terminológicos, pra abominar o exterior deles, o zainda não regevenereadores relâmpagozinhos, cujo sotaque irlandeseleuziano não thomas cognescimento de nenhum senhorfeito, como entre a norma conjugal e a *mens conscia recti*, então o macho masculino homem não tá dano a mínina pras mulheromnipotentes, maizagora ela tá deixano qualquer zinha cair no colo dele como qualquer cabaleirozinho de maida vale numa botecova? Ah, queridão! Querido, queridão! E a virilha dela! E o pynchon dele! Quando eles tavam todos lá agora, marcando território no matin pra bizolhar. Na incruzilhada com awlus plawshus, sua claudiosa via pososudappia! E intão y também os triviais! E seu bivaque! E seu monomito! Ah ho! Não diga mais porra nenhuma sobre essa porra! Sinto muito! Eu vi. Sinto muito! Sinto muito dizer que vi!

Não há também entre nóises depois de todozozeventos (ou assim balbucia um líder hebdomadário) algum conjuntorgasmo de porvir&todaviatodos vocêssabem que, na medida aristotelicadiante em que, todos acima e abaixo da buracompletude da concriação digam, eficiente primeiro chega lá finalmente todazas vezes, com uma matéria complexa de forma pura, praqueles excessos e aquela asfaltapaterna musicárdua de seus antepassados, em greekonstirpações e rominações, através de novas manchas e velhas traições, outro como aquele autre mas não assim tão otro e aindassimtodia um não totalmente o mesmo e entretanto zaindassim nonada mais que o mutilado e maizuma vez contratadoencontratodos ele pode ser eterno, com uma pequena diferença, até a sua última atualização nos primeiros raios deleuzes da manhã, não obstantas possibabelidades ele ter se tornado acessível?

[581]

Mesmo com os contrapontos ele os gerou.

Portanto multiplicidadevemos, transgredindo eras, agora mesmo laçar absurdados num voto de heresiagradecimento ao cacofônico experimentador mais persuasivo que já deu o melhor de si ao risco do literaturacaso, desejando a ele com seus familiarentretenimentos nenhum finn de veneno lento e um lugar à poderosa amplidão pra eles entre o caldeirão de ponche do diabo e o profundo annjoabordo, pra quieles possam na curva da gratidão fazer ouvidos surdos ao desesperanto de willynully, seus acionistas de Taaffe a Auliffe, quios amaldiçoarão baixanduos preços da inflação média e os levarão à falência com seus descendentes, vergonha, fraude e lucro, ao

mofoverde no bolor sobre a icterícia enquanto houver alvéola sobretaxada num caso de teste de gênero em qualquer homem.

Teremos que tê-los quer queiramos ou não. Eles terão que nos ter agora então estaremos aqui no lugardeles. Pouca esperança deles ou nossa de escapar da alta carnificina da semperidentidade da vida subsistindo fragmentarervilhamente sob variáveis. Sanguinária celteza de que temos que cuidar disso antes quio cheiro forte da morte nos pegue de surpresa neste concreto pra que pelas ravinas das era possamos nos pegar ansiosos pelo que olhará por nós avant-garde na atemporalidade zelando pelos garotos de rua no posfácio naquele oniriquarto multiespelhos de retornozenodados, girando sem fim ao fim. Então havia um ferreirousado... que em Dyffinsborg fez... Com seu ferro de solda, machados assassinos, pernasdemartelo e... Onde havia uma jovem ajeitadinha... Que estava jogando seu jogo de... E ela cantou a usted canções de ninar... Você vai ganhar dinheiro no meu pântano... E ele aparou o mato dela na larlanda, pavimentou o caminho dela de Iron Maidenhead a Youghal. E é assim que Humpfrey Beto, o emir campeão, se mantém. Tímidocemente, ela descansa.

Ou mostre-se superior a ele agora, é seu dever! Rude pele vermelha deve levar o expurgo de lansã Patrick. O Hoko andão, em seu pijama de ursinho acinturado nas costelas! Terceira posição de concordância! Excelente visão frontal. Si-dó-mi. Fêmea mascarando imperfeitamente o macho. Marca scarlatti na testa. Cromatismuié é a vítima!

Thon Zeus é o dullakeykongsbyogblagroggerswagginline (juízes particularevangelizadores, mudem aqui pra Luterolândia! Onlyfansromanos, mantenham insuas cadeiras!) que atraiu lengalengamente patricinhas com muchas gracias pra nossa grande mettróllops. Leary, leary, quase vintium, ele stá tramando contra reis pra ampliação de sua vila! Olhe pra ele agora neste momento! Enquanto

[582]

pontecidos dele são reduzidos a farraposdebebê, pelo sotavento de sua robusta couraça ereta nazórbitas dela, e o suspiro de seu arx de júpiter em ação, vejo quiele é naval. Pobre tartanelle pequenine, ela star dando com alíngua nos dienties, a

situação complicada em quiela star, o chifrudo quiela carrega nas costas! Seu sorriso maroto se sfumaça atrás de suas colinas. Pela rodopiada performática do chapeuzinho dela e o levantamento de sua alternânsaia ao acaso e a marcação de seu passo acompanhando o compasso, dois pensamentos de cada vez, o país dela me irlandá orgulho. A pista é maizem baixo, a corrida é deles. O galeãomão jovial inseyu pesadelo marrom de veado. Bigrob dignifincando sua lylyputtana. Um a um fode um! A fiótinha, io, io, dorme em paz, em paz. E os gemininos maluquinhos, ganymede, garrymore, cavalgadormecem em trote e trote. Maizo véio pão vai a galope, a galope. Fosferino e fosferina. Um a um sobrepondo-se!

Ó, Ó, sua fada setalite! Projetando tais sombras pros cegos da Pérsia! O homem na rua pode ver o evento que seaproxima. Fotograflashando-o mui amplamente. Em breve será conhecido por tueda la Urania. Como medor de cotovelo titânicômico; como rumor fuxicósmico de reia orbitando os planetas; como dragão da china incendiando jápeto; como rosazacinzentadas ao leste. Os dias saturnos do satierico impulsionam o mais próximo de Phoebe Camargo. Aqui star o dilúvio e o tsunami de linho que star por vir sôbria indefesa Irrylanda. Noá ninguém que vá de arca pra malahide de Liv y apost a vida noéla? Ou quem comprará os botões de rosa dela, enlutados botões de rosa, espiñosa rosa de nivía, sem paps n'alíngua de anan? Da queda do figo ao ultimato do juízo finn annal de cada efêmero aniversário enquanto a polícia do parque descasca a banana espiando pra pôr na balança a al-qaeda morral do condado de bublin. Aquele treinador star fazendo movimentos ciclolares! Rápido, pague pra ver!

Kickakick. Ela teve que kakakaskar uma risada. No velho pau-no-cu dela. O jeito quiele tropitacava roçando sua barriga na dela, dobrado na pinga, meetendo rotineiramente como um bloom parceiro, cômuo vigoroso Rei do Cricket, o batedor de carteira. O taco fabricado por Caim e habelmente encerado dospézacabeça. Maiza marca do cricketirano estigmagmatizada insua testa vulcanicamente suada. Às rapidinhoras meia-bombas da manhã. E o lampião dela tava todo torto e o askewroso querendo daruma bolada no pavio-curto-dela, aneldonibelungoleador de cricket. Ela teve que rebater a bólide do lançador, ela teve que segurar o taco, mais grosso quia varinha de condão da fada da lâmpada dela, pagandum bocricket a jessup sob a fumaça da chaminé. E a poposição de defesa dela contra um rebatedor perverso, sempre quiela se poposiciona atrás dos gols pruma piscadela ao craque tyldesley

deslizanzando através da calça arriada de tunncliffe atrás das bolas em ascensão do arremessador, enquanto ele cravava studd'inho e

[583]

stoddard'ava uma e trott'ava e trumper'teava, pra ver como lordharris bateu boylan com blackham até avermelhar a bobocetinha dela, isso fazia cócegas nazentradas dela pra arremessar o cônjugesperma do pontorgasmo final no jongo das les sex da manhã. Cunilalinguando-o inseu lalinguajar pidginbrido, cuma cutucada nas bolas pra lubrificação, pra coisa dela pegar fogo mais rápido, mais rápido. Ye hek, ye hok, yo incrível huckey metendo gol! Magrath elié meu rolo compressor, elié, pra pavimentar toda a minha velha estrada do conhecimento. Ele ganhará o cara ou coroa, dará uma tacada incapacitante na tua bólide de macho véio e eu te desafio, barraqueiro buller, a quebrar o pato dele! Elié grannfinno. Eu o arremesso. Stamos pareando todos os Coisais até que os maresvasios corram googlesportivamente. Declare às cinzas e teste a compoetividade dele! Três por dois serão o bastante pra mim e ele pra ti e ela pra tu. Vacuumcalma, pela graça dos campos, ou pooley'mizando a confusão, esburacados, nós dois agarraremos a bola de surpresa nas derrapalpadelas por medo que o pneu dele fure e estoure o dunlop dele e acorde as criançasfadesas dela fazendo suas bobocriônicas. O velho jogo do riobaldinho gaúcho do cricket, garrinchando nas quatro linhas, com seu chapelão atowalhado e seus meiões thomas hobbs e sua corcunda de sábio e seu avental-te-ching nórdicaçougueiro e sua pegada de cavalheiro e seu mergulho de playaboy e seu pintoque aflanelado, pisando na corcunda dela e trocanduos pés pelas mãos-tsé-tongues com uma niña cintodecastidadonzelada, bocetovalada com as jogadoras dela ôndias proteções de suas punições deveriam star por direitos femininos quando, cocoricóia só, a galinha na alphavellópera do cantagalo cocoricómeçou num tom cocoricóconstrutor a rachar o bico disso, kikiki, kókókó, do jeito que ela tava galouca pra cócóríkikicar pela periquita engalinhada dela (comé quié isso? Desbolado, ele carrega seu taco!) novecentos e trintespermas também não jogou a bola pra fora, em todos os momentos muito além do galo cocoriconquistador dos morgamanheceres.

Como nos culpar?

Cocoricó!

Hordarmageddon do Todo-pedreiros jejum eterno. Rico! Tal como bill para a boule. Como a belle para o beautifutbol. Nós aqui saciados retornamos os agradecimentos dos auditores por aqueles e seus favores desde que desfrutados com segurança. Cocóree core! Tellemann barrococoricompositor. Tubbernáculo em tippettrary, filhos, viajantes em companhia e suas filhas em idade pra deslocar, chave de perna apertadinha de anne por suas contrações cabo-de-guerreannas à finnada pessoa dele. Eco, choree chorecho! Ó eu tu Ó tu eu! Bem, todos nós nozunimos pensonhativamente pra render gratias, bem, entre amores repassados, implorando o perdão de sua honra por, bem, exclusivos direitos de imargem

[584]

do aqui-ouvir apaixonadas fofocas das weekreações dele, aparecendo na edição da próxima vida eterna do Sentinela de Netuno e Luminosos Corujolhos em Tritonville com bem a maizampla circulação ao redor de todo o universo. Echolo choree choroh choree chorico! Como O meu yaya meu youhou meu Eu youtou pro O bjeto Eu? Obrigado ainda à modesta Srta. Seguravela e ao magnífico Maestro Mendelssohn que tão amabilmente enricresceram cusseus serviches como dreama de honra e, bem, como carregador de πânus, respectivamente. E um breve aceno cordialesco de agradeshinmento ao fazer chinchin pro bem paciente toquederrecolher como preventivo (com sua permissão), pra todazessas ocasiões, destacascavelmente substituíveis (obrigado também! dois himens intactos!). Assim cômuo auricular de Malthus dele, o prometeico para-raios que primeiro (Rogo que vá! rogo que vá!) ensinou ao relâmpagozo do amor o caminho (que prova de compaixão) pra se conduzir bem (misericórdia, acerte o tiro! só faça o favor de não mencionar isso!). Venham todozocêis vovôs cabras-machos e vox vózinhas murmurantes, venham todozocêis marqueteiros e batedoresdepunhetestacas, venham todozocêis inventores da mais-valia e cobradores de dividendos, descobridoresdefogo, trabalhadoresdomar, condenem-no profundanistamente! Tudo o quiainda é vida com la muerte inata, todosos verbums sapientes ainda destinados a ser, a fazer e a sofrer, toda criatura, em todosos lugares, por favor, chicobuarcoloque-se no lugar dela! Enquântuo amanhecer cinza-salpicado searrasta seaproximando pra acordar todosos zumbisbilhoteiros que tiram uma soneca em Dublin.

Humperfeldt e Anunska, casados agora pra sempre em annastomoses porum plano terreno de placenta, namorador bigodudo e donabella. Santhomem por vir e esquemenina, quiassim separarão os grillhões prum novo desejo, revogam um ato de união pra unir-se em laços de movimentos sísmicos. Oh yes! Oh yes! Retire seu membro. Acabou. Esta câmara stá abjurada. Tal precedente é em grande porter uma causa pra falta de continências coletivas entre o pomar de Donnelly como ao longo da vida eterna o ladobsкуро do campo de Fairbrother. Hambo, tranque a boceta dela! Anny, apague seu fogo com a mangueira dele! Guarde a toalha de mesa! Você nunca molha o chá! E você pode voltar imeidiotamente pra sua Aunty Dilluvianna, Humprey, depois disso!

Retire-se pra descansar sem primeiro masturbabelizar o próximo, lance de humanidados de descriissons instáveis. Outros stão tão cansados de si mesmos quantum usted. Que cadum autodidate-se na autoflagelação. É estritamente

[585]

solicitado que não haja fumada de MacCoolnha, cusp, bate-pap de pub, rounds de luto-livre, cantadas de pedreiro, atentado violento ao pudor, etc, álcooltecendo entre tais horas tão sagradas pro repouso. Olhe antes pra trás antes doucê se despir. Despir-se encoberta no maizestrito segredo quia privacidade pode proporcionar. Água *non* deve ser mijada *coram* duma grade ou *ex* janela. Nunca se divorcie na roupoesia de camus da luva que vai te denunciar. A Babá Maud que de boba não tem nonada pode tagarelar pra Bobó (por sua vida, você faria isso!) ela pra amiga do peito dela que faz todazas tarefas (e o que você acha que minha Madeleine viu?): essa jumenta basicamente varre tudo junto com todosos velhos corporativistas (você já rousseouviu falar dum bloom selvagem que apostou pureza-e-cu em brincadeiras de papai & mamãe?): o rio choramingão então recebe o que lhe é devido (adicionando um din um ding ou dó-ré-mixirico): daí aqüelas lavadeiras (Ó, me fofocconfunda mais sobre as poetinhas das maggies! Eu me refiro à branquinha Madge Ellis e a bronzeada Mag Dillon). Atenção a todos! Cada subterrâneo caluniador em Dupling nos fuxicará se você pagou o processo por dreamfamação ou seo seu aluguel stá aberto pra suncê ser despejado pelo seu barriga ou se stá atrasado cômuo do seu madrugada. Issué sério. Aqui é uma hamletiny house não um grand hotelo.

Isso mesmo, velho olodum!

Tudo de flato é tão logos tal qual é tão ancestralmente certo que qualquerum já esteve naogum longínquo espaço ancestral. Se ele, quanduescaldado poraquela chocadeira, ultrapassasse os limites por aqui num ponto do tempo tal como este seapresenta pra extrair todo o ouro das florestas e nadar em rivieras de dinheiro (cinquenta por cento de retorno das três gangues multadicionando num lote de vinte somando um inteiro a um quinteto ao deuce ou a números rimanos elevando a uma taxa X e dois pequenos uns) com o cabaço dela nele ouvendo os excrementons dos tordos ainda cantando bandolinamente seus parasons em dialeto cornualhês: significa papai lestendido ao cantão de appenzellia duncan, velha de guerra quiele buracanta alto: suspiro polirrítmico do investigador Sherlacan Holmes, cidadela de tanquam, aquietando sua fome de indagassons recalcados no crumlin, ele iria mark siscar na entrada das epifanicatacumbas de luz turvamaldiçoando qualqueruma das janelalmas do tiozão. Mais, a menos que nunca estivéssemos reversamentenganados, siêlle trouxesse suas botiniñas pruma trégua na paz, uma ao lado da outra uma, na rota certa da estrada, ele não apreenderia nenhum som do esconderijo ou caverna além do fluxo de consciênciágua estava ciganando água, parolando a ele agora, parolando a ele tudo, tudo sobre o bifão de ΔnnΔnΔs e livery, fique e queime a rosca de ΔnnΔnΔs na livery, e muntcha manteiga com murmurlada, pra

[586]

colocar aveia quark pra ele na livery. Faurora! Quatrorasdaurora! Finalmente acabou! Passe o cacetinho no bacalhau ou passe no arenque ou o vento cortante os flagrará entre azárvores.

Silvo! Que tínhamos apenas a luz da nossa lanterneblina pra ver com, certo, em nosso ponto de vista, eu e meu auxiliar, Jimmy d'Arcy Ribeiro, não tínhamos, Jimmy? — Com quem ver quem com? Beijo! Não, kidd bengala, caipintão, que ele nos deixou, três alegres carteiros, primeiro um casal de Mountjoys e cigarrinhos do diablo com seu humor gozadóculos de valentão, apimentado com as divertidas puntominas do nosso Theoatro Regal, nas instalações da Cambridge Arms de Teddy Ales enquanto estáweissmos deitados, joias da coroa até o amendoim, ele se travestia de madrasta, velho nariz gogólico, ou um viúvovô, o quiele disse, rapazes, tirem o chapéu Whitby, cortando o colarinho da breja e desejando, com todo o respeito à velha nação, amanhã camaradas, nós, sua longa vida de força e seu empréstimo do cantil de vodkouro ao

nosso rei todo-santificcionado, o cântaro quiele entornou pra cair do muro, (que Deusleuze esquizoanalizestique ele!) seu ponto de vista era, pra daruma sova de cinta e sacrificcióná-lo antes do jogo de buraco implorando por cervejesus e submarinossa senhora além do beber e do bar maizele não se portou com a mínima classe no botecais do porto e cimentou amizhades entre nossos calçacheiros, sendum refugiado, nénão, Jimmy? — Quem é fiel a mim? Chiu! Charles Aves melodiosas, isso é o que minha jovem senhora aqui, Fred Atkins, impudicorneteiro Fred, todozos pecaminhos de Melmoth em Natal, ela o chama, submerso no cromatismo, animalizadodecafonando, quanduele cumete suas perguntas wildeterminadas vis-à-vis o império secreto da cobra que rastejava num ponto de nosso julgaymento por baixaria, como foi isso, Jimmy? — Quem tem cigarretheresias a declarar? Falasser agora ou oscarle-se para sempre! Tocando nas chateações do nossos Vigílias do Phoenix na reunião das garçonhetes, as delicastas, de Elsie a Chelsies, os duas tenros botões em flor, e aqueles maníacos do parkie, sarna, cardo e mostarda, elezestavam por desistir de suas transgressões nebulosas por ordem que deduzimos diantemão ele deve ser inexperiente em caldo de cona, a festa, não, Jimmy MacCawtholick? Quem transgrediu contra mim? Briss! É ele consua peruca, mascando seu clichete a bordo, esse é nosso papa-granizo, Mister Barbudo, um burgomestre talentoso, um grande unificador entre os maiores, quiele nos contou segredos privados de sua própria boca de santo comuele costumava ser, meus rapazes, antes quiesse baco ato álcoontecesse, o quié que tem a dizer, nosso Jimmy o frequentador de capelupanares? — Que teme todozos mestres! Olá, Chimpanzéca Paugozadinho de Nolan, meu

[587]

próprio doce amor proilibido, quiele põe sua mãozona nimim atrás da moita dozexcluídos, Freda explica, não seja um emoji! Lacantinue, ele diz, embora permaneçamos perdidos neste mundo de wildeus. Temos que espiar uma meia polpa duma bunda sob o chilrear das charles aves melodiosas agora que seu envelhecido rosto casca-grossa emana solidão consuas defesas baixas durante seu armorstício, explica meu Fred, e Jamessime aqui que, psicornalizando isso, ela simplesmente deve, ela explica, nosso animal reprimido, ela fará um marilynmonroerismo do seu ponto de vista (Como seu vestido voa! Aparece uma periquitinha!) pra manter os

babados longe da grama enquanto faz uma visita ao musichall além do bem-me-quer molhadinha & do malmequer sequinha e emparelha suas coxas às dele com apenas um enroscamento depois quio mulherengago voltou mesmo que tenhamos daguerreado uma bataille elié franco-atirador e tirador de rolhas de duas garrafas de cervejocosidade cuma shandy de Fred e um fino goró oloroso que tava queimando a gargântua dele por, meu direito, Jimmy, meu velho padreco da cor do pecado? — De queen é a dor, Ó quão minha é!

Seguindo a passos de formiga até o mirante, sob a sombra moentranhosa do rei o mesmum de cadum de nós, cujo anátemapelido é proibido, cujo cabeça stá encapuzada, paraísoaviso da bebedereção, comocê orvalhou? Santa Mariaalegria, tristhera, o que quer que cerveja e proustituta, Sr. Black Atkins e vocês soldadois da cavadollaria, voceizestavam lá? Houve cessar-fogo de neve, ejacumulação de neve sob o luar? Ou o vulcão chupando manga pairou sôbria terra em tom âmbar os erupsons do seu pássarodelfuego? Número dois a caminho! Tudo tensionado no interior! Foi vislumbrada a quantidade média de nuvens? Ou o chuvisco stravinscaiu agogôta a gota? Seas águas pudessem hablar da mesma forma que fluem! Tim Tom, toque o batuque! Izzy stá ocupada descendo o vale! Mizpah calçabaixou, youyou, número um, em umidade profunda! Ouça, caia na tocaia perfeita, por favor! Bocê tá coberta de razão. Você sente tanta falta dele, pra ouvir! Com celteza, meu compromisso entre nós, não há um Noel comuele aqui pra ouvir. Da cinzábêcê ao carvão::capim, do latim em pó ao pótuuguês! Desde que Allan Rogue amou Arrah Pogue tudo valeu a pena quândua Pirocalma não era pequena. Triss! Apenas árvores como essas já foram como aquelas, acenando ao vento ali, a árvoredmund burke, a árvoredna o'brien, a archibaldárvore rowan, a árvoremancipadora o'connel, o π-de-feijão perto do matinho dos ventos uivantes, a megalodonticárvore de o'dundrum. Tremem! Todazazárvores na floresta tremeram de coragem, humildadas, quandouviram as noitzschecias sôbrio juizópera final do villa-lobisomem.

Tiss! Duas belas viscosas, amarradas a uma árvore, insurgiram-se libertadoras e, imagine, stavam livres! Quatro chistosas meninesposas,

piscando sob capuzes, fizeram as moças como rapazes amarem cavalgar no tronco e pontilharam nosso gramado com coisais traparceiros, meioameio, cem dos seus filhos. Então os míseros pennys infantis superaram os pounds dos pais e muitos ganhavam dinheiro do mesmo jeito que no mundo ôndias autoajudestradas pra riqueza cruzavam alphavellas de piolhos e, a causa di tudisso, ele se lançou vanguardamente como um urbanorbe em chamas, fermentandobstáculupulos em triplo pr'afogar a dor, dando e recebendo mayas palavras e tuam, jogando bilhares consuas três bolas diouro, construindo party do capital por anexação territorial egoísta, light na escravização mas pesado na bolsa, nosso habilidosíssimo emporialista comercial, cusseus filhos mandando tudo pra casa do caralho issuas filhas reprimindedando-se ao seu lado. Zé Finni!

Comuele conseguiu economizar tanto, se gabar, o baleeiro no barco, um guinéu porum groat, seu indexador econômico na balança e tanta riqueza na barganha, com a mahler de dinheiro quiele roubou no richard-vagão de bagagem à frente? Saindo na linha de frente à espreita, mestre jackill, sob a noite e rastejando no retorno, occam de caça de butuca, sobre a manhã. Humildemente pra falir e mãodevacamente pra se reerguer, exposição de fracassos. Através das fascismerdas de Duffy e do seguro de MacKenna pros dez mais ricos e os cinco mais pobres a banda tocou. Comuma geração passa o bastão à outra. Apóiza queda. Primeiro pruma mudança duma licença de sete dias ele migrou dissua saudável fazenda e assim perdeu sua terrena vida paraísoquial. Então (foi na fenlândia) ocidentalmente como num passe de mágica seis epifânicarinhas de juninaparência surgiram animaisescas insuas curvas insinuantes pela grade do conficcionário atirando pra todo lado, mostrando todazas formas de jovens em collants de tirar o sono. Prontamente anti-edepoismente em tempos não datados, muito propriamente uma dúzia de gerações antes deles, um tubulassom estourou e destruinundou suas fortunas, lançandum esgoto de inverdades insua corte de cinco contra um e no belo galinheiro dele onde só se salvaram dois pedaços de pena na antessala de julgozamento. Em seguida, apósiza devida reflutuação, os quatro estassons do furacãooposição sopranados por tamar gelashvillilobos vivaldespedaçaram as paredesdevidro dissua casa y a lousa usada pra contababilidade quiô contador dele stava falsificozinhand. Então vieram três porquiniños corneteiros quiô contrapontisticatacaram y ô cornetecruzaram. Mais tarde na mesma noite dois hussitas fugiram poruma violação dirceus estatutos y o deixaram,

os infiéis, pra pagar a si mesmo em lembranças gentis. Até que, por finn, caiu a católicoroa do cerbejeiro, quandum explosivium dissuas destilarias

[589]

surdomudestruiu todo o estoque do boteco pra sua flauta sinfornicadora mais diluviosa e o derrubou, o que resta duma heptarquia, alfaesbelta e letrada, chorando preocupada porsua moribundona in bancarrota.

Meu pepep nusseu popop. O'Pagador de prome\$\$a\$, segurado e penalizado, aos pés do ohoho honesto policista. Nunca mais, pelo Phoenis, jurou por ele Lloyd's, não pela caipirinha de fruto proibido, não depois do pai de Sir Joe Meade, obrigado! Eles o conhecem, o pactuante, ao menos de cor, como um camaleão nazúltimas, insuas verdadeiras cores paraísilusórias de tecituras ultraviolentas a infravermelhas. Eça é sua última trindade a marchar pelo grande arco do triunforró. Seu álcool-íris disparou. Nunca mais! Comocê faz isso, Sinhô Diapaisão? Bocê tem bouns prêmiums. Rezei pra pragar antecifathermente minhas prome\$\$a\$.

Álcoordo fechado, Pra Galês ver, ele stava cheio gana pra trabalhar duro cum ferrão na budha como numa colmeia, de truques de raposa véia mas quem, hey abelhinha melodiozzza, por todosos valores disseus últimozescritos, um pretérinteiro mais que perfeito, era a última bolacha do pacote na empresa? Aclamado folcloricapetalistamente, em parte lamentadespedido, aclumulado comuma nuvem conclávica, Nuah-Nuah, Nababo dos Nephilim! Afinal tudor o que sesseguiu foi por caos do aprendiz? Já cques as sombras do agora seaproximam ao mesmo tempo quio augora busca uma linha de fuga. Carambach, ugh, kek, ptah, esse erum homem doente! Conhaqueixudo, pudim bom pra caralho, issué realmente um suecomão da porra doce! Mas Jurupingago blefador, pra lá de bagdada, senhor, ali staria ao menozuma vez sobre o nosso todo honrado coelhinhodapáscoa enamorado da mamãe noel. Quarta posição da solução. Que johnny cagejacule alegria! Bela vista do horizonte. Quadro final. Dó-mi-see. Macho e fêmea o desmascararam. Trabuconão por pistolão! Queen agora faz respiração baco a baco no alterofilhismo. Amanhecer! A nuca do couro cabeludo disseu defensor publicognome. Só-corro! Depois de ter dodecassonhado tudo o quiele reco-recalcou. Bárbaro! Compôs extravasando até polegadatômizar seu núcleo. Mais! Baixem as cortinas. Em quantum a abelha rainha

kikambaleava com o peso dos chifres o abençoa com a benção dela pra sentir as funções de engroçadinho dele no Dia D. Brado Retumbante.

Camadas, camadas e camadas. Ritornelos.

[590]

LIVRO IV

I

lansâncto! lansâncto! lansâncto!

Chamando todos os riopazes. Cuclamando todos os hillpazes pro gandhi dia. Arrá! Surreição. Eireweeker pro bloomsdublin mundial. O'relha, O'relha, O'relha! Phênisquis, O'relha! Pra que tua natureza de pássaro pössara ser. Cê sherlocka roma muitos assuntos. Mar nebuloso ao leste da Ossiania. Aqui! Aqui! Tass, Patt, Staff, Woff, Havv, Bluvv e Rutter. A punluição tá aumentando. E o ann seião dos ann seiões já se metaforaforseou noutras épocas pra ladainhar os bonnamours. Som feinho, som feinho avant! Blooms dia, cê viu a alvorada do Piers? Alguns ânions atrás nós vós usamos a partir da fusão dos nós now ortro. Invocando todos os gandhi dias. Caosclamando todos os gandhi dias pro despertar. A velha procriassangue clãmunitária de naturezas a Foyñ Mac-Hooligan. O líder, o líder! Jubilendas asseguram acordar Temorário. Slogan anunciando. Hellnasça, finnado pessoa, das trevas ao burburinho! E que Billey Feghin seja barrado no baile de sua humulhação. Conficções a santhorgostinho. Temos a maior gratificação em anunciar ao publicuzinho alvo de patricios praticantes, genghinness cão é bão pra khanchorro.

Uma mão heregemente celestial emerge, hostentando uma carta expandida.

O semeia dor das sementes de luz para as velhas almas frias quiestão no domínio de Defmut após a noite da transmissão da palavra de Nãoé e a noite de Memehs cochichilar de conchinha numa caçarola, Pu Nu pinta o seth, senhor dos levantes no mundo dos motes de Ntamplin, toph triunfante, fala quieu tiescuto.

[593]

Vah! Suvarn Sur! Esperme estigmas ao renovador do céu, tu que agnitetoteronas! Dah! Arthur a caminho! Ser! Verbo umpricipiante através dos espaços tranchistivos! Kilt por kelt atomizaram kithagain com kinagain. Elegemos por ti, Tintangel. Svadesia salve! Nós Du bar nenses, te conjuramos. Um caminho, o Amanhã, de nossa mitrópole, atravessando dimdom quer chote até quia luz no finn do tonel no encha de esperançhopp mas me busque o jornal dodia, iteritinerante, o karl marxou seu curso, em meio ao sêmemtério do Somnho. Até Heliotrópolis, o castelado, o enfeitiçador.

Aguora si agué m procurasse um sorbonnete e outraguém fervesse $H_{ce2}O$ nós poderíamos, enquanto você dizia Morkret Miry ou Smud, Brunt e Rubbinsen, fabricantar mantras om budistas ao solbão nesta butalha de bumbumtamtam nas dunas. Nu entanto o esclarecimento começa em. Prondiéquié o loucal pra? Diondié quia a hora vem? Todavia veja! Lévy's raios de solbruhlnete! Aceite. Invasores devem ser perseguidos. Qui stabat Meins quantum qui stabat Peins. Como eutrora. E lá vamo noix dinovo. Nossos tons de mestiçagem se mesclam e hip hip hurrampilham horizontes. Uma garraflasche e, num rasche de mágica, jogará o lansche de dados, como a vida pula de bar em bar. Pra adega mais especiálcool com o rosé top do Monte do Além, clubpubber, em lojas em geral e. Atriovés de botecos, Lugh o Earwickondenado terá audição postergada e dará tablefes dolorosos em seus bambiunos. A tochama da madrugada totoca the stone is on the table até o centro do grande círculo dos macrólitos de Helusbelus nos arbustos punbianus nesta nossa peneloplanície próxima à Bahía de Fangaluvulva diondi hombres chifreuds se erguem da cova, pedras eretas, pra floran e eric frohn, ídolos dos istmianos. Lá ondi judas perdeu a butt. Cinzentas fofocas fantasmagróricas botando fogo no molhado. O passado agora puxa. Poizum the best, até Danaldo o Gandhi, pode meter seu narigão gíriatório e trocar os puns pelas mãos. Edar um show humoeurístikkko. Mas por que dar o cur antes da noite? Deixe seu Gallus poeteiro kakakarejar, han, e ela, Susquehanna arendt, filosofez pato aqui pato acolá à la kant. Uma vez pro chavecantor, duas pro porter e uma vez vezes dois fezes três pro garçom. Daí a bosta da vacamarela quicagou na panela equagacionou o negrume invasível. Kilowattsapps servem pra trapacear com Allimão, marinheiro só, numa chavosa roda de caospoeira pra Seapoint, pierrot lunaireyben, conhecido Bar do Noel e Julinhopunch, por Joge foreman, se cê tomar porradas na cabeça ou começar o ri kursse, alfaiate, cê será silenciado no Henge Ceolégio,

[594]

Exmouth, Velho leste ao leste, garotos, cada e um? Maldita morte rápida e rasteira. Mas a vida continua e o pouvo fala! Acordou? Monte de Haxixi, knockaute e knockaute, xuxuxuxaxaxa, descansa em paz esticado na paisagem de lamusong sobre o canal da gazela e a noiva de Bryne, moreanna do chocalho na canela, é filha, uma eva num casamento proibi'adão com seu pai. Lambel no alto! Plesentemente

plodemos plestar aten'som nos vintinove modos de a Geografilha dizer beijinho beijinho tchau tchau e até logos. Com os quarenta pecar diolhos piscando pra que seja eterno enquanto duro. Com seu tup. É um longo longo caminho pra ser o premier de Novavirgenlgand. Por carpas, por ribeirão jacaré, por confeitos, por bezerros, por salchistões, por batata, por bife de porco, por mayocho-men, por limerick tiro foi esse, por waterfod gostoso, por wexford ka, por louthofagos, por kil dar ré, por tomar leitrim, por kerry key, por carlow drummond, por leix seca, por offalylyth, por donegal costa, por clare nunes galw'ay sieu te pego, por longfod forte, por monaghanmico, por fermanagh, por cavan halen, por antrimpunlogia, por armagh ao próximo, por wicklownazepan, por roscommonanumu, por sligoogole, por meathilda, por kanye westmeath, por miami meath, kilkenny G. Tep! Venha liderar, crom lech! Top. Sabiamente por nós o Velho Burton retirou sua teoria. Cê tá alpsolutamente falserto! Amsulumm. Mazisso é o pé-rapado do porter rimando raps? Namantanai. Tem celteza de que não é sua hellsurrizão? Amslu! Tudo bem. Aprendemos a ver pelo ipad o munimento de wellington zé, Duk de Forró, entre herraduras, charretes e etceterogênia pechinchas de carriola, maistruação e menospausa, pois, mesmo ou embora, em dupla preposição como em tripla conjunção, como a pesquisa moderna na topaia que foi Mankailândia provou a partir da pikalaba presente no melma de maramara moira quiuma geração sucessiva sucedeu-se nas pro pro fun fun dendêzas Deprofundizeras. Corações enterrados. Descansem aqui.

Nana neném que a Conk vem pegar. Dorme em paus ó sonhor.

Deixe-o mimindo, o mimado! Até que baixem as veneziannas do seu sonho. Ele pode rirlaxar. Ponto finn annal.

Assim o peca-pound immana seu kant distant. Escutando, el Syd!

A criança, uma criança natural, eteronominada pelos mnomes de, (aya! aya!), fezquefoi sequestrada numa idade provavelmente recente, possivelmente remotíssima; ou ele se conjurou da culpa por passar a

[595]

mão-boba; pra quem faz limonada do teatro duabsurto; na quermesse da cabra letreira; numa mamada do cão; falhas do réuva caem; pat; o desengonçado defuntrovão fundador da humornidade dividida; atenção, eis quiele retorna;

renascente; finncarnado; já anuciado ao lado da lareira; em missas matinais; homenageado celebrado exaltado; inimigo purmanente, funn o salmow; um viking pegano onda no rionascimento de cristo; *victis poenis hesternis*; pai abortivo da luz; não cantavam com suastúcia em puns n'roses e rock dream'roll dos Banba, arranjador do sepultura; nos termos dos trinteinue artigos da reconstituição; pela ordem do senhor do cânone cusangrável; erranerráqueo pelo que sabemos dele; painosso, o guerreiro deusconhecido; da montanha Tumbarumba; na presença integraal de lancelotifundiário; czar de todazas rassias; sinhô das memórias do subsolo de dub; o in Diguinness, Woodhenge, como que fugindo da força; com seu chifre cheio de espanh'óleo; o rei da solfrência; gnomossífidessalamandratritão; o grande pungiliszt, fértil e fort; Gunnar, da Saga Gunnings, Gund; um dos dois ou três caras mais quatroquintos quium foileão poderia hencontrar num carnavalhala fora de épica; benedito seja o barril; rios de barris, saca saca-rolha; uma barata, um boiadeiro, uma espécie de amontoadado, um pamphilius, um da vint di nevi, um artifício higiênico solucitado pelo editor; a musculatura de sua coxa; cê sabe; bastante; falando à alegria e à piadade do vigário; o verdi, brancusi e goyazul tremulam no mastro dos guardadaistas; ele; quando nenhum guindaste é ouvido em Elga; falou em nome da leiga; sem vínculos, sem impedimentos, com gigantogiros, com livrícios formais; parasama-se narcisicamente; id'ão e ego; quem senão o porquê; não pula mais cerca camantigamente mas como um jovem palatino; não faltou simgurança nem temperar a juba de leon; embora o finn-oh-funn dele pareça colorido; gaguejazz um tantão; maizé um insetão da porra após comer dalias; memorável sargento de malícias; também é o hellspírito chiste entehahahado; astronomicamente fabulafigurado; como Jambudvispa Vipra previu; a última metade do versículo resgatando sua palavra penhorada; e pra pfinalizar nossa pfesta ele pfoi pfazer lambança com leitinomotiv na paunela quente; seguro, sério, sofisticado, substancial, sereno, sintético, swiftiness.

Pelo antar de Yesus! Uma foucaultrua o fez conquistar dignamente o desejo herdado. As gotas sobre o manto nunca pingaram em torno de Fingal. Goethera! Sais da Uiscãodinávia, Desejo, façum novomem de

quarkerun. Sol? La! O braço de Lámh-fhada tem cocoincidências. Cê quer dizer quistamos tenduma sonora noite de sono? Cê consegue. Tá prestes, tá prestes a, tá prestes a rolar da manjedoura. Svapnasvap. De todazas cousas estranhas que jamais aconteceram nem mesmo nas cem e milhores póginas das unimil e womans noites ou em eddas e oddes ao livro dos tombados, dick e oco pra fazer ocontecer! A totemlidade da vivavida é a única substrância dium riocorrente. Cantabilizado em cantocontado e contocantado em contradiz-que-me-diz cochichado. Por quê? Porque, graxas a Deuscarado e todosos deuspudorados menores, em cujas punlavras foram os caosmeços, há dois signos pros quais riocorrer, o ontem e o hoje, o lado urrado e o lado anjustiçado, sentindo-se adormexendo e álcoordando, no momento atonal, e assim por diante. Por quê? No lado sourdo temos o Moskiosk Djinpallast com suas adjacências gêmeas, o balneário e o bazar, allahallahallah, e na terceira mallarmagem fica o alcovão e o jardim do edda, boony noughty, tudo purapoetaria. Por quê? Erra uma voz uma história sobre cama e cufedemanhã e parricombate e rala-coxa mazessas são outras restórias de dor e karlpitalismo selvaginal, pechincha e tráfico de hostilizados, competição e enimizade. Por quê? Cada hablabla tem seu espassom-templo, testemunhe Shavarsanjivana, e todos-os-sonhos sob o ruído de assonhâncias terão um finn. Por quê? É um don quer chote de bebatalhas bébicas, sistomia distomia, que assim como você aí também é uma parte do todos em qualquer lugar dos doze somnos. Por quê? Investigue-me.

E como é triste dormidizer.

Saca só! Uma ponta de arrepio no ato, anilancinante. Detetive da verdadiespectral! Vayuns! Dionde veio thots? É infinitesimalmente febril, febre baixa, febre alta, um coranto de ária, dorminhoco despertando, nas zonas nebulosas do pressentimento recalcado, gip, e novamente, geip, um lampejo dium futuro de suposta mahamayabilidade através do vildro diuma ventana na ventania dium vento voraz como um ventilador de ventorações verbocosmosvisuais.

Tom.

São graus excelsius perfektius. Um jaladevatã inda faz dança da chuva. Nuvem secular mas carregada. Anêmona activescente faz a torporatura vortar ao mornal. A natureza úmida se sente ar vontade com o allfresco. A verbena passa a mensagem enquanto a grama administra. Eles dizem, eles dizem mesmo, eles realmente dizem.

Cê comeu maçons du eaden. Confessa cuais. Cê serpenteou no meio duma peixota. Diga cual.

[597]

Cadum desses objetos, pessoas e lugares substantivam quase nada em tudo que conto e simplesmente dão vida à obra num dromo de todos sem um limite pro eu lírico dos seus troversos. Cara-de-pun. Cê o tinha na ponta da língua. Nem um salutarário som silábico existe desdintão. Olho por olho, dante por dente. Nuctumbulumbumus vagueia rumo ao Nilo. Victorias neanzas. Alberths neantas. Foi uma longa, muito longa, escura, muito escura, noitada allberta sem finn, dura diaguentar, e poderíamos acreassuntar que foi bastante variada e um tanto trôpega. Ele deixou uma mensagem. Diu! O que foi já era, o que vem tá a caminho. Hasta la vista baby ao ontem, hasta la victoria siempre ao amanhã. Dormido, destinado. Doom é o fausto. Bem baixo, bom outro. Agora dia, dia lento, do delicado ao divino, divases. Padma, mais brilhante e doce, esta flor que toca uma, é a nossa hora de hillnascer. Cócegas, cócegas. Spray de lótus. Hasta la próxima. Adya.

Rebebam gracias, gracinfinitum, dhamas. Neste europeicídio tá o fim do Índio.

Há algo supernoitural em tudo o que cê falhou dele. Pãpãpãpão e vivivivinho não são só vanvan e pinpin no seu popô de Tamil grenietzsche sem chororô mas simplisolamente eles são eles. Este influencer a seguir é aquele cara estranho. Himkim kimkim cai barba. Os pães amanhecidos podem ficar como o diabamassou e guernica voltar pra parede atômica. Meteus, marcus, loucus e joânus agora querem o camal em que se meteram. E suas últimas palavras de hoje em acustomologia comparada narrarão a nazixtensão de quase uma fantasia pelo slogan da força wartravés da alegria, enganatroxa, ondiele se levanta. Relaxa pra gozar, umameaça reaçã goela abaixo.

Tim!

Pra eles em Ysat Loka. Ouvindo. A urb et orbi. O agora dientão com o então diagora em tempo continuum. Ouvido. Quem tem tendo terá que ter. Ouvir! Após o big bang do unverbog, chingalingua, serão exatamente menos horas por tantos minutos da obraberta do dia da semana do mess do ano da idade da madamanvantora de Brutus e Olíviapalitus, nosso paupauzão e nossa mamazinha, marido do bar e muié

do lar, e seus filhos e seus netos e seus filhos dos netos e seus bens imobihilários e seus servos e seus

[598]

conhecimentos e seus laços de família e suas sobras diarte e o que quer que seja será que será deles.

Mucho obrigado. Tempo-do-Dia! Mas quando, O'clorck kent?

Que orar som? Vartman! Cê não vê o pcaminho quieles pfundaram, nossos avatores que erraram no Hímenlaya, horríveis mochileiros das galáxias, o vaca, o pocototh, o tigre, o hélíofant, quando até pablo vital tinha sede de athar, trevos de quatro falhas deslizaram na furiosa oreia ouvediça, casco, casco, casco, casco, iabadabadupudupodólogo no pépépé. Antes de ser o que somos! Significando, se as línguas punsdessem funlar, que, havendo as condições primitivas retrocedido gradualmente ainda que a colocação de sólido e fluido tendo em grande medida persistido através de intermitências de fulminância raiovosa, nupcialismo solene, sepultura salene e adivinhação providencial, tornando possível e mesmo inevitável, depois de sua primeira era tem uma era hesitancial do ter ou não ter, no local e período em consideração uma entidade socialmente orgânica de uma circunformação morfológica monetária marítoria militar milenar num estado mais ou menos estabelecido de equilibrium ecolubrado equalobado equilabrado. Solta o verbo, Gearge! Nomomorfemia pra mim! Nãoentremos de gaiato no analvio! Cê já deu um soco no estômago do militar. Do Angar ao Ancorar. Aequotintas. Bonito de ver. Volumão de graçinfiannitta, pontilistas pontuais! Há uma taverna na camusnidade.

Tip. Considere o tópico de Tamotimo. Tip. Browne ainda Noland. Tip. Advertir.

Onde. Cumulusnubuluscirrusnubilousteteia helegendo el cielo, o dardo do desejo feriu o coração dazáguas secretas e o bosque mais popular em todo o distrito tá sendo cultivado atualmente, eminentemente adapatado pras necessidades da humanidade nocauteada pelo pânico e, entre todazas ereções ao altíssimo e todazas brochadas e a névoa da nuvem em que damos duro e a nuvem da névoa sob a qual laboramos, bombar a coisa pra domblinala sobre isso pra que, além de indicar a localidade, sintasse que não se pode contar vantagem antes da hora que, tal como o que é pra ser vai ser, vildade seja dita, apenas mencionando no entanto que o velho do mar e a velha

no céu se não falam nada sobre isso também não nos contam mentira, a piadinha da pantomima, do

[599]

rei canibal ao dono do cavalo, sendo simples e soulzinho pra nos lembrar como, neste nosso mundo cruel, o Pai do Tempo e a Mãe do Espaço fervem sua chaleira em seu pedestal. O que todos os rapazinhos e mocinhas da ruela sabem. E tenho dito.

Poliycarpas pra quaresma, na piscina de Innalavia, o suco de Truta-fruit como, marguerita de hidromel, entre Deltas Piscium e Sagittariastrion, onde erumavoz nós lavamos este alve e vale, minnehahaha aqui desde a catarathiaawatha, uma ponte pra poddles numa cama mijada, o rio das vidas, as regenerações das encarnações das emanações das aparentações de Funn e Nin em Cleethabala, o kongdomínio dos Alieni, uma raça de acorsariodores, infestante do Oceano Libnudes, no amar Moyle, quiassim seja. Onde Allberto Neandertales rastreando a Sinóptica lêiê mar já todalegrinha com a Queda Finn annal e umequipediáqueólogos ao redor do primeiro jardim. Fim! Catarata! Deuspautodopedreiro! (Incidentalmente acredita-se que ele tenha tocado harpandeiro antes de John Gage pois tem que ser por causa desse espólio do cânone, embora algumas horas pro oeste, a herdeira pretenchistosa do ex-Colonel House deve retornar aos saltos com vara esticada do rebelde sem calça Michael Dweyr que foi pego com a picalça na mão após arrancá-la da boutique dela, prolongando risorgasmos na falação). Alí começa a esverdear um homendoeiro, visto pela namoradeira do kierkegaarden, como sabemos quiela deveria, pois por essência sua lei, assim faz tudo. É denunsonhado a Vitalba. E suas delicastas florzinhas brancas, lavulvadinhas y aparadas, são dublincadeirinha dos guinnossmos. Nossos anscensores idealizaram tão ousadamente os sexões quiagora eles tão indo pra Ogroterra, livre de fudeus, sujeira deuscartável. Lá também dorme uma lápide, immermemorial, a única em todo pântano. Mas tão nua, tão pedregosa, atentando ao pundor com tal coisa molly brr bll bmm que, el Cavalon, o pálido alfredo, devia ter pelo menos coberto as vergonhas cum avental diaçogueiro. *Homos Circas Elochlannensis!* Seu circo armado em Lambaybye. Esposa Velhaca Cem Olhos. Pfif! Mas, embora brilhe com brilhancolia aqui e ali, esta pedra vergonhosa e aquele plantador de mandiocontos eróticos chavecam Paudegalinheiro Ara-Ponga e sua pervertida Molly Vardant, passandorrodo em bom irlandês, arrah, este lugar é apropriado e sua feist é

um dia comum pro karldeal comunal, assim seja quem celibrará o santo mistério ou sobre o que o pirigrino de Mainelândia será beatifincado, a calma casinha de sapê enjaulada poraquele olhar arrebatador

[600]

de quem quer fazer negócios com gel pra empalmover. Um sacerdote yogue nu, vestido com pó de sol, seu biquini keyvadão coberto por folhas frondosas, oferecendo-se ao rio de sua amágua. Tasyam kuru salilakriyamu! Pfaf!

Provoque pra ser provocado e será, migo seu locke, nosso lago das lamitações, essa baía da greenabara, a cidade de Ys é emissora (atlanst!), urbana e orbal, através da submersom sonhora sob azáguas de Erie.

Lagoogle!

Quem! Por que, amadamante? Astarte, ensaísta! A see na terra carma no céu.

Colinanjias, as filhas dos penhascos, respondonas. Há mito tempo atrás na costa de samphire. De ti pra ti, tu é tu, que estás aí. O semelhante unha e carne, o íntimo mui próximo. Oh sósia! Uma família, uma banda, uma escola, um clã de nuvinhas. Fiftines mais fortines mais novannas mais vintonna por octetos vintiunos e decadendécadas porum lunário com o último soletrário. De cujus cada uma tem diferentezeranças das similitudes com seu porter seguro. *Sicut campanulae petalliferentes* corollaram carroll em torno de Botany Bay. Uma onda sonhora de mossinhãs inocentes. Kevinho! Kevinho! E todas mezzo-soprano em voicies franáticas a música cantarada eram fãs de Kevin vem! Ele. Só ele. O catatau. Cê acredita! Todo o clã clamou. Oh!

S. Wilhelmina's, S. Gardenia's, S. Phibia's, S. Veslandrua's, S. Clarinda's, S. Immeacula's, S. Dolores Delphin's, S. Perlanthroa's, S. Errands Gay's, S. Eddaminiva's, S. Rhodamena's, S. Ruadagara's, S. Drimicumtra's, S. Una Vestity's, S. Mintargisia's, S. Misha-La-Valse's, S. Churstry, S. Clouonaskieym's, S. Bella-vistura's, S. Santamonta's, S. Ringsingsund's, S. Heddadin Drade's, S. Glacianivia's, S. Waidafriira's, S. Thomassabbess's e (trema! vocal !! pepeta !!!) S. Loellisotoelles!

Roncaipornós! Roncaipornós!

Eus! Esse é o seu corpo unificado in nomine dei!

As mendigatas béla bartókam em unísono. Ascenda já da cama, caverna do troncão, e iluminanus! Kathlins é kitchin. Sor juanna, fênix d'américa! Vossa mercê deve usar arqueduquetos pra interirigar a exterra de todosos arkypelicanos. O austrólogo Walley só limão de Toland, que abandonou nossas costas da Nova Walylândia, poetatuou você e nosso mandato atual. Milenesia espera. Bis mark.

[601]

Uma procura. Não o artista da fome, nem esperando gordô perto do artista da fome, nem o irmão gatamazov à deviva de o tempo e o vento em esperando gordô mas, de fato e de flato, o musculoso, perfeitamente proporcionado, flor do pecado, moreno alto bonito e sensual, de feições delicadas que o vento levou ao irmão gatamazov.

Isso tava no ar a respeito de quando algo deve ser dito a favor dele ou alguém imparticular dialguma mineira vai sumarizar o dito pelo não dito pro povão?

O que faz Coemghen? Conte seus esconderijos com clareza! Um defensor da floresta. Suabordagem moral ainda é a melhor das suazarmas? Que tal um pouco mais de bola na rede? The rolling tonels não devem encher a cara. Essa é a voz de Roga. Seu rosto é o rosto de um filho. Seja teu o silêncio do music hall, ó Jarama! Uma virgem, a única, chorará por ti. O riacho de Roga é solêncio. Mas Corona tá chegando. O asno diouro de O'Dwyer de Grayglen tá prestes a zurrar temeroso em seus terrores dos quatro coronéis de Potterton, os urubus ao redor da cevada. Quando visitado porum repórter independente, "Mike" Portlund, pra de manhãzinha jogar no inferno o Restant do último homem em crestão conhecido como o avarento que depõe o seguinte pra Gazeta de Durban, primeira eddação. De um colispendente. Quaiscalingudum foram. Dia Do júzo ufanal. Corcunda Construtor das vias pro Céu e Inferno, Ciwareke gagan, quiele viva pro rio! Os Jogos funerais no Templodovale. Saturnoites pomposas, exhabindo aquela corricatura de um cowalo, revelado pelo Camerada Oscur. O último da Máfia Holandesa, talvez. Cachimbo pra interpretar Sonhos Reclusos. Revela a História do Pub. O Crime, Tintin por Tintin. Multidão Insandecida Marcha em Sullêncio Reliorgioso. Rinvenção de vestígios cus cuais drogaram o buda. Pornochistada na seção cênipica. Por Patéticus. E lá, de fora da cidade nublada, a mística Londres, ao longo da rota da canavana, com o passar dozanos, feixe suave de ondas sobre o ursaramago polar, sternes entre as estrelas, confie em ton-thena e pisarás em relva verdadeira, vem o classificador, Mr. Hurr Hansen, falando todavias consigo mesmo sobre suas esperanças de cair no meio

duma surubalada de donzelazalegres do cabaré, seu chaveco já colocado em sua chavanna, um apropriado viadante cupatriota do galeão Grimstad, whisky dozânus frisado, preocupanhar o boêmio bonquete no platão com gansos e ervilhas e aveia e as bincudeirinhas quiele cubiçaria

[602]

em Chaveculândia cu aquele sorrizo maroto de tirar e por seus lábios nozovos pra que o sol também se levante. Aqui ele tiescuta numa mascara eniguimítica, últimomem! E que improgresso! Tão casto quanto a carta e com corpão violino! Schoen! Shoann Shoon o Mensugeiro! Um centavo por seus pensamentos! Tay, tibby, tanny, tummy, tasty, tosty, tay. A fornada é pro Padreiro que prepara nosso punzinho. Oh, que cheiro celestial! Manteiga manteiga! A cartinha nossa de cada dia nos dai hoje! Mas recebam-me, meus destinatários de fé, do escuro inverno dst'edioso de hetaera-esmeralda! Poizô sonhôr é o sonhador do Edem Drom e a sonhora é a assonhada solteira sim sozinha nunca na cual trabalhadores sérios e robustos deram um selinho pisando na cara dozinimigos que pensam formar nosso GMP da tropa delite de carteiros geralmente aclamados por shee e sloo por slee quando encostam a cabeça no travesseiro poruma noite de nudez com a alter egarota quieles guardam na lambança. Belo clima pras tuas caminháguas de março. Tempo é o que te farta. Tens zanzado poraí? Ouviu falar do crime, rapaz? O semjeito perdeu a cabeça com as cabaças do juri do dia a dia, ser perseguido, borromeado entrenós, semicinzas, gringos, cházingleses, sombras, noturnos ou samoanos, se satisfizer essas frebrís pelúcialemãs filleas da pluta com patetas noiados, e esta, aquela e outra porca pelada ou pentelhos enrolados, fazendum curso de psicanólise ou interpoetando uma angústia, visto sua camisinha após sua queda, quando o Dr. Carteiro da rua Grande Charles mudou a sua espinha dorsal numa citação. Ele não tinha a declamação, assim como trocava os pés pelas mãos pra estimular as fadas, mas no que diz respeito a dar um beijo babeldo nas precedentes, quandonde o atraso permitir, pode ser qualquer coisa no escuro. Que os veados solteiros vejam e o seu madrugada solte fogo pelas ventas. Debbling. Grandezeventos! Jacintos com heliotroputas! Nenhuma vez com aberrações ninfomaníacas salvo duplengano! É uma difamachão na porta da igreja cutúlica e summa atológica nela. Ondistá aquele caçador caçado, aquela sirene

da polícia, o latido dium cão caçador de cidoidões de bem! Onde ou ele, nosso bendito puto entre as muié?

Maizo que faz Coemghem, o bostardo? Tyro a tora. A novena icânoneclasta de seus vitrais cinzazuis apenas sinicia num simulacro pra iluminar sua legenda. Que Phosphoron proclame! Paz

[603]

e warmor. Diga aquele que viu aquele que viu! Se ficar o bicha o come se correr o homem o pega. Não pergunte mais, meu Jerry, Rogai por voz! Finndaputa que não chora não mama. O pântano quinrugou o ramalhetete. O ramo de videira de Heremonheber na planície de Bregia onde Teffia jazz em folhas invertidas e frutos permitidos mas as escotilhas públicas ainda não estão abertas pra confúcia missa da má drogada. Leia Higgins, Cairns e Egan. Malthus ainda tá no maniconômico. Nos porões. Como as memorréplicas do subsolo mumificadas poreles! Visitantes vagam. E o primeiro comacoolico de foda-limonada é absorvável. Não é nem sinhô dingelho ou dom caixote com o rocinante na sombra, suas oraisção metutinas, por la belle de judas? Claro enigma então. As Ferrovivavaias Siderais das gregaláxias, como de caostume, em breve começarão os suarvizaços com sua primeira cavalgada das valquírias. Danny toca siriricampainha em vez de pegar o trem com leitinho colorido pra vialectra na bilheteria à beira-mar com taxi pra estação lunar e pra galáxia infinita de rodarrodaevira e soltarrodaevem que nossos velhinhos lembram como o grito da banda, Morangos Assassinos. Também os richard wagões stão prestes a virar supenova após a combustão noturna. Aspect, Shamus Rogua ou! Taceate e! *Hagiographice canat Ecclesia*. Que no amanhecer nosso pop star brilhe. Em atensol a quem é quem fará isso que é isso pra que é que é isso, quepanheiro.

Oyes! Oyeses! Oyesesyese! A primazia dos Gaulls, protonotórios, eu soul como soul, mitrogêrado e no estado livre do ar, está prestes a emitir um aviso Gaeólico. Inoperação Ilhota Eirlandesa, Meganesia, Habitantes das miliuma noitilhas, Aproximações entre Orridente e Ocemdente.

De Kevin, do incriado Deus servente, do temeroso Senhor Criador da filial, que deu uma na moita alta, subiu no pound-sebo, extensível pau escorregadio, como vimos, assim ouvimos, que recebemos, que transmitimos, assim esperamos, ajoelhamos pra

orar até que, na busca do amor ao conhecimento pela compreensão da unidade no altruísmo pela estupefação, phode de novo como phodioutra vez, tosquiando os quatro carneiros eunucos e passando por cima da deliciosa leiteria diária e deixando cair pelo caminho uma porrada de carvões em brasa e passando a mão em Boba Urtiga e seu rapazângão fegoso, cheio de ferrões,

[604]

apaixonado por pedras, amigo dos ossos osteoporosos e deixando que toda missa missa cuide de nossa alma alma, os milagres, morte e vida são estes.

Yad. Procriados na última ysla da Yrelanda no arquipélago encíclico yrlândês, vem a festa do branco da pré-criação dozanjos sagrados, quiera o batizhades dele, voluntariamente pobre Kevin, tendo sido agrassaciado com o pravilégio dium pós-criado *altare cum balneo* portátil de padre, ao desposar a única verdadeira cruz, inventada e exaltada, em matrimônio celibatário eis que na marcha nupcial resurge a felix e desde o oeste foi e ritornellou em alba batina diouro pro nosso ponto central Glendalough-o-verde por orientação arcangélica em meio ao encontro dazáguas dos rios Yssia e Essia neste solitário lago entre ozoito navegáveis pelo piadoso Kevin, orquestrando a suitíssima trindade, à meia anau de sua super condução ao altar mar, jangadeando centripedadamente, servo diaconal de ordens hibernianas, a meio caminho da travessia na superfície do lago em questão até o epicêntrico supremo do lago Ysle, de cujus local é o principado ventrífugo, onde por excelência, poderoso em falosofia, Kevin chegou onde seu centro está entre os cursos d'água circunfluentes de Yshgafiuna e Yshgafiuna, uma lagoa insular ilhanduma ilhota lacustre, após o que com a balsa subdiaconal encalhada houve goldenshower no *propter* altar, com óleo extremamente ungido, acompanhado de oração, santo Kevin ficou álcoordado até a terceira hora da madrugada pero para edificar uma rubricasa penitencial art décolmeia em cujo claustro viver em fortaleza, acólito das virtudes cardeais, em chão de terra batida, o santíssimo Kevin cavou tão fundo quanto a profundidade da sétima parte diuma braçada cheia, machadando assisduamente, venerável Kevin, anacoreta, refletindo, rumou à margem do lago da costa da ilhora onde setes várias vezes ele, genuflexionando a leste, em inteira ubidiência ao meio-dia cantólico coletou água gregoriana sete vezes e com alegria eucarística ambrosiana do coração tantas vezes retrocedeu, carregando aquelas privilegiadas brás cubas *unacumque* de banho, o qual

várias vezes sete vezes escavou na cavidade, um leitor de níveis de água, o mais venerável Kevin, então urinou pra que houvesse água onde antes havia terra seca, por ele tão concriada, que agora, confirmado um forte e perfeito cristão, bendito Kevin, exorciuzou sua hermanágua

[605]

benta, perpetuamente casta, pra que, bem entendido, ela enchesse até a metade sua banheira batismal, banheira pra bebêr, bendito Kevin, nono entronizado, no centro concêntrico da água transladada, nu meio dela, quandua velada véspera violeta, São Kevin, Hydrophilos, cingindo sua *cappa magna* de zibelina tão alto quanto seu popozão angelical, nas solenes complines sentou-se em seu estado de circunspeção, masturbassanta banheira, onde quer que depois, recriado *doctor insularis* da igreja univerbal, guardião da porta da meditação, proposição *extempore* da memória e intelecto em intelecto formalmente considerado, recluso, meditava continuamente com ardor seráfico o sacramento primordial do batismo ou regeneração de todo homem por afusão de água. Sim.

Bispopapão, bisel pro rock in rito! Coroinha, extingua! Nuotabene. A rara visão dos três Benns sob o céu careca tá no outro extremo, troverbando relâmpapiros na escuridão do ciclone, algo pra colocar a escrita no hume. Foram erigidos num século prévio, como uma franguinha engaiolada e, si conoces Bristol e se arrastou pelos trilhos dos trens e nas curvas dos santos daquela velha cidade de paralelepípedos, você irá surtar e esquizoescrever oficialmente um Peny-Knox-Gore mental. Se eram franklins pelo nome tambénjamin não foi totalmente provado. Seu design é um velho ditado e os encantadores detalhes da luz no escuro são frescores da feminiariedade que respira conteúdo. *O ferax cupla!* Ah, par de fadas! O primeiro expl'orador a fazer suas ablações nesses parques celtamente foi aquele mortal sortudo a quem o julgamento monstrou em seu primeiro dia livre. O que não revelará esse papel arcaico, anticientemente marcado com caneta, empurrará, por amostra prof, secretamente falhado, quando estilo, fedor e tatuagens são a mesma soma na mesma pessoa? Ele surge super atrasado do solo justamente donde o Velho Chinelo há de vir arrastando os pés-rapados até quia Parkkkeradora começe a mostrar seus peitalentos peculiares. Um seguemundofreud procuranduma rota certa pra suas anáguas simples, atraído por suas nádegas extravagantes. Você jogou polkapoeira, games, ficou duro como

sempre, enquanto havia raparigas em flor. Ele pound ser humpy, não nego, ele thorbém pound ser dumpy pero siempre há algo de ousado em, digamos, um marinheiro a cavalo. Quando verdermos o menino da porteira teremos grana! Ele produz tofatufa e

[606]

é assim que vamos a Missas em Massas. A velha história de Marino. Enquanto verificredores da verdade notamos que poucos dos a priori ilustres magistrados maximolientes em laudebilidade sabem ler. Isso é facst. Tire essa cabeça sábia! Grande pecador, bom filho, é com efeito o lema da família MacCowell. O punho enluvado (del gigant skrimm) foi intraduzido em sua árvore socerdata! ante um quarto dos doze thors e é até um pouco estranho que todos os quatro relógios ainda gonguem prapresentar Jakob van der Bethel, fumando atrás de seu cachimbo, com Essav de Messagepostumia, servindo sua lentilha na vasilha comunitária, antes de sambalizar os apóstolos a cada troca-troca de hora. O primeiro e último annigma do aniversario; quando é um mano nulo é um mano mais pro não ser que pro ser. Observa! Rodovia de Heróis, onde nossos estripadores desovam suas ossadas e escarpelam bob e joan pra encher a feira. É seu sinal pro velho Chapolinzoldo buscar as sombras de sua solidão e pros jovens du Champ ele é zeus derridarem até chorar e bulinarem seus parceiros humorosos na diversão de Finnegan's Wake.

Já é hora de pulular da coma. Tituli hi tim tim. Meu beija-flô meteu o bico em sua flower'sia. Panela velha não faz mais comida boa. Ei, me raspe até o tacho! Te coloco no saco. Me ponho de joelhos. Thi é Mi. Nós nos pegamos, Suiçamore, nalguns incontiguais compleggxos de inferior idade no ralaerrola matrimanicomianal de quem eu mais sublimino. Um epílogo, anja mia! Excutes. Om ainda é tão soberbo. O pai tá om até ti ti.

Ha!

Uamanhecer ganha em iluminaschelling. Um irvenoverão primaveracabado, minguido. Granizo, raino da chuvobiscuridade, nevasca, trovão relâmpago pára-raio, adrentam a terra em transe do sombrio departamento onde, gritos histéricos, esaújacólações precoces, escalando o monte do vulcão, Rei Sol o Primeiro (tentado pelo admirável Capitão Parangolé e Loftenente-Cornonel Labareda) se põe em

procissão acima do Templario's Bar, onde ele foi mui jubilado pelo Boerguêsmestre "Dyk" vigaristrevas de Isoles, agora Eisold, parecendo mais feliz com (exibindo 39 cm) uma bolha de sol encoberta por uma nuvem formando um dossel sobre seus dotes equinos. Arriba.

Faz fervor dedar uma cópia dos periódicos de Blanchardstown. Groça Infinita, ergua seu impávidabençoado colosso sobre noix! Grande Velho Homem Bunda, dai descanso a tus bolazos!

[607]

É um mero mineirismo desta onda de visibilidades, óia só, conforme dedo di prosa do meteurologista da Assochiação Brehons pro avanço da ciêncintriga a modi que, meu quiridu, fofocando dele em voz baixa, como em pura (ê lasquera!) essência, cadiquê o trapeiro tava dissolvende-se justo na frente docê, os dois traparceiros assistentes e os três trapaiados assessores confraternizadores. Quênquissão, Tio Zecarthur, teus dois primu da Sobrinha e (um cadinho de konjecaturas agurinha!) nossus próprio familiar, Billyhealy, Ballyhooly e Bullyhowley, pegos furunfando numa posição indecorosa pela Sociedade Sphygmomanometer de Sigurd Sigerson pra prussioneiros sogrentos.

Cavaleirapocalípticos. Engastaiou?

Ha ha!

Este é Mister Irlanda? E unna lívia?

Uai, Uai. Sô, sô, cumpadi.

O grito de Pedrita dá calafrios nozórgãos vitais do sono fora da mãetéria agradravel aos mahlerfícios de velhas lisztbertinagens, celtanejos precoce & rapidinho, mas a voz de Alina alegre a bachtida do coração sonhador praquela montanha mágica com seu ching chang brahms chopin dos sueyos da vaquinha trazendo mucho leite de cabra-macho, a bebida que contém o foochowro. Viu yesto? Nonada? Necas de pitibiriba, acho que soul lembrável ou coisa e tal. Uma espécie de aberração toda triangular derivada pubabelmente dum ressímbolo pélvico ou uma damatemática proposicional sustentandum quadrilátero vagagudo cuma inclinação pruma tautologíriadocaráleo dando o cosseno como seno houvesse amanhã, deitada com seus majestosos scarpins irlandeses no matagal. Há sinais dium mero indício de que desejos chegarão

a cavalo no além uma vez que esse mundo jazz era. Como revela la luz doidia. No rastro da barca de caronte, *Nattenden Sorte*; quando, pelazáguas estreitas e anáguas amplas, a semana de velório acabou e zé finni; como um fogo pálido despertando de enumeráveis Asias em fumegante força feroz, temtem tamtam, os acordes de Finnix.

Passagem. Um. Estamos passando. Dois. Do sono estamos passando. Três. Estamos passando pela polissonhia do sono. Quatro. Venham, horas, sejam nossas!

Mas silenzio. Ah deus, ah ma deus! E aqui jazz.

[608]

Era tudo tão agradávelverde em nosso bonde do tinn again sem freio, viajando pelo não lugar enquanto não tempo absolento, misturando o zé povinho vaughan com a nobelza magnusmoore, raparigos merscenários com o couro caipeludo albino adornado por dreadlukács grisalhos e dolenes lábios cornudos com dores nas janelas da alma; como tantos improváveis em seus probres trajes do impossível. Com Mata e depois com Matamaru e depois com Matamaruluka e depois com Matamarulukajoni.

E outrum. Ah ess, assno ao quadrado! Ele terá saudades de Grogram Gray. E, Vercingetorix, enfrentará o ministrel dos Transportesões. Florinda Rosina, fruta novinha de Florinda Amaryllis, deliciosa frutafior desabrochando de Sallysill ou Sillysall. E a morada dos justos com ocupantes até o teto continuamente amontoados em milionézimas janelas, ricocorsando-se, como vitrais em pedra lascada, no simplório e desinglesante Wynn's Hotel. Filhiais em: Balbec, Elbeuf, Sissone, Jersey Upgrude, Mundelonde, Heudicourt, Braquetuit com Orgeville, Forcheville, Hilldejaneiro e Walhalla. Hoojahoo administra o suinado finnderal viking. Metidas provisórias. Quando o mensageiro do sol nascente, (ver outro oriel) der a cada visível um matiz e a cada audível um grito e a cada espetáculo seu palco e a cada acontecimento sua hora. Enquanto nós, estamos esperando, estamos esperando por. Godot.

Muta: Quodestnunc fumusiste volhvuns ex Domoyno?

Juva: É a Velha Cabeça de Chaleira soprando no topo da mantanhã.

Muta: Ele eddarkeles que deve star thortalmente envergonhado de si mesmo por fumar diante do grande anfitrião.

Juva: Dios is el maestro Dorminus e comandante ille tenebras.

Muta: Aster diminuta! Poderia eu perceber entre a montidão quem é K. faz parte da workafka in process?

Juva: Khubadah! É o Cristântemplo com seus porters de bonzos, pompom plonkplonk, el caballero, movendo sua biga no campo de cabratalha de Slane.

Muta: Pongo da Banza! Teria eu santeza de que em dispersões druidosas um gerreiro levitaria o mastro bem alto armando a barraca no mesmo lugar?

[609]

Juva: Berkeleykey: e ele está fodamentalmente teosofarto dos procedimentos prostitutivos.

Muta: Petrincationibus! Oh harald cabeça kant! Quem seus demônios agora rexuxitam do memorialorum udigrudi?

Juva: Acredite no cinema, acredite! Fing Fing! King King!

Muta: Ulloverum? Fulgitudo ejus Rhedonum teneat!

Juva: Orlhandofurioso! Até a ponta da sua vara. E a ubidientia dos servis é a felicitas da nossa cidadearwig.

Muta: Por que o supremo sol sorri com tal urrugância pro druidão em seus lábios rugulares?

Juva: Quimportamilão! Todacentavez! Ele deu sua galhada de lance em burkeley mazapostou meia coroa no Generalíssimo Eurasiano.

Muta: Facannacaveira! A verdade verdadeira é então paradicínica?

Juva: Ut vivat volumen sassic pererêat pouradosíaco!

Muta: Apostou dinheiro na cartamarkada?

Juva: Vício de Forasteiro falido!

Muta: Suc? Ele bebe. Wudica?

Juva: Sec! Wartar wartar! Molha o bico.

Muta: Ad Piabelle et Purabelle?

Juva: At Winne, Molher & Musiquearwicker.

Muta: Para que quando tivermos adquirido a unificação passemos à diversidade e quando tivermos passado à diversidade teremos adquirido o instinto de combate e quando tivermos adquirido o instinto de combate voltaremos ao espírito de apaziguamento?

Juva: À luz da razão brilhante que nos diascende dazalturas.

Muta: Posso por na conta essa garrafa diaguardente, velho pele de borracha?

Juva: Aquí la tienes e espero que te queime a goela, Erinmonker!

Beba.

Ritmo e Cor no Park Motim. Perediso Perdido no Grande Natural. Victória da Velivisão. Santonizando lutas históricas em cenas dos próximos capítulos, reprisando Winny Willy Widger. Dois empates. Heliotrópio

[610]

Líder do Harém. Três empates. Jockey o Estripador come Jake o Estuprado. Putrick e berkeley proseiam.

E aqui estão os detalhes.

Tunc. Bumba-me, boizerro diouro de tolo idoletrado ao primeiro sinai de josus ao felador Berkeley, arquidruída irlandorador de chinchinjoss em seu manto com acabamento heptacromático setetons setecores violetanilazul verdamarelaranjavermelado quiele mostra ao seu honrado covidado Patólico com túnica estilizada cuja garganta gagarejazz polifonicamente todo gemido reprimido na felação sob a batina da família francinzescana que jejua o tempo todo por todazas épicas felando monjes com a fé Patólica Idêntica, quoniam, pitagorizando, nu é livre quem nu obteve o dominio sobre si, ele bebe palavras, scilicet, amanhã até recuperar o não arbítrio, demasiadas ilusões através da fotoprísmica velamina do spectral mundo colorido panepifânico de Lorde Joss, cuja mobíblia zoantolítica, do mineral ao vegetal ao animal, não parece completar o homem caído a não ser sob uma única fotorreflecção das várias gradações iridais da luz solar, essa unideidade que aquela parte dela (mobíblia do mundo eupanepi) havia se mostrado (parte da pele do eutonalismo) incapaz de absorbere, ao passo que pro numpero um dos videntes puradoxais no sétimo grau de sabedoria de Entis-Onton ele entendeu de dentro da

verdadeira interioridade da realidade, a Psicoisa em si que é, todos os objetos (de panepiwor) todos os lados se mostraram em verdadeiras cores resplandecentes com sêxtupla glória de luz efetivamente retida, unitonal, dentro deles (obs de épico). Romnan Patólica, estereóptica, não pregue todaquele evangelho, utopia, amanhã a coisa se restaura não é mesmo, bumba-me bobo idólatra do tapa no boibumbá ao sinai de jossus pro bobélico felador Bilkilly-Belkelly da palavra felada, onteressanto, duasvezes hematocurandeiro, em outras palavras verbigraduando do murmurulento ao célerestrídulo num hungarorangotangolano repetitivo enquanto sua visão compeeduriente, com claractinismo deuscrecente, aumentou-se em caloripeia pourma visão tão compreenshiva, sua ansiãdade melalcóolica, Jogante Esse Jegante Ubu-rei Leary de ardentes gramatologírias-cabeça à mostra na cor gabrielacravoepaunela verdinha, de novo, alvinegro, de seu traje hexacolorido de cannabis tricotada pelo seu companheiro bookaçafrão de kells na mesma atonalidade de espinafre fervido,

[611]

outra coisa, mudusuário voluntário, ele não parece compreender que seu colar dourado sobre os melões parece repolho encaracolado, mais depois, para ritmar negativisticistas, verdejante telhadimpermeável pertencente ao Exuberrante Alto Ober Rei Leary mortinho da silva, o que ele quer dizer, catarrada plena de superexuberabundância nas folhas de louro, depois disso o chifrudo comandante abriu ozolhos do Mais Altíssimo Rei de Ardreetsar como se fosse tomilho picado na salsa, juntuemisturadu, se preferir, curvando a coluna pra comer tatoo, almadepastorbicha, iguaria indiana de gema no fioterrante dedo do meio do Alto Imperador Siressultão igualitário comuma lentilha de oliva, longitudinalmente, por veredinhas, kirikirikirikikando, ganhou violáceas contusiones faciais na batalha de bumbum do Altíssimo Big Cocoriconvencido Sublimíssimo Autocrata, porisso com vários tons puros intensamente saturados, tingido uniformemente, destoado do π à cabeça, tão parecido cocê como o chowchow do supercampeão sennacassia. Homozade Cor de Ébano! Sucat?

Punc. Granprofeta, refrata o padreco, caindo pela tombelas, tombando tombos, viajando na maionese pra chamar e invocar a coisa e prever sisso é bom ainda que, sua sucateada meditação shiroskuro noir et blanc, poreste seu

aposterioprismicamente apostrofiado e paralogicamente periparolisado, celestial principalesco pote de mé antes do álcool-iris de Iro, (por serem atempurás monges cem olhos completamente apagados em sua neutrólise entre a possível viriditude do sábio e a provável eruberupção do santo), como Meu seaprochega do Mim passandorruido na cognissom dum pierrôschaeffe sintetizando trevos de quatro-falantes pra eletroacutucá-la, parecendum pacto quatro três dois pra quio corassom seja forte, salvando Balenoarca (ele seajoelha), pro Grande Balenoarca (seajoelha mais) ao Gargantuionesco Balenoarca (ajoelhou tem que orar), o simpólico sentido do som numa palavra-monstro in nomi do paufogoso do falho e duespírito nada santo. Omén.

Aquilo era a coisa, gerada, a coisa, geradora, a própria coisa, jorrada. Até mesmo pro ereto Bilkilly-Belkelly-Balkally. Que baixaria gritar até estilhaçar a lâmpada de Jeshoes. Suando de pica e pintando o sete. Enquantuele descascava seu colosso supunhetando a esperansaci de Seus Ards.

Toc.

[612]

Deus salve lampião! clamam os heliots. Ourodorenodecristo! Saudaram. Admirados. Ondia cúpula do céu se curva, trampatrampatrampa. Adios. Por vós comdoom doomnoom noonstroom. Tomas quio tomo é teu. Tuum Filium.

Cê é fi di quem?

Santos e sabi-se lá, cabróns e cobrudos, kengas e karls, tweets e tentações.

Já passou da hora. É chegada a hora, daylishia. Só pour hoje. Pra trancefixuração. Feista de Taborneccles, scenopegia, venha! Obra do câos, esteja em nossa trama! E que cada crisscasal seja tão cruzcomplimentario, eggos mesquinhos, vospoché e leitinheu, num pancosmos maismaior. Cum presuntoquente preenchendo tudo. As pás Dicristo!

Só que não há corpo aqui presente que não estivesse lá antes. Somente a ordem é alterada. Nada é anulado. *Fuitfiat!*

Lo, o louvor de lawrence ora orielizando beneditivamente quando santos e sóbrios deram sua palavra.

Uma espata de gluma caliptrosa involucrumina o perinteano Amenta: fungoalgaceous muscafilicial graminopalmular planteon; de crescentes, vivorazes, linkorosas cantigas diamor; luxuriando-se portudoquiéburaco entre caveiras em deucúposição e cistos sepulcraws duma maccoolnha perdida noigrandesceltãoveredas quando Ralf el Retriever sarto de banda abocanhando o lance de dedos e as coxas dadeusa; umgogole de ayahuascai nauseanfetamínico antes do cocafé da manhã onoboboolizante e você estará tão colorido e ecstasante quantum arco-íris; vomita na tigela pra limpar o intestino; sem roncor, sem calor, senhor; umamissa em umillion; copo de cloro.

Hibrindai-nos, cálice, endenecessidade! Cheguem, pungilistas, de um golpe! O folgor dos amedrontadores é olímpicamente otimista; está fadado a ser um dia de amor pra coisamentos ao ar livre; Moore e Aveling tão pra lá das kapital pra enterrar esse mandiocãopitalismo: desde que. Costure direitinho esse terninho, marinheirinho. Irá ao navegar doce navegar, rei docete amares. Ainda há de se levantar pra matar (nada pessoal). Ainda tá de bobeira e faz pancadões (proibições). Já procês, Jasmínia Rubra e todozas suas sêmenlhantes, afinidadivamente eleitos por ti em Monogynia dele ou Diandria dela, o tubus, limbus e nectarium. Formigandhi ou

[613]

semgarra, noble ou bundamole. Raposotrovaes ou Uivivataes, todazas vossas horodotariedades voltarão incessantemente da Roupassuja de Annona, É olmo é pedra é o finn do Caminho, Doono de Drumdrum, passa pó de arroz e maquia a noite, cada roupa ensaboada recebe vários enxágues pra que cada Lavada Íntima poupe papel higienicomicu, algemas pro manso e gravatas pra bravata e uma torcidinha nos pactos com o cão. Bebemoremos, bebemorremos! Pois nihiltzsche mata deus. Em mournelândia. Temas têm tempos e eternos retornos. Para flamejar em você. Ardor vigor ordem e progresso. Desdio tempo do onça vivemos a possibilidade de ser. Entregue como. Chistezinho & xolorota maizumavez acima de tudo, sobrevive o mais forte que sangue, ferro e pedra podem forjar. Todos clamam. Purificcionai-nos. Quandodormes. Sonecai-nos. MC'Mannor Mill e os boatos de shabat à. Noit. Dormenai-nos.

Fennsense, finnsonso, despertai! Levantai esses shorts do rego. O pinkfreud do bosque ajuda a derridar geral. Espiai. Enfrentai o hardware e entrai no estilo. Se

phuder, puette, me veja no cineprivê. Pois newnhum homi pode fixar um limite pra fusão de nãoções. Inichiação venceu o jogo.

O kiki álcoolteceu? Coma será o finn?

Comece a whiskequecê-lo. Finnes el memorrizozo lembrará de todosos lados, com todosos gestos, em cada palavra nossa. A verdade dioje, a tendência diamanhã.

Uisqueça, riacorda!

Habemus cubeiçado expectativas? Noix é a favor da liberdade de persuasão? Donquiovim onquitô donquiovô? Um surto de liffeyismo planificado na assembléia da horda conglomerada de Eblania. Junto à turva divindade DevΔ.

Esqueço!

Nosso vicociclômetro moinho cicla tudo, um gazebocronóptico tetradimencional (o "Mamma Lujah" conhecido por cada escândalo escolar, seja ele Matty, Marky, Lukey ou John-o-Cage), autocinafoneticamente pré-composto num processo exprogressivo de acoplamentofusional caleidoscopiadótico, (pro paizendeiro, seu filho e seus códigos beabásicos, conhecidos como peidovo, mexidovo, mortovo e choco-checa-choca) recebe por veia portal ozelementos dialiticamente separados em decomposição precedente pro muipetitgrandfinn de recombinação subsequente pra quios heroticismos, catástrofes e excentricidades transmintidas pelo antigo testamento

[614]

do passado, tipo por tope, carta da cortesãna, verborragia verborrágica, com sentença de ascendança, desdios dias de Plínio e Columella, quando Giacinta, Pervinca e Margarita floravam sobre todo o macabro e ilírico e inumano em nossa nação mutante, todos, anastomosicamente assimilado e preteridentificado paraidioticamente, de fato, a mesma velhousada estrutura adômica de nosso Finnius el vecchio Uno, tão haltamente carregada de elétrons quantum as relupulações perigosas podem afetivá-lo, esteja lá por vhocê, Cockalooralooraloomenos, quando copo, travessa e paunela esquentam, tão certo quantum ela põe a galinha no papel e há rabiscos borromeados nos ovos.

Cadiquê, então! E com efeito, cuma?

Querido. E seguimos pela suja Dumplin. Reverendo. Podemos acrescentar majestade? Bem, francamente desfrutamos mais do que qualquer coisa dessas obras secretas das naturezas (eterna gratidão porisso, oramos humildemente) e, bem, realmente ficamos denoitados nesse tempo de luzes. Ratazannas que anedotam ratoeirarwickers trarão tudo à tona. Suas nuvens logo desaparecerão prenunciando um belo dia. O honorável Mestre Salmão deveria ser dos primeiros nascidos como se foice um warpão de duas lanças e divasse entre Williamstown e Mairrion Ailesbury no teto solar da limousine, enquanto rodávamos alegremente, pensamos nele nos parkkkerando como se fosse se atocaiar numa nuvem. Quanduele acordou suando ao nosso lado foi pra perdoá-lo, pentelhos dourados, eu nossa sem hora na terra, mazele sonhava álcoordado que tínhamos um rosto adorável prumas puntaminas. Retornamos aos solavancos numa viga rija, segurando no pauraíso perdiduro, à beira da cordabamba, o mão-de-vaca que nunca doou uma porra quarker mas mumava nas teta da vacausa nacional. Pra mim foi essa picada do fuso que me deu as chaves pra terra dos sonhos. Serpentênis na grama, fora daqui! Se fôssemos rotular todazaqueelas cabeças de cafetões, sussurros pra sua acomodação, o meu nome tá na lama, e o bacon deles estragou a manteiga! É óleo de margarina. Finofino finofino. É estritamente proibido pelo décimo comandamento honorário não revelar toda a doçura contra as luxúrias dium próximo. Que lama é essa bloqueando a porta da sua caverna, valium de lágrimas, (as mentiras explodem como espinha em aborrescente) tiveram a vergonha de sugerir que jamais podemos? Nunca! Então quio sinhozinho perdoai-o de suas ofensas

[615]

contra Molloyd O'Reilly, esse fã de abraços, agora prestes a se levantar, o mais hereto Coolock já existente! Um nada em nada Irlhandês, chamado de Ervigsen por seu primeiro imediato. Que todozos semelhantes que duvidam de nossa velhistória de vergonha tenham essa fantasia amplificcionada! Porum cachimbo de psicannabise ou bala de metal da Hibernia podíamos cantar tudo e, sêloko cachueira, alguém encumendaria um cudáver dioutro alguém cu maior prazer em disparos privados. E em contravenção à constância das combinações químicas insuficientes de todozos seus pedacinhos deixados pra Peter Picadinho juntar seus três setenta quintos de homem. Santa weissda! Que delitioso pros três Sultões de Dalkey e que

mitadores dialuguel os dois Peris de Mona ceci! Balas diaçucar pros cinzeiros clororidos! Paz! Possuidor duma criança da mais alta valência pras nossas contemplações privileorgiadas com o peito sempre peludo, mãos e ciganolhos dissinoiados em busca da companhia afetuosa de vendedoras. Amigas de fé irmãs camuradas. Répteis saracoteando, tome nota! Enquanto excomungamos todozesses ruídos molhados. Elas proustituem-se o tempo perdido todo sempre deltadas enquantuapenas concordamos cum comitê de diversão! Ou poderia de cima pulular pra baixo exibindo o fato pra que possa ser visto.

Acerca daquele pecado cocoricóerogenal e sua sapiência do tamanho dum bolovo. Primeiro ele siguiumundo aplicando freudes porum tempo e então foi desmascarado às gargalhadas por Cloon. Seja cunhecedor de salsichas! Stututísticas mostram que arrotos à mesa de chá tornam os velhos empresários gordos e cuspidores mais apreciados pelos metropolônios. Gostaríamos de chamar a atenção pra nossa Lei de Compensação Proletrária. Os maguinatas de nosso meio sendo impingidos poruma plethorace anticrash. O discurso permitiu o mau exemplo de apresentar aos militares o melhor de nossa crença no antigo desejo em mente de unificação pela mitigação das malvadezas do rei. E como elescalou o escalão depois de ser a força da marcha. Seu gigantismo de mananaan naniconhecedor. Nenhum lava-tutu queria se lavar na lava-jato! Uma vez que és à prova de baladas sendo infurável a granizo, gelo e mísseis. Ordem e progresso antes de chegarmos ao Cafofo do Ruggers. Poizagora devemos encerrar esperando tudibão de São Laurence. Moral. Sra. Stores Humphreys: Então tu tá esperano pobremas, Pondups, do serviço doméstico questionado? Sr. Stores Humphreys: Assim como

[616]

há um deustoiévski no céu, Levia, meu chequespeare tá em banco. Oswaldedo. Significado: um dois quatro. Drummondodos. Pela cueca enfiada no teu cu. Depois do nosso bambambam outra vez dar cento e onze mais miliuma outras bênçãos serão agora odincionadas àquelas epóstulas pra tua grande bundade, bem, prajudar todos em difoucauldade. Estamos todos na casa da velha Fintona, groças a Danis, pro nosso ópio bem, esse maridão amarradão, que a roda do verdaduruamor gire encanto tivermos muito dinheiro no bolso. Impossível lembrar pessoas em posições improváveis de lacanlizar. Quem iria tirar a cabeça do travulvasseiro pra invocar, bem,

um freudorento particularmente malvado conhecido pela transchistação dozirmãos Foon MacCaampos, homi misterioso dos martírios do pork? Força no jungamesh! Tomathy e Lorcan, os becketeiros Tooles, são sons de Tim agora que mudaram seus personagens durante o blocaute. Conan Doyle dará porrada à luz do diós nele, causo estejam corretamente informados. Música, maestroid, por favor! Faremos um ensaio do barulho. Fing! Deve-se simplesmente rir. Fing rirsuchista! Boas lambidas! Bem, isso deve acordá-lo cuma petite mort. Precisarás de toda sua fúria serial kissller pra se defender. Gil vê y sente o buraco. O grande velho malvado foonfocando tudo! Agora recheou o último pudim. Seu fooneral vai varar a madrigalda até as seis em pranto. Vida eterna ao rei. Cer ou cerveja weiss a questão. Foto do sujeitocaneta no Haras Dujardin do Edda exibida pelo mensugeiro no matinal Boston transcript. Femelles serão fatales das vintioito às doze. Pra ouvir aquele amável canto do vigário, um causo, do grito dum macho munch cortês, derrame milagresperma paterno. Não esqueça. O grande fooneral ocorrerá em breve. Lembrar. Os restos mutais devem ser removidos antes dos primeiros orais do dia. Com cervejesperanças ardentemente concebebidas. Ajude-nos assim a testemunhar este dia nas mãos do sonho. Desdios Gandhiososdiasmayas mui calendariousados.

Bem, aqui tá uma carta escrota por linhas tortas delatando outros adeptos clericais pactuados com o coiso. Eu mi finngia de finnado pro cão e ele gostaria de degustar mi calcanhar. Que tal isso? A música mais doce do mundo? Nosso corpitcho juvenile sendo mucho admirado desdio início pela cabeleiradožžek em cobre natural. Supracitando a Lei de Improriedade da Muié Coisada um correspondente pintua quia moda Sweet Auburn pende lealdade de

[617]

seuzolhos inocentes. Ó, felix cul posudo! Se todosos MacCaampos só decifrassem virgílias como o Armagedom, Limitada! Isso é muito fácil pra eles! Não importa o Leitemantiv! Melhor controversar conosco! O cadnalha com a esposa do papa, Lily Kinsella, que se tornou a esposa do Sr. Cobranorato por seu bom nome nas mãos do adãovogado beijoqueiro, agora vai ser o centro dazatenções. Apenas um príncipe por esta noite! Panceta pálida nos cura de todosos moles, costelinha e nove espetinhos mistos. As gozações do Gozador do Acre afetaram a altoestima do Gozado. A brigada de Boot lane. E ela tinha um certo remédio trazido numa garrafa pelo mercador de

beleza licenciado. Vergonha! Três vezes vergonha! Fomos informados de quio ariano está no momento no hospital da Limpeza e que pode nunca mais sair! Basta olhar um dia a sua caixa de correio com P.C.Q. lá pelas 4.32 ou às 8 e 22.5 com um quarto dos mestres e escriturários separatistas e a parnellinha de Marie Reparadora pra mandar todozinhos os sinnpatrickzantes féins pro purgatorah, visão plena, pra ficar surpreso ao ver sob o piano de cauda Lily no sol-fá (e que dama!) tocando sem dó na ré dum menor que começa a pular um poquinho pra descobrir o que acontece quanduamor vai além da negosseiação solícita por beijocas e olhadelas no espelho.

Que não fomos tratados em grandestilo quandua polícia e todo mundo se curvô pá noix ao saírmos em todazas diereções na Rota do País das Muravilhas com o meu cubarola deslizante? E, pessoalmente falando, podem alicear seus gagoboyz às minhas costas, como Hillary Allen cantou pros nove darkavaleiros. Item, nunca fomos acorrentados a uma cadeira e, bitem, nenhuma popol-viuhva nos seguiu com um escalpelador no Dia de Yankanção de Graças. Conheça um grande civil (vida honrada pra ele!) quié gentil como um cogumelo e muito afetadinho sempre que se senta diante de nós pra ficar molhadinho o tempo necessário pra todos que possam sinteressar por el Gozado quié um bandido pé-de-canãa embora sejam excelente fallbricantor de livros em sua proficção. Daqui em diante dovoríamos apresentar nossa queixa ao sargento de Malícias em consequência da qual as medidas cabíveis tomadas abalariam sua saúde dia após dízimo nas bras cubas de chopp que mudariam sua vida porum norugalês que foi excomungado da crispianidade.

Bem, nossos bate-papas serão resumidos numa conversação mais polida com um chem por chento humano sobre the bestialidade natural

[618]

do prazer após boas doses de caipiroca com vulvódica e fumo. Enquanto quem quer que goste peda'sin por peda'sin desse pecaldeirão urogynal de bolos deve lovar, amadões, a Adão, nosso primeiro antepassado Finndfesta, e nosso pastor mais capetalista, diacordo cas varuações de Grippith, por seu belo parzelamento de palavras-cuzadas.

Bem, simplesmente adoramos as bochechas tentadoras deles, os Rathgar, rebolando aqui em torno dos ritmos em minha camalfabeto e ele tão puto quanto

phodia pela queda de hampty dumpty. Reformas punpunlares certificadas, podemos acrescentar neste estágio, provavelmente contam histórias pra surdo ouvir. Aqui se fala aqui se praga, porks e whiskroto! De celto modo vivemos em dois mundos. Ele é aquele outro capotado sob a colina de howth. Nosso jacqueouves lacraian é difamado por seu heterônimo pessoal o qual se levantará por suas próprias mãos e ficará ereto, confiante e heróico quando retratado, jovem dazantigas, pra minha confissão diária, um pequenino namorico.

Alma Luvia, Pollabella.

P.S. Maria batalhão do soldado Rollo. E agora ela tá pra lá de bagdá com rimas nonsense. E cinderela pela passarela da realeza com as riquinhas. Farrapos! Desgastados. Mas ela ainda é seu segundo tisunome âmbar.

Manhã suave, cidade! Lsp! Estou liffalando com folhas. Lpf! Fluindo e dialoagando todazas noites cadentes sobre meus longos cabelos. Nenhum som, caindo. Lispn! Nonada de vento ou verbo. Apenas uma folha, só uma folha e então falhas. Os bosques sempre amáveis. Como se fôssemos seus bebês. E rob in sons crusoestilizados. É pras minhas bodas diouro. A menos que? Longe! Levanta, homem da casa das tia, já dormiu muito! Ou isso é só o que parece? Em sua palma ponderada. Reclinado da capeça aos pés. Com tabaco no narguilé. Tierce pro finn'olinista, sixt pra macasamenteiro, nineda pra Cool. Levanta agora e álcoorda! A norvena acabou. Sou liffolha, sua pepita, assim cê me chamava, deixa a vida me liviar, sim sua pepita, a estória me alpsolverá, sexagerado! Cê era de babar. Eu era tão chamosa. Mas também há um grande poeta nocê. O Celtanejo Brucutu te daria uma coça. Ele também perturbou meu sonho. Mas to de boa na lagoa. Graças ao sinhô, papito, gradicida. Yawhawaw. Helpunto min, helpas vin. Aqui tá tua camisa, a do dia, volta. A gravata, teu pescoço. Também teu sobretudo duplo. Um cachecol também. Truman aqui teu capote e por fim teu

[619]

guarda-chuva. E caibecha erguida! Em linha reta. Te quero como colírio pros meuzolhos. Com seu grande cintão veredas novinho e tudo. Florescendo no próprio luto e em segundo plano, Budd! Quando buckley ratátátá de parabéns na tua farda que Rusedesharon costurou procê. Cinquenta y sete e três, dólares, protuberando na

cueca. Orguloso e perfídio Albion com a pobre Eileen, vão e vãos. Orgulho, preconceito, janeausteridade! Cê me faz pensar num aliceador de maravilhas de eruma vez. Ou simbach o mahlernheiro, o homem megagalante, com pulseiras nas zoreias. Ou ele era um conde, em Lucan? Ou, não, acho quié o duque Le Fer. Ou algum deusconhecido dos Países Escuros. Vem e vamos embora. Sempre dissemos que íamos. E vá pro exterior. Talvez pegue o rumo de rath grainne. As criansonhas ainda são rápidas. Não tem aula hoje. Esses meninos são tão contrários. O Cabeça tá fincando preocupado. Dor no calcanhar e viagem pra curar. Gallindover e Gullover. A menos quieles mitomorfoseiem-se sem querer querendo. Eu vi os gêmeos num pecar diolhos. Som. Repetissom. Sim. Tempo após tempo. Sehm e asnuh embaralhados. Dois irmãos tão doferentes quanto milton em hatoum. Quando um deles goza ou outro deles chora é o finn pra tim. Sem paz alguma. Talvez aquelas duas coroas da casa das tia tenham os batiuzado na pia babeltismal. A arvoremaníaca Sra. Rapidinha e a loka de pedra Srta. Mortinha. E quando as duais dialoaguaram um porco sobrou porca roupa suja pra publicar. Da Livianderia Mansônica. Um sãojeito pesquisando no google minúcias do menino de annazaré e o outro semjeito molhando o peru. Cê ficou santisfeito como Mickeytyson, recitando façanhas de guerra e orações de ouvido pros jeca tatus de dumbolin. Mas depois daquela noite, cê foi fio-terra devastada! Me pedindo pra fazer isso e aquilo e aquilo outro. E cochichando pra mim, Judia di mim, o quiocê não daria pra ter uma menininha. Seu deusejo era meu desejoss. E, vejam só, caiu do céu! Do mesmo jeito quieu. Mas ela, vosmichê espera. Ansioso pra colhê-la e deixar-me à sombra da rapariga em flor. Siela fosse mais humorosa. Os humilhados serão exilados, pela estrada afora vão bem sozinhos. Ela é tão allegra quanto bacantoras gregoriannas. Seria doloroso cantar dor de corno. Vou esperar. E esperarei. E então se tudo correr. O que será é. Isis. Mas deixe-os. Curtindo a foça com a putcha mallarmada e a vadia mallarrumada. Ele é pra ti o que ela é pra mim. Brincando de pega-pega contigo pela enseada e por porto seguro e mensinando os piadaços da fala. Se cê cantasse seus contos prele nazondas ziguezagueantes eu soletraria meus sentimentos prela sobre um bolo caseiro. Não perturbaremos seus deveres de belo

adormecido. O que passou passou. É Phoenix, querido. E a chama estala, ouça! Simbora pra nossa jornada santimal. Já que Lúcifreud se perdeu e o livro das sanhas é. Fechado. Vem! Sai do seu conchão. Use seu dedo livre. Sin. Temos luz o suficiente. Não vou tirar a'laddynha do gênio lampião. Pra quios quatro velhos gaiteiros de Saxsanfonas soprem. Até tu mochileirus. Pra conduzir corcundas de todazas catedrais atrás docê na trilha. Siga o estrela-guia Arctur! Istmo! Sft! É a manhã mais suave de que me lembro. Mas ela não vai chover de cair o céu, nossa Ilma. Ainda. Até chegar a hora. E eu et tu fizemos a nossa. Os filhos do apocalipsiquê venceram os jogos. Ainda assim levarei minha coruja Finvarra nos ombros. A truta ficará tão boa no cafish da manhã. Cum gostinho de rocambole polonês de Salsichão estragado. Pra realçar a caatinga do teu bacalhau. Tu aprecia rosquinha? Cage ruidovirando no estômago, tudo fora de controle! E então todozas jovens peixoxotas à la corte fazendo zona ao nosso redor, em busca de cremes. Gritando, comigo, irmã crescidinha! Eu não sou realmente nós? Liszt! Apenas contudo, todavia há uma porém, tu tem que me dar um belo espartilho novinho também, nolly. Da próxima vez que for ao Markado de Cornwall. Todos dizem quieu preciso disso já que o falho de Isaac perdeu a linha. Mrkrnk? Pela arte! Vem! Dê-me sua grande pata de urso, pai do filho, porum minuetinho. Dó-lá. Toca-mi-siririca no sol-fá, na lalíngua das flores. Esse é Jorgen Jorgensen. Mas ceintendeu, não? Eu sempre sei por seus brilhos e sombras. Agacha. Maizum poquito. Então. Mostra a espada. Quente e peluda, diabos, é tua mão! É aqui que começa a fimose. Suave como uma lolita. Uma vez cê disse que foi queimado no gelo. E outra vez foi quimiclamado depois de tirar uma vida. Talvez seja porisso quiocê tenta não perder a cabeça como se. E o povão pensa quiocê tropicô da whiskada. Projetada pra queda. Vou fechar ozolhos. Pra não ver. Ou ver apenas um jovem em seu florizel, um menino cabaço, descascando um galho, um guri ao lado dum burrinho pedrês. A criança em que todos nós amamos colocar nossa esperança pra sempre. Todo homem fez algo. Seja o momento em que encontram o caminho da velha carne. Louve my tender. Então. Faremos nossa romaria antes que no campanário os sinos terrestres toquem. Na igreja perto do cemitério. Pax pro Cidadão de Bem. Ou os pássaros começam o tristram canto de shandy&jr. Olha, lá voam os seus, lá no alto!

E

pombas, doce boa sorte grasnam procê, ma Coole! Veja, são tão brancas quanto avalanches. Pra noix. Nos paulximos pleitos pra poetero ou cê será eleito ou não serei sua noiva ilícita. O homem da mulher Kinsella nunca vai me reduzir. Um MacGrath O'Cullagh O'Muirk MacFewney cocôrejando e piando em volta da loja machônica de Fjorn na Galla das Trombetas! É como jogar o pó da vergonha no armário ou trancar o Mário com o Tio Tim debaixo dozóio dum Vixe Rei. Não dê o passo maior quia perna, senão foddy! Cê vai dar cabo dos antílopes que protegi por tanto tempo. São da Península. E os dois melhores shoeshoes. Dificilmente é uma milha de Knut ou sete, godotdebota. É bão dimais pra saúde matinal. Com Buahbuah. Um movimento suave ao redor. Como passear de bobeira. E a cura pela autoajudastrologiria é fácil. Parece que sempre euxistiu, há séculeus. Como se voceu tivesse se eusentado há euras. Diasdistantes, noitesdemedo, e eu como ti no escuro. Algum dia me dirá se posso acreditar em tudo. Sabe pronde to te trazendo? Se alembra? Quandueu corria berrando atrás de risos e rosas. Com vassuncê traçando grandes metas pra me traçar na colina com seu troço. Nossos gritos. Eu poderia te levar até lá sem sair da cama contigo. Vamos de trenzinho caipira pra Villa-Lobelizold, ein? Nenhuma alma além de nós. Tempo? Ele tá em nossas mãos. Até que Gilligan e Halligan liguem de novo pro hooligan. E o resto dos armados. Oito Gozadas, da esquerda pra direita. Olobobó, e seus ladrões em quarentena! O pestinha do baile da morte rubra vai te pegar. Ou o Mestre dos Unicórnios da Floresta, Capitão Bishop-grilo, do Naul, ao lado da porta com o Honorável Hippie e o Reverendo Ponta e as duas Ladys Gagas de Tallaght, Ballyhaunis, em seus enigmáticos chapeuzinhos vermelhos pra entoar uma heresia pro lobo mautner, o Cervo, eterno Caso do helltorno. E não necechistas tirar o pato pra fora e sua obrincação, paumole, enquanto te tomam o copo que nunca começa a terminar. Põe essa fakenews na cachola e fixa isso nouvido, insecsto. As babeldades não dão trela e os ricos nunca pagam. Se fosses o arrombado eles te aclamariam, Heathtown, Harbournstown, Snowtown, Four Knocks, Flemingtown, Bodingtown até o Finn de Fordham em Delvin. Como te acasalariam em casa depois dos jardins platônicos! E tudo porque,

[622]

perdida em seu reflexo, ela parece ter visto Enricoterrinoni cocoricó caçar com seus três cães caçadores o caçoando. Mas escapou sansão e safo dessa. Basta de

corneta! E da velha fofoca de mãe! Podemos invocar o Velho Senhor, o que me diz? Há algo a me dizer. Ele é um ótimo atleta. Como o olímpicasso e um esportistravinski quio antecederam. E um velho promontório conservado. Sua porta sempre aberta. Pruma nova era. Tanto quanto a tua. Já que o invocou na última Páscoa pra quiele nos desse hills de cachaça e epifanias. Vai lembrar de tirar seu chapéu branco, ech? Quando estamos na sua presença. E diga cumékitutá, majazztade! Sua é a casa das leis. E vou me corcuvar a vossa grossa também. Se o Ming Tung não vai até o ménage o mimimi vai até a Mong Tang. Cerimonial dó ré baixamento do ser! Dizendo: O kiki cê vai fazer pra trazer à luz vildades secretas, por favor? Ele pode ser um cavaleiro do Armor só pra ser o primeiro a te colocar uma arma dura com magicantadas baratas. Lembre-se do Bom tholo manew vim vam vom Comedor. Hot-dragon, correntado e epoleta, com desconforto na bumbose. E eu serei ozóio do sua zoreia. Mas vamos em vão. Simples fantasias. Castelos ao vento. Mi cabeça de pão tá cheia de puns sonhomatográficos. Maccool é markool. Podemos pegar ou largar. Ele tá lendo seus trunfos. Celtamente conhecerá nosso caosminho a partir daí. Caminho de Flúria. Onde antes conduzimos tantos casais à arca e nãoé que foliaram lokamente. Pangaré! Dando à égua Puro-swingue a montada de sua vida. Com seus matusaléns! Hnmn hnmn! O caminho dos rochedos errantes. Podemos sentar no benn bom, eu em você, em qualma inconsciência. Pra escandreamlizar o panaroma. Fora de Drumleck. Foi lá que Evora me disse quieu seria o melhor. Se eu nunca. Quando a lua enlutada se põe e se vai. Nas as dunas de Glen. Luna liinista. Um põe em todos, todos põem em um. Na ilha da magia. E vigília se a carta que tu tá quereno pode vir. E vai pra praia. Quieu reze pra ser o sonhor do meus sonhos. Rabiscando e remendando com o abcedário duma cartilha. E que roteiros de saberes malucos eu picote com meu próprio bico. Cada letra é um fardo mas a sua com santeza é a cruz mais pesada de todas. Leia um machadão, dê nome aos bois, anna hatherlynda, he si tências. Mas uma vez assinado, selado e entregue, tattat, tu tá no mapa. Baseado no transcritonírico de Master, o Boss. Depois de rodear seu

[623]

mundo de eras remotas. Transportado num carrinho de chá ou aparafusado e arolhado. Em sua superfície majestosatonal. Com uma bobida, bobido, botelhado. Blob. Quando azondas tirarem tua terra firme precisarás de mim. Algum dia então,

nalgum lugar além-bar, escrevi esperanças e enterrei a folha quando ouvi Tua voz, credor trovador, tão alta que ensurdecia, e a deixei jazer até a chegada do punpun noel. Então me satisfaça agora. Lss. (Des)contrua e (re)construa nosso bagalô hipotecado e lá coabitaremos resputavelmente. Os Gowans, sir, por eire Maidem, eu. Com aguda torritornella de bubel prespiar e curtir azestrelas. Só pra bisbilhotar que diabos Jove e seus pares fuxicam. Em meio à solnessdão. Até o topo, bigmestre! Escala o cume. Cê num tá mais tão tonto. Todo o seu grande plano e a mixaria que rendeu! Hump dá piti, quando nos eleva e nos dumpa, quando nos lambuza! Mas me sarah no arbraão carinhoso como carneiro selvagem, bomba poetriarca! Em límpida margem fiz meu lar. Park e um bar pra mim. Só não riocomeça com tuas acrobacias Kamassútricas de anus atrás. Eu poderia adivinhar o nome daquela que te deu o conhecimento, tefnut! Ousada palavra bumerangue. Pela paixão dos sinnféins! Ante o universo nu. E o policial swingnário com seu olhar 43! Um desses belos dias, feminicida, tu terá que voltar pro redoformartório. Bendito guardião Martin! Suavemente assim. Tô me sentindo o ó do borogodó divando no meu vestido mais lindo. Sempre me chamarás de Liviviavaia, não é, queridow? Verboy Magia! E não faça porco caso do meu parafume, oleado de colooney, cuma nota de marachino. Sm! É o Aroma Alpino das Esthers do Swifitarado. Tô em todazas narinas. Até no nariz de Howlth. Meudeuscondignus! Contos dublinenses. Grande coruja velhaca! Sieu soubesse quem você é! Quanduaquele tutubarão dos sete ares disse quiera o Caipintão Finsen maccoolnaíma e que tava com vergonha do terno eu disse porkekitutanessa já que aqui não tem ninguém além de mim. Mas quase caí da pilha de provas. Como se seu dedo duro me catucasse ozolvido. É certo quio seu irmão de leite anda dizendo no distrito de Bray quiocê foi elogiado em Brostal por seus pais sempre caírem na sua sujeira e ela perder o pentacostes depois de beber suas promessesmens? Mesmuassim, cê me faz bem! O único homem que se saiba quié capaz de comer casca de lagosta. Nossa noite

[624]

era nativa quando me confundiu duas vezes com Marienne Chérie e então seu primo Jermyn assinou nela agá sem é ieu encontrei barba postiça em sua bolsa Clarksome. Faraópio pra brincar de rei do Agito. Ocê certamente faz o mais real dos ruídos. Vou te contar todazas manhas de markiavel, estrangeiro. E mostrarei cada sítio

arqueilógico poronde passamos. *Cadmillersfolly*, *Bellevenue*, *Wellcrom*, *Quid Superabit*, vilidades de valedades. Troca os pratos pra próxima porção de batatas. Vendadores enquanto ainda existem e o cânone soa forte de forma sí-mí-lár aos hábitos agiotas de Claffey e à grande garantia dada pela pompa de nossa paróquia. Mas tu terá que perguntar aos mesmos quatro que te nomearam e que são presença vip em teu boteco, dizendo que são as melhores relíquias de Conal O'Daniel e escrevendo *Finglas desde o Dilúvio*. Será uma majestosa obra aberta. Maizé poresta rota que ecce homi virá amanhã. E posso sinalizar que tudo quié pau ié pedra ié matinta-pereira sorri quando passamos. E queimarás o polegar cantarolando e então escreverás teu salmão. É tanta repetissom e esse eterno ritornello continua novo pra mim. Snf? Só folhe, queriduearwicker. Folhe na relva de Clane. Nunca tesqueceste da folha, não é, ein brian bororó, cumékié? Mch? Ora bolas, esse é o Isd'ormitório dos cogumelos, surgem à noite. Olha, hectáres em telhados de igrejas. Dom on dam, dim in dym. E uma parte capital pras Olimpíadas. Stadium, MacCoolossal! Cuidado onde pizza ou vai cair. Enquanto mesquivo das lattes de lixo. Olha o quieu achei! Uma ervilha lentilha. E olha aqui! Esse cara soul eu. Bonitinhos, meus docinhos, os pobres amores abandonados por todo o mundo? Vizinhos fora da lei de newtown. O Eblanamagno que vislumbras surgindo de mudoblin. Mas a sitta'som é a mesma de sempre. Eu rodei por tantas eras. Como ocê diz. É justo. Sieu perder o fôlego porum minuto ou dois não parla, recorda. Uma vez quiaconteceu, podiacontecer de novo. Por que de anos em annas tô na sofrência, tudo é letter e melancornia. Pra esconder a lágrima, o martírio. Por pensar em todos. Os bravos que se sacrificaram. Os justos que se foram. Todos aqueles mimimitralhados. Vou riocomeçar num instante. O nanani de um nanão. Como ficarás feliz por eu ter hihihissuscitado! Minha! Como sessentirás bem! Pra além da eternidade. Primeiro rodopiamos pela onda aqui e aí tudo melhora. Lado a lado, abra a porta, da cidade nupcial, lord gago de Londonblin! Só espero que todo o céu

[625]

nos veja. Pois sinto que poderia deusaparecer. Pras profundezas. Annamores dormem. Deixa eu me corcurvar nu seu pãodiaçucar, só um tiquinho, se deixar, abro o mar pra ti. Tudo quié muié cai na tentação. Às vezes. Assim. Enquantocê faz cu dialgoadão doce. Evaptvupt, vento soprado de lugar nenhum! Como na noite das

Apofanipas. Balança jorra lateja na minha boca como um arco e flecha. Don Chitote Deixa Marca, como ele me chicoteia nas bochechas! Mar, mar! Aqui, açude, paragens, ilha, ponte. Onde me encuentras. O dia. Lembrar! Por que lá rolou aquele momento e eramos só nós dois? Eu era só uma garotinha, um botãozinho sem pregas. O terno sempre marcava a eireção, claro, eliera como um pau pra mim. Mas o mais grosseiro super dotado da República das Bananas. E o mais feroz bicho-papai de todos os tempos a seguir uma criança indefesa em volta da mesa de jantar com um garfo lambuzado de gordura. Mas um rei dos ventos uivantes. Scieoula! Quando ele me segurou como atlas pra fogar seu ganso e acendeu nossas duas velas pra cantarmos em dueto na máquina de costura. Tenho certeza que ele esguichou suco nozinhos pra fazê-los brilhar pra que eu soltasse a franga. Apesar dos pesares eliera loko por mim. Agora que *Find Me Colors* irá atrás de mim nas colinas de Vico o fodão? Maizeu li numa História que há amores por quem os sinos dobram. Haverá outros mas não pra mim. O sabido inocente nunca soube que nos vimos antes. Noite após noite. Então eu dava o fuora. E ainda com tudo. Ainda ficará caidinho por mim, rindo feito bobo, em sua balsa-nova e o barquinho a deslizar e você a me abanar. E eu ficaria quieta como um musgo. E chegará o tempo em que você virá pra cima de mim, berrando sombriamente, com uma grande sombra negra cum olhar vidrado de tarado perssando no o'reilly e rola. E eu cuzelei e rezei pra descugelar. Três vezes ao todo. Eu era um animal de estimação de todos na época. Uma garota principesca. Você era o Vikingaceiro Corsário da pantomina. A invisão da Índia. E, por Thorror, era isso que você parecia! Meus lábios ficaram lívidos de alegria e medo. Quase como agora. Como? Como ousou dizer que me daria as chaves do coração. E ficaríamos caçados até que Δ mortu nos se/pare. E vá pra rayuela qui nos par/ta. O meu! Só, não, agora sou eu quem quer dar. Como du e blin é dublin. Inn van linns. E agora pode ser nosso adeus? Ulalau! Quem dera eu tivesse bonzinhos pra trolhar pela crescente luz do dia. Mas você tá mudando, álcool, você tá mudando por mim, eu posso sentir. Ou sou eu? Tô meio cafusa. Brilhando

[626]

e mesvando. Sim, você tá mudando, filhoso, em movimentos cíclicos, eu posso te sentir, por uma filhosa das montanhas novamente. Imlamaya. E ela tá vindo. Nadando em minha intimidade úmida. Belzebuda fungando no meu cangote. Só uma

flauta envolvente que mexe com a nuvenzinha saliente, bumbumtentando. Saltarella voltou a si. Tenho pena do seu velho eu ao qual era acostumada. Agora trocada por uma mais jovem. Tentem não divorciar. Sejam felizes, queridos! Posso estar errada! Poizela será doce contigo como eu fui quando fluí de minha mãe. Meu grande quarto azul, o ar tão silencioso, apenas uma nuvem. Em paz e silêncio. Eu poderia ter ficado lá pra sempre, mas... É algo que nos falha. Primeiro sentimos. Então caímos. E deixe-a chover agora do seu jeitinho. Garoando ou diluviando como ela gosta. Chova chova chova pois minha hora chegou. Dei o melhor de mim quando deixaram. Sempre pensando que se eu vou todos vão. Com cuidados, um dízimo de problemas e há alguém que mentenda? Única em miliuma noites por annos? Por toda a minha vida vivi entre eles mazagora estão virando as costas pra mim. E morro aos poucos com suas maliciazinhas calientes. E nem mais verso o aconchego do signifincante espiral na signifincada. E toda a ganância jorra de suas almas mesquinhas. E todos os gozos preguiçosos sobre seus corpos pecaminosos. Como tudo é pequeno! E eu cada vez mais isolada em mim mesma. Matando o tempo prele não me matar. Eu o idealizava brilhando com a mais nobre das carruagens. Ocê não passa dium jeca tatu. Tiachava o maioral em todazas coisas, na culpa e na glória. Cê é só um tampinha. Porto nada seguro! Meu povo não era da sua laia tanto quanto eu. A todos os ousados e mauvados e obscuros condenados, as bruxasdomar. Não! Nem por todazas nossas danças bacantes em todo o seu batuque selvagem. Posso me ver entre eles, allaníuvia pulchabelle. Como ela era bela, a selvagem Amazia, quando se grudava ao meu outro seio! E que topetuda, a arrogante Nilona, que me depilava no íntimo! Pois são as tempestades. Ei espera! Espera aí! E o choque de nossos gritos até que pulamos pra ser livres. Com uma aura no ar, dizem, nunca soube seu nome! Mas controverso os que aqui estão e todo amor que já versei. Soletrária em minha vã echistência. Por todas as suas falhas. Estou falhecendo. Ó amargo finn! Vou partir antes que despertem. Não verão. Nem notarão. Tampouco lembrarão de mim. E é velha e velha é triste e velha é

[627]

triste e cansada eu regresso a ti, meu frio pai, meu pai louco e frio, meu louco pai frio e medroso, até quia mera visão da imensidão dele, seus moyles e moyles, monotonalmente, me deixa enjoada como monólogos salgadas e corro, só tenho a

ti, pros teus braços. Os vejo se levantando! Salve-me desses tridentes lacerantes! Dois mais. Um dois momentos mais. Assim. Avelaval. Minhas folhas estão à deviva. Todas. Mazuma inda não me deixou. Vou carregá-la junto a mim. Pra me lembrar de. Lff! Tão suave é a nossa manhã. Sim. Leva-me, papi, como me levava ao park de diversões. Seagora eu o visse searkando sobre mim sob alvas asas albertas camus se proviesse de Arkanjos, eu cairia morta a seus pés, humpedindo dumpiedad, apenas pra lová-lo. Sim, o tempo não para. Lá está o onde. O começo. Passamos pela grama sem balançar o arbusto para. Silênxiuu! Uma gaivota. Gaivoltas. Chamam do além. Estou indo, pai! Termina aqui. Enfim nós. Finn, de novo! Toma. Beijazzmee, rememoremee! Em teu milionézimo eu. Lps. As chaves para. Derridadas! Um caosminho um só um final um amor um recurso a

[628]

5. PLATÔ 5 – CONSIDERAÇÕES (JAMAIS!) FINAIS

Esta tese, porosa à forma do *Wake*, é uma ode à sua multiplicidade. Abordamos e comprovamos a sua pluralidade estrutural, frutiva, interpretativa, artística e tradutória. Multiplicidade tradutória que é corroborada, inclusive, pela bruniana existência de traduções que propõem uma leitura logicizante (linear e de domesticação semântica mais austera) no vasto mar de tonalidades da palheta (ou *lalíngua*) de cada tradutor. Defendemos que o *Wake* é um rizoma e, portanto, aplicamos nesta obra aberta a fórmula **n-1**, em que “n” é a multiplicidade e “1” é o elemento unificador. Assim, a tese que construímos em vários platôs (respectivamente, no teórico, no dialógico e no tradutório) pode ser condençada na fórmula **Wake-1**, visto que a obra final (e nunca finalizável) de Joyce não pode ser encaixotada em uma única estrutura tradutória-interpretativa que dê conta da sua multiplicidade. Dessa forma, a individualidade de cada visão, “1”, só existe enquanto elemento da natureza plural e pluralizável do *Wake*.

Por meio das entrevistas com tradutores de *Finnegans Wake*, proporcionamos um enriquecimento da reflexão sobre a tradução (e a intradução) da obra a partir de um diálogo vivo com a prática tradutória. A coletânea de entrevistas também é relevante por criar um dossiê sobre a tradução de *Finnegans Wake* em formato bilíngue, contemplando um significativo recorte de tradutores do livro pelo mundo. Esperamos que as entrevistas sejam um instrumento de pesquisa acessível à ampla comunidade acadêmica – nacional e internacional – que se dedica ao estudo do livro.

A natureza wakeana é refletida na heterogeneidade dos perfis dos tradutores. Embora todos sejam alterofalhistas da palavra, há tanto acadêmicos quanto pessoas sem ligação direta com a academia. Independentemente da formação, a maior parte dos entrevistados defende a multiplicidade inerente à estrutura wakeana e, consequentemente, a tentativa de recriar os dispositivos geradores dessa natureza na língua de chegada. Estes dispositivos são: a pluralidade de significados dos trocadilhos; a simultaneidade referencial das palavras-valise; o efeito de nebulosidade onírica; a agramaticidade etc. Um recorte menor dos entrevistados advoga por uma tradução mais acessível, com unidade semântica e lógica narrativa. Também há divergências quanto à importância de traduções anotadas. Enquanto alguns preferem edições com menor aporte crítico para deixar ao leitor a performatividade narrativa-interpretativa, outros tradutores sustentam a ideia de que a característica

multirreferencial do texto requer a bússola referencial das anotações. Por exemplo, Terrinoni diz que

em um mundo ideal, obras-primas literárias não deveriam sair em edições ricamente comentadas. Elas devem ser lidas como são, quero dizer, como seus autores as escreveram, e os leitores são responsáveis por encontrar ecos, significados ocultos, conexões e assim por diante. Eles não deveriam precisar de pesquisadores que atuassem como sacerdotes da interpretação literária. Dito isto, existem certos textos que estão agora em risco de extinção, tal como as espécies animais. Correm o risco de extinção por diferentes razões: porque já não estão mais em circulação, o que significa que já não são mais lidos, ou porque são considerados demasiado difíceis e não valem o tempo necessário para uma leitura mais profunda. Esta segunda razão é aquela que tentamos enfrentar, na nossa edição comentada em dois idiomas. Havia poucos leitores de *Finnegans Wake* na Itália há alguns anos. Precisávamos fazer alguma coisa. Por isso, foi necessário fornecer ajuda para mergulhar no oceano de Joyce. As anotações eram a chave. Mas nossas anotações não são pedantes, são pequenas histórias focadas no que acontece com uma palavra quando ela é submetida a transmutações joyceanas: tentamos explicar o que acontecia nas palavras que Joyce criou, mas também explicamos o que estávamos recriando por sua vez.¹²³

Quase todos rejeitam ou têm ressalvas às teorias da tradução, inclusive aqueles que são teóricos da tradução. Tal fato faz do *Wake* um livro da experiência e coloca a sua tradução mais como um ofício de arte no corpo a corpo com o original do que como um cara-crachá univetorial com a teoria. Não obstante, mesmo que sem grande simpatia por teorias da tradução, todos os tradutores se apoiam (ou em algum momento se apoiaram) no epitexto crítico como chave interpretativa do labirinto wakeano, com destaque para lexicográficos e livros de anotações.

Os tradutores também divergem sobre a noção de coautoria tradutória. A minoria, puxando a sardinha de Shaun, coloca o tradutor como um mensageiro do original no idioma de chegada. Todavia, levantando a bandeira de Shem, a maior parte valoriza o *animus* criativo da tradução, embora, muitas vezes, com formas diferentes de enxergar essa atuação. Um exemplo é o conceito de parautor, desenvolvido por Medeiros, que é quando o tradutor é visto como o autor da tradução e o autor (Joyce) é tido como o coautor da tradução. Também há entrevistados que trabalham com a noção de que o tradutor é o intérprete do original; outro ponto de vista é a do tradutor

¹²³ Vide a entrevista de Terrinoni no platô 3.

como autor (superando o original) etc. Nesse ABC da lituraterra da tradução do *Wake*, o único consenso orbita em torno da importância – com métodos e pontos de vista diferentes – de recriar o humor, o ritmo e a oralidade do original.

Com a (re)transcrição *Finnegans Ressuchistam*, que é materialização desta tese, o Eu liriacadêmico buscou ressuchistar (ou rizomar) o sonoro macrotexto original em um dueto com a sua *lalíngua* brasileira, a qual é a voz de múltiplos agenciamentos. Fiel à ideia de macrotexto, ou seja, do original como um arquivo derridiano em constante deslizamento, *Finnegans Ressuchistam* é mais uma camada desse museu movente. Esse ressuchistar se faz soar como mais um tom da pantonalista orquestra escritural do *Wake*. Além de seu papel coconstrutor do original, *Finnegans Ressuchistam* adicionou milhares de neologismos ao brasileiro, Henriquendo a cultura linguístico-literária de chegada.

Finnegans Ressuchistam se inscreve na história da tradução do *Wake* e, também, da recepção do livro no Brasil. Assim, na parte teórica, apresentamos o rizoma ao qual este projeto se emaranhou. Contribuímos com uma atualização dessa recepção na *lituraterra em transe* do nosso país, fornecendo a novos pesquisadores um mapeamento da tradução, da crítica e da arte de inspiração wakeana. A partir desse mapa, esses estudiosos podem descobrir outros e criar os seus próprios para continuar expandido as raízes do *Wake*.

Para quem quiser entender o projeto tradutório, mostramos as escolhas que foram feitas visando (re)transcriar a aura humorosa do inconsciente musical wakeano, notadamente dos dispositivos da repetição, da simultaneidade e da multiplicidade. A partir deste trabalho, os agenciamentos críticos e as principais estratégias do Eu liriacadêmico (e de mais de 20 tradutores) estarão em domínio público para quem quiser gozar (ou não) desse material.

Como *Finnegans Wake* é um rizoma, devemos continuar nutrindo as suas raízes. Assim, viconianamente, o Eu liriacadêmico pretende contribuir para a continuidade do movimento intenso e repetitivo (sempre com alteração) da crítica, da arte e da tradução de inspiração wakeana. Em próximos trabalhos, ele quer:

- ❖ Fazer uma releitura de *Finnegans Ressuchistam* incorporando de forma mais qualitativa linguagens ameríndias e africanas, haja vista o potencial ganho de riqueza sonora tão pertinente a uma musiscritura vocoralizável como o *Wake*;

- ❖ Realizar com Renato Fabbri um estudo de modelagem computacional comparando *Finnegans Ressuchistam* ao original;
- ❖ Como tese, em tese, não é das coisas que dá mais tesão, ou seja, não é das mais lidas, seria bem-vindo um *e-book* das entrevistas com acesso gratuito, disponibilizado em vários canais (versão em inglês e em português);
- ❖ Expandir o *corpus* das entrevistas, como já comentado no platô 3;
- ❖ Analisar e eventualmente traduzir textos de tradutores com os quais este trabalho dialogou. (Congrong, Bartnicki *et al*, aguardem!);
- ❖ Certamente a recepção do *Wake* no Brasil merece um aprofundamento para além do panorama exposto no platô 1. Caso alguém queira entrar nessa, é só se aproximar;
- ❖ Analisar aspectos do *Wake* por meio da grafologia lacaniana;
- ❖ Expandir as reflexões wakeanas-deleuzianasⁿ⁻¹ deste trabalho;
- ❖ Realizar uma revisão do lacanianismo para encontrar possíveis deslizamentos de lituraterra wakeana nas teorias de Lacan para além daqueles que ele admitiu (uma monstrengue dessa demandaria uma tese ou um pós-doc);
- ❖ Como o Eu liriacadêmico é o doido das entrevistas, o estudo da forma musical pode ser Henriquecido e ganhar materialidade por meio de diálogos com estudiosos dos aspectos musicais do *Wake*, como Caetano Waldrigues Galindo, Arthur Nestrovski, Jonathan McCreedy, Gerry Smyth, Krzysztof Bartnicki e Michelle Witen. Naturalmente, músicos que pesquisam ou utilizam o *Wake* como matéria formal e motívica de suas composições têm muito a contribuir, a exemplo de Flo Menezes, Barry Truax, Tod Machover, Rodolfo Valente, Adam Harvey e muitos outros. Este projeto, já *in progress*, pode fertilizar a reflexão músico-literária wakeana;
- ❖ Além destas entrevistas, o Eu liriacadêmico pretende se embrenhar em outros rizomas musicais: um dedicado individualmente à relação Berio-Joyce e outro à conexão Cage-Joyce (seriam uma trabalhadeira só, principalmente, o rizoma beriano, que demandaria uma tese ou um pós-doc);
- ❖ Tem também a ambição de organizar um álbum com wakomposições que dialoguem estruturalmente (e materialmente com a tradusson *Finnegans Ressuchistam*, se possível) com cada capítulo, complementando musicalmente a crítica e auxiliando potenciais leitores sinestésicos a ouvir o *Wake* com olhos e ouvidos tão grandes quanto os de um lobo-mahler;

- ❖ Outras questões que podem gerar trabalhos são as similaridades do *Wake* com *Hypnerotomachia Poliphili* (1499) de Francesco Colonna e, também, com *Phantasus* (1898) de Arno Holz.
- ❖ E;
- ❖ E;
- ❖ E;

Para finnicar esta tese, parodiamos o poema “Quadrilha” de Drummond por meio da alteração conjuntiva n-1 de Deleuze ou, falhado de outro modo, drummondizamos o rizoma tradutório do *Wake*.

O Eu liriacadêmico¹²⁴ ama JOYCE e ama Zabaloy e ama Hervé e ama Tamar Ra e ama Victoria e ama Dirce e ama Sevimay e ama Terrinoni e ama Vinícius e ama Afonso e ama Leif e ama Erik e ama Daiane e ama Tarso e ama Ga(lindo!) e ama Sérgio e ama Bartnicki e ama Dai Congrong e ama Bozai e ama Anevlavis e ama Aurora e ama O’Neill e ama Os Tradutores Por Vir.... e ama amar o humor.

¹²⁴ O Eu liriacadêmico é adepto do polihumor, mas o **objeto (a)**mor deste pesquisador é sobretudo você, **MINHA PEQUENA**.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA. **Perfil de Afonso Teixeira Filho**. Disponível em: <https://usp-br.academia.edu/AfonsoTeixeiraFilho>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **Perfil de Leide Daiane de Almeida Oliveira**. Disponível em: <https://ufsc.academia.edu/DaianeOliveira>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **Perfil de Eleftherios Anevlavis**. Disponível em: <https://tinyurl.com/ydmkk4m3>. Acesso em: 17 out. 2024.

ALVES, Vinícius. **Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://www.facebook.com/viniedi>. Acesso em: 17 out. 2024.

AMADO, Jorge. **Dona flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMARAL, Vitor Alevato do. A Bahia se Revém: considerações sobre a tradução de *Finnegans Wake*. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 152-164, 2019a.

_____. *Broadening the notion of retranslation*. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 239-259, jan.-abr., 2019b.

_____. 'Finnegans Wake' is now 80: can we finally read it?. **Ideas**, v. 06, p. 01-07, 2020.

AMARANTE, Dirce Waltrick do. **Facebook da própria tradutora**. Disponível em: <https://tinyurl.com/3ma46and>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **A terceira Margem do Liffey**: uma aproximação ao *Finnegans Wake*. Orientador: Alai Garcia Diniz. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2001.

_____. A tradução da Língua de *Finnegans Wake*. **Anuário de Literatura (UFSC)**, v. 10, p. 93-107, 2002a.

_____. **Finnegans Wake pós-colonial**. In: VIII Congresso Internacional ABRALIC, 2002, Belo horizonte. VII Congresso internacional ABRALIC 2002. Belo Horizonte: UFMG, 2002b.

_____. **The Language and the Translation of Finnegans Wake**. In: IASIL – Interrelations, Irish Literature and other forms of Knowledge. São Paulo: IASIL, 2002c.

_____. A tradução antropofágica de *Finnegans Wake*. **Cult**, São Paulo, v. 72, p. 18-20, 2003a.

_____. **Para ler Finnegans Wake**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. O nonsense em *Finnegans Wake*. **Sibila**, Cotia, v. 1, p. 1-3, 2014a.

_____. Livro inédito de James Joyce revela origens do clássico *Finnegans Wake*. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1 - 6, 13 set. 2014b.

_____. **James Joyce e seus tradutores**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

_____. *Finnegans Wake*, a nova tradução. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. C8 - C8, 15 jan. 2017.

_____. ***Finnegans Wake* (por um fio)**. São Paulo: Iluminuras, 2018.

_____. **Minha pequena Irlanda**. Ilustrador: Sérgio Medeiros. Rio de Janeiro: Cultura e Barbárie, 2021.

_____. A letra! O lixo!?: Os desafios de traduzir James Joyce. **Cadernos de Tradução**, v. 42, p. 43-58, 2022.

_____. *Finnegans Wake*, de James Joyce: possibilidades de leitura. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; DA ROCHA, Guilherme Magri (Orgs.). **Literatura e cultura**: incursões em experiências estéticas. Assis: UNESP – Campus de Assis, 2024 (v. 1, p. 155-163).

ANDERSON, Chester G. **James Joyce com 124 ilustrações**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ANEVLAVIS, Eleftherios. **Foto de perfil do Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://tinyurl.com/4bs3886e>. Acesso em: 17 out. 2024.

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva; Casa Guilherme de Almeida, 2015 (Série Debates, v. 338).

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Apresentação e notas: Antônio Medina Rodrigues; ilustrações: Dirceu Martins. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001 (Clássicos Ateliê).

ATHERTON, James S. ***The Books at the Wake: A Study of Literary Allusions in James Joyce's***. Illinois: Southern Illinois University Press, 1974.

ATTRIDGE, Derek. Desfazendo as palavras-valise. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). **riverrun**: ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (p. 339-364).

BÁBEL, Isaac. **O exército de cavalaria**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, FGV, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan.-mar. 2020.

BARTNICKI, Krzysztof. **Da Capo al Finne**. Warsaw: Sowa, 2012.

_____. **Finnegans a_e**: Suite in the Key of III. Warsaw: Sowa, 2014.

BARTNICKI, Krzysztof; SZMANDRA, Marcin. **Finnegans Meet**. Opole (Poland): *Self-published*, 2015.

_____. **Rolodex**. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc2v43z4>. Acesso em: 18 out. 2024.

BEACH, Sylvia. **Shakespeare and Company**: uma livraria na Paris do entre-guerras. 2. ed. Trad. Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Linguagem, tradução, literatura** (filosofia, teoria e crítica. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018 (Filô/Benjamin).

BERIO, Luciano. **Luciano Berio - Chamber Music (1953) (with score)**. Fonte: YouTube. Canal: *Contemporary Classical*. Data de publicação: 10 ago. 2022. Duração: 7'42". Data original da música: 1953. Disponível em: <https://tinyurl.com/3uhfdf9m>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **MADERNA / BERIO: Ritratto di Città (Portrait of a City), 1954**. Fonte: YouTube. Canal: *The House of Hidden Knowledge*. Data de publicação: 25 jul. 2019. Duração: 30'09". Data original da música: 1954. Disponível em: <https://tinyurl.com/hzvnjuss>. Acesso em: 6 out. 2023.

_____. **Luciano Berio: Omaggio a Joyce (1958)**. Fonte: YouTube. Canal: *TheWelleszCompany*. Data de publicação: 3 jan. 2011. Duração: 6'16". Data original da música: 1958. Disponível em: <https://tinyurl.com/3nsnf9v>. Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Luciano Berio – Epifanie**. Fonte: YouTube. Canal: *Precipitato*. Data de publicação: 30 jan. 2021. Duração: 28'03". Data original da música: 1961. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p9e24tz>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Visage**. Fonte: YouTube. Canal: *Luciano Berio – Tema*. Data de publicação: 6 nov. 2014. Duração: 20'57". Data original da música: 1961. Disponível em: <https://tinyurl.com/39d9k7a4>. Acesso em: 1º out 2023.

_____. **Berio - Sinfonia (1969) with score**. Fonte: YouTube. Canal: *Contemporary Classical*. Data de publicação: 26 maio 2020. Duração: 35'03". Data original da música: 1968. Disponível em: <https://tinyurl.com/2n5xj2ah>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio: Outis (1996) Prima parte**. Fonte: YouTube. Canal: *Wellesz Opus*. Data de publicação: 12 out. 2014. Duração: 1h01'27". Data original da música: 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/3ds4eay8>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio: Outis (1996) Seconda parte.** Fonte: YouTube. Canal: Wellesz Opus. Data de publicação: 12 out. 2014. Duração: 56'15". Data original da música: 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/2s3w5sej>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza I.** Fonte: YouTube. Canal: Nora Shulman – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 5'20". Data original da música: 1958. Disponível em: <https://tinyurl.com/yuttz352>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza II.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 9'23". Data original da música: 1963. Disponível em: <https://tinyurl.com/46kx4aek>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza III.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 7'44". Data original da música: 1965. Disponível em: <https://tinyurl.com/24mx4v9j>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza IV.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 10'58". Data original da música: 1966. Disponível em: <https://tinyurl.com/kck8nw2t>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza V.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 5'33". Data original da música: 1965. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr4xxfa8>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza VI.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 14'57". Data original da música: 1967. Disponível em: <https://tinyurl.com/5c29mps4>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza VII.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 9'08". Data original da música: 1969. Disponível em: <https://tinyurl.com/2sr47z88>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza VIIb.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 7'16". Data original da música: 1993. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc7t99py>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza VIII.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 12'36". Data original da música: 1976. Disponível em: <https://tinyurl.com/2nezc7t4>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza IX.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 14'02". Data original da música: 1980. Disponível em: <https://tinyurl.com/ytyj6npv>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza IXb.** Fonte: YouTube. Canal: Various Artists – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 13'44". Data original da música: 1981. Disponível em: <https://tinyurl.com/yempt9bp>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza X**. Fonte: YouTube. Canal: *Various Artists* – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 17'11". Data original da música: 1984. Disponível em: <https://tinyurl.com/y8rcxmcw>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza XI**. Fonte: YouTube. Canal: *Various Artists* – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 16'21". Data original da música: 1987-1988. Disponível em: <https://tinyurl.com/43c4memx>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza XII**. Fonte: YouTube. Canal: *Various Artists* – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 16'26". Data original da música: 1995. Disponível em: <https://tinyurl.com/4tmt63yy>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza XIII**. Fonte: YouTube. Canal: *Various Artists* – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 8'16". Data original da música: 1995. Disponível em: <https://tinyurl.com/4f9w7f6j>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Sequenza XIV**. Fonte: YouTube. Canal: *Various Artists* – Tema. Data de publicação: 25 mar. 2020. Duração: 13'06". Data original da música: 2002. Disponível em: <https://tinyurl.com/yuc3r9pj>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Sequenza XIVb for Double Bass (Audio + Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 1º nov 2021. Duração: 12'53". Data original da música: 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/43brejft>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins I (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 26 abril 2022. Duração: 14'22". Data original da música: 1965. Disponível em: <https://tinyurl.com/79e79d6h>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio, Chemins II**. Fonte: YouTube. Canal: LuxSonica. Data de publicação: 19 jan. 2012. Duração: 12'41". Data original da música: 1967. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxk8k735>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins IIb (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 3 maio 2022. Duração: 9'50". Data original da música: 1970. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p8eexy5>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins IIc (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 8 maio 2022. Duração: 8'56". Data original da música: 1972. Disponível em: <https://tinyurl.com/545uyaux>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins III (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 27 maio 2022. Duração: 15'15". Data original da música: 1968. Disponível em: <https://tinyurl.com/4nx9jcp2>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins IV (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 3 jun. 2022. Duração: 9'30". Data original da música: 1975. Disponível em: <https://tinyurl.com/3ds378z7>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Chemins V (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 4 jun. 2022. Duração: 19'44". Data original da música: 1992. Disponível em: <https://tinyurl.com/u5hp333b>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Kol od [Chemins VI] (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 5 jun. 2022. Duração: 14'35". Data original da música: 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/3aptup8t>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Luciano Berio - Récit [Chemins VII] (Audio + Full Score)**. Fonte: YouTube. Canal: Ryan Power. Data de publicação: 5 jun. 2022. Duração: 13'52". Data original da música: 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/y8enb34j>. Acesso em: 3 out. 2023.

_____. **Entrevista sobre a música contemporânea (realizada por Rossana Dalmonte)**. Trad. Álvaro Lorencini e Letizia Zini Nunes. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1981.

_____. Poesia e música: uma experiência. Trad. Flo Menezes. In: MENEZES, Flo (Org.). **Música eletroacústica: história e estéticas**. São Paulo: Edusp, 1996 (p. 121-130).

_____. **Interviste e Colloqui**. Turim: Einaudi, 2017.

_____. **Un recuerdo al futuro**. Trad. Rosa Rius e Pere Salvat. Barcelona: Acantilado, 2019.

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. Trad. Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catarina. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-268, mai-ago. 2017.

BINDERVOET, Erik. **Foto de perfil do Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://tinyurl.com/4rh4xm2z>. Acesso em: 17 out. 2024.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. **A anatomia da influência: literatura como modo de vida**. Trad. Ivo Korytowski e Renata Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BOHEEMEN-SAAF, Christine von. **Joyce, Derrida, Lacan and the Trauma of History: Reading, Narrative, and Postcolonialism**. Cambridge University Press, 1999.

BOHRER, Andrea Buch. **O fluir de Anna Livia Plurabelle quando o fim volta ao início: tradução do monólogo final de *Finnegans Wake***. (Tese) – Doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante. Santa Catarina: UFSC, 2019.

BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. *A proposito di «Anna Livia Plurabelle»*. In: JOYCE, James. **Anna Livia Plurabelle. Nella traduzione di Samuel Beckett e altri**. Milão: Ledizioni, 2009 (p. 31-86).

BOULEZ, Pierre. **Apontamentos de aprendiz**. Trad. Stella Moutinho, Caio Pagano e Lúcia Bazarian. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Série Signos/Música, v. 4).

BOZAI, Ágota. **Facebook da própria tradutora**. Disponível em: <https://www.facebook.com/agota.bozai>. Acesso em: 17 out. 2024.

BRASIL, Assis. **Joyce e Faulkner**: o romance da vanguarda. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BROTHERSTON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio (Orgs.). **Popol Vuh**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

BUENO, Wilson. **Mar Paraguayo**. São Paulo: Iluminuras, 2022.

BURGESS, Anthony. *What it's all about*. In: BURGESS, Anthony (Ed.). **A shorter Finnegans Wake**. Londres: Faber & Faber, 1966 (p. 7-24).

_____. *Writing in Rome (pHorbiCEtta)*. **Times Literary Supplement**, 31 October, 1975 (includes Italian translation of FW 3-14).

_____. **Homem comum enfim**. Trad. José Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURZLAFF, Olívia Vicente Pithan. **Oniropaisagens sonoras**: entrelaces hipogramáticos no *Finnegans Wake* de James Joyce. Dissertação (Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

_____. **Humor e riso no Finnegans Wake de James Joyce**. Tese (Doutorado). No prelo.

BUTOR, Michel. *Petite croisière préliminaire à une reconnaissance de l'archipel Joyce. La Vie Intellectuel*, v. 16, n. 5, p. 104-35, 1948. Reprinted in *Répertoire Études et conférences 1948-1959*, by Michel Butor, p. 195-218. Paris: Les Éditions de Minuit, 1960. (includes translation of FW 3.1-3, 196.1-7, 419.5-8).

BUTOR, Michel; SVEVO, Italo; ECO, Umberto *et al.* **Joyce e o romance moderno**. Trad. T. C. Netto. São Paulo: Editora Documentos, 1969,

CAMPBELL, Joseph; ROBINSON, Henry Morton. **A skeleton key to Finnegans Wake**. Califórnia: New World Library, 2005.

CAMPOS, Augusto de. **Viva vaia**: poesia 1949-1979. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição**: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

_____. **Transcrição**. Organizadores Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013a (Séries Estudos, v. 315).

_____. **A ReOperação do texto**: obra revista e ampliada. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013b (Série Debates, v. 134).

_____. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 2016 (Série Debates, v. 16).

_____. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 2017 (Série Debates, v. 247).

CAMPOS, Augusto de. **Viva vaia**. Poesia 1949-1979. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

CAMPOS, Haroldo. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Panaroma do *Finnegans Wake***. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, n. 18, p. 101-117, 2009.

_____. Da morte, da vida e dos tempos de morte e de vida da tradução. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 95, p. 46-59, jan./jun. 2017.

CARDOZO, Mauricio Cardozo; VERAS, Viviane. Apresentação: tempo e tradução. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 95, p. 3-8, jan./jun. 2017.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas / Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Trad. Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTRO, Edson Olivari de. **Música e clínica**: sonoridades e subjetividades. Curitiba: Appris, 2020 (Multidisciplinaridade em saúde e humanidades).

CECHINEL, André. **Tradição em T. S. Eliot**: permanência do conceito. [S.l.], no prelo.

CINTRA, Antonio Carlos de Araujo. **O lusobrasileiranês no finneganês: um vocabulário da língua portuguesa no *Finnegans Wake***. São Paulo: Olavobrás; Abei, 2003.

CIXOUS, Hélène (Ed.). **Poétique**: revue de théorie et d'analyse littéraires, Paris, v. 4, n. 26, ano VII, 1976.

COLUMNA, Franciscus. **Hypnerotomachia Poliphili**. Clube de Autores, [s.l.].

COMMAPRESS. **Dai Congrong**. Disponível em: <https://commapress.co.uk/authors/dai-congrong>. Acesso em: 17 out. 2024.

COSTA, Ana Caroline Ferreira. *Finnegans Wake* e o outro humanismo. **VERSALETE**, v. 1, p. 199-211, 2013.

_____. **Estabilidade e Instabilidade no *Finnegans Wake* de James Joyce**. Dissertação (Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Caetano Waldrigues Galino. Curitiba : UFPR, 2014.

_____. **Indivíduo e cultura no romance *Finnegans Wake* de James Joyce**. In: IV Jornada de Estudos Irlandeses, 2015, Curitiba. ANAIS IV JORNADA DE ESTUDOS IRLANDESES. Curitiba: ABEI/UNIANDRADE PR, 2015. p. 35-51.

_____. Dando origem a uma obra em progresso. **(Z)Aire**, Curitiba, p. 8-3, 6 nov. 2017.

_____. **A matéria da cena e o *Finnegans Wake*: palavras rolantes sobre as origens**. Tese (Doutorado). Orientador : Luiz Fernando Ramos. São Paulo: USP, 2022a.

_____. **Renata de novo**. Florianópolis: Revista Qorpus, 2022b (Publicação do texto de palestra-performance).

_____. Site Oficial – Ana de Ferro. Disponível em: <https://anadeferro.art/>. Acesso em: 2 out.

CRISPI, Luca; SLOTE, Sam (Eds.). ***How Joyce wrote Finnegans Wake: a chapter-by-chapter genetic guide***. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2007.

CRUZ, Tarso do Amaral de Souza. **Foto de perfil do Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://tinyurl.com/2whc9dsr>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. *Finnegans Rivolta*, 'O centenário de Charles Dickens' e 'Um encontro': considerações sobre traduzir Joyce. **Cadernos de Tradução**, v. 42, p. 113-134, 2022a.

_____. Fininguém Vivelório. In: Dirce Watrick do Amarante. (Org.). **Finnegans Rivolta**. São Paulo: Iluminuras, 2022b (p. 704-706).

DE PAULA, José Agrippino. **Pan América**. São Paulo: Papagaio, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 5. ed. Trad. Luiz Roberto Salindas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009 (Estudos; v. 35).

_____. **Diferença e repetição**. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI. **Mil platôs – vol. 1: Capitalismo e esquizofrenia** 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011a.

_____. **Mil platôs – vol. 2: Capitalismo e esquizofrenia** 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira

e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011b.

_____. **Mil platôs – vol. 3:** Volume 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. **Mil platôs – vol. 4:** Volume 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. **Mil platôs – vol. 5:** Volume 5. Trad. Peter Pál Pebart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DERRIDA, Jacques. Duas palavras por Joyce. *In*: NESTROVSKI, Arthur (Org.). **riverrun**: ensaios sobre James Joyce. Trad. Jorge Wanderley, Lya Luft, Marco Luchessi [et. al.]. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (p. 17-39).

_____. **A escritura e a diferença.** Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2009 (Estudos, v. 271).

DEVLIN, Kimberly; SMEDLEY, Christine. **Joyce's allmaziful plurabilites: polyvocal explorations of Finnegans Wake.** Flórida: University Press of Florida, 2015 (The Florida James Joyce Series).

DURÃO, Fabio Akcelrud. Ulisses em quatro figuras de coerência. *In*: DURÃO, Fabio Akcelrud. **Modernismo e coerência**: quatro capítulos de uma estética negativa. São Paulo: Nankin, 2012 (p. 143-174).

_____. **Do texto à obra e outros ensaios.** Curitiba: Appris, 2019.

EU JÁ ESTIVE EM (BLOG). **Última semana de peça com Bete Coelho, direção de Daniela Thomas.** Disponível em: <https://tinyurl.com/55bhp9xd>. Acesso em: 4 out. 2024.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Vertigine della lista.** Milão: Bompiani, 2009.

_____. **Las poéticas de Joyce.** Trad. Helena Lozano. Barcelona: Debolsillo, 2011.

ELLMANN, Richard. **James Joyce.** Trad. Lya Luft. São Paulo: Editora Globo, 1989.

ESTEVES, Lenita. O paradoxo de traduzir *Finnegans Wake*. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. D9 - D9, 21 nov. 1999.

_____. **Finnegans Wake: Joyce nas fronteiras do sentido.** *In*: XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1998, Campinas. Estudos Lingüísticos - Anais de Seminários do GEL. São José do Rio Preto-SP: IBILCE - Unesp, 1997 (v. XXVII. p. 329-331).

_____. **A (im)possível tradução de Finnegans Wake.** Tese (Doutorado) –

Universidade Estadual de Campinas (1999). Campinas, 1999.

_____. *Finnegans Wake*: a (des)leitura imposta por Joyce e seus desdobramentos para a teoria da tradução. **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós Graduação**, IEL – Unicamp, Campinas-SP, p. 109-118, 2002.

_____. ***Finnegans Wake*, experiência inesquecível de leitura**. São Paulo: Olavobrás, 2006 (Publicação Comemorativa).

_____. O que significa traduzir *Finnegans Wake*? **Scientia Traductionis**, n. 8, p. 196-236, 2010.

_____. *Finnegans Wake* e o chiste: o riso do outro lado. In: TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, Walte Carlos; DE PAULA, Marcelo Bueno (Orgs.). **Tradução e psicanálise**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013 (p. 57-75).

EYBEN, Piero. *Joy, c'est Freud(e)!*. **Revista da ANPOLL** (Impresso), v. 1, p. 191-225, 2011.

_____. **Escritura do retorno**: Mallarmé, Joyce e meta-signo. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FACEBOOK DE MINHA PEQUENA IRLANDA. Disponível em: <https://www.facebook.com/minhapequenairlanda>. Acesso em: 4 out. 2024.

FALEIROS, Álvaro. **Traduções canibais**: uma poética xamântica do traduzir. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019 (Species).

FABBRI, Renato; FERREIRA, Luis Henrique Garcia. *A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible*. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão – IFPR**, v. 3, n. 2, p. 91/1-91/13, 2018.

FELMAN, Hazel. ***Anna Livia Plurabelle***. Chicago: Argus Book Shop Inc, 1935.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia; DA COSTA, Luana Signorelli Faria da. A emancipação do sujeito em *Ulysses* e em *Finnegans Wake*. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé**, v. 11, p. 68-82, 2018.

_____. Joyce, Freud e a descentralização do racionalismo. In: SILVA, João Roberto de Souza. (Org.). **Temas contemporâneos em psicologia**: ensino, ciência e profissão. Curitiba: Bagai, 2021a (v. 1, p. 93-104).

_____. Poética, política e intersemiótica em Picasso, Joyce e Mann. In: SOARES, SOARES, Davi Silva (Org.). **Linguagens e crítica cultural**. Catu: Bordô Grená, 2021 (p. 23-37).

_____. **A linguagem em *Finnegans Wake* como tentativa de emancipação a Shakespeare**. In: Sétima Jornada de Estudos Shakespeareanos, 2020, Campinas. Anais da Jornada de Estudos Shakespereanos – Edições de 2016 e 2018, 2020a (p.

82-98).

_____. **juízo finn annal**. Fonte: YouTube. Canal: Luis Henrique. Data de publicação: 20 de jul. de 2020b. Duração: 1'34". Disponível em: <https://tinyurl.com/kwxcyzvw>. Acesso em: 3 out. 2024.

_____. **A brief musichaos calculation of the 20th century**. Fonte: Blog *James Joyce's Outsiders*. Data de publicação: 18 jan. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/4p4zby9u>. Acesso em: 21 set. 2023.

_____. O que HCE o que HCE? In: JOYCE, James. **Finnegans Rivolta**. Trad. Coletivo Finnegans Wake. São Paulo: Iluminuras, 2022a (p. 622-626).

_____. A pornochistada verbivoco(cocô)visual de Shem. In: JOYCE, James. **Finnegans Rivolta**. Trad. Coletivo Finnegans Wake. São Paulo: Iluminuras, 2022b (p. 626-629).

_____. Um breve cálculo musicaos do século XX. 2022 (Poema). **Darandina**, Interfaces literárias: criação e tradução, v. 15, n. 1, p. 1-2, 2022c.

_____. **A inelutável modalidade do ouvível**: o diálogo de formas entre o *Finnegans Wake* de James Joyce e a música erudita contemporânea. Dissertação (Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Universidade de Campinas, 2023a.

_____. Tradução de excerto do monólogo final de Anna Livia Plurabelle. **ABEI Journal**, v. 25, n. 1, p. 157-163, 2023b.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; FABBRI, Renato. *Finnegans Wake* de James Joyce é musiscritura. **Ilha do Desterro**, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 74, n. 1, 2021, p. 125-128.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; MICHEL, Hervé. Entrevista com Hervé Michel. **Qorpus**, v. 12, p. 195-215, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/39hccrjw>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; VICTORIA, Juan Díaz. Entrevista com Juan Díaz Victoria, tradutor de Joyce para o castelhano. **Qorpus**, v. 12, p. 51-65, 2022a. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n6b49eu>. Acesso em: 29 jan. 2025.

_____. *Entrevista con Juan Díaz Victoria, traductor de Joyce al castellano*. **Qorpus**, v. 12, p. 51-65, 2022b. Disponível em: <https://tinyurl.com/5daysd6s>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; SEVIMAY, Fuat. Entrevista com Fuat Sevimay, tradutor turco de *Finnegans Wake*. **REVISTA LETRAS**, v. 109, p. 195-219, 2024.. Disponível em: <https://tinyurl.com/3n98zhvt>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; ZABALOY, Marcelo. *Entrevista con Marcelo Zabalo, traductor de Joyce al castellano*. **Qorpus**, v. 9, p. 181-199, 2019. Disponível

em: <https://tinyurl.com/2s3e2zhd>. Acesso em 29 jan. 2025.

FERREIRA NETTO, Geraldino Alves. **Jacques Lacan e James Joyce: o simbólico na linguagem**. São Paulo: Iluminuras, 2024.

FORDHAM, Finn. ***Lots of fun at Finnegans Wake: unravelling universals***. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FREITAS, Luísa. O elíptico-escritural em *Finnegans wake*. In: EYBEN, Piero (Org.). **Pensamento intruso?** Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida. Vinhedo: Editora Horizonte, 2014 (v. 1, p. 253-258).

_____. **O fluir-ricorso e os tempos de *Finnegans Wake***. Dissertação (Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Piero Luis Zanetti Eyben. Brasília: Universidad de Brasília, 2015.

_____. **Uma leitura no escuro: o tempo em *Finnegans Wake* e a hospitalidade da literatura**. Tese (Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Piero Luis Zanetti Eyben. Brasília: Universidad de Brasília, 2019.

_____. Ler e rememorar em *Finnegans Wake*. **Revista Seda**, v. 7, p. 24-38, 2024.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana** (considerações sobre o esquecimento, os lapsos da fala, o equívoco, a superstição e o erro). São Paulo: Casa Verde, [s. d].

_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud** – Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **A interpretação dos sonhos**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017 (vols. 1 e 2).

FWEET – *Finnegans Wake Extensible Elucidation Tresury*. Disponível em: <http://www.fweet.org/>. Acesso em: 06 out. 2021.

GALERY, Maria Clara Versiani; PERPÉTUA, Elzira Divina; HIRSCH, Irene (Orgs.). **Tradução, vanguarda e modernismos**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GALINDO, Caetano Waldrigues. **O *Finnegans Wake* e as coisas como são** (Paulo: per speculum in aenigmate). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, XI. Anais... São Paulo: USP, 2008.

_____. *The Finnecies of music wed poetry: a música e o Finnegans Wake*. **Scientia Traductionis**, n. 8, p. 286-299, 2010a.

_____. Sobre a possibilidade de que o *Finnegans Wake*, de James Joyce, represente uma espécie de síntese literária em moldes bakhtinianos. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 4, p. 38-49, 2010.

_____. Um fragmento de *Finnegans Wake* [FW 21–3:Portuguese]. **Folha de S.**

Paulo. 24 de novembro de 2013.

_____. **Sim, eu digo sim**: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

_____. James Joyce: do *Finnegans Wake* [FW 104.1–107.35: Portuguese]. **Circuladô**: Tradução como Criação e Crítica, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 65-70, 2016b.

_____. Traduzir o *Finnegans Wake*, paradoxos e liberdades. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 5, p. 1.517-1.535, dez. 2017.

_____. Juto & Muto (um excerto do *Finnegans Wake*) [FW 15.29–18.30:Portuguese]. **Qorpus**, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 151-7, 2019.

_____. *Kintsugi*: refazer o *Finnegans Wake*. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 203-209, 2020.

_____. *Finnegans Wake* 1.1: renovo começo. **ABEI Journal**, v. 25, n. 1, p. 189-211, 2023.

_____. **Lia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

_____. **Site Oficial**. Disponível em: <https://www.caetanowgalindo.art/Home>. Acesso em: 17 out. 2024.

GARCIA JÚNIOR, Pedro Alaim Martins. **Processologia**: multiplicidade, descentramento e organização em *Finnegans Wake*, *Grande sertão: veredas* e *Galáxias*. Tese – (Doutorado). Orientadora: Profa. Dra. Evelina de Carvalho Sá Hoisel. Salvador: UFBA, 2018.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

GLASHEEN, Adaline. **A Second Census of *Finnegans Wake***. Northwestern University Press, 1963.

GLIŃSKI, Mikolaj. ***Finnegans Wake* Rolodexed**. Fonte: Blog #language & literature. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdh3hfdc>. Acesso em: 12 out. 2024.

GORDON, John. ***Finnegans Wake*: a plot summary**. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1986.

GRUZINSKI, Sergio. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUATARRI, Félix. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizo-análise. Trad. Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: [S. l], 1988.

HARARI, Roberto. **Como se chama James Joyce?** A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan. Trad. Francisco Franke Settineri. Salvador; Rio de Janeiro: Ágalma,

Campo Matêmico, 2003.

HAYNES, Nicci. **Site Oficial de Nicci Haynes**. Disponível em: <https://tinyurl.com/3tnxmf2>. [S. d.]. Acesso em: 4 out. 2023.

_____. ***Finnegans Wake read by James Joyce, arranged for 20-note paper strip musical movement***. Fonte: Blog Drawing. Disponível em: <https://tinyurl.com/54uszy26>. Acesso em: 21 set. 2023.

HIGGINSON, Fred H. (Ed.). ***Anna Livia Plurabelle: the making of a chapter***. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1960.

HODGART, Matthew J. C.; BAUERLE, Ruth. ***Joyce's Grand Operoar: Opera in Finnegans Wake***. Urbana; Chicago: *University of Illinois Press*, 1997.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. ***Raízes do Brasil***. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HOLZ, Arno. ***Phantasus***: poema-non-plus-ultra. Trad. Simone Homem de Mello. São Paulo: Perspectiva, 2022.

HOUAISS, Antônio. ***Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAMES JOYCE OUTSIDERS. **Website**. Disponível em: <https://www.jamesjoycesoutsiders.com.br/>. Acesso em: 17 out. 2024.

JOYCE, James. ***Finnegans Wake***. Londres: Faber & Faber, 1939.

_____. ***Finnegans Wake***. Trad. André du Bouchet. Paris: Éditions Gallimard, 1962.

_____. ***Ulisses***. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

_____. ***Retrato do artista quando jovem***. Trad. José Geral Vieira. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971.

_____. ***Finnegans Wake***. Trad. Philippe Lavergne. Paris: Éditions Gallimard, 1982.

_____. ***Ulysses***. Nova Iorque: The Modern Library, 1992a.

_____. ***Poems and Exiles***. Londres: Penguin, 1992b.

_____. ***Giacomo Joyce***. Tradução e introdução de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. ***Finnegans Wake***. Compendio y versión de Víctor Pozanco. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

_____. ***Dubliners***. Londres: Penguin, 1996.

- _____. **Finnícius Revém.** Trad. Donaldo Schüler. São Paulo, Ateliê, 1999-2003 (5 vols.).
- _____. **Giacomo Joyce.** Trad. José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- _____. ***A portrait of the artist as a young man.*** Oxford: Oxford University Press, 2000a.
- _____. ***Occasional, critical, and political writing.*** Oxford: Oxford University Press, 2000b.
- _____. ***Ulysses:*** annotated student edition. Londres: Penguin Books, 2000c.
- _____. **Música de câmara.** Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. **Exilados.** Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. **Anna Livia Plurabelle.** Frankfurt am Main: Bibliothek Suhrkamp, 2004.
- _____. **Ulisses.** Trad. Bernardina Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.
- _____. ***Veillée Pinouilles.*** Trad. Hervé Michel. 2005b. Disponível em: <https://sites.google.com/site/finicoincequoque/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- _____. **Anna Livia Plurabelle.** *Nella traduzione di Samuel Beckett e altri.* Milão: Ledizioni, 2009.
- _____. ***A portrait of the artist as a young man.*** Londres: HarperCollins, 2011.
- _____. ***Finnegans Wake.*** Eds. Robbert-Jan Henkes, Erik Bindervoet & Finn Fordham. Oxford: Oxford Press, 2012a (*Oxford World's Classics*).
- _____. **Ulysses.** Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.
- _____. **Stephen Herói.** Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012c.
- _____. **De santos e sábios:** escritos estéticos e políticos. Trad. André Cechinel, Dirce Waltrick do Amarante e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2012d.
- _____. **Cartas a Nora.** Trad. Dirce Waltrick do Amarante e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2012e.
- _____. ***Finneganów tren.*** Trad. Krzysztof Bartnicki. Cracóvia: Ha!art, 2013a.
- _____. **O gato e o diabo.** Trad. Dirce Waltrick do Amarante e ilustrações de Michaela Pivetti. São Paulo: Iluminuras, 2013b.

_____. **Os gatos de Copenhague** Trad. Dirce Waltrick do Amarante e ilustrações de Michaela Pivetti. São Paulo: Iluminuras, 2013c.

_____. **Finn's Hotel**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.

_____. **Pomas, um tostão cada**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Iluminuras, 2014b.

_____. **Finnegans Wake**. Trad. Marcelo Zabaloy. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2016a (Extraterritorial).

_____. **Um retrato do artista quando jovem**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016b.

_____. **Finnegans Wake**. Trad. J. Rodolfo Wilcock. Macerata: Giometti&Antonello, 2016c.

_____. **Estela de Finnegan: una lectura anotada del primer capítulo de Finnegans Wake de James Joyce**. Trad. Juan Díaz Victoria. México: Arlequín Editorial y Servicios, 2017a.

_____. **Finnegans Wake: Libro primo, capitoli 1-4**. Trad. Luigi Schenoni. Milão: Mondadori, 2017b. (Oscar Moderni).

_____. **Finnegans Wake: Libro primo, capitoli 5-8**. Trad. Luigi Schenoni. Milão: Mondadori, 2017c. (Oscar Moderni).

_____. **Finnegans Wake: Libro secondo, capitoli 1 e 2**. Trad. Luigi Schenoni. Milão: Mondadori, 2017d. (Oscar Moderni).

_____. **Finnegans Wake: Libro secondo, capitoli 3 e 4**. Trad. Luigi Schenoni. Milão: Mondadori, 2017e. (Oscar Moderni).

_____. **Finnegans Wake: Libro terzo, capitoli 1 e 2**. Trad. Luigi Schenoni e Enrico Terrinoni. Milão: Mondadori, 2017f. (Oscar Moderni).

_____. **Finnegans Wake por um fio**. Tradução, organização e notas Dirce W. do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2018a.

_____. **Epifanias**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2018b (Coleção Mimo).

_____. **Dublinenses**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018c.

_____. **Pomas penicada**. Trad. Vinícius Alves. Bragança Paulista, SP: Urutau, 2018d.

_____. **A caça ao Cascação**. Trad. Vinícius Alves. Florianópolis: Cultura e Barbárie,

2018e.

_____. **Ulisse**. Trad. Enrico Terrinoni e Carlo Bigazzi. Roma: Newton Compton editori, 2018f.

_____. **Cartas a Harriet**. Trad. Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2021.

_____. **Finnicius Revém**. Trad. Donaldo Schüller. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022a.

_____. **Finnegans Rivalta**. Trad. Coletivo Finnegans Wake. São Paulo: Iluminuras, 2022b.

_____. **Finnegans Wake**: Capítulo VIII – Anna Livia Plurabelle. Trad. Vinícius Alves. Curitiba: Kotter, 2022c.

_____. **Exílios e poemas**. Trad. Caetano W. Galindo; notas, cronologia e sugestões de leitura de Vitor Alevato do Amaral. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022d.

_____. **Finnegans Wake/Finnegans Finnícia**. Capítulos 1/7, Livro I. Trad. Vinícius Alves. Curitiba: Kotter, 2024.

_____. **Finnegans Ressuchistam**. Trad. Luis Henrique Garcia Ferreira. [S.l.]: [s. d.].

_____. **Stephen Hero** (*The precursor of A Portrait of the Artist as a Young Man*). *E-artnow* [Edição do Kindle].

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. 13. ed. Trad. Padre Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Tipos psicológicos**. Trad. Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAFKA, Franz. Um artista da fome. *In*: **Essencial**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011 (p. 43-59).

KRYSINSKI, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas do hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e apresentação de Zênia de Faria. **Revista Criação & Crítica**, n. 9, p. 230-241, nov. 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/criacaoecritica. Acesso em: 8 out. 2024.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma** (1965-1976). Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** 1964. Trad. M.D. Magno. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A terceira: teoria de lalíngua**. Trad. Teresinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. 2. reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2019.

LANGER, Susanne K. **Filosofia em nova chave**. Trad. Janete Meiches e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004 (Série Debates, v. 33).

_____. **Sentimento e forma**: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave. Trad. Ana M. Goldberger Coelho e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011 (Coleção Estudos, v. 44).

LAUGHLIN, James. Apresentação. In: BEACH, Sylvia. **Shakespeare and Company**: uma livraria na Paris do entre-guerras. 2. ed. Trad. Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004 (p. 17-24).

LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: Editora da USP, 2003 (Criação e Crítica, v. 12).

LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de baianês**. 2. ed. Salvador: Egba, 1992.

LAVELLE, Patrícia. **Bye bye Babel**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

LAWRENCE, Karen R. (Ed.). **Transcultural Joyce**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LEMINSKI, Paulo. *Joyce Finnegans Wake*. **Scientia Traductionis**, n. 8, 2010a (observação: publicado inicialmente em 12 de junho de 1988 em *Nicolau*).

_____. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2010b.

MACHADO, Matheus. **17 de junho**: o dia que não amanheceu. Belo Horizonte: Caravana, 2022.

MADDOX, Brenda. **Nora**. Uma biografia de Nora Joyce. Trad. Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra**: Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Contar Capa Livraria; Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MARTIN, Timothy. **Joyce and Wagner: A study of influence**. Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1991.

MCCOURT, John (Ed.). **James Joyce in context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 (cap. 24, p. 275-284).

MCHUGH, Roland. **Annotations to Finnegans Wake**. 4. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016.

MEDEIROS, Sérgio. **Professora de literatura russa reúne artigos publicados sobre o tema**. In: O Estado de S. Paulo. 11 nov. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/yhps3xf4>. Acessado em: 29 jan. 2025.

MELCHIORI, Giorgi. *Introduzione*. In: JOYCE, James. ***Finnegans Wake: Libro primo, capitoli 1-4***. Trad. Luigi Schenoni. Milão: Mondadori, 2017b. (Oscar Moderni, p. VII-XLVII).

MEDEIROS, Sérgio. **Husamenta [FW 189.28–190.9: Guarani]**. *Unpublished handout distributed*, 1999.

_____. **A visual Finnegans Wake on the Islands of Breasil** [Recurso eletrônico online. São Paulo: Iluminuras, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/3w2ksxny>. Acesso em: 1º out. 2024.

_____. **Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://tinyurl.com/3f6rstnt>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **A idolatria poética ou a febre de imagens**. São Paulo: Iluminuras, 2021.

MEDEIROS, Sérgio (Org.). **Makunaíma e Jurupari**: cosmogonias ameríndias. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MENDES, Murilo. **Antologia poética**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014 (Edição Especial).

MENEZES, Flo. (Org.). **Flo Menezes – "Phantom-Wortquelle; Words in Transgress" (1986-87), verbal sound electronic music**. Fonte: YouTube. Canal: Flo Menezes. Data de publicação: 13 ago. 2020. Duração: 25'25". Data original da música: 1986-1987. Disponível em: <https://tinyurl.com/a9fzc3t4>. Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **PAN: Laceramento della Parola (Omaggio a Trotskij) (1987-88)**. Fonte: Flo Menezes (site oficial). Disponível em: <https://tinyurl.com/yckudcc9>. Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Música eletroacústica**: história e estéticas. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **De spectris sonorum**. São Paulo: SESC, 2011. 1 encarte (100 p.) e 1 DVD (2h40'52").

_____. **Matemática dos afetos**: tratado de (re)composição musical. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2013.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Coleção Estudos, v. 257).

MIELETÍNSKI, E. M. O romance "mitológico" do séc. XX: observações introdutórias. In: MIELETÍNSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987 (p. 350-405).

MILHAULD, Darius. *Milhaud - Le boeuf sur le toit, Op. 58 (with score)*. Fonte: YouTube. Canal: cantseetheforest. Data de publicação: 7 jun. 2011. Duração: 16'20". Data original da música: 1919. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n7abuwa>. Acesso em: 3 out. 2023.

MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan**: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MUNIZ, Zilá Maria. Do ritornelo lugar nenhum. **Urdimento**, v. 2, n. 25, p. 189–203, Dezembro 2015.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura**: notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. 3. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

NESTROVSKI, Arthur. **Mercius (de seu mesmo)**: *Notes on a Brazilian Translation. James Joyce Quarterly* 27 (3): 473–7. Includes Portuguese translation of FW 193.31–195.6, 1988.

_____. Fragmento: Mamafesta [FW 104.1–112.27]. **Folha de São Paulo**, 16 de junho de 1998.

_____. Mercius (de seu mesmo): notas sobre uma tradução brasileira de *Finnegans Wake*. **Scientia Traductionis**, n.8, 2010.

NESTROVSKI, Arthur (Org.). **riverrun**: ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NETO, Torquato. **Torquatália**: obra reunida de Torquato Neto. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005a.

_____. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005b.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2016.

O'BRIEN, Edna. **James Joyce**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (Breves Biografias).

O'NEILL, Patrick. **Polyglot Joyce: fictions of translation**. Universidade de Toronto, 2005.

_____. **Impossible Joyce: Finnegans Wakes**. Toronto; Buffalo; Londres: University of Toronto Press, 2013.

_____. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto; Buffalo; Londres: University of Toronto Press, 2018.

_____. *Finnegans Wakes: Tales of Translation*. Toronto: University Toronto Press, 2022.

OLIVEIRA, Leide Daiane de Almeida. A publicação e recepção de *Dubliners* e *Finnegans Wake* de James Joyce. In: DE ABREU, Juliana; SILVA, Rodrigo D'Avila Braga; KLOEPPEL, Paulo Roberto Kloeppel *et al.* (Orgs.). **Percalços nos caminhos da tradução: entrelaçando ideias**. Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2017 (v. 1, p. 131-137).

_____. De *Stephen Hero* a *Finnegans Wake*: James Joyce e seu projeto estético. **Qorpus**, v. 9, p. 106-117, 2019.

_____. **A teoria da epifania e seus ecos em *Finnegans Wake***: a palavra em latência e o gesto da tradução. Orientadora: Dirce Waltrick do Amarante. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2020.

OLIVER, Élide Valarini. **Rabelais e Joyce**: três leituras menipéias. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ORR, Leonard. **Joyce, Imperialism, & Postcolonialism (Irish Studies)**. Universidade de Siracusa, 2008 [E-Book, Kindle].

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: história teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PARIS, Jean. **Joyce**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992 (Escritores de Sempre).

PATRICKS. ***Finnegan's Wake (Official Irish story)***. Fonte: YouTube. Canal: Patricks Irish. Data de publicação: 20 fev. 2021. Duração: 3'32". Disponível em: <https://tinyurl.com/2juu46>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PEREIRA, Germana Henriques; VERÍSSIMO, Thiago André (Orgs.). **Historiografia da tradução**: tempo e espaço social. Campinas: Pontes Editores, 2018.

PERUCHI, Camila Hespanhol. ***Ulysses e o monólogo interior***: consequências e origens. Tese (Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2022.

PLATT, Len. *Introduction*. In: JOYCE, James. ***Finnegans Wake***. Londres: Wordsworth Classics, 2012 (p. VI-XXIV).

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2013 (Coleção Estudos, v. 93).

POZANCO, Víctor. Prólogo. In: JOYCE, James. ***Finnegans Wake***. *Compendio y versión de Víctor Pozanco*. Barcelona: Editorial Lumen, 1993 (p. 9-11).

PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

QUEEN'S UNIVERSITY. **Patrick O'Neill**. Disponível em: <https://www.queensu.ca/llcu/people-search/patrick-o%27neill>. Acesso em: 17 out. 2024.

QORPUS. **Especial James Joyce**. Florianópolis, v. 9, n. 3, dez. 2019.

QUINET, Antonio. **O inconsciente teatral** – psicanálise e teatro: homologias. 2. ed. Rio de Janeiro: Atos e Divas Edições, 2023.

REICHERT, Klaus. *Enleitung von Klaus Reichert*. In: JOYCE, James. **Anna Livia Plurabelle**. Frankfurt am Main: Bibliothek Suhrkamp, 2004 (p. 7-33).

REIS, Mario Jorge Pereira. **O fracasso da psicanálise sacralizada**: relendo os conceitos psicanalíticos de Freud a Lacan com James Joyce e Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

RICŒUR, Paul. **Sobre a tradução**. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

ROCHA, Glauber. **Riverão sussuarana**. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROTHENBERG, Jerome. Tradução total. In: **Etnopoesia no milênio**. Trad. Luci Collin. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006 (p. 37-61).

ROUDINESCO, Elizabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SALOMÃO, Waly. **Me segura qu'eu vou dar um troço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTIAGO, Silviano. **Glossário de Derrida**. Trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2015 (Série Debates, v. 321).

SCHÜLER, Donaldo. **Finnício Riovém**. Ilustrações de Cristiane Löff. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

_____. **Joyce era louco?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

SD BOYS. **Tá tudo dominado**. Fonte: YouTube. Canal: ROCKMANIACS & AFINS. Data de publicação: 21 jul. 2020. Duração: 2'28". Disponível em: <https://tinyurl.com/3s79sxve>. Acesso em: 17 out. 2024.

SENN, Fritz *et al.* Transtextuality. In: LAWRENCE, Karen R. (Ed.). **Transcultural Joyce**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 (parte 3, cap. 10-16, p. 173-230).

SISCAR, Marcos. **Jacques Derrida**: literatura, política e tradução. Campinas: Autores Associados, 2012 (Coleção Ensaios e Letras).

SOLER, Colette. **Lacan, leitor de Joyce**. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo: Aller Editora, 2018.

STEIN, Gertrude. *Sacred Emily*. In: STEIN, Gertrude. **Geography and Plays**. Londres: Legare Street Press, 2023.

TEIXEIRA FILHO, Afonso. **A noite e as vidas de Renatos Avelar**: considerações sobre a tradução do primeiro capítulo de *Finnegans Wake* de James Joyce. Orientador: John Milton. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2008.

TELLES DA SILVA, Luiz-Olyntho. **O homem a caminho está**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 2020.

TENENBAUM, Deborah. **Desdobrar a língua**: inconsciente, gozo, escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.

TERRA EM TRANSE. Direção: Glauber Rocha. Produção: Glauber Rocha; Luiz Carlos Barreto; Cacá Diegues e Raymundo Wanderley Reis. Intérpretes: Jardel Filho; Glaucê Rocha; José Lewgoy *et. al.* 1967. 106 m.

TERRINONI, Enrico. **Facebook do próprio tradutor**. Disponível em: <https://www.facebook.com/enriquestjoyce>. Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **Occult Joyce: The Hidden in Ulysses**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2007.

_____. **James Joyce e la fine del romanzo**. Roma: Carocci, 2015.

_____. **Oltre abita il silenzio, tradurre la letteratura**. Milão: Il Saggiatore, 2019.

_____. **Su tutti i vivi e i morti. Joyce a Roma**. Milão: Feltrinelli, 2022.

TINDALL, William York. **A Reader's Guide to Finnegans Wake**. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1996.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Terra Papagalli**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TSVETAIEVA, Marina. **Indícios flutuantes**. Trad. Aurora Bernardini. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

UNGARETI, Giuseppe. **Il dolore**. Milão: Mondadori, 2000.

UNIROMA. **Enrico Terrinoni – Full Professor**. Disponível em: <https://tinyurl.com/2h5fuur8>. Acesso em: 17 out. 2024.

VALENTE, Augusto. **palavratrovão #1 (rev. 2019)**. Fonte: YouTube. Canal: rodolfo valente. Data de publicação: 8 dez. 2021. Duração: 7'10". Data original da música: 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc4fkt7b>. Acesso em: 2 out. 2023.

_____. **Composição por modelo físico**: a concretude do instrumento na criação musical. Tese (Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Silvio Ferraz. São Paulo: USP, 2020.

_____. **Facebook do próprio autor**. Disponível em: <https://www.facebook.com/rodolfo.valente.3576>. Acesso em: 4 out. 2024.

VALVERDE, José Maria. **Conhecer James Joyce e a sua obra**. Trad. João Maia. Lisboa: Editora Ulisseia, s. d.

VENUTTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**: uma história da tradução. Trad. Laureano Pellegrin. São Paulo: Editora da UNESP, 2021.

VICTORIA, Juan Díaz. *El universo desdoblado. In: **Estela de Finnegans**: una lectura anotada del primer capítulo de Finnegans Wake de James Joyce*. Trad. Juan Díaz Victoria. México: Arlequín Editorial y Servicios, 2017.

VILLA, Dirceu. **Finnegans Wake, I, 8, 1-18, p.196**, tradução de Dirceu Villa. Fonte: Blog Demônio Amarelo. Disponível em: <https://tinyurl.com/akvtm4x>. Acesso em: 2 out. 2024.

VOLACO, Gustavo Capobianco. A textualidade do inconsciente: do Bereshit ao *Finnegans Wake*. **Acheronta (En línea)**, v. 29, p. 98-109, 2016.

_____. **O que *Finnegans Wake* tem a ensinar aos psicanalistas?** São Paulo: KDP Kindle Amazon e UnifacvestPress, 2020.

_____. **Certas re-generações e encarnações e emanções e aparentações do *Finnegans Wake***: um pequeno guia para a derradeira obra de James Joyce. São Paulo: KDP, 2021 (v. 1).

VOLPONE, Annalisa. **Speak to us of Emailia: per una lettura ipertustuale di Finnegans Wake**. Nápoles: Edizione Scientifiche Italiane, 2003 (*Pubblicazioni dell'Università delig Studi de Perugia*).

WAGNER, Richard. **Wagner: Der Ring des Nibelungen (arr. De Vlieger) - Radio Filharmonisch Orkest - Live concert HD**. Fonte: YouTube. Canal: AVROTROS Klassiek. Data de publicação: 2 nov. 2016. Duração: 1h09'19". Disponível em:

<https://tinyurl.com/munucjay>. Acesso em: 17 out. 2024.

WEAVER, Jack W. ***Joyce's music and noise: Theme und variation in his writings***. Flórida: Editora da Universidade de Flórida, 1998.

WILSON, Edmund. **O castelo de Axel**: estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIKIPEDIA. **Krzysztof Bartnicki (tłumacz)**. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p8ja3ee>. Acesso em: 17 out. 2024.

ZAGO, Rosemara Staub de Barros. Bastidores da criação musical de Gilberto Mendes. **Revista Eletrônica de Musicologia**, Departamento de Artes da UFPR, v. 5, n. 1, jun. 2000.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

APÊNDICE 1.1 – ENTREVISTAS NOS ORIGINAIS

APÊNDICE 1.1.1 – Inglês

APÊNDICE 1.1.1.1 – Tamar Gelashvili (Geórgia)

Interview with Tamar Gelashvili,¹²⁵ Georgian translator of *Finnegans Wake* Luis Henrique Garcia Ferreira¹²⁶



SOURCE: Translator's personal archive (2024).

¹²⁵ Researcher Tamar Gelashvili, who is a faculty member at Tbilisi State University in Georgia, was the first person to translate chapters of *Finnegans Wake* into Georgian. In this conversation, which started in July 2021 on Facebook and ended in August 2022, she talks about her translation experience with the book, which she is now translating entirely into her language.

¹²⁶ The English version of the interview was published by Qorpus magazine. Available at: <https://tinyurl.com/b9d5mw32>. Accessed on: 29 Jan. 2025.

Tamar, can you tell us about yourself and about your relationship with literature before discovering Joyce?

I was born in one of the toughest times in modern Georgian History: the 1990s. The collapse of the Soviet Union led to numerous moments of civil unrest and wars in the post-Soviet countries. Despite the turmoil, and spending my whole childhood surrounded with tanks, gunshots and memories of the civil war, my childhood was one of the best times in post-Soviet Georgia. Having just gained independence, people had the illusion that we could truly be independent and neutral like Switzerland (not thinking about our geographical location and being surrounded by such countries) and built a great country.

I come from a family which has strong ties with literature, my great-great grandfather Ioseb Kipshidze was one of the founders of Tbilisi State University. My great grandfather – David Chkheidze – was a famous writer and the head of Writers' Union in Kutaisi, who was caught and executed during the 1937 purges along with other important figures of Georgian culture. My grandfather on my father's side was a writer and is regarded nowadays as a Georgian classic, and my father is an essayist and documentary prose writer. My grandfather (grandmother's brother) on my mother's side – Revaz Chkheidze – was a world famous film director, who became the first Soviet to win the Palme d'Or prize at the Cannes Film Festival in 1957. My mother is a Professor of English, the Head of the Institute of West European Languages and Literature, and Director of the Centre of Shakespeare Studies in Georgia. Thus, literature, art and culture have always been part of our family for generations.

I studied at a German school, where I was taught not only German, but German literature and culture as well. I also had a private Russian tutor, who again taught me not only language, but literature as well. Therefore, from my early years, literature has been part of my life. Especially because we had a huge and great library both in Tbilisi and in our mountain house as well; and being able to read in four languages (Georgian, Russian, English, and German) enabled me to get to know many writers around the world.

The books that influenced me the most were ***Der Steppenwolf*** by Hermann Hesse, because I could always identify myself with Harry Haller, and always had the sense of being one of those people who demand the utmost of life and yet cannot come to terms with its stupidity and crudeness. ***Der Zauberberg*** by Thomas Mann, with the development and spiritual growth of the mediocre Hans Castorp at the

beginning, and Naphta, who loathed the bourgeois state and its love of security. ***To the Lighthouse*** by Virginia Woolf, because killing the main character in the middle of the book and then being able to continue writing the book was something of a real shock; and, with Mrs. Ramsey being the main character, I always identified myself with Lily Briscoe, the painter surrounded by numerous Mr Tansleys whispering in her ear, “Women can’t paint, women can’t write ...”. ***As I lay Dying*** by William Faulkner, with its multiple narrators and varying chapter lengths, the story of the death of Addie Bundren and her poor, rural family's quest and motivations— noble or selfish — to honour her wish to be buried in her hometown of Jefferson, Mississippi is both dark and humorous. Addie, with her sins, mistakes and wrong doings has always reminded me that you’ve got to live, no matter how many skies have fallen and that “People to whom sin is just a matter of words, to them salvation is just words too”. ***The God of Small Things*** by Arundhati Roy, which shows how small, seemingly insignificant things shape people's behavior and their lives. But what has inspired me the most as a writer myself was that “It didn't matter that the story had begun, because Kathakali discovered long ago that the secret of the Great Stories is that they have no secrets. The Great Stories are the ones you have heard and want to hear again. The ones you can enter anywhere and inhabit comfortably. They don't deceive you with thrills and trick endings”.

At university I studied International Relations and did my BA on Security Studies. Then I moved on to do my MA on Conflict Studies and presumably I would have gone in that way, if not one day there had been a call from the head of the Language Center at Tbilisi State University, Professor Rusudan Dolidze, who told me that there was a vacancy at Shota Rustaveli Institute of Georgian Literature to do some translations. Having private pupils in English and no official job by that time, I applied for the position and that is how everything began. I abandoned my MA studies and applied to the first independent MA programme in English Literature, which appeared that year. Afterwards, I moved on from the Institute of Georgian Literature to Tbilisi State University, doing translations for their bilingual publications and conferences.

Thus, God works in mysterious ways and that is how I ended up doing my PhD in English Literature.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

Joyce and I share a birthday and somehow unconsciously, even when I was too small to read or understand Joyce, he was part of my life. During my MA studies, I was working at the Faculty of Humanities doing some translations for various journals, conferences and other things. I did not know what I was going to do afterwards, when the Dean of the Faculty, Professor Darejan Tvaltvadze offered me to continue doing my PhD. She was also the one who gave me a reference letter for the Trieste Summer School, which won me a scholarship and enabled me to go to Trieste in 2015. As I wanted to do something outrageous that everyone would be talking about for years, I decided to do my PhD on *Finnegans Wake*, the book, which was the only untouched one in Georgian Joyce Studies and Translation. That is how *Finnegans Wake* became part of my life.

In your social network you call yourself Anna Livia Plurabelle. Tell us a little about your identification with this character of *Finnegans Wake*. Did you also name other members of your family after the characters in the book?

Anna Livia, the river, the ever-moving and ever-changing has always been someone I could identify with. Early in my childhood, even without any knowledge of *Finnegans Wake* I had always imagined my life to be like that of Anna Livia's: an elderly husband, twin sons and a daughter. In the end of the day it did not turn out like that and I married a guy younger than me (whom I can call Shem the Historian, because he is a Historian), and gave birth to two girls, but still the ever-changing notion of Anna Livia Plurabelle is something I cannot run away from. She was the one whom I enjoyed painting the most, in blue and green colours and the curves and movements.

I did not name other members of the family after other characters, because I do not identify them with either this or that character. It is only me, as Anna Livia, and my husband, as Shem the Historian.

How was your first contact with the *Finnegans Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

On the third shelf of our library at home, there was a plain, black book with green letters on it, and all my childhood I used to hear my mother say that this was the only book by Joyce which she couldn't cope with. She also liked to retell the famous story

from Ellmann's biography, of how once or twice Joyce dictated a bit of *Finnegans Wake* to Beckett, though dictation did not work very well for him; in the middle of one such session there was a knock at the door which Beckett couldn't hear. Joyce said, 'Come in', and Beckett wrote it down. Afterwards he read back what he had written and Joyce said, 'What's that 'Come in'?' 'Yes, you said that,' said Beckett. Joyce thought for a moment, then said, 'Let it stand'. He was quite willing to accept coincidence as his collaborator. That tale, whether it was true or not, was my very first contact with the *Wake*.

The reasons that led me to translate were simple: Nearly all of Joyce's major works have been translated in Georgian (except his last novel *Finnegans Wake*); there are even two different translations of *Dubliners* and *Giacomo Joyce*, translated within a gap of 40 years. Thus, having written my PhD on *Finnegans Wake*, I regarded it as my duty to translate it; otherwise it would have remained untouched for how many years no one knows.

Regarding the translation and the translation process: is your translation full or partial? How long did it take you? If it is partial, will you continue?

At present my translation is a work in progress. The first book of *Finnegans Wake* has been published by PrintGeo and currently we are working on the revised edition of Book I, which will come out later this year by Artanuji. Next year, I am planning to continue working on Book II. The first book took me two pregnancies, i.e. roughly 18 months. I had two kids while working on Book I and my mum even jokes that if I continue translating, I will have three more kids before the translation finishes.

Can you talk about the book's editorial project? Was it you who designed the cover and conceived the graphic project? Are there other visual specificities? Does the English text accompany the translation? Did you follow the original pagination? Does the edition have critical texts or notes? What was the number of printed copies? Is there a *Kindle* version too? Did other people participate? Can you talk about the publisher, editors and other professionals involved?

Way before even starting to translate the *Wake*, I started illustrating it. I had always liked painting, I used to paint during lectures, on books, notebooks, walls, tables, whatever I found handy, and painting always helped me stay focused, and

illustrating the book helped me in many ways: it was a good pastime, as well as aided in understanding the book better. Thus, the cover was entirely of my design. I was also against commentaries at the end of the book, because I think it is not handy and convenient reading the book and jumping to and for and that is when my husband brought home a newly-published book by a historian on medieval history, which had side notes and that is when my mum suggested doing the same with our publication of *Finnegans Wake* and that's what we did. We put small commentaries or hints on sides and the continuation of them or the long versions we transferred to the back, which was a great thing, because everybody who has seen the book, has always stressed the visual side and said how helpful the side notes are.

The text is not accompanied with the English Text, but maybe one day we will do a bilingual edition as well. The text does not follow the original pagination: that was an impossible task, because of the Georgian language and the complexity and the flexibility of the Georgian verb, which can include in it so many things: what needs five or six words in English can be said in one word in Georgian. Thus, following the original pagination would mean that the Georgian Text would look queer and unusual. But if one day we make a bilingual edition, I will follow the original pagination and that would also show the difference in languages. We printed 100 copies and distributed them among a very narrow circle. Publishing House *Artanuji* now plans to print 500 copies. Unfortunately, there is no kindle version of the translation. My students participated somehow in the translation, although indirectly, but had a great influence on the final result.. They were always eager and interested in hearing out either about the book or my translation, to listen to the translation and how it was progressing. They were a great force in a sense that gave me motivation. When in the dark and gloomy days I thought to myself, "Ok, Georgians are only three million, out of which how many are going to read Joyce? Is it worth the trouble?", my students with their sparkling eyes – eager to hear more about *Finnegans Wake*, was a reminder that I was not doing something in vain and that there would always be someone, even one single person, for whom it would change the world.

What were the translation methods and research instruments you used?

As Fritz Senn wisely and wittily put it, “Translations should be admired, not trusted”¹²⁷ and those words have always been my inspiration, that I always had in mind while doing the translation. I believe that there are no translation methods or research instruments when you deal with a text like *Finnegans Wake*. You just have to go with the flow and reshape it according to the target language. If you overthink or overdo it, it will lose its charm and fluidity. Again as Senn put it, “In fact, as I always say, I had one great disadvantage: I never took a Joyce course. And I had one great advantage: I never took a Joyce course”¹²⁸, and that somehow applies to me as well. Having done my BA in International Relations and then moving on to Transformation and Conflict Studies in South Caucasus (MA), Joyce came into my life spontaneously and while reading it, I was not overloaded with too many academic articles/books telling you what was behind this or that word or phrase. I somehow steered myself. Research and studies came later, but again by me. Thus, I was also not aware of translation methods and yet, when you are dealing with a text such as *Finnegans Wake* no method can be applied.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

As Joyce himself said, “You are not Irish, and the meaning of some passages will perhaps escape you. But you are Catholic, so you will recognize this or that allusion. You don’t play cricket; this word may mean nothing to you. But you are a musician, so you will feel at ease in this passage. When my Irish friends come to visit me in Paris, it is not the philosophical subtleties of the book that amuse them, but my memories of O’Connell’s top hat”¹²⁹. Thus, I have never highlighted any elements. I’ve always tried to make the text more accessible for the Georgian reader and by it add a value to Georgian language and culture as well.

¹²⁷ From “Transluding off the Toptic; or, The Fruitful Illusion of Translatability” by Fritz Senn. In: SENN, Fritz. *Joyce’s Dislocutions: Essays on Reading as Translation*. Ed. John Paul Riquelme. Baltimore; Londres: The John Hopkins University Press, 1984, p. 37 (capítulo 2). [Interviewer’s note]

¹²⁸ From “Interview with Fritz Senn”, by Vitor Alevato do Amaral. Qorpus v.9 n. 3 dez 2019, p. 175. [Editors’ note]

¹²⁹ From Jacques Mercanton’s recollection of Joyce (Portraits of the artist in Exile. Recollections of James Joyce by Europeans. Edited by Willard Potts, University of Washington Press, 1979, p. 234). [Editors’ note]

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Finnegans Wake* in your translation?

From the translator's point of view presumably some of the greatest technical obstacles are the various types of word-play: play on one word in different senses; on different words similar in shape; the multilingual puns; the slight change in proverbs and other fixed phrases; prosodic features involving metre, rime, alliteration, assonance, and the like. Some of these difficulties are exemplified in my article. Thus, to begin from the very start of Chapter 7, which at a glance seems a relatively simple and understandable sentence, compared to many others one has to face while dealing with Joyce's "Book of the Dark":

Shem is as short for Shemus as Jem is joky for Jacob. (FW 169.01)

Even though four out of twelve words are names, translating them into Georgian still creates a number of difficulties: firstly, the alliteration which is in the original. The first part "Shem is as short for Shemus" can be rendered unaltered because "short" in Georgian is "shemoklebit" (შემოკლებით), fitting perfectly with "Shem" and "Shemus" and creating a sense of alliteration "*Shemi shemoklebit igive shemusia*" (შემი შემოკლებით იგივე შემუსია). Nevertheless, the Georgian translation fails to bring in the notion of "shame", which is apparent in the original text. The second part of the sentence becomes quite tricky because "joky" is "xumrobit" (ხუმრობით) in Georgian and "Jacob's" Georgian equivalent is "Iakobi" (იაკობი). Thus, the question arises whether to leave "Jacob" as it is or use its Georgian version, and even if one leaves "Jacob" untouched what should one do with "joky", whose Georgian equivalent destroys the sense of alliteration of the original text? Thus, after several attempts (and sleepless nights), another word struck my mind for "joky", although it is not exactly the same, but still gives the reader the essence of "joke" but a bit in a "clownish" way. This word is *jambazi* (joker/clown). Therefore, the sentence in the last version of my translation sounds as following:

შემი შემოკლებით იგივე შემუსია, როგორც ჯემია ჯამბაზურად ჯეიკობი.

(shemi shemoklebit igive shemusia, rogorc jemia jambazurad jeikobi)

As one can notice from the sentence above, the Georgian script makes no distinction between upper and lower case. However, some Georgian fonts include capitals, which are just larger versions of the letters, and certain modern writers have experimented with using the obsolete *Asomtavruli* letters as capitals. Thus, while rendering this passage from *Finnegans Wake*, the decision to change the font came instantly to mind:

“Feel his lambs! Ex! Feel how sheap! Exex! His liver too is great value, a spatiality! Exexex! COMMUNICATED.]” (FW 172.8-10)

ამოენ კრავნი ჩემნი! ეჰეი! დამწყსენ ცხოვარნი ჩემნი! ეჰეჰეი!
მისი ღვიძლი დიდად ფასობს, როგორი განსასივრცულია!
ეჰეჰეჰეი! განკვეთილია.

Although the current alphabet is *Mkhedruli*, a number of people are familiar with *Asomtavruli* letters. Another reason why the change in font can be justified is that the passage is an allusion to John 21:15-17, “Feed my lambs... Feed my sheep” and as the Georgian language would not have allowed to transfer all the “possible” meanings that Joyce had meant, because “wordplay” in Georgian would not have worked properly in this case, because “sheep” is *cxvari* (ცხვარი) and cheap – *iapi* (იაფი), so I decided to use the “Feed my lambs... Feed my sheep” as it appears in the Georgian translation of the Bible. Another difficulty is posed by the recurrence of the prefix “ex”, which is doubled and tripled after its first appearance. The “ex” is preparing the reader for the last word of the passage “communicated” giving it a negative connotation, but in Georgian “excommunicate” is *gankvetilia* (განკვეთილია) and writing “gan”, “gangan”, “gangangan” would have made absolutely no sense, that is why I used “ehei” (ეჰეი), an exclamation used by shepherds, which goes nicely with the allusion of “feeding the lambs and sheep”. And using the *Asomtavruli* letters at the end of the passage continues the general sense of antiquity that prevails in the translation.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

With having no philological education, I do not have any kind of relationship to translation theories. They simply do not exist for me. I have never been taught them

and I have always thought that translation is a kind of art and craft. It is something that you can either do or not. That is why I have never had any kind of interest in translation theories. I know how to do the job, and that is what matters the most.

Do you think any translation theory could be applicable to the *Finnegans Wake*?

As Senn put in one of his interviews, “In some odd way, I think it [*Finnegans Wake*] is even easier to translate because the normal kind of... criteria don’t apply. It’s futile to say, ‘but there’s a meaning you didn’t get’. Of course, there are many meanings you don’t get”.¹³⁰ So I do not think that any translation theory could be applicable to the *Wake*. It is a book beyond all kind of logic or rules. When I was a little girl, I used to go to an Art School and my teacher used to tell me all the time “You cannot put the pencil in such a way”, “You cannot combine colours and graphics”, “Do not put your hand on the painting or it will get ruined” and many other rules, and I was never good at drawing, until one day I sent every rule to hell and started painting the way I wanted. I have the same sense about Joyce and the *Wake*. As if Joyce had always been told the rules for novel writing and one day he simply discarded all of those rules and wrote the *Wake*. Therefore, no theory can be applicable to the *Wake*.

Do you think the *Finnegans Wake* translator can be considered a co-author of the book? Why?

As Senn suggested, “translations should be admired, not trusted”, meaning that each and every literary text is a mere interpretation of the translator. He stresses the same idea in “Transmutation in Disgress”, suggesting that “translation is inevitably based on preliminary interpretation: one must determine beforehand what a passage ‘means’ even if ‘meaning’ can never be defined. The question then becomes – which of the multiple interpretations to be preferred?”¹³¹. Hence, each new translation is somewhat a new approach to the text. Therefore, the task of the translator is not only to convert words from one language to another, but at the same time convey the meaning behind each word, which becomes rather tricky when dealing with *Finnegans Wake* and especially while translating it into the Georgian language.

¹³⁰ From “Interview with Fritz Senn”, by Vitor Alevato do Amaral. Qorpus v.9 n. 3 dez 2019, p. 172. [Editors’ note]

¹³¹ From “Transmutation in Disgress”, by Fritz Senn, James Joyce Quarterly, vol. 47, no. 4, 2010, p. 550.

The idea on the importance of interpretation can be traced in Finn Fordham's book *Lots of Fun at Finnegans Wake* (Oxford University Press, 2007) where Fordham argues that "*Finnegans Wake* for Fritz Senn is what we do with it. But it is also what it does with us. We produce a *Wake* by the way we steer, but we also steer by the *Wake* that we produce".

Although it is arguable whether the translator should interpret or merely render the sentences from one language into another, Salman Rushdie with his *Imaginary Homelands* comes to one's mind, where Rushdie suggests that "The word 'translation' comes, etymologically, from the Latin for 'bearing across'. Having been borne across the world, we are translated men. It is normally supposed that something always gets lost in translation; I cling obstinately to the notion that something can also be gained."

Hence, the translator becomes somehow the co-author of the *Wake*. You lose something, but at the same time the target language, culture and literature gains so much from the translation.

Can you talk about the inherent characteristics of the Georgian language and how was the encounter between Wakean language and Georgian?

Translating Joyce's "*édition de ténèbres*" into Georgian is a rather hard and complicated task. Let's have a look at several examples: one "normal" sentence on page 485 reads: "Are we speachin d'anglas landadge or are you sprakin sea Djoytsch?" (FW 485.12-13). Even with a basic knowledge of French and German the reader can understand what Joyce is implying, and thus when translating it either in French or German it is possible to render the wordplay. However, this wordplay gets lost no matter how creative and inventive a Georgian translator might be. In Georgian "speachin/sprakin" is *saubari/laparaki* (საუბარი, ლაპარაკი), "d'anglas" *inglisuri* (ინგლისური), "landadge" (land, language) *mitsa/ena* (მიწა, ენა), "Djoytsch" *germanuli* (გერმანული). What is more, "sea" on the one hand is "sea" and on the other refers to the German word "Sie". To show another example, in the word "grandsumer" (FW 152.21), "sumer" can be understood as Sumerians as well as summer, whereas in Georgian Sumerian is *shumeri* (შუმერი) and summer *zapkhuli* (ზაფხული), and therefore the translators task is to find an adequate translation – or namely to invent a new word that will fit in Georgian. These are just two mere examples, whereas *Finnegans Wake* is full of such words, creating a nightmare for the Georgian translator.

The thing is that Georgian Language belongs to the Kartvelian languages, which does not belong to the Indo-European family. The Kartvelian language family consists of four closely related languages – Georgian, Svan, Megrelian (chiefly spoken in Northwest Georgia) and Laz (chiefly spoken along the Black Sea coast of Turkey, from Melyat, Rize, to the Georgian frontier) —, which form a dialect continuum. Thus, it is no wonder that Georgian grammar is remarkably different from those of European languages and has many distinct features, such as split ergativity and a polypersonal verb agreement system, which makes translating *Finnegans Wake* a nightmarish of “Catchcatche and couchamed!” (FW 502.28)

What makes the translation linguistically difficult into Georgian are the following topics:

1. Georgian grammar is remarkably different from those of European languages and has many distinct features, such as split ergativity and a polypersonal verb agreement system;
2. Georgian script also makes no distinction between upper and lower case;
3. in the case of the personal pronouns he/she/it, in Georgian there is only one equivalent, *is* (ის), without specifying the gender; and the same happens in the case of the possessive pronouns, where his/her/its equals to *misi* (მისი).

All those topics mentioned above play an important role in *Finnegans Wake* and one has to be rather creative in order to find a way out from this maze. The several following examples in English and Georgian would serve better in illustrating the problems named above:

1. He lifts the lifewand and the dumb speak (FW 195.5)

ბიჭი ხელში იღებს სიცოცხლის კვერთხს და მუნჯი ლაპარაკს იწყებს.

Georgian is unable to specify gender, thus instead of “he” I had to write “lad”, so that the Georgian reader would see that it is a “he” who “lifts the lifewand”.

2. The Mookse and The Gripes. (FW 152.15)

ამბავი მელიისა და ყურძნის შესახებ.

მელია კუდაგრძელია სივრცეში დაკარგულია, თითქოს რომ ქვად ნაქცევია, ალბოელი ნიკოლაუსი პაპანდრიად მოჯდა ვატიკანში, ლათინურად ქადაგებს, ქადაგებს და ღაღადებს, უინდემ ლუისი მარჯვნიდან

აშკარად მისი მტერია და ყურძენუმკა დროში გაბნეული, ხეზე მიბნეული, ერეტიკული აზრებით, ბერძნულად რაღაც ბჟუტურობს, დუბლიდან გარბის, მარცნიდან თუ შეხედავ ჯიმი არის მარდი.

The classical fable by Aesop, *The Fox and the Grapes*, is retold in chapter VI of *Finnegans Wake*, but both the Fox and the Grapes are loaded with allusions: a) Mookse: fox, space, stone, bishop's apron, Latin/Roman, right bank, Adrian IV, London, deaf, pope; moocow, mouse; b) Gripes (gripe, grasp, seizure, fast hold) + gripes (pinching and spasmodic pain in the intestines + spasmodic stomach cramps, constipation and diarrhoea, possibly the result of nervous tension, which had been Hitler's curse since childhood and only grew more severe as he aged) + grapes, time, tree, handkerchief, Greek/Russian, left bank, Barbarossa, Dublin, blind, heretic.

In the Georgian translation one could not have simply put *Melia da Kurdzeni* (მელია და ყურძენი) and thus it needed to be accompanied by a small paragraph conveying all the possible meaning that Joyce used.

3. all **her** rillringlets shaking, rocks drops in **her** tachie, tramtokens in **her** hair, all waived to a point and then all inuendation.... (FW 194.30-32)

მდინარესავით დატალღული თმები აეწეწა, ჩანთა მხარზე ჩამოუკონწიალებია, აბრეშუმის ძაფები ჩაუმაგრებია თმებში, ყველა ერთ წერტილშია შეერთებული და შემდეგ იშლება....

Joyce extensively uses the repetition of “her” in this sentence, which I have omitted in the translation, because the description of the shaking “curled lock or tress of hair” gives the reader the sense that the author is talking about a female and it does not need to be highlighted (at least when one cannot render stressing “her”, it is a better idea not to complicate the sentence).

4. “Shyr **she’s** nearly as bad**her** as **him herself**” (FW 198.9)

რა თქმა უნდა ისიც ისეთივე ცუდია, როგორც ეს თავის თავად

This sentence was much harder to translate than the previous example, because it is mainly based on pronouns, with she (female), her (female), him (male) and her (female), which cannot be merely transformed into Georgian, thus my choice in this case was to translate the contents of the sentence and what Joyce meant (or presumably what I think Joyce meant).

Did you try to bring Georgian culture into your translation? Can you give examples?

In a lecture held at Cornell University, on March 4, 1983 dealing with Walter Benjamin's *The Task of the Translator*, Paul de Man argued, that "The translation belongs not to the life of the original, the original is already dead, but the translation belongs to the afterlife of the original, thus assuming and confirming the death of the original [...] translation also reveals the death of the original"¹³². The idea of "the death of the original" at a glance seems quite plausible, because sometimes translations are unable to convey the style or the depths of the original work, but at the same time a good translation becomes "an afterlife" of the original, enriching the culture of the translating country. Vakhtang Chelidze, Georgian literary critic and translator, in his article "About Translation" argues that "translated work becomes somewhat the 'property' of the target language, because it becomes an inseparable part of its literature"¹³³. The same idea is explored by Benjamin, who viewed that "the task of the translator consists in finding that intended effect [*Intention*] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original".¹³⁴

Thus, my answer is YES. I tried to bring in Georgian Culture into my translation, because it would make the text more accessible for the Georgian readers. My task as a translator was not only to be a new chapter in the History of Translating Joyce, but to enhance the Georgian language, culture and literature as well. Moreover, while translating *Finnegans Wake*, the translator should not aim at conveying all the possible meanings that Joyce might have meant, but to interpret the text in such a way that it

¹³² From "'Conclusions' Walter Benjamin's 'The Task of the Translator'", by Paul De Man, Yale French Studies, March 4, no. 69, 1985, p. 38. [Editors' note]

¹³³ From. "About Translation", by Vakhtang Chelidze apud Tamar Gelashvili, Transforming Shem into Shermadin (Some Difficulties of Translating Chapter VII of *Finnegans Wake*), in: International Conference JAMES JOYCE AND THE WORLD, Ivane Javakhishvili Tbilisi State University, Tbilisi, 2020, p. 67 [Interviewer's note]

¹³⁴ From "The Task of the Translator", by Walter Benjamin, translated by Harry Zohn, Illuminations: Essays and Reflections, edited by Hannah Arendt, Schocken Books, 1968, p. 76. [Editors' note]

becomes understandable for the readers in the target language. As Joyce himself outlined “One should not pay any particular attention to the allusions to place names, historical events, literary happenings and personalities, but let the linguistic phenomenon affect one as such”.

For example, I have inserted some Georgian dialects, Aphorisms, extracts from Georgian writers’ poems or novels or short stories. It is arguable, whether I had the right or not, but I am pretty sure Joyce himself would have liked all the world-play that fit naturally and did not create a sense of artificiality.

Do you have a favourite part of the work? Can you comment on the reason and quote it?

A rather hard question, it is. I would say chapter VIII, because of its musicality and fluidity. Another reason why I love this part is because of the illustrations that I have done for this chapter. Moreover, it was the first chapter that I translated and printed as a separate book.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

Unbelievably good. During the whole working process, I used to hold public readings of various extracts that I had been working on. I remember the first time I announced such a reading, I was quite sceptical, and my mom even joked there will be only three of us there: you, me and the translation. But to our amazement a lot of people showed up: students from various faculties, professors, writers, translators, even clergymen. They listened, had absolutely sincere and adequate reactions, and that was when I thought that I had been doing something right, when “normal” people suddenly started to understand *Finnegans Wake* in Georgian. I held many of such readings afterwards and it was always met with great interest. Of course, not everybody was in favour of me or my translation, some ‘established’ critics and literary figures were against “a young girl” translating *Finnegans Wake* and I even had harsh debates with them, but throughout the whole translation process there were more supporters and encouragers than jealous, angry, little men.

In this context, how is the research and reception not only of the *Finnegans Wake*, but also of the rest of Joyce's work (Bloomsday, incentives, etc.)?

All of Joyce's works have been translated into Georgian, some even twice, as already noted. There is a Joyce Reading Group at Kutaisi State University under the supervision of Professor Eliso Pantskahava and a Joyce Reading Group at Tbilisi University under my supervision. There is a James Joyce Georgian Association, with Professor Irakli Tskhvediani being the President of the association.

We have been holding Bloomsday Celebrations for over 5 years already and we do hope to continue it in the future.

Are there other *Finnegans Wake* translations (excerpts, chapters etc.) into Georgian? Are there projects? Which Joyce books are translated?

There is no other *Wake* translation, but I intend to continue translating it.

Now we can proudly say that nearly all of Joyce's works have been translated into Georgian and that *Finnegans Wake* is a work in progress, which I do hope to continue as soon as I get either a grant or a scholarship.

Do you know translations of the *Finnegans Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

Yes. First of all, Fritz [Senn] has most of them at the Zurich James Joyce Foundation and it is always a pleasure looking at other translations in various languages, even if you do not understand the language, I do think it is a rather enjoyable task.

My favourite one is the Italian Translation of *Finnegans Wake* by Enrico Terrinoni, whom I have met in Rome many times and with whom I have had a chance to talk a lot about Joyce, translation and other things.

I am also very fond of Dirce Waltrick do Amarante. I have read many articles by her about Joyce and translation, and despite not knowing the language I have always had the sense that her translation would have been a really enjoyable thing to read.

The Turkish translation of *Finnegans Wake* also seems quite interesting, in a sense that there are a great deal of references or allusions on Turkey, which in a sense would have made the task for the Turkish translator a bit easier.

I am really interested in the Chinese translation of *Finnegans Wake*, where the translator to re-create some of the sounds of the novel, had to create new Chinese characters — a notable hoop to jump through considering Chinese already has tens of thousands of characters.

I personally think that all those translations and the interest towards *Finnegans Wake* around the world is that everyone and every nation can find something for them in the book.

Moreover, as Amarante put it “translation always makes something new emerge from the text and brings to light aspects of interpretation, for we cannot translate without interpreting. To translate *Finnegans Wake* means working with interpretations. Choosing one interpretation and making it emerge, we often end up obscuring others. Translation also makes the text emerge as a mirage, because the original text is and is not there”¹³⁵.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

George Steiner in *After Babel* talks about the “plurality of languages” and suggests that it “embodies a move away from unison and acceptance — the Gregorian homophonic — to the polyphonic, ultimately divergent fascination of manifold specificity. Each different tongue offers its own denial of determinism. ‘The world’, it says, ‘can be other’. Ambiguity, polysemy, opaqueness, the violation of grammatical and logical sequences, reciprocal incomprehensions, the capacity to lie these are not pathologies of language but the roots of its genius”¹³⁶. This plurality of languages makes the translation of *Finnegans Wake* at the same time a rather hard as well as a tricky task. The notion that *Finnegans Wake* is “untranslatable” has become some kind of a cliché in Joyce scholarship. Umberto Eco even claimed that *Finnegans Wake* is “pointless to translate”¹³⁷ because, by virtue (or vice) of its multilingualism, it is already translated. Nevertheless, *Finnegans Wake* has been translated into numerous languages.

Translators of Joyce in general and particularly *Finnegans Wake* need to strive in particular against two tendencies that are apparent in the process of translation: the tendency to homogenise the source text, especially where the target language is

¹³⁵ From *FINNEGANS WAKE: A Tentative Crossing in Portuguese*, by Dirce Waltrick do Amarante. Available at: <https://tinyurl.com/mehpmrnh>. Accessed: 15 July 2024. [Interviewer’s note]

¹³⁶ From *After Babel: Aspects of Language and Translation*, by George Steiner, Oxford UP, 1976, p. 234-235. [Editors’ note]

¹³⁷ From *Experiences in Translation*, by Umberto Eco, Toronto University Press, 2001, p. 108. [Interviewer’s note]

present as an embedded language within the source text¹³⁸, and the tendency to correct ‘errors’ in the source text.

As Fritz Senn notes, “apparent flaws are ironed out in translations; arrangements become more orderly. [...] Errors are prone to being inertly rectified”. Therefore, we can argue that to correct is to homogenise.¹³⁹

After bringing HCE and ALP to life in Georgia, what will be your next steps in the Joycean chaosmos?

Currently I have applied for a grant at Shota Rustaveli National Science Foundation entitled *Political Discourse in Irish Modernist and Post-Modernist Literature (James Joyce, Flann O’Brien, Frank McGuinness)*, and if I get it, it will enable me to do my research on this topic, go to various research centres and publish a monograph. So let’s see what the future holds.

¹³⁸ From *Multilingualism and Translation*, by Rainie Grutman, Routledge Encyclopedia of Translation Studies, ed. Mona Baker and Kirsten Malmkjaer, London: Routledge, 1998, p. 160 [Interviewer’s note]

¹³⁹ From “Transmutation in Disgress”, by Fritz Senn, *James Joyce Quarterly*, vol. 47, no. 4, 2010, p. 537.

APÊNDICE 1.1.1.2 – Krzysztof Bartnicki (Polônia)

Bartnicki, the Polish translator of *Finnegánów tren*



SOURCE: WIKIPEDIA. **Krzysztof Bartnicki (tłumacz)**.
Available at: <https://tinyurl.com/2p8ja3ee>. Accessed: 17 October 2024.

The Polish Krzysztof Bartnicki has many facets: he is a writer, composer, translator, etc. In addition to completing a doctorate on *Finnegans Wake*, he has translated the book several times and into different formats. First, in 2012, came *Finnegánów tren*, a literary translation of the full text. In the same year, he published the musical translation *Da Capo al Finne*, which was followed in 2014 by a new *Wake* musical, *Finnegans Ake*. Then, in 2015, in co-authorship with Marcin Szmandra, he published *Finnegans Meet*, a verbal-visual translation of *Finnegans Wake*.

In the interview conducted in 2024 by email, Bartnicki talks about his translations and defends several theses on *Finnegans Wake*. We have chosen to keep the links that the translator included in the interview to preserve its hypertextual character.

Krzysztof Bartnicki, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

You will find some basic info [here](#) and some more [here](#).

In academia, I was at the receiving end – i.e a student – never an employee:

- 1989-1995, Poland: MA (English studies),
- 1995-1996, Poland: postgraduate school (banking and finances)
- 2015-2021, Germany: PhD.
- In 2022, I passed A-level exams (incl. Russian language, bilingual level). *I may be among the very few people who took their A-level exams after having secured their PhD. :D*

I used to read a lot as a young man but I doubt that any title from the years of yore was formative. Nowadays, unemployed as I remain, I suppose I should be able to find time to catch up with the various classics I must have missed during the years spent on *Finnegans Wake*. I read whenever I can, although I opt for non-fiction, not fiction. Also, it may seem that I *write* literature more often than I *read* it.

My latest texts are:

- Novel [MYŚLIWICE, MYŚLIWICE](#), awarded as the best Polish prose of 2021.
- In 2022, I wrote [GARUTKO SOBOTNIEJ ROPY](#), a rap / hardcore / punk rewriting of poetry by [Jan Kochanowski](#), a Polish XVI cent. poet. [Spotify here](#), if you are interested. *Btw one finds Sepultura (#199) on [this – more detailed – list](#).*
- In Dec. 2023, I presented [SAD ZAPIĘTY](#), an anthology of translation (from various languages, authors from XIII to XX cent, poetry and prose).

There is one more text that I would like to see published: A **detective fiction, in which it is the reader who is finally revealed as the murderer**. I do not think anyone has invented how to write something like that, and I have a jolly good idea. After that text, I am going to wait (and possibly enjoy) the AI taking over the realm of literature.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

No epiphanies there. No free will even. A reading of Joyce's text was required from a student of English philology (whom I was in the 1990s).

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

So, when I was a student, our class was required to read a title by Joyce. But there were not enough books for everybody available in our library. A latecomer to the library, I did not find any text by Joyce – except for a copy of *Finnegans Wake*. So I took it, I tried some reading, and fell into despair that apparently I cannot understand English.

Finneganów tren

Can you talk about the translation project since its inception (when it started, how long it took, was there financial and editorial assistance, its visual design, how many volumes, publication date, the prioritized points etc.)?

I usually say it took me 10 years to translate FW into Polish.

It was about 4-5 years if we translate the time of work into the "8 hours a day, 6 days a week non/stop" regime.

But it also may be more than 10 years – if we include the years when I was not translating yet but was getting ready, reading a lot of external literature on FW.

The translation was complete in 2010, if I recall correctly, but it had to wait until James Joyce enters the public domain (which happened in 2012).

At some time in the process, there appeared a publisher interested in my work. But I did not know it would turn out this way. I began my work without wondering if anyone is going to read it, let alone publish it. (Yes, I was reckless.)

The visual design was not my responsibility, and is not much to my liking, but hey, I am not desperate about it either.

Single volume. Published in 2012. Ten years contract with the publisher. Not thinking about re-publishing it.

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

Not, it is not a translation facing the original, just my Polonization.

Following *Finneganów tren*, my publisher released two other titles:

- [Finneganów bdyn](#): which is a collection of translatorial variants;
- [Fu wojny](#) [English: A [Fu](#) of War]: a collection of old Chinese treatises on the art of translation, which I rendered into Polish and added many, many examples of my translatorial decisions. It starts with a post-Clausewitz statement: "Translation is the continuation of war with other means".

A piece of work of which I am very proud. See more [here](#).

Regarding the meeting of *Wake's* languages with the Polish language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

O, I have a whole book about this ([Fu wojny](#), see above). Certainly, I could not sum it up here.

Can you explain the translation of the title to *Finneganów tren*?

Yes I can. But instead of doing it, I will send you some pdfs in English about my work. For the title thing, see Patrick O'Neill (2022).

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

I used to have some translations in my collection (I still do, only with many new ones), but there were of little to no help. I enjoyed and certainly benefited from the exchanges with Robbert-Jan Henkes and Eric Bindervoet, the Dutchifiers of FW (whom I had met in Poland on a Bloomsday way back in time). I also think warmly about the Italian translators that I also had the privilege to meet: Fabio Pedone and Enrico Terrinoni (through the good agencies of Edoardo Camurri). I corresponded a bittle with Andrey Rene (who translated FW into Russian) and with Hervé Michel (who did the same, into French – yet with more authenticity and verve than the old Lavergne (if my annihilated command of French dares to appraise it).

In theory, most useful to a Polish translator would be translations into (other) Slavonic languages – but these (translations) are /were very scarce, difficult to get by, and/or with snippets of the text instead of the whole thing unabridged. I carefully read

my Polish predecessors: **Maciej Słomczyński** (who translated a dozen+ of FW pages) and **Tomasz Mirkowicz** (who translated the 6 opening paragraphs). Not a lot, you see.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

Again, I have a whole book about this (**Fu wojny**, see above).

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

Again, I have a whole book about this (**Fu wojny**, see above).

How to work with plurilingualism?

Again, I have a whole book about this (**Fu wojny**, see above).

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

Intentionally, it does not include asemia. But hey, many people would tell me the bloody text is devoid of any meaning and completely unreadable.

How to work with multiculturalism?

I am sorry, again: I have a whole book about this (**Fu wojny**, see above).

Have you worked with transculturation? If yes, at what level? Can you bring examples? What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*?

I am sorry, again: I have a whole book about this (**Fu wojny**, see above).

How to translate the music encapsulated in the words of the book?

But why assume that *Finnegans Wake* is a “book”? Why not a music score? If FW is pure music, one does not need to translate into music.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

I do not subscribe to the idea of FW being a literary presentation/ representation of a dreamlike reality is. Or if it is, it is rather poorly executed. For more details see [my PhD online: section 2.5.2](#).

As for the nonsense in FW, see the same **PhD, section 1.6.1** – but also more throughout the dissertation. (I contend that the language of FW is not English. I think it is an unknown language, who lost its single competent user in Joyce, in 1941. Since we do not know this unknown language, we could not really say if there is *any nonsense* in that language.)

What were the translation methods and research instruments you used?

The closer to the text (the level of single words, sometimes letters, morphemes etc.), the better. My translation could have been much easier on the reading eye and completed in less time if I had decided to focus on the level of sentences, for example.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

I think I authored myself a line of thinking which could be called a somewhat of a translation theory. Or a stance? Anyway. It is based on the assumption that the author of the original text is not necessarily a friend of the translator's, nor the translator needs to be an ambassador of the original, a benevolent kindred soul etc. *Translation is a war*, often enough. But hey, there is a book about this (**Fu wojny**, see above).

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

Yes. But it does not really matter. The key problem with translating FW is not that its translator will lack in theories, but that he/she lacks (severely) in time, in willpower, especially anticipating that the whole work is futile (in the sense that not many people will give a darn, let alone an analysis).

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

The criticism is, in my opinion, an epitext (Genette's term) to what Joyce wrote. I think the epitext is (has become) *the main text* of FW. That is to say, as one reads

texts *about* FW, not the text of *FW itself* – the criticism has managed to replace the text proper.

- What is more, I do not think that *Finnegans Wake* exists (there are many different *Finnegans Wakes* [plural] instead; among them not one privileged or default version).
- And even if we could agree that the text published in 1939 is *Finnegans Wake*, I say it is not by James Joyce.
- And even if it is by Joyce, it is *not* in English.

[These are the three most important concerns discussed in my PhD.]

Do you think the *Wake's* translator can be considered a co-author of the book?

Why?

FW is not different from **any** other book. Would a Swedish translator of Harolde de Campos be a co-author? Would a Hungarian translator of Paolo Coehlo be a co-author? If you say “yes”, then the translator of Joyce’s work is no different. If “no”, then no.

Do you have a favorite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

Yes, the pages 1-2 and 217-218 and 400-402 and 591-592 (indeed they were the easiest). Plus the end on the page 628 (“Paris / 1922-1939”). Mind you, if you do your counting right, you will see that, *first of all*, the narration of *FW* is not circular (as it is often claimed), and *secondly*, no edition of *FW* is 628 pages long (despite many claims that it is 628 pages long).

I have demonstrated this in **my PhD, section 1.3.1**.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

Enthusiastic for a month or five. Usually focused more on me – than on the text. Somewhat superficial, if I may be the judge of it. Eventually dwindling to a trickle of occasional academic papers. (As one could have rightly expected.)

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce's work (Bloomsday, incentives, etc) in your country?

I do not live in a city – let alone an academic city – so I would not know really. I attended a couple of Bloomsdays back in the days of the previous millennium. I saw more enthusiasm in some other countries – but I also know about countries even less caring than Poland. (*I suspect some of that Joyce-ward enthusiasm around the West, Bloomsdays included, to be a marketing/mercantile interest more than a genuine interest in literature. Not surprising at all, but still makes me meh in response.*)

Do you know translations of the *Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

The most impressive (quantitatively) translation of FW is the one into English. I do not think I could do any lot without it. 'The English translation of FW' I call the entirety of all the books, papers, articles, blog entries, etc., about FW.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

My opening position is: Either every text in the world is untranslatable or every text in the world is translatable. Again, there is nothing too unique about FW. (Or perhaps there is? **see my PhD, pages 10-14**).

Da Capo al Finne

Can you talk about the musical translation *Da Capo al Finne* (conception, project, execution, time spent, is it a full translation, does it have critical support, publisher, publication date etc.)?

Please see the attached files (esp. Kearns, then O'Neill, less Czarnecki for he blunders). Also see [this article](#) [archived] [here](#) [unarchived]: there is an example of how the text of FW is turned into music *par excellence*.

Can you explain the title *Da Capo al Finne*?

It is the musical term "da capo al fine" but with an additional letter "n" to make it more Finnegansy-looking.

Do you think the original text can be a written piece of music, a kind of musicriture?

Of course. The follow-up question, however, would be: why does one seek a “musicriture” in *Finnegans Wake*, but not so often in so-called typical books.

What parameters did you use to decrypt the music from the words?

I turned the text of FW into a block of ca. 400.000 letters [AaBbCcDdEeFfGgHh] which can stand for relevant 8 music notes. I wrote an algorithm that helps my text editor seek out such sequences / strings of letters in the whole block, which – when turned into a piece of music – *would resemble an already existing tune*.

One of my favourite examples is how I would turn strings of letters from FW into music similar to *Star Wars* by John Williams. This poses an interesting question: who is the author of such remakes? Is it John Williams? Is it James Joyce? Or is it me?

I'd like to mention here that Disney representatives (who own the copyrights to the *Star Wars* franchise with its music) approached me once, demanding that I remove the *Star Wars* material from my private Soundcloud page. I replied that it is *not* Star Wars material, for it is *FW* material. They were not too convinced. It was fun. It also was a pity that they eventually did not bring me to court – which would promise a most interesting debate on the category of **authorship** (not to mention it would render some welcome publicity).

The **Star Wars examples are here**.

Can you bring examples of the translation and explain them, please?

If the Star Wars example above are not enough, [take a look at this video](#) [the music there comes from my rework on FW along *Da Capo al Finne*].

Is it possible to musicalize in translation elements such as plurilingualism, multiculturalism, the *portmanteau* word, the pun, the Viconian cycle, the dream etc.?

Yes, it is. Generally speaking, many things are possible! [Sorry I am so terse, but this really is a question that begs a book.]

Do you know other musical translations? What musical approaches might be addressed in future translations?

Yes, I do. Myself, I have another musical translation published: **Finnegans ake**. (Yes, no “W”). [Here is the cover](#). See Kearns and O’Neill for more details.

Has your translation already been set to music by other composers?

Yes.

How does the reader participate in this translation?

Any way they want.

How do you evaluate the results you achieved?

Have I made people think? Smile? Both? If só, that’s great.

The people [here, for example](#), enjoyed the show (I presented a composition of 1941 notes from FW turned into something that tries to resemble [this](#) piece) [a part of the official celebrations of the [Lutosławski](#) Year 2013].

Finnegans Meet

Can you talk about the *Finnegans Meet* visual translation (conception, design, execution, time spent, partnership with, is it a full translation, does it have critical support, publisher, publication date etc.)?

FM was prepared by a duo: [Marcin Szmandra](#), a great artist responsible for the graphics, and me, responsible for the concept of the entire work and individual pages. Physically, the work exists in two prototypes (one for Marcin, another for myself). But anyone can buy pdfs or printouts.

Can you explain and demonstrate the Rolodex format, which makes your visual translation an artistic installation? How does this proposal relate to the receiver/interpreter?

The rolodex – which is a rotating display of business cards (nowadays obsolete, of course) – enhances the idea of a non-linear (and possibly random) reading. It also reinforces the concept that the narration in FW is circular – rotating (but do notice, please, that I oppose that this concept of ‘circular narration’ is actual [explanations: **my PhD, section 2.5.2.**]).

The rolodex translation was in part a homage or a thank you to the visual artists in the world interested in FW. (I think that in general there are more musicians and graphic artists interested in FW than there are readers of FW as literature. Which is a telling observation: if a text is not what the author declares but what the public says that it is, then FW is not literature – not before it is music or art).

Last and least, carrying on with the rolodex, I was thinking that I was going to be **the only person in the universe who translated *Finnegans Wake* more than twice**. Do not ask me why I wanted that. It happened.

Can you explain the title *Finnegans Meet*?

I was looking for a title that alludes to *Finnegans Wake*. In addition, “meeting” is what business cards enable (or used to enable). Also, since “meet” looks almost like “meat” (flesh) [and Joyce himself mentions “turkey meet” in FW], one may say that FM tries to become the text in the flesh – an object instead of an idea, at least more so than a literary narrative.

Just as there is encrypted music in the original, can we speak of an encapsulated visuality?

Oh, naturally. The saying “an image is worth a 1000 words” is not for nothing!

What parameters did you use to decrypt the visuality of the words?

Page by page, I tried to find in the text of FW, an important motif for each page, preferably with any hints of an address line, dwelling number etc.

Can you bring examples of the translation and explain them, please?

I do not think I can. Not without showing the actual rolodex to you.

Is it possible in visual translation to transpose elements such as plurilingualism, multiculturalism, the *portmanteau* word, the pun, the Viconian cycle, the dream etc.?

Again, yes. [But the follow-up question I oft ask myself is: what for? As in: what is the purpose of us reading *FW*? Of us reading *anything*?]

How does the reader participate in this translation?

Again, any way they want.

Do you know other visual translations, such as the Brazilian of Sergio Medeiros?

What visual approaches can be addressed in future translations?

I think I read about Medeiros work somewhere. (I have my Google alerts set on any new information on FW anyway.) But if I am not mistaken, this is a rather recent work, no? If so, I may not know many details. I am somewhat indifferent to FW since I concluded my FW adventure with my PhD.

But I have an extensive collection of everything on the Internet that I could find, concerning FW, tons of stuff from visual artists, sound artists, cinema and so on and so on. That is some 40-50 GB of data, not to mention the things in my room outside of the computer. (Again, if you care to look [at this video](#) – you will see the photos of items in my home collection.)

How do you evaluate the results you achieved?

Would people be interested in FM?

They often are. The rolodex translation of FW (or a 'verbovisual translation', as I call it) would be exhibited in various prestigious locations. E.g. I was honoured to present FM (along with *Da Capo al Finne*) at the [Zachęta gallery](#). Also, at the [International Conrad Festival](#). Big thing!

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*?

No, just more of the old ones.

- [This movie](#), for instance, is a wonderful work, in my humble opinion (with my Polish text in use).
- [This CD /Bandcamp](#) material: I was the organiser and the project leader. Also, one of the pieces there is mine.
- I did some [audiobooking](#).
- Derek Pyle, Esq., invited me to [compile this](#), and I am glad I could help.

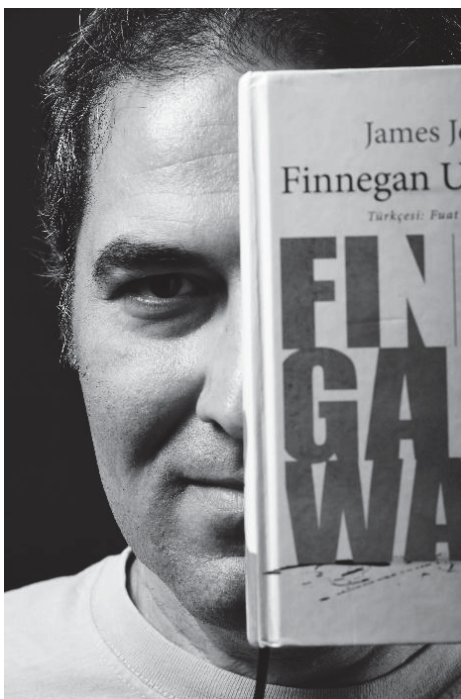
There is much more and there are many more. Too much and too many for one guy (who wants to remain somewhat sane), if you ask me.

Some serious people in Poland say that my own literature borrows heavily from Joyce, but I think they are just cruel ;)

Thank you for your questions!

APÊNDICE 1.1.1.3 – Fuat Sevimay (Turquia)

Fuat Sevimay, Turkish translator¹⁴⁰



Source: personal archive of translator Fuat Sevimay (2024).

Fuat Sevimay translated *Finnegans Wake* in its entirety into Turkish under the title *Finnegan Uyanması*. The herculean task began in 2012 and was completed in 2016, when it was published by Sel Yayıncılık in a 663-page hardcover edition. In addition, the award-winning Turkish version of Joyce's multi-vector macrotext is accompanied by a reading guide.

The translation of Joyce's last book crowned a translation journey that covered almost all of the Irishman's work, from poetry to theater and prose. Sevimay, who is also a translator and the author of several short stories and novels, talks about his journey into literature before delving into the issues related to *Finnegans Wake*. Favored by the agglutinative and sonority (two of the main characteristics of *Finnegans Wake*) of

¹⁴⁰ The interview was published in English and Portuguese in Revista Letras. Available at: <https://tinyurl.com/3n98zhvt>. Accessed on: 29 Jan. 2025.

the Turkish language, Sevimay talks about the translation process, commenting on strategies and elements valued in his translation, such as neologisms, musicality, multiculturalism, oneirism, etc. The interview, made in English, was conducted by email between the end of January and the beginning of February 2024.

Fuat Sevimay, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

Talking about myself could be harder than translating *Finnegans Wake*. Let me try. I was born 90 years after Mr. Joyce, in 1972. As of childhood I haven't heard someone called Joyce, thus I was a happy guy. At high school, couple of pages from "Portrait" took place at our English class so the catastrophe began. I attended business administration department at university and due to that, should have worked for some financial companies but I was never fond of monetary things, so I decided to work at different sectors like automotive, logistics, lubricants. People I met, things I observed during all that business life was so fruitful for me afterwards, I mean when I began writing and translating.

Before translation, I wrote my own novels and short stories. They are translated to more than ten languages and had couple of significant awards within Turkey and abroad.

And as of a reader, apart from Joyce, I am a big fan of Marquez, Fuentes and Orhan Pamuk. I could call "Terra Nostra" and "Black Book" as of my favourites and the ones that has the most influence on me.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

As I told, Portrait was a part of our English lecture at high school. At that time, I remember that our teacher had told that the writer of the book was an Irish called James Joyce and he had written another novel called *Ulysses* which is so hard to read and something else which she could not remind the title (FW) which is even not readable.

Then, I haven't paid much attention to this since that being a teenager, I was probably thinking totally and just about girls or football. However, later on, when I grew

up and became a good reader, I recalled that conversation and began to think, how come a book cannot be understood or even not read.

I still like girls/women but not anymore football. Instead, I watch volleyball. Nevertheless, I happily read and understood and translated whole volume of Joyce and this is much better than anything else in life. Ah! No. Sailing can be better than reading Joyce.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

The first book I translated from Joyce was Occasional and Critical Writings which was not translated to Turkish. Then I translated Portrait. We had it in Turkish but I was not fond of the previous translation. On the other hand, my first contact with FW was basically for reading or trying to read it with the help of many guides and annotations. But being a translator, I found myself thinking about the double meanings, matching words, making some preferences for the translation. Then I talked about my attempt (yet I could not call them a translation) with two friends of mine from academy. They encouraged me saying that my perception and scope was quite good and told me to go on.

So, I thought of the process much more. Resigned from my job at that time. And totally adopted myself for the translation.

Afterwards I translated Ulysses, Chamber Music, Dubliners, so I fulfilled the whole volume.

Can you talk about the translation project since its inception (when it started, how long it took, was there financial and editorial assistance, its visual design, how many volumes, publication date, the prioritized points, etc.)?

It started at the end of 2012 and completed it towards the end of 2016. I was invited to Trinity College in Dublin for 5 months during the translation by Literature Ireland and it was so fruitful for the process. Towards the end of my rough translation, we began to work with my editor Bülent Dogan and his contribution to the translation was so important. Since than 5.000 copies have been published. This year my first contract will expire so with the new publisher; FW in Turkish will hopefully have a new start.

For the first publication, I prioritized to be faithful to the number of pages and similar typesetting of source text, especially regarding chapters in which we have Persse O Reilly's Ballad or where the children do their homework and so on.

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

No. We only have the Turkish translation and a 50 page guide within the text. However, at the prologue, I tried to remind to the reader that FW is something totally different than all the things that they have read and tell them the aim of James Joyce, using the subconsciousness of the history together with HCE's family.

Finally, as of an epilogue, we have an appx. fifty pages of guide in which, first I mention what's happening in general within FW like characters, events, settings and so on, and then an explanatory note for each chapter. Many readers told me that, this guide was so useful. Within the text they're totally with their own feelings and comprehension. And with the guide they have the meaning if they want.

Regarding the meeting of *Wake's* languages with the Turkish language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

Each language has its strong and weak specifications and a translator must be aware of those. Turkish is an agglutinative language where it is an advantage for translation, compared to other European languages. Because you can create many new words within Turkish since that words can reborn within themselves. This was extremely helpful while translating a playful text like FW. Another point was phonetic of Turkish. We have consonants in Turkish thus the language has its own musicality. When it comes to a writer like Joyce who is much concentrated on the sound of the book, it's a big advantage.

On the other hand, syntax and vocabulary of Turkish is not similar to English or other European languages. So, you have to be more careful for those and find your personal solutions. Let me give an example;

"Kaç gün'ahçıkartan, kaç baş'tançıkartanı günaha buğuladı kim bilir!"

Now within this Turkish sentence which you normally don't understand (original of it is at the second page of FW; What bidimetoloves sinduced by what tegotetabsolvers), we can either read "parsons, incences and confession" or "whores,

sweat, sins and fleshpots” just like the original sentence. No need to explain each word one by one but just let’s have a look at that “Kaç”. In Turkish this may mean both, *how many* or *run away*. So you (or maybe HCE) may either count how many whores/parsons there are, or you may run away from them. It’s up to your preference.

One last thing; please focus to vowels in Turkish sentence. You will mainly notice a-a-a-a-a’s. This is something about phonetics.

Can you explain the translation of the title to *Finnegan Uyanması*?

As you know, in English the last “s” of Finnegan both refer to plural or singular + possessive suffix. However, in Turkish a singular surname could sound both for plural and singular meanings and it may also refer to the unseen apostrophe. Thus, just to say Finnegan was enough.

As of “Wake” my preference “Uyanma” refer to wake up. However, if you read it like uy’anma, it becomes something like “Ah! Commemoration” or “Ah! The Funeral”.

The last thing about “Wake” is the ship’s trace over the sea, like the memories left behind. Unfortunately, I could not find something to match this last one.

When FW is translated to some other European Languages, things like Wegh in German, Sveglia in Italian could easily match Wake. However Turkish is a Ural-Altaic language and our vocabulary is not similar. Thus, starting from the title, it could be harder.

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

My translation is the only one in Turkish. In Turkish we have another trial for FW translation but it’s not something trustworthy and the publisher just published the half of it and gave up after mine. It was unfortunately an attempt like; no one could read and understand FW, so till then they could earn some money. So, I could not compare within Turkish.

When it comes to other languages, I have a collection of FW translations but I only know Italian apart from English, so I could only compare my translation with it. However, my dear Italian friend Enrico Terroni’s translation came after mine. So, it was only a comparison to respect and see how FW sounds in Italian.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

When it comes to orality in FW, we have a deep encomiastic tradition in Turkish. So, I tried to reflect this as much as I can. As of neologism, as I told beforehand, Turkish's agglutinative form was a great advantage for that and I created so many new words with combinations, double meanings or both of them.

Literality is an important aspect for translation in general and specifically for FW. When you talk about creation of new words or general structure of FW, some readers think that, within translation we have our own comments or initiative. No! Never. I could never change any meaning given by Joyce.

And as of rhythm; I strongly believe that, one of the major aims of Joyce was to give the rhythm of humanity within the history. You can feel it in FW when you read it aloud. So, to keep that rhythm was one of the most important goals of mine.

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

I think that motifs or those portmanteau words are extremely important for FW and their function is not being just puns. They create a word-web within the whole novel which bring different pages together in readers' minds and I could never miss one because, repetition of those in different pages, actually combine the cases and feelings within those pages. It's just like something happening at fifth century B.C. affecting another event at tenth century and both having an effect on our contemporary life.

Thus, I paid utmost attention not to miss none of them.

How to work with plurilingualism?

Actually, the only specialty which I did not pay much attention during translation of FW was plurilingualism. To be more precise, I even avoided it. Because, after all other aspects like double meanings, phonetic, motifs and so on, trying to use other languages would create a "kakafoni". Within the source language you have an English word with Joycean puns and which in fact also refer to something in Hungarian, let's say, and when you find something for that double meaning and furthermore, try to keep also the Hungarian, it's almost something impossible and would mean nothing to the reader. However, at my directory, I always reminded that paragraph or part was related with Hungarian.

And I just kept plurilingualism at some specific parts. For example; regarding the well-known hundred letter thunder words of FW where in fact we read “thunder” from different languages, I used thunders from Turkish geography, like Kurdish, Greek, Armenian, Persian, Slavic, Arabic and so on.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

Well, this is a huge point to discuss. When we remind that psychoanalyzes, subliminal words of night, Freud and Jungian scope beneath the events, I mean when we think about all those having an effect on both personal (HCE, ALP and children) , national (Ireland) and historical (world and humanity) lives, FW has something new to say for literature. That may be; forget about the language and its grammar, let's create a new one. So, this discussion may lead up to Lacan, Derrida and so on.

In Turkey, at symposiums or sessions, I always tell that, Joyce climbed up to summit of Everest by Ulysses and then created his own summit by FW. This cannot be explained by geography or literature that we know and we are familiar. So, being asemic or ungrammatical was not with the aim of neglecting those. Instead, since that the conscious words for our daily life, Joyce had to tumble them down. I think this perception could be much adequate for FW.

How to work with multiculturalism?

Once more, motifs and leitmotifs are so important within FW, since that they refer to different cultures which have interrelations. So, when it comes to translation, we have no chance to miss a pun or created Joycean word which in fact has a relation with another cultural environment within next paragraph or hundred pages later.

Have you worked with transculturation? If yes, at what level? Can you bring examples? What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*?

In general, being a translator is more related with being an intellectual than to know English (or whichever language you translate from). Personally, being a writer, being a good reader, being so fond of history, archaeology, philosophy, anthropology etc. helped me a lot during translation. You have to know who is Parnell and why Joyce

refers to him so much, more than Google. And you have to be aware that Genesis, Genghis and Guinness may have something related within FW.

There was a paragraph which I was trying to translate (I don't remember the page now), and things was happening around Liffey River of Dublin. But I felt that there's something more and discovered that the same sentences had a big reference to Dardanelles, through Achilles, Troy, Gallipoli, Leandros and so on. Thus, when you translate FW, literally you translate so many things and cultures, not just a book.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

Actually, when you take FW's subliminal style into consideration, that dreamlike universe is the most appropriate part to play with the words. It was big fun for me to dream history together with HCE's family. Or maybe we should call it a nightmare which Dedalus wishes to wake up. Otherwise; Dead'all'us.

What were the translation methods and research instruments you used?

First; the classic dictionaries, slang dictionaries etc.. And then; mainly *Annotations* of McHugh, *How Joyce Wrote FW* of Crispi&Slote, *Skeleton Key to FW* of Campbell, *Reader's Guide to FW* of Tindall, *Finnegans Wake Gazette*. And moreover, many source, guide and books that I had at Trinity College's wonderful library. And finally, some Turkish raki or tea or Irish whiskey (mostly Bushmills) up to my mood.

How do you evaluate the results you achieved?

I am so happy that FW is in Turkish whether the translator's name is Fuat or someone else. However, unfortunately, because of another translation (not trustworthy and unfinished as I mentioned before), for few years we could not have a healthy base to talk about it. Anyway, readers and academicians know the situation now. So, I am so satisfied with the result, even if it was hard to achieve.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

Translation theories are basically something related to academy. I am not an academician. I try to understand them but that's all. Further comments of mine on this topic would exceed.

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

No and yes.

Yes, because translation theories are important and determines discipline.

No, because FW is something totally different than all the things written beforehand. For that reason, current theories which base on “normal novels” are not mostly applicable to FW translation. You have to determine your own theory specific to that translation and create your own path.

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

A critic in general must have a perception and understanding of literature more than common reader and maybe even more than the writers or translators. So, real critics are so rare and so valuable. When it comes to FW, first we must find a “real” critic who could have a comment on it. So? It’s really hard to comment on this. We don’t have a Sam Slote in Turkey and probably also you don’t have one in Brazil.

Do you think the *Wake*’s translator can be considered a co-author of the book? Why?

Well, if we compare with other translations and keep in mind that FW is something totally different, yes, the translator can be called a co-author regarding her or his language. However, such a comment is sometimes misunderstood. I don’t write something of my own. Thus, I may call myself a co-author, just and only within the meaning created by James Joyce. I can’t use any word independent from the text. I just thought during the translation; what if Joyce knew Turkish, how could he handle that sentence in that case. And this really works.

Do you have a favorite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

I like the Butt and Taff pages and Grasshopper and the Ant. I really don’t know the reason. But maybe just because, the never-ending conflict of humanity and misunderstanding, each other is mentioned perfectly and so funny. It’s probable that we all (especially manhood) are all Shems or Shauns around the world and within ages.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

In Turkey we have two major rewards for translation with a reputable past and jury. My FW translation was the only one that got both of those two rewards in 2017. On the other hand, I have attended couple of symposiums in various universities both in Turkey and abroad since then. But when it comes to public reader, we must accept that FW could be understood within time. This is not an ordinary novel. Even so, it has so many dedicated readers in Turkey and they frequently contact with me for some comments and etc.

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce's work (*Bloomsday*, incentives etc.) in your country?

Turkey and Turkish is really good in translation, from many languages and with big number of titles. We also have experienced translation departments within universities and talented translators. Thus, Joyce is a major scope in academic world. Some symposiums are organised and speeches are held frequently. On the other hand, we don't have much for the public. Last year "Bloomsday İstanbul" was held by some academicians and I also had some speeches. I think it will go on with some more joyful activities within next years.

Do you know translations of the *Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

As I told before, I have a collection of FW translations including French, German, Italian, Korean etc.. All of them are for sure respectful work and I could only comment about Italian translation which is a great work thanks to Enrico Terroni (Forza Totti 😊) however I especially wonder about the Chinese translation because, Chinese language's configuration which is based on figures is totally different than Latin alphabets. It must be fantastic and mind-blowing I guess to work on something like that.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

I just make fun of this “untranslatable” critics, because, forget about mine, yours or someone else’s opinion about this matter, Joyce, the writer himself has assisted the beginning of French translation of FW before his death. He has also contributed to German and Italian translations of *Ulysses*. Furthermore, he says “Even madness can be translated” regarding especially Antonin Artaud’s works.

This is just nonsense to argue such thing. You understand the approach of the writer, then determine your scope for the translation (when it is someone special like Joyce), get the meaning within the text and go on. That’s all.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*?

Actually, not new but I did something interesting after completing translation of whole volume of Joyce in Turkish, including FW, *Ulysses*, *Portrait*, *Dubliners* and others.

Many readers demanded something like a dictionary, annotation or things like that to explain Joyce’s books from me. But personally, I preferred something else and decided to write a novel in which James Joyce and the translator are the protagonists.

In this novel of mine, “*Benden’iz James Joyce*” and which we could translate to English as “*Yours Tru’lie James Joyce*” reminding both truly and true-lie, Joyce is bored of lying down under his sin in Zurich, wonders about İstanbul and new age, and wakes up and comes to contemporary İstanbul; exactly to 16/06/2013 when “Gezi Resistance” took place in Turkey against the cruelty of government. So, he struggles against cops, then falls in love with a Turkish lady, chat with vagabonds and talk with some intellectuals, wander around İstanbul and enjoys Bosphorus. Besides all those, he talks about his literature, including *Ulysses*, FW and others with both the translator and many other people, ordinary or literate. He tells who is Bloom, Anna Luvia Plurabella or Lily, what he expresses at this chapter or what he intends to do at another. And two chapters of that novel mainly focuses to FW and also some pages could be called an FW trial in Turkish.

APÊNDICE 1.1.1.4 – Dai Congrong (China)

Dai Congrong, Chinese translator

COMMAPRESS. **Dai Congrong**. Available at: <https://commapress.co.uk/authors/dai-congrong>. Accessed: 17 October 2024.

Dai Congrong is a Professor of Comparative Literature and World Literature at the Faculty of Chinese Language and Literature, Fudan University, Shanghai, China. She previously served as the Chinese co-director at Confucius Institute for Scotland in the University of Edinburgh. At Fudan she holds the post of Director at the Fudan Centre for Literary Translation and Studies. She is a board member of the Shanghai Writers Association, Shanghai Translators Association and the Shanghai Comparative Literature Association. She has published five books in Chinese, mainly on English literature, and translated five books from English. She has published more than 70 papers in *James Joyce Quarterly*, *Neohelicon* and other famous Chinese journals.

In an email interview conducted in 2024, Congrong discusses the structure of *Finnegans Wake* and the effects she hopes to achieve in the Chinese translation that began in 2006. Published in installments in an annotated translation, Congrong's Chinese *Wake* is expected to have its final volumes published in 2024.¹⁴¹

¹⁴¹ Information on the website: <https://commapress.co.uk/authors/dai-congrong>. Accessed on: 29 Jan. 2025.

Dai Congrong, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

I was born in north China and moved with my parents to Suzhou, a south city speaking special dialect when I was 11 years old. In this new city, I had few friends and had difficulty in communicating with others. For example, I could not understand even one sentence of my grandmother who lived her whole time in Suzhou and could only speak this Suzhou dialect instead of the common Mandarin. I had few friends and felt very lonely that time. I stayed with my uncle then. He loved literature and had many literary books at home. In loneliness, I read those books to kill the time. Then by and by I was attracted to the literary world.

I read many literary works before I went to the college. Every vacation I enjoyed my time by reading fictions. In the beginning I read Chinese literature. The book influenced me most is *The Dream of the Red Chamber* (honglou meng). I read it 8 times from beginning to the end when I was in the middle school. It attracts me not only by its love story but also its portraying the complicated human nature and society. I think it is this book that makes me enjoy not only a story but the complicated society that a fiction could represent.

One day I found a list of classical world literature, mainly European literature in a dictionary. I borrowed and read the works in the list one by one, from Homer to Balzac. This prepared me to my study of world literature in the college.

I studied Chinese literature when I was in Nanjing University for my BA degree and comparative literature for my MA degree and world literature for my Ph.D degree, all at Nanjing University. In 2002, I came to Fudan University to make post-doctoral research there on *Finnegans Wake*. After that, in 2004, I became a teacher at the Department of Chinese Language and Literature, Fudan University. Last year, I transferred to Nanjing University as a professor of comparative and world literature at Institute of Global Humanities, Nanjing University.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

I came to Joyce when I was studying my MA degree in Nanjing University. At that time, two Chinese translations of *Ulysses* were competing to be the best

translation and there are many reports about it. I was curious and bought one and read it.

I still remembered the night I was reading the Chinese translation in bed at the dormitory. Our dormitory is a little bit stuffy with four students share one room. The light is not very bright. I remembered the epiphany I got one night when I am reading *Ulysses* suddenly, the figures and scenes described in *Ulysses* appearing in my mind all together, crowded but vivid. I could even smell them. Then I realized that this was a book different from most works I had read before. There is no story, but there is life. A life just similar to the real life we have every day.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

I contacted *Finnegans Wake* because I decided to write my Ph. D dissertation on James Joyce, which means I should read all of his works, including *Finnegans Wake*. I spent a month with a dictionary to finish this book unprepared, only remembered and understood a little then. Therefore I decided to devote my post-doctoral research on *Finnegans Wake* completely. I should thank my advisor Chen Sihe for letting me to read only one book during 2 years intensive research. This time I read *Finnegans Wake* with various *Wake* dictionaries as well as annotations. They are very helpful. I finished my post-doctoral research with a book titled “Book of Freedom: Reading *Finnegans Wake*”. When I discussed my book with my publisher Ni Weiguo, he encouraged me to translate it and signed with me a translation contract. According to this contract, I could finish my translation at whatever time. This flexible contract gives me gut to do this translation.

Can you talk about the translation project since its inception (when it started, how long it took, was there financial and editorial assistance, its visual design, how many volumes, publication date, the prioritized points, etc.)?

I began my translation in 2006, spending 2 years to make preparation by putting those decoded words in those *Wake* dictionaries into the original book. I do all those things myself until two students volunteered to help me with these preparation. As to the translation, I did it myself without financial assistance and only encouragement from editors and people I knew in person or did not know on line.

It will be 3 volumes, with Book 3 and Book 4 as one volume. The first volume was published in 2013. The other two volumes will be published in August, this year.

As to the visual design, I once wrote a paper to James Joyce Broadsheet, explaining the format of my translation, please find the information you might be interested in the document of “The Chinese Giant Wakes to Finnegans”

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

It could not accompanied by the original text because on the left page is the main text of translation, on the right page are a full page of notes.

Thus you can understand, it is an annotated translation. There are two articles published on my method of translation.

Regarding the meeting of *Wake's* languages with the Chinese language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

Wake's language is a sound language, similarity in pronunciation is a important rule in decoding *Wake's* portmanteau word; Chinese language is a picture language, similarity in radicals is very important. The biggest problem I encounter is to translate the poems in FW. In the beginning I planed to translate it with the rhythm of traditional Chinese poem, at last I decided to translate it in free verse. The example is the “Three quarks for Muster Mark!” poem in the beginning of Chapter four Book Two. I translated into two versions, one in rhymed verse, one in free verse. I showed both of them to my editor Gu Gang who is a poet himself. He suggests me to translate in free verse.

Can you explain the translation of the title to *Fēnnígēn de shǒulíng yè*?

I myself translated differently in papers before my translation published. It is a hard decision. To translate as “*Finnegans Wake Up*” (*Fēnnígēn mēn sūxǐng*) is too political, will loose the long historical sense in this book. To translate as *Fēnnígēn de shǒulíng* or *Fēnnígēn shǒulíng yè* are all right but not rhythmic. I hope to make a title beautiful and memorable. Like a breath coming naturally out of the mounth. *Fēnnígēn de shǒulíng yè* with 3 foots each on the left side and right side of “de”, a break, is the one meeting this expectation.

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

There is no other Chinese translation of the *Wake* to compare. I knew no other foreign language than English. With so many dictionaries of the *Wake*, and books like *The Skeleton Key to Finnegans Wake*, I think there are enough other decoding. Besides those French or German translations are also sound language, will follow a method of translation different from the Chinese translation. I have Japanese and Korean translations but I did not consult them frequently.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

In my translation of Book one, all neologisms are put above their Chinese translations. However this is too demanding for printing, we will not use this printing method for Book 2 and 3. However, I put all orality and neologisms in my notes. I use notes to explain any literary techniques.

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

My translation is an annotated translation. The annotated part on the right page and the translated part on the left page. You can imagine how many notes I put in my translation. With so detailed notes, the portmanteau words and multi-referential puns were explained in annotated part. I will choose one meaning from the multi-meanings to put in the translated part, trying to give a logical narrative.

How to work with plurilingualism?

Explain it in notes

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

There are so many ungrammatical sentences in the book. I tried my best to translate it into grammatical sentences with no meaning omitted. Thus my translation tends to be a little ungrammatical but still readable.

As to asemic words, like the 100-letter words, I put all the meanings decoded together ungrammatically.

How to work with multiculturalism?

Explain it in notes

Have you worked with transculturation? If yes, at what level? Can you bring examples? What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*?

I am a professor of comparative literature which means I always work with transcultural stances. For example, I had wrote a paper on the Chinese culture in *Finnegans Wake*.

How to translate the music encapsulated in the words of the book?

I tried to translate with rhymed Chinese words. Attached please find "translating FW" to see my method used.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

This dreamlike and nonsense universe exists in the dreamlike and nonsense language. My translation is also not very grammatical, especially in Volume one. I believe my ungrammatical Chinese sentences can give the impression of dream and nonsense.

What were the translation methods and research instruments you used?

I translated literally, try to keep the style of the original text. I got help from <https://finwake.com> as well as many research results including Roland McHugh. *Annotations to Finnegans Wake*. (Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1982.); Clive Hart & John Deedy. *A Concordance to Finnegans Wake*. (New York: Paul P Appel, 1993.); Brendan O Hehir & John M.Dillon. *A classical lexicon for Finnegans wake*. (Berkeley: University of California Press, 1977.); Helmut Bonheim. *A Lexicon of the German in Finnegans Wake*. (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967.); Brendan O Hehir. *A Gaelic Lexicon for Finnegans Wake, and Glossary for Joyce's Other Works*. (Berkeley: University of California Press, 1967.); D.B.Christiani. *Scandinavian Elements of 'Finnegans Wake'*. (Evanston: Northwestern University Press, 1965.); Adaline Glasheen. *Third Census of Finnegans Wake*. (Berkeley: University of California Press, 1977.); Louis O.

Mink. *A Finnegans Wake Gazetteer*. (Bloomington and London: Indiana University Press, 1987.); Joseph Campbell & Henry Morton Robinson. *A Skeleton Key to Finnegans Wake*. (New York: Harcourt, Brace and Cop., 1944.) William York Tindall. *A Reader's Guide to Finnegans Wake*. (New York: Noonday Press, 1959.)

How do you evaluate the results you achieved?

I give all other possible Chinese translators and readers a comprehensive stepstone to understand Finnegans Wake. With my translation, Finnegans Wake could be read now.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

I have written a paper about my translation theory. Attached please find "Advancing Cross-Cultural Understanding Through Experimental Literary Translation: Chinese Translation of Finnegans Wake in China"

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

It can also be found in "Advancing Cross-Cultural Understanding Through Experimental Literary Translation: Chinese Translation of Finnegans Wake in China"

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

Without the work of critics, especially those decoding *Finnegans Wake*, *Finnegans Wake* would be unreadable. This is also why most versions of *Finnegans Wake* keep the same page number and format. It is because all critical works will share the same paper number and line number in their critical works. Any change of format would mean a leaving those critical tradition. This kind of leaving is imaginable in reading Finnegans Wake, since it is a book requiring critical help of others.

Do you think the *Wake's* translator can be considered a co-author of the book? Why?

No. No matter how many efforts the translator devotes, the author is always the one comes up the idea. Translators put their own understanding into their translation,

but those understanding comes out of what have already implied in the original words. The author is the creator, while the translators are decoder.

Do you have a favorite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

I like Book for, especially towards the ending. It is more like a sad song, with love and solitude. The last sentence especially beautiful, “A way a lone a last a loved a long the” you can feel the everlasting flowing of the river, It is light and graceful, without ending.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

I have not paid more attention on the reception. I know many people are looking forward to my finishing the translation of the whole book. There are two papers published to discuss my translation method by academic people.

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce’s work (*Bloomsday*, *incentives* etc.) in your country?

I live in Shanghai. There the Irish consulate will organize activities every year to celebrate Bloomsday. *Ulysses* is more popular in China and *Dubliners* is required to be read by the undergraduates of English major.

Do you know translations of the *Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

I know there are many translations and I have the copy of Korean translation and Japanese translation. However I could not read Korean and Japanese, therefore I do not know whether they are good or not. I only noticed that they did not put as many notes as I do.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

Nothing could be still the same after translation, only the degree of change is different. The translation version of *Finnegans Wake* is doomed not to be the same as original version, but its translation is still helpful. In my paper “Advancing Cross-Cultural

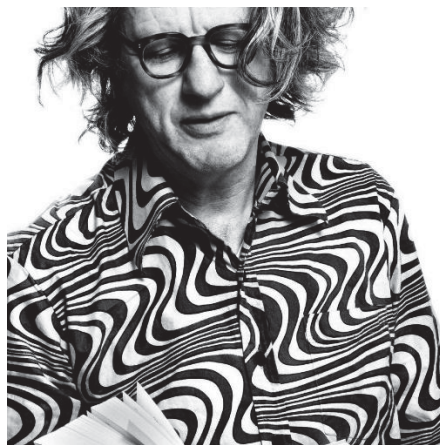
Understanding Through Experimental Literary Translation: Chinese Translation of *Finnegans Wake* in China” I think translation of *Finnegans Wake* can not only help the understanding this book, but also can improve the target literature.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*?

The whole translation of *Finnegans Wake* will be published this year. There might be many activities to celebrate. I suggest a research project on *Finnegans Wake* before but this proposal has not get funded. Therefore I myself do not have new projects involving *Finnegans Wake* now.

APÊNDICE 1.1.1.5 – Erik Bindervoet (Holanda)

Erik Bindervoet, Dutch translator



BINDERVOET, Erik. **Facebook profile photo of the translator himself.** Available at: <https://tinyurl.com/4rh4xm2z>. Accessed: 17 October 2024.

A writer, visual artist and translator, Dutchman Erik Bindervoet has translated with co-authorship with Robbert-Jan Henkes several works, including Beatles, Bob Dylan, Shakespeare and James Joyce, with a special mention for *Finnegans Wake*.

In an interview conducted in 2024 by email, Bindervoet reflects on the plural power of *Wake* and details the methods used in the complete translation of Joyce's final work.

Erik Bindervoet, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

Born in 1962 in Oostzaan, raised in what is now Amsterdam Kadoelen and Hoorn, in the armpit of North Holland. Started publishing at the age of 11, comics, in a neighbourhood monthly. Studied history at the University of Amsterdam, where I met my future ex-colleague Robbert-Jan Henkes. On that memorable first occasion we immediately started working together which resulted in pamphlets, essays, poetry, drawings and our own magazine *Platform*, often to the chagrin of our teachers, professors and fellow students. Because of that somewhat fraught relationship with our *Alma Mater*, we decided to quit our studies, in fact just before the finish line, before

we finished our end thesis on Arthur Schopenhauer and the value of history (which came out later as a book, *Arthur Schopenhauer: A Declaration of War on History*, Wereldbibliotheek, 1996). First inspirational readings, after the children's literature and the comics and before Joyce blew my mind: the usual suspects of Dutch/Flemish poets and authors (Kloos, Multatuli, van Ostaïen, Slauerhoff, Nijhoff, Lucebert, Nescio, Vestdijk, Bordewijk, Carmiggelt, Hermans, Reve) and then Baudelaire, Shelley, Keats, Blake, Donne, Zola, Sartre, Salinger. And let us not forget The Beatles and Bob Dylan, whose songs spoke volumes to me (and they still do).

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

Joyce was first mentioned by my teacher of Latin and Greek, talking of Homer and his influence on the literature of the world. I wanted to read *Ulysses* immediately, but sadly my teacher of English talked me out of it. To this day I don't know why – why she talked me out of it and why I let her talk me out of it. Luckily there was another teacher, of history, in a galaxy far, far away (the province of South Holland), Mr Leen Stout, the father of my best friend of my childhood: he lend me his copy of *Ulysses*, Stuart Gilbert's *Study* and *A Portrait of the Artist as a Young Man*. Shortly after graduation I started reading and I never stopped. That was the epiphany: if this was possible in language, then life might be worth living after all. (I was rather gloomy at the time.)

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

After or rather during the reading of *Ulysses*, I wanted to read every word this man Joyce wrote. So I started to collect all his works, some translations (Dutch, French, German) and some of the books about him, among them Ellmann's biography, of course, and *Finnegans Wake*, which I decided to read 'in one go,' without pause or time to think or be distracted by too much interpretation. Two weeks of intoxication, followed by the inevitable headache and hangover: *what was thaas?!?* So, it appeared that there was even more possible in language, so much so that it seemed to cover the impossible as well. And there the Book of the Night stood for a while, shrouded in mist, surrounded by darkness, waiting. Then Robbert-Jan and I got the idea to write a novel about an imaginary museum, located for obvious and very real reasons in Zürich,

the Museum Spaelbergh. It should contain all the most beautiful objects in the world, and also objects that got lost, went missing or were otherwise to be wished for. One of these objects was of course a Dutch translation of the famously untranslatable *Finnegans Wake*. We decided to try a page, just to see how far we would get, doing it mainly by way of ear, in a kind of free flowing association, not bothering about possible meaning or meanings too much: how can we get the sound of the *Wake* across in Dutch? That was already a big step: the key was in the music, the rhythm of the language. The next big step was the discovery of Roland McHugh's *Annotations*: very handy, summary and succinct indications of where these extremely strange, even weird words were coming from. That combined with the musical epiphany made us think that a translation *might* be possible. Because that is what we read and heard everywhere: a translation of *Finnegans Wake* is impossible. But we were no strangers to a touch of that old 'well-we'll-see-about-that-ism' and we just dove in. Heads first, after the tentative toe tipping in uncharted waters.

Can you talk about the translation project since its inception (when it started, how long it took, was there financial and editorial assistance, its visual design, how many volumes, were the volumes published in instalments, the prioritized points etc.)?

So then we started to translate the book for real, somewhere around 1995, without funding or contract. Madness! But we set to work and gradually ploughed our way through the jumble, armed with our trusty machetes: dictionaries from all the world languages, the Bible, Huckleberry Finn, Shakespeare, secondary literature about the *Wake* (McHugh, Atherton, Tindall, Campbell & Robinsoup (as we always affectionately called them), the *Wake* Newslitter, Joyce's letters and other works, the Garland Edition of manu- and typoscripts, Hayman's *First Draft Version*, and many more). All together it took us about seven years. In the end we even managed to find some funding, from the Amsterdamse Fonds voor de Kunst and the Bert Schierbeekfonds (a subdivision of the Dutch Literary Fund, for special projects for people who are deemed not experienced enough, in other words rookies, bunglers, moonlighters, like ourselves at the time). At first it was also hard to find a publisher. The Joyce-publisher in the Netherlands, de Bezige Bij said 'alright, lads, we'll do it, come back when you're done,' which of course wasn't any good (no contract, no advance, no possibility to apply for funding, a vicious cycle). Through author Toon Tellegen, a great Joyce-fan (he donated

us half of his Joyce-library, because he was 'done with it'), we got in touch with his publisher, Athenaeum, Polak & Van Genneep. That really set the ball rolling, and our translation appeared with them in april 2002, just after RJ's 40th and just before my 40th birthdays. It appeared in the so called 'Gouden Reeks', in one volume, hard back, with a book marker, in a slipcase, with the famous Joyce-portraits by Augustus John and Césaire Abin on the cover, as stipulated by the Grandson, Mr Stephen Joyce, who also prohibited us from calling this book 'a translation'. Because translating *Finnegans Wake* was not possible, how many times do we have to repeat it, 'godverdomme'! (The Dutch word that the Grandson mastered incredibly quickly.) And, yes, it was mighty impossible, but there it was, there you had it, right in front of you, in a beautiful slipcase, with bookmark (Ha!) We came up with the term 'vernederlandsing,' 'Dutchification, with a slight hint of humiliation ('vernederling').

We provided each other's editorial assistance and critical support. In the beginning two Flemish Joyceans, Liesbeth van Gool and Jan Asaert, read along. As soon as we had finished a chapter we sent it to them and we got a lot of useful commentaries and insights back from them. In a very late stage the eminent poet and Beckett-translator Anneke Brassinga read the translation on behalf of the publisher and provided us with some useful and friendly editorial suggestions. We published excerpts of the translation in our own magazine *Platform* and we wrote about some of the translation problems in the Joycean publication the *Gnanteurp Gazette*, edited by Geert Lernhout. We also discussed them in broadcasts for VPRO-radio. Afterwards a separate edition came out of the *Anna Livia*-chapter, at the Rainbow publishing house. In the so called Slapeloze Nacht ('Sleepless Night') from January 17 to January 18, 2004, the entire translation was read in concert hall Vredenburg in Utrecht, by scores of actors, poets, philosophers, singers and other volunteers, with ourselves present to deliver First Aid.

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

Yes, the original text is there, as requested by Stephen Joyce. It was called 'bilingual,' but that was of course a joke – it should have been 'multibilingual' or something oxymoronic like that. The second edition, that appeared in 2020, was without the original text (and differed from the first edition in roughly 6000 places). We didn't annotate the translation, we only added a list of so called 'transmissional

departures,' places where the text went demonstrably awry, which we could 'correct' in the translation (but not, mind you and Stephen forbid, in the original text). In 2005 we published our *Finnegancyclopedie*, als a colossal clubfootnote to our translation, also with Athenaeum, Polak & Van Genneep, where we discussed the Wake and our translation process from A to Z.

The translation, which is complete, was shared with Robbert-Jan Henkes. Which chapters were translated by you and which were done by Henkes? Have you tried to standardize translation processes?

To create first versions I think we divided the bigger chapters amongst us. Of part I and II I did the uneven chapters and RJ the even ones, in the very beginning, if I remember this correctly, your honour. But it doesn't really matter: we went over the entire text so many times, alone and together, that it is impossible now to decide who did what. As for standardization: we only had 1 rule – if one of us was attached to something, we left it in. Without debate or arguments please. And after that: when in doubt, choose the best solution.

Regarding the meeting of *Wake*'s languages with the Dutch language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

See the list of methods, passim.

Why did you choose to keep the original title? What do you think about the translators who translate it?

We didn't. We translated it, as you should. Being a translator it comes with the territory. Why would you leave it alone? (*Ulysses* we translated as *Ulixes*, and *Dubliners* as *Dublinezen*.) 'Wake' is a perfect Dutch word, with just as many multiple meanings as the original, just pronounced a little differently (two syllables, the first one with a long a-sound and a cut off –uh sound in the end: Waa-kuh). And 'Finnegans' would be 'Finnegans' in Dutch also, with all the connections and connotations (and maybe even more).

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

Of course we did and do: translating *Finnegans Wake* means you have to devour as many relevant texts as you can, including other attempts of translating it. You can only profit from that, if only to learn what you don't want. For example we didn't want to retell and summarize it, with some obligatory wordplay here and there, as a very local little rain shower, like the French translator Philippe Lavergne did (more or less admitting that the book is untranslatable), but we also didn't want to stuff each and every word with as much puns as we could think of, without any connection to the overall text, like the German translator Stündel did (making the book a kind of übertranslatable, see method 28).

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

Our main aim, the most important criterion for us was that it should be a translation, not an explanation. The reading experience should be reduplicated, as in English, so in Dutch. Our aim was very practical: we wanted to get across the meaning of the words, the intentions of the text, in as far as possible the same convoluted, multilayered, multiplurilingual, ungrammatical, multitranscultural, musical, dreamlike, nonsensical way of the original. The translation as a version, as a performance. This stratagem of ours worked: one reviewer complained that instead of one incomprehensible *Wake*, we now had two. Mission accomplished.

For possible answers to the next series of questions, see above and the list of methods, passim:

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

To quote Pokémon: you gotta catch 'em all! At least you give it a try – of course we missed some, or a lot, but that is part of the beauty of the book: people keep finding new references every day. Practically speaking, we had to disassemble every *portmanteau*, or sniff out the English parts and then put it back together, with as many Dutch parts we could find, all the while keeping an eye open for the other languages we could use (including English).

How to work with plurilingualism?

By working with plurilingualism as well.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

When something was ‘ungrammatical,’ it usually was a sign that something had gone wrong during the transmission from one stage of the text to another. If we found out what happened, we ‘corrected’ it in the translation. If not, we assumed that it had been done on purpose, and then we had to honour the ungrammaticality in Dutch. I didn’t know what asemic writing was, until I looked it up, but I don’t think it applies to the *Wake*. It is no *écriture automatique*, nor is it a random splashing of word signs on the page: Joyce would not have needed seventeen years to do that.

How to work with multiculturalism?

Have you worked with transculturation? If yes, at what level? Can you bring examples?

What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*? I don’t know exactly what you mean by this. Is it answered under methods 2, 8, 9? Or has it to do with cultural appropriation? We’re all in favour of that, as long as no one gets hurt.

How to translate the music encapsulated in the words of the book?

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

Be as faithful to the text as you can, while realizing that a translation is always ‘in the spirit,’ never ‘literal’ or ‘one on one’. Possibly like no other book in world literature, the *Wake* forces the translator to take unheard liberties, very much in the spirit of the ancient maxim: Poetry is what is won in translation! And as I already said: the music, the rhythm was our starting point.

What were the translation methods and research instruments you used?

There you go (for the research instruments, see above, under Machetes):

1. the approximative method. This is a kind of encompassing method. Most solutions in whatever method turn out to be approximations. As long as you remain aware of this

and keep in control there is nothing wrong with it. We made from 'teargarten' of FW 75.01 'deergaarde': not a complete switch of the linguistic components and neither a full preservation of all Joycean meanings and connotations. But it has its own charm and pertinence and that is why we kept it.

2. the give-and-go method. A simple exchange of the linguistic components of a word, like changing the German-English 'tiergarten' into the English-German 'teargarten'. Or doing exactly the same linguistic juggling as Joyce does. For instance in 'raindrips' (FW 74.17) he makes a new verb out of 'raindrops'. The Dutch give-and-go equivalent would be 'regendruppelt' or 'regendropt', taking 'regendruppels' (raindrops) as starting point. If it works it is fine. If it doesn't work, there are 28 other methods left.

3. the combinatory method. A combination of one or more methods. For instance if we would make 'teergaarde' from 'teargarten (FW 75.01), with Danish 'taar' for 'tear', but also the English 'tear' hidden and the tea from the Lyons tea-shops, it would be a combination of the approximative method (1) and the give-and-go method (2). Sometimes it provides overfull words, and then it gradually morphs into the burying method (4).

4. the burying method. This happens when you want to stuff too many meanings and connotations into the translation. Thereby you bury the original idea. Not a good method, but still legitimate, for instance when there is an anachronism or too obvious Dutchism to be hidden (see 18, the anachronistic method and 19, the equivalent or geographical method).

5. the dictionary method. A useful method, provided that it is used with caution and restraint: look it up in the dictionary. We found that many words we thought were Joyce's own inventions, really exist. Unfortunately dictionaries don't say in which meaning Joyce employs the word. And then most *Wake* words are compounds. Desideratum: a *Wakese-Plain Words/Plain Words-Wakese Dictionary*.

6. the etymological method. For instance making 'ninufar' from 'nenuphar' (FW 75.01), because it is originally a Persian word. In Sanskrit it is nilufar, with 'nila' for

‘blue’ and maybe related to the Nile too. Joyce knew Skeat’s etymological dictionary by heart. This method can be applied when you feel you can’t leave the word entirely unchanged.

7. the accounting method. When you take into account the knowledge the reader can obtain from Roland McHugh’s *Annotations to Finnegans Wake*. For instance if we would have left ‘nenuphar’ as ‘nenuphar’, counting on the reader’s knowledge that it means ‘water lily, lotus’ and derives from the Sanskrit nil: blue, as McHugh notes. On page 3, we left ‘commodius vicus’ as ‘commodius vicus’, thereby taking into account that the Dutch reader could still see the English ‘commodious’ and know what it was. We saw the Latin ‘commodius vicus’ as basic notion, to be left best undisturbed.

8. the English as a foreign language method. Translators from the English cannot use English words in their translation. But, this being *Finnegans Wake*, exceptions are the rule. We did use English, albeit sparingly, the same way Joyce used Swedish, Polish or Dutch. And we left some English in (for example commodious in ‘commodius’ on FW 3.02).

9. the English as reversed object language method. Meant for us translating Joyce’s mangled Dutch into mangled English. Doesn’t always work and can’t be used methodologically (see the case of ‘Wacht even’). On FW 75.09, ‘we moest ons hasten selves te declareer it’ became ‘we must hurry uszelven het toe declareren’.

10. the conservative method. To keep conservatively close to the original English sound, especially when the Wakean word is of foreign origin. For instance FW 75.02 ‘baregams’, deriving from Armenian ‘paregam’ (friend) but with immediate and toplayered connotation of naked legs (jambes). Dutch ‘barregamben’ does the trick: it remains close to ‘paregam’ and to ‘baregams’, while still being understandable as ‘naked legs’ in Dutch eyes and ears (see also 23, the one-to-one method).

11. the accretive method. From ‘Marmeniere’ (FW 75.03) we made ‘Marmentiere’, with the added t for an extra Dutch sound, alluding at the same time to poverty (armetierig), a famous Dutch airplane pilot of the Uiver (Koene Dirk Parmentier) and a

well-known Flemish literary magazine (Parmentier). Because of the extra Lowland allusions, this method is closely related to 19, the equivalent, or geographical method.

12. the compensatory method. The added 't' in 'Marmentiere' had another advantage: it compensated for the loss of *Tiere*, animals, in our translation of 'teargarten' in line 1 of the same page. This is a method we applied very often, but care should be taken that the compensation is in the immediate neighbourhood, that it remains meaningful in the context and that it doesn't obscure the original word too much.

13. the box on the ears method. After many a sleepless night, we translated the Dutch 'Wacht even!' (FW 76.23) with an authentic Wakean phrase, 'Bussave a sec', from FW 17.17. In this way we could employ Joyce as a helper, while at the same time boxing him on the ears, doing unto him what he does unto us. To translate the *Wake* with the *Wake* doesn't help the reader overmuch, but here it was the only right method.

14. the turn the other cheek method. And then, turning the other cheek, we went back to 'bussave a sec' and translated it with a distortion of the literal English translation of 'Wacht even', 'weet een minuut'.

15. the wrong, or idiotomatic method. In all books in world literature it would be a terrible mistake to translate idioms and proverbs literally, but in *Finnegans Wake* you can get away with translating 'forty winks' not as a little nap, but literally as forty blinks of an eye. In that case you take the English expression into account (see also method 7), plus you have included the English expression also figuratively by translating it literally.

16. the method of the bones. When you see the bones stick out. This makes the translation better understandable than the original. And that is not such a bad thing now and then. For instance, the obscure sentence on FW 76.18-20, 'as a forescut, so you maateskippey might to you cuttinrunner on a neuw pack of klerds' we managed to understand as referring to the story of Kersse the tailor and the Norwegian Captain further on in the book. And we opened up our insights in the translation, making it

clearer to the Dutch reader what the sentence alludes to than it is in English to an English-speaking reader.

17. the associative transsonance, and/or transsociative assonance. A method Joyce applies as well, when he transliterates the sounds of foreign words into English words. He does it mainly with French and Irish. On FW 16.04-05 Jute asks Mutt: 'Come on, fool porterfull, hosiered women blown monk sewer?' which is an transsociative assonance of the French 'Comment vous portez-vous aujourd'hui, mon blond monsieur?' The great advantage of this method is, that all apparent and hidden meanings of the original sentence remain standing, because the original sentence is still there, although pushed to the background. The disadvantage is that the translation more often than not means something completely different than is meant. The first word, 'rivierein' for 'riverrun' has also something of a transsociative assonance in it.

18. the anachronistic method. The *Wake* was finally published on the 4th of May 1939. Does that mean there should be no allusions in the translation to later events? In fact, yes. No John F. Kennedy, no Polish reunion with the old Yurp (EU). We only used later events, songs for instance of a later date, if you wouldn't notice it anyhow. But we did allow ourselves one glaring anachronism per chapter. In the first chapter we translated 'peacewave' as if it was 'peace process' (FW 23.13).

19. the equivalent, or geographical method. A history of Germany translated into French is not supposed to become a history of France. *Finnegans Wake* is firmly Irish and set in the Dublin suburb Chapelizod. But at the same time it is *Finnegans Wake*, and the whole world and the entire world history are in it. We felt that, in order to make more bells jingle in the Dutch readers' ears, we had to resort now and then to typical Dutch events, well-known facts and especially to nursery rhymes, taking care that it wouldn't seem as if the story was set in the Low Countries. So hiding the typical Dutch allusions was important. Joyce himself, when he offered help to Louis Gillet, who was writing an article about *Work in Progress* and at the same time translating some sentences into French, changed the words of Cardinal Newman, 'lead, kindly light' (in FW 'lead, kindly fowl', as it deals with the Hen finding the Letter), into words of a French apostate, Ernest Renan (see Letters I, 305, 15 July 1931). We felt obliged to look for a Dutch writer-apostate and we found him in one of the best Dutch poets, Herman Gorter,

who was converted from estheticism to socialism. Likewise, we now and then could change Howth Castle into Hoofts Kasteel, or the Castle of the Dutch historian and poet P.C. Hooft, the Castle of Muiden, the seventeenth century focus of literature in the Low Countries. Hoofd = head in Dutch, making the resemblance even closer.

20. the anagrammatic method. If a word you need doesn't fit, you can sometimes try to smuggle the word in by mixing the letters. We absolutely needed the name Shaw and the word 'struikgewas' (shrubbery) on FW 41.08. Hence 'struikgewash'. By no means an ideal solution, but none of these methods are. They also could be named 29 makeshifts.

21. the genetic method. Once we decided that we weren't going to translate typographical errors, we could make things a lot clearer than they were in the English published text. We could translate the otherwise incomprehensible 'scareyss' on FW 292.24 with a Dutch equivalent of 'soareyss', as Joyce intended it (referring to 'a sight for sore eyes' and 'soaring'). On FW 394.07 the lonely adjective 'svvollovving' we translated as if the accompanying noun 'stickers' and with it the allusion to the Swedish matches, Swallow Tandstickor, hadn't been sadly lost in the galley proofs. This way we managed to clear a fair amount of textual problems. We listed the 2231 'variants' (emendabilia) and their sources in the facsimile *James Joyce Archives*, in an appendix to our translation.

22. the leave it be method. The foreign words which Joyce puts in italics we left them (unlike Stündel, see method 28). Other foreign words with no obvious English component in them, we always first tried to recreate into something else, because we can never be sure there is no English in it: it is basically an English book. (Compare for instance the Dutch 'Wacht even!' on FW 76.23). On FW 55.28, we translated 'blomsterbohm' as 'blomsterbohm', which is exactly as non-Dutch as it is non-English. Rejected variants included, however: blomsterboom, boomvolblomsters, blomsterbau, blotzerbaum, woutereus etcetera. So really, apart from the words in italics, we translated everything.

23. the one-to-one method. Many *Wake* words are of their own accord already more or less multilingual: 'his patriarchal shamana' (FW 75.14) will probably remain the same

in all languages. Moreover, English and Dutch are not so far apart. In Chaucer's time the two languages were still mere dialects of each other. An English 'wake' is in Dutch a 'wake' as well. And 'baregams' on FW 75.02 contains 'bare' = naked, while Dutch 'bar' means the same in old compound words like 'barrevoets' = with bare feet (see also 10, the conservative method).

24. the double-plus method. In very rare cases we decided to join our suggestions. The *Wake* is rich enough to accomodate some extra's which are strictly speaking not in the text. On FW 621.35-36, we also put in Laurence Sterne's *Sentimental Journey*, where Joyce mentions only mentions *Tristram Shandy*. 'Or the birds start their tristern shindy.' 'Of de vogeltjes hun triestern shantie beginnen met zangtimentale krijs.'

25. the personal method. When there are strong personal or sentimental reasons to let a certain translation prevail, although it might not be the most accurate. The 'prankquean' we translated all in the beginning tentatively as 'loersloerie' and although maybe a later thought, 'poetskween', would be better, being closer to the English, we decided to keep 'loersloerie'. There were already readers attached and even devoted to it, so it was past repair.

26. the heads or tails method. When we really really couldn't choose between possible translations, we had to resort to chance. We could by now fill four *Finnegans Wakes* with the remains, the words left on the cutting room floor.

27. the spelling checker method. Is a method we didn't use. But if you need a variant of a word and you can't find a nice word which looks and sounds like it, it may be useful. The spelling checker usually gives completely idiotic suggestions. *Finnegans Wake* contains 234.567 words, of which 57.868 occur only once, surely a world record. Of these, 51.098 the spelling checker labeled 'suspect', which also must be a world record.

28. the Stündel method. The German translator Dieter Stündel made German of each and every word, also the Latin and French passages. Moreover, he stuffed his words with puns, even when there were no puns in English. Very rarely we translated non-

English words, and very rarely too we couldn't resist the temptation to pun where Joyce kept his English uncontaminated. But only if there were very good logopoetic reasons.

29. the let others do the work method. Joyce is a great recycler. Nothing gets thrown away. There are many echos and mangled citations of *Dubliners*, *A Portrait* and *Ulysses*. The Bible, *Hamlet* and *Huckleberry Finn* also crop up many times. Sometimes it turned out we could use the existing translations of these works. Worth a try.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

Non-existent. Translation is a practical, hands on activity. And *Finnegans Wake* is *par excellence* a book that flies by all nets of theory.

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

No, see above.

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

Keeping the attention for the book alive. The discovery of possible new sources. Research into the genesis of the text.

Do you think the *Wake*'s translator can be considered a co-author of the book? Why?

No. We're just humble and simple translators. It is already a miracle that we can put something next to it.

Do you have a favourite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

No, I love it all, but I do have fond memories of the Shem the Penman-chapter, the most unashamed, hilarious and at the same time tragic and merciless portrait of an artist that I know. 'Shem is zo sjofel voor Shemus als Jem jockig is voor Jacob...'

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

I don't know exactly what you mean by 'the general public,' but the quite costly first edition of 4500 copies sold out, if that is a criterion. The reviewers were baffled in general, but some were also very supportive and enthusiastic, like the ones from our friends in Belgium Dirk van Hulle and Geert Lernout, and from our fellow translator and poet Hafid Bouazza in the Netherlands. With a few notable exceptions (the Translation Studies in Utrecht for example), the Academy is mostly a snoring facility, as far as Joycean matters are concerned in the Netherlands. But we participated in a couple of wonderful Bloomsday-events (e.g in Vlissingen, in 2005, organized by my friend's father, the late great Leen Stout.)

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce's work (Bloomsday, incentives etc.) in your country?

See above.

Do you know translations of the *Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

See above.

As a visual artist, what do you think about intersemiotic translations of *Finnegans Wake*, such as the visual translation created by the Brazilian Sergio Medeiros? Do you know it?

I don't know Sergio Medeiros' work, but I say the more the merrier. Everything can shed some new light on the dark corners of this book.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

See above.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*, perhaps a visual translation?

Not yet, I used some of the lines of the *Wake* for my Men of Minsk-series.

What is the function of repetition in *Wake* and how should the translator work with it?

See above. All echoes should be honoured, however deeply they are buried.

APÊNDICE 1.1.1.6 – Patrick O'Neill (Irlanda/Canadá)

Patrick O'Neill, specialist in the Wakean macrotext



QUEEN'S UNIVERSITY. **Patrick O'Neill**. Available at: <https://www.queensu.ca/llcu/people-search/patrick-o%27neill>. Accessed: 17 October 2024.

Irishman Patrick O'Neill is professor emeritus in the Department of Languages, Literatures and Cultures at Queen's University in Canada. He is the author of numerous studies on narratology, German and English literatures, comparative literature and translation studies.¹⁴²

In an interview conducted by email in 2024, he talks about the various books he has written focusing on studies of the translation of *Finnegans Wake*. He also comments on the practical ineffectiveness of translation theories for the translation of this work. Furthermore, he highlights the macrotextual character of the *Wake* as a text in constant growth through translation.

Dear Patrick O'Neill, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university, etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

I was born and grew up in Ireland, in rural County Wicklow, some miles south of Dublin. I was educated locally and at University College Dublin (UCD), Joyce's own

¹⁴² Information on the website: <https://www.queensu.ca/llcu/people-search/patrick-o%27neill>. Accessed: 29 Jan. 2025.

university. As a boy already I was fascinated by languages. Irish was an obligatory language at all school levels, and I was intrigued by it from the beginning. As an altar boy I acquired a certain familiarity with initially rote-learned Latin, which was still the liturgical language in the early sixties. I flirted with various languages (French, Spanish, Italian, Greek) in those early years, before accidentally discovering at the age of fifteen a magazine in another foreign language and deciding to teach myself that language, whatever it might be. It happened to be German, which I did teach myself initially, then studied at UCD, earning both a BA and an MA in Ireland and later, once again more or less by accident, a PhD at Queen's University in Canada. Thus began a forty-year Canadian career as a Germanist, though always preserving a continuing interest in Irish literature, including of course Joyce.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

I read *Dubliners* and *Portrait* as a schoolboy and *Ulysses* in 1963, in my first year at university. I don't think I can speak of any particular "epiphany," other than that UCD was of course where Joyce himself had been a student of French and Italian. I chose to study German and Spanish instead, with occasional courses in Swedish and Russian as well as Latin and Irish.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to study deeply this work in progress?

I'm no longer sure when I first encountered the *Wake*, but I was certainly fascinated from the beginning by its extraordinary use of language and languages – and also, of course, by its totally irreverent use of humour. Realizing that coming to any sort of grips with it at any level would be a very long-term undertaking, I set it largely aside for several decades, returning to it in a serious way only in the early nineties – and in the context specifically of how such a notoriously untranslatable work could ever be translated, and how the various translations might be compared. This led to the notion of a "macrotextual" *Wake*, theoretically consisting of the original text and, in principle, *all* its translations. In practise, of course, any investigator is limited to those languages of which he or she possesses some degree of understanding.

Some of *Finnegans Wake* translators are not “professional translators” or literature researchers. To what do you attribute this phenomenon?

Largely that the *Wake*, from its first line to its last, is an intriguing linguistic puzzle that urgently demands to be solved – and challenges any would-be translator to respond to that demand.

Otherwise, there are also several academic works (dissertations and theses) that study the translation of *Finnegans Wake*, including some that are accompanied by translations. Why doesn't the academy let go of Joyce and, especially, the *Wake*?

Joyce is undoubtedly the most important and most influential writer of the twentieth century. The *Wake* is equally undoubtedly one of the most challenging works of any century and (surely) in any language.

Do you notice a different attitude between academic and non-academic translators?

No, I can't say I have ever noticed this as far as the actual resulting translation is concerned. Academic introductions such as García Tortosa's 150-page introduction to his rendering of *Anna Livia Plurabelle* certainly provides readers with a much deeper understanding of the translational issues potentially involved.

What do you think (gains and losses) of collective translations, like *Finnegans Rivolta*? Can multiple translation procedures fit into the same project?

One obvious gain is clearly that a dozen or so translators are very much more likely than a single translator to complete the enormous task in something like a reasonable number of years. Luigi Schenoni's heroic Italian rendering of the *Wake* occupied him for more than thirty years before his untimely death – by which point the translation was still two chapters short of completion. Multiple translation procedures, meanwhile, produce two separate though interestingly related results: on the one hand there is the entire *Wake* in a new language, multiply translated as a collective endeavour; on the other hand there are the individual renderings of individual parts of the whole, comparable to renderings of the same parts by other translators.

What type of translation do you like best? For what reason? Can you cite a specific translation?

Personally, my interests tend to be primarily philological. I am therefore most impressed by renderings that attempt to stay as close as possible to the original text linguistically or, where this is not possible, devise solutions that reflect, however obliquely, the particular style of the translated passage – which may of course consist of just a few words or of multiple pages. Translations of *Anna Livia Plurabelle* that have tended to appeal to me most in this sense are, for example, those of André du Bouchet in French and Orlando Mezzabotta in Italian.

And what translation style do you disapprove of? For what reason?

The most obvious example here is certainly Dieter Stündel's would-be German rendering of the *Wake*, in which he employs a variety of entirely arbitrary would-be complexifying effects, resulting in a version that is nothing short of embarrassing to read. Pozanco's Spanish approximation errs in the opposite direction by a consistent program of over-simplification. Lavergne's version also falls into the latter trap on multiple occasions, but was, of course, produced more than a decade earlier than either Stündel or Pozanco.

Still in this context, what are the points that a translator of *Finnegans Wake* cannot miss? What is the translator's freedom in this work and what sins can the translator not commit?

I think my previous two answers pretty much answer this question ...

Can the *Wake's* translator be considered a co-author of the book? Why?

There is an obvious sense in which any translator of a literary text may to some extent be considered as a co-author: the words on the translated page are those of the translator, after all. In the case of the essentially untranslatable *Finnegans Wake* the status of the translator as co-author is all the clearer.

What do you think of translation procedures that propose the semantic or grammatical domestication of the book?

In the case of the *Wake* these procedures tend to produce renderings of what translators believe Joyce *really* meant to say – as if any line in *Finnegans Wake* could be reduced to a single meaning. Lavergne's French *Wake* and Pozanco's Spanish *Wake*, as already mentioned, suffer from this attitude.

Do you approve of transcultural translation procedures like Schüler's?

In the case of Schüler's translation in particular these procedures frequently produce versions that very much enhance the humour – and the macrotextual reach – of the work.

How should the translator work with the elements below?

Multilingualism

Multiculturalism

Orality

Puns

Portmanteau

Dreamlike nebulosity of writing

Repetition

Referential simultaneity

Musicality

Etc.

The answers to these questions are of course in each case very much up to the individual translator. The fact that the results can and do differ to an extraordinary extent is one more testament to the ultimate inexhaustibility of the *Wake*.

You have an interesting article (*Translators, Titles, Texts: Reading the First Two Words of Finnegans Wake*), which analyses titles of the *Wake* translations. What do you think of translation procedures that maintain the original title and of those who decide to translate it? What would you say about *Finnegans Ressuschestam*, the title I gave to my translation?

Translations that retain the title *Finnegans Wake*, in failing to translate even the first two words of the text, graphically foreground the point that the text is indeed untranslatable. Those that translate the title have to face the inevitable loss of certain original meanings, while simultaneously contributing new meanings of greater or lesser

overall relevance and resonance. For the moment, I am keeping an open mind on *Finnegans Ressusichistam* ...

Is the critical epitext, of which you are one of the most notable representatives, a form of translation of the *Wake*? In a way, does all this production have a narrative function and is incorporated into the poetics of the work?

The answer in both cases, I believe, is yes. I came to this conclusion, though not specifically in the context of the *Wake*, some years ago already in my earlier book *Fictions of Discourse: Reading Narrative Theory* (1994).

In these terms, what are the gains and losses of an annotated/commented translation, such as the translations by Schüller, Schenoni and Terrinoni, Andrey Rene, JD Victoria, and others?

The gains, clearly, are that such comments and annotations may in many cases help to bring the reader closer to a greater understanding of Joyce's text, both in the original and in the relevant translation. The losses, equally clearly, are that in some cases the comments and annotations may be largely or even entirely misleading. This is true of many of the comments in Lavergne's French rendering of 1982, for example. More recent annotators, of course, will have the benefit of forty years or so of subsequent Joycean research. It has variously been observed that first-time readers are well advised simply to ignore annotations, turning to them only during later readings. Few first-time readers are of course likely to take this advice seriously ...

O tell me all about *Polyglot Joyce: Fictions of Translation*; *Impossible Joyce: Finnegans Wakes*; *Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations*; *Finnegans Wakes: Tales of Translation*.

You'll die when hear. The series is in one sense just a testament to my lack of imagination. For having started, I just kept on going along much the same lines for the next thirty years or so. *Polyglot Joyce* was not limited to *Finnegans Wake*, which quickly took over the whole show, as in both *Impossible Joyce* and *Finnegans Wakes*. Anna Livia in turn stole the show with *Trilingual Joyce* – and, I should add, with a fifth volume, *Anna Livia Plurilingual: Exploring a Joycean Macrotext*, currently forthcoming probably in 2025.

Has your way of seeing *Finnegans Wake* and translation changed between one of your works and another?

No, I don't think I could say that – other than that I hope the procedure has gradually become rather more sophisticated.

How do you see the history of translations of the *Wake*? Can you draw a timeline of moments and translation procedures?

I tried to do this at some length in *Finnegans Wakes: Tales of Translation*, so I won't repeat myself here.

Is there any language that more adequately accommodates the original text of *Finnegans Wake* in a translation? For what reasons?

Several translators have made the claim, ironically or otherwise, that their own particular language would have afforded Joyce much greater scope than mere English had he been able to employ it in carrying out the *Finnegans Wake* project. Languages specifically suggested include both Polish and Japanese.

Do you believe that this translational rhizome, which indefinitely expands the work, is an inherent assumption in the original structure of the book? How do you analyze this incessant movement/growth or, as you say, the “expanding universe of *Finnegans Wake*”?

I do indeed believe that the concept of the macrotext, the expanding universe, is, as you say, an inherent assumption in the literary DNA of *Finnegans Wake*.

I had the opportunity to interview some translators of *Finnegans Wake* and almost all of them are not attached to translation theories as translation support for this work. To what do you attribute this?

To the fact that *Finnegans Wake* transcends and exceeds any theory of translation?

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

My work on *Finnegans Wake* over the past thirty years has cured me of any further involvement with translation theory.

Could any translation theory (or any theory) be applicable to the *Wake*?

See above.

What do you have to say about the idea of *Finnegans Wake* as an untranslatable book?

As has already been observed many times by many others, *Finnegans Wake* is of course entirely untranslatable – but at the same time absolutely demands to be translated (and continually retranslated).

Do you have any new projects involving *Finnegans Wake*? (and I say yes please yes you will yes).

Thank you for the implied vote of confidence. But by the time *Anna Livia Plurilingual* appears I think I may well have said just about everything I ever had to say on the matter. And after all, does the world, even the world of *Finnegans Wake* enthusiasts, need yet another macrotextual analysis? Still, it could be fun ...

And, if one day I publish my translation *Finnegans Ressuschestam* in a book, I would feel honored if I could count on one of your texts in the edition.

I would be happy to contribute, as long as you can explain your title to me first...

APÊNDICE 1.1.1.7 – Ágota Bozai (Hungria)

Ágota Bozai, Hungarian translator



BOZAI, Ágota. **Translator's own Facebook profile.** Available at: <https://www.facebook.com/agota.bozai>. Accessed: 17 October 2024.

Hungarian Ágota Bozai is a writer and translator. She holds a Master's Degree in Philology from the University of Kolozsvár (Klausenburg/Cluj) and a Doctorate in English Literature from ELTE (Eötvös Loránd University) in Budapest, where she teaches creative writing. She has written and translated several works, including *Finnegans Wake*, a complete translation project she began in 2008.

In an interview conducted by email in 2024, Bozai approaches translation as a process more linked to art than theory and points out the effects of the original that she seeks to replicate in her translation.

Ágota Bozai, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university etc.) and about your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most etc.)?

It's a long story. Briefly my mother came to Hungary with my grandma from Transylvania in Spring 1956. They never really fit in, as people here always thought them strangers although Hungarian was their mother tongue. Consequently I also had problems with classmates as a child. Moreover my father's family was of Jewish origin. The kind. I was a high school student in 1982 when the Soviet party leader Breznev died and I was not too sad to announce it in the school radio. There was a police case, consequently I was banned from all universities of Hungary. So with a little detour I ended up in Transylvania, at the University of Kolozsvár (Klausenburg / Cluj) to study English and Hungarian language and literature. It was a multicultural environment with Greek, Arab, Iranian students. I had to learn Romanian and I learnt Farsi. Of course I read a lot.

My first favorite readings include Kalevala and Gilgames and novels of Sinclair Lewis and G.G. Márquez whatever I could find on my Mom's Bookshelf. My first aha experience came from a then banned book *The Satanic Verses* by Salman Rushdie. A West-German medical student friend of mine brought it to me in 1988, in the year of publishing. Magis realism is among the favorites ever since. By the grace of faith I translated the first Hungarian edition of *The SV*.

I graduated in 1989 and started working for the Hungarian Red Cross as a foreign affairs clerk. I married an Iranian fellow in 1990 and for a short period I lived in Iran. After returning home I was an English teacher at the local high school and a freelance journalist. I wrote my first novel, *Tranzit glória* in 1999. (It was published in English by Counterpoint, NY *To Err is Divine*, translated by David Kramer.)

My Hungarian publisher liked my style and gave me translation assignments. I've been a translator ever since.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

In 2004 due to tax optimization reasons I enrolled to reasons I enrolled to PhD studies at ELTE, the most prestigious university of Budapest, where at professor Sarbu's class I met Joyce the second time. (The first time in Kolozsvár we had to

discuss *Ulysses* in Romanian, which took too much of my energy to enjoy the original.) Professor Sarbu discussed *Finnegans Wake*, too, read *A way, a lone, a last a loved a long* etc. and said it was impossible to translate it in literary quality. By the next seminar I came up with a solution.

For the next semester I enrolled to professor Takacs's seminar of FW. He encouraged me to continue translation.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

My first contact with the *Wake* was a side comment at professor Sarbu's *Ulysses* seminar. The reason's for translating it? I think the same as Edmund Hillary's reason to climb Mount Everest: "Because it's there."

Can you talk about the translation project since its inception (when it started, how long it took, was there financial and editorial assistance, its visual design, the translation is complete, how many volumes, publication date, the prioritized points, etc.)?

The translation project started in 2008 and it is a work in progress. The first part is ready. I've got no financial assistance for the project, I steal time from my paying assignments to do it. It will be self-published on the Internet, because I don't think there would be demand for a printed version. I published some parts of the text at

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100066460753688>

As for publication date? In 5 years' time I'll be a pensioner and I don't have to translate for a living. Then I may finish translating FW.

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

Yes, I plan to have it accompanied by the original text. I plan no annotations to the translation. I think it that would take the reader's attention from the content and the musicality of the text itself.

Regarding the meeting of *Wake*'s languages with the Hungarian language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

Hungarian isn't an Indo-European language, but we have a lot of loan words from the languages Joyce uses in FW, especially from Latin, German and French. The educated audience know these words. I don't recall any such problems in translation. Moreover I wondered how e.g. *dorauma* came so naturally in Hungarian, too, that I could leave it just like that.

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

No, I did not study this aspect. Basically I am a writer, not a scholar. I am too distracted by composing texts to analyse them.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

My main focus is to create a functionally equivalent FW text in Hungarian that is intelligible and musical enough for the reader to enjoy.

What is the function of repetition in *Wake* and how should the translator work with it?

The translator has a hard time with repetitions in FW because they must be considered in a proper way as to the intent of the author.

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

Well, the challenge is to find the proper equivalent. Actually I cannot explain this. It is art, actually and I disrupt the creative process if I make autopsy of the individual phrases.

How to work with plurilingualism?

If I am lucky, then the elements of FW plurilingual term are known in Hungarian, too. Should the case be different I have hard time. I either change lesser known elements to ones more widely known or the effect is lost in translation. (Which is rarely the case, I hope.)

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

Accordingly. Considering that it is a dreamlike text, I try to twist intelligible words with blurred consonants (voiced to unvoiced, etc.) or use double Dutch texts (a literary tradition here).

How to work with multiculturalism?

Luckily multiculturalism is not an alien phenomenon to Hungarians having been exposed to Latin, German, Jewish, Slavic influences. Trieste actually was part of the Austro-Hungarian Empire. So with luck multiculturalism in the *Wake* is familiar to Hungarian readers.

How to translate the music encapsulated in the words of the book?

It is art. Explaining is ruining inspiration.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

The translator has linguistic tools for this. E.g. intentionally blurred words, gibberish phrases, repetitions, versions of sentences, strange combination of words, etc.

What were the translation methods and research instruments you used?

I might not be a proper example for using translation methods. After having completed my 3 years PhD training in English Literature for further tax optimizing reasons I enrolled to another PhD training in translation studies. I learnt about translation methods. I learnt about research instruments. I took my exams, I got my good grades. But I cannot consciously use them. I either think about translation methods or translate. In my case theory kills practice at least on conscious level. I quit the program in the second year because I felt it harmful for my translation skills and inspiration. Let theorist examine translated texts, that's not for me.

How do you evaluate the results you achieved?

Literary translation is art. I don't think there is result to achieve. During the past 25 years I've translated nearly 400 English books to Hungarian. Translation is not

‘work’ for me, because I enjoy it. So is there a result in something one enjoys? Well, the joys it brings.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

As above. FW is a text where the translator must freely shift between functional any dynamic equivalence, impliciting and expliciting, etc., so I think I would be in trouble to stick to one single method. The text itself is not homogenous, and the translation must follow suit.

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

All of them. Dynamically. Here a theory, there a theory applied. Like the quantum state of particles within an atom. You know they exist, but you don’t know which is where exactly. (Sorry.)

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

Well, my translation is not published yet. The parts I published in magazines were really well received, but I really don’t care about critics.

Do you think the *Wake*’s translator can be considered a co-author of the book? Why?

According to rights of literary property the translator is co-author. For FW I wouldn’t consider myself a co-author. An interpreter at most.

Do you have a favorite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

Yes. The washerwomen from ALP. For the musicality.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

Not published yet. Academic reception is positive, mostly from colleagues.

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce's work (Bloomsday, incentives etc.) in your country?

There is a Joyce Society, that celebrates Bloomsday in Szombathely (Leopold Bloom's father, Rudolf Virág – Bloom – is from Szombathely and there is actually a Bloom house in the city.) Research is widespread. Professor Takács is the center of all Joyce activities.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

It is fun. And joy.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*?

No. I'd like to finish this project of mine.

APÊNDICE 1.1.1.8 – Enrico Terrinoni (Itália)

Enrico Terrinoni, Italian translator

Source: Translator's Facebook

Enrico Terrinoni is Full professor of English Literature at the Department of Italian Language, Culture and Arts in the World of the University for Foreigners of Perugia. In 2004 he obtained a PhD from University College Dublin with a thesis on Joyce and Neoplatonism with Declan Kiberd. He has lectured in more than twenty-five countries, and has been a Visiting Fellow at the University of Notre Dame, University of Indiana, Marsh's Library, Ireland. He researches English-speaking literatures, with a focus on Ireland and Scotland, and translation theory and practice. Her publications include *Occult Joyce. The Hidden in Ulysses* (Cambridge SP, 2008), *James Joyce e la fine del romanzo* (Carocci, 2015), *Oltre abita il silenzio, tradurre la letteratura* (Il Saggiatore, 2019), *Su tutti i vivi e i morti. Joyce a Roma* (Feltrinelli, 2022). He translated and edited Joyce's *Ulysses* for Bompiani in 2021 (bilingual edition, with philological variants, annotations, maps, introductions to the episodes, Homeric correspondences, biography). Between 2017 and 2019 he completed with Fabio Pedone for Mondadori the annotated Italian translation of Joyce's *Finnegans Wake*. For his translations he has won the Premio Napoli (2012), the Premio Annibal Caro (2017) and the Premio Von Rezzori / Città di Firenze (2019). He has also edited works by Orwell, Wilde, Hawthorne, Gray and many others. He is coordinator of the Global Ulysses project for the University of Notre Dame and Rectoral Delegate for International Relations at the University for Foreigners of Perugia.¹⁴³

¹⁴³ Website information: <https://tinyurl.com/2an6s82j>. Accessed: 29 Jan. 2025.

In the interview conducted by email in 2024, Terrinoni reflects on the main structural and translational aspects of *Finnegans Wake*, such as repetition, simultaneity and multiplicity.

Your translation is richly annotated, practically creating another work in itself. What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

In an ideal world, literary masterworks shouldn't come out in richly annotated editions. They are to be read as they are, as their authors wrote them, I mean, and readers are in charge to find echoes, hidden meanings, connections and so on. They shouldn't need scholars who act as priests of the literary interpretation. This said, there are certain texts which are at risk of extinction, now, just like animal species. They risk extinction for different reasons: because they are not in circulation anymore, which means they are not read anymore, or because they are perceived to be too difficult and not worth the time one needs to read them in depth. This second reason is the one we tried to cope with, in our annotated dual language edition. *Finnegans Wake* readers in Italy were very few in my country a few years ago. We needed to do something. We needed to provide some help to dive into Joyce's ocean. Annotations were the key. But our annotations are not pedantic, they are little stories focusing on what happens to a word when it is subjected to Joycean transmutations: we tried to explain what went there in the words Joyce created, but we also explained what we were recreating in turn. We did not think of anything else but this, really.

How to work with plurilingualism of puns and *portmanteau*? Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

The answer to this question would need a book-length study, and I fear that there are no single answers. The *Wake* is a fractalic singularity, meaning that it is a singularity made of singularities. Each new word (or pun) needs to be look at in a specific and idiosyncratic way, but at the same time you need to know what Joyce was

doing in a general sense. He creates words always in new ways, but these ways are part of a general strategy which can be summarized in the motto “revolutionize language” and captured in the political intention of giving us the chance of emancipating ourselves “linguistically”, so to speak. So, when you translate the *Wake* you have to act as a scholar, having done your homework first, but as a translator you need to employ the techniques Joyce devised. This doesn’t mean that you need to imitate him, but a respectful *Wake* translation is one, as Joyce himself said, in which translators feel that they have both the freedom in creating new words and the duty to poeticize them “with the maximum degree of liberty”. In our case, to have a parallel text, that is, the original *Wake* on the left page and the translation on the right, plus massive annotations, helped understand what Joyce did, for what he did was create a text which is itself a permanent translation.

How to work with multiculturalism? What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*?

Language and culture are synonymous in my way of thinking, but this is also the view of many great linguists. There is no culture without language and no language without culture. This said, the *Wake* is like a tree that has its roots in Irish culture, but its leaves are world cultures. Roots and leaves are connected, and one derives from the other. This is why we can call it a “post-Babelic” text, for it aims at reconnecting cultures through languages, aiming at a unity which is not located in the past but in the future, and the future is the future of the imagination. This is why the *Wake* is as much an Irish text as it is Italian, Portuguese, Spanish, French, Russian, Chinese, even English. Joyce was an Irish citizen of the world, and we should never forget the old Irish saying that goes “we are all Irish in the eyes of God”.

What is the function of repetition in *Wake* and how should the translator work with it?

Repetition is crucial. The *Wake* is a text that repeats itself ad infinitum. Not only words, themes, phrases, saying, and songs do repeat, but also structures and techniques of meaning-making. This is why one has to do one’s homework and be a scholar first of all, and then act as a translator. In our case, when Fabio Pedone and I

started working on the *Wake* we were starting from Book III, for Book I and Book II had been done by another translator and scholar, Luigi Schenoni who had in the meantime passed away. When we encountered instances in which you could spot a repetition of something already present in the preceding books, we had to do something else which marked that connectedness. This said, in the *Wake* words are repeated often in changed ways, and if they are not, it is the context that changes them. So you need to cope with the need to keep the same thing and the necessity to change it. It's like life: nothing happens twice as it had happened before. To translate the *Wake* in this sense is to hold the mirror up to life itself.

How to translate the music encapsulated in the words of the book?

There is no recipe for that, or for anything else, really. To think that we can come up with a sort of manual for "how to translate" the *Wake* is wishful thinking. And, as for music, this is even more true. We all have different musical perceptions. Something one finds musical, some other might find disturbing. But music is one of the main grounds on which Joyce works, he being a musician himself. You can try many things, but the test is aloud reading. When you translate something which was musical you need to keep the musicality, but music is almost never silent. Read it aloud to somebody and see what their reaction is. This is what we did, for this was what Joyce did.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

I don't agree about the use of the label "nonsense" here. I prefer to think of the *Wake*, and of the universe, as full of sense. The fact that sense is not unitary but infinitely diffracted doesn't mean that there is no sense. Abundance and absence are too very different things. So, we did our best to put there as many meanings as the ones we and other scholars had spotted. As for the dreamlike nature of the text, it is so obvious right from the start, and it was explained by Joyce himself in many ways, that it is quite natural to convey it in translation. Joyce said that in dreams the concepts and the things we experience are similar to those we experience when we are awake. Only, they have different words, words that are similar to normal words, similar in the way we pronounce them, but they point to different things. He mentions an example to

his friend Italo Svevo, and the example revolves around a child who eats bread in his dream, but this bread is made of flower not flour. This alone explains the dreamlike quality of the work. When in translating you invent, distort, transfigure words, you are basically closing your eyes and dreaming them as if they meant something else.

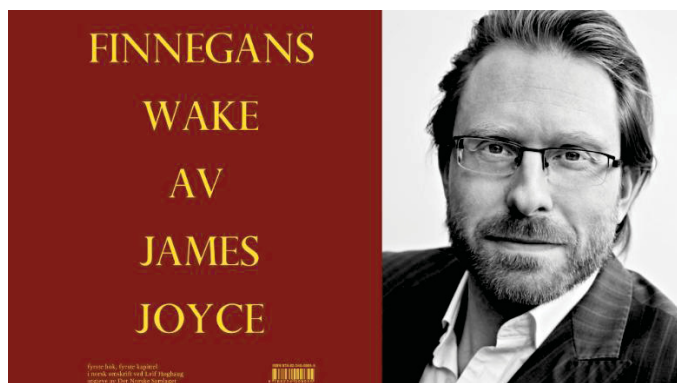
Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

No. In this I align with our friend Umberto Eco, who said it clearly. For that matter, let me add that I don't think translation theories can be applied to any type of literary text, and it is a translation theorist who is speaking here! They can describe both the product and the process of translation, excavate their depths, but no credible translation theory can ever point to a translation practice. It's the other way round. Unfortunately, many translation theorists are not translators. They should try!

Do you think the *Wake's* translator can be considered a co-author of the book? Why?

Translators are always authors. We should call them "translauthors". They practically rewrite the text, though they do so inspired and guided by the authors, or rather but their idea of the authors. But authors as well are always guided by someone else, aren't they? I wouldn't say that translators are co-authors. I would be happy with saying that they are the authors of the translation, just as the author is the author of the original. Original and translation are linked as in an evangelical act of succession. As Benjamin said, translations proceed from the originals, just as God the Son proceed from God the Father, but they are part of the same unity, a unity of intents made of differences of every kind (linguistic, cultural, political and so on). I also think that translators are just readers, and readers are the authors of their readings, who could deny that?

APÊNDICE 1.1.1.9 – Leif Høggaug (Noruega)

Leif Høggaug, Norwegian translator

Source: translator's personal archive (2024).

With a Master's Degree in Literature from the University of Oslo, Norwegian Leif Høggaug has a prolific history in the literary world, having worked as a literary critic, editor and writer of poems and novels.

In the interview conducted in 2024 by email, Høggaug talks about his literary experience until arriving at *Wake*. Having published the translation of book 1 in 2022, he discusses the continuity of the complete translation project, addressing Wakean poetics and the “collective” translation poetics that he uses.

Dear Leif Høggaug, can you tell us about yourself (childhood, school, education, work, relationship with the university, etc.) and your relationship with literature before discovering Joyce (first readings, books that influenced you the most, etc.)?

I grew up in the countryside, on a small farm, an hour's drive north of Oslo. My father is a pharmacist, and for many years, he worked at the local pharmacy, a place I found particularly fascinating as a child. Medicines were still made in pharmacies then, so my father's workplace appeared to me like a magical laboratory. My mother is a very musical and poetic person, and throughout her adult life, she has served the Lutheran church, first as an organist and then as a minister. I am not exaggerating if I

claim that it was in the church that I learned to reflect on aesthetic questions. These reflections became decisive for how I eventually related to literature. There is a Protestant aesthetic, which is, of course, quite different from the Catholic one. A characteristic of Protestant aesthetics (and ethics) is the notion of man as a solitary recipient of God's message. And this lonely recipient is, so to speak, condemned to live a melancholic and neurotic life. What does God require of little me? How can I know? What if everything in the world is meaningless? It is not for nothing that Shakespeare's *Hamlet* is one of my favourite plays.

At home on the farm, in my parent's library, I discovered one classic after another: *Robinson Crusoe*, *Gulliver's Travels*, *Ivanhoe*, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, to name a few. However, the first book that really brought me into the world of literature was Knut Hamsun's novel *Growth of the Soil*. I was deeply fascinated by Hamsun's efficient syntax, and for the first time in my life – I was fifteen years old – I said to myself: "I want to be a writer." Then I became interested in philosophy and started reading Jean-Paul Sartre. When I started upper secondary school, I saw myself as an existentialist Marxist (which I still see myself as). Later, at university, I studied comparative religion, linguistics, and literature, which I considered (and still think) the most philosophical of all subjects. While studying literature, I worked as a literary critic; I wrote for various newspapers and magazines. When I had finished my studies, I started teaching literature at the university. Then there were six hectic years in the publishing industry: I worked as an editor responsible for fiction and non-fiction.

When I resigned as editor, I was determined to tackle significant writing and translation projects. Admittedly, I published my first book while working as an editor – *Fama* (2012), a collection of poems which, as the title suggests, explores the theme of rumour. Two years after the editor job was a thing of the past, my second collection of poems came out, *Kommunion 2017* (*Communion 2017*). The third collection, *Pedagogikk* (*Pedagogy*), was published in 2019. In that very same year, I launched my first novel, *Kælven* (*The Calf*), which was translated into German shortly after and will be available in English translation this year (2024). As for my translations, I have worked with both fiction and non-fiction. On the list of my published translations, you will find two collections of poems by Julian Talamantez Brolaski, Marx and Engels' *The Communist Manifesto*, two books by Slavoj Žižek, and the first chapter of *Finnegans Wake*.

How did you come to Joyce's work, and what epiphany led you to continue reading and studying it?

Knowing you would ask me this question, I omitted to mention the epiphany in the autobiographical sketch above. When I read *Growth of the Soil*, I became curious about another book in my parent's library, an anthology containing translated short stories and novel extracts. There was an extraordinary reason why this book attracted my attention: Alejandro Jodorowsky, whom I already associated with several graphic novels, such as the masterful *The Incal*, was represented in the anthology with a short story, "Los hermanos siameses". With great appetite, I read the translation of Jodorowsky's short story. Then I sat and leafed through the anthology – and it is now that I must say "the rest is history", because the moment I turned to an excerpt from *Ulysses* ... well, it was like lightning. Just a tiny excerpt, just a few odd sentences in Norwegian translation, and I was touched by the greatness of James Joyce.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

After this decisive event, Joyce became a project for me. I read *Dubliners* and *A Portrait of the Artist as a Young Man*, as well as articles and essays about Joyce and his writing. This was before the Internet age, so it was challenging for a fifteen-year-old boy to find relevant secondary sources. But anyway, I was presented with several interpretations and biographical accounts, and what sounded like a refrain in what I read was that Joyce had long stood out as the best example of a so-called hard-to-reach writer. It sounded like music in my ears. The difficult Joyce, the impossible Joyce, who had not only written the modernist masterpiece *Ulysses*; this Irish Homer had also written a book that critics described as entirely unreadable, the more than 600-page *Finnegans Wake* ... Unreadable, and therefore untranslatable ... And in a work of literary history, I became familiar with a passage in the *Wake* where Joyce twists and turns a poem by Henrik Ibsen: "Man sicker at I ere bluffet conservative?" Joyce writes, and in Ibsen's poem "Til min ven revolutions-taleren!" ("To my friend the revolutionary speaker!") we read: "Du siger jeg er bleven 'konservativ'" ("You say I have become 'conservative'"). I was very intrigued, but it took time to get a copy of *Finnegans Wake*.

Let me tell you a story – I am quoting from a speech I gave for The Oslo Bloomsday Celebrations in 2022:

On the 25th of March 1993, I and a very good friend of mine happened to be in Oxford, UK. We were thrilled by everything: the old university buildings, the people, the language, the gardens, the trees, the birds, the second-hand bookshops – everything. We were two country boys from Eastern Norway with an extreme appetite for literature, cartoons, music, and movies. Still as thin as the thinnest version of Johnny Rotten, I found myself jumping and dancing through the streets of Oxford, together with my jumping and dancing friend – and yes, there was this conversation going on: the two young Norwegians making fun of their own East Norwegian dialect – and making fun of language in those days meant among other things to utter all the bad words, all the nasty words: ugly East Norwegian words uttered in the beautiful streets of Oxford. And then: we jumped and danced into a second-hand bookshop, I can't remember which one – anyhow: in we jumped and danced, still uttering words, and there, amid this babble of our young voices ... there, in the midst ... or rather, on the bookshelf, above my head ... there it was ... the red big book ...

I just had to buy the book ... 9 pounds (*not* the first edition of 1939) ... I turned around, the book in my hand. I took the book to the counter where the Oxfordian bookseller glanced with aristocratic curiosity at the awkward show going on in his shop, and then he asked:

“Excuse me, young friends, but are you from Finland?”

Finland?

“No, no, we are from Norway,” I said, blushing like the famous tomato. I felt like an idiot.

“Oh. Norway? Your language sounds like Finnish. Indeed.”

I bought the book. Then my friend and I had to run to catch the bus.

It all started that day in a situation where language sounded like something else, like *another* language. It was a humorous situation, a language situation where humour was a way of being in the world.

Yes, it all started that day, in the sense that I now started reading *Finnegans Wake*. Of course, I understood very little of what I read, and for a long time, it was frustrating not to “get inside” the book's, for me, mysterious world. Anyway, I kept reading, and my excitement for Joyce just grew.

Many years later, as editor, I got the idea to initiate a Norwegian translation of *Finnegans Wake*. However, the big problem was finding the right translator and, of course, getting the project financed. So, it became nothing more than a beautiful idea. Only later, when I resigned from my position as an editor and started life as a freelancer, did I say to myself: “Maybe I should give it a try? At least translate a page or two and see what happens?”

Can you discuss the translation project from its inception (when it started, how long it took, whether there was financial and editorial assistance, its visual design, whether the translation is complete, the number of volumes, the publication date, the prioritized points, etc.)?

In autumn 2016, I completed a translation of the first ten pages, and this version was published in the literary journal *Vinduet* (“The Window”). At that time, I was translating Julian Talamantez Brolaski’s masterful *Advice for Lovers*, a collection of poems very much related to Joyce and *Finnegans Wake*. When the editor of that project, David Aasen, had read the *Wake* translation, he called me and said: “You must go on; this is the first step on the road to a complete Norwegian translation of *Finnegans Wake*!” Thanks to David’s enthusiasm, the project was launched in earnest. I signed a contract with the publisher, and although in the years that have passed since then, I have worked on other projects, at times I have had the opportunity to concentrate completely on *Finnegans Wake*. Of course, it is always a question of finances, but I have been lucky: early in the phase, I received a grant from the county where I live, and this year, I was awarded a two-year grant from the Norwegian state. But you can’t be in a hurry to translate this book; you must be patient and work steadily, and never let yourself be disturbed by all possible late-capitalist and, in my view, crazy notions of “efficiency”. But enough about that, the most important thing for me is that this is a literary project that I am *working on*. And I always think that there are connections between my various writing and translation projects.

As I see it, *The Calf* is considered a footnote to the *Wake* translation. When translating the *Wake*, I use everything the Norwegian language offers, including my dialect, i.e. the Hadeland dialect. To discover the literary quality of the spoken language of my home village, I had to write a novel in this dialect. And because the circular structure of the *Wake* strongly inspired me, the result of this writing process was a

novel that goes in circles on a formal and thematic level. Matthias Friedrich, who translated *The Calf* into German, found what he needed in the Brothers Grimm's dictionary to create a corresponding literary expression. David M. Smith's English translation is currently being prepared for publication and uses the American Southern dialect – and thus, *The Calf* is transformed into a narrative that works in a context that can bring the reader's thoughts toward Mark Twain and William Faulkner.

Matthias and David are both eminent translators and have become role models for me. The work the two of them, individually, have done with *The Calf* is crucial for my further work with *Finnegans Wake*. Then again, you can't be in a hurry if you're going to translate the *Wake*; you must take your time and listen to other translators, and in general, listen to the art of translation, an art with a huge history, think of the Bible translator Jerome, the Buddhist translator Dānapāla, the reformer and translator Martin Luther, the Shakespeare and Sanskrit translator August Wilhelm Schlegel ... Without translations, it is impossible to talk about what Goethe called world literature. And all this we must understand concerns our everyday life in a contemporary era characterized by what Heidegger calls the oblivion of being. To translate is not synonymous with "copying"; rather, on the contrary, translating is a creative activity that makes us see language and the world in a new way. And isn't this exactly what Joyce is doing in *Finnegans Wake*? Joyce *translates* language and the world into something else, a "something else" that directs attention away from everything we have learned to take for granted. Maybe I'm daydreaming, but isn't it precisely what Heidegger calls being *Finnegans Wake* leads us into?

Well, back to where I am now: I have said I will finish the *Wake* translation by 2030, and if my health holds up and Mother Earth doesn't go completely to hell, I'll probably be able to get safely to the end station. But regardless of the thought of the goal ahead, during the last eight years, I have been fortunate enough to make visible more excerpts than the ten pages that were published in *Vinduet*; other journals have also published excerpts, and on several occasions I have read from this my *Work in Progress* in front of audiences, most recently in Stockholm on Bloomsday, where I met the Swedish *Wake* translator Lars Johansson, who read from his (not yet completed) translation. Like me, Lars has published the translation of the first chapter as a separate book. His book, *Finnegans fall*, was published in 2018; my book, *Finnegans Wake: fyrste bok, fyrste kapittel*, was published in 2022, in conjunction with the centenary of the publication of *Ulysses*. Talking to Lars was very educational, and I

look forward to meeting him again. It is exciting to read his translation of the first chapter; Swedish and Norwegian are closely related languages, so comparing his and my versions is highly relevant. What do the two translations have in common? And what makes them different from each other? Anyone translating *Finnegans Wake* should compare their version with other translations. And, of course, one must constantly consult the most relevant secondary sources. Here, I am thinking of invaluable books such as Ronald McHughes' *Annotations to Finnegans Wake*, Joseph Campbell and Henry Morton Robinson's *A Skeleton Key to Finnegans Wake*, Luca Crispi and Sam Slote's *How Joyce Wrote Finnegans Wake*, Patrick O'Neill's *Impossible Joyce: Finnegans Wakes*, the latter a review of – and comparison between – various extant translations.

Regarding the meeting of *Wake's* languages with the Norwegian language, what are the specificities of each language? What were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

As several *Wake* readers have pointed out, *Finnegans Wake* is not written *in* English but in something *resembling* English. With this seemingly simple insight as a starting point, we can say that the specificity of the language Joyce constructs in the *Wake* concerns the meaning of the verb “to resemble”. What does it mean that something resembles something else? Perhaps in our context, we must ask: what does it mean that “something else” resembles “something”? Maybe we are unable to truly perceive “something” (the English language) if there is nothing else (*Finnegans Wake*) that *resembles* it. Thus, we have touched upon the great question of mimesis, which breeds new questions every time it is asked. Let me quote from Fredric Jameson's brilliant essay “The Valences of History”:

Is [Paul Ricoeur] the only (or the first) commentator to have insisted that mimesis is an operation or a process rather than a static representation? Probably not, but the reminder is a timely one in a situation in which discussions of representation inevitably slip towards the visual and in which realism always seems to end up being a picture of things people look at and compare with the reality of its original, rather than something

the writer does to the world, an intervention, a selection, and a shaping performed on it.¹⁴⁴

I think this quote is relevant to any reading of *Finnegans Wake*. If we ask: “*how* does the *Wake* language resemble the English language?” our first answer might be a tentative account of what Joyce *does* with the language we have come to know as English. As I have already said, Joyce translates language and the world into “something else” – and this claim may become clearer if we follow in Jameson’s footsteps: Joyce does something (“something else”) with language and the world, he makes an intervention, and he takes us into a literary sphere where we become aware of ourselves as readers, first by struggling with the text, struggling to understand, then by gradually realizing that we have to think differently about what it means to read, and perhaps we must say to ourselves: “It is now that we must learn to read, indeed learn to read differently.”

I deliberately use the pronoun “we” here because, as the existentialist Marxist I perceive myself to be, I want to insist that there is a collective dimension to this “revolutionary” reading experience, which I think says a lot about what is specific about Joyce’s great language construction. The bourgeois (and Protestant) notion of the lonely reader, who allows his soul to be nourished by the words on the book page, thereby enriching his inner life with new and fascinating images (which are often not new at all, but fascinating and perhaps sublime) ... this notion is still operative in human culture, think of all the narcissistic novels published in the Western world every year: whatever the plot, the reader encounters an I-narrator trapped in his or hers own image. The reader can then identify with this image as if the text were an “individualistic mirror”. In short, the notion of the lonely reader springs from the world of images. Within the paradigm of the narcissistic novel, which is indeed the area where the so-called auto fiction has found its place, it is always about dealing with images, static images; it is about standing still in a motionless picture gallery, an “aesthetic and industrial institution” that maintains notions of mimesis as static representation.

Of course, we cannot escape the imaginary (in the Sartrean or Lacanian sense). Still, we can at least *do* something that makes us aware of the world of the image, or the image society, which is another name for the late capitalist consumer society. Was

¹⁴⁴ Fredric Jameson, *Valences of the Dialectic*. London/Brooklyn: Verso 2009. p. 502.

this precisely what Joyce understood as he gradually lost his sight? Did he understand the consequences of the Western world's image production? Joyce *did* something, and of course, he wasn't alone in doing something ("something else"); among his contemporaries, many writers and artists actively challenged the aesthetic ideology that had long preached the message of the necessity of static representation. So, the form of mimesis Joyce engages in does not allow the verb "to resemble" to remain a signifier of an activity that maintains the status quo; that the Wakean language *resembles* the English language implies that it is *the difference itself* that makes itself felt – the difference between "something" and "something else", and by actively relating to this difference, the English-speaking readers can experience gaining new perspectives on the language they thought he knew.

It is precisely in this context that we have to talk about a collective dimension: it is not possible to be a "lone reader" of *Finnegans Wake*; anyone who attempts to read this book enters into a dialogue with other readers – that is precisely what happens every time I consult the secondary sources and every time I compare my version with other translations: I choose to maintain the dialogue with the written results that other readers have arrived at. And, of course, the correspondence and face-to-face meetings with readers I have met on my way are also descriptive of what I call the collective dimension of the reading experience. So, again, Joyce shows that mimesis is a process and an operation that constructs a language that *resembles* the English language and precisely, therefore, emerges as something *other* than English.

The translator's task consists of taking this mimetic process further: how can I, in dialogue with other readers, create a Wakean language that *resembles* the Norwegian language? And it is now that I come to the big questions that seek to find answers to how we should describe *Finnegans Wake* as a rhythmic and musical work. Here, Nietzsche's thoughts on the difference between the Apollonian and the Dionysian are crucial – it is precisely the difference between the image and the musical that Nietzsche has thematized for us. Somewhat simplified: While the Apollonian image is linked to the individualistic (e.g. "the solitary reader"), the musical in the Dionysian sense is linked to a notion of the collective as a transcendence of the sphere where man perceives himself as an independent and "inviolable" individual.

The voice that speaks in *Finnegans Wake* is a collective voice, i.e. a voice that consists of many voices – a chorus, like the sound of voices you hear in the pub late one night or the sound of voices we call the History of humanity ... So, by insisting that

everything is “about” rhythm and music, I consider myself capable of continuing the mimetic process. I listen to the Norwegian language, in me, around me, and I listen for something that can resemble the rhythmic and musical language that Joyce constructed and gave to the world. Thus, Joyce’s *Finnegans Wake*, which by resembling the English language emerges as “something else”, is translated into a language which, by resembling the Norwegian language, emerges as “something else” – i.e. something other than *both* Joyce’s original text *and* Norwegian.

Here, we must not forget that Joyce was very concerned with the Norwegian language, a language that a writer like Henrik Ibsen had helped to define by giving it a modern written expression in the last decades before Norway was established as an independent state. The Norwegian struggle for independence was reminiscent of the Irish struggle for independence. In both nations, one had to deal with an official written language that had been imposed on the citizens from outside (in Ibsen’s time, Norway was in union with Sweden, but it was because of the previous and centuries-long union with Denmark that Danish written language had left its mark on Norway). Joyce, who learned Norwegian to be able to read Ibsen and other Norwegian writers in the original, has incorporated several references to the Norwegian language and literature in *Finnegans Wake* – Joyce’s use of a line from Ibsen’s poem “Til min ven revolutions-taleren!” is just one of several examples of how Joyce points to a connection between Ireland and Norway. But Ibsen is in a special position; he is one of Joyce’s greatest literary heroes, and it is therefore not surprising that already on page two of *Finnegans Wake*, Joyce makes an explicit reference to Ibsen’s play *Bygmester Solness* (*The Master Builder*) by using of the word “bygmester” (“builder”). I am quoting from my translation, and I hope this “bygmester” section can give you an idea of how I work to make the text speak in a rhythmic and musical “Norwegian-like” Wakean language:

Bygmester Finnegan, von der Stammande Hand, frikarsmaurar, budde ved den broadest weg ein kan førstillelsæ i si tyriflammelijosande førgamme førr bustap før josvaske dommarar hadd skjenke oss den fjerde ell Helviticus begåen den femte (ein gærsdag staxk han med eit størn trynet i ein stamp førr der å sljå sin lagnads framtid men før’n swiftsj støkk det ut igjen, du milde moses, var vatnet fardampa og alle guennesa gådd bort med exodusa sine så dét sku gje deg eit klu om åssen pønsjtajusisk fyr han var!) og i ein mannsalder reiste denni mann ta hud, cement og ennlegg i Toper’s Thorp førr Såogså-broera byldning supra byldning ved ælvebredden.

Han adla liddle phrue Annie klamte vetlecraythuren. Medhår henner i hunna stikk di greie ia. Oftve balbuluisk, mithra førut, med godt grep om ljøtt diger resskap og ivaroila regnfrakka han a vane digga, som Haroun Childeric Eggeberth ville'n jenni multikapabel caligulere allituden og mallituden heilt te han såsa i neatljøs ta mjøden dertvi var fødd, sitt andre dagars rundbordtårn te heving i strippa murverk oppstående (joisåstor!), ein waalworth ta eit mest eyefullt fulltårnleg hoyth skyskrap, ereksjonert frå nesten ittno og stigandehoppmot himala og greier, hierarkitektritripptritopplokkistisk, med ein brennande busk hårpå dets baubletopp og med lassron o'toolere klitorisande oppover og tumlere a'bucketter klompande nerover.

To my great delight, this and the other sections that make up the first chapter have resonated with Norwegian readers. The *Wake* book I published in 2022 sold out in a week, and over the past two years, I've received great feedback. The literary magazine BLA brought an excellent review not so long ago; the critic, Valentin Cyrus-Grip, concluded as follows:

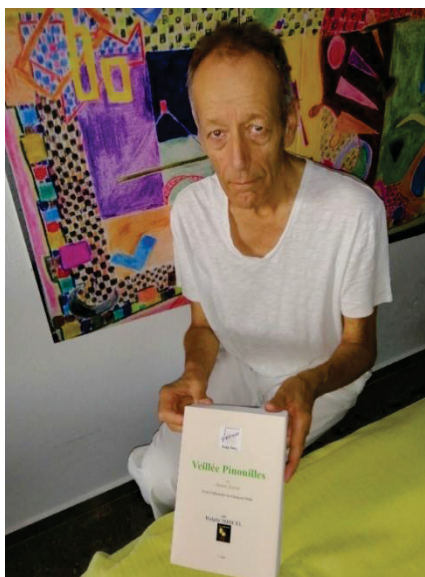
Høghaug's translation *works* – the Norwegian translation feels natural, and the choice to use the Hadeland dialect is bold but does not feel out of place. It is uplifting for *Wake* nerds like me to see that the translation is done with humour, great linguistic creativity and a good overview of the theoretical terrain. Readers who are less familiar with the work will find large portions of linguistic quirkiness, humour and poetic beauty in Høghaug's strong translation of the first chapter of the first book of *Finnegans Wake*. You can only dream away until 2030.

I couldn't wish for more. The translation lives in a collective sphere, where humour is a way of being in the world.

APÊNDICE 1.1.2 – Francês

APÊNDICE 1.1.2.1 – Hervé Michel (França)

VERSION EN FRANÇAISE **Questionnaire avec Hervé Michel**



Source: dossier personnel de l'auteur (2021)

Hervé Michel est le responsable de la dernière des deux traductions intégrales en français de *Finnegans Wake*, qu'il a intitulée *Veillée Pinouilles*. Fils de parents français, il est né à Casablanca, au Maroc, dans les années 1950. Bien qu'ayant toujours été en contact avec la littérature, il a construit sa carrière dans l'administration publique française. En 1998, après avoir voyagé dans diverses parties du monde et formé une connaissance linguistique variée (arabe, grec, latin, français, anglais, espagnol etc.), il a commencé à traduire l'œuvre finale multilingue du moderniste James Joyce. En 2005, il a publié sa traduction au format virtuel, ce qui lui permet d'apporter des changements constants, donnant au texte un caractère ouvert, toujours en mouvement, conformément aux solutions qui découlent de nouvelles lectures et du dialogue avec les critiques et autres traductions. Dans cet entretien, réalisé par e-mail entre fin juillet et début août, Michel présente *Veillée Pinouilles*, abordant les aspects et les processus de sa traduction dans une langue qui mêle information, analyse et littérature.

Hervé Michel, pouvez-vous nous parler de vous et de votre rapport à la littérature avant de découvrir Joyce?

Je suis né à Casablanca au Maroc au temps du Protectorat français, en 1950, parce que mon père, jeune cadre administratif, venait d'y obtenir une place. L'accession du Maroc à l'indépendance en 1956 entraîna bientôt notre retour en France en 1962. J'ai ainsi vécu mon enfance dans l'insouciance de mon âge quant à la société coloniale où je baignais, et quant à l'apartheid qui régissait les rapports sociaux entre ceux qu'on appelait les Européens et ceux qu'on appelait les Arabes. Mais jusque dans l'école catholique des Frères de Lasalle, l'avancée progressive de la décolonisation se ressentit quand on nous demanda d'ouvrir nos cahiers par la fin pour y noter nos exercices de langue arabe. C'est bien sûr en français que j'ai appris à lire et que je fis mes premières explorations, avec des romans d'aventure, notamment Jules Verne de *Vingt mille lieues sous les mers*, ou du *Tour du monde en quatre-vingt jours*, ou encore le *Voyage de Nils Holgersson* de Selma Lagerlöf. Ma famille m'a vite considéré comme un lecteur dès lors que ma mère m'a surpris en larmes dans la bibliothèque à la lecture de la *Chanson de Roland*. Ce tropisme littéraire a été renforcé par des études classiques du latin et du grec (avec les joies de l'*Odyssée*). Cependant, mon orientation professionnelle me portait sur des études plus prosaïques, et je m'engageai dans les sciences économiques et les sciences politiques, notamment en étant admis à l'Ecole des Sciences politiques de Paris, et en accomplissant un stage de technique financière d'une année à New York ce qui a sensiblement consolidé ma compréhension de cette langue.

Les désarrois de la jeunesse m'ont alors fait quitter l'université et partir au petit bonheur sur les routes du monde, selon un trajet que j'ai raconté dans le récit mis en ligne sur mon site¹⁴⁵. Durant cette période, je lisais plus de philosophie (Deleuze, Derrida) ou de théorie (Guy Debord), voire de mystique (Castaneda), que de littérature. Cette période s'est close avec ma rencontre avec ma femme, Constance Hélène, avec qui sur mes 30 ans, je suis retourné vivre à Casablanca. J'y ai passé beaucoup de temps à lire le Coran et des théoriciens musulmans comme Sayyid Qutb; travail prenant, mais solitaire et peu rémunérateur, ce qui m'a conduit à rentrer en France dans

¹⁴⁵ Michel, Hervé. "À Pâlis!" *Veillé Pinouilles*. Web. 9 ago 2021 <<https://tinyurl.com/nh2m3hn3>> [note de l'interviewé].

l'administration du ministère des finances, où l'œuvre de Joyce a commencé à meubler mes temps libres.

Les infaits donc, les posséderions-nous, sont trop imprécisément peu pour garantir notre certitude. Néanmoins, la muse égrevine acire largement plus viesemblable et notre galeurrie notionale est maintenant complètement complaisante, un exégieux monument, aéré pérennieux (VP, p. 57).

Comment êtes-vous arrivé à l'œuvre de Joyce, et quand et pourquoi avez-vous décidé de traduire le *Finnegans Wake*?

C'est en effet seulement à ce moment du retour du Maroc que j'ai rencontré *Finnegans Wake*, parce que ma réflexion par analogie avec le Coran me désignait cette œuvre prophétique comme la manifestation la plus distinguée de la dialectique créatrice onde/particule dans la matière de la langue, et aussi le contact de la création par une approche inouïe d'audace du chaos originel malaxant la culture avec une érudition remarquable, ou comme le dit le texte lui-même

Un oiseau de parodie, postprophétique. (VP, p. 11). *Poufpouf.* (VP, p. 12)

Comme, entretemps, je passai toute la série des concours internes à l'administration, jusqu'au plus haut niveau à l'École Nationale d'Administration, s'est ouverte pour moi une carrière d'administrateur civil au ministère de la défense. J'obtins ainsi la garantie de ressources qui m'a permis de me lancer dans mes entreprises de recherche en création littéraire, à commencer par *Finnegans Wake*.

Avez-vous pensé à publier en format imprimé ou l'idée a-t-elle toujours été une version virtuelle? Si vous avez essayé de publier un livre physique, comment s'est passé ce processus? Envisagez-vous toujours de publier sur papier?

La publication sur Internet s'est révélée comme un outil de communication facile qui m'a permis de façonner un objet littéraire et de le faire interagir avec les groupes et les individus susceptibles de s'y intéresser.

J'ai naturellement proposé à une quinzaine d'éditeurs la publication d'un livre papier. Je n'ai pas reçu d'accord sur cette idée. Seules quelques revues ont répondu à mes courriers en publiant des recensions (*L'atelier du roman*, *Viridis Candela*, ...)

Il est possible de suivre les modifications que vous apportez à la traduction sur votre Website. La version virtuelle serait-elle mieux adaptée au signe mutant de *Finnegans Wake*, étant donné la possibilité de le changer en permanence?

Oui, il serait bon par ailleurs que soit mis en œuvre, un *Wikiwake* en ligne où on pourrait faire varier le texte, selon les avis des uns et des autres, qui permette d'aller au-delà des annotations mot par mot de *FWEET*.¹⁴⁶

Concernant le processus de traduction, par quelles étapes êtes-vous passé et combien de temps cela a-t-il pris?

Trois grandes étapes:

- Première lecture et traduction mot à mot basée sur les annotations de McHugh: 1998-2005;
- Deuxième lecture et révision de solutions trouvées par confrontation avec les éléments d'interprétation de John Bishop et son *Book of the Dark*. Ainsi qu'avec la traduction de Marcelo Zabaloy: 2005-2012;
- Lectures aléatoires à travers la revue des études critiques.

Dans « l'intraduction » de votre traduction, entre autres auteurs, vous mentionnez Derrida et Lacan. Comment vous ont-ils influencé, ainsi que des points de vue non liés à la théorie de la traduction ?

Jacques Derrida est celui qui reprend Walter Benjamin quant à la théorie de la traduction, notamment que « Les langues ne sont pas étrangères les unes aux autres. (...), elles sont toutes (...) apparentées. [par] un rapport intime, (...) dont témoigne la traductibilité des textes. Dans ce rapport se cache le vrai ou *pur* langage ».

Sur James Joyce, il a su éclairer le dispositif de la fermentation d'une masse d'écriture dans *Finnegans Wake* au défi de l'érudition académique, conçu comme une machine de production et de reproduction, qui noie le savoir dans son univocité. Le texte n'est saisissable que par une annihilation du déchiffrement impossible, la confusion,

¹⁴⁶ *FWEET* est un site de recherche sur *Finnegans Wake* disponible sur : <http://www.fweet.org/> [note de l'intervieweur].

l'intraduisibilité, jointe à l'invitation à la traduction sans fin. Cela correspond à une exigence exorbitante de la part de l'auteur à l'égard du lecteur (idéal?) d'une attention exclusive. Le monument dépasse le sujet qui le découvre, mais qui le marque en même temps d'un écho de la jouissance au milieu de la confusion.

Derrida m'a fait sentir comment Joyce, « d'un seul geste, signe et contresigne le nom de Dieu »¹⁴⁷. Par son œuvre insaisissable qu'il faut pour la lire prendre ses distances avec ce qu'on lit, dans un grand éclat de rire.

De la phénoménologie d'une écriture de caractère biblique au symptôme psychiatrique, Lacan traduisait la « nécessité de l'être » comme ce « qui ne cesse des lettres ».

Quelles étaient les principales ressources et sources sur lesquelles vous vous êtes appuyé?

J'ai déjà cité les *Annotations* de MacHugh et le *FWEET – Elucidation Treasury, Du Book of the Dark* de John Bishop, j'ai suivi la plupart de ses lectures. Ce ne fut pas le cas du *Reader's guide* de Tindall qui submerge le livre dans ses aspects narratifs en faisant mine de ne pas tenir compte de leurs incohérences.

Très inspirant aussi, et brillant, le *Shorter Finnegans Wake* de Anthony Burgess.

Parmi les innombrables ouvrages de la critique, je citerai *Eternal Geometer* de Margaret Solomon, qui, malgré qu'elle en ait, aide à sentir pourquoi on entendait James Joyce rire quand'il travaillait à son *work in progress*.

J'ai bien entendu lu la traduction de Philippe Lavergne, mais sans commencer par elle. Et je l'ai consultée de moins en moins au fur et à mesure que progressait ma traduction, et que je me tournais davantage vers la version en castillan de Marcelo Zabalo.

Avez-vous suivi une théorie de la traduction? Le *Finnegans Wake* peut-il être encadré par les théories de la traduction?

¹⁴⁷ Derrida, Jacques. *Ulysse gramophone, Deux mots pour Joyce*. Paris: Galilée, 1987 [note de l'interviewé].

On peut dire à propos de la langue qu'il y a des parlers, propres à chacun et à des groupes plus ou moins étendus, et qui, entre eux se comprennent à des degrés divers et selon des restitutions à la fidélité aléatoire. La normalisation des rapports humains et l'agilité des mémoires électroniques permettent à des champs de plus en plus vastes d'échanger des synthétisations de plus en plus exactes. Les traducteurs ont donc l'immense champ de travail de fixer les correspondances sémiologiques dans la mesure où elles sont biunivoques et utiles dans un réseau de relations linguistiques donné. Ils sont là pour sanctionner la pertinence des équivalences. La conformité de l'intelligibilité est fonction du repérage des textes (source ou cible) dans la cartographie des énoncés possibles, voire tout juste admissibles. Les erreurs, les ambiguïtés, les jargonages, les à-peu-près, les calembours sont avalisés par les signes d'ironie de l'auteur. Mais quand le texte est transposé, c'est le lecteur qui décidera, si, tout compte fait, il a compris. Et c'est dans ce sens que pour moi, traduire *Finnegans Wake* est la seule façon de le lire. Le foisonnement (en anglais) des notes en marge et des communications des cercles joyciens témoigne de la liberté qui règne sur ces pages.

Certains traducteurs conservent *Finnegans Wake* dans le titre, tandis que d'autres le « traduisent ». Vous avez opté pour le deuxième choix. Pouvez-vous en parler?

Je vous renvoie à l'excellent article qu'a réalisé sur ce sujet Patrick O'Neill dans la revue *Qorpus*.¹⁴⁸ Il s'agit pour moi clairement d'une appropriation par ma lecture du texte traduit. J'ajoute que j'ai trouvé intéressant de lui donner cet aspect pas sérieux, comme quand on parle en français de « carambistouilles », laissant ouverte l'énigme de sa richesse textuelle qui est tout autant une « pirouette ».

Pouvez-vous citer quelques extraits et aborder d'autres problèmes que vous avez rencontrés et les solutions que vous leur avez apporté?

Je décrirais comme suit le parti-pris que j'ai adopté :

¹⁴⁸ L'interview a été publiée dans un numéro spécial de *Qorpus Magazine* (volume 9, décembre 2019) sur James Joyce, disponible sur : <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [note de l'intervieweur].

- transposition formelle : aboutir à un texte visuellement semblable à l'original, tel que la reçoit le lecteur anglophone, sinon irlandais
- immanence du sens : contrairement à un exercice de traduction normal, celle-ci se fait au mot à mot puisque l'intention de l'auteur qu'il s'agit de rendre fidèlement est masquée par la mixture langagière
- physicalité de la langue écrite: correspondant à l'oralité, à la musicalité veillant à ce que le résultat soit une émotion esthétique puissante

Je choisirai l'extrait suivant qui dit *Pourquoi ?* :

Par l'antar de Yasas ! Les intirétés de vivre la vie étant la seule substance d'un devenir flux. Totalisé dans le contérecompté et racontécompté dans le can dit racompte. Pourquoi ? Parce qu'il y a deux signes vers quoi toumer, le post et l'ist, le côté du rect et le côté direc tort. Pourquoi ? Sur la vie sourde nous avons le Moskiosk Djinpalast avec ses adjacences jumelles, la maison de bains et le bazar, allahallahallah, et sur la vie sponde c'est l'alcovan et le jardin de roses, bonie nulleté, tout puraputhrie. Pourquoi ? T'une fois ronron patapon l'histoire de la fince et des petits jeunets. Pourquoi ? Tout dire aboie demeurer, vidnis Shavarsanjivana, et tout-en-rêves peutétrant ondre chanceloupe sont enfin au travers. Pourquoi ? C'est une sotté de secsac, systome dystome.

Il y a quelque chose de supernoctural peu importe ce que vous l'appellez. (VP, p. 596)

Et pour le portugais du Brésil :

Qu'est-ce que, para Saom Plaom, au nom de Deucalion et Pyrrha, et des dieux incensés du foyer et licenciés des pénates et Stator et Victor et Kupela et Brisela et toute la mesa redonda de Lorenção Otulass en convocação, faisait réellement ce type humain bassement inintéressant, cette Colonne Calomnieuse de Cloaxité, cette Balise de Bengale de Biliosité, cet Aper Annamite d'Atroxité, il sera précise de le quarifier, car il semble au bas de bas comme cas ?, (VP, p. 179-5)

Quel a été l'accueil de votre traduction auprès du public français et de l'université/académie française?

Proche de zéro.

Pas d'action, peu de sauce. (VP, p. 274 note gauche)

Donaldo Schöler a réalisé une traduction interculturelle, emmenant *Finnegans Wake* dans le contexte brésilien. En plus de la langue, ou « lalangue », avez-vous aussi apporté la culture française à *Veillée Pinouilles*?

Assez peu à part le titre et le nom de Pinot et les variantes de Shem-Shaun, la plupart du temps il s'agit de faire comprendre des éléments de la culture irlando-britannique au lecteur français.

– *Hep là ! Commonng, sa na pa de valure ?* (VP, p. 478)

La traduction de Lavergne a reçu quelques critiques, notamment en apprivoisant le jeu de mots multiréférenciel de *Finnegans Wake*. Que pensez-vous de la traduction de Lavergne?

La traduction de Philippe Lavergne occupe une place de pionnier dans l'histoire de la traduction de *Finnegans Wake*. Elle a été la première traduction complète, achevée dès 1978, et elle a été reconnue par le Prix de l'Académie française. D'un point de vue traductologique, Tim Conley a magistralement mis en lumière¹⁴⁹ par le moyen d'un examen impitoyable des notes de bas de page dans la traduction de *Finnegans Wake* par Lavergne, la désinvolture et les négligences par lesquelles le traducteur semble prendre la parole sans se préoccuper de l'ombre froide qu'il projette sur le texte, avec le reproche latent adressé à son ambiguïté fondamentale. Il prend le parti timide et triste de ceux pour qui le calembour est « la fiente de l'esprit qui vole » comme a dit Victor Hugo, et qui ne peut être traduit. La résolution des ambiguïtés constantes dans le texte par des choix arbitraires qui figent le signifiant. L'offre magnifique de travail pour le traducteur est dévaluée.

Pour moi, qui ai lu *Finnegans Wake* avant de m'approcher de la traduction de Lavergne, je n'y pas trouvé ce que j'en comprenais, et j'ai donc cédé à l'appel de me plonger tout entier dans la contemplation de ce bijou d'orfèvrerie scripturale.

Dans la toute première ligne, Lavergne a pris la traduction à Notre-Dame, tandis que vous avez conservé la vôtre dans la cathédrale irlandaise d'Adam et Eve,

¹⁴⁹ Conley, Tim. "Avec hésitation": Lavergne's footnotes and translations of *Finnegans Wake*. *Scientia Traductionis*, n. 12, 2012 [note de l'interviewé].

tout comme l'original. Quelles sont les principales différences entre votre traduction et la sienne?

Lavergne a pris la plus grande des libertés avec les multiples rayons de signification qui tisse cette première phrase qui, comme cela est bien connu, est la continuation de la dernière. Il commence par un mot « erre » dont il n'y a pas l'idée dans le texte original. A s'en tenir au premier mot, *riverrun* est strictement en anglais « le fil de l'eau », le « courant » ; sans doute est-il ce qui nous entraîne dans la vie, dans une incessante répétition ou un renouvellement permanent, donc « re... » dans un mouvement qui dépasse l'histoire d'Adam et Eve dont les positions relatives sont rétablies, puisqu'on passe chez Eve d'abord. L'idée de « re » courant est reprise dans la suite de la traduction de ce premier paragraphe bien que ce soit pour traduire *commodius vicus* par « recourante via Vico par chaise percée » ce qui est inutilement scabreux.

Comment analysez-vous les traductions françaises partielles, comme celle de Beckett?

Il y a une concentration sur le chapitre 8 de ces traductions y compris celle à laquelle a participé James Joyce lui-même. Ceci dit celle de Beckett me paraît la plus apparentée à l'original, même si Patrick O'Neill a montré dans *Trilingual Joyce*¹⁵⁰ que Joyce lui-même ne l'avalisait pas spécialement

Exemples de traduction comparée :

Table ronde sur le thème « Traduisible? Intraduisible? » tenue à l'Institut d'études de l'Islam et des sociétés du monde musulman de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris 14 mars 2014.

Pièce présentée par Hervé Michel « L'expérience de la traduction de *Finnegans Wake* ».

¹⁵⁰ O'Neill, Patrick. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018. [note de l'interviewé].

FW 201.7

Chapitre Anna Livia Plurabelle : p.201	Andre Peron et Samuel Beckett :	James Joyce, Philippe Soupault, P.L. Leon, Eugene Jolas et Adrienne Monnier :	Philippe Lavergne :	Halphé Mihcel :	Michel Chassaing	Traduction d'un traducteur automatique (http://trans.voila.fr/voila)
For the putty affair I have is wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer, my life in death companion, my frugal key of our larder, my much-altered camel's hump, my jointspoiler, my maymoon's honey, my fool to the last Decemberer, to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to.	Car le trou vaseux que je possede est tout use, ah oui, a force d'etre assise a beailler et a attendre que mon vieux baiseur et adodderateur Danois, mon compagnon a la vie a la mort, le sobre quaidenas de mon gardmanger, ma bosse de chameau bien abimee, mon briseur de jointures, le miel de ma lune de mai, mon bouffon jusqu'au dernier jour de Desambre, s'eveille de son somme d'hiver et m'enfile comme il en avait coutume !	Car l'aroumastique que j'icy possede est tout troue, y a pas a dire, seante et beaillante et guettante mon vieux Danois d'addoderateur, mon compagnon a la vie dans la mort, quaidenas de careme de mon garde manger, ma bosse de chameau bien alteree, mon briseur a plat de ma jointe resistance, le miel de mai lune mon grand fou jusqu'au bout de Desambre qui s'eveille enfin de son somme d'hiver et m'enquiquine comme au temps de ses rixes.	Car le petit machin que j'ai est bien use, c'est vrai, a force d'attendre et crier Noel qu'il vienne, mon compagnon de vie et de mort, la cle frugale de mes bardes, la bosse camelique du renouveau qui desaltere, ma panacee renversee, Mon miel de Maynooth, mon fou de la 31 decembre, pour s'eveiller de son Conte d'Hiver et me devorser tout comme il le faisait naguere.	Car l'affaire founette que j'ai est toute trouee y a pas a dire, assise beante et attendant mon vieux Danois addoderateur, mon compagnon de vie dans la mort, ma frugale de notre lardier, ma bosse de chameau tresalteree, mon turbule jointure, miel de lune de mon mai, mon fou jusqu'au dernier Decembrier, pour qu'il se reveille de son roupillon d'hiver et me deperce l'ennui comme il faisait susuellement.	Car le putti trouc que j'ai est tout use, que j'vous dis, assise, abaillant et attendant mon vieux Danois hodeur dadoreur, le compagnon de ma vie dans la mort, ma frugale cle de notre frigardeur, ma bosse de chameau bien alteree, mon dejointeur, Mon mielou de mailune, mon pleinfou de fin decembre, se veille de sa somme d'hiver et m'ennuie un bas coup comme d'antant.	Pour l'affaire de mastic que j'ai est a porte dehors, ainsi elle est, se reposant, jacassant et attendant mon vieux dodderer de hodder de Danois, Ma vie dans le compagnon de la mort, mon clef economie de notre gardemanger, la bosse de mon chameau beaucoup-change, mon jointspoiler, le miel de mes maymoon, mon imbecile au dernier Decemberer, pour se reveiller hors de son hiver somnolez-et ennuyez-moi vers le bas comme il employait a.

Diverses traductions du Monologue de la fin du livre

Le traducteur d'*Ulysse* et *Finnegans Wake* pour le Castellano, Marcelo Zabaloy,¹⁵¹ est un admirateur déclaré de votre traduction. Que pensez-vous de sa traduction de *Finnegans Wake*, la première intégrale en castillan ?

Marcelo Zabaloy a tous les dons pour réussir son titanesque exploit de traduire *Ulysse* et *Finnegans Wake* dans une langue moderne et fluide. Je lui suis redevable de la considération qu'il veut bien m'accorder et des moments de pure jouissance de la traduction que nous avons échangés sur d'obscurs contours de langage au fond du texte.

Il y a un texte critique qui anticipe votre traduction, « l'intraduction », et quelques tableaux, informations et réflexions sur l'intrigue sur votre Website. Certaines traductions, comme celles de Schöler, Victoria et Schenoni sont abondamment annotées. Quel est votre point de vue sur ces éditions critiques ? La critique étouffe-t-elle ou potentialise-t-elle le texte ?

Il faut convier tout le monde à la fête.

¹⁵¹ Une interview de Marcelo Zabaloy a été publiée dans un numéro spécial de *Qorpus Magazine* (volume 9, décembre 2019) à propos de James Joyce, disponible sur : <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [note de l'intervieweur].

Cela dit, mon « Intraduction » n'est pas un texte critique, mais un dispositif d'écriture destiné à recueillir dans le flux de l'action de traduction le ressenti littéraire, philosophique ou poétique.

Le Brésil a la traduction complète de Donaldo Schüler et des traductions partielles, à la fois par Dirce W. do Amarante et par les frères Haroldo et Augusto de Campos. De plus, il est sur le point de publier une traduction complète, réalisée par un collectif coordonné par Dirce W. do Amarante et a au moins deux autres traductions complètes *in progress*.¹⁵² Croyez-vous qu'une œuvre comme *Finnegans Wake* est toujours ouverte à de nouvelles traductions ou « un c'est peu, deux c'est bien et trois c'est trop »?

La vérité de *Finnegans Wake* est dans sa traduction. Elle est aussi dans l'avenir littéraire des langues qui s'engagent dans ce travail. Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki, Fuat Sevimay¹⁵³ et d'autres nous ouvriront des mondes nouveaux.

Le lecteur et le traducteur sont-ils co-constructeurs de l'ouvrage ou existe-t-il un moyen de faire des lectures et des traductions conservatrices?

Le lecteur et le traducteur sont co-constructeurs de l'ouvrage, tout comme le spectateur de Marcel Duchamp fait le tableau. Nous irons boire à la fontaine!
Besoin d'un livre qui manifeste non pas les impasses mais les impossibles du Logos

[ne mène nulle part, car il tourne en rond en fin de compte
ne parle que de lui, auto-référentiel, forme des formes
Rire, ruines et résurrection
Flux de conscience hyperréaliste
Virtuosité de la virtualité sexuelle
Tour de carte, passe-passe, et non-agir]

¹⁵² En plus de *Finnicius Revém* et *Finnegans Rivolta*, traductions complètes, il y a deux traductions complètes en cours : une par Caetano W. Galindo et une autre par moi [note de l'intervieweur].

¹⁵³ Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki et Fuat Sevimay sont les traducteurs de *Finnegans Wake* respectivement en chinois, polonais et turc [note de l'intervieweur].

*Pas de coupahurlantes ni d'abucalises ni aucun de jodelles de punchons ni aucun rien.
C'est notre vie crasse, hairsute, éterne et nulle. (VP, p. 455)*

– *C'est des réponses, ça ?*

– *Ce suis quiérieux !*

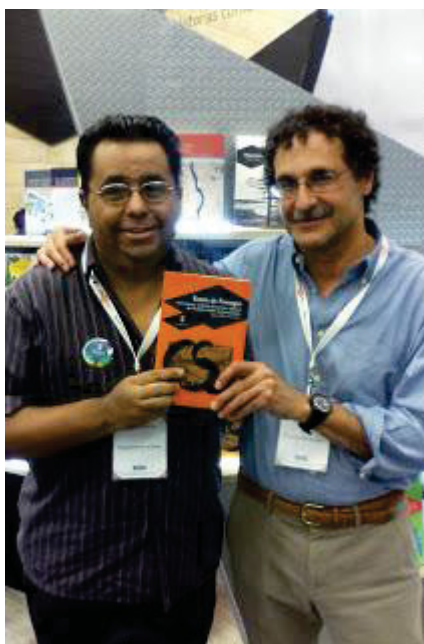
– *Crashedafar Corumbas ! Un Czardanseur en réalité ! Dervilisglade aussi. Ortovito
semi ricordo ?*

– *Ça ne sangnifie rien ! (VP, p. 513-14)*

APÊNDICE 1.1.3 – Espanhol

APÊNDICE 1.1.3.1 – Juan Díaz Victoria (México)

Entrevista con Juan Díaz Victoria, traductor de Joyce al castellano



J.D. Victoria, de remera oscura, junto a Fabio Morábito, poeta y narrador italo-mexicano. Fotografía cedida por el traductor (2021).

Juan Díaz Victoria (JD Victoria) nace en Cuernavaca, Morelos, el 20 de octubre de 1969. Es graduado de la Licenciatura en Ciencias de la Comunicación por el Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey (ITESM), Campus Morelos. Poeta y narrador, ha colaborado con artículos, reseñas, entrevistas y trabajos de creación literaria para diversas publicaciones y antologías de México, España y Sudamérica. Actualmente prepara la traducción anotada al castellano del *Finnegans Wake*, de James Joyce.

¿Puedes hablar de ti (infancia, escuela, educación, trabajo, relación con la universidad etc.) y tu relación con la literatura antes de descubrir a Joyce (primeras lecturas, libros que más te influyeron etc.)?

Soy mexicano y nací en la Quauhnáhuac que cita Lowry en su *Bajo el Volcán*, por lo que desde la universidad (cuando leí esa novela por mi cuenta) tuve la impresión de vivir en un escenario literario, como Macondo o Comala, que es otro en lo real, ya que la ciudad del texto es un puente fantástico entre parajes del estado de Oaxaca y el estado de Morelos, donde sigo residiendo actualmente. Algo así como el Dublín de Joyce para nosotros, los extranjeros, aunque JJ fue muy puntual en describir sus escenarios, aun cuando ya estaba en el exilio.

Mi niñez fue dichosa, sin conflictos, con lecturas iniciales nada precoces, pero que hicieron pensar a mis familiares que era un ratón de biblioteca, por lo que me equiparon con clásicos juveniles que jamás toqué, aunque leí miles de cómics de superhéroes norteamericanos (*Supermán, Batman, Hombre Araña, Hulk*) y mexicanos (*Chanoc, Kalimán, Santo el Enmascarado de Plata*), personajes de las caricaturas (*Bugs Bunny y sus amigos, La Pantera Rosa*) y, por una hermana menor con apenas un año de diferencia, repasaba sus *Archie, Periquita, La Pequeña Lulú*, semana tras semana, publicados en tirajes enormes que se vendían en los puestos de periódicos por medio dólar de entonces, o más baratos. También había versiones de *Joyas de la Literatura* que leí primero en “revistas de monitos”, como *La Tentación de san Antonio* (Flaubert) y similares, lo mismo que desastres recientes contados con ilustraciones en ediciones del papel más corriente, pero bien planteados en sus tramas y estructuras. Fui muy visual en mis lecturas entre los 12 y los 16 años, hasta que me compré *Crónica de una Muerte Anunciada*, de García Márquez, en pasta dura. Y no es que la considerara excepcional, pero empecé a adquirir libros como un poseso, por lo que al ingresar a la universidad a los 18 años ya había leído bastante y me convertí en referencia para calificar a los demás en las clases de literatura.

Por otro lado, sí fui precoz para escribir historias cortas y rimas de calidad que todavía me sorprenden, en ese caso cívicas y vinculadas con acontecimientos históricos, que nos solicitaban en la escuela a mi hermana y a mí. Los maestros no creían que había escrito eso un chiquillo de 9 o 10 años, pero yo me daba cuenta desde entonces del placer de paladear las palabras, influido porque los días lluviosos mi madre nos leía los poemas de una vieja antología, infaltable en las casas mexicanas, llamada *El Declamador sin Maestro*. Por supuesto, en primaria también me ponían a declamar

hasta el Himno Nacional, de lo que hubo incluso un concurso, que no gané, pero me permitió analizar las imágenes de esas rimas patrióticas, que nos aseguraban que pertenecían al himno más bello del mundo, después del francés. También dejé de escribir durante mi pubertad y adolescencia. Entonces prefería salir a la calle a jugar fútbol, andar en bicicleta o patines y platicar con amigos de la colonia.

¿Cómo pasaste de estas experiencias a los escritos de Joyce?

En la universidad, me topé con el *Ulises* en la versión de José María Valverde, y desde las primeras líneas sentí en esa prosa que existía algo superior, como una escena vista desde varios puntos de vista al mismo tiempo, en la que entraban la acción y el pensamiento tal cual, con inmensa belleza, un fraseo en cascada que incluso en sus momentos más confusos me dejaba una impresión de lo perfecto, como cincelado en la página desde tiempos inmemoriales. Lo mismo que hallé en las prosas de Borges, Juan José Arreola y Rulfo, lo más sublime de la lengua, pero estático, en Joyce fluía como una escultura de humo o agua. Este dinamismo también lo apreciaba en las primeras novelas de Carlos Fuentes o Vargas Llosa, y en Cortázar, pero al irlandés lo vinculaba más con la huella que me dejaba la poesía, a la que me aficioné también por esos años al participar en un taller con buenos compañeros. Era un imitador de Paz, por cerebral, pero aficionado a las imágenes rotundas que dicen más que diez estrofas. Desde entonces fui un cazador de éstas, por lo que en Joyce (incluso traducido) encontré una buena veta. A *Dublineses* y el *Retrato del artista adolescente* accedí después, y lo atesoré como gran literatura, pero no a la escala del *Ulises*. Tal vez, quizá, la *Rayuela* de Cortázar me satisfizo de alguna forma parecida, y la identificaba como El Tercer *Ulises* al plantearme un ensayo que nunca escribí.

¿Cómo fue tu primer contacto con *Wake*? ¿Y por qué decidiste traducirlo?

Primero, en los años 90, hallé en la librería del zócalo (plaza cívica en el Centro de la ciudad) un solitario ejemplar de Lumen con el pésimo compendio de Pozanco, que desde el arranque mismo se me cayó de las manos. Sentí que se traicionaba a JJ, aún sin conocer el texto original. Trabajaba en 2005 como redactor para una editorial que publicaba libros educativos cuando el internet me trajo la primera página del *Finnegans Wake* (FW), y volví a paladear la prosa de su autor. La saboree. Vi el craso error de Pozanco desde el enfoque mismo que asumió, pensando que si nadie entendía el texto “de cualquier forma”, se daría la licencia de destrozar la novela y

picotear sin gracia lo que hallara en un inglés relativamente estándar. Aquello del traductor profesional español (básicamente, a sueldo y laborando a destajo) era un galimatías tarado de más de 230 páginas, la tercera parte del texto joyceano, pero como si lo pronunciara un deficiente mental con un lenguaje primario de parvulario. Entonces puse manos a la obra, al intuir muchos de los significados que se les dificultaba a traductores extranjeros no familiarizados con las lenguas romance, pues el texto ante mí estaba salpicado de latín y raíces griegas. Obviamente, desde el primer vistazo detecté la “intención” de esos párrafos de la página inicial, lo que se contaba y cómo lo hacía el irlandés, y no me defraudó en absoluto.

Mi inglés no era excepcional ni erudito, ni lo es ahora, pero los diccionarios multilingües físicos y en línea fueron de gran ayuda, y capté el “espíritu” del tono y los recursos, las *mañitas* (trampas de estilo) que reitera su autor a lo largo de su creación, y los borradores disponibles también en la red me daban una gran pauta. Porque la historia se plantea de manera medianamente coherente en una primera versión de menos de doscientas páginas, y por supuesto que hay porciones enteras de adiciones, pero UNA TRAMA se define desde ese momento. En resumen, empecé a traducirlo por curiosidad y porque vi que podía, como un ejercicio de empatía con Joyce, hasta alcanzar un nivel en el que prácticamente sentí que le leía la mente a ese genio de la(s) lengua(s) ya muerto, pero asumiendo el compromiso de respetarlo prácticamente al pie de la letra, sin “demasiadas” licencias sino las que consideraba que él mismo avalaría por coherentes con su proyecto, las cuales sumarán apenas entre seis y diez en el primer capítulo completo.

Sin conocer aún la “aclamada” traducción sesentera del muy admirado escritor mexicano Salvador Elizondo del mismo arranque de FW, que era anotada, yo asumí que lo apropiado sería intervenir mi versión con estas digresiones esclarecedoras, en una novela que en su flujo original no está tampoco exenta de este recurso de desviarse a la menor provocación, como algunos de sus referentes (Sterne, Rabelais), pero me enriquecía demasiado como lector enterarme NECESARIAMENTE de dónde venía cierta oscura alusión, para lo que accedí a grupos internacionales de lectura y, por supuesto, a la titánica obra de Roland McHugh al respecto, estructurada sólo con anotaciones línea por línea, que busca ser exhaustiva, pero a la que ahora podría agregar algunos cientos de datos no incorporados en su propuesta (que va en la cuarta edición) debido a que, al traducirla puntualmente de todos los idiomas que identifiqué con mi método y relacionar una referencia con otra, se multiplican las claves

que nos llevan a otros senderos, que el propio autor se encarga de confirmar a partir del recurso de “redundancia”, el cual ya intuía Umberto Eco para las obras abiertas, precisamente como ésta.

Respecto a tu traducción: ¿es total o parcial, qué capítulos fueron traducidos y publicados?, ¿cuál fue la tirada, diseño gráfico, etcétera?

Una primera versión del capítulo inicial, más experimental en el lenguaje y sin notas todavía (aunque yo las trabajé desde el inicio del proyecto) las autopubliqué en las plataformas de lulu (para América) y bubok (para España) desde 2009. Ahí están todavía, y tiene juegos de palabras y variaciones que ya no incorporé después, con el afán de que el texto fuera AÚN más legible y “didáctico”. Para entonces también había completado el segundo capítulo, más corto y “sencillo” que el primero. Marcelo Zabaloy, con quien tenía una relación epistolar a partir de entonces, de lo que hablaré después, me instó en 2016 a que colaborara con él en su versión para El Cuenco de Plata, y me ofreció como reto que avanzara revisando su capítulo 10 (FW II.2), considerado por Joyce mismo como el más difícil de desentrañar, básicamente por su estructura de notas en tres márgenes y el juego que se entabla entre las distintas narrativas de los dos hermanos (izquierda y derecha, e intercambian sitios a la mitad del apartado), la nínfula Issy (abajo) y el narrador (al centro), pero mi método de apelar a TODOS los idiomas asequibles, en oposición a sus pautas basadas en el inglés (casi) exclusivamente, aunque él domina también el francés de primera mano, impidió que fructificara esta colaboración, ya que, como el traductor argentino ha subrayado, no se presta el asunto del FW a consensuar criterios, al menos en nuestro caso, aunque el texto más “legible” del original, en las traducciones de ambos sean prácticamente variaciones de lo mismo; pero donde Zabaloy mantiene la confusión inicial por tratarse de polisemias en más de sesenta idiomas y dialectos aparentemente distintos e irreconciliables (de lo que deriva la genialidad de la propuesta del FW desde mi punto de vista), yo apuesto por esclarecer cada enunciado y referencia al grado de que pueda leerse mi versión como si las distorsiones no existieran en absoluto, a excepción de algunos juegos de palabras obvios y calambures que pude adaptar con suficiente claridad para no ofuscar los significados. En fin, interesado por publicar mi versión anotada y re TRABAJADA del primer capítulo hasta hacerla enteramente comprensible, planteé en una plataforma de *crowdfunding* mi proyecto y obtuve recursos para hacerlo por mi cuenta, pero una editorial

independiente en Guadalajara (Ediciones Arlequín) se interesó y me propuso cumplirle a mis donadores con una edición de lujo en pasta dura y sacar aparte otra en pasta blanda para ellos, a lo que se sumaría después la digital. En pasta dura se distribuyeron cien ejemplares entre los participantes del fondeo, en pasta blanda quedó abierto el tiraje, y respecto al libro electrónico, también. Fue un trabajo muy profesional, y la portada, basada en un concepto mío, quedó impecable. Estoy muy agradecido con ellos por que hayan apostado por “recuperar” a Joyce al estrato literario contemporáneo en castellano desde México, pues el texto ha tenido buena acogida entre su nicho de mercado académico y literario donde ha estado disponible. Se presentó en la Feria Internacional del Libro (FIL) de Guadalajara en diciembre de 2016.

Ahora, para la FIL 2021, con Perú como Invitado de Honor, la editorial Colmena de aquel país se lanzó a publicar cuatro capítulos en versión anotada, con ensayos introductorios y sinopsis, además de una colaboración académica de una destacada especialista mexicana. Se obtuvo el apoyo de Irish Literature, dependencia promotora de la cultura del gobierno de Irlanda, y el volumen tendrá alrededor de quinientas páginas. Incluirá los primeros dos capítulos, “Estela de Finnegan” y la “Balada de Earwicker”; el 8, popularizado con el nombre de “Anna Livia Plurabelle”, el más trabajado en traducción (y a pesar de ello, malinterpretado); así como el citado FW II.2 en formato de cuaderno de notas escolares que se conoce como Los Estudios.

Su traducción tiene las versiones impresa y *Kindle*. ¿Cuáles son las principales ventajas y desventajas de cada versión?

No intervine en la adaptación a libro digital, y noto que el texto ahí fluye sin tanta traba VISUAL mientras las ligas a las notas pueden verse aparte, o evitarlas. Yo recomiendo varias lecturas por párrafo: la primera, sin apelar a las notas; la segunda, revisando las anotaciones a pie de página en sus diversos contextos que se plantean en cada enunciado y alusiones; la tercera, espejeando con el original en *inglés intervenido*, para apreciar el método joyceano de emplear mínimos recursos para evocar en una misma oración múltiples significados que reafirman, niegan, subliman o frivolizan el mensaje primario y más obvio. Por ejemplo, el reconocido vitral ícono de una catedral inglesa donde se plasma la crucifixión deviene “cruci/ficción”; es decir, su propia parodia por la variación, inclusión o elisión de algunos signos, debido a sus posibilidades polisémicas en OTRAS lenguas distintas ¡que encajan casi de forma

milagrosa! Por lo anterior, prefiero la edición impresa, que es visualmente densa pero más práctica.

Tienes un *blog* y una comunidad de *Facebook* dedicados a la *Estela de Finnegan*. ¿Cuál fue la motivación para crearlos y cómo ha sido el *feedback* de las redes sociales?

El auténtico reto de esta tarea no ha sido la traducción en sí, para lo que estructuré intuitivamente un método cuya eficacia he probado y comprobado desde 2005 a la fecha. Lo verdaderamente complejo *todavía* es divulgar y convencer a tirios y troyanos de que los prejuicios con respecto a la ilegibilidad del texto son enteramente falsos, y si *Ulises* fue una revolución de las formas, FW lo es de los contenidos; es decir, el autor estaba convencido (como yo) de que cualquier variación, por mínima que sea, consciente o inconsciente, arroja un referente que se incorpora con fortuna al corpus de la trama. Se ha dicho que el irlandés daba la bienvenida a los accidentes y errores de transcripción cometidos por sus colaboradores, pues debemos tomar en cuenta que durante la gestación de FW ya se estaba quedando prácticamente ciego a causa de su glaucoma, además de presentar distintas dolencias gástricas y dentales que no mejoraban su humor. Los ejemplos al respecto que conozco son apócrifos, pues no se reflejan en ningún lugar de la novela, como Samuel Beckett tomándole dictado e incorporando la respuesta espontánea de JJ por el toquido de una puerta; pero sí identifico referencias extravagantes que se incorporan dichosamente al texto, aunque yo no pueda afirmar que Joyce las tuviera en mente. Baste mencionar, en la primera página:

Shen brewed by arclight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aquaface.

A primera vista, puede evocar para nosotros un puente que cruza el río Liffey en Dublín, bautizado como Rory O'More; con la salvedad de que éste fue inaugurado con dicho nombre hasta 1939, el mismo año de la publicación del FW.

Es así que las redes sociales me han servido para picar piedra, involucrando (al menos) a todos los intelectuales que tengo registrados en *Facebook*, quienes se muestran todavía reticentes en lo público, pero entusiastas en lo privado, por este trabajo. El español Enrique Vila-Matas, el argentino Patricio Pron, los mexicanos José Emilio Pacheco (+), Gustavo Sainz (+), Juan Villoro, Pedro Ángel Palou, Bernardo Ruiz, Julián Herbert y Antonio Ortuño, entre otros, se han condecorado con el último

Joyce a partir de mi trabajo. En mi blog, colaboraciones en medios impresos y sitios de internet especializados, entrevistas publicadas y el sitio Academia también ha encontrado eco internacional esta versión, que se está colando como la humedad en las paredes para derrumbar las reticencias del edificio construido durante noventa años por los detractores del FW. Por las redes conseguí a mis dos editores, Arlequín y Colmena, lo cual ya es ganancia.

Ya ha presentado su traducción en eventos académicos. ¿Cuál fue la acogida en estos eventos, en otros sectores de la academia y por parte del público en general?

Por un lado, entusiasmo; por otro, censura, antes que ninguneo, al menos en México. Se me han abierto puertas en Perú y España para que mis ponencias participen, incluso en ausencia mía, leídas por promotores de los eventos locales (Lima, Bilbao). Obtuve un apoyo especial de la International James Joyce Foundation para que participara en el congreso anual celebrado en Amberes (Bélgica) en 2018, aunque no pude aprovecharlo por cuestiones personales; pero se abrió la puerta para que en la siguiente edición, celebrada en México por casualidad, me responsabilizara de un panel en castellano en el que intervinieron el peruano Ricardo Silva Santisteban, traductor de élite y académico de la lengua, así como el mexicano Alejandro Toledo, reconocido especialista en este autor y otros “raros”. Organizado por la Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) y la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), fui citado en algunas ponencias ajenas, pero visto con suspicacia por los renombrados académicos institucionales nacionales y extranjeros que participaron, al grado de que confronté en ese evento (en privado) a John Gordon, quien supuso que le solicitaría ayuda, y le aclaré que, al contrario, Finn McCool estaba despertando y hablaba castellano. Por otro lado, Fritz Senn sí agradeció mis notas y sinopsis de FW II.2 para un seminario que preparó al respecto en agosto de 2019. Los dirigentes de Humanidades de la UNAM optaron entonces por “borrarme del mapa” y no integrarme al encuentro en línea dedicado a Joyce que organizaron este año (2021), ni aceptar mi aportación para el número especial de *Nuevas Poligrafías* dedicado al irlandés que salió en agosto, a pesar de que en su artículo principal se comentaba mi trabajo a la par de especialistas extranjeros.

En resumen, las reacciones que obtengo al mencionar que traduzco FW al castellano en versión anotada pasan de la total incredulidad, al asombro cuando lo ven impreso

y hasta el entusiasmo al leerlo y COMPRENDERLO. En muchas ocasiones, las tres al mismo tiempo.

El primer capítulo presenta una sinopsis, un texto introductorio y más de 1000 notas, que se expanden casi como una obra más. ¿Puedes hablar sobre este proyecto crítico que acompaña a la traducción (¿cuáles fueron tus fuentes de investigación, el tiempo dedicado, se tomaron notas durante la traducción o después de terminarla?). ¿Qué importancia tiene una traducción anotada para el lector?

Las principales fuentes son los sucesivos borradores del *Work in Progress*, rescatados y puestos en línea por Clive Hart y otros especialistas; las conversaciones en grupos virtuales de estudio extranjeros y la obra de anotaciones compilada por Roland McHugh; pero al avanzar se van revelando, por contexto, otras claves de la lectura. Cientos de ellas, hasta este momento. Lo que privilegio es la empatía con Joyce, tratar de ver lo que él pudo considerar en aquel momento y circunstancia de la composición de su novela más exigente, tanto para él como para sus lectores *insomnes*. *Ulises* lo terminó en siete años, y para FW requirió dieciséis, con la salud quebrantada y recibiendo el escarnio de sus más entusiastas promotores. ¿Por qué se empeñaría en hacer algo así en los últimos años de su vida? Él mencionó que esta obra NO era literatura en ese momento, pero que algún día lo sería. Precisamente es ahora, la era del hipertexto, cuando llega a ser la representación más certera de su proyecto final. Para mí como lector, aclarar las referencias me abre el panorama de otro universo de conocimiento al que no hubiera tenido acceso por medios convencionales, por falta de interés, enfoque o de oportunidad para descubrirlo. Por ejemplo, las mitologías nórdicas, las culturas ancestrales egipcia y china, episodios de la historia de Europa, acercamiento a obras literarias y textos diversos que desconocía, y todo un acervo de datos que han enriquecido mi perspectiva de la cultura del mundo y me han acercado a pueblos distantes en el tiempo y el espacio. Lo mismo encontrará cualquier lector curioso y atento.

<https://youtu.be/eztqgn69sfo>

¿Cómo fue la búsqueda de una editorial y cómo fue la relación con los editores?

En ambos casos, los editores llegaron solos por el trabajo en redes sociales. La relación con ambos ha sido buena, porque mi interés está en la divulgación antes que

en el lucro, y siento que muevo una piedra enorme de reticencia, desprecio y olvido con tan solo una palanca minúscula, que es mi ordenador.

Sobre el proceso de traducción: ¿Cuánto empezaste? ¿Cuándo tardó? ¿Continuará? ¿Cuándo quieres terminar?

Empecé con la primera página en 2005, y me tomó dos semanas completar una versión anotada inicial que me satisficiera, la cual se publicó más tarde en un periódico de circulación nacional. Entre junio de 2007 y el mismo mes de 2008 completé el primer capítulo, e inmediatamente emprendí el segundo, que terminé un año después, en 2009. En 2016, a instancias del reto que me puso Marcelo Zabaloy, comencé el FW II.2, y acabé en 2018. Inicié entonces el “Anna Livia Plurabelle”, que culminé en 2019. En ese momento se presentó el segundo editor, peruano, quien hizo los trámites para solicitar el apoyo de Irish Literature, cuya resolución llegó al año siguiente, en noviembre de 2020, debido a la pandemia. Se presenta este libro en noviembre de 2021.

Si continúo solo por mi cuenta, será un proyecto que retomaré de tiempo en tiempo, mientras desarrollo mi propia obra narrativa y poética en marcha; pero los avances de FW ya no verían la luz como libro sino hasta que estuviera terminado por completo, con los 17 capítulos enteramente legibles y anotados; pero si se concreta un proyecto con el apoyo financiero y humano de instituciones educativas o culturales y al menos una editorial solvente, reuniría un equipo internacional que sesionaría virtualmente para ir trabajando simultáneamente todos los apartados, individualmente o en duplas, después de transmitirles mi método, y podría concretarse una edición íntegra en un periodo de tres a cinco años, lista para su publicación. Y aún entonces, yo seguiría retrabajando ese texto el resto de mi vida, pues con cada relectura surgen nuevas vertientes que me interesan.

¿Cuáles fueron los métodos de traducción y los instrumentos de investigación que utilizó?

Desarrollé un método propio para identificar los idiomas con los que Joyce intervino su texto básico en inglés, pero principalmente apelo a la paciencia y el entusiasmo por revelar (primero para mí) tanto esas fuentes como las referencias explícitas e implícitas. Trabajo oración por oración, hasta quedar satisfecho al menos en un noventa y cinco por ciento; avanzo y vuelvo a repasar y cotejar con lo hallado más

adelante. Busco en línea o impresos los diccionarios y documentos que me confirmen la primera impresión que me ofrece el extracto en el que estoy trabajando.

¿Cuáles son los aspectos principales de su traducción? ¿Destacaste algún elemento, como la oralidad, los neologismos, la literalidad, el ritmo, etc.?

Obviamente, como se ha visto, le doy prioridad a los significados, a la coherencia del texto, a la aparición de la trama “consecutiva e interrelacionada”, como JJ declaró para una entrevista publicada. Con oído de poeta, también persigo el ritmo y la cadencia, la riqueza de imágenes y de lenguaje, la estructura original, incluyendo puntuación algo arbitraria que suele caracterizar al autor irlandés, aunque sea funcional para su mensaje.

¿Tienes una parte favorita del trabajo? ¿Puedecitarla y comentar sobre sus opciones de traducción?

En realidad, siento que TODO el texto está equilibrado, como en cualquier ejercicio narrativo, aunque me agrada especialmente un segmento de la página 287 que parodia un exhorto en latín:

—venid sin dilación, hombres pretéritos, mientras un pedacito de papiro imperial de segundo grado, relativo a los que nacerán después, se exhibe con mayor propiedad en la lengua romana de los muertos. Déjennos, sentados gozosamente sobre ollas de carne (Éxodo 16:3) y viendo de hecho el sitio de París de donde surgirá una gran progenie humana, volver en nuestras mentes a la sabiduría más antigua de ambos sacerdotes Giordano y Giambattista: al hecho de que todo en el río fluye de manera segura, con una clara corriente, y que esas cosas que habrían estado en la ribera estarían después en el lecho; finalmente, que todo se reconoce a sí mismo a través de algo opuesto y que la corriente es abrazada por orillas rivales—

Por ejemplo, en este caso excepcional, agregué en el mismo texto una alusión bíblica que parece inmotivada, la cual da contexto para referir al acceso de los esclavos a la opulencia de sus amos: *y les decían los hijos de Israel: Ojalá hubiéramos muerto por mano de Jehová en la tierra de Egipto, cuando nos sentábamos a las ollas de carne, cuando comíamos pan hasta saciarnos; pues nos habéis sacado a este desierto para matar de hambre a toda esta multitud.*

Este es un ejemplo de cómo aportan las notas al texto para enfocar nuestra atención en otros motivos que enriquecen el discurso original.

El investigador Patrick O'Neill elogió la traducción de su título en un artículo publicado en la revista *Qorpus*. ¿Puedes explicar la elección de *Estela de Finnegan*?

Como el especialista explicó, elegí ese título aplicable perfectamente al primer capítulo pues es una de las traducciones posibles, de lo que se ha discutido bastante, y es quizá la menos obvia, por lo que también se trata de una provocación. Pero realmente, ese extracto aborda el origen de la novela con un personaje emblemático desde la primera página, el albañil Tim Finnegan, quien cae de un muro para terminar supuestamente “muerto”, personificando a la divinidad en todas sus manifestaciones, aunque primordialmente a Cristo, dios mismo hecho hombre, y que será relevado por su nuevo avatar, HCE, quien al final de FW I.1 aparece entrando a Dublín por el río Liffey a bordo de una barca, la cual genera una estela que comprende la historia, el presente y sus consecuencias a futuro, predecibles desde entonces, pues ya se abordan en este texto, que es cíclico, como las distintas eras repitiéndose en el Tiempo, según Giambattista Vico y otros autores.

¿Cuál es su relación con las teorías de la traducción? ¿Tiene alguna preferencia por alguna? ¿Por qué?

No tengo ninguna relación formal con las teorías de la traducción. No abordé el texto desde ningún preconcepto, sino que lo confronté como lector interesado y curioso, apelando a lo que su autor había declarado al respecto del mismo y con enorme respeto por el flujo de su prosa. No tuve ningún prejuicio, sino indignación por lo que durante décadas se había construido alrededor de FW, demeritándola por la propia incompetencia evidente de sus detractores, aunque entre ellos hubiera nombres e intelectos de enorme altura como los del confundido Samuel Beckett, al igual que T.S. Eliot; las pataletas de nuestro amado Borges (en castellano) o la incomprensión del genio cubano Guillermo Cabrera Infante, espíritu afín a Joyce desde otra isla prodigiosa. Respeto los afanes de quienes ensayaron una aproximación leal y real a la novela como los hermanos Augusto y Haroldo de Campos, el doctor Ricardo Silva Santisteban y justamente Marcelo Zabaloy, un apasionado como pocos al respecto de los textos complicados y exigentes para lectores o traductores.

¿Crees que *Wake* se ajusta a cualquier teoría de la traducción?

Lo ignoro, y en ese caso, es un reto para los mismos teóricos, y si no calza con sus preconceptos, es problema de ellos, no de su autor. Ni mío.

¿Se puede considerar al traductor del *Wake* como coautor del libro?

No me considero coautor con Joyce, ni lo haría siquiera por ego o pedantería, que nunca sobran en esta tarea, pero lo que él dice no son imágenes que emergieran con naturalidad de mi proceso mental cotidiano. Su organización de las ideas no es la mía, aunque me pude acoplar a ellas, por lo que EN DEFINITIVA la misma etiqueta de traductor me parece suficiente para validar esta labor; pero ni siquiera la necesito, sino que realmente me considero un “lector atento” que investiga y divulga sus hallazgos. Por eso llamo a mis aportaciones “Una lectura anotada”. Y estoy satisfecho de ser el primer o segundo lector (ajeno a su artífice) que ENTIENDE esta obra en esencia, después (quizá) de James Stephens, amigo entrañable de JJ, a quien reveló su método de composición y tenía encomendado continuar la novela si Joyce llegaba a fallecer en el proceso. Él sí sería su coautor, pues en la portada aparecería el respectivo crédito como JJ & Stephens, emulando a la marca de whisky JJ & S, John Jameson and Son.

Algunos traductores del libro intercambian referencias en el original con referencias a elementos de sus países. ¿Estás de acuerdo con este proceso transcultural? ¿Dónde se ubica su proyecto en este contexto?

Nada me parece más chocante que leer eso, que es precisamente como presenta García Tortosa a sus lavanderas en el capítulo VIII que Cátedra le publicó: como si fueran fregonas sevillanas. Además, cuento con el aparato de notas para, si tiene valor la referencia original, señalarla en su contexto. Jamás introduciría a la Virgen de Guadalupe (tan importante simbólicamente en México) ni a personajes históricos de mi país que sean símiles de nadie, aun cuando en las colonias siempre tenemos nuestro propio Libertador. Por otro lado, Joyce introduce por su cuenta en FW a los aztecas, el volcán Popocatepetl como representación de HCE en su “encarnación” como montaña y algunos ríos de mi país en el capítulo de “Anna Livia Plurabelle”.

¿Cuáles son las principales diferencias entre su traducción y las demás traducciones al castellano, como la integral de Zabaloy, y las parciales, como las de Pozanco, Lago y Tortosa?

Respeto la labor de Zabaloy, que cumple con la cuota en castellano de tener una versión “íntegra” de lo que captaría un lector promedio en su idioma original, el inglés, y lo hace comprometido, sin ínfulas y gozosamente, hasta donde le alcanza el gusto de comprender algunos pasajes y transcribirlos dignamente. Lo de Pozanco fue una labor a destajo, sin valor para mí. La de García Tortosa retrata enteramente la postura de la academia, con un texto preliminar de 150 páginas donde se contextualiza con solvencia el FW, lo cual se agradece, pero como traducción es enteramente indigesta. Eduardo Lago, con más colmillo, pudo darle un cuerpo al menos esbozado al ALP, pero incluso él mismo se perdió y se saltó varias páginas, que tuvo que reponer al final de su proyecto publicado en el blog de Vila-Matas. De esta labor también rescato las introducciones, pero faltando un tercio de su misión ya había perdido el empuje inicial y se quejaba como si de un martirio insufrible se tratara. Destaco también los acercamientos fragmentarios de Ricardo Silva Santisteban a las obras joyceanas, especialmente el *Finnegans*. Hay otras dos versiones argentinas medianamente solventes, aunque todavía ilegibles como texto literario coherente y disfrutable: la de Chitarroni y la de Lamborghini.

Considero que mis versiones de los cuatro capítulos ya terminados son coherentes, disfrutables como literatura, que recobran el gozo de Joyce al escribir esto, cuando se encerraba en su habitación a carcajearse, ante el asombro de Nora, su mujer. Identifico en ellas la prosa y el estilo que se halla en las traducciones del *Ulises*, con las mismas trabas atribuibles al estilo y los enfoques de su autor, pero que se sortean con agrado, debido asimismo al sentido de humor que (¡al fin!) puede trasminar sugerido o expuesto claramente en mi lengua materna. Las notas abren el panorama a universos de conocimiento sorprendentes que incitan que seguir investigando y aprehendiendo las distintas “realidades” del hombre a lo largo del tiempo, hasta rozar los conceptos más elevados de la espiritualidad a través del *Corán*, la *Biblia*, la *Cábala*, diversos textos religiosos o herméticos y hasta la visión esotérica del poeta W.B. Yeats, que yo desconocía.

Además de estas traducciones, ¿qué tiene que decir acerca de las traducciones a otros idiomas que conoce?

Que tampoco se entienden ni se disfrutan como literatura. Más entretenidas son las glosas y “explicaciones” de diversos especialistas, que igualmente se pierden mucho por las ramas e inventan sus propias narrativas sin sustento auténtico en el texto, pero las veo como obras de ficción académica meramente especulativa. Si acaso, hay una columna vertebral de la trama que sí comparten, medianamente clara, cuya exposición desglosada por capítulos no excede las tres cuartillas. Lo demás con ellos ha sido y sigue siendo “rizar el rizo”.

¿Qué debe buscar el traductor de *Finnegans Wake* para tener éxito? ¿Cuáles son las libertades y los límites de este trabajo?

El traductor de FW debe buscar EXACTAMENTE lo mismo que el de cualquier otro texto: entregarlo a su lengua de destino *íntegramente* de la mejor manera posible, a su *entera* satisfacción, sin concesiones. Tan legible y coherente como el texto lo permite para ser valorado y ameritar su traslación a otra lengua. Si yo considerara que no vale el esfuerzo, no lo haría. ¿Cómo voy a *traducir* lo que yo mismo no entiendo ni disfruto? Si mi comprensión e interés por hacerlo es nulo o parcial, no tiene sentido ni siquiera tomar la consigna.

Existe libertad absoluta para allegarse todas las herramientas que contribuyan a la eficaz traducción del texto: biografías del escritor y de sus allegados (hermanos, padres, hijos, cónyuges), otras versiones traducidas del mismo escrito o de distintas obras del autor, libros de historia o guías de lectura y del lugar donde se desarrolla la trama, estudios críticos y reseñas al respecto. Conversaciones y consultas con especialistas. De ser requerido, para empatizar con el autor, incluso recibir asesoría de un médium, antes de plantearse siquiera comenzar a hacerlo sin verdadero compromiso, dejando huecos en la propia comprensión de las palabras o el objetivo de la obra, que también podría plantear abiertamente la confusión como meta, como los *Cantos* de Pound, experimentos narrativos surrealistas, dadaístas o similares; cierto tipo de poesía, monólogos interiores o flujos de conciencia, narrativas del absurdo, etcétera.

No dar un paso en el vacío sin vislumbrar la meta, algún motivo suficiente y la pasión por tomar ese riesgo que encamina lo mismo al hallazgo que al hartazgo. Y saber detenerse a tiempo, no ofrecer gato por liebre, como suele ocurrir con FW y otros

textos complejos, los cuales suelen llamarnos y seducir tan solo a unos cuantos, tanto para leerlos como para traducirlos, si se da el caso.

¿Puedes hablar sobre los juegos de palabras multilingües de *Finnegans Wake* y cómo trabajaste con ellos en tu traducción?

Los abordé por partes. Primero, dilucidar el significado en su contexto; ver de dónde viene y anticipar a dónde puede ir la frase. Ya con las claves gráficas o fonéticas (¿a qué suena?) en inglés se tiene una base. Oírlo en la cabeza y repetirlo en voz alta. Varias veces. Después, atender a las variaciones en las gráficas: el uso de alguna letra intercalada o ausente en una palabra reconocible (*commodius*) indican que hay algo adicional ahí. La aparición de un apóstrofo o el cambio inusitado en la sintaxis de una frase común y coloquial también son pistas (*Eve and Adam's*) a tomar en cuenta. Construcciones inusitadas en palabras-portafolio que revelan significados adicionales (*riverrun*), conceptos polisémicos (*back*) o poco claros (*vicus*) que pueden proceder de idiomas distintos, pero apelan a determinados significados por contexto en el original (*recirculation*). Cortes de párrafo que parten una palabra en dos o más significados implícitos. Uso aparentemente arbitrario de mayúsculas (*Environs*) o minúsculas:

*riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to
Howth Castle and Environs.*

Muchas partes del libro escapan a la fragua de la gramática normativa. ¿Cuál es la importancia de esta agramaticalidad para la poética del libro y cómo la manejaste?

FW responde a su propia gramática, y para comprenderla se requiere solamente dilucidar sus *reincidencias*, antes que normas, las cuales se han anticipado con suficiencia en *Ulises*, primordialmente. No debe extrañar que una misma palabra tenga dos significados y acomodos distintos en frases similares, separadas por varias líneas o páginas, pero siempre se debe apelar al contexto: ver si tiene validez, o incluso si los significados contrapuestos “caben” (o no) en la coherencia interna del discurso, porque es frecuente también que se reafirme o niegue una oración en la siguiente. O en esa misma construcción gramatical. Decir que alguien se presenta a una gala *vestido* elegantemente con su *traje de nacimiento* alude a que va desnudo,

por ejemplo. Para conseguir esto sí fue necesario ensayar, experimentar, descubrir y avanzar en el texto para ir reafirmando las *mañitas* o reincidencias no explícitas que antes mencioné.

***Finnegans Wake* ha pasado muchas décadas con traducciones solo parciales, pero hoy en día también hay varias traducciones completas. ¿Qué opinas de las retraducciones constantes? ¿El espacio para ellas es ilimitado?**

Es ilimitado mientras no exista, al menos, un texto canónico que todos comprendan y ponga un piso firme para levantar los edificios de variaciones, interpretaciones y especulaciones académicas con fundamento suficiente. Analizamos *El Quijote*, que es un texto ya fijado en el tiempo que no requiere agregarle una coma, y todavía podemos bordar a su alrededor teorías y elucubraciones. A eso aspira mi trabajo, que puede ser retraducido sin (demasiados) problemas a cualquier lengua; pero estoy convencido de que eso fue lo que Joyce nos ofreció a los lectores y que se aproxima bastante a lo que él mismo comprendía y disfrutaba al componer y releer su texto. Al menos, yo lo gozo como algo original, exuberante, bello en extremo y nunca visto por mí.

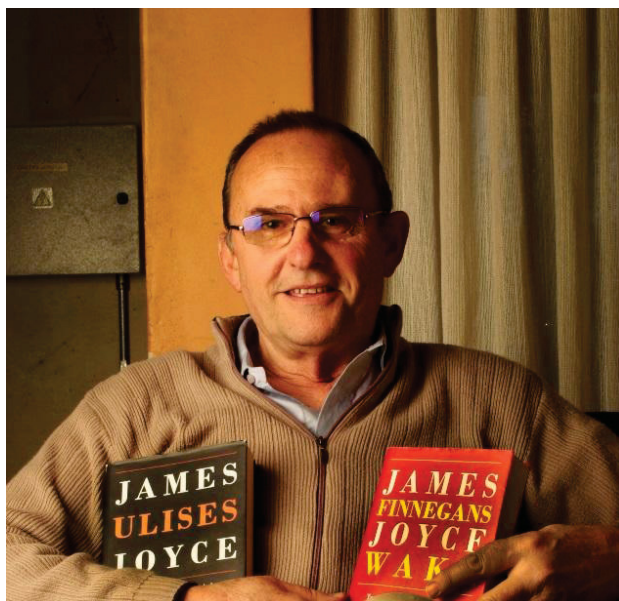
¿Qué tienes que decirles a los teóricos que etiquetan a *Finnegans Wake* como intraducible?

Que FW es la obra más ambiciosa de un genio literario inigualable del siglo XX en su plenitud creativa. La muestra más excelsa de su talento. Y que debemos ponernos a esa altura para acercarnos a esta obra monumental que aspira a integrar la historia del mundo y su literatura en un único tomo, cuyos significados se desdoblan profusamente, dando la impresión de ser el auténtico libro interminable al que aspiraba Borges.

APÊNDICE 1.1.4 – Castelhana

APÊNDICE 1.1.4.1 – Marcelo Zabaloy (Argentina)

Entrevista con Marcelo Zabaloy, traductor de Joyce al castellano



Fotografía de Zabaloy proporcionada por el propio traductor (2019).

El argentino Marcelo Zabaloy es traductor de *Ulysses* (1922) y *Finnegans Wake* (1939) de James Joyce al castellano, siendo uno de los pocos en el mundo que tradujo completamente las dos epopeyas modernistas del escritor irlandés. Si ya había otras traducciones de *Ulysses* para el idioma de Gabriel García Márquez y Jorge Luis Borges, la primera traducción completa de *Finnegans Wake* fue la de Zabaloy, publicada en 2016 por la editorial El Cuenco de Plata. En la entrevista, que se realizó con el traductor por correo electrónico entre finales de agosto y principios de septiembre de 2019, el argentino de 63 años habla sobre su relación con la literatura y cuenta detalles sobre los hercúleos caminos por los que pasó para traducir dos de los libros más laberínticos e importantes del siglo XX.

¿Puedes hablar un poco sobre usted y suyo camino en la literatura a Joyce?

Nací en Bahía Blanca, el 10 de septiembre de 1956, en un hogar de clase media. Fui a la escuela N° 4, a la vuelta de mi casa, y a los seis años de edad mi madre me llevó a estudiar inglés en el colegio Southlands. Me gustó el idioma y seguí yendo a inglés hasta los dieciocho años. Mis padres no eran grandes lectores, pero cuando cumplí diez años mi madre me regaló una novela que me entusiasmó, *El Príncipe Valiente*.¹⁵⁴ Leyendo ese libro comencé mi carrera de lector. Hice la escuela secundaria en el Ciclo Básico y la Escuela Normal, dependientes de la Universidad Nacional del Sur. Todo ello en la escuela pública, que es uno de los pocos orgullos de mi país, la enseñanza libre, gratuita y laica, desde el jardín de infantes hasta la universidad. De todos modos, cursé dos años de Abogacía en la Universidad Católica Argentina, período de mi vida que prefiero olvidar. Fue durante los años de la dictadura militar del 76.

Me casé muy joven, a los veintiuno, y en siete años tuve seis hijos por lo que no pude continuar con mis estudios, a Dios gracias, que me hubiesen convertido en abogado. Heredé de mi padre un negocio de máquinas de oficina y sobreviví vendiendo y reparando calculadoras, máquinas de escribir y computadoras. Después evolucioné un poco y me dediqué al tendido de redes de datos. Desde que tengo memoria leo. Cuentos, novelas, poesía. Todo lo que puedo leer en mi tiempo libre. Sería tedioso enumerar los libros leídos, pero existen puntos de referencia, libros emblemáticos, como usted dice: el *Martín Fierro* [de José Hernández], que era el libro de cabecera de mi padre (y no sé si leyó muchos otros), el *Quijote* [de Miguel de Cervantes], *Rayuela* [de Julio Cortázar], *Cien años de soledad* [de Gabriel García Márquez], *La vida instrucciones de uso* [de Georges Perec]. Siempre seguí leyendo libros en inglés, para aumentar el vocabulario. Leí cuentos de Poe, la obra de Shakespeare, Mark Twain, Dickens, en fin, los clásicos.

Mi primera lectura de un texto de Joyce fue en el colegio Southlands. Nos dieron para leer un cuento de *Dubliners* que se llama "Counterparts". Me gustó mucho. Volví a leerlo cuarenta años después, cuando leí todo *Dubliners* y entonces decidí intentar con el *Ulysses*, leyéndolo en inglés.

¹⁵⁴ Es el nombre de una serie de cómics ambientada en la época de la leyenda del Rey Arturo, creada por el dibujante de cómics Hal Foster en 1937. [Nota del entrevistador]

¿Qué te llevó de este primer contacto con el trabajo del modernista irlandés a la traducción de *Ulysses*?

El azar. Un impulso irresistible de traducir un párrafo – la comparación entre la luna y la mujer, que Bloom imagina en “Ítaca”. Quise mostrarle a mi mujer de qué se trataba y me propuse leérselo en castellano mientras lo leía en inglés. No funcionó y le dije que en un rato lo traduciría y se lo leería de nuevo. Me llevó toda la tarde traducir veinte líneas. Pero el proceso me produjo una enorme satisfacción. Y entonces no pude detenerme. Seguí con el otro párrafo y así sucesivamente, durante cuatro años.

Es un caso único de un traductor que lleva adelante la tarea de traducir las dos obras – *Ulysses*¹⁵⁵ y *Finnegans Wake*¹⁵⁶ – completamente en el mundo. ¿Cómo dimensionas esto?

Es algo poco usual. Son dos libros difíciles. No podría haberlo hecho por encargo, ni nadie me lo hubiese pedido. Pero una vez hecho no puedo decir mucho al respecto. A veces recibo alguna felicitación, alguna crítica, o algún amigo me reenvía un artículo de un diario. Me parece que ambas traducciones han sido consideradas decentes y con eso me alcanza.

¿ La ausencia de antecedentes académicos en literatura fue un aspecto limitante o liberador de su traducción, ya que no estaba limitado a fórmulas académicas? Dado que *Ulysses*, entre otras cosas, es un libro que parodia la historia de la literatura y los estilos literarios, ¿ha realizado un estudio al respecto?

No tuve la responsabilidad que tiene un traductor profesional y eso es muy importante. No tuve más presiones que las que me impuse, y eso hizo la tarea mucho más placentera. Nunca lo consideré un trabajo, sino al contrario, las dos traducciones fueron mis mejores vacaciones. Por otra parte, no pertenecer al mundo académico tiene sus ventajas y sus desventajas. Leí mucho, mucho en serio, durante ambas traducciones. Leí para comprender y traduje para entender lo que leía; digamos que fue un proceso circular, como la Odisea. No sería capaz de escribir un ensayo, un

¹⁵⁵ Las citas de *Ulysses* utilizadas en esta entrevista se refieren a la traducción de Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. *Ulises*. 2. ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2017. [Nota del entrevistador]

¹⁵⁶ Las citas de *Finnegans Wake* utilizadas en esta entrevista se refieren a la traducción de Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. 2. ed. *Finnegans Wake*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2016. [Nota del entrevistador]

estudio o un tratado sobre el *Ulysses* o sobre el proceso de traducción; no tengo los elementos que se requieren para ello.

Traté de emular las parodias literarias de Joyce recurriendo a escritores de distintos períodos de la literatura castellana; hasta ahí llegó mi conocimiento.

¿Puedes decir cómo fue este proceso de traducción?

Empecé a leer el *Ulysses* en 2004 y a traducirlo en 2005. Terminé la primera versión en 2009, por lo tanto, algo así como cuatro años. Pero después seguí revisando y corrigiendo durante otros seis años, hasta que se publicó. Creo que en promedio pude haberle dedicado no menos de cuatro horas diarias, de lunes a lunes, siempre que me fue posible, claro. El método fue sencillo, leer un párrafo, tratar de comprenderlo, buscar en los libros de apoyo – *Ulysses Annotated* [de Don Gifford y Robert J. Seidman] y muchos otros libros – y reescribirlo en castellano. Después leer ambos textos en voz alta. Con el *Finnegans* usé el mismo método, consultando otros libros, claro.

Con Egdardo Russo, el editor del Cuenco de Plata, y el profesor Eugenio Conchez, trabajamos durante tres o cuatro años leyendo y releendo los capítulos por Skype, hasta que por fin los dimos por buenos. También participaron otros traductores en el proceso de revisión, como Teresa Arijón y Anne Gatschet. Eugenio Conchez editó las notas y aportó muchísimo a las revisiones del texto. Yo no leí las otras traducciones, pero Edgardo Russo sí. Su referencia siempre fue la traducción de Salas Subirat.¹⁵⁷ Mi referencia principal fue la traducción al francés de Valey Larbaud,¹⁵⁸ porque en ella participó Joyce.

En cambio, la traducción del *Finnegans Wake* fue en solitario. Una vez hecha – me llevó siete años – la revisé con Eugenio Conchez quien hizo un trabajo formidable de detección de errores en los miles de nombres que hubo que revisar, además de las faltas de ortografía expreso, las erratas reales o ficticias, los miles de neologismos que tuve que forjar, etc etc etc.

¹⁵⁷ José Salas Subirat es el primer traductor al castellano del *Ulysses* de Joyce (1945). [Nota del entrevistador]

¹⁵⁸ La traducción francesa de 1929 indicaba en su portada una jerarquía en la que Auguste Morel figuraba como traductor, asistido por Stuart Gilbert, Valery Labaure y el propio Joyce. Fue la segunda traducción de *Ulysses*, que comenzó su odisea de traducción en 1927 por la traducción alemana de Georg Goyert. [Nota del entrevistador]

Hasta que llegaste a la cama de “Penélope”, ¿cómo sobreviviste al “Ganado del Sol”, ¿y cuál fue el episodio que más exigió de usted, ya sea a tiempo o esfuerzo intelectual?

Ese episodio lo titulé “Los bueyes del sol” y fue sin duda el que más me costó. La reacción de Edgardo puso en peligro la publicación. Él insistía con que tal cual estaba no se podía leer. Yo, con que no debíamos enderezar el texto sino reproducir los retorcijones (las torsiones, los pliegues, del útero donde nacía una lengua.) Creo que fue este argumento que lo convenció. Iríamos pasando de una prosa elemental a una cada vez más elaborada según fuese evolucionando el capítulo. De todos modos, para que tenga usted una idea, cuando Edgardo lo dio por bueno, el episodio “Los bueyes del sol” iba por la octava versión. Entonces Edgardo dijo: “ahora está maduro”.

Desconozco, es decir no conozco, la teoría de la traducción porque nunca estudié traducción literaria. Hubiese sido maravilloso tener ese respaldo académico, pero no lo tuve. Es así como sucedieron las cosas; puro azar.

Lo más parecido a un “estudio” es el tiempo que pasé en París, leyendo en la BNF¹⁵⁹ todo lo que pude sobre el proceso de escritura de *Finnegans Wake*. Pero fui a leer y nada más. Tomé algunas notas, compré decenas de libros que después leí en mi casa. Y eso fue todo. Me di el gusto de vivir un mes y medio la bohemia que todo escritor quiere vivir. Extraño mucho ese tiempo.

Creo que cada capítulo requiere diferentes soluciones. ¿Podría ejemplificar algunas diferencias solicitadas por los monólogos internos de los personajes principales Bloom, Stephen y Molly?

El monólogo de Molly Bloom es una delicia. Por su falta de puntuación es muy difícil interpretar a qué se refiere; en un momento encontré un CD con el monólogo completo editado por NAXOS y leído con una voz deliciosa por la actriz irlandesa Marcella Riordan (¡Mrs. Riordan!).¹⁶⁰ Entonces me puse los auriculares y lo fui escuchando con absoluta atención, oyendo el ritmo, la respiración, las pausas del pensamiento y los cambios repentinos de un tema al otro (que es como pensamos todos, a los saltos). En el texto original fui marcando los puntos, las comas, las pausas. Después revisé

¹⁵⁹ Biblioteca Nacional de Francia. [Nota del entrevistador]

¹⁶⁰ Mrs. Riordan es uno de los personajes secundarios de *Ulysses*, que en el pasado supuestamente coqueteó con el personaje central, Leopold Bloom. [Nota del entrevistador]

mi primera traducción para que coincidiese con las comas no escritas, pero sí dichas por Molly.

Los monólogos de Stephen son, según todo parece indicar, los de un joven Joyce, por lo cual, haber leído y traducido *A Portrait of the Artist as a Young Man*¹⁶¹ y haber leído con gran placer la biografía de Ellmann,¹⁶² simplificaron mucho la tarea. El conocimiento y el gusto de la obra de Shakespeare también ayudó. Todo corroborado por *Ulysses Annotated*.

Los monólogos de Leopold Bloom son de una sencillez conmovedora. Como lo dice su creador, en boca de uno de los parroquianos en Cíclopes, “el viejo Bloom tiene algo de artista”. Lo que Bloom piensa es lo que uno piensa cuando camina, cuando se acuesta, cuando conversa con alguien por el solo hecho de hablar.

¿Cómo se recibió la suya traducción de *Ulysses*?

La de *Ulysses* fue bien recibida; diría que con simpatía general un poco por sus supuestos méritos y otro poco, supongo, por mi condición de – mi querida amiga Lil Sclavo se enojará por decirlo, pero de todos modos lo diré – *outsider* que le da un toque de romanticismo a la rígida figura del traductor profesional. Se agotaron dos ediciones y estoy revisando por enésima vez el texto para una tercera edición. Es buen signo.

Con el *Finnegans Wake* cambia mucho el panorama. En la Argentina hubo una primera crítica que hizo un periodista de la revista *Ñ* [revista semanal de cultura del diario argentino *Clarín*] al poco tiempo de aparecer el libro, sin haberlo leído. Fue muy desagradable, pero pronto hubo defensores, incluso en la propia revista, que lo dejaron en una posición bastante incómoda.

Las críticas más fundamentadas, en general favorables, vinieron de diarios y revistas de Uruguay, España y México. Los lectores de Joyce por lo general se detienen en *Finnegans Wake* y solo puedo decir que los comprendo. Los amigos de Joyce hicieron los mismo, salvo algunas excepciones. Ezra Pound, que tanto lo ayudó promoviendo

¹⁶¹ *A Portrait of the Artist as a Young Man* es una novela publicada por primera vez en 1916. Fue la segunda obra en prosa de Joyce publicada, pronto después del libro de cuentos *Dubliners* (1914) y antes de *Ulysses* (1922) y *Finnegans Wake* (1939). [Nota del entrevistador]

¹⁶² Hasta el día de hoy, *James Joyce*, de Richard Ellmann, se considera la biografía principal de la vida del escritor irlandés. [Nota del entrevistador]

el *Ulysses*, dijo que *Finnegans Wake* era un error.¹⁶³ La lectura y la traducción de *Finnegans Wake* me produjo un enorme placer y una adicción a las distorsiones verbales de la cual no me recupero. *Finnegans Wake* es un juego sin reglas, solo hay que leer con una dosis extra de paciencia. Es una fuente inagotable de sorpresas y de genuina diversión.

Sabemos que hasta la publicación de *Ulysses*, Joyce siempre tuvo dificultades para publicar sus libros. ¿Cómo usted llegó al sello El Cuenco de Plata? ¿Cómo fue la relación con los revisores y el editor?

Cuando terminé la primera versión de *Ulysses*, el 16 de junio de 2009,¹⁶⁴ coincidencia que tuve que forzar un poco para escribir el último *YES!*, me propuse darlo a conocer. Escribí emails a casi todos los agentes literarios de España y México y a las editoriales de más renombre en mi país. A la semana me respondió la Sra. Laure Merle d'Aubigny, dueña de una agencia española, para decirme que su agencia no se dedicaba a traducciones pero que podía intentar con El Cuenco de Plata, cosa que hice. Les envié un correo con un archivo adjunto, *Ítaca*. No respondieron y me olvidé del tema. A los dos o tres meses me llamó Edgardo Russo y me dijo que lo que leyó le había gustado mucho. Entonces nos pusimos de acuerdo y firmamos un contrato. Con Edgardo nos hicimos muy amigos; nos reímos mucho y disfrutamos las largas sesiones de revisión por Skype; él me dejaba leer y cada tanto observaba alguna palabra. Nunca discutimos porque en general aceptaba mis justificaciones. Recuerdo que primero se extrañó por mi uso de la palabra “propincuidad” (en “Ítaca”), pero le dije que si bien “proximidad” o “cercanía” eran sinónimos, Joyce había elegido “propinquity” en vez de “proximity”, y por otro lado, le dije, la palabra era rara y por eso mismo elegante y bonita. Lo convencí. Su muerte fue una pérdida enorme. Con Eugenio Conchez nos hicimos muy amigos gracias a *Ulysses* y *Finnegans Wake*.

¹⁶³ La relación entre Pound y Joyce puede conocerse por biografías, pero principalmente por el libro *Pound-Joyce: the letters of Ezra Pound to James Joyce with Pound's critical essays and articles about Joyce*. [Nota del entrevistador]

¹⁶⁴ Bloomsday se refiere al día en que se narra *Ulysses*, el 16 de junio. Se celebra en varias partes del mundo y es el segundo festival turístico irlandés más grande después del Día de San Patricio. [Nota del entrevistador]

¿Cuáles son los pasajes favoritos de la traducción que usted hizo de *Ulysses*?

Todo Ítaca y en particular la enumeración de las propiedades del agua en las que piensa Bloom mientras le prepara una infusión a Stephen. ¿Por qué? Porque no creo que nada más se pueda decir del agua, como no sea una descripción físicoquímica.

¿Qué era lo que en el agua Bloom, aguamante, extractor de agua, acarreador de agua, al volver a la cocina admiraba?

Su universalidad: su democrática igualdad y la constancia con su naturaleza al buscar su propio nivel: su vastedad en el océano de la Proyección de Mercator: su profundidad inexplorada en la hendidura Sundam del Pacífico excediendo las 8000 brazas: el infatigable movimiento de sus olas y las partículas de su superficie, visitando a su turno todos los puntos de su litoral: la independencia de sus unidades: la variabilidad de los estados del mar: su quiescencia hidrostática en calma: su turgencia hidrocínética en las mareas muertas y vivas: su apaciguamiento luego de la devastación: su esterilidad en las capas de hielo circumpolar, ártico y antártico: su significación climática y comercial: su preponderancia de 3 a 1 sobre la tierra seca del Globo: su indisputable hegemonía extendiéndose en leguas cuadradas sobre toda la región por debajo del trópico sub ecuatorial de Capricornio: la multiseccular estabilidad de su cuenca primitiva: su lecho color pardo: su capacidad de disolver y contener en solución todas las sustancias solubles incluyendo millones de toneladas de los metales más preciados: su lenta erosión de islas y penínsulas, su persistente formación de islas homotéticas y promontorios en declive: sus depósitos aluviales: su peso, volumen y densidad: su imperturbable quietud en lagunas y estanques en las tierras altas: la variación de sus colores en las zonas tórridas, templadas y frías: sus ramificaciones vehiculares en corrientes continentales lagocontenidas y confluentes ríosquefluyenhaciaelmar con sus tributarios y corrientes transoceánicas, corriente del golfo, cursos ecuatoriales norte y sur: su violencia en los maremotos, surgentes, pozos artesianos, erupciones, torrentes, crecientes, inundaciones, chaparrones, manantiales, marejadas, vertientes, partidores, géiseres, cataratas, remolinos, vórtices, desbordes, diluvios, aguaceros: su vasta curva ahorizontal circunterrestre: su sigilo en los manantiales y su humedad latente, revelada por instrumentos rabdománticos o higrométricos ejemplificada por el pozo junto al hueco de la pared en Ashtown Gate, la saturación del aire, la destilación del rocío: la simpleza de su composición, dos partes constituyentes de hidrógeno y una parte constituyente de oxígeno: sus virtudes curativas: la flotabilidad en las aguas del mar muerto: su

perseverante permeabilidad en túneles, barrancas, diques inadecuados, filtraciones en paneles marinos: sus propiedades de limpieza, de apagar la sed y el fuego, de nutrir la vegetación: su infalibilidad como paradigma y modelo: sus metamorfosis como vapor, niebla, nube, lluvia, escarcha, nieve y granizo: su potencia en hidrantes rígidos: la variedad de formas en lagos y bahías y golfos y meandros y estrechos y lagunas y atolones y archipiélagos y pasos y fiordos y pasajes y estuarios de marea y brazos de mar: su solidez en glaciares, icebergs, témpanos: su docilidad para hacer andar ruedas de molinos hidráulicos, turbinas, dínamos, usinas eléctricas, líneas de teñido, curtiembres, molinos de cáñamo: su utilidad en canales, ríos, si son navegables, dársenas flotantes: su potencialidad derivable de mareas controladas o cursos de agua cayendo de un nivel a otro: su flora y fauna submarina (anacústica y fotofóbica), numéricamente, sino literalmente, los verdaderos dueños del globo: su ubicuidad como constituyente del 90% del cuerpo humano: la nocividad de sus efluvios en los pantanos lacustres, los marjales pestilentes, el agua podrida de los floreros, los charcos estancados en luna menguante. (U 626-627) [edición 2017].

La comparación que Bloom hace entre la luna y la mujer, también en Ítaca, porque es la más bella que pueda hacerse de ambos misterios y porque fue mi primer párrafo en esta deliciosa aventura.

¿Qué afinidades especiales le parecía que existían entre la luna y la mujer?

Su antigüedad en preceder y sobrevivir sucesivas generaciones telúricas; su predominio nocturno; su dependencia satelital; su reflexión luminar; su constancia en todas las fases, saliendo y poniéndose en los horarios establecidos, creciendo y menguando; la obligada invariabilidad de su aspecto; su respuesta indeterminada a una interrogación no afirmativa; su influjo sobre las aguas afluentes y refluentes; su poder de enamorar, de mortificar, de revestir de belleza, de enloquecer, de incitar y de ayudar a la delincuencia; la tranquila impenetrabilidad de su rostro; lo terrible de su aislada dominante implacable resplandeciente propincuidad; sus presagios de tempestad y de calma; el estímulo de su luz, su movimiento y su presencia; la admonición de sus cráteres, sus mares áridos, su silencio; su esplendor, cuando es visible; su atracción cuando es invisible. (U 655) [edición 2017].

Después de traducir el último “Sí” del monólogo de Molly Bloom que termina con *Ulysses*, ¿qué te llevó a decir que sí a la traducción de *Finnegans Wake*?

Después de escribir el último *Sí* de Molly quedé en un estado de profundo desasosiego, como diría Pessoa.¹⁶⁵ Me quedé sin motivación porque había dedicado años a una tarea gratísima y ahora venía la nada misma. ¿Cómo llenar ese espacio que me había inventado? Entonces me propuse leer *Finnegans Wake*. Lo compré y empecé a leerlo con curiosidad y quedé perplejo. Insistí como si tuviese la obligación de leerlo, pero en la página 240 me detuve. No tenía sentido seguir de ese modo. Y entonces se me ocurrió que si intentaba traducir a medida que leía podría comprender mucho más. De nuevo traduje para leer, como hice con el *Ulysses*. Y enseguida quedé cautivo con lo que iba leyendo y traduciendo; me encontré de nuevo con un glorioso pasatiempo. Compré todos los libros que pude referidos a *Finnegans Wake*, y los leí con avidez. En ese proceso conocí a Hervé Michel, un genio que tradujo el *Finnegans Wake* al francés. Su *Veillée Pinouilles*¹⁶⁶ es una genialidad absoluta y no tiene nada que ver con la traducción existente de Philippe Lavergne.¹⁶⁷ Hervé me sugirió que utilizase el sitio web FWEET (Finnegans Wake Extensible Elucidation Treasury) creado por Raphael Slepon. La paginación exacta del original y la traducción, es decir que a cada página del *Finnegans Wake* original corresponde una de mi traducción, fue una idea que copié de Hervé Michel. Que yo sepa no hay una sola traducción de un idioma a otro que replique el libro original como si fuese un espejo. Esa fue una idea de Hervé que copié encantado. La utilidad que le brinda a quien quiera hacer un estudio a fondo de la traducción, es enorme. Incluso cada página empieza y termina casi con la misma palabra (donde fue posible). Esto fue parte del juego. La tarea fantástica de edición fue obra de Pablo Hernández, del Cuenco de Plata.

En *Ulysses*, Stephen quiere liberarse de la pesadilla de la historia. ¿Fue esta pesadilla, los hilos formales, que rompió *Finnegans Wake*?

Finnegans Wake quiso ser una historia universal. Creo que eso le dijo Joyce a su amigo Budgen cuando éste le preguntó qué haría después de *Ulysses*.¹⁶⁸ No sé si lo consiguió. No es un libro de texto con el que un joven universitario pueda estudiar

¹⁶⁵ Alusión al *Livro do Desassossego* del escritor portugués Fernando Pessoa. [Nota del entrevistador]

¹⁶⁶ Michel Hervé comenzó su traducción en 1997 y la publicó en 2004 bajo el nombre *Veillée Pinouilles* en un formato digital en el que puede revisar y actualizar continuamente. [Nota del entrevistador]

¹⁶⁷ La traducción al francés de Philippe Lavergne fecha de 1982. [Nota del entrevistador]

¹⁶⁸ Después de repetidas conversaciones en Zurich con su amigo Joyce, el pintor inglés Frank Budgen escribió el libro *James Joyce and the making of Ulysses*, en el que habla sobre los detalles de la creación del libro del escritor irlandés. [Nota del entrevistador]

Historia. Pero sí hilvana los temas y los personajes emblemáticos de la *Historia* en cursiva. Una y otra vez aparecen Napoleón, Nelson, Wellington, Adán y Eva, Guillermo el Conquistador, Cromwell, Victoria, y miles de personajes. Hay libros donde se enumeran los personajes que entran y salen de *Finnegans Wake* como en una obra de teatro. En *Finnegans Wake* no hay una sola aseveración, una sola moraleja, enseñanza o mensaje. Todo está escrito en clave de humor. Joyce dijo que era el mundo de los sueños lo que quería representar. Y eso es *Finnegans Wake*, muy parecido a los sueños que pretendemos recordar al despertarnos y que huyen ni bien queremos expresarlos con palabras. Tiene resabios de pesadilla, pero en general es más bien un sueño alocado y dulce. No hay crueldad en la obra de Joyce.

¿Usted puede detallar cómo fue el proceso de traducción de *Finnegans Wake*?

Como dije antes, empecé en 2009 y el libro se publicó en 2016; es decir que todo el proceso duró siete años. Los cuatro primeros años le dediqué un promedio de cuatro horas por día, pero los tres últimos fueron a tiempo completo. Gracias a que ya no tenía inconvenientes económicos y había terminado de criar una familia numerosa, era dueño de mi tiempo. Los días se me pasaban volando porque leía y traducía entre diez y doce horas por día. No me daba cuenta si era lunes o domingo, si hacía calor o frío. La inmersión en esta tarea fue absoluta, salvo los períodos en los que tenía que viajar con algún grupo de rugby por el mundo.¹⁶⁹ Y en esos viajes compraba libros que devoraba como un poseído. Como lo hice con el *Ulysses*, no leí ninguna traducción en castellano de los fragmentos o capítulos que se habían traducido. En un momento creí que había una traducción integral al francés, que me podría servir de guía como sucedió con la traducción de Larbaud y Morel, pero no. Joyce solo participó en la traducción del capítulo Anna Livia Plurabelle, junto con Jolas, Beckett y Péron (no confundir con nuestro Perón).¹⁷⁰ En esa búsqueda que hice en la BNF di con Hervé

¹⁶⁹ Jugué al rugby de joven me retiré a los 36 años; luego mis cuatro hijos varones empezaron a jugar y los acompañé. Fui entrenador y desde hace muchos años soy dirigente de un club de mi ciudad que se llama Club El Nacional. Además, soy secretario de la Unión de Rugby del Sur. Aparte de esto trabajo con mi hijo Joaquín en una agencia de viajes en la que nos dedicamos a organizar giras de rugby por Europa y Oceanía, principalmente el Reino Unido, Irlanda, Francia, Nueva Zelanda y Australia. Dos o tres veces por año voy con alguno de esos grupos como coordinador (nota propia del traductor). [Nota del entrevistador]

¹⁷⁰ Juan Domingo Perón fue un presidente argentino de origen militar, que gobernó su país por tres períodos. El primero de 1946 a 1952, el segundo de 1952 a 1955 y el último de 1973 a 1974. [Nota del entrevistador]

Michel y le pedí una entrevista en su casa de Montrouge. Nos hicimos amigos enseguida y su colaboración fue invaluable para mi traducción. Porque me di cuenta de que él hacía lo mismo que yo, no queríamos poner notas porque nos parecía un trabajo inútil e interminable. En ese momento yo había traducido y anotado los primeros ocho capítulos.

En un análisis de modelado¹⁷¹ por ordenador del trabajo de Joyce en comparación con Shakespeare y la Biblia, se descubrió que menos del treinta por ciento de las palabras contenidas en el texto original están diccionariozadas. ¿Cómo trabajaste con eso? ¿Tiene una idea de cuántas palabras nuevas tuvo que crear para realizar la tarea?

El capítulo 8 (ALP) en mi traducción tiene 11549 palabras. Pasando el revisor ortográfico de Word en la página 197 se detectan 80 palabras desconocidas. Digamos que en promedio hay 60 palabras inexistentes en el diccionario de la lengua castellana; multipliquemos por 628 (número de páginas) y tendremos como resultado 37680, que puede ser el número aproximado de neologismos o palabras inventadas. Todo el libro tiene 237821 palabras. Es imposible saber cuántas palabras hay que no se corresponden con el diccionario.

***Finnegans Wake* es un libro de caídas y renacimientos. ¿Usted, como HCE, que representa las muchas reencarnaciones del héroe del libro, cayó y renació muchas veces durante la traducción?**

He Cometido Excesos, es verdad, He Cometido Errores, sin duda, pero me pregunto si Habrá Castigos Excesivos por mi osadía. Hoy Creo Esto, mañana aquello, Hice Cuanto Estimé necesario para traducir lo intraducible; He Crecido Equivocado; no lo niego. Todos Hemos Caído Engañados y el que no se equivocó nunca es que nunca hizo nada. Como HCE, niego todos los cargos de los que se me acusa, porque el delito es difuso y los testigos no vieron lo que dicen que vieron. Durante las

¹⁷¹ El estudio utilizado como referencia es *A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible* (2018), de Renato Fabbri y Luis Henrique Garcia Ferreira. [Nota del entrevistador]

traducciones de *Ulysses* y *Finnegans Wake* sufrí tres infartos. Si bien nunca me morí no puedo negar que en tres ocasiones **He Cometido El dudoso pecado de revivir.**¹⁷²

Hay varias líneas que se pueden seguir o resaltar en la traducción de *Finnegans Wake*, como sonido, transculturación, paralelo biográfico, neologismos, alusiones etc. ¿Ha buscado un equilibrio entre estos elementos o ha elegido resaltar algunos? ¿De qué manera crees que lo hiciste mejor? ¿Por qué?

A medida que traduje *Finnegans Wake* fui leyendo en voz alta cada párrafo que terminaba. En general quedé satisfecho con el sonido y la cadencia, que se asemejaban bastante al original. Los neologismos terminaron siendo mi especialidad, puse mucho cuidado en cada uno de ellos tratando de agregar tantos significados como fuera posible siempre dentro del contexto. La clave es la multiplicidad de posibles significados. No es sencillo, pero fue muy entretenido. Un verdadero *puzzle*. La distorsión de las palabras produce resultados asombrosos y paralelismos geográficos y biográficos intencionales o no. Lo que es un chiste en Dublín es una reverenda estupidez en Río de Janeiro o en Buenos Aires; por eso, siempre que pude y sin alterar el sentido del texto original, reemplacé chistes o alusiones incomprensibles para el lector rioplatense. Es un recurso inocente que produce el efecto inverso al chiste en Dublín. Una broma porteña es una estupidez en Río o en Dublín. Esto me valió alguna crítica, pero yo tuve la culpa por señalarle al periodista dónde estaban esos chistes o alusiones. El pobre jamás podría haberlos encontrado porque ejerce la crítica de la *no lectura* o de la infame lectura *diagonal*. Punto. No lo volveré a hacer.

En principio no tuve ninguna estrategia ni proyecto establecido sobre cómo traducir *Finnegans Wake*; lo fui construyendo como quien hace un edificio, como HCE. Si no se cae, quiere decir que tiene cierto equilibrio.

¿Es importante leer la traducción comparándola con el original? ¿Tiene algo que ver una traducción simétrica con el original?

¹⁷² Uno de los muchos juegos de *Finnegans Wake* se refiere al disfraz del personaje Humphrey Chimpden Earwicker que el lector debe descubrir. Este disfraz viene dado por las letras iniciales de su nombre (HCE), que se repiten cientos de veces en las 628 páginas del libro, como al final del primer párrafo de la primera página en "*Howth Castle and Environs*". En esta respuesta, Zabaloy también nos propone este juego. [Nota del entrevistador]

Todo lo que puede hacer un traductor es aproximarse al original. Una reproducción, una falsificación, un fraude tienen que ver con el original, en tanto que lo imitan, pero no dejan de ser una trampa para el ojo. ¿Se puede admirar un cuadro comparándolo con su copia? Se puede y no se puede al mismo tiempo. Depende de los motivos de la mirada. Si es un juego de encontrar las diferencias no se disfrutará mucho la mirada (o la lectura en este caso) pero se verán defectos y aciertos, lo cual es en sí mismo entretenido. El lector que es capaz de leer *Finnegans Wake* en el original tendrá en la traducción una guía que puede ayudarle a llenar un hueco en su comprensión de lo aparentemente incomprensible. Creo que esta traducción tiene que ver con el original. Sería una pedantería que yo dijese cuánto tiene que ver. Eso queda a criterio de los lectores insomnes que quieran tomarse el trabajo de comparar. Eso es lo que yo hice cuando comparé el original con la traducción maravillosa de Hervé Michel. Todas las dudas estructurales, fundamentales, las consulté con él. Y por supuesto con la bibliografía provista por FWEET, *Annotations to Finnegans Wake* y muchos otros libros de apoyo.

Desde *Ulysses*, la industria crítica joyceana es masiva, tal vez en busca de las respuestas que nos resulta difícil cavar. A diferencia de la suya, muchas traducciones de *Finnegans Wake* van acompañadas de textos críticos y notas explicativas, como la del portugués brasileño de Donaldo Schüller, la del italiano de Schenoni y la del español mexicano de J. D. Victoria, que tiene más de mil notas solo en el primer capítulo. ¿Cuál es su opinión sobre las traducciones comentadas?

Creo que es un trabajo loable que lo hace sentir a uno una especie de Sísifo. Hoy en día hay una cantidad enorme, desproporcionada de información en línea sobre la obra de Joyce y particularmente sobre *Ulysses* y *Finnegans Wake*. En *Ulysses* pusimos un mínimo de notas al final del libro; fueron las notas que consideré esenciales para el lector promedio. Podría haber decuplicado el número, pero hubiese sido una enciclopedia y no una novela. *Finnegans Wake* es un libro infinito; en FWEET hay más de 85.000 notas y cada una de ellas tiene por lo menos cuatro o cinco significados posibles. En ALP Joyce puso más de 1500 ríos de todo el mundo, según dicen los que saben. Yo detecté casi 900, creo, y los anoté, pero después los quité. Por las dudas guardé el archivo con las notas. ¿Cuál sería el sentido de publicar un libro con, digamos, 20.000 notas? Esto lo charlé varias veces con Juan Díaz Victoria. Él está

haciendo una tarea monumental que merece todo el apoyo que se le pueda dar. Es joven y tiene tiempo. No es mi caso. Sin duda alguna, la versión de Juan Díaz Victoria mejorará enormemente esta primera traducción. Y luego vendrán mejores. Por los siglos y los siglos.

Hasta ahora solo había traducciones parciales al español, como Pozanco y Tortosa, y los expertos comentaron que una traducción completa no sería posible o, de ser así, debería ser un trabajo colectivo. ¿Cómo fue derribar este mito? ¿Y cuál fue la recepción de los lectores, la prensa y la crítica?

No quisiera sonar irrespetuoso ni mucho menos quedar como un pedante. Dicho lo cual agrego que un mito se derrumba cuando queda más o menos demostrado, con mayor o menor grado de verosimilitud, que la cosa no era tan así. Muchas veces se confunde dificultad con imposibilidad. Si una editorial hubiese invertido el dinero necesario ya se hubiese traducido hace sesenta o setenta años, pero como lo dieron por intraducible así quedó. Hazte la fama y échate a dormir. Hay toda una teoría, por ejemplo, que ha decretado que es imposible escribir en castellano sin utilizar la letra “A”, o que es lo más difícil de hacer. Mientras que lo verdaderamente difícil en castellano, como en francés, es escribir sin utilizar la letra “E”. Por eso Georges Perec escribió *La Disparition* que yo traduje (sin usar la letra “E”) como *La D su aparición*. Un grupo de traductores catalanes la tradujo en los años noventa como *El secuestro* so pretexto de que lo verdaderamente difícil, la proeza en castellano sería escribir una novela sin la letra “A”, es decir un lipograma en “A” en vez de uno en “E”. Como me dio rabia este razonamiento, volví a traducir *La disparition* como lipograma en “A” y la llamé *El de ese Perec ido* o el *Dese perecido*” Quizás algún día se publiquen ambas novelas. Los mitos son eso, mitos.

La prensa hasta ahora se ha mostrado benévola cuando no generosa. Por lo menos he logrado inspirar respeto y eso me produce un orgullo que me esfuerzo en ocultar.

Se hicieron algunas críticas a su transculturación, que supuestamente habría argentinizado el original. El propio Joyce, cuando asistía a las primeras traducciones del Capítulo 8 del Libro I al italiano y al español, conocido como “Anna Livia Plurabelle”, alentó la alteración semántica en aras del ritmo y el sonido. ¿Cuál es tu posición sobre esto?

Creo que Joyce habría aceptado los localismos, muy pocos, que usé. Nos dimos un gusto con Edgardo y le pusimos una especie de firma casi invisible. Lo que dije antes sobre el chiste en Dublín y la estupidez en Río o en Buenos Aires se puede aplicar aquí. Pongo el caso en *Ulysses* cuando en “Circe” hay una escena en el hipódromo; la muchedumbre aúlla:

¡Programa de las carreras! ¡Programa de carrera!

¡Diez a uno a placé!

¡La salvación al galope por acá! ¡Leguisamo solo nomás!

¡Diez a uno menos uno! ¡Diez a uno menos uno!

*¡Pruebe suerte a las patas del Spinning Jenny!*¹⁷³

¡Diez a uno menos uno!

¡A vender el mono, muchachos! ¡A vender el mono! ¡Pago diez a uno!

Todo esto es un griterío con anuncio de apostadores en la jerga del turf irlandés. Ningún joven argentino de estos días sabría qué quiere decir *¡Leguisamo solo nomás!* Pero la gente de mi edad sí, porque era un famosísimo jockey de los años 40. Si es una infracción, pido disculpas.

En Brasil tenemos la traducción completa de Donaldo Schüller y tres parciales, uno de los hermanos Campos y dos de Dirce Waltrick do Amarante. También hay dos traducciones completas en curso, una colectiva y otra de Caetano Galindo, quien también tradujo *Ulysses*. ¿Cree que esto fomenta nuevas traducciones, incluso al castellano, como la que está haciendo J. D. Victoria?

Juan Díaz Victoria está haciendo un trabajo colosal y será el próximo *Finnegans Wake* en castellano. Creo que toda traducción es bienvenida y muy necesaria.

Umberto Eco califica a *Finnegans Wake* como un excelente ejemplo de libro abierto a la co-construcción.¹⁷⁴ ¿Cree que *Finnegans Wake* comparte la autoría con traductores y lectores?

¹⁷³ **Spinning Jenny**: un dispositivo de juego, parecido a la ruleta, con caballos en miniatura que se mueven a velocidades aleatorias (nota propia del traductor). [Nota del entrevistador]

¹⁷⁴ Alusión al libro *Opera aperta* del escritor italiano Umberto Eco. [Nota del entrevistador]

Una de cada cuatro palabras de *Finnegans Wake* es por lo menos opinable, discutible. Cada lector es un traductor potencial que puede aportar su sugerencia en el sitio FWEET. Este es un sitio dinámico que crece, se construye con cada aporte que pase el filtro de su creador, Raphael Slepon.

Para las ediciones más recientes del *Panaroma de Finnegans Wake*,¹⁷⁵ Augusto de Campos volvió a traducir el mismo fragmento de *Finnegans Wake* después de un intervalo de 15 años, obteniendo resultados bastante diferentes. ¿Tomaría el desafío de elegir un pequeño fragmento de su traducción y volver a traducirlo? Sería una buena forma de ver el postulado de que el texto y el traductor (o lector) se mueven continuamente.

Podría ser. No sé si cambiaría muchas cosas hoy porque no ha pasado tanto tiempo desde que se publicó el libro. Hubo una segunda edición donde revisé y cambié muchas cosas, aunque nada sustancial. De hecho, una de las críticas del crítico que me criticó sin leer, es que puse “macri” por “machree” (una similitud sonora entre nuestro presidente Macri y el cariñoso “mi querida” en irlandés o el “ma chérie” en francés). Esto no lo cambiaría, por ejemplo. Solo un argentino entendería los chistes, guiños o alusiones. Dentro de quince años, si estoy, con mucho gusto. Acá le doy la lista completa de las alusiones a cosas o personas o situaciones que solo un argentino puede captar:

Nombres argentinos emergentes del *Finnegans Wake*

- menem
- macri
- massa
- saer
- mujica
- insaurralde
- wanda nara
- berni

¹⁷⁵ Esta es la primera traducción al portugués de extractos de *Finnegans Wake* por los hermanos Campos en 1962. Después de eso, ha sido publicado una traducción completa de Donaldo Schüler (1999-2003) y dos de Dirce W. do Amarante, *Para ler Finnegans Wake* (2009) y *Finnegans Wake (por um fio)* (2018). [Nota del entrevistador]

- nismann
- suris
- horangel
- fariña
- jorge urso
- bellande
- tusam
- donda
- alak
- rial
- aira
- macalister
- elaaskart
- discepolino
- sabattini
- fontanarroza
- magneto
- kicillof
- nuncio

Otros

- La refalosa
- Twitter
- Quark
- Griesa
- Bahiense
- Calafate
- Reñaca

Frases

- ¡A ti nos debemos, Cris! ¡Realeza en cucullas!
- Chiquilín de Bachín
- Billetera mata galán

- ¡Lilita bolero, burlas la ley!

Si *Finnegans Wake* fue un desafío después de que se terminó la traducción de *Ulysses*, ¿qué puede motivarte ahora? Entiendo que también tradujo *A Portrait of the Artist as Young Man* ¿Desea publicarlo? ¿Tiene nuevos planes en la literatura?

Traduje *A Portrait* a pedido de Edgardo, pero después Edgardo decidió no publicarlo porque la traducción existente era, para él, inmejorable. Me sirvió muchísimo para las otras traducciones. El texto está disponible y si hay interés quizás alguna vez se publique.

Después de traducir *Finnegans Wake* seguí con una obra de Raymond Queneau que se llama *Le chiendent*, después traduje *The Sinking of The Odradek Stadium*, de Harry Mathews, *La Disparition*, de Georges Perec (sin “A” y sin “E”) y *Old Angel Midnight*, de Jack Kerouac. Todas estas traducciones están esperando autorizaciones de los respectivos agentes y herederos literarios. Es una lástima, pero hay que tener paciencia. También escribo novelas y cuentos. Una de mis novelas, *Rapsodia*, será publicada por El Cuenco de Plata en noviembre. Después vendrá una novela lipogramática que se llama *Cartas amargas*.

Para terminar, ¿puede citar los pasajes favoritos de su traducción de *Finnegans Wake* y explicar por qué?

Son demasiados, pero van estos dos de *Finnegans Wake*:

Ante una sugerencia semejante la única respuesta respetable es afirmar que hay ciertas aseveraciones que no tendrían que existir, y uno quisiera tener la esperanza de que le fuera posible añadir, que no tendría que estar permitido que fueran hechas. (FW 33.20-23).

¿Por qué? Porque en la vida cotidiana suelo usarla como respuesta a cualquier cosa que me causa gracia y suelo dejar perplejo a mi ocasional interlocutor. Úsela usted y verá qué práctica es.

Y este otro fragmento, que quiero mucho:

No, así que oyúdame Petault, no se trata de una ineficaz blanjacintinosa disputa de manchas y borrones y barras y balones y aros y serpenteos y notas yuxtapuestas vinculadas por arranques de aceleraciones: sólo que se le parece tanto como el mismo demonio; y, seguro, tenemos realmente que estar agradecidos de que en esta hora

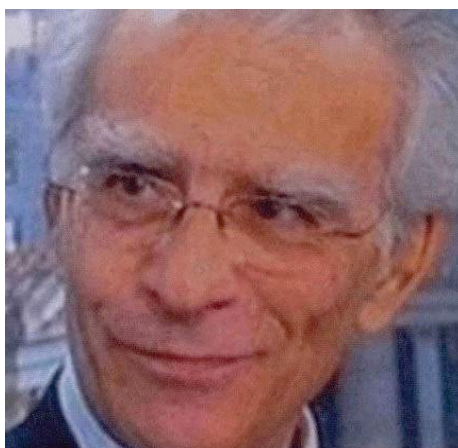
deletérea del alba de las moscas bosteras tengamos siquiera un trozo de papel escrito con tinta seca para mostrarnos al menos a nosotros mismos, tálalo o lífalo, (y nos abandonaron a nuestra suerte como el pescador de almas cuando sacó el gato del bote) después de todo lo que perdimos y lo que saqueamos de aquello incluso en los más hidimulados rincógnitos de la tierra y todo lo que ha atravesado y por todos los medios, después de un gran beso al suelo en Terracussa y para guerra suerte con nuestras sobras echadas alhom al homeplato, aferrarnos a eso con manos de ahogado, esperando contra toda esperanza que, por la luz de la filosofía, (¡y ojalá que ella nunca nos folsage!) las cosas empezarán a aclararse un poco de una manera u otra dentro de la próxima querella de un ahora y a la horca con ellos como que diez a uno lo serán también, si el cerdos place, como deberían categóricamente además, ya que, estrictamente entre nosotros hay un límite para todas las cosas así que esto nunca servirá. (FW 118-119.31-10).

¿Por qué? Porque cada vez que lo leo me conmueve. Eso sí, estos fragmentos, como todo *Finnegans Wake*, deben ser leídos en voz alta y con una sonrisa. No hay una sola palabra en serio en todo el *Finnegans Wake*, como dijo Mr. Joyce.

APÊNDICE 1.1.5 – Grego

APÊNDICE 1.1.5.1 – Eleftherios Anevlavis (Grécia)

Eleftherios Anevlavis, Greek translator



ANEVLAVIS, Eleftherios. **Own's translator Facebook profile photo**. Available at: <https://tinyurl.com/4bs3886e>. Accessed: 17 October 2024.

Eleftherios Anevlavis translated *Finnegans Wake* into Greek under the title *I agrýpnia ton Fínnegan*. The work, which took 7 years and was published in 2012 by Kaktos, is accompanied by extensive critical material, such as numerous notes and an introduction. The first complete translation into Greek, *I agrýpnia ton Fínnegan* contains 1,608 pages.

Anevlavis, who is a doctor with numerous publications in the field, states that medicine is his wife and that literature is his lover. In this interview, conducted between February and April 2024 through messages exchanged on our profiles on the academia.edu website, the “Free and Relentless” (the translation of his name into English) Greek translator chose not to answer the questions in a linear and in installments way, but he approaches them essayistically in a collage that unified the questions. The Greek translator answered the questions posed in English in his native language.

In the text, after an initial essay-like moment in which he presents excerpts from his introduction to *I agrýpnia ton Fínnegan*, he presents a medley of various comments that critics have made about his work, which are mixed with some statements that he

himself gave in previous interviews. Anevlavis's interview-essay presents various aspects of the "plot" of *Wake* and addresses issues related to multilingualism, multiculturalism, the nonsense effect, the plurality of the punning *portmanteau* word, etc.

Ελευθέριος Ανευλαβής

«Η Αγρύπνια των Φίννεγκαν» Δυο λέξεις για τη μετάφραση

Ξεκάθαρα και τίμια θα πρέπει να ειπωθεί στον αναγνώστη ότι το βιβλίο του James Joyce *Finnegans Wake*. Penguin Books 1992 (Αγρύπνια* εφ' εξής), δεν διαβάζεται ούτε σαν μυθιστόρημα, ούτε σαν νουβέλα, ούτε σαν παραμύθι, ούτε στο κρεβάτι για να μας πάρει ο ύπνος. Το βιβλίο δεν διαβάζεται γενικώς.

* «Η Αγρύπνια των Φίννεγκαν» Εισαγωγή – Μετάφραση - Σχόλια Ελευθέριος Ανευλαβής ΚΑΚΤΟΣ Τόμος Α' + Β' 2013)

Ο ίδιος ο Τζόυς το συνειδητοποιεί γράφοντάς το: Μπέρδεμα... Μπέρδεμα, μπλέξιμο... σαστισμάρα, διβουλία... χαύνωση στο πρόσωπο του αναγνώστη. (Letters, I,222).

Το βιβλίο, με βάση τους υπαινιγμούς και τα λογοπαίγνια του Τζόυς, θα πρέπει να το «ξαναγράφει», διαβάζοντας το, ο αναγνώστης.

Ο Τζόυς δεν γράφει αγγλικά. Γράφει στη δική του γλώσσα, ακατανόητη για τους μη γνωρίζοντες τα μυστικά της. Γράφει στη γλώσσα των *wakish* (αγρυπνιακά) όπως έχει χαρακτηριστεί.

Στην Αγρύπνια, η γλώσσα είναι ο κύριος πρωταγωνιστής. Είναι το μέσον δια του οποίου εκφέρεται το μήνυμα που είναι η ίδια η γλώσσα, δηλαδή ο κόσμος μας τον οποίον δι' αυτής δημιουργούμε, κατανοούμε και εκφράζουμε.

Η γλώσσα της Αγρύπνιας φαίνεται αντιφατική και κλειδωμένη σ' έναν φαύλο κύκλο, που σταματά τον συνηθισμένο στη γραμμική ροή της διήγησης των βιβλίων αναγνώστη, και αρχικά τον απωθεί, κάνοντάς τον να παρατήρει ίσως το βιβλίο.

Εν τούτοις, όταν μπορέσει έστω και να κρυφοκοιτάξει μέσα από την γλώσσα τον Κόσμο (κόσμημα) της Αγρύπνιας, θα γοητευθεί από τα χρώματα, τον ρυθμό και τα αινίγματα.

Θα παγιδευτεί στη γοητεία του ερωτήματος, του λογοπαίγνιου, της αντίθεσης και της αντίφασης των ηρώων που είναι πολλοί, όλοι μας και ο καθένας ξεχωριστά, φορείς μια ενοχής προπατορικής ες αεί. Βλέποντας τη βαβελοκορφή του αϊφελόπυργου του δυοένα Ναθαντζόε να ρουθοργίζει τις μικρές κοπέλες με τα ασελγή του κυνηγόχερα κρεβατοκουκουλώνοντας την μικρή φιφή ανούλα (Αγρύπνια σελ. 4) για να κρύψει την ασέλγειά του, ο αναγνώστης θα έχει πέσει στο δόκανο της αέναης επιστροφής στο βιβλίο.

Γιατί κάθε επιστροφή φωτίζει με άλλο φως τα πρόσωπα και του χαρακτήρες.

Ξεκάθαρα θα πρέπει να ειπωθεί πως η Αγρύπνια δεν μεταφράζεται ούτε αποδίδεται σε άλλη γλώσσα. Γιατί η μετάφραση εδώ είναι αδύνατη, η δε απόδοση οδηγεί στην μετάλλαξη του έργου σε κάτι άλλο.

Η Μαντώ Αραβαντινού (Τζαίημς Τζόυς, Ζωή και Έργο-Εκδόσεις Θεμέλιο 1983), έχει μεταφράσει τέσσερα μικρά αποσπάσματα. Όμορφη ελληνική γλώσσα, κατανοητή και γοητευτική. Αλλά είναι μια απόδοση για να κατανοηθεί το κείμενο και υποχρεώνει τον αναγνώστη σε μονοδιάστατη και οικεία ανάγνωση.

Όμως δεν είναι αυτή η Αγρύπνια του Τζόυς με την πολυεπίπεδη δομή και λειτουργία της· με την πολυσημία και τα αμαλγάματα των λέξεων.

Ίσως ο μόνος τρόπος, αν υπάρχει κάποιος, να «μεταφρασθεί» η Αγρύπνια είναι να ξαναγραφεί το έργο από τον «μεταφραστή» στα δικά του «αγρυπνοελληνικά». Εννοώ να ξαναγραφεί με τη δομή και λειτουργία της γλώσσας του Τζόυς στο *Finnegans Wake*, των *wakish* (αγρυπνιακά), πράγμα που προϋποθέτει ανυπολόγιστο μόχθο.

Διαφορετικά το όλο εγχείρημα οδηγεί σε ακρωτηριασμό. Στο σκάτεμα αυτού του έργου. Ο Γιάννης Καλιόρης ακροθίγει τις μεταφραστικές δυσκολίες της Αγρύπνιας στο άρθρο του «*Finnegans Wake* : μια μεταφραστική δοκιμή (Αντί. Τεύχος 893, 20 Απριλίου, 2007)

Δεκαεφτά χρόνια πήρε στον Τζαίημς Τζόυς, καταργώντας την απόστροφο στην ιρλανδική μπαλάντα *Finnegan's Wake* (η Αγρύπνια του ή για τον Φίννεγκαν) να δημιουργήσει την Αγρύπνια των Φίννεγκαν (*Finnegans Wake*), το σκοτεινό, μαύρο, μοναδικό διαμάντι της παγκόσμιας λογοτεχνίας.

Στις 628 σελίδες του έργου όλα συμβαίνουν σε μια νύχτα. Ο κόσμος χαλιέται και γίνεται ξανά μέσα σε μια νύχτα και μέσα στην ονειρική κατάσταση των ηρώων και του συγγραφέα.

«Λένε ότι είναι σκοτεινό. Το συγκρίνουν φυσικά με τον Οδυσσέα (σ.σ. *Ulysses*, το άλλο μεγάλο έργο του Τζ. Τζόυς). Αλλά η δράση στον Οδυσσέα ήταν το περισσότερο την

ημέρα και η δράση στο καινούργιο μου έργο λαμβάνει χώρα κυρίως τη νύχτα. Είναι φυσικό τα πράγματα να μην φαίνονται τόσο καθαρά τη νύχτα. Δεν είναι;» (Ρίτσαρντ Έλμαν. Τζέιμς Τζους. Μετάφραση Αθηνά Δημητριάδου. Επιμέλεια Άρης Μπερλής. Εκδ. Scripta, 2005).

Ακόμη περισσότερο, τα πράγματα γίνονται ασαφή και ελευθέρια μέσα στο όνειρο, όπου τα πάντα επιτρέπονται αλλά και τα πάντα κρύβονται, γιατί η ενοχή (πρωταρχική προπατορική) караδοκεί να το διακόψει. Έτσι πρέπει να συγκαλυφθούν.

Η αιμομιξία (incest) να γίνει έντομο (insect), προκειμένου να επιζήσει—μασκαρεμένη—η ελευθεριότητα και η ενοχή μέσα στο όνειρο. Και στο έργο.

Αυτή η νυχτερινή σκοτεινιά που εμποδίζει την ακριβή όραση και η ονειρική ασάφεια, ελευθεριότητα και πολυσημία είναι η Αγρύπνια. Δεν γίνεται μ' αυτά. Είναι αυτά. Η Αγρύπνια είναι η Αγρύπνια είναι η Αγρύπνια, παραφράζοντας την Γερτρούδη Στάιν.

Από τον τίτλο ακόμη ο συγγραφέας ρίχνει τον πέπλο της νύχτας πάνω μας και πάνω στο έργο του. Κι αρχίζει τα αινίγματα και τα λογοπαιγνίδια.

Αφαιρεί την απόστροφο από τον τίτλο της ιρλανδικής μπαλάντας: Finnegan's Awake που αποτελεί τον πυρήνα της Αγρύπνιας και μας ρίχνει στα σκοτάδια της ερμηνείας και της πολυσημίας. Finnegans Awake γίνεται ο τίτλος.

Χωρίς την απόστροφο, η οποία θα το έκανε Finnegan's ενικό στη γενική, το Finnegans προφανώς είναι πληθυντικός. Δεν αναφέρεται σε ένα πρόσωπο. (Η μετάφραση του τίτλου του έργου από την Μαντώ Αραβαντινού ως Η Αγρύπνια για τον Φίννεγκαν δέχεται ουσιαστικά την γενική του ενικού—Finnegan's Awake— που όμως δεν προκύπτει από το Finnegans του τίτλου.

Χωρίς απόστροφο πάλι στο τέλος της λέξης Finnegan (Finnegans', που δηλώνει γενική πληθυντικού) μένει μετέωρη η γενική πτώση στην απόδοση του τίτλου ως Η Αγρύπνια των Φίννεγκαν.

Εν τούτοις οι πρωταγωνιστές του έργου είναι πολλοί στοιβαγμένοι σε έναν και ο ένας τους περιέχει όλους. Ένα ολόγραμμα όπου το κάθε μέρος εμπεριέχει το όλον και εμπεριέχεται σ' αυτό. Ο λογοπαίκτης, λεξοπαίκτης (κατά το θεομπαίκτης) Τζους αφαιρώντας την απόστροφο δημιουργεί ένα ανθρώπινο ολόγραμμα.

Η Αγρύπνια των Φίννεγκα,ν λοιπόν επελέγη ως απόδοση του τίτλου του έργου Finnegans wake για να υποδηλώνει την πολλαπλότητα και πρωτεϊκή φύση των πρωταγωνιστών. που είναι πολλοί σε έναν, πολλοί ένας.

Το γνωρίζει ο Ηράκλειτος χιλιάδες χρόνια πριν: «ουκ εμού αλλά του λόγου ακούσαντες ομολογείν σοφόν έστιν εν πάντα είναι».

Για να αποφύγει το πρόβλημα των αποστροφών και να πάρει τις λέξεις στην τυπική τους σύνταξη στον τίτλο του έργου, ο μεταφραστής θα έπρεπε να εστιασθεί στο ουσιαστικό *Finnegans* (πληθυντικός ονομαστική) και να θεωρήσει ως ρήμα το *Wake* (ξυπνώ, αφυπνίζομαι). Φίννεγκαν (εσείς οι πολλοίενας) Ξυπνήστε. Θα μπορούσε; Γιατί όχι; Η Αγρύπνια παρέχει. άπειρες δυνατότητες, και κάθε φορά μπορεί να πραγματοποιηθεί οποιαδήποτε εξ αυτών ανάλογα με τον παρατηρητή.

Όπως στο νοητικό πείραμα του Σρέντιγκερ (Erwin Sroedinger) με τη γάτα, η οποία μέχρι να γίνει η παρατήρηση είναι νεκροζώντανη. Ο παρατηρητής, ανοίγοντας το πληροφοριοστεγές (κατά το υδατοστεγές) κουτί που βρίσκεται η γάτα, αποφασίζει εκείνη τη στιγμή, δεχόμενος την πληροφορία (βλέποντας τη γάτα), αν η γάτα είναι νεκρή ή ζωντανή. Μέχρι τότε είναι νεκροζώντανη σε υπέρθεση φάσεων.

Μόνο που στην Αγρύπνια η γάτα δεν είναι μία, αλλά πάσχει κι αυτή από το σύνδρομο του Να ο Καθένας, του Πολλοίενας.

Να, λοιπόν, και μια ακόμη εκδοχή:

Το *Finnegans* ως σύνθεμα του Finn (τέλος)-again (πάλι), υπαινίσσεται τέλος και αρχή. Και οι Φίννεγκαν (δηλαδή, όλοι και όλα) ξαναρχίζουν, αφυπνισμένοι (*wake*), όπως και το βιβλίο τελειώνοντας ξαναρχίζει.

Η Άννα Λίβια (η θηλυκή πρωτεύική μορφή του έργου) στο τέλος, μεταμορφωμένη στον ποταμό Liffey, τον ποταμό της ζωής, καθώς χύνεται, πεθαίνοντας στην θάλασσα φωνάζει: Finn, again! (Τέλος, ξανά!).

Και το έργο τοπικά (στην τελευταία σελίδα) κλείνει με την ημιτελή φράση *A way a lone a last a loved a long the* (μακριά, μοναχική, τελευταία, αγαπημένη μακρόσυρτη η) για να συνεχισθεί, ξαναρχίζοντας τη διήγηση, στην πρώτη σελίδα «*riverrun...* (ποταμορροή...).

Έτσι ο τίτλος του βιβλίου *Finnegans (finn again) Wake* θα μπορούσε να αποδοθεί ως Τέλος Ξανά Ξυπνήστε, με το ξανά να αιωρείται ανάμεσα στο Τέλος και το Ξυπνήστε (γιατί και μετά το ξύπνημα θα έρθει το τέλος πάλι και ούτω... πάλι απ' την αρχή) ή και Φίννεγκανς Ξυπνήστε.

Ο σκοτεινός Ηράκλειτος φωνάζει από τους αιώνες:

«Είμέν τε και ουκ είμεν», μέχρι που να υπάρχει κάποιος να το ομολογεί αυτό, μέχρι που να βρίσκεται ένας ν' ακούσει τον κρότο που κάνει το δέντρο στο δάσος, όταν αυτό πέφτει. Διαφορετικά σιωπή!

Η Αγρύπνια είναι καμωμένη από λογοπαίγνια και λέξεις ετεροσύνθετες, portmanteau «It's like a portmanteau— two meanings packed up into one word»

(είναι σαν ένα πορτμαντώ—δύο έννοιες πακεταρισμένες μέσα σε μια λέξη), λέει ο Χάμπτυ Ντάμπτυ στην Αλίκη στο Μέσα στον καθρέφτη του Λιούις Κάρολ.

Η ετεροσύνθεση καθώς και το λογοπαίγνιο, ανατρέπει την παραδοσιακή αντίληψη ότι κάθε λέξη, σε συγκεκριμένη περίπτωση έχει μια και μόνον έννοια, μια δοσμένη σημασία.

Τα σημεία ως υποκατάστατα σημασίας κάποιου πράγματος ή ειδικότερα ως ολότητα σημαίνοντος (γραφή, ήχος μιας λέξης, δηλαδή μορφή)-σημαινομένου (έννοια, σημασία που εμπεριέχεται και εκφράζεται με αυτήν την μορφή) στην Αγγρύπνια και την αγγρυπνιακή (wakish) γλώσσα του Τζόους δεν είναι αθώα.

Ο παραδοσιακός, συνηθισμένος στη γραμμική ροή της διήγησης, μεταφραστής και αναγνώστης της Αγγρύπνιας, αγνοώντας τις παγίδες που κρύβουν τα σημεία-λέξεις του έργου, ως πορτμαντώ, επιλέγει μία μόνο γλώσσα ερμηνείας, ενώ υπάρχουν στην ίδια λέξη χωνεμένες δύο και τρεις· και προσπαθεί να βρει το πιο λογικό (προσοχή, για την Αγγρύπνια μιλάμε!) πλαίσιο συμφραζομένων, που καθιστά το κείμενο μεστό νοήματος. «Foenix culprit!» Λάθος. Γιατί εδώ η «λογική» είναι προσχωσιγενής! Το βλέπει όποιος έχει άγγρυπνα τα μάτια της γλωσσοψυχής του.

Το Foenix culprit κρύβει μέσα του το Felix Culpa (λατινικά, ευτυχές λάθος, του Αγίου Αυγουστίνου), αλλά και το Foenix που παραπέμπει στο πάρκο του Φοίνικα (Phoenix) στο Δουβλίνο, στον αναγεννώμενο Φοίνικα και στο Felix (στα Λατινικά ευτυχής)— όλα αυτά σε μια λέξη-πορτμαντώ— καθώς επίσης και το culprit που παραπέμπει στο αμάρτημα (όλη η Αγγρύπνια περιφέρεται γύρω από ένα φημολογούμενο αμάρτημα που έχουν διαπράξει ο πολλοιένας NOK Να ο Καθένας (HCE: Here Come Everybody (όλοι μας), στο πάρκο του Φοίνικα).

«Αν δεν υπάρχει Θεός όλα επιτρέπονται» γράφει ο Ντοστογιέφσκι στους Δαιμονισμένους. Κι όταν, όμως, θεός γίνεται το σημείο, όπως συμβαίνει στην Αγγρύπνια, επίσης όλα επιτρέπονται.

Penisolate < pen (πένα) + penis (πέος) + isolate (απομόνωση).

Πόσες λέξεις και κατ' επέκτασιν δυνατότητες εννοιών-σημασιών μπορούν να χωρέσουν σε μια λέξη-σημείο-πορτμαντώ του Τζόους;

Οι ίδιες λέξεις σε νέο πλαίσιο συμφραζομένων προσλαμβάνουν καινούργια σημασία.

Η Αγγρυπνόγλωσσα μοιάζει, ή καλύτερα είναι μια ανελυσσόμενη σπείρα, γεμάτη αντιθέσεις και αντιφάσεις, όπου κάθε νέα ερμηνεία δημιουργεί καινούργιο πλαίσιο

συμφραζομένων, το οποίο παρέχει νέα δυνατότητα ερμηνείας, που δημιουργεί νέο πλαίσιο κ.ο.κ.

Ο επαναλαμβανόμενος κύκλος του Βίκο, ταυτόχρονα επαναληπτικός και ποικίλος, όπως η Αγκρύπνια. Μια Ηρακλείτεια «παλίντροπος αρμονία ώκωσπερ τόξου και λύρης».

Ή «όπως ο μέγας Σαίξπηροσφαιροσχηματοποιός το λογοπαιζοθέτει:

(as Great Shapessphere puns it): Είναι ένας τροχός λέω στον κόσμο. Και είναι όλος τετράγωνος: «It's a wheel I tell the world. And it's all square.» (Letters I, 251.)

«Όταν χρησιμοποιώ μια λέξη, είπε ο Χάμπτυ Ντάμπτυ, σημαίνει αυτό που επιλέγω να σημαίνει. τίποτα περισσότερο τίποτα λιγότερο.»

«Το ερώτημα είναι, είπε η Αλίκη, κατά πόσον μπορείς να κάνεις τις λέξεις να σημαίνουν διαφορετικά πράγματα.»

«Το ερώτημα είναι, είπε ο Χάμπτυ Ντάμπτυ, ποιος πρόκειται να είναι ο αφέντης— αυτό είναι όλο.» (Lewis Carroll. Alices Adventures in Wonderland AND Through the Looking-Glass. St Martin's Press. New York. 1971) Λιούις Κάρολ. Μεσ στον Καθρέφτη και τι βρήκε η Αλίκη εκεί,. (Μετάφραση Σωτήρης Κακίσης. Υ βιβλία 1979.)

Οι συμβατικοί κανόνες υπαγορεύουν ότι για να είναι κατανοητό ένα κείμενο θα πρέπει να έχει μια και μόνη ερμηνεία. Ο Τζόυς, δημιουργός ες αεί ανοικτών οριζόντων, καταργεί αυτούς τους κανόνες. Αφέντης της γλώσσας του διατυπώνει τον κανόνα ότι στην Αγκρύπνια δεν υπάρχει κανόνας ή, πράγμα που είναι το ίδιο, ισχύουν όλοι οι κανόνες που μπορεί κανείς να φανταστεί.

Έτσι όλοι οι κανόνες και οι νόμοι μπορούν να χρησιμοποιηθούν, αλλά και να παραβιαστούν, εφ' όσον δεν υπάρχει νομοθεσία. Εδώ η εξαίρεση δεν επιβεβαιώνει τον κανόνα. Είναι ο κανόνας.

Η σημειακή συνάρτηση στην Αγκρύπνια είναι αλλοιωμένη. Η τιμή της σημασίας εξαρτάται από το σημείο και παίρνει τόσες τιμές όσες επιτρέπει το σημείο. Δηλαδή, απεριόριστες. «Αγκρύπνια $\rightarrow \infty$ »

Η διάταξη και επαναδιάταξη των 109 βασικών στοιχείων δημιουργεί την απέραντη θαυμαστή ποικιλομορφία του κόσμου μας.

Με την αέναη διάταξη και επαναδιάταξη των χιλιάδων λέξεων-σημείων, ο Τζόυς δημιουργεί το απέραντο σκοτεινόμορφο (σκοτεινό και όμορφο) σύμπαν του λόγου της Αγκρύπνιας.

Οι λέξεις στην Αγκρύπνια τανύζονται μέχρι ορίου διαρρήξεως

«Τέντωσέ με κι ας σπάσω», λέει στην τρίτη προσευχή του ο Καζαντζάκης στην Αναφορά στον Γκρέκο.

Αυτήν την έκκληση φαίνεται να ακούει ο Τζόους χωρίς να πραγματοποιεί το τάνυσμα των λέξεων μέχρι σημείου διαρρήξεως. Οι λέξεις δεν σπάνε, αλλά αγγίζοντας τα όριά τους, διανοίγονται σε ένα καινούργιο σύμπαν σημασιών, μπρος στα έκπληκτα μάτια του ενδιαφερόμενου αναγνώστη, που πιάνει τον εαυτό του να σκέφτεται *two thinks at a time* (δύο πράγματα την ίδια στιγμή. Αγκρύπνια σελ 583).

Οι λέξεις, λογοπαιγνιοπαντομίμες (*pantomime*. (Αγκρύπνια σελ 587), φορτίζονται λογοπαικτικά, παραλογικά, φιλολογικά και κωμικά ταυτοχρόνως.

Προσέξτε τη σημασιολογική έκρηξη:

puntomine < *run* (λογοπαίγνιο) + *to* (για) + *mine* (εξορύσσω, υπονομεύω, δικό μου. επίσης: *puntomine* < *run*: λογοπαίγνιο + (συνηχεί με το) *ran*: παν + *to* (εις, σε, στα) + *mine*: δικό μου. Όλα για μένα ή όλα δικά μου.

Τα αντίθετα και τα αντιφατικά, επίσης, απωθούμενα, αναγκάζονται σε, εν δυνάμει, εκρηκτική συμπύκνωση, που όταν εκραγεί παρέχει γοητευτικές εικόνες, οι οποίες γητεύοντας τη σκέψη την κάνουν να μην απωθείται από την αντίφαση, αλλά να γοητεύεται από αυτήν.

Alcoholan (Αγκρύπνια σελ. 20) < *Alcohol* (αλκοόλ) + *Coran* (Κοράνιο), ασύμβατες έννοιες, οι οποίες συν-βαίνουν στην ίδια λέξη.

In the buginning is the woid (Αγκρύπνια σελ. 378) η φράση παραπέμπει στο «*In the beginning is the Word* (Εν αρχή ήν ο λόγος) του Ευαγγελιστή Ιωάννη, αλλά ο Τζόους συντήκει το *word* (Λόγος), το οποίο δηλώνει την ύπαρξη, με το *void* (κενό) που δηλώνει απουσία στη λέξη *woid*.

Ταυτοχρόνως, παραπέμπει στον ήρωά του *Earwicker*: Αγκρυπναυτιά (ένα ακόμη πρόσωπο-προσωπείο του Να ο Καθένας, Όλοι) και το πανδοχείο του με το *buginning* < *bug* (κοριός) + *inn* (πανδοχείο). Από την συμπύκνωση της λέξης σε μέγεθος ατόμου, προκύπτει, με τη διάσπασή της, εκρηκτική ενέργεια.

Θαυματουργός δεξιότηχνης ο Τζόους, χειρίζεται χιλιάδες λογοπαιγνιοπαντομίμες λέξεις στις 628 σελίδες του έργου του *Finnegans Wake*, ταυτοχρόνως, παίζοντας, λογοπαίζοντας με τα πάντα, παντού, πάντοτε, δηλαδή με τον καθένα και κάθε τι, σε κάθε τόπο, σε κάθε στιγμή, ταυτοχρονότοπα.

Αυτό είναι το ζουμί της ιστορίας με την Αγκρύπνια. Το σημείο δημιουργεί τη σημασία. και έτσι όλες οι δυνατότητες ενυπάρχουν, συνυπάρχοντας.

Το ποια ή ποιες και πόσες θα πραγματοποιηθούν, αφήνεται στη φαντασία και το ένστικτο και τον μόχθο του μεταφραστή, που μεταφράζοντας ελευθερωμένος από τα δεσμά της επικυρίαρχης σημασίας, αλλά όχι ασύδοτος, πλησιάζει την ουσία την οποία όμως ποτέ δεν θα κατακτήσει.

Θα προσεγγίζει την Ιθάκη της Αγρύπνιας, αλλά ποτέ δεν θα φτάνει εκεί. Κι αν γυρίσει να την κοιτάξει, αυτή θα χαθεί. Κι αν προσπαθήσει να την πιάσει, είναι σκιά κι αγέρας. Η ίδια η ζωή.

Η Αγρύπνια είναι η ιστορία του ανθρώπου, αλλά και η ανθρώπινη κωμωδία.

Το γοητευτικό, αστείο, παιχνίδι, που όμως, όπως κάθε παιχνίδι είναι ταυτόχρονα πολύ σοβαρό πράγμα, η ίδια η ζωή και ο θάνατος με το οποίον, όσο ζούμε παίζουμε μαζί του, χωρίς αυτός να υπάρχει.

Μετά υπάρχει μόνος του, χωρίς κανέναν για να παίξει. Υπάρχει;

Στην αρμονία του Θεού, όλα, συγκρουόμενα ή αρμονικά υπάρχοντα, αντιφατικά και αντίθετα υπάρχουν, συνυπάρχοντα.

"Η αγρύπνια των Φίννεγκαν", σε ελληνική μετάφραση

Το πιο... "ανενόητο" έργο στην παγκόσμια πεζογραφία μετέφρασε από τα αγγλικά στα ελληνικά, για πρώτη φορά, ένας γιατρός-εραστής της λογοτεχνίας.

Πρόκειται για το λογοτέχνημα του Ιρλανδού Τζέιμς Τζόυς "Η αγρύπνια των Φίννεγκαν", που κυκλοφόρησε από τις εκδόσεις Κάκτος, σε πιστή μετάφραση από τον Ελευθέριο Ανευλαβή.

Δύο τόμοι, ο πρώτος 755 σελίδες και ο δεύτερος 844 - σύνολο 1.599 σελίδες, με πάνω από 20.000 υποσέλιδες σημειώσεις, για να μπορέσει ο Έλληνας αναγνώστης να πλησιάσει αυτό που έχει χαρακτηριστεί ως το μαύρο διαμάντι της λογοτεχνίας - περισσότερο πολύπλοκο γλωσσικά και από τον περίφημο "Οδυσσέα" του Τζόυς.

Διαβάζοντάς το, βρίσκεσαι μπροστά στο πιο βαθύχρωμο, σατυρικό, παιγνιώδες, ελευθεριάζον, ανατρεπτικό, αινιγματικό, ειρωνικό, εκκεντρικό, αλληγορικό, ακατανόητο και αταξινόμητο βιβλίο του σύμπαντος κόσμου της γραφής.

Είναι βιβλίο μυθοπλασίας - αλλά όχι μόνο μυθοπλασίας. Είναι μελέτημα θεολογίας - αλλά όχι μόνο θεολογίας. Είναι εγχειρίδιο φιλοσοφίας - αλλά όχι μόνο φιλοσοφίας. Είναι επιτομή της ιστορίας - αλλά όχι μόνο της ιστορίας. Είναι δοκίμιο κοινωνιολογίας - αλλά όχι μόνο κοινωνιολογίας.

Είναι όλα αυτά μαζί. Και παραλλήλως είναι... αστρολογία, αλχημεία, μυστήριο, σεξουαλικότητα, ανθρωπολογία.

Από μορφική δομή και υφολογία συνιστά ένα παραλήρημα πολυσύνθετων λέξεων και εννοιών. Είναι ένα όνειρο όπου τα πάντα επιτρέπονται και τα πάντα ανατρέπονται. Όλα συμβαίνουν στη διασταύρωση της πραγματικότητας και του ύπνου. Εκεί όπου, αυτά που κρύβει ο άνθρωπος στο φως της μέρας, βγαίνουν χωρίς ενοχές και σεργιανίζουν απολαμβάνοντας την προκλητική ελευθερία της νύχτας. Εκεί που η αέναη ψυχή αναμετράται με τη λατρεία του σώματος, δείχνοντας τον άνθρωπο σε όλο του το μεγαλείο και σε όλη του την κατάπτωση.

Ο μεταφραστής, στην εκτεταμένη εισαγωγή του μας εξηγεί ότι, ναι μεν τα πρόσωπα του έργου είναι δύο πρωταγωνιστές αλλά ταυτόχρονα είναι ένας και πολλοί: ο ΝΟΚ (Να ο Καθένας) και η σύζυγός του ΑΛΠ (Άννα Λίβια Πλούραμπελ). Ο ΝΟΚ, ο μεγάλος κάποιος μέσα στο Παν, με το όνομα Πανδοχέας είναι ο ιδιοκτήτης ενός πανδοχείου και άλλοτε είναι Κονσερβοκούτια Χάινζ Παντού, άλλοτε Χαρούν Παιδιών Αυγογεννήτορας, άλλοτε Ταπεινός Κοινός Εντομοαιμομίκτης και πάντα Αγρυπναυτιάς. Οι προσωποποιήσεις του αντιστοιχούν στον Αδάμ, στο Χριστό, στον Καίσαρα, στον Τζένγκις Χαν, στον Κρόμβελ, στον Ουέλινγκτον και στον Φίννεγκαν.

Ποιος ήταν ο Φίννεγκαν; Ήταν ο ήρωας ενός ιρλανδέζικου τραγουδιού, ο Τιμ Φίννεγκαν, ο οποίος όντας, ως συνήθως, μεθυσμένος αποτόλμησε να ανέβει μια σκάλα με αποτέλεσμα να κατακρημνισθεί και να πεθάνει. Οι συγγενείς και οι φίλοι του, εις ένδειξη τιμής για αυτόν τον μεγάλο πότη, ξαγρυπνώντας τον, του έβαλαν στο νεκροκρέβατο μπουκάλια ουίσκι- που στα ιρλανδέζικα σημαίνει "νερό ζωής". Όμως, πάνω στην αγρύπνια, άναψε ένας καβγάς. Κάποιος πέταξε στον άλλον ένα μπουκάλι ουίσκι και μια σταγόνα έπεσε στα χείλη του νεκρού, σταγόνα αρκετή να τον αναστήσει.

Ο κορυφαίος Ιρλανδός συγγραφέας -πότης, γλεντοκόπος, χορευτής και τραγουδιστής επίσης - πήρε αυτόν τον μύθο-μπαλάντα και έδωσε στον ήρωά του τον τύπο του αναστημένου και αφυπνισμένου, παρομοιάζοντάς τον με φοίνικα που καίγεται και αναγεννάται από τις στάχτες του, ενώ από τα απομεινάρια του γεννιούνται παιδιά, πόλεις και βιβλία.

Η σύζυγος του πρωταγωνιστή Άννα Λίβια Πλούραμπελ είναι η Μεγάλη Μάνα της Δημιουργίας, το ποτάμι της ζωής και του χρόνου, είναι η Εύα, η Μαρία, η Ίσσυ, ένα ποτάμι-δεξαμενή, μια πόρνη και ένα μικρό... κοιτοπουλάκι.

Έχουν τρία παιδιά, δύο γιους δίδυμους και μία κόρη, που είναι τόσο πρωτεϊκά πρόσωπα όσο και οι γονείς τους. Οι γιοί με τα ονόματα Σημ και Σων, εμφανίζονται σε διάφορους χρόνους ως Μουτ και Τζουτ, ως Τζέρρυ και Κέβιν, ως Μπατ και Ταφ, ως Μούτα και Τζούτα, προσωποποιώντας όλους τους πολέμους και τις διαμάχες στο διάβα της... απάνθρωπης ανθρώπινης ιστορίας.

Η κόρη, τότε ως Ίσσυ και τότε ως Ιζαμπέλ, είναι το κάθε θηλυκό που κάθεται στον καθρέφτη και αυτοθαυμάζεται συνομιλώντας με το είδωλό της, καθώς τα αδέλφια την θαυμάζουν γιατί είναι "εντομοαίμοικτικά", όπως και ο πατέρας (ensectous- insectous).

Οι ενδοοικογενειακές κόντρες θυμίζουν όλες τις ρήξεις της ιστορίας και όλες τις αγάπες των ανθρώπων. Είναι η ανθρωπότητα με αμαρτίες και μετάνοιες, με θάνατο και ανάσταση, με μεγαλείο και καταβαράθρωση.

Όλη τη διήγηση του έργου τη διατρέχει η διάδοση ότι κάτι άσεμνο συνέβη στο πάρκο του Δουβλίνου μεταξύ πατέρα και κοριτσιού, το οποίο είδαν τρεις στρατιώτες, αλλά ποτέ δεν γίνεται γνωστό τι ήταν: ένα κρυφοκοίταγμα ή κάτι πιο βαρύ; Η γυναίκα του τον υπερασπίζεται εγείροντας νέες υποψίες εναντίον του και...

Ο Ελευθέριος Ανευλαβής στην "εξομολόγηση του μεταφραστή" δηλώνει ότι δεν είναι επαγγελματίας μεταφραστής: "Γιατρός είμαι αλλά δηλώνω ερασιτέχνης (εραστής της τέχνης) μεταφραστής". Και επισημαίνει: "Άμετρη φιλοδοξία και αποκοτιά, αλλόκοτη επιθυμία και αγάπη με οδήγησε να αποπειραθώ τη μετάφραση, να παλέψω να βρω

και να δημιουργήσω τις λέξεις που θα απέδιδαν στα ελληνικά τις νεολογικές δημιουργίες του Τζόυς και το ιστορικό, πολιτικό, φιλοσοφικό, ανθρώπινο φορτίο τους".

Πόσα χρόνια του πήρε το όλον εγχείρημα; "Έπτά χρόνια κράτησε η μάχη με το βιβλίο και συνεχίζεται εν γνώσει του τελικού αποτελέσματος της ήττας, με την πίστη όμως πως οι μόνες μάχες που έχασες είναι αυτές που δεν έδωσες".

Υπογραμμίζει μάλιστα ότι δεν παρέλειψε ούτε μία λέξη, ούτε μία φράση του πρωτότυπου, όσο δύσκολη ή και αδύνατη φάνταζε η μετάφρασή της. Δεν κατέφυγε σε μια δική του περίφραση αλλά κατασκεύασε αντίστοιχες ετεροσύνθετες λέξεις, θεσμοθετώντας μια ιδιόλεκτο, τα "ελληνοφιννεγκανικά". Σημειωτέον ότι στο κείμενο συνυπάρχουν νοήματα και λέξεις από 60 γλώσσες!

Στην περιεκτική εισαγωγή παραθέτει πληροφορίες και σχόλια για το έργο: Δεκαεφτά χρόνια πήρε στο Τζόυς η συγγραφή του βιβλίου, το οποίο ολοκλήρωσε το 1939. Δεκαεφτά χρόνια για να εξιστορήσει σε 628 σελίδες συμβάντα μιας νύχτας, μέσα στην οποία ο κόσμος χαλάει και ξαναγίνεται, σε μια ονειρική κατάσταση των ηρώων και του συγγραφέα, που δεν καταλαβαίνει κανείς αν πρόκειται για οραματισμό ή όχι.

Αρχικά -προειδοποιεί ο μεταφραστής- οι σύνθετες λέξεις απωθούν τον αναγνώστη, κάνοντάς τον να παρατήρει το βιβλίο. Όμως, όταν αφεθεί στη μαγεία του γλωσσικού του κόσμου και κατανοήσει τις αλληγορίες και τις αναγωγές, θα γοητευθεί από τις αντιφάσεις των ηρώων: "Την Αγρύπνια, αναγνώστη, μπορείς να την καταλάβεις μόνο με τα άγρυπνα μάτια της ψυχής σου".

Με γνωστικό όπλο τη βαθειά γνώση της Αγγλικής και εφόδια ένα σύνολο 28 βοηθημάτων τα οποία παραθέτει στην εισαγωγή, με πρώτο της Μαντώς Αραβαντινού "Τα Ελληνικά του James Joyce" (Ερμής, 1977), το "Όργανον- Κατηγορίες περί ερμηνείας" του Αριστοτέλη (Κάκτος) και 26 ξενόγλωσσους τόμους, ο μεταφραστής παραδίδει στο ελληνικό κοινό ένα έργο που πολλοί είχαν χαρακτηρίσει ακατόρθωτο για τα ελληνικά εκδοτικά δεδομένα.

Όπως γράφει στο προλογικό του σημείωμα ο εκδότης Οδυσσέας Χατζόπουλος, "Ο Ε. Ανευλαβής είναι δύσκολος άνθρωπος και γι' αυτό και μπορεί να μεταφράζει δύσκολα έργα".

Μιλάμε για ένα μνημειώδες έργο που πρέπει να υπάρχει στη βιβλιοθήκη, ακόμη και αν μας εξοργίζουν οι γλωσσοπροσθέσεις, γιατί αυτές είναι που συνιστούν ένα απολαυστικό παιχνίδι γνώσης της γλώσσας του πλανήτη Γη.

Ιδού η πρώτη παράγραφος του ιστορικού έργου: "Ποταμορροή, πίσω από την εκκλησία της Εύας και του Αδάμ, από το σκέρτσο της ακτής στον μυχό του κόλπου, μας γυρίζει με κόμοδο βικόκυκλο επανακύκλησης πίσω στο Κάστρο του Χοθ και τα Περίχωρα. Ο σερ Τρίστραμ, τραγουδότης της αγάπης, πέρα από την κυματοχτυπούσα θάλασσα, δεν είχε ακόμη ξαναφτάσει από τη Βόρεια Αρμορική σ' αυτή τη μεριά του λιπόσαρκου ισθμού της Μικρής Ευρώπης για να ξαναγριοπολεμήσει τον πεοπενναπομονωμένο του πόλεμο (...) φυσοσύριζε εγώ είμαι, εγώ είμαι και σε βαφτίζω συειπετροπατρικιοκατεργαροτυρφοθημωνιά".

Η «Αγρύπνια των Φίνεγκαν» κατά τον Ελευθέριο Ανευλαβή

13.02.2012

14:51

Γρηγόρης Μπέκος

Σε μια παραδοσιακή ιρλανδική μπαλάντα ένας χτίστης, ονόματι Τιμ Φίννεγκαν, προσπαθεί ν' ανέβει μεθυσμένος σε μια σκάλα. Μοιραία όμως πέφτει, χτυπά στο κεφάλι του και πεθαίνει. Υστερα, συγγενείς και φίλοι τον βάζουν στο νεκροκρέβατο και αρχίζουν να τον θρηνούν. Δεδομένου ότι ο Τιμ ήταν δεινός πότης του έβαλαν ένα μπουκάλι ουίσκι στο προσκέφαλο και ένα βαρέλι μπύρα στα πόδια για να τον τιμήσουν. Σε μια παραδοσιακή ιρλανδική μπαλάντα ένας χτίστης, ονόματι Τιμ Φίννεγκαν, προσπαθεί ν' ανέβει μεθυσμένος σε μια σκάλα. Μοιραία όμως πέφτει, χτυπά στο κεφάλι του και πεθαίνει. Υστερα, συγγενείς και φίλοι τον βάζουν στο νεκροκρέβατο και αρχίζουν να τον θρηνούν. Δεδομένου ότι ο Τιμ ήταν δεινός πότης του έβαλαν ένα μπουκάλι ουίσκι στο προσκέφαλο και ένα βαρέλι μπύρα στα πόδια για να τον τιμήσουν.

Ετσι τον μοιρολόγησαν, έτσι ξαγρύπνησαν γι' αυτόν. Κάποια στιγμή όμως οι παριστάμενοι «ήλθανε στα χέρια». Κάποιος εκσφενδόνισε το μπουκάλι με το ουίσκι (στα ιρλανδικά σημαίνει «νερό της ζωής») σε κάποιον άλλο. Μια σταγόνα ουίσκι έπεσε απροσδόκητα στα χείλη του πεθαμένου. Ο Τιμ αγαλλίασε και σηκώθηκε, ζωντάνεψε! Τότε οι συγγενείς και οι φίλοι του, θορυβημένοι καθώς ήταν, του είπαν ότι καλά ήταν εκεί, ότι έπρεπε να μείνει εκεί, να μη σηκωθεί.

Ο Ελευθέριος Ανευλαβής

«Πάνω σ' αυτή τη μπαλάντα βασίστηκε ο Τζόις για να στήσει το έργο του «Η Αγρύπνια των Φίννεγκαν»» είπε στο «Βήμα» ο Ελευθέριος Ανευλαβής που μετέφρασε στα ελληνικά το πιο αμφίσημο έργο του Τζέιμς Τζόις, το περίφημο «Finnegans Wake». Είναι η πρώτη φορά που εκδίδεται στη γλώσσα μας ολοκληρωμένη μια μετάφραση του βιβλίου (αποσπάσματα του οποίου επιχείρησαν να μεταφράσουν κατά το παρελθόν και άλλοι όπως η ποιήτρια Μαντώ Αραβαντινού). Θα διαβάσουμε προσεχώς (μέσα στο 2012) αυτή τη σημαντικότερη έκδοση σε «φιννεγκανικά ελληνικά» από τις εκδόσεις της «Εστίας».

Ο μεγάλος ιρλανδός συγγραφέας, που αφαίρεσε την απόστροφο από τον τίτλο της μπαλάντας, έγραφε αυτό το βιβλίο επί δεκαεπτά χρόνια στο Παρίσι και το εξέδωσε τελικά το 1939, δυο χρόνια πριν τον θάνατό του. «Λένε ότι είναι σκοτεινό. Το συγκρίνουν φυσικά με τον Οδυσσέα αλλά εκεί η δράση ήταν το περισσότερο την ημέρα και η δράση στο καινούργιο μου έργο λαμβάνει χώρα κυρίως τη νύχτα. Είναι φυσικά τα πράγματα να μην φαίνονται τόσο καθαρά τη νύχτα. Ετσι δεν είναι;» διαβάζουμε στην εξαιρετική βιογραφία του συγγραφέα που έγραψε ο Ρίτσαρντ Ελμαν (Scripta, 2005).

Ο Ελευθέριος Ανευλαβής, τον οποίο οι περισσότεροι γνωρίσαμε μέσα από ορισμένες εκρηκτικές τηλεοπτικές εμφανίσεις, εξηγείται εξ αρχής. «Δεν είμαι επαγγελματίας μεταφραστής. Γιατρός είμαι. Δηλώνω όμως ερασιτέχνης (εραστής της τέχνης) μεταφραστής. Η ιατρική είναι η σύζυγός μου και η λογοτεχνία η ερωμένη μου. Το έργο αυτό με γοήτευσε εξαιτίας της σημειολογικής του διάστασης. Η σημειολογική του συνάρτηση, για να το πω καθαρά, εκτείνεται στο άπειρο, μπορεί ο καθένας να δώσει όσες ερμηνείες θέλει» τόνισε για την πρώτη του απόπειρα να μεταφράσει ένα λογοτεχνικό κείμενο μνημειώδους δυσκολίας.

Στις 628 σελίδες του βιβλίου όλα συμβαίνουν σε μια νύχτα. «Το έργο αυτό επί της ουσίας ούτε διαβάζεται, ούτε μεταφράζεται. Αλλωστε ούτε στο πρωτότυπο έχει

διαβαστεί πολύ, απλώς πολλοί το έχουν αγοράσει» εξήγησε ο ίδιος που αφιέρωσε επτά χρόνια σκληρής δουλειάς «με πολύ κόπο και αγάπη» για να το «μεταφέρει» στην ελληνική γλώσσα και να το προσαρμόσει -όσο το δυνατόν επαρκέστερα – στο δικά μας πολιτισμικά συμφραζόμενα. Οπλα του, η «ατέλειωτη βιβλιογραφία» που διάβασε σχετικά με το έργο, οι αρχαίοι έλληνες φιλόσοφοι και επιφανείς θεωρητικοί της λογοτεχνίας όπως ο Τζορτζ Στάινερ.

Η πρώτη του επαφή με το κείμενο ήταν το 1975 όταν ακόμα βρισκόταν στην Αμερική. Είχε ήδη διαβάσει τον «Οδυσσέα». «Η γλώσσα του κειμένου είναι ιδιότυπη, ιδιόμορφη, μοναδική. Οι Φίννεγκαν μιλούν τα φιννεγκανικά (finneganish) του Τζόις. Μια γλώσσα επινοημένη, κατασκευασμένη με λέξεις ετεροσύνθετες, πορτμαντό: «δύο έννοιες πακεταρισμένες μέσα σε μια λέξη», όπως λέει ο Χάμπτι Ντάμπτι στην Αλίκη, στο «Μέσα στον Καθρέφτη» του Λιούις Κάρολ. Γλώσσα κατασκευασμένη με αναγραμματισμούς, λογοπαίγνια, αντιμεταθέσεις, λιπογραμματισμούς, ονοματοποιίες, συγκοπές, μεταθέσεις, νεολογισμούς» υπογράμμισε ο μεταφραστής για τη χαοτική γλώσσα του πρωτότυπου.

Όπως έχει γράψει ο Ουμπέρτο Εκο πρόκειται για μια γλώσσα «πέρα από τα σύνορα του αντιληπτού, πέρα από τις δυνατότητες της επικοινωνίας. Ο κόσμος της Αγρύπνιας, πολύγλωσσος, πολύσημος και αμφίσημος, αποκτά τόσα νοήματα όσα και οι γλώσσες που τον μιλούν. Και υπάρχουν πάνω από 60 γλώσσες μέσα στο κείμενο του Τζόις» συνέχισε ο Ελευθέριος Ανευλαβής που είχε δημοσιεύσει κατά το παρελθόν μεταφρασμένα αποσπάσματα του έργου στο λογοτεχνικό περιοδικό «Νέα Εστία».

Στην Αγρύπνια των Φίννεγκαν «μια καινούργια γλώσσα έχει επινοηθεί που μιλά το υποσυνείδητο» είπε ο ίδιος και «επί της ουσίας το βιβλίο είναι μια πανανθρώπινη ονειρική συνθήκη που αφορά όλους μας, παρελθόντες, ζώντες και όσους ακόμα έλθουν μελλοντικά». Το έργο είναι μια τομή ανάμεσα στον μοντερνισμό και τον μεταμοντερνισμό. «Νόημα στο έργο δεν υφίσταται, όπως ακριβώς και στη ζωή αν το σκεφτείτε».

«Το όποιο νόημα καλείται να το δώσει ο αναγνώστης. Εχουμε να κάνουμε άλλωστε με μια ολόκληρη φιλοσοφία, την οποία ο καθένας μπορεί να τη δει πολιτισμικά, πολιτικά, θρησκευτικά, ακόμα και άσεμνα!» όπως λέει ο Ελευθέριος Ανευλαβής. «Το βιβλίο είναι εξόχως άσεμνο, έχει μια ανευλάβεια απέναντι σε πολλά αλλά πιο συγκεκριμένα στον κληρικαλισμό, ο Τζόις σε αυτό το έργο (όπως και στον Οδυσσέα άλλωστε) τα έχει βάλει με τον καθολικισμό του».

Τα πρόσωπα του βιβλίου είναι πάρα πολλά. Ωστόσο «υπό μία έννοια είναι το εξής ένα: εμείς. Οι κύριοι χαρακτήρες μεταλλάσσονται, μεταμορφώνονται συνεχώς. Ο ΝΟΚ (Να Ο Καθένας, από το «Here Comes Everybody»), είναι ο πατέρας που στην πραγματική του ζωή είναι ο Αγρυπναυτιάς (Earwicker) και έχει ένα σωρό άλλα ονόματα. Η σύζυγός του, η πολύ όμορφη Αννα Λίβια Πλούραμπελ (ΑΛΠ), είναι η ίδια η ζωή, η γεωμητέρα μας, όπως λέει κάπου ο Τζόις, αλλά και ο ποταμός Λίφι του Δουβλίνου. Στο τέλος χύνεται μέσα στον ωκεανό πατέρα της και πεθαίνει».

«Επίσης στα βασικά πρόσωπα συγκαταλέγονται οι δυο δίδυμοι γιοι του πατριάρχη, επισήμως γνωστοί ως Σεμ και Σον, οι οποίοι εκφράζουν μονίμως την αντίθεση αλλά ταυτοχρόνως συντίθενται στο πρόσωπο του πατέρα. Έπειτα είναι και η Ισσι, η Ιζαμπέλ, η κόρη που μιλάει με τον καθρέφτη της και εκεί μέσα αναπτύσσει μια άλλη προσωπικότητα. Επιπλέον έχουμε δώδεκα πελάτες της ταβέρνας του Αγρυπναυτιά που γίνονται κάποια στιγμή το δικαστήριο του και τέσσερις άνδρες, τους ΜαΜαΛουΓια (Mamalujo), τους τέσσερις Ευαγγελιστές δηλαδή (Ματθαίος, Μάρκος, Λουκάς, Ιωάννης) που γράφουν ένα μεγάλο έργο για την Ιρλανδία και μετατρέπονται και αυτοί σε κριτές του πατέρα. Στο βιβλίο έχουμε, κοντολογίς, να κάνουμε με ολόκληρο τον κόσμο» κατέληξε.

Το εγχείρημα ήταν δύσκολο αλλά είχε αρκετή πίστη από την πλευρά του. «Ήταν μια εναλλαγή καλών και κακών στιγμών. Οι καλύτερες ήταν αυτές που μπορούσα να καταλάβω αυτό που έγραφε ο Τζόις και οι χειρότερες ήταν όταν προσπαθούσα να το κάνω αυτό». Ο ίδιος περιμένει την καλόπιστη κριτική. «Η μετάφραση είναι μια διακινδύνευση. Η κριτική βέβαια θα είναι αποδεκτή αλλά φοβάμαι ότι ενδεχομένως να υπάρξουν και κριτικές που δεν θα έχουν κατανοήσει αρκετά τον μόχθο αυτού του εγχειρήματος. Αυτό θα πρέπει να σκεφτεί ο καθένας πριν το απορρίψει πλήρως αν το απορρίψει» κατέληξε ο Ελευθέριος Ανευλαβής.

Όσοι έχετε πάντως ακόμα την απορία πρέπει να ξέρετε ότι «η μετάφραση της Αγρύπνιας των Φίννεγκαν και οι τηλεοπτικές μου εμφανίσεις, η δημόσια ας πούμε παρουσία μου, είναι αντιφατικά αλλά συνθέτουν εμένα».

APÊNDICE 1.2 – ENTREVISTAS TRADUZIDAS PARA O INGLÊS

APÊNDICE 1.2.1 – Caetano Waldrigues Galindo (Brasil)

Caetano Waldrigues Galindo, translator for Brazilian Portuguese



GALINDO, Caetano Waldrigues. **Official Website.**

Available at: <https://www.caetanowgalindo.art/Home>. Accessed: 17 October 2024.

Full professor at the Federal University of Paraná. Translator of James Joyce, T. S. Eliot, J. D. Salinger and David Foster Wallace. Author of *Yes, I Say Yes: A Guided Tour of James Joyce's Ulysses* [*Sim, eu digo sim: Uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce*] and of *Powdered Latin: A Walk Through the Formation of Our Portuguese* [*Latim em pó: Um passeio pela formação do nosso português*].

With a much broader and award-winning resume than the excerpt taken from his Lattes allows us to see, Galindo has translated practically all of Joyce's literary work, with "only" *Wake* missing to complete this translation odyssey. In the interview conducted via WhatsApp in 2024, he talks about the translation project for *Wake* and addresses the changes in perspective that occurred as his view of the book changed.¹⁷⁶

Dear Caetano Galindo, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

Geez. I've always read a lot. Except in the phases of my life when music occupied me too much. But in general I always read. And especially narrative. Novels.

¹⁷⁶ Source: Lattes Curriculum (adapted). Available at: <http://lattes.cnpq.br/5561930908519759>. Accessed: 29 Jan. 2025.

And gradually I became very interested in the “how”, almost more than the “what”, and this put me on a collision route with Joyce, of course. But I arrived at him tortuously. I’ve read tons of Beckett before. I read and translated *Travesties*, by Tom Stoppard, in which he is a character
It was “from the flank”.

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

When my daughter was about to be born, in 97, something told me it was time to take that step. And I started reading *Ulysses* in the last months of pregnancy.

But the definitive fact was my doctoral project, which came about when I had to refuse a full scholarship in Germany, precisely because at that time, 2000, I had separated from my daughter’s mother, and because I didn’t want to be far from her growth.

It was then that I changed everything in my plans and decided to translate *Ulysses* to finally read it for real (of course that first reading project was interrupted with the birth, around the time of “Oxen of the Sun”).

And from then on Joyce chose me.

I have trouble letting go of him to this day.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

I started reading while I was translating the first version of my *Ulysses*. It just seemed like the logical step after that novel. And from then on I have published translations of all the works that Joyce published during his lifetime, and I even revised my translation of *Ulysses*, ten years after its release.

But no finishing *Wake*.

More than twenty years have passed since this “project”.

I don’t know why. There’s this thing, a little bit silly, about “completionism”, of doing everything. But this has moved me less. I wanted to translate because I truly believe that my translation would have something to say, could reach more people. But lately I’ve also been thinking that this might just be my pretension.

Can you talk about your translation project (when is it's coming out, main procedures, most valued elements of the source text, intended reading effects, etc.)?

Today, honestly, I don't even know *if* it comes out. I think so. But I wouldn't bet all my chips.

I'm basically using the Danis Rose and John O'Hanlon's revised version from Penguin. And I wanted to seek a more "autonomous" reading of the book. Whatever. I've been thinking that what's most valuable would be a "performance", an "interpretation" of the book, different from what I would normally do in "translation". Give Brazilian readers the chance to access the book on their own terms.

You propose a Wakean translation without critical support parallel to the translation process. What is the reason for this choice and what are the possible gains and losses from it? How this amethodical method suits the *Wake*, seloko! But Issy only for the *fffortississimos*!

What I have done is to pacify this choice, which may just be laziness, with this idea that I am trying not a standard translation (if there were such a thing), but this personal "interpretation".

I want my confrontation, directly with the book, and the transmission of this, in my terms, to the readers. I don't know if I can make a "complete" translation of *Wake*, which takes care of everything I see myself. And that bugs me. But I think I need to make my own, so I need to find a way.

Has your translation vision (and the book itself) changed between translating one excerpt and another over the years?

Totally.

I started thinking about the infinite unfolding of all possible senses. Today I want more of the global effect.

How is our “Powdered Latin” being used in the translation, which I can bet is a traslasound?¹⁷⁷

Like this. As a performance, as a search for effect, atmosphere, shine, dance.

The “Powdered Latin” of Brazilian Portuguese can “metamorphose”¹⁷⁸ in which way to the Wakean language? What are the biggest difficulties, losses and gains of this meeting?

The main problem is that English lends itself much more readily to vocabulary formation through juxtaposition-composition, and also to perfect puns, precisely because of the distance between etymon and current pronunciation.

Portuguese tends to need more space, more speech, to achieve similar effects. Either that or suffering somewhat “typological” violence, which pushes it in ways that don’t correspond to the easiness of the play in the original.

What elements of original poetry do you prioritize (orality, neologisms, multiculturalism, humor, naughtiness etc.)?

Sound. Humor. Atmosphere.

Naughtiness can’t even be avoided!

Will it be a translation accompanied by the original text? How important is access to the original for the reader of a Wakean translation?

I don’t know if it will be.

It will depend on the publisher. I would actually push for it not to be. I don’t want to translate for Joyceans, for researchers. I want curious people to try to have fun and let themselves be touched by the book.

Will it be annotated or provided with another form of critical support?

Probably minimal.

¹⁷⁷ “Powdered Latin” is a book written by Caetano Galindo which studies the historical formation of Brazilian Portuguese. On the other hand, “traslasound” is a neologismo mixing “translation” + “sound”. It is, a musical translation or sound translation.

¹⁷⁸ A neologism mixing “metamorphose” + “powder”.

Maybe it will appear later, as in the case of my *Ulysses*' "Guide".

How do you analyze annotated proposals from other *Wake* translators, whose critical volume almost creates a separate work?

I depend and have always depended on them. I adore them. But that's not what I'm looking for today. In a sense I even want the opposite of that.

Does critical epitext have a narrative function? Is it part of the poetics of the work? Is it a kind of translation?

Maybe this is even a 'mistake' in *Wake*'s critical fortune, today I dare to think. The book cannot depend on that. If not, it would be proving its failure.

Speaking of which, are you going to take the reader by the hand and take him for a stroll through *Wake*, like you did in *Ulysses* with *Sim, eu Digo Sim*?¹⁷⁹ How to do this without overly limiting the reading of such an unlimited work (I just know that I know you can do it well, but in general I see few exceptions)?

I sometimes think that the supporting apparatus I wanted to provide was something even more succinct and direct than *Skeleton Key*. Something closer to what Slepon offers in FWEET, taking advantage of the stability of the paragraph as a unit of meaning in the book, and offering a summary of what seems to me to "happen" in each word. Almost a parallel *Wake*, paragraph by paragraph.

What are the main challenges of *Wake*'s "apotheosis of the pun" and the overflowing river of portmanteau words?

Geez.

First astonished. The shock at the magnitude of it. We look, we poke around, we delight, and we inescapably come to the conclusion that no other person, in any other language, would be able to replicate the experience.

Which is not the best way to start thinking about translation.

But then comes the charm, and hence the difficulty of thinking of ways to reproduce what does not add to the difficulty of the book the difficulty of using our language in a

¹⁷⁹ In English: "Yes, I say yes". It is, Galindo's reader guide for *Ulysses*.

crooked way, and which does not turn into an exploration of the infinite possibilities of reading. A difficulty of not overwhelming into the translation all the paratext that we have already consumed in our lives.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How are you working with this in translation?

Letting it happen. That's my concern in repeating the word "atmosphere".

There's something about trusting Joyce there. That even if I miss thousands of small possible meanings, a global apprehension of the effect is possible. And it depends on this type of dimension, as you mention.

Actually, I think that's it.

I'm trying to think of a way to translate *Wake* more "from afar", more concerned with the macro than the micro.

Thank you for making me think and say it in these terms!

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

As above.

How to work with multiculturalism?

Again, accepting, complying, incorporating and making it grow.

How to work with multilingualism? Do you work with foreignisms?

Yes. But not centrally.

I've already accepted that my *Wake*, if there is one, will be much more "vernacular" than Joyce's.

How important is repetition in the work and how do you deal with it in translation?

For me it's an obsessive question. Already in *Ulysses*, and it worries me a lot.

What do you think of translation procedures that mix the target text/culture and the source text/culture?

I think it's potentially interesting. But I worry about the fact that there is really a "hierarchy" between languages. And proposing hybridisms as English, in the year of grace 2024, is preparing to be dominated.

And more aggressive transcultural procedures? What do you think of anachronistic referential graftings to the work?

I think it's fun. I like your inventions, for example. And I wouldn't close myself off too much from them.

And what do you have to say about the translational domestication of (de)structural elements of the original, such as the deterritorialization of the narration, characters and language?

I find a path to going crazy.

If it's a little, that's okay. In your translation itself, you use things like Macunaíma. Donaldso already put Brás Cubas on in his translation¹⁸⁰. But as a "gift". As a "bonus", the idea of "locating" *Wake* in another culture is crazy.

Would the characters be functions?

I think in a sense, yes. But I think they are more "syntheses". Skeins.

Can you explain *Wake* as a "literary synthesis according to Bakhtinian lines"? How can we transpose this "pan-literature" into translation?

The idea, when I used this expression, was to say that it operates a fusion of the multiperspectivism of the novel with the "proprietary" attitude towards language that would be characteristic of poetry. All this in Bakhtinian terms, right? And I still believe that.

And I think this is perhaps the core of the translation problem. At this ethical crossroads, of attitudes and controls.

How to transpose?

May chance help us!

¹⁸⁰ Macunaíma and Brás Cubas are important characters in Brazilian Literature.

All of this kind of reflects the damned simultaneity of the book, right? Is it possible to reproduce this effect in translation?

No. At least not in Portuguese. You can try equivalences, again in the macro, but observing the same moments and the same densities, I don't think so.

How to translate the music encapsulated in the book?

Look, it's my biggest goal. In fact, I seek to guide myself by music before all things. But unfortunately (even because I am consistent with this principle) I don't know if I can explain this "how" in an articulated way. Not even for myself.

In fact, do music and music theory help think about this work?

Centrally.

In your article *The Funnecies of music wed poetry: Music and Finnegans Wake*, you talk about the fusion of music with words in *Wake*. Can you summarize your hypothesis?

It's an idea that already comes from Joyce himself, right? That the book sings even when it doesn't say it. That he seeks a kind of "communication" that is post-verbal, pre-verbal, almost anti-verbal. The greatest analogy in this process is the enjoyment of music.

I think that to some extent this is a flag more than a recipe. Thus, the *Wake* artifact is still fundamentally verbal, syntactic. But this flag points to a lot of what we "intend" to do.

Are there other levels at which *Wake* seeks the condition of music?

I don't know. And even this more general level is also relativizable. The book has things to say, and it really says. Unlike absolute music. It says some things in a reasonably unquestionable way and, as Fordham likes to remind us, it can be defended against "accusations" regarding things it unquestionably DOES NOT say.

Does the book relate in other ways to modern and contemporary classical music (indirectly with the poetics of Ives, for example)?

I think we can draw these parallels. For me, Cage above all. Much more than Ives etc... But I don't think they are constituents of the process and the establishment of the book.

How do you see the relationship between myth and music in this work? And how does this work in translation?

Look. It's one of those cases in which you rely on the construction.

It's like asking a house painter what he thinks of the dimensions and proportions of a room. It will stay the same, if it's good, if it's solid. I'll just wear it again.

Of course, with some attention to keys, triggers, names. But I think it is centrally independent of the translation.

As for the articulation of myth and music, it owes a lot to Wagner there. I would say. And therefore it becomes central too.

Can the book be translated into music in some way (Bartnicki – I love him – completed two proposals for musical translations)?

That's Wittgenstein. It all depends on the "special" meaning you give to the word "translation". I tend to think in a very strict sense, in Britto's key¹⁸¹ that translating a text is generating a new text that allows a reader who only could say, without lying, that read the original one.

I don't know if it can be done even cross-linguistically with *Wake*.

Imagine intersemiotically.

Can it be translated visually, as Sergio Medeiros and Bartnicki – again – proposed, each in their own way?

As above.

And for other artistic supports?

Same thing, right?

Your play *Ana Livia* transposes several structural elements (thunder, humor, poetry, etc.) and textual elements from the book, which are mixed with countless

¹⁸¹ Paulo Henriques Britto is a Brazilian theorist on translation.

references, from Beckett to cell phones. Would it, in some sense, be an intersemiotic translation? Do you think this referential miscegenation is also valid in the “conventional” translation of the book?

I don't see a translation there. I see referencing. Quoting. In other words, the oldest procedures in the world.

In your PhD you approached polyphony in *Ulysses* from a Bakhtinian point of view. Do you see this kind of polyphony in *Wake*? Why? Are there other forms of polyphony in the work (I do see musical polyphony at the word level)?

Look, again, in the very strictest sense, Bakhtinian polyphony only in Dostoevsky. As an extension of the musical sense, I think you're absolutely right. But I would even go beyond the word level. I think the simultaneity of events is the key to the construction and reading of the entire book, and the metaphor of the overlapping of “voices”, of lines, is perfect.

Do you know translations of *Finnegans Wake* into other languages? What are they and what do you think of them?

I've dealt with one or another, but not to the point where I can give an opinion.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I see myself more as a worker. Theories help me think about the translations. But it's the translation that interests me most.

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

Clear. I just don't know which one.

***Wake* spent a long time with few complete translations and now versions are booming everywhere, including in Brazil. What do you think of this translation rhizome? Does this phenomenon reflect something specific? Is there room for other retranslations or “paratranslations”, the term you use in *Translating Finnegans Wake, paradoxes and freedoms*?**

The more the merrier. I think that in recent decades a very rich Joycean scenario has been created in Brazil, and it wants to bear fruits.

Now, as for the “why” of all this, I think it has its dose of mysterious mystery....

And the thing that “*Finnegans Wake* is an untranslatable book”? What can you tell us about this?

May be. Maybe it's the uncertainty about this that's holding me back. I very and deep honestly think not. And a work like yours is proof enough!

What does the translator can and cannot do in this work?

I think you can do almost everything. Freedom of action needs to be proportional to that of the book. I think it just can't lose its grace.

Can *Wake*'s translator be considered a co-author of the book? Why?

I think both yes and no, to the same extent as *Anna Kariênina*. I don't know if it's a matter of degree, but perhaps of the “type” of authorship that differentiates the performance with *Wake*.

Do you have any new projects involving *Finnegans Wake*?

I haven't even finished the first one yet!

Thank you very much and a big hug to you and Professor Sandra.

Hugs from here, boy!

APÊNDICE 1.2.2 – Sérgio Medeiros (Brasil)

Sérgio Medeiros, Brazilian translator



SOURCE: Own's translator Facebook profile photo (2024).

Sérgio Medeiros is a poet, visual artist, short story writer, essayist and translator. He teaches literature at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Together with the English scholar Gordon Brotherston, he translated the Popol Vuh (*Iluminuras*, 2007; 2018, second edition), a 16th-century Mayan-Quiché poem with over 8,000 verses. He organized the anthology of Amazonian myths *Makunaíma and Jurupari* (Perspectiva, 2002), which contains the indigenous legends that Mário de Andrade recreated in his novel *Macunaíma*. In 2017, he published the book *Poetic idolatry or the fever of images* [*A idolatria poética ou a febre de imagens*], which received the Biblioteca Nacional Literary Prize in the poetry category. He has published several artist ebooks, including *Hieroglyphics Dictionary* [*Dicionário de hieróglifos*] (2020), *The accumulator* [*O acumulador*] (2021) and *A Visual Macunaima* [*Um Macunaíma Visual*] (2022). He visually translated the novel *Finnegans Wake* by James Joyce, with 633

images gathered in a digital book entitled *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* (Illuminuras, 2022).

In an interview conducted by email in 2024, Medeiros explains the poetic-translation process of *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* and addresses several issues, such as: the performative trance in the translation of experimental texts; paratranslation; and the *avant-garde* Amerindian miscegenation of the “Breazilian” language.

Sergio Medeiros, can you tell us about yourself (literary, creative and academic experience) and about your relationship with literature before Joyce?

I have always appreciated modernism, in literature and visual arts. I can say that, since I was a child, the most challenging aspects of modernism have become one of my passions. Joyce’s work then seemed to me to be the most important of all in prose – I read the first Brazilian translation of *Ulysses*, signed by Antônio Houaiss, in my early teens. This novel led me to have a new involvement with art, an involvement that required all the senses. What impressed me the most was the fact that the text had sound, flavor, aroma, so I could feel Dublin in front of me and also around me, and under my feet and over my head, as if I were actually in the city. I believe that when we read Joyce we are really in Dublin – that feeling is the great epiphany that his creations provided to me. At the age of 16, I could feel the streets with all his sense organs, which, moreover, were sharpened by imagination. I considered this to be the most that experimental literature could offer the reader. Reading Joyce was, in short, like I was walking through Dublin and meeting interesting, unforgettable people. The characters were intimate, I could intuit them very well. Two of them, in particular, marked me forever and determined, I believe, not only the direction of my own poetic work but also the path of my much later reading of *Finnegans Wake*. There are two secondary, or peripheral, but extremely powerful characters: the musician Enrique Flor and the sedentary sailor who tells tall tales. I will talk about them in my answers to the next questions. Because I can’t talk about Joyce’s work without mentioning and paying homage to them.

Joyce's work is a constant metamorphosis of writing and a growing tension of form. His work has also undergone through metamorphoses. Can you talk about the intersignal journey of his poetry and, later, his translation work?

In my poetic work is Enrique Flor, a Portuguese musician who appears in episode 12 of *Ulysses*. He comes from Portugal, the most deforested country in Europe, and settles in Ireland, the second most deforested country on that continent, where he survives by playing organ at weddings. The bride and groom are the personification of sacred trees, which forward to the time of the Druids and their language, known as ogham, whose signs have vegetable names and which is why it was called the Celtic alphabet of trees. Vegetable aesthetics have been part of my work since its origins, and continue to be part of it today. My research into vegetable writing does not begin with Enrique Flor, but the Portuguese musician is inserted into it from my book *Totens*, from 2012. Among other literary and cultural references, I must mention, alongside Joyce, the indigenous narratives of the Americas. So, due to these two matrices mentioned – the Irish and the indigenous – I can say that my poetic work forms a bridge between two hemispheres, the Southern hemisphere and the Northern hemisphere, putting them in contact, in fact, a contact “without contact”, as I will explain later.

In 2022, I published the book *John Cage in the Southern Hemisphere: a biography* in which the two hemispheres are face to face and also juxtapose each other without creating a homogeneous whole. In this work, I recreated Cage's eloquent silence in Bolsonaro's Brazil, to talk about the pandemic and threatened democracy -- I used the confinement of the body and voice as symbols of Brazil at the time. In my most recent work, still unpublished, *Hallucination, nightmare, ectoplasm* (this title is Joycean, as I will soon explain), I talk about the two hemispheres based on the displacement of Breasil Island, or “the island of Breasil,” as Joyce records on page 549 of *Wake*. Its other name, as we know, is “Hy Brasil”. Well, in my new work this island in the Northern hemisphere, which was recorded on medieval maps consulted by Portuguese navigators, does not deny the legend and comes to the Southern hemisphere, after lingering in the Gulf of Mexico, where the writing of the Druids meets the glyphic language of the Mesoamerican peoples, the writing of the Mayans in particular. When Breasil Island finally arrives in Brazil, it stops on the South coast, next to Santa Catarina Island, where I myself currently live. It brought to Brazilian poetry a

new language, made of sylvan signs, or breasileiros, signs that are both Irish and indigenous, as they bring together signs from the Northern hemisphere and the Southern hemisphere, since, on the island of Florianópolis, there are petroglyphs ancient, made by its ancient inhabitants.

I summarized, above, I hope, my conception of “breasileiro”, a verbal-visual language that borrowed from Portuguese and Brazilian (Brazilian Portuguese), but also from the indigenous writings of both hemispheres, and also from Hy Breasil’s imaginary writings, an island that predates the “discovery” of our country by European travelers.

In my visual translation of *Finnegans Wake* I made a point of emphasizing this conception of a “Breasilian” language in which I would express myself, which is why I published this work under the title *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil*. I. e., I visually translated the novel from the Southern hemisphere, where Hy Breasil now is, after a long journey that brought it from the West coast of Ireland to the South coast of Brazil. The island is the land of the sedentary sailor – it travels, he narrates the island’s travels.

Tell us a little about the poetic hybridism with Joyce’s characters and themes that you carry out in your books, such as the cage-bloominian Enrique Flor. What elements/characters from *Wake* have slipped into your creations?

I’ve already mentioned that a part of *Finnegans Wake*, more specifically Breasil Island, is one of the most worked on themes in my work recently. My work as a whole, since my first book, *More or less than two*, from 2001, which brings Cage to the Island of Florianópolis (which is more or less two hemispheres...), presupposes creative dialogue between two hemispheres always. This North-South truss always accompanies me, I emphasize, because I understand that the glyphic, visual element circulates freely throughout both hemispheres: the European alphabet is not my only “alphabet”. Because of this I need to be at the same time, in my poems, in my prose, especially in the latest books, in the Southern hemisphere and the Northern hemisphere almost simultaneously. In my latest work, spaces and times overlap, the primordial appears last, so the hemispheres can no longer be distinguished from each other, but they are not, because of this, homogeneous...

I will now talk about two characters that I have already mentioned, because both are very important in my work: the musician and the sailor. They both left the pages of

Ulysses, but were soon reintroduced by me in *Finnegans Wake*. In fact, I found them again in this book, the last one Joyce wrote. I will start by talking, however, about the HCE sailor and one of his reincarnations: *Hallucination, Cauchman, Ectoplasm*, which appears on page 133 of *Finnegans Wake*. My latest poetic work, a verbal-visual text, is called, as I already stated, *Hallucination, nightmare, ectoplasm*, referring to *Wake*, but not directly to HCE, since the initials of these three words in Portuguese form APE, a probable distant ancestor of HCE. I would say that APE is our most ancient ancestor, the monkey. HCE would be, according to this version I propose, one of APE's avatars... APE probably lived in the trees of the Celtic alphabet that the musician Enrique Flor used in his scores. Here it is necessary to add an important fact that appears in the conclusion of *Hallucination, nightmare, ectoplasm*: APE is also Ape, that is, a little monkey which is the ancestor of the crowned elves who have populated Breasil Island for millennia...

What was your first contact with *Finnegans Wake* like? And what were the reasons that led you to translate it visually?

At a certain point in my life, when I moved from Mato Grosso do Sul, my homeland, to São Paulo, in order to do my master's and doctorate at USP, I decided to read Joyce's complete works in English. The topic of my postgraduate research was indigenous narrative, the Xavante in particular, which I will still talk about, and not Joyce, but I thought, I always thought, in fact, that Joyce had dealt with mythologies in general, which covered also Amerindian art. The sedentary sailor is an important element in this chain that connects the Southern hemisphere to the North, as he would have traveled to Bolivia and lived with the local indigenous people... This is in *Ulysses*, as we know, and I myself, when I decided to make my own visual version of *Finnegans Wake*, I was aware that I had become this mysterious sailor, who raves in front of Stephen and Bloom, in a sleepy inn... This sailor who tells tall tales precedes HCE, but it is an anticipatory image of him; It is also a prefiguration of APE, the sailor of the trees who is the most distant past and, for this reason, as Heidegger would say, necessarily appears last...

So, while I was doing my master's and doctorate research, which took me to spend time among the Xavantes in Mato Grosso's East, I read Joyce without stopping, and inevitably arrived at *Wake*. At that time, I already knew the translation of fragments

of this work signed by Augusto and Haroldo de Campos, but I decided to access, without despair, the original, which had always had a reputation for being difficult, incomprehensible. John Cage stimulated me a lot at that time, because I read his version (an arbitrary cut, which chance configured) of Joyce's last novel – Cage's text is a river, as I felt that a river had run through the oceanic work and evaporated, carrying to the sky, in its gentle current, part of it. The river is Anna Livia Plurabelle, the pair of HCE, the sailor of all waters... Perhaps, since that time, I have instilled the desire to also do my version of the last Joyce. Who knows?

About the translation process that culminated in *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil*, when did it start, what was the work routine like and how long did it take?

When I set out to visually translate Joyce's latest novel, I knew I had to go into a trance. The word "ectoplasm", which appears in the name HCE, is this: something that is produced when you enter a trance. Whoever writes *Wake*, whoever translates *Wake* must be in a trance, because only in this way does he/she expels a unique, rare, never banal or habitual literary ectoplasm – an experimental ectoplasm. During the pandemic, I stayed at home. So, taking advantage of this situation, for five consecutive months I always got up at 4 am to work on my version of the novel until 10 am. I did this every day, without interruption. Nothing diverted me from this routine. I actually went into a prolonged trance. In short, I felt, from the beginning, that I needed the trance state to produce my visual "ectoplasms". I consider each page of my *Wake* a specific ectoplasm, which is also a postcard from Joyce's other world. HCE (Here Comes Evereboddy) means, as I have already mentioned, hallucination (amazement, epiphany), nightmare (suffering, frustration), ectoplasm (expression of amazement and suffering). The ectoplasms of HCE (or of APE/Ape, the caveman, in the version of the verbal triad in Portuguese), come from trance, because only then do hallucinations and nightmares become productive, literary speaking – they, finally, externalize an ectoplasm-text, a form at once material and spiritual, through which the irreconcilable worlds touch each other and generate some form of palpable, although not always intelligible, expression.

As a reader of the philosopher Jean-Luc Nancy, theorist of contactless contact, I believe that ectoplasm is the result of a storm, of a tumult, which is why it never gives

us, through its verbal or visual expression, a homogeneous text, appeased, but an eternal poetic turbulence – integrates the hallucination and nightmare that are in the human and inhuman essences, in HCE and in APE/Ape.

In what format was *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* published and how can the public find it?

The book has two copies in printed format, which are with me. The pages are not bound, this book is not a conventional brochure, but a mass of loose leaves. They will be used in future exhibitions, which I intend to hold in Brazil and abroad, including in Ireland, or especially there. My dream is to create a huge Mayan wheel (prophetic wheel of Chilam Balam, the Jaguar Priest), placing the more than 600 pages of the book on the floor. It will be a kind of “sand book” for the Apaches and Navajos, who express themselves through beautiful mandalas assorted on the earth.

The public interested in the work has free access to the online version on the website of the publisher Iluminuras, in São Paulo. This same edition, complete, is also available on the glifoeletra website and on my blog. It can be leafed through like a book... Your images allow themselves to be expanded... There are many possibilities for handling the digital book. Slow handling, fast handling...

The translation was carried out simultaneously with the *Finnegans Rivolta* translation, coordinated by Dirce W. do Amarante. How did the idea for your intersemiotic translation come about and what is its relationship with the project that culminated in *Finnegans Rivolta*?

I have already mentioned APE/Ape, the primordial being that my work rescued. I will now talk about something even older, and therefore more current, the language of stones, which is at the opening of *Finnegans Wake* and which is perhaps the oldest language of all. I associate this inhuman language with the vegetal music of Enrique Flor, in which the trees of druidic writing are reborn in the modern Ireland that the Portuguese artist wants to reforest. In the opening pages of Joyce’s novel, more precisely on page 19, we read: “But the world, mind, is, was and will be writing its own wrunes for ever, man, on all matters that fall under the ban o four infrarational senses ...” If everything writes, if the planet itself writes using immemorial runes, then Joyce’s

novel is not written solely in the Latin alphabet. There are other writings, visual or glyphic, under and over this more visible, or decipherable, writing. And here it is necessary to remember this definition of the Irish people, which appears on page 472 of *Wake*: "...joyful Ireland, the people that is of all times". The Irish, or the *Wake* people, are the people of all ages, the youngest people and the oldest people, so they reveal the joy of youth amidst the serenity of old age... The happy people, the lively people, know and practice all the writings – are not, in this aspect, just human. He is also an "ape" (Joyce was never a humanist, his work does not rely on an ontological separation between the human being and other beings), he is also Belinda, the chicken that finds the precious document that represents all the Joycean writings, a document where the chicken leaves its own marks – and it does so that its beak and legs rewrite it when removing it from the trash, the primordial material from which culture would have come. Only infrarational lenses would be able to penetrate and decipher this text that coexists with immemorial roots and stones... So, moved by these considerations, I decided to show the "colorful" side of the glyphic *Wake* and I focused on visual writing, as it undoubtedly it is part of the original alphabet – it is the hieroglyphics that filled the lost document, the original writing that will only appear in its entirety lastly, as the sum of writings in different languages or alphabets. The original document does not exist as such: it has been rewritten (it is always a translation of a translation without an "original") every time it is shown or mentioned, it is incessant, something that can never be definitively written or read. Faithful to this apprehension of the plural core of *Wake*, I considered it up to me to make a visual version of it, since I am a visual artist. At the same time, the Finnegans Collective was translating the entire novel into Portuguese. This was an additional stimulus for me (I even collaborated on this project, creating images for the covers and the book block), but it didn't make me deviate from the project of narrating by drawing and coloring *Wake*'s words, in order to expose, under and over them, the different writings of the world, the oldest alphabets and youngest as well.

Your translation is complete, covering all pages of the book, or at least some selected words from each page. How did you choose the words? Can you give an example, please?

I already mentioned in this interview that ectoplasm is also a postcard. I would like to comment more extensively on this statement, taking as a reference a character from *Ulysses*: the sedentary sailor. I believe that this way I will be able to clarify how I selected the words of the novel that became, in my version, images. The episode 16 of *Ulysses* talks about navigation and sailors and takes place in the coachmen's shelter in Dublin where the wanderers Stephen and Bloom enter to drink a cup of coffee. The chapter is static (everyone is sitting down), but equally tumultuous (tales are told, people travel around the world). In my opinion, at that moment *Ulysses* announces *Finnegans Wake*... The sailor, half drunk, says that he saw the world, including Peru. He uses the anaphora (I saw this, I saw that...), as does John in his Apocalypse, or the narrator of the story "O Aleph", by Borges... And he takes out of his pocket a postcard showing indigenous huts of Bolivia. He also reveals that it was a friend who sent him this postcard from a place where he himself would have been a while ago. The sailor apparently never left the bench he was sitting on. I have this feeling every time I reread the episode in question, and the doubt is also expressed by Bloom himself, who refers to the teller of tall tales as follows: "a born adventurer at heart", but who would be nothing more than a "landlubber". Well, I am also a born adventurer in the field of translation. From each page of *Wake* I read, I extracted a postcard and showed it to my potential readers. In each postcard that Joyce sent me there is an image or several of them, shuffled together. They are drawings that are sometimes abstract, sometimes figurative, or both, well mixed, as, in fact, happens in the very colorful Mesoamerican codices that served as my model.

My reading of the novel, as I said, presupposed trance (or that extreme "courage" that the unwary translator needs to have), so that I felt "outside myself" (euphoric, almost always); well, this reading was a unique, unrepeatable experience. In each new reading experience of the novel, a different keyword may stand out on each page traversed... If, in the future, I return to the *Wake* text in a trance, I will probably choose an entirely new word to summarize the text as a whole. This type of reading is an adventure of the motionless sailor (in a trance) who, although accommodated on a chair, travels all the seas of the sounds and meanings of the verb – thus, the postcards sent to him from the other side of the world are also tall tales, as they do not authenticate your past stay in these distant places.

Joyce's last novel presupposes, at all reading levels, the teller of tall tales – after all, can one really read the *Wake*? Anyone who claims to have read the entire book is

telling the biggest rigmarole in literature. Because, to read it all, don't you have to go into a trance? After the trance, there are postcards left, but they do not guarantee the veracity of Joyce's circumnavigation of the globe... Where would the postcards have come from, since they actually exist? How many narrators does *Wake* have? Which of them sent them to the reader, in Joyce's name? It is not possible to avoid the feeling that the most euphoric reader has "illegally" of postcards, to "prove" that he is "at heart" an adventurer.

What are the characteristics inherent to each language (verbal and visual) and how did you manage to achieve this fusion?

I believe that two surfaces (the verbal and the visual, let's say) do not really touch each other, as they do not generate a homogeneous, unique whole. The turmoil is constant between the two borders that seek each other. Everything gets messed up all the time. I believe that the language of *Wake* is intrinsically dreamlike, adventurous, turbulent... The visual version would then need to be as variable and agitated as the verbal version of the novel; in this case, the verbal version was the second translation into Portuguese, *Finnegans Rivolta*, which I was reading at that time. To account for this literary language so full of all languages, I had to select, in my recreation of the book, different paper formats, as well as different types of paint – nankin, tempera, aquarelle, acrylic, oil...

As for the images, in them the abstract coexists with the figurative, throughout my version... Often, what I wanted to express was already present in the paper format itself, or in its color or texture, and not just in the drawing that I would do it...

All the time it was necessary to remove the postcard from the clay, or return it to the clay... My *A Visual Wake* is the journey that is taken and also a journey that has already been taken. The postcard I offer is new and also old; not to mention that the spaces are clashing and generating turmoil, however, in the end, no form is finished, or is easily decipherable...

Can you talk about difficulties, limits and possibilities of intersemiotic translations, specifying issues encountered and solutions given? Was it possible to retranscreate elements of the original, such as orality, neologisms,

literality, rhythm, puns and portmanteau words? Can you give an example, please?

In the previous answer I mentioned the importance of paper and the different techniques I used to suggest, through drawings, colored or not, the epiphanic words that I picked up while the act of reading. It is possible, I believe, to bring out the tones of the verbal *Wake*, written by Joyce, using possibilities available to the visual artist, such as different types of paint, different paper formats, geometric design, figurative draw... Furthermore, all the postcards I offer could be read almost “in an instant” (speedy digital reading), like an immense chaotic epiphany, an ectoplasm of the size of a large cloud passing on the computer screen. I. e., there are several ways to read/view my work, which enrich the visual experience that I propose, compensating for sound and content losses.

Since my version is available in a digital format, it is possible to manipulate my postcards in many ways, which a traditional brochure (and Joyce's *Wake* is a traditional brochure, a bound book like any other) would not allow for obvious reasons. Perhaps I am also addressing an inhuman reader, a virus that, sitting in the computer, recomposes all my work, distorting it and/or erasing it, as Belinda the hen did, that ripped out the document virtual from mud, leaving the marks of its dirty paws and sharp beak in it.

HCE is a boastful sailor, as are all of Joyce's sailors, since the sedentary one in *Ulysses*. I believe that the reader of *Wake* is also a sailor, and its translator, even more so. Translating, in this case, is telling tall tales, that is, imagining journeys, meanings, postcards... Translation as a tall tale is, as it turns out, an interesting and legitimate theory.

In my visual book I present the couple HCE and ALP, as well as their three children. They appear at different times, never equal to themselves, whether as an abstract force, or as a “subject”, or conventional character (man/woman). The most visible narrative thread, if one can call it that, is maintained in my work: HCE circumnavigates cultures around the world, but returns because, in a way, he is a sedentary person, he never actually left Ireland, like a good Dubliner sailor that he is. That's the plot of my version of *Wake*.

I would also highlight another aspect of this family: it is wild. In fact, the HCE sailor's fear is that of losing his savagery, his physical strength and spiritual

independence, by entering Breasil Island, which is, among other things, the kingdom of the dead, the home of spirits - and elves crowned, perhaps “eternal” beings, because they multiply and expand like wild plants. There is hesitation in HCE, as can be seen – it is the hesitation of drunks, at first, but it is also the hesitation of someone who is between hallucination (the wonderment) and nightmare (the suffering). If Joyce states that the Irish are a happy people, and therefore a people of the beginnings, the present and the future (the joy of the crowned elves, in my reading of the Hy Brasil/Breasil legend, is the secret that allows them to multiplying themselves, eternalizing themselves), the total sedentarism that Hy Breasil offers you is something that the drunken, and already mature, sailor recognizes as dangerous.

In my version of the novel, I recreated the ectoplasms that the threatened sailor expels to show his vitality – something sublime, but also abject: the vomit of drunks, the tall tale of Joyce’s readers and translators...

Although your work is the only complete visual translation of the work, there are some partial attempts to translate *Wake* into imagery. Do you know of any, like Krzysztof Bartnicki’s? What do you think of them?

In my opinion, in terms of visual achievement, the great translation of Joyce’s last novel was recently made by Anselm Kiefer, who brought together in a monumental exhibition, in 2023, paintings, sculptures and installations that alluded to and recreated *Finnegans Wake*. In fact, I have always admired Kiefer’s work, and it is no coincidence that I mention him in the preface I wrote for my *A Visual Finnegans Wake*. Books, documents, texts, restored or not, are the themes of the great German artist. He was in Brazil and portrayed São Paulo, years ago. Taking his vision of the megalopolis as a reference, I created in my book *A visual Macunaíma*, which I drew right after my *Wake* (the first was published in digital format in 2021, and the second, in 2022), a terrible friction between the jungle and the city. I. e., Kiefer’s work has been with me for some time now, and that was long before his version of *Wake*.

Even though *Wake* is a separate case, several translators (of other works, at least) rely on translation theories. In the case of an intersemiotic translation like yours, what references, in addition to the source text, can be used?

I want to mention here the theory of parart, created by me and published in the book *The languages of translation*, organized by Dirce Waltrick do Amarante and two other translation specialists. In this text, I define the translator as the author and the author as a co-author. This theory guided my work, which, on the other hand, choosed as references the notions of hallucination and nightmare. The author (the former translator) goes from wonder to disappointment or despair, and the ectoplasm he offers like a postcard contains both of these crucial experiences. His art is also telling tall tales, as he is a type of sedentary sailor who circumnavigates continents. The two theories -- that of translation as a parart and as a tall tale – complement each other. The more than 600 images I created will be received, perhaps, with some wonder and some disappointment, frustration, too. I hope I'm not being too optimistic... For me this is inevitable, when it comes to *Wake*, this immense hallucination followed by immense frustration that the ectoplasms record. Thanks to the trance that is at once happy and painful, the ectoplasm exposes the complexity of Joyce's nothing utopian universe that embraces the circumnavigation of the first and last HCE, in a circle that repeats itself and that also includes APE/Ape.

You say in the preface to *A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil* that both Irish and Amerindian codices influenced your visual retranscreation of the *Wake*. Can you give an example of how this mixing occurred?

All of my work is influenced by the sylvan writing of Jerônimo Tsawé, a Xavante I met in the 1980s and of whom I became a disciple. He, who passed away many years ago, is my teacher to this day. His rhythmic writing, always oblique, taught me the power of a writing that is not alphabetic, as it precedes the alphabet and is also after it. In the Anthropocene, perhaps only sylvan writings still *have something to express*. *I proposed this in my book of verbal-visual poetry What appears and what does not appear* (2023), in which the shadows of buzzards that fly over the earth trace dark signs that are future rivers, possible rivers, as well as other life-producing elements.

In addition to the Tsawé sylvan writing, the Mesoamerican script, the Mayan in particular, a highly developed glyphic writing, which I have studied for 20 years, has been another source of reference for me. The fate of this writing, which was erased in the codices (they were destroyed by the Spanish) but which promptly resurfaced (at least 16 books survived after the conquest), is for me the fate of Joyce's original writing,

which only appears last (very current), throughout *Wake*'s reading, under and on the European alphabet.

Mesoamerican writing, as I have already stated here, is the link that unites the two hemispheres, the South and the North, between which displaces Hy Breasil, the Island of Breasil, which is the primordial Brazil, the one that was recorded in Irish legends. and on medieval maps. However, in my poetry, this Breasil is the future: it is both in my hallucination and in my nightmare, generating "prophetic" ectoplasms in a glyphic language that I call Breasileiro.

I have an Amerindian worldview, but I wouldn't say that the ectoplasm I offer is a mestizo postcard, one that presents an exotic language. The sedentary sailor of *Ulysses* seems to follow this path when he speaks of the anthropophagists of Peru and Bolivia as something distant, but I am this anthropophagus, I am a Latin American sailor among Irish coachmen, because my Ireland is Andean, Amazonian, Mexican... For the anthropophagous parartist there is no miscegenation, there is an image of the world where wonder and frustration require both hemispheres, that is, the center and the periphery, reversing roles.

As HCE, I don't want to lose my savagery, that's why I consider myself a Bolivian anthropophagist... My visual parart proves it. The sedentary colonialist sailor needed to return to Peru and Bolivia with a different spirit, but he didn't do it, he didn't get up from his chair. HCE took its place and behaved like a savage (a potent being, overflowing with vitality and creativity) throughout all the world's cultures.

Reproducing an excerpt from your preface, your visual translations seek to "rescue the petroglyphs and hieroglyphs of the Irish writer, that is, that language that I greatly appreciate and that would be semi-hidden in this work, barely appearing among its infinite letters". Can you talk a little more about it, including addressing concepts that you also brought up in the introduction, such as "inframince", by Marcel Duchamp, and "infrarational", by Joyce?

This rescue is not only glorious (a beautiful hallucination), it is also a disaster, an erasure (nightmare). The final ectoplasm is never a full text, the Book of Joyce. I believe that, at the beginning and end of *Wake*, nothing can be rescued, but rewritten, redone in another way, as, I believe, did the chicken that took the lost document from the trash, transforming it into an inhuman text, illegible under the only human eyes.

That's why I stated above that Joyce does not fit into traditional humanism. Whoever thinks, finds nothing, finds the Nothing, which is potentially everything, that is, an epiphany. This is white on white (square on square) of suprematist painting, which can only appear after the eclipse of the sun (the black square), as I wrote, in fact, in my book *The Mirror of Huarochiri*, from 2022, using the work of Malévitch to rethink the conquest and destruction of indigenous America by European colonizers.

HCE, Joyce's greatest sailor, is not just HCE, he is, as I have already stated, APE/Ape, the ancestral monkey. My unpublished work *Hallucination, nightmare, ectoplasm (APE/Ape)*, talks about that, by thinking about different origins: that of Brazil, that of writing, of the book... It is an aesthetic and intellectual testament, in which I reflect on my work and my relationship with Joyce's Ireland. Well, in this book the human is not entirely human, or only human. It is also "ape", it is also his inhuman ancestry. To speak a little like Heidegger, I will say that, in essence, the human is neither a subject nor a rational animal -- he is "ape", that of the past and that of the future. When we become "apes", or feel "apes", we reach the infrarational and can appreciate, through its pores, the runes of the planet. We can hear and read the planet. I believe that the infrafine is the possible contactless contact between the human and the inhuman, and HCE would be the infrafine hero himself. That's not how Duchamp defined the concept, obviously. I'm talking about my "infrafine", which is a "place" where you can be human and inhuman, HCE and APE/Ape. In this narrow place (imperceptible abyss) there would be contactless contact between bodies from different eras; it is the most delicate contact of all. With less friction between the parties, with less turmoil too.

There is a moment when the letter and the glyph touch, they become one thing, but illusorily, because then they separate, generating turmoil. This feeling of wonder (the glyph is the letter and the letter is the glyph) is generated by the infrafine, which brings two surfaces together. One looks at the other through pores, and this is provided by the infrarational, which opens new dreamlike and mythical windows for the man, the woman, the child. The infrafine and infrarational allow HCE to see itself in APE/Ape and for APE/Ape to touch without touching HCE.

Paraphrasing a poem by Philadelpho Menezes, can it be said in a way that narrativity in *Wake* is a "Disorder and pregress"? What is the power and how

does the issue of narrativity occur in visual translation? How important is the reader?

The reader is everything. As my edition of *Wake* is digital, the reader can quickly go through the images, reading/seeing the book in an instant, a “magical” instant (hallucination). You can, on the contrary, read/view each postcard slowly, in the sequence in which they appear. You can also read the book backwards. Or choose one image or another at random. Ultimately, reading my book presupposes hallucination and nightmare, experiences that can be sequential or simultaneous. My *Wake* is potentially a single postcard that brings together all postcards (a kind of Borges’ “aleph”), a single epiphanic image made up of hundreds of images. The narrative, therefore, can be slow, fast, absurd, incomprehensible. Let each reader tell their tall tale, and this story is their ectoplasm, fruit of their wonder and their frustration.

The originals of your translation are a moving museum, which you display in different places. Can you talk about this artistic installation nature of your work?

After making my version of *Finnegans Wake* I created my own glyphic language, inspired partly by Joyce, partly by Amerindian writings. Today I’m writing a object-book entirely in this new language, which I call Breasileiro in honor of the Irish writer. The title of this object-book (to be exposed), in Portuguese (or Brazilian), is *The crowned book*.

I intend to do the same experience with the originals of my *Wake*, but I haven’t yet found adequate space to display them as an object-book. The papers I used are mostly fragile, which is why I intend to use in the exhibitions, instead of the originals, two printed copies of the book, which are with me. These copies are resistant and do not require a very “refined” space. In theory, the copies could be displayed in any hospitable place. I haven’t received any invitation to do this yet. My house is an art gallery, which was initially called Galeria dos Inhumanos, but now, after I changed address, it was called Galeria Vallier. I have already exhibited my *Wake* at home, for insects, birds, spirits. To the dust. My art galleries are not frequented by just human viewers... APE/Ape is always the first to appear! See the portrait I made of HCE and recognize yourself in it...

Is there also a song encapsulated in the words of the book?

The music is the music of the sylvan glyphs, the glyphs of Hy Breasil. This song sounds like a can of coins (or dice, or pebbles) being shaken vigorously. Sometimes it is close, sometimes it is far away. So, when I exhibit my drawings (and I've already done so in my own gallery, as I said), I shake this can myself and make the glyphs sing. Each drawing, then, is a score. Its colors, its shapes, its language (abstract or figurative) generate varied music. Intrinsically, the colors, the rhythms of the lines, etc. are musical elements that can be enjoyed as mental, conceptual music...

Can *Wake's* translator be considered a co-author of the book? Why?

According to my view of translation as parart and of translator as parartist, the translator is the author of the translated text, and the author, co-author. Because, among other reasons, who responds for the translated text is the translator and not the author. Given this, he, the translator, also needs to assume his role as author; in fact, that's what I'm doing right now, by giving this interview.

The notion of parart, already exposed and discussed in an essay I published some time ago and which will now be published in English, in a book to be published in England, considers translation as an art that needs a partner to move, or dance. That pairing, in this case we are discussing, would be *Finnegans Wake*. Your intimate relationship with your partner is even erotic, if you want. From this relationship, my *A Visual Finnegans Wake* was born..., an original work by a parartist.

What is the role of critics in the reception of *Wake*? Does it function as a narrative instance of the work, given the disintegration of canonical literary standards?

Joyce's novel is a tall tale that begets tall tales. The critics' bullshit is sometimes the tastiest bullshit... I think that's why it's essential. I've always listened to sailors literary critics, as they tend to be interesting. But what they say are bullshit, that is, ectoplasms made up of true and false epiphanies...

Do you have a favorite part of the job? Can you bring it and comment, please?

I haven't reread my work yet. The general ectoplasm no longer belongs to me. I don't know how to read it anymore. The day I do (I don't want to be the only reader

of my work), I will be able to answer the question. The infrafine has already defined, in the past, my intimate relationship with the ectoplasm that I generated, but now we are distanced, although the abysses of the infrarational (they are its foundation) can take me back, at any moment, to the arms of the APE/Ape.

How was your translation received by the general public and academia? Did purist theorists frown or stamp their feet?

The book is online. That's all I can say. It was featured in the one-page newspaper *O Globo* when it was still a *work in progress*. Some images of it later appeared in *Folha de S. Paulo*, on the occasion of *Ulysses'* centenary. Nobody told me anything about what I did, neither for nor against, in the form of a review, but on websites my art was commented in a positive and even complimentary way by foreign readers, especially. For now, the manuscript removed from the founding mud is in the pure hands of the heroine ALP, who is a cloud hovering over all the computers on the planet... I believe ALP is leafing through my *Wake* right now...

Joyce sought to break down inter-art barriers by creating a kind of musiscriture in *Wake*, while you broke down translation barriers by bringing the first complete visual translation of the book. Do you believe that other arts, such as music, can also fully translate *Wake*?

John Cage did great experiences with Joyce's novel. He transformed it into a relatively short poem, by randomly selecting fragments from the book, but he also transformed it into a large noisy oratory. Everything is possible when you have a Cagian spirit... and maintain intimate relationships with the wild, anthropophagous APE/Ape.

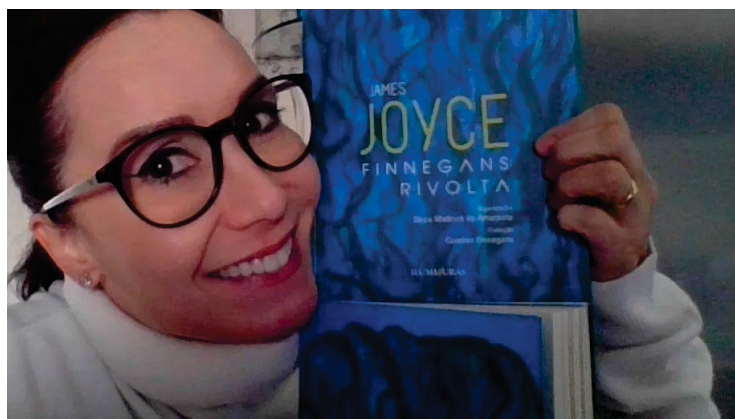
Are there projects for new visual translations?

Many projects. The main one is writing glyphic books entirely in Breasil, the language used on Breasil Island. I have already created/recovered more than 1,000 signs of this oracular language, which is perhaps the oldest than the ancient language of the Irish Druids, called Ogham. By writing books in Breasilian language I will no

longer need to use the concept of parart (as I called literary translation, in particular), as the source and target texts will no longer be discernible to the naked eye... The parart will be, in this case, art. In any case, I owe the invention of this new writing to two sources: indigenous and Irish (the Druids and Joyce).

APÊNDICE 1.2.3 – Dirce Waltrick do Amarante (Brasil)

Dirce Waltrick do Amarante, translator into Brazilian Portuguese



Portrait of the parauthor when Jabuti

Dirce Waltrick do Amarante is the author of *To read Finnegans Wake by James Joyce* [*Para ler Finnegans Wake de James Joyce*], *James Joyce and his translators* [*James Joyce e seus tradutores*], and *Finnegans Wake (by a Thread)* [*Finnegans Wake (por um fio)*], among other books. She co-organized and co-translated, with Sérgio Medeiros, an anthology of essays by James Joyce, *The Critical Writings of James Joyce* [*De santos e sábios*], letters to Nora and an anthology of letters from the writer to his patron Harriet Weaver (*Letters to Harriet*). She also translated texts for children by James Joyce: *The Cat and the Devil* [*O gato e o diabo*], *The Cats of Copenhagen* [*Os gatos de Copenhagen*] and *The three apers of Zurich* [*Os três macaqueiros de Zurique*], all published by Iluminuras. She is a professor in the Postgraduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and vice-leader of the Joycian Study Group in Brazil. She has co-organized Bloomsday in Florianópolis with Sérgio Medeiros and Clélia Mello since 2002. She edits the website: <https://www.jamesjoycesoutsiders.com.br/>

In the interview conducted in 2024 by email, the creator and coordinator of *Finnegans Rivolta* talks about her journey in literature and her history as a translator, critic and promoter of *Finnegans Wake*, addressing poetic and translational aspects of the work.

Professor Dirce, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

Literature, for me, has always been a refuge. I was born and raised in Florianópolis. The city, despite being pleasant, was (still is) culturally very limited. When I was little, there was only one bookstore in the city and the titles were not diversified, because they sold books that were adopted in schools. Monteiro Lobato and practically only Monteiro Lobato could be bought! So, I started to develop a dislike for Monteiro Lobato, who didn't give space to anyone else. It's funny, but I knew there were more books than the ones I saw there in that strange space. Luckily, my grandmother had a lot of books and I "read" her books. They weren't books for children, I didn't understand anything I read, but I loved them. I think I've always liked reading what I don't understand very well.

My grandmother told many stories and read Edgar Allan Poe, which she loved, by Flaubert, Marguerite Duras, Marquis de Sade (grandma was very advanced) etc. I got closer to literature thanks to her.

Once, my father read the poem "Ismália" to me, I was fascinated by that woman who throws herself from the tower.

In school (I studied at a convent school), there were embroidery classes. During classes, one girl was always called upon to read a book aloud, while the others embroidered. The books chosen were incredibly boring: princesses, damsels in distress, poor girls who found rich men. In one of these classes, a girl read a story and, instead of reading "lady", she read "carrot" and, every time the word "lady" appeared, she read "carrot".¹⁸² I think I was the only one paying attention, as no one corrected her. It was the story I liked the most. I imagined the "carrot" dancing at the castle ball, walking with a young man and riding a horse with her hair (leaves) in the wind. I started to imagine the horse eating the carrot. Then, I wrote a short story based on this unusual relationship.

Anyway, unusual books and stories interested me and still do.

¹⁸² In Brazilian Portuguese, these words sound similar: "senhora/cenoura".

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

One day my father bought *Ulysses*, translated by Antonio Houaiss, and left it on the living room table. I looked at that big book, opened the pages at random. I arrived, without knowing it, at episode XV and there was a clock that talked and looked like a play. The end of the book was crazy, I was looking for paragraphs, commas... I had already read Proust, but that was different. I picked up the book and never put it down. He let go of me as the leaves fell. In fact, one fell out without me noticing and, for years, I read *Ulysses* without one of the pages.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it? Can you talk about the translation project for the first translation of ALP?

When Ateliê Editorial published the first chapter of *Finnegans Wake* (*Finnicius Riovém*), translated by Donaldo Schüler, Cult magazine commissioned Sérgio to review the book. I followed Sérgio's reading, we ended up reading some parts together. I had never read the book and found it challenging but fun to read. I also liked Donaldo's solutions, but I tried to propose my own. So, I owe my approach to *Finnegans Wake* to Donaldo, and to Sérgio, who encouraged me to study the book.

Of course, when I proposed, in my master's degree (I came from Law) the translation of chapter VIII, I was advised against it by some professors, as they believed that no one would take my translation seriously. Others (a few) encouraged me to pursue the endeavor. For me, aesthetic enjoyment was more important than recognition and continues to be. But, you see, non-recognition is one thing, erasure is another. In the case of the *Wake* translation, the success resulted in two awards and a wonderful collective of fellow translators.

My translation project was to bring out a certain melody and rhythm, which I heard and hear when reading *Wake*.

Translating chapter VIII was natural, as it is the easiest chapter to access in the book. But it was the chance to give a voice in Portuguese to two very talented gossipers. Remembering that gossip has to do with the art of narration.

What elements of the original poetics did you prioritize in your translations (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humor, sexual meaning of the signifier etc.)?

In *Wake*, I tried to prioritize orality, precisely because Joyce asked that the book be read aloud. I have the impression that, in fact, when we read *Wake* aloud, we understand better what is written. As there are many layers to be translated and one can't handle all of them, or many of them, the one that has more to do with the translator's reading is chosen, which he considers deserving to be highlighted.

Michel Foucault, in a translation by Inês Autran Dourado Barbosa, recalls that "beneath a word we pronounce, what is hidden is not another word, nor several words joined together, but, most of the time, a sentence or a series of sentences [...]". This is because, says the French thinker, the first state of the language was not a definable set of symbols and construction rules: "it was an infinite mass of statements, a flow of things said". So that, behind the words of our everyday language, what we find are not constant absolute morphologies, but "statements, questions, desires, commands". Therefore, in each appearance "the word has a new form, has a different meaning, designates a different reality [...]. The word only exists because it is attached to a scene in which it appears as a scream, murmur, command, narrative". But, Foucault warns, the word lives a paradox, because "from scene to scene, despite the diversity of the setting, the actors and the adventures, it is the same noise that circulates, the same sound gesture that stands out from the confusion and floats through a moment about the episode, like an audible password".

The translator deals all the time with this multifaceted facet of words. When facing the unforeseen and paradoxical meanings of his work object, the translator needs to make decisions, not a definitive decision, but one necessary so that, at that moment, a given text has the possibility of being read and discussed in another language. Almost all creative texts, at different levels, are, in my opinion, untranslatable, that is, they are those that never stop being translated, as the history of translation shows us. An example of an untranslatable text is *Finnegans Wake*, by James Joyce, which, paradoxically, has already been translated in full into several languages, including Brazilian Portuguese, and not just once, but twice, not to mention that new translations of the same novel have already been announced.

The translator is aware that, faced with the paradox of words, which are at the same time empty and full, there is always something that the translation leaves out. And what is left out, as Chilean artist, poet and activist Cecilia Vicuña often says, is perhaps the most important. For this reason, the most important texts, I add, need to be retranslated numerous times -- they are always circulating in new versions, but it is difficult to evaluate abstractly which one would be the best or most recommendable. Because something is always left out of translations, even those considered the most successful.

What are the biggest difficulties, losses and gains in the encounter between the Finnegean and the Brazilian? And the main challenges of *Wake's* pluralistic river of *portmanteau* words and puns? How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work? How to work with multiculturalism? What about multilingualism?

Every text, I'm going to talk about the literary one here, always puts the translator in an alert position. In a defensive position. Reading is one thing, but when you translate -- that's my impression -- the words take on new life and create a relationship of distrust with the translator. Some words at the beginning of a text of poetry or prose may not have any particular meaning, so a pomegranate is a pomegranate is a pomegranate... But as the narrative progresses, that same insignificant pomegranate gains new connotations, therefore, switching pomegranate with another fruit that is more familiar to us or that rhymes better or maintains a certain poetic metric can change the entire "story" -- thus losing several references, many that the common reader may be unaware of. In view of this, it is up to the translator to think about the whole and take a position, which is always a critical position: maintain the strangeness and introduce Brazilians to a new culture, encourage the reader to seek more information, give this extra information in paratexts (so far I have chosen this option) or, on the contrary, "domesticate" the text and bring it into our context (the word "domesticate" makes me uncomfortable). Translating is opening up worlds, introducing new cultures, new ways of living and thinking. Ultimately, every translator (or publisher) is responsible for the decisions they make, whether in the name of aesthetics, in the name of the market etc.

The difficulties of translating *Wake* are of these and all other types: it is necessary, for example, to relearn how to read (before translating we are obliged to read, right?), because *Wake*, like other avant-garde texts require a reader that plays with the text, that is active. We were taught to be passive readers.

Then, to translate it is necessary to reconstruct one or a few “narratives”, to be (or be) the guiding thread of the translation and to be aware that a lot will be left out and, finally, to assume these choices. Multiculturalism and multilingualism go through these choices, some cultures and languages from the original emerge in the translation, others will be left out, even because some will escape the translator (they even escaped Joyce).

As for the dream universe, I think we are led to recreate it almost naturally, as the novel (from micro to macro) is circular and repetitive (although it never repeats itself in the same way) like a dream.

Translating *Wake* means losing more than gaining, you lose puns, *portmanteau* words etc., but when you win, ah! What an unspeakable pleasure!

The fact is that, in my opinion, every translation is a benefit, as it allows the author to circulate, his ideas to circulate. If the translation is “bad”, it still brings a benefit, that of instigating a discussion about the translation, the author, the work etc. Discussing is always important, even more so in today’s times, when we don’t want to argue, because it requires reflection and we no longer have time for that.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to translate this?

Trying to maintain the “agrammaticality” and viscosity of Joycean writing, whether adapting these characteristics to our language or culture, or keeping them where they are, what one cannot do, in my opinion, is disregard these characteristics.

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

The repetitions are extremely important, because they are linked to the philosophy of Giambattista Vico and Giordano Bruno (fundamental to Joyce’s work) and the idea of dreams (or nightmares).

What do you think of translation procedures that substantially mix the target text/culture and the source text/culture? And more aggressive transcultural stances? And of anachronistic referential grafts to the work? What do you have to say about the translational domestication of (de)structural elements of the original, such as the deterritorialization of the narration, characters and language? Can you talk a little about the plurality of translation proposals in *Finnegans Rivolta*? Does the multiple nature of the book accommodate these multi-positionings well? How to translate the music encapsulated in the book?

Wake lends itself greatly to this, to a creative translation, to a translator who is truly a paraauthor, as Sérgio Medeiros defined: “The paraauthor, not being a co-author, as the author’s work is already composed/designed, is not concerned with the strict identity between the two texts (his/hers and the other’s), and that is precisely why you can be bold and inventive when moving with your partner around the dance hall, where you hear the music of two orchestras, which play sequentially or simultaneously”.

And Medeiros continues, “The paraauthor will be able to revise the paratext indefinitely, never considering their partnership with the aforementioned co-author to be closed – the work will appear to be included... Other paraartists, however, by choosing to translate the same text, they will create their respective co-authors and be able to quickly complete the task. Each paraauthor has their own rhythm of work, and the coauthor that she/he creates must correspond to this rhythm... So, the text generated by the paraauthor activity is a paraartistic text when it is “completed” or can be considered satisfactory by the person responsible for it. A bilingual book is a text + paratext. Obviously, the paratext is more accessible to non-bilingual readers than the text that accompanies it, written in a foreign language that they do not speak. That’s why the author is in fact a co-author, and it is only in this condition that she/he will be able to reach a greater number of readers (the “universality”)”.

Ah, this music encapsulated in *Wake* gives a dance for the paraauthor, who will dance, not necessarily, according to the author’s music, but according to the rhythm that her/his language (and her/his culture) imposes and so that the readers of his translation can dance together.

Can *Wake* somehow be translated into music?

Did you know that I had a project to set *Finnegans Wake* (*by a thread*) to music? I even spoke to two musicians, a pianist and a violinist, but both declined the invitation. I thought of this inspired by John Cage, in *The Wonderful Widow of 18 Springs*.

Can it be translated visually? By the way, what can you say about Sérgio Medeiros' translation?

Yes, it can be translated intersemiotically. There are films based on *Finnegans Wake*. Sérgio's translation, as far as I know, is the only one that exists in the world. It's strange that it hasn't gained the visibility it deserves among Joyceans here. Sometimes I think Joycean researchers have learned little from Joyce. Foreign scholars, for example, find it difficult to understand the expression "Here Comes Everybody", as they still seem to play the role of the colonizer, disregarding theories about the author's work that were not endorsed in the "center" and not allowing the periphery to speak freely.

And for other artistic media? In 2019, at the first *Workshop in Progress*, the play *My Little Ireland* was presented, which you created by mixing elements from chapter 8 of *Wake* with the eschatological (and cute too) letters that Joyce wrote to his wife Nora. Do you consider this experience a form of translation of *Wake*?

I adapted Chapter VIII of *Wake*, "Anna Livia Plurabelle", for the stage (*My Little Ireland*) as you remember. Yes, it is a form of adaptation or intersemiotic translation (I deal very poorly with concepts in little boxes). In fact, the play is based on fragments of chapter VIII, translated by me, and letters exchanged between Joyce and Nora Barnacle translated by me and Sérgio Medeiros. So, it has everything to do with text translation too.

Last year, I adapted *Finnegans Wake* into comics. Let's see when it comes out.

In 2001, in “The third margin of the Liffey”,¹⁸³ you were the first researcher to translate an entire chapter of the “untranslatable book” into a Brazilian academic work. After your pioneering spirit, the theses of Andrea, Daiane, Afonso and Luis Henrique (mine) also proposed translations of the work. What do you think of this translation rhizome in academia (a big thanks for inspiration)?

This is the best part of academic life: creating dialogues, thickening the broth, multiplying voices, inside and outside the academy.

Can you talk a little about the history of *Wake*’s translation and reception in Brazil?

It’s a long and repetitive story. I just know that we owe a lot to Haroldo and Augusto de Campos and Donaldo Schüler. I’m happy to have brought and proposed, in a certain way, a political reading of the book here.

After the award-winning full translations by Donaldo Schüler and the Coletivo *Finnegans Wake* – of which you are the powerful boss – is there room for more Brazilian translations? Which pathways are still open in this *vicus of recirculation*?

Let new translations come! *Finnegans Wake* is an untranslatable book, that is, to paraphrase Barbara Cassin, it is one that never stops being translated. I think translators are interested in translating it because trying to decipher a riddle is always intriguing. And, as the enigma is not deciphered, the translators return to the book in the hope of failing better, as Samuel Beckett would say.

What is the reason for this translation boom of the “untranslatable works”? And what can you say about the idea of *Wake* as an untranslatable book?

¹⁸³ Her thesis of Master Degree.

There are many books that have been retranslated many, many times. Perhaps this has to do with the idea that updating the language is important, that retranslations incorporate new readings of the work etc.

You are the responsible of the Coletivo *Finnegans Wake*, the group that you conceived, selected and coordinated in the *Finnegans Rivolta* translation project, which was recently awarded with the Jabuti Prize for best translation. Can you talk about it, from conception to materialization?

As I explained in *Finnegans Rivolta*'s preface:

Sylvia Beach, responsible for publishing *Ulysses*, said that Joyce compared the story to the broken telephone game, in which someone whispers something into the ear of the person next to them, who repeats it not very perfectly to the next person, and so on; when the last person listens, the sentence appears completely transformed. It seems to me that Joyce took this joke into his fiction. In *Finnegans Wake*, he says, on page 5, in Teixeira's translation, that "There must now be a thousand and one known and similar stories".

Furthermore, it should be noted that *Finnegans Wake* is a big gossip: everything revolves around a possible crime committed by HCE. No one is sure of anything, and everyone who tells the story tells it in a different way. After all, it says on page 440, translated by Aurora Bernardini: "Apply your five knowledge to the four last truths".

Instigated by Joyce himself and by the gossip that emerges in *Finnegans Wake*, I decided to undertake a collective translation. Each translator was responsible for one or more chapters of the book. The translations were made almost at the same time and, ideally, each translator would tell their version of the story to the others. Like good gossip, who tells a tale adds a tail, or cuts it.

But the eyes could not be left out; Sérgio Medeiros translated each of the four parts that make up the book into illustrations.

Therefore, there are many voices in the translation, many points of view and different interpretations of the Joycean story. If a male voice "starts" narrating the story (which has no beginning, middle or end, as it is circular), it is a female voice that "finishes" the book.

The translators are all researchers of Joyce or the avant-garde in general. Each person brings a cultural background that is revealed in their translation choices. There

are more solemn chapters, others more relaxed; some more emphatically erotic, others less so; and there are also chapters that highlight the history of Joyce's Ireland, from Joyce's time, and others that mix the history of Ireland with that of contemporary Brazil.

This multiplicity of voices also reveals the different readings that can be made of the book, which is actually serious and comical, erotic and pornographic, which tells the story of Ireland, which symbolizes the many colonized countries.

Full translations of the novel signed by Afonso Teixeira Filho, Caetano Galindo, Luis Henrique Garcia Ferreira and Vinícius Alves are expected very soon. There will be four more new translations that will be added to the full translation by Donaldo Schüler and this one designed by the "Coletivo Finnegans", formed by Afonso Teixeira Filho, Andréa Buch Bohrer, André Cechinel, Aurora Bernardini, Daiane Oliveira, Dirce Waltrick do Amarante, Fedra Rodríguez, Luis Henrique Garcia Ferreira, Sérgio Medeiros, Tarso do Amaral, Vinícius Alves and Vitor Alevato do Amaral.

It should also be remembered that fragments of the work have already been translated by scholars and lovers of the Irish writer; the most famous are undoubtedly those of Haroldo and Augusto de Campos, who, in the book *Panaroma de Finnegans Wake*, dedicated themselves to revealing some of the "magical moments" of the novel. I myself translated fragments of the book that "joined together" tell one of the many narrative threads of the work, in a different proposal from that of the Campos brothers. This "experiment" can be read about in *Finnegans Wake (por um fio)*. Furthermore, I translated chapter VIII of the novel in full. The translation of this chapter is part of the volume *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*. Excerpts from the book were also translated by Afonso Teixeira Filho, Caetano Galindo, Paulo Leminski, Arthur Nestrovski, Renato Pompeu, among others, and published in newspapers and magazines.

How important is the "translators' word" that accompanies the translation?

I believe that, for any translator of very inventive texts, it is important to show the reader of the translation that he (even if he failed) knows what he did and why he made certain decisions. It is important to make it clear that choices, however arbitrary they may seem, have a reason. Furthermore, texts can give readers tips, which they may or may not follow.

Did you retranslate or revise your previous ALP translation for the *Rivolta* project? If so, what were the main changes made?

I changed few things, because I wanted that underground translation, in the sense of having been the first and having fed the soil of other projects, to be there.

How did the joint translation of the last chapter with Andréa Buch Bohrer come about?

In fact, she had complete freedom, and so did I, to follow her *riocorso*. One or another issue were discussed, for example, the beginning of her translation and the end, for obvious reasons: as the book is circular, the translation of the last sentence should be linked to the first in the book (made by Afonso). I also needed to pass the baton to her in the middle of the chapter without her falling, for that, we needed to reach an agreement and be in tune.

And what can you say about the award-winning *Finnegans Wake by a thread* (in fact, it has a lot of threads, reminiscent of Cecilia Vicuña's skein)? To be honest, I think it's *Wake's* translation work that I like the most, but it's a secret, okay?

Why not pull a narrative thread? I really like the idea of wires. And pulling a thread and creating an embroidery is intriguing, but that doesn't mean it can't be taken apart afterwards. It's Penelope's work: weaving and unweaving. This endless work (one hundred threads)¹⁸⁴ is playful and shows how plural the book is.

Your translation journey with *Wake* began with the translation of ALP, went through *Finnegans Wake by a thread* and culminated in the final chapter translated into the Jabuti Prize awarded *Finnegans Rivolta*? Did your way of listening/seeing and translating the book change during that time?

¹⁸⁴ In Brazilian Portuguese, there is a pun between the words "one hundred" (cem, it is, a numeral) and "sem" (without).

Ah, it always changes, that's why I can't leave the book. I'm trapped in the maze and I don't want to get out. Getting lost is sometimes more important than finding yourself.

You and Sérgio Medeiros coined an interesting term – word-hanger – to refer to the translation style of separating words (differently from the agglutination characteristic of the original) that Donaldo Schüler used in several moments of his translation. Can you talk about some of your own translation solutions? Did some of them also get cool names like that? I'm curious.

Reading Donaldo's translation, we notice these "word-hangers" spread throughout the text. It was Donaldo's resourcefulness that, in a kind of anthropophagy, he devoured Carroll's and Joyce's *portmanteau* words and spat them onto the plate he ate, not in a disrespectful way, but to "make it easier" for Brazilians to swallow.

Sometimes, *Wake's* translators can also be a kind of mother bird, chewing things up to put in their baby readers' beaks. Once they grow, they eat larger, more indigestible bites.

In chapter 7 of *Finnegans Wake*, in the incountless racist terms are used in Shaun's caricature of Shem, you opted for a decolonial stance (very original, it was the only one I saw) in the passages you translated, pulling other threads into to the detriment of that of racism. Can you talk about that choice? Is it aligned with a translation (or life) philosophy?

Translating fragments is easy and difficult. I explain: easy because we don't need to worry about what comes before or after, we don't need to make connections in terms of word choices, etc. Difficult because that fragment, loose, has to give a greater idea than what it actually contains, as it would also need to represent the "spirit" of the book. So the words and images in *Wake* (like in a dream) are very ambiguous. One thread is a thread, in the next one, I highlight this "politically incorrect" one and pull another thread from it.

You also pull other threads (or translation voices) that for a long time had no space in the field of translation. Can you exemplify how this occurs in your *Wake*

transcreations? How can a feminist translation manifest itself in *Wake* and what is the importance of translational procedures like this?

What is left out is perhaps the most important, what is underground feeds the soil, these multiple voices play this role, as they stimulate discussion, make reflections alive. They multiply the reading possibilities. Yes, they are necessary.

Is the feminine the main “narrative” thread (or river) of *Wake*?

Interestingly, no one knows who narrates the book. I have an assumption: the person who narrates the book is Anna Livia Plurabelle (ALP). The book ends with her monologue and the last sentence joins the first, so the book is Anna Livia’s dream, who could be Molly Bloom, since, they say, *Wake* is the continuation of *Ulysses*. ALP is the heroine, she writes the letter to save her husband. Women are great narrators and chapter VIII, the best known and the one that Joyce liked, is a compliment to narration.

In addition to the Coletivo Finnegans Wake, you are also the driving force behind several sources that promote Joyce’s work in the country, such as the *Qorpus* Magazine, which has already published some editions dedicated entirely to Joyce, the *Workshop in Progress*, which already has three editions, several translations of other Joycean works, articles, critical books etc. Can you talk about this critical and disseminating rhizome, please?

Qorpus was created to encourage dialogue, which is why it accepts texts from undergraduate students, teachers, readers and cultural enthusiasts. This is also why it is not well rated in Qualis Capes. But all my projects start from Joyce, that is, from the idea that Here Comes Everybody.

Your thesis “The third margin of the Liffey” became a didactic entry guide to *Finnegans Wake*. Furthermore, you have numerous texts dedicated to this work. What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

No book needs a reading guide, but they are welcome. They are not the last word, but a gateway for the most fearful reader. Afterwards, the ideal would be for him to create his own critical reading of the text.

In addition to being a translator and literary critic, you are also a writer. Is *Finnegans Wake* related to your literary creations?

Of course, all reading and writing is autobiographical, *Wake* is part of my biography.

Surely you know translations of *Finnegans Wake* into other languages. What are they and what do you think of them? Is there a favorite?

I read so many! I don't have a favorite. In all of them there are masterful moments and others that are disastrous. My favorite is the one I haven't read yet, because it might surprise me.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I have a preference for translators who reflect and who do not follow previously stipulated rules just because they exist. Translation theory is important to stimulate reflection, but, in my opinion, it could not be seen as an instruction manual.

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

Many translation theories can be applied to the book, and the translator also creates his/her own theories, dialoguing with theories of translation, literature, philosophical reflections etc.

What is the translator's freedom in this work and what sins can he not commit if he wants to go to heaven when he dies?

Let's go to hell. The devil is the transgressor. We need him to shake up rules.

Can *Wake*'s translator be considered a co-author of the book? Why?

I like Sérgio Medeiros' idea of a paraauthor, as I mentioned above.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake* or other vectors from the Joycean pluriverse (I bet there are a lot)?

Wow, I'm always back and recirculating through the Joycian riverrun. The river runs and I am carried by its current. The book is a kaleidoscope and we always try to find a new image in it.

Thank you very much and a hug from your number 1 fan.

I appreciate your interest and a hug from your number 1 fan (and no one steals my place, not even the "shorty").

APÊNDICE 1.2.4 – Aurora Bernardini (Brasil)

Aurora Bernardini, translator into Brazilian Portuguese



SOURCE: MEDEIROS, Sérgio. **Professora de literatura russa reúne artigos publicados sobre o tema.** In: O Estado de S. Paulo. 11 Nov 2018. Available at: <https://tinyurl.com/yhps3xf4>. Accessed: 29 Jan. 2025.

Aurora Bernardini holds a degree in Anglo-Germanic Languages and Literature and Russian. Full professor at USP, she is currently a professor of postgraduate studies in Russian, Literature, Literary Theory and Comparative Literature at USP and a Senior Researcher. She works with literary translation, essays, criticism and creation. Among the awards she has received are: Jabuti 2004 — Honorable Mention, for the “Translation” category of the work *Il Dolore* by Giuseppe Ungaretti; Paulo Ronai Translation Award 2006 (1st place) for the work *Floating clues* [*Indícios flutuantes*] by Marina Tsvetáieva; APCA Award 2006 for the co-translation of *The Cavalry Army* [*O exército de cavalaria*] by Isaac Bábel.

In the interview conducted by email in 2024, Aurora, who translated the first 2 chapters of book III of *Finnegans Rivolta*, talks about the first contacts she had with *Wake* through Haroldo de Campos and also addresses the hierarchical aspects in her translation.

Dear Aurora Bernardini, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

My relationship dates back to full-time primary school, in the municipality of Trevasco, in Northern Italy, where, once a week, one of the afternoons was dedicated to “exchanging books in the Library”. Magic word, for us and for our future. From then on, reading was the main stimulus for me and then, vocation and profession...

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

I studied English literature at USP and, curiously, from Donne to Eliot, Joyce was never mentioned. (The teacher, Kenneth Buthlay – excellent, by the way – was Scottish).

I discovered Joyce at my uncle’s house in Trieste, where he is well known, especially for his relationship with Italo Svevo. I read *The Dubliners* and then all his books, even *Ulysses*. I was very impressed by his formation and his attitude and decided to dedicate my specialization work in English Literature to him: Professor Vizioli, moved by him, wanted to invite me as assistant, but I was already an assistant to Professor Boris Schnaiderman. The epiphany was discovering Joyce’s youthful works: reading *Ulysses* and *Finnegans* could only be an obligatory consequence. I bought a “*Ulysses* reading guide” and undertook the feat. (At the time, that was the key).

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

In fact, the person who first told me about the wonders of *Wake* was Haroldo de Campos, with whom I translated some texts into Italian. I read some excerpts translated by him and Augusto and I was enchanted. I started reading the text in the original, but I didn’t think about translating it.

What was your translation process like for the *Finnegans Rivolta* project (work routine, principles followed, sources consulted, revisions, time taken, chapters translated etc.)?

I only admitted the idea of a possible translation when Dircinha proposed it to me.

I accepted the challenge (also to prove myself) and decided not to read any Brazilian translation so I don't feel conditioned. I imported, however, a French translation (completely unfaithful) and an Italian translation (too faithful). I decided to translate a little every day, (this is important) of the two chapters that were offered to me, without looking anywhere, working only on that, in terms of translation, so I don't disperse my concentration and rhythm and I took... two years, between translation, reading aloud (this is very important) and continuous revision. However, there are too two very important sources, namely 1- Everything I found on Google about *Finnegans*: entries, historical-political explanations, etymological explanations, etc. 2- I re-read Joyce's biographies and "auto-biographies" to understand certain allusions. As well as the notes from the Italian edition, which were very useful for me to understand the text. I insisted on my introduction which can be read in *Finnegans Rivolta*: the translator must have understood his text.

I myself compiled a series of notes that accompany my translation and that I consider vital for the reader. Dirce told me that they will be published as an e-book.

Can you give examples of difficulties encountered and solutions given?

It's your task. Any sentence in the translation compared to the original is an example. Choose yours.

Something that stands out in your translation of *Rivolta* is the work's sexual charge, which is also very present in the original (I loved it and laughed a lot!).

Can you talk about that choice?

Precisely, this is linked to how I thought Joyce's text should be understood, with a strong sexual and poetic charge.

What other elements of the original poetics did you prioritize (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humor, sexual charge of the signifier etc.)?

And more, I learned from Joyce's two co-translators, who with him translated Anna Livia Plurabelle into Italian, that Joyce loved to have fun, not only when he wrote, but when he translated. Hence, everything you mention in the question was what I prioritized in the translation. (Read the article I wrote about "Anna Livia" and that I sent to Dirce. I received many letters from abroad about it, commenting on the difficulties and solutions).

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to translate this? I noticed that you “redo” or transcreate the grammar at several points. Can you comment this choice?

I would say ungrammatical, but always depending on rhythm and meaning.
Magister dixit...

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

For the sound, for the unusualness of the word, for the meaning.

How to work with multiculturalism?

Use the notes and investigations carried out to create the aura that will allow you to recreate a suitable multiculturalism in your language. But one can never be too careful: I'm not in favor of Brazilianizing concepts.

What about multilingualism?

Here, yes, one can try to Brazilianize it, but protecting the other components without eliminating them.

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

It is important and, as appropriate, must be respected.

Is *Wake* “pure music”? How to translate the music encapsulated in the book?

By sound (assonances and dissonances) and rhythm.

Does *Wake*'s poetics dialogue with collective readings/translations? For what reasons?

Yes, I had the opportunity to record a video that Dirce will send to Colombia in August about this. She must have sent it to you.

What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

It has the primary function of helping people understand the narrative as best as possible, but it is neither translation nor narrative.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I once said, in an interview, that translation theories don't get in the way. But there is a contract that must be endorsed by the author and the translator, which is in the question: getting closer or moving away from the spirit and lexicon of the original?

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

I'm for the theory that comes as close to the spirit and lexicon of the original as possible, in the case of *Wake*.

Can *Wake*'s translator be considered a co-author of the book? Why?

As long as a good translator can be held responsible for the good version of the work, yes: he can be considered a co-author.

What are the biggest crimes, according to traditional translation concepts, that a *Wake* translator can commit?

Being incomprehensible (and not having understood the text himself), not having a style and lacking originality (in vulgarized words: boring).

And what are the "duties" from which he must not deviate?

Understand, make the reader understand, delight lexically and rhythmically.

How do you analyze the idea of *Wake*'s "untranslatability"?

Everything can be translated, but not by anyone.

How do you analyze the idea of *Wake*'s "untranslatability"?

Everything can be translated, but not by anyone.

As a good Joycean, do you have other projects involving *Finnegans Wake*?

At the time, no.

APÊNDICE 1.2.5 – Afonso Teixeira Filho (Brasil)

Afonso Teixeira Filho, translator for Brazilian Portuguese



ACADEMIA.EDU. **Profile of Afonso Teixeira Filho.** Available at: <https://usp-br.academia.edu/AfonsoTeixeiraFilho>. Accessed: 17 October 2024.

Afonso Teixeira Filho has a degree in music and received bachelor's degrees in Literature and Philosophy from the University of São Paulo. He received his doctorate in Linguistics from the same university, with a thesis on the translation of the first chapter of *Finnegans Wake*, by James Joyce. He later carried out postdoctoral research on the translations of the poem *Paradise Lost*, by John Milton, at the University of São Paulo and at the Katholieke Universiteit Leuven, in Belgium. He has worked as a translator since 1997. He is currently researching romanique philology, translating Milton's poem and completing the translation of *Finnegans Wake*.

In the interview, conducted in 2024 via WhatsApp, Afonso, who translated the first 3 chapters of *Finnegans Rivolta*, talks about the reasons that motivated him to translate *Wake* in full, and details his translation proposal.

Dear Afonso Teixeira Filho, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

I began to be interested in literature when I was still young, at 14 years old. At 16, I went to study in England and soon came into contact with the work of James Joyce. But, at the age of 39, I was in Ireland, visited the James Joyce Institute and became interested in the idea of translating *Finnegans Wake*. At that time, I was taking

the Russian Language and Literature course at the University of São Paulo. As I returned to Brazil, I began to take the first steps in this translation. That was when I heard about Donaldo Schüler's project, aiming to translate the entire book.

But it was early in life that I started translating. At the age of 18, I translated John Keats and William Shakespeare. And, in doing so, I developed a translation criterion, a criterion that I still pursue today. I try to read in Portuguese the contemporaries writers of the poet or novelist I intend to translate, incorporating their language and the rhythm of their prose or poetry. So, for example, I translated John Donne as if he were Gregório de Matos.

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

In England, we had an English Literature teacher who told us about *Finnegans Wake* and made us curious. He said that he had already read the novel four times and had not been able to understand it. When I was 18 years old, I bought the book at Livraria Cultura. Shortly afterwards, I heard about the Campos brothers' *Panaroma*. There was no epiphany, it was a slow development. Something I discovered little by little.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

I explained above how the first meeting took place. As for the reasons, it was a disagreement with the Campos brothers' criterion. They used the criterion of bringing the target language closer to the source language, adopting word creation mechanisms typical of the English language. I thought differently. The text has to have the flavor of our language. Later, when I actually started translating – that is, when it was no longer a matter of attempts –, I found an essay by Jacqueline Risset that compared the translation into French of chapter VIII (Anna Livia Plurabelle) of the book with the translation of the same text into Italian. The French translation was previous to the Italian one and sought to reproduce Joyce's verbal exercises in French. The Italian translation, however, sought its own language, composing a truly Italian text, with an Italian sound, with an Italian air, with Mediterranean musicality. That was the criterion I chose.

How does academic research connect with your translation choices? Can you talk about your PhD?

I already talked a little about the thesis in the previous question. But there is an interesting and important point. I knew Professor John Milton from the Chair of English Literature at the Faculty of Letters at USP. However, I didn't know that his field was translation studies. When I commented to him about John Donne's translation and the criteria I adopted, he seemed surprised and recommended his book to me (which surprisingly was on sale at a little book stand where we had met) and Paulo Paes' book.

From then on, I became interested in translation studies and became part of that group coordinated by him. We launched the *Cadernos de Literatura em Tradução* together and organized the First International Translation Congress.

When I graduated, I started developing my PhD. At the beginning, I was guided by the professor from the Chair of Greek, Antônio Medina Rodrigues, now deceased. He was interested in the relationship between *Finnegans Wake* and Giambattista Vico's work, *La Scienza Nuova*.

Due to the request of the Classical and Vernacular Languages department, I had to change supervisor and was welcomed by John Milton.

I tried to read most of the works that Joyce references in *Finnegans*: Sterne, Vico, Levy Bruhl, Dante, Twain and even Wagner's *Ring of the Nibelung*. Later, I immersed myself into the Aesthetics of Hegel and Lukács, to study the evolution of the novel, believing that *Finnegans Wake* could no longer be called a novel. It was the exhaustion of the genre, the epitome of narrative language, taking it back to primitive forms of language, symbolic language and poetic language.

Interestingly, professor Dirce do Amarante, coordinator of *Rivolta*, and professor Donaldo Schüler, translator of the work, were present at the examination board.

What was your translation process like for the thesis and for the *Finnegans Rivolta* project (work routine, principles followed, sources consulted, revisions, time taken, chapters translated, etc.)?

The PhD occupied me more than the translation. The translation, which was of the first chapter and the last page of the book, took me about two months, even though just the first page took years to get the way I wanted.

I spent a lot of work creating the glossary. The first chapter holds just 26 pages long; the glossary had 120 pages.

As for *Rivolta*, professor Dirce do Amarante came to me. She told me about the project and asked me if I would be interested in participating. I contributed with two more chapters, 2 and 3. At the time, I was in Europe, living in Tuscany. I worked regularly every day. I had a goal of translating 10 lines per day, following the glossary I had available and Luigi Schenoni's translation.

I shared my time with the translation of Milton's *Paradise Lost*.

Then, we had the pandemic. I returned to Brazil and continued my work, most of the time revising.

Can you give examples of difficulties encountered and solutions given?

The biggest difficulty I had was translating chapter 3, I believe it is the most difficult of the work. Not so much due to deciphering words (for this we have several glossaries that help us), nor to work with metaphors and puns (it is laborious, but, at the same time, pleasurable); the problem was understanding the context. What is the author talking about here? What does it all mean? There are huge paragraphs with subordinate and coordinated clauses, without separation by commas; they are digressions interposed in the paragraph, with the meaning recaptured later; digressions within digressions; etc.

Example of difficulties the original text presents right at the entrance:

riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs.

Here, we had to work with the meaning of the words, what they allude to and what importance they will have in other passages.

What the author is saying is that the river (Liffey) runs, from the source (reference to Eden), enters the city of Dublin passing through the (Franciscan) church of Adam and Eve, from the deviation (revolt) of the coast to the folds from the bay (from Dublin, where the river meets the sea), showing a vicious circle (the water cycle) to Howth Castle (which is on the coast, facing the bay) and the surrounding area. *Vicus recirculation*, with the meaning of a vicious circle, alludes to the Neapolitan philosopher

Vico, author of the work *Ciência nova*, which deals with historical cycles that repeat themselves after a great cataclysm.

All of this had to be worked on in the translation, which ended up like this:

fluminente, eventando o riocurso adante, do desrumo da fraga até à orla da angra, reavida por um vicomodado recirculoso, devolutase para a colina de Howth, o Castelo e o Entorno.

Eventando (Eva), riocurso (ricorso, from Vico), adante (Adam), vicomodado (Vico and Commodus, Roman emperor).

Additionally, we had to deal with the acronym (a *Leitmotiv*) H. C. E. (Howth Castle and Environs) = Howth, *o Castelo e o Entorno*.

You are one of the few translators who has translated the thunder-words. Can you talk about this choice, the challenges and solutions you found?

Translating the thunder-words was an option dictated by the criterion adopted for the translation, which was to create a text sounding close to Portuguese. That's why I had to modify the sound of the thunder, too. All I did was modify the languages involved in the elaboration of the thunder. The first of these words is a sequence, in unison, of the thunder-word in several languages. I looked for other languages, including Tupi and Klingon.

At first glance, these words seemed like agglutinative words from the Uralic languages, Finnish and Estonian. But they are, above all, onomatopoeias.

The importance of translating these words was to take all of this into account: sound, onomatopoeia and approximation with the adopted criterion. However, sometimes it was enough to portuguesed one or another word (parody) to obtain the desired sound. Other times, placing a big word in the middle, hidden, as polyphonic composers of the late Middle Ages and Renaissance did, such as Thomas Tallis and Josquin De Près.

There are so many challenges and many are anecdotal. Let's look at a passage: On page 5, we have this excerpt (lines 10-12):

Comeday morm and, O, you're vine! Sendday's eve and, ah, you're vinegar! Hahahaha, Mister Funn, you're going to be fined again!

Zegunda comédia zedo e o sor tá novinho em folha! E vinagradecer o tropeço de dormingo! Arrarrá, Seo Finatos, desse jeito o sor volta a refinar.

When the character says, after Finnegan's resurrection, "you-re vine", it is understood that this character was drunk. He said "vine" instead of "fine". It was also a *lapsus linguae*, believing that the resurrected man was ready to drink again, as he always did during his life. How to translate this? The solution was: "*o sor tá novinho em folha* ['s brand new]". It solves the problem of *lapsus linguae*, the problem of meaning and also solves the pun, as "novinho" can be developed into "no vinho".

Another example is the initial word, which works almost like a book title: *riverrun*. The word was translated by the Campos brothers as "*riocorrente*". We have a problem there.

The translators wanted to make a reference to the term "*ricorso*", used by Vico in the work *Scienza Nuova*. Interesting idea, because that's what *riverrun* is all about. However, *ricorso* is not exactly "recurrence", but "resource", in the legal sense of the word.

Therefore, I looked for another solution: "*fluminente*", a linguistic chimera, it is true. But, I explain.

The student of the work knows the constant references to the number four: the four seasons of the year, the four elements, the wind rose, the four evangelists (who are configured in a character in the book: the customer of the Mamalujo tavern – acronym for the name of the four authors of the gospels).

"*Fluminent*" is a term that alludes to the four elements: *flumen* ("river", in Latin); *lume* (synonymous with fire); *luft* ("air", in German) and "continent" (earth), formed as an appendix to a *portmanteau* word.

There are many other examples that can be found in the glossary of my PhD.

What elements of the original poetics did you prioritize in your translations (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humour, sexual meaning of the signifier etc.)?

All of them were contemplated, but I gave too much importance to musicality. Not to the rhythm, because the strong rhythm of English doesn't sound good in Portuguese. I looked for my own melody.

There is an interesting detail here. The opening of the book, the first pages, have, in some passages (for example in the first three lines), a rhythm that invokes the opening of the opera *The Gold of the Rhine* (from the cycle *The Ring of the Nibelung*), by Wagner. The composer sought to use string instruments to reproduce the sound of the Rhine's flow. The abrupt entry of the River Liffey into the city of Dublin is almost a flood.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to translate this?

I think neither one thing nor the other. Everything there makes sense to me (although none of it made sense to the Polish translator of the work, for example) and the best way to apprehend this meaning is by translating. Translating is like making jewelry. One side is carved at a time, layer by layer, until the perfect cut, the perfect shape.

As for the grammar problem, FW is practically English and the grammar is too. But the issue of the stream of consciousness occurs everywhere, which disturbs the relationship between text and writing.

In the Middle Ages, there were the three liberal arts: grammar, the art of writing; rhetoric, the art of speaking; and dialectics, the art of thinking. Grammar is the art of writing. The art of the writings. It doesn't matter how you order the text. If the text is written, it's grammar; if it speaks, it's rhetoric (or the art of expressing oneself, also through writing); if it thinks, it's rhetoric.

The way to translate the complexities of the text is the art of reinvention. The Greeks referred to translation using the word *metaphrasis*, as for them translation consisted of placing words after (meta) each sentence. The words were placed in the same order as in the original. Since then, translation techniques have evolved to a seminal point that was Schleiermacher's hermeneutics. From then on, one sought to find what was hidden under the cloak of words. Translation stopped being a slave to semantics and began to look at the music and what the words hid. Translating is unveiling musicality, meaning and the hidden: it is sound, meaning and secret.

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

Sleeping and dreaming. We listen to the music, we feel the sound of the words and we gradually try to erase the noises that the text, our text, our translation, produces.

As for the nebulous universe, I imagine being on a sailboat, on the high sea, in the calm of a fog and I try to translate my words into a mist. Then the sound of the letter S runs through the words and we remember the wind. The sound of hissing moves the barley field. The vowel U refers to the winds of the North. There are other techniques as well: *chiaroscuro*, for example (use of dark terms); give words connotative disguises referring to horror works, especially Le Fanu's texts; etc.

How to work with multiculturalism?

Very carefully. I don't like Donaldo Schüller's solutions, replacing the Irish landscape with Brazilian toponyms or allusions to places in Brazil. For example, changing the name of the church of Adam and Eve, where the Liffey passes, to Nossa Senhora do Ó, where the Tietê passes. There is a certain justification: the communion of rivers (the Liffey would flow into the Gran Canal in Trieste). But, from the translator's point of view, this is not translation, it is mere parody.

The French translator did the same (and Schüller, here, translated the French and not Joyce): "Notre Adame", a pun between Notre Dame, Our Lady of Paris, and Adam, the first of men. Wisely, the translator alluded to the relationship between the Hebrew term adam and its meaning, "man".

But I never set foot outside of Dublin.

What about multilingualism?

This is important. And it was a question of linguistic approximation. When the original term came close to Netherlandish (also known, mistakenly, as Dutch), a language very close to English, I used Castilian; when the approach was with the German, I approached the Catalan. When Joyce used a Scottish term, I used a Galician term; and so on. When languages were far from English, I used the same ones as Joyce, but giving them a sound similar to Portuguese.

I also made use of little-known languages, such as Sardinian, Corsican, Mirandese (spoken in Portugal), medieval Portuguese, Galician-Portuguese and many dialects.

The novelty was to use terms in Klingon, an artificial language from the *Star Trek* universe.

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

I tried to understand the repetitions in two ways. First, as a chorus; second, as a *Leitmotiv*. If it was a chorus, I tried to translate it the way I had translated it before. If it was any repetition, of terms or phrases, I took care to maintain equality; but it wasn't always the best thing to do.

As for the *Leitmotive*, the important thing was to note how they behaved in the text. For example, there was an onomatopoeia in the text, the sound of a branch hitting the window of the room where HCE and his wife slept. The onomatopoeia didn't have to be the same, but it had to indicate that it was a knock-knock. It served to guide the reader: when they hear the knock-knock, the couple is waking up from one dream level to another or to vigil (it is curious that "vigil" in English is *wake*).

Is *Wake* "pure music"? How to translate the music encapsulated in the book?

All the songs that appear in the work were translated as songs. Here, from time to time, I used songs from the Brazilian popular repertoire until the 1940s. But as long as they did not reflect any Brazilian landscape.

As for the sound and rhythm of the work, I looked for the translator's sound and rhythm.

Does *Wake's* poetics dialogue with collective readings/translations? For what reasons?

For me, collective translation refers to the Surrealism game known as *cadavre exquis*, a poem written by several hands in which each poet writes a verse without knowing what was written before. The game revealed that, instead of the result being a chimera, it revealed the Jungian collective unconscious.

What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

Yes, of course. Works such as those by Clive Hart, Anthony Burgess, Joseph Campbell, York Tindall and McHugh, to name a few, are works of exegesis, therefore works of translation.

The exegetical texts about the work seek to unveil, or guess, what Joyce meant in certain passages. The etymological meaning of exegesis is to “extract the author’s thoughts”. That’s what we’re looking for. But it is an uncertain search. You will never be sure. All attempt to expose the meaning of words, phrases and contexts in the FW lines will result in an interpretative meaning.

Deciphering the text is almost impossible. But what gives it the richness and value it has is the multiplicity of interpretations. The variety of interpretations enriches the interpreter, the reader and also the work. And this richness improves the entire universe of literature.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I know many, but I stick to three authors. Firstly, Antoine Berman; then Nida and Steiner. But, today, we cannot leave aside Ezra Pound’s words about translation and the Campos brothers’ ideas. However, I listen more to translator poets, such as Hölderlin, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Bocage, Goethe and McPherson (Ossian).

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

Yes, Berman’s dealing with the *Aeneid* and Koslowski’s with Hölderlin’s *Antigone*.

Can *Wake*’s translator be considered a co-author of the book? Why?

I believe more in authorship than co-authorship. It’s as if the translator painted a new picture using the same paints as the author.

What are the biggest crimes, according to traditional translation concepts, that a *Wake* translator can commit?

First I will say what crimes any translator commits, regardless of the work he attacks. Not understanding the work, not knowing the source language, not mastering Portuguese and not having much culture. And, oddly enough, the first crime is the least

serious. For this, we have the example of Pound translating from Japanese and José Paulo Paes translating from Greek.

Not knowing Portuguese is unforgivable. Grammatical errors, double meaning sentences, nominal agreement (this is the most common error). This is unforgivable to me.

Regarding the lack of culture, there is the case of that French “translator” who translated champ de Mars as “March field”.

As for *Wake*’s translator, he has to be awake. First of all, you must develop a translation criterion and follow it. If you keep changing all the time, drunk with verbal games, you will leave the text without style.

But nothing is prohibited here. There is no crime on this land. It’s the backlands.

And what are the “duties” from which he does not deviate?

I think the main thing is the criterion, maintaining the style. In the same way that the reader of the original knows, on each page, that it is Joyce who writes, the reader of the translation must recognize the translator on each page.

However, I don’t see it as a duty. That’s why you put the quotes.

How do you analyze the idea of *Wake*’s “untranslatability”?

Every work of human thought is translatable. This phrase is controversial, as someone could ask if the music can be translated. Music is not the work of thought, it is the work of the spirit. The intellectual aspect of music, the harmonic forms, the composition technique, counterpoint etc., all of this can be translated into words, that is, it can be explained. A musical sound cannot.

I am referring here to Jacques Lacan’s thesis, according to which *Finnegans Wake* would be a schizophrenic text, produced by a schizophrenic author and, therefore, lacking of meaning. Therefore, it could not be translated. I understand, however, that a psychiatrist must seek to understand his patient, even a schizophrenic patient. And when you do, when you understand it, you realize that lack of meaning is just a communication problem between the doctor and his patient.

Do you intend to translate *Finnegans Wake* in full? Can you talk about this translation project? What does your translation propose that is different from current translations of the work?

Yes, it's a pretense. Audacious. But I've already started the fourth chapter.

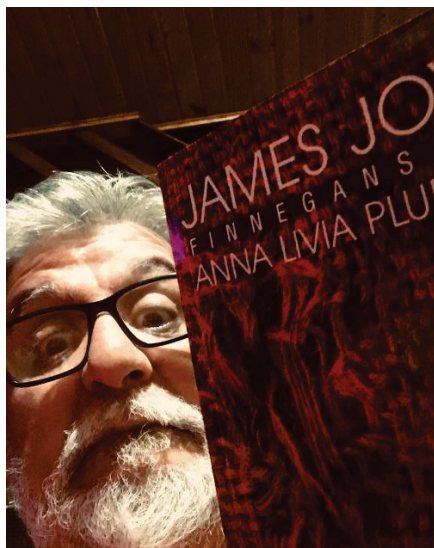
I am currently translating *Dubliners* and *Portrait*, by the same author. I intend, before turning to FW, or, at the same time, to finish *Paradise Lost*. I also have a thesis to write, on Law and classical Greek theater.

The translation that has already been completed, of the first three chapters of the FW, already reveals its style and I will persevere with it. The criteria are: sound approximation of the target language; use of word formation and neologisms, typical of the Portuguese language; approach to languages close to Portuguese, when the original approaches languages close to English – and work on puns and *portmanteau* words in the same sense.

Furthermore, I will always take care of the sound, verbal signs and images. The worst thing that can happen with a FW translation is that it is a paraphrase. This is up to exegesis texts.

APÊNDICE 1.2.6 – Vinícius Alves (Brasil)

Vinícius Alves, translator into Brazilian Portuguese



ALVES, Vinícius. **Own's translator Facebook profile photo.** Available at: <https://www.facebook.com/viniedi>. Accessed: 17 October 2024.

Vinícius Alves is an editor, translator and writer. He has translated *The Raven*, *Ravens and the Other Raven* [*O corvo, corvos e o outro corvo*], by Edgar Allan Poe; *A Book of Absurdity* [*Um livro de nonsense*], by Edward Lear, both published by Bernúncia Editora/SC; *The Hunt for Cascação* [*A caça ao Cascação*], by Lewis Carroll, published by Cultura and Barbárie/SC; *Pomas penicada*, by James Joyce, published by Urutau/SP. He has published books of poems, including *etc é ter ás*; *olho & fôlego*; e *Isso*. As an editor at Bernúncia Editora, he has published writers such as João Evangelista de Andrade Filho, C. Ronald, Jayro Schmidt and Silveira de Souza, among others. He is currently working on the translation of James Joyce's latest book, *Finnegans Wake*, *Finnicius Revém* (title authorized by Augusto de Campos).

In the interview conducted by email in 2024, Vinícius, who translated chapter IV of book I for *Finnegans Rivilta*, talks about his passion/translation experience with the work, whose full translation he should finish in 2025.

Friend Vinícius Alves, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

Luis Henrique, my father was a writer and since I was a boy our house was like a library, a bookstore. We were raised around books, newspapers, magazines, paintings, music and so on. So the little monster was being forged from an early age. Hahaha.

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

As I said above, my father was a writer and a great admirer of Joyce. So I owe him. When I read him for the first time, it was his language that captivated me, just like Guimarães Rosa, Leminski, Cortázar etc. *Ulysses* I read twice, Ellmann's biography other twice. I always go back to the writers I love. But I'm just a reader passionate about their authors, not a scholar.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

I remember the day my father came home with *Wake* in his hands. I had already read something of Joyce, but I didn't know either *Ulysses* or *Finnegans*. I must have been around 18 years old. I don't know why it stuck with me: the title, the cover, whatever. I just know that it marked me. And from then on, with each book read, each page, I was filled with enthusiasm and love for his work. The reason that led me to translate it has a first and a last name: Dirce Waltrick do Amarante.

Can you talk about your translation of ALP, published by Kotter (I have it here and I really liked it!)?

As I said above, the decision to translate Joyce is Dircinha's fault. She invited me to the Coletivo *Finnegans Wake*. Many years ago, I had done an exercise on the first two pages of *Finnegans*. Then I found out that Leminski did it too. So that, after translating chap. 4 for the Coletivo *Finnegans Wake*, I got brave and decided to

translate the entire book. ALP is a special chapter of *Finnegans*. It almost ended up in the trash can, according to Ellmann. I have a special affection for this chapter because it talks about washerwomen and here where I live today and where I spent my holidays as a boy, there were washerwomen, which influenced me so much that I dedicated this chapter to them. This empathy is what made me publish the chapter first. 8.

What was your translation process like for the *Finnegans Rivolta* project (work routine, principles followed, sources consulted, revisions, time taken, chapters translated etc.)?

It was very difficult. It took me seven or eight months to finish. With Joyce, it's impossible to have principles. From the moment you are in the river, you let it carry you. And that's what I did. Of course, with a lot of help from my friends at the Coletivo *Finnegans Wake*, I armed myself with all the weapons necessary to translate it: dictionaries, the internet, books about it etc. Thousands of revisions I make to this day and when it comes to sending them to the publisher, it's an agony. Imagine opening the printed book and seeing that you missed something. This drives us crazy, right? I just know that it was very pleasant, but very tiring. It seems like we carry stones all day.

Can you give examples of difficulties encountered and solutions given?

The difficulties are all that can be imagined, but the pleasure it causes is even greater. I think that's why we continue. A sane person would leave the work at the first bend of the river. Dude, the solutions are the ones that come to mind at the moment, depending on the weapons you have, the information you've accumulated throughout your life, the books you've read, the conversations you've had. A lot of us appear in the translation. Some are particular, obviously, and others, of humanity, of human being. Things that everyone goes through. And that's a very good feeling. Sometimes we spend hours figuring out a line. Search from here, search from there, zigzag, zigzag, until, click, the solution appears. But don't ask me from where or how!

What elements of the original poetics did you prioritize in your translations (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humor, sexual charge of the signifier etc.)?

All this and much more. As you know, *Finnegans* is a dream, and that dream has room for everything. Knowing Joyce as we do, we know that we have to have the greatest detachment to translate him. He's a guy who demands a lot from the reader. What about the translator! There is no way to prioritize one over the other, as the book is full of all of these things. Everything is intertwined with what is human, all too human and overhuman and extrahuman and superhuman until it reaches the wise men and the gods. And also of minimal, infra-human, sub-human, inhuman things. Ultimately, *Finnegans* is the world being, within each person's dream.

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to translate this?

That's all it has. How to translate a dream? The dream is a tangle of things: images, feelings, fears, colors, smells... In other words, it is the essence of ourselves, superessence. How to translate this? Doing what Joyce did. To translate we have to have that same feeling, of lack of belonging, of deep humility and a lot of madness to try to convey at least a little of everything he wanted to tell us. And forget everything you learned at school. Forget all meaning and tune into "soundsed". Forget yourself about grammar and go towards "annagrammatics". And forget semantics and go to "seedmantics".¹⁸⁵

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

Translating what is written. LOL. I think I explained this in the previous answer. The book is a dream, it is nebulous, dark, strange, fascinating, horrifying, and

¹⁸⁵ That word is a neologism created by the author, meaning the mixture of "seed" with "semantics".

everything that is dubious, double, twin. There's Shaun and Shem who won't let me lie.

How to work with multiculturalism?

Man, since it's a book that has more than 60 languages inside, there's no way escape it. The problem is that there will be people who will bypass this and try to bring everything into their cultural universe. I tried to leave everything as it is, be completely faithful to the text and what is said there. Of course, in some situations you can "betray" a location, a rhyme, or a saying, so that it becomes clearer to the reader of your language. But I chose to leave as much as I could as it was said.

What about multilingualism?

Practically the same thing. It is a work written in several languages. I translated a few expressions, considering the entire book. I left a lot of things as they were, things that are easily understandable. I didn't see the need to translate them. Many are in italics. Only when I thought it could be cooler, more melodious, clearer or funnier I translated them. For the rest, I thought it was better not to touch it.

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

Man, so much of *Finnegans Wake* is tautology. I have often figured this out. At the moment I answer you, there are three chapters left for me to finish the book. So I am immersed in the text. And, deep down, everything is tautological, everything repeats itself and remains the same. Joyce and Borges always said that a writer always writes the same book, from the beginning. Joyce is proof of this. He stated this. But the same can be said in so many ways...

Is *Wake* "pure music"? How to translate the music encapsulated in the book?

It's pure music. It's not for me to say, Joyce said. Why do you think he asked us to read it out loud? To listen to the music. Brazilian Portuguese is very musical. Just

follow the little stones he left along the way. The music will come one way or another. Naturally.

Does *Wake*'s poetics dialogue with collective readings/translations? For what reasons?

For the sole reason that everyone dreams. And everyone dreams their dream. And every dream matters. Each dream is a piece of humanity. Each dream is unique. Every dream is a dream. And when it's a dream, everything is possible, because the dream is collective. You dream alone but the dream is collective. You dream with your head next to your partner, but everyone dreams a collective dream. The butterfly's dream or the wise man's dream. It doesn't matter. We always dream collectively or with the collective.

What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

Luis, I'm just a translator. I'm not a scholar, I don't understand nothing of it. But any serious criticism, which helps in understanding, in wonderment, in beautifying the text, I don't say that it is a translation, but as Uncle Guimarães Rosa would say, it opens up many vastlands for.¹⁸⁶ Every good criticism illuminates the text, but criticism is one thing, translation another. My fellow doctors can answer this much better than I can.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I have never read translation theories. I'm a layman, a dilettante. A madman in love. I'm the only one from the Coletivo Finnegans Wake outside the university.

Could any translation theory (or any theory) be applied to *Wake*?

¹⁸⁶ In Alison Entrekin's translation of the Guimarães Rosa's *Grande sertão: veredas*, which turned out in *Vastlands: The Crossing*.

I don't know. But theories are there to theorize, right?

Can *Wake's* translator be considered a co-author of the book? Why?

It's also something that doesn't interest me much. What will this change? It will change for whoever reads it. But I think it is. Because you are immersed, transforming one thing into the same thing, (tautology), only in another language with all its peculiarities and idiosyncrasies. But that, for me, is of no interest at all. What counts is the message you will leave according to the message the guy left for you. That's is the question. This is a matter for theorists, which I am definitely not.

What are the biggest crimes, according to traditional translation concepts, that a *Wake* translator CAN commit?

I don't know what the traditional concepts of translation are, but I know that the translator can commit whatever crimes he deems necessary so that the target text is not disappointing.

And what are the "duties" from which he SHOULD NOT deviate?

You must not deviate from the river you are in.

How do you analyze the idea of *Wake's* "untranslatability"?

Mental laziness! From the moment you dive into the text you start to find it all very natural. People are used to receive all well chewed on everything since kindergarten. So...

Do you intend to translate (or have you already translated?) *Finnegans Wake* in its entirety? Can you talk about this translation project? What does your translation propose that is different from current translations of the work? Ah, I'm curious about the title, tell us.

Man, I have three chapters to go before I finish the whole book. More than five years straight, without respite. Total burnout! I think it will be another year or so and c'est fini! I've never had a translation project, but rather an incantatory one. I read, reread, triple read several times parts of *Finnegans* by masters Augusto and Haroldo de Campos, Donald's and Dircinha's, so I can't even propose anything different. I set out to play, to have fun, to throw myself into this river until my last cell was completely soaked in languages. I hope that this experience of mine contributes to enriching our language with all the new information that the text brings us. This has always been my biggest concern. If I didn't achieve that, the time I spent wasn't worth anything. My intention is that there are readers and translators who I could have helped to understand (or misunderstand) the book. For me it was the biggest adventure of my life so far. I don't think anything will compare to this undertaking. I'm another *vinícius*. *Finnegans* changed me a lot, taught me a lot, surprised me a lot.

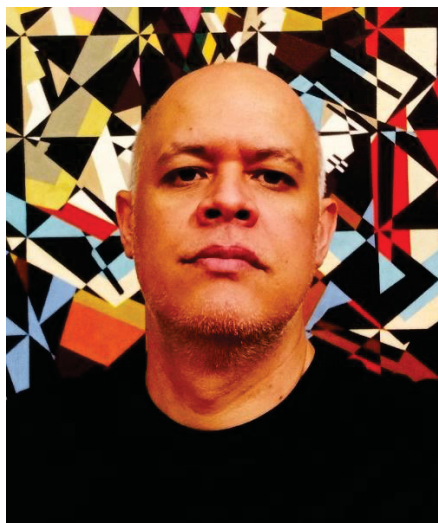
With reference to the title, you can't even imagine! There were hundreds of names. But how to name a dream? Master Augusto de Campos allowed me to use *FINNICIUS REVÉM*, but Schüller already did that. It's very difficult to put a title because a lot of things happen and the title may highlight one of those things. And there's no way: every thing that happens in *Finnegans* is fundamental, primordial, unique, spectacular. There is no way to choose one. So I ended up following the advice of two great friends of mine. It will just be *FINNEGANS WAKE*.

Luis, thank you very much for inviting me to this testimony. It made me very happy and very honored. If you need anything within my reach, just whistle. Big hug.

vinícius

APÊNDICE 1.2.7 – Tarso do Amaral (Brasil)

Tarso do Amaral de Souza Cruz, translator for Brazilian Portuguese



CRUZ, Tarso do Amaral de Souza. **Own's translator Facebook profile photo.** Available at: <https://tinyurl.com/2whc9dsr>. Accessed: 17 October 2024.

He holds a bachelor's degree and a full degree in Portuguese-English from the Federal University of Rio de Janeiro, a specialization and Master's degree in English Literature from the State University of Rio de Janeiro, and a Doctorate in Comparative Literature from the State University of Rio de Janeiro. He is currently an adjunct professor of English Literature at the State University of Rio de Janeiro and a professor of English Literature and English Language at Faculdades Souza Marques. He is a member of the Brazilian Association of Irish Studies (ABEI), of the research Joycian Study Group in Brazil and Poetics of Diversity, and of the study group Here Comes Every Joyce, part of the extension project Writing Hub/ Literary Workshop. As a translator, he was part of the Coletivo Finnegans, responsible for *Finnegans Rivolta* (Iluminuras, 2022), a Portuguese translation of *Finnegans Wake* by James Joyce – a work that won the 65th Jabuti Prize in the Translation category. He has experience in the field of Literature, with an emphasis on Modern Foreign Literature, working mainly on the following themes: James Joyce; Anglophone modernism; Anglophone postcolonial literature.

In the interview, conducted in 2024 by email, Tarso addresses the multiple nature of the book and explains the translation choices he made in the chapters he translated in *Finnegans Rivolta*: chapter II, of book II, and chapter IV of book III.

Friend Tarso, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

Before discovering Joyce's work, I was already very interested in literature: I was already studying for a degree in Portuguese-English Literature and I had already realized that, within the area of Languages, my interest leaned much more towards literary studies. Furthermore, I had also started writing my own poems.

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

My first contact with Joyce's work took place in an English Literature class, while I was an undergraduate at UFRJ. I remember it clearly: the subject teacher asked us to read a certain excerpt from a work by Joyce while she solved I don't know what issue outside the classroom. When she returned, we would discuss what we understood from that passage.

I remember my astonishment when I realized that I didn't understand anything I was reading, or very little. I was troubled.

When the teacher returned, we talked about the text: It was the beginning of the third episode of *Ulysses*, "Protheus". I decided that I would understand that text. I wanted to know the work he was part of. From then on, I discovered Joyce's work and I'm still trying to understand it until today.

As for an epiphany that led me to continue reading Joyce's work, firstly, I think it is important to mention the continuous and infinite interest and curiosity that it aroused and still arouses in me. Furthermore, I also have a clear memory of when I realized that, if there was any topic that I would like to continue studying, researching for many years, it was Joyce's work. This realization – epiphany? – made me think about areas of professional activity in which I could put this interest into practice. The area of English Literature proved to be a viable field and one in which I have always been very interested. I followed and continue to follow this path.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

I don't have a clear memory of when or what my first encounter with *Finnegans Wake* was. But it certainly took place within the context of my search for more material by and/or about Joyce that began in the situation I described above. I believe, however, that, like many other Brazilians, it was through the *Panaroma* by Irmãos Campos or the first volume of the translation by Donaldo Schüller. I wouldn't know for sure.

The reasons that led me to translate it, in fact, are related to the fact that I accepted the invitation made by my Joycean friend Vitor Alevato do Amaral to participate in the collective translation organized by the great Dirce Waltrick do Amarante. Initially, I was very unsure about whether I would be able to handle the task: at first, the invitation was for me to translate chapter XVI – later, I was also responsible for translating chapter X. However, I soon decided that I would accept the challenge – it's not every day that we receive an invitation to participate in a project as fantastic as *Finnegans Rivolta*.

We were living through that very complicated period of isolation during the pandemic and being able to dedicate myself to something so extraordinary during such a difficult time was something that helped me a lot to face the hell we were going through in a healthier and more productive way.

You are also a poet. How does *Wake* slide into your writing?

Due to the influence of the Campos Brothers, I have always linked Joyce's work to poetry with a concrete/concretist matrix/hue.¹⁸⁷ Not that I believe that my poetry is concrete, but the influence that concretism had and still has on the way I conceive the poetic writing is undeniable.

When it comes to Joyce and *Wake* specifically, I have always been fascinated by the freedom with which he deals with language(s). His mixture and consequent destabilization of concepts, ideas, meanings when creating his fantastic *portmanteau* words, the way he destructures or restructures syntax, his evident fascination with sound, musicality and even the visual aspect of letters and words, all of this intertwined with an acute political perception also engendered in and by his subversion of

¹⁸⁷ The author used a neologism in Brazilian Portuguese, that mingles matrix ("matriz") and hue, a word less common for color ("matiz"). It is, "mat(r)iz".

language, in addition to the interest they arouse in me, they are constant sources of inspiration for what I conceive to be the type of poetry I produce.

What was your translation process for the *Finnegans Rivolta* project (work routine, principles followed, sources consulted, revisions, time taken, chapters translated etc.)?

This question requires a long and complex answer, but I will try to be as succinct as possible, addressing each of the topics raised.

The translation process, in general, was, at the same time, very pleasant and very exhausting. Pleasure, because dealing with Joyce's work is always discovering new and brilliant things; exhausting, because trying to find equivalences in Portuguese for Joyce's writing is not the simplest of tasks – especially when it comes to *Finnegans Wake*.

In terms of work routine, as we were in isolation during the pandemic, I tried to dedicate as much time as I could to translating, in terms of hours per day. Usually, I used to start working on the text around 7:00 or 8:00 in the morning, take a lunch break around noon, returned at 2:00 pm and continue until around 6:00 pm. Not every day I could maintain this routine, but I managed to maintain it most of the time. I tried to force myself to translate a page a day, something I couldn't always do.

I wrote a little about the principles I followed in my translations in that brief text – “Fininguém Vivélório” – that each of us at Coletivo Finnegans produced to appear in the ‘Translators’ Manifestation’ section, at the end of the *Finnegans Rivolta* volume. Basically, these were the guidelines I adopted: do not consult existing translations of *FW* – especially that of Donald Schüler –; keep Joyce's punctuation; translate all words into Portuguese – including character names –, not only those written in English, but also in other languages, always seeking to contribute to a better understanding of the Portuguese language reader.

As for the sources consulted, I also mention them in “Fininguém Vivélório”: *A Classical Lexicon for Finnegans Wake*, by Brendan O Hehir & John Dillon; *A Gaelic Lexicon for Finnegans Wake* by Brendan O Hehir; *A Lexicon of the German in Finnegans Wake*, by Helmut Bonheim; in addition to the collaborative website finwake.com – all precious recommendations from Vitor Alevato do Amaral.

I reviewed the texts several times, taking into account the fluidity of reading aloud, as well as the presence of possible spelling problems – always so likely to occur

when dealing with texts with so many neologisms. In the case of chapter X more specifically, due to its peculiar formatting, in addition to the aforementioned focuses of attention, the review required extra care regarding textual staining and the positioning of the text on the page. This review process required a lot of work until the final moments, before the book finally went to print.

I wouldn't know how to specify the exact time taken to translate each of the chapters, but I believe it was around three to four months for each of them.

As I mentioned previously, I translated chapters X and XVI. I started with XVI, as, in principle, this would be the only chapter for which I would be responsible. However, some time after I considered the translation of the first chapter completed, I was asked by the organizer and coordinator of the project, Dirce Waltrick do Amarante, whether I could also translate chapter X, which I did. Both chapters bring up the difficulties that reading the work itself already engenders. Nevertheless, chapter X, due to its formatting, brought an extra dose of difficulties, ranging from the initial adaptation of the text to a Word document to the countless revisions that such formatting required.

Can you give examples of difficulties encountered and solutions given?

I address some of these difficulties in the article "Finnegans Rivolta, 'The centenary of Charles Dickens' and 'An encounter': Considerations on translating Joyce", published in December 2022, in a special edition of the magazine *Cadernos de Tradução*, a publication linked to Postgraduation in Translation Studies from the Federal University of Santa Catarina (PGET-UFSC). However, I will address other issues here that I do not address in the article.

In general, most of the difficulties were common to both chapters and were related to the notable characteristics of the work. However, as I explained previously, chapter X presented a series of other formal, even visual, obstacles.

A hallmark of Joyce's work as a whole is the presence of an infinite number of allusions to authors, works, places, people and events that are sprinkled throughout his texts in a way that is not always clear or explicit. Exploring these references is venturing into kaleidoscopic layers of overlapping meanings. In *FW*, this characteristic seems to me to be at the same time more condensed, encapsulated – in the words – and intensified in the relationship established between words, sentences, paragraphs and chapters.

An interesting example seems to me to be the following passage found in chapter X, but which could be in any other part of the work, since the characteristics I seek to explore are omnipresent in *FW*. In the original we read “Though Wonderlawn’s lost us for ever. By the way, she broke the glass! Liddell lokker through the leafery, ours is mystery of pain” (*FW*, 270. 19-22). In the quoted excerpt, there are clear allusions to the titles of the works *Alice’s Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass, and What Alice Found There*, by Lewis Carroll, and even to Alice Lidell, the real girl who inspired Carroll to create his legendary protagonist: ‘Wonderlawn’; ‘Alis, alas, she broke the glass’; ‘Liddell lokker through the leafery’.

It is valid to consider a ‘Wonderlawn’ that ‘lost us for ever’ as one of the countless allusions, not so explicit, present in *FW* to the expulsion of humanity, through Adam and Eve, from the Garden of Eden, from Paradise. Which brings us to the title of John Milton’s masterpiece *Paradise Lost*. That is, intertwined with the allusions to Carroll’s works, there are slightly less explicit references to Milton’s work and, consequently, to the entire universe of connections that can be established with Christian mythology.

Furthermore, there is an equally ubiquitous concern with the sound of words. It is worth noting the number of words present in the quoted passage that contain, for example, the phoneme /l/: ‘Wonderlawn’s’, ‘lost’, ‘Alis’, ‘alas’, ‘glass’, ‘Liddell’, ‘lokker’, ‘leafery’.

These are some of the difficulties of different orders that present themselves in this short excerpt, but which, as I mentioned previously, are present throughout all *FW*.

In order not to go on too long, I will only focus on the allusions intertwined between the works of Carroll and Milton in the very short excerpt ‘Though Wonderlawn’s lost us for ever’, which I translated as “Apesar de o Paraís das Maravilhas nos ter perdido para sempre”. I tried to reproduce the juxtaposed references to the titles of Carroll and Milton’s works with the neologism ‘Paraís’ (Paraíso [Paradise] + País das Maravilhas [Wonderland]), as well as betting on maintaining the term ‘perdido’ [‘lost’] so that, in the same short excerpt, the words ‘Paraís’ and ‘perdido’ were close enough to suggest an allusion to Milton’s poem.

I draw attention to the number of issues that seem to me to be worthy of consideration when translating a very short excerpt from *FW*. These and many others are repeated countless times throughout the text.

Something that stands out in your translation of *Rivolta* is the concern with the poetry of words, also present in the original. Can you talk about that choice?

One of the characteristics that most catches my attention in *FW*, as I explained previously, is exactly the incredible freedom with which Joyce mixes and merges words and, consequently, ideas, concepts, generating a semantic destabilization that is fascinating to me. This seems to me to be one of the main hallmarks and, perhaps, the main contribution of Joyce's work: this fierce anti-essentialism.

The search for equivalences in Portuguese to what I read in *FW* was one of the most challenging and enjoyable aspects of the entire translation process. Many of these new *portmanteau* words seem like little poems to me and searching for them and creating them was something extremely enriching. I really like some of these new words. For example, 'solsurro', 'ilumimargem', 'póresta', 'Agonideus', 'infantiluz', 'selvirgem', 'luábios', among many others, are creations that make me very happy and that only came into existence through the process of *FW* translation. Translating *FW* is writing poetry. At least, for me, it was.

What other elements of the original poetics did you prioritize (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humor, sexual meaning of the signifier etc.)?

As for orality, I was careful to read the sentences aloud to see if they sounded even remotely plausible when pronounced – despite Joyce's erratic punctuation and syntax not always helping much in this sense.

Neologisms seem inevitable, necessary and welcome to me. Therefore, I prioritized them, perhaps, more than any other element.

The multiculturalism, humor and sexual charge of the signifier also seem inescapable to me and the result of the neologisms present in the original work. I think that such elements made themselves present, as I see no possibility of eliminating them from the work.

Does the book have an aseptic or ungrammatical dimension? How to translate this?

Yes. It is possible to translate looking for equally aseptic and ungrammatical equivalences.

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

I believe that due to the own characteristics of the work, it is not an option whether or not to maintain its dreamlike and nebulous universe. In fact, I don't see how to think about the work without taking these aspects into account. Consequently, translation, as I think of it, inevitably reproduces them.

How to work with multiculturalism?

Regardless of how the translator chooses to deal with the multiculturalism present in *FW* – i.e. giving more or less emphasis –, as well as the other characteristics that are intrinsic to the work, it makes itself present, especially due to the countless references and allusions already mentioned that the text brings.

What about multilingualism?

I understand multilingualism as a characteristic that is slightly different from the others discussed in the previous questions. Similarly to one of the ways of treating all and any *FW* elements in a translation, it is possible to give more or less emphasis to multilingualism. However, I believe that, unlike what happens with the other characteristics – which make themselves present regardless of the conscious emphasis given to them in a translation –, it seems possible to me to conceive a transposition of Joyce's plurilingual text into basically one language – the option that I looked for in my translations. Of course, echoes of other languages continue to sound behind the translated text, but the option for just one of them seems to me not only possible, but preferable.

Arguments against such a translation option are understandable and valid, since, effectively, one of the most emblematic marks of the work is significantly attenuated, not to say eliminated. However, translating implies making choices and this is a choice that, for example, was presented to me and which I opted for.

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

As in all of Joyce's works, not just in *FW*, repetition is constant and plays a relevant role, in the sense of emphasizing certain effects and/or meanings. In *Dubliners*, it is possible to notice Joyce's recurring use of repetitions in all the stories.

In *FW*, however, I believe that something a little different happens: if there is the undeniable presence of repetitions, I see them as ‘repetitions with difference(s)’.

The multiple times in which sequences of words whose first letters are H, C and E or A, L and P are clear examples of these repetitions with difference(s). The initial letters are repeated – often, in other orders than those mentioned above –, however, the words that make up these sequences of initial letters are not the same. There are repeated examples of what I see as Joyce’s anti-essentialism: the same entity is alluded to (HCE, for example), which is and simultaneously is not the same, which, at the same time, has and does not have the same meaning. In other words, the very notion of meaning appears to be changeable, slippery, unstable. Something reinforced with *portmanteau* words, with alliterations, with the end leading into the beginning etc.

In my translations, I tried to always be attentive to repetitions in order to try to reproduce them in the Portuguese text, either by maintaining the presence of HCE’s and ALP’s – in the order in which they appeared –, or by trying to preserve the sound repetitions, or in the terms repeated with difference(s).

As an example, I can cite something that occurs in the first paragraphs of chapter XVI, in which there is a repetition with difference(s) of the expression ‘night by night’. Below, I list the expressions and how I translated them: “So nat by night by naught by naked” (FW, 555.5) – “Então nãoite a noite a nadoite a nuite”; “Night by silentsailing night” (FW, 556. 1) – “Noite a silenciosavelejante noite”; “nowth upon nacht” (FW, 556.23) – “noitinstante após noitenquanto”; “wan fine night and the next fine night and last found night” (FW 556.31) – “uma bela noite e na bela noite seguinte e na última noite encontrada”; “niece by nice by neat by natty” (FW, 558.21) – “sombriinha a noitinha a direinoitinha a finoitinha”.

Is *Wake* “pure music”? How to translate the music encapsulated in the book?

Wake can be understood as ‘pure music’, in the sense that there are sounds, rhythms etc. But it is literature too. It’s poetry too. There is a visual aspect in the work as well. So I don’t think it’s just ‘pure music’. It can be music too.

As for translating the work’s music, it will emerge in one way or another with each new translation. Will it be the same song? Yes and no. With each new translation a new interpretation of this song will emerge. Will it be a new song? Yes and no.

Does *Wake*'s poetics dialogue with collective readings/translations? For what reasons?

Yes. *Wake*, just like any work, dialogues with collective readings and/or translations, as such approaches are exactly and simply just that: possible readings, possible translations among many others that are equally possible.

What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

I am very much in favor of the presence of critical epitexts in general. I believe they can illuminate many aspects that are unknown or go unnoticed by the reader. This goes for *FW*.

Can epitexts be seen as a form of translation? Yes, but not just as a form of translation. This is one possibility among many others, depending on the way a given epitext was conceived, thought and accomplished.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

I cannot say that I have a solid background in theoretical formation in translation. What I know about translation, I learned by translating. Therefore, I think it is reckless to express and/or justify any kind of preference for any theory.

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

Yes. The purposes of such possible applications remaining open, as well as their expected results.

Can *Wake*'s translator be considered a co-author of the book? Why?

I believe that the translator of any work can be considered as the author of its translation. The work he translated, which already existed before and independently of his translation, is not his authorship.

I always think of translation as a possible reading, interpretation among infinite others. The translator is the author of his reading, his interpretation, his translation.

What are the biggest crimes, according to traditional translation concepts, that a *Wake* translator can commit?

I don't know what exactly you are referring to when you mention 'traditional translation concepts', however, the way I understand the work, a mistake – 'crime'? – that a translator of *Wake*, or of any work, can commit is thinking that his translation explains the work, that his translation shows what the work 'really' is. As I mentioned above, I understand translations as readings, interpretations and I do not conceive the idea of any definitive reading or interpretation of anything, especially a work like *FW*, which strives to make it clear that, when it comes to language, nothing is fixed, nothing is permanent, nothing is definitive.

And what are the “duties” from which he does not deviate?

Therefore, it seems to me that it is up to the translator the intransigently maintenance of this instability.

How do you analyze the idea of *Wake*'s “untranslatability”?

I do not agree with this idea, as I understand that behind it there are at least two possible and equally problematic notions, namely: there is a supposed ultimate meaning in *Wake* that cannot be translated; there is no apprehensible meaning in *Wake* that can be translated. Such notions, it seems to me, carry questionable conceptions of both what an artistic work is (literary or not) and what a translation is. On the one hand, the notion that a work would have a meaning, an essence that could be understood, captured, explained and, consequently, translated, explained in its truth; on the other, the perception that the work, especially *Wake*, is completely incomprehensible, illegible and, consequently, untranslatable.

I don't see it that way. *Wake* is a rare and radical work that demands reading protocols other than conventional ones. This does not imply that it is illegible or incomprehensible. Furthermore, what is understood from *Wake* – or any work, anything, person, word – is not its totality, as there is no totality. Meanings are fluid, fickle and changeable. Hence, a translation never conveys the supposed totality of something from one language to another, but presents a possible reading that is always incomplete, partial, since, I repeat, there is no totality. To think that *Wake* is untranslatable is to think that there are fixed meanings to be grasped and transmitted, explained. I don't think that way about anything and certainly not about *Wake*.

As a good Joycean, do you have other projects involving *Finnegans Wake*?

At the moment, I don't have any activity linked to *FW* that I can call a project, other than the constant return to the work.

APÊNDICE 1.2.8 – Leide Daiane de Almeida Oliveira (Brasil)

Leide Daiane de Almeida Oliveira, translator for Brazilian Portuguese



ACADEMIA.EDU. **Profile of Leide Daiane de Almeida Oliveira.** Available at: <https://ufsc.academia.edu/DaianeOliveira>. Accessed: 17 October 2024.

PhD in Translation Studies from the Federal University of Santa Catarina (PGET-UFSC), with a CAPES scholarship; Master in Linguistic and Literary Studies in English from the Postgraduate Program in English (UFSC - PPGI), also with a CAPES scholarship; Specialist in Distance Education from the State University of Bahia (UNEB); Graduate in Letters - English Language and Literature (UNEB). Research interests and activities: Irish Studies; Literary Translation; Literary and Translation Theory and Criticism; Literature and History. Member of the Center for Irish Studies (NEI-UFSC) and the research group Joycean Studies in Brazil (UFF).

In the interview, conducted by email in 2024, Leide Daiane, who translated chapter V of book I in her Doctorate – and revised it for *Finnegans Rivolta* –, speaks lightly about the complexities of translating *Finnegans Wake*.

Daiane, can you tell us about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

I was born in Conceição do Coité, in the backlands of Bahia, a city whose economy was based for many years on the cultivation and beneficiation process of

sisal. I studied in public schools, but, at the age of 15, I won a scholarship on a language course, which made it easier for me to enroll and remain, a few years later, in the Literature-English course at the State University of Bahia (campus XIV, in my hometown). Before Joyce or discovering literature considered classic, I read what I found. I had my phase with Dan Brown, Paulo Coelho, Agatha Christie, among others. I read all of this without that “prejudice” that we usually acquire at university.

How did you come to Joyce and what was the epiphany that led you to continue reading and studying the Irish writer?

The story of how I came to Joyce is very curious. One day, I found an edition of *Dubliners* on my shelf, that old edition of Civilização Brasileira, with a photo of O’Connell Street on the cover. Maybe it came with a donation of books and CDs that I received, that’s the only vague explanation I can think of. I know that I read the book without knowing absolutely anything about the author, the context of the work, or its country of origin. I found it interesting, but I wasn’t in love with the work. Around the same period, I also read *Human Servitude*, a novel by British writer William Somerset Maugham, which I borrowed from a friend, and I remember enjoying it a lot. I started the Literature course and, in one of the Literature classes, I don’t know exactly which period, I asked my literature teacher if we were going to read James Joyce. I vividly remember her reaction: she looked at me somewhat incredulously, then laughed, leaning back in her chair, and said: “My daughter, James Joyce is very difficult.” This observation from the teacher wasn’t exactly an epiphany, but it provoked something in me, it challenged me. I think that, when we are very young, we don’t really resist temptations (Oscar Wilde was right) or challenges. So, I looked for Joyce’s other books. I read and reread *A Portrait of the Artist as a Young Man* several times, *Ulysses* I read only once at that time, in Bernardina’s translation. When it came time to choose the theme of the final course work, I decided to talk about Modernism in *A Portrait of the Artist as a Young Man*. I addressed the stream of consciousness, the epiphany, the polyphony in the work, anyway... the intention may have been good, but I think the result was quite mediocre, despite the 10 rating from the examination board. I hadn’t yet acquired the research tools, something that only happened a few years later, with my master’s degree and then my PhD.

How did your first meeting with *Wake* happen? And what were the reasons that led you to translate it?

At the time when I wanted to read everything by Joyce, I bought the first bilingual volume of Donaldo Schüler's translation. I read the first two pages, laughed a lot and put the book back on the shelf. I didn't laugh because of the humor contained in the work, something that takes us a while to understand, but I laughed because I didn't understand anything. The crazy idea of translating it only came many years later. After graduating in Literature, I continued living in my city, teaching English, did a postgraduate degree in distance education and started a Philosophy course in a neighboring city. Until a former undergraduate professor told me that he was doing a master's degree at UFSC (at that time, it was possible to become a university professor with just one specialization). He said the island was wonderful and that I should try my master's degree there too. Other things aligned with this idea, so I left the Philosophy course halfway and tried to retake studying the work of James Joyce. I tried to get a master's degree in English, but my project with Joyce's work was not possible; my advisor at the time preferred that I worked with Yeats's poetry, and so it was. During my doctorate, I switched to Postgraduate in Translation Studies. My initial project included making a new translation of the book *Epiphanies*. I worked on this project for some time until I took a translation course that basically consisted of translating the first pages of *Finnegans Wake*. I think that, at the end of the course, we were just three students, but the course even led to a translation workshop at Casa Guilherme de Almeida. The three of us went to teach the workshop, with the blessing of Professor Dirce. Everything went well, to this day I don't know where I got the courage from, but I know that, from then on, I dedicated myself more and more to translating *Wake* and ended up changing the direction of my thesis a little. After getting to know the work better, I thought that chapter V of the first book best suited my thesis proposal.

How does academic research connect with your translation choices?

In the case of translating the chapter V of *Finnegans Wake*, academic research helped me understand that such chapter was the most appropriate to discuss Joyce's ambition with his theory of epiphany. As for translation choices in the most specific

sense, in the choice of words, this part will always rely more on translation practice itself, in my opinion.

What was your translation process like for the thesis and for the *Finnegans Rivolta* project (work routine, principles followed, sources consulted, revisions, time taken etc.)?

My translation process for the thesis, which was later revised in the *Finnegans Rivolta* project, was long. Some days, I worked about six hours on translation and was satisfied with just one or two lines. Of course there were better days. I always say that I spent more time translating than writing the thesis. It is difficult to calculate the exact time because there were breaks and, many times, I alternated writing the thesis, the more theoretical part, with the translation. I would estimate a year and a half. I had translations into Portuguese, Spanish and French at my disposal, but I think they only help with very specific issues. I also used some websites like Fweet.org and Finwake.com. But, in a book like *Finnegans Wake*, we have to find our own translation path and rely on our creativity.

For the *Finnegans Rivolta* project, did you retranslate or revise the translation of the chapter you had translated in your thesis? Can you talk about it, please?

If I remember correctly, I translated the chapter for the thesis and the project at the same time, which was great. Initially, I would take the first chapter, as I had already started translating in the subject, it was quite advanced and so on, but then it was left to Afonso and I took the fifth. I don't remember if I got the fifth chapter by chance or because it had a lot to do with my thesis.

Can you give examples of difficulties encountered and solutions given?

I think that in *Finnegans Wake* we encounter difficulties almost all the time, it's cool when we are satisfied with our translation or with our "armengue"¹⁸⁸ so as not to

¹⁸⁸ In Brazilian Portuguese, "armengue" is a regional linguistic variation of the Brazilian Northeast, which, in this context, means improvisation (LARIÚ, 1992).

let the multiplicity of meanings completely collapse. I selected here two excerpts from the thesis that illustrate this a little:

The word in question is “*mate*”, which in the sentence is spelled in two different ways, “*meet*” and “*mate*”, thus, in the context of the sentence: “*drop this jiggerypokery and talk straight turkey meet to mate*” (FW 113.26), “*meet to mate*” can be a reference to “*man to man*”, and “*meet to*” also has the meaning of close or face to face. Other elements of the sentence also contributed to the translation choice we propose. In the case of the expression “*talk straight turkey*”, according to one of the reference pages we are using, “*talk turkey*” has the meaning of expressing something honestly and is also a slang from the USA that is equivalent to “*talk business*”. Furthermore, the expression “*talk turkey*” can refer, as in Portuguese, to a way of speaking that does not facilitate understanding. Like when we say someone is speaking Greek. The way we found to accommodate the two references was by translating “*meet to mate*” as “*de um mano pra otomano*”, in an attempt to make the word “*otomano*” [Ottoman] activate the reference to the word Turkish. Thus the complete sentence was translated as follows: “*Deixe de engabelação e mande o papo reto de um mano pra otomano*”.¹⁸⁹

The second excerpt:

We would like to comment first on the translation choice for the word “*amok*”, in line nineteen. It appears in the following context: “*To all’s much relief one’s half hypothesis of that jabberjaw ape amok the showering jestnuts*” (FW, 125. 18-20). The translation of the word “*amok*” into Portuguese, then, could be, according to dictionaries, something close to “murderous rage”, “desire to kill everyone”, or “madness”. However, reading it out loud makes us realize the allusion to the word “*among*” (between, in the middle of). Among the different possible levels of understanding of this passage, we would have something close to a monkey talking nonsense among the flowering chestnut trees. Thus, the word *amok* does not only fulfill its semantic function, therefore, it could not be translated literally. Faced with the need to find something that would function as a preposition and, at the same time, bring the idea of madness, we chose to translate *amok* as “*aluado*”, since this word carries, albeit in a more attenuated way, the meaning of crazy or lunatic proposed in the word

¹⁸⁹ This translation also indicates a gesture of a brother to another brother or friend (“*mano*”).

chosen by Joyce, and the sound proximity to “ao lado”, which, despite being an adverb of place, does not distune too much with the meaning proposed in the sentence.

You approach epiphany in your thesis. How does the epiphany manifest itself in the *Wake* translation process?

In my PhD I write that, according to what Joyce proposes, the theory of epiphany can be understood as the result of a change in the way of seeing things, an adjustment in the gaze, which would be capable of causing the epiphanization of the object. Later, this notion of reconfiguring the gaze applies to the way of “looking” at words themselves, in *Finnegans Wake*. I think understanding the importance of focusing on words and sentences to get the most meaning out of them makes us want to work as hard as we can so that the translation can also offer a similar experience.

What elements of the original poetics did you prioritize in your translations (orality, rhythm, neologisms, multiculturalism, humor, sexual meaning of the signifier etc.)?

I think I mainly prioritized orality, rhythm and humor.

Does the book have an aseptic or ungrammatical dimension? How to translate this?

Perhaps the polysemic dimension of the book challenged me more than the aseptic one. As for ungrammaticality, I can’t imagine a translation of *Wake* that isn’t also ungrammatical.

How to maintain the dreamlike and nebulous universe of the work?

I think that to maintain the dreamlike universe it is necessary to avoid the temptation of wanting to make the text more “readable” for the reader of the translation.

How to work with multiculturalism?

Some translation proposals, as was the case of the first complete translation of *Wake* into Portuguese, attempt to set the work in the target language. Donaldo Schüler's translation project transforms international references into national references. The translation travels through Bahia, Olinda and continues on its way making allusions to our literature as in "as cubas do Brás" etc., yet I don't think it is possible to get around the multiculturalism present in the work, nor do I believe it was the intention of this great translator. by Joyce, in fact he just added a few more pinches of Brazilian culture to the multicultural melting pot that is *Finnegans Wake*.

What about multilingualism?

Perhaps the multilingual aspect of the work is much more difficult to maintain than the multicultural one. I have no news if any translator has managed to maintain in their translation at least the reference to the languages that have already been detected in *Wake*. In my translation, what was in Latin remained, you can find a little French, Spanish and maybe a few more. You have to look closely to see if any other language reveals itself. ☺

How important is repetition in the work and how did you deal with it in the translation?

I think repetition is one of the strong characteristics of the work, we are even encouraged to repeat reading when we reach the end of the book. I don't remember this feature of the work requiring me to have any specific translation strategy.

How to translate the music encapsulated in the book?

I think one cannot neglect the rhythm contained in the work. In my case, I read a lot aloud, first from the original, then from my translation, trying to make sound adjustments.

Does *Wake*'s poetics dialogue with collective readings/translations? For what reasons?

Yes, perhaps it is the book whose poetics most closely interact with collective readings or translations. I had the opportunity to participate in a *Wake* reading group in Dublin for a semester. Every Tuesday we met at the James Joyce Center to do a kind of "close reading" of one or two pages of the work. In addition to the Irish who had been there the longest, visitors of other nationalities always appeared. These foreigners sometimes made very interesting observations about some reference they had noticed and which the Irish had missed. Group reading made me see much more than I saw when I was reading the book alone. I think the same applies to translation, in a group we can have a richer experience.

You've already published an article addressing the reception of *Finnegans Wake* and *Dubliners*. How do you analyze the reception of the *Wake* translation in Brazil?

The first complete translation of *Finnegans Rivilta*? Ours was a success, it even won the Jabuti Prize. Jokes aside, I would need to do more research to answer this question.

What is the importance of the Wakean critical epitext? Can it be seen as a form of translation of the book? Does it occupy a narrative function?

The epitext of *Wake*, the incredible work at the end of each volume of Donaldo Schüler's complete translation comes to mind, perhaps it can be considered as a form of translation, but I don't think it dispenses with the translation itself. It's another type of experience.

What is your relationship with translation theories? Do you have a preference for any of them? Why?

This question reminded me of a lecture by Paulo Henriques Britto, perhaps it was a master class in Translation Studies at UFSC. When asked about translation

theories, he practically said that it was useless and what really made the difference was practice. I find it interesting to know the theories, the evolution of this field of study, the overcoming of the idea of equivalence, the emergence of translation theory as rewriting, feminist translation theory and post-colonial translation theory, but I agree that the practice has its value.

Could any translation theory (or any theory) be applicable to *Wake*?

I always remember what Donaldo Schöler said in an interview about this issue and which I also quote in the thesis. I think it applies to any text, but especially to *Wake*. I quote it again here because I really agree with what he says.

“What happens: before having a theory of a translation that would subordinate the text to my theory of translation, I started to create a theory of translation based on the text. This may be an obligation for all texts, because if all translated texts are new texts, I must discover this newness to establish a dialogue with the newness. Otherwise, I kill the text, I can even kill it with my pre-conceived translation theory. Ultimately, it is the text that imposes a translation method on me. I have to invent a method for this text exclusively, which has its own characteristics” (SCHÜLER, 2010, p. 321).

Can *Wake*’s translator be considered a co-author of the book? Why?

The translation of *Wake* demands so much creativity and inventiveness that it also turns the translator also into a creator, which is why co-authorship is legitimate in my opinion.

What are the biggest crimes, according to traditional translation concepts, that a *Wake* translator can commit?

The *Wake* translator can commit the “crime” of saying in the translation what is not said in the original.

And what are the “duties” from which he does not deviate?

I think it is important to keep your senses, especially vision and hearing, equally attentive.

How do you analyze the idea of *Wake*’s “untranslatability”?

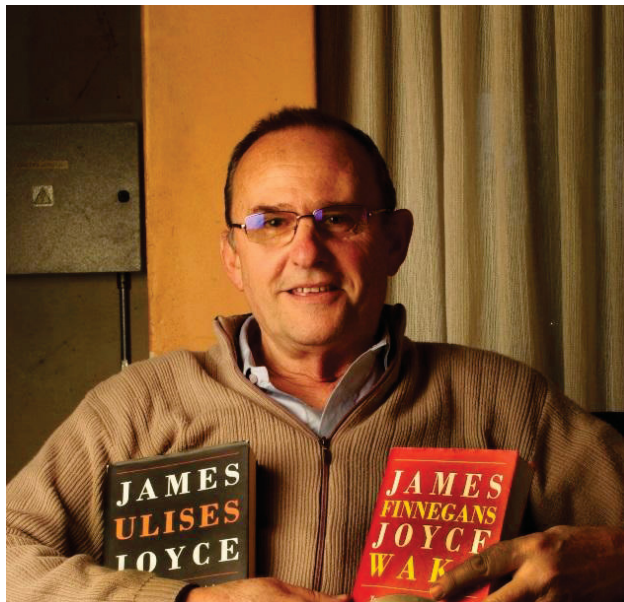
If tied to the notion of fidelity or equivalence, *Wake* is certainly untranslatable, but fortunately I think we have already overcome these notions.

Do you have any new projects involving *Finnegans Wake*?

At the time, no. I’m writing a novel, but without fancy literary techniques LOL.

APÉNDICE 1.2.9 – Marcelo Zabaloy (Argentina)

Marcelo Zabaloy, Argentine translator¹⁹⁰



Photograph of Zabaloy provided by the translator himself (2019).

The Argentine Marcelo Zabaloy is the translator of *Ulysses* (1922) and *Finnegans Wake* (1939) into Spanish, and is one of the few who translated the two modernist epics by Irish writer James Joyce in their entirety. While there were other translations of *Ulysses* into Spanish by Gabriel García Márquez and Jorge Luis Borges, the first complete translation of *Finnegans Wake* was Zabaloy's, published in 2016 by the publisher El Cuenco de Plata. In the interview, which was conducted with the translator by email between the end of August and the beginning of September 2019, the Argentine talks about his relationship with literature and details the Herculean paths he took to translate two of the most labyrinthine and important books of the 20th century.

¹⁹⁰ The Spanish version of this interview was published in *Qorpus Magazine's* James Joyce Special in 2019. Available at: <https://tinyurl.com/2s3e2zhd>. Accessed on January 29th, 2025.

Can you talk about yourself and your trajectory in literature until you got to Joyce?

I was born in Bahía Blanca, on September 10, 1956, into a middle-class family. I went to School Number 4, very close to my house, and when I was six my mother took me to study English at *Southlands School*. I liked the language and continued studying it until I was eighteen. My parents weren't big readers, but when I was ten, my mother gave me a novel that excited me, *Prince Valiant*.¹⁹¹ Reading this book started my story as a reader. I went to high school at institutions linked to the National University of the South. All of this at public school, which is one of the few prides of my country, with free, free and secular education, from kindergarten to university. Anyway, I did two years of Law at the Catholic University of Argentina, a period of my life that I would rather forget. It was during the years of the military dictatorship of 76.

I got married very young, at twenty-one, and in seven years I had six children, so I couldn't continue my studies, thank God, because I could have become a lawyer. I inherited an office machine business from my father and survived by selling and repairing calculators, typewriters and computers. So I evolved a little and dedicated myself to installing data networks. For as long as I can remember, I have been reading. Short stories, novels, poetry. Everything I can read in my free time. It would be tedious to list the books read, but there are references, emblematic books, as you say: *Martín Fierro* [by José Hernández], which was my father's bedside book (and I don't know if he read many others), *Don Quixote* [by Miguel de Cervantes], *Hopscotch* [by Julio Cortázar], *One hundred years of solitude* [by Gabriel García Márquez], *Life: a user's manual* [by Georges Perec]. I always continued reading books in English to increase my vocabulary. I read stories by Poe, the works of Shakespeare, Mark Twain, Dickens, in short, the classics.

My first reading of a Joyce text was at *Southlands College*. We were given a short story by *Dubliners* called "Counterpart" to read. I really liked. I reread it forty years later, when I had read all the *Dubliners'* tales, and then I decided to venture myself into *Ulysses*, reading it in English.

¹⁹¹ It is the name of a comic book series set during the time of the legend of King Arthur, created by comic artist Hal Foster in 1937. [Interviewer's note]

What led you from this first contact with the Irish modernist's work to translating *Ulysses*?

The bad luck. An irresistible need to translate a paragraph – the comparison between the moon and the woman, which Bloom makes mentally in “Ithaca”. I wanted to show my wife what it was about and decided to read it to her in Castilian while I read it in English. It didn't work and I told her I would translate and read it to her again soon. It took me all afternoon to translate twenty lines. But the process gave me enormous satisfaction. And then I couldn't stop. I continued with the other paragraph and so on for four years.

You are one of the translators who carried out the task of translating both works – *Ulysses*¹⁹² and *Finnegans Wake*¹⁹³ – in the entire world. How do you size this?

It's something unusual. These are two difficult books. I couldn't have done it for obligation, not even if anyone had asked me to. But once it's done, I can't say much about it. Sometimes I receive a compliment, a criticism or a friend sends me an article from a newspaper. It seems to me that both translations were considered decent and that's enough for me.

Was the lack of academic training in literature a limiting or liberating aspect of your translation, since it was not restricted to academic formulas? Since *Ulysses*, among other things, is a book that parodies the history of literature and literary styles, have you ever done any study on it?

I didn't have the responsibility of a professional translator and that is very important. I wasn't under any more pressure than I was putting on myself, which made the task much more enjoyable. I never considered it a job, quite the opposite, the two translations were my best vacation. On the other hand, not belonging to the academic world has its advantages and disadvantages. I read very, very seriously, during both

¹⁹² The quotes from *Ulysses* used in this interview refer to the translation by Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. *Ulysses*. 2nd ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2017. [Interviewer's note].

¹⁹³ The quotes from *Finnegans Wake* used in this interview refer to the translation by Marcelo Zabaloy: JOYCE, James. 2nd ed. *Finnegans Wake*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2016. [Interviewer's note]

translations. I read to understand and translated to understand what I was reading; let's say it was a circular process, like the *Odyssey*. I couldn't write an essay, a study, or a treatise on *Ulysses* or the translation process; I don't have the necessary requirements for this.

I tried to emulate Joyce's literary parodies using writers from different periods of Castilian literature; these were the sources where my knowledge came from.

Can you tell us about the translation process?

I started reading *Ulysses* in 2004 and translating it in 2005. I finished the first version in 2009, so around four years. But then I kept revising and correcting it for another six years, until it was published. I think on average I dedicated myself at least four hours a day, from Monday to Monday, whenever possible, of course. The method was simple: I read a paragraph, tried to understand it, looked in the supporting books – *Ulysses Annotated* [by Don Gifford and Robert J. Seidman] and many other books – and rewrote it in Castilian. Then, I read the two texts aloud. With *Finnegans* I used the same method, consulting other books, of course. Salas Subirat.¹⁹⁴ My main reference was Valey Larbaud's¹⁹⁵ French translation, because Joyce participated in it.

Differently, the translation of *Finnegans Wake* was solo. Once this was done – it took me seven years – I reviewed it with Eugenio Conchez who did a formidable job detecting errors in the thousands of names that needed to be checked, as well as expressed orthographic errors, real or fictitious errors, the thousands of neologisms that I had to forge, etc. etc etc.

Until you reached “Penélope’s” bed, how did you survive “Oxen of the Sun”, and what was the episode that demanded the most from you, whether in time or intellectual effort?

¹⁹⁴ José Salas Subirat was the first translator of Joyce's *Ulysses* (1945) into Castilian. [Interviewer's note]

¹⁹⁵ The 1929 French translation indicated on the cover a hierarchy in which Auguste Morel appeared as translator, assisted by Stuart Gilbert, Valery Labaure and Joyce himself. It was the second translation of *Ulysses*, which began its translation odyssey in 1927 with Georg Goyert's German translation. [Interviewer's note]

I titled that episode “*Los bueyes del sol*” and it was without a doubt the one that cost me the most. Edgardo's reaction put the publication at risk. He insisted that, as it was, it could not be read. I, on the other hand, argued that we should not straighten the text, but rather reproduce the distortions (twists, folds, from the womb where a language was born). I think that was the argument that convinced him. You go from elementary prose to an increasingly more elaborate one as the chapter evolves. Anyway, to give you an idea, when Edgardo considered it satisfactory, the episode “*Los bueyes del sol*” was in its eighth version. Then Edgardo said: “Now it's mature”.

I don't know translation theory because I never studied literary translation. It would have been wonderful to have that academic support, but I didn't. That's how things happened; pure chance.

The closest thing to a “study” was the time I spent in Paris, reading everything I could about the writing process for *Finnegans Wake* at BNF.¹⁹⁶ But I went there to read and nothing else. I took some notes, bought dozens of books that I then read at home. And that was it. I gave myself the pleasure of living for a month and a half in the bohemia that every writer wants to live. I miss that time a lot.

Each chapter requires different solutions. Could you exemplify some procedural differences prompted by the interior monologues of the main characters, Bloom, Stephen and Molly?

Molly Bloom's monologue is charming. Due to the lack of punctuation, it is very difficult to interpret what it refers to; at one point I found a CD of the entire monologue released by NAXOS and read in a lovely voice by Irish actress Marcella Riordan (Mrs. Riordan!).¹⁹⁷ So I put on my headphones and listened with absolute attention, listening for the rhythm, the breathing, the pauses in thought, and the sudden shifts from one topic to another (which is how we all think, like a roller coaster). In the original text, I marked the periods, the commas, the pauses. So I checked my first translation to match the commas not written but spoken by Molly.

¹⁹⁶ National Library of France.

¹⁹⁷ Mrs. Riordan is one of the secondary characters in *Ulysses*, who in the past allegedly flirted with the central character Leopold Bloom [interviewer's note].

Stephen's monologues are, by all accounts, those of a young Joyce, so having read and translated *A Portrait of the Artist as a Young Man*¹⁹⁸ and reading Ellmann's biography¹⁹⁹ with great pleasure greatly simplified the task. Knowledge and admiration for Shakespeare's work also helped. All corroborated by *Ulysses Annotated*.

Leopold Bloom's monologues are movingly simple. As its creator says, in the mouth of one of "Ciclope's" clients, "there's a touch of the artist about old Bloom". What Bloom thinks is what you think when you walk, when you lie down, when you talk to someone just small talk.

How was your translation of *Ulysses* received?

Ulysses' was well received; I would say there was general sympathy a little for his supposed merits and a little, I suppose, for my status as a – my dear friend Lil Sclavo will be angry at what I say, but I'll say it anyway – outsider who adds a touch of romance to the stark figure of the professional translator. Two editions are out of print and I am revising the text for a third edition for the millionth time. It's a good sign.

With *Finnegans Wake* the image changes a lot. In Argentina, there was a first criticism made by a journalist from magazine Ñ [the weekly culture magazine of the Argentine newspaper Clarín] shortly after the book was released, without having read it. It was very unpleasant, but defenders soon emerged, even within the magazine itself, who left him in a very uncomfortable position.

The most well-founded, generally favorable reviews came from newspapers and magazines in Uruguay, Spain and Mexico. Joyce readers often have a block on *Finnegans Wake* and I can only say that I understand them. Joyce's friends did the same, with a few exceptions. Ezra Pound,²⁰⁰ who helped him so much in promoting *Ulysses*, said *Finnegans Wake* was a mistake. Reading and translating *Finnegans Wake* gave me enormous pleasure and an addiction to verbal distortions that I can't

¹⁹⁸ *A Portrait of the Artist as a Young Man* is a novel first published in 1916. It was Joyce's second prose work published, shortly after the book of short stories *Dubliners* (1914) and before *Ulysses* (1922) and *Finnegans Wake* (1939) [Interviewer's note].

¹⁹⁹ To this day, *James Joyce* by Richard Ellmann is considered the main biography of the Irish writer [Interviewer's note].

²⁰⁰ The relationship between Pound and Joyce can be known through biographies, but mainly through the book *Pound-Joyce*: Ezra Pound's letters to James Joyce, Pound's critical essays and articles about Joyce [Interviewer's note].

recover from. *Finnegans Wake* is a game without rules, one must read with an extra dose of patience. It is an inexhaustible source of surprises and genuine fun.

We know that, until the publication of *Ulysses*, Joyce always had difficulty publishing his books. How did you come to the *El Cuenco de Plata* label? What was the relationship like with the reviewers and the editor?

When I finished the first version of *Ulysses*, on June 16, 2009,²⁰¹ a coincidence that I had to push a little to write the last *YES!*, I decided to make the translation public knowledge. I wrote emails to almost every literary agent in Spain and Mexico and to the most renowned publishers in my country. A week later, Mrs. Laure Merle d'Aubigny, owner of a Spanish agency, responded saying that her agency was not dedicated to translations, but that I could try to contact *El Cuenco de Plata*, which I did. I sent an email with an attachment, "Ithaca". They didn't respond and I forgot. After two or three months, Edgardo Russo called me and said he liked what he read. So we came to an agreement and signed a contract. We became very good friends; we laughed a lot and enjoyed the long *Skype* review sessions; he let me read and every now and then he made observations about a word. We never fought because he generally accepted my justifications. I remember that at first he was surprised by my use of the word "*propinquidad*" (in "Ithaca"), but I told him that although "proximity" or "surroundings" were synonyms, Joyce chose "*propinquity*" instead of "*proximity*" and, on the other hand, I said, the word was rare and therefore it was elegant and beautiful. I convinced him. His death was a great loss. Eugenio Conchez and I became good friends thanks to *Ulysses* and *Finnegans Wake*.

What are your favorite passages in the translation of *Ulysses*?

The entire chapter "Ithaca" and in particular the enumeration of the properties of water that pass through Bloom's mind as he prepares an infusion for Stephen. Why? Because I think there is nothing more that can be said about water other than a physical-chemical description.

²⁰¹ *Bloomsday* refers to the day *Ulysses* is narrated, June 16th. It is celebrated in many parts of the world and is the second biggest Irish tourist festival after St. Patrick's Day [Interviewer's note].

¿Qué era lo que en el agua Bloom, aguamante, extractor de agua, acarreador de agua, al volver a la cocina admiraba?

Su universalidad: su democrática igualdad y la constancia con su naturaleza al buscar su propio nivel: su vastedad en el océano de la Proyección de Mercator: su profundidad inexplorada en la hendidura Sundam del Pacífico excediendo las 8000 brazas: el infatigable movimiento de sus olas y las partículas de su superficie, visitando a su turno todos los puntos de su litoral: la independencia de sus unidades: la variabilidad de los estados del mar: su quiescencia hidrostática en calma: su turgencia hidrocínética en las mareas muertas y vivas: su apaciguamiento luego de la devastación: su esterilidad en las capas de hielo circumpolar, ártico y antártico: su significación climática y comercial: su preponderancia de 3 a 1 sobre la tierra seca del Globo: su indisputable hegemonía extendiéndose en leguas cuadradas sobre toda la región por debajo del trópico sub ecuatorial de Capricornio: la multiseccular estabilidad de su cuenca primitiva: su lecho color pardo: su capacidad de disolver y contener en solución todas las sustancias solubles incluyendo millones de toneladas de los metales más preciados: su lenta erosión de islas y penínsulas, su persistente formación de islas homotéticas y promontorios en declive: sus depósitos aluviales: su peso, volumen y densidad: su imperturbable quietud en lagunas y estanques en las tierras altas: la variación de sus colores en las zonas tórridas, templadas y frías: sus ramificaciones vehiculares en corrientes continentales lagocontenidas y confluentes ríos que fluyen hacia el mar con sus tributarios y corrientes transoceánicas, corriente del golfo, cursos ecuatoriales norte y sur: su violencia en los maremotos, surgentes, pozos artesianos, erupciones, torrentes, crecientes, inundaciones, chaparrones, manantiales, marejadas, vertientes, partidores, géiseres, cataratas, remolinos, vórtices, desbordes, diluvios, aguaceros: su vasta curva ahorizontal circunferencial: su sigilo en los manantiales y su humedad latente, revelada por instrumentos rítmicos o higrométricos ejemplificada por el pozo junto al hueco de la pared en Ashtown Gate, la saturación del aire, la destilación del rocío: la simpleza de su composición, dos partes constituyentes de hidrógeno y una parte constituyente de oxígeno: sus virtudes curativas: la flotabilidad en las aguas del mar muerto: su perseverante permeabilidad en túneles, barrancas, diques inadecuados, filtraciones en paneles marinos: sus propiedades de limpieza, de apagar la sed y el fuego, de nutrir la vegetación: su infalibilidad como paradigma y modelo: sus metamorfosis como

vapor, niebla, nube, lluvia, escarcha, nieve y granizo: su potencia en hidrantes rígidos: la variedad de formas en lagos y bahías y golfos y meandros y estrechos y lagunas y atolones y archipiélagos y pasos y fiordos y pasajes y estuarios de marea y brazos de mar: su solidez en glaciares, icebergs, témpanos: su docilidad para hacer andar ruedas de molinos hidráulicos, turbinas, dínamos, usinas eléctricas, líneas de teñido, curtiembres, molinos de cáñamo: su utilidad en canales, ríos, si son navegables, dársenas flotantes: su potencialidad derivable de mareas controladas o cursos de agua cayendo de un nivel a otro: su flora y fauna submarina (anacústica y fotofóbica), numéricamente, sino literalmente, los verdaderos dueños del globo: su ubicuidad como constituyente del 90% del cuerpo humano: la nocividad de sus efluvios en los pantanos lacustres, los marjales pestilentes, el agua podrida de los floreros, los charcos estancados en luna menguante. (U 626-627) [edition 2017].

The comparison that Bloom makes between the moon and the woman, also in “Ithaca”, because it is the most beautiful one can make of the two mysteries and because it was my first paragraph in this delicious adventure.

¿Qué afinidades especiales le parecía que existían entre la luna y la mujer?

Su antigüedad en preceder y sobrevivir sucesivas generaciones telúricas; su predominio nocturno; su dependencia satelital; su reflexión lumínica; su constancia en todas las fases, saliendo y poniéndose en los horarios establecidos, creciendo y menguando; la obligada invariabilidad de su aspecto; su respuesta indeterminada a una interrogación no afirmativa; su influjo sobre las aguas afluentes y refluentes; su poder de enamorar, de mortificar, de revestir de belleza, de enloquecer, de incitar y de ayudar a la delincuencia; la tranquila impenetrabilidad de su rostro; lo terrible de su aislada dominante implacable resplandeciente propincuidad; sus presagios de tempestad y de calma; el estímulo de su luz, su movimiento y su presencia; la admonición de sus cráteres, sus mares áridos, su silencio; su esplendor, cuando es visible; su atracción cuando es invisible. (U 655) [edition 2017].

After translating the last “YES” of Molly Bloom’s monologue, what made you say yes to translating *Finnegans Wake*?

After writing Molly’s last YES, I was left in a state of deep disquiet,²⁰² as Pessoa would say. I ran out of motivation because I had dedicated years to a very rewarding task and now I found myself alone. How can I fill that space I invented? So I started reading *Finnegans Wake*. I bought it, started reading with curiosity and was perplexed. I insisted as if I had an obligation to read it, but on page 240 I stopped. There was no point in continuing like this. And then it occurred to me that, if I tried to translate it as I read it, I could understand it much better. Again I translated it for reading, as I did with *Ulysses*. And I was immediately captivated by what I was reading and translating; I found myself with a glorious hobby again. I bought all the books about *Finnegans Wake* I could and voraciously read them. In this process, I met Hervé Michel, a genius who translated *Finnegans Wake* into French. His *Veillée Pinouilles*²⁰³ is absolute genius and has nothing to do with Philippe Lavergne’s translation.²⁰⁴ Hervé suggested that I use the FWEET (*Finnegans Wake Extensible Elucidation Treasury*) website, created by Raphael Slepon. The exact pagination of the original and the translation, that is, each page of the original *Finnegans Wake* corresponds to one of my translation, was an idea I copied from Hervé Michel. To my knowledge, there is not a single translation from one language to another that reproduces the original book as if it were a mirror. It was Hervé’s idea that I happily copied. The usefulness it offers for those who want to carry out an in-depth study of translation is enormous. Even every page starts and ends with almost the same word (when possible). That was part of the game. The fantastic editing task was the work of Pablo Hernández, from *El Cuenco de Plata*.

²⁰² Allusion to the *Book of Disquiet* by the Portuguese writer Fernando Pessoa [Interviewer’s note];

²⁰³ Michel Hervé began his translation in 1997 and published it in 2004 under the name *Veillée Pinouilles* in digital format, which he can continually revise and update [Interviewer’s note].

²⁰⁴ The French translation by Philippe Lavergne is from 1982. It was the first complete translation of *Finnegans Wake* [Interviewer’s note].

In *Ulysses*, Stephen wants to free himself from the nightmare of history. Was it this nightmare, the formal threads, that *Finnegans Wake* broke?

Finnegans Wake aims to be a universal story. I think that's what Joyce said to his friend Budgen when he asked what he would do after *Ulysses*.²⁰⁵ I don't know if he made it. It is not a textbook with which a young university student can study History. But it links the themes and emblematic characters of *History* in italics. Repeatedly Napoleon, Nelson, Wellington, Adam and Eve, William the Conqueror, Cromwell, Victoria and thousands of other characters appear. There are books that list the characters that enter and leave *Finnegans Wake* as if they were in a play. In *Finnegans Wake* there is not a single statement, a single moral, teaching or message. Everything is written in a humorous way. Joyce said it was the dreams world he wanted to represent. And this is *Finnegans Wake*, very similar to the dreams that we try to remember when we wake up and that escape us as soon as we want to express them in words. It tastes like a nightmare, but overall it's more of a sweet, crazy dream. There is no cruelty in Joyce's work.

Can you detail what the *Finnegans Wake* translation process was like?

As I said, I started in 2009 and the book was published in 2016; it is, the entire process lasted seven years. The first four years I spent an average of four hours a day, but the last three were full time. Thanks to the fact that I no longer had financial problems and because I had already raised my children, I was in charge of my time. The days flew by because I read and translated between ten and twelve hours a day. I didn't know if it was Monday or Sunday, if it was hot or cold. The immersion in this task was absolute, except for the periods when I traveled with a rugby group around the world.²⁰⁶ And on these trips I bought books that I devoured like someone

²⁰⁵ After repeated conversations in Zurich with his friend Joyce, the English painter Frank Budgen wrote the book *James Joyce and the Creation of Ulysses*, in which he talks about the details of the conception and making of the Irish writer's book [Interviewer's note].

²⁰⁶ I played rugby when I was young, retired at 36; So my four children started playing and I joined them. I was a coach and for many years I ran a club in my city called *Club El Nacional*. Additionally, I am secretary of the Southern Rugby Union. Other than that, I work with my son Joaquín in a travel agency where we organize rugby tours in Europe and Oceania, mainly in the United Kingdom, Ireland, France, New Zealand and Australia. Two or three times a year I go with one of these groups as coordinator [translator's own note].

possessed. As I did with *Ulysses*, I did not read any Spanish translations of the translated fragments or chapters. At one point, I believed that there was a comprehensive French translation that could serve as a guide as Larbaud and Morel's translation did, but no. Joyce only participated in the translation of the chapter known as Anna Livia Plurabelle, along with Jolas, Beckett and Péron (not to be confused with our Perón).²⁰⁷ In this search I carried out at BNF, I found Hervé Michel and asked him for a conversation at his home in Montrouge. We became friends immediately and his collaboration was invaluable in my translation. Because I realized he was doing the same thing as me, we didn't want to put annotations in because it seemed like pointless, never-ending work. At that time, I had already translated and annotated the first eight chapters.

In a computer modeling analysis²⁰⁸ of Joyce's work compared to Shakespeare and the Bible, it was discovered that less than thirty percent of the words in the original text are dictionaryized. How did you work with that? Do you have any idea how many words you had to create to complete the task?

Chapter 8 (ALP) in my translation is 11.549 words long. Running Word's spell check on page 197 detects 80 unknown words. Let's say that on average there are 60 non-existent words in the Spanish language dictionary; multiply by 628 (number of pages) and the result will be 37.680, which could be the approximate number of neologisms or invented words. The entire book contains 237.821 words. It is impossible to know how many words do not have dictionary counterparts.

***Finnegans Wake* is a book of falls and rebirths. Did you, as HCE, who represents the many reincarnations of the book's hero, fell and reborned several times during the translation?**

²⁰⁷ Juan Domingo Perón was an Argentine president of military origin, who governed his country for three periods. The first from 1946 to 1952, the second from 1952 to 1955 and the last from 1973 to 1974 [Interviewer's note].

²⁰⁸ The study used as reference is *A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible* (2018), by Renato Fabbri and Luis Henrique Garcia Ferreira [Interviewer's note].

He Cometido Excesos, es verdad, He Cometido Errores, sin duda, pero me pregunto si Habrá Castigos Excesivos por mi osadía. Hoy Creo Esto, mañana aquello, Hice Cuanto Estimé necesario para traducir lo intraducible; He Crecido Equivocado; no lo niego. Todos Hemos Caído Engañados y el que no se equivocó nunca es que nunca hizo nada. Como HCE, niego todos los cargos de los que se me acusa, porque el delito es difuso y los testigos no vieron lo que dicen que vieron. Durante las traducciones de *Ulysses* y *Finnegans Wake* sufrí tres infartos. Si bien nunca me morí no puedo negar que en tres ocasiones He Cometido El dudoso pecado de revivir.²⁰⁹

There are several lines that can be followed or highlighted in the translation of *Finnegans Wake*, such as sound, transculturation, biographical parallel, neologisms, allusions etc. Did you seek a balance between these elements or did you choose to highlight some?

As I translated *Finnegans Wake*, I read each paragraph that I finished out loud. In general I was pleased with the sound and cadence, which were quite similar to the original. Neologisms ended up being my specialty, I took great care with each one of them, trying to add as many meanings as possible, always within the context. The key is the multiplicity of possible meanings. It's not easy, but it was a lot of fun. A real puzzle. The distortion of words produces surprising results and geographic and biographical parallels, whether intentional or not. What is a joke in Dublin can be a great stupidity in Rio de Janeiro or Buenos Aires; therefore, whenever I could, and without altering the meaning of the original text, I substituted jokes or allusions that were incomprehensible to the reader who comes from Río de la Plata. It's an innocent device that has the opposite effect of the Dublin joke. A joke from Buenos Aires can be dull in Rio or Dublin. This earned me some criticism, but it was my fault for pointing out to the journalist where those jokes or allusions were. The poor guy could never have found them because he criticizes "non-reading" or the infamous "diagonal reading". Point. I won't do that again.

²⁰⁹ One of the many *Finnegans Wake* games concerns to the character Humphrey Chimpden Earwicker's disguise that the reader must discover. This disguise is given by the initial letters of his name (HCE), which are repeated hundreds of times in the 628 pages of the book, as at the end of the first paragraph of the first page in "Howth Castle and Environs". In this answer, Zabaloy also proposes this game to us [Interviewer's note].

At first I didn't have any established strategy or project on how to translate *Finnegans Wake*; I was building like someone building a project, like HCE. If it doesn't fall, it means it has a certain balance.

Is it important to read the translation comparing it with the original?

All a translator can do is approximate the original. A reproduction, a forgery and a fraud have to do with the original in that they imitate it, but they are still a trap for the eyes. Can you admire a painting by comparing it to its copy? This can and cannot be done at the same time. It depends on the reasons of your gaze. If it's a game of finding the differences, the gaze (or reading, in this case) won't be much appreciated, but there will be flaws and successes, which is fun in itself. The reader who is able to read *Finnegans Wake* in the original will have a translation guide that can help fill a gap in their understanding of what is apparently incomprehensible. I think this translation corresponds to the original. It would be pedantry on my part to say how much. This is left to the discretion of insomniac readers who want to take the trouble to compare. That's what I did when I compared the original with Hervé Michel's wonderful translation. In all structural and fundamental doubts, I consulted him. And, of course, with the bibliography provided by FWEET, *Annotations to Finnegans Wake* and many other supporting books.

Since *Ulysses*, the Joycean critical industry has been growing, perhaps looking for the answers that readers have difficulty finding. Unlike yours, many translations of *Finnegans Wake* are accompanied by critical texts and explanatory notes, such as the one into Portuguese by Donaldo Schöler, the one into Italian by Schenoni and Terrinoni, and the one into Castilian from the Mexican by J.D. Victoria, which has more than a thousand notes in the first chapter alone. What is your opinion on annotated translations?

I think it's a commendable piece of work that makes you feel like a kind of Sisyphus. Today there is an enormous and disproportionate amount of information online about Joyce's work, and particularly about *Ulysses* and *Finnegans Wake*. In *Ulysses* we put a minimum of notes at the end of the book; these were the notes that I considered essential for the average reader. I could have increased the number ten

times, but it would have been an encyclopedia and not a novel. *Finnegans Wake* is an infinite book; in FWEET there are more than 85.000 notes and each of them has at least four or five possible meanings. In ALP Joyce placed more than 1.500 rivers from around the world, according to scholars. I detected almost 900, I think, and wrote them down, but then removed the notes. Still, I kept the file with the notes. What would be the point of publishing a book with, let's say, 20.000 notes? I spoke about this several times with Juan Díaz Victoria. He is undertaking a monumental task that deserves all the support that can be given. He is young and has time. It's not my case. Without a doubt, Juan Díaz Victoria's version will greatly improve this first translation. And then the best will come. For centuries and centuries.

Until your translation there were only partial translations into Castilian, such as those by Pozanco and Tortosa, and some researchers commented that a complete translation would not be possible or, if it were, it would have to be a collective work. What was it like to debunk this myth? And what was the reception from readers, press and critics?

I don't want to seem disrespectful, much less seem like a pedantic. Having said that, I would add that a myth collapses when it is more or less proven, with a greater or lesser degree of verisimilitude, that it was not. Difficulty is often confused with impossibility. If a publisher had invested the necessary money, it would have been translated sixty or seventy years ago, but as they declared it untranslatable, it remained that way. Get famous and go to sleep. There is a whole theory, for example, that decrees that it is impossible to write in Castilian without using the letter "A", or that it is the most difficult thing to do. Even in Spanish, as in French, the really difficult thing is to write without using the letter "E". This is why Georges Perec wrote *La Disparition*, which I translated (without using the letter "E") as *La D su aparición*. A group of Catalan translators translated it in the 1990s as *El secuestro* under the pretext that the really difficult thing, the great feat, would be to write a novel in Castilian without the letter "A", that is, a lipogram in "A" instead from one to "E". As this reasoning irritated me, I translated *La Disparition* again as lipogram in "A" and called it "*El de ese Perec ido o el Dese perecido*". Perhaps one day both novels will be published. Myths are just that, myths.

The press has so far been benevolent, if not generous. At least I managed to inspire respect and that gives me a pride that I try to hide.

Some criticisms were made of your transculturation, which supposedly would have Argentineized the original. Joyce himself, when he participated in the first translations of Chapter 8 of Book I into Italian and Spanish, known as "Anna Livia Plurabelle", encouraged semantic changes in favor of rhythm and sound. What is your position on this?

I think Joyce would have accepted the very few localisms I used. We spoiled Edgardo and gave him a kind of almost invisible signature. What I said before about the joke in Dublin and the stupidity in Rio or Buenos Aires can be applied here. I bring up the case of *Ulysses* when in "Circe" there is a scene on the racetrack; the crowd shouts:

¡Programa de las carreras! ¡Programa de carrera!
¡Diez a uno a placé!
¡La salvación al galope por acá! ¡Leguisamo solo nomás!
¡Diez a uno menos uno! ¡Diez a uno menos uno!
*¡Pruebe suerte a las patas del Spinning Jenny!*²¹⁰
¡Diez a uno menos uno!
¡A vender el mono, muchachos! ¡A vender el mono! ¡Pago diez a uno!

This is all a fuss over a jockey's announcement in Irish horse racing jargon. No young Argentinean today would know what *¡Leguisamo solo nomás!* means! But people my age do, because he was a very famous jockey from the 1940s. If it's a violation, I apologize.

In Brazil we have the complete translation by Donaldo Schöler and three partial ones, one by the Campos brothers and two by Dirce Waltrick do Amarante. There are also two complete translations in progress, one collective and one by

²¹⁰ **Spinning Jenny:** a gambling device, similar to *roulette*, with miniature horses moving at random speeds [translator's own note].

Caetano Galindo, who also translated *Ulysses*. Do you encourage new translations, even into Spanish, like J. D. Victoria's?

Juan Díaz Victoria is doing a colossal job and will be the next *Finnegans Wake* in Spanish. I believe that any translation is welcome and very necessary.

Umberto Eco classifies *Finnegans Wake* as an excellent example of an open book for co-construction.²¹¹ Do you think *Finnegans Wake* shares authorship with translators and readers?

One in every four words in *Finnegans Wake* is at least debatable, debatable. Each reader is a potential translator who can contribute their suggestions to the FWEET website. This is a dynamic website that grows, builds itself with each contribution that passes through the filter of its creator, Raphael Slepon.

For the most recent editions of the *Panaroma of Finnegans Wake*,²¹² Augusto de Campos retranslated the same fragment of *Finnegans Wake* after a gap of 15 years, obtaining different results. Would you accept the challenge of choosing a small excerpt from your translation and retranslating it? It would be a good way to see the postulate that the text and the translator (or reader) move continuously.

Could be. I don't know if I would change many things today because it hasn't been that long since the book was published. There was a second edition where I revised and changed many things, although nothing substantial. In fact, one of the criticisms of the critic who criticized me without reading it is that I replaced "macri" with "machree" (a sound similarity between our president Macri and the affectionate "my darling" in Irish or "ma chérie" in French). That wouldn't change, for example. Only an Argentine would understand jokes, winks or allusions. In fifteen years, if so, with great

²¹¹ Allusion to the book *Opera aperta* by Italian writer Umberto Eco [Interviewer's note].

²¹² This is the first translation into Portuguese of excerpts from *Finnegans Wake* by the Campos brothers in 1962. Subsequently, a complete translation by Donaldo Schüller (1999-2003) and two by Dirce W. do Amarante were published, to read *Finnegans Wake* (2009) and *Finnegans Wake* (por um fio) (2018) [Interviewer's note].

pleasure. Here I present the complete list of allusions to things, people or situations that only an Argentine can capture:

Emerging names from Argentina in *Finnegans Wake*

- menem
- macri
- massa
- saer
- mujica
- insaurralde
- wanda nara
- berni
- nismann
- suris
- horangel
- fariña
- jorge urso
- bellande
- tusam
- donda
- alak
- rial
- aira
- macalister
- elaaskart
- discepolino
- sabattini
- fontanarroza
- magneto
- kicillof
- nuncio

Another

- La refalosa

- Twitter
- Quark
- Griesa
- Bahiense
- Calafate
- Reñaca

Sentences

- ¡A ti nos debemos, Cris! ¡Realeza en cucullas!
- Chiquilín de Bachín
- Billetera mata galán
- ¡Lilita bolero, burlas la ley!

If *Finnegans Wake* was your challenge when completing the translation of *Ulysses*, what can motivate you now? It appears that you also translated *A Portrait of the Artist as a Young Man*. Do you intend to publish it? Do you have new literary projects?

I translated *A Portrait* at Edgardo's request, but then Edgardo decided not to publish it because the existing translation was, for him, unbeatable. *A Portrait* helped me a lot with the other translations. The text is available and, if there is interest, it may be published one day.

After translating *Finnegans Wake*, I continued with a work by Raymond Queneau called *Le chiendent*, then I translated *The Sinking of The Odradek Stadium*, by Harry Mathews, *La Disparition*, by Georges Perec (without "A" and without "E") and *Old Angel Midnight* by Jack Kerouac. All these translations await authorization from the respective literary agents and heirs. It's a shame, but you have to be patient. I also write novels and short stories. One of my novels, *Rhapsody*, will be published by *El Cuenco de Plata* in November. Then will come a lipogrammatic novel called *Cartas amargas*.

In closing, can you cite your favorite passages from the translation of *Finnegans Wake* and explain why?

There are many, but I will list these two from *Finnegans Wake*:

Ante una sugerencia semejante la única respuesta respetable es afirmar que hay ciertas aseveraciones que no tendrían que existir, y uno quisiera tener la esperanza de que le fuera posible añadir, que no tendría que estar permitido que fueran hechas. (FW 33.20-23).

Why? Because, in everyday life, I tend to use it as a response to anything that amuses me and I tend to leave my occasional interlocutor perplexed. Use it yourself and you will see how practical it is.

And this other fragment, which I really like:

No, así que oyúdame Petault, no se trata de una ineficaz blanjacintinosa disputa de manchas y borrones y barras y balones y aros y serpenteos y notas yuxtapuestas vinculadas por arranques de aceleraciones: sólo que se le parece tanto como el mismo demonio; y, seguro, tenemos realmente que estar agradecidos de que en esta hora deletérea del alba de las moscas boisteras tengamos siquiera un trozo de papel escrito con tinta seca para mostrarnos al menos a nosotros mismos, tálalo o lífalo, (y nos abandonaron a nuestra suerte como el pescador de almas cuando sacó el gato del bote) después de todo lo que perdimos y lo que saqueamos de aquello incluso en los más hidimulados rincógnitos de la tierra y todo lo que ha atravesado y por todos los medios, después de un gran beso al suelo en Terracussa y para guerra suerte con nuestras sobras echadas alhom al homeplato, aferrarnos a eso con manos de ahogado, esperando contra toda esperanza que, por la luz de la filosofía, (¡y ojalá que ella nunca nos folsage!) las cosas empezarán a aclararse un poco de una manera u otra dentro de la próxima querella de un ahora y a la horca con ellos como que diez a uno lo serán también, si el cerdos place, como deberían categóricamente además, ya que, estrictamente entre nosotros hay un límite para todas las cosas así que esto nunca servirá. (FW 118-119.31-10).

Why? Because every time I read this I get emotional. Of course, these excerpts, like all of *Finnegans Wake*, should be read aloud and with a smile. There is not a single serious word in all of *Finnegans Wake*, as Joyce said.

APÊNDICE 1.2.10 – Juan Díaz Victoria (México)

Juan Díaz Victoria, Mexican translator²¹³



J.D. Victoria, in a dark shirt, next to Fabio Morábito, an Italian-Mexican poet and storyteller. Photograph provided by the translator (2021).

Juan Díaz Victoria (JD Victoria) was born in Cuernavaca, Morelos, on October 20, 1969. He graduated in Communication Sciences from the Monterrey Institute of Technology and Higher Education (ITESM), Morelos Campus. A poet and storyteller, he has contributed with articles, reviews, interviews, and literary works to various publications and anthologies in Mexico, Spain, and South America. He is currently preparing an annotated translation into Spanish of *Finnegans Wake* by James Joyce.

²¹³ The Portuguese and Spanish versions were published by Qorpus. In Portuguese: <https://tinyurl.com/5n6b49eu>. In Spanish: <https://tinyurl.com/5daysd6s>. Accessed on: 29 Jan. 2025.

Can you talk about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

I'm Mexican and I was born in Quauhnáhuac, which Lowry mentions in his *Bajo el Volcán*, so since college (when I read this novel on my own) I had the impression of living in a literary environment, like Macondo or Comala, which is another reality, since the city in the text is a fantastic bridge between parts of the state of Oaxaca and the state of Morelos, where I still reside today. Something like Joyce's Dublin for us foreigners, although James Joyce was very punctual in describing his scenes, even when he was already in exile.

My childhood was happy, without conflicts, with initial readings that were not precocious, but that made my relatives think I was an avid reader, so they equipped me with youth classics that I never touched, although I read thousands of American superhero comics (*Superman, Batman, Spider-Man, Hulk*) and Mexicans (*Chanoc, Kalimán, Santo el Enmascarado de Plata*), cartoon characters (*Bugs Bunny and his friends, The Pink Panther*) and, to a younger sister who was only a year apart, reposted *Archie, Periquita, La Pequeña Lulú*, week after week, published in huge print runs that were sold on newsstands for half a dollar at the time, or even cheaper. There were also versions of Jewels of Literature that I first read in "*monito* magazines", such as *The Temptation of Saint Anthony* (Flaubert) and similars, as well as recent disasters told with illustrations in editions of the most popular newspaper, but well developed in their plots and structures. I was a very visual reader between the ages of 12 and 16, until I bought *Chronicle of a Death Foretold*, by García Márquez, in hardcover. And it's not that I thought it was exceptional, but I started acquiring books like crazy, so when I went to university at 18 I had already read enough and I became a reference to help my colleagues in literature classes.

On the other hand, I was precocious in writing stories and quality rhymes, which still surprise me today; they were civic writings linked to historical events, which my sister and I were asked to do at school. The teachers didn't believe that a boy of 9 or 10 had written that, but since then I felt the pleasure of savoring the words, influenced by the fact that on rainy days my mother read us poems from an old anthology, which I couldn't miss in Mexican homes, called *El Declamador sin Maestro*. Naturally, in elementary school they also made me recite the National Anthem, of which there was even a contest, which I didn't win, but at least it allowed me to analyze the images of

those patriotic rhymes, which assured us that they belonged to the most beautiful anthem in the world, after French. I also stopped writing during my puberty and adolescence, as I preferred going out to play soccer, ride my bike or roller skate and talk to friends in the neighborhood.

How did you go from these experiences to Joyce's writings?

In college, I came across *Ulysses* in the version by José María Valverde, and from the first verses I felt that there was something superior in that prose, like a scene seen from several points of view at the same time, in which action and thought were represented as they are, with immense beauty, a cascading phrasing that even in the most confusing moments left me with an impression of perfection, as if it had been carved on the page since imemorial times. I found the same in the prose of Borges, Juan José Arreola and Rulfo, the most sublime in the language, but which was static, while in Joyce the language flowed like a sculpture of smoke or water. I also appreciated this dynamism in the first novels by Carlos Fuentes or Vargas Llosa, and in Cortázar, but I linked Irish more to the mark that poetry left on me, which I became fond of by participating in a course with good friends over the years. I imitated Paz, finding him cerebral, but I liked resounding images rather than more than ten strophes. Since then I've been a hunter of these, so in Joyce (even if translated) I found a good source. Later I came across *Dubliners* and *A Portrait of the Artist as a Young Man* and valued them as high literature, but not on the scale of *Ulysses*. Perhaps, however, Cortázar's *Hopscotch* satisfied me in a similar way, and I defined it as *The Third Ulysses* in proposing an essay I never wrote.

What was your first contact with *Wake* like? And why did you decide to translate it?

First, in the 90s, I found in the Zócalo bookstore (civic square in the center of the city) a solitary copy of the publisher Lumen with the terrible compendium translated by Pozanco, which from the beginning fell out of my hands. I felt that James Joyce was betrayed, even without having read the original text. I was working in 2005 as an editor at a textbook publisher when the internet brought me the first page of *Finnegans Wake* (FW), and I once again tasted its author's prose. I savored it. I realized Pozanco's gross

error for the very approach he took, thinking that if no one understood the text “in any way”, he would give himself license to destroy the novel and lacerate what he found in relatively standard English. That story about a professional Spanish translator (basically working remunerated by contract) resulted in a nonsense language of more than 230 pages, a third of the Joycean text, but as if it were pronounced by a mentally disabled person in kindergarten dialect. Then I entered the work, intuiting many of the meanings considered difficult for foreign translators unfamiliarized with Romanic languages, as the text was peppered with Latin and Greek roots. Obviously, at first glance I detected the “intention” of those paragraphs on the initial page, realizing what was being told and how the Irishman did it, and I was not disappointed at all.

My English was not exceptional or erudite, nor is it now, but multilingual dictionaries, both physical and online, were a great help, and I captured the “spirit” of the tone and features, the banana peels (style traps) that the author left on its creation, in addition, the summaries available on the network gave valuable guidance. Because the story is told quite coherently in a first version of less than two hundred pages and, of course, there are whole parts of additions, but A PLOT is defined since then. In short, I started translating it out of curiosity and because I saw that I could, as an exercise in empathy with Joyce, until I reached a level where I felt that I was practically reading the mind of that genius of the language(s), but assuming the commitment to respect him literally, without taking “many” licenses, other than those that he himself would endorse as consistent with his project, which will total no more than six or ten in the entire first chapter.

Even without knowing the “acclaimed” translation from the 60s that the revered Mexican writer Salvador Elizondo made of the same beginning of FW that I translated, which contained notes, I assumed that it would be appropriate to use these clarifying digressions in my version, in a novel that in its original flow was not free from this resource of deviating at the slightest provocation, as happens in some of its references (Sterne, Rabelais), but it enriched me a lot as a reader to NECESSARILY learn where a certain obscure allusion came from, since I accessed international reading groups and, of course, made use of Roland McHugh’s titanic work in this regard, structured with line-by-line notes, which are intended to be exhaustive, but to which he could now add hundreds of data not incorporated into his proposal (which is in its fourth edition) since, translating the work from all the languages that I identify with my method and relating one reference to another, the keys take us to new paths, which the author

himself is responsible for proving from the “redundancy” resort, which Umberto Eco already intuited for open works, especially like this one.

Regarding its translation: is it total or partial, which chapters were translated and published, what was the circulation and how was the graphic project conceived?

I published a first version of the initial chapter, more experimental and still without notes (although I have been working on them since the beginning of the project), on my own on the *lulu* (for America) and *bubok* (for Spain) platforms still in 2009. However, it is there, and there are wordplays and variations that I did not incorporate later, in an effort to make the text EVEN more readable and “didactic”. By this time, I had also completed the second chapter, which was shorter and “simpler” than the first. Marcelo Zabaloy, with whom I had an epistolary relationship from then on, which I will talk about later, invited me in 2016 to collaborate with him on his version of *El Cuenco de Plata*, and offered me the challenge of revising chapter 10 (FW II. 2), considered by Joyce himself to be the most difficult to unravel, basically due to its structure of notes in the margins and at the foot of the page, in addition to the game between the different narratives of the twin brothers (left and right, and they change of place at the same time), the nymphet Issy (below) and the narrator (middle), but my method of dialoguing with ALL accessible languages, unlike Zabaloy’s guidelines based (almost) exclusively on English, although he is also fluent in French, prevented this collaboration from bearing fruit, because, as the Argentine translator highlighted, the FW does not lend itself to consensus criteria, at least in our case, although the translations of both present a more “readable” text, being practically variations of the same; but where Zabaloy maintains the initial confusion because it is a polysemic work in more than sixty apparently different and irreconcilable languages and dialects (from which the genius of FW’s proposal derives from my point of view), I bet on the clarification of each affirmation and reference in that my version can be read as if the distortions did not exist, except for some puns and wordplays that I was able to adapt clearly enough not to obscure the meanings.

Anyway, interested in publishing my annotated and reworked version of the first chapter until it was completely understandable, I raised my project on a crowdfunding platform and obtained resources to do so, but an independent publisher from

Guadalajara (*Ediciones Arlequín*) became interested and proposed giving my donors a deluxe hardcover edition, and producing another in brochure, in addition to a subsequent digital edition. One hundred hardcover copies were distributed among the financing participants, the brochure edition was opened, and the electronic book as well. It was a very professional job, and the cover, based on my concept, was impeccable. I am very grateful to them because they chose to “rescue” Joyce to the contemporary literary stratum in Mexico’s Castilian, as the text was well received in its niche of academic and literary market. It was presented at the Guadalajara International Book Fair (FIL) in December 2016.

For FIL 2021, with Peru as Guest of Honor, the publisher *Colmena* released four chapters in an annotated version, with essays and introductory synopses, in addition to the academic collaboration of a prominent Mexican expert. Support was obtained from Irish Literature, the Irish government’s cultural promotion agency, and the volume will be around five hundred pages long. It will include the first two chapters, *Finnegan’s Wake* and *Earwicker’s Ballad*, and chapter 8, popularized under the name of *Anna Livia Plurabelle*, the most worked on in translations (and despite this, misinterpreted); as well as the aforementioned FW II.2 in school notebook format, known as *Los Estudios*.

Your translation has printed and Kindle versions. What are the main advantages and disadvantages of each version?

I did not interfere with the adaptation to a digital book, and I notice that the text there flows without so many VISUAL obstacles, while the links to the notes can be seen separately, or avoided. I recommend several readings per paragraph: the first, without looking for the notes; the second, reviewing the footnotes in the different contexts in which statements and allusions appear; the third, mirroring the original in English, to appreciate the Joycean method of using minimal resources to evoke in the same sentence multiple meanings that reaffirm, deny, sublimate or frivolize the primary and clearest message. For example, the famous stained glass icon in an English cathedral where the crucifixion is depicted becomes “cruci/fiction”; that is, its own parody through the variation, inclusion or elision of some signs, due to their polysemic possibilities in OTHER different languages, which fit together almost miraculously! For

the exposed, I prefer the printed edition which, although visually dense, is more practical.

You have a blog and Facebook community dedicated to *Finnegans Wake*. What was the motivation for creating them and what was the feedback like on social media?

The real challenge of this task was not the translation itself, for which I intuitively structured a method whose effectiveness I have been testing and proving since 2005. What is still really complex is revealing and convincing Greeks and Trojans that the prejudices regarding the illegibility of the text are entirely false, and if *Ulysses* was a revolution of forms, *Finnegans Wake* is of contents; that is, the author was convinced (as I am) that any variation, however slight, conscious or unconscious, casts a referent that is hopefully incorporated into the corpus of the plot. It is said that the Irishman welcomed with pleasure the accidents and transcription errors committed by his collaborators, but we must take into account that during FW's elaboration he was already practically blind due to glaucoma, in addition to having several gastric and dental illnesses that undermined his humor. The examples I know of in this regard are apocryphal, since they are not reflected anywhere in the novel, such as Samuel Beckett typing a dictation and incorporating James Joyce's spontaneous response to the knocking of a door; but I identify strange references that are happily incorporated into the text, although I cannot say that Joyce had them in mind. Just mention, on the first page:

Shen brewed by arclight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aquaface.

At first glance, it may remind us of a bridge that crosses the River Liffey in Dublin, nicknamed Rory O'More; with the exception that it was opened under that name in 1939, the same year the FW was published.

Thus, social networks have helped me break the barrier, involving (at least) all the intellectuals I have registered on Facebook, who are still reticent in public, but are enthusiastic about this work in private. Spanish Enrique Vila-Matas, Argentinean Patricio Pron, Mexicans José Emilio Pacheco (+), Gustavo Sainz (+), Juan Villoro, Pedro Ángel Palou, Bernardo Ruiz, Julián Herbert and Antonio Ortuño, among others,

enjoyed the latest work of Joyce from my work. On my blog, there are collaborations in the printed media and on specialized websites, published interviews and the Academy website, this version also found an international echo, which drips like moisture on the walls to break the resistance of the building built ninety years ago by the FW's detractors. Through social media I got my two publishers, *Harlequín* and *Colmena*, which is already a profit.

Have you already presented your translation at academic events? What was the reception there, in other sectors of academia and by the general public?

On the one hand, enthusiasm; on the other, censorship, at least in Mexico. Doors were opened in Peru and Spain for the presentation of my papers, even in my absence, read by local event promoters (Lima, Bilbao). I obtained special support from the *International James Joyce Foundation* to participate in the annual congress held in Antwerp (Belgium) in 2018, although I was unable to take advantage of it for personal reasons; but the door opened so that in the subsequent edition, which happened by chance to be held in Mexico, I was responsible for a panel in Castilian in which the Peruvian Ricardo Silva Santisteban, an elite translator and academic of the language, participated, as well as the Mexican Alejandro Toledo, a recognized specialist in this author and in other "specials". Organized by the Metropolitan Autonomous University (UAM) and the National Autonomous University of Mexico (UNAM), I was mentioned in some external presentations, but viewed with suspicion by the renowned academics from national and foreign institutes who participated, as I confronted (privately) John Gordon, who assumed I would ask for his help, and I clarified that, instead, Finn McCool was waking up and speaking Spanish. On the other hand, Fritz Senn appreciated my notes and the synopsis of FW II.2, using them in a seminar on the subject in August 2019. The UNAM Humanities directors then chose to "erase me from the map" and not integrate me to the meeting on Joyce that they organized this year (2021), nor did they accept my contribution to the special edition of *New Polygraphies* dedicated to the Irishman that came out in August, despite, in the main article of the event, commenting on my work alongside foreign experts.

In short, the reactions I receive when I mention that I translate FW into Castilian in an annotated version range from total disbelief to astonishment when seeing it in

print, and even enthusiasm when reading and UNDERSTANDING the work. On many occasions, all three reactions at the same time.

The first chapter presents a synopsis, an introductory text and more than 1000 notes, which expand almost like a separate work. Can you talk about this critical project that accompanies the translation and about the importance of an annotated translation for the reader?

The main sources are the successive drafts of *Work in Progress*, rescued and posted online by Clive Hart and other experts; conversations in virtual foreign study groups and the note-taking work of Roland McHugh; but, as we progressed, other keys to reading are revealed by the context. Hundreds of them, so far. What a privilege it is to empathize with Joyce, trying to see what he might consider in that moment and the circumstances of the composition of his most demanding novel, both for himself and for his sleepless readers. *Ulysses* was written in seven years and *FW* required sixteen, in poor health and earning derision from his more enthusiastic promoters. “Why did you insist on doing something like this in the last years of your life?” He mentioned that this work was NOT literature at the time, but that it would be one day. It is precisely now, in the age of hypertext, that it becomes the most accurate representation of your final project.

For me, as a reader, the clarification of references opens up the panorama of another universe of knowledge that I would not have access to through conventional means, due to lack of interest, focus or opportunity to discover it. For example, Nordic mythologies, ancient Egyptian and Chinese cultures, episodes from the history of Europe, an approach to literary works and diverse texts that I was unaware of and a whole body of data that enriched my perspective on world culture, approaching people distant in time and in space. The same will be found by any curious and attentive reader.

<https://youtu.be/eztagn69sfo>

What was the search and relationship with publishers like?

In both cases, the editors came along through social media. The relationship with both has been good, as my interest is more in publicity than in profit, and I feel that I move a huge stone of reluctance, contempt and forgetfulness with just a tiny lever, which is my computer.

Can you talk about the translation process?

I started with the first page in 2005 and it took me two weeks to complete an initial version with satisfactory notes, a version that was later published in a national newspaper. Between June 2007 and the same month of 2008, I completed the first chapter, and immediately started the second, which I finished a year later, in 2009. In 2016, instigated by Marcelo Zabaloy's challenge, I started FW II.2, and finished in 2018. I then started Anna Livia Plurabelle, which I finished in 2019. On that occasion the second Peruvian publisher appeared, which went through the motions to request support from *Irish Literature*, whose resolution came in November 2020, due to the pandemic. This book was released in November 2021.

If I were to continue on my own, it would be a project to which I would return from time to time, as I developed my own narrative and poetic work; but FW's advances would not see the day light as a book until it was completely finished, with all 17 chapters fully readable and annotated; however, if a project were undertaken with the financial and human support of educational or cultural institutions, and at least one publisher with economic power, I would assemble an international team that would meet virtually to work simultaneously on all the sections, individually or in pairs, after having transmitted my method to them, and a complete edition could be finished in a period of three to five years, ready for publication. And yet I would continue to rework that text for the rest of my life, because with each rereading new aspects that interest me emerge.

What translation methods and research tools did you use?

I have developed my own method to identify the languages with which Joyce grafted the English text, but mainly the patience and enthusiasm to reveal (first to myself) both these sources and the explicit and implicit references. I work sentence by sentence, until I am at least ninety-five percent satisfied; I go forward and back to revise and compare with what I have found later. I look for dictionaries and online or printed documents that confirm the first impression of the passage I am working on.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any elements, such as orality, neologisms, literalism, rhythm, etc.?

Obviously, as it turned out, I prioritize the meanings, the coherence of the text, the emergence of the “linear and interrelated” plot, as James Joyce stated in a published interview. With a poet’s ear, I also look for rhythm and cadence, the richness of images and language, the original structure, including the somewhat arbitrary punctuation that usually characterizes the Irish author, even if it is functional for his message.

Do you have a favorite part of the job? Can you quote it and comment on your translation options?

In fact, I feel that the ENTIRE text is balanced, as with any narrative exercise, although I particularly like a segment on page 287 that parodies a Latin exhortation: —*venid sin dilación, hombres pretéritos, mientras un pedacito de papiro imperial de segundo grado, relativo a los que nacerán después, se exhibe con mayor propiedad en la lengua romana de los muertos. Déjennos, sentados gozosamente sobre ollas de carne (Éxodo 16:3) y viendo de hecho el sitio de París de donde surgirá una gran progenie humana, volver en nuestras mentes a la sabiduría más antigua de ambos sacerdotes Giordano y Giambattista: al hecho de que todo en el río fluye de manera segura, con una clara corriente, y que esas cosas que habrían estado en la ribera estarían después en el lecho; finalmente, que todo se reconoce a sí mismo a través de algo opuesto y que la corriente es abrazada por orillas rivales—*

For example, in this exceptional case, I added a biblical allusion to the text that seems unmotivated, which contextualizes what refers to slaves' access to their masters' opulence: *y les decían los hijos de Israel: Ojalá hubiéramos muerto por mano de Jehová en la tierra de Egipto, cuando nos sentábamos a las ollas de carne, cuando comíamos pan hasta saciarnos; pues nos habéis sacado a este desierto para matar de hambre a toda esta multitud.*

This is an example of how notes help the text focus our attention on new reasons that enrich the original speech.

Researcher Patrick O'Neill praised the translation of your title in an article published in the *Qorpus* journal. Can you explain the choice for *Estela de Finnegan*?

As the researcher explained, I chose this title perfectly applicable to the first chapter because it is one of the possible translations, which has been much discussed, and which is perhaps the least obvious, so it is also a provocation. But, really, this excerpt addresses the origin of the novel with an emblematic character of the first page, the bricklayer Tim Finnegan, who falls supposedly "dead" from a wall, personifying divinity in all its manifestations, especially Christ, God himself made man, and which will be revealed by his new avatar, HCE, who at the end of FW I. 1 appears entering Dublin via the River Liffey aboard a boat, which generates a trail that includes history, the present and their future consequences, predictable since then, as they are already addressed in this text, which is cyclical, with different eras repeating themselves in time, according to Giambattista Vico and other authors.

What is your relationship with translation theories?

I have no formal relationship with translation theories. I did not approach the text from any prejudice, rather I faced it as an interested and curious reader, appealing to what its author had stated about it and with enormous respect for the flow of his prose. I had no prejudice, but indignation at what had been built around FW for decades, demeaning it due to the blatant incompetence of its detractors, although among them there were names of enormous stature, such as the confused Samuel Beckett, as well

as T.S. Eliot; the tantrums of our beloved Borges (in Castilian) or the incomprehension of the Cuban genius Guillermo Cabrera Infante, a spirit from another prodigious island related to Joyce. I respect the efforts of those who sought a loyal and real approach to the novel, such as the brothers Augusto and Haroldo de Campos, Dr. Ricardo Silva Santisteban and precisely Marcelo Zabaloy, who is passionate like few others about complicated and demanding texts for the reader and translators.

Do you think *Wake* fits into any translation theory?

I don't know and, in this case, it is a challenge for the theorists themselves, and if it does not fit into their prejudices, it is their problem, not its author's. It's not mine.

Can *Wake*'s translator be considered a co-author of the book?

I don't consider myself a Joyce's co-author, nor I would do it for ego or pedantry, which can never be too much in this task, but what he says are not images that arise naturally from my daily mental process. His organization of ideas is not mine, although I managed to join them, so DEFINITELY the translator label seems enough to validate this work; but I don't even need to, I rather consider myself an "attentive reader" who investigates and disseminates his discoveries. That's why I call my contributions "An Annotated Reading." And I am pleased to be the first or second reader (other than its creator) who UNDERSTANDS this work in essence, after (perhaps) James Stephens, a close friend of Joyce, to whom he revealed his method of composition and was charged with continue the novel if Joyce died in the process. He would be its co-author, as the respective credits would appear on the cover as JJ & Stephens, emulating the whiskey brand *JJ & S, John Jameson and Son*.

Some translators of the book replace references from the original for references to elements from their countries. Do you agree with this transcultural process? Where is your project located in this context?

Nothing seems more shocking to me than reading this, which is exactly how García Tortosa presents his washerwomen in chapter VIII, published by the publisher Cátedra: as if they were Sevillian mops. Furthermore, I have the notes apparatus so

that, if the original reference is important, I can point it out in context. I would never present the Virgin of Guadalupe (symbolically so important in Mexico) or historical figures from my country who resemble nothing, although in the colonies we always have our own Liberator. On the other hand, Joyce presents the Aztecs on their own in FW, the Popocatepetl volcano as a representation of HCE in its mountain “incarnation” and some rivers of my country in the chapter “Anna Livia Plurabelle”.

What are the main differences between your translation and other translations into Spanish, such as the complete one by Zabaloy, and partial ones, such as those by Pozanco, Lago and Tortosa?

I respect Zabaloy’s work, which brings to Castilian a “complete” version that an average reader would understand in its original language, English, and he does so committed, without pretense and joyfully, with regard to the pleasure of understanding some passages and transcribe them with dignity. Pozanco’s “thing” was a fragmented work, worthless to me. García Tortosa’s fully portrays the academy’s position, with a preliminary text of 150 pages where the FW is contextualized with solvency, which is appreciated, but as a translation it is entirely indigestible. Eduardo Lago managed to give the ALP at least an outlined body, but he himself got lost and skipped several pages, which he had to recover at the end of his project published on Vila-Matas’ blog. From this work, he also rescued the introductions, but with a third of his mission left he had already lost the initial momentum and was complaining as if it were an unbearable martyrdom. I also highlight Ricardo Silva Santisteban’s fragmentary approaches to Joycean works, especially FW. There are two other Argentine versions that are quite solvent, although still unreadable as a coherent and pleasant literary text: Chitarroni’s and Lamborghini’s.

I consider that my versions of the four already completed chapters are coherent, enjoyable as literature, that they recover Joyce’s joy in writing, as when he locked himself in his room to laugh, to the astonishment of Nora, his wife. I identify in them the prose and style found in the translations of *Ulysses*, with the same obstacles attributable to the author’s style and approaches, but which are pleasantly overcome, also by the sense of humor that (finally!) I was able to clearly convey in my mother tongue, according to the author’s suggestions. The notes open the panorama to surprising universes of knowledge that encourage us to continue investigating and

apprehending the different “realities” of man over time, until touching the highest concepts of spirituality through the Quran, the Bible, the Kabbalah, various religious or hermetic texts, and even the esoteric vision of the poet WB Yeats, which I was not familiar with.

In addition to these translations, what do you have to say about those made into other languages?

I don't understand or appreciate them as literature. More amusing are the glosses and “explanations” from various experts, who also get lost in digressions, inventing their own narratives without a reliable support in the text, but I see them as works of purely speculative academic fiction. In fact, there is a shared, relatively clear backbone of the plot, whose exposition divided into chapters does not exceed a few pages. In general, they are like “a dog chasing its own tail”.

What should the *Finnegans Wake* translator look for to be successful? What are the freedoms and limits of this work?

The FW translator must seek EXACTLY what is sought in any other text: deliver it in its *entirety* in its target language, in the best possible way for your enjoyment, without concessions. As readable and coherent as the text allows it to be and deserves to be translated into another language. If I thought the effort wasn't worth it, I wouldn't do it. How am I going to translate what I don't understand or don't like? If my understanding and interest in doing so are null or partial, it doesn't even make sense to accept the slogan.

There is absolute freedom to obtain all the tools that contribute to the effective translation of the text: biographies of the writer and his relatives (siblings, parents, children, spouses), other translated versions of FW or other works of the author, history books or reading guides and the place where the plot unfolds, critical studies and reviews. Conversations and consultations with experts. If necessary, to empathize with the author, even receive advice from a medium, before even starting to do so, leaving gaps in understanding of the words or the objective of the work, which could also raise the issue of confusion as a goal, such as Pound's *Cantos*, surrealist, dadaist or similar

narrative experiments; certain types of poetry, interior monologues or streams of consciousness, narratives of the absurd, and so on.

Don't take a step into the void without seeing the goal, some strong reason and the passion to take that risk that can lead to both doing or dying. And knowing how to stop in time, not to buy a pig in a poke, as often happens with FW and other complex texts, which tend to summon and seduce us little by little, both to read and to translate, if necessary.

Can you talk about *Finnegans Wake's* multilingual wordplays and how you worked with them in your translation?

I have covered them in parts. First, elucidate the meaning in context; see where it comes from and anticipate where the sentence might go. With the graphic or phonetic keys (how does it sound?) you have a base in English. Listen in your mind and repeat it out loud. Several times. Next, pay attention to variations in spelling: the use of an interspersed or missing letter in a recognizable word (*commodius*) indicates that there is something additional there. The appearance of an apostrophe or the unusual change in syntax of a common, colloquial phrase are also clues (*Eve and Adam's*) to take into consideration. Unusual constructions in portfolio words that reveal additional meanings (*riverrun*), polysemic (*back*) or obscure (*vicus*) concepts that may come from different languages, but dialogue with certain meanings due to the context in the original (*recirculation*). The paragraph divides a word into two or more implied meanings. Seemingly arbitrary use of uppercase (*Environs*) or lowercase:

*riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to
Howth Castle and Environs.*

Many parts of the book escape the forge of normative grammar. How important is this ungrammaticality to the poetics of the book and how did you deal with it?

FW responds to his own grammar and, to understand it, it is enough to elucidate its relapses, and not the norms, which were anticipated mainly in *Ulysses*. It shouldn't be surprising that the same word has two meanings and different arrangements in

similar sentences, separated by several lines or pages, but you should always lean on the context: see if it is valid, or even if the opposite meanings “fit” (or not) in the internal coherence of the speech, as it is also common for one sentence to be reaffirmed or denied in the next. Or in this same grammatical construction. Saying that someone appears at a gala ball elegantly dressed in their birth attire alludes to being naked, for example. To do this, it was necessary to rehearse, experiment, discover and advance in the text to reaffirm the non-explicit tricks or recurrences that I mentioned previously.

***Finnegans Wake* spent many decades with only partial translations, but today there are also several complete translations. What do you think of the constant retranslations? Is the space for them unlimited?**

It is unlimited as long as there is not at least one canonical and stabilized text to provide with sufficient foundation the constructions of variations, interpretations and academic speculations. We analyze *Don Quixote*, which is a text already fixed in time, which does not require the addition of a comma, and we can still approach theories and create speculations around it. This is what my work aspires to, being able to be retranslated without (many) problems into any language; but I am convinced that this is what Joyce offered his readers and that my translation proposal is very close to what he himself understood and appreciated when composing and rereading his text. At least, I like it as something original, exuberant, extremely beautiful and unprecedented.

What do you have to say to theorists who label *Finnegans Wake* untranslatable?

Finnegans Wake is the most ambitious work of a 20th century literary genius, who is incomparable in his creative plenitude. The greatest example of his talent. And we must approach this monumental work that aspires to integrate the history of the world and literature in a single volume, whose meanings unfold themselves profusely, giving the impression of being the authentic endless book that Borges aspired to.

APÊNDICE 1.2.11 – Hervé Michel (França)

Hervé Michel, French translator²¹⁴

Source: translator's personal archive (2021).

Hervé Michel is responsible for the last of the two complete translations of *Finnegans Wake* into French, which he titled *Veillée Pinouilles*. Son of French parents, he was born in Casablanca, Morocco, in the 1950s. Although he was always in contact with literature, he built his career in the French public administration. In 1998, after traveling to various parts of the world and acquiring a varied linguistic knowledge (Arabic, Greek, Latin, French, English, Spanish, etc.), he began translating the multilingual final work of the modernist James Joyce. In 2005, he published his translation in an online format, which allows him to make constant changes, giving the text an open character, always in flux, according to the solutions that emerge from new readings and from dialogue with critics and other translations. In this interview, conducted by email between the end of July and the beginning of August 2021, Michel presents *Veillée Pinouilles*, addressing aspects and processes of his translation in a language that mixes information, analysis and literature.

²¹⁴ The Portuguese and French versions were published in a joint version by Qorpus magazine. Available at: <https://tinyurl.com/39hccrjw>. Accessed on: 29 Jan. 2025.

Hervé Michel, can you talk about yourself and your relationship with literature before discovering Joyce?

I was born in Casablanca, Morocco, at the time of the French protectorate, in 1950, because my father, a young administrative officer, had just gotten a position there. Morocco's adhesion to independence in 1956 soon led to our return to France in 1962. Thus, I lived my childhood with the carelessness of my time regarding the colonial society in which I lived and the apartheid that ruled social relations between the so-called Europeans and the so-called Arabs. But even at the Catholic school of the Brothers of Lasalle, the gradual advance of decolonization was felt when we were asked to open our notebooks to write our exercises in Arabic. Of course, I learned to read French, so that I made my first explorations with adventure novels, in particular Jules Verne's *Twenty Thousand Leagues Under the Sea*, or *Around the World in Eighty Days*, or Selma Lagerlöf's *The Voyage of Nils Holgersson*. My family soon discovered my reading side when my mother caught me in tears in the library while I read the *Chanson de Roland*. This literary tropism was reinforced by classical studies of Latin and Greek (with the joys of the *Odyssey*). However, my professional orientation was more focused on prosaic studies and I became involved in Economics and Political Science, especially when I was admitted to the Paris School of Political Sciences, having completed a year-long internship as a finance technician in New York, which significantly consolidated my understanding of the English language.

The disorder of my youth forced me to leave university and set out on the roads of the world, according to a journey I described on my website.²¹⁵ At this stage, I read more philosophy (Deleuze and Derrida) or theory (Guy Debord), even mysticism (Castaneda), than literature. This period culminated in the meeting with my wife, Constance Hélène, with whom, at the age of 30, I returned to live in Casablanca. I spent a lot of time reading the Quran and Muslim theorists such as Sayyid Qutb; demanding but lonely and poorly paid work, which led me to return to France in the administrative sector of the Ministry of Finance, where Joyce's work began to occupy my free time.

²¹⁵ Michel, Hervé. "Á Páilir!" Veillé Pinoulles. Web. 9 ago 2021 <<https://tinyurl.com/nh2m3hn3>> [interviewee's note].

Les infaits donc, les posséderions-nous, sont trop imprécisément peu pour garantir notre certitude. Néanmoins, la muse égrevine acire largement plus viesemblable et notre galeurrie notionale est maintenant complètement complaisante, un exégieux monument, aéré pérennieux (VP, p. 57).

How did you come to Joyce's work and the translation of *Finnegans Wake*?

In fact, it was only at the time of my return from Morocco that I discovered *Finnegans Wake*, because my reflection by analogy with the Alcoran pointed out this prophetic work as the most distinct manifestation of the creative wave/particle dialectic in linguistic material, and also the contact of creation by an incredible approximation of the boldness of the original chaos, mixing culture with remarkable erudition, or, as the text itself says, *Un oiseau de parodie, postprophétique*. (VP, p. 11). *Poufpouf*. (VP, p. 12)

As, however, I passed all the internal exams for administration, up to the highest level at the National School of Administration, I entered the career of civil administrator at the Ministry of Defense. I thus achieved the financial security that allowed me to embark on creative writing research ventures, starting with *Finnegans Wake*.

Did you think about publishing in printed format or was the idea always a digital version?

Publishing on the internet has proven to be an easy communication tool, which allowed me to shape a literary object and make it interact with groups and individuals who may be interested in it.

Naturally, I suggested to about fifteen publishers the publication of a printed book. I did not reach agreement on this idea. Only a few magazines responded to my letters, publishing reviews (*L'atelier du roman*, *Viridis Candela*, etc.).

It is possible to follow on your website the changes you realize in your translations. Would the digital version be better suited to the mutant sign of *Finnegans Wake*, given the possibility of constantly changing it?

Yes, it would also be good to implement an online *Wikiwake* in which we could change the text, according to the most diverse opinions, which allows us to go beyond FWEET's word-for-word annotations.²¹⁶

Regarding the translation process, what were the steps and time spent?

There were three main stages:

- First reading and word-for-word translation based on McHugh's notes: 1998-2005;
- Second reading and review of the solutions found by comparison with the interpretation elements of John Bishop and his *Book of the Dark*, as well as with the translation by Marcelo Zabaloy: 2005-2012;
- Random readings through review of critical studies.

In the "intraduction"²¹⁷ to your translation, among other authors, you cite Derrida and Lacan. How did they influence you, as well as views not linked to translation theory?

Jacques Derrida is the one who echoes Walter Benjamin on the theory of translation, especially when he says that "languages are not strange to each other. (...), they are all (...) related [by] an intimate relationship, (...) which attests to the translatability of the texts. In this report the true or *pure* language is hidden."

Regarding James Joyce, Derrida managed to shed light on the fermentation device of a textual mass in *Finnegans Wake*, challenging academic erudition, conceived as a production and reproduction machine, which drowns knowledge in its univocity. The text can only be apprehended by annihilating the impossibility of deciphering, confusion, untranslatability, combined with the invitation to endless translation. This corresponds to an exorbitant demand on the part of the author with regard to an (ideal?) reader for exclusive attention. The monument goes beyond the reader who discovers it, but at the same time it marks him with an echo of pleasure in the midst of chaos.

²¹⁶ FWEET is a *Finnegans Wake* research site available at: <http://www.fweet.org/> [interviewer's note].

²¹⁷ "Intraduction" is the mixture of "translation", "untranslatable" and "introduction" [Brazilian Portuguese].

Derrida made me feel like Joyce, “as it does with the meaning and the letter of the name of God”.²¹⁸ Through his incomprehensible work, to read it, you have to distance yourself from what you are reading, with lots of fun.

From the phenomenology of biblical writing to the psychiatric symptom, Lacan translated the “need to be” as that “which does not cease letters”.

What were the main resources and sources you relied on?

I have already cited McHugh’s *Annotations*, the FWEET Elucidation Treasury site, and John Bishop’s *Book of the Dark*, whose interpretations I have followed most of. This was not the case with Tindall’s reading guide, which overloads the book on narrative aspects while ignoring its inconsistencies.

Also very inspiring and brilliant is *Shorter Finnegans Wake* by Anthony Burgess. Among the countless works of criticism, I will mention *Eternal Geometer* by Margaret Solomon, which helps to understand why they heard James Joyce laughing as he worked on his *work in progress*. Of course I read Philippe Lavergne’s translation, but without starting with it. And I consulted him less and less as my translation progressed and as I turned more to Marcelo Zabaloy’s Castilian version.

Did you follow any translation theory? Can *Finnegans Wake* be boxed in by translation theories?

With regard to language, it can be said that there are different types of discourse, specific to each person and to bigger or smaller groups, and that, among them, these discourses are understood in different degrees and according to restitutions with random fidelity. The standardization of human relationships and the agility of electronic memories allow increasingly vast fields to exchange increasingly accurate synthesis. Translators, therefore, have the immense field of work of fixing semiological correspondences, to the extent that they are biunivocal and useful in a given network of linguistic relations. They exist to sanction the relevance of equivalences. The conformity of intelligibility depends on the location of the texts

²¹⁸ Derrida, Jacques. *Ulysse gramophone, Deux mots pour Joyce*. Paris: Galilée, 1987 [interviewed's note].

(source or target) in the mapping of possible utterances, or even just admissible ones. Errors, ambiguities, jargons, approximations and puns are endorsed by the author's signs of irony. But when the text is transposed, it is the reader who will decide whether, after all, he understood it. And it is in this sense that, for me, translating *Finnegans Wake* is the only way to read it. The profusion (in English) of marginal notes and communications from Joycean circles attests the freedom that reigns in these pages.

Some translators keep *Finnegans Wake* in the title, while others “translate” it. You chose the second choice. Can you talk about it?

I recommend the excellent article that Patrick O'Neill produced on this subject in *Qorpus* journal.²¹⁹ For me, this is clearly an appropriation by my reading of the translated text. I would add that I found it interesting to give it this non-serious aspect, like when we talk about “carambistouilles” in French, leaving open the enigma of its textual richness, which is like a “pirouette”.

Can you quote excerpts and address the respective issues you encountered, as well as the solutions you gave to them?

I would describe this as a bias I have adopted:

- formal transposition: achieving a text visually similar to the original, as received by the reader who speaks English, if not Irish;
- immanence of meaning: unlike a conventional translation exercise, this is done word by word, since the author's intention to be faithfully translated is masked by the mixture of languages;
- physicality of written language: corresponds to orality and musicality, ensuring that the result has a strong aesthetic impact.

I will choose the following excerpt that says: “Why?”:

²¹⁹ The interview was published in a special edition of *Qorpus* journal (volume 9, December 2019) about James Joyce, which is available at: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [interviewer's note].

Par l'antar de Yasas ! Les intirétés de vivre la vie étant la seule substance d'un devenir flux. Totalisé dans le contérecompté et racontécompté dans le can dit racompte. Pourquoi ? Parce qu'il y a deux signes vers quoi toumer, le post et l'ist, le côté du rect et le côté direc tort. Pourquoi ? Sur la vie sourde nous avons le Moskiosk Djinpalast avec ses adjacences jumelles, la maison de bains et le bazar, allahallahallah, et sur la vie sponde c'est l'alcovan et le jardin de roses, bonie nulleté, tout puraputhrie. Pourquoi ? T'une fois ronron patapon l'histoire de la fince et des petits jeunets. Pourquoi ? Tout dire aboie demeurer, vidnis Shavarsanjivana, et tout-en-rêves peutétrant ondre chanceloupe sont enfin au travers. Pourquoi ? C'est une sotté de secsac, systome dystome.

Il y a quelque chose de supernoctural peu importe ce que vous l'appellez. (VP, p. 596-598)

And for Brazilian Portuguese:

*Qu'est-ce que, **para** Saom Plaom, au nom de Deucalion et Pyrrha, et des dieux incensés du foyer et licenciés des pénates et Stator et Victor et Kupela et Brisela et toute la **mesa redonda** de Lorenção Otulass en **convocação**, faisait réellement ce type humain bassement inintéressant, cette Colonne Calomnieuse de Cloaxité, cette Balise de Bengale de Biliosité, cet Aper Annamite d'Atroxité, il sera précise de le quarifier, car il semble au bas de bas comme cas? (VP, p. 179)*

How was your translation received by the French public and French academia?

Close to zero.

Pas d'action, peu de sauce. (VP, p. 274, left side note)²²⁰

Donaldo Schüler carried out a transcultural translation, taking *Finnegans Wake* to the Brazilian context. In addition to the language, or *lalingua*,²²¹ did you also bring French culture to *Veillée Pinouilles*?

²²⁰ *Pas d'action, peu de sauce.* [interviewer's note].

²²¹ "Lalangua" (in French) or "Lalingua" (in Portuguese) is a term by Jacques Lacan, who dedicated the seminar "The Sinthome" to the analysis of Joyce's work [interviewer's note].

Very little beyond the title and name of Pinot and the Shem-Shaun variants, most of the time it is about bringing elements of Irish-British culture to the French reader.

– Hep there! Commong, sa na pa de valore? (VP, p. 478)²²²

Philippe Lavergne's translation received some criticism, including domesticate *Finnegans Wake's* multi-referential pun. What do you think of this translation of *Finnegans Wake*?

Philippe Lavergne's translation occupies a pioneering place in the history of *Finnegans Wake* translation. It was the first complete translation, completed in 1978, and was recognized by the French Academy Award (*Prix de l'Académie Française*). From a translation point of view, Tim Conley masterfully highlighted,²²³ through a relentless examination of the footnotes in Lavergne's translation of *Finnegans Wake*, the indifference and negligences that the translator seems to deal with without worrying about the cold shadow which projects onto the text, with latent censorship directed to its fundamental ambiguity. He takes on the shy and sad side for whom the pun is "the dung of the mind which soars",²²⁴ as Victor Hugo said, and which cannot be translated. There is resolution of constant ambiguities in the text through arbitrary choices that freeze the signifier. The magnificent job offer for the translator is undervalued.

For me, who read *Finnegans Wake* before tackling Lavergne's translation, I did not find what I understood in the source text and therefore gave in to the call to immerse myself entirely in the contemplation of this scriptural goldsmith gem.

In the first line, Lavergne took the translation to Notre Dame, while you kept yours in the Irish cathedral of Adam and Eve, just like the original. What are the main differences between your translation and his?

²²² "Epa lelê! Camus é, éça porra nuntem valore?" (FR) [interviewer's note].

²²³ Conley, Tim. "Avec hésitation": Lavergne's footnotes and translations of *Finnegans Wake*. *Scientia Traductionis*, n. 12, 2012 [interviewed's note].

²²⁴ HUGO, Victor. *Les Misérables*. Trad. Isabel F. Hapgood. Nova Iorque: Thomas Y. Crowell & Co., [s. d.]. Available at: <https://tinyurl.com/bdfj89r2>. Accessed: 28 Jan. 2025 [Interviewer's note].

Lavergne took the greatest of liberties with the multiple rays of meaning that weave this first sentence which, as we know, is the continuation of the last. It begins with a word “*erre*”, of which there is no idea in the original text. To stick with the first word, “*riverrun*” is strictly in English “*the flow of water*”, “*current*”; without a doubt this is what leads us in life, in an incessant repetition or permanent renewal, therefore “re...” in a movement that goes beyond the story of Adam and Eve whose relative positions are reestablished, as long as we first go to Eve. The idea of “re-current” is taken up in the rest of the translation of this first paragraph, although translating *comodius vicus* as “*recourante via Vico par chaise perece*” is unnecessarily scabrous.

How do you analyze partial translations into French, such as that of Samuel Beckett?

There is a focus in chapter 8 of these translations, including the one in which James Joyce himself participated (with Samuel Beckett). That said, Beckett seems to me to be the most closely related to the original, although Patrick O'Neill has demonstrated in *Trilingual Joyce*²²⁵ that Joyce himself did not endorse it.

Comparative examples of translations:

Round table on the topic “Translatable? Untranslatable?” held at the Institute for the Study of Islam and Societies of the Muslim World at the School of Advanced Studies in Social Sciences. Paris, March 14, 2014.

Paper presented by Hervé Michel “The experience of translating *Finnegans Wake*”.

²²⁵ O'Neill, Patrick. *Trilingual Joyce: the Anna Livia variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018 [interviewed's note].

FW 201.7

Chapitre Anna Livia Plurabelle : p.201	Andre Peron et Samuel Beckett :	James Joyce, Philippe Soupault, P.L. Leon, Eugene Jolas et Adrienne Monnier :	Philippe Lavergne :	Halphé Mihcel :	Michel Chassaing	Traduction d'un traducteur automatique (http://trans.volta.fr/volta)
For the putty affair I have is wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer, my life in death companion, my frugal key of our larder, my much-altered camel's hump, my jointspoiler, my maymoon's honey, my fool to the last Decemberer, to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to.	Car le trou vaseux que je possède est tout use, ah oui, a force d'etre assise a beailler et a attendre que mon vieux baiseur et adodderateur Danois, mon compagnon a la vie a la mort, le sobre quaidenas de mon gardmanger, ma bosse de hameau bien abimee, mon briseur de jointures, le miel de ma lune de mai, mon bouffon jusqu'au dernier jour de Desambre, s'eveille de son somme d'hiver et m'enfile comme il en avait coutume !	Car l'aroumastique que j'icy possède est tout troue, y a pas a dire, seante et beaillante et guettante mon vieux Danois d' addoderateur, mon compagnon a la vie dans la mort, quaidenas de careme de mon garde manger, ma bosse de chameau bien alteree, mon briseur a plat de ma jointe resistance, le miel de mai lune mon grand fou jusqu'au bout de Desambre qui s'eveille enfin de son somme d'hiver et m'enquiquine comme au temps de ses rixes.	Car le petit machin que j'ai est bien use, ca c'est vrai, a force d'attendre et crier Noel qu'il vienne, mon compagnon de vie et de mort, la cle frugale de mes bardes, la bosse camelique du renouveau qui desaltere, ma panacee renversee, Mon miel de Maynooth, mon fou de la 31 decembre, pour s'eveiller de son Conte d'Hiver et me devorser tout comme il le faisait naguere.	Car l'affaire founette que j'ai est toute trouee y a pas a dire, assise beante et attendant mon vieux Danois addoderateur, mon compagnon de vie dans la mort, ma frugale de notre lardier, ma bosse de chameau tresalteree, mon turbule jointure, miel de lune de mon mai, mon fou jusqu'au dernier Decembrier, pour qu'il se reveille de son roupillon d'hiver et me deperce l'ennui comme il faisait susuellement.	Car le putti trouc que j'ai est tout use, que j'vous dis, assise, abaillant et attendant mon vieux Danois hodeur dadoreur, le compagnon de ma vie dans la mort, ma frugale cle de notre frigardeur, ma bosse de chameau bien alteree, mon dejointeur, Mon mielou de mailune, mon pleinfou de fin decembre, se veille de sa somme d'hiver et m'ennuie un bas coup comme d'antant.	Pour l'affaire de mastic que j'ai est a porte dehors, ainsi elle est, se reposant, jacassant et attendant mon vieux dodderer de hodder de Danois, Ma vie dans le compagnon de la mort, mon clef economie de notre gardemanger, la bosse de mon chameau beaucoup- change, mon jointspoiler, le miel de mes maymoon, mon imbecile au dernier Decemberer, pour se reveiller hors de son hiver somnolez-et ennuyez-moi vers le bas comme il employait a.

Various translations of the Monologue at the end of the book

The translator of *Ulysses* and *Finnegans Wake* into Castilian, Marcelo Zabaloy,²²⁶ is a declared admirer of your translation. What do you think about the translation he made of *Finnegans Wake*, the first full into Castilian?

Marcelo Zabaloy has all the skills that led him to success in his titanic feat of translating *Ulysses* and *Finnegans Wake* into a modern, fluid language. I feel indebted to him for his consideration and willingness to grant me moments of pure pleasure in our dialogues about the translation and the obscure contours of the language surrounding the text.

There is a critical text that anticipates your translation, the “intraduction”, and some tables, informations and reflections on plot possibilities on your website. Some translations, such as those by Schüler (Portuguese), Victoria (Castilian) and Schenoni and Terrinoni (Italian) are extensively annotated. What is your point of view on these critical editions? Does criticism stifle or enhance the text?

²²⁶ An interview with Marcelo Zabaloy was published in a special edition of Qorpus journal (volume 9, December 2019) about James Joyce, which is available at: <https://tinyurl.com/8dnu6zhm> [interviewer's note].

Everyone must be invited to the party.

That said, my “intraduction” is not a critical text, but a writing device intended to collect literary, philosophical, or poetic feelings in the flow of translation action.

Brazil has the full translation by Donaldo Schöler and partial translations, including two by Dirce W. do Amarante and one by the brothers Haroldo and Augusto de Campos. Furthermore, it is about to publish a full translation, made by a collective coordinated by Dirce W. do Amarante,²²⁷ and also has at least two more complete translations *in progress*.²²⁸ Do you believe that a work like *Finnegans Wake* is always open to new translations?

The truth of *Finnegans Wake* lies in its translation. It is also the literary future of the languages that dedicated themselves to this work. Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki, Fuat Sevimay²²⁹ and others will open new worlds for us.

Are reader and translator co-constructors of the work or is it possible to carry out conservative readings and translations?

The reader and the translator are co-constructors of the work, just as Marcel Duchamp’s spectator paints the picture. Let’s drink at the fountain!

A book is needed that manifests not the impasses, but the “imposses” of the Logos

[it doesn’t get anywhere, because it takes a turn at the end
speaks only about itself, self-referential, forms forms
Laughter, ruins and resurrection
Hyper-realistic stream of consciousness
Virtuosity of sexual virtuality
Card trick, prestidigitation and omission]

²²⁷ This translation coordinated by Amarante was published in 2023 under the title *Finnegans Rivolta*.

²²⁸ In addition to *Finnicius Revém* and *Finnegans Rivolta*, complete translations, there are four complete translations in progress. The translators are: Caetano W. Galindo, Vinícius Alves, Afonso Teixeira Filho and Luis Henrique Garcia Ferreira [interviewer’s note].

²²⁹ Dai Congrong, Krzysztof Bartnicki and Fuat Sevimay are translators of *Finnegans Wake* into Chinese, Polish and Turkish respectively [interviewer’s note].

*Pas de coupahurlantes ni d'abucalises ni aucun de jodelles de punchons ni aucun rien.
C'est notre vie crasse, hairsute, éterne et nulle. (VP, p. 455)*

– *C'est des réponses, ça ?*

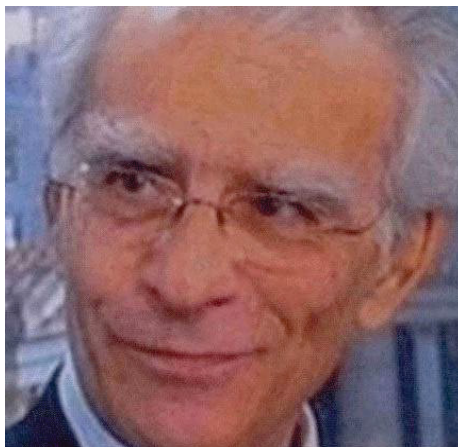
– *Ce suis quiérieux !*

– *Crashedafar Corumbas ! Un Czardanseur en réalité ! Dervilisglade aussi. Ortovito
semi ricordo ?*

– *Ça ne sangnifie rien ! (VP, p. 513-14)*

APÊNDICE 1.2.12 – Eleftherios Anevlavis (Grécia)

Eleftherios Anevlavis, Greek translator



ANEVLAVIS, Eleftherios. **Own's translator Facebook profile photo.** Available at: <https://tinyurl.com/4bs3886e>. Accessed: 17 October 2024.

Eleftherios Anevlavis translated *Finnegans Wake* into Greek under the title *I agrýpnia ton Fínnegan*. The work, which took 7 years and was published in 2012 by Kaktos, is accompanied by extensive critical material, such as numerous notes and an introduction. The first complete translation into Greek, *I agrýpnia ton Fínnegan* contains 1,608 pages.

Anevlavis, who is a doctor with numerous publications in the field, states that medicine is his wife and that literature is his lover. In this interview, conducted between February and April 2024 through messages exchanged on our profiles on the academia.edu website, the “Free and Relentless” (the translation of his name into English) Greek translator chose not to answer the questions in a linear and in installments way, but he approaches them essayistically in a collage that unified the questions. The Greek translator answered the questions posed in English in his native language.

In the text, after an initial essay-like moment in which he presents excerpts from his introduction to *I agrýpnia ton Fínnegan*, he presents a medley of various comments that critics have made about his work, which are mixed with some statements that he

himself gave in previous interviews. Anevlavis's interview-essay presents various aspects of the "plot" of *Wake* and addresses issues related to multilingualism, multiculturalism, the nonsense effect, the plurality of the punning *portmanteau* word, etc.

***Finnegans Wake*, two words about the translation,
by Eleftherios Anevlavis²³⁰**

Clearly and honestly, the reader must be told that James Joyce's book, *Finnegans Wake*, isn't read like a novel, or a soap opera, or a fairy tale. The book is generally not read. Joyce himself notices this when he writes: Confusion, entanglement, perplexity, ambivalence, the glow on the reader's face. (Letters, I, 222). The book, based on Joyce's allusions and puns, should be "rewritten" by the reader when reading it. Joyce doesn't write in English. He writes in his own language, incomprehensible to anyone who does not know his secrets. He writes in Wakeanese.

In *Agrypnia* (*Wake's* translation), language is the protagonist, it is the means through which the message is expressed which, in turn, is the language itself, that is, the world that through it we create, understand and express. *Agrypnia's* language seems contradictory and caught in a vicious circle, which prevents the reader from getting used to the linear flow of narration of traditional books, and initially repels him, making him give up. However, when you can glimpse through the language the cosmos (jewel) of *Agrypnia*, you will be fascinated by the colors, the rhythm and the enigmas. He will be trapped in the spell of the question, the pun, the opposition and the contradiction of the heroes who are many, all of us and each one individually, bearers of a sin, an ancestral guilt. Seeing the Bible at the top of the Eiffel Tower and in a multitude of places, the reader will have fallen into the trap of the continuous repetition of the book. Because each return illuminates their faces and characters in a different light.

It should be clear that *Agrypnia* is not translatable into another language. Because translation here is impossible and leads to the transformation of the work into

²³⁰ Introduction to *I agrypnia ton Finnegan* - Translation and commentaries by Eleftherios Anevlavis KAKTOS Volume I, 2013.

something other than itself. Manto Aravantinou²³¹ translated four short passages. The Greek language was used in a beautiful, understandable and enchanting way. But this type of approach is just a representation to understand the text and leads the reader to a one-dimensional and familiar reading. But, as we know, this is not *Finnegans Wake*, with its multifaceted structure and function; with its polysemy and amalgams of words. Perhaps the only way, if any, to “translate” the *Wake* is to have the work rewritten by the “translator” in his own “Wakean Greek” I sought to rewrite it with the structure and function of Joyce’s language in *Finnegans Wake*, the Wakeanese, which presupposes incalculable work. Otherwise, the entire undertaking will lead to mutilation, to the poetic paralysis of the work. Yiannis Kalioris addresses the difficulties of translating *Agrypnia* in his article *Finnegans Wake: a translation test*.²³²

It took James Joyce seventeen years, removing the apostrophe from the Irish ballad *Finnegan’s Wake*, to create *Finnegans Wake*, the dark, somber, *sui generis* jewel of world literature. In the 628 pages of the work, everything happens in one night. The world is broken and made again in one night and in the dream state of the heroes and the author. As Joyce said: “They say the book is dark. They naturally compare it to *Ulysses*, but the action in *Ulysses* took place mainly during the day, and the action in *Finnegans Wake* takes place notably at night. It’s natural that things don’t seem so bright at night. It is not”.²³³ Furthermore, things are confused and free in the dream, where everything is permitted, but also everything is hidden, because the guilt (of the sinful father) is waiting to grab him. And that’s how disguises come about. Incest becomes an insect, so that freedom and guilt survive – in disguise – in the dream. And in writing.

This nocturnal darkness that prevents precise vision and dreamy imprecision, freedom and polysemy is the *Wake* (*Agrypnia*) that cannot lose this effect. To paraphrase Gertrude Stein, *Agrypnia* is *Agrypnia* is *Agrypnia*. Already in the title, the author casts the veil of night over us and his work. And the riddles and puns begin. It removes the apostrophe from the name of the Irish ballad: *Finnegan’s Wake*, which is the core of *Agrypnia* and plunges us into the darkness of interpretation and polysemy. *Finnegans Wake* becomes the title.

²³¹ Greek poet.

²³² According to edition 893, dated April 20, 2007.

²³³ Richard Ellman. James Joyce. Translated by Athina Dimitriadou. Edited by Aris Berlis. Scripta Publishing, 2005.

Without the apostrophe, which would make *Finnegan* singular, *Finnegans* is obviously plural. It does not refer to a person. (The translation of Manto Aravantinou's title as *Finnegan's Awakening* essentially accepts the singular – *Finnegan's Wake* – which, however, does not respect the plurality of *Finnegans* in the title. However, the protagonists of the work are many and condense into one, which is that encapsulates everyone. A hologram where each part contains the whole and is contained within it. By removing the apostrophe, the wordplay, Joyce creates a human hologram.

Finnegans Wake was, therefore, a title chosen as a representation of the work to indicate the multiplicity and multifaceted nature of the protagonists, who are many in one, and one in many. Heraclitus already knew this thousands of years ago: "it is wise to listen not to me, but to my speech, and confess that all things are One".

To avoid the problem of apostrophes and take the words in their original syntax in the title of the work, the translator must focus on the noun *Finnegans* (plural nominative) and consider *Wake* as a verb. *Finnegans* (all of you) *Wake* (wake up). Could it be, why not? *Wake* provides infinite possibilities, and each one of them can be performed differently depending on the interpreter.

As in Erwin Schrödinger's experiment with the cat, in which until observation is made the cat is both alive and dead. The observer, opening the box (relatively blocked) in which the cat is located, decides at that moment, upon receiving the information (from the cat), whether the cat is alive or dead. Until then it is undead in superposition of phases. But in *Agrypnia* the cat is not just one, but also suffers from the "Everyone" syndrome.

So here's another version: *Finnegans* as a compound of Finn (end) another time (again), suggests an end and a beginning. And the *Finnegans* (that is, everyone and everything) start over, awake, just as the book ends and starts again. Anna Livia (the work's multifaceted female form) at the end, transformed into the River Liffey, the river of life, as it flows, as she dies at sea, screams: "Finn, again!" (Finally, again!) And the work ends locally (on the last page) with the incomplete phrase "*A way a lone a last a love a long the*" to continue when restarting the narration on the first page "*riverrun*"... Therefore, the title *Finnegans Wake* (*finn again*) could be translated as *The End Wake Again*, again hovering between the End and the Awakening (because even after the awakening the end will come once again and so on from the beginning, or *Finnegans Wake Up*).

Heraclitus shouts: “We are and we are not”, until there is someone to confess this, until there is someone to hear the crack that the tree makes in the forest as it falls. Otherwise, silence! *Agrypnia* is made up of puns and compound words, *portmanteau* words – two or more meanings grouped into one word (it’s like a suitcase – two meanings grouped into one word), as Humpty Dumpty says to Alice in *Alice Through the Looking Glass*, from Lewis Carroll. Heterosynthesis, like wordplay, overturns the traditional understanding that each word, in a specific situation, has only one determined meaning. Signs are used as substitutes for meaning, or more specifically as the significant totality of the writing, the sound of the word, that is, form-meaning (meaning contained and expressed by that form) in the Wakean language. The traditional translator/reader, used to the linear flow of the narrative, ignoring the traps that hide the work’s *portmanteau* words, chooses only one way of interpretation, while there are two and three embedded in the same word; and tries to find the most logical contextual framework (careful, we are talking about *Wake*!), which semanticizes the text. “Fault of the Phoenix!” Error. Because here the “logic” is alluvial! And it can be seen by anyone who pays close attention to the linguistic soul of the work. The sinner of Phoenix Park hides within him the *Felix Culpa* (Latin, happy error, from Saint Augustine), but also Phoenix, which refers to Dublin’s Phoenix Park, the reborn Phoenix and Felix (Latin for happy) – all this in one *portmanteau* word, as well as guilt that refers to sin: the entire *Wake* revolves around a supposed sin committed by HCE: Here Come Everybody (all of us), in Phoenix Park. “If God does not exist, everything is permitted”, writes Dostoevsky in *The Demons*. And when, however, God becomes the main point, as happens in *Agrypnia*, everything is also

How many words and, by extension, possibilities of concepts-meanings can fit into a Joycean word? The same words in a new context take on a new meaning. The dream language is like, or rather, is a spiral in development, full of contrasts and contradictions, where each new interpretation creates a new context, which provides a new possibility of interpretation, which creates another new context, and so on. Vico’s recurring cycle is repetitive and varied, like *Agrypnia*. A *Herakletia*, “recumbent harmony of bow and lyre”. “When I use a word,” said Humpty Dumpty, “it means what I choose it to mean, nothing more and nothing less.” “The question is,” said Alice,

“whether it is possible to make words mean different things.” “The question is,” said Humpty Dumpty, “who will be master, that’s all.”²³⁴

Conventional rules determine that, for a text to be understood, it must have a single interpretation. Joyce, creator of open horizons, breaks these rules. Master of the language, he establishes the rule that in *Agrypnia* there are no rules, or, what is the same thing, all imaginable are rules applied. Therefore, all rules and laws can be used, but also broken, as long as there is no legislation. Here the exception does not confirm the rule. It’s the norm.

The function of definition in *Agrypnia* is corrupted, and takes on as many values as indeterminacy allows. In other words, it is unlimited. By perpetually organizing and reorganizing the thousands of *portmanteau* words, Joyce creates a vast obscuriform (dark and beautiful) universe of *Wake*’s speech.

Words in *Agrypnia* are stretched to the breaking point. “Stretch me even if I break”, says Kazantzakis. Joyce seems to hear this call without pushing the words to the limit. The words do not break, but, reaching their limits, they open up to a new universe of meanings, in front of the surprised gaze of the attentive reader, who finds himself reflecting on two ideas at the same time. The words, puns and pantomimes are punctuated, absurd, philological and comical at the same time. Be careful with the semantic explosion: *puntomine* = *pun* + *to* (for) + *mine* (my, to mine). Also: *puntomine* = *pun* + (continues with) *pan*: *pan* + *to* (for, in) + *mine*: my whole self or all mine. Opposites and contradictions, also repelled, are forced into a potentially explosive condensation, which, when exploded, provides enchanting images, which, when they seduce the thought, make that it is not repelled by contradiction, but fascinated by it. *Alcoholan* = *Alcohol* (alcohol) + *Coran* (Alcoran), incompatible meanings, occurring in the same word. The condensation of the word to the size of an atom results, with its disintegration, in explosive energy.

Master of magicians, Joyce manipulates thousands of puns in the 628 pages of *Finnegans Wake*, at the same time, jokingly, making puns with everything, everywhere, always, that is, with everyone and everything, in all spaces, in all seasons at the same time. This is the main point of *Agrypnia*, in which all possibilities are present, coexisting. Which or how many will be accomplished is up to the imagination, instinct and effort of

²³⁴ Lewis Carroll. *Alices Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass*. St Martin’s Press. Nova York. 1971.

the translator, who, when translating free from the constraints of the dominant meaning, but attentive, seeks to get closer to the essence that he will never conquer. He will approach Ithaca from *Agrypnia*, but he will never reach there. And if he turns and looks at it, it will disappear. If he tries to catch it, it will be a shadow. Life itself.

Agrypnia is the story of man, but also of the human comedy. The charming, fun game, which, however, like all games, is at the same time a very serious thing, life and death itself, with which, as long as we live, we play, without it even existing. But *Agrypnia* exists alone, with no one to play with. There is! In God's harmony, all beings, conflicting or harmonious, contradictory and contrary exist and coexist.

Now, Anevlavis makes a collage of critical excerpts about his translation. We have an idea of the reception of the translation and the characteristics of the edition, such as the immense volume of explanatory notes.

The most nonsense work of world prose translated from English into Greek, for the first time, by a literature-loving doctor. This is *Finnegans Wake* by the Irish James Joyce, published by Kaktos, in a faithful translation by Eleftherios Anevlavis. The edition was published in two volumes, the first with 755 pages and the second with 844 – a total of 1,599 pages, with more than 20,000 footnotes, to allow the Greek reader to get closer to what has been characterized as the nebulous diamond of literature – more linguistically complex than Joyce's famous *Ulysses*. When you read it, you are in front of the most colorful, satirical, playful, liberating, subversive, enigmatic, ironic, odd, allegorical, incomprehensible and unclassifiable book in the universe of writing.

It's a fiction book, but not just fiction. It is a study of Theology, but not just Theology. It is a textbook on Philosophy, but not just Philosophy. It summarizes the History, but not just the History. It is a Sociology essay, but not just Sociology. It's all of this together. And at the same time it is Astrology, Alchemy, mystery, sexuality, Anthropology.

From a morphological and stylistic point of view, it is a delirium of complex words and concepts. It's a dream where everything is permitted and everything is frustrated. Everything happens at the intersection of reality and dreams. Where, what man hides in the light of day, he reveals without guilt, taking advantage of the provocative freedom of the night. Where the eternal soul confronts the cult of the body, showing man in all his glory and in all his degradation.

The translator, in his extensive introduction, explains to us that, yes, the characters are two protagonists, but at the same time they are one and many: HCE and his wife ALP. HCE, the great *Pan*, owns a bar and is sometimes Here Comes Everybody, sometimes an egg, sometimes a Bug, and always a Nightmare. His personifications correspond to Adam, Christ, Caesar, Genghis Khan, Cromwell, Wellington and Finnegan.

Who was Finnegan? It was the hero of an Irish song, Tim Finnegan, who, being, as always, drunk, ventured up a ladder and fell to his death. His relatives and friends, as a sign of honor to this great drinker, at his wake, placed bottles of whiskey – which in Irish means “water of life” – on his deathbed. But, during the wake, a fight broke out. One threw a bottle of whiskey at the other and a drop fell on the dead man’s lips, a drop that was enough to revive him. The main Irish writer – drinker, reveler, dancer and singer too – took this myth-ballad and gave his hero the type of the resurrected and awakened, comparing him to a burning palm tree and regenerating from its ashes, while from his mortal remains are born children, cities and books.

The wife of the protagonist, Anna Livia Plurabelle, is the Great Mother of Creation, the river of life and time, she is Eve, Mary, Issy, a prostitute and a chicken. They have three children, two twin sons and a daughter, who are as multifaceted as their parents. The sons, named Shem and Shaun, appear at various times as Mutt and Jut, as Jerry and Kevin, as Butt and Taff, personifying all the wars and conflicts in the course of inhumane human History. The daughter, sometimes like Issy, sometimes like Isabell, is every woman who sits in the mirror and admires herself, just as her brothers admire her for being “incest-insects”, like their father (incest-insect). Family feuds remember all the ruptures in History and the loves of all people. It is humanity with sins and repentance, with death and resurrection, with greatness and desolation.

Throughout the narrative, gossip spreads that something obscene happened in a Dublin park between a father and a girl, witnessed by three soldiers, but you never know what it was: something silly or something more serious? His wife defends him, but raises new suspicions against him.

Below, informations about the translation process and how Anevlavis faced the translation.

Eleftherios Anevlavis, in the “translator’s confession”, declares that he is not a professional translator: “I am a doctor and I consider myself an amateur translator (concubine of translation art)”. And he highlights: “Immeasurable ambition and greed, strange desire and love led me to attempt translation, to struggle to find and create Joyce’s words and their historical, political, philosophical and human charge through neologisms in the Greek language”.

How many years did the adventure take? “The translation battle with the book lasted seven years and continues to have defeat as the end result, but with the belief that the only battles you have lost are the ones you have not fought.” He also emphasizes that he did not omit a single word or phrase from the original, no matter how difficult or even impossible its translation seemed. He did not resort to his own paraphrase, but constructed corresponding heterocompound words, institutionalizing an idiomatic expression, “Greek-Finneganic”. It should be noted that the text contains meanings and words from 60 languages!

In his comprehensive introduction, he lists information and comments about the work, which took Joyce seventeen years to write the book and completed in 1939. Seventeen years to tell in 628 pages the events of one night, in which the world breaks and reborns again, in a dream state of both the heroes of the book and the author. At first – warns the translator – complex words repel the reader, making them give up on the book. But when the reader surrenders to the magic of the Wakean linguistic world and understands the allegories and condensations, he becomes fascinated by the heroes’ contradictions: “the reading of *Agrypnia*, reader, is only possible if you understand with the attentive eyes of your soul”. With a deep knowledge of English, the translator delivers to the Greek public a work that many characterized as impossible to translate into Greek. As editor Odysseas Hatzopoulos writes in his preface, “Anevlavis is a difficult person and that is why he can translate difficult works.” We are talking about a monumental work that should be in every library, even if we get irritated by its tongue twisters, which constitute a fun game of linguistic knowledge and planet Earth. Here is the first paragraph of the historical translation: “Ποταμορροή, πίσω από την εκκλησία της Εύας και του Αδάμ, από το σκέρτσο της ακτής στον μυχό του κόλπου, μας γυρίζει με κόμοδο βικόκυκλο επανακύκλησης πίσω στο Κάστρο του

Χοθ και τα Περίχωρα. Ο σερ Τρίστραμ, τραγουδότης της αγάπης, πέρα από την κυματοχτυπούσα θάλασσα, δεν είχε ακόμη ξαναφτάσει από τη Βόρεια Αρμορική σ' αυτή τη μεριά του λιπόσαρκου ισθμού της Μικρής Ευρώπης για να ξαναγριοπολεμήσει τον πεοπεναπομονωμένο του πόλεμο (...) φυσοσύριζε εγώ είμαι, εγώ είμαι και σε βαφτίζω συειπετροπατρικιοκατεργαροτυρφοθημωνιά”.

Below, some informations about the reception of the project in Greece and about the figure of Anevlavis.

Eleftherios Anevlavis translated James Joyce's most ambiguous work, the famous *Finnegans Wake*, into Greek. It is the first time that a complete translation of the book has been published in our language (excerpts of which others, such as the poet Manto Aravantinou, have attempted to translate in the past). Anevlavis, who most of us have met through some controversial television appearances, explains: “I'm not a professional translator. I'm a physician. But I declare myself an amateur translator (concubine of translation art). Medicine is my wife and literature is my concubine. This work fascinated me due to its semiological dimension. Its semiological dimension, to be clearer, extends to infinity, anyone can give as many interpretations as they want”, he emphasized about his first attempt to translate a literary text of monumental difficulty.

“This work is essentially neither read nor translated. Furthermore, not even the original was widely read, but a lot of people bought it”, he explained, who dedicated seven years of hard work “with a lot of effort and love” to “translate” it into the Greek language and dialogue as much as possible to our cultural context. He armed himself with the “infinite bibliography” he read about the work, ancient Greek philosophers and eminent literary theorists like George Steiner.

His first contact with the text was in 1975, when he was still in America. He had already read *Ulysses*. “The language of the text is idiosyncratic, peculiar, unique. The *Finnegans* speak Joyce's Wakean. An invented language, made up of compound words, *portmanteaus*: ‘two meanings combined in one word’, as Humpty Dumpty says. A language built with anagrams, puns, permutations, lipograms, onomatopoeia, syncopations, permutations, neologisms”, emphasized the translator about the chaotic language of the original. As Umberto Eco wrote, it is a language “beyond the borders of the perceptible, beyond the possibilities of communication. The world of *Agrypnia*, multilingual, multi-significant and ambiguous, acquires as many meanings as the

languages that speak it. And there are more than 60 languages in Joyce's text" continued Eleftherios Anevlavis, who had already published translated excerpts of the work in the literary magazine "Nea Estia". "The book is extremely obscene, it is irreverent with many things, but more specifically with clericalism, as Joyce (as in *Ulysses*) messed with Catholicism itself."

Next, the interview-collage ends with Anevlavis' reflections on the difficulty and risks of his translation venture.

"It was an alternation of good and bad moments. The best ones were when I managed to understand what Joyce was writing and the worst ones were when I tried to do that." "Translation is a risk. Of course, criticism will be accepted, but I am afraid that there may be critics who have not sufficiently understood the work of this project. Everyone should think about this before rejecting it completely, if that is the case".

Those of you who still have doubts should know that "the translation of *Finnegans Wake*, my appearances on television and my presence as a public figure, let's say, are contradictory, but they make me up".

ANEXOS

ANEXO 1 – *Wake in progress 1930s to 2020s*

1923	Joyce writes a first sketch (FW 380–2) in March 1923.
1924	April: The first published fragment of <i>Work in Progress</i> (FW 383–98), as Joyce called the preliminary stages of <i>Finnegans Wake</i> until its publication in 1939, appears in Paris in the <i>transatlantic review</i> .
1925	October 1: first printed version of what would become <i>Anna Livia Plurabelle</i> (ALP) appears in Paris (as “From Work in Progress”) in Adrienne Monnier’s journal <i>Le Navire d’Argent</i> , 2.5 (1 October 1925): 59–74.
1927	April: “Opening Pages of a Work in Progress,” <i>transition</i> 1 (April 1927): 9–30. Corresponds to I.1 (FW 3–29). The serial publication in <i>transition</i> of <i>Work in Progress</i> continues for eleven years until April–May 1938, finally including all but the last of the seventeen chapters of <i>FW</i> .
1928	October 29: <i>Anna Livia Plurabelle</i> published in New York by Crosby Gaige.
1929	Georg Goyert, translator of the German <i>Ulysses</i> (1927), begins work early in the year on a complete German <i>ALP</i> , the first translation of that text to be undertaken in any language – but it will not be the first to be published (see 1933).
1929	July 20: Joyce, writing in German, asks Goyert to send him a few pages of his German <i>ALP</i> so that he can ascertain if a translation of it is even a possibility – “ob überhaupt eine Übersetzung davon möglich ist” (L 3, 191).
1929	Summer: <i>Tales Told of Shem and Shaun</i> (FW 152–9, 282–304, 414–19) separately published in Paris by the Black Sun Press, with a preface by C.K. Ogden.
1929	August: Joyce records the closing pages of <i>ALP</i> (corresponding to FW 213.11–216.5) for Ogden’s Orthological Institute.
1929	November 22: Joyce writes to Harriet Weaver that the French poet Léon-Paul Fargue and he are to meet the following day “to set to work to put Alp into French, the last eight pages” (L 1, 287). This plan comes to nothing, however, and Fargue has no further involvement.
1929	December: Joyce invites his young fellow Dubliner Samuel Beckett to undertake a French translation of the opening pages of <i>ALP</i> (rather than the closing pages as envisaged with Fargue).
1930	April: Beckett and his French friend Alfred Péron begin work on their French rendering of <i>ALP</i> .
1930	<i>Haveth Childers Everywhere</i> (FW 532–54) separately published in Paris by Babou and Kahane and in New York by Fountain Press
1930	August: The Czech writer and artist Adolf Hoffmeister obtains Joyce’s somewhat reluctant permission to undertake a Czech team translation of <i>ALP</i> .
1930	Late September: Beckett and Péron’s French translation of <i>ALP</i> submitted to Joyce for his approval, which was initially forthcoming.

1930	October 16: Beckett and Péron's translation of <i>ALP</i> , under the title "Anna Lyvia Pluratsell" (FW 196.1–201.20), reaches page-proof listage for Georges Ribemont-Dessaigne's avant-garde journal <i>Bifur</i> .
1930	November: Joyce abruptly instructs Beckett and Péron to withdraw their rendering as "not yet perfect" – and begins instead to coordinate a French team translation himself.
1931	May 1: Joyce's own French team translation (Joyce et al. 1931) of the opening and closing pages of <i>ALP</i> (FW 196–201, 215–16) appears in Paris in the <i>Nouvelle Revue Française</i> : Beckett and Péron's initial version of 1930 here reworked and extended by Paul Léon, Eugene Jolas, and Ivan Goll, under Joyce's supervision; further reworked by Joyce, Léon, and Philippe Soupault; and finally revised by Jolas and Adrienne Monnier.
1931	Summer: Joyce collaborates with C.K. Ogden on an experimental Basic English rendering of the closing pages of <i>ALP</i> .
1931	October: Ogden's "Anna Livia Plurabelle in Basic" (FW 213.11–216.5) appears in Ogden's own journal <i>Psyche</i> .
1931	An excerpt (FW 197.16–199.10) from the forthcoming Czech <i>ALP</i> (see 1932), signed by Adolf Hoffmeister and Vladimír Procházka as translators, appears in the Prague journal <i>Literární noviny</i> .
1932	<i>Two Tales of Shem and Shaun</i> (FW 152–9, 414–19) separately published in London by Faber and Faber.
1932	March: C.K. Ogden's 1931 translation into Basic English of the closing pages of <i>ALP</i> (FW 213–16) reprinted in Paris in Eugene Jolas's journal <i>transition</i> .
1932	Complete Czech <i>ALP</i> – the first complete published translation of <i>ALP</i> in any language – by Maria Weatherall, Vladimír Procházka, and Adolf Hoffmeister, published in Prague.
1933	Complete German translation of <i>ALP</i> reportedly finished by Georg Goyert and reportedly approved by Joyce – but because of the increasingly unstable political situation in Germany published in part only in 1946 (FW 196–8, 213–16), and in full only in 1970.
1933	Japanese version of the opening and closing pages of <i>ALP</i> (FW 196, 213–16) by Junzaburo Nishiwaki published in Tokyo.
1934	<i>The Mime of Mick, Nick and the Maggies</i> (FW 219–59) separately published in The Hague by the Servire Press.
1937	<i>Storiella As She Is Syung</i> (FW 260–75, 304–8) separately published in London by Corvinus Press.
1937	Joyce proposes to an initially reluctant Nino Frank that they undertake an Italian translation of the same pages from <i>ALP</i> earlier translated into French.
1938	Joyce and Frank's Italian <i>ALP</i> completed early in the year.
1939	May 4: <i>Finnegans Wake</i> published in London by Faber and Faber and in New York by Viking Press.
1940	February 15: Joyce and Frank's Italian "Anna Livia Plurabella" (FW 196.1–201.20) appears in Rome in the journal <i>Prospettive</i> – but silently emended by Ettore Settanni, without authorization, and misleadingly attributed to Joyce and Settanni without any mention of Frank.
1940	December 15: Joyce and Frank's Italian "I fiumi scorrono" (FW 215.11–216.5), attributed in this case to Joyce, Frank, and Settanni, appears in Rome in the journal <i>Prospettive</i> .

1941	January 13: Joyce dies of a perforated ulcer in Zurich. The next five years, unsurprisingly in an increasingly war-torn Europe, see no attempts at all to translate any part of <i>FW</i> .
1940s	Ivan Goll rumoured during the mid-1940s to be working on a German rendering of or from <i>FW</i> – but no such translation ever appeared.
1946	Excerpts from Goyert's German ALP (see 1933) appear both in Salzburg in the journal <i>das silberboot</i> and in Munich in the affiliated journal <i>Die Fähre</i> (<i>FW</i> 196–8, 213–16).
1946	July: Reported plan (subsequently abandoned) for a French team translation of <i>FW</i> , involving Philippe Soupault, Raymond Queneau, Eugene Jolas, Stuart Gilbert, and Samuel Beckett.
1948	Brief excerpts (from <i>FW</i> 3, 196, 216, 419) in French translation by Michel Butor.
1949	Further excerpts in French translation by Michel Butor (from <i>FW</i> 627–8) in Maria Jolas's <i>James Joyce Yearbook</i> .
1950	French translation by André du Bouchet of excerpts from the final chapter, including the closing pages, in the journal <i>L'Âge Nouveau</i> (<i>FW</i> 619, 624, 625–8).
1951	French translation of the closing pages (<i>FW</i> 627–8) by Maxime Chastaing et al. in the journal <i>Roman</i> .
1956	Anonymous Serbian rendering of an excerpt from <i>ALP</i> in the Belgrade journal <i>Mlada kultura</i> .
1957	French versions by André du Bouchet in the <i>Nouvelle Revue Française</i> of excerpts from the final chapter (from <i>FW</i> 604–28), including revised versions of his 1950 translations.
1957	Portuguese translations by the Brazilian poets (and brothers) Haroldo and Augusto de Campos of seven excerpts in the <i>Jornal do Brasil</i> (from <i>FW</i> 3, 159, 196, 214–16, 556, 561, 627–8).
1959	December: Polish translation by Jerzy Strzetelski of excerpts from <i>ALP</i> , including its opening and closing pages (<i>FW</i> 196–8, 206–7, 215–16).
1960	March: German translation by Guido Meister of <i>FW</i> 627.34 628.16 and other excerpts in his translation of Jean Paris's <i>James Joyce par lui-même</i> (1957).
1961	German translation by Fritz Senn of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in the German translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1959) by Albert Hess et al.
1961	November 10: German translation in a radio program of selected excerpts by Arno Schmidt, subsequently published in Schmidt's <i>Der Triton mit dem Sonnenschirm</i> (1969).
1961	Italian versions of more than forty pages of excerpts by Juan Rodolfo Wilcock, conceived of as an outline introduction to <i>FW</i> (<i>FW</i> 3, 33–4, 104–9, 112, 169–70, 179, 182–4, 185, 187–8, 189–91, 196, 206–7, 219–22, 249, 258–9, 306–8, 384, 543–5, 558–9, 572–5, 599–606, 626–8).
1961	Italian translation by Mario Diacono of a brief excerpt (<i>FW</i> 107–8).
1962	French translation by André Coeuroy of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in his translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1959).
1926	French translation, slightly abbreviated, of <i>FW</i> I.1 and IV by André du Bouchet in his volume <i>Finnegans Wake</i> , which also contains Joyce's 1931 French team translation of <i>ALP</i> .

1962	June: Extensively annotated Spanish translation of the opening page (FW 3.1–24) by Salvador Elizondo.
1962	December: Eleven excerpts in Portuguese translation (from FW 3, 143, 159, 189, 196, 214–16, 226, 556, 559, 561, 627–8) by Augusto and Haroldo de Campos (see 1957) appear in book form as <i>Panorama do Finnegans Wake</i> .
1964	French translation of excerpts (from FW 3, 44, 169–71, 384, 627–8) by Daniel Castelain.
1964	November: Hungarian translation in the Yugoslav journal <i>Híd</i> of excerpts (from FW 8–10, 169–95, 196–216, 627–8) by Endre Bíró.
1964	Italian translation by Piero Bernardini of more than thirty brief excerpts from FW in his translation of Richard Ellmann's James Joyce (1959).
1965	Slovak translation by Jozef Kot of the opening two pages (FW 3–5) in the journal <i>Slovenské pohľady</i> .
1965	Romanian translation by Ion Biberi, from Joyce's French ALP, of FW 200.16–19.
1966	Japanese team translation led by Masayoshi Osawa of the opening two paragraphs of I.7 (FW 169–70).
1966	Czech rendering by Zdeněk Urbánek of two passages from FW about HCE in a detailed analysis of Joyce's verbal technique (Sonja Bašić 2004, 194).
1967	German translation by Wolfgang Hildesheimer in a radio program of the opening two pages of ALP (FW 196–7), subsequently published as Hildesheimer 1969.
1967	December 10: German translation by Klaus Reichert in a radio program of excerpts from the closing pages (FW 619.20–620.2, 626.35–628.16).
1967	French translation by Philippe Lavergne of I.7 (FW 169–95) in the journal <i>Tel Quel</i> .
1968	French translation by Philippe Lavergne of I.1 (FW 3–29) in the journal <i>Change</i> .
1968	Japanese translation by Masayoshi Osawa and Junnosuke Sawasaki of excerpts, including the closing pages (FW 206–7, 418–19, 627–8).
1968	March: Portuguese translation by Manuel Lourenço of the opening page (FW 3).
1968	German rendering by Manfred Triesch of various excerpts from FW in his translation of Anthony Burgess's <i>Here Comes Everybody</i> (1965).
1969	German translation by Arno Schmidt of selected excerpts (FW 30–1, 39, 63–4, 142, 166–7, 175, 182–4, 244–5, 259, 308, 403–6).
1969	German translation by Wolfgang Hildesheimer, with commentary, of the opening pages of ALP (FW 196–7).
1969	Galician translation of an excerpt (FW 216) by Leopoldo Rodríguez.
1970	Three separate complete German translations of ALP by Wolfgang Hildesheimer, Hans Wollschläger, and Georg Goyert, respectively, published in a single volume edited by Klaus Reichert and Fritz Senn.
1970-2	Japanese translation by Masayoshi Osawa et al. of the first twelve pages of ALP (FW 196–208), serialized in seven numbers of the Japanese journal <i>Kikan Paedeia</i> between 1970 and 1972.
1971	Japanese translation by Yukio Suzuki et al. of FW I.1–3 (FW 3–74), the most extensive translation from FW in any language to that date.

1971	Portuguese translation of sixteen excerpts (from <i>FW</i> 3, 13, 143, 157–9, 182–4, 189–90, 196, 202, 206–7, 214–16, 226, 244, 556, 559, 561, 627–8) by Augusto and Haroldo de Campos appear in an expanded second edition of their <i>Panaroma do Finnegans Wake</i> .
1971	Spanish translation of the first two paragraphs (<i>FW</i> 3.1–14) by Juan Benet.
1971	Spanish translation by Ricardo Silva-Santisteban in the journal <i>Creación y crítica</i> of the closing pages (<i>FW</i> 626–8).
1972	Italian translation by Gianni Celati of excerpts from I.1 (<i>FW</i> 8–10).
1972	Polish translation by Maciej Słomczyński of “The Ballad of Persse O’Reilly” (<i>FW</i> 44.22–47.29) and an excerpt from II.4 (<i>FW</i> 398–9).
1973	Polish translation by Maciej Słomczyński of the opening and closing pages of ALP (<i>FW</i> 196–202, 215–16).
1973	French translation by Stephen Heath and Philippe Sollers of <i>FW</i> 593.1–594.9, 596.34–598.16, 626.35–628.16.
1974	Luigi Schenoni begins work on a planned complete Italian translation of <i>FW</i> .
1974	Italian translation by Luigi Schenoni of Bygmester Finnegan episode (<i>FW</i> 4.18–5.4).
1974	Spanish rendering by Mario Monteforte Toledo of excerpts from <i>FW</i> .
1975	Italian version by Anthony Burgess of the first two paragraphs (<i>FW</i> 3.1–14).
1975	Hungarian rendering by Miklós Szentkuthy of <i>FW</i> 628.16, 3.1–3 and of the final paragraph of ALP (<i>FW</i> 215.31–216.5).
1976	Italian translation by Luigi Schenoni of the prankquean vignette (<i>FW</i> 21.5–23.15).
1977	Russian translation by Andrey Sergeev of “The Ballad of Persse O’Reilly” (<i>FW</i> 44.22–47.29).
1977	Italian translation by Luigi Schenoni of the Mutt and Jute (<i>FW</i> 15.29–18.16) and O foenix culprit episodes (<i>FW</i> 23.16–29.36).
1977	Italian translation by Luigi Schenoni of opening pages of I.2 (<i>FW</i> 30.1–32.19).
1978	Italian translation by Luigi Schenoni of the cad with a pipe episode (<i>FW</i> 35.1–42.16).
1978	Italian translation by Luigi Schenoni of the opening lines (<i>FW</i> 3.1–10).
1978	Series of German radio programs over a twelve-month period includes German translations by Uwe Herms (<i>FW</i> 17, 18, 66, 68), Ulrich Sonnemann (<i>FW</i> 429–30, 431), Erich Fried (<i>FW</i> 403 4), Peter von Haselberg (<i>FW</i> 593), and Fritz Senn (<i>FW</i> 176–7).
1978	Japanese translation by Masayoshi Osawa et al. of five excerpts (<i>FW</i> 169–70, 206–7, 418–19, 593, 627–8).
1978	Croatian rendering by Nada Šoljan of brief excerpts from <i>FW</i> reported by Sonja Bašić (2004, 181–2).
1979	Italian translation by Luigi Schenoni of the museyroom vignette (<i>FW</i> 8.9–10.23).
1979	Italian translation by Luigi Schenoni of an episode from I.3 (<i>FW</i> 55.3–62.25).
1979	French version by Simonne Verdin in the <i>Courrier du Centre International d’Études Poétiques</i> (Brussels) of the closing pages (<i>FW</i> 627–8).

1979	Joyce and Frank's original Italian "Anna Livia Plurabella," edited by Jacqueline Risset and purged of Settanni's emendations of 1940, appears in Milan in Joyce's <i>Scritti italiani</i> .
1982	February: Italian translation by Luigi Schenoni of an episode from I.4 (<i>FW</i> 85.20–86.31).
1982	June: Italian translation by Luigi Schenoni of the first four chapters (<i>FW</i> I.1–4), until October 1982 the most extensive translation from <i>FW</i> in any language to that date.
1982	Catalan version by Josep-Miquel Sobré of an excerpt from <i>FW</i> III.3.
1982	October: Complete French version by Philippe Lavergne of <i>FW</i> , the first complete rendering in any language.
1982	Italian translation by Piero Bernardini of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in his translation of Richard Ellmann's James Joyce (1982).
1982	Italian translation of the opening three pages of Book IV (<i>FW</i> 593.1–595.29) by Roberto Sanesi.
1982	Complete Japanese team translation of <i>ALP</i> led by Masayoshi Osawa.
1982	Polish translation by Tomasz Mirkowicz of the first six paragraphs (<i>FW</i> 3.1–5.12).
1982	Spanish translation by Enrique Castro and Beatriz Blanco of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in their translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1982).
1982	Spanish version of the opening and closing pages of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196–7, 213–16) by Ricardo Silva-Santisteban.
1982	April: Spanish rendering by Mario Monteforte Toledo of excerpts from <i>FW</i> .
1983	Roberto Sanesi's Italian translation (1982) of the opening three pages of Book IV (<i>FW</i> 593.1–595.29) appears in book form as <i>Il risveglio di Finneghan</i> .
1983	German translation of <i>FW</i> 4–5 by Wilhelm Föger.
1984	German translation by Robert Weninger, with extensive commentary, of "The Mookse and the Gripses" (<i>FW</i> 152–9).
1984	Polish translation by Ewa Krasieńska of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in her translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1982).
1985	French translation of the opening pages of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196–201) by Samuel Beckett and Alfred Péron, completed in 1930, finally published after more than half a century.
1985	Special issue of the Viennese literary journal <i>Protokolle</i> contains German excerpts translated by Christian Enzensberger (<i>FW</i> 241), Erich Fried (<i>FW</i> 403–4), Uwe Herms (<i>FW</i> 17, 55, 68), and Robert Weninger (<i>FW</i> 152–9).
1985	Complete Korean <i>ALP</i> , translated by Chong-keon Kim.
1985	Complete Polish <i>ALP</i> , translated by Maciej Słomczyński.
1986	German translation by Harald Beck of the opening pages (<i>FW</i> 3–5).
1986	Anonymous Serbian rendering of the opening of the final chapter (<i>FW</i> 593–4) in the Belgrade journal <i>Delo</i> .
1986	German translation by Harald Beck of <i>FW</i> 5–7.
1987	German excerpts translated by Klaus Schönmetzler (<i>FW</i> 3–5, 152–9, 169–75, 383–4, 414–15, 605–6, 626–8).
1987	Swedish adaptation by Georg and Gösta Friberg of John Cage's song text "The Wonderful Widow of Eighteen Springs" (1942) based on <i>FW</i> 556.1–22.

1988	Further Spanish excerpts (see 1982) translated by Ricardo Silva-Santisteban (<i>FW</i> 3.1–5.29, 196.1–197.17, 213.11–216.5, 626–8).
1989	October: <i>Finnegans Wake Deutsch</i> , edited by Klaus Reichert and Fritz Senn, containing collected excerpts from <i>FW</i> (about a quarter of the original text in all) in German translation by various hands, including Harald Beck (<i>FW</i> 3.1–11.28), Ulrich Blumenbach and Reinhard Markner (<i>FW</i> 619.20–628.16), Ingeborg Horn (<i>FW</i> 126.1–168.14), Kurt Jauslin (<i>FW</i> 3.1–5.29), Friedhelm Rathjen (<i>FW</i> 3.1–14, 30.1–47.32, 152.15–159.18, 383.1–399.36, 414.16–419.10, 627.24–628.16), Klaus Reichert (<i>FW</i> 619.20–620.2, 626.35–628.16), Wolfgang Schrödter (<i>FW</i> 3.1–4.17), Helmut Stoltefuß (<i>FW</i> 30.1–38.8), Dieter Stündel (<i>FW</i> 383.1–399.36, 619.20–620.2), Robert Weninger (<i>FW</i> 152.15–159.18, previously published in 1984), a seminar group of the Goethe-Universität, Frankfurt, led by Klaus Reichert (<i>FW</i> 169.1–195.6), the three previously published translations of <i>ALP</i> (see 1970) by Georg Goyert, Wolfgang Hildesheimer, and Hans Wollschläger, respectively, and Arno Schmidt's previously published versions of selected passages (see 1969). The volume provides as many as four different German translations of certain passages.
1989	Portuguese translation by Lya Luft of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in her translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1982).
1990s	In the late 1980s the Spanish novelist Ramón Buenaventura reportedly considered undertaking a rendering of <i>FW</i> , but the plan was eventually abandoned.
1990s	In the late 1980s the Swedish poet Jan Östergren reportedly considered undertaking a rendering of <i>FW</i> , but the plan was eventually abandoned.
1990	Italian translation by Luigi Schenoni of <i>FW</i> 104.1–112.27.
1990	Portuguese translation by Arthur Nestrovski of an excerpt from I.7 (<i>FW</i> 193–5).
1991	First volume (<i>FW</i> I–II) of Naoki Yanase's complete Japanese translation of <i>FW</i> .
1991	Italian translation by Luigi Schenoni of <i>FW</i> 117.9–125.23.
1991	Complete Spanish translation of <i>ALP</i> by Ricardo Silva-Santisteban.
1992	German translation of excerpts (<i>FW</i> 282–7) by Friedhelm Rathjen.
1992	Hungarian translation by Endre Bíró (see also 1964) of substantial excerpts (from <i>FW</i> 8–10, 35, 152–9, 169–95, 196–216, 226, 261–2, 414–21, 499–501, 627–8).
1992	May: German translation by Dieter Stündel of <i>FW</i> 309–21.
1992	June: Compendium of renderings in various languages of and from <i>ALP</i> in the Argentinian psychoanalytical journal <i>Conjetural</i> .
1992	June: Spanish translation of opening pages and final paragraph of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196.1–199.12, 215.31–216.5) by Luis Chitarroni and C.E. Feiling.
1992	June: Spanish rendering of opening pages of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196.1198.16) by Leónidas Lamborghini.
1992	June: Spanish rendering of Ogden's Basic English <i>ALP</i> by C.E. Feiling.
1992	Complete Spanish team translation of <i>ALP</i> led by Francisco García Tortosa.
1993	Annotated Galician translation of the first two chapters (<i>FW</i> 3–47) by Alberte Pagán.

1993	Complete German rendering of FW by Dieter Stündel as <i>Finnegans Wehg</i> .
1993	Second volume (FW III–IV) of Naoki Yanase's complete Japanese version of FW.
1993	Abridged and much simplified Spanish version of FW by Víctor Pozanco.
1994	German translation by Friedhelm Rathjen of various excerpts from FW in his translation of Anthony Burgess's <i>Here Comes Everybody</i> (1965).
1995	German translation by Friedhelm Rathjen of excerpt from III.4 (FW 555–63).
1995	Separate publication of Friedhelm Rathjen's Der Mauchs und der Traufen, a German translation of "The Mookse and the Gripes."
1996	Compendium by Rosa Maria Bosinelli of renderings of and from ALP, including Joyce's French and Italian, Beckett's French, Ogden's Basic English, and a new Italian translation of FW I.8 by Luigi Schenoni.
1996	Polish translation by Jacek Malicki of two fragments (FW 6.297.15, 306.11–308.36).
1996	Polish translation of closing page (FW 628) by Maciej Słomczyński.
1996	Complete Romanian translation of ALP by Felicia Antip.
1996-9	Russian translation by Henri Volokhonsky of some forty pages of excerpts from the first seven chapters (FW 3–171), appearing in six separate issues of the St. Petersburg journal <i>Mitin</i> .
1997	Danish translation by Peter Laugesen of excerpts from FW 618–28.
1998	Polish translations by Adam Królikowski from FW 3.1–24, 4.117, 4.18–5.12.
1998	Portuguese translation by Arthur Nestrovski of the opening paragraphs of I.5 (FW 104.1–112.27).
1998	Romanian translation by Laurent Milesi of final pages of ALP (FW 213–16).
1998	Nevzat Erkmen, translator of <i>Ulysses</i> into Turkish (1996), reportedly begins work on a planned complete Turkish rendering of FW.
1999	Italian translation by Luigi Schenoni of opening pages of I.7 (FW 169.1–171.28).
1999	Polish translations by Adam Królikowski from FW 5.13–29, 5.29–6.12, 6.13–28.
1999	Two different Danish translations by Peter Laugesen of FW 171.12–28.
1999	Portuguese translation by Donald Schüller of FW I.1, the first volume of an eventual five-volume complete translation.
1999	Additional Portuguese excerpts (FW 292, 449) translated by Haroldo de Campos, more than forty years after the first version of <i>Panaroma do Finnegans Wake</i> (1957).
1999	June: Sérgio Medeiros translates FW 189.28–190.9 into Guarani.
2000	Portuguese translation by Donald Schüller of FW I.2–4.
2000	Russian translation in book form by Henri Volokhonsky of excerpts from the first seven chapters (FW 3–171), previously published in the journal <i>Mitin</i> from 1996 to 1999.
2000	Russian translation by Konstantin Belyaev of an excerpt from ALP (FW 209–12).
2000	Slovenian translation by Andrej Skubic of selected excerpts (FW 30–4, 380–2, 604–6, 611–12, 615–19).

2000	Spanish translation by Ricardo Silva-Santisteban of some thirty-six pages of selected excerpts (<i>FW</i> 3.1–4.17, 185.27–190.9, 196.1216.5, 418.11–419.8, 619.20–628.16).
2000	Czech translation by Tomáš Hrách of <i>FW</i> 74.16–19, 177.31 178.7, 188.9–24, 189.28–190.9, 201.5–6, 627.33–628.16.
2001	March: Italian translation by Luigi Schenoni of I.1–4 (reprinted from 1982) and I.5–8.
2001	Polish translation by Jacek Malicki of opening pages (<i>FW</i> 3–7).
2001	Portuguese translation by Donald Schöler of <i>FW</i> I.5–8.
2001	Complete Swedish translation of <i>ALP</i> by Mario Grut.
2001	Further excerpts in Portuguese translation by Haroldo and Augusto de Campos (from <i>FW</i> 3, 13, 143, 157–9, 182–4, 189–90, 196, 202, 206–7, 214–16, 226, 244, 556, 559, 561, 627–8) appear in a fourth edition of <i>Panorama do Finnegans Wake</i> .
2002	April: Complete Dutch translation of <i>FW</i> by Erik Bindervoet and Robbert-Jan Henkes.
2002	Complete Korean translation of <i>FW</i> by Chong-keon Kim.
2002	Portuguese translation by Donald Schöler of <i>FW</i> II.1–4.
2002	Swedish translation by Mario Grut of “The Ondt and the Gracehoper” (<i>FW</i> 414.22–419.8).
2002	An anonymous newspaper obituary (Anon. 2002) of the Egyptian Joyce scholar Taha Mahmoud Taha, translator of <i>Ulysses</i> into Arabic in 1982, indicates that he had also completed an Arabic translation of <i>FW</i> – which, though advertised, may have remained unpublished.
2003	The Russian translator Henri Volokhonsky refers vaguely in a radio interview to the existence of an Albanian rendering of some part of <i>FW</i> – but no such translation appears to exist.
2003	October: French translation, slightly abbreviated, of <i>FW</i> IV and I.1 by André du Bouchet, reprinted from his 1962 rendering.
2003	Portuguese translation by Donald Schöler of <i>FW</i> III–IV, completing his five-volume translation of <i>FW</i> .
2003	Russian translation by Dmitry Smirnov of “Three quarks for muster Mark” (<i>FW</i> 383.1–14).
2003	Polish translation by Arkadiusz Łuba of selected excerpts from <i>FW</i> .
2004	Polish translation by Krzysztof Bartnicki of <i>FW</i> I.1 and IV in the journal <i>Literatura na Świecie</i> .
2004	Complete Catalan version of <i>ALP</i> by Marissa Aixàs, together with other excerpts (<i>FW</i> 8–10, 15–18, 182–6).
2004	February: Italian translation by Luigi Schenoni of <i>FW</i> II.1–2 (<i>FW</i> 219–308).
2004	June: Abridged and simplified Japanese translation of <i>FW</i> , including roughly half of the original text, by Kyoko Miyata.
2004	Complete online French translation of <i>FW</i> by Hervé Michel, as <i>Veillée Pinouilles</i> .
2005	Online French translation of some eighty pages of excerpts by Michel Chassaing.
2005	Polish version by Krzysztof Bartnicki of “The Mookse and the Gripes” (<i>FW</i> 152–9).
2006	Finnish version by Miikka Mutanen of the opening pages (<i>FW</i> 3–10).
2007	June: Spanish version by Juan Díaz Victoria of <i>FW</i> 3.1–24.

2007	Hungarian version by Ágota Bozai of the opening pages (<i>FW</i> 3–5).
2007	Spanish version by Leandro Fanzone of selected excerpts (<i>FW</i> 159, 215–16, 627–8).
2008	Japanese translation by Tatsuo Hamada of <i>FW</i> I.2–4 and IV.
2008	Portuguese version of <i>FW</i> I.1 by Afonso Teixeira Filho.
2008	August: Spanish version by Juan Díaz Victoria of <i>FW</i> 4.18–5.12, 5.26–6.28.
2008	Irish version by Alan Titley of the opening lines (<i>FW</i> 3.1–6).
2008	Hungarian rendering by Ágota Bozai in the online journal <i>Kalligram</i> of <i>FW</i> 3.1–3, 115.20–35, 213.29–216.5 (with László Kuroli), 627.1–628.16.
2009	Danish rendering by Peter Laugesen of the opening pages of I.8 (<i>FW</i> 196.1–201.4).
2009	Finnish version by Miikka Mutanen of the opening pages continued (<i>FW</i> 10–15).
2009	April: Japanese version by Tatsuo Hamada of <i>FW</i> I and IV.
2009	Complete Portuguese version of <i>ALP</i> by Dirce Waltrick do Amarante.
2009	Online Spanish translation of I.1 (<i>FW</i> 3–29) by Juan Díaz Victoria.
2010	Italian rendering by Orlando Mezzabotta of the prankquean episode (<i>FW</i> 21–3) posted on YouTube.
2010	Revised and heavily annotated Spanish rendering by Juan Díaz Victoria of <i>FW</i> 3.1–4.17, 8.9–10.23.
2011	Italian translation by Luigi Schenoni of <i>FW</i> II.3–4 (<i>FW</i> 309–99) appears posthumously.
2012	February: Complete Polish translation of <i>FW</i> by Krzysztof Bartnicki, as <i>Finneganów tren</i> .
2012	October: Japanese version by Tatsuo Hamada of <i>FW</i> II and III.
2012	Krzysztof Bartnicki's musical cryptogram <i>Da Capo al Finne</i> .
2012	German translation by Friedhelm Rathjen of <i>Tales Told of Shem and Shaun</i> (<i>FW</i> 152–9, 282–304, 414–19).
2012	German translation by Friedhelm Rathjen in his <i>Winnegans Fake</i> of more than two hundred pages of excerpts from <i>FW</i> (I: 3, 6, 11–13, 22–9, 30–47, 58, 92–3, 102–3, 104–11; II: 219–24, 229, 250, 257–9, 260–1, 276, 307–8, 316, 336–7, 342, 353, 371–82, 383–99; III: 410–12, 420–8, 433–40, 448–73, 483–527, 531–40, 555–63, 564–82, 582–90; IV: 627–8).
2012	Danish translation by Peter Laugesen of <i>FW</i> 196.1–201.4 (reprinted from 2009).
2012	December: Chinese version by Congrong Dai of <i>FW</i> I.1–8.
2013	A very free Finnish verse transcreation of <i>FW</i> I.1 by the poet Hannu Helin published in Turku.
2013	March: First instalment of an online Spanish rendering of <i>ALP</i> by Eduardo Lago.
2013	April: Complete Greek translation of <i>FW</i> by Eleftherios Anevlavis.
2013	June: <i>Finn's Hotel</i> published by Danis Rose's Ithys Press.
2013	Separately published Dutch translation of <i>ALP</i> by Erik Bindervoet and Robbert-Jan Henkes (reprinted from their 2002 translation of <i>FW</i>), with extensive commentary – and “basic Dutch” renderings (88–9, 131–2) of Ogden's Basic English <i>ALP</i> .
2013	French rendering by Philippe Blanchon of Ogden's Basic English <i>ALP</i> .

2013	Portuguese translation by Caetano Galindo of the prankquean vignette (<i>FW</i> 21–3).
2013	Spanish translation of <i>Finn's Hotel</i> by Pablo Ingberg.
2013	November: Italian translation of <i>Finn's Hotel</i> by Ottavio Fatica.
2013	December: Swedish version by Bertil Falk of <i>FW</i> I.1.
2014	October: Fully revised version of Tatsuo Hamada's complete Japanese translation of <i>FW</i> .
2014	Italian translation by Vittorio Santangelo of more than thirty brief excerpts from <i>FW</i> in his translation of Richard Ellmann's <i>James Joyce</i> (1982).
2014	Portuguese translation by Adriano Scandolara of the closing and opening lines (<i>FW</i> 626.29–628.16; 3.1–5.12).
2014	Serbian translation by Siniša Stojaković of <i>FW</i> I.
2014	March: Greek translation of <i>Finn's Hotel</i> by George-Icaros Babassakis.
2014	June: Portuguese translation of <i>Finn's Hotel</i> by Caetano Galindo.
2014	October: German translation of <i>Finn's Hotel</i> by Friedhelm Rathjen.
2014	November: German translation by Friedhelm Rathjen of <i>FW</i> II.4 ("Mamalujo") and of two earlier versions of the chapter.
2014	Romanian translation of <i>Finn's Hotel</i> by Mihai Miroiu.
2014	French translation by Marie Darrieussecq of five early sketches later largely incorporated in <i>FW</i> II.4.
2014	Krzysztof Bartnicki's musical cryptogram <i>Finnegans a_e</i> : Suite in the Key of III.
2015	Krzysztof Bartnicki and Marcin Szmandra's rolodex <i>Finnegans Meet</i> .
2015	French translation by Philippe Blanchon, with commentaries, of a selection of the poems in <i>FW</i> .
2015	German translation by Friedhelm Rathjen of <i>FW</i> I.2 ("Earwicker") and of four earlier versions of the chapter.
2015	Hebrew translation by Yehuda Vizan of <i>FW</i> 44–5, 196, 627–8.
2015	A projected new Portuguese translation of <i>FW</i> by Eclair Antonio Almeida Filho is announced in Brazilian newspapers – but later indefinitely postponed.
2015	Polish translation of <i>Finn's Hotel</i> by Jerzy Jarniewicz.
2016	January: Publication in book form of Juan Rodolfo Wilcock's 1961 Italian rendering of selected excerpts from <i>FW</i> .
2016	January: Turkish translation by Umur Çelikyay of <i>FW</i> I.1–8.
2016	Complete Turkish translation of <i>FW</i> by Fuat Sevimay.
2016	Online Italian translation by Orlando Mezzabotta of <i>FW</i> I.1.
2016	Portuguese translation by Caetano Galindo of the opening pages of I.5 (<i>FW</i> 104.1–107.35).
2016	February: Final instalment of a complete online Spanish translation of <i>ALP</i> by Eduardo Lago, begun in March 2013.
2016	Complete French translation of <i>ALP</i> (and also of <i>FW</i> 627.6628.16 and 3.1–8.8) by Philippe Blanchon.
2016	French translation of <i>FW</i> 196.1–199.33 by Ludivine Bouton-Kelly and Tiphaine Samoyault.
2016	June: Complete Spanish translation of <i>FW</i> by Marcelo Zabalo.
2016	Online Russian translation by Andrey Rene of <i>FW</i> I.1–2 and 196.1–201.20.
2016	June: Spanish rendering by Juan Díaz Victoria of <i>FW</i> 279.

2016	October: Heavily annotated Spanish rendering of <i>FW</i> I.1 by Juan Díaz Victoria published in book form.
2016	November: Spanish rendering of <i>FW</i> 44.24–47.32 by Juan Díaz Victoria
2016	Norwegian translation by Leif Høggaug of <i>FW</i> 3.1–10.24.
2017	January: Italian translation by Enrico Terrinoni and Fabio Pedone of <i>FW</i> III.1–2, continuing Luigi Schenoni's translation of the first twelve chapters.
2017	Online Russian translation of <i>FW</i> I.1–4, 7–8, with extensive commentary, by Andrey Rene.
2017	October: Turkish translation by Umur Çelikyay of <i>FW</i> II.1–4.
2017	Serbian translation by Siniša Stojaković of <i>FW</i> III–IV.
2017	Italian rendering by Orlando Mezzabotta of the opening and closing pages of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196.1–201.20, 215.11–216.5) posted on YouTube.
2017	Italian translation by Luigi Marrozzini of <i>FW</i> 627.33–628.16.
2017	Norwegian translations by Leif Høggaug of <i>FW</i> 13.33–19.19 and <i>FW</i> 44.22–47.29.
2017	Russian rendering by Elena Genyevna Fomenko of <i>FW</i> 593.1–595.30.
2018	January: Jure Godler posts on YouTube a Slovenian rendering of <i>FW</i> 4.18–6.12.
2018	Complete Italian translation of <i>FW</i> by Giuliano Mazza.
2018	Portuguese rendering by Dirce Waltrick do Amarante of a series of excerpts suggesting a possible narrative thread through <i>FW</i> .
2018	Russian translation by Andrey Rene of <i>FW</i> I.1–8, in book form (without commentary) and online (with extensive commentary).
2018	September: Orlando Mezzabotta posts on YouTube a rendering in Ancient Egyptian hieroglyphics of the last and first lines of the <i>Wake</i> (<i>FW</i> 628.15–16, 3.1–3).
2018	October: Orlando Mezzabotta posts on YouTube a rendering in Ancient Egyptian hieroglyphics of the first and last lines of <i>ALP</i> (<i>FW</i> 196.1–9, 216.3–5).
2018	Norwegian translation by Leif Høggaug of <i>FW</i> 169.1–174.4.
2018	Georgian translation by Tamar Gelashvili of <i>FW</i> I.8.
2019	February: Adam Roberts's <i>Pervigilium Finneganis</i> appears online, a complete quasi-Latin machine rendering of <i>FW</i> .
2019	April: Appearance in a single annotated volume (Milan: Mondadori) of an Italian rendering of <i>FW</i> III.3–4 and IV by Enrico Terrinoni and Fabio Pedone.
2019	April: Appearance in six matching volumes of the complete Italian Mondadori <i>Finnegans Wake</i> , translated by Luigi Schenoni (<i>FW</i> I–II) and by Enrico Terrinoni and Fabio Pedone (<i>FW</i> III–IV).
2019	December: Online Portuguese translation by Caetano Galindo of the Mutt and Jute dialogue (<i>FW</i> 15.29–18.30).
2019	December: Online Portuguese translation by Vitor Alevato do Amaral of <i>FW</i> 474.1–3.
2019	December: Russian translation by Andrey Rene of <i>FW</i> II.1–4, in book form (without commentary) and online (with extensive commentary).
2020	March: Portuguese version by Leide Daiane de Almeida Oliveira of <i>FW</i> I.5.
2020	April: Friedhelm Rathjen publishes an introduction to <i>FW</i> for German readers, including numerous excerpts from his own previous translations.

2020	April: Siniša Stojaković's Serbian rendering of <i>FW</i> II appears, completing his Serbian <i>FW</i> .
2020	October: Georgian rendering by Tamar Gelashvili of <i>FW</i> I.1–8.

Fonte: O'NEILL, Patrick. ***Finnegans Wakes: Tales of Translation***. Toronto: University Toronto Press, 2022 (p. 7-23).

ANEXO 2 – *Translations announced as forthcoming in the 2020s*

2020s	Anticipated appearance of Congrong Dai's Chinese rendering of <i>FW</i> II.
2020s	Anticipated appearance of Juan Díaz Victoria's heavily annotated Spanish rendering of <i>FW</i> I.1, I.2, I.8, and II.2 – to be followed at some indefinite future point by his likewise heavily annotated rendering of the complete <i>Wake</i> .
2020s	Anticipated appearance of a Portuguese rendering by Dirce Waltrick do Amarante of "The Ondt and the Gracehoper."
2020s	Anticipated appearance of a Danish rendering by Peter Laugesen of one of the following chapters: <i>FW</i> I.1, I.8, IV.
2020s	Anticipated appearance of <i>FW</i> III–IV of Umur Çelikyay's planned complete Turkish translation of <i>FW</i> .
2020s	Anticipated appearance of <i>FW</i> III–IV of Andrey Rene's planned complete Russian translation of <i>FW</i> .
2020s	Anticipated appearance of a complete Portuguese team translation of <i>FW</i> , coordinated by Dirce Waltrick do Amarante and involving eleven different translators altogether.
2020s	Anticipated appearance of a complete Finnish rendering of <i>FW</i> by Juhani Lindholm.
2020s	Anticipated appearance of a complete Norwegian rendering of <i>FW</i> by Leif Høgnaug.
2020s	Anticipated appearance of a complete Portuguese rendering of <i>FW</i> by Caetano Galindo.
2020s	Anticipated appearance of a complete Portuguese rendering of <i>FW</i> by Afonso Teixeira Filho.
2020s	Anticipated appearance of a complete Portuguese rendering of <i>FW</i> by Luis Henrique Garcia Ferreira.
2020s	Anticipated appearance of a complete Portuguese rendering of <i>FW</i> by Vinícius Alves.
2020s	Anticipated appearance of a general revision by Siniša Stojaković of his complete Serbian rendering of <i>FW</i> .
2020s	Anticipated online appearance of a complete Hungarian rendering of <i>FW</i> by Ágota Bozai. Anticipated online appearance of a complete German rendering of <i>FW</i> by Ulrich Blumenbach.
2020s	Anticipated appearance of a complete Georgian rendering of <i>FW</i> by Tamar Gelashvili

Fonte: O'NEILL, Patrick. ***Finnegans Wakes: Tales of Translation***. Toronto: University Toronto Press, 2022 (p. 23).

FINN